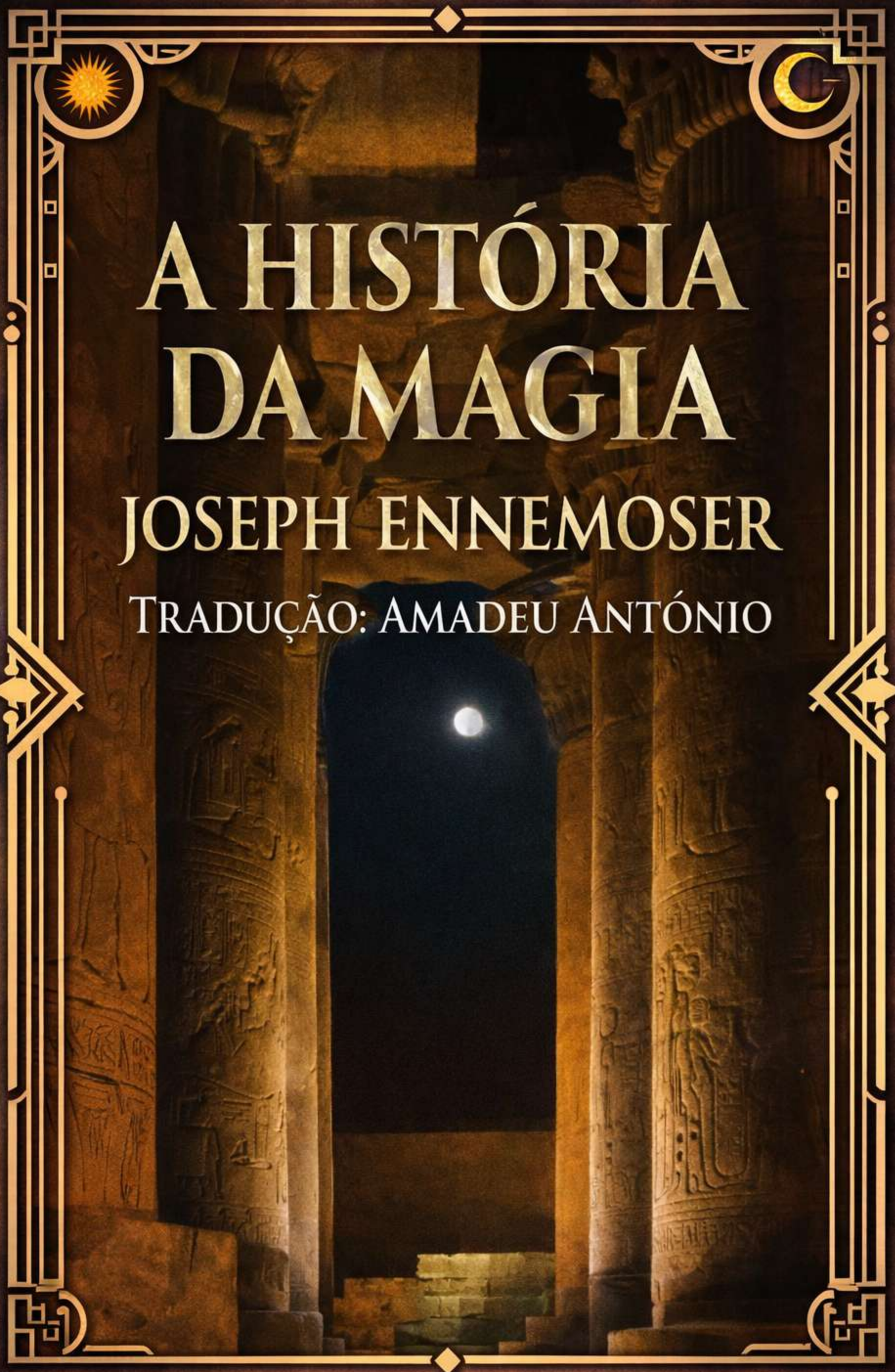
# A HISTÓRIA DA MAGIA

JOSEPH ENNEMOSER

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO



TRADUZIDO DO ALEMÃO POR WILLIAM HOWITT

A QUE SE JUNTA UM APÊNDICE DAS MAIS NOTÁVEIS E MELHOR AUTENTICADAS HISTÓRIAS DE APARIÇÕES, SONHOS, SEGUNDA VISTA, SONAMBULISMO, PREDIÇÕES, ADIVINHAÇÃO, BRUXARIA, VAMPIROS, FADAS, MESAS GIRANTES E BATIDAS ESPÍRITAS.

SELECCIONADAS POR MARY HOWITT.

EM DOIS VOLUMES.

VOL. I.

## PREFÁCIO DO EDITOR

Da natureza e do carácter de uma obra como a que se segue, nada é necessário dizer. Basta que, num momento em que o espírito público se ocupa com a classe de assuntos que nela se tratam, as investigações de um estudante sério e infatigável não possam deixar de ter importância, ainda que o leitor nem sempre chegue às mesmas conclusões que ele.

Para os curiosos da história literária talvez não seja desinteressante saber que esta tradução ocupou o meu marido e o nosso filho mais velho durante a viagem para a Austrália, em 1852. E talvez o Sonho de Previsão mencionado na página 416 do Apêndice se explique, em parte, pelo facto de a mente do Tradutor estar, nesse tempo, ocupada com as peculiares ideias de Ennemoser, o que a predispunha a impressões ocultas.

Esta explicação parece-me ainda mais provável por outra pequena circunstância, que, não sendo de modo algum irrelevante para o assunto, mencionarei. A impressão desta tradução de Ennemoser já tinha começado — e, até certo ponto, a minha mente estava imbuída das ideias e especulações do autor — quando, na noite de 12 de Março de 1853, sonhei que recebia uma carta do meu filho mais velho.

No sonho abri ansiosamente o selo e vi uma folha de papel escrita de lado a lado, mas o meu olhar deteve-se apenas nestas palavras, no meio da primeira página, escritas maiores do que o resto e sublinhadas: "O meu pai está muito..." Uma angústia enorme apoderou-se de mim e acordei de súbito, percebendo que não era mais do que um sonho; mas a impressão dolorosa da realidade era tão viva que custou-me muito a recompor-me.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que fiz foi começar uma carta ao meu marido, relatando este sonho angustiante. Seis dias depois, a 18, chegou o correio australiano e trouxe-me uma carta — a única recebida nessa remessa, e não de nenhum dos meus familiares, mas de um cavalheiro na Austrália que conhecíamos. A carta vinha no sobrescrito com a indicação "Imediato", e, com a mão a tremer, abri-a; e, realmente, as primeiras palavras que vi — também estas maiores que o resto, no meio do papel e sublinhadas — foram: "O sr. Howitt está muito doente".

O contexto destas terríveis palavras, no entanto, era: "Se ouvir que o sr. Howitt está muito doente, que isto a tranquilize, pois já está melhor"; mas as únicas palavras enfáticas eram as mesmas que eu vira em sonho e, no entanto, ligeiramente diferentes, como, por alguma razão, geralmente acontece com todas as impressões mentais, revelações espirituais ou ditos ocultos, que raramente coincidem exatamente com a verdade ou o modelo que parecem refletir.

Assim me parece que, embora não possamos negar os extraordinários fenómenos psicológicos que são familiares à experiência de todo o ser humano, eles são, todavia, suscetíveis de certa explicação sempre que conseguimos chegar às circunstâncias que tornam a mente recetiva a tais impressões.

A suscetibilidade, quer de indivíduos, quer de povos, a estas influências parece pressupor um estado anómalo. No Apêndice encontrará o leitor matéria curiosa, derivada em muitos casos de fontes antigas e quase esquecidas, e apresentada, na maior parte, com as palavras dos autores originais.

Londres, Maio de 1854.

Maria Howitt

# PREFÁCIO DO AUTOR

Assim como é costume que toda a pessoa, ao entrar em países estrangeiros, leve um passaporte para assegurar o seu progresso sem impedimentos, da mesma maneira também foi uso, desde tempos imemoriais, que os livros apresentem diante de si semelhante documento de legitimidade, para lhes garantir boa receção; este livro necessita tanto mais dessa autenticação preliminar, já que o próprio nome tem algo de suspeito, e o seu conteúdo pertence às coisas geralmente tidas como contrabando, sujeitas muitas vezes a confisco, ou mesmo, como blasfémias, às ternas misericórdias da Inquisição.

Diferentes leitores olharão este livro de pontos de vista muito diversos. Alguns considerá-lo-ão apenas como curiosidade, outros encontrarão nele matéria para novas pesquisas; um quererá aprender artes mágicas, outro tirará dele conclusões filosóficas. Todos serão bem-vindos, e encontrarão, creio, se não instrução, pelo menos entretenimento e amplo alimento para reflexão; pois trata de fenómenos notáveis e efeitos pouco comuns, que até agora têm sido tidos como meras fantasias, ou como pertencentes a uma esfera desligada da natureza, mas que, todavia, fazem parte da história e, só por isso, são de interesse universal.

O magnetismo, pelos seus notáveis fenómenos, conduziu-nos nos tempos modernos a uma esfera que ainda hoje, como livro fechado, contém segredos de uma ordem superior de coisas que estão para além da história familiar e quotidiana da natureza. Antes da descoberta do magnetismo, acreditava-se que a ciência já esgotara o mundo e que o espírito humano registara no mapa da vida natural e interior tudo o que podia e não podia existir no céu e na terra.

O magnetismo permanecia em segundo plano; via-se nele algo que não era nada e não podia existir. Mapas obsoletos e empoeirados como estes ainda se encontram, muitas vezes, pendurados nos gabinetes dos zelosos campeões que, em modo cavalheiresco, combatem destemidamente contra o engano e a destruição pelo belo património adquirido. Agora, porém, o magnetismo, não satisfeito com as suas múltiplas maravilhas, conduz-nos de volta ao domínio misterioso da magia extinta, recolhe velhas histórias e leis há muito esquecidas da ação misteriosa de um mundo transcendental, que por um lado avalia a ciência presente como coisa sem valor e, por outro, considera os dogmas ortodoxos como obra do diabo.

Enquanto uns temem ser reconduzidos ao crepúsculo místico do passado por tentativas como as que este livro descreve, onde apenas os fantasmas da fé em milagres jogam o seu jogo selvagem, os outros resistem com ousadia, no receio ansioso de que todos os milagres deixem de ser milagres. Assim, se parecesse que a intenção do autor fora apenas ridicularizar o entendimento e a sabedoria da época, recolhendo apenas brilho e aparência em vez de materiais para a verdadeira ciência, ou perturbar a paz tranquila dos espíritos piedosos ao procurar vulgarizar o Sagrado e degradar o Divino, ou até abrir a porta ao Ateísmo, tanto mais necessário é dar ao leitor alguma noção preparatória da construção e tendência desta obra, que é provavelmente ainda estranha à maioria.

Enquanto muitos dos nossos contemporâneos, desacostumados ou incapazes de profunda reflexão, não sentem desejo nem impulso para prosseguir investigações sérias sobre os fenómenos singulares da natureza e a ação da alma, há outros que percebem, ou mesmo compreendem, as molas mais ocultas da ação misteriosa, mas não querem expô-las no teatro do lugar-comum terrestre, temendo a profanação do mundo ímpio. Estes últimos receiam, não sem razão, apenas favorecer a vaidade humana e abrir à humanidade uma perspetiva das mais elevadas verdades, para as quais ainda poucos estão preparados.

Há também falsos críticos, que, como falsos profetas, preferem acusar todo o mundo passado de loucura e engano do que confessar que não sabem lidar com factos inegáveis, e que, com os seus próprios estatutos e fantasias tolas, ficam muito aquém da prudente simplicidade dos antigos, que ensinava a harmonia e correspondência regular entre o mundo visível e invisível, pouco reconhecida hoje porque, além da clara visão do olho exterior, exige certa unção do interior.

O conteúdo deste livro ocupa-se inteiramente, sem referência aos motivos contraditórios acima mencionados, daquelas aparições mesméricas que antigamente se chamavam mágicas e hoje magnéticas; no estado atual da opinião, portanto, não pode, naturalmente, aspirar a aprovação universal.

Pode, todavia, se não interessar, ao menos não ser geralmente desagradável, pois o autor procura em toda a parte, com completa imparcialidade, apenas os vestígios históricos de factos reais e os fenómenos a eles ligados; compara-os e procura reconduzi-los a

certas leis da natureza, que, na verdade, podem ser consideradas como algo mais do que simples poças corrompidas ou colunas decadentes.

Se algumas coisas discutidas não trazem sempre o cunho de verdade infalível, ou mesmo se alguns princípios em que se baseiam não forem os mais firmes, ainda assim não se pode dizer facilmente que sejam inventadas ou que tudo seja engano. Mesmo que fossem realmente verdadeiras — e temos, de facto, muitas provas disso — poderemos encontrar ocasião para lhes dar mais atenção e testar a utilidade da sua aplicação, a fim de, talvez, conseguirmos descobrir forças constantes mesmo no meio de ações mais raras, dissipar muitas dificuldades que a ciência geral não resolve e abrir um campo mais vasto de operações para a atividade humana, de modo que esta alcance finalmente o fim exaltado do destino espiritual. Tal é, pelo menos, o objetivo deste novato enviado entre estranhos, e espera encontrá-lo.

se não com proteção e abrigo, ao menos com uma escuta justa. Este livro apareceu, na verdade, há cerca de vinte anos, mas sob outro aspeto, e então trazia, contra o desejo do seu autor, um título algo desadequado; vinha encabeçado pela suspeita palavra "Científico". Nessa altura, os escrivães e controladores gerais de todo o saber, emboscados em todas as esquinas e caminhos, agarraram o estrangeiro mal-aprumado com implacável severidade, declararam falsificado o seu passaporte, não lhe encontraram uma única qualidade boa e afirmaram que não trazia senão mercadoria danificada ou de contrabando.

Alguns, todavia, vasculharam-lhe os bolsos em segredo, extraindo desonestamente várias coisas, para depois as levarem ao mercado como se fossem propriedade sua — *"Sic vos non vobis mellificatis apes"*. Apesar de tudo, o livreiro tirou proveito da edição e, em pouco tempo, esta se esgotou. Eis que, de súbito, o noviço reaparece num tempo *"où les esprits fermentent"*, mas sob forma bem diferente; com menos pretensão exterior, mas muito mais ricamente dotado no íntimo.

Com certa independência e confiança, apresenta-se agora em moldura mais sólida, pouco ligando às investidas dos pedantes ocultos, que tomam a superficialidade do seu horizonte de ideias pela mina de toda a verdade, e não percebem que ainda há segredos por revelar que abrem à investigação do espírito humano uma perspetiva

mais ampla, e oferecem pouso mais feliz do que o que se encontra no espaço natural e nestes pobres tempos mortais. Apesar disso, continua a tratar do mesmo tema, que se ajusta menos às teorias dominantes da ciência do que à regularidade dos fenómenos sempre recorrentes. O autor apoia-se, como Santo Ambrósio, mais em leis fixas da natureza do que em teorias levadas pelos ventos — *"Validius est naturæ testimonium, quam doctrinæ argumentum"*.

Assim tem o autor, durante os últimos trinta anos, trabalhado no ainda inculto campo dos maravilhosos fenómenos do magnetismo; e, depois de ter constatado a sua realidade e de se ter convencido dos extraordinários efeitos voluntariamente produzidos por ele, considera ser seu dever, em conformidade com o ditado de que "um grão de experiência vale mais em medicina do que um livro cheio de raciocínios", perseverar com certo sacrifício de si e constância, de que nem todos são capazes.

Considerou sua primeira tarefa necessária fazer experiências para descobrir uma lei fixa destes fenómenos. Como depressa se viu que tal regularidade realmente existia, o passo seguinte foi procurar na história fenómenos misteriosos semelhantes que mostrassem maior ou menor relação com os do magnetismo.

Encontra-se agora concordância geral em todo o lado e em todos os tempos, e assim podem ser assumidas leis comuns para todos esses fenómenos e problemas extraordinários. Isto justifica o axioma de que todos os fenómenos notáveis que se harmonizam com o magnetismo são, em geral, verdadeiros.

Muitos outros problemas por resolver, de que uma variedade será recolhida e comparada neste livro, parecem resolver-se por esse meio, ou pelo menos ser trazidos a uma compreensão mais próxima. O autor sente agora, com certa alegria que ninguém pode reprimir, que cumpriu ao menos o seu dever, talvez lançado alguma luz na obscuridade, e assim dado as indicações mais necessárias para avançar com passo firme e cauteloso, oferecendo a mão de auxílio à fraqueza humana.

Se a filosofia natural tem ultimamente representado o magnetismo não apenas como uma força telúrica mas como um poder cósmico geral da natureza, e se o confirma por razões físicas fundadas na observação e não em mera especulação metafísica, já não soa tão absurda a afirmação daquela vidente magnética quando chama ao

Magnetismo algo mais universal e superior do que geralmente se entende por ele.

"O magnetismo", disse ela, "é até capaz de libertar a natureza luminosa original do homem, nas suas várias partes, forças e relações, que então podem exprimir-se de muitas maneiras e em diferentes graus: o poder de magnetizar existe em todos, mas deve estar unido à sabedoria de o aplicar. Entretanto os homens falam dele como falam do vento, do qual não sabem de onde vem nem para onde vai. Também o homem pode fazer vento, mas apenas daquele que não tem vida dentro de si."

Como o autor teve ocasião de ouvir tais sentenças de videntes magnéticos e de se familiarizar com a filosofia natural superior, procurou recolher nesta obra tudo o que lhe pareceu pertencer ao domínio do magnetismo e ser suscetível de esclarecimento à luz da filosofia natural. O leitor deve, portanto, ser convidado a seguir com certa tolerância e resignação pela terra mágica, ainda que por vezes seja levado demasiado longe e a lugares estranhos. Quem pode invariavelmente, e sobretudo em terreno tão desconhecido, atingir sempre o alvo certo?

Por outro lado, em vez de um preenchimento sistemático completo e iluminação filosófica, são muitas vezes dadas apenas indicações da provável direção. O autor permitiu-se certa liberdade, porque a instrução pessoal foi o seu principal objetivo. Depois de ter avançado uma certa distância, contudo, e estando convencido de ter adquirido um facto científico útil, considerou ser seu dever comunicá-lo aos outros, lembrando a passagem de Fedro — *"nisi utile est, quod novimus, stulta est sapientia"*.

O leitor não encontrará falta de diligência nem de certa circunspeção. Com paciente dedicação, algo se fez, ao menos tanto quanto um só indivíduo, com outras ocupações necessárias, pôde levar a cabo. Para completar a obra foi indispensável uma biblioteca abundante, anos de investigação e o auxílio de amigos; e sem os ricos tesouros da biblioteca real deste lugar, e a reconhecida disponibilidade dos seus conservadores, nunca poderia ter surgido nesta forma extensa.

A abundância, porém, numa obra deste género, é necessária em mais de um aspeto. Deve reunir-se matéria suficiente para permitir rejeitar o supérfluo e o inútil. Na exposição dos factos, a brevidade não é a primeira lei, mas sim a clareza e o brilho, visto que o narrador deve separar a realidade da ficção, o que se sabe do que é apenas

inventado, e abrir caminho à convicção no lugar da dúvida. O autor admite de bom grado que por vezes pode ser demasiado prolixo, noutras demasiado conciso; aqui pode ter omitido ou subestimado um mestre, ali introduzido ou sobrestimado um auxiliar; o homem pode ter muitas boas intenções, mas poucas boas ações. O esforço principal é dar ao leitor os meios de testar por si as provas e de se proteger contra os preconceitos da história ou do autor; claro que não deve, por causa destes, perder toda a sua docilidade recetiva.

Nem um leitor razoável exigirá infalibilidade absoluta, nem se espantará com o possível número de paradoxos que poderá encontrar num homem que é o seu próprio guia nestas singularidades; que, embora desapaixonado, não condena nenhum dos lados se eles lhe oferecem o mínimo apoio, mas que não segue padrão ou autoridade, e é sempre cauteloso "para que nenhum nome o engane, nenhum dogma o aprisione, nem a turba premente da vida altere a sua natureza humana".

Os fenómenos do magnetismo são reconhecidos como de grande importância para a antropologia e a filosofia natural, e até para a filosofia moral; estão a tornar-se igualmente para a história e até, como o leitor verá, em parte para os tempos místicos de outrora. Se o mundo é um milagre, a história da vida é um sonho; não sabemos para onde vai, nem conhecemos o seu princípio e fim; toda a humanidade joga, até certo ponto, um jogo cego, e mantém-se unida menos pelo conhecimento claro do que pelo instintivo pólo do sonho.

Um poeta interno e oculto guia-os por um fio seguro através dos labirintos do tempo e do espaço. Escondidos no peito do homem jazem os mensageiros eternos do Céu e do Inferno, que surgem, ora como espíritos glorificados para consolar, ora como monstros terríveis no seu caminho. Hegel disse, algures, que toda a História é um livro de sonhos, uma coleção de sonhos; e se os sonhos que os homens sonharam durante um certo período fossem reunidos, ter-se-ia uma verdadeira imagem do espírito da época.

A maior parte da humanidade vive de Imaginação; não apenas os homens de sentimento menos instruídos, mas até aqueles que se vangloriam de conhecimento e de uma cultura mental superior. Quão poucos, nos seus sentimentos e sofrimentos, nos seus actos e aspirações, se erguem, no mar da vida, acima do mundo da Imaginação! No herói literário do romance, entre as cenas do palco, não há pensamento mais original do que no assíduo frequentador da

igreja. A grande massa deseja ser devota e pensa que a glorificação do nome de Deus reside mais nos milagres do que na ação natural. Dignidade, riqueza e poder são, demasiadas vezes, as molas até mesmo das grandes e eminentes mentes.

Assim, sentimentos misteriosos conduzem sempre o homem, como o sonhador e o sonâmbulo, através do mundo, mais do que a clara consciência da luz do dia aberto; e tal como o sonhador é atingido apenas pela vivacidade momentânea da aparência, sem se inquietar com as suas causas ou efeitos, assim também a humanidade nada sabe dos sonhos do primeiro período da sua infância.

Mas agora o magnetismo dá-nos informação sobre a existência e a ação da vida dos sonhos, e sobre o poder de criação, e, em geral, sobre os jogos e caprichos da fantasia. É também o melhor meio de quebrar o selo que encerra os mistérios da Antiguidade, rica em fantasia, enquanto revela a semelhança e profundidade da capacidade humana e mostra uma concordância de fenómenos que outrora, na magia, eram atribuídos a encantamento e a engano, ou a maravilhas sobrenaturais para as quais o filósofo não encontrava explicação, e que uma religião exterior e uma fé herdada não descobriam no seu Catecismo.

Em suma, o Magnetismo é capaz de dar o sentido dos enigmas simbólicos dos mistérios antigos, que eram tidos por absolutamente insolúveis, ou que pareciam matéria para as mais variadas interpretações. Do mesmo modo, as múltiplas declarações de videntes extáticos e de filósofos místicos, que foram guardadas por pessoas iniciadas nos mistérios, tornar-se-ão agora mais inteligíveis por meio do magnetismo. O leitor que assim o desejar poderá convencer-se disto, se acompanhar o autor no vasto campo da magia, enquanto este recolhe e compara os testemunhos e monumentos de todas as épocas.

Se não conseguiu esgotar tudo e dissipar completamente todas as trevas, surgirão pontes e janelas que nos levarão a novas visões, que o tempo e a crescente destreza do Magnetismo iluminarão cada vez mais, e assim, depois de uma verdadeira busca, segundo a ordem de Olympiodoro, alcançaremos finalmente o conhecimento das coisas celestiais.

Na história do homem surgem grandes questões acerca do mundo dos milagres, sobre as quais tanto filósofos como religiosos se ocuparam. O que são os milagres na natureza e no espírito humano?

Como é governado o mundo? Qual foi a inspiração dos profetas e dos oráculos? Prosseguem eles por si mesmos como um mecanismo de relojoaria, ou são dirigidos por influências sobrenaturais? Desce a divindade ao coração do homem, ou eleva-se este, pela força íntima, do pó da vida natural às altas esferas dos espíritos?

Os homens admiram-se com aparições e sinais invulgares que não compreendem; mas implicará sempre tal admiração um verdadeiro milagre? A maioria dos homens tem o milagre na mente e adora-o, porque está envolto em obscuridade sagrada. Só admiram a natureza porque pensam que ela é um encanto inexplicável, ao passo que dão pouco valor ao que consideram inteligível. Por outro lado, há até filósofos que não admitem milagre algum e passam a vida sem acreditar em nada — nem sequer acreditam no que veem, sobretudo se não o compreendem. O ponto mais maravilhoso neles é que o seu próprio cérebro não lhes parece um milagre!

Na natureza, bem como no espírito, ocorrem fenómenos regulares que são vistos como prodígios apenas pela sua raridade e porque não se sabe como surgem. O melhor que se pode dizer dos milagres é a resposta dada por Cristo a Nicodemos: "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito. O vento sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai."

Tal como os Pais em Israel, também os novos pais não gostam de tomar conhecimento das coisas que não fazem parte da sua fé e que estão fora do seu horizonte, quer se trate de coisas temporais quer celestiais. Uma vidente exprimiu-se notavelmente bem sobre este ponto: "Se alguém procura milagres, encontrá-los-á em tudo o que lhe pareceria muito natural, se tivesse mais conhecimento de si mesmo, da natureza e da providência de Deus. Outro, que muito estima a sua razão, não admite nada de miraculoso; tem de compreender e explicar tudo pela sua razão, ainda que não possa ser assim compreendido e explicado; e sempre que falha nisto, contradiz e nega."

É certamente muito difícil decidir sempre o que são operações naturais e o que são operações diretamente divinas; e assim se compreende que a maioria das pessoas, ignorando as leis da natureza, chame milagre a tudo o que não consegue medir pelo seu próprio padrão. Por outro lado, os milagres consistem muitas vezes em relatos ampliados pela mentira e propagados pela superstição.

Assim acontece que, mesmo entre os mais instruídos, certos fenómenos pouco comuns sejam ignorados ou até negados. Pois o conhecimento da regularidade de todos os fenómenos invulgares alcança-se não tanto por ideias, mas pela tranquila profundidade da observação e da experiência laboriosa, que precisam de muito tempo para criar raízes e dar fruto.

Certa seita religiosa entende que não se deve infringir demasiado a fé nos milagres, sem refletir que Cristo e os apóstolos não nos remetem para sinais e prodígios, mas para a busca da verdade, retendo o que é bom — e para o espírito ativo do amor. Outra seita pensa que uma iluminação profética só decidiria pelo bem; que o homem não tem impulso natural para profetizar, e que, quando aparece uma prognosticação, salvo entre devotos ortodoxos, é uma falsa profecia em aliança com espíritos malignos — uma espécie de raio sobrenatural chamado encantamento.

O leitor será nesta obra conduzido ao grande e mal-afamado país do maravilhoso. Será fielmente informado de como essas profecias mágicas dos oráculos pagãos, e depois como os poderes demoníacos da necromancia e da bruxaria cristã, em diferentes épocas e entre diferentes nações, surgiram. Nestes dias, uma espécie de claridade crepuscular ilumina essas práticas ocultas, que poetas filosóficos, filósofos poéticos e teólogos entusiastas despertam emulação por meio da Imaginação, do Simbolismo e do Misticismo.

Não se registarão aqui apenas os factos nus, mas explicar-se-á, quanto possível, o seu progresso natural, para que as profecias milagrosas do oráculo deixem de ser atribuídas aos deuses e se encontrem as causas na própria natureza humana e nas suas qualidades inatas. O homem possui uma suscetibilidade dependente do estímulo natural e mental, da qual surge, por vezes, de uma disposição inata, uma profecia baixa e imperfeita, ou então, por impulso divino, uma profecia mais elevada e completa — inspiração profética.

A condição patológica dos encantadores e feiticeiros demoníacos pode também ser explicada como acontecimentos naturais; são afeções anormais e pouco comuns do espírito, que muitas vezes se assemelham à iluminação. Assim, os poderes mentais habituais do homem emergem das profundezas do mundo espiritual sobre o liso espelho da alma, através do tempo e do espaço, e os sentidos extraordinariamente excitados palpitam como o relâmpago que lança

os seus clarões e ondas até às margens mais distantes, enviando um brilho mágico, que se prefere considerar sobrenatural do que atribuir a uma lei fixa da natureza. Os psicólogos tiveram até agora ainda menos êxito em explicar o espiritual do que os fisiologistas em explicar o relâmpago natural, que em tempos também era atribuído a Júpiter e aos deuses simbólicos. A intensidade e vastidão do espírito humano não são sondadas pelas observações mais fiéis dos fisiologistas; e estas maravilhas psicológicas ainda são com frequência atribuídas aos deuses.

A mente do homem é simples no seu carácter, como o espírito de Deus e da natureza, mas múltiplos são os seus poderes e a sua acção. E assim o espírito de profecia perpassa por toda a história e brota do poder legítimo da própria humanidade, em que apenas o impulso é ocasional, procedendo ora da natureza ora diretamente da escolha de Deus. Não se deve enamorar da profecia, nem pelo seu esplendor nem pela sua importância; também não se deve menosprezá-la, pois ela oferece sempre uma espécie de pressentimento da verdade e alguma prova da Providência Divina, que fortalece a fé e desperta a esperança de um futuro.

Que tais revelações e ações invulgares tenham lugar mesmo no sono e em condições anómalas é ainda menos de admirar; pois o espírito tem olhos à frente e atrás, e o sono é apenas a ação suspensa pelo peso do corpo natural exausto; pois o espírito, liberto desse fardo, não tem paz, nem de dia nem de noite. As faculdades extraordinariamente desenvolvidas da mente não admitem certamente uma definição tão precisa da sua origem e tendência, como acontece com as forças elementares da natureza, com o Magnetismo e a Eletricidade; contudo a força da mente não é por isso menos certa, como prova o poder da Palavra, quando não se pode nem pesar nem medir.

"Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.
E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.
Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil."
— I Coríntios, xii.

Nada é mais apropriado para fornecer exemplos do estado mágico mal compreendido, e da sua fé em milagres de agentes sobrenaturais, do que a história da bruxaria. Que o homem fosse apenas um brinquedo passivo de poderes demoníacos era

universalmente reconhecido e até defendido pela teologia positiva e pela polémica. Tratei deste assunto especialmente segundo a sua origem histórica e causas antropológicas, e tendo em conta o tempo e o lugar; ao passo que até hoje ele tem sido representado de modo muito imperfeito, em fragmentos, e sem qualquer consideração por uma explicação científica. Para encontrar a origem e o progresso da ideia de bruxaria tive certamente de recuar à mais remota Antiguidade — de facto, ao fundamento físico e mitológico — e talvez o leitor por vezes considere ousado o meu procedimento, já que, nesse terreno algo instável, são introduzidas deduções a partir de fenómenos modernos semelhantes.

Lamento não poder já fazer uso da excelente obra de Dr. Wilhelm Gottlieb Soldau, *História da Bruxaria Representada pelas suas Fontes* (Estugarda e Tubinga, 1848). Soldau mostra também, circunstanciadamente, que a história da bruxaria não é apenas uma história nacional, mas uma história mágica da humanidade:

"Que a bruxaria é um fenómeno da Cristandade, que, para ser entendido, não deve ser representado como pertencendo a um único povo, nem como começando numa época em que surge já como algo completo. Os fenómenos da feitiçaria não são factos isolados — estão não só em estreita ligação com o estado geral da cultura, mas ramificam-se em incontáveis pontos de contacto com a história da Igreja, com a história do crime, da medicina, e assim da filosofia natural."

Soldau mostra ainda, a partir da história da Igreja, como os encantamentos e abominações heréticas provinham de visões religiosas, e, a partir de acusações prévias, como foram sendo progressivamente cultivados, conduzindo passo a passo até a um ponto em que parece faltar apenas um salto para que, às histórias de heresia, fossem acrescentadas as vergonhosas e perniciosas artes mágicas, como realidades; de tal forma que, no século XIII, esses vícios heréticos foram incluídos na magia.

Mostra ainda como, nos primeiros séculos do Cristianismo, os padres da Igreja, rabinos e filósofos pagãos se perderam e rivalizaram entre si em especulações e crenças demonológicas, representando milagres e feitiçarias, de modo que cada qual via como milagre o que lhe era agradável e como feitiçaria o que lhe era contrário. A feitiçaria era o milagre ilegal, e o milagre a feitiçaria legítima. Os Padres da Igreja viam os oráculos pagãos e os pagãos viam os milagres cristãos como

feitiçaria. Assim, pouco a pouco, foi sendo lançada a base de um sistema que, projetado sob múltiplas contradições, formou as acusações nos famosos processos de bruxaria, cujos começos e pontos de apoio se encontram no Oriente, entre judeus e gregos, e também na mitologia nórdica; de modo que a feitiçaria sempre existiu, se não no mundo, pelo menos na mente dos homens.

Alguns leitores talvez se surpreendam por eu ter dado tão pouca atenção a uma nova obra de J. Görres — *Misticismo Cristão*, 5 vols. (Ratisbona e Landshut) — já que se move, ao menos, em regiões místicas semelhantes e trata mais em detalhe vários temas, como a conexão recíproca entre os homens e a extraordinária alternância de efeitos, as visões e êxtases, as afeções anormais do sono e dos sentidos, etc.

A obra será em todos os aspetos muito instrutiva para o leitor, e especialmente como complemento à história da magia; mas o meu objetivo presente não é nem a natureza do misticismo nem a sua história; consequentemente, o fundamento e os temas deste livro são muito diferentes, assim como a sua tendência e finalidade. Parto de observações pessoais, vagueio pelo campo vital e produtivo da natureza, procuro por toda a parte as analogias e relações dos fenómenos e as leis que os regem; desço depois, tanto quanto posso, aos fossos mais profundos e sombrios da história, disponho-os em fileiras para inspeção, a fim de evidenciar o carácter da harmonia ou do contraste segundo os seus princípios.

O princípio mais ativo, porém, destes fenómenos mágicos encontrei-o sobretudo em terreno antropológico, onde a natureza e a ação da fantasia produzem os prodígios que transportam o sobrenaturalista completamente para o transcendental e o sobrenatural, mas que o racionalista absolutamente nega, se não os compreende.

A obra acima mencionada trata da história do misticismo, em contos e tradições, onde a crítica não exerce grande severidade. Ora, o propósito de todo o misticismo é o vasto campo florido de todas as imagens sensoriais e da metafísica religiosa — em geral, através da qual a ligação e união com Deus se asseguram mais pelos sentimentos e pela fé do que pelas livres conceções do entendimento. O misticismo cristão é apenas uma única forma segundo a sua doutrina, e as elaborações da sua história representam-no novamente segundo o ponto de vista confessional e espiritual. Assim, Görres procura cobrir o misticismo com uma cintilante teia poética —

o misticismo é, segundo ele e segundo a doutrina católica, nada mais do que um evangelho refletido nos santos, uma ondulação e vibração que dura séculos, movendo-se em círculos crescentes, do movimento originado por Cristo. O misticismo é, segundo Görres, uma contemplação assistida por uma luz superior e uma ação através de uma liberdade mais elevada; os fenómenos singulares de contemplação e ação que ocorrem entre os cristãos piedosos são milagres de um poder invisível superior.

Como a maioria, senão todos, os fenómenos invulgares pertencem ao domínio da magia e se encontram não só entre cristãos mas também entre pagãos, devem obedecer a uma lei geral, e tais fenómenos naturais físicos incomuns não podem ser milagres — certamente muito menos do que a regeneração cristã do próprio espírito. Mesmo à ação de um estranho mundo espiritual objetivo é atribuído muito daquilo que certamente pertence à fantasia subjetiva do homem.

Visões e êxtases religiosos estão relacionados com os do magnetismo, e nos seus princípios diferem talvez apenas nos casos mais raros. De condições físicas patológicas, de exercícios ascéticos exagerados e de exercícios que chegam ao êxtase, de quimeras subjetivas ilusórias, muitos santos não estiveram, evidentemente, livres; e a separação do natural-sensível e do sobrenatural-divino conduz-nos a um campo onde começam as dúvidas e contendas sobre os milagres, onde já não se pode decidir apoditicamente quanto é fenómeno natural e quanto é ação da graça divina, se se permite que as influências sobrenaturais sobreponham-se às forças naturais. Pois o homem possui uma força vital positiva, inata (geralmente latente), completamente incompreensível, que, na proporção da sua capacidade de expansão, perpassa o imensurável.

A natureza assenta em tal fundamento e ordem inatos, de modo que os seus efeitos mais intricados e anómalos resultam antes da sua própria regularidade do que da consequência de poderes espirituais sobrenaturais, que apenas fortuitamente e fatalmente jogam com ela como ferramenta passiva. Há, na conceção da vida, mais do que o Supernaturalismo acredita, e menos do que o Racionalismo admite.

Qualidades divinas já existem na substância da vida natural, mas as influências divinas não estão, por isso, excluídas, pois tudo recebe vida de Deus e através de Deus. As causas e efeitos mutuamente influentes do divino e do natural, do espiritual e do físico, estão na sua maioria ocultos numa obscuridade impenetrável ao

entendimento; assim a fantasia conserva voluntária e arbitrariamente o poder de atribuir toda a aparência invulgar a um princípio transcendente, em correspondência com um sentimento religioso e um ponto de vista nacional. Assim acontecia com os poderes elementares mitológicos, e assim ainda acontece com os enigmas fisiológicos inexplicáveis. Um fenómeno patológico é frequentemente tomado, de forma errónea, por uma revelação divina, e rebaixa a causa objetiva exterior entre os seres vivos, onde apenas forças subjetivas resultam da sua singularidade.

Parece-me, portanto, mais prudente, na contemplação do mundo e da história, tornar o misticismo científico, em vez de tornar a ciência mística; por esse meio observaremos os poderes da natureza e da mente pelos seus fenómenos e ações recíprocas, e assim descobriremos as suas condições mútuas. Acima de tudo, devemos manter firme o ponto de vista da natureza; sem, contudo, confundir Deus e o Mundo, nem amalgamá-los numa unidade panteísta.

Assim parece aconselhável nem refugiar-se demasiado nas sublimidades do transcendentalismo, nem, por outro lado, estagnar na matéria sem espírito; não confiar apenas nos sentimentos dominantes e no esplendor da fantasia, nem seguir cegamente o poder da fé como estrela-guia, e ao mesmo tempo tão pouco aceitar tudo como verdade irrefutável, que só pode ser decidido pela reflexão e pelo entendimento frio, os quais, em todo o lado, afetam uma vontade própria desafiante e uma independência sem falha. Ambos os extremos, Pietismo e Racionalismo, estão o mais afastados possível da natureza e de Deus, e os seus frutos nunca trouxeram ainda bênção ou consolo ao mundo.

A verdadeira magia reside nos mais secretos e íntimos poderes da nossa mente, mas a nossa natureza espiritual ainda não nos foi revelada. Todas as maravilhas espirituais acabam por se perder, afinal, nas maravilhas da nossa própria mente.

O misticismo é património comum; todos os homens são místicos; mas o verdadeiro misticismo consiste na relação direta da mente humana com Deus, na ideia do absoluto, em que, contudo, a revelação objetiva não contém mais do que corresponde às forças subjetivas do homem. O meu critério de falso misticismo é que ele não realiza nenhuma verdadeira comunhão e reconciliação entre Deus e o homem. O verdadeiro misticismo deve incluir a ideia de verdade e bondade, de beleza e virtude, como raios de toda a perfeição

espiritual e autoconsciência religiosa; como um centro universalmente iluminador deve penetrar todo o organismo espiritual.

O magnetismo introduz-nos nos mistérios da magia, e contém, por um lado, uma chave para os segredos mais ocultos da natureza, e, por outro, adapta-se para expor o misticismo e as maravilhas do espírito criador.

**Imago, Magia, Magnes!**
Munique, 21 de Outubro de 1843

## PARTE I
## DA MAGIA E DOS SEUS RAMOS EM GERAL

*Magiusiah, Madschusie* significava o ofício e o conhecimento do Sacerdote, que era chamado *Mag, Magius, Magiusi*, e depois, *Magi* e Mago. Brucker sustenta (*Historia philos. crit.*, t. i. p. 160) que o significado primitivo desta palavra é "adorador do fogo" — "adoração da luz" —, opinião errónea para a qual foi induzido pelos dicionários maometanos; também não se deve derivar a Magia diretamente dos Magos, erro cometido pelos Romanos.

A palavra *Mag* foi usada por Jeremias para indicar um sacerdote babilónico. No persa moderno, a palavra é *Mog*, e *Mogbed* significa Sumo Sacerdote. O sumo sacerdote dos Parsis em Surate, ainda hoje, é chamado *Mobed*. Outros derivaram a palavra de *Megh Meh-ab*, significando algo grande e nobre, e os discípulos de Zoroastro eram chamados *Meghestom* (Eleuker, Wachsmuth).

Entre os Parsis, os Medos e os Egípcios, entendia-se por Magia um conhecimento superior da natureza, ao qual a religião, e particularmente a astronomia, estavam associados. Os iniciados e os seus discípulos eram chamados Magos — isto é, os Sábios — o que também acontecia entre os Gregos. Assim é que Platão os louva (...); Luciano chama-lhes *genus (...) * etc., e Cícero afirma: *"sapientium et doctorum genus magorum habebatur in Persia."*

Aquela célebre sabedoria dos Magos na Pérsia, Média e países vizinhos, portanto, continha também os ensinamentos secretos da filosofia e das ciências, que eram comunicados apenas a sacerdotes, considerados mediadores entre Deus e o homem, e como tais, e em virtude do seu saber, eram altamente respeitados. É fácil imaginar

que, sendo totalmente desconhecidos para o povo os subtis movimentos da natureza e os movimentos dos corpos celestes, a ideia de magia, sempre ligada à astrologia, tenha sido prontamente formada.

Os Magos encontram-se nas mais antigas tradições do Velho Mundo. Índia, Pérsia, Caldeia e Egipto foram os berços da mais antiga magia. Zoroastro, Ostanes, os Brâmanes, os sábios caldeus e os sacerdotes egípcios foram os primeiros possuidores dos seus segredos. As funções sacerdotais e sacrificiais, a cura dos doentes e a preservação da sabedoria secreta eram os objetivos da sua vida.

Eram eles próprios príncipes ou rodeavam os príncipes como seus conselheiros. Justiça, verdade e poder do sacrifício pessoal eram as grandes qualidades de que cada um deles devia estar dotado. A negligência de qualquer uma dessas virtudes era punida da forma mais cruel. Cambises, por exemplo, ordenou a execução de um sacerdote que se deixara subornar, e mandou esticar a sua pele sobre a cadeira em que o filho e sucessor se sentava no exercício da sua função judicial.

Que a magia foi muito cedo associada à medicina demonstra-o Plínio (*Hist. Nat.*, lib. xxx, c. 1), que até lhe atribui a origem nessa ciência: *"natam primum e medicina nemo dubitat magiam."*

Contudo, esta ideia nem sempre esteve ligada a ela; Platão entendia por sabedoria nada menos do que uma adoração da Divindade (*latreia*). E Apuleio diz que "*Magus* significa, na língua persa, Sacerdote" — *"nam si, quod ego apud plurimos lego, Persarum lingua magus est, qui nostra sacerdos; sin vero more vulgari eum proprie magum existimant, qui communione loquendi cum diis immortalibus ad omnia, quæ velit, polleat."*

A crença comum, porém, era a que incluía toda a ciência oculta sob o nome de magia. Mais tarde, sob este título, se entendiam encantamento e quaisquer operações extraordinárias, tais como fabricar ouro, exorcizar espíritos, etc., de modo que a magia se dividiu em branca e negra: à última pertenciam a quiromancia, o mau-olhado, o poder sobre os elementos e a transformação de seres humanos em animais.

A magia foi muitas vezes considerada erradamente como exclusivamente de origem persa, erro que Platão parece ter originado. Ele diz: "Quando o rapaz tem catorze anos de idade, aqueles que se chamam instrutores reais encarregam-se dele. São

quatro dos homens mais velhos e distintos: um o mais sábio, o segundo o mais justo, o terceiro o mais moderado e o quarto o mais corajoso. Um destes instrui-o na magia de Zoroastro, filho de Oromazes, que é o serviço dos deuses." É certo que Platão não entendia com isto a aceção atual do termo; pois não podia incluir, entre os serviços dos deuses, o poder de transformar homens em animais ou demónios. Este significado só lhe foi dado pela teoria neo-platónica, que, juntamente com a Cabala, se tornou a principal fonte de onde brotaram os ensinamentos teosóficos e teúrgicos, assim como a crença posterior em magia.

Assim diz Hierocles (*in Aur. Carm.*, p. 306, ed. Londres, 1742): "Os costumes da religião são meios para alcançar as virtudes telésticas, pelas quais os homens se tornam demónios." As teorias das aparições espirituais e da transição dos demónios para o corpo humano têm origem na filosofia de Heraclito; segundo a qual, os demónios são atraídos pela matéria. Foi assim que, mais tarde, surgiu a ideia comum de magia: a posse de poderes sobrenaturais, como os dos espíritos superiores, e que estes ocasionalmente transmitem aos homens em certas circunstâncias.

Entre os poderes sobrenaturais contava-se o de predizer o futuro e o de atuar diretamente sobre os outros, mesmo à distância; e por esta razão a magia pode dividir-se em visão e ação. A descrição original e mais elevada da magia fundava-se, de facto, neste aforismo: "O homem pode tornar-se, com a assistência e cooperação dos poderes espirituais, e pelas capacidades da sua origem divina superior, capaz de uma esfera mais elevada de atividade, tanto dentro como fora de si, o que lhe dá domínio sobre a sua própria natureza e sobre a natureza circundante."

Tomada neste sentido, encontramos a magia, nas eras mais antigas, como uma das propriedades universais e proeminentes do homem; não só na Pérsia, mas em todo o Oriente, embora a Pérsia e a Caldeia possam ter sido o seu terreno mais fértil e apropriado. Neste sentido, Pitágoras e os seus discípulos foram, em período posterior, considerados mestres da boa ou sábia magia.

A magia inferior, ou negra, porém, surgiu também em tempos remotos; e o homem, ao tomar consciência dos seus poderes invulgares e sem conhecer-lhes os limites, facilmente se inclinava a atribuí-los a influências estranhas e sobrenaturais — a demónios; e, segundo a sua natureza, empregá-los-ia para fins bons ou maus,

enganando-se a si próprio, ou, como mágico, enganando os outros. Tudo o que pudesse ser considerado maravilhoso — como as ações incompreensíveis das forças naturais no íman, ou na vara divinatória, ou qualquer ação surpreendente — foi, em época posterior, tido como magia, e particularmente como magia negra, ou a arte negra.

Consideremos agora a magia antiga mais de perto, e isso a partir de fontes históricas; depois, os seus ramos mais importantes, particularmente as visões, a adivinhação e a influência pela mente, pelas palavras (*verbum mirificum*) e por meio de amuletos.

Que a magia desceu pela tradição desde as eras primitivas, mostram-no em toda a parte os registos primitivos da raça humana. Está tão intimamente ligada à natureza do homem, que só podemos estranhar que os eruditos duvidem dela e julguem necessário atribuir tudo ao *Mythos*; como se a tradição não tivesse fundamento mais profundo ou firme. Foi assim que Eberhart sustentou (*Berliner Monatschrift*, 1787) ter descoberto as fontes da arte mágica e da sua teoria no *Mythos* platónico do *Timeu*, e que nenhuma tradição remonta mais alto. Segundo ele, nele se pode descobrir o germe da teoria neo-platónica, da Cabala, da Teosofia e da Magia, até ao tempo de Mesmer e dos seus seguidores.

Para Eberhart, uma ficção é um mito "aceite por causa dos seus ensinamentos sobrenaturais ou da sua antiguidade, e que por isso é considerado facto indiscutível, porque a sua verdadeira origem está muito além da perceção ou do círculo de visão daqueles que nele acreditam." Por tal raciocínio, não seria difícil explicar tudo — e mesmo que algum facto resistisse à explicação, podia-se remetê-lo ao *Mythos*, até que alguém escolhesse trazê-lo de volta à luz do dia.

Na mesma medida em que Eberhart se desfaz da magia com a maior facilidade, outro escritor estende-lhe os limites até abranger aquilo que nunca teve ligação com ela. Segundo Tiedemann (*Disputatio de quæstione, quæ fuerit artium magicarum origo*, Marb. 1787, p. 7): "Os poderes da magia são expressamente estes: curar doenças com muito pouco remédio, ou sem nenhum; conhecer coisas futuras e ocultas; encontrar tesouros enterrados de ouro e prata; em suma, compreender toda a natureza e fazer tudo o que é grande e magnífico."

É fácil ver, por isto, como a magia pode ser dividida; onde quer que um limite seja atingido, e onde quer que surja um novo facto, aí haverá também uma nova classe de magia: as mais importantes,

porém, são as várias espécies de adivinhação, o poder de causar e curar doenças, de exorcizar espíritos e de compreender a alquimia.

Embora não associemos à magia a arte cigana de ler a mão, nem a ciência de fabricar ouro ou descobrir a pedra filosofal, ainda assim ela compreende muito mais do que aquilo que a razão de uma pessoa sensata poderia aceitar sem questionar, ou rejeitar como simples disparate e absurdo; e isto é aquele maravilhoso poder da mente humana de perscrutar o futuro ou influenciar os outros sem meios materiais.

Este poder natural do homem não se encontra, contudo, com frequência, e não é do género que qualquer mente consiga apreciar conforme o seu valor e força. O conhecimento de tais fenómenos raros e das suas causas podia, portanto, em tempos remotos, ser conhecido apenas pelos maiores sábios e governantes, que o guardavam entre os seus saberes secretos e o transmitiam aos filhos sob aquele manto de religião com que todos os seus segredos estavam cobertos.

Como possuímos registos originais, embora escassos, da crença mitológica das mais antigas nações da Ásia, será necessário ver onde e de que espécie eles são. A mitologia grega é uma fonte posterior e certamente misturada, e se a aceitássemos tal como está contida no *Mythos* platónico, estaríamos muito longe da luz da verdade. Platão, nos seus Diálogos Filosóficos — como, por exemplo, no que trata dos diversos estados da alma humana — não aborda o assunto de um ponto de vista mítico e histórico, mas antes procura, pelas suas investigações, formar um belo conjunto, não deixar lacunas na sua teoria e torná-la aceitável tanto à probabilidade como à crença popular.

Também não precisamos de procurar a origem da magia nas filosofias neo-platónicas, que derivavam as ideias do macrocosmo e do microcosmo do *Timeu* de Platão, da filosofia pitagórica dos demónios, da de Heraclito sobre os espíritos, e sustentavam a simpatia do corpo humano com a terra e com os poderes miraculosos de imagens e estátuas, atribuindo grande virtude a certas palavras para invocar espíritos.

Nem da história cristã posterior da magia e da Idade Média — os Silfos, Gnomos, Ninfas e Salamandras de Paracelso, tomados do *Fedro* de Platão, ou a *Occulta Philosophia* de Agrippa, ou a "Compulsão do Inferno" de Fausto, ou o *Heptameron* de Petro de

Albano — teremos qualquer ajuda. É, no entanto, certo que em todas as especulações míticas platónico-pitagóricas, posteriores e anteriores, alguma verdade serviu de base, enquanto além disso tudo não passa da fantasia vã e do devaneio da superstição. Para nos convencermos disso, regressemos às eras mais antigas do Oriente — às nações do Egipto — e procuremos nos seus registos, bem como na história israelita, vestígios de magia, de visão e atividade espiritual.

Os assuntos que serão tratados procurarei dispor em ordem histórica; para que, como um todo, tenham primeiramente referência à natureza da nossa magia; e, em segundo lugar, para que cada facto lance a maior luz possível sobre os outros.

Não temos fonte imediata e autêntica à qual possamos recorrer para os mitos e mistérios das nações antigas, e, no entanto, o estudo deve recuar mais do que no presente — até aos Padres da Igreja e aos gnósticos, ou mesmo até Platão. Entre os egípcios e orientais, encontramos apenas fragmentos, embora em tal número que podemos concluir que é entre as nações do Oriente que devemos procurar vestígios mais antigos, e até mesmo a sua origem. Procuraremos mais adiante provar plenamente esta proposição. Segundo as mais recentes investigações, os registos mais primitivos encontram-se no *Zend-Avesta*, nas *Leis de Manu* e nas tradições judaicas da Cabala.

Como terei de me referir mais tarde aos registos orientais acima mencionados, façamos agora uma visão mais próxima da Cabala, e examinemos alguns dos seus principais ensinamentos, que não são apenas de grande importância para a teologia, mas também para a filosofia em geral, e para a magia em particular. Quanto à opinião de que os primeiros filósofos, como Pitágoras e Platão, se inspiraram na Cabala — embora talvez de forma indireta —, deixemo-la repousar no seu mérito; e as mais recentes investigações mostraram, de todo o modo, que as tradições do Judaísmo pertencem às fontes mais antigas dos mistérios.

Schelling diz, na sua obra *Sobre as Divindades de Samotrácia*: "Como, se na mitologia grega, se encontrassem ruínas de uma inteligência superior e até de um sistema perfeito, que ultrapassaria em muito o horizonte que os mais antigos registos escritos nos apresentam!" E ao mesmo tempo sugeriu que talvez algumas partes desse sistema pudessem ser descobertas na filosofia judaica, ou na chamada Cabala.

Franz von Baader chega mesmo a dizer — "não apenas a nossa salvação, mas a própria ciência, veio até nós pelos judeus."

Em todo o caso, os Padres da Igreja e os gnósticos tinham a sua interpretação alegórica da Cabala; pois Orígenes diz, e Hilário repete, que embora Moisés tivesse posto por escrito o conteúdo da Aliança, comunicou também alguns segredos de peso, das profundezas ocultas da Lei, aos setenta Anciãos, ordenando-os como seus depositários e mestres perpétuos. Jerónimo recorreu aos judeus de Tiberíades e de Lida, especialmente a um certo Barabas, não apenas para auxílio na língua hebraica, mas também para aprender o seu modo místico de interpretação. Os escritos de Dionísio Areopagita basearam-se, de forma palpável, na Cabala judaica.

Na Idade Média cristã, a maior parte não foi senão continuação daquilo que já fora tomado da Cabala; embora João Escoto Erígena, Alberto Magno, Raimundo Lúlio e outros pareçam ter feito investigações próprias. Mais tarde, porém, quando o estudo dos antigos clássicos foi altamente estimado, Johann Reuchlin dedicou-se com grande ardor à investigação da Cabala, e incorporou os resultados nas suas obras *De verbo mirifico* e *De arte cabbalistica*. Buxtorf, Schickard, Hottinger, Athanasius Kircher e muitos outros seguiram-lhe os passos, e com Knorr von Rosenroth, cuja obra *Cabbala Denudata* tem grande mérito, procuraram desvendar os mistérios da Cabala.

As filosofias de Agrippa de Nettesheim, de Paracelso, de Van Helmont e de Jacob Böhme apresentam todas marcante semelhança com os ensinamentos judaicos; e, de todos estes, Jacob Böhme, o sapateiro de Görlitz, possuía o conhecimento mais profundo e abrangente dos místicos e teósofos cristãos; e provavelmente foi familiarizado com a Cabala pelo seu amigo Balthazar Walther, que estava profundamente versado no saber oriental. Aos nomes acima podem ainda acrescentar-se Porlage, Martinez Paschalis, Saint-Martin e Henry More, todos investigadores argutos e hábeis dos mistérios das doutrinas esotéricas judaicas.

Ninguém, porém, prestou maior serviço do que o professor Molitor, na sua *Filosofia da História* e em *Tradições*. Embora as pesquisas de Molitor se tenham dirigido principalmente para as admiráveis revelações da religião e da filosofia, a Cabala não deixa por isso de conter muitos factos que têm grande relação com a filosofia natural e que nos interessam profundamente. Nela encontramos os principais

delineamentos da magia posterior, e mais especialmente da bruxaria, que nela se encontra perfeitamente representada; razão pela qual podemos ser desculpados por entrar um pouco mais demoradamente no assunto.

"A era da inconsequência e da superficialidade, tanto na teologia como nas ciências, já passou", diz Molitor, "e, desde que esse racionalismo revolucionário nada deixou atrás de si senão o seu próprio vazio, depois de ter destruído tudo o que era positivo, parece agora ser o momento de dirigir de novo a nossa atenção para aquela revelação misteriosa que é a nascente viva de onde a nossa salvação proveio.

Tal investigação, realizada com espírito elevado, nos mistérios do antigo Israel, que contêm todos os segredos do Israel moderno, estaria particularmente destinada a despertar os elementos do Cristianismo, a fundar o edifício da teologia sobre os seus mais profundos princípios teosóficos, e a dar uma base firme a todas as ciências ideais. Ajudaria a abrir um novo caminho para a verdadeira história da humanidade, e serviria de primeiro passo para uma compreensão mais completa do obscuro labirinto dos mitos, mistérios e constituições das nações primitivas."

A Cabala parece consistir em tradições patriarcais, e abrange de modo particular os seguintes assuntos: a ideia sagrada de Deus e das naturezas divinas; a criação espiritual primitiva e a primeira queda espiritual; a origem das trevas, do caos e a renovada criação do mundo nos seis dias da criação; a criação do homem material, a sua queda e a vontade de Deus para a sua salvação; a restauração da harmonia primitiva e o regresso final de toda a criação a Deus.

Molitor continua a dizer que os escritos dos antigos não tinham a intenção de explicar toda a profundidade de um assunto, mas antes de dar a sua essência mais importante; que, por essa razão, eram breves e simples, mas de grande peso, e ininteligíveis para qualquer um que tentasse estudá-los sem mestre; e que até mesmo todo o espírito do saber só era comunicado aos discípulos verbalmente, na medida em que as suas capacidades o permitissem, e que especialmente no mais elevado e sagrado interesse da humanidade — na religião — as leis escritas eram acompanhadas de explicações não escritas.

Dá também o critério para distinguir as tradições verdadeiras das falsas, e acrescenta: "Que nesta tradição estava contido o sistema

das escolas dos profetas, que o profeta Samuel não fundou, mas apenas restaurou, cujo fim não era outro senão conduzir os discípulos à sabedoria e ao conhecimento supremo, e, quando se mostrassem dignos, introduzi-los nos mistérios mais profundos. Entre esses mistérios contava-se a magia, que tinha uma dupla natureza: magia divina, ou a verdadeira inspiração do bem, e magia maléfica, ou a arte negra, que procura elevar o obscuro terrestre a uma existência desenfreada.

Cada uma destas divide-se de novo em duas espécies, a ativa e a visionária; na primeira, o homem procura pôr-se em *rapport* com o mundo — para conhecer coisas ocultas; na segunda, procura ganhar poder sobre espíritos; na primeira, realizar atos bons e benéficos; na segunda, praticar toda a espécie de feitos diabólicos e antinaturais." (*p.* 285).

O *Kischuph*, ou influência mágica superior, divide-se em duas classes principais — a elementar e a espiritual; a última procede de baixo para cima, de fora para dentro, do material para o espiritual; a primeira vem de cima para dentro, do espiritual para o físico. Na primeira, os maus espíritos são os agentes, e prestam a sua ajuda como o fazem em toda a má ação; o *Kischuph* consiste também em exorcismo, pelo qual as coisas são impedidas nos seus princípios, e as ações desviadas, ou atadas e entregues ao poder de Satanás.

Segundo os ensinamentos da Cabala, lançar uma maldição sobre os homens, criar ódio e inimizade, causar dor, doença ou morte em homens ou animais, produzir tempestades e granizo — tudo isto pertence a esta natureza. Diz-se que muitos feiticeiros se transformam em aparência de animais e percorrem grandes distâncias em pouco tempo. A magia servia-se também de meios exteriores, particularmente de unguentos, óleos e metais, cada um dos quais tinha uma propriedade particular, e as coisas mais estranhas podiam ser feitas pela sua mistura.

Diz-se ainda: "há mulheres que fazem contrato com os *Schedim*, e que os encontram em certos tempos, dançam com eles e visitam esses espíritos que lhes aparecem sob a forma de cabras. Em muitos países tais mulheres são mortas (um prenúncio dos julgamentos de feitiçaria dos tempos modernos), pois, embora o seu crime não seja exterior, a pena de morte é-lhes aplicada em Êxodo xxii. 17; porque tais deram-se totalmente a Satanás." (p. 287)

O *Kischuph* material consiste em influências perturbadoras sobre os elementos da natureza, por meio da excitação de falsos *rapports* em várias substâncias. Por tais violações sacrílegas dos elementos naturais, a vida não só se torna miserável, como as leis da natureza são distorcidas e ultrajadas.

A primeira classe chama-se feitiçaria, no sentido restrito, e é apenas praticada por mestres da arte negra. A segunda classe, pelo contrário, sob o nome de simpatia maligna, encontra-se muito amplamente espalhada entre todas as nações orientais. "Mas todos os géneros de feitiçaria procedem da serpente, e por isso são chamados artes da serpente."

A visão mágica é também de duas classes — quando o homem se coloca em ligação imediata com um espírito mau, ou quando, por meio de tal espírito, comunica com os mortos, "pois os espíritos têm conhecimento que é desconhecido ao homem." Muitas vezes, porém, fingem conhecer coisas futuras, para enganar os homens com mentiras ou distorcer intencionalmente a verdade. Os exorcistas devem preparar-se antes de começar os seus trabalhos, e o melhor tempo para toda a feitiçaria é das dez e meia à meia-noite, quando o mundo das trevas tem maior força; contudo, feiticeiros poderosos têm poder sobre espíritos depois das duas da tarde.

A evocação de espíritos pode realizar-se de forma interior, ou o espírito pode ser feito aparecer visivelmente (como no sonambulismo magnético). No método interior de exorcismo, o mágico provoca inconsciência por meios exteriores, e o espírito entra nele e fala através dele (possessão). Este género chama-se *Idoni* (a feitiçaria e bruxaria proibidas, Levítico 19, 21). "Na segunda classe, ou citação regular de maus espíritos, os mágicos estendem uma mesa com comida e bebida, queimam incenso, e os espíritos então reúnem-se e respondem às perguntas.

Os feiticeiros usam muitas vezes varas, com as quais batem na terra para despertar os espíritos, e frequentemente também rastejam pelo chão. Geralmente erguem-se com o cabelo desgrenhado, os membros em convulsões, fazendo movimentos estranhos ou cortando-se para atrair os espíritos." (p. 289). (Em todos os aspetos, uma descrição perfeita das Sibilas de Virgílio e dos movimentos convulsivos dos sonâmbulos magnéticos.) O incenso nunca deve ser omitido (como no caso dos oráculos egípcios e gregos), pois tem grande poder de atrair essas formas sombrias, e em parte ajuda a

preparar a atmosfera, de modo que os espíritos se tornem visíveis, já que todo espírito deve atrair matéria. "Não menos usam os mágicos o sangue, particularmente o humano, pois é o assento da vida, e um deleite e alimento para os *Schedim*; e quando o feiticeiro se entrega a Satanás, assina com o seu sangue."

Na arte negra, o homem não permanece instrumento passivo dos maus espíritos, mas é agente ativo e operante; verifica-se que "muitos praticam a feitiçaria e têm êxito, enquanto outros fazem o mesmo e falham — de modo que, para realizar tais coisas, é preciso ter uma disposição natural." (Como nem todos possuem os mesmos pós magnéticos, e nem todos os sujeitos magnéticos apresentam os mesmos fenómenos.)

Segundo a Cabala, o homem é capacitado pela sua natureza para olhar para os domínios do sobrenatural e do invisível, bem como para agir magicamente acima e abaixo (segundo Jacob Böhme, nos reinos da luz e das trevas). Assim como o Todo-Poderoso envolve o universo, contempla e, no entanto, é invisível, também a alma — *N'schamach* — envolve todo o corpo, e ela própria vê sem ser visível."

A alma olha também onde o olho corporal não pode ver. Por vezes, cai subitamente sobre o homem um terror sem que ele possa adivinhar a causa (pressentimentos), pelo facto de a alma prever uma desgraça. A alma possui também o poder de agir sobre os materiais deste mundo, de destruir uma forma e de criar outra. O homem pode mesmo ferir outras coisas, ou destruir homens pela sua imaginação. (Os Neoplatónicos, Paracelso e outros fazem as mesmas observações.)

Sempre existiram homens, diz a Cabala, que foram dotados de maiores ou menores poderes para o bem ou para o mal; pois, como uma proeminência no bem ou no mal exige uma força particular de espírito, encontramos que tais homens são os heróis e sacerdotes no reino de *Tumah* (isto é, do puro ou do impuro). Quando, portanto, o homem dirige os seus esforços para o divino, ele é, na medida em que não age egoisticamente, mas olha firmemente para o celestial, preenchido pela graça divina com poder sobrenatural.

E se tal homem tiver disposição natural, pode, pela força da sua alma, comunicar-se com o mundo divino e angélico (místicos religiosos, Swedenborg) e então, segundo a sua maior ou menor capacidade e as intenções divinas, receber impressões e revelações

e, ao mesmo tempo, de acordo com a força dessas circunstâncias, ser preenchido com uma energia espiritual superior. Pois é o fim mais elevado e último da nossa existência, que o homem seja novamente colocado em ligação com a sua fonte original, e elevado do material terreno ao mais alto grau da existência espiritual.

Este grau superior de existência espiritual chama-se especialmente a pura mania divina. Uma disposição insuficiente para impressões superiores pode, porém, ser remediada pelo beneplácito divino; pois vemos muitas vezes que Deus chama a si aqueles que dele se afastavam, e os dota de poderes extraordinários."

Deve distinguir-se entre o dom do vidente, que percebe coisas ocultas aos sentidos por causa dos obstáculos materiais do espaço ou do tempo, e aquela espécie mais elevada de adivinhação que reconhece acontecimentos a serem realizados no futuro através do livre-arbítrio do homem.

É verdade que, por meio do sentido interior, o homem, quando liberto dos sentidos exteriores, se torna facilmente influenciado por poderes espirituais, e assim é capaz de penetrar em coisas ocultas e predizer as suas qualidades intrínsecas — os seus consequentes resultados. Portanto, ensina a Cabala, não só toda a ação humana produz as suas consequências, mas cada acontecimento, desde o princípio do mundo, inscreve-se numa esfera superior, e assim os acontecimentos futuros podem ser previstos através da leitura do passado.

Mas há limites para esta espécie de visão, visto que o homem interior só é afetado pelo que lhe é afim. Quanto mais livre e puro for o homem interior, mais ampla será a sua esfera imediata de visão e de ação. Quando o seu próprio poder já não lhe basta, ele necessita da ajuda de uma influência espiritual estrangeira, para que a sua visão interior possa ser alargada. Assim se torna claro por que razão, em circunstâncias naturais ou induzidas, a agência espiritual estrangeira está geralmente presente.

Mas os decretos de Deus nunca podem ser sondados pelo homem, a menos que Deus se digne conceder uma revelação. De outro modo, o poder da profecia não seria uma operação do poder divino, mas simplesmente a consequência natural da exaltação da mente que, momentaneamente, penetrou na esfera da eternidade, e aí reconheceu o futuro longínquo — e tal é a crença dos videntes indianos. Esta visão da profecia seria totalmente contrária a toda a fé religiosa.

O poder divino revela-se tanto de maneira interior e subjetiva como de maneira exterior e objetiva por meio da primeira.

Embora este poder de visão e de adivinhação seja universal na natureza humana, encontra-se, no entanto, em graus muito variados de intensidade. Para produzir resultados mágicos, segundo a Cabala, é necessária uma vontade muito firme — como ensina Paracelso — a fim de atrair a mais elevada influência espiritual e sobre ela reagir. A vontade do operador deve também estar completamente em harmonia com o seu objetivo, e ser dirigida apenas para ele.

É igualmente necessária uma imaginação muito poderosa e viva. As mesmas qualidades são exigidas ao vidente. O espírito, o corpo e a alma do vidente devem estar na mais perfeita harmonia com os objetos da sua visão. A alma não deve, portanto, ocupar-se demasiado com assuntos exteriores.

A imaginação deve ser forte, viva e clara, para que a impressão do mundo espiritual permaneça nítida e precisa, e não seja destruída por imagens estranhas. É por esta razão que os encantadores amam a solidão, e procuram de todas as maneiras afastar-se do exterior e cultivar a sua imaginação.

Ensina especialmente a Cabala que "o homem deve ser apto para tais coisas. Balaão era-o, mas com um poder falso, pois tinha um defeito na sua visão, o que, segundo o *Sohar*, significa que tinha uma imperfeição no seu espírito, da qual a imperfeição exterior era apenas a expressão objetiva." Neste sentido, a Cabala sustenta que todo o adepto da Arte Negra deve ter algo de imperfeito ou doentio em si.

Muito notáveis são os ensinamentos da Cabala acerca dos pontos fracos que por vezes o homem oferece a Satanás através das suas ações, sobre a evocação dos mortos e sobre a impureza, especialmente no caso da mulher.

Quanto a esta última, o homem é o princípio positivo e operativo, e por isso comparado ao sol e à luz. A mulher opõe-se-lhe como poder restritivo, sem o qual ele se perderia numa especulação imensurável e ilimitada, esquecendo a sua mais elevada relação. A mulher é o homem invertido, a sua imagem espelhada: enquanto ele é um princípio auto-atuante, que se esforça produtivamente para fora, e sempre em busca do universal, do infinito, a mulher é o princípio negativo, que atua de fora para dentro, da circunferência para o centro, recetiva, pronta a reduzir a formas concretas a energia expansiva do homem. Assim, pelos judeus, a mulher é chamada a

casa do homem, e o Talmude designa a mulher como a muralha que é criada em torno do homem.

O homem e a mulher são um todo inseparável — um formando o ideal, o outro o real. No homem domina o ideal — na mulher, o sentimento: por isso ela adere mais ao concreto e ao exterior, e tem um sentido vivo inato. É dotada de um pressentimento interior do mundo: assim, possui um tato infalível e atinge a maturidade mais cedo do que o homem, que deseja alcançar todo o conhecimento pelos seus próprios esforços.

A aspiração da mulher é para o puro e o nobre; e ela atrai para si o homem, que anda sempre em busca daquela natureza peculiar de que ela, como mulher, é dotada. E fá-lo não para o reter numa esfera inferior, mas para com ele ascender a uma mais elevada. E se, por um lado, a mulher é muralha em torno do homem, por outro é sua guia, caminhando ao seu lado através dos labirintos da vida, e pela sua suavidade, paciência e amor, suavizando e refreando a sua impetuosidade ardente de carácter. Neste sentido, a mulher é chamada "a coroa do homem."

Por mais elevado que seja o destino da mulher, ela tem ainda uma afinidade mais próxima com o lado noturno da natureza do que o homem, e está especialmente exposta às tentações de Satanás. Engano, curiosidade, indiscrição, o desejo de subjugar o homem pelos seus encantos e de ver realizadas as criações da sua imaginação — eis o lado sombrio, que a inclina ao estudo e à prática do saber proibido.

A noite, o sono e os sonhos afetam também mais a mulher do que o homem, e por isso o poder do vidente ocorre nela mais frequentemente do que nele.

Segundo a Cabala, além dos anjos existem espíritos intermédios — os espíritos dos elementos — os *Schedim* dos judeus, divididos em quatro classes, cujo chefe é Asmodi. A primeira classe contém os espíritos do fogo; a segunda, de fogo e ar; a terceira, de fogo, ar e água; a quarta tem um ingrediente mineral. Esta é completamente a doutrina de Paracelso.

Os espíritos das duas últimas classes são na sua maioria de natureza má e gostam de causar danos ao homem. Os outros dois possuem maior sabedoria e, conhecendo muitos segredos da natureza, revelam-nos de bom grado ao homem. A classe inferior dos espíritos elementares, entrando em contacto frequente com o homem, é por

vezes perigosa e maliciosa, e por isso o homem sacrifica-lhes a fim de obter o seu favor.

De acordo com a Cabala, tudo o que existe, grande ou pequeno, encontra-se numa união mágica com o resto da natureza. Em toda a parte, o exterior é a operação do interior, e o exterior reage sobre o interior.

A magia, assim como a visão, dirige-se tanto para o terreno como para o sobrenatural. A visão mágica exterior consiste em ler o futuro através dos aspetos e mudanças dos objetos, e subdivide-se em objetos terrenos e celestes. A primeira é chamada *Monen* — computação do tempo, e compreende a astrologia; a segunda é chamada *Nichusch* — indicação profética.

Em segundo lugar, a adivinhação ensina que nada ocorre por acaso, mas que os acontecimentos e toda a natureza se encontram em ligação secreta uns com os outros. Assim, o curso das nuvens, bem como o voo das aves e os gritos e movimentos dos animais, tornam-se objetos de adivinhação, e afirma-se que o animal vê mais do que o olho exterior do homem comum.

As aves, especialmente, estando em ligação com os espíritos do ar, são proféticas — as aves de rapina sendo particularmente adaptadas ao *Nichusch*. Todos os acontecimentos que ocorrem ao homem e que produzem impressões agradáveis ou desagradáveis pertencem à mesma classe. O homem pode converter-se a si próprio em *Nichusch*, dizendo: se tal e tal coisa me acontecer, será um bom ou mau presságio.

A magia natural visionária interior consiste em o homem ser posto em ligação com o mundo espiritual por meios artificiais: e aqui também existem vários graus. O grau mais baixo desta magia é o afastamento da alma do mundo exterior por meios e manipulações exteriores: os meios são diversos. Segundo Maimónides e outros, a esta espécie de magia pertencem escavações na areia, o lançamento de sortes, a leitura de cartas, o olhar fixo em espelhos, em lâminas polidas e setas, ou em qualquer coisa que seja brilhante. Esta adivinhação por sortes só se realiza pela correspondência da arte exterior com a disposição interior das coisas.

Um segundo grau mais elevado é a necromancia, o interrogatório dos mortos, para o qual é necessária a preparação pelo jejum. É também costume dormir sobre os túmulos ou queimar incenso sobre eles, repetindo certas fórmulas ao mesmo tempo. O terceiro e mais alto

grau é quando o homem, após a necessária preparação e o afastamento de si das coisas externas, se une com os espíritos da natureza para receber revelações deles.

A magia ativa divide-se em magia natural inferior e magia espiritual superior. A primeira consiste em excitar o *rapport* mágico por meios físicos. A esta pertence, antes de mais, a cura simpática.

A magia espiritual procede diretamente do ser interior, e pode também dividir-se em duas espécies. Na primeira, o homem opera principalmente através do seu poder inato, mas não sem a ajuda dos espíritos elementares. Na segunda, a operação depende quase inteiramente dos espíritos elementares. A esta espécie pertence a sujeição por palavras, sobretudo de animais, para que não causem dano; e também a conjuração pelos doentes.

À segunda divisão pertence a solicitação aos espíritos elementares de chuva, frio, etc. Para obter o fim desejado, o objeto para o qual a solicitação é oferecida, seja uma criança recém-nascida, semente recém-semeada ou árvore recentemente enxertada, deve ser posto em *rapport* com os espíritos da natureza; e isto deve ser feito por meio de certas cerimónias. Para provocar a influência mágica, devem observar-se peculiaridades na alimentação, no vestuário e no comportamento: também se devem usar braceletes de metal com os nomes dos anjos. Então, com toda a força da sua vontade, deve o mago, oferecendo os seus sacrifícios, especialmente incenso, invocar o nome dos espíritos. A mistura de vários metais aumenta a influência.

Este assim chamado adivinhar difere muito da magia negra, embora não se possa negar que a magia natural confina com o mundo da noite, visto que, pelo culto da natureza, afasta cada vez mais o homem do culto da Divindade. O culto da natureza entre os pagãos, enquanto não se torna sombrio e satânico, sendo simplesmente uma adoração materializada do Supremo, não impede que lhes cheguem revelações de um mundo superior.

A Cabala ensina que os pagãos recebem revelações e sonhos verdadeiros. Sustenta mesmo que, em geral, os pagãos são tão capazes de receber o Espírito Santo como os israelitas. Tudo depende dos corações e das ações dos homens. Segundo o ensinamento da Cabala, os pagãos não foram absolutamente rejeitados por Deus, mas antes conduzidos por Ele até estas fronteiras da natureza. Como lemos nas palavras de Moisés: "Quando o Altíssimo repartiu às

nações a sua herança, quando separou os filhos de Adão, fixou os limites dos povos segundo o número dos filhos de Israel" (Deuteronómio xxxii, 8). "E para que não levantes os teus olhos ao céu, e vendo o sol, a lua e as estrelas, todo o exército do céu, sejas levado a prostrar-te diante deles e a servi-los, coisas que o Senhor teu Deus repartiu a todos os povos debaixo de todo o céu."

Molitor acrescenta que, por mais severa que seja a lei judaica contra os pagãos, a sua severidade é dirigida não contra os pagãos que adoram a Deus sob a forma das potências da natureza, mas contra aqueles que, mesmo sem melhor conhecimento, se entregaram a serviços diabólicos e à arte negra a eles ligada.

E mais severa ainda era a lei contra os israelitas que, como povo eleito, redimido da servidão da natureza exterior, voltassem de novo à sua cegueira. Era-lhes até proibido plantar árvores ao redor do Templo, porque, segundo Maimónides, as árvores atraem as influências astrais, e assim poderiam levar a falsas exaltações.

A Cabala ensina também muito acerca das impurezas físicas — *Tumah* — que sustenta serem consequência da Queda. A *Tumah* divide-se em duas classes principais. Há uma impureza grosseira, que é uma abominação diante de Deus, e outra mais subtil, que causa uma obscuridade na alma. Quanto mais o homem se aproxima das coisas sagradas, tanto mais viva se torna a sua sensibilidade para esta obscuridade, como se pode ver no caso dos sacerdotes. Com as coisas externas é o mesmo. Quanto mais intimamente o homem se assimila a elas, mais suscetível se torna para a *Tumah*.

Os objetos orgânicos que mais entram em contacto com o seu corpo físico estão mais sujeitos a tornar-se impuros do que os objetos que lhe são mais distantes e têm menos afinidade com ele. O cadáver humano, segundo esta lei, é muito mais impuro do que os corpos mortos dos animais. Sendo o homem a criatura mais altamente organizada, na sua decomposição dá-se a decomposição mais repugnante. Os talmudistas posteriores, por isso, declaram que existe um grau muito mais elevado de impureza nos cadáveres dos homens santos do que nos cadáveres dos homens ímpios.

Conclusões ainda mais importantes podem ser tiradas da *Tumah* espiritual. O pecado, diz a Cabala, causa não só imperfeição na imagem do homem formada à semelhança divina, mas estende-se por toda a natureza, e até sobe à região dos anjos e à presença divina. Assim é a *Schechinah* violada (o Mundo Ideal Divino de Platão

— a Sofia de J. Böhme) e transformada em trevas e severidade. A Divindade desvia o Seu rosto dos Seus filhos que não estão adornados de boas obras: a influência divina raramente os alcança, e eles devem ser castigados por meio de duras penas. Isto causa dor e sofrimento até mesmo à Divindade, como já havia sido profetizado acerca do Messias, que, a fim de reanimar gradualmente os caídos, deixou brilhar a sua luz nas trevas, e levantou os homens até contra a sua vontade, e os preparou para a liberdade interior, mas não de modo súbito ou violento. Pelo pecado, o homem não só causou sofrimento à Divindade, mas a todo o universo — especialmente neste nosso mundo, *Asiah* — onde a natureza se tornou cheia de dissonâncias, e toda a criação geme sob a maldição do pecado de Adão.

Quando o homem regressa em penitência, Deus, juntamente com os anjos da guarda, está sempre pronto a ajudá-lo na luta contra o pecado, e na medida em que o homem deseja o bem, atrai a influência de Deus, e as trevas transformam-se em luz, e a severidade em misericórdia.

A idolatria, o homicídio e a imoralidade são as três principais divisões da impureza moral. Essas uniões contra a natureza, de que fala o Antigo Testamento, devem ser consideradas como pertencendo a esta espécie de impureza. Cozer o cabrito no leite da sua mãe; atar juntos o boi e o jumento; plantar lado a lado árvores de naturezas adversas. A Cabala observa, com referência aos casamentos proibidos entre parentes próximos, que em tais uniões ocorre uma evolução contra a natureza, os ramos sendo, por assim dizer, dobrados de volta para a raiz, em vez de se espalharem amplamente a partir da árvore.

Falando do poder contagioso do mal, a Cabala diz que, assim como a doença física se propaga a partir dos homens, também a impureza da alma flui sempre magicamente, possuindo um poder de contaminação, não só para os homens, mas também para as coisas externas.

Daqui procede a repulsa sentida pelos puros na presença dos ímpios; uma repulsa tanto mais intensamente experimentada quanto mais elevada é a pureza. Cada má ação, cada palavra impura, possui assim uma existência mágica, que torna impuro tudo o que a rodeia. Numa terra onde grande crime abunda, todas as coisas — casas, móveis, animais, plantas, a própria terra e o ar — estão

corrompidos.” Assim, quando uma cidade se entrega à idolatria, deve ser totalmente destruída com fogo e espada, homens e animais, e nunca mais ser reconstruída.

Tão fortes como as leis contra a *Tumah* são as leis contra a magia. Segundo a Bíblia, o Talmude e a Cabala, a magia divide-se em três classes: a primeira como abominação a ser punida, como a idolatria, com a morte; a segunda, com açoites; e para a terceira não se estabelece punição, mas é declarada errada, por levar a afastar-se da confiança em Deus.

A primeira classe inclui todos os encantamentos maléficos e curas mágicas, a evocação de maus espíritos e a chamada dos mortos com a ajuda de demónios. O invocador dos mortos é o único condenado à morte; o interrogador dos mortos, a açoites. Segundo Moisés, é simplesmente proibido praticar a magia, não conhecer a arte ou estudá-la; visto que os membros do Sinédrio (Molitor, p. 328) deviam estar familiarizados com a magia antes de poderem passar julgamento sobre ela.

A segunda classe inclui a magia que é produzida pela ação dos espíritos inferiores e malignos da natureza, por cujo meio o homem é muitas vezes levado ao erro e precipitado na escuridão eterna.

A terceira classe, embora não tão rigorosamente proibida, é, no entanto, declarada imprópria para o israelita piedoso; e esta é a astrologia. Segundo o Talmude e a Cabala, as estrelas têm tanta influência sobre o homem como sobre toda a natureza: pois as constelações que presidem ao nascimento de uma criança determinam as suas qualidades físicas e mentais. O contacto com os chamados espíritos da natureza pertence também a esta classe. E todos esses espíritos eram designados por *Schedim* — nome igualmente atribuído aos demónios malignos; mas estes espíritos não devem ser confundidos com seres satânicos.

Estes excertos dos escritos de Molitor são suficientes para dar a conhecer o conteúdo da Cabala no que diz respeito à magia, que ela trata em todas as suas ramificações, contendo aquilo que se tornou misticismo cristão e a magia da Idade Média. Contém também muito sobre o que hoje designamos por magnetismo animal.

Em conclusão, dou, do Apêndice de Molitor, uma história acerca de uma judia que estava possessa por um espírito maligno.

No tempo de Loriah havia uma viúva em quem entrara um *Ruach* (espírito), que lhe causava muito sofrimento. As pessoas iam ter com ela e recebiam respostas às perguntas que lhe faziam. Os parentes da mulher foram a Loriah e suplicaram-lhe que expulsasse o espírito da mulher. Loriah enviou o seu discípulo, P. Chaim Vital, dando-lhe certos nomes sagrados com os quais devia expulsar o espírito, e instruindo-o sobre o que devia fazer. Ordenou-lhe também que pronunciasse *Nidui* e *Cherem*, o menor e o maior interdito, e que expulsasse o *Ruach* com violência.

Quando P. Chaim chegou à mulher, ela virou o rosto. P. Chaim perguntou: "Por que viras o rosto?" O *Ruach* respondeu: "Não posso olhar-te de frente!" Então P. Chaim ordenou-lhe que se voltasse. Vital perguntou: "Quem és tu?" E o espírito contou a sua vida má, declarando que tinha sido judeu, que vagueara vinte e cinco anos pela terra, e era perseguido por três anjos de destruição.

Vital perguntou: "Quem te deu permissão para entrar na mulher?" O *Ruach* respondeu: "Eu estava em casa quando a mulher se levantou e estava prestes a acender o fogo. A isca não pegava, e ela encolerizou-se e, com raiva, atirou a pederneira e o aço para longe das mãos, gritando 'Vai para Satanás!' Essa palavra deu-me de Satanás a permissão para entrar nela." Embora a mulher tivesse pecado em incredulidade, e não acreditasse na Fuga para o Egipto, ainda assim o *Ruach* não tinha poder sobre ela até que, na sua ira, pronunciou o nome de Satanás." (Vol. iii, p. 616).

## Das Visões

As visões foram sempre consideradas como uma parte essencial da magia, sem que o visionário fosse necessariamente um mago, ou o mago um visionário. Estas visões consistem vulgarmente em ver espíritos, e são percebidas de modo especial pelo sentido interior, independente dos órgãos exteriores: frequentemente, na ausência de objetos visíveis, apresentam-se cenas que são verdadeiras e correspondem à realidade, ou falsas e que não correspondem a nenhum objeto exterior.

Extraordinário é que as pessoas se mostrem dispostas a explicar todas as visões supondo que não passam de meros fantasmas do ar, imaginação, ou contos mentirosos. Não será o homem, afinal, um ser que não existe apenas no mundo exterior? Não será muito mais um espírito que pensa e percebe sem referência ao mundo objetivo à sua

volta, que pode ascender a um mundo superior, invisível ao olho exterior, e dotado de outros poderes além daqueles que lhe são necessários para a sua vida exterior? Não descenderá o homem de uma linha superior, invisível, de ascendência? "Os homini sublime dedit, coelumque tueri" — ou seja, o ser humano, pela sua posição ereta sobre a terra, pode alcançar uma esfera mais elevada onde os sentidos exteriores nada valem, mas na qual, mesmo nesta sua posição erguida, apenas pode entrar até certo ponto, e na qual de modo algum poderia entrar se, como os animais do campo, andasse de quatro — "prona cum spectant cetera animantia terram." (Ovídio)

Estamos certamente a aproximar-nos daquela região indefinida que, ainda hoje, não somos capazes de explicar, tanto quanto o próprio vidente de fantasmas, que muitas vezes supõe estar a pairar num mundo superior quando, de facto, rasteja sobre a terra, ou confunde coisas terrenas com espirituais. Muitos homens de grande estima e saber mantêm ainda que a magia provavelmente nunca avançou além da aparição iluminada daquilo que a imaginação há muito buscara e roçara nas trevas. Será que esse espírito particular que, durante todas as suas buscas, a fantasia vislumbrou de forma ténue no horizonte, realmente aparece iluminado?

Ou, como é mais provável, pertencerá essa visão a um estado de sono? Se assim for, aqui termina a magia. Mas não! Aqui, meu caro amigo, é que ela começa! Pois a visão nem sempre é apenas o efeito de um processo puramente físico da fantasia e dos sentidos, mas muitas vezes regida por influências hiperfísicas, e, em muitos casos, por tais que se encontram totalmente além do alcance da fantasia ou dos sentidos. "Até certo ponto" — diz outro escritor — "o homem é um vidente, na medida em que não discerne apenas o exterior e o visível, no qual a vida pode morrer e extinguir-se, mas também o início interior do ser real, a fonte imperecível da vida.

É vidente na medida em que não percebe apenas as partes divididas e desconexas, mas os fios invisíveis de uma harmonia eterna, na qual todas as porções aparentemente dissonantes se explicam mutuamente e se tornam num todo agradável e harmonioso. O poder de perceber, no mundo visível, os vestígios invisíveis daquilo que há de vir, e de participar na grande unidade da criação, existe, embora geralmente adormecido, em todo o homem. Esse poder que lhe dá razão e entendimento é a alma."

As visões não nascem apenas de uma simples introversão, ou de aparências sem fundamento, como vulgarmente se acredita. Nascem de uma visão interior direta e, numa aceção mais ampla, de uma atividade da fantasia independente dos sentidos exteriores. A diferença entre um vidente e um poeta, que muitas vezes trocam de papéis, é esta: o poeta não só vê e compreende aquilo que está diante dele, mas, arrebatado, penetra inteiramente naquilo que tem diante de si e cria formas harmoniosas: isto ocorre a seu bel-prazer a partir das recordações da sua mente.

Nenhum verdadeiro poeta carece deste poder de vidente, que nele é criado como um dom do céu e não pode ser adquirido por meios artificiais. Quintiliano exprime isto perfeitamente nas seguintes palavras: "Concipiendis visionibus quas phantasias vocant"; e Goethe diz, na sua *Morphologie*, vol. ii, p. 114: "Percebe-se claramente o que se quer dizer com a afirmação de que poetas e verdadeiros artistas têm de nascer como tais. O poder criativo interior deve fazer emergir aquelas sombras que jazem na memória da imaginação, livremente e sem plano ou previsão; devem desdobrar-se, crescer, expandir-se, contrair-se, de modo que, de simples formas indefinidas, se tornem imagens verdadeiras e bem delineadas.

Quanto mais elevado o génio, mais madura é a ideia logo no início. Nos desenhos de Rafael e Miguel Ângelo a ideia mostra-se de imediato clara e firme, enquanto em muitos pintores posteriores, ainda que excelentes, percebe-se uma espécie de ensaio, como se primeiro quisessem criar um elemento através de toques leves e incertos, do qual, mais tarde, se formariam cabeças, figuras e panejamentos, tal como o pintainho cresce gradualmente dentro do ovo."

Na infância do mundo não se sentia dificuldade em explicar estes fenómenos, os mais notáveis de toda a existência humana: os povos orientais atribuíam-nos a espíritos celestes, e os judeus a anjos e demónios, que viviam em convívio social com os homens, distribuídos segundo uma certa graduação da alma e dotados de diversos poderes bons e maus; os egípcios tinham crença semelhante, e os gregos e romanos supunham-nos demónios, ou mesmo, em certos casos, os seus deuses.

Segundo Demócrito, visões e sonhos são formas que passam — formas ideais que provêm de outros seres; de modo que até em sono a alma tem uma atividade igual à do estado de vigília, com a

diferença de que, neste último, apenas aparecem as formas usuais e quotidianas, enquanto no primeiro apenas são visíveis aquelas que a alma é capaz de observar e para as quais se encontra em estado de expectativa. Heraclito sustentava uma teoria muito semelhante; segundo ele, a atividade dos sentidos nasce da participação no éter celeste circundante (*periechon*).

A diferença entre o dormir e o vigiar, diz ele, é que neste último a parte divina é absorvida não apenas pelo ato da respiração, mas também pelos órgãos da visão e do olfato, enquanto, pelo contrário, no sono a comunicação com o éter celeste se limita apenas à respiração; mas que esta é apenas uma luz tênue, que ilumina o homem de noite e o faz ver coisas em sonhos. Só na morte é esta luz completamente extinta. (Parece aqui que ele se refere ao oxigénio como princípio de luz, que pela respiração entra no sangue e, daí, no cérebro.)

Platão é o primeiro a dar uma explicação fisiológica da atividade dos órgãos dos sentidos nas visões e nos sonhos. "O olho é o órgão de um fogo que não queima, mas dá uma luz suave. Os raios que partem do olho encontram os da luz exterior; com o desaparecimento da luz exterior, também a interior se torna menos ativa; todos os movimentos interiores tornam-se mais calmos e menos perturbados, e, caso tenham permanecido influências mais proeminentes, estas transformam-se em diversos pontos onde se congregam, em tantas imagens da fantasia."

Aristóteles declara mais claramente, na sua *Dissertação sobre os Sonhos*, que todas as visões do sono são produzidas pelos sentidos e pela imaginação. Não teria sido difícil, partindo da base em que estes argutos observadores assentavam, chegar à verdadeira origem destas aparições, se as imagens ideais tivessem sido entendidas como influências exteriores pelas quais a alma convoca as fantasias contidas no seu poder abrangente, fantasias que se perdem no oceano dos sentimentos ou na luz celeste da imaginação.

Os seguidores da teoria neo-platónica desviaram-se de novo para a ideia de influências externas, através de uma fusão da filosofia platónica com a Cabala, como veremos; e assim continuou durante a Idade Média, e, mesmo no tempo presente, as religiões e as ciências não se libertaram totalmente dessa influência — de modo que raramente conseguimos considerar as visões de um ponto de vista perfeitamente livre.

As visões podem ser classificadas como extáticas e inspiradas. As ilusões fugitivas, e as aparências semelhantes a sonhos, pertencem ao tipo inferior de visões, e desvanecem-se da memória de modo tão intangível como surgem. Poucos estão inteiramente livres destas, as mais frequentes e comuns, quer em vigília, quer em sono; e há homens que não só se encontram mergulhados em si próprios de forma sonhadora quando acordados, mas que, como os sonâmbulos, têm visões mesmo no turbilhão da vida quotidiana. Noutros, isto acontece quando, ao crepúsculo, a mente se perturba, e quando as sombras da floresta, o suspiro do ar e o sussurrar das folhas se tornam formas corporizadas. Rochas e árvores escarnecem deles com os seus rostos gigantes.

A visão de fantasmas deve ser incluída nestas visões, nas quais, no entanto, cada um vê através do seu olho diferentemente constituído; pois, tanto para isto como para uma compreensão mais profunda do mundo invisível, é necessário um temperamento peculiar, embora uma constituição frágil e débil esteja longe de ser necessária; pois tal ocorre muitas vezes entre homens fortes e robustos, tal como os ímanes não têm todos igual poder, embora cada um, segundo a sua natureza, possua uma força de atração — variando em maior ou menor grau conforme a mistura com areia e pedrinhas, e o seu uso frequente.

As visões também intervêm na existência de vigília, quando as impressões exteriores dos sentidos ainda se fazem sentir, quando as visões são impressas do exterior, ou surgem dos sentidos interiores: estas são as alucinações.

O êxtase é uma categoria mais elevada, à qual estão particularmente sujeitos os espíritos contemplativos e religiosos quando colocados em circunstâncias favoráveis. Nesta forma, a atividade da mente é elevada, especialmente a fantasia e a imaginação, a tal ponto que muitas vezes se é levado a acreditar numa mudança de individualidade, ou na posse e influência de outros poderes. Esta é a forma que desempenha o papel mais proeminente em toda a história da magia entre os antigos, e também a que, nos fenómenos magnéticos, desperta o maior interesse no presente.

As diversas maneiras pelas quais se manifesta serão explicadas mais adiante. A característica principal, na maioria dos casos, é um certo voo poético da imaginação, e uma espécie de entusiasmo religioso. Estas visões ou procedem de uma fantasia intensa, ou de fontes

religiosas transbordantes. Não decorre, no entanto, que, no êxtase, os poderes aumentados da mente sejam constantes, ou que seja produzido um estado uniforme e perfeito. As visões variam tanto como as convulsões com que normalmente se associam. Tampouco as manifestações religiosas são certas. Por vezes o sujeito pode cantar hinos, noutra ocasião pode praguejar e exibir as mais horríveis contorções do rosto. Apenas na forma e constituição interior da imaginação pode ser comparado ao poeta.

As ideias de criações gloriosas flutuam diante do poeta e do verdadeiro artista na mais plena abundância. Quem poderia pintar Madonas como Rafael, se estas não lhe pairassem diante dos olhos numa espécie de êxtase? O pintor Angélico de Fiesole caía muitas vezes em tais estados extáticos durante os seus trabalhos artísticos, e, neles, via imagens ideais; e, segundo Görres (*Mystic*, I, 155), Miguel Ângelo terá dito que "nenhum homem poderia ter pintado tais quadros se não tivesse visto o original."

As visões religiosas ocorrem em intervalos mais longos, e são frequentemente confirmadas, ou até produzidas, por uma vida ascética, por disposições nacionais ou pela educação. A estas pertencem as extáticas de todas as épocas e de todas as descrições entre brâmanes, israelitas, pagãos e cristãos, cujas revelações arrebatam as massas, ora como profecias surpreendentes e adivinhações de toda a espécie, ora como avisos, exortações, ameaças e promessas transmitidas em alegorias poéticas.

Uma certa diferença é, contudo, produzida pelas posições nacionais e históricas, assim como pelas várias formas de religião. Görres, na sua *Mystic*, fornece muitos e impressionantes exemplos, particularmente de extáticas cristãs. Tais são, por exemplo, as visões e êxtases de Santa Catarina, Santa Hildegarda, Santa Teresa e outras. Kieser dá um caso, extraído de Orlandini, acerca de São Xavier, um jesuíta.

No século XVII, Xavier recomendara com insistência uma cruzada contra os piratas de Malaca. Durante os preparativos, e até no próprio momento da batalha, Xavier caiu num estado extático em que, a uma distância de duzentas milhas portuguesas, foi, por assim dizer, testemunha do combate. Predisse que a vitória seria do lado dos cristãos; viu que um navio que afundara, antes da partida da frota, fora substituído por outro; descreveu cada minúcia da batalha, indicou a hora exata, imaginou-se no meio da luta, e anunciou a chegada do mensageiro num determinado dia. Cada detalhe se

cumpriu da forma mais perfeita. Eis aqui um exemplo de clarividência num sacerdote católico.

Outro caso de circunstâncias ocultas vistas é dado por Schubert (*Berichte eines Visionars*, 1837, p. 30), ocorrido com a filha de um simples jardineiro, mas de grande inclinação religiosa.

Ele diz: "Conheço a história de uma filha de jardineiro que tinha o poder de ver visões; estava prometida em casamento, mas muitos obstáculos se erguiam contra a união. As ansiedades prolongadas, o longo intervalo de incerteza, tornaram-na muito excitada e delicada. Quando se ocupava com o trabalho no jardim, parecia-lhe ver uma coluna de fumo, dentro da qual estava uma forma humana.

Esta figura também lhe aparecia à noite, quando repousava e não sentia tonturas na cabeça. Poder-se-ia talvez dizer que estas tonturas, que provinham do sangue, produziam tais fantasmas. Mas a figura não estava só, outras surgiam que falavam com a rapariga, e a conduziam a um prado, e a um mundo escondido e até há muito passado, como nenhum ser humano poderia ter feito. Poder-se-á novamente dizer: umas sangrias teriam sido remédio, e teriam banido tais fantasmas.

Mas a rapariga foi feita confidente, pelos seus companheiros invisíveis, de muitos acontecimentos há muito esquecidos e de circunstâncias familiares, que foram confirmados por referência a escrituras e papéis, muitos dos quais jaziam em Viena — documentos de que ninguém então vivo, e certamente menos ainda a filha do jardineiro de um subúrbio, poderia ter tido qualquer conhecimento.

Talvez se diga que isto foi impostura, ou acaso. Pela minha parte, podem dizer o que quiserem; as comunicações feitas pela rapariga eram tais como as que um homem poderia supor fazer a alguém que se lhe aproximasse nos seus últimos momentos, para benefício da sua família distante. A filha do jardineiro viu coisas semelhantes às vistas por Concorde no Castelo de Belfont."

Por fim, um grau acima do êxtase está a clarividência e a verdadeira inspiração. Nestes dois últimos estados, o homem mostra que, pela sua posição ereta, que o eleva parcialmente a uma região acima da terra, é capaz de ver e compreender mais do que os mais agudos sentidos do mero animal; percebe-se nele uma velocidade do espírito à qual nem o tornado nem o relâmpago se podem comparar. Mas a verdadeira plenitude, e a mais perfeita liberdade da mente humana, só se manifestam na clarividência e na inspiração real. A ação e

atividade da inspiração religiosa, em particular, é a autoconsciência superior, sem as mudanças recorrentes e as interrupções regressivas que ainda se encontram nos estágios inferiores.

Assim como o fim é mais nobre que tudo o que é terreno, assim também um corpo frágil manifesta, nestas inspirações, um poder sobre-humano, no qual as coisas desta terra não passam de brinquedos. A língua gaga, pelo entusiasmo sagrado, torna-se órgão ardente da palavra, e obras exteriores de amor e virtude seguem a humildade interior e o sacrifício pessoal! Fischer divide os fenómenos dos sentidos interiores em sonambulismo, visões e a clarividência superior. Os sonhos constituem o estado mais baixo; depois, o meio-estado de consciência do sonâmbulo, que fala, anda ou realiza diversas ações no sono como se estivesse desperto.

A clarividência é em si mesma o mais alto grau do sonambulismo. Estas visões, que não se referem apenas à vista, mas que também apelam aos órgãos do ouvido, do olfato, do gosto e do tato, serão tratadas nas várias secções a que pertencem. Já falámos do poder poético (*Phantisticon*) segundo as suas causas. A visão de fantasmas distingue-se particularmente por uma organização muito sensível, um coração suscetível e uma constituição delicada, assim como por um espírito que rapidamente se adapta a todas as circunstâncias.

Em segundo lugar, um estado doentio da circulação e do sistema nervoso, e muitas vezes também do estômago; inflamações e irritações do cérebro e dos órgãos dos sentidos: estas são as principais fontes das visões. Entre estas podem contar-se o delírio e a monomania, em que o intelecto fica inteiramente sujeito à imaginação. Em terceiro lugar, a educação religiosa e a inclinação para a reflexão profunda, uma vida ascética e o jejum: tudo isto é favorável às visões.

Em muitos santos das primeiras eras do Cristianismo, e de muitas nações, estas circunstâncias devem evidentemente ser consideradas como causas auxiliares. Em quarto lugar, recorreram-se continuamente a irritações exteriores e a meios artificiais. Entre os primeiros podem citar-se os narcóticos, o vinho, o ópio entre os orientais, o *soma* dos brâmanes, os vapores que emanavam da fenda de Delfos, que, segundo as investigações de Davy, era gás nitroso oxigenado; a fumigação com incenso nos templos, sândalo, aloés, mástique, açafrão, enxofre, etc., e a unção do corpo com unguentos narcóticos (a pomada das bruxas). Em quinto lugar, podemos incluir

também as cerimónias peculiares e a inclinação para o medo e a expectativa, suscitados por palavras, cânticos e preces preparatórias.

Segundo estas causas, as visões podem ser classificadas em várias categorias. As que têm origem numa disposição interior da mente para a veneração pertencem à religião e às histórias dos santos já mencionados, e surgem involuntariamente sem qualquer aplicação exterior; mas, nas visões mágicas, os demónios são invocados por meio de substâncias auxiliares. O feiticeiro convoca e despede espíritos, enquanto ao entusiasta religioso estes aparecem voluntariamente; neste último caso trata-se antes de uma agradável comunhão com um ser divino, com o qual o brâmane se relaciona como com um amigo; no primeiro, de uma espécie de compulsão infernal.

Sinto que todo o meu coração te é dado;
Tu hás de aparecer, ainda que me custe a vida!

Para o tímido, cada nevoeiro toma a forma de uma sombra gigantesca e terrível. Hoje Vénus aparece ao amante como a majestosa filha de Júpiter, cheia de beleza radiante —
*"Quisquis amat ranam ranam putat esse Dianam"* —
amanhã o Filho de Érebo surge diante dele com os servos das trevas, com dor e tristeza, com inimizade e contenda.

Quando os sentidos exteriores são adormecidos por cerimónias e incensos para dar lugar ao êxtase interior, a sua atividade passa gradualmente para este último. Petrus de Albano (*Elementa Magica*) descreve os espíritos que aparecem após um encantamento como sombras do crepúsculo e do meio-sono, e como formas ideais da visão e da audição sob a aparência de homens e animais:

"*quibus rite peractis apparebunt infinito visiones et phantasmata, pulsantia organa et omnis generis instrumenta musica. Post hæc videbis infinites sagittarios cum infinita multitudine bestiarum horribilium.*"

O ópio produz visões do paraíso e dos seus prazeres, e ele, assim como outros narcóticos, ocasiona também a sensação de voar e de ser erguido pelo ar. Tais narcóticos eram misturados nas pomadas com as quais, após a unção, as bruxas cavalgavam até ao Blocksberg em cabras ou cabos de vassoura. O gás nitroso provoca ilusões de toda a espécie de animais, rãs e formas ígneas; como acontece na embriaguez, em que se veem vermes e insetos fantasmagóricos. Os videntes do norte produzem êxtase através de música ruidosa e

tambores; os selvagens africanos por meio de danças que provocam vertigens, e nesse estado os primeiros predizem a chegada de navios estrangeiros e a sorte dos seus amigos e parentes, e os segundos contemplam todas as huris e hostes angélicas do paraíso maometano.

Surge uma certa diferença de forma conforme as visões sejam produzidas por impressões subjetivas dos sentidos interiores, ou por objetos exteriores. Tais são as visões dos sonhos comuns, do sonambulismo, da febre, das afeções nervosas, instáveis e intangíveis; mais regulares são as da clarividência magnética e da inspiração superior.

Todas as visões que se apresentam ao vidente podem ser consideradas expressões subjetivas dos sentidos interiores; pois, quando as visões têm uma causa comum e objetiva, muitas pessoas, embora não todas, podem contemplar as mesmas imagens ideais, que mutuamente se assemelham; isto não ocorre por contágio, tal como muitas pessoas podem ser atacadas pela mesma doença no mesmo lugar e na mesma atmosfera sem que seja causada por infeção, como no caso da cólera e da febre amarela. É, contudo, certo que as visões podem ser transmitidas a outros; e este é um dos fenómenos psicológicos mais notáveis.

Dá-se isto diretamente, como entre os entusiastas contemplativos (a Sociedade dos Filadélficos de Pordage), e ocasionalmente em clarividentes magnéticos; há mesmo casos conhecidos de sonhos transmitidos a outros; ou então indiretamente, pela imposição das mãos, ou pelo toque na "segunda visão". A esta classe pertencem as notáveis narrativas de aparições espirituais em que, a princípio, uma pessoa, depois várias, viram as mesmas visões, que até se diz terem-se estendido a animais. Se é ou não possível considerá-las como uma realidade objetiva é difícil de dizer; mas tais casos são relatados em todas as épocas e em todas as nações.

Este notável aparecimento exterior de visões de classe superior ou inferior não se dá, contudo, por meio dos sentidos orgânicos exteriores que atuam interiormente; pois a manifestação, em todos os casos, atua diretamente sobre os órgãos da alma, por meio dos quais as visões são transferidas aos órgãos dos sentidos. Toda a perceção mental do ideal, do divino e da linguagem superior da alma é sempre um quadro espiritual interior direto; e o divino manifesta-se, portanto, segundo a natureza do órgão sobre o qual incide — à

imaginação poética rica como poder dominante da fantasia, ao entendimento filosófico como o esquema de um sistema harmonioso, penetra profundamente no espírito religioso, e eleva a vontade forte, ativa, laboriosa e produtiva a um poder sagrado: é assim que o divino é venerado por cada um de modo diverso.

As visões são muito variadas na sua natureza: por exemplo, as do estado semi-vigílico, e mesmo do estado desperto; as visões que certas pessoas podem evocar à vontade, como no caso de Cardanus; as visões de Nicolai e Bazko, que as consideravam fantasmagorias; o poder da visão de si, bem como a personalidade dupla ou múltipla; a "segunda visão" das ilhas escocesas, e muitas outras. Classificadas segundo a sua natureza, há visões religiosas, aparições de santos e deuses antigos, e, segundo a crença popular, aparições de fantasmas, espíritos e demónios.

Na história da magia, as visões são quase sempre de natureza religiosa. Os israelitas, desde o tempo de Abraão, viviam em constante comunicação com o Todo-Poderoso e com os anjos, e recorriam muito frequentemente a imagens simbólicas. Os videntes indianos comunicam com o sol e a lua, que, como suas divindades, os elevam até si ou descem até eles sobre a terra.

"Os sentidos recolhem-se no *Manas* (o Espírito Universal), e o vidente nada vê com os olhos, nada ouve com os ouvidos, nada sente nem prova; mas, dentro da cidade de Brahma, os cinco *Pranas* são radiantes e vigilantes, e o vidente contempla o que fez e viu quando estava acordado — contempla o visto e o não visto, o conhecido e o desconhecido; e porque o *Athma* (espírito) é a causa de todas as ações, ele permanece ativo até durante o sono, retomando a sua forma primitiva de luz, e é por natureza radiante como Brahma. O espírito interiormente recolhido reveste-se com os invólucros dos corpos celestes e dos elementos, e fala pelo vidente como se as vozes viessem de fora — vozes que se lhe revelam do sol, da lua e das estrelas, das plantas e dos animais, e até da pedra inquebrantável."

Os estados extáticos não são em parte alguma tão frequentes como entre os hindus.

Entre os gregos, as visões extáticas eram certamente mais raras, devido à sua imaginação juvenilmente poderosa, e, no entanto, também entre eles estas visões apareciam sob as formas objetivas dos seus deuses. O "daimon" de Sócrates, que o acompanhou

durante toda a sua vida como uma voz de conselho, é bem conhecido; Ulisses foi guiado por Minerva, e Apolo apareceu à Pítia.

Os seguidores da doutrina neoplatónica tiveram, como os hindus, muitas visões extáticas. O fim último dos seus esforços filosóficos era alcançar uma visão imediata e direta da Divindade, que, como pura luz, se havia de revelar ao olho interior. A purificação da alma de tudo o que é terreno, e o jejum, eram as preparações para contemplar essa luz transbordante. Todavia, demónios apareciam-lhes sob muitas formas, como seres intermédios entre a divindade e o homem.

Na era cristã, reviveram-se as visões israelitas — de espíritos, de anjos e de demónios, e também dos santos, que, eles próprios, em geral tinham sido sujeitos de notáveis visões, e mantiveram quase uma comunicação espiritual ininterrupta com os fiéis após a sua morte. O jesuíta João Carrera viveu com um anjo da guarda quase como com um amigo íntimo:

*"Cum angelo suo tutelari erat tanto et tam familiari conjunctus usu, ut, velut intimo cum amico suo consilia sermonesque conferret, saepe ad eum de suis rebus dubiis arduisque referret; vicissimque ei angelus ad omnia notis hisce usitatisque vocibus responderet."* O anjo acordava-o para os maitines e advertia-o quando se deixava dormir. (*Orlandini, Historia Societatis Jesu*, Colónia, 1615, livro ii, Bobl.)

As visões eram mais frequentes nos conventos, onde a solidão, as práticas ascéticas, o jejum, doenças não tratadas, como convulsões espasmódicas, e a imaginação desocupada, frequentemente sonhadora e transbordante, ofereciam numerosas ocasiões para a formação destas imagens objetivas. A história da Idade Média, até mesmo ao século XVI, não é quase mais do que uma história do magnetismo e de um sistema universal da chamada feitiçaria e magia. As visões eram tão comuns que se estabeleceram regras para distinguir as de origem divina das falsas ilusões e tentações do diabo.

Os teólogos faziam esta distinção: as falsas visões assemelham-se às aparições que se apresentam nas convulsões, particularmente na epilepsia, na mania e na loucura furiosa. Instruções mais explícitas são dadas pelo cardeal Lambertini, mais tarde Papa Bento XIV, no terceiro volume de *De servorum Dei beatificatione*.

## Segunda Divisão
## Sonhos

Os sonhos são muitas vezes tão vívidos que, ao despertar, eclipsam os objetos circundantes e demoram muito tempo a desaparecer. Cardano (*De subtilitate*, c. 18) relata que, entre os quatro e os sete anos, quando acordava do sono da tarde, todos os tipos de imagens lhe apareciam na coberta da cama, sob a forma de árvores, homens, animais, cidades e exércitos. Ficava tão encantado com elas que a mãe frequentemente lhe perguntava o que estava a olhar; mas, embora muito jovem (*parvulus*), considerava-as ilusões (*non ignorabam hoc esse portentum quoddam*), e negava que visse alguma coisa, receando que pudessem desaparecer.

Espinosa relata de si próprio que, uma manhã, acordou de um sonho opressivo, quando já era pleno dia, e que o sonho permanecia diante dos seus olhos tão vividamente como se tivesse sido formado por substâncias materiais. Era-lhe particularmente presente uma figura sombria e miserável de um brasileiro.

Esse fantasma desaparecia quando fixava os olhos num livro ou noutro objeto; mas logo que os desviava, o brasileiro reaparecia com a mesma nitidez, até que, por fim, a aparição se desfez sobre a sua cabeça (*Opera posthuma*, epístola 30). Jean Paul (*Museum*, p. 322) viu muitas vezes, ao acordar subitamente, formas sombrias ao seu lado — uma vez, durante a noite, um grande reflexo como de aurora ou de fogo; regressando de uma viagem a pé, viu o rosto de uma menina infantil a olhar-lhe da janela, mas nenhuma criança se encontrava na casa.

Assim, como a identidade de visões, sonhos e sonambulismo magnético deriva de uma propriedade interior da mente humana, é claro que, tanto na infância das nações como na infância do homem, tais visões deviam surgir em parte da falta de capacidade de distinguir entre as diversas imagens da imaginação, e em parte de objetos do mundo exterior. E também por uma completa ignorância da humanidade é que tais aparições e predições se acreditam ser algo perfeitamente novo — tanto quanto quando Plutarco pôde afirmar dos oráculos que o poder divino deixaria de os animar.

Se a relação psicológica entre sonhos e visões ficou explicada pelo exposto — e pouca dúvida resta da sua semelhança —, a explicação fisiológica não pode estar longe; pois é impossível que exista alguém que não tenha ao menos observado em si vestígios de visões, ou pelo

menos sonhos. “Os sonhos, como as visões, são fantasmas dos sentidos interiores.” Se todas estas diversas formas de visões, êxtase, espectros e clarividência, não têm causas e manifestações fisiologicamente semelhantes, como é possível que todos estes fenómenos, e ainda os do delírio e da febre, as alucinações da loucura, a hipocondria e a catalepsia, apresentem tantas semelhanças mútuas? Assim como, psicologicamente, uma poderosa influência espiritual imaginativa está na base de todos eles, e como a mente, de noite como de dia, em sono como em vigília, prossegue na sua atividade espiritual — e muitas vezes mais livremente em sono do que quando se ocupa com objetos exteriores e materiais —, assim também, fisicamente, é um instrumento dos sentidos recebendo impressões, quer vindas dos chamados sentidos interiores, da imaginação, ou surgindo de uma atividade exterior: a imagem dos sentidos forma-se em ambos os casos segundo a natureza do órgão: os objetos, com os seus contornos e cores, pelo olho; as vozes e sons, pelo ouvido.

Os órgãos dos sentidos podem também tornar-se ativos sem influências exteriores ou impressões psicológicas interiores; através das simpatias ou antagonismos dos humores e forças do corpo para com os órgãos dos sentidos, os quais, em todo o caso, apenas excitam a atividade das funções orgânicas que lhes são próprias.

Os sentidos interiores tornam-se gradualmente ativos: por exemplo, o campo de visão é impressionado em maior ou menor grau, por mais ou menos tempo, e as impressões são de carácter temporário ou duradouro. Se todo o campo se ilumina, as visões são tão claras como à luz do dia, e muitas vezes poderiam ser tomadas por realidade. A imaginação projeta-se sobre indivíduos e países, e a alma sonhadora encontra-se em tempos e lugares distantes.

Em suma, é aqui que deve ser procurada a causa comum de todos estes diversos fenómenos. Como é extremamente difícil para a mente infantil não formada, quer de indivíduos quer de nações, separar as imagens subjetivas dos sentidos da realidade objetiva — o que requer um desenvolvimento mais elevado da mente humana e um conhecimento mais vasto —, procurarei expor ao leitor as várias explicações, opiniões e teorias que se fundaram sobre estes assuntos.

Se, portanto, está claro pelo que ficou dito que o sonho é uma condição dos sentidos interiores, e, no todo, da mesma natureza que as visões e o sono sonambúlico magnético, então uma história fiel e

abrangente dos sonhos deverá lançar considerável luz sobre todos estes e semelhantes estados. O filósofo natural deve, por isso, distinguir e investigar se os sonhos procedem imediatamente da mente (*νοητικὸν, φανταστικὸν* de Aristóteles), ou do corpo e dos órgãos dos sentidos.

Para este fim é necessário observar todos os fenómenos ligados aos sonhos. A estes pertencem — a linguagem dos sonhos, com o seu significado; as imagens, alegorias e símbolos dos sonhos; a ocasional inclinação poética; a ironia; a visão de coisas futuras e a adivinhação profética; a produção voluntária de sonhos em pessoas distantes, e a troca mútua de sonhos.

Todas estas condições podem igualmente observar-se nas visões mágicas e nos fenómenos sonambúlicos, que devem, por conseguinte, estar naturalmente sujeitos às mesmas leis. Assim como na Antiguidade estas várias formas de sonhos eram consideradas igualmente proféticas com as predições dos adivinhos, e eram até chamadas profecias oníricas (na Dinamarca ainda hoje se chamam *primeira visão*), será necessário rever estas várias fases do sonho com um olhar histórico; e, por fim, considerar as várias conceções dos antigos a seu respeito, bem como a adivinhação em geral.

A linguagem dos sonhos é particularmente notável; pois as imagens dos sonhadores não são sempre aparências conhecidas e facilmente compreendidas; são muitas vezes símbolos surpreendentes, cujo significado é difícil de exprimir em palavras comuns, e que o próprio sonhador raramente é capaz de decifrar; por essa razão era costume, na Antiguidade, e particularmente nos templos, recorrer a intérpretes de sonhos. Daqui surgiu a ciência da interpretação de sonhos (*oneirocritica, oneiroscopia*).

É, contudo, a linguagem dos poetas e dos profetas; isto é, o objeto e a imagem são um só; e parece que a linguagem primitiva, e a linguagem de Deus para o homem, era simbólica. A linguagem dos sonhos é a mesma nos homens e nas nações mais dissemelhantes; o profeta e o vidente, o verdadeiro poeta, o clarividente magnético e o sonhador profético, usam mais frequentemente esta linguagem do que a do convívio comum. Nela reside uma tal plenitude de sentido, e uma tal combinação de tempos e objetos, que a mais vasta prosa é incapaz de lhe dar plena expressão.

Assim como a vida instintiva dos sentimentos era antigamente muito mais comum do que hoje, quando os sentidos exteriores se

encontram mais distraídos com as ocupações do espírito, assim encontramos que os símbolos e os hieróglifos eram mais correntes — como entre os videntes indianos, os profetas israelitas, os oráculos gregos, e na antiga escrita figurativa dos egípcios, e nos ex-votos dos templos. Está de igual modo ligado à arte. Esta era também simbólica na sua arquitetura; pois a arte não é senão a expressão do génio interior que inspira a alma do artista, ou a imaginação de um povo, e está intimamente associada aos sentimentos religiosos.

A expressão da arte é, portanto, apenas a verdadeira linguagem do vidente, e por isso, na maioria das vezes, de significado simbólico; como, por exemplo, a Arca da Aliança, que surgiu por inspiração divina, e depois se expandiu no Templo de Salomão; até que, por fim, a arquitetura cristã, em liberdade e pureza universais, como que lançou fora todo o peso opressivo da matéria terrena e, com os seus arcos ogivais, tetos abobadados e torres elevadas, se ergue em direção ao céu, como se quisesse receber o poder glorioso que desce do alto.

Assim como a linguagem dos símbolos é natural ao espírito humano, também a natureza é uma coleção de símbolos, e um livro aberto e significativo, do qual o homem pode ler; pois a natureza fala através dos elementos, das forças e das criações, como uma revelação divina — uma linguagem viva, cheia de sentido; e a natureza foi, no princípio, colocada em perfeita harmonia com a mente do homem. No início, envolvia o homem com um poder significativo; o espírito humano era guiado por uma inclinação segura e governante, e não, como agora, deixado a uma reflexão enganadora e facilmente iludida.

A perceção religiosa não resultava então da reflexão sobre o ser e a omnipresença do Todo-Poderoso, que não se apresentava ao homem na plenitude da sabedoria e do amor, do poder e da santidade em atributos ideais, mas sim como o Senhor, que tinha poder sobre todas as coisas. A relação próxima e íntima com a Divindade e com a natureza era, por conseguinte, calculada para produzir uma linguagem comum, e esta linguagem devia, de acordo com a constituição da natureza e da alma, ter sido uma linguagem simbólica de imagens. Todas as coisas se refletiam no homem como num espelho, e o homem explicava para si próprio o seu significado.

"Os primeiros seres humanos", diz Jacob Böhme, "achavam tudo fácil; os mistérios da natureza não lhes estavam tão ocultos como a nós, pois havia menos pecados sobre a terra. Foi por esta razão que

Adão, que passara das maravilhas do Paraíso às maravilhas deste mundo, foi originalmente o centro de todas as coisas mundanas; ele não só conhecia as naturezas, propriedades e espécies de todos os animais, mas também de todas as plantas e metais, e por isso deu nomes a todas as coisas — a cada uma segundo as suas propriedades, como se tivesse feito parte de todas as coisas e tivesse experimentado os seus poderes."

Os desejos cresceram à medida que os sentidos se deixavam seduzir pelas excitações exteriores, e a silenciosa comunhão interior com a natureza foi gradualmente extinta: ao contemplar as flores exteriores, e ao provar o fruto da árvore do conhecimento, o olho interior tornou-se cego para os símbolos e mistérios da natureza, e a linguagem divina e simbólica desvaneceu-se da memória do homem, tal como a antiga natureza paradisíaca passou a produzir apenas espinhos e cardos: isto é, em vez de considerar a vida interior do âmago, passou a ver apenas a casca rugosa do exterior; e, à medida que a natureza e a voz divina se calavam, também o ouvido se tornava surdo e o olhar cego.

"Cada ato da natureza", diz Hamann, "era para os primeiros homens uma palavra, o sinal, o emblema e a promessa de uma nova, secreta, inexprimível, mas ao mesmo tempo mais íntima união e comunhão com a energia e ideia divinas. Com esta palavra presente na boca e no coração, a linguagem era tão natural e fácil como a própria vida. Deus, portanto, instruiu o homem na sua fala — a única língua original."

Embora não nos caiba aqui entrar na questão religiosa da Queda, dificilmente alguém poderá negar que, no estado primordial, o homem se encontrava em ligação direta com a natureza, que, até certo ponto, pode ser comparada à ligação em que a alma agora está com o corpo; ninguém poderá duvidar de que a terra era então animada por uma vida muito mais enérgica do que agora, e de que o homem estava em comunhão muito mais estreita com ela do que hoje; de que era simples, e menos separado em corpo e espírito, e possuía uma mente mais abrangente e refletida do que o atual intelecto, sempre em busca, mas em toda a parte limitado e falível: é daí que devemos retirar as conclusões acima, e é também por isso que podemos considerar as antigas mitologias sob uma verdadeira luz; e talvez não seja fora de propósito fazer algumas observações adicionais sobre os sistemas de magia, e o seu carácter misterioso poderá assim ser mais facilmente explicado.

Se, originalmente, a humanidade estava mais próxima da natureza e da Divindade, a linguagem devia necessariamente ser mais simples e expressiva; devia haver "uma só língua" entre raças que viviam juntas sob as mesmas influências.

Com o tempo e o aumento das necessidades, criaram-se divisões; os homens dispersaram-se mentalmente e localmente, e tornaram-se estranhos uns aos outros nas suas habitações e empreendimentos; e aqueles que se sentiam espiritualmente atraídos associaram-se, por essa mesma razão, de modo mais íntimo. Era, portanto, provável que os homens fossem impelidos pelos seus instintos naturais a tomar posse dos países mais adaptados às suas naturezas e inclinações.

É notável que, segundo a história, houve três direções principais nas quais os descendentes de Noé se dispersaram, e em perfeita concordância com os caracteres e inclinações dos seus três filhos. Os descendentes de Sem permaneceram na Ásia; os de Jafé espalharam-se pelo norte e pelo ocidente; e, para o sul, os filhos de Cam. À medida que a comunidade de interesses se dispersava, também a língua se dispersava, bem como a adaptação mental para a religião. Embora Noé tivesse possuído a fé original em grande medida, os seus filhos já tinham menor capacidade de a receber; e quanto não se dispersariam e transformariam esses sentimentos divinos à medida que os seus descendentes se fossem modificando pelas várias influências da terra.

Os descendentes de Sem permaneceram nos seus lugares escolhidos na Ásia, os seus costumes e formas de governo mudaram menos, e, por conseguinte, mais da sabedoria dos seus antepassados foi retida por eles do que pelos filhos de Jafé, espalhados pelo mundo, ou pelos de Cam, que foram seguidos até aos dias de hoje pela maldição de Noé, de que "seriam servos dos servos de seus irmãos". Naquelas palavras usadas por Noé: *"Bendito seja o Senhor, Deus de Sem, e Canaã será seu servo; Deus alargará Jafé, e ele habitará nas tendas de Sem, e Canaã será seu servo"* encontra-se todo o curso da futura história da raça humana.

"A forma de Sem", diz Jacob Böhme, "foi transmitida a Abraão e a Israel, quando a palavra da aliança foi revelada. A forma de Jafé foi perpetuada pela sabedoria da natureza, e dela descenderam os gentios. Como os descendentes de Sem contemplaram a luz da aliança, os descendentes de Jafé, portanto, habitaram nas tendas de Sem, assim como a luz da natureza está contida nas leis da graça. A

descendência de Cam tornou-se homem animal, sobre o qual caiu a maldição, e de quem surgiram os sodomitas e outras nações perfeitamente animais, que não respeitavam nem a luz da natureza nem a luz da graça na aliança."

Estas palavras notáveis são proféticas do verdadeiro curso da história. Os filhos de Sem retiveram a palavra do Espírito nas suas mentes e linguagem de forma mais perfeita do que os outros, e os mistérios então fundados em toda a Ásia conservaram o seu poder e vitalidade durante milhares de anos. Mas, quando estes gradualmente perderam a sua pureza primitiva, pela falta de comunicação mútua e estímulo, e pela crescente adesão ao elemento terreno das habitações imutáveis; quando a verdadeira perceção da glória e majestade de Deus foi-se gradualmente apagando e transmutando no espírito pagão da adoração dos astros, foi então que Deus escolheu a raça de Abraão de entre este povo, que estava destinado a preservar e transmitir o verdadeiro conhecimento e amor de Deus a todos os tempos e povos, através dos seus filhos, que se multiplicariam como as areias do mar.

*"Na tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porque obedeceste à minha voz"*, disse o Senhor, que o resgatara da influência opressiva das práticas pagãs para o tornar, por meio de contínuas peregrinações, um estrangeiro na terra, a qual não lhe ofereceria outro repouso senão a sepultura.

Na nação escolhida através de Abraão, a verdadeira unidade da religião, da fé e do verdadeiro culto foi transmitida e conservada, em meio à incredulidade circundante das outras nações pagãs. A verdadeira revelação de uma reconciliação com Deus, e a recuperação do poder original de representar o Todo-Poderoso — primeiro em leis e mistérios, e por fim por comunicação direta dos lábios ao coração — realizou-se por esta eleição da descendência de Sem através de Abraão, dos filhos de Jacob, dos profetas; e, por fim, no esplendor da palavra viva, através de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Se as raças semíticas já haviam perdido a comunhão interior com a natureza e a recetividade a todas as impressões espirituais mais elevadas, quanto mais não teria sido esse o caso entre os descendentes de Jafé. De acordo com os seus sentimentos naturalmente impulsivos e o seu carácter instável, fizeram sempre, durante a sua expansão sobre a terra, da natureza e das suas aparências, mais do que do Espírito Divino, o objeto dos seus

esforços; o seu instinto explorava todos os recantos e vales escondidos dos muitos países para além dos rios e montanhas; mas tinham perdido a lembrança do Todo-Poderoso, ou, no máximo, conservavam apenas um pálido reflexo do poder divino que, como a sua mente, estava profundamente imbuído do material; pois a luz divina já não conseguia refletir-se na superfície obscurecida e confusa do seu ser interior.

Contudo, estes filhos de Jafé não se afundaram todos na escuridão de um mundo de matéria perfeitamente sem espírito; alguns deles, como os gregos e os germanos, levaram consigo a ideia de Deus, e o pressentimento de uma ligação com um mundo mais elevado e espiritual do que esta terra — mas que não podiam descobrir com os sentidos exteriores, por mais agudos e educados que fossem.

Os gregos consideravam a Divindade sob uma multiplicidade de formas, mas em figuras altamente ideais; e os seus sábios, como Sócrates e Platão, tiveram muitas vezes conceções muito justas do Ser Divino. Entre as tribos germânicas, a ideia de uma divindade toda-poderosa, até monoteísta, nunca se perdera inteiramente, ainda que possivelmente encarada com menos acuidade, mas sentida com maior reverência e força do que em qualquer outro povo.

No que diz respeito em particular aos poderes mágicos, os povos jafetitas distinguiram-se pelo seu uso aberto, transformando, por assim dizer, o próprio mundo real num mundo mágico — ideia da qual o esclarecido espírito jafetita ainda hoje mal se libertou.

Os filhos de Cam, por fim, que herdaram o espírito impuro do pai e, separando-se dos irmãos, se fixaram numa parte da terra onde degeneraram sob a influência funesta do clima, são aquelas nações selvagens que caíram no mais abjeto fetichismo e na forma mais baixa de culto. Essa densidade mental, natureza bravia e total indiferença para com a religião não podem encontrar-se em parte alguma tão completamente como entre as raças negras africanas, e entre os povos rudes que, supõe-se, delas derivaram para os continentes da América do Sul e da Austrália.

Numa obra intitulada *Deus e a sua Revelação na Natureza e na História*, de Julius Hamberger, mas que, pelos seus méritos, é demasiado pouco conhecida, diz-se: "O rosto do Senhor estava-lhes oculto; mesmo a maioria das nações de origem semítica carecia de perceção do poder e dos atributos divinos: e esta falta deve, sem dúvida, ser considerada como a verdadeira noite do Paganismo. A

divindade da natureza foi a origem e o fim da sua mitologia, com uma ocasional referência a um destino sombrio e cego — uma necessidade incorruptível e triste, do poder da qual nem mesmo os deuses podiam sempre escapar. Por mais ricas e magníficas que fossem as suas mitologias, as religiões pagãs eram ainda terrenas, e podem bem ser comparadas às águas da criação, cujas partículas luminosas e espirituais se diz terem subido para formar o céu, enquanto as mais grosseiras e fecundas desceram para formar a terra.

O carácter dessas religiões devia, portanto, ser uma falta de vitalidade. Pois assim como os pagãos gozavam da crença na presença imediata de uma mitologia povoada, assim o povo escolhido de Deus mantinha firmemente a expectativa de uma futura revelação do Senhor, na unidade espiritual e unicidade da Sua natureza: nisto constituíam um contraste marcante, como representantes da verdadeira humanidade interior, em face das nações vizinhas e incrédulas."

"Embora as nações se fossem afastando gradualmente do conhecimento da sua ligação com a natureza e com o Todo-Poderoso, até que, por fim, o verdadeiro objetivo quase se perdeu de vista, esta separação das várias nações, este desvio do caminho, não estava destinado a ser duradouro. Nenhum povo da terra provavelmente jamais se esqueceu inteiramente de Deus; e tão firmemente como o sentimento religioso está enraizado na humanidade, assim também certamente se podem descobrir vestígios de uma recordação de antigas relações espirituais mais elevadas, ainda que apenas como sonhos fugidios ou visões intangíveis.

Nem estas nações dispersas permaneceram sempre tão separadas ou totalmente isoladas que não pudessem influenciar-se mutuamente, sendo esta influência sempre espiritual. Assim como na religião, também as nações se separaram na linguagem: mas de modo gradual; aquilo que uma vez é conhecido não pode ser tão facilmente esquecido, mesmo quando o poder e a vitalidade diminuíram; pois assim como as forças naturais se influenciam à distância, assim também o espírito influencia o espírito de modo muito mais direto.

Assim como as forças naturais eram ao menos guiadas pelo instinto, embora não tão poderosamente como no princípio, assim também o homem, como a última e mais perfeita criação, nunca foi tão abandonado pelo seu Criador a ponto de se romperem todos os laços

entre a humanidade e Deus. Embora, por assim dizer, o homem fosse incapaz de perceber o Todo-Poderoso das profundezas de miséria em que caíra, ainda assim Deus, na plenitude do Seu amor, desceu até ele, e deu-lhe o auxílio de um pai, para o elevar às regiões etéreas por meio de conselhos enviados através dos Profetas. Encontramos, portanto, entre todas as nações, tradições, recordações e conceções que apontam para a mesma origem, e em muitos aspetos de uma semelhança impressionante; e há muito poucas em que das tradições não se possam tirar as mesmas conclusões.

Onde quer que a separação ameaçasse ser destrutiva, ali a mão divina guiou o povo em queda. Devemos, portanto, considerar todas as migrações nacionais como resultando de causas superiores, e compreender que, como as tempestades, limpam a atmosfera e preparam o terreno para uma nova fertilidade, onde as antigas nações já não eram animadas por uma vitalidade ativa: despertam germes adormecidos e reúnem ramos separados.

Vistos sob outra perspetiva, os ensinamentos divinos da virtude e a verdadeira orientação espiritual do homem devem a sua preservação, contra influências hostis, ao seu resguardo entre os judeus, pelos quais, rodeados de mistérios, foram transmitidos puros até ao tempo em que o que estava oculto foi colocado à plena luz do dia, para que todo o mundo percebesse e compreendesse que Deus é o Pai de todos os homens, e que todos devem ser reunidos sob Nosso Senhor Jesus Cristo.

Isto fora já longamente predito no início do mundo: *"A luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam."* E o começo desta grande obra já certamente se iniciou; pois assim como os homens, entregues à natureza e à sua própria insensatez, não degeneraram de imediato na mais completa desmoralização, também a luz recém-acesa apenas poderia iluminar gradualmente as trevas pagãs, e restituí-las à primitiva elevação, a partir da qual seriam capazes de perceber o verdadeiro Deus e de O adorar em humildade e amor."

Sobre este assunto, Hamberger observa, depois de explicar que Cam (o impulsivo) representa o fratricida Caim — Sem (a palavra genérica para homem), cujos descendentes foram sacerdotes, representa o piedoso Abel — e Jafé (o expansivo), que também foi amado por Deus, mas tinha maior inclinação para o exterior e o mundano, assume o lugar de Set: "Não se pode, no entanto, negar que, longe de venerarem a mera natureza, os pagãos tinham em vista uma ideia

divina. Não eram, portanto, as pedras ou os elementos que adoravam, mas antes o espírito com o qual, por assim dizer, estavam em ligação através da natureza material; e assim, embora se aproximassem da verdade, nunca puderam contemplar os atributos reais e não obscurecidos do Todo-Poderoso. Os jafetitas não conseguiram conservar a ideia abstrata de Deus; e, estando em grande medida absorvidos pelo mundo e pelas suas ocupações, viam nas obras visíveis de Deus a ideia divina. Os semitas foram os portadores do conhecimento da unidade de Deus, tal como se conserva na profunda religião do Antigo Testamento."

Os filhos de Cam recuaram muito e afundaram-se abaixo do horizonte histórico, ao afastarem-se de Deus e se rebaixarem pela mais bárbara adoração da natureza — ou antes, pelo fetichismo insensato e estúpido. Algumas nações, porém, de origem camita — como, por exemplo, os egípcios, que, pela vizinhança com as raças semíticas, estavam inclinados e, portanto, capazes de uma cultura mais elevada — não só foram preservadas de cair mais profundamente numa natureza selvagem, mas chegaram efetivamente a um alto grau de civilização e de conhecimento de Deus — ou melhor, de uma perceção da natureza divina e das suas múltiplas forças e manifestações. Se negarmos que as mitologias dos antigos contêm algo mais do que partes materiais, teremos também de as despojar de todo o sentimento religioso. Mas é isso que fazemos quando sustentamos que eles apenas adoravam objetos naturais — como os astros ou os elementos.

As nações da Antiguidade, contudo, como a história demonstra, possuíam um espírito tão esclarecido e penetrante que uma religião inteiramente devotada aos sentidos não poderia de forma alguma ter obtido crédito entre elas, muito menos ter-se mantido durante milhares de anos. Mesmo entre os filhos de Israel, alguns homens, altamente estimados pela sua sabedoria — como no caso de Salomão —, se inclinaram para o paganismo, o que não poderia ter acontecido se a religião pagã carecesse de todo e qualquer fundamento de verdade.

Com quanta seriedade os pagãos se dedicaram aos seus deuses, fundaram os mais magníficos templos e até escavaram montanhas inteiras para lhes prestar homenagem! Ainda hoje, um espírito elevado muito acima de tudo o que é meramente terreno fala-nos dos restos da mitologia grega. Que os Estados não podem existir sem uma convicção religiosa, a história mostra-nos de forma demasiado

clara; e, contudo, dizem-nos que todos os credos pagãos não passavam de fantasmas vazios. Até os escritos mosaicos admitem uma certa realidade para os deuses dos gentios: por exemplo, Êxodo 15, 11.

A ânsia de conhecimento, segundo Fr. von Schlegel, é o início e a raiz de todo o conhecimento superior e de todas as aspirações divinas; a paciência na busca, na fé e na batalha da vida é o caminho a meio; o fim, porém, nunca é mais para nós, cá em baixo, do que a meta esperada. As épocas necessárias de preparação e de progresso gradual não podem ser ultrapassadas nem postas de lado neste, que é o mais nobre esforço da humanidade. As nações auxiliaram-se e influenciaram-se mutuamente na fixação e manutenção da sua consciência religiosa, mesmo depois da sua dispersão; e foi, sem dúvida, através dos semitas — que, pela sua constituição, eram capazes de receber um grau mais elevado de graça divina — que os jafetitas foram sustentados e preservados de se extraviarem.

Pelos esforços dessas nações formou-se um culto divino e um certo sistema religioso, através do qual não só a ligação entre os seus deuses havia de ser sustentada, mas ainda relações mais íntimas haviam de ser produzidas. O pagão piedoso não se contentava com um mero reconhecimento ocioso dos seus deuses, ou com um escape para a sua fantasia, mas estava antes profundamente imbuído do desejo de se aproximar ainda mais deles e, por assim dizer, de se incorporar neles. Foi por essa razão que tanto poder e atividade residiam nos meios de que os pagãos se serviam para esse fim.

O Todo-Poderoso não abandona os seus filhos, ainda que estes procurem aproximar-se d'Ele por caminhos indiretos, mas manifesta-Se a eles por qualquer via pela qual O busquem ou invoquem. Os pagãos não eram capazes de um convívio espiritual com o Todo-Poderoso. Deus, portanto, comunicava com eles através dos oráculos, dos seus ritos religiosos, das orações e das oferendas, que não eram meramente produzidos ao acaso, mas eram resultados de leis mais elevadas e vitais. Por este meio, e particularmente através dos mistérios nos quais, por assim dizer, os deuses eram despojados de tudo exceto do espírito mais puro, espalhou-se uma influência rica e poderosa sobre os países pagãos, e dela brotaram segurança, respeito pelos governantes e pelas leis e, de facto, as mais nobres virtudes e capacidades do espírito humano.

Os descendentes de Abraão, como é bem sabido, foram conduzidos pela mão de Deus ao Egipto pagão, onde cresceram até se tornarem um grande povo. Pela pressão da servidão, havia a temer uma apostasia em relação ao Deus de seus pais, que em vários casos de facto ocorreu. Contudo, a sua fé devia receber uma forma definida para as eras futuras e desdobrar-se de modo rico e glorioso. Para este fim, Deus suscitou em Moisés um grande preservador e guia de Israel, e dotou-o de poderes maravilhosos e de profunda sabedoria.

As leis da natureza estavam, portanto, sujeitas a ele; e os milagres que o Senhor realizou por meio dele deviam ter sido gloriosos e imensos, em comparação com os dos pagãos, pois Deus determinou revelar-Se não segundo a Sua majestade exterior, mas segundo a Sua majestade interior.

Esses milagres serviram para libertar Israel da escravidão; mas a oposição a essas leis, reveladas de forma tão tremenda no Sinai, foi uma prova de uma pecaminosidade profundamente enraizada; e os filhos de Israel foram condenados a uma peregrinação de quarenta anos pelo Deserto, antes de poderem contemplar a Terra Prometida.

As leis serviram de início para os elevar a um grau mais alto de cultura; e depois, por meio de sacrifícios e festivais, para os preparar para o Salvador, para o qual a gloriosa linhagem de Profetas apontava cada vez mais clara e distintamente: até que, por fim, Cristo apareceu entre os homens para revelar as glórias mais ocultas de Deus e reconciliar o Todo-Poderoso com a humanidade, numa época em que, notoriamente, todas as nações estavam mergulhadas na noite mais profunda, sob a sombra da morte, e na maior necessidade da graça de Deus.

O Senhor ergueu-Se sobre eles como a luz do mundo, como o sol da vida, e com os Seus discípulos iluminou todo o globo. Por Cristo, o mais santo e majestoso segredo do Seu amor eterno foi plenamente revelado, e o homem foi assim capacitado a aproximar-se da Sua glória; enquanto o véu que até então separara judeus e gentios foi agora levantado. Aquilo que, até esse momento, fora considerado de ambos os lados como conhecimento secreto, foi agora tornado universalmente conhecido; e a doutrina da tríplice existência de Deus, e os Seus ensinamentos santos, deviam ser pregados a todo o mundo.

Assim como a vinda de Cristo produziu uma reconciliação entre a humanidade pecadora e Deus, e, ao mesmo tempo, uma reunião das

nações que vagueavam cegamente em diferentes direções; assim foi necessário que o homem recuperasse a sua ligação original com Deus e com a natureza, entre os quais, por assim dizer, ele próprio formava o mediador, e fosse colocado num grau muito elevado de perfeição mental. Pois o homem possui uma suscetibilidade tanto para o divino como para o natural, e também uma atividade interior espiritual, bem como uma atividade orgânica exterior. "O homem", diz Molitor, "está destinado a ligar as coisas criadas com Deus, e Deus com as coisas criadas, através do laço universal do amor.

Interiormente deve receber a influência transbordante do amor e da graça divinas; e a sua atividade exterior deve ser dirigida a espalhar a influência divina por todas as esferas da criação, a despertar os seres inteligentes para um amor eterno e a transmitir magicamente uma harmonia eterna ao mundo material."

Em que medida esta reunião por Cristo foi realizada, ou poderá vir a sê-lo segundo as circunstâncias e condições das eras futuras, não pertence ao âmbito desta obra.

Se o primeiro homem perdeu a sua perfeita harmonia com Deus e com a natureza, e, ao mesmo tempo, também perdeu o seu governo ativo sobre ambos, então estes deviam ter sido restaurados após a restauração por Cristo. Ele teria então de novo comunicação com Deus, e as influências da natureza produziriam nele uma aversão a receber quaisquer impressões que pudessem contrariar o poder divino do seu espírito.

Foi assim que, por meio de Cristo, a verdadeira visão penetrante e o poder original sobre a natureza foram restaurados; pois, assim como Deus, na criação, dotou o primeiro homem de domínio sobre todas as outras criaturas — sobre os peixes do mar, e as aves do céu, e todos os animais sobre a terra —, e como Adão pôde dar a cada coisa o seu nome próprio, assim também o segundo homem, o Filho de Deus, trouxe de volta o poder sobre a natureza e o transmitiu, juntamente com o conhecimento de todas as línguas, aos Seus discípulos.

O Espírito Santo irradiando do nosso Salvador ilumina todos os que renascem por Jesus Cristo; e, como, na primeira apostasia em Babel, a confusão das línguas se tornou universal, assim a unidade de coração e de mente dos discípulos, reunidos em obediência, restaurou a unidade da linguagem em Jerusalém; e a eles foi dado o poder de reconduzir os homens do pecado e das más obras, de curar

enfermidades, cegueira e todas as doenças, de realizar milagres e de conduzir a humanidade ao verdadeiro Deus.

Se, contudo, a verdadeira unidade da linguagem consiste nisto, que o coração e a alma devem agir em conformidade com a vontade de Deus e, abertos às Suas influências, apreender de imediato o seu sentido; e que, pela palavra e pela ação, ela é então proclamada para a glória do Todo-Poderoso; então deve ser que a verdadeira visão mágica e a direção adequada da vontade estão restauradas, e assim poderemos esperar curar os doentes pela imposição das mãos e pela oração.

Os significados dos sonhos devem ser avaliados segundo a sua natureza interior. Pelas observações precedentes poderemos julgar se os sonhos são sempre fantasmas, e quanto de verdade ou consistência podem conter os seus símbolos e alegorias. Embora a maioria dos sonhos do sono natural sejam apenas produzidos pela atividade dos sentidos interiores, nem todos o são; e são poucas as pessoas que não tenham tido ocasionalmente sonhos significativos que se referiam a elas próprias — isto é, se estivessem inclinadas a observar tais coisas.

Se o sangue e o espírito do adormecido não estivessem agitados por influências estranhas e perturbadoras, se fossem conhecidas as impressões exteriores que produzem os sonhos, se a lembrança do sonho fosse sempre perfeitamente distinta, e se estivéssemos perfeitamente familiarizados com a linguagem dos sonhos, encontraríamos muitas vezes os nossos sonhos muito instrutivos.

Sonhos com formas mutáveis e uma confusão desconexa de ideias provêm, sem dúvida, de incómodos corporais e dos fluidos circulatórios, e são sempre destituídos de significado. Uma classe mais elevada é formada pelos sonhos alegóricos — imagens simples e facilmente compreendidas, de carácter mais duradouro. Nestes, futuros e distantes acontecimentos são muitas vezes indicados; cenas e incidentes são contemplados que, mais tarde, são efetivamente experienciados.

Os sonhos divinatórios pertencem a uma categoria ainda mais elevada e, tal como a clarividência magnética, não estão limitados nem pelo tempo nem pelo espaço, mas revelam o futuro, embora geralmente sem referência ao sonhador: aqui os símbolos são usados, quase sem exceção, para indicar os acontecimentos, e podem ser produzidos por influências superiores.

O significado dos sonhos foi em todas as épocas muito semelhante, como já mencionámos, e chegou a constituir o objeto de uma ciência particular. Desde Artemidoro, muitos escritores deram explicações sobre os sonhos, mas geralmente sem grande êxito, pois na maioria dos casos faltavam aos investigadores os materiais, e as próprias aparições oníricas eram extremamente complexas.

Afirmava-se, no entanto, que sonhar com grandes águas turbulentas indicava tristeza e perigo; espinhos, dificuldades; palavras significavam lágrimas; sonhar com a morte predizia chuva no dia seguinte; e com igrejas, doença. Os sonhos, porém, aparecem por vezes como irónicos, indicando exatamente os seus opostos; alegorias e símbolos são frequentes apenas para aqueles que sonham muito e observam os seus significados. Poderíamos citar inúmeros exemplos de sonhos de Cícero e de outros; mas contentar-nos-emos em mencionar um ou dois que ocorreram na presente era.

O Dr. X., amigo do Professor Sachs, de Erlangen, teve o seguinte sonho certa noite, após uma conversa sobre filosofia natural com o professor: — "Subi a uma montanha, no cume da qual se erguia um templo: ao entrar, percebi uma assembleia de maçons sentados numa sala pendurada de negro. Ouvi um magnífico e inspirador cântico fúnebre. À minha pergunta sobre a quem se destinavam aquelas cerimónias, responderam: ao irmão Sachs. Três meses mais tarde recebi a notícia da morte de Sachs, resultante de uma grave doença causada pela ascensão de uma montanha íngreme. Meio ano depois estive presente nas cerimónias realizadas em sua honra na Loja de N."

Visões alegóricas semelhantes são ocasionalmente descritas por clarividentes magnéticos e foram registadas a respeito dos Oráculos. Quando a cólera eclodiu em 1831 em Berlim, todo o Brandemburgo estava alarmado. K., um professor, disse: — "Vi em sonho que um monstro vinha do Oriente em direção a Brandemburgo; mas, ao aproximar-se, o monstro saltou para a direita e para a esquerda: Brandemburgo escapará." Assim sucedeu.

Muitos casos interessantes de sonhos e visões alegóricas são apresentados por H. Werner em *Anjos da Guarda* e *Símbolos da Linguagem*; onde se relatava quer o desenrolar de uma doença e o tratamento adequado a seguir, quer a indicação alegórica de acontecimentos futuros.

Oberlin (*Relatos de um Visionário sobre o Estado das Almas após a Morte*, 1837) narra alguns casos singulares de sonhos simbólicos que lhe ocorreram, observando que muitos sonhos se situam num nível mais profundo, e desenrolam-se num estágio mais íntimo, do que geralmente se imagina. Diz ele: "Se, no momento de acordar, não transferir cuidadosamente tal sonho, por assim dizer, para os sentidos exteriores, a sua lembrança perde-se para mim até que talvez algum estado futuro semelhante mo revele novamente.

Vi dois jovens que, por mera ambição, se esforçavam por passar pelo buraco de uma agulha. Estavam exaustos, a pingar de suor, e tão rubros no rosto que pareciam prestes a sofrer uma apoplexia. Foi-me dito: se estes arriscam a vida e tudo o que lhes pertence — esposa e filhos — para alcançar uma sombra vã, que não deverias tu fazer para conquistar a grande promessa?

Outra vez abriu-se para mim o interior de um templo, no qual entrei com temor e profunda veneração. Estava escuro em meu redor, mas percebia uma grandeza e majestosa simplicidade como nunca antes vira. Veio ao meu encontro alguém que parecia ser o sacristão e que me repreendeu severamente, mas com bondade, por ter entrado onde não me era permitido. O templo situava-se numa gloriosa ilha; e o lugar era chamado, na língua dos habitantes, por um nome semelhante a 'Corrente anterior', mas que se associava ao mesmo tempo à palavra 'Filadélfia'.

Ao sair, vi um berço contendo oito crianças bem formadas, mas muito pequenas. A mãe, que se sentava perto delas, era uma forma esguia e leve, e respondeu à minha pergunta, sobre se eram da mesma idade, que tinham nascido umas após as outras, mas que, para sua grande tristeza, nem a mais velha ainda conseguia andar. Compreendi então interiormente que isto se referia a mim. Esta é a consequência de ações precipitadas que nascem antes de amadurecerem.

Mostraram-me também vasos de flores contendo uma substância verde-escura, da consistência do melaço, mas de natureza perigosa e nociva, coberta com vidro fino. Foi-me dito que isto representava os homens de letras. Mais tarde foram-me mostradas fundações de edifícios tão instáveis que compreendi, a partir desta imagem, que as minhas obras tinham defeitos e vícios, mas que devia completá-las com virtudes, ou então o edifício desmoronar-se-ia. Certa vez sentiu-se-lhe revelado o seu grande destino: um templo erguia-se diante

dele, como sendo a sua vocação. Pouco depois viu um arquiteto famoso e hábil, que lhe mostrava uma obra há muito edificada com vigor e segurança; mas foi-lhe explicado que, para entrar na eternidade, as obras, como a pedra, exigem firmeza para que se tornem poéticas."

Sonhos tornam-se assim poéticos, e até chegam a excitar os órgãos da vontade — os músculos — à atividade. Há casos de pessoas que terminaram os mais belos poemas enquanto sonhavam; de outras que compuseram música, ou concluíram coisas que, em estado de vigília, haviam deixado inacabadas. Exemplos de previsão de acontecimentos futuros são tão frequentes e bem autenticados que se torna desnecessário citá-los aqui: tudo isto, considerado em conjunto, induz a crer que o espírito dos sonhos é idêntico ao do vidente, bem como ao do poeta e do profeta.

E porque não poderia o sonho ser tomado por uma inspiração mais elevada, em que o sopro divino nele plantado inflamasse o coração e iluminasse o semblante, de modo que, como David, erguesse hinos de louvor ao seu Criador, que lhe permite olhar para além dos limites do tempo e do espaço? Os sonhos dão também testemunho da linguagem universal e original que vê o arquétipo no seu símbolo e o compreende de imediato, enquanto o entendimento prosaico se ocupa de explicações laboriosas e conclusões. Deste modo, o sonhador poético, a Pítia e os Profetas têm origem e poderes semelhantes.

Não é raro que parentes, ou pessoas intimamente ligadas entre si, tenham sonhos semelhantes ao mesmo tempo; mas é muito particular quando uma inspiração poética funciona, por assim dizer, como o meio de ligação. Assim foi que um Cónego de Werda, no Reno, repetiu os versos em que Melanchthon anunciava a sua morte durante um sonho. Um amigo de Schubert, completamente ignorante da doença da irmã, levantou-se na noite da sua morte e, entre suspiros e lamentações, escreveu algo num papel. Na manhã seguinte encontrou, para seu espanto e consternação, o papel contendo um poema sobre a morte da irmã. (Werner.)

Por impressões produzidas nos sentidos exteriores, particularmente por sussurros ao ouvido, pode o adormecido ser forçado a sonhar e colocado, por assim dizer, em qualquer estado de espírito desejado.

Mas ainda mais notável é o poder de produzir sonhos em outros apenas pela ação da vontade. Agrippa de Nettesheim (*De Occulta*

*Philosophia*, liv. iii, p. 13, Lugd.) afirma "que, a grande distância, é possível, sem dúvida, influenciar espiritualmente outra pessoa, mesmo quando a sua posição e a distância são desconhecidas, embora o tempo não possa ser fixado dentro de vinte e quatro horas." Isto fora realizado pelo Abade Trithemius, e ele próprio também o fizera várias vezes — (*et ego id facere novi et saepius feci*). Em tempos mais recentes, Wesermann relata muitas experiências em Düsseldorf deste poder de enviar sonhos (*Kieser's Archiv für den thierischen Magnetismus*, vol. vi, p. 136).

Foi ainda observado que, na segunda visão escocesa, vários videntes tiveram, ao mesmo tempo, embora em locais distantes, as mesmas visões.

Como tais factos não podem ser postos em dúvida, e sendo bem conhecido que pensamentos e pressentimentos semelhantes ocorrem simultaneamente entre amigos, é impossível negar o facto de uma comunicação mental. Mas como tem ela lugar? Espíritos, como seres intermédios, estão fora de questão; seria uma estranha ocupação para eles, e não sabemos por que meios poderiam fazer as suas comunicações.

A transmissão da alma de uma pessoa do seu próprio corpo para o corpo de outra é absolutamente impossível, pois, durante a vida, a alma não pode deixar o corpo, nem pode duplicar-se; e, mesmo que assim fosse, não poderia agir exteriormente sobre a outra pessoa, mas apenas interior e espiritualmente. Essa influência mútua não pode, portanto, ser explicada senão por uma imediata excitação mental magnética; e, se isto é possível, outras impressões mentais são igualmente possíveis e racionais.

Não devem ser omitidos exemplos de sonhos das eras mais remotas. Os sonhos dos israelitas, tal como registados na Bíblia, serão tratados mais adiante. Mencionarei alguns de Cícero, que apresenta numerosos exemplos de sonhos da vida comum, bem como de filósofos. Particularmente notáveis são os de Simónides, aos quais os estoicos tantas vezes se referem.

Quando este Simónides encontrou o cadáver de uma pessoa desconhecida, este apareceu-lhe em sonho para o advertir a não embarcar num navio, como tencionava, pois este se perderia no mar. Simónides seguiu o aviso; mas todos os que estavam na embarcação pereceram durante a viagem. Outro sonho, ainda mais notável, foi o seguinte: quando dois arcádios viajavam juntos e chegaram a

Mégara, um hospedou-se numa estalagem, e o outro foi para casa de um amigo. À noite, quando o que estava em casa do amigo dormia, pareceu-lhe que o seu companheiro lhe aparecia, suplicando-lhe que se apressasse a socorrê-lo, pois o estalajadeiro estava prestes a assassiná-lo.

Alarmado com este sonho, saltou da cama, mas, recuperando a calma, voltou a deitar-se, considerando-o sem importância. Contudo, mal adormecera novamente, o seu companheiro reapareceu, pedindo-lhe que, já que não pudera ajudá-lo em vida, pelo menos vingasse o seu assassínio; dissera-lhe que fora morto pelo estalajadeiro, escondido numa carroça de estrume, e que seria levado pela porta da cidade na manhã seguinte. Este sonho impressionou-o de tal modo que, logo de madrugada, foi à porta da cidade e perguntou ao carroceiro o que levava no carro: mal o disse, o homem pôs-se em fuga; o cadáver foi descoberto, e o estalajadeiro punido.

O sonho de Alexandre, o Grande, também foi singularíssimo. Dormindo junto ao seu amigo Ptolemeu, mortalmente ferido, sonhou que um dragão pertencente à sua mãe lhe aparecia trazendo na boca uma raiz que salvaria a vida do amigo. Alexandre contou o sonho; a raiz foi descoberta, e Ptolemeu, juntamente com muitos outros soldados, recuperou graças ao seu uso.

A mulher de Júlio César, Calpúrnia, sonhou que o marido tombava ensanguentado sobre os seus joelhos; relatou-lhe o sonho e advertiu-o a não sair naquele dia: desatendendo às súplicas, foi ao fórum e foi apunhalado com vinte e três feridas. Existem até nações inteiras cujos sonhos são considerados sagrados. Pomponius Mela (*De situ orbis*, I, viii, 50) menciona um povo no centro de África que tinha o costume de dormir sobre as sepulturas dos seus antepassados e considerava os sonhos como inspirações diretas dos mortos.

Que verdades são reveladas ao homem no sono, e das quais, desperto, permanece ignorante, é tão confirmado pela história que poucos necessitam de muitos exemplos para se convencerem. Os sonhos foram descritos há muito por observadores perspicazes de modo tão impressionante que logo percebemos que souberam distinguir o verdadeiro do falso.

Entre os gregos, a dupla natureza dos sonhos era reconhecida, pois Homero faz a seguinte observação na *Odisseia*:

"Encerradas no silencioso aposento do sono,
Duas portas guardam firmes as várias fantasias;

Uma de marfim, por onde voam, para iludir o espírito,
As leves e fantásticas sombras da mentira;
A outra, com válvulas translúcidas, ornada de belas colunas,
Revestidas de polido corno, deixa passar a verdade."

Voss observou que Homero jogava aqui com um trocadilho: a palavra "marfim" era, em grego, semelhante à de "ilusão", e "corno" à de "realização". Havia também um sentido no próprio material: o corno é translúcido, o marfim opaco.

Hoje em dia, inúmeros exemplos de sonhos notáveis encontram-se registados em obras de psicologia, particularmente no *Magazin für Seelenkunde* de Moritz, e em *Símbolos dos Sonhos* de Schubert. Casos de sonhos que se aproximam da clarividência magnética são mencionados por Passavant. Para concluir, refira-se ainda um sonho, relatado por Santo Agostinho numa carta a Evádio (*Epistola* 159, ed. Antuérpia, I, 428):

"Contar-te-ei algo", escreve Santo Agostinho, "sobre o qual podes meditar. O nosso irmão Genádio, bem conhecido e amado por todos nós, um médico de grande renome, que agora vive em Cartago e anteriormente se distinguira em Roma, conhecido como homem piedoso e benfeitor dos pobres, contou-nos recentemente que, sendo jovem, apesar do seu amor pelos necessitados, duvidava da existência de uma vida após a morte.

Deus, porém, não quis abandonar a sua alma e, portanto, um jovem de rosto radiante e nobre apareceu-lhe em sonho e disse: 'Segue-me!' Seguindo-o, chegou a uma cidade onde, à direita, ouviu os sons da mais deliciosa harmonia. Ao perguntar o que era, o jovem respondeu que era o canto dos santos e dos justos. Acordou, e o sonho desvaneceu-se; mas refletiu sobre ele quanto pôde. Na noite seguinte, o mesmo jovem apareceu e perguntou se se lembrava dele. Genádio foi capaz de relatar o sonho e de descrever os cânticos e alegrias dos santos, sem hesitação.

O jovem perguntou-lhe então se vira aquilo em sonho ou acordado: 'Durante o sono', respondeu. 'Respondeste e recordaste bem', replicou o jovem; 'é verdade que o viste durante o sono, e fica sabendo que aquilo que agora contemplas também é visto durante o sono.' Perguntou-lhe então: 'Onde está o teu corpo?' 'No meu quarto', respondeu Genádio. Disse-lhe o jovem: 'Mas sabes que os olhos do corpo estão cerrados e inúteis?' — 'Sei', respondeu. — 'Que olhos são então estes com que vês no corpo?' Genádio calou-se, sem

saber o que responder. Enquanto hesitava, o jovem explicou-lhe aquilo que viera ensinar, continuando: 'Assim como os olhos do teu corpo estão agora inativos e inúteis, e no entanto estes olhos com que me vês e contemplas esta visão são verdadeiros, assim também, após a morte, quando os olhos do corpo forem inúteis, serás cheio de uma nova vida e sensibilidade. Portanto, não duvides mais de uma vida além da sepultura.' 'Deste modo', conclui o nosso amigo, 'toda a minha dúvida foi removida.' E quem o instruiu senão a providência e a misericórdia de Deus?"

## TERCEIRA DIVISÃO

## Adivinhação

Cícero escreveu uma obra sobre a adivinhação que contém um verdadeiro tesouro de tudo o que diz respeito à magia. Inicia-a de uma maneira que, para nós, hoje em dia, é altamente notável.

"Desde os tempos heroicos tem existido uma crença universalmente aceite entre todas as nações de que entre os homens se encontra o poder da adivinhação (*esse divinationem*), — isto é, um pressentimento, um conhecimento das coisas futuras. Certamente um dom glorioso, através do qual a natureza mortal se torna semelhante à dos deuses.

Não conheço nenhum povo, seja civilizado ou instruído, bárbaro ou ignorante, que não acredite na previsão de acontecimentos futuros, por parte de alguns indivíduos que compreendem e são capazes de prever o futuro. Não será, portanto, presunção tentar derrubar, através da calúnia, coisas firmemente estabelecidas e veneráveis pela sua antiguidade (*quae est igitur calliditas, res vetus tale robustas calumniando velle pervertere*)."

Cícero fala sobre este assunto de forma tão instrutiva e agradável, que o seguiremos nas suas próprias palavras um pouco mais adiante.

"A adivinhação é de duas naturezas: natural e artificial.
A artificial consiste em pressuposição, especulação e, em parte, em experiência; a natural é produzida pela alma que apreende algo divino, razão pela qual devemos conservar o coração puro (*haustos, libatesque animos habeamus*).

A adivinhação artificial é das seguintes espécies: em primeiro lugar, a partir das entranhas dos animais; depois, por conclusões retiradas

dos relâmpagos e das tempestades, do voo das aves, dos astros; por sortes, e por sinais e presságios portentosos.

Em todos estes casos devemos atender antes ao facto do que procurar a sua causa: devemos considerar os exemplos de todas as nações e, ainda que nem sempre possamos explicá-los, ao menos não devemos duvidar de factos que realmente aconteceram.
Se algumas coisas são falsas e outras verdadeiras, não devemos por isso considerar a adivinhação como ilusória, tal como não devemos declarar inúteis os nossos olhos porque nem sempre nos servem bem. Deus não deseja que compreendamos tudo isto, mas que dele façamos uso."

Alguns exemplos de previsões e sortes (*sortes*) são muito notáveis. Pouco antes da batalha de Leuctra, os Lacedemónios receberam um aviso significativo. No templo de Hércules, as armas chocaram entre si por conta própria, e a estátua do deus cobriu-se de suor. Ao mesmo tempo, segundo Calístenes, as trancas e os ferrolhos do templo de Hércules em Tebas abriram-se sozinhos, e as armas que pendiam nas paredes foram encontradas caídas no chão. Os adivinhos beócios anunciaram a vitória aos tebanos.

A derrota em Leuctra também foi predita aos Lacedemónios de várias formas: as estátuas de Lisandro, o mais nobre dos Lacedemónios, que estavam em Delfos, foram cobertas de plantas, e as estrelas de ouro que haviam sido colocadas sobre elas após a célebre vitória naval de Lisandro caíram pouco antes da batalha de Leuctra. Mas o sinal mais significativo ocorreu em Dodona, onde os Espartanos consultaram Júpiter acerca do combate iminente. O saco que continha as sortes foi colocado no chão, e um macaco, mantido para diversão pelo rei dos Molossos, espalhou-as ao vento. Os sacerdotes responderam de imediato que os Lacedemónios deviam preocupar-se antes com a sua salvação do que com a batalha.

Terramotos violentíssimos precederam a derrota de Flamínio, de tal forma que, na Gália e nas regiões vizinhas, cidades inteiras foram engolidas; a terra afundou-se em muitos lugares, e o mar impeliu os rios de volta para as suas nascentes. Quando o frígio Midas era ainda criança, as formigas levaram vários grãos de trigo para a sua boca enquanto dormia, do que se predisse que seria imensamente rico; e abelhas pousaram na boca de Platão, ainda no berço. A ama de Róscio viu-o, certa noite, envolto nas dobras de serpentes, e, assustada com a visão, chamou por socorro. O pai levou-o aos

adivinhos, que responderam que ninguém seria mais ilustre ou célebre do que aquele rapaz. Muitos presságios também apareceram aos romanos na véspera da batalha de Teutoburgo: os céus manifestaram de várias formas o seu desagrado. O templo de Marte, em Roma, foi atingido por um raio e ardeu; as estátuas da Vitória, que estavam voltadas para a Germânia, foram giradas por um terramoto de frente para a Itália; picos alpinos desmoronaram-se, e colunas de fogo irromperam de forma terrível.

Sinais semelhantes foram registados em tempos posteriores, sobretudo os ligados às sortes. Os antigos germanos, que depositavam grande confiança na adivinhação, tinham por hábito consultar estas sortes, e conservaram essa prática mesmo depois da conversão ao cristianismo. Consultavam o voo das aves, o cantar dos galos, as aves migratórias, o pio das corujas, o grasnar dos corvos, e, a partir dos elementos, tiravam presságios de fortuna e infortúnio, fogo, guerra e morte.

Na Alemanha, esta forma de adivinhação estava tão espalhada que foram criadas várias leis sobre o assunto. Na constituição de 1572 e nas ordenações públicas de 1661 da Saxónia Eleitoral, era prevista a pena capital, pela espada, para aqueles que ousassem prever o futuro pelas artes negras, ou que se atrevessem a conversar com o diabo através de cristais ou por qualquer outro meio, obtendo dele o conhecimento de coisas ocultas e vindouras.

Nenhum povo da Antiguidade acreditou de forma tão generalizada na verdade da adivinhação como os gregos, nem mesmo os judeus. Um povo tão esclarecido devia ter dedicado grande atenção a algo que não podia provir apenas de milagres. O talento poético caminhava de mãos dadas com eles; por isso, não só davam atenção às aparições em sonhos, mas também a presságios. Não apenas estavam familiarizados em larga medida com a adivinhação artificial, mas também julgavam perceber o futuro transmitido pelos deuses, que, conhecendo tudo o passado e o futuro, o comunicavam ao homem, quer sem serem solicitados, quer em resposta às suas preces, dando-lhe sinais pelos quais devia orientar-se (*σημεῖα*).

Os gregos tinham quatro tipos desses sinais: 1. aves; 2. vozes (*φήμαι*); 3. sinais simbólicos de circunstâncias (*σύμβολα*); e 4. presságios sacrificiais. Prever pelo voo e pelas vozes das aves era um dos modos mais antigos e universais de adivinhação entre os gregos, de tal forma que, muitas vezes, toda a ciência recebia daí o seu

nome. Como as aves, pela sua organização, são particularmente sensíveis às mudanças e influências atmosféricas; como a sua migração depende de fenómenos relacionados com a revolução do ano; e como habitam no elemento menos condicionado, sendo tão livres como ele, a ideia de que estavam mais expostas à influência direta dos deuses e menos sujeitas ao grosseiro materialismo da terra era muito natural. As aves eram, por sua natureza, quase proféticas.

Lassaulx observa: "As chamadas vozes divinas e malignas parecem estar relacionadas com a crença judaica no *Bath Kol* e baseiam-se em acontecimentos que de modo algum podem ser explicados ou compreendidos." Exemplos encontram-se em Heródoto (I, 100), Dionísio de Halicarnasso (X, 5), e Plutarco (*Vida de Sila*, p. 455). Zeus, de quem, como neste último caso, se supunha que provinham, era também venerado como *Panomphaios*. Entre os símbolos (*σύμβολα*) contavam-se todos os sinais proféticos que podiam surgir do encontro com vários animais, bem como todos os fenómenos extraordinários da natureza — trovões e relâmpagos, eclipses do sol e da lua, chuva de sangue e toda a malformação notável, na qual se acreditava que a natureza mostrava a sua profunda simpatia pelo destino humano. Pois a ideia de que entre o céu e a terra existe um laço de simpatia é uma das crenças mais antigas (cf. Apiano, I, c. ix, 4; Dión Cássio, XLVII, 40; *Excerpta ex Emp.* V, 3, p. 888).

A adivinhação, finalmente, pelas entranhas dos animais (*σπλάγχνα, ἱεροσκοπία, μαντεία τῶν σπλάγχνων*), que prevaleceu entre todos os povos pagãos da Antiguidade, teve origem no sacrifício de animais, oferecidos em substituição de vítimas humanas. (Cf. Lassaulx, *Sobre o Oráculo Pelásgico de Zeus em Dodona*, Würzburg, 1840, p. 2).

Ainda mais firmemente enraizada do que os métodos acima mencionados estava a crença na **adivinhação natural** através da excitação profética da alma, quando o tempo e o espaço não constituíam barreiras, segundo a ideia universalmente aceite. Os antigos acreditavam geralmente que a alma humana era de origem divina e, portanto, não sujeita às leis da natureza; acreditavam que estava apenas misturada com a matéria terrena por ter pecado no seu estado pré-terreno, perdendo assim grande parte do seu antigo poder de penetração (Platão, no *Fedro* e no *Fédon*; Cícero, *De divinitate*, 130). O homem, contudo, não perdeu totalmente o poder de vidência, pois, pela sua natureza, este é imperecível. "Assim como o sol," diz Plutarco, "não se torna radiante apenas quando rompe as

nuvens, mas é sempre radiante, embora obscurecido pelas névoas circundantes; assim também a alma não recebe o poder de olhar para o futuro apenas quando se liberta do corpo, como de uma nuvem, mas sempre possuiu esse poder, embora embaciado pela sua mistura com a parte mortal do corpo."

Como o poder da adivinhação é natural à alma e dela faz parte, ainda que latente nas circunstâncias comuns da vida, pode ser despertado por uma força superior ou tornar-se ativo quando as forças do corpo se encontram enfraquecidas. Isto acontece particularmente quando a alma tem menos em comum com o corpo e não é compelida a fixar-se no ser material das coisas. Tais *lucida intervalla* são mais frequentes no sono e nos sonhos. Xenofonte (*Ciropedia*, VIII, 7, 21) diz: "As almas dos homens parecem ser mais livres e divinas durante o sono, e nesse estado lançam olhares para o futuro." Joséfo também afirma (*Bell. Jud.* VII, 8, 7): "Durante o sono, a alma, de modo algum perturbada pelo corpo, goza do mais doce repouso, mantém conferência com Deus, a quem está ligada, e flutua entre as coisas passadas e as futuras."

A adivinhação espontânea que muitas vezes surge na aproximação da morte era conhecida desde os tempos mais antigos. Na Grécia, a crença no poder profético dos moribundos era tão universal que Sócrates a exprime na *Apologia* de Platão como um facto estabelecido. Cícero diz o mesmo, e voltaremos a referi-lo; assim também Arriano (*Exped. Alex.*, VII) e Areteu (*De causis et signis morborum acutorum*).

No entanto, em êxtase, seja espontâneo, seja proveniente de convulsões, a adivinhação sempre foi um fenómeno universalmente conhecido, dito ser produzido por influências divinas ou físicas, ou ainda por fontes e vapores inspiradores da terra. Plutarco classifica estes últimos (*Mor.*, p. 432 a) entre as várias espécies de mania, de *μαντικὸν πνεῦμα* (espírito profético). Platão menciona sobretudo o primeiro, no *Fedro*; e Plínio apresenta muitos exemplos notáveis de êxtase cataléptico (VII, 52, 174, pp.).

"À adivinhação natural," diz Cícero, "pertence aquilo que não ocorre por suposição, observação ou sinais conhecidos, mas que surge de um estado interior e da atividade da mente, em que os homens são habilitados, pelo avanço livre da alma, a predizer as coisas futuras. Isto acontece em sonhos, em casos de insanidade, em delírio (*per furorem vaticinantes*), e também em espíritos de grande pureza

constitucional. Desta espécie são os oráculos — não aqueles fundados em sinais augurais, mas os que nascem de uma fonte interior e divina. Se nos rimos das predições obtidas do sacrifício de animais como loucura, se ridicularizamos os babilónios e os caucasianos, que acreditam nos sinais celestes e observam o número e o curso dos astros — se, como já disse, condenamos tudo isto como superstição e insensatez, que, segundo eles, se baseia na experiência de cinquenta séculos e meio — então, nesse caso, devemos também chamar impostura à crença de todas as eras, queimar os nossos registos e dizer que tudo não passou de imaginação!

Mas será mentira a história da Grécia, quando Apolo previu o futuro através dos oráculos dos Lacedemónios, dos Coríntios? Deixo todo o resto como está; mas isto devo defender: que os deuses influenciam e cuidam de todos os assuntos humanos. O oráculo de Delfos nunca se teria tornado tão célebre, nem teria sido tão sobrecarregado de presentes de todos os reis e de todas as nações, se cada época não tivesse experimentado a veracidade das suas predições. E terá a sua fama desaparecido? O poder da terra, que movia a alma da Pítia com o seu sopro divino, pode ter-se extinguido com o tempo, como os rios que se secam ou mudam de curso; mas o facto existe e sempre existirá, a menos que derrubemos a própria história."

Que os homens frequentemente predisseram acontecimentos pouco antes da morte é uma das experiências mais antigas, e em nada difere dos outros exemplos já mencionados; as predições feitas por tais pessoas referem-se a pessoas e acontecimentos, muitas vezes com os mais minuciosos pormenores. Uma iluminação do rosto também ocorre, como nos videntes. Crianças de tenra idade anunciam o futuro àqueles que as rodeiam, tal como os velhos; e tanto pessoas que não eram consideradas doentes, poucos dias antes da morte, como aquelas que jazeram anos no leito da enfermidade.

Até indivíduos que durante muitos anos haviam sido insanos foram vistos a recuperar de repente a razão e a revelar o futuro pouco antes da dissolução. Exemplos disto encontram-se nos autores mais antigos — Hipócrates, Galeno, Avicena, Areteu, Cícero, Plutarco e muitos outros. A experiência mostra que os moribundos percebem coisas que não conseguem descrever; que ouvem as mais encantadoras harmonias; e que as forças da alma se elevam de tal forma que transbordam em palavras inspiradas e poéticas.

Alguns exemplos podem ser citados. Homero conhecia bem este fenómeno: o moribundo Heitor predisse a morte iminente de Aquiles. Quando Calano subia à pira ardente, e Alexandre lhe perguntou se necessitava de alguma coisa, ele respondeu: "Nada! depois de amanhã ver-te-ei;" o que os acontecimentos posteriores confirmaram. Posidónio menciona um rodesiano agonizante que nomeou seis pessoas, uma após a outra, na ordem em que haviam de morrer.

Plutarco tira a seguinte conclusão: "Não é provável que, na morte, a alma adquira novos poderes que antes não possuía, quando estava acorrentada ao corpo; é muito mais provável que esses poderes sempre tenham existido, embora obscurecidos e tolheitos pelo corpo; e que a alma só então possa exercê-los quando os laços corpóreos se soltam, e os membros enfraquecidos e os humores estagnados já não a oprimem." Areteu usa quase as mesmas palavras: "Enquanto a alma não é libertada, trabalha dentro do corpo, obscurecida por vapores e argila."

Exemplos modernos podem encontrar-se em Werner, *Symbolik der Sprache*; exemplos antigos estão reunidos em Sauvages, *Nosologia methodica*, t. IV; Quellmalz, *De divinationibus medicis*, Friburgo, 1723; Janites, *Dissertatio de somniis medicis*, Argentorato, 1720; e, particularmente, em M. Alberti, *Dissertatio de vaticiniis aegrotorum*, Halae, 1724.

O **sonambulismo**, ou andar a dormir, pertence aos sonhos e à adivinhação natural.

Por sonambulismo e andar a dormir entendemos aquele estado em que as pessoas, de noite e durante o sono, em ocasiões certas ou incertas, deixam a cama, vestem-se, por vezes falam, andam e fazem coisas que quase sempre diferem muito das suas ocupações diárias habituais. Estão, contudo, geralmente em perfeita saúde e livres de sintomas de febre. As suas ações são muitas vezes muito estranhas: o sonâmbulo anda, lê, escreve e realiza frequentemente os feitos mais difíceis e, em qualquer outro estado, muito perigosos; escala e sobe muros e telhados; senta-se na beira de lugares perigosos; atravessa os mais terríveis precipícios sobre cornijas de pedra, e é capaz de fazer coisas que, em estado natural, lhe seriam impossíveis.

Um camponês da minha terra tinha o hábito de se levantar à noite para fazer o trabalho que não conseguia realizar em vigília. Saía de

casa de olhos fechados e, depois de concluir a tarefa, regressava e deitava-se tranquilamente. Certa vez, pegou no machado e derrubou uma árvore que se erguia sobre um caudaloso e espumoso torrente, no fundo de um abismo medonho. Um boticário lia as suas receitas, à noite, pelas pontas dos dedos, e sempre as preparava melhor quando se encontrava em estado sonambúlico. Há muitos milhares de exemplos semelhantes.

Geralmente, os sentidos externos estão, por assim dizer, mortos; raramente os olhos dos sonâmbulos estão abertos, e mesmo então não veem com eles; não ouvem o que se passa ao redor, nem mesmo quando lhes falam, embora seja muito perigoso chamá-los pelo nome quando se encontram em lugares arriscados, pois podem despertar de repente e, no susto do momento, sofrer algum acidente.

Houve exemplos em que o sonambulismo também ocorreu durante o dia; mas tais casos estavam provavelmente ligados à doença e constituíam então uma espécie de delírio, do qual seria muito difícil retirá-los. As doenças com as quais o andar a dormir está relacionado são a catalepsia, a histeria, a melancolia, a epilepsia e a dança de São Vito. Foi também observado em febres inflamatórias e intermitentes, e particularmente na juventude.

O sonambulismo foi, desde os tempos mais remotos, objeto de muitas teorias e investigações. Os gregos chamavam-lhe *νυκτομαντεία*; os romanos, *noctambulatio* e *somnambulismus*. Forest designou-o por loucura noturna; Ettmüller, por sono desperto e vigília adormecida; Paracelso, por loucura dos sonhos; Junker, por imaginação perturbada à noite; A. von Haller, por excitação violenta de uma parte do cérebro enquanto as outras repousam; Weickart, por uma classe superior de sonhos, sujeitos à vontade, que procura libertar-se de alguma opressão; Brandis, por excitação de todo o cérebro; Hoffmann, por sonho semi-vigílico, em que o poder criador da alma atua exteriormente; Van Swieten, De Haen e outros, por um estado de transição entre sonho e vigília; finalmente, Helmont atribuiu-o à lua.

Nas seguintes obras encontra-se uma descrição completa de todos os fenómenos do sonambulismo:

Jacob Horstius, *De natura, differentiis et causis eorum qui dormientes ambulant*, etc., Leipzig, 1593. — G. G. Richter, *Dissert. de statu mixto somni et vigiliae quo dormientes multa vigilantium munera abeant*, Göttingen, 1756. — Gottfr. Fr. Meyer, *Versuch einer*

*Erklärung des Nachtwandelns*, Halle, 1758. — Schenkius, *Dissert. de ambulatione in somno*, Jena, 1671. — Pigatti, *Sonderbare Geschichte des Joh. Bapt. Negretti, eines Nachtwandlers, aus dem Italien*, Nuremberga, 1782. — De la Croix, *Observation concernant une fille cataleptique et somnambule en même temps* (*Hist. de l'Acad. Royale des Sc.* 1742). — Francesco Soave, *Di un nuovo e maraviglioso sonnambulo, relazione* (*Opuscoli scelti sulle scienze e sulle arti*, Milão, 1780, t. III, p. 204). — Tandler, *De noctisurgio*, Wittenberg, 1602. — Th. Zwinger, *Dissert. de somnambulis*. — E. Forster, *Insignium somnambulismi spontanei exemplorum narratio*, Kiel, 1820. — Schlozer, *Dissert. de somnambulismo*, Viena, 1816. — Bohn, *Casus aegri, noctambulationis morbo laborantis*, Leipzig, 1717. — Unzer, *Gedanken vom Schlaf und Träumen*, Halle, 1746. — Abbé Richard, *La théorie des songes*, Paris, 1767. — Muratori, *Über die Einbildungskraft*. — Moritz, *Magazin der Seelenkunde*.

À adivinhação natural pertence, por fim, a **segunda visão**; em gaélico chamada *Taishitaraugh*. Assim como no sonambulismo surge uma atividade interior durante o sono, também, na segunda visão, aparece um estado de sonho, estando acordado, ligado a uma acuidade aumentada dos sentidos.

Experimentam-se visões, sons, e até sensações de gosto e de odor: estes fenómenos são mais frequentemente observados nas Terras Altas da Escócia e nas ilhas ocidentais, especialmente em Skye; também nas costas e ilhas dinamarquesas. Encontra-se igualmente associada a outras manifestações sonambúlicas — por exemplo, entre os "convulsionários" das Cévennes, os feiticeiros da Lapónia, nas Maurícias e na costa africana. A segunda visão é por vezes hereditária.

Os fenómenos são os seguintes: no momento da visão, que ocorre de modo súbito e irregular, de dia ou de noite, o vidente torna-se imóvel e rígido, muitas vezes com os olhos abertos; não vê nem ouve nada do que se passa exteriormente ao seu redor, mas prediz coisas futuras e distantes; é como se uma porção de espaço e de tempo longínquos fosse colocada diante dele como um quadro perfeito e vivo: por exemplo, mortes, a chegada de pessoas que se encontram a centenas de milhas de distância, acontecimentos ocorridos noutros lugares, batalhas por terra ou mar. A linguagem usada na segunda visão é muitas vezes simbólica, e só a experiência pode decifrar o seu sentido. A visão é frequentemente absurda, como um sonho fantástico; como no caso em que o vidente se viu a si próprio, mas

de costas, reconhecendo-se apenas quando vestiu o casaco ao contrário.

O poder da segunda visão pode ser transferido para outra pessoa, através das mãos ou dos pés; em certos casos é mesmo contagioso, de modo que pessoas afastadas ocasionalmente veem a mesma visão. Até crianças pequenas possuem esse dom, o que se manifesta pelo seu choro quando um vidente comum vê um funeral; e sustentou-se que os animais possuem o mesmo dom, quer transferido, quer surgido naturalmente. Se o vidente se muda para outra parte do mundo, perde o poder, mas readquire-o quando regressa.

A segunda visão difere dos sonhos e do sonambulismo porque o vidente conserva a lembrança perfeita do que viu, e porque as próprias visões ocorrem em estado de vigília completa. Distingue-se também da visão vulgar de fantasmas, pois o vidente está de posse plena dos sentidos e não cai nas convulsões e rigidez que estas últimas produzem; e, por fim, nada tem em comum com as visões religiosas do século XVII, de Pordage, Brandeg, Jeanne Leade, etc., por não ter caráter religioso.

Ocasionalmente ouvem-se vozes — chamadas pelos escoceses *taish* — ou certos acontecimentos são anunciados pelo olfato, como, por exemplo, um jantar no futuro! Durante o último século afirmou-se que a segunda visão se tornara menos comum nas ilhas escocesas; mas, segundo Bendsen (*Kieser's Archiv*, vol. 8, p. 3), continua muito frequente na Dinamarca, onde se distingue por uma grande particularidade: prevê-se e descreve-se uma futura segunda visão, na qual as revelações hão de ser feitas.

A chamada "visão de cadáver", de que algumas pessoas são dotadas, pela qual predizem o falecimento de certas pessoas, e os "duplos", pertencem ambos a esta categoria, em que o vidente ou se percebe a si próprio, ou vêem-se juntas diferentes pessoas, quando os originais estão longe. O ato de ver o próprio "duplo" é falsamente considerado pelo povo como anúncio de morte iminente.

As seguintes particularidades pertencem à segunda visão: o vidente é involuntariamente acometido pela "visão", e as imagens e a linguagem simbólica são, em todos os casos, muito semelhantes. Se a visão ocorre de manhã, será cumprida dentro de poucas horas; se ao meio-dia, no mesmo dia; se à noite, provavelmente durante a noite; e, se já tiverem sido acesas velas, ainda que cumprida à noite,

poderá não se realizar senão passados meses ou anos, conforme a hora da noite em que a visão foi vista. As explicações são dadas da seguinte forma, por Werner: mortalhas enroladas em torno de uma pessoa predizem a morte; se cobrirem apenas metade do corpo, não antes de seis meses; mas, se cobrirem mais, a morte seguirá em poucas horas.

Um crânio colocado sobre o peito de um homem prediz uma doença perigosa; ossos cruzados debaixo da cabeça, uma doença mortal. Se uma mulher estiver à esquerda de um homem, tornar-se-á sua esposa; se forem vistas muitas, a mais próxima é a destinada. Uma faísca de fogo vista no braço de alguém anuncia a morte de seu filho. É impossível impedir a realização da segunda visão, quaisquer que sejam as precauções tomadas; nunca houve sucesso em evitá-la, e parece que, nestas visões, todos os fatores estão tacitamente considerados; vê-se apenas o facto tal como será, não como poderia ser.

Werner apresenta exemplos bem autenticados de segunda visão, que surgiram de forma espasmódica e também em estado sonambúlico magnético. Os seguintes são exemplos:

Dorothea Schmidt, de Goz, perto de Brandemburgo, sofria, aos dezoito anos, de ataques histéricos, nos quais a segunda visão se manifestou gradualmente, até alcançar tal perfeição que, até aos vinte e sete anos, predisse quase todas as mortes que ocorriam em Goz. A visão dava-se geralmente à noite, entre as onze e as doze. Acordava em grande terror, sentia sempre o impulso de sair para o ar livre, onde via o funeral, após o que se sentia aliviada e regressava à cama. (Neste caso, evidentemente, uma sonâmbula clarividente.)

De início, via, da casa onde vivia, a morada de onde procedia o funeral; mas mais tarde, quando se mudou para a extremidade oposta da aldeia e só conseguia ver a igreja e o cemitério, já não conseguia indicar de que família seria a morte, embora soubesse o sexo da pessoa e se era criança ou adulto. Se fosse criança, uma figura de homem levava um pequeno caixão brilhante debaixo do braço.

Antes de compreender a natureza destas aparições, tentara verificar se o cortejo era formado por pessoas vivas, procurando cruzar-se com ele; mas, quanto mais se aproximava, mais a dominava um terror irresistível, e uma força interior obrigava-a a desviar-se, embora, se outra pessoa estivesse no caminho do cortejo, este

invariavelmente lhe cedesse passagem. Assim viu que este evitava cuidadosamente o guarda-noturno quando dele se aproximava. Certa vez viu, num funeral, um homem que estava ao seu lado. Apenas vê este género de visões, ainda que digam respeito a todos os habitantes da aldeia, bem como aos seus próprios parentes.

Em 1837 ainda vivia, com plena posse das suas faculdades e saúde. Entre outras circunstâncias notáveis, viu o caixão de um suicida sem o brilho habitual; quando o seu segundo filho morreu, resistiu ao terrível impulso de sair, por não querer assistir ao funeral do filho, cuja morte já havia previsto. No dia seguinte disse que a cabeça do menino estava rodeada de uma auréola, que aumentou durante as duas horas que precederam a morte.

Muitos anos atrás, Bagghesen, um pastor de Lindholme, em Funen, possuía o dom da segunda visão. Muito cedo, durante várias manhãs seguidas, viu um homem, de costas e portanto irreconhecível, cair num charco profundo junto à sua casa. Poucos dias depois, ao sair de madrugada para o trabalho, escorregou na margem e morreu afogado.

Na paróquia de Biesum, em Eunen, vivia um célebre vidente, Wilmsen. Uma vez viu, perto de Nordriesum, um grande cortejo fúnebre, no qual lhe pareceu que o caixão se separava em duas partes, cada metade transportada por quatro carregadores. Não conseguiu explicar isto, mas pouco tempo depois duas pessoas foram sepultadas ao mesmo tempo, e justamente nesse lugar os dois caixões desviaram-se para as bermas da estrada por causa de uma grande poça. (*Kieser, Archiv*, vol. 8, p. 3.)

Paul Bredersen, em Bramstadt, viu um funeral no qual se percebia a si próprio sentado, com o vizinho Christian, numa carruagem puxada por dois cavalos brancos. Disto esperava a morte da mãe de Christian; mas não conseguia compreender os cavalos brancos, pois não havia nenhum dessa cor na aldeia. Três semanas depois, a velha faleceu, e os cavalos baios do vizinho foram atrelados à carruagem. O cortejo já seguia caminho quando um dos cavalos caiu e não pôde continuar. À pressa enviou-se um mensageiro à aldeia mais próxima, onde, por acaso, os únicos cavalos disponíveis eram brancos.

Em 1821 havia em Niebüll um vidente que tivera muitas visões singulares. Era vidraceiro e, certa vez, estava ocupado a colocar vidros novos na casa de um tal Welfen. No quarto onde trabalhava viu a filha de Welfen, uma rapariga de dezoito anos, deitada num

esquife; e, ao regressar a casa, encontrou o seu funeral. O pai ouviu falar disto, mas não acreditou, chegando a apostar que a previsão se revelaria falsa. O vidente acrescentou então que seguiria certo número de carruagens e que sopraria um vento forte, pois, ao levarem o caixão, uma porção de aparas de madeira seria dispersa. Disse ainda que o caixão seria descido de modo tão irregular que teriam de o puxar de novo. Pouco tempo depois tudo se cumpriu exatamente como ele previra.

Uma senhora Brand possuía segunda visão, mas apenas quando morria um prebendeiro do mosteiro de Berna, ocasião em que via sempre um cortejo a dirigir-se para a igreja.

Um cavaleiro hanoveriano passeava nos jardins reais quando viu um funeral a sair do castelo; ao mesmo tempo ouviu repicar todos os sinos. Muito surpreendido, dirigiu-se de imediato ao castelo e perguntou quem estava a ser sepultado: todos riram dele. Seis dias depois chegou a notícia de que o rei Jorge, da casa de Hanôver, havia falecido nesse mesmo dia e precisamente no momento em que o cavaleiro vira o cortejo.

Algo de semelhante aconteceu com a visão de Swedenborg sobre o incêndio em Estocolmo, no momento em que chegou a Gotemburgo vindo de Inglaterra. Muitos outros exemplos, de notável semelhança com a clarividência magnética, podem encontrar-se em *Guardian Angels*, de Werner; no *Archiv für den thierischen Magnetismus*, de Kieser; em *Description of the Western Islands of Scotland*, de Martin, Londres, 1716; em *Theorie der Geisterkunde*, de Jung Stilling; em *A Journey in the Western Islands of Scotland*, de Samuel Johnson; em *The Journal of a Tour to the Hebrides with S. Johnson*, de S. Boswell, 1785; em *Works*, de Pinkart; e em *Deuteroskopie*, de Horst.

As visões e fenómenos mais frequentes e mais conhecidos eram semelhantes aos do estado sonambúlico, que se manifestam em diversas doenças. Os filósofos nunca viam neles nada de extraordinário, e a história médica regista fenómenos sonambúlicos mesmo através das eras nebulosas do passado. Aristóteles considerava a adivinhação entre pessoas de temperamento melancólico como algo comum; e Cícero fala das adivinhações resultantes da loucura e da demência, e de outras doenças sob cuja influência as pessoas estavam habituadas a predizer acontecimentos. Ao mesmo tempo observa que isto talvez se devesse ao uso de drogas peculiares — *cardiacis atque phreniticis* — pois a adivinhação

pertencia antes a um corpo doente do que a um corpo são. Plutarco menciona muitas variedades de mania profética, e Plínio fala nos mesmos termos da catalepsia. Já citei os escritores medievais mais antigos, entre os quais Areteu e Galeno afirmam que a adivinhação pertence sobretudo a doenças inflamatórias e crónicas.

Os seguintes deram relatos minuciosos de tais casos: Fernel (*De abditis morborum causis*); Paul Lentulus (*Historia admiranda de prodigiosa Apollonia*, 1604); Dionis (*Recueil sur la morte subite et la catalepsie*, Paris, 1718); Sauvages (*Nosologia methodica*, 1763, t. IV, e *Mémoires de l'Académie des Sciences à Paris*, 1742); Petetin (*Mémoires sur la découverte des phénomènes qui présentent la catalepsie et le somnambulisme, symptômes de l'affection hystérique essentielles*, 1787; *Électricité animale prouvée par la découverte des phénomènes physiques et moraux de la catalepsie*, etc., e das suas variedades pelos bons efeitos da eletricidade artificial no tratamento destas doenças, Lyon, 1808).

Todos os patologistas descrevem o idio-sonambulismo em afecções nervosas, e por isso seria supérfluo apresentar uma longa lista de obras sobre o assunto; basta referir que De Haen, Darwin, Willis, Brandis, Swieten, Pinel, Wichman, Beil, Hufeland, etc., o investigaram cientificamente nas suas obras e procuraram enquadrá-lo em leis conhecidas. Pela importância do assunto, devemos entrar em algumas explicações e pormenores.

Nas doenças inflamatórias, sobretudo nas do cérebro, ocorre frequentemente delírio profético. De Seze considera um facto incontestável que, na apoplexia e nas inflamações cerebrais, se manifestam estados extáticos, em que não só se formam ideias novas como surge um novo poder de perscrutar o futuro. Fernel fala de um doente que, durante o sono, falava latim e grego, o que não conseguia fazer acordado; além disso, revelava aos médicos os seus pensamentos e escarnecia da sua ignorância.

Gueritant (*Bulletin de la Société des Sciences à Orléans*, set. 1784) menciona uma jovem que possuía um poder peculiar de reconhecer pessoas à distância e que indicava o tratamento necessário para o seu caso. Um caso muito semelhante é relatado por Hunaud (*Dissert. sur les vapeurs*), de uma rapariga cataléptica que predisse acontecimentos futuros, como por exemplo: "Vejo a pobre Maria, que se afadiga tanto com os seus porcos; faça o que fizer, eles terão de ser atirados à água." No dia seguinte, seis porcos foram levados para

casa e um criado prendeu-os num curral, pois iam ser abatidos no dia seguinte. Porém, durante a noite, um deles, que dias antes fora mordido por um cão raivoso, enlouqueceu e mordeu todos os outros. Todos tiveram de ser mortos e lançados à água.

Lentulus relata casos semelhantes, tanto em afecções nervosas como espasmódicas; e, entre os que Petetin menciona, um é particularmente notável pelo facto de ter feito experiências muito semelhantes às do magnetismo, antes de Mesmer ter dado a conhecer a sua teoria ao mundo.

A pessoa cataléptica de que fala Petetin estivera durante muito tempo insensível a influências exteriores, sem conseguir ver nem ouvir. Um dia, porém, Petetin reparou que ela o compreendia quando falava junto ao epigastro. Pouco depois era capaz de ver e cheirar do mesmo modo, e tinha o poder de ler um livro ou uma carta mesmo com um objeto colocado entre ela e o texto. Se se colocava um corpo não condutor entre o objeto e o epigastro, não lhe prestava atenção; mas, com bons condutores, acontecia o contrário.

Deste modo, formava frequentemente uma cadeia de pessoas: a primeira tocava a paciente com os dedos, a última — a mais afastada — murmurava algo para a sua mão, e assim a paciente compreendia tudo o que era dito. Se, no entanto, a comunicação fosse interrompida entre apenas duas pessoas da cadeia por um corpo idio-elétrico — por exemplo, um pedaço de lacre —, a paciente cataléptica permanecia completamente inconsciente de tudo. Foi isto que levou Petetin a atribuir o fenómeno à eletricidade.

Noutra paciente cataléptica, Petetin observou não só a transferência total dos sentidos para o epigastro, mas também para as pontas dos dedos e dos pés. Ambas demonstravam, contudo, uma atividade mental extraordinária, fazendo frequentes previsões do futuro. Petetin era então um opositor feroz do magnetismo, e só perto do fim da vida veio a conhecê-lo melhor.

Sauvages relata o seguinte: em 1737, uma jovem de vinte e quatro anos foi acometida de catalepsia. Três meses depois surgiu um estado notável. Quando lhe sobrevinha, falava com uma rapidez incomum nela. O que dizia referia-se ao que tinha falado no dia anterior, no mesmo estado. Repetia palavra por palavra um catecismo que ouvira na véspera e tirava dele conclusões morais para instrução dos membros da casa. Acompanhava tudo isto com movimentos dos membros e dos olhos, e, contudo, estava

profundamente adormecida. Para testar a veracidade destas manifestações, piquei-a, coloquei uma luz subitamente diante dos seus olhos, e outra pessoa gritou-lhe aos ouvidos por trás. Derramei brandy francês e espírito de sal-amoníaco nos seus olhos e boca, soprei rapé nas narinas; piquei-a com agulhas, torci-lhe os dedos, toquei a esclerótica com uma pena e até com a ponta do dedo; mas não deu o mais pequeno sinal de sentir.

Apesar disso, mostrava-se muito animada e falava com grande rapidez. Pouco depois levantou-se, e eu esperava vê-la bater contra as camas; mas caminhava com grande compostura, evitando-as todas, bem como as cadeiras. Voltou a deitar-se e logo caiu em estado cataléptico. Se alguém lhe levantava o braço ou lhe voltava a cabeça para o lado durante este estado, permanecia assim enquanto o equilíbrio do corpo se mantivesse. Acordava depois como de um sono profundo.

Como sabia, pelos rostos dos que a rodeavam, que tivera um dos seus ataques, ficava sempre confusa e, em geral, chorava todo o dia, mas ignorava totalmente tudo o que se passara nesse estado. Passado algum tempo estes fenómenos desapareceram, embora fosse muito duvidoso que a medicina tivesse produzido tal efeito. Soube mais tarde que ela tornara a tornar-se sonâmbula, embora sem os anteriores ataques catalépticos. A sua saúde estava muito melhorada."

O sonambulismo, no qual se exibem vislumbres semi-clarividentes, é muitas vezes, como neste caso, a crise de uma enfermidade. Hipócrates considerava-o assim quando diz (*Aforismos*, sec. VII, n.º 5): "Na mania e na disenteria, a hidropisia ou o êxtase são benéficos." Os exemplos mais frequentes encontram-se registados em afeções nervosas, histeria, dança de São Vito e epilepsia. Lentulus, que nos dá o caso de Apollonia Schreier, de Berna, célebre em 1604 pelas suas visões e longos jejuns, menciona também um rapaz epilético que, após as crises, entrava em êxtase e cantava hinos; depois interrompia-se de repente e dizia muitas coisas notáveis, até mesmo acerca dos mortos.

Depois do êxtase, parecia alguém que desperta de um sono profundo, e afirmava ter estado com anjos nos mais belos jardins, gozando a maior felicidade. As visões sonâmbulas estão quase sempre associadas a convulsões crónicas, sobretudo quando estas surgem de forma endémica; assim foi entre os "convulsionários" protestantes

das Cévennes, que no século XVI se espalharam quase por toda a Alemanha (*Théâtre Sacré des Cévennes*); e também nos casos notáveis que tiveram lugar junto à sepultura do diácono Paris, no cemitério de Saint-Médard, em Paris, entre 1724 e 1736. Estes apresentavam muitos pontos de semelhança com os casos de "possessão". Segundo Carré de Montgeron (*La vérité des miracles opérés par intercession de M. Paris*, Colónia, 1745, vol. II, 4), estes convulsionários teriam sido insensíveis a empurrões e pancadas com varas aguçadas e barras de ferro, bem como à pressão de grandes pesos.

Tinham visões, comunicavam com bons e maus espíritos, e muitos milagres de cura teriam aí sido realizados; mas tais curas foram designadas pelo arcebispo de Paris, na sua carta pastoral de 1735, como *miracula, quæ non aliam habent originem, nisi mendacia, dolos fraudesque*, em direta oposição aos relatos dos jansenistas, que as consideravam assistidas por Deus e semelhantes aos milagres apostólicos.

Os doentes recorriam a modos de tratamento muito peculiares, chamados *grandes secours* ou *secours meurtriers*, atestados por testemunhas presenciais e documentos judiciais. Eram açoitados pelos homens mais fortes com pesados utensílios de trabalho, pedaços de madeira e barras de ferro de trinta libras; e, em vez de qualquer lesão grave ou mortal, experimentavam uma sensação de prazer, que aumentava com a violência dos golpes.

Eram também cobertos com tábuas sobre as quais se colocavam vinte homens ou mais, sem que isso lhes fosse doloroso. Suportavam ainda, com a maior serenidade, mais de cem pancadas com um peso de vinte libras, desferidas alternadamente no peito e no estômago com tanta força que a sala tremia e os presentes se arrepiavam. Os enfermos chegavam a pedir pancadas mais fortes, pois as mais leves só aumentavam os seus sofrimentos.

Quem não ousasse bater com toda a força era tido por fraco e cobarde; só os que descarregavam os mais pesados e numerosos golpes eram agradecidos, por se dizer que traziam grande alívio. Só quando a força desses golpes penetrava, por assim dizer, até ao próprio estômago do paciente (*s'enfoncent si avant dans l'estomac de la convulsionaire, qu'ils parait pénétrer presque jusqu'aux os, et qu'il semble devoir écraser tous les viscères*, etc.) é que este se mostrava satisfeito e exclamava, com expressão visível de contentamento:

"Isso faz-me bem! Coragem, meu irmão! Redobrai ainda a força, se puderdes."

É, contudo, facto bem conhecido que as convulsões espasmódicas resistem a tentativas exteriores e até à maior violência, com uma força quase sobre-humana, sem perigo de lesão para o doente, como muitas vezes se observou em raparigas e mulheres jovens, podendo levar quase a acreditar numa influência sobrenatural. A tensão dos músculos aumenta em elasticidade e força com a insensibilidade dos nervos, de modo que nenhuma força exterior lhes é equivalente; e quando se tenta conter o paroxismo pela força, este ganha intensidade, não menos psicológica que fisicamente, segundo alguns observadores.

O ataque tende antes a cessar pelo acalmar do espírito e pelo repouso da natureza excitada, sem ser necessário imaginar milagres e prodígios, como a história acumulou nesta doença, nem recorrer à explicação por anjos bons ou maus, ou pela fé. Observei as mesmas manifestações em crianças, em católicos, protestantes e judeus, sem a mínima variação; por isso considero tratar-se apenas de um imenso e anormal *lusus naturæ*. É certamente claro que, nestas manifestações invulgares, o espírito sofre modificações peculiares; e devemos admirar as várias capacidades do homem para influências distantes e alheias, das quais no seu estado habitual raramente experimenta algo: por isso mesmo, o campo de atividade e a dignidade do homem são excessivamente subestimados.

Na dança de São Vito, os pacientes têm frequentemente visões adivinatórias de natureza fugidia, referentes a si próprios ou a outros, e por vezes em palavras simbólicas. Nas *Blätter aus Prevorst* encontra-se um relato desse sonambulismo simbólico, e eu próprio observei um caso muito semelhante. "A senhorita von Brand, durante um violento paroxismo da dança de São Vito, viu de súbito um corvo negro e funesto entrar na sala, contra o qual, dizia, não se podia defender, pois voava incessantemente em redor dela como querendo transmitir-lhe alguma mensagem.

Esta visão repetiu-se diariamente, com o paroxismo, durante oito dias. No nono, quando os ataques tinham diminuído de intensidade, a visão começou com o aparecimento de uma pomba branca que trazia no bico uma carta com um anel de noivado; pouco depois, o corvo entrou com uma carta selada de negro. Na manhã seguinte, o correio trouxe uma carta com cartões de noivado de um primo; e, poucas

horas depois, chegou a notícia da morte da sua tia em Lohburg, cuja doença lhe era desconhecida. Dessas duas cartas, que chegaram por correios diferentes no mesmo dia, a senhorita von Brand não podia ter sabido nada. A mudança das aves e das suas cores, durante a convalescença, e antes do anúncio de notícias alegres ou tristes, os símbolos do anel e do selo negro, revelam nesta visão uma expressão particularmente pura da alma, bem como uma perceção correta do futuro. Mais tarde, recaindo de novo na dança de São Vito, sentiu-se impelida a cantar e a falar ritmicamente. Esse impulso degenerou enfim numa autêntica mania de cantar e falar em versos, de modo que chegou a dirigir-se a aves, serpentes e demónios em nada senão em poesia."

Nas febres intermitentes, os pacientes manifestam frequentemente fenómenos semelhantes. "Madame Sees, de Brandemburgo, inclinada a visões mesmo em estado de vigília, viu-se, durante um violento ataque da febre, deitada em criança numa cova de cal, enquanto a ama se lamentava junto dela. Pouco depois viu-se, já maior, de pé ao leito da mãe, a repetir uma oração especial. Ambos eram incidentes que o pai se lembrava perfeitamente, embora Madame Sees não tivesse memória alguma deles. O primeiro acidente ocorrera na sua infância; o segundo, à cabeceira da mãe enferma, onde aprendera a repetir a oração." (Werner, *u. Bl. a. Pr.*)

Em Brandemburgo, uma mulher de instrução muito modesta falou com um pastor em versos jâmbicos.

Na obra *Jahrbücher des Magnetismus*, de Wolfert, encontra-se a descrição da visão de Benvenuto Cellini durante uma febre. "Este homem, robusto de corpo e espírito, fora acometido de febre, causada por uma violenta excitação mental, consequência da ira e do desgosto provocados por um grande perigo. A seguinte aparição de risco iminente, que muito se assemelha ao Caronte tantas vezes representado por este artista, foi sempre obstinadamente negada por ele como sendo um 'fantasma'; e, pelo relato, parece antes tê-la considerado como a aparição de um espírito.

'Entretanto,' diz Cellini, 'Felix, o meu aprendiz, assistia-me de todas as formas possíveis, fazendo por mim tudo o que alguém poderia fazer por outro. Estando eu perfeitamente em meu juízo, aproximou-se da minha cama um velho terrível, que queria arrastar-me à força para o seu enorme barco; e chamei por Felix para que viesse afastar de mim aquele velho horrível. Felix, muito apegado a mim, correu a

chorar e exclamou: "Afasta-te, velho traidor! Não hás de roubar-me a felicidade!" A presença dos meus amigos era para mim fonte de calma; falava sensatamente com eles, mas pedia a Felix que afastasse o velho. Perguntaram-me como era a aparência do velho e, enquanto o descrevia, ele agarrou-me pelo braço e forçou-me a entrar no terrível barco.

Mal acabei de falar, tornei-me insensível. Pareceu-me que o velho me tinha realmente lançado para dentro do barco. Nesse estado, dizem, permaneci como morto durante uma hora inteira; e passaram-se três horas completas antes de eu recuperar totalmente do efeito. De repente recobrei os sentidos e clamei por Felix que afugentasse o velho. Felix quis correr por um médico, mas eu disse-lhe que ficasse comigo, pois o velho temia-o e afastar-se-ia. Felix aproximou-se, e ao tocá-lo pareceu-me que o furioso velho logo recuava; por isso roguei ao rapaz que permanecesse comigo. A estas palavras Felix lançou-me os braços ao pescoço e exclamou que nada desejava mais do que que eu vivesse.'"

Respondi: "Quando desejares isso, agarra-te a mim e protege-me do velho, que te teme." Felix não me deixou, e pouco a pouco fui melhorando: o velho já não era tão importuno; apenas o via de vez em quando em sonhos. Uma vez imaginei que vinha amarrar-me com cordas, mas Felix antecipou-se e feriu-o com um machado: o velho fugiu, dizendo: "Deixa-me — não voltarei por muito tempo."

A alegoria formada pela alma durante as fantasias febris de Cellini é extremamente clara e expressiva: não só revela o poder do *rapport* magnético criado, no decurso da doença, entre Cellini e o seu criado Felix, mas cada palavra, cada imagem, cada mudança neste quadro vivo, mostra a linguagem peculiar que a alma fala em estados exaltados.

Nos casos de morte aparente ou desmaio, surgem toda a espécie de visões, cuja recordação muitas vezes permanece após o restabelecimento. Na tuberculose, as visões espirituais aumentam frequentemente à medida que as forças corporais diminuem. Menzel dá, nas *Folhas de Prevorst* (p. 165), o seguinte exemplo notável de morte aparente, extraído da *História do México* de Clavigero:

"Parzanzin, irmã de Montezuma, morreu em 1509. O irmão fê-la colocar, depois de um funeral esplêndido, numa câmara subterrânea do jardim do Palácio, e mandou fechar a abertura com uma pedra. No dia seguinte a princesa Parzanzin despertou, voltou ao mundo e

mandou dizer ao irmão que tinha coisas importantes a comunicar-lhe. Cheio de espanto, ele acorreu a ela e ouviu o seguinte: 'No estado de morte achei-me colocada no centro de uma vasta planície, que se estendia para além do que podia ver. No meio, vi um caminho, que a certa distância se dividia em vários trilhos. De um lado corria um rio caudaloso com terrível fragor. Eu ia lançar-me à natação para atravessá-lo, quando percebi um belo jovem vestido com uma túnica branca resplandecente, que me tomou pela mão e disse:

"Detém-te! ainda não chegou o tempo. Deus ama-te, embora tu o ignores." Conduziu-me então ao longo da margem, onde vi muitos crânios e ossos humanos, e ouvi lamentos. No rio, avistei grandes embarcações cheias de homens de cor e trajes estrangeiros. Eram belos, tinham barbas, elmos e estandartes. "É vontade de Deus", disse o jovem, "que vivas e sejas testemunha das grandes mudanças que hão de vir sobre este reino. Os lamentos provêm dos teus antepassados, que expiam os seus pecados.

Os que vêm nos navios tornar-se-ão, pelas armas, senhores deste reino; com eles virá o conhecimento do único e verdadeiro Deus. No fim da guerra, quando for conhecido o banho que purifica de todos os pecados, hás de recebê-lo primeiro e, pelo teu exemplo, induzir outros ao mesmo." Após estas palavras, o jovem desapareceu e encontrei-me viva: afastei a pedra e estava de novo entre os homens.' Diz-se que a princesa viveu muitos anos em reclusão. Foi a primeira a ser batizada em Tlatlalolco, em 1524."

"Assim como, em muitos casos," observa Kieser, "a vida espiritual anormal amadurecida parece ser um conhecimento sobre-humano, assim, noutros, esse cultivo anómalo do espírito torna-se um poder penetrante de visão mais do que humano, sendo então um sonambulismo psíquico. Conheço um caso em que, antes da eclosão da Revolução Francesa, uma pessoa nos últimos estádios de tuberculose predisse todo o seu curso e consequências."

Durante a puberdade, convulsões e fenómenos sonâmbulos são muito comuns nas mulheres; mas, na loucura, eles são muitas vezes duradouros, e dessa espécie em que o estado sonâmbulo forma, por assim dizer, os *lucida intervalla*; pois, na loucura, estados extáticos não são raros; e, em todas as épocas, foram considerados proféticos e, em muitos casos, venerados como santos.

A palavra hebraica *Rabbi* (profeta) significa também "possuído pela loucura"; e os gregos usam a palavra *mania* para exprimir igualmente

a ideia de um estado inspirado. Estes estados extáticos, porém, são paroxismos passageiros, e as visões são tão variáveis quanto os espasmos e aqueles lampejos fugidios de clarividência que se acendem na escuridão da loucura. Predições de toda a espécie, tanto relativas a si mesmos como a outros, estão, segundo a vasta experiência de Pinel, muito frequentemente associadas à perturbação da mente e às afeções nervosas.

A linguagem da alma, nesses casos, é a da inspiração, e muitas vezes alegórica. Nos asilos, não é raro que canções, em metro perfeito e na linguagem mais elegante, saiam de pessoas totalmente incultas. Tasso foi mais poético nos seus acessos mais selvagens de loucura; assim também Lucrécio; e diz-se que Babeuf escreveu os seus últimos poemas em pleno delírio.

"Uma pessoa que sofria de ataques periódicos de alienação mental aguardava-os com prazer, pois dizia que tudo quanto empreendia nesse estado lhe saía bem; que então era capaz de falar fluentemente em verso e de recitar, sem hesitar e com grande critério, passagens de autores latinos que havia há muito esquecido." (Werner, p. 56.)

Os poderes do vidente são frequentemente notáveis na loucura, e exprimem-se em linguagem direta ou alegórica.

Claus, o louco de Weimar, entrou de repente no conselho privado e exclamou: "Aí estais todos, sem dúvida a tratar de assuntos muito graves; mas ninguém pensa em como apagar o incêndio em Coburgo." Depois descobriu-se que nesse preciso momento um fogo devastava Coburgo. (Steinbeck, p. 537).

Nicetas Coniates dá o seguinte, na *Vida de Isaac Ângelo*: "Quando o imperador se encontrava em Rodosto, foi ver um homem chamado Basilacus, de quem se dizia conhecer o futuro, embora todos os sensatos o tivessem por louco. Basilacus recebeu-o sem mostrar qualquer respeito, e não respondeu às suas perguntas; mas, aproximando-se de um retrato do imperador que pendia na sala, vazou-lhe os olhos com a bengala e tentou derrubar-lhe o chapéu. O imperador deixou-o, convencido de que era realmente um louco. Algum tempo depois, porém, os nobres revoltaram-se contra ele e colocaram no trono o seu irmão Aleixo, que mandou cegar Isaac."

Que o homem possui dentro de si uma alma superior e indestrutível, que nem a loucura pode corroer, mostra-o o facto de ela manter a sua existência elevada em meio à maior confusão da mente, e, nos

momentos de calma, sobretudo antes da dissolução, revelar-se elevada muito acima da desorganização do corpo; mesmo após anos de insanidade, continua em perfeita e intacta harmonia, e é capaz de cultivo e de uma perfeição superior. Isto prova-o o caso de uma mulher da Uckermark, que enlouquecera havia vinte anos e morreu em 1781. Durante os breves intervalos de razão, notava-se nela uma calma resignação à vontade divina.

Um mês antes da morte, enfim, despertou do seu longo sonho. Aqueles que a tinham conhecido antes já não a reconheceram, tal era o acréscimo e a expansão das suas faculdades mentais e da sua alma, e tão nobre era a sua linguagem. Proferia as mais sublimes verdades com uma clareza e nitidez interiores raramente encontradas na vida comum. O povo acorria ao seu leito de enfermidade, e todos admitiam que, se durante os longos anos da sua aflição tivera convivido com os mais iluminados, as suas capacidades e conhecimentos não poderiam ser maiores do que eram então. (Steinbeck, p. 538).

A esse sonambulismo anómalo, semelhante em carácter às manifestações do delírio e às visões da loucura, pertencem aqueles estados produzidos fortuitamente ou pelo uso de certos venenos. Nesses casos encontra-se uma intoxicação venenosa e uma exaltação da alma que geralmente deixam atrás de si grande fraqueza e depressão. A todos estes pertencem os narcóticos. Passavant reuniu muitos exemplos bem autenticados nas suas *Investigações sobre o Magnetismo da Vida*.

Acosta afirma que as bailarinas indianas drogavam o vinho com sementes de *Datura stramonium*. Quem tivesse o infortúnio de o beber ficava por algum tempo totalmente inconsciente. Falava, por vezes, com os outros, respondendo como se estivesse em pleno uso dos sentidos, embora não tivesse qualquer domínio sobre os seus atos, ignorasse por completo com quem estava e perdesse toda a memória do que acontecera ao despertar. (*De opii usu*, Doringio, Jena, 1620, p. 77).

Segundo Gassendi, um pastor da Provença produzia visões e profetizava mediante o uso da beladona. Os egípcios preparam uma substância inebriante a partir do cânhamo, chamada *dssis*. Moldam-na em bolas do tamanho de uma castanha. Depois de engolirem algumas, experimentam visões extáticas.

Johann Wier menciona uma planta do Líbano (*Theangelides*) que, se comida, faz com que as pessoas profetizem (Johann Wierus *De lamiis*, § 5).

Kaempfer informa-nos que, numa festa na Pérsia, lhe foi servida uma bebida contendo ópio. Depois de a beber, experimentou uma felicidade inexprimível. Imaginou depois estar sentado num cavalo que voava pelo ar. (Pinel, *Nosograph.*, Cl. IV, n.º 97). Uma sensação semelhante de voar pelo ar, entre as nuvens, é especialmente produzida pela beladona.

Aqui o pensamento dirige-se naturalmente às chamadas bruxas da Idade Média, que afirmavam fazê-lo — por exemplo, voando para o Blocksberg; e é bem conhecido que usavam a beladona internamente como bebida mágica, e exteriormente como unguento. Contudo, isto não explica de todo as histórias contadas sobre bruxas durante a Idade Média. (Passavant, p. 244).

Por meio do *Napellus*, Van Helmont produziu um estado em que a atividade alterada da mente se exprimia de maneira mais elevada do que é normalmente o caso com o uso de drogas narcóticas. O próprio Van Helmont relata-o (*Demons idea*, § 12):

"Usei o *Napellus* de várias maneiras. Uma vez, tendo apenas preparado grosseiramente a raiz, provei-a com a língua: embora nada tivesse engolido, e cuspisse muito do suco, senti como se o meu crânio fosse comprimido por uma corda. Vários assuntos domésticos vieram-me ao pensamento, e percorri a casa organizando tudo. Por fim experimentei o que nunca antes sentira.

Parecia-me que nem pensava nem compreendia, e como se não tivesse na cabeça nenhuma das ideias habituais; mas sentia, com assombro, clara e distintamente, que todas essas funções tinham lugar no estômago: senti-o de forma nítida e perfeita, e observei com a maior atenção que, embora percebesse o movimento e a sensação espalharem-se da cabeça por todo o corpo, todavia todo o poder de pensamento estava realmente e inequivocamente situado no estômago, sempre com exceção de uma sensação de que a alma estava no cérebro como poder governante.

Cheio de espanto perante este sentimento, observei os meus próprios pensamentos e fiz as mais rigorosas observações. A sensação de ter a imaginação e a capacidade de raciocinar no estômago estava para além de qualquer descrição. Percebi que pensava com maior clareza: havia prazer nessa nitidez intelectual. Não era uma sensação fugaz;

não acontecia quando dormia, sonhava ou estava doente, mas em plena consciência; e embora muitas vezes tivesse antes estado em êxtase (Van Helmont devia, portanto, estar naturalmente inclinado a isso), reparei que esses estados anteriores nada tinham a ver com este, onde o pensamento e a imaginação estavam exclusivamente confinados ao estômago. Compreendi claramente que a cabeça estava totalmente adormecida no que dizia respeito à fantasia, e fiquei bastante admirado com a mudança de lugar.

Por vezes o prazer era interrompido pelo receio de que esta circunstância insólita pudesse causar loucura, por ter sido produzida por um veneno; mas a preparação e a pequena dose tranquilizaram-me. Embora desconfiasse um pouco da clareza e penetração atuais do pensamento, por causa da sua origem, a minha perfeita resignação à Providência devolveu-me a calma de antes. Após cerca de duas horas, um ligeiro atordoamento veio sobre mim duas vezes. Depois da primeira, reparei que o pensamento voltara; depois da segunda, que pensava de modo habitual. Nunca mais experimentei nada semelhante, embora tivesse usado o mesmo meio."

Van Helmont acrescenta: "Deste raio brilhante de luz só podemos dizer que é intelectualmente mais elevado do que o corpo material, pois emana da alma, que é em si mesma pura inteligência. Ensina-nos que o espírito da vida tem livre passagem através dos nervos; porque a inteligência, vinda da região do coração, penetra em tudo, como uma vela que brilha através dos dedos dos jovens.

A partir desse momento, tive sonhos mais claros e consequentes; aprendi a compreender que um dia instrui o outro, e que uma noite empresta conhecimento à outra. Aprendi também que a vida, a razão, o sono, são operações de uma certa luz que não precisa de condutores; pois uma luz penetra na existência da outra. Por vezes a alma recolhe-se em si mesma, ou expande-se de muitas maneiras — no sono, na vigília, na contemplação, no entusiasmo, no desmaio, na mania, no delírio, nas paixões e, por fim, por meios artificiais."

Disto se percebe que Van Helmont estava bem familiarizado com as várias espécies de visões, e a partir delas formou uma teoria própria sobre a atividade da alma através do sistema nervoso. Segundo ele, as determinações da razão surgem no cérebro, mas associadas a uma corrente nervosa proveniente da região do coração, onde se situam a memória do passado e a compreensão. Mas tudo o que é futuro e puramente abstrato, sem referência ao presente, tem lugar

inteiramente no estômago, e as coisas distantes aparecem como presentes — razão pela qual os loucos falam de coisas longínquas como se estivessem próximas.

Por fim, Van Helmont explica a clarividência como visão direta da alma, acreditando que este foi o estado original do homem antes da Queda; que agora, porém, está limitada por todos os lados pelo corpo, tendo transferido as suas funções para as suas servas, os sentidos. Depois da morte, contudo, a alma recupera a antiga clarividência, quando já não é obrigada a compreender por conclusões, mas abarcará todas as coisas de imediato, e a memória e a reflexão serão desnecessárias. A alma contemplará então a verdade sem esforço nem dificuldade (*Imago mentis*, § 24).

Os gases e vapores que tornavam os sacerdotes da Antiguidade extáticos, ou que eram usados nos oráculos, podem ser incluídos entre os narcóticos; já então as convulsões mais violentas estavam ligadas ao sonambulismo, como no caso da sacerdotisa de Apolo em Delfos. O incenso e as danças vertiginosas dos dervixes turcos também produzem vertigens e visões proféticas semelhantes às observadas nos sacerdotes da Antiguidade — no Sabaísmo dos cananeus, no culto de Baal, nos deuses hindus Shiva e Kali, no Moloch fenício, nas festas bacanais dos gregos e romanos, e ainda hoje entre lapões e finlandeses.

"Neste caso," diz Passavant, "não é a luz serena que flui calmamente da alma, mas o relâmpago que irrompe do interior. Onde, porém, em homens impuros de espírito e de índole perversa, são despertadas as forças mais profundas, pode apoderar-se das raízes da mente tal negrume, e apresentar-se tais abismos morais terríveis, que dificilmente poderiam ser imaginados em homens sob as restrições das leis sociais. Estes êxtases profanos e manifestações malignas são ao menos reconhecidos pelos ensinamentos religiosos de judeus e cristãos, e os profetas de Deus descreveram-nos como em aliança com Satanás."

O grau mais elevado no sistema das visões é o êxtase — um afastamento do mundo dos sentidos, de modo que o sujeito das visões permanece num mundo puramente interior, quase sempre sem participação externa. No êxtase, a imaginação é exaltada a tal ponto que o corpo parece morto, ou está em estado cataléptico e insensível a qualquer excitação exterior. A mente, porém, contempla acontecimentos distantes e futuros. Estas convulsões distinguem-se

dos estados já descritos pela recordação que delas se conserva no estado de vigília. Uma certa disposição natural é necessária ao estado superior de êxtase; mas pode também ser produzido por meios externos e artificiais. Pessoas de grande imaginação, com sistema nervoso excitável e temperamento impressionável, e especialmente as de índole religiosa, estão particularmente inclinadas ao êxtase natural. Poetas e artistas, bem como entusiastas imersos em contemplações religiosas, são muitas vezes lançados em êxtase por causas muito ligeiras.

As ideias que os rodeiam constantemente formam o seu mundo espiritual, e o mundo real é para eles apenas um campo onde essas ideias invisíveis se refletem, ou cujas impressões transportam para os domínios do espírito. Poetas e artistas possuem, portanto, em comum com aqueles naturalmente inclinados a convulsões anómalas, um temperamento facilmente excitável. "Pois nas profundezas da mente," diz Cícero, "está escondida e encerrada a profecia divina, já que a alma, independentemente do corpo, pode ser movida por um impulso divino, que, quando arde mais vivamente, se chama loucura (*furor*)." "Sem esta loucura," sustenta Demócrito, "não pode haver poeta;" em que também Platão concorda:

"Pois toda a faculdade da mente pode ser violentamente excitada, se a alma em si não for perturbada. No que toca a espíritos muito puros, não é de admirar que estejam familiarizados com as coisas futuras, por serem de natureza mais divina." Assim, o pintor Angélico da Fiesole caía muitas vezes em estados extáticos enquanto pintava, tendo neles visões ideais. Miguel Ângelo disse de um quadro pintado por ele que "nenhum homem poderia ter criado tal quadro sem ter visto o original." (Görres, *Mystik*, I, 155).

Um caso semelhante é mencionado por Werner em *Os Anjos da Guarda de Mozart*. O inglês Blake, que reunia em si o pintor, o músico, o poeta e o gravador, caía muitas vezes em estado extático depois de terminados os seus trabalhos do dia, e conversava nas suas visões com os heróis do passado, com espíritos e demónios, sustentando que assim recebera um poema original de Milton, o qual comunicou aos seus amigos. Mesmo no leito de morte via formas semelhantes e compunha e cantava poemas. (Steinbeck, *Der Dichter ein Seher*, p. 443; J. Gerdes, *Idea errans in ecstasia*, 1692; J. Z. Platner, *De morbo evdoulia onírou kai egregorómenou*, Leipzig, 1732; J. A. Behrends, *Briefe über die wahre Beschaffenheit des neu inspirirten Feuerbacher Mädchens*, Frankfurt, 1768).

"Não é sempre necessário um estado inteiramente diferente da vigília para que a mente alcance uma visão interior", diz Passavant; "pois, quando está pouco voltada para as coisas exteriores e elevada a um grau mais alto de vida interior pela contemplação, podem dar-se estados extáticos."

Quando falta ocupação exterior a uma imaginação transbordante, quando a mente impressionável é sobrecarregada com ensinamentos religiosos que, segundo a idade ou a constituição, não é capaz de digerir, e quando a tudo isto se associa um corpo frágil e delicado, já estão presentes os elementos para uma atividade central e interior da alma. O homem, nesses casos, costuma afastar-se do mundo que o rodeia e formar um dentro de si, raramente compreendido senão por ele mesmo.

A mente, uma vez despertada, já não pode permanecer na inatividade, mas de dia e de noite é cercada por ideias e formas ideais, e muitas vezes já não consegue distinguir se os seus devaneios são mero jogo subjetivo da fantasia, sonhos ou visões — ou se são realmente provocados por influências exteriores sobre as suas contemplações. Um devaneio passivo e um anseio autodestrutivo por um objeto desconhecido podem, no entanto, fundir-se em êxtase, assim como a atividade mental que, soprada por um hálito do céu, se inflama em chama.

No primeiro caso, produz-se aquela contemplação doentia e mística que existe, por assim dizer, em si mesma; no segundo, o estado superior da inspiração divina. No primeiro, encontra-se a comunhão silenciosa em desertos afastados da sociedade dos homens, a privação de alimento e de sono, bem como a violenta autopenitência para sufocar os impulsos da nossa natureza; no segundo, encontra-se a inclinação a fazer o bem por amor aos homens, que distinguiu santos e profetas.

É, portanto, fácil de entender que, entre os eremitas de Tebas, nos mosteiros da Idade Média, entre pastores solitários, em vales isolados e regiões monótonas, bem como entre pessoas educadas com cada pensamento cuidadosamente afastado do mundo exterior, deviam surgir estados extáticos, em que os homens experimentavam prazer no facto de não haver limites a contê-los, nem influências estranhas a impedir a mente de flutuar nos espaços ilimitados da imaginação. Não devemos admirar-nos se tais videntes de natureza menos elevada conseguem perscrutar o futuro ou apresentar ideias

em imagens impressionantes que não poderiam ter aprendido do mundo exterior; pois brotam da inesgotável e transbordante fonte interior do universo espiritual, como os mais nobres germes do pensamento que se desenvolvem em repouso e solidão, mas que são retardados pelo turbilhão e inquietação do mundo circundante. Mais tarde consideraremos mais de perto esta descrição de êxtase, tal como se encontra entre os videntes e faquires indianos.

Como representantes da reclusão de eremitas e monges, posso mencionar os chamados Quietistas, Hesicastas ou *omphalopsychoi* (*umbilicamini*), que habitaram o Monte Atos no século XIV. Este último nome foi-lhes dado pelo seu modo de oração, tal como lhes era ensinado pelo seu abade Simeão, nas suas obras sobre "Moderação e Devoção":

"Sentado sozinho num canto, observa e pratica o que te digo; fecha as tuas portas e eleva a tua mente de todas as coisas vãs e mundanas. Depois inclina a barba sobre o peito e fixa os olhos no centro do corpo — no umbigo; contrai as passagens de ar para que a respiração seja dificultada; esforça-te interiormente por encontrar a posição do coração onde residem todas as faculdades mentais. Ao princípio descobrirás apenas trevas e densidade impenetrável; mas, se perseverares noite e dia, gozarás milagrosamente de uma felicidade indizível. Pois a alma então percebe aquilo que nunca antes vira — o fulgor entre o coração e si mesma."

Estes eremitas sustentavam que essa luz era a luz de Deus, tal como se manifestara aos discípulos no Monte Tabor. (Leo Allatius, *De ecclesiis occidentis et orientis*, Colónia, 1648, I, 2, c. 17). Contemplações místicas semelhantes e visões de espíritos bons e maus encontram-se entre os Neoplatónicos; na feitiçaria e nos casos de possessão da Idade Média; e entre místicos de ordem mais elevada, como Pordage, Swedenborg e Jakob Böhme.

Os estados manifestados em santos e profetas, movidos pelo sopro divino, são na realidade distintos, e não pertencem à história da magia, mas sim à da religião. Porém, pela semelhança entre estes e outros fenómenos, foram geralmente classificados com o êxtase; razão pela qual lhes dedicaremos alguma atenção, mas apenas para mostrar as diferenças mais marcantes.

Às várias formas de clarividência durante o êxtase deve-se incluir a dos santos e profetas. Mas a abstração dos verdadeiramente inspirados não deve ser confundida com as profecias convulsivas do

vidente, nem com as mortificações artificiais dos falsos devotos que oscilam entre a loucura e o fanatismo. A causa, bem como a manifestação e o objetivo, são muito diferentes. Em todos os exemplos já referidos, o êxtase rompe parcial e incertamente através do nevoeiro que o envolve; sobe e desce, enche e esvazia, segundo o tom da mente e o movimento do sangue. Um sopro, vindo não sabemos de onde, ateia a chama do êxtase adormecido, e morre de novo não sabemos como; não tem duração determinada, nem fim firme ou propósito.

A existência definha na solidão; e, à medida que o corpo se consome por uma vida contra a natureza, tornando-se um peso inútil, também a mente perde todo o sentido da beleza e da harmonia da natureza; perde toda a capacidade de pensamento útil e inventivo; deixa de ser capaz de amar o próximo mais do que a si mesma; e já não tem poder de desenvolver faculdades da vontade e do caráter que operariam para além dos estreitos limites da individualidade, na distância e no futuro.

Não foi, portanto, de todo sem fundamento que, antigamente, estes fenómenos enigmáticos, cujas influências para o bem ou para o mal têm algo de sobrenatural, fossem atribuídos a um demónio oculto e interior, que ora aparecia como adivinho, ora como espírito malicioso, ora como diabo, e às vezes se elevava quase a um estado de inspiração. Esse demónio é sempre profético, mesmo quando falso e mau, pois impele o homem a atos e inclinações perversas, primeiro suavemente, mas depois com poder cada vez maior assim que os seus sussurros são ouvidos.

Parece que o diabo procura despertar o mal adormecido em nós, escarnecer da resistência tentada, ridicularizar os tímidos, amargar os mansos, trair os esperançosos e tentar cortar o caminho da reforma a todos. Schubert diz: "Existe também essa inclinação do diabo a louvar o mal como se fosse bem, e a transformar a verdade, por esse meio, numa mentira perigosa; e também a louvar o bem com o intuito de o tornar suspeito."

O entusiasmo da religião verdadeira dá, contudo, testemunho de uma ordem superior e invisível de coisas, que atua sobre o mundo material do homem e nele produz uma convicção tocante e profunda, e uma iluminação suave e refrescante. A alma, inspirada pelo sopro divino, já não é refreada na sua ação e atividade, pois as suas visões não são fantasmas erguidos por uma mente agitada e perturbada

pelo medo, pela inquietação ou pela insatisfação; o corpo não se tornou, através de convulsões ou mutilações voluntárias, um peso inútil, um caniço seco ou um vaso quebrado, mas é, mesmo na sua fraqueza natural, um instrumento incansável de obras e feitos que espalham bênçãos sobre as eras presentes e futuras.

Se considerarmos estas diferenças mais de perto, teremos pouca dificuldade em definir os limites entre a ordem inferior, o êxtase mágico, e a ordem superior, dos santos e profetas verdadeiramente inspirados por Deus. As motivações são tão diferentes em cada caso quanto as ações. No êxtase mágico da iniciação bramânica, no fanatismo religioso dos eremitas do Deserto de Tebas — os autoflagelantes — as visões e a suposta comunicação com Deus acontecem por acaso ou através de meios artificiais; mas nos verdadeiros profetas e santos a missão divina cai inesperadamente sobre eles, vinda do alto.

Um orgulho de excelência e autossuficiência é a mola dos primeiros; existe na reclusão, nas trevas e na inação, renunciando a todo o laço social da vida e a todo o esforço para cultivar o espírito. Nos últimos reinam, pelo contrário, a humildade, o prazer na luz e na vida, com o trabalho aberto e ativo. Não há divisão de estados, mas todas as forças unem-se para formar um todo comum; o profeta prega a palavra de Deus e a crença no Seu poder; a recompensa e o castigo pelos atos bons e maus; e o amor de Deus e do próximo são a sua exortação aberta.

Se, nos primeiros, se encontra orgulho de si mesmo e desprezo, ou pelo menos pouca estima pelo mundo, com o esforço contínuo para uma apatia perfeita das paixões, nos segundos observa-se um uso sábio da vida, uma paz alegre no serviço de Deus, com a lembrança contínua da fraqueza da natureza humana, a oração constante pela assistência divina para compreender e receber o conhecimento da verdade universal, e a verdadeira obediência e resignação à vontade de Deus. O verdadeiro profeta é criança na humildade, jovem na ação e homem no conselho.

O mundo é muitas vezes um inferno para o extático; mas, para o santo, uma escola, onde se aprendem deveres e o discípulo se torna membro útil no esquema da natureza. Nos primeiros, é o vidente que dá ordens; nos segundos, o profeta anuncia-as como revelações de Deus.

Ali, os meios de produzir o êxtase são o desprezo e a renúncia do mundo, e a mortificação antinatural do corpo; aqui, o mundo é disposto para o gozo da vida; e o verdadeiro profeta não faz uso de meios artificiais: repete a palavra diretamente recebida de Deus, sem preparação ou mortificação da carne — comunica-a — e vive com e entre os seus semelhantes.

As visões do mágico são, mesmo nos estádios mais elevados do entusiasmo, meros reflexos sombrios, através dos quais o mundo, com os seus significados e até a sua constituição interior, pode ser-lhe revelado; mas os lábios permanecem mudos na embriaguez do êxtase e na luz ofuscante da sua iluminação pessoal patológica. Por isso, as muitas fantasmagorias de verdade e falsidade; as imagens mutáveis da imaginação, e os sentimentos, em desordem e formas inarmónicas; os desvios e convulsões da mente e do corpo. As suas visões nem sempre são dignas de confiança, nem sempre são compreendidas.

Nos profetas, as visões são o reflexo e a iluminação de uma suave radiância divina no espelho da sua alma pura, que retém toda a sua individualidade, e nunca esquece a sua perfeita dependência e ligação a Deus e ao mundo exterior. O conteúdo dessas visões são as circunstâncias comuns da vida — religiosas bem como civis; as palavras são ensinamentos de verdade, transmitidos de forma clara e inteligível a todos os homens e épocas. O profeta não procura nem encontra felicidade no estado de êxtase, mas sim, na sua vocação divina, em difundir a palavra de Deus; não num desprezo exclusivo, mas na instrução e na ação ativa entre os seus irmãos. O verdadeiro profeta não se afunda, portanto, em especulações interiores, nem se esquece de si próprio no seu mundo imaginativo, mas mantém a sua viva ligação com Deus e com o próximo em palavra e ação. Assim como, nos estados mais elevados de inspiração, as causas e as manifestações variam, assim também variam os motivos e as consequências.

Os videntes bramânicos queixavam-se da regressão gradual da mente, do seu esplendor primitivo em direção à natureza perecível e ao domínio da morte, de acordo com os vários estádios do mundo, e deploravam a miséria, a insatisfação e a deterioração a isso associadas: tudo isto encontramos na mente e no corpo das nações pagãs degeneradas da Índia. Pelo contrário, quanto não cresceu a iluminação da mente através dos profetas de Israel no que toca à religião, e através dela também, gradual e historicamente, no

sistema civil! O espírito do Cristianismo, que repousa sobre o Ocidente, estende gradualmente a sua influência pacífica; e enquanto outras nações em toda a parte se afundam na letargia e nas trevas do Paganismo, aqui transplantam-se montanhas pela fé, e, por palavra e ação, e pelo verdadeiro amor cristão, plantam-se árvores cujo fruto um dia há de refrescar os pagãos, mas que só podem amadurecer plenamente noutro mundo, para o qual os nossos olhos devem estar incessantemente voltados.

O vidente mágico vive na embriaguez das suas próprias visões; o profeta vive na fé; e as ações, não as visões, são sinais de santidade. "Probatio sanctitatis non est signa facere, sed unumquemque ut se diligere, Deum autem vere cognoscere", diz São Gregório. Se considerarmos tudo isto segundo as causas e os resultados, chegaremos à seguinte conclusão:

Segundo a sua origem, a visão mágica é obra do homem plantada em solo doentio, quer surja voluntariamente, quer seja produzida pela ciência do médico. Um estado anormal de saúde precede-a sempre — o sono, e um estado incomumente exaltado das faculdades. O êxtase visionário tem origem particularmente no corpo; e, qualquer que seja a forma pela qual surja, a natureza segura sempre o vidente com mão firme, mesmo quando ele atingiu os estádios mais elevados.

A inspiração profética é resultado do espírito divino. A voz de Deus chega de forma inesperada, e independentemente do estado físico. As forças físicas tornam-se totalmente dependentes da mente, que as utiliza para fins nobres e puros: um estado de sono, com funções alteradas dos sentidos, de modo algum é necessário.

O êxtase magnético dirige a sua atenção para objetos que se apresentam voluntariamente, ou que são produzidos por ele próprio ou pela habilidade do médico, e a vida terrena do homem constitui em geral o único campo da sua visão. É influenciado de fora. A influência das inclinações, das tendências da natureza humana, nunca está ausente no círculo magnético do vidente; e por isso a sua influência raramente é de caráter elevado.

Não há variações na manifestação do verdadeiro profeta; ele não anuncia nada do círculo mágico, mas apenas a vontade d'Aquele que é o princípio e o fim. Instruir os seus semelhantes no conhecimento divino — espalhar entre os homens a perceção da verdade e do amor, é o seu único desejo; é, portanto, um incansável e vitorioso antagonista do mal e da iniquidade. Não procura nada do mundo — o

egoísmo, as paixões, a ambição, a saúde, são-lhe indiferentes. Ele prega o futuro, não a felicidade presente de todos, através da inspiração de Deus, e caminha, mediador entre Deus e o homem, gloriosamente radiante em palavra e ação. Não procura o isolamento, não se perde em visões e fantasias, não profetiza nada de pesado, mas grandes e universais verdades para épocas e nações. Armado com poderes divinos, é capaz de realizar milagres, tanto sobre si próprio como sobre os outros.

Consolação, paz de espírito no sofrimento e na provação, avisos contra grandes perigos, a cura de doenças graves, ajuda na necessidade e na perseguição, são os seus gloriosos dons; e espalhar o domínio de Cristo e elevar a humanidade é o objetivo dos seus esforços. O progresso pessoal, e todo o proveito mundano, é desprezado pelos homens de Deus. A crença no Seu poder é o fundamento das suas ações; e cumprem todos os mandamentos através do amor que nutrem por todos, e que é a maior das virtudes.

Dos estados extáticos e visões do Antigo Testamento falaremos mais adiante; mas podem aqui ser mencionados alguns exemplos dos santos. São bem conhecidos os êxtases de São Francisco de Assis, nos quais o serafim gravou as chagas do nosso Salvador no seu corpo com um raio de fogo; bem como a história de Santo Antão, o incansável combatente contra as tentações e os ataques do maligno; as visões e êxtases de Suso, Macário, Bernardo, Inácio e muitos outros. O seguinte, porém, é extremamente importante a respeito do que foi dito:

"A vida de Santa Catarina de Sena foi curta — trinta e três anos — mas os seus feitos foram grandes e numerosos. Com um corpo muito frágil e débil, ora se afundava em meditações religiosas na sua cela, ora levava as suas palavras de fogo através de cidades e países, onde o povo que a rodeava era ensinado e instruído; entrava em hospitais para visitar os atingidos pela peste, e purificar as suas almas; acompanhava criminosos até ao lugar da execução, e despertava arrependimento nos seus corações obstinados.

Chegou até a entrar nos tumultos ferozes da batalha, como um anjo do Senhor, e conteve os combatentes com a sua própria voz; visitou o Papa em Avinhão e reconciliou a Igreja; mudou a incredulidade dos céticos em espanto; e, onde o seu corpo não podia chegar, aí a sua mente operava pela sua eloquência ardente em centenas de cartas ao Papa, a príncipes e ao povo. Diz-se que mostrou uma pureza e

inspiração nos seus poemas que poderiam tê-la colocado ao lado de Dante e Petrarca. Aqui está a inspiração divina — poder santo e miraculoso!"

Santa Brígida, descendente dos reis godos, tinha difundido tantos ensinamentos e escritos religiosos entre o povo, durante o século XIV, que o Concílio de Basileia investigou a sua doutrina e, tendo-a achado verdadeira, mandou traduzir as suas palavras para todas as línguas europeias.

Tomás de Kempis descreve a vida de Lidwina, de Schiedam, nos Países Baixos, que era cega de um olho e de fraca visão no outro, e contudo via acontecimentos que ocorriam noutros países. Sofria de tumores internos, que nunca sararam, e nos quais se geravam vermes. A sua testa e o seu queixo abriam-se e fendiam-se. Visitava em espírito os estabelecimentos monásticos, e muitas vezes, ao receber o sacramento, era cercada de luz: até o seu quarto escuro era frequentemente iluminado do mesmo modo, para terror dos que estavam com ela.

Se alguma pessoa impura a tocava, ficavam manchas negras na sua pele. "Mas ela conquistava os corações de todos os homens, e a sua fama espalhou-se por todo o mundo", diz o seu biógrafo; "e realizou tais milagres, resplandecendo com a sua própria santidade, que desde o nascer até ao pôr do sol o nome do Senhor era louvado naquelas duas donzelas (Lidwina e a Donzela de Orleães): o Senhor, que eleva os humildes e abate os soberbos, e que prova não olhar ao nascimento nem à condição, mas escolher os fracos — Ele que reina em tripla majestade e glória."

Escolhidos de entre os muitos exemplos de importância e interesse meramente secundários, podem citar-se alguns trechos da vida de Santa Hildegarda como contraponto ao que precede, mostrando como Deus é poderoso nos fracos, e como estes, mais do que todos, parecem destinados a lançar alguma luz sobre a natureza da visão magnética.

Hildegarda foi uma profetisa cristã que, no seu tempo, exerceu grande influência nos assuntos eclesiásticos, e teve visões quase mais frequentemente do que qualquer outra pessoa registada; eram simbólicas, e normalmente cabia a ela explicá-las. Por exemplo, teve visões de uma grande montanha da cor do ferro; de inumeráveis lâmpadas; de um estranho instrumento redondo; de uma luz indescritivelmente brilhante; de uma mulher que era de várias cores;

de um fogo resplandecente e inextinguível; de um retrato de uma mulher altíssima (procerissima mulieris); de uma torre redonda, branca como a neve; de uma cabeça de forma estranha; de cinco animais; de uma harmonia flutuando através da atmosfera mais pura, etc.

Desde os seus primeiros anos teve visões, era continuamente débil e caía em êxtases catalépticos de considerável duração. Num manuscrito (que se encontra na Biblioteca de Wiesbaden, assim como alguns desenhos notáveis das suas visões), e também nas suas cartas (*S. Hildegardis, Epistolarum liber*; Colónia, 1667), ela fornece pormenores minuciosos acerca da sua vida; dos quais extraio o seguinte:

«No seu oitavo ano Hildegarda foi colocada aos cuidados de uma mulher muito piedosa, que apenas lhe deu o Saltério para ler, e a educou em grande simplicidade. O poder da sua mente só se desenvolveu mais tarde. No seu livro *Somas*, ela diz: — "Quando tinha vinte e quatro anos e sete meses, uma luz ardente vinda do céu encheu o meu cérebro e influenciou o meu coração — como um fogo que não queima, mas aquece como o sol — e, de repente, tive o poder de explanar as Escrituras."

Durante a maior parte da sua vida esteve confinada ao leito; mas as forças que faltavam ao corpo eram substituídas pelo espírito de verdade e poder; e enquanto o corpo diminuía, o intenso fogo da sua alma aumentava. Uma voz interior ordenava-lhe que tornasse conhecidas as suas visões; mas era muito contra a sua própria vontade. Depois desta comunicação, a sua saúde melhorou. Quando Hildegarda se tornou célebre, o Papa Eugénio III, a conselho do seu antigo mestre, Bernardo de Claraval, enviou-lhe vários homens eruditos para obter informações acerca dela.

Os êxtases catalépticos eram mais frequentes antes de ela entrar no convento de Burgen — tanto assim que o Abade que a visitou, vendo que, apesar do maior esforço da sua força, não conseguia mover-lhe a cabeça, declarou-a uma profetisa divina (*divina correctio*). Depois de ela ter mencionado a habitação de São Roberto em Bingen, e eles se terem recusado a levá-la para lá, o Abade veio ter com ela e disse que "em nome de Deus deveria levantar-se e ir para lá." Hildegarda levantou-se imediatamente como se nunca tivesse estado doente. Acerca das suas visões escreveu o seguinte ao monge Wiberto: — "Deus trabalha para a glória do Seu nome onde deseja, e não para a

honra dos homens. Na minha constante angústia ergo as minhas mãos a Deus, e sou por Ele levada como uma pena ao vento. Aquilo que vejo não é distinto enquanto estou ocupada corporalmente; mas tive visões desde a infância, quando era muito frágil, até agora, em que tenho mais de setenta anos.

A minha alma eleva-se, pela vontade de Deus, nestas visões até às profundezas do firmamento, e contempla todas as partes da terra e todas as nações. Não vejo as coisas com os olhos exteriores, nem as oiço com os ouvidos, nem as percebo por outros sentidos, mas sim com o olho da minha alma; pois vejo-as desperta, de dia como de noite."

Noutro lugar, ela diz: "No terceiro ano da minha vida contemplei tal luz que a minha alma tremeu; mas, por causa da minha juventude, não fui capaz de a descrever. No meu oitavo ano fui admitida a uma comunhão espiritual com Deus; e, até aos quinze, contemplei muitas visões, que relatava na minha simplicidade, e aqueles que me ouviam ficavam espantados, perguntando-se de onde poderiam vir. Nessa altura também me surpreendia que, enquanto via interiormente com a minha alma, via também exteriormente com os meus olhos; e, como nunca ouvira dizer que algo semelhante acontecesse a outros, procurava ocultar as minhas visões o mais possível.

Muitas coisas deste mundo permaneceram-me desconhecidas por causa da minha constante enfermidade, que, desde o meu nascimento, enfraqueceu o meu corpo e destruiu as minhas forças. Durante um destes estados de prostração, perguntei à minha acompanhante se ela via algo além das coisas deste mundo: respondeu que não. Então um grande medo se apoderou de mim, e não ousei abrir o meu coração a ninguém; mas, durante as conversas, falava muitas vezes de acontecimentos futuros; e quando as visões me eram fortes, dizia coisas ininteligíveis para os que me rodeavam.

Quando a intensidade da visão diminuía, mudava de cor e começava a chorar, mais como uma criança do que como uma pessoa da minha idade; e muitas vezes teria preferido permanecer em silêncio, se tal fosse possível. O receio do ridículo, porém, impedia-me de dizer algo: mas uma nobre senhora, com quem vivia, reparou nisso e contou-o a uma freira que era sua amiga. Depois da morte dessa senhora tive visões até ao meu quadragésimo ano, quando fui impelida, numa visão, a tornar conhecido aquilo que via. Comuniquei isto ao meu

confessor — um homem excelente. Ele escutava de boa vontade estas estranhas visões, e aconselhou-me a escrevê-las e a guardá-las em segredo, até que visse o que eram e de onde vinham. Depois de perceber que vinham de Deus, comunicou-as ao seu Abade, e deu-me o seu auxílio nestas coisas.

Nas visões compreendi os escritos dos Profetas, dos Evangelistas e de alguns santos filósofos, sem ajuda humana. Expliquei muito nesses livros, embora mal conseguisse distinguir as letras; também cantei versos em louvor de Deus sem nunca ter recebido instrução em canto — nunca tendo sequer aprendido uma canção. Quando estas coisas chegaram ao conhecimento da Igreja de Mogúncia, declararam que tais visões vinham de Deus e pelo dom da profecia. Por isso, os meus escritos foram apresentados ao Papa Eugénio, quando estava em Trier; ele mandou lê-los em voz alta diante de muitos, e depois enviou-me uma carta pedindo que registasse por escrito as minhas visões."

Atraídos pela sua fama, pessoas de todas as partes da Alemanha e de França iam visitá-la. Ela explicava passagens da Sagrada Escritura; muitos recebiam conselhos para os seus males corporais; muitos eram aliviados das suas doenças pela sua bênção. Pelo seu espírito profético conhecia os pensamentos dos que estavam próximos, e repreendia alguns que apenas a procuravam por curiosidade. Como estes não conseguiam responder ao espírito que nela falava, acontecia muitas vezes ficarem tomados de surpresa e acreditarem. Aos judeus que com ela entravam em conversa, procurava levá-los à fé em Cristo com palavras de piedosa exortação.

Falava a todos com mansidão e amor; repreendia frequentemente as freiras como uma mãe quando discutiam entre si ou cediam a desejos mundanos. As determinações, as intenções e os pensamentos dos outros eram-lhe tão perfeitamente conhecidos, que, durante o serviço divino, dava a cada um uma bênção conforme a natureza do seu coração; pois via na mente humana a vida futura, em alguns casos até a morte, e, segundo o estado da alma, a sua futura recompensa ou castigo.

Estes grandes segredos, porém, confiava-os apenas ao seu confessor, a quem relatava até os mais íntimos segredos do coração; e, através de tudo isto, conservava a maior de todas as virtudes — a humildade. A sua influência sobre as pessoas era tão maravilhosa quanto a sua

visão interior; e a época em que viveu atribuiu-lhe universalmente poderes milagrosos.

"O seu poder de curar doenças," escreve o seu biógrafo, "era tão admirável, que dificilmente alguém que procurasse a sua ajuda se afastava sem saúde restaurada. Uma rapariga sofria de febre terciana, que nenhum remédio conseguia dominar, e pediu auxílio a Santa Hildegarda, que lhe impôs as mãos em nome do Senhor e a abençoou: ela recuperou imediatamente. Um irmão leigo, de nome Novicus, que sofria da mesma febre, ouvindo o milagre realizado na rapariga, foi com humildade a Hildegarda, recebeu a sua bênção e voltou curado.

Uma jovem, Berta, padecia de um tumor no pescoço e no peito, e não conseguia ingerir alimento nem bebida: Hildegarda fez o sinal da cruz sobre as partes afetadas e devolveu-lhe a saúde. Um homem veio de Suábia, com o corpo totalmente inchado: ela manteve-o durante vários dias junto de si, tocando-o com as mãos, e, pela graça de Deus e pela sua bênção, recuperou. Uma criança de sete meses sofria de convulsões, e foi curada. Ela não ajudava apenas os que estavam perto, mas também os que estavam longe. Arnoldo de Wackerheim, que conhecia há muito tempo, sofria de uma dor no pescoço que o impossibilitava de mudar de posição.

Aguardava em fé o benefício das suas orações: Hildegarda, confiando na misericórdia de Deus, enviou-lhe água benta, e com o seu uso a dor desapareceu. A filha de uma mulher em Bingen ficou três dias sem conseguir falar: a mãe recorreu a Hildegarda, que lhe deu apenas água que ela própria havia consagrado: quando a filha a bebeu, recuperou a voz. A mesma mulher deu o restante da água a um jovem doente que se supunha estar à beira da morte; depois de beber e lavar o rosto, recuperou. Em Trier vivia uma rapariga que caminhava para a perdição por uma paixão desmedida por um homem: os pais enviaram a Hildegarda, que, depois de orar a Deus, abençoou um pão com muitas lágrimas que derramou sobre ele, e mandou-o a eles: depois de a rapariga o comer, a sua paixão foi desaparecendo gradualmente."

Hildegarda parece também ter possuído o poder de aparecer a pessoas distantes, como mais tarde se observou em indivíduos em êxtase. O seu biógrafo diz: — "Que diremos desta donzela, que podia avisar, através de uma visão, pessoas que se encontravam em grande perigo, e que a tinham mencionado nas suas orações? Um

jovem, Ederico Rodolfo, pernoitou numa pequena aldeia e, ao deitar-se, rezou pedindo o auxílio de Hildegarda. Em visão ela apareceu-lhe com o mesmo traje que então usava, e disse-lhe que a sua vida estaria em perigo pelos seus inimigos se não deixasse imediatamente o lugar. Com alguns dos seus companheiros partiu logo; e os que ficaram foram subjugados pelos perseguidores."

Vários casos semelhantes foram registados. As visões de Hildegarda não se referiam apenas a indivíduos isolados, mas também a acontecimentos gerais; por exemplo, a grande divisão que deveria ocorrer na Igreja após o seu tempo. Durante muitos anos foi o oráculo de príncipes e bispos. Nasceu em 1098 e morreu em 1179, a 17 de setembro, como havia predito há muito aos seus amigos. Até ao fim quase nunca esteve livre de sofrimento; e a maneira como suportava essas aflições é mostrada pelo lema no seu anel, que se conserva em Eibingen: — «Sofro de boa vontade.»

Na minha obra *Magnetismo em conexão com a Natureza e a Religião*, apresentei alguns excertos, concordantes em muitos aspetos com os acima mencionados, da história de Giovanna della Croce, de Boveredo, cuja vida e autobiografia foram publicadas por Beda Weber na sua obra *Tirol e a Informação, em Imagens e Fragmentos*, a partir de manuscritos que lhe caíram nas mãos.

Gozava de tal reputação pela veracidade das suas predições que, durante a Guerra dos Trinta Anos, os mais altos príncipes e guerreiros, até mesmo da fé protestante, procuravam o seu conselho e correspondiam-se com ela. Era fraca de saúde, mas de disposição eminentemente piedosa; conhecia os pensamentos e inclinações dos outros, e repreendia-os pelos seus corações perversos — não excetuando o seu próprio confessor —, espalhando bênçãos e saúde em seu redor.

Mencionei também a história da Donzela de Orleães com algum detalhe; tratei da sua vida, das suas visões e feitos, e da piedosa inclinação da sua mente, a partir do relato de Görres (*Die Jungfrau von Orleans, nach den Processacten und Gleichzeitigen Chroniken*, Ratisbona, 1834); e também de Charmette (*Histoire de Jeanne d'Arc, surnommée la Pucelle d'Orléans*, Paris, 1817); — obras às quais, bem como à *Mística* de Görres, remeto o leitor para pormenores mais minuciosos e circunstanciados acerca destas e de outras pessoas inspiradas.

Tornou-se comum, no tempo presente, dar pouca consideração aos exemplos acima mencionados, mas, ao mesmo tempo, atribuir demasiado valor a fenómenos que, em muitos aspetos, com eles concordam. De facto, fenómenos muito notáveis têm sido observados, sobretudo no sexo feminino, e em disposições muito piedosas ou mesmo fanáticas; e estes têm sido ou aceites sem contestação, de um ponto de vista teológico, como prodígios sobrenaturais, ou, pelo contrário, atribuídos ao fanatismo ou a uma intenção de engano.

Trata-se daqueles raros e muito extraordinários estados em que pessoas, mergulhadas em contemplação e êxtase religiosos, têm visões interiores, particularmente de Nosso Salvador, e em que certos sinais, como a cruz e cicatrizes, são impressos nos seus corpos, geralmente acompanhados de hemorragias na testa, nas mãos, nos pés e no lado. Não faltam visões e profecias, mas raramente são tidas em consideração pelos eclesiásticos que normalmente as rodeiam. As pessoas sujeitas a estas visões raramente comem muito; e outros fenómenos estão associados às suas condições, o que torna necessário considerá-los em conjunto, pois possuem muitas características mágicas (não magnéticas), e porque recentemente suscitaram muita atenção em várias partes da Alemanha.

Noutra obra reuni relatos de todas as diferentes manifestações e submeti-os a um curso de investigação científica e fisiológica, procurando reconduzir tudo o que parecia maravilhoso e sobrenatural a leis conhecidas da natureza, transferindo-os assim de um fundamento teológico para um fundamento médico. Nessa obra reuni todos os casos semelhantes conhecidos desde séculos anteriores, e devo remeter o leitor para ela, se desejar tornar-se mais intimamente familiarizado com o assunto. Aí mencionei (1) A. K. Emmerich, uma freira em Dülmen; (2) Maria von Mörl, que ainda vive em Kaltern; (3) Dominica Lazzari, em Capriana, no Tirol, filha de um moleiro, ainda viva; (4) e muitos exemplos de data mais antiga.

O tema é tudo menos desinteressante; e, para possibilitar ao leitor não familiarizado formar uma opinião, darei um breve relato da primeira pessoa mencionada, tal como o extraí das suas biografias: os restantes casos são todos semelhantes nos factos principais, embora variem ligeiramente nos pontos fisiológicos. Procurei provar que as pessoas em quem estes fenómenos se manifestam não pertencem à categoria mais elevada dos santos de que acabámos de tratar, pelo facto de que, para além dos sentidos meramente

religiosos, nenhum outro é excitado, como acontece nestes últimos; além disso, todos os fenómenos resultam de causas naturais, e não sobrenaturais. Todas estas pessoas eram doentes, e em geral também sujeitas a espasmos e convulsões violentíssimos, sem qualquer poder de agir beneficamente sobre os outros, ou de revelar o futuro dos acontecimentos ou da humanidade. As visões ocasionalmente associadas aos espasmos não são nada extraordinário; e o aparecimento de feridas sangrentas no corpo deve ser explicado psicologicamente, pois a imaginação intensamente ativa em todos estes casos conserva o seu poder e transforma as ideias da fantasia, por meio de uma contemplação ininterrupta, em formas permanentes, que chegam mesmo a obter uma certa firmeza plástica no corpo, como fenómenos semelhantes foram observados na natureza e em condições patológicas; de modo que não estamos de forma alguma justificados em atribuí-los a enganos produzidos artificialmente, mesmo que (com a devida licença) enganos intencionais tivessem ocorrido.

A alma cria e o corpo forma; e, de facto, apenas segundo a forma que lhe é apresentada. A imaginação é o poder criador e inventivo da alma, que procura reproduzir exteriormente aquilo em que acreditou interiormente; e isso consegue-o especialmente quando o corpo está em estado passivo, e os sentidos exteriores adormecidos. Até os animais — como, por exemplo, cavalos — são conhecidos por gerar crias de uma certa cor que lhes esteve constantemente diante dos olhos; o pesadelo, o terror de um perigo inevitável, deixaram marcas permanentes no corpo. Mas, como só a imaginação humana cria ideias, só ela pode também imprimir marcas ideais — como as chagas do nosso Salvador — no corpo.

Anna Katharina Emmerich, irmã no convento de Dülmen, teve numerosas visões, e o notável poder de distinguir entre plantas inofensivas e nocivas, bem como entre ossos de santos e os de qualquer outra pessoa. Em frequentes êxtases revelava segredos a várias pessoas, que só podiam provir de uma inspiração superior; e em particular ao clérigo e seu confessor. Nascida nas proximidades de Coesfeld, foi débil mas de disposição piedosa desde a infância; e mesmo antes de entrar no convento teve uma visão do Salvador, que lhe apareceu como um jovem radiante, oferecendo-lhe com a mão esquerda uma grinalda, e com a direita uma coroa de espinhos.

Ela agarrou a última e pressionou-a devotamente sobre a testa; mas, ao recobrar os sentidos, sentiu uma dor intensa a cingir-lhe a cabeça,

e gotas de sangue apareceram. Em 1802 entrou no convento de Dülmen; e foi então que a sua história verdadeiramente notável começou; embora só em 1814 tenha sido dada a conhecer — primeiro por Von Druffel, na *Salzburger Medicinisch-chirurgischer Zeitung*, e em 1815 pelo seu médico assistente, num pequeno opúsculo. Com este último tive a vantagem de uma comunicação pessoal. Muitos pormenores foram posteriormente relatados acerca dela, que encontraram violentos opositores e defensores.

O relato mais importante e rigoroso é dado por Clemens von Brentano — que a observou durante anos — na sua obra *Das bittere Leiden unsers Herrn nach den Betrachtungen der gottseligen Katharina Emmerich*. Desde a infância teve uma constituição frágil; e, segundo testemunho médico, durante a sua permanência no convento esteve muitas vezes semanas seguidas de cama. Em março de 1813, o reverendo Sr. Stensing comunicou ao Conselho Eclesiástico que Katharina Emmerich, durante vários meses, não tomara qualquer medicamento, nem outro sustento senão um pouco de água e, segundo Druffel, algumas gotas de vinho misturadas nela: nada mais permanecia no estômago; e transpirava copiosamente.

No decurso da noite ocorria quase sempre um desmaio, em que ficava deitada como um pedaço de madeira. Contudo, o seu rosto durante esse estado apresentava sempre o mais perfeito aspeto de saúde; e respondia à bênção sacerdotal fazendo o sinal da cruz (segundo Druffel, era pálida e magra). As características mais notáveis deste caso eram: uma coroa sangrenta a cingir-lhe a cabeça, marcas de feridas nas mãos e pés e no lado, e duas ou três cruzes no peito. Estas, e a marca em torno da testa, sangravam frequentemente; esta última geralmente à quarta-feira, e as primeiras à sexta-feira, e com tal obstinação que muitas vezes corriam pesadas gotas. Esta declaração foi subscrita por médicos e outros, bem como pela própria Katharina Emmerich.

A este documento acrescentava-se que, desde a juventude, ela tivera inclinação piedosa; que considerava a resignação, nas provações e sofrimentos, à vontade divina, como um dos dons mais sublimes, pois a aproximava do nosso Salvador crucificado; mas que no convento era tida como entusiasta, porque comungava várias vezes durante a semana e falava com grande fervor da felicidade do sofrimento, deixando cair por vezes algumas palavras sobre visões. Para investigar estes pormenores, o Conselho Eclesiástico visitou Dülmen várias vezes, e verificou que os factos correspondiam mais ou menos

ao relatório; em particular, que no peito se via a figura de uma dupla cruz, em linhas vermelhas simples e ligadas, por baixo da qual havia uma mancha acinzentada do tamanho de uma folha de trevo, da qual, a princípio, saía um humor acre. Um toque suave produzia tremores nos braços e em todo o corpo.

A hemorragia desenvolvera-se gradualmente, e havia quatro anos que ela sofria incessantemente; e, antes de cada fluxo de sangue, uma sensação mais forte de ardor. Todos os relatos concordavam que nenhuma substância corrosiva poderia ter produzido essas feridas, pois mais tarde foram cuidadosamente lavadas e vigiadas durante oito dias. Nas costas e no interior das mãos e pés eram visíveis feridas, cobertas por uma crosta da espessura de papel.

Catarina desejava permanecer completamente despercebida, e mostrava-se muito relutante em receber visitas; e ela, mais do que ninguém, era a menos suscetível de colher qualquer benefício dos seus sofrimentos. No interrogatório declarou ser duro estar sujeita àquilo, pois apenas desejava ser deixada à vontade de Deus. Depois disto, foram instauradas inquirições judiciais a partir de Münster; e foi obrigada a suportar muitas contrariedades, pois sempre se inclinavam a crer que era impostora: mas nada de novo veio a lume.

No *Mainzer Kirchenzeitung* de 1821 encontra-se o relato de uma visita que lhe fez o conde Stolberg, no qual os pormenores são, em grande medida, os mesmos já mencionados. Aí se afirma que, durante todo o inverno e primavera, a sua alimentação consistia num copo diário de água e no sumo de um pedaço de maçã ou ameixa, e, durante a época das cerejas, ocasionalmente uma cereja. Durante dez dias fora vigiada por testemunhas dia e noite, e trinta e uma testemunhas confirmaram o facto.

Nada evacuara durante três semanas. Embora transpirasse copiosamente, não havia o menor odor desagradável no quarto. Nos seus desmaios e convulsões tinha frequentemente fantasmas, como os doentes febris, ou falava em linguagem estranha e bela. Logo de manhã na sexta-feira, as feridas de espinhos na testa e na parte posterior da cabeça começavam a sangrar; mais tarde no dia, as oito feridas nas mãos e pés; e as marcas dos espinhos em volta da cabeça não poderiam ser pintadas com mais exatidão pelo artista mais hábil. Ao remover as gotas de sangue, permaneciam ainda pequenas picadas vermelhas.

Gotas de sangue escorriam das feridas; e ela sentia sempre alívio com uma hemorragia abundante. O mesmo se dava com a dupla cruz no peito. Esta freira, que em criança guardara gado e trabalhara arduamente, falava agora com voz suave e exprimia-se sobre a religião com uma nobreza de linguagem e elevação de espírito que não podia ter aprendido no convento. A sua expressão espiritual, a sua jovial simpatia, o seu conhecimento penetrante e o seu amor transpareciam em cada palavra que proferia.

Um passo muito notável nos escritos de Brentano não deve ser esquecido, no qual ele diz que, na sua terra natal, em torno de Coesfeld, havia pessoas capazes de predizer mortes, casamentos e movimentos militares a partir de visões; e que também Catarina Emmerich, ocasionalmente, cosia roupas de criança durante a noite e sem luz, facto que muito a surpreendia na manhã seguinte. "A sua infância", diz Brentano, "tem muita semelhança com a da venerável Anna Garcias e Dominica de Paradiso, e outros espíritos contemplativos das camadas inferiores.

Desde os seus primeiros tempos de memória gozava de uma elevada e ao mesmo tempo afável orientação, que perdurou até ao fim. Um dom, que apenas encontramos nas histórias de Santa Sibillina de Pavia, Ida de Löwen, Úrsula Benincasa e algumas outras pessoas piedosas e santas, era nela uma qualidade permanente desde a infância — o dom, a saber, de distinguir entre o bem e o mal — santidade e maldade — no homem e no espírito. Quando criança, tinha por hábito trazer consigo, de grandes distâncias, plantas que só ela sabia possuírem virtudes curativas; e, pelo contrário, destruía toda a planta venenosa, em particular aquelas que eram usadas nos ritos de magia e superstição.

Nos montes pagãos e locais de sepultura sentia repulsa e mal-estar, mas era atraída pelas relíquias dos santos. Distinguia os ossos de santos quando colocados entre outros; e não apenas contava diversos episódios das suas vidas, mas relatava também as várias transferências pelas quais tinham sido transmitidos." No que respeita aos fenómenos do estado extático, Brentano remete o leitor para a vida de Santa Madalena de Pazzi, à qual a vida de Catarina Emmerich muito se assemelhava.

Maria von Mörl apresentou manifestações muito semelhantes às de Catarina Emmerich; mas os estados mais elevados não eram nem tão puros nem tão distintos. Encontra-se atualmente no convento de

Kaltern. Pelo contrário, Domenica Lazzari, que sofre mais dores físicas, tem as feridas, que sangram todas as quintas e sextas-feiras, mais nitidamente marcadas nas mãos e pés. Nas costas e no lado, as feridas são mais distintas do que em qualquer outro caso registado. Os seus pés e pernas, de tanto estar deitada, cresceram como que juntos. No dorso da mão e no peito do pé direito (o esquerdo está sempre coberto pela planta do direito), veem-se duas saliências, quando não há hemorragia, que se assemelham perfeitamente às cabeças de dois pregos.

Sofre as mais terríveis dores e cãibras; e é muitas vezes ouvida a clamar "O Dio, aiutami!" a várias casas de distância. O mais singular, porém, é que, inverno e verão, permanece num quarto miserável com as janelas abertas, coberta apenas por um pano fino; e que durante o tempo instável e ventoso sente grande alívio. Desde 1834 não toma nem alimento nem bebida. Há dois anos que a sua morte é esperada diariamente.

Outros casos de feridas sangrentas estão registados — por exemplo, um no século XV, de uma jovem em Ham, relatado por Bolewink em 1414: — *"Quæ veracissima stigmata dominicæ passionis habuit in manibus pedibus ac latere."*

Outro foi o de uma beguina em Delfos, segundo Raynaldus. Lüllbopp relata-o como sendo de uma freira em Hadamar; e Beda Weber menciona o mesmo em relação a Giovanna della Croce, e a Maria Hunber, priora das Irmãs Escolares em Brixen durante a Guerra dos Trinta Anos. Um caso semelhante foi o de Frederika Reinholdt, "a menina milagrosa de Johanngeorgenstadt", que viu em visão a Crucifixão do Senhor, e morreu na Sexta-Feira Santa: isto é, às três horas da tarde parecia estar morta, permaneceu nesse estado até às seis horas do terceiro dia seguinte, e então despertou após algumas contrações espasmódicas. (*Kieser's Archiv, vii. i. 48.*)

Há muitos exemplos lendários de feridas sangrentas entre os santos — Santa Catarina de Sena; Hildegarda; Santa Brígida da Suécia; e Fasithea de Croyis. Marcas semelhantes da cruz encontram-se em pessoas da mesma disposição — como Catarina de Saconisio, Marina de Escobar, Emília Bichieri, Juliana Falconieri, e São Francisco de Assis. De todos estes, foi apenas ao último que a bula do Papa Sisto IV conferiu o odor de santidade. O número registado de pessoas, desde Francisco de Assis, a quem os teólogos chamam *"vulnus divinum, plaga amoris viva"*, não é de modo algum pequeno, pois são

nada menos de cinquenta: a última foi Verónica Giuliani, de Città di Castello, que morreu em 1727 e foi canonizada em 1831.

Não menos frequentes são os casos de longos jejuns — como em Nicolau de Flüe, Lidwina de Schiedam, Catarina de Sena, Ângela de Foligno, Ludovica de Ascensione, e muitos outros. Se o leitor desejar conhecer mais intimamente os pormenores destes casos, devo remetê-lo para a Introdução à obra de Suso, *Leben und Schriften von Görres*, Ratisbona, 1819.

Estes fenómenos, sem dúvida muito notáveis, sempre suscitaram grande curiosidade; e embora por alguns tenham sido tratados como imposturas, por outros foram elevados à categoria de milagres. Muitos veneraram as pessoas sujeitas a eles como santas, e apresentaram-nas como modelos de devoção e piedade. Qualquer um que procurasse explicar estes fenómenos por causas naturais, ou mesmo considerasse o sujeito como doente e digno de compaixão, era muito provavelmente considerado herético; pois muitos acreditam tão firmemente no diabo, e no seu poder de fazer todo o tipo de mal, quanto acreditam na nossa salvação por Nosso Senhor Jesus.

Muito pouco é, portanto, necessário para levar tais pessoas a colocar uma doente sujeita a visões ao lado da Santíssima Virgem, e a dirigir-lhe orações em vez de ao nosso Salvador. (*"Aliqui multa sunt operati secundum naturalem et astronomicam scientiam, et tamen vel ex sanctitate crediti sunt ista operari, vel ex necromantia, cum tamen neque sancti neque necromancii sint."* — P. Pomponatius, *De naturalium admirandorum causis, sive de incantationibus, opus obstrusioris philosophiae plenum*: Basileia, 1550, p. 45.) Não se recordam de que, em Roma, não é assim tão fácil obter a canonização de um santo. É bem sabido que os seguintes pontos são rigorosamente investigados; e só depois da sua perfeita comprovação é que o chefe da Igreja declara a sua santidade, e o *casus ineditus* como milagre: —

1. O facto de tal jejum ter tido lugar, e ter continuado sem interrupção no tempo indicado, deve ser rigorosamente investigado e estabelecido. O jejum deve ter sido por livre vontade. Não deve ter resultado de enfermidade ou doença, pois, nesse caso, a Igreja não o poderia considerar miraculoso, sendo conhecidos casos em que doenças nos órgãos do estômago produziram inércia durante muitos anos.

2. O objetivo deve ser religioso.
3. A pessoa em jejum deve, durante todo o tempo, ter estado de boa saúde.
4. Não deve negligenciar as boas obras que tem o dever de realizar, pois um jejum que impedisse as boas ações não poderia ser agradável a Deus. São Jerónimo é particularmente explícito a este respeito.
5. Por fim, a moral e as virtudes da pessoa em jejum devem ser rigorosamente examinadas. (*Lillbopp, Die Wunder des Christenthums und deren Verhältniss zum thierischen Magnetismus*, Mainz, 1822, p. 181.)

A Igreja, portanto, não canonizou sequer o piedoso Nicolau de Flüe, que viveu durante vinte anos sem outro alimento senão a hóstia consagrada que recebia mensalmente. Ele falava do seu poder de jejuar mais como uma faculdade natural do que como virtude. (*Joh. v. Müller, Geschichte der schweizerischen Eidgenossenschaft*, vol. 5, cap. 2). Na sua biografia, escrita pelo jesuíta Padre Hugo e publicada em Friburgo, 1636, lê-se: — «Desde a juventude jejuava quatro vezes por semana, e por esse meio afastava-se da influência perturbadora das coisas mundanas, adquirindo ao mesmo tempo uma grande força de resistência.»

Um dos principais ramos da magia na Antiguidade era o poder de influenciar secretamente outros homens, ao qual também se incluía o poder de curar os doentes. Só mais tarde, quando a experiência revelou muitos poderes naturais, por acaso ou por investigação, começaram a utilizá-los para outros fins, muitas vezes para prejuízo alheio: por isso foi chamado de arte negra. Entre os Profetas, os cabalistas já distinguiam entre o vidente e o taumaturgo, como já vimos: *Nabi rack* significava aquele que olha para a luz; e *nabi poet*, aquele que é dotado de poderes mágicos.

Na infância do mundo, e numa época em que essas leis da natureza eram apenas parcialmente conhecidas e compreendidas pelo homem, era natural que tais poderes inexplicáveis fossem diretamente atribuídos a uma influência divina. A cura dos doentes supunha-se proceder apenas de Deus, ou através dos sacerdotes e santos, seus servos. A fé era, portanto, necessária à cura, e os poderes mágicos eram transmitidos por palavras, oração e cerimónias, e a ciência era preservada entre os mistérios. A cura pelo toque, pela imposição das mãos e pelo sopro, pertencia a essa influência secreta; também o uso

de talismãs e amuletos, compostos tanto de substâncias orgânicas como inorgânicas — minerais, pedras ou plantas; o uso de anéis, imagens de santos e outros objetos simbólicos; por fim, a cura dos doentes por palavras e orações.

No que respeita à semelhança que esta ciência tem com o magnetismo, é certo que não só os antigos conheciam um método artificial de tratamento das doenças, como também o próprio sonambulismo, como veremos mais adiante nos Oráculos e entre os Alexandrinos. Entre outros, Agrippa von Nettesheim fala disso claramente quando diz, na sua *Occulta philosophia*, p. 451: — «Existe uma ciência, conhecida por muito poucos, de iluminar e instruir a mente, de modo que, de um só passo, é elevada das trevas da ignorância à luz da sabedoria.

Isto é produzido principalmente por uma espécie de sono artificial, no qual o homem esquece o presente e, por assim dizer, percebe o futuro pela inspiração divina. Os incrédulos e ímpios também podem ser privados desse poder por meios secretos.» (*Potest enim animus humanus, praesertim simplex et purus, sacrorum quorundum avocamento ac delineamento soporari et extendi et praesentium oblivionem, ita ut remota corporis memoria, redigatur in naturam suam divinam, atque sic divino lumine lustratus, ac furore divino afflatus, futura rerum praesagire, tum etiam mirabilium quorundum effectum cum hoc suscipere virtutem.*)

A cura dos doentes pelo toque e pela imposição das mãos encontra-se entre os povos mais antigos — entre os indianos, os egípcios e especialmente entre os judeus. No Egito, foram encontradas esculturas onde uma mão é representada sobre o estômago e a outra nas costas. Até os chineses, segundo relatos dos primeiros missionários (Athan. Kircher, *China illustrata*), curavam doenças pela imposição das mãos. No Antigo Testamento encontramos inúmeros exemplos, dos quais extrairemos alguns.

Quando Moisés viu que o seu fim se aproximava, pediu um sucessor digno; e encontramos a seguinte passagem (Números, xxvii. 18, 20): — «E o Senhor disse a Moisés: Toma Josué, filho de Nun, homem em quem há o espírito, e põe a tua mão sobre ele... E tu porás da tua glória sobre ele, para que toda a congregação dos filhos de Israel lhe obedeça.»

Outro exemplo encontra-se na cura da criança aparentemente morta por Eliseu, que se deitou três vezes sobre a criança e invocou o

Senhor. O modo como Eliseu ressuscitou o filho da sunamita é ainda mais notável. Mandou Guehazi ir adiante para colocar o seu cajado sobre o rosto da criança. Como isso não resultou, Eliseu subiu ao quarto, deitou-se sobre a criança, e colocou as suas mãos sobre as mãos dela, de modo que o corpo da criança aqueceu novamente. Depois disso a criança abriu os olhos. Os poderes de Eliseu sobreviveram mesmo à sua morte.

«E Eliseu morreu, e o sepultaram; e as tropas dos moabitas invadiram a terra ao entrar do ano. E aconteceu que, enterrando eles um homem, eis que viram uma tropa; e lançaram o homem na sepultura de Eliseu; e, caindo o homem e tocando os ossos de Eliseu, reviveu e se levantou sobre os seus pés» (2 Reis, xiii. 20, 21). Naamã, o leproso, quando se apresentou diante da casa de Eliseu com cavalos e carros, e fora mandado lavar-se sete vezes no Jordão, disse: «Eis que eu dizia comigo: Certamente ele sairá, por-se-á em pé, invocará o nome do Senhor seu Deus, passará a mão sobre o lugar e restaurará o leproso» (2 Reis, v. 4).

O Novo Testamento é particularmente rico em exemplos da eficácia da imposição das mãos. «Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério» (1 Timóteo, iv. 14), é um princípio máximo dos Apóstolos, para o uso prático dos seus poderes para o bem dos seus irmãos em Cristo. Em São Marcos (xvi. 18) lê-se: — «Porão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados.»

São Paulo destacou-se pelos seus poderes: «E aconteceu que o pai de Públio estava de cama, enfermo de febre e disenteria; Paulo entrou, orou, impôs-lhe as mãos e o curou» (Atos, xxviii. 8). «E Ananias foi e entrou na casa; e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo. E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista» (Atos, ix. 17, 18).

Em São Marcos encontramos: — «E traziam-lhe meninos para que lhes tocasse; mas os discípulos repreendiam os que lhos traziam. Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus... E, tomando-os nos braços e impondo-lhes as mãos, os abençoou.» «E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente, e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E, tirando-o à parte, pôs-lhe os dedos nos

ouvidos, e cuspindo, tocou-lhe a língua; e, levantando os olhos ao céu, suspirou e disse-lhe: Ephphetha, isto é, Abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos, e se desfez a prisão da sua língua, e falava perfeitamente» (Marcos, vii. 33).

Outras passagens podem encontrar-se em Mateus ix. 18; Marcos v. 23 — vi. 5 — viii. 22 — x. 13 — xvi. 18; Lucas v. 13 — xviii. 15; João ix. 17; Atos ix. 17, etc. etc. Nas histórias dos santos encontram-se registados inúmeros exemplos: e o mandamento, «Em meu nome expulsarão demónios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal algum; imporão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados», aplica-se a todos os verdadeiros seguidores de Cristo. Aqueles, porém, que carecem do poder do espírito e da fé não podem realizar estes atos como os santos, a quem lançam dúvidas porque não os podem imitar.

Os santos faziam tudo pela fé em Cristo, e por isso eram capazes de realizar tais milagres. Mencionarei alguns dos relatos mais notáveis. São Patrício, o apóstolo da Irlanda, curava cegos pela imposição das mãos. São Bernardo é dito ter restituído a vista a onze cegos e o uso dos membros a dezoito coxos, num só dia, em Constança. Em Colónia curou doze coxos, fez falar três mudos, ouvir dez surdos; e, quando ele próprio estava doente, São Lourenço e São Bento apareceram-lhe e o curaram tocando na parte afetada.

Até os seus pratos e tigelas, depois da sua morte, diz-se que curavam doenças! Os milagres de Santa Margarida, Catarina, Isabel, Hildegarda, e especialmente as curas milagrosas dos dois santos mártires Cosme e Damião, pertencem a esta classe. Entre outros, libertaram o imperador Justiniano de uma doença incurável. Santa Odília abraçou um leproso, de quem todos fugiam, aqueceu-o nos seus braços e restituiu-lhe a saúde.

Notáveis acima de todos os outros são aqueles casos em que pessoas, estando à beira da morte, recuperaram pelo santo batismo ou pela extrema-unção. O imperador Constantino é um dos exemplos mais singulares. Pirro, rei do Épiro, tinha o poder de aliviar cólicas e afeções do baço colocando os doentes de costas e passando o seu dedo grande do pé sobre eles. (*Plutarco, Vita Pyrrhi*: «*Digitum maximum pedis divinitatem habuisse adeo quod igne non potuit comburi*»). O imperador Vespasiano curava afecções nervosas, coxeadura e cegueira unicamente pela imposição das mãos

(*Suetónio, Vita Vespas.*). Segundo Célio Esparciano, Adriano curava os hidrópicos tocando-os com a ponta dos dedos, e recuperou de uma febre violenta por tratamento semelhante. O rei Olaf curou Egil no momento apenas impondo-lhe as mãos e recitando provérbios (*Edda*, p. 216). Os reis de Inglaterra e França curavam doenças da garganta pelo toque. Diz-se que o piedoso Eduardo, o Confessor, e em França Filipe I foram os primeiros a possuir este poder.

A fórmula usada nessas ocasiões era: «*Le roi te touche, allez et guérissez*»; de modo que a palavra se ligava ao ato do toque. Em Inglaterra a doença foi por isso chamada *King's Evil* (Mal do Rei). Em França este poder manteve-se até há pouco tempo; e afirma-se que, na coroação, o modo exato de tocar e a fórmula — «*Le roi te touche, Dieu te guérisse*» — lhe eram transmitidos. No reinado de Luís XIII, o duque de Épernon teria exclamado, quando Richelieu foi nomeado generalíssimo contra os espanhóis: «Que! não resta ao rei senão o poder de curar escrófulas?»

Entre os príncipes alemães este poder curativo era atribuído aos Condes de Habsburgo, e também que tinham a faculdade de curar a gaguez com um beijo. Plínio diz: «Há homens cujos corpos inteiros possuem propriedades medicinais — como os Marsos, os Psilos e outros, que curam a mordida de serpentes apenas pelo toque.» Isto observa especialmente em relação à ilha de Chipre; e viajantes posteriores confirmam estas curas pelo toque. Em tempos mais recentes tornaram-se célebres em Espanha os *Salmadores* e *Ensalmadores*, que curavam quase todas as doenças pela oração, imposição das mãos e pelo sopro. Na Irlanda, Valentine Greaterake curava inicialmente o mal do rei pelas mãos; mais tarde, febre, feridas, tumores, gota e, por fim, todas as doenças.

No século XVII, o jardineiro Levret e o notório Streeper realizaram curas em Londres acariciando com a mão. De modo semelhante realizaram curas Michael Medina e o *Menino de Salamanca*; também Marcellus Empiricus (*Sprengel, Gesch. der Med.* Parte 2, p. 179). Richter, estalajadeiro em Royen, na Silésia, curou, nos anos de 1817–18, muitos milhares de doentes ao ar livre, tocando-os com as mãos. Sob os Papas, a imposição das mãos chamava-se *Chirothesy*.

Diepenbroeck escreveu dois tratados sobre o assunto; e, segundo Lampe, trinta e quatro *Chirothetistas* foram declarados santos. (*Dissert. Cinq de χειροθεσία et χειροτονία* — Lampe, *De honoribus et privilegiis medicorum dissert. — Mémoire pour servir à l'histoire de la*

*jonglerie*, Londres e Paris, 1784. — Hilocher, *De cura strumarum contractu regio facta*, Jena, 1730. — Metz, *De tactu regis*, etc. Wittenb., 1675. — Delrio, *Disquisit. magic.*, Mogúncia, 1606, t. i. 66. — *De la philosophie corpusculaire, ou les connaissances et les procédés magnétiques chez les divers peuples*, por M. de L..., Paris, 1735, p. 112. — Guil. Tooker, *Charisma, seu donum sanitatis*, etc. Londres, 1597. — William Clowes, *Eight fruitful and approved treatises of the struma*, Londres, 1602. — A. Laurentius, *De mirabili strumas sanandi vi solis Galliae regibus concessa*, Paris, 1609. — G..., *Traité de la guérison des écrouelles par l'attouchement des septenaires*. — Dan. G. Morhof, *Princeps medicus*, Rostock, 1665. — C. G. Rusch, *Handbuch der Erfindungen*, t. iii. Eisenach, 1792, p. 15. — *A brief account of Mr. Valentine Greaterakes, and divers of the strange cures by him performed*, Londres, 1666. — Pechlin, Nic., *Observationes physico-medicae*, Hamburgo, 1691. — Schelhamer, *Dissert. de odontalgia tactu sedanda*, Jena, 1701. — Adolphi, *Dissert. de morborum per manuum attrectationem curatione*, Leipzig, 1730. — *Anti-magnetismus, oder Ursprung, Fortgang, Verfall und Erneuerung des thierischen Magnetismus*, aus dem Franz., Gera, 1788.*)

## Talismãs

Talismãs — do grego *telesma*, de onde os árabes derivam *tilsem* (*imago magica*) — são substâncias, particularmente metais, minerais, raízes e ervas, que eram usadas sobre o corpo, quer como preventivos contra, quer como curas para doenças. Semelhantes, mas não exatamente iguais, são os Amuletos, que se supunha possuírem o poder de afastar a desgraça ou o efeito do veneno, e eram inscritos com sinais e números astrológicos.

A inscrição mais célebre foi a de Abraxas, que compreendia a ideia do céu, e da qual, segundo Sprengel, derivou a fórmula «Abracadabra», usada por Serenus Sammonicus especialmente contra a febre terçã (*S. Sammon. De re medica*, 1581, 4 c.). Outras fórmulas são dadas por Alex. Tralles. Em épocas posteriores, estes talismãs e amuletos degeneraram no uso de pedras de sangue, ímanes, colares de âmbar, imagens de santos, objetos consagrados, e, entre os católicos, no uso de escapulários, aos quais, contudo, se associava uma ideia de santidade.

Os talismãs foram mais frequentemente usados pelos orientais, que ainda hoje fazem uso deles. Alguns eram bastante simples e lisos, outros eram artificialmente preparados — casos em que, porém, a posição dos astros era especialmente considerada na sua procura e preparação, e por isso muitas vezes eram chamados círculos de constelação.

Com o tempo começaram a ser feitos em todas as formas — como o sol, a lua e os planetas. Uma figura mística, representando o nome inefável de Deus — que, segundo os judeus, se preservava no Templo de Jerusalém — encontra-se em muitas gemas gravadas; e dois triângulos cruzados são supostos ter sido o diagrama dos gnósticos, com o qual realizavam toda a espécie de curas miraculosas.

Chegou-se a acreditar que era possível entrar em comunicação com o mundo dos espíritos pelo auxílio de talismãs; que, pelo seu uso, se podia conquistar o amor e a estima dos homens; e que, apenas pelo simples uso de tais talismãs, outros poderiam ser induzidos a qualquer estado de espírito desejado. Orfeu, por exemplo, diz que é possível fixar a atenção de um auditório e aumentar-lhe o prazer pelo uso do íman. Um poder particular era atribuído às pedras preciosas.

Como atualmente se tem observado que os sonâmbulos magnéticos são influenciados de modo peculiar por certos metais, substâncias vegetais e pedras preciosas, assim não é improvável que nos tempos primitivos a crença nas virtudes dos talismãs tenha sido induzida por observações semelhantes. Assim como ímanes, ferro, cobre, prata, ouro e mercúrio, diamantes, safiras, rubis e esmeraldas são conhecidos por produzirem certos efeitos sobre os sonâmbulos magnéticos, também as virtudes especiais de cada um foram outrora claramente definidas.

Os budistas atribuíam um poder mágico sagrado à safira, sendo chamada a pedra das pedras (*optimus, quem tellus medica gignit*). O facto de superfícies espelhadas produzirem fenómenos sonâmbulos é conhecido há muito; mas só em tempos mais recentes as investigações mostraram a múltipla influência das cores prismáticas, e que estas possuem diferente poder de calor. As polaridades elétricas das pedras preciosas são provavelmente mais importantes do que o seu simples brilho; e, segundo as investigações de Amoretti, todas têm + ou – E. O diamante, o granada e a ametista são – E; a esmeralda, a safira, a água-marinha, o crisólito e a crisoprasa, + E

(*Kieser's Archiv*, vol. iv, p. 62). Não era de estranhar, portanto, que semelhantes efeitos surgissem pela sua influência sobre o homem, e que essa influência fosse observada e registada. A influência do seu brilho sobre o sistema nervoso e a imaginação tem certo fundamento, como firmemente sustentavam os povos orientais e durante a Idade Média (*ad evocandas imagines*).

Assim, por exemplo, segundo os ensinamentos budistas, a safira produz equanimidade e paz de espírito, bem como proteção contra a inveja e a traição. «Abrirá portas e habitações fechadas; suscita a oração e a reconciliação com a Divindade; e traz consigo mais paz do que qualquer outra pedra da necromancia; mas quem a usar deve levar uma vida pura e santa.» (*Marbod. Liber lapid., ed. Beckmann*).

Os sumos sacerdotes judeus usavam pedras preciosas no peito, e, segundo a tradição, serviam-lhes de meio de revelação da vontade de Deus. O que Orfeu diz do poder das pedras é notável — e particularmente em relação ao íman: — «Com esta pedra podes ouvir as vozes dos deuses e aprender muitas coisas maravilhosas. Se sofres de doença, toma-a nas mãos e agita-a bem.

Então cria coragem e pergunta-lhe acerca do futuro. Tudo te será revelado com verdade; e, se a aproximares dos olhos, inspirar-te-á com espírito divino (*tum aude de vaticiniis eum interrogare, omnia enim exponet tibi vera, eumque postea propius ad oculos admovens, quando laveris, intuere: divinatus enim expirantem intelliges*). É um remédio glorioso contra feridas. É um remédio para a mordida de serpentes, para olhos fracos e para a dor de cabeça; e faz ouvir os surdos. Sobre os cristais diz ele:

«O cristal — de toque frio — aplicado aos rins alivia a dor.»

Orfeu dá a seguinte teoria, fundada na influência das pedras: — «A terra produz o bem e o mal para nós, pobres mortais; mas, para cada mal, também fornece um antídoto. Cada espécie de pedra é formada da terra, na qual se ocultam poderes incalculáveis. Tudo o que pode ser feito com raízes pode igualmente ser feito com pedras. Estas possuem certamente grande poder, mas as pedras têm ainda maior. As raízes vivem apenas por pouco tempo, e depois perecem; a sua vida dura apenas enquanto delas obtemos frutos: mas, quando já não existem, que mais podemos esperar dos mortos?

Entre as plantas encontramos algumas nocivas e outras benéficas; entre as pedras será difícil encontrar alguma prejudicial. Armado com o íman, poderás passar incólume entre répteis, mesmo que te

surgissem em legiões acompanhados pela morte negra.» (*Orph. Lithica*, ed. Gesneri).

Um autor antigo escreve o seguinte:

«O Diamante tem o poder de privar o íman da sua virtude e é benéfico para sonâmbulos e insanos. O diamante árabe diz-se que guia o ferro em direção aos polos e é, por isso, chamado magnético por alguns.

A Ágata dispõe o espírito à solidão. A indiana diz-se que mata a sede se for mantida na boca.

A Ametista afasta a embriaguez e aguça o engenho.

O Bézoar vermelho é preservativo contra o veneno. A Argila arménia contra febres infeciosas de toda a espécie.

A Granada conserva a saúde, produz um coração alegre, mas discórdia entre amantes.

A Safira torna o melancólico alegre, se pendurada ao pescoço, e mantém a força do corpo.

O Coral vermelho estanca hemorragias e fortalece a digestão, se usado junto ao corpo.

A Cornalina vermelha estanca hemorragias e cura disenterias.

O Cristal afasta os maus sonhos do que dorme.

A Crisóprase verde é de grande utilidade para os fracos de vista.

O Crisólito, mantido na mão, afasta a febre.

O Jacinto vivifica o coração e o corpo.

O Jaspe verde previne febres e hidropisia, e fortalece o cérebro.

A Ônix mostra formas terríveis ao que dorme e aumenta a salivação nos rapazes; usada ao pescoço, previne ataques epiléticos.

O Ópalo é remédio para olhos fracos.

A Esmeralda verde previne a epilepsia, desmascara as ilusões do diabo e aguça a memória.

O Âmbar cura disenteria e é poderoso remédio para todas as afecções da garganta.

O Topázio cura hemorroidas e sonambulismo, alivia afecções da mente e, aplicado sobre feridas, estanca o sangue.

A Serpentina dissipa a hidropisia se o doente permanecer com ela três horas ao sol, pois então rebenta num suor violento e de mau cheiro; cura vermes e, tomada internamente, diz-se que dissolve a pedra na bexiga.» (*Camilli Leonardi, Speculum lapidum*; et *Petri Arlensis de Scudalupis, Sympathia septem metallorum*; accedit *Magia astrologica Petri Constantii Albini*, Hamburgo, 1717).

Nos tempos antigos havia uma crença universalmente aceite de que viver em conjunto e respirar sobre alguém produzia efeitos tanto maus como bons, e restaurava uma constituição debilitada, praticado por uma pessoa saudável.

Os meios habituais — plantas e seus sucos, pedras, etc. — podiam ser usados em casos particulares; mas, para erradicar doenças profundamente enraizadas, era necessária uma vida jovem e fresca. Sobretudo, acreditava-se que virgens puras e crianças pequenas eram capazes de libertar pessoas de doenças pelo seu sopro, e até pelo seu sangue. O paciente devia ser respirado por elas e aspergido com o seu sangue; tomar banho no sangue teria sido ainda melhor, se fosse possível.

A história fornece-nos muitos exemplos notáveis de restauração da saúde, quer pelo convívio com pessoas saudáveis, quer por ser respirado por elas. Um dos mais notáveis encontra-se na Bíblia, acerca do rei David (I Reis I, 1–4): — «Sendo o rei David velho e decrépito, cobriam-no de roupas, mas não aquecia. Então disseram-lhe os seus servos: 'Procure-se para o meu senhor, o rei, uma jovem virgem, que esteja diante do rei, e o aqueça, e se deite no teu regaço, para que o meu senhor, o rei, aqueça.'»

«Assim procuraram por toda a terra de Israel uma donzela, e encontraram Abisag, a sunamita, e trouxeram-na ao rei.»

Bacon observa, na sua obra *De vita et mortis historia*, que a jovem provavelmente esfregava o rei com mirra e outras substâncias balsâmicas, conforme o costume das donzelas persas.

Plínio recomenda respirar sobre a testa como remédio (*Hist. nat.*, p. 28, c. 6). Galeno conta entre os remédios externos mais certos para a fraqueza corporal os jovens, que eram colocados sobre a cama de modo a cobrir o corpo do enfermo (*Method. med.*, livro vii). Higino (*De sanitate tuenda*) é da mesma opinião; e Virgílio diz:

«E deu abraços e fixou doces beijos,
insuflou fogo dos olhos.»
(*Eneida*, livro i).

Reinhart, na sua *Bibelkrankheiten des Alten Testaments*, chama a isto «restauração da velhice pelo convívio com os jovens». Bartholin (*De morbis bibliis*, c. ix) diz o mesmo, e que é preventivo contra o arrefecimento da velhice e, pelo sopro, restitui grande parte das forças expiradas. Diz-se que Rodolfo de Habsburgo, segundo o relato de Serar, quando muito velho e decrépito, tinha o hábito de beijar, na presença das suas famílias, as filhas e esposas de príncipes, duques e nobres, e de obter vigor e renovação do seu hálito. O imperador Frederico Barba-Rossa, perto do fim da vida, foi aconselhado por um médico judeu a que fossem colocados rapazes jovens e saudáveis sobre o seu estômago em vez de usar fomentações.

João Damasceno, ou Rabi Moisés (*Aphorismi* 80), relata que para coxeadura e gota nada melhor se podia aplicar do que uma jovem colocada sobre a parte afetada. Reinhart diz: «Os cães jovens também são de grande utilidade, os quais nós médicos colocamos, em certos casos, sobre o abdómen do paciente.» Pomponazzi (*De naturalium effectuum admirandis*, etc., p. 41) afirma: «A presença e o sopro dos jovens é uma boa medicina.» (*Amplexus adolescentium bonus anhelitus est medicina temperata*).

É bem conhecida a história de Luc. Clódio Hermipo, que atingiu idade muito avançada por ser continuamente respirado por jovens donzelas. Kohausen regista uma inscrição que um antiquário, de nome Gomar, teria descoberto em Roma. Estava gravada em mármore, e dizia o seguinte:

«A Esculápio e à Saúde
isto é erigido por
L. Clódio Hermipo,
que,
pelo hálito de jovens donzelas,
viveu 115 anos e 5 dias,
o que não pouco surpreendeu os médicos.
Gerações futuras, levai tal vida!»
(*In Hermippo redi vivo, sive Exercit. physico-med. curiosa de methodo rara ad XV annos prorogandæ senectutis: per anhelitum puellarum*, Francoforte, 1742).

Borelli e Homman faziam com que os seus pacientes dormissem com animais, para aliviar dores violentas ou doenças obstinadas. O grande Boerhaave ordenou a um burgomestre de Amesterdão que dormisse entre dois rapazes, e declarou que o paciente aumentava visivelmente em jovialidade e força física. Hufeland diz, na sua *Arte de Prolongar a Vida Humana*: — «E, certamente, quando consideramos quão eficazes são, para a paralisia, os animais recém-abertos, ou a aplicação de um animal vivo sobre uma afecção dolorosa, devemos convencer-nos de que estes métodos não devem ser postos de lado.» Entre gregos e romanos, muito valor era atribuído ao sopro; e os antigos poetas franceses louvam o hálito puro das virgens como muito benéfico:

«Alento tão doce
que curava um doente mais depressa que uma flor.»

Descobriu-se, contudo, muito cedo que o contacto imediato do sopro não era necessário, e que, soprando sobre substâncias inanimadas, estas podiam adquirir poderes curativos. Diversas substâncias eram também usadas junto ao corpo e depois entregues a inválidos, criando-se assim uma comunicação magnética. Isto era frequentemente feito para aliviar espasmos, dores ou febres.

«Não é a minha palavra como o fogo? — diz o Senhor — e como o martelo que quebra a pedra?» (Jeremias xxiii, 29).

«A cura pela palavra, isto é, pela expressão direta do poder mental», diz Van Helmont, «era comum nos primeiros tempos, particularmente na Igreja, e não apenas usada contra o diabo e as artes mágicas, mas também contra todas as doenças. Como começou em Cristo, assim continuará para sempre.» (*Operatio sanandi a primordio fuit in ecclesia per verba, ritus, exorcismos, aquam, panem, salem, herbas, idque nedum contra diabolos et effectus magicos, sed et morbos omnes. Opera omnia, de virtute magna verborum et rerum*, p. 753).

Não só os primeiros cristãos curavam por palavras, como também os antigos magos realizavam os seus prodígios com fórmulas mágicas. «Muitas curas», diz o *Zendavesta*, «são feitas por ervas e árvores, outras pela água, e outras ainda por palavras; pois é através da palavra divina que os doentes são mais seguramente curados.» Também os egípcios acreditavam no poder mágico das palavras. Plotino curou Porfírio, que jazia gravemente doente na Sicília, por meio de palavras prodigiosas; e este último curava os doentes por palavras e expulsava o diabo por exorcismos. Os gregos conheciam

igualmente o poder das palavras, e dão frequente testemunho desse saber nos seus poemas; nos oráculos, a exortação e a oração eram universais. Orfeu acalmou a tempestade com o seu canto; e Ulisses estancou o sangue de feridas com o uso de certas palavras. Entre os gregos, a cura por palavras era tão comum que em Atenas foi estritamente proibida. Uma mulher chegou mesmo a ser apedrejada por as usar, alegando-se que os deuses tinham dado virtude curativa a pedras, plantas e animais, mas não a palavras (*Leonard. Varius de fascino*, Paris, 1587, livro ii, p. 147).

Diz-se que Catão curava entorses por certas palavras. Segundo Plínio, não usava apenas as palavras bárbaras «motas, daries, dardaries, astaries», mas também um ramo verde, de quatro ou cinco pés de comprimento, que partia em dois e mandava segurar sobre o membro ferido por dois homens. Marcos Varrão, diz-se, curava tumores com palavras. Servílio Noviano curava afecções dos olhos mandando usar ao pescoço uma inscrição contendo as letras A e Z; mas o maior renome foi alcançado por Sereno Samónico com os seus hieróglifos prodigiosos. Supunha-se que fossem uma cura certa contra a febre, e apresentavam-se na seguinte forma:

ABRACADABRA

BRACADABR

RACADAB

ACADA

CAD

A

Os talismãs eram inscritos com vários sinais; e muitos costumes ainda hoje em uso no Oriente têm origem neles. Angerius Fererius, na sua *Vera medendi methodus, lib. ii. c. ii. de homerica medicatione*, fala claramente sobre este assunto: «Não são os cantos nem os caracteres que têm tal poder: ele existe também numa mente crente, o que se produz nos ignorantes pela ajuda de sinais visíveis, e nos instruídos por uma influência reconhecida e peculiar.» (*Non sunt carmina, non characteres, qui talia possunt, sed vis animi confidentis, et cum patiente concordis...*).

A Palavra viva, que iluminou a humanidade através de Cristo, mostrou o seu poder divino sobre a doença; e os verdadeiros seguidores de Cristo podem realizar prodígios pela força da sua

palavra. «Etenim sanatio in Christo Domino incoepit», diz Helmont, «per apostolos continuavit et modo est, atque perennis permanet.» — O nosso Senhor disse ao enfermo: Levanta-te e anda; e ele levantou-se e foi; abre os teus olhos; e ele viu; toma o teu leito e anda; e ele ergueu-se; Lázaro, sai para fora! e o que estava morto saiu, ligado de pés e mãos com ligaduras fúnebres, e o seu rosto coberto por um sudário, etc.

Mas o que é esta palavra, mais cortante do que uma espada de dois gumes? É o Espírito divino, sempre presente, sempre ativo; é o sopro divino que inspira o homem. Em todas as eras, e em todas as nações, houve homens que possuíam poderes miraculosos; mas eram inspirados pela religião — voltados para Deus em oração e unidade. O Todo-Poderoso vê o coração do suplicante, e não apenas as suas palavras; vê a crença e a intenção, e não a posição ou instrução.

Até os pagãos piedosos rezavam a Deus; e o seu culto peculiar mantinha a ligação, e criava uma união mais íntima entre os indivíduos e Deus, permitindo-lhes, de certo modo, levantar o véu da ignorância e das trevas. E o pagão piedoso esforçava-se, com todas as suas energias, por elevar-se a uma relação mais íntima com Deus; e, portanto, uma força peculiar residia nos meios empregados; e que poderia ser mais poderoso do que a oração? E Deus, no seu amor abrangente e afeição, não deixaria tais suplicantes sem resposta.

Seria supérfluo enumerar muitos exemplos da eficácia da oração, tal como se manifesta em homens piedosos e crentes, que se podem encontrar em todas as eras e entre todas as nações. Em tempos mais recentes, muitos são bem conhecidos. Mencionarei, contudo, um que me parece o mais claro e o menos duvidoso. Eiersen relata o seguinte: «Conheci um vidente que adquirira o poder de predizer o futuro através da oração noturna num monte, onde se habituara a deitar-se de bruços; e usava esse poder para ajudar os doentes da forma mais simples. As suas visões eram em parte prosaicas, em parte poéticas, e referiam-se não apenas a doenças, mas também a outros acontecimentos importantes, e até políticos, de modo que se assemelhava muito aos profetas do Antigo Testamento.»

Para aqueles para quem o universo é uma peça de relojoaria, ou um movimento perpétuo, que continua eternamente a mover-se por si só — para quem o poder, a sabedoria e o amor eternos na eternidade e na natureza não são nada — a oração e a súplica devem parecer inúteis e insípidas; mas nunca poderão realizar as obras dos que

creem. Para estes, os efeitos mágicos são tão inexplicáveis (e, portanto, falsos) como os fenómenos mágicos são desconhecidos. Mas, com toda a sua ciência e sabedoria mundanas, a natureza permanecerá para eles um mistério.

Não é aqui o lugar para aprofundar este tema; mas não será supérfluo recordar que em cada palavra há uma influência mágica, e que cada palavra é em si o sopro do espírito interior e atuante. Uma palavra de amor, de conforto, de promessa, pode fortalecer o tímido, o fraco ou o enfermo; mas palavras de ódio, censura, inimizade ou ameaça abalam a nossa confiança e autossuficiência. Como é fácil ao mundano, que se alegra na boa fortuna, decair sob a adversidade, e o desespero só entra onde a religião não está — onde a mente não possui um consolador interior e divino. Mas, provavelmente, não há ninguém imune à maldição ou à bênção.

## QUARTA SECÇÃO

## VISTAS TEÓRICAS SOBRE O ASSUNTO DA MAGIA ENTRE OS ANTIGOS EM GERAL

Segundo as investigações de G. Naude (*Apologie pour toutes les grandes personnages qui ont été faussement soupçonnées de Magie*, Haia, 1653), a magia foi muito cedo dividida em quatro classes:

1. Natural;

2. Magia Branca — Teurgia dos anjos e bons espíritos;

3. Arte Negra; e

4. Magia Divina. Mas não raramente acontecia que estas classes fossem confundidas, e que pessoas fossem acusadas de feitiçaria quando, na realidade, eram apenas políticos; como sucedia na Grécia, onde os legisladores declaravam que recebiam as suas leis dos deuses, a fim de as tornar mais facilmente aceites. Assim foi que Trismegisto anunciou as suas leis como dadas por Mercúrio; Zamolais, por Vesta; Carondas, por Saturno; Minos, por Júpiter; Licurgo, por Apolo; Drácon e Sólon, por Minerva; Numa Pompílio, pela ninfa Égéria; e Maomé, como recebidas do anjo Gabriel. Certas teorias e doutrinas eram também ocasionalmente incluídas na magia sem, de facto, terem qualquer relação com ela — como, por exemplo, as teorias de Anaxágoras, em particular a das elipses; até Platão, como ele próprio escreve a Dionísio, foi obrigado a apresentar as

suas ideias sob um falso nome para não ser responsabilizado por elas; e Sócrates morreu porque as suas divergiam da filosofia geralmente aceite.

Muitas outras causas confundiam a ideia de magia e desacreditavam o sistema: as doutrinas pagãs, as inimizades, a ignorância, a superstição, o ceticismo e os juízos apressados de autores superficiais. Assim, a magia foi associada ao paganismo, porque alguns dos seus adeptos eram pagãos, ou considerados como tais: Simão Mago, Menandro, Marcos, Valentiniano, Carpócrates, Prisciliano, Berengário, Hermógenes; ou porque as artes mágicas seguiam os passos do paganismo, como aconteceu em Espanha, depois dos arianos, quando o diabo era visivelmente visto a atormentar homens.

Apuleio foi acusado de magia pela inimizade dos pais da sua esposa. A Donzela de Orleães foi acusada de feitiçaria pelos ingleses, que haviam sido vencidos pelo seu valor e entusiasmo. A ignorância e o preconceito eram grandes entre os gregos, maiores ainda entre os romanos, e na Idade Média atingiram o auge, acompanhados por uma crença supersticiosa em prodígios e presságios — como, por exemplo, que certas pessoas podiam provocar tempestades de granizo e trovoadas à vontade, e que outras podiam navegar em navios pelo ar, a fim de recolher os tesouros que se haviam erguido até às nuvens; e tal crença estava tão enraizada no espírito do povo que, em 833, Agobardo, bispo de Lião, teve as maiores dificuldades em salvar da fúria da multidão três homens e uma mulher, supostamente caídos de tal navio. Por fim, deve notar-se como é muito mais fácil difamar e denegrir certos autores do que compreender o seu verdadeiro e intencional significado.

O primeiro mago de que se tem registo, e que deu ensinamentos distintos sobre o assunto da magia, é Zoroastro. O génio de Sócrates, Plotino, Porfírio e Jâmblico, de Cícero e Escalígero, e de Cardano, é colocado em seguida no primeiro plano, que incluía a visão interior (mágica) e as motivações das aparições incomuns. O sonho era considerado como um dom natural universal, um irmão da morte, ensinando-nos mais acerca daquela visão e ação libertas que possuiremos no último sono, quando forem retirados todos os ferrolhos e grades que, no sono, apenas se afrouxam.

As opiniões dos antigos sobre os sonhos encontram-se expostas em detalhe na *Dissertatio de somnis*, Halle, 1758, de D. L. Schulze. As

opiniões relativas à adivinhação e aos sonhos entre gregos e romanos estão claramente expostas por Cícero em *De divinatione et de natura deorum*. Plutarco e Plínio também comunicaram numerosos pormenores, dos antigos filósofos, a respeito da mania divinatória e do êxtase, que examinaremos mais de perto em momento posterior, adiantando apenas alguns elementos gerais.

Cícero menciona duas espécies de adivinhação: a artificial e a natural; observa que na mente humana existe um princípio divino, que se manifesta em todas as nações, nos sonhos, nas doenças antes da morte e ocasionalmente em outros momentos invulgares. Sócrates e Antípatro reuniram quase todos os pormenores interessantes sobre este tema.

A explicação da aparente contradição — predizer o futuro — é dada por Cícero do seguinte modo: não se trata de algo que não existe, mas apenas daquilo que ainda não foi revelado; pois tudo existe, embora ainda não tenha chegado o tempo de se manifestar (*sunt enim omnia, sed tempore absunt*). Assim como a vitalidade latente se encontra escondida na semente, também o futuro se oculta nas suas causas; e este futuro é, por isso, visto pela alma liberta no sono ou quando estimulada por outras influências, ou ainda quando a razão e a experiência tiram conclusões.

Segundo Posidónio, o homem sonha de três modos, por impulso divino: em primeiro lugar, a alma vê o futuro pela sua ligação com os deuses; em segundo lugar, o ar está cheio de espíritos imortais, nos quais, por assim dizer, estão impressos os sinais da verdade; em terceiro lugar, os próprios deuses conversam com o adormecido — e isto sucede com mais frequência quando a morte se aproxima, de modo que a alma contempla o futuro.

Cratipo: As almas dos homens são, por um lado, inteiramente de natureza divina, o que significa que, além da sua parte divina, possuem também uma inteiramente humana. A parte terrena, que sustenta os sentidos, o movimento e o apetite, não pode separar-se da atividade do corpo; e aquela porção ligada à razão e à reflexão é tanto mais ativa e poderosa quando se encontra separada e livre da influência do corpo.

Crisipo explica a arte de predizer da seguinte maneira: existe uma força, concedida pelos deuses ao homem, que compreende e interpreta os sinais de todas as coisas. Pela adivinhação, percebemos os sentimentos dos deuses em relação ao homem, os sinais que nos

dão, como torná-los favoráveis a nós e de que modo os podemos conciliar. O mesmo se aplica aos sonhos.

Pitágoras considera que a parte consciente da alma está dotada de uma substância muito subtil (éter), a que chama o estômago da alma, sendo o meio de comunicação entre as duas naturezas — a espiritual e a material. Considerava essa substância intermediária como de natureza luminosa, que, uma vez posta em movimento pelas faculdades racionais da alma, podia difundir-se por todo o universo.

Demócrito: De todas as coisas visíveis emanam continuamente reflexos (*eidôla*), de origem divina. A grande unidade dos seres criados está impressa nestas imagens, e é do seu cruzamento e contacto que surgem os nossos pensamentos. Estes reflexos não são considerados por Cícero como formas insubstanciais, mas, como diz Demócrito, como agentes racionais, formados dos átomos mais puros; semelhantes ao homem na aparência, habitam o ar e surgem na escuridão para revelar aos homens o que está oculto.

Já mencionei que Heraclito supunha que os sentidos da alma estavam relacionados com o *pneuma* do éter celeste. Segundo ele, a diferença entre dormir e estar desperto consiste em que, quando se está acordado, a parte divina da alma (*noesis*) é atraída não apenas pelo *pneuma* através da respiração, mas também pelos sentidos do olfato e da visão; enquanto, pelo contrário, durante o sono, a ligação com o éter celeste se mantém apenas pela respiração; assim se cria apenas uma luz ténue, que o homem contempla nos seus sonhos à noite. Essa luz extingue-se na morte, quando toda a atividade dos sentidos se apaga.

É notável que todos os antigos filósofos que visitaram a Índia ou o Egito se mostrassem inclinados à magia, trazendo-a, mais ou menos proeminentemente, para os seus ensinamentos. Em primeiro lugar, Pitágoras; depois, todos os seus discípulos, Empédocles, Demócrito, Platão; e mesmo entre os romanos, os pitagóricos eram reputados como adivinhos. Públio Nigidio, chamado Figulo, amigo de Cícero, foi considerado pitagórico porque era perito em aritmética e astrologia. Latão e Moderato, de Cádis, foram firmes defensores da Escola Pitagórica; mas Apolónio de Tiana foi o mais célebre. Em virtude das suas curas notáveis e profecias, os pagãos erigiram-lhe um templo em Tiana e compararam-no a Jesus Cristo; o imperador Antonino

Caracala venerou-o como um deus e dedicou-lhe um templo em sua memória.

Opiniões relacionadas com este tema encontram-se em Hipócrates (*De insomniis*): "Quando a alma, pelo sono, foi libertada do vínculo mais material do corpo, retira-se para dentro de si mesma, como para um porto, onde está segura contra as tempestades. Percebe e compreende tudo o que se passa à sua volta, representando essa condição, por assim dizer, com várias cores e formas, e explica claramente o estado do corpo." No seu terceiro livro, *De vita*, Hipócrates repete isto nestas palavras: "A alma vê tudo o que se passa no corpo, mesmo de olhos fechados."

"Esta propriedade da alma", diz Escalígero, "não só foi reconhecida pelo divino Galeno e outros sábios como de grande utilidade na medicina, mas também a reconheceram como de natureza divina."

Galenus usa quase as mesmas expressões que Hipócrates para explicar o poder profético dos sonhos, dizendo: "No sono, a alma retira-se para a sua porção mais íntima, liberta-se de todas as tarefas exteriores e percebe tudo o que lhe diz respeito a si ou ao corpo." Galeno declara também ter obtido muito do seu conhecimento dessas fontes noturnas. Que Galeno possuía mais do que o conhecimento habitual da medicina, e que o seu sentido interior muitas vezes brilhou com clareza, mostra-se pelo facto de ter sido capaz de predizer, de modo quase milagroso, o curso e o caráter futuro de uma doença. Mas isto, segundo Cícero, é adivinhação humana e não divina, podendo ser comparada à de Tales, Anaximandro e Ferecides.

Este poder de determinação pode, sem dúvida, ter sido levado por Galeno a um alto grau de perfeição através da prática constante; mas as suas previsões eram, por vezes, de uma precisão tão particular, que levavam a concluir que provinham da sua clareza interior de visão. Assim, predisse ao senador Sexto, então em perfeita saúde, que ao terceiro dia seria acometido de febre; que essa febre diminuiria ao sexto — abrandaria; que ao décimo quarto dia regressaria; e que ao décimo sétimo a perderia completamente através de um suor violento. Predisse também todo o curso de uma febre ao filósofo Eudemo. Um jovem romano, doente de febre, ia ser sangrado pelos médicos, mas Galeno declarou que tal era desnecessário, pois sangraria espontaneamente da narina esquerda: o que aconteceu exatamente como previra, e o jovem recuperou.

Xenofonte diz: "Nada se assemelha mais à morte do que o sono; mas no sono a alma humana revela especialmente a sua natureza divina; então contempla o futuro, estando liberta dos grilhões do corpo."

Areteu (*De signis et causis morborum*, livro II, cap. 1) exprime quase a mesma opinião: "O que os doentes pensam, veem e conhecem é frequentemente notável. Toda a sua natureza parece aperfeiçoada e purificada, e a sua alma capaz de profetizar. Primeiro sentem muitas vezes a aproximação da sua própria morte; depois começam a anunciar aos presentes coisas futuras, que se cumprem milagrosamente; e, à medida que a alma se liberta do corpo, tornam-se frequentemente admiráveis adivinhos." (*Exutoque sordibus animo veracissimi vates quando oriuntur.*)

Plutarco tinha ideias muito notáveis sobre o sistema da adivinhação; e talvez não esteja longe da verdade quando afirma que não é mais maravilhoso que a mente tenha o poder de predizer acontecimentos do que o de os recordar; pois, se a alma experimenta aquilo que ainda não está presente, não seria mais espantoso do que se lembrar do que já passou.

"Exatamente oposta à adivinhação", diz ele, "é a memória (*mnêmê*), esse poder maravilhoso da alma, pelo qual conserva o passado; pois o que foi visto já não existe — tudo no mundo, ações, palavras, efeitos, surge e desaparece, enquanto o tempo, como um poderoso caudal, tudo arrasta; mas a memória da alma agarra, não sei como, tudo isto, e restitui-lhe, embora já não exista, a aparência e semelhança da realidade: de modo que a memória é como que um ouvido para as coisas silenciosas e um olho para as invisíveis.

Não é, pois, de espantar que a alma, que tem tanto poder sobre o que já não existe, contenha também muitas coisas ainda futuras, mas de grande interesse para a mente. Pois todo o esforço da alma tende para o futuro; com o passado nada tem a ver, exceto no que respeita à memória. Por mais fraca e impotente que seja esta propriedade natural do espírito, sucede muitas vezes que, por assim dizer, uma recordação floresça, e que a mente a use nos seus sonhos e mistérios."

Eurípides diz certamente que aquele que pode dar bons conselhos é o melhor profeta; mas engana-se, pois tal pessoa não é senão um sábio; o poder profético, pelo contrário (*to mantikon*), alcança o futuro sem deduções da experiência. Plutarco nega, com grande aparência de razão, que a profecia assente em cálculo ou dados

fornecidos. Neste caso, trata-se de um conhecimento direto, já que a alma penetra nos princípios das coisas e participa do conhecimento Divino, "que tudo conhecia antes mesmo da criação." (*Plut. mor.*)

Platão e Aristóteles dão-nos igualmente as suas visões acerca da adivinhação. Já vimos que Platão supõe que o homem possui um órgão semelhante à luz, que, pelos seus movimentos internos, produz as imagens da imaginação. Pois "um fogo que não queima, mas difunde uma luz suave, foi criado no olho pelos deuses. Quando a luz do dia e a luz proveniente dos olhos se unem, forma-se uma substância na direção da visão. Mas, de noite, quando essa luz já não está presente, ou quando os olhos estão fechados, todas as emoções interiores acalmam e reprimem-se. Se, porém, restarem certas impressões, nos pontos e direções em que se fixaram surgirão imagens ativas da fantasia."

Platão fala ainda das vantagens que a adivinhação trouxe à humanidade, e aos gregos em particular.

Aristóteles, que nos deixou um tratado *Sobre os Sonhos*, exprime-se de modo ainda mais claro, declarando que os órgãos dos sentidos estão ativos durante os sonhos. É necessário conhecer o conteúdo geral da sua obra *De divinatione per somnum*, pois contém as visões mais abrangentes e precisas sobre os sonhos, embora ainda esteja longe de dar razões psicológicas satisfatórias para os fenómenos mais elevados da clarividência e da adivinhação. "Se os sonhos", começa ele, "que revelam o futuro, vêm de uma divindade, como é que não são peculiares a homens sábios ou virtuosos?

E por que razão são herança comum da humanidade, sobretudo das classes mais baixas? Às vezes sonham-se coisas indignas dos deuses"; e Escalígero observa que Aristóteles quer dizer que a alma do idiota é apenas exteriormente insensata, mas interiormente conhece todas as coisas. Aristóteles, no entanto, dá a sua própria explicação psicológica: "O povo comum está menos ocupado com negócios e preocupações, e a sua alma encontra-se, portanto, menos perturbada por pensamentos variados, permanecendo, contudo, suscetível a influências exteriores e seguindo o rumo para onde é dirigida; até os idiotas podem, por isso, contemplar o futuro."

Quanto às visões em sonho, estas são frequentemente ocasionais, provocadas pelo trabalho do dia e às vezes pelo estado interno do próprio corpo. As impressões externas atuam no sono, enquanto os sentidos exteriores repousam, muito mais intensamente do que em

vigília: por exemplo, um leve ruído é tomado por trovão, e, de uma sensação de calor numa parte do corpo, o adormecido sonhará que toca em brasas. Isto deve-se a duas razões: uma, os objetos exteriores; outra, o próprio sono. À noite, o ar é geralmente mais calmo, tornando-se o mais leve som audível; e, no sono, enquanto os sentidos exteriores repousam, a alma possui uma força e atividade redobradas, sobre as quais o mais pequeno estímulo atua.

Aristóteles acredita ainda que "as impressões provêm dos objetos exteriores por uma emoção particular", rejeitando, portanto, os *eidôla* de Demócrito, que existiriam no ar e daí excitariam a imaginação. Existem também certos sonhos claros e pressentimentos pelos quais amigos e conhecidos, mesmo a grande distância, se tornam presentes.

Há ainda pessoas que, caindo em estado extático, enquanto todos os sentidos exteriores estão inativos, predizem o futuro. Nos temperamentos melancólicos, isto depende da impetuosidade do humor. Não devemos espantar-nos se tudo não se cumprir como previsto, pois, nos presságios por sacrifícios e nos sinais celestes, tal acontece frequentemente: circunstâncias imprevistas alteram a ordem natural das coisas, e não sucede o que deveria suceder.

Nas suas deduções filosóficas Aristóteles observa, de modo altamente instrutivo: "É necessário determinarmos em que parte da alma surgem os sonhos — se são produto das faculdades reflexivas (*noêtikai*), ou dos sentidos; pois só assim podemos conhecer o que ocorre em nós próprios.

Se as funções dos sentidos são ouvir, ver, cheirar, e o homem, durante o sono, não pode ver de olhos fechados, não é certamente pelos sentidos externos que o espírito é influenciado. Nos sonhos não percebemos pelos sentidos externos, nem pela imaginação apenas; pois dizemos dos objetos que encontramos não só simplesmente, por exemplo, que era um homem ou um cavalo, mas também que o cavalo era branco e o homem formoso — o que a imaginação, sem a perceção dos sentidos, não poderia afirmar como verdadeiro ou falso.

"Num sonho, o homem tem consciência de outro como em vigília, o que se prova pelo recordar-se do sonho ao despertar. Muitos outros sonhos são simplesmente um arranjo de circunstâncias passadas conservadas pela memória. E nestes casos acontece muitas vezes haver uma outra imagem imaginária além do sonho.

"Seja como for, o poder da imaginação e a faculdade percetiva da alma pertencem a uma ou a outra categoria; mas em nenhum caso a primeira existe sem perceção e sensibilidade; pois a visão e a audição falsas pertencem a quem vê e ouve, mas não ao que apenas acredita."

Contudo, no sono, segundo os argumentos acima, não se ouvem nem se veem objetos externos, nem nada de tangível. Assim, é verdade que não percebemos nenhum objeto exterior definido, e falso que os sentidos não sejam de modo algum afetados; pois cada sentido atua no sono assim como na vigília, mas de maneira diferente. Às vezes a representação aparece enganosa, como em vigília; outras vezes já não é livre, seguindo a fantasia.

Conclui-se, portanto, que o sonho é um efeito da faculdade percetiva, comum ao animal e ao homem. Se, portanto, a imaginação e a faculdade sensitiva se incluem na mesma categoria que a fantasia, embora de natureza distinta; se, além disso, a imaginação é uma emoção causada pela energia dos sentidos, e os sonhos parecem ser meras imagens da fantasia, é evidente que sonhar é um fenómeno dos sentidos, na medida em que o órgão da imaginação e os sentidos tenham algo em comum.

As opiniões de Aristóteles quanto à origem dos sonhos são excelentes. A ação dos objetos sobre os sentidos não dura apenas enquanto a impressão é produzida, mas frequentemente também depois, como acontece com o movimento; pois uma coisa pode continuar em movimento depois de cessada a força motriz. Assim, quando desviamos os olhos do sol para a escuridão, não vemos nada devido à excitação que a forte luz produziu nos olhos; do mesmo modo, quando olhamos longamente para uma cor em particular, branca ou verde, tudo o que olhamos depois nos parece branco ou verde; e assim, depois de ruídos fortes e agudos, as pessoas ficam surdas, e perdem o sentido correto do olfato após cheirar odores penetrantes.

Todos os sentidos, portanto, têm o seu padecimento assim como a sua atividade. Vemos, assim, que muitas vezes, embora o objeto excitante tenha desaparecido, a excitação permanece. E sabemos também que muitas vezes as pessoas se enganam na perceção dos objetos por efeito destas paixões: o homem medroso, com a mais leve semelhança, imagina ver o seu inimigo, e o amante imagina ver a sua amada; e quanto mais excitável o indivíduo, mais

frequentemente erra. Pessoas delirantes percebem, por isso, animais em linhas e manchas das paredes que, por acaso, guardam vaga semelhança com tais formas — reconhecendo o erro quando a febre desce, e voltando a ser atormentadas pela ilusão quando ela regressa. A origem do erro está em que o poder dominante e aquilo em que os fantasmas se refletem não são iguais. Assim, percebemos que os objetos externos afetam os sentidos adormecidos, mas que este efeito cessa quando a mente está em estado de atividade desperta, tal como uma pequena luz se apaga na presença de uma maior.

Em estado de repouso, porém, esta pequena luz reaparece, pois a mente, não mais influenciada por objetos externos, volta-se, por assim dizer, para dentro de si própria; e as paixões, possuindo em si mesmas um grande poder de agitação, produzem visões e sonhos distorcidos, como no caso de hipocondríacos, delirantes e ébrios; mas, quando o sangue febril retoma o seu curso natural, os sentidos regressam à sua condição normal e são capazes de discriminação exata.

Torna-se evidente que existe excitação fantástica nos sentidos durante o sono se apenas recordarmos, ao despertar, o que nos pareceu ocorrer no sono, pois os sentidos em vigília confirmam as imaginações do sonho. Muitos jovens, de olhos abertos, percebem formas móveis na escuridão, que lhes causam terror. Daí devemos concluir que um objeto apresentado aos sentidos durante o sono se torna um sonho, pois os fantasmas de que falamos são tão pouco sonhos como existências reais.

Acontece frequentemente que luz, som e movimento sejam percecionados, mas apenas de forma ténue, como se distantes: assim, no sono, a luz da lamparina é percecionada debilmente, mas ao acordar é reconhecida pelo que é; o mesmo acontece com o cantar dos galos, o ladrar dos cães e outros sons. Algumas pessoas chegam mesmo a responder quando lhes falam. Assim, o estado de sono e de vigília podem coexistir, ainda que imperfeitamente. Ocorre, ocasionalmente mas raramente, encontrarem-se pessoas que nunca tiveram experiência de sonhos; noutras, o sonhar aumenta com a idade; isto pode dever-se às mesmas causas que impedem o sonho após as refeições ou na infância; os cérebros destas pessoas estando, por assim dizer, numa névoa, e assim não suscetíveis de sonhos.

Até à Idade Média, e sobretudo até ao tempo de Paracelso, em parte alguma encontramos conceções psicológicas tão justas acerca da faculdade criadora da imaginação como em Aristóteles. O árabe Averróis, contudo, parece ter tido uma apreciação justa deste assunto e, em muitos pontos, ter sustentado ideias semelhantes às de Aristóteles. Considerava o tema, porém, mais do ponto de vista natural do que psicológico, ao passo que Paracelso fazia exatamente o contrário.

Os gregos e romanos parecem não ter alcançado uma conceção tão profunda dos altos fins da magia como os orientais; e todo o seu saber parece resumir-se no que Cícero escreveu sobre o assunto. Para além dos excertos já apresentados, as suas observações sobre a adivinhação mágica podem resumir-se do seguinte modo:

"A alma, impelida pela sua própria vontade, sem conhecimento nem premeditação, de duas maneiras — o êxtase e o sonho — levou os antigos à opinião de que o poder profético extático estava especialmente contido nos versos sibilinos, e escolheram, por isso, dez intérpretes, considerando útil escutar essas profecias extáticas, como sucedeu na guerra de Otaviano.

Na minha opinião, os antigos foram levados a aceitar tais coisas por outras causas além destas. Certos exemplos foram coligidos dos filósofos para provar porque é que estas previsões deveriam ser verdadeiras; um dos mais antigos, porém — Xenófanes de Cólofon — embora reconhecendo os deuses, negava inteiramente a predição. Os restantes, contudo, à exceção de Epicuro, reconheceram um poder de adivinhação, ainda que não todos no mesmo grau.

Assim, Sócrates e os seus discípulos, e Zenão e os que o seguiram, sustentaram a opinião dos antigos filósofos, com a crença concordante dos velhos académicos e peripatéticos; e Pitágoras, que desejava ele próprio ser tido como áugure, deu grande peso ao assunto; e Demarato apoiou a crença na presciência do futuro; e Dicearco, negando outros meios de profecia, conservou todavia os sonhos e os êxtases; e o nosso amigo Cratipo, a quem respeito como o primeiro dos peripatéticos, dá crédito a estas coisas, embora rejeite outras descrições de adivinhação."

No decurso da conversação, Quinto sustenta que as dificuldades em explicar a predição nada provam contra ela; e exprime-se calorosamente contra aqueles que querem explicar tudo pelo acaso.

"Concordo com os que reconhecem duas espécies de adivinhação — a artificial e a natural. À natural pertencem os oráculos; não os pronunciados por sorteio, mas os ditos por inspiração divina."

Quinto, depois de conceder que muitos oráculos podem ser falsos, fala largamente sobre sonhos; relata vários de caráter profético. Por exemplo, o sonho da mãe de Fálaris; o do rei Ciro; o sonho simbólico de Aníbal, no qual Júpiter, na assembleia dos deuses, lhe falou e ordenou que fizesse guerra à Itália; vários sonhos de filósofos — entre eles o sonho de Sócrates, no qual uma bela mulher lhe recitou o verso de Homero: "Ao fim de três dias chegarás à sombria Ftia" — a sua pátria; e assim foi. Muito, contudo, é falso nos sonhos — ou talvez apenas obscuro para nós. Mas se muito é verdadeiro, que diremos do verdadeiro? "Há também", prossegue ele, "um dom dos deuses, o poder da previsão; e, quando arde intensamente, chama-se loucura — êxtase."

As duas espécies de oráculos e sonhos têm origem comum, que o nosso Cratipo explica assim. O homem, diz ele, recebe a alma de uma fonte superior; pelo que reconhecemos que existe uma alma divina da qual a alma humana deriva. A porção da alma que possui sensação, movimento e desejo depende do corpo; e a porção que pertence à razão e ao entendimento é tanto mais poderosa quanto menos ligada ao corpo. Cratipo, depois de apresentar vários exemplos de verdadeira adivinhação e sonhos, conclui assim: "Se sem o olho não pode haver visão, mas com o olho pode haver erro, então todo aquele que pelo olho tomou consciência da verdade possui um instrumento pelo qual ver a verdade.

Do mesmo modo, se o ofício da profecia não pode cumprir-se sem o dom da profecia, e ainda que o profeta por vezes profetize falsamente, basta, para a afirmação do seu poder profético, que uma vez tenha profetizado verdadeiramente. Mas são inumeráveis tais exemplos; por conseguinte, deve admitir-se a existência dos poderes de adivinhação. Donde vem tudo isto? — perguntas. Muito bem — mas essa não é agora a questão.

A questão é saber se existe ou não. Se eu dissesse que existe um íman que atrai o ferro, mas não pudesse explicar porquê, negar-me-ias o facto? Vemo-lo, ouvimo-lo, lemo-lo, herdámo-lo dos nossos pais; antes do começo da filosofia — que não é de tão longa data — não era posto em dúvida na vida comum; e desde que a filosofia

apareceu, nenhum filósofo digno de apreço pensou de outro modo. Falei de Pitágoras, de Demócrito, de Sócrates e de outros."

Quinto, procurando demonstrar a natureza da adivinhação artificial, ao falar da segunda espécie de adivinhação natural, diz: "Esta deve ser atribuída aos deuses, de quem, segundo a opinião dos primeiros sábios e doutos, recebemos o nosso ser. E como o universo é permeado por um único espírito — o espírito divino — as almas humanas devem necessariamente ser afetadas quando entram em comunhão com as almas dos deuses. A alma humana, quando desperta, é mantida cativa pelas necessidades da vida, e afastada da comunhão divina pelas cadeias do corpo.

Há uma espécie rara de alma que se retira do corpo e, com zelo e esforço, procura elevar-se ao conhecimento das coisas divinas. Assim, as almas dos homens atingem o poder natural de adivinhação quando estão livres e desembaraçadas do corpo, como sucede com os profetas inspirados, e por vezes até no sono.

Duas espécies de presciência são, portanto, reconhecidas por Dicearco, e citadas pelo nosso Cratipo. Primeira: as almas daqueles que, desprezando o corpo, se elevam à liberdade, e, inflamadas por certo ardor, percebem em parte as coisas que predizem. E há vários meios pelos quais tais almas podem ser inflamadas, pois há almas que se inspiram em certos sons e na música frígia. Outras inspiram-se em bosques e florestas; outras em rios e mares. Creio também que há certas exalações da terra que produzem o espírito oracular. Tal é a condição do vidente; e a condição do sonhador é muito semelhante; pois o que sucede ao vidente desperto, sucede-nos a nós adormecidos.

A alma está ativa no sono, livre dos sentidos e de todos os impedimentos dos cuidados do mundo, o corpo jaze como morto. E, tendo vivido desde a eternidade em comunicação com inumeráveis espíritos, a alma abarca toda a natureza, e permanece desperta se, mediante moderação no comer e no beber, se mantém num estado de calma. Assim aconselhava Platão que as pessoas adormecessem de modo a que a alma permanecesse serena. Pelo mesmo motivo, os pitagóricos eram proibidos de comer favas, por serem um alimento flatulento, contrário ao estado de espírito calmo e buscador da verdade. Então o corpo jaz como o de um morto, e o espírito vive, e viverá ainda mais intensamente quando tiver abandonado inteiramente o corpo.

Depois de Cícero, no segundo livro, ter apresentado os seus argumentos contra os augúrios e presságios, e ter declarado que considera as opiniões dos estoicos — que acreditavam na adivinhação artificial — como demasiado supersticiosas, observa:
"As opiniões dos Peripatéticos, do antigo Dicearco, bem como do florescente Cratipo, agradam-me mais. Eles acreditam que no espírito do homem habita um oráculo, pelo qual o futuro pode ser percebido, quer quando a alma é excitada pela inspiração divina, quer quando, através do sono, a alma se expande sem grilhões."

Os argumentos posteriores contra a Arte da Adivinhação, no decurso da obra de Cícero, dirigem-se mais contra o modo então corrente de interpretação do que contra o dom da adivinhação e o poder do vidente.

Mas antes de avançarmos para uma história detalhada das diferentes nações, não será irrelevante rever os primeiros sistemas de filosofia, pelos quais as nossas tentativas de explicar a magia podem ser auxiliadas.

Na Índia e no Egito, nas eras mais remotas, Deus era concebido como o espírito eterno, origem e governante do mundo, que, como alma universal, penetra, vitaliza e sustenta todas as coisas; e da qual a alma humana é uma porção. (Brucker, *Historia philos. critica*, T. I, p. 205.) Os brâmanes ainda hoje têm a mesma crença. Pitágoras, que estudou nos mistérios egípcios, tinha, segundo Cícero (*De natura deorum*, l. I, c. 2), uma teoria semelhante.

Chamava a Deus o espírito que permeia todas as partes do mundo e todas as coisas, de quem todos os seres recebem a vida. Zenão, o estóico, declarou que Deus era a alma do mundo, formando com ele um ser vivo e esférico.

As estrelas eram consideradas habitações de Deus, e por isso declaradas divinas por Pitágoras, Platão, Calcídio e outros. Daí surgiu, com a difusão dessas ideias entre o povo, o culto dos astros sob certas formas — de modo que muitos veneravam o sol como centro e parte mais nobre do universo, chamando-lhe rei, e à lua rainha do céu; os outros corpos celestes eram considerados ou como seus seguidores, ou como deuses independentes.

Para indicar a existência de Deus, os sábios da Ásia antiga e muitos gregos adotaram o emblema do fogo puro ou do éter. (*Aerem amplectitur immensus aether, qui constat ex altissimis ignibus*: Cícero, *De natura deorum*, l. II, c. 36. *Coelum ipsum stellasque*

*collegens, omnisque siderea compago, aether vocatur; non ut quidam putant, quod ignitus sit et incensus, sed quod cursibus rapidis semper rotetur*: Apuleio, *De Mundo*.) Pitágoras e Empédocles defendiam teorias semelhantes (Brucker, l. c. T. I, p. 1113). Parménides também representava Deus como um fogo universal, que circundava os céus com o seu círculo de luz e de chama (Cícero, *De natura deorum*, l. I, c. 11).

Hípias, Heraclito e Hipócrates imaginaram Deus como um fogo racional e imortal, que permeia todas as coisas (Cudworth, *Systema intellectuale*, p. 104; Gesnerus, *De animis Hippocratis*). Platão e Aristóteles afastaram-se pouco disto nos seus ensinamentos; e Demócrito chamava a Deus a razão ou a alma numa esfera de fogo (Estobeu, *Eclogæ physicæ*, l. VII, c. X). Cleonites considerava o sol como o Deus supremo (Büsching, *Grundriss einer Geschichte der Philosophie*, I, p. 344). Encontramos, portanto, desde as eras mais antigas, uma teoria do Éter, pela qual muitos teóricos modernos tentam explicar os fenómenos do magnetismo.

"Só Ele possui a imortalidade, habitando a luz inacessível, a quem nenhum homem viu nem pode ver" (Timóteo, VI, 16).

"Pois em ti está a fonte da vida; na tua luz veremos a luz" (Salmos, 36:9).

"Anjos de luz, os justos, são radiantes como a luz; vem a luz, e a glória; o meu direito é a luz das nações; estar na luz ou no conhecimento vivo de Cristo." "O Urim e Tumim. A luz da sabedoria, do conhecimento, da iluminação. E a terra resplandeceu com a sua glória."

Este sistema de emanação não se referia apenas aos ensinamentos religiosos e à cosmologia das antigas nações da Ásia e do Egito, mas toda a sua filosofia era espiritual. Além das doutrinas indianas do *Zendavesta*, em que se encontram as palavras de Zoroastro sobre Deus, o mundo, a natureza e a humanidade, e do *Oupnechat*, os antigos ensinamentos egípcios concordavam com isso; a Cabala; os pitagóricos e platónicos, e os alexandrinos; os doutos padres da Igreja, Orígenes e Silesius; depois os teosofistas posteriores; os *philosophi per ignem* — como Paracelso, Adam von Boden, Jacob Gohorri; e, no século XVII, Robert Fludd, Jacob Böhme, Poiret, Maxwell, Wirdig, Pordage, etc. — todos sustentam, com diversas modificações, este sistema de emanação espiritual. Os egípcios acreditavam que a noite caótica era uma matéria eterna com Deus.

Os neoplatónicos opinavam que a natureza ou o mundo procedia de Deus, como raios de luz do sol, e era, portanto, posterior a Deus — não no tempo, mas na natureza. Outros imaginavam que a matéria sempre estivera em Deus, mas, a certo momento, saíra dele e se tornara formada.

O mais antigo escrito existente sobre a alma do mundo e a natureza das coisas é atribuído a Timeu de Locros. Os princípios da doutrina timeana são, segundo Büsching, os seguintes:

"Deus modelou a matéria eterna e informe, comunicando-lhe o seu ser. O inseparável uniu-se ao separável; o imutável ao mutável; e, além disso, nas condições harmónicas do sistema pitagórico. Para compreender melhor todas as coisas, o espaço infinito foi imaginado como dividido em três porções: o centro, a circunferência e o espaço intermédio. O centro é o mais distante do Deus supremo, que habita a circunferência; o espaço entre ambos contém as esferas celestes. Quando Deus desceu para comunicar o seu ser, as emanações dele penetraram todo o céu e encheram-no de corpos imperecíveis.

O seu poder diminuía com a distância da fonte, perdendo-se gradualmente no nosso mundo em pequenas porções, sobre as quais a matéria ainda dominava. Daí procede a contínua mudança do ser e da corrupção abaixo da lua, onde predomina o poder da matéria; daí também surgem os movimentos circulares dos céus e da terra, as diversas velocidades dos astros e o movimento peculiar dos planetas. Da união de Deus com a matéria, criou-se um terceiro ser: a alma do mundo, que vitaliza e regula todas as coisas, ocupando o espaço entre o centro e a circunferência."

Uma descrição mais detalhada encontra-se em Brucker e Batteux (*Histoire des causes premières*).

Esta doutrina timeana foi depois defendida, com maior ou menor subtileza, por Ocelus Lucanus, acerca da origem de todas as coisas; por Platão, no seu *Timeu*; por Aristóteles, nas suas cartas sobre o sistema do mundo, a Alexandre, o Grande, etc.

Filósofos modernos também admitiram e descreveram esta alma do mundo de várias maneiras, mas sem a imaginar como Deus. Assim, Descartes considerava o espaço preenchido por uma matéria fluida, que acreditava elementar e em movimento circular; também a julgava ser a fonte e o germe de todas as coisas que rodeiam o mundo e o impelem — (uma espécie, portanto, de fluido magnético). Malebranche, o padre Kircher, Huygens, Leibniz, Bernoulli, etc.,

sustentaram ideias semelhantes. Search descreveu-a como um ser espiritual, que enche todo o mundo material e permeia o mais ínfimo espaço; como o primeiro princípio da natureza, que faz do mundo um animal dependente do ser supremo. Referir-nos-emos mais adiante a Paracelso e aos seus sucessores.

Outros, os chamados dualistas, consideravam a matéria coeva de Deus; como, na natureza, a matéria e a força ativa, por assim dizer, influenciam-se mutuamente, sem que por isso fossem uma e a mesma coisa, ou criadas em tempos diferentes. Platão tinha uma teoria filosófica semelhante: "Existem duas coisas, uma é força, a outra é matéria; em cada uma, contudo, ambas estão contidas."

(*De natura ita dicebant, ut eam dividerent in res duas, ut altera esset efficiens, altera autem quasi huic se præbens, eaque efficeretur aliquid. In eo quod efficeret, vim esse censebant; in eo quod efficeretur, materiam, in utroque tamen utrumque*, etc., Cícero, *Acad. quæst.* l. I, s. 24.)

Zenão acreditava em duas causas primárias das coisas: a matéria passiva e uma razão ativa contida na matéria, ou Deus, que sempre existe e produz todas as coisas a partir dela. Descrevia Deus como éter, ou fogo, ou a razão que permeia todas as coisas. Deus é a alma do mundo, e forma, em união com ele, um ser vivo (esférico). Todo o mundo e os céus são a substância de Deus. Para outros, os materialistas, o único ser e a causa de todos os fenómenos é a matéria.

O materialismo, pelo menos na sua forma mais refinada, era corrente entre os egípcios. A sua matéria eterna, a noite, era para eles o éter — o Deus material. Orfeu, Museu e Hesíodo, nas suas descrições dos objetos naturais, chamaram à matéria noite ou caos, e atribuíram a origem de todas as coisas à sua atividade (Gesner, edição das *Obras de Orfeu*, p. 118).

*Canam noctem, deorum pariter atque hominem genetricem; nox origo rerum omnium.*

As opiniões dos filósofos sobre a matéria foram, no entanto, muito diversas. Uns negaram-lhe todas as propriedades, ação ou formas; outros viram nela propriedades e formas. A forma era ou uma só, como os quatro elementos e as suas variações, diferindo apenas em densidade ou raridade; ou admitiam que a matéria tinha mais de uma forma e consistia em minúsculas partículas indestrutíveis — isto é, átomos. Estratão de Lâmpsaco era da opinião de que nada mais era

necessário para a formação do mundo a partir da matéria eterna do que a sua natureza oculta, com os seus poderes próprios de movimento e de criação (Cícero, *Acad. quæst.* l. II, s. 121). Leucipo acreditava que os próprios átomos se moviam; e Demócrito ensinava que se moviam no espaço infinito incessantemente e perpendicularmente para baixo, encontrando-se uns com os outros, unindo-se ou repelindo-se; e daí surgiam e pereciam todas as coisas. Epicuro sustentava teorias semelhantes, diferindo apenas nos pormenores.

O estoico Zenão atribuía razão à matéria mais subtil, ou éter, de que todas as coisas são criadas — sendo igual a Deus, a quem representava como um fogo ativo. Mas, como não admitia nada espiritual, também Deus era corpóreo, embora de extraordinária pureza em comparação com todas as outras coisas.

Outras teorias explicativas divergiram muito destas e entre si. Assim, por exemplo, o caos infinito de Orfeu, que se transformou num ovo, e que os peripatéticos explicavam dizendo que Orfeu quisera dizer "noite", existia antes de todas as coisas — até mesmo antes de Deus. Os pitagóricos e platónicos, porém, explicavam que Orfeu colocava Deus em primeiro lugar, o qual criara o mundo a partir da noite.

Jablonski (*De mysteriis Aegyptiorum*) acredita que Orfeu terá derivado a sua ideia do ovo dos egípcios, sustentando que o sentido de Orfeu era o de que Deus, unido desde toda a eternidade com a matéria num caos infinito, moldara esse caos na forma de um ovo e, então, desenvolvera o Seu poder criador.

Desta breve enumeração das conceções mais antigas, vemos que as teorias modernas já existiam há muito, e que a explicação material dos fenómenos magnéticos, tal como foi proposta nos nossos tempos, não é nova.

As outras teorias relativas à alma e ao corpo, e à influência recíproca da simpatia e da antipatia, etc., são de grande importância para o magnetismo; vale a pena, por isso, ver o que a história diz sobre este assunto.

Dicearco introduz Ferecrates a falar, o qual considerava a alma uma palavra vã, nada, e todos os poderes sensitivos e ativos como corpóreos (Cícero, *Tuscul.* quaest., l. I, s. 21 — "*Nihil esse omnino animum, et hoc esse totum nomen inane, neque in homine inesse animum,* etc.").

Séneca admite sem hesitação que ninguém sabia o que a alma realmente era (*Naturales quaest.*, l. VII, c. 24); e Bonnet diz o mesmo (*Analytical Investigation upon the Powers of the Soul*) — "Sabemos tão pouco o que é uma ideia na alma como sabemos o que é a própria alma."

Pelo contrário, Hayer sustenta (*La spiritualité et immortalité de l'âme*, T. II, p. 76) que de nada temos uma perceção tão clara como das nossas almas, e que esta é mesmo o fundamento de todo o conhecimento.

São Macário, no século IX, e Averróis admitiam que só existia uma alma no homem (Büsching, p. 803).

Os gregos antigos acreditavam que em todos os homens existia uma alma dupla — até tríplice; que o homem possuía uma alma animal (*anima bruta*) e uma alma divina (*divina*). Até em Homero encontramos vestígios disto (*Ilíada* V, 192-193; *Odisseia* V, 14). A alma divina é chamada por ele νοῦς (*noûs*), também τυφλητήρ (*tyflētḗr*), "fundo do estômago", porque já então era comum a crença de que a sede da alma estava no ventre. A alma animal é chamada θυμός (*thymós*).

Diógenes Laércio (*De vitis, dogmat. et apophth.* clar. viror., l. VIII, 30) escreve: "Pitágoras e Platão atribuíram duas partes à alma, uma racional — λόγον (*lógon*) — e uma irracional — ἄλογον (*álogon*) — ou, para falar com mais precisão, três, pois dividiram a irracional em θυμοειδὲς (*thymoeidés*) e ἐπιθυμητικόν (*epithymētikón*)." É notável que o rei-poeta fale da alma no fundo do estômago; de modo que, já nas eras mais remotas, se observava a transposição da consciência, pela qual, como sabiam os hindus, os sonâmbulos veem e ouvem através do estômago. Van Helmont, mais tarde, transferiu por inteiro para o estômago a sede do seu *Archeus*; e, no ano de 1752, um médico português e vários médicos franceses sustentaram que a alma se encontrava nesse local (*Hamburg Medical Magazine*, parte VIII, p. 647; parte X, p. 801).

Empédocles acreditava que todos os homens e animais possuíam duas almas; e Aristóteles distinguia a alma racional — νοῦς (*noûs*) — da alma animal — ψυχή (*psychḗ*). A alma racional vem de fora da alma e é de natureza semelhante às estrelas, pois é uma porção do quinto elemento, ou da natureza subtil, ígnea e etérea que se encontra espalhada pelo universo.

A alma, como substância, era ora considerada diferente da matéria, absolutamente espiritual, ora material. Discutia-se se a alma era distinta da matéria ou se era de tal natureza subtil que não podia ser percebida pelos sentidos. Aristóteles chegou a considerar que a parte racional da alma era material, pois a natureza astral, etérea e subtil era, para ele, um quinto elemento. Epicuro ensinava que a alma é um corpo delicado, formado dos átomos mais finos, lisos e redondos.

Os estoicos, que acreditavam que todo o mundo era formado apenas de partes materiais, excetuavam a alma, assim como Deus (o Éter), dessa natureza corpórea; consideravam a alma como porções destacadas de Deus — o éter puríssimo.

Os antigos padres da Igreja — Irineu, Tertuliano, Arnóbio, Metódio, etc. — eram da opinião de que a alma é corpórea, mas de uma natureza muito subtil, semelhante ao éter. Hobbes e Espinosa também acreditavam que a alma era corpórea. As teorias opostas, que a concebiam como puramente espiritual, foram defendidas pelos espiritualistas, pelos defensores da alma do mundo, pelos cabalistas e teosofistas, como já vimos.

Donde vem a alma? Já vimos que a maioria dos antigos filósofos a derivava da alma universal, sobretudo Timeu de Locros, Pitágoras e Platão. Platão diz que Deus colocou as conceções primárias de todas as coisas na alma humana, e especialmente na alma do mundo, da qual aquela é uma porção. Mas as imagens ficam obscurecidas quando a alma é encerrada na caverna escura do corpo — a prisão e o túmulo da alma.

Heraclito também acreditava que todas as almas provinham da alma universal. Os padres da Igreja, como Lactâncio e Sinesio, consideravam a alma uma parte do ser divino; e os teosofistas chamavam-lhe um fogo tirado do oceano eterno de luz. Filósofos antigos e modernos eram unânimes quanto à pré-existência da alma, já criada antes desta vida; e Pitágoras parece ter sido o primeiro a sustentar, com base nesta crença, que as almas migram de um corpo para outro, até que, purificadas por esta metempsicose, se reunissem a Deus como luz absolutamente pura. Esta pré-existência foi também aceite por Sócrates e Platão.

Na criação, segundo Platão, foram atribuídas estrelas como habitação às almas, que, pouco a pouco, foram sendo colocadas em corpos humanos. Os que viviam vidas puras regressavam a estrelas melhores, mas os ímpios migravam para animais inferiores, até que

todo o mal fosse vencido. O aprender neste mundo, portanto, não é adquirir algo novo, mas apenas recordar aquilo que outrora se soubera. "Há, de facto", diz Sócrates (*Fédon*), "uma regeneração e um nascer dos vivos a partir dos mortos, e uma existência das almas dos mortos, e, para os bons, uma existência melhor, mas, para os maus, uma existência miserável."

"Até isso", interrompe Cébes, "concorda com a sentença, Sócrates, que estás habituado a repetir, de que o nosso aprender não passa de uma recordação, e que, portanto, devemos necessariamente ter aprendido numa época anterior aquilo que agora recordamos; o que seria impossível se a nossa alma não tivesse existido antes de entrar na forma humana; de modo que, segundo isto, a alma deve ser imortal."

Os padres da Igreja, especialmente Orígenes, acreditavam na pré-existência.

Semelhante a isto era a antiga crença oriental na pré-existência da alma humana, que, caída de um ser mais elevado, entra na sua habitação terrena como vida de penitência. Em tempos modernos, Monro e Leibniz defenderam particularmente esta teoria da pré-existência. Este último diz que Deus criou apenas substâncias simples e imperecíveis; a estas chama mônadas, ou, segundo Aristóteles, ἐντελέχεια (*entelecheia*), das quais as mais perfeitas são as dos homens; menos perfeitas, as dos animais; e as mais baixas, os elementos dos corpos.

Segundo ele, a semente de todas as nações já estava presente em Adão. As almas que se tornam humanas, no decurso do tempo, já antes existiram em outro tipo de corpos organizados. Para explicar mais facilmente o pecado hereditário, os teólogos afirmam que as almas são transmitidas aos corpos das crianças pelos pais (Thomasius, *De origine animæ*; Huetius, *Origenianis*, l. I; East. 6; H. Bosius, *Indic. Augustin.*, c. IV, etc.).

Outra teoria sobre a origem da alma era a de que Deus criava uma alma nova em cada conceção e a implantava no corpo da criança. Isto foi contestado pelos padres latinos e gregos da Igreja; pelos pelagianos, como opositores da doutrina do pecado original; e por alguns escolásticos, que preferiam acreditar na alma racional de Aristóteles. Mais tarde, católicos e protestantes confessaram o mesmo.

Por fim, discutiu-se a sede da alma. Os platónicos, sobretudo os de Alexandria, ensinavam que o poder da alma é igual em todas as partes do corpo; mas pode dizer-se que deve agir onde o instrumento tem início — isto é, no sentido de consciência do cérebro —, indiscutivelmente uma das conceções mais corretas. Parménides, Epicuro e Lucrécio colocaram a sede da alma no peito. Diógenes Apoloniata acreditava que a alma habitava a aorta do coração (Plutarco, *De placitis philosoph.*, l. IV, c. 5). Hipócrates e Ansonio situaram a parte racional da alma no próprio coração (*Hippocr. De corde*: "*Mens in sinistra cordis ventriculo insita*").

Daqui vem a noção da influência recíproca do corpo e da alma, tal como ainda hoje. Os materialistas atribuíam o poder predominante ao corpo; os espiritualistas, pelo contrário, à alma. Assim, Epicuro acreditava que a alma não seria nem ativa nem passiva se não fosse material. Anaxágoras fala pela primeira vez de um ser racional que dá ordem e movimento ao corpo. Pitágoras simbolizava a alma por um número, que se move a si mesmo e, ao mesmo tempo, o corpo. Aristóteles também considerava a alma como a causa do movimento no corpo, o qual, por sua vez, influenciava a alma.

Sobre esta influência recíproca fundava-se o sistema de Aristóteles — *Systema influxus physici* —, por meio do qual a alma do homem produz movimento no corpo e ideias na imaginação. Admitia-se que ninguém podia explicar como isto ocorria, mas que bastava saber que o movimento no corpo era consequente a uma atividade mental anterior, e que as sensações na alma eram produzidas pela influência do corpo.

O princípio primário da vida é ainda hoje aquilo que sempre foi — um algo desconhecido — chamado pelos gregos τὴν δὐναμιν ἑρμήνην (*tὲn dýnamin hermḗnēn*); pelos romanos, *qualitas occulta infusa*; e pelos hebreus, os instrumentos divinos. Mais tarde, teorias da harmonia, da simpatia e do magnetismo fundaram-se sobre isto, segundo visões espiritualistas ou materialistas, mas essa *qualitas occulta* permaneceu tão desconhecida como sempre.

Os efeitos dessa influência recíproca — como os do magnetismo e da antiga magia —, e as condições a ela associadas, estão longe de estar harmonizadas nas diversas teorias.

Os pitagóricos, e entre eles particularmente Empédocles, no seu grande poema *Sobre a Natureza das Coisas*, traçaram a origem de todas as coisas à Μονὰς (*Monás*) — Deus, cujos dois princípios eram

chamados φιλία (*philía*, amizade) e νεῖκος (*neîkos*, inimizade). Heraclito e Hípaso ensinaram que reina no mundo uma guerra universal — uma inimizade contínua — e que todas as coisas são produzidas e governadas pela discórdia. Platão põe Pausânias a descrever o amor como duplo — um celeste e outro comum; e o médico Erixímaco, que completa aquilo que o seu amigo começara a dizer, entende por aí os princípios da natureza, dos quais o primeiro é a causa da união, e o segundo de todos os tipos de desunião.

Segundo isto, diz ele, o domínio do ἔρως (*érōs*, amor) não se deve limitar ao coração do homem, mas estende-se a todos os corpos animados — a todas as produções da terra, e por toda a natureza. Assim, a natureza animal tem o seu ἔρως, e é disso que a medicina se ocupa.

Na música, por meio de combinações hábeis de notas e tempos diferentes, produz-se a harmonia. Tanto a arte da medicina como a da música devem procurar inclinar as diversas tendências dos homens — ou o seu duplo ἔρως — para o seu fim. Por fim, também as predições pertencem ao ἔρως, através do qual os homens mantêm a sua comunhão com os deuses. Está destinado a incitar o melhor ἔρως — isto é, a atividade regulada da alma — à piedade; e, pelo contrário, a reprimir todas as inclinações desgovernadas, como obras do mau ἔρως. Os resultados benéficos para o género humano são efetuados pelo melhor ἔρως, que nos conquista a amizade dos deuses.

Estes ensinamentos, sobre os quais se fundam os de Pitágoras e de Platão, têm origem numa sabedoria muito mais antiga, que encontramos expressa no Oriente: que a alma humana, com o seu ser e com os seus variados poderes, está ligada de modo misterioso à natureza; que a alma humana é formada segundo o esquema do universo (ou antes, que o universo é formado segundo a alma); e que nada existe na natureza que não toque uma corda apropriada na alma. Mas todas as cordas secretas, com as quais os poderes de cima e de baixo influenciam o homem, são apenas imperfeitamente percebidas no estado de vigília.

O domínio especial da simpatia e da antipatia é o vasto domínio da mente, que, em vigília, é ofuscada pela atividade do sentido exterior e pelo brilho físico do sol, e apenas existe numa espécie de obscuridade, de modo que não está plenamente consciente das suas próprias condições e da comunhão secreta que existe entre si e o

grande mundo exterior. É só no sono, quando já não existe a distração dos objetos exteriores, que o sol espiritual interior se ergue, e se tornam mais visíveis as cordas invisíveis estendidas entre o macrocosmo e o microcosmo. Pois a alma é, segundo a imagem escolhida por Leibniz, o espelho do mundo, no qual as coisas próximas e distantes se refletem.

Disto, e de inúmeras outras teorias da Antiguidade, vemos que toda a natureza está unida por um vínculo misterioso, e que todas as coisas, no espaço imensurável, estão intimamente ligadas e dependentes umas das outras — vínculo esse a que os antigos chamavam συμπάθεια (*sympátheia*, simpatia). Atração e repulsão são apenas expressões análogas a amizade e inimizade, expansão e contração, simpatia e antipatia.

Em todo o reino da natureza, os contrastes são visíveis e, em geral, tão marcantes que sempre foram notados não só em coisas pequenas mas também em coisas grandes. Tal como, na atmosfera, a distribuição desigual da eletricidade produz mudanças de tempo, tempestades e relâmpagos, assim também diversas forças estão ativas nos fluidos, nos metais e nas substâncias minerais, manifestando-se em atrações magnéticas e elétricas com a mais ampla variedade de simpatias e antipatias.

No reino orgânico estas distinções tornam-se ainda mais manifestas. Plantas e animais opõem-se; pelos medicamentos e pelos venenos surgem simpatias e antipatias específicas. Estas são tão marcadamente visíveis no reino vegetal como no animal. É bem conhecida a inimizade entre a arruda e a couve, assim como o facto de a videira se desviar quando se plantam couves perto dela. As palmeiras macho e fêmea, segundo Kircher, murcham se não crescerem juntas. Os animais, e sobretudo o homem, percebem as operações mais subtis e distantes da natureza através dos nervos, seus transmissores de luz: experimentando assim uma condição recíproca de simpatia e antipatia.

O vínculo universal de influência recíproca é, segundo os antigos, a atmosfera — o éter; por meio dela, dá-se a influência dos astros sobre as coisas terrenas, e especialmente sobre o homem. Pois não só eram percebidos os corpos celestes — não só eram admitidas as revoluções sobre os eixos e, com estas, a força centrífuga —, mas também a influência dos raios solares, sem os quais a terra seria uma

noite eterna, um sono ininterrupto, sem vida orgânica de espécie alguma.

É grandioso descobrir que, nos tempos mais antigos, o homem era considerado como imagem de Deus, em comunhão ininterrupta com a natureza, não só com esta terra, mas com todo o universo. Mais ainda: admitiam até as relações de simpatia e antipatia do homem com Deus, sobre as quais a sabedoria dos tempos modernos tem permanecido em silêncio.

"Se a natureza não comunicasse com esse mundo superior, seria impossível qualquer influência de lá sobre o homem. O mesmo Criador formou a terra e o universo, as ervas e os animais, segundo um mesmo plano, e colocou no desenvolvimento das almas humanas os germes de tal perfeição, que por eles são capazes de atingir os confins de um mundo invisível aos olhos; por isso a alma do homem é espiritual, e não meramente intelectual, porque a harmonia do futuro mais perfeito encontra nele um eco; e se já sobre a terra não fechar voluntariamente os ouvidos a esse eco, tornar-se-á superior a todas as considerações exteriores.

É reconfortante ao coração reconhecer no magnetismo o esforço visível em direção a esses confins dos sentidos terrenos — a esses limites que cercam o homem e o impedem de se perder nos espaços donde lhe veio tudo o que possui." (D. E. Bartel, *Grundzüge einer Physiologie und Physik des animalischen Magnetismus*, Frankfurt, 1812.)

O oposto da simpatia é a antipatia — a repulsa — e, no homem, o modo de sentir e de agir diferentemente; pois os estados de alma e as condições de temperamento em contacto no homem são exatamente semelhantes aos polos magnéticos. Que estes contrastes de antipatia se manifestam de modo muito mais claro em estados mágicos foi compreendido muito cedo; e percebemos, nas aparições magnéticas, que a antipatia se demonstra de modo muito mais marcante do que a simpatia.

As mais ligeiras discórdias, tanto físicas como psicológicas, tornam-se evidentes não apenas entre pessoas desconhecidas umas das outras, entre condições desiguais de estatuto e educação, mas também entre pessoas conhecidas e até aparentadas. As cordas tensionadas da mente, em febres nervosas ou em sujeitos magnéticos, produzem tal estado de sensibilidade que não só o movimento do pulso mas também as variações do espírito os afetam — algo nunca percebido

no estado comum, a não ser em casos de irritabilidade predominante ou de certa idiossincrasia.

Os que nunca tiveram nada a ver com tais pessoas consideram tudo isto loucura e fingimento, assim como fazem com os prodígios mágicos conhecidos na Antiguidade e com as atuais manifestações magnéticas. Mas como não sabem nada da harmonia das esferas, que "o onipotente Deus da Concórdia dispôs em ordem social, nos laços dourados do ritmo", tampouco percebem os tons silenciosos e o sopro suave, que é poderoso no fraco, de modo que são muitas vezes arrebatados pelo cântico elevado e pela harmonia inspiradora que todos os seres erguem a Deus.

## SEGUNDA SECÇÃO
## O MAGNETISMO ENTRE AS NAÇÕES ANTIGAS; ESPECIALMENTE OS ORIENTAIS, OS EGÍPCIOS E OS ISRAELITAS

### IMAGO, MAGIA, MAGNES

Segundo as observações feitas anteriormente, o elemento poético-mágico repete-se sob muitas formas nas almas dos indivíduos e das nações, de acordo com o seu caráter inato. As revoluções do tempo e da existência individual produzem apenas em aparência exterior uma manifestação variada, tanto na mais obscura e baixa barbárie como na mais pervertida atividade do mundo; enquanto, com o esclarecimento da razão e da moral, o ser interior é sempre e em toda a parte o mesmo.

Pois o objetivo reflete-se sobre a imaginação e o sentimento religioso, em toda a parte segundo um tipo comum da natureza e da mente. Nisso o material assume a forma do sobrenatural; e o sobrenatural imprime-se sobre o material através da imaginação. Aqui reside o vasto domínio da poesia, da eterna imaginação mágica da alma humana, que habita em dois mundos — um espiritual e um material — e desenvolve os elementos da sua atividade ou em si mesma, ou por impulsos exteriores.

Tudo, porém, venha do seu próprio interior ou do mundo exterior, não passa de uma imagem refletida — um fenómeno —, não um ser, uma realidade; mas esta aparência a imaginação procura representar como realidade. Não é, por isso, estranho que o homem encontre tanto deleite nas criações da poesia e da sua própria imaginação; nem é estranho que sempre tome a aparência por realidade, e as

suas próprias criações como belas, quer contenham verdade, quer contenham erro. Distinguir exige grande experiência do mundo exterior e auto-observação da atividade espiritual individual.

Onde isto falta, não há, nas nações como nos indivíduos, verdadeiro reconhecimento das aparições mágicas e das suas leis.

E assim como vimos que os sentimentos religiosos são os mais profundamente enraizados na mente subjetiva, e que o mais alto sobrenatural aparece na contemplação poética, assim também se compreende facilmente que a cultura religiosa dos indivíduos e das nações é sempre a primeira — precedendo todas as outras instituições humanas; pois a poesia e os sentimentos só encontram plena expressão na religião.

A fé está enraizada nos sentimentos religiosos e expressa-se em costumes religiosos, enquanto as criações da poesia recebem a sua mais alta dignidade como realidades — como obras de arte, por assim dizer — apenas através da religião, que as consagra como verdades vivas e radiantes, assim como a própria poesia inspira o sentimento religioso com a graça divina.

Aqui está a origem de todas as artes; antes da ciência e da corporização das conceções interiores da mente, em todos os seus ramos — arquitetura, música, pintura. Também a magia foi consagrada com a religião, assim como os costumes religiosos sempre contiveram algo de mágico.

À medida que o mundo se estende em contrastes, assim também o tempo se divide na sua articulação tríplice — criação, ser e decadência de tudo o que é temporal: juventude, maturidade e velhice são os desenvolvimentos da existência consecutiva, a qual, nas suas várias metamorfoses, segue sempre certos períodos, épocas e estádios. Deste modo são dadas as variedades de idade, nas quais fenómenos e mutações fisiológicas e psicológicas peculiares têm lugar segundo tipos fixos. Assim como os momentos se sucedem no tempo, os átomos se dispõem lado a lado no espaço, e a lei do desenvolvimento do mundo não é, portanto, outra coisa senão que os desígnios do Eterno se revelem no ser.

Mas, como temporalmente assim como materialmente cada ser singular é limitado e finito, assim também o desenvolvimento é muito restrito, e em parte alguma perfeito. Muitas vezes permanece estacionário num certo ponto, ou mostra forças ativas apenas em certas direções, pelo que parece nem preencher nem ultrapassar os

estádios normais. Aquilo que se desenvolveu na evolução desaparece muitas vezes na involução, de modo que o propósito não se manifesta individualmente, mas no conjunto; este conjunto ou compreensão genérica, porém, contém um passado, presente e futuro infinitos, segundo a extensão do tempo.

No que diz respeito, portanto, ao género humano, nunca será perfeitamente manifestado em meras secções de tempo, seja no passado, seja no presente; e como o Éon terrestre é também finito, provavelmente o desenvolvimento perfeito da mente humana nunca amadurecerá em todos os aspetos na terra — pois o presente ainda mostra tanta parcialidade, contestação e luta, e o passado foi apenas o esboço de um futuro desenvolvimento. Assim como aquilo que é inexistente permanece ainda uma unidade não revelada do todo indivisível, assim também o desenvolvimento ainda dorme no seu germe; e assim, na divisão contínua do todo — no desdobrar de capacidades — surgem quebras, que são novamente apenas unidades do todo não desenvolvido.

E assim o passado — o período de origem e de ser — contém apenas o elemento da vida em *potentia*, com ocasionais variedades de atividade vital; o presente abarca o passado como herança, mas sob outra forma, e na maioria das vezes para outro fim, diverso do original; e o futuro, o período de uma nova decadência, extrai a sua força do presente, e os seus frutos, conforme a natureza dessa força e as influências exteriores ainda desconhecidas, não conterão qualquer perfeição: ou seja, não terá lugar um desenvolvimento universal de todas as capacidades e forças, nem o amadurecimento dos esforços emergentes será perfeito. O propósito torna-se perfeito no tempo, mas não continuará em nenhum período particular. (Dr. W. Butte, *Biotomie des Menschen*, Bonn, 1829.)

Aplicando estas observações à história da humanidade, vemos que ela pode ser dividida em três períodos principais de desenvolvimento, segundo o curso do tempo, e especialmente no que respeita à magia, como foi claramente assinalado no n.º 7 da *Deutschen Vierteljahrschrift*:

1. o Oriental;
2. o Greco-romano;
3. o Germânico.

A magia manteve-se a mesma em constituição em todos os períodos, mas as suas manifestações assumiram em cada lugar um caráter peculiar e variedade de formas. Assim, como em todos os fenómenos da vida, também no Oriente ocorreu uma direção universal, não revelada, interior dos sentidos através da magia. A época greco-romana anexou o elemento oriental, mas, na sua atividade mais voltada para o exterior, o mágico desdobrou-se em formas mais numerosas; menos na simples e toda-dominante força da alma do que nos ornamentos poéticos e em certas imaginações fantásticas da mitologia.

A vida espiritual germânica lançou raízes nos elementos greco-romanos, e daí surgiu um processo de fermentação altamente notável, do qual brotaram novos rebentos em todas as direções. Na peculiar força própria dos germanos, a abundância de materiais recolhidos de todos os lados devia naturalmente sustentar este processo por mais tempo, porque uma nova vida estava a ser criada a partir do passado.

Assim, a Idade Média forma o período de germinação, o enraizamento e o verdadeiro começo da história do tempo germânico. O que então se produziu foi certamente apenas um rebento imperfeito, brotando da seiva vital do tronco progenitor; os daímons gregos, os djinns e deuses orientais misturaram-se com os anjos de luz e de trevas judaicos e com as fadas, elfos e *alrunes* germânicos: que outra coisa poderia daí nascer senão uma crença selvagem em espíritos?

Mas, como com o período germânico começou uma nova direção vital, materialmente no que respeita às investigações do universo e da natureza, e espiritualmente no que respeita ao desdobrar da fé cristã, é claro que a magia não pode ser plenamente compreendida antes de se fixarem os limites destas duas direções e de se explicar a sua verdadeira tendência, e até certo ponto entendê-la. Só nos tempos modernos se sente o objetivo destes esforços em direção à verdade, e assim começamos a compreender cada vez mais a natureza da magia e a sua realidade.

Mas, assim como a magia é pouco reconhecida pelo historiador, também o investigador da natureza faz pouca justiça ao magnetismo; um ceticismo cego e a descrença radical em coisas incompreensíveis impedem ambos de compreenderem perfeitamente os prodígios, e levam-nos a estigmatizá-los ou como meras fabricações

insubstanciais da imaginação e falsidades antinaturais e sobrenaturais, ou a recebê-los como fenómenos genuínos nos registos da fisiologia.

Encontraremos as mesmas características da imaginação prevalecentes nos três períodos da magia oriental, grega e germânica; mas aqui, como no romance das nações e das eras, encontraremos necessariamente certa variação e peculiaridade. Antes de podermos formar um juízo verdadeiro sobre estas aparições tão contestadas, devemos prestar alguma atenção às peculiaridades da nação e da época; à constituição mental, que assume um caráter nacional através de costumes religiosos, tradição e eventos nacionais; às modificações, mudanças e relações decorrentes do país, clima, modo de vida e ocupação; à natureza das influências temporais exteriores e à mistura com outras nações.

Encontraremos, contudo, um certo parentesco universal na magia, como no romance do Oriente, dos gregos e dos germanos; mas as *peris* e *devas* femininas de Zaratustra; os anjos dos israelitas, e os daimons dos gregos e romanos; as fadas, elfos, ondinas e *trolls* dos germanos, reaparecem em diversas formas e cores; ora do céu, ora do inferno, ou do reino intermédio; vivendo no ar, nas solidões da terra ou da água; e, por fim, ensinando, advertindo e consolando num lugar, enquanto noutro aterrorizam, atormentam, armam ciladas e levantam obstáculos. Outros ainda parecem ajudar nos trabalhos domésticos e rurais, para prazer e divertimento — como os gnomos, povos das minas, e o "povo feérico jubiloso".

No Oriente, o espírito humano assumiu uma forma muito peculiar já na sua primeira aparição no palco da história, e em certa medida permaneceu estacionário até hoje. A magia não sofreu qualquer mudança essencial desde as primeiras eras, enquanto as formas da magia greco-romana quase desapareceram e se alteraram muito durante o período germânico.

A monotonia da vida, e a separação completa do mundo ocidental; a relutância em mudar habitações e costumes; os primeiros ensinamentos dos patriarcas acerca de Deus e do mundo não permitiram mudança de opinião, nem livre exercício da mente, como foi o caso dos espirituosos e móveis gregos, e dos romanos conquistadores do mundo, em quem uma sensibilidade e atividade múltiplas revelam a inclinação para procurar e maravilhar-se, e

admitem uma cultura variada da mente, e, portanto, também uma variedade muito numerosa de produtos da imaginação.

O génio germânico tem algo da seriedade oriental e da imaginação ocidental, e os espíritos orientais reaparecem na magia da Idade Média, associados a ideias gregas: incorporou os elementos de cada um, e, portanto, apresenta na época peculiar, hesitando entre a barbárie e a civilização, um quadro notável, de traços fortes e esboços, destinado a ser mais claramente definido, sombreado e harmoniosamente preenchido pelo curso do tempo.

No antigo Oriente, onde todas as coisas permaneceram um caos não revelado, unilateral e isolado, o passado da infância histórica surge diante de nós, por assim dizer, em forma viva. O período greco-romano passou rapidamente como um momento do presente, mas um futuro ilimitado ainda se estende diante do génio germânico, para o qual a história do mundo forneceu apenas os materiais para uma atividade mental sem fim.

Se o Oriente tem sido, pois, muitas vezes comparado à infância, a época dos gregos e romanos à atividade e impetuosidade da juventude, e o período germânico à maturidade, esta comparação pode ser aceite, na medida em que a maturidade começa verdadeiramente com a história germânica, e, de certa forma, um futuro inteiramente novo, digno de maturidade, se abre perante a Alemanha; Alemanha, a primeira a aperfeiçoar o seu próprio desenvolvimento, e depois tornar-se mestra de nações e épocas, para o que parece destinada tanto pela posição geográfica como pela atividade mental.

Os gregos e romanos foram apenas os elos momentâneos entre o antigo e o novo, e o Oriente, já estacionário e mergulhado na noite do passado, sonha num sono de mil anos, até que, despertado pelo espírito germânico do futuro, volte a erguer-se para uma nova existência.

Se, como às vezes se crê, a Alemanha se encontra no cume da civilização, a magia é particularmente apropriada para nos instruir sobre este ponto. Não reina ainda o supersticioso e a crença em fantasmas de uma época passada na casa e no pátio, na igreja e no estábulo? Não são ainda exorcizados fantasmas e demónios, de um lado com fórmulas, água benta e orações, enquanto do outro a razão do racionalismo não admite nada de espiritual, nem no céu nem no inferno? Os profetas de credos opostos combatem com golpes de ar

por uma coisa que uns procuram reter com poder convulsivo, e outros condenam como mero fantasma, negando tudo o que não pode ser compreendido pelos sentidos exteriores; de modo que, de facto, a superstição pode estar mais próxima de Deus e da verdade do que a descrença.

E se for precisamente através desta magia que a Alemanha deva mostrar a sua mestria? Se a magia for indicar a direção em que a luz da pura verdade pode ser descoberta? Na verdade, um grande futuro se abre à Alemanha na magia; nela a investigação e a acuidade alemãs devem trabalhar, e, a julgar pelo que temos diante de nós, podemos esperar que a Alemanha resolva a questão. Desde a Idade Média que os alemães dirigem a sua atenção e energias a este assunto com grandes resultados; os alemães puseram fim à bruxaria, e foi um alemão quem acendeu uma chama, com a descoberta do magnetismo, que ainda brilha em solo alemão, e que harmonizará os contrastes mais fortes de luz e sombra que se encontram sob as formas de fantasmas e espíritos na crença popular.

Na visão germânica do mundo encontram-se todos os elementos retirados do Oriente e da época greco-romana. O céu oriental, o Hades grego, no qual deuses e homens levam uma existência comum, e o inferno, oposto ao céu pelo Judaísmo, formam campos intermináveis de investigação. E o alemão não nega absolutamente nada. Onde há Hades — um reino intermédio — deve haver algo acima e abaixo dele, para o qual os espíritos aspiram, se não é daí mesmo que recebem um poder de influência.

O entusiasta indiano esforça-se por elevar-se, para se incorporar na luz de Brahma; o grego comunica de forma puramente humana com os seus deuses sobre a terra; o germânico desfruta com diligência dos bens temporais da sua pátria, mas olha também para o mundo sobrenatural além, para o qual se dirige o olhar da imaginação, e no qual luz e trevas não são dia e noite como para o olho do corpo.

No Oriente, os contornos ideais encerravam-se no espírito em formas simples; na Grécia, a razão desenvolveu-se com faculdades voltadas para o exterior, e a sua poesia foi certamente uma bela poesia ideal da vida; mas o Deus vivo já não estava presente nas profundezas da mente. A mitologia greco-romana prolongou-se pela Idade Média; e poderíamos quase dizer que o inferno foi aí tão proeminente como o céu no Oriente: de modo que o *Fausto* de Goethe estava

perfeitamente certo ao afirmar que os voos da imaginação conduzem do céu ao inferno através da terra.

A energia da investigação dirigida nos tempos modernos para Oriente e Ocidente, e as grandes descobertas, na ciência e no mundo, não bastaram para acender o raio de luz cristã colocado no coração num verdadeiro amor à humanidade, nem para permitir à imaginação repousar, de modo que a poesia pudesse desdobrar-se em beleza harmoniosa com a arte. Isso só poderia realizar-se em verdadeira beleza e força, onde o espírito e os sentidos interiores fossem tão ativos quanto os exteriores, que observam praticamente o mundo objetivo. E onde existe uma terra e um povo, no mesmo período, que nestes aspetos possa ser comparado com a Alemanha?

Se o autor espiritual H. Hauf chama Realismo apenas a uma aparência superficial, e, por isso, uma fase do desenvolvimento, ele apenas confirma o facto de que a fermentação iniciada na Idade Média ainda não cessou; e que, na realidade, as possessões demoníacas dos nossos dias e o magnetismo animal são verdadeiros sinais dos tempos, que separam a luz das trevas, e fazem brotar os rebentos de um saber mais antigo, a fim de que uma inteligência mais elevada e uma construção da ciência e da vida sejam trazidas à existência na Alemanha.

Como confirmação das observações precedentes, e ao mesmo tempo como autoridade e fundamento para as que serão feitas posteriormente, escutemos o que ele próprio diz no n.º 56, de 25 de fevereiro de 1842, da *Allgemeine Zeitung*:

"Quem considera as possessões celestes e demoníacas da época, e os sentimentos supersticiosos e crenças irracionais das mais variadas espécies, como ramos gradualmente murchos de uma civilização anterior, estudou a história como as velhas ervanárias estudam a botânica. Quem procura fé sem superstição é como uma criança a pedir luz sem sombra; quem imagina que o homem, com o progresso do conhecimento, despirá tanto a fé como a superstição, para se mover com liberdade e graça, pinta um quadro impossível da humanidade; calcula sem considerar metade da natureza humana, e mais tolamente que os jacobitas. Mas todos esses mal interpretam e difamam a constituição imutável da alma, a sua dupla natureza, que, como o íman, tem duas direções numa só unidade — duas forças que, em oposição, se repelem e, contudo, mutuamente se abraçam. As superstições, em geral, são movimentos da alma em comunicação

com toda a natureza, e esses movimentos, roçando a consciência, são instintivos, involuntários, e indicados pelos sentidos exteriores. São estados superiores (*Superzustände*), não apenas em relação ao passado, mas também ao futuro; e, assim como sobreviveram a muita iluminação, sobreviverão a todas as formas possíveis de fé e de civilização, seja qual for a sua feição.

"Como se teria colocado a filosofia natural e a investigação da natureza perante as aparições mágicas do presente e do passado, sem as descobertas de Mesmer, é-nos impossível dizer. Todas as maravilhas mentais da história não são de modo algum explicadas pelo magnetismo animal, enquanto este for em si um enigma fisiológico; mas tornaram-se antropologicamente concebíveis através dos factos do sonambulismo, e a sua probabilidade foi assim justificada; e este é o maior passo que o homem já deu para o conhecimento de si mesmo. Os fenómenos de sonambulismo e de clarividência são, até onde foram observados, de tão grande importância para as ciências morais como para as físicas.

É certo que, pelo ato da vontade e por manipulações exteriores dirigidas pela vontade, as forças vitais de dois indivíduos podem ser confluídas de modo peculiar, e, por assim dizer, entrelaçadas uma na outra. A alma do mais suscetível deixa-se colocar, deste modo, num estado especial, e compelir a certas ações cujo caráter inteiro aponta diretamente para a fonte de todo o êxtase e convulsões, e que desde as mais remotas eras foram considerados por todos os povos como maravilhosas confirmações da sua crença supersticiosa de que os poderes secretos da natureza podem ser apreendidos e usados, quer para o bem dos outros, quer para os fins do amor e do ódio.

Não há povo, por mais rude ou incivilizado, que não tenha os seus feiticeiros, adivinhos, bruxas e curandeiros, que não possua a sua fé religiosa, cujos maiores terrores e mais altas aspirações não tenham sido confirmados por sinais e prodígios de mensageiros espirituais das regiões celestes e demoníacas além.

"Se considerarmos as variadas ordens destes fenómenos no espaço e no tempo, comparando-as com a natureza do sonambulismo e da clarividência, tal como os observamos no presente, descobriremos um facto histórico de grande valor. É bem sabido que características peculiares se mostram em todos os estados sonambúlicos, sejam naturais ou artificialmente produzidos. No estado de sonambulismo, de clarividência, de êxtase, etc., os mesmos fenómenos mentais se

manifestam sempre, com as mesmas características gerais. Um facto é particularmente importante nestes fenómenos mentais: o grau de educação do indivíduo tem muito menos influência sobre a ação e condição da alma do que se poderia esperar. A alma humana, virada espasmodicamente do lado diurno da natureza, vê, imagina e dá oráculos com o mesmo grau de intensidade, geralmente da mesma maneira, quer na vigília seja rude e vulgar, quer educada e refinada. Pela intensidade peculiar e atividade aumentada de certas faculdades mentais, vemos frequentemente o sonâmbulo vulgar colocado em pensamento e expressão num plano muito mais elevado do que aquele que lhe pertence na vida.

Ele é elevado ao caminho por onde a alma sonambúlica é conduzida, involuntariamente, às profundezas da natureza. Pelo contrário, na vidente instruída, muitas vantagens mentais do estado de vigília não aparecem na condição sonambúlica; as suas sensações recolhem-se espontaneamente no pentagrama mágico universal, e seguem a mesma trilha batida na qual toda alma humana percebe a mesma paisagem ao luar, mas onde, no crepúsculo, cada olho individual percebe os objetos de modo diferente. Em suma, percebemos que a rede de inclinações, forças e influências, que se estende sobre as profundezas da alma humana e liga misteriosamente o homem ao homem e à natureza, é em todos os homens tecida com as mesmas malhas; nesta região, afastada dos sentidos exteriores, reinam homogeneidade e igualdade no mesmo grau em que, no estado de vigília, há variedades e condições sem fim.

Nesta região, o homem paira, sonhando, no pós-nascimento da natureza: ele é, nisto, a individualidade, o planeta inteligente sobre este planeta. O que a observação nos mostra em indivíduos aplica-se também, segundo a história, a povos e à humanidade inteira. As curas mágicas, o ferir por um olhar, palavra, ato e ação, os presságios e oráculos, a crença no regresso espiritual dos mortos, os meios tradicionais de comunicar-se magicamente com os deuses, espíritos e daimons, os sentimentos e visões sobrenaturais, as violentas convulsões do corpo quando essa comunicação tem lugar de forma forçada ou voluntária — tudo isto se encontra não apenas em povos cuja história nos é conhecida, mas mostra-se igualmente em qualquer estado de civilização em que o homem se encontre, em qualquer zona que habite.

"Quer um país esteja na infância ou na velhice, quer seja célebre ou não na história, quer os seus costumes sejam ainda bárbaros ou

iluminados, em todos os graus de conhecimento e ciência exteriores, irrompe a mesma semelhança genérica notável nas condições e fenómenos. É sempre o mesmo espírito que murmura ao ouvido de Sócrates, Plotino e Swedenborg, e atua em visões e palavras extáticas que, embora variadas na forma e expressão, estão sempre evidentemente fundadas nos mesmos contornos. É esse algo que ergue as mesmas formas nebulosas do abismo da mente no possesso judaico, no xamã siberiano, nas pitonisas e sibilas, no faquir indiano, nos que dormem nos templos, nas bruxas da Idade Média, nas videntes modernas, ou nas mulheres atormentadas por espíritos malignos; e estas formas são variadas como seres vivos pelo movimento, atividade do espírito e gosto da época.

Nos professores da arte negra e adivinhos, nos extáticos e videntes de fantasmas de todas as eras e países, desempenha-se uma espécie de drama fantástico, que, em modelo, invenção e até mesmo na cenografia, é sempre o mesmo, embora representado segundo o traje e a expressão da época. Assim como, no sonambulismo de pessoas ignorantes, o sentimento e a expressão são muitas vezes elevados e enobrecidos muito acima da média do seu estado de vigília, assim encontraremos pensamentos e imagens de surpreendente profundidade e porte poético nas mitologias e demonologias das nações mais rudes e decaídas.

E, pelo contrário, assim como a sonâmbula instruída não leva a sua instrução para o paroxismo, mas é involuntariamente arrebatada pelo daimōn e arrastada no turbilhão de sentimentos mágicos unilaterais, também a educação em nada dissipa aquelas formas que emergem do lado noturno da humanidade. Mesmo na nossa época, que labora tão desesperadamente pela subsistência de cada dia, estes antigos mensageiros do céu ou do inferno, que jazem lado a lado no peito humano, entram no caminho, ora consoladores e iluminados, ora sobrenaturais e assustadores. Os fenómenos do sonambulismo e, para falar claramente, a história poética das nações, mostram claramente que os extremos da existência humana estão unidos.

De um lado, em relações iguais entre a força vital e as condições da natureza, surge a mesma forma primeva; ou, para falar com Pitágoras e Jacob Böhme, o mesmo número e assinatura, numa consciência indistinta. Os sentimentos retraem-se, nas mesmas circunstâncias, — por assim dizer, nos mesmos recantos — construindo as mesmas figuras; e a alma pratica a adivinhação *ut apes geometriam*. Mas estas imagens permanecem inincorporadas

enquanto o sentido exterior, voltado para a luz, não as atrai, ou as explica e expressa individualmente. Daí a diferença exterior de todas as representações sobrenaturais, de toda a poesia e filosofia, mesmo com a maior semelhança interior: tudo o que repousa sobre os movimentos da história, que é conduzida por qualquer estádio de civilização, através das mudanças de governo, de costumes e de fé, como característica duradoura, à criação do polo inferior, enquanto o outro produz a variedade infinita na existência das nações, os inumeráveis desdobramentos das mesmas capacidades fixas, o progresso e o declínio das nações."

Esse traço constante forma o fundo obscuro mas uniforme de toda a história; como que a urdidura através da qual o espírito ativo dos povos e das épocas lança a lançadeira do tecelão, com liberdade visível de movimento.

Deste modo, as observações que os estados sonambúlicos dos tempos modernos nos proporcionam podem dar frutos importantes para a investigação histórica. Esta contenta-se, provisoriamente, com a luz que o magnetismo animal projeta nas fendas e cavernas sombrias da história, onde, antes, a tocha do entendimento humano apenas servia para tornar a obscuridade mais visível. É sem dúvida um grande ganho podermos reconhecer as grandes ideias do grande arquiteto, nas imagens misticamente confusas que acompanham todas as partes do templo da história, ou nas figuras disformes e grotescas que aqui e ali servem para sustentar os arcos; embora talvez não consigamos decifrar facilmente os escritos hieroglíficos das paredes. A sua investigação pertence de imediato à filosofia da natureza, e a filosofia da história segue silenciosamente os seus passos. Este progresso tem sido, até agora, pouco significativo; mesmo a teoria dos estados oníricos tem permanecido durante algum tempo estacionária.

O essencial é apreender as raízes fisiológicas, através de todo o engano e inverdade que acompanham estas aparições tão necessariamente como a sombra acompanha a luz.

Como não é exatamente o nosso propósito, numa história da magia, tratar das definições, explicações e distinções de todas essas condições mutuamente relacionadas — visões, alucinações, sonhos, sonambulismo, êxtase e clarividência — com todas as suas transições e reciprocidades, devemos considerá-las, no seu conjunto, como uma complicação genérica de factos e fenómenos: tanto o fantasma como

a realidade; tanto a visão passageira como o êxtase duradouro, que raramente é observado, embora se produza em alguns, quando existe disposição adequada, como desenvolvimento natural da natureza; noutros, pela doença ou pela arte. Não podemos fornecer critérios diretos pelos quais o falso possa ser distinguido do verdadeiro, nem pelos quais os frequentes enganos possam ser separados dos factos reais. Mas, como pretendo dar um relato histórico de todos os fenómenos provenientes do elemento sonambúlico, cujas fontes e condições podem ao mesmo tempo ser investigadas segundo as particularidades de lugar, tempo e caráter natural e mental, também não excluirei totalmente essas investigações científicas ao longo desta obra.

Pode estabelecer-se como axioma o seguinte: todos os fenómenos mágicos de visões, daimones e espíritos, de feitiçaria e possessão, de sonhos e de clarividência, dependem de uma inclinação natural e instintiva da alma para se colocar em tais condições, bem como das condições naturais exteriores e dos meios artificiais de as produzir e controlar, de que acabámos de falar.

Ao procurar esses movimentos instintivos em povos de constituição variada, podemos considerar as antigas opiniões sobre o sobrenatural e o estado da civilização, assim como as condições geográficas exteriores com as quais os sentimentos instintivos estão ligados por simpatia e antipatia, bem como outras que comunicam de forma mais abrangente com as forças da natureza, nas quais estas simpatias quase inexplicáveis encontram a sua influência recíproca entre espírito e natureza, entre a alma e o corpo. Pois o elemento mental do pai continua ativo de modo típico no estilo fixo, como a semente lançada à plantação, sobre a qual as circunstâncias envolventes exercem maior ou menor influência.

As conceções religiosas desempenham em toda a parte um papel proeminente, e é evidente que muitas vezes receberam a sua forma do espírito visionário interior, assim como, em retorno, a religião influencia o elemento visionário, pelo qual se representam as várias cenas dramáticas da poesia nacional, em modo trágico, épico ou cómico. Sobre o fundo obscuro da alma, os caracteres mágicos estão como que inscritos em tipos fixos, e basta um impulso interior ou exterior para se incendiarem e se tornarem ativos.

Quer por causas psicológicas ou fisiológicas internas, numa visão com os sentidos exteriores ainda íntegros e com poder de previsão ou pré-

visão; quer como alucinações em perturbações patológicas do corpo, onde os espíritos de dentro e de fora se mostram nas mais diversas formas, que uma razão já um pouco amadurecida poderá, em certa medida, distinguir; quer como êxtase de entusiasmo religioso, que possui o poder miraculoso, como um miasma que se espalha, de afetar diretamente os outros, e de desdobrar neles os germes de sonambulismo que contêm.

Esta infeção é um fenómeno histórico de todas as épocas, e pertence indubitavelmente aos problemas mais inexplicáveis que a filosofia da história ou ignora totalmente, como um *noli me tangere*, ou ultrapassa com um olhar apressado de soslaio. Nós, instruídos pelos fenómenos do magnetismo, procuraremos penetrar mais fundo nesta obscuridade, e obter uma explicação satisfatória de muito daquilo que, sob a aparência de terror e espanto, percorreu países clamando vorazmente por sangue humano; dessas fogueiras de morte com que, ainda no século passado, toda a Europa competiu em mostrar a sua piedade e iluminação.

Ao passarmos à observação especial das aparições mágicas nos diversos povos da Antiguidade, basta-nos atender aos resultados já deduzidos, para obter pontos fixos de esclarecimento e discernimento verdadeiro.

São, em grande parte, os seguintes:

1. O elemento sonambúlico jaz adormecido no espírito humano como faculdade instintiva, e só aparece ocasionalmente em certas condições.

2. As condições são gerais e normais, ou especiais e anormais. Às primeiras pertencem os sonhos e os pressentimentos, produção subjetiva dos sentidos interiores e da imaginação, que surgem mais ou menos vividamente em todos os homens. Às segundas pertencem as condições patológicas de alucinações, visões espectrais, sonambulismo, êxtase e clarividência magnética, que geralmente se manifestam como fenómenos noturnos, durante a inatividade dos sentidos exteriores; em casos mais raros, porém, também durante o estado de vigília, de modo que as imagens interiores e exteriores alternam na imaginação ou se fundem.

   Em casos raros, até pessoas despertas e conscientes tomam conhecimento de coisas desconhecidas para os demais. A imaginação é, além disso, uma dupla potência — é uma

*imaginatio ativa et passiva*. O que a fantasia vê é sempre interior, nunca exterior, embora não provenha apenas *ex propria phantasiae operatione*, mas também do *spiritus fatidici* — ou *pythonici* —, que influencia a imaginação dos homens.

3. As imagens subjetivas da imaginação são muitas vezes tão claras e vívidas para a fantasia, que não só se colocam entre as realidades objetivas, como chegam a suplantá-las inteiramente, donde resulta a loucura completa; pois até o próprio sentimento de identidade se extingue, e toma o seu lugar a ideia que caracteriza a possessão daimónica.

4. As conceções do sobrenatural e a crença religiosa dão a cor e a cena às criações da fantasia, que nunca inventa nada de todo, mas apenas combina o presente e o tradicional segundo uma regularidade subjetiva, e muitas vezes as transforma das maneiras mais estranhas. Jacob Böhme diz: "o homem não pode criar pela sua imaginação, mas imagina dominantemente aquilo que está criado." Assim, as várias gradações de espíritos tornam-se angélicas ou daimónicas, celestes ou infernais, conforme a poesia nacional dos povos e dos indivíduos.

5. O elemento sonambúlico, escondido em todo o homem, pode permanecer adormecido por muito tempo, sobretudo quando existe uma ocupação inteiramente exterior dos sentidos — e não se manifesta de todo em indivíduos (como em povos) exceto em sonhos. Mas pode repentinamente e de modo inesperado manifestar-se, e o poeta agora despertado cria poeticamente à sua maneira, e inflama, como uma pequena centelha, o seu meio, e até épocas inteiras, em círculos cada vez mais vastos.

6. As causas do desenvolvimento mais frequente ou mais raro dos estados mágicos residem em parte na disposição hereditária, em parte em causas exteriores que influenciam e excitam o elemento interior: estas são a comunicação psíquica tradicional e as condições físicas e geográficas, bem como o modo de vida, a ocupação e a alimentação. Assim, a educação traz consigo, juntamente com o tesouro da experiência acumulada, os ensinamentos do bem e do mal, e com isso inocula os juízos da posteridade, que são tão indeléveis como cicatrizes ou sinais de nascença.

Um modo de vida calmo, perfeitamente tranquilo e pouco ocupado, sem distrações exteriores, dá espaço às criações da imaginação interior; pois o espírito nunca está em repouso. A abstinência ou falta de alimento provoca a produção de visões, assim como certos meios que as suscitam.

No que toca a condições geográficas, lugares isolados, solitários e raramente frequentados; desertos e ermos; águas e florestas, são causas negativas pelas quais a fantasia povoa o silêncio e a pobreza exteriores, e enriquece-se no seio da abundância do seu próprio corno da fortuna.

7. A influência mágica sobre os outros, e à distância, é o polo ativo da alma e das forças vitais, assim como a perceção instintiva, na contemplação interior, é o polo passivo. A primeira não é mais maravilhosa que a segunda; e assim como a alma obscuramente consciente vem a sentir e imaginar numa esfera infinita, na qual o natural, o sobrenatural e o material se refletem, assim também o poder autónomo atua de modo inexplicável nessa esfera, não constrangido pela matéria mecânica, tal como influencia as fibras musculares ou os membros.

   A alma não tem consciência absoluta da influência, quer na imaginação quer na vontade; tem apenas uma sensação, mas não um órgão de perceção direta. Basta saber que a esfera vital do homem é grande e ilimitada; e este é um facto que fornece materiais abundantes para especulação, mas que não pode ser negado. "A verdadeira magia está nos poderes secretos e mais íntimos da nossa alma."

8. Este facto mostra que a esfera vital consiste na ação recíproca das forças em geral, e das forças vitais em particular; que também existe um rapport universal e uma simpatia abrangente, sem fronteiras temporais ou locais. Nem o rapport nem a simpatia requerem um elemento particular que os conduza; só as forças vitais universais tornam concebível como pontos ou objetos opostos podem ser produzidos por uma modificação, um aumento ou uma passividade negativa das forças, e como assim todos os indivíduos da esfera vital — o mundo — permanecem numa grande e universal comunhão. Os indivíduos estão em simpatia peculiar uns com os outros na

esfera vital, e influenciam-se mutuamente; pois o semelhante atrai o semelhante.

É segundo a modificação das forças da alma e da existência nos indivíduos, e segundo o aumento mútuo ou a passividade negativa, que estes reciprocamente atuam uns sobre os outros, sem que para isso sejam necessários poderes peculiares, e sem estarem claramente conscientes do processo. Tudo quanto se encontra abraçado por um vínculo mecânico ou orgânico simpatiza. Se as forças mentais e vitais não estiverem desunidas, pode compreender-se a infeção de visões em crianças, ou até em animais, como na *second sight*; pois tudo o que está no mesmo laço de simpatia é visível para o outro.

**9.** Daqui se pode deduzir o seguinte como evidente: que as forças mentais e vitais não estão separadas nos indivíduos; pois a alma nunca está ativa quando as forças vitais estão extintas, porque só a vida pode conter a alma.

É, portanto, igualmente compreensível como entre duas pessoas vivas é possível uma reciprocidade peculiar; tal como a influência simpática da alma de uma sobre as forças vitais da outra, e, em retorno, a influência das forças vitais sobre a alma — não apenas na vizinhança imediata, mas também, em certas circunstâncias, como que atmosfericamente à distância, como é provado pelo aparecimento do magnetismo nos tempos modernos e da magia nos tempos antigos.

**10.** Se o sobrenatural e o supramaterial podem refletir-se sobre as forças vitais animadas a partir de uma distância imensurável (*imaginatio passiva*), e se, portanto, influências podem ter lugar entre a mente e o corpo, das quais, contudo, a alma não tem consciência distinta, então a influência e atividade mentais diretas são inegáveis; pois aquilo que é espiritual não é separadamente espiritual, e todas as maravilhas do mundo dos espíritos acabam por resolver-se em maravilhas da nossa própria mente.

Se, porém, os espíritos são em si mesmos absolutamente sobrenaturais e supramateriais, ou não; de onde atuam, e se diretamente através de forças, ou indiretamente sobre a fantasia ou sobre as forças vitais, não é possível explicar, e tão

pouco é possível negar como provar. Tanto podemos conjeturar uma multidão de seres espirituais desligados da natureza material, como que o mundo físico consiste numa multidão de coisas e de forças: podemos conjeturar que os seres espirituais atuam, conforme a sua natureza, diretamente sobre as forças mentais e vitais, sobre pessoas de disposição peculiar, de tal modo que o impulso toca a corda afinada como um sopro de ar.

A força vital assim tocada transforma para si própria o espiritual em material, segundo formas inatas, e coloca-o diante de si em condições passivas ou ativas. Mas também podemos acreditar que a força vital da alma é autoiluminadora, e que o olho espiritual do sentido interior, em circunstâncias (desconhecidas), percebe perceções polares, mesmo à distância no tempo e no espaço, refletidas sobre si própria — como se sentidas à distância — como se desse encontro com forças espirituais e sobrenaturais, que sente na sua própria natureza, e que possivelmente ilumina pela sua contemplação. Segundo Pordage, é a alma que percebe diretamente as coisas externas, através do seu poder inato de tendência exterior, ou através de uma radiação das coisas exteriores para si mesma.

Desta maneira podem ser explicadas as comunicações espirituais mais variadas de diferentes povos e indivíduos, e resolvidas todas as contradições nas revelações objetivas, que se verificam em povos e homens de diversa fé e imaginação, no que toca às aparições espirituais — onde cada um comunica com os espíritos segundo a sua própria natureza; pois uns verão uma forma humana numa nuvem, enquanto outros imaginarão que se assemelha a Juno.

O vidente oriental contempla o mundo na luz de Brahma; o muçulmano vê as *húrīs* no paraíso de Maomé; o rude xamã ouve no seu êxtase espíritos terríveis sob o teto da sua cabana; e a feiticeira da Idade Média até as suas comunicações com o diabo: em suma, a ciência aqui apenas fornece conjeturas, não certezas. Mas estas conjeturas pelo menos estabelecem como certeza, dentro da ciência, que os espíritos e aparições sobrenaturais não têm existência objetiva em formas fixas, pois, se assim fosse, teriam de se manifestar sempre do mesmo modo; existem, portanto, aparições espirituais sem espíritos.

Se as conclusões já alcançadas assentam sobre fundamentos firmes, e, como me parece, são indiscutíveis, podemos concluir do seguinte modo:

1. Que existe uma conexão universal na natureza, e uma reciprocidade mútua em contrastes simpáticos e antipáticos, mas que não pode ser percebida pelos sentidos despertos; de modo que existe, em todo o caso, algo de que os sentidos não dão testemunho direto.
2. Que o mundo não é uma peça de mecanismo, que se esgota por uma necessidade sem finalidade, e depois se volta a dar corda cegamente; e que o mundo também não é de natureza sem alma.
3. Que nada se sabe acerca de um mundo espiritual.
4. Que a alma viva não só está em conexão simpática com o corpo, mas também com os princípios da natureza, entre os quais existem fios invisíveis de atração, cujos limites nenhuma matemática pode definir.
5. Que uma comunhão espiritual entre homem e homem, e portanto também entre o homem e os seres superiores, não pode ser negada; pois em toda a história tal comunhão não é apenas suspeitada, mas sentida de forma obscura, e até enunciada em afirmações subjetivas.
6. Que toda a propaganda de explicações baseadas no senso comum há de esforçar-se em vão e nunca logrará o intento de erradicar por completo, até à raiz, os pressentimentos, sensações e convicções de uma fé ou superstição solidamente fundada, nem de trancar tão seguramente todos os castelos, ruínas e mosteiros, que os fantasmas e aparições não continuem, como antes, a estabelecer ali a sua morada.
7. Que também a crença dogmática tão pouco poderá exorcizar fantasmas ou banir os maus espíritos, que perturbam o cérebro como visões, e espreitam nos cantos sombrios da mente.
8. Por fim, que na ciência alemã nada ainda é certo ou fixo quanto à natureza e ao espírito, à alma ou ao corpo, ou quanto à possibilidade ou probabilidade de influências recíprocas:

*Dies diei eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam* (Salmo XVIII, 13).

A verdadeira magia reside nos poderes mais secretos e mais íntimos da mente. A nossa natureza espiritual permanece ainda, por assim

dizer, encerrada dentro de nós. Todas as maravilhas espirituais acabam por ser apenas maravilhas da nossa própria mente.

No magnetismo está a chave para abrir a futura ciência da magia, para fertilizar os germes em crescimento nos campos cultivados do conhecimento, e revelar as maravilhas da mente criadora —

Magnes, Magia, Imago!

## PRIMEIRA DIVISÃO

## A MAGIA ENTRE OS ORIENTAIS

No Oriente encontramos a civilização num estado muito semelhante ao que estava no início da história do mundo — isto é, os primeiros registos verídicos dessas nações antigas descrevem a sua condição quase tal como a encontramos ainda hoje. Durante muitos séculos permaneceram, portanto, estacionários; os estágios progressivos da criação, em que a natureza geralmente se eleva da imperfeição à perfeição, não se encontram na história dos povos orientais. Parece como se a vida vacilante da juventude vigorosa se tivesse de súbito cristalizado numa regularidade inflexível, difundindo a luz da vida de maneira invariável e uniforme.

A organização dos povos orientais permaneceu, durante eras, como uma múmia: sem progresso, mas também sem decadência efetiva. Encontramos ainda no Oriente essa solidez e exclusividade — essa constituição duradoura de costumes e hábitos — essa calma imobilidade e separação do mundo em redor — essa indolência e indiferença perante o exterior, que já lhes eram atribuídas há milénios. No Oriente não existe espírito criador que quebre a luz interior em raios diversos: os traços característicos das várias nações são idênticos em todas — silenciosos, estacionários e estereotipados.

A Ásia ocidental, no entanto, foi uma exceção, onde, desde as mais remotas eras, as nações habitantes estiveram em movimento, tanto por incessantes contendas entre tribos migratórias, como por uma certa mobilidade espiritual na sua civilização. As costas do Mediterrâneo, todavia, sempre foram os limites do mundo exterior, tanto nos tempos antigos como nos modernos; mas a influência que exerceu sobre os povos do Ocidente, e o modo como a história do mundo se expandiu, pouco interessou ao Oriente.

Pouco importa se consideramos o Oriente na infância ou na velhice: encontra-se numa segunda infância, na qual não domina uma mente consciente e ativa, mas antes o instinto de uma existência sonhadora. Não há progresso espiritual; não há reflexão e especulação na ciência ou na natureza, na religião ou na legislação; a religião da mente e a vida interior são os traços dominantes da sua existência. Cortado da luz do dia e do convívio mútuo com nações ativas, o oriental jaz num sono letárgico e, como no sonambulismo, é ou um visionário delirante, ou, no máximo, um profeta extático.

Desde as eras mais antigas os estados mágicos foram descritos como tais, e continuam a sê-lo. Como eram as visões e revelações dos antigos brâmanes, assim são, ainda hoje, as dos eremitas e faquires indianos: imagens claras, poéticas e impressionantes; predições e profecias marcantes; pensamentos elevados, com um poder quase sobrenatural de arrastar outros para o círculo mágico e mantê-los em estado de aquiescência passiva; acompanhados, porém, de visões e ilusões frequentes mas incertas, e de espíritos e aparições de toda a espécie. Tudo isto constitui os traços mais característicos, unidos a grande irregularidade e incerteza na composição de palavras e atos.

Lancemos um olhar rápido sobre as causas originais dessas condições, antes de nos aproximarmos mais intimamente delas.

A causa primeira e mais poderosa é o desdobramento e consolidação do sentimento religioso, já referido ao falarmos da distribuição dos povos, que nas suas separações estabeleceram sistemas religiosos próprios. Em nenhum caso isto foi tão marcante como entre os semitas, que, sendo originalmente os objetos privilegiados da graça, foram também os primeiros instrutores do género humano, e depois continuaram a manter uma comunicação ininterrupta com os deuses, enquanto outros povos mudavam de religião como quem muda de veste.

Embora o sentimento religioso fosse universal entre os semitas, permaneceu, em geral, entre as nações asiáticas, como um princípio adormecido — um fogo central sem brilho periférico — «uma luz que brilha nas trevas» — excetuando os descendentes de Éber, e ainda mais especialmente os filhos de Abraão, que Deus escolhera de entre a estirpe de Sem para ser o seu "povo dentre todas as nações da terra".

Os israelitas, dotados de profundo e investigativo sentimento religioso, foram capazes de conceber a verdadeira ideia de Deus e de

receber as suas revelações, ao passo que todos os outros povos vizinhos e semitas permaneceram fora do santuário do verdadeiro conhecimento divino, mergulhados num quietismo passivo. Só no povo eleito de Israel se encontrava o anseio e o amor obediente, fortalecendo a fé verdadeira na luta da vida, no exercício da paciência e da resignação, e na constante esperança de futura redenção; enquanto as demais nações olhavam para trás, com saudade, para o glorioso mundo do passado — para a perda da salvação — sem esperança de um futuro melhor.

Toda a nação israelita, como os seus profetas e videntes, foi educada em provações e duras lutas, na esperança de alcançar, primeiro, a terra prometida e, depois, a Jerusalém celeste; enquanto os povos vizinhos vegetavam em isolamento monótono, e as visões e sonhos dos seus videntes eram como palavras de um livro selado; pois muitos povos gentios não eram capazes de uma verdadeira comunicação com Deus, e os budistas e antigos persas nem sequer possuíam uma mitologia clara e determinada, como a dos outros povos, sobretudo os gregos.

Vemos, portanto, que estas raças orientais são estacionárias na sua história e também no seu espírito; e até mais baixas em civilização do que outrora, não possuindo já o grau de cultura que tiveram, olhando para ele apenas como uma herança cada vez mais longínqua dos seus antepassados. Possuíam, sem dúvida, a ideia original da Divindade num sentido espiritual, mas apenas de modo elementar. Daí que, pela absoluta falta de verdadeiro conhecimento do Deus real, as visões mágicas dos videntes indianos sejam meros reflexos daquele fulgor que a inspiração divina difunde; e também daí que tão frequentemente neguemos a inspiração de povos envolvidos numa mitologia confusa.

É evidente que os intelectuais gregos se aproximaram muito mais da verdadeira conceção da natureza divina, através da sua mitologia variada mas perfeitamente elaborada. Como em todo o Oriente falta verdadeira espiritualidade, encontramos na sua religião e na sua magia o mesmo quietismo. Como poderíamos, pois, comparar um vidente indiano — cheio de orgulho, exuberante na imaginação, mas carente de verdadeiro conhecimento da ciência e da religião, e mergulhado na luz de Brahma — com os verdadeiros profetas de Israel, que anunciavam as palavras de vida e convertiam os homens dos seus maus caminhos?

A filosofia dos orientais estava intimamente ligada às suas ideias religiosas — ou melhor, à teosofia dos seus sábios. O parsismo, as teorias do *Zeruane Akerne* (Deus antes da divisão nos dois princípios, Ormuzd e Ahriman); as teorias dos sete *Amschaspands*; dos *Izeds* e *Fervers*; e, por fim, da luta entre os dois elementos primordiais, o bem e o mal, e da vitória do bem — contêm tanto de verdadeiro e nobre, que o antigo espírito semita reaparece por toda a parte: mas tudo isto é apenas representação alegórica, e ainda longe da perfeição a que chegou entre os gregos, estando portanto ainda mais afastado de uma espiritualidade plena. Da mesma forma, as doutrinas de Fo, ou o budismo na Índia, no Tibete, no Japão e em parte também na China, não deixam de ter um certo enlevo de sentimento.

«Todos os objetos, animados e inanimados, diferem apenas nas suas propriedades e formas, e são perfeitamente semelhantes nos seus elementos, que, livres de toda a mudança, são simples na sua natureza e, portanto, são a perfeição de todas as outras substâncias no seu repouso ininterrupto. Aquele que quiser viver feliz deve esforçar-se por vencer-se a si mesmo e assemelhar-se a este elemento primordial. Mas aquele que tenha alcançado tal fim não tem de recear qualquer mudança; livre de todas as paixões e incapaz de discórdia, morre apenas para retornar ao princípio divino de onde a sua alma procedeu.»

Não se pode negar que uma progressão espiritual, embora elevada no sentimento, é incompatível com este ensinamento. Os seus adeptos permaneceram, portanto, estacionários no mundo não desenvolvido do sentimento divino.

Molitor faz os seguintes comentários sobre os habitantes daquela parte da Ásia de onde se supõe ter irradiado a colonização do mundo:

«Sendo estas nações na sua maioria de origem semítica, os seus espíritos inclinavam-se mais para reflexões espirituais, voltadas mais para dentro do que para fora, mais para a reflexão do que para a ação, mais para o sentir do que para o entender; assim, nunca puderam transpor inteiramente os limites da sua natureza espiritual. Depois de terem alcançado os primeiros estágios da civilização reflexiva, o desenvolvimento progressivo cessou. Incapazes de regressar à pureza original da infância do mundo, pelo progresso já feito, estavam demasiado absorvidos pela natureza, e o seu espírito nacional era demasiado lânguido para os levar mais longe no livre

mundo da reflexão. A existência, entre estes dois princípios opostos, foi perdendo gradualmente a sua inspiração, tornando-se mais obscura e imóvel, até que, por fim, caiu em completa torpor.»

Influenciada por estas ideias religiosas e teosóficas, a civilização no Oriente tomou uma forma singular. O culto dos deuses, os meios para obter o seu favor e aplacar a sua cólera, consistiam em humilhação, renúncia e negação de todas as gratificações dos sentidos, na evitação de tudo o que fosse impuro e desagradável no sacrifício, como penhor de paz e comunhão com Deus. O cumprimento rigoroso de todos estes deveres não podia deixar de alimentar o sentimento religioso e o espírito interior da mente.

Quando, pois, uma ideia, um pensamento ou uma representação irrompia como relâmpago do fundo dessa obscuridade mental, ou uma impressão se apresentava ao espírito com a certeza inconfundível da verdade, e se mostrava em palavras ou atos impressionantes aos outros, não era de estranhar que os homens o considerassem menos humano do que manifestação dos deuses, que preenchiam o inspirado e atuavam diretamente por meio dele. Foi de tais fontes que surgiram os sistemas religiosos dos orientais em particular, cujos traços principais se assemelhavam entre si; alterações só podiam ocorrer através de profetas posteriores, ou pela mistura com outras mitologias — o que, contudo, era raro, devido ao isolamento em que viviam do mundo circundante.

As suas impressões mentais, pensamentos, línguas e ações permaneceram, portanto, as mesmas; consequentemente, não houve mudança no espírito profético, que residia na natureza do povo e do país, e não, como se supunha, na agência humana ou no ofício sacerdotal. Os sacerdotes são os mediadores entre os deuses e os homens, como servidores e administradores da religião que lhes foi confiada, a qual, como a poesia, brota do espírito nacional: não são os seus fundadores nem originadores; o seu dever consiste antes num serviço hereditário do que numa produção voluntária e consciente, quando não estavam eles próprios sob a influência direta da inspiração.

Deste modo, o sacerdócio — cujos membros eram muitas vezes tidos e venerados como divinos — serviu para transmitir a magia bem como a religião na sua forma primitiva; o que era tanto mais fácil quanto os assuntos mundanos e religiosos não se encontravam separados. Um culto regular no Templo, e os mistérios peculiares que

lhe pertenciam, não eram inicialmente costumeiros; só mais tarde foram introduzidos na Índia pelas poderosas castas sacerdotais.

Os brâmanes constituem uma casta peculiar que, como em outras nações antigas, representa todo o povo; estão, portanto, isolados e não sofrem mudança. Os sentimentos religiosos excitados por antepassados piedosos, as tradições cuidadosamente preservadas com orgulho religioso, o modo de vida simples, pacífico e recluso, deviam exercer grande influência em conferir aparência de pureza e santidade aos sacerdotes e em assentar a sua autoridade num terreno favorável. Os sacerdotes, como servos íntimos dos deuses — os "puros" — consideravam, pois, o exercício da religião como algo peculiar a si mesmos, estando os deuses mais próximos deles do que do povo excluído; eram os filhos prediletos, a quem os deuses desciam para a revelação daquilo que estava oculto em visões e sonhos.

As modificações nos sistemas religiosos surgem em toda a parte pelas peculiaridades do país e pela maneira como são recebidas as impressões e aparências da natureza. Daqui resultam religiões locais, separando ainda mais as tribos do mundo em redor. Assim, cada nação só conhecia os seus próprios deuses, encarando os dos vizinhos com repulsa; a sua pátria era para ela a única terra sagrada onde os deuses derramavam bênçãos; todos os outros povos eram considerados impuros, e o contacto com eles, contaminação — razão pela qual, acima de tudo, deviam ser cuidadosamente preservados de qualquer conhecimento dos seus mistérios. Deste modo, a arte sacerdotal, em certa medida, completava o que a natureza tinha começado.

Tal como as condições predisponentes da vida contemplativa no Oriente estavam asseguradas pelos princípios religiosos e pelo estado da civilização, assim também as causas exteriores se encontravam ali em incomum abundância. A estas pertencem o modo de vida e o sistema exclusivo de castas na Índia; as ocupações, a alimentação e as posições geográficas. É facto bem conhecido que a imaginação dos povos meridionais se deixa facilmente levar para o sobrenatural; que um temperamento excitável é universal — sobretudo na Índia — e associado a uma doçura quase feminina, inclinada ao repouso e à reflexão. A natureza envolvente atua tanto pelas suas poderosas forças universais como pelo sol ardente da Índia; por meteoros terríveis e impressionantes; por vulcões, inundações e tempestades; tão fortemente como pela abundância luxuriante e variada das suas

produções, ou por cavernas, solidões e desertos desprovidos de qualquer forma de vida orgânica.

Quando a imaginação não está ocupada com nenhuma atividade exterior, cria um mundo interior próprio, a partir das suas abundantes imagens e fantasias — criando para si o seu próprio céu ou inferno. Ocupações sociais como a agricultura, a manufatura e o comércio recíproco não eram conhecidas, ou apenas em pequena escala, no Oriente. "Diz-se que os persas, particularmente os bactrianos, tal como os indianos, se ocupavam inicialmente apenas como pastores, até que Dioniso, ou Siwa, vindo do ocidente, os civilizou.

Vestígios desta vida nómada permaneceram visíveis por muito tempo: a especial sacralidade da vaca, cuja urina e excremento eram até considerados meios de purificação religiosa; o uso de leite e manteiga como oferendas; a preferência dada à criação de gado sobre a agricultura nas leis de Manu, onde a primeira é apontada como a principal ocupação da terceira classe; e os brâmanes são instruídos a evitar a segunda. Por isso, os campos cultivados não se encontravam junto às cidades e aldeias, como na China, mas sim os pastos.

A imigração não parece ter ocorrido em massas, mas gradualmente e em pequenos grupos; e assim também a posterior colonização da terra do Ganges e do planalto no interior e no sul resultou de expedições e povoações isoladas. Por esta causa, a Índia esteve sempre dividida em numerosos pequenos estados. Esta divisão era em geral tão universal, mesmo noutras circunstâncias, que a causa deve ser procurada na posição original e no caráter da nação" (Haug, *Allg. Gesch.* p. 176).

Uma vida pastoral nómada ainda é comum em grande parte da Índia. Nenhum país é mais rico em desertos, vales solitários e profundos, solidões sombrias e cavernas do que a Ásia; e os desertos são tão numerosos e extensos como os grandes rios e mares interiores.

Que uma vida reclusa e os desertos solitários são propícios à produção de visões interiores é demonstrado pela história de todas as eras, e especialmente pela do Oriente; e também que esses desertos são considerados a morada favorita de espíritos e aparições. Até Isaías fala claramente sobre este assunto, dizendo (xiii, 19-21): *"E Babilónia, a glória dos reinos, o ornamento do orgulho dos caldeus, será como quando Deus destruiu Sodoma e Gomorra. Nunca mais*

*será habitada, nem morará nela homem de geração em geração; os árabes não armarão ali as suas tendas, nem os pastores farão ali repousar os seus rebanhos. Mas as feras do deserto repousarão ali, e as suas casas encher-se-ão de criaturas lúgubres; os mochos habitarão nelas, e os sátiros saltarão ali."*

Também se afirma que o anjo Rafael baniu o demónio Asmodeu para o deserto. No Livro de Enoque encontram-se passagens que relatam instâncias em que espíritos foram banidos para lugares desertos por meio da magia. É sabido que, no tempo de Cristo, os possessos de demónios e maus espíritos tinham os seus esconderijos nos desertos; e, segundo o *Zendavesta*, era o mesmo entre os persas e os hindus. Maimónides menciona igualmente que os desertos são habitados por maus espíritos: *"Temporibus illis opinio invaluerat, dæmones in desertis habitare, loqui et apparere."*

E, finalmente, na Idade Média, quando nenhuma cabana, palácio ou mesmo edifício eclesiástico estava livre de espíritos, as aparições surgiam mais frequentemente ao viajante por terra e mar — sobretudo em lugares isolados e atalhos — e os desertos e solidões eram especialmente os pontos de encontro de espíritos de todo o género e dos enganos do diabo. Os habitantes das ilhas Faroé e das escocesas sempre foram célebres por estarem particularmente sujeitos à influência dos espíritos e ao "despertar", quando, "tendo a alma aberto as portas do corpo, viajava pela terra", para consultar outros espíritos sobre questões que lhes eram propostas" (Horst, *Deuteroskopie*, i, p. 74).

Muitos xamãs siberianos consideram necessário, segundo Georgi, preparar-se, antes dos seus estados extáticos, com uma decocção de fungos ou outras substâncias; por exemplo, utilizando ervas fortes, ou, como na Idade Média, quando se dizia que as bruxas usavam unguentos feitos de certas plantas narcóticas e venenosas.

Entre os brâmanes, muitos desses meios — como certas ervas e a bebida "soma" — são usados para produzir o êxtase; e os *Opiophagi* do Oriente são bem conhecidos, assim como o efeito do *hrachich* dos árabes, que é uma preparação de cânhamo e produz as mais variadas alucinações, de modo que os intoxicados ora imaginam estar a voar, ora transformados em estátuas; ou pensam que a cabeça está separada do corpo, que os braços e pernas se estendem a comprimentos imensos, ou que conseguem ver, mesmo através de paredes de pedra, "as cores dos pensamentos dos outros e as

palavras dos seus vizinhos.” Outras preparações — através de incenso, cerimónias e orações, canto e música — são conhecidas e transmitidas desde as mais remotas eras na Ásia, no Egito e na Grécia; e parece que foram daí transportadas, em parte por migrações antigas, em parte pelas Cruzadas, para a Europa.

Mais tarde voltaremos a este assunto. Os vapores que sobem de certos lugares, o fumo em algumas cavernas, produzem efeito semelhante ao dos venenos narcóticos; e tanto estes como as visões sonambúlicas ocorrem com maior frequência na Ásia do que em qualquer outra parte.

Já observámos que, mais do que quaisquer outras, as visões religiosas são facilmente transmitidas a pessoas de temperamento semelhante; e também que o mesmo foi registado em sonhos, que considerámos de todo explicáveis pelas leis da simpatia e do *rapport*. Devemos aqui mencionar de modo especial a infeção física, que tantas vezes ocorre em determinadas circunstâncias, particularmente entre os povos orientais.

Casos isolados não seriam considerados extraordinários; mas quando, por assim dizer, surgem em certos lugares e tempos, e afetam famílias ou tribos inteiras, espalhando-se como contágio rápido, merecem a nossa séria atenção — tanto mais que, por um lado, são negados como impostura, e por outro encarados como obra sobrenatural de maus espíritos do outro mundo. A observação de pacientes tratados magneticamente, e a história da magia, que nas manifestações sonambúlicas mostra tanta uniformidade geral, são capazes de lançar alguma luz sobre a natureza de tais afeções físicas.

Assim como, no sonambulismo magnético, certos poderes do corpo e da mente aumentam de intensidade — por exemplo, os músculos e a imaginação — há também forças acrescidas que se transmitem a pessoas de temperamento semelhante, contagiando-as com convulsões e, mais raramente, com delírios visionários.

Devemos notar que, nestas duas espécies de intensificação — convulsões e visões — se dá uma ação involuntária e instintiva, que evidentemente tem origem em certas leis naturais e patológicas, e que tem grande peso para uma explicação mais aprofundada. Segundo os relatos históricos e as descrições de viajantes entre povos onde a crença na magia e nos espíritos continua universal — como na Ásia — independentemente das várias religiões, os videntes caem em estados extáticos, nos quais as suas visões, em geral, são

semelhantes às dos nossos sonâmbulos: todas as espécies de figuras humanas e animais, de espíritos conhecidos e desconhecidos, lhes aparecem; possuem o poder de ver o futuro e à distância; com toda a variedade de afeções espasmódicas e com a sensação de uma individualidade dupla ou mesmo falsa; com todo o género de antropomorfoses, em que surgem invariavelmente os nomes e ideias dos *dschins*, *degs*, génios e demónios, fantasmas e espíritos errantes, elfos, trasgos e duendes, kobolds, ninfas e fadas, ursos, cães e lobos, vampiros e bruxas.

O contágio destas visões, que são de todos os tipos acima mencionados, dá-se quer por contacto imediato, como na *segunda vista*, quer — o que acontece com mais frequência — sem qualquer comunicação, de modo que podemos concluir existir uma simpatia desconhecida. Os relatos de visões vistas por várias pessoas ao mesmo tempo são comuns na história antiga da magia; e onde tal ocorre encontramos sempre um grau invulgar de suscetibilidade. Recordo o caso das Proétides, que vaguearam por Argólida e Arcádia em estado de loucura porque haviam desprezado os mistérios de Baco.

Segundo outros relatos, imaginavam ser vacas e corriam pelos campos mugindo como gado; e esta loucura acabou por contagiar as outras mulheres de Argos, até que, por fim, foram curadas por Melampo, o médico e adivinho. Como exemplo de outra loucura contagiosa e sanguinária, Horst (*Deuteroscopie*, p. 80) menciona um malaio que, em estado de frenesi, apunhalou outro com a sua faca; este segundo feriu um terceiro, o terceiro um quarto, e assim sucessivamente, até que acabaram todos tombados, cobertos de feridas. De forma semelhante, o contágio simpático manifesta-se entre os xamãs, os lapões e os feiticeiros e videntes de espíritos no norte da Ásia, bem como entre os penitentes indianos.

Da *segunda vista* contagiosa já falámos; e Martin observa que os jovens não apenas são contagiados pelo toque, mas muitas vezes pelo mais leve contacto com o vidente. Os símbolos só lhes aparecem de modo difuso, não tão claros e definidos como nos videntes mais velhos.

Os gnósticos viam mutuamente espíritos e almas dos defuntos nos seus êxtases, classificando-os segundo a forma e a cor, muito ao modo da vidente de Prevorst. Os hesicastas, no século XIV, no Monte Atos, que, de cabeça baixa, contemplavam intensamente os próprios

corpos, tornavam-se assim participantes da luz divina. Os Irmãos, com Pordage, no século XVII, tiveram as mais notáveis visões dos mundos da luz e das trevas, de anjos e demónios, cujos príncipes viam passar diante deles, sentados em grande esplendor em carros puxados por ursos, tigres e leões. Chegaram mesmo a ver, em pleno dia, exércitos inteiros desfilando diante das suas janelas e depois entrando nos quartos através das vidraças.

Pordage, com quem mais adiante nos familiarizaremos, descreve com grande minúcia a sua extraordinária sensibilidade. Não apenas viam espíritos de todos os tamanhos e formas, quer de olhos fechados quer abertos, mas os espíritos malignos deixavam atrás de si um odor fortemente venenoso, e os seus paladares eram incomodados com o sabor de sal, enxofre e fuligem. "Tudo isto", diz Pordage, "produziu um efeito grande e indescritível tanto nas nossas mentes como nos nossos corpos, que só podem compreender aqueles que experimentaram, como Jó, as torturas da flecha envenenada."

O contágio físico prevalecente na Idade Média nas zonas rurais e nos mosteiros não nos ocupa agora.

Por último, mencionarei apenas os *convulsionários* no túmulo do diácono de Paris, se não incluirmos aquelas visões de ordem mais grandiosa, como as procissões nas nuvens e as visões de batalhas que foram frequentemente observadas, especialmente na Escandinávia, onde centenas de pessoas viam claramente o avanço de exércitos de infantaria e cavalaria em forma natural, e mesmo combates entre dois exércitos. Parece que, em todos estes casos, foi uma pessoa quem primeiro percebeu a visão e depois influenciou os outros por simpatia.

Mais notável do que tudo isto, porém, é que não só homens e mulheres em idade madura, mas até crianças e, segundo alguns, animais, foram atingidos pelo contágio destas visões. Diz-se que a mãe transmitiu a sua visão ao filho, que revelava o terror enquanto a aparição permanecia visível para a mãe; e animais, como cães, cavalos e vacas, fugiam ou ficavam imóveis como petrificados. Ocasionalmente, eram até os próprios animais os primeiros a perceber a aparição e a transferir o poder de visão aos homens.

As aparições mágicas são, em todo o Oriente, geralmente visões; isto é, uma multidão de estados visionários sonambúlicos e extáticos, onde a atividade instintiva inferior dos sentidos internos e da imaginação domina, mas faltam as faculdades superiores de visão

interior e de verdadeira inspiração. Associados a isto encontramos grande irritabilidade nervosa e movimentos convulsivos, ou mesmo uma total ausência de atividade, ilusões fugidias e sonhos sonambúlicos; e encontramos esses videntes de espíritos sobretudo naqueles em quem os poderes superiores do vidente, a capacidade de ver o distante e o futuro, só se manifestam ocasionalmente.

Enquanto a vida contemplativa no Oriente prevalece sobre os interesses externos, temporais e espirituais, o impulso mágico do Oriente é mais um sonhar sonambúlico interior, desligado do mundo exterior e do estado de vigília, do que clarividência ou inspiração espontânea. A imaginação opera no seu próprio mundo interior, livre e sem entraves, e molda as formas e cores mais estranhas, preocupando-se pouco com as suas mudanças incessantes.

Essas viagens da alma às regiões sobrenaturais, ao céu e ao inferno, ao sol e às trevas da meia-noite, associadas a convulsões e transe — e que se encontram particularmente em fanáticos e em pessoas sujeitas a alucinações, tidas em muitos países como sagradas — são observadas com maior frequência no Oriente. Estes estão desligados da vida exterior desperta e existem no círculo das suas visões, nas quais permanecem geralmente rígidos em convulsão, mas nunca de todo privados de clareza de visão, e nas quais os espíritos guardiões aparecem conforme o tempo e o lugar, trazendo revelações e acalmando os espíritos inquietos.

Com estas aparições espirituais das regiões superiores encontramos frequentemente aquele notável estado duplo em que o vidente representa tão claramente a imagem subjetiva da mente, que a considera um objeto distinto de si mesmo, apreendido tanto pelos órgãos da visão como da audição, embora por vezes esteja consciente de que as palavras são proferidas dentro de si e que tudo não passa de ilusão — como no caso do daimon de Sócrates.

Este estado duplo produz também muitas vezes a ideia de uma verdadeira dupla individualidade, uma pessoal e outra de alguém que o possui, e assim origina a ideia de possessão, em que o "duplo" é representado sob o nome de um espírito maligno. O vidente cai então numa quietude física, tornando-se passivo em relação ao espírito possuidor, o qual é tão distinto e poderoso que, como forma objetiva, vence a individualidade subjetiva; e a pessoa age de tal modo que os seus gestos e palavras parecem aos outros sobrenaturais. (O sonambulismo magnético nos seus estados inferiores mostra estes

fenómenos.) Em parte alguma tais pessoas foram tão numerosas como na Ásia; refiro-me aqui aos judeus no tempo de Cristo. Estes fenómenos, profundamente interessantes, variam nestas pessoas com as mais subtis gradações de imitação; com as mais impressionantes atitudes teatrais; com a mais viva loucura; com a mais refinada malícia; e depois, de novo, com breves vislumbres de uma visão mais clara ou de uma inspiração superior. Tudo isto confina certamente com o maravilhoso, mas não o é.

A verdadeira clarividência raramente se encontra, e o vidente recai depressa aos estágios inferiores das suas visões oníricas, nas quais percebe apenas de modo difuso as suas imagens subjetivas e não tem qualquer consciência do que se passa à sua volta no mundo. Mais ainda: o verdadeiro êxtase mental vive inteiramente nas suas próprias criações, sem movimento, de modo que está num estado mais profundo do que o sonâmbulo, que é, ainda que em pequena medida, sonâmbulo, mas livre nos membros e nas ações; nele, a mente atua sobretudo sobre os membros, que usa de maneira metódica e quase inacreditável, como nenhuma prática ou ousadia poderia realizar; e, por esta razão, podemos chamar-lhe, com Fischer, o *sonambulismo dos membros*, em distinção da clarividência do cérebro.

Que a magia (no seu verdadeiro e original sentido) procedeu originalmente da Ásia como um dom peculiar e inato da alma humana, é demonstrado não apenas por Moisés, mas também pelos mais antigos registos conhecidos da humanidade — como o Código de Leis Indiano de Manu, o Zendavesta, os Vedums, e, segundo posteriores investigações científicas de Tiedemann (*Disputatio de quaestione quae fuerit artium magicarum origo, quomodo illae ab Asiae populis ad Graecos propagatae sint*, Marb. 1787); Wachsmuth (*Athenaeum*, vol. ii.); Klenker (*Anhang zum Zendavesta*); Meiners (*De Zoroastris vita, institutis, &c.*, nos *Commentar. soc. reg. Gotting.* vii, viii, ix.); Buhle (*Lehrbuch der Geschichte*, parte i.); e Brucker (*Historia philos. crit.* etc., p. 1).

A magia — da qual a teurgia, enquanto ciência das artes ocultas, era filha, formando uma comunicação entre os homens e o mundo dos espíritos — consistia na consciência instintiva, embora ainda obscura, de uma visão direta para dentro do mundo espiritual, de uma ação com ele e de uma ligação (mágica) com esse mundo. Nas eras primitivas, os homens estavam firmemente convencidos de que a metade mais perfeita, o verdadeiro homem, tinha origem no mundo

dos espíritos, e dele extraía as suas energias vitais, não podendo separar-se da sua influência mais do que os ramos do tronco, ou o tronco das suas raízes. Segundo esta crença mágica inata, encontramos em todas as nações e em todas as épocas a mais profunda convicção, ou pelo menos a conceção, de tal relação espiritual e o desejo de comunicar com seres celestes. As teorias que se construíram e os meios que se usaram foram dos mais variados géneros, e a história tem a tarefa de os registar.

Nos tempos mais antigos, quando o homem mal tinha saído das mãos da natureza e ainda se sentava aos pés do Criador; quando os sentidos eram ainda imperfeitos e os membros não estavam livremente sob o comando da vontade, o homem comunicava diretamente com os espíritos. No Génesis de Moisés, os patriarcas comeram pão e leite com os Elohim e apresentaram-lhes um vitelo gordo; e os deuses de Homero comunicavam diretamente com os homens. Brama recebe em si os verdadeiramente penitentes ou desce até eles, iluminando todo o seu ser com paz.

Nessa altura não havia fantasmas nem demónios, e as ideias de espírito e matéria não estavam separadas. Mas, logo que a comunidade primitiva foi desfeita por um uso mais livre e expansivo dos sentidos; logo que os homens comeram da árvore do conhecimento, desejando libertar-se da natureza e das leis, para seguirem o seu próprio caminho sem mais obediência — então já o Criador não estava no Éden, e a comunidade pacífica foi destruída; pois a árvore da vida não era a árvore do conhecimento — *"aquele que vê Deus não pode viver."*

Com o aumento do conhecimento, a vitalidade da vida diminuiu; mas a lembrança do que fora perdido permaneceu por muito tempo, assim como o desejo e o esforço por recuperar o estado superior anterior. O homem conservou os seus impulsos inatos e lançou ocasionais vislumbres à natureza e ao mundo dos espíritos; mas a magia e os meios de manter uma comunicação regular perderam-se, e o abismo entre o céu e a terra, entre Deus e os mortais frágeis, tornou-se intransponível.

Esses vislumbres mais profundos da visão subjetiva e os efeitos da natureza, que muitas vezes experimentavam, eram considerados apenas como efeitos de poderes superiores, que se manifestavam nas formas mais variadas. Encontramos, portanto, universalmente a mesma crença em espíritos e demónios, os quais, com o tempo, ou

se purificaram através da civilização mais elevada, ou se obscureceram e degradaram pela vida selvagem. Os demónios eram, em toda a parte, mais ou menos, os seres que comunicavam com o homem a partir dos insondáveis seres superiores, e que traziam revelações para baixo e levavam para cima as orações e sacrifícios dos homens.

Platão descreve assim, embora com certa relutância, os demónios como o elo de ligação entre Deus e os homens, visto que Deus já não mantinha comunicação imediata com os homens, que, segundo todas as antigas tradições, a tinham perdido pelos seus pecados; de modo que apenas os anjos e o mediador espiritual podiam sustentar a comunicação quando o homem penitente se esforçava por restaurar-se. Os mediadores espirituais, porém, eram originalmente homogéneos ao espírito criador; são espíritos invisíveis aos olhos terrenos e apenas se revelam ao poder original da visão mental.

Assim, segundo o *Génesis*, os anjos e arcanjos são os fiéis mediadores em redor do trono de Deus, iluminados pela Sua glória. Os espíritos malignos são aqueles espíritos de Satanás que se afastaram de Deus, e que procuram constantemente ferir e destruir o homem, por inveja da sua posse do mundo, de acordo com o desígnio divino. A mesma crença encontra-se no Oriente sob muitas formas, como, por exemplo, em Ormuzd e Arihman, os princípios do bem e do mal, e os seus poderes de ação opostos, que depois se multiplicaram claramente em legiões e no infinito.

Platão afirma também que "Deus é o mais elevado dos demónios — *μέγιστον δαίμων* — e que existem demónios em grande número e de todo o género." Tales ensina que o mundo está cheio de espíritos — *κόσμον δαιμόνων πλήρη*. E os ensinamentos posteriores dos magos do Egito, de Alexandria e da Idade Média basearam-se nas conceções da Antiguidade oriental, judaica e grega, apenas mudando e variando conforme a época.

Como os espíritos eram considerados as causas, ou pelo menos os instrumentos, de todos os acontecimentos, a imaginação tinha um campo imensurável para as suas fantasias; e tudo o que não era de ocorrência quotidiana era tomado como prodígio extraordinário, no qual não era fácil distinguir quanto se devia a espíritos ou ao medo deles, à superstição ou ao engano. De acordo com os efeitos, bons ou maus, espíritos bons ou maus eram considerados a causa — *δαίμονες ἀγαθοί, κακοδαίμονες αὐστηροί* — sendo invocados ou evitados, ou

exorcizados; e veremos adiante alguns exemplos disso entre os alexandrinos e na Idade Média.

Os mais antigos registos da magia e do seu progresso referem-se todos, se excetuarmos o Egito, à Ásia, especialmente às províncias do sudeste, bem como à Ásia superior. Nas *Leis de Manu*, que, segundo Sir William Jones, viveu treze séculos antes de Cristo, encontramos disposições definidas contra uma forma aperfeiçoada mas mal usada da magia, tal como leis semelhantes se encontram nos Livros de Moisés. Nos mais antigos escritos chineses também se menciona a feitiçaria como arte. Entre os caldeus e babilónios, a feitiçaria e a astrologia mágica eram tão antigas quanto a sua história.

O mesmo se pode dizer dos persas, entre os quais o culto do fogo — como entre os fenícios e, mais tarde ainda, entre os cartagineses — preservava o dualismo zoroástrico na sua forma mais pura. A ideia fundamental era em toda a parte que o homem estava em ligação com um mundo sobrenatural, governado por um princípio bom e um mau; mas que essa ligação não era aberta nem direta, apenas alcançável com a ajuda de seres intermediários ou mediante longo esforço espiritual.

A primeira, segundo a crença persa, realizava-se pela magia; a segunda, segundo a indiana, pela contemplação. Já falámos da origem da magia e vimos algumas das conceções originais de Platão, Cícero e Apuleio sobre ela. A pura e original ideia de magia, como alto estudo da natureza, perdeu-se, no entanto, cedo, ou pelo menos degenerou rapidamente. A crença na magia, peculiar à mente humana, tomou forma no bem como magia branca, no mal como magia negra. Damáscio diz (*περὶ ψυχῶν*; cf. Hyde, *De religione veterum Persarum*, p. 292): "Os magos chamam origem de tudo aquilo que é espiritual e, ao mesmo tempo, composto — isto é, das substâncias espirituais e materiais — ora o espaço, ora o tempo, donde procederam os poderes do bem e do mal, ou, segundo outros, a luz e as trevas."

Com tais conceções procurou-se cedo aproximar-se do princípio do bem ou do mal, e o estudo da magia degenerou, inclinando-se mais para as trevas da superstição do que para a luz da sabedoria — ou, pior ainda, como diz Horst, "que, sem acreditarem num diabo, cultivavam as artes do diabo." Já no tempo do nascimento de Zaratustra a magia era mal usada e ligada a esforços ímpios e à arte negra. Mas Zaratustra e o *Zendavesta* são de data posterior à magia

mais antiga, tal como as *Leis de Manu* na Índia. A distinção entre magia branca e negra, contudo, foi muito mais tardia, de modo que só nos autores gregos posteriores se encontra a palavra *γοητεία* a significar magia na sua pior aceção.

Daqui vemos que, tanto a partir das superstições populares como dos esforços dos próprios magos, a crença na magia se tornou gradualmente universal e se espalhou por todos os lados; e que a magia branca e a negra assentavam na ideia fundamental de dois princípios opostos, cada um com uma multidão de espíritos sujeitos a si — *izeds, dews, fervers, amschaspands, δαίμονες, δαίοντες* — que executavam as suas ordens. Acreditava-se que, na magia, tinham encontrado não apenas o meio de obter uma visão mais profunda da natureza, mas também, e isso de muito maior importância, o meio de subjugar esses espíritos, de modo a tornarem-se senhores livres da natureza e dos homens.

Passaremos agora em revista as várias formas de magia entre as nações orientais, na medida em que os sistemas foram explicados por investigadores antigos e modernos. Para além dos Livros do *Zend*, dos *Vedas*, das *Leis de Manu* e dos ensinamentos universalmente conhecidos de Zaratustra e do sistema teosófico oriental, são de especial importância as investigações de Kanne (*Pantheon der ältesten Naturphilosophie*, Tubinga, 1811), Wagner, Schlegel, Görres, Majer (*Mythologisches Lexicon*, Weimar, 1803, 1 vol.), Colebrook e Windischmann.

Procuraremos descrever a magia dos indianos e chineses, e dos persas e caldeus, segundo os seus traços principais. Quero apenas observar que, na Índia, há milhares de anos, o mundo real assentava, como agora, no mundo sobrenatural superior dos espíritos, de onde esta realidade recebia uma influência incessante, e da qual o homem podia participar, obtendo assim a mais alta iniciação do seu ser. A magia aparece, portanto, mais como incorporada numa pura teosofia do que apoiada numa demonologia, à qual muitas ciências naturais, da física e da química, estavam ligadas entre os persas e egípcios.

Entre caldeus, medos e babilónios, a magia estava intimamente ligada à civilização e aos sistemas intelectuais, especialmente os divinatórios. Para além da astrologia, da adivinhação, do exorcismo dos mortos e dos mistérios da incubação, gozava de grande voga.

As mais antigas obras religiosas da Índia — que alguns acreditam até serem os mais antigos registos da raça humana — são os *Vedas*, ou revelações bramânicas, e as *Leis de Manu*. Neles estão contidas as ideias religiosas, as suas teorias filosóficas, e aqueles estados mágicos da alma em que esta comunga com a natureza divina; e mesmo Deus se encontra aí tão intimamente entretecido que permanece um mistério inexplicável enquanto for considerado apenas de um destes lados.

Assim permaneceu até à presente época, em que este mistério foi parcialmente elucidado ao ser encarado de um ponto de vista fisiológico, a partir das condições mágicas da alma e de uma comparação com os fenómenos do magnetismo. A analogia entre as visões extáticas dos brâmanes e a clarividência magnética foi plenamente demonstrada, a partir dos paralelos convincentes registados por viajantes antigos — entre outros, o médico Bender, no século XVII; Coleman (*Asiatic Researches*);

Schlegel (*Über die Sprache und Weisheit der Indier*); Windischmann (*Die Philosophie im Fortgang der Weltgeschichte*, livro II: Índia) — todos lançaram grande luz sobre o assunto.

Não devemos, sem entrar muito particularmente neste ramo do tema, passá-lo totalmente em silêncio, pois veremos, ao investigar as várias etapas da iniciação bramânica, não só os fenómenos dos nossos estados magnéticos, tanto na sua mais alta iluminação espiritual como nas suas distorções patológicas, mas também como, por um meio unilateral, por falsa orientação e pela incompreensão dos verdadeiros fins da humanidade, o homem se desviou do caminho verdadeiro e se tornou joguete do *κακοδαίμων*.

Devemos sobretudo notar que todo o conteúdo dos *Vedas* é considerado como revelações diretas de videntes inspirados. *Veda* significa em si "conhecimento claro na contemplação". Aquilo que a alma vê e ouve nos seus transes é considerado como algo diretamente sabido — aprendido — uma revelação evidente, do qual nada mais elevado pode ser descoberto no mundo material; e, por isso, torna-se o fio condutor, a lei da vida.

Os videntes recebem a sua inspiração dos espíritos celestes e do próprio Deus, com quem as suas almas comunicam no transe. As revelações tratam da origem, finalidade e conexão de todas as coisas, particularmente da posição peculiar do mundo segundo a hierarquia dos espíritos (as almas humanas) e da sua constituição.

E acreditam ainda compreender e perceber nas suas visões o que diz respeito a si próprios, à alma humana e, finalmente, à própria divindade eterna e radiante. Tão comum, tão segura e tão profunda é a visão interior subjetiva entre os brâmanes, que o mundo objetivo inteiro, incluindo Deus e os espíritos, lhes aparece — e não, como em Moisés, nos profetas e nos oráculos, onde o exterior é a influência determinante e eles próprios não passam de instrumentos passivos. Daqui procede a diferença característica das instituições bramânicas, tanto no que respeita aos motivos e meios de se colocarem no estado magnético, como às práticas religiosas e à ação e ligação da vida psicológica.

Se o objeto peculiar da existência espiritual superior entre os brâmanes é a contemplação e a inspiração de visões, nas quais a alma alcança inteiramente aquilo a que aspira, então toda a força do espírito deve ser empenhada para obter os meios pelos quais se possam colocar em *rapport* mágico, com o propósito de atingir essa altura de iniciação, por etapas graduais, na qual o próprio Brahma, a luz e a palavra divina, lhes aparece e se incorpora no seu ser.

As preparações para esse fim são muito severas — penitência, negação de todo o prazer terreno, e extirpação dos desejos da carne e do corpo. Para libertar totalmente a alma das cadeias do mundo e colocá-la em perfeita liberdade, todas as relações naturais devem ser removidas; o tumulto do mundo deve ser deixado para trás e as castas impuras evitadas; a castidade deve ser preservada de dia e de noite; e as paixões devem ser vencidas pelo jejum. Uma obediência incondicional e uma resignação à mão que guia em cada estágio de iniciação são igualmente necessárias para alcançar o repouso perfeito da alma, assim como "o corpo deve estar sem qualquer movimento; deve ser como madeira, sem sensação nem movimento, e todas as portas das aberturas naturais devem permanecer fechadas."

Segundo Bernier (*Voyage*, Tomo II, *Sur les superstitions des Gentils*), os Djogis são considerados inspirados e em comunicação direta com Deus: são homens que renunciaram ao mundo e se retiraram para a solidão; se lhes levam alimento, comem-no; se não, acredita-se que podem subsistir sem ele. Crê-se que vivem na graça de Deus, mergulhados em contemplação, em jejum e numa autonegação implacável. Levam isto a tal extremo que permanecem durante horas inteiras em êxtase, contemplando Deus com todos os sentidos algemados — como uma luz muito branca, pura e indescritível. Se esses extáticos nem comem nem bebem, nem realizam as funções

naturais do corpo, reprimem a respiração e ficam imóveis com os olhos fixos na ponta do nariz, em todo o tipo de clima, no frio e no calor, e muitas vezes nas posturas mais estranhas, como que enraizados na terra, tais relatos de viajantes não devem ser de ânimo leve postos de parte sem investigação; pois temos diante de nós estados catalépticos, e uma espécie de morte voluntária aparente, com ausência total de movimento: também o consumo de alimento está reduzido a uma quantidade mínima, como se fosse suprido pelo ar — facto que não raramente se verificou em casos catalépticos e extáticos semelhantes, como mencionarei mais adiante; e, como já observei ao tratar dos hesicastas, que se transportam para o mundo dos espíritos fixando os olhos sobre alguma parte do corpo. Bernier relata que tais Djogia (videntes solitários), arrebatados pelo êxtase, não têm sensibilidade e permanecem imóveis; beliscões, queimaduras ou punhaladas não os afetam.

Ao recobrarem a sensibilidade falam de visões e vozes que viram e ouviram. As visões de que falam, quando associadas a tais meios artificiais e severos de produzir o êxtase, não devem ser tomadas por fábulas, embora muito possa ser exagerado e sujeito a licença poética — como, por exemplo, um Djoga em *Śakuntalā* (Windischmann, p. 1310), descrito como "aquele que, no pleno uso das suas faculdades, fixa os olhos no sol; o seu corpo está meio coberto por um formigueiro de barro; muitas plantas trepadeiras enrolam-se-lhe em volta do pescoço; e ninhos de pássaros são construídos sobre os seus ombros."

Nas *Leis de Manu* há várias passagens que mencionam meios exteriores de produzir visão interior: a influência do fogo, da lua e do sol, dos sacrifícios e cânticos, bem como o *acida L.* (*Cynanchum viminale*). "Esta seiva é forte e acre," diz De Candolle, "e seria venenosa se tomada em grandes quantidades; em muitos casos os nervos são afetados por ela como por um narcótico; mas é entorpecedora na sua influência, pois impede a atividade dos nervos sem induzir o sono."

Windischmann acrescenta a este respeito: "Que o uso do soma foi considerado nas eras mais antigas como um ato sagrado e um sacramento, pelo qual se produzia a união com Brahma, é claro a partir de muitas evidências disso nos escritos indianos; encontramos frequentemente passagens semelhantes à seguinte: 'O próprio Prajāpati bebe deste leite, a essência de todo o alimento e de todo o conhecimento, o leite da imortalidade.'"

Nos sacrifícios lunares, a bebida do soma era preparada com cerimónias mágicas, com invocação de bênçãos e maldições, pelas quais os poderes do mundo superior e inferior eram nela incorporados. Conforme o uso pretendido, várias ervas eram misturadas com o ingrediente principal. Faz-se também menção ao ópio, que certamente era usado, como testemunham os transes, aparições e visões extáticas, e também pelo conhecido costume de consumir ópio na Índia. Kämpfer relata ainda que, na Pérsia, depois de ter tomado uma preparação de ópio, caiu num estado de êxtase, no qual acreditou estar a voar pelo ar acima das nuvens e a conversar com seres celestes. Prosper Alpinus menciona igualmente que sonhos de jardins paradisíacos e visões celestes eram produzidos entre os egípcios pelo uso de ópio.

Os três estados da alma neste mundo, segundo as *Leis de Manu*, são: vigília, sono e transe. A vigília, no mundo exterior dos sentidos, não é o verdadeiro ser; ignorância e loucura predominam, devido à influência da matéria e ao desejo de possuir as coisas deste mundo. Daí a avareza, a inclinação pelo que é perecível e tangível; a desfaçatez nos bens falsos; a mistura e instabilidade do bem e do mal — do alto e do baixo — dos homens e dos animais — da virtude e do vício.

Este estado fala de trevas, conforme as várias etapas desde a primeira consciência do ser terreno até à perfeição no conhecimento vão e nas sutilezas da ciência e das ações. No sono, o serviço do sol ainda domina nas imaginações; a alma paira no crepúsculo entre silêncio e movimento — entre dor e prazer — amor e ódio — entre ousadia e timidez. A vida é vaidade e imaginação em constante mudança de cor; um jogo de fantasias — um sopro — um sonho de vida, sem jamais atingir o verdadeiro fim. A este pertencem os frívolos; os conflituosos em palavras e atos; os religiosos; os ambiciosos; e os brâmanes da corte; cantores e atores sedutores. Mas já pairam na orla de um verdadeiro despertar no mundo de Brahma.

O transe revela a verdadeira luz do conhecimento; e o verdadeiro despertar é a visão da luz, invisível e intangível ao olho comum. É aqui que o olho interior se abre pela primeira vez, e a visão já não é a dos sentidos, suscetível de ser confundida pelo acaso e pelo sol da natureza, mas uma visão clara e distinta, abrangendo todo o círculo mágico, da circunferência ao centro. As verdadeiras evidências desta condição são: limpeza, penitência, negação total de tudo o que é

terreno, e perceção inalterável do verdadeiro espírito do grande Brahma em radiante claridade. Este transe, contudo, tem várias gradações de vigilância interior, nas quais, afundado num sono profundo, está afastado do mundo visível. Insensibilidade e repouso, e uma consciência a meio, também se formam no sono, e todos os homens caem nele diariamente; mas, ao regressarem dele, sabem pouco, e ao acordar recaem no mundo exterior da ignorância.

No que antecede encontramos uma excelente descrição das condições da alma do homem nas suas três naturezas. Entraremos agora mais detalhadamente numa descrição especial desses estados.

Segundo os *Upaniṣads* (Windischmann), um dos antigos sábios terá dito, em resposta à pergunta "O que é aquilo que está desperto e vê os sonhos numa pessoa adormecida?": "Quando o sol se põe, os seus raios regressam ao centro; e da mesma forma os sentidos recolhem-se para o *Manas* (o grande sentido).

A pessoa nada vê, nada ouve, nada cheira, nada saboreia nem sente, não fala, não usa as mãos, não tem paixões: tal pessoa é *supta* (em sono). Mas, dentro da cidade de Brahma (no corpo do adormecido), os cinco *Prāṇas* (segundo Colebrook, o sopro interior da vida e reflexo radiante dos elementos) estão despertos e radiantes. Enquanto as portas do corpo estão abertas, e o coração paira nas regiões dos sentidos exteriores, não surge uma verdadeira individualidade, pois os sentidos estão divididos e atuam por si.

Mas, quando se concentram no coração, tornam-se unidos e recíprocos, e o homem é elevado na luz desses *Prāṇas*; as portas do corpo estão fechadas, e ele encontra-se em sono profundo — perfeitamente rígido e insensível; interiormente, porém, desperto, e goza dos frutos de um conhecimento de Brahma diariamente no tempo do sono. Vê então aquilo que viu e fez de dia; vê tudo, visto e não visto, ouvido e não ouvido, conhecido e desconhecido; e porque o *Ātman* (a alma) é a causa de todas as ações, agora é a causa de todas as ações no sono, e assume a sua forma original (uma atividade reflexiva, sempre desperta).

Para chegar a este ponto, os sentidos e as paixões devem ser algemados, e a mesma força deve entrar no corpo e impedir o fluxo da bílis, pois o *Manas* nesse momento fecha o canal que é o condutor de todos os desejos; e o adormecido não vê então sonho algum, mas torna-se totalmente *Ātman*, de natureza luminosa, e vê as coisas como são; age razoavelmente e aperfeiçoa tudo."

Aqui temos uma teoria muito notável e clara da origem e diferença do sono-vigília e da visão superior a partir das condições do sono, e da concentração dos sentidos exteriores; da atividade direta interior, que é de facto o verdadeiro despertar e a existência consciente do espírito, enquanto a vigília dos sentidos não passa de ilusão e falsidade. As observações sobre o efeito da bílis mostram também uma profunda perceção das causas fisiológicas, dado que, por uma perturbação da bílis em sonâmbulos, o sujeito vê falsamente e é visitado por sonhos e sensações enganosas.

Para uma visão mais elevada e mais pura, além do repouso exterior da mente e do corpo, é necessária uma quietude dos humores do corpo. A contemplação suprema não deve ser perturbada pela carne e pelo sangue, e por isso as portas do corpo são fechadas, a abstinência de todo o alimento e bebida mantida; a alma deve estar livre, e esforçar-se por aproximar-se o mais possível da condição da morte. Segundo a crença indiana, a mais alta "clarividência" no sono, ou mesmo à aproximação da morte, ainda não é esse conhecimento perfeitamente divino, que apenas é alcançado na morte. "Só na morte o falecido se une perfeitamente com Brahma — como uma gota de água com o oceano."

Tal dupla divisão da visão interior, num estado mais alto e num mais baixo, foi fundada na Índia pelo culto do sol e da lua. "O sol é o divino Īśvara — Brahma — o difusor de toda a luz, o iluminador do vivente." O verdadeiro objeto do seu zelo é o sol, e os verdadeiros crentes são chamados Filhos do Sol — os iluminados — brâmanes.

A eles, como servos fiéis, o sol desce, ou atrai-os para si, ou, no serviço do sol, são elevados até ele em espírito, e nesses estados colocados em comunhão com o universo inteiro, de modo que o seu olhar inspirado percebe, com a maior nitidez, o céu, a atmosfera e a terra. "A condição do clarividente perfeito — o Djogi — no mais alto estágio é, quanto à perceção e ao conhecimento, tão livre do corpo que ele, por assim dizer, existe fora dele, e entra na vida exterior com a recordação daquilo que experienciou e viu." (Windischmann)

Por meio desta comunhão com o sol, ele torna-se o seu órgão das simpatias do mundo e da reciprocidade do universo. O sol atua pelos seus raios sobre a lua, e portanto também indiretamente por ela. Aqui o seu poder é mais brando, mais suave, menos excitante para a vida superior, e por isso a vida espiritual permanece mais nos estágios inferiores do sonho; pois o poder e a influência da lua agem

particularmente sobre os humores do corpo e a sua circulação. Os Filhos do Sol e da Lua, enquanto adoradores destes corpos celestes, encontram-se ao longo de toda a história da Índia; e o adorador da lua segue o seu deus não menos durante a noite do que o adorador do sol adora o sol durante o dia.

Assim como, porém, o feminino está para o masculino, e a lua para o sol, assim também estão as condições mágicas da alma: a alma apenas passa, em perfeita liberdade, pela *moondioga* até ao sol; ou então retorna à terra e fica novamente exposta aos perigos da insensatez. Entre os Filhos do Sol os estados clarividentes são frequentes — entre os Filhos da Lua, os sonâmbulos; os primeiros são os mais livres — incorpóreos, os segundos mais sonhadores e presos ao corpo.

A influência da lua depende dos seus adoradores — existindo muitas diferenças marcantes de fé entre estes e os Filhos do Sol, especialmente no que toca à maneira de sacrifício. A iluminação do espírito, a frutuosidade dos seres vivos e a germinação das sementes são influenciadas pela lua; mas também a confusão, a tristeza, a doença e a morte são ocasionadas pela sua influência. A influência do sol possuía, em todos os casos, o caráter solar de alta energia; contudo, os contrastes são mais marcantes, tanto de luz como de trevas, espiritual e corporalmente, na sua influência.

Encontramos nesta descrição não apenas a simples diferença nos pormenores e gradações do sono, mas também aqueles fenómenos raros quando a clarividência passa para a vigília, bem como as observações minuciosas sobre as influências do sol e da lua. As influências destes poderosos corpos celestes são demasiado pouco observadas; e só quando fenómenos marcantes se manifestam é que os homens despertam para elas.

Mencionarei apenas agora a influência da lua, que é tão bem conhecida por jardineiros e lenhadores, que observam certas fases da lua na sementeira e colheita de sementes e frutos — no abate e descasque das árvores. A lua exerce especial influência, nos países tropicais, sobre a natureza animal e sobre o corpo humano. Todas as doenças periódicas, até mesmo a peste, segundo Joubert, aumentam e diminuem com a lua. E também entre nós certas doenças se acredita serem influenciadas da mesma forma. Se, portanto, pessoas saudáveis percebem a influência da lua em si mesmas — como, por exemplo, no plenilúnio, quando o sono é mais facilmente perturbado;

se os fenómenos periódicos não são considerados extraordinários em sonâmbulos, em doenças da mente e na febre, em crianças e mulheres; se a lua cheia destrói rapidamente os corpos mortos; deveremos sentir-nos surpreendidos pelo facto de, em tempos primitivos, se ter dado tanta licença à imaginação, quando se sabe bem que pessoas que sofriam de doenças dos humores e inchaços estavam sujeitas à sua influência — quando a luz da lua, incidindo diretamente sobre o rosto, produzia tremores, espasmos ou até convulsões? Estes efeitos violentos são bem conhecidos na Índia, e portanto não são sem influência sobre as imaginações dos homens, levando-os a seguir a lua em todas as suas fases.

Não entrarei em longas referências de numerosos observadores, mas mencionarei simplesmente os casos de dois sonâmbulos relatados por Kerner, que são muito notáveis e se assemelham às descrições dos adoradores do sol e da lua na Índia. Não menos suscetível à influência do sol era a vidente de Prevorst; mas mesmo com toda esta experiência os homens não aprenderam a usar estes corpos celestes para fins curativos.

Permito-me apenas relatar um caso que observei na Condessa M., que foi tratada magneticamente para uma doença. Depois de vários meios que empreguei para produzir uma crise terem falhado, disse-me que, num certo dia, à hora da lua cheia, às nove horas da noite, eu deveria conduzi-la até ao centro de uma estreita ponte de madeira sobre o Zepel, em Karlsbad, e aí magnetizá-la através da lua. Isto não levou mais do que dez minutos; e depois de ter caído imediatamente no sono magnético, voltou para casa; e nessa mesma noite uma crise favorável teve lugar.

Essas influências cooperantes mas diferentes — o efeito da lua cheia sobre a estreita ponte de madeira acima da corrente impetuosa — fornecem uma indicação muito significativa. A mesma paciente conhecia não apenas a influência da lua sobre si mesma, mas também a do sol. Desejava frequentemente ser levada aos campos e ser colocada nos raios do sol durante algum tempo; em particular em dois casos, quando sofria de grande fraqueza muscular, produzida pelo uso abundante das águas minerais, e quando não estava suficientemente clara nas suas visões.

O efeito foi muito singular em ambos os casos. Embora, ao ir, fosse com grande dificuldade que conseguia andar, regressava com passo firme e elástico; e a sua clarividência aumentava durante o tempo em

que os raios do sol incidiam sobre ela, os quais eram deixados repousar sobre os membros e o abdómen, enquanto a cabeça era cuidadosamente protegida. Para doenças semelhantes, e num caso de hidropisia, utilizei esta influência do sol com efeito tão surpreendente, que encontrei plenamente confirmadas as teorias bramânicas acerca da influência do sol e da lua, do masculino e do feminino, dos princípios negativo e positivo; pois o sol atua mais sobre os espíritos irradiantes dos nervos e músculos, e sobre a visão interior; enquanto a lua, pelo contrário, atua mais sobre os humores e o sistema ganglionar.

A influência da lua sobre as mulheres é bem conhecida; e o caminhar noturno físico é justamente chamado a doença da lua.

Na sua progressão pelos vários estágios de iniciação para a independência mental, os brâmanes prestam particular atenção ao seu convívio com outros, ao seu modo de vida e ao estado interior. O caminho para a iluminação passa pela reclusão; toda a comunicação com estranhos e inferiores, exceto com o mestre espiritual, é proibida pelas leis. A escolha do alimento e da bebida é de grande importância para vencer os sentidos e inclinações; os restos dos sacrifícios, que são atendidos por determinadas pessoas, devem ser preferidos a todos os outros; o alimento proveniente de outras pessoas só pode ser tomado depois de previamente purificado por passagens dos *Vedas*; nos nossos termos de simpatia magnética, os artigos provenientes de pessoas que estão incluídas no *rapport* devem ser preferidos a todos os outros.

"O alimento dos *Śūdras* (as classes inferiores) obscurece a luz divina; o mesmo acontece em grau ainda mais elevado nas castas impuras; e o alimento de mulheres dissolutas está cheio de mal; aquilo que um criminoso apenas tenha olhado está, sem exceção, excluído." A carne não está certamente absolutamente proibida, mas por razões muito mais graves não é consumida pelos brâmanes, porque excita a acumulação dos humores e impede a visão mágica muito mais do que os vegetais; e esforçam-se por suspender as funções do corpo, de modo que o vidente extático preserve a sua vida apenas em perfeito repouso pelo ar e pelo sol.

Apenas os videntes das eras mais antigas, segundo Manu, que se preservaram em tamanha pureza de sacrifício, de convívio e de autonegação, alcançaram os mais altos degraus do conhecimento, e por isso, como verdadeiros Filhos do Sol, estavam tão penetrados

pela luz que "eram radiantes em si, e nos seus êxtases mágicos os seus corpos eram elevados." Este resplendor provavelmente não deve ser tomado literalmente como uma luz real emanando do brâmane, mas antes como a apreensão subjetiva do observador, ou possivelmente como aquela luz de que falam frequentemente os nossos videntes magnéticos como um fulgor, raio ou corrente de luz, que percebem sair do magnetizador e dos objetos por ele tocados; ou pode ser apenas uma expressão figurada de admiração.

Pode, no entanto, também ser uma espécie de corrente elétrica, como tantas vezes se observou em casos de catalepsia ou convulsões, saindo em faíscas. O rosto de Moisés resplandecia, e essa glória provavelmente nem sempre foi uma ficção, ou um símbolo derivado da mão do artista — pode ter sido muitas vezes visível por causas naturais: e a isto aludiremos em ocasião futura.

O mesmo pode ser dito da elevação do corpo. As cãibras por vezes levantam o corpo de maneira prodigiosa; e nos julgamentos de bruxaria encontramos muitos casos semelhantes registados. Assim lemos na *Zauberbibliothek* de Horst (vol. V, p. 402) sobre uma Maria Fleischer, que sofria de convulsões e era célebre por muitas ações maravilhosas. É relatado pelo superintendente Möller em Friburgo, e é como segue: "quando é mais violento, ela começa a elevar-se no ar, e nesse momento é perigoso tocá-la; e na presença de dois diáconos, que nos contaram isto, foi subitamente erguida na cama, com o corpo inteiro, cabeça e pés, até à altura de três varas e meia, de modo que parecia como se fosse voar pela janela."

Jâmblico, o zeloso defensor das religiões pagãs, que pelas suas obras teúrgicas, piedade e poderes sobrenaturais era habitualmente chamado o Divino, era, durante as orações (assim diz o relato), sempre erguido a dez pés acima da terra, e nesses momentos a sua pele e roupas assumiam a cor do ouro (Horst, vol. I, p. 68). Relatos semelhantes são dados de homens muito piedosos, e as lendas dos santos também contêm muitos. Na minha obra *Magnetismus im Verhältniss mit Natur und Religion* tratei mais amplamente deste assunto.

Que tais videntes divinamente inspirados possuam grande influência mental sobre outros é facilmente compreensível, e também que atraiam outros com inspiração mágica, o que não é incomum no magnetismo. Temos exemplos em que, não apenas como na vidente de Prevorst, mas também noutros casos, uma espécie de infeção

sonâmbula se espalhou de modo epidémico. Os videntes escoceses possuem este poder, pelo qual conseguem transferir instantaneamente as suas visões para outros, pousando as mãos sobre o rosto de alguém, ou apenas tocando-o por acaso: mas já falámos disto. Windischmann diz: "A instituição bramânica assenta sobre a palavra e sobre a autoridade inspiradora da alma.

Por meio desta inspiração criam uma comunhão mágica, na qual unem os da sua raça que são mais facilmente influenciáveis; também pessoas em elevado estágio de poder magnético podem influenciar outros que com eles estão em comunhão, de tal forma que, por assim dizer, se sentem rodeados e sustentados por ondas invisíveis." É bem conhecido que, por infeção magnética, as visões dos clarividentes passam para os que os rodeiam, o que acontece com imaginações facilmente excitáveis e naturezas tímidas, especialmente na visão de fantasmas.

Por fim, as suas visões são muito semelhantes às nossas aparições magnéticas, e são frequentemente confundidas com visões subjetivas. "A alma interiormente concentrada envolve-se nas vestes dos corpos celestes e dos elementos; fala a partir deles como se ouvisse vozes de fora e lhes respondesse." "Nos primeiros registos", diz Windischmann, "encontramos frequentemente que vozes se revelam aos videntes a partir do sol, da lua e das estrelas, das plantas e dos animais — até mesmo de pedras rígidas — dizendo-lhes onde e quando procurar luz e verdade.

Quando tais revelações em símbolos são ininteligíveis, são interpretadas por algum vidente conhecido mundialmente, a quem pedem uma explicação." Os brâmanes também sabem que nem todas as visões são reais, e que muitas falsidades nelas correm, como em sonhos ilusórios e nos primeiros estágios do sono, quando não estão perfeitamente libertos da influência dos sentidos. Até o vicariato dos sentidos, e a visão através da região do coração, encontram-se entre os videntes indianos, como nos nossos estados magnéticos. Ver por meio das artérias do coração e do fígado, e pela luz que é representada pelos membros das castas e condições.

Os seus antepassados eram, segundo a crença indiana, videntes e profetas, poder que haviam ganho pelas suas vidas contemplativas e ascéticas. Toda a vida espiritual na Índia tem sido, num certo sentido, sempre sonâmbula e extática; os seus costumes e práticas, assim como a sua poesia e filosofia, dão todos testemunho disso.

Passavant diz deles, com perfeita justeza: — "Assim como toda a vida social na Índia manteve a sua forma distinta e peculiar, assim também a ciência e as artes. Seria impossível apreciar os filósofos indianos sem conhecimento dos fenómenos do êxtase e dos vários estados extáticos. A sua filosofia é essencialmente uma clarividência extática. Quando aparece clara, é a profundidade e compreensão do seu conhecimento do mundo; mas onde é obscura, é por causa dessa imaginação desenfreada, que, não atentando a nenhum objeto exterior, não conhece limites, e produz as formas mais fantásticas.

A superstição não é, portanto, em parte alguma maior do que neste país; pois é a distorção de grandes verdades, e aparece aqui muitas vezes como o fenómeno patológico do êxtase, assim como a loucura é frequentemente apenas um sonambulismo doentio. Pois, assim como em condições enfermas o olho apenas percebe ilusões subjetivas, e o ouvido ouve sons internos, assim também surgem imagens subjetivas da imaginação em sonambulismo doentio — sonhos fantásticos; nos quais, porém, como na loucura, ainda são visíveis raios luminosos."

Segundo Colebrooke, as condições filosóficas dos brâmanes são transmitidas de geração em geração, mantendo esta contemplação em plena atividade. "Deus é um ser eterno, uma luz pura numa morada sagrada, e a alma reflexiva é uma revelação desse poder radiante. Medito mentalmente nessa luz — Brahma — guiado por um farol oculto que está dentro de mim, e pelo qual penso naquilo que está contido no meu coração. Que o todo-poderoso Brahma, que ilumina os sete universos, una a minha alma com o seu esplendor!" Além desta oração e dos meios acima mencionados, os brâmanes têm um método peculiar de fechar os sentidos exteriores e despertar os sentidos interiores para a contemplação.

Segundo Görres (*Mythengeschichte der Asiatischen Welt*, vol. I, p. 113), este processo assemelha-se muito ao dos Hesicastas. Pois o *Oupnekhat* (*Oupnekhata* — o Livro do Segredo — escrito em persa) diz: — "Para produzir a sábia *Maschgudi* (visão), devemos sentar-nos numa base de quatro cantos, isto é, sobre os calcanhares, e depois fechar as portas do corpo. Os ouvidos com os polegares; os olhos com os indicadores; o nariz com os médios; os lábios com os quatro outros dedos. A lâmpada dentro do corpo será então preservada do vento e do movimento, e todo o corpo estará cheio de luz.

Como a tartaruga, o homem deve recolher cada sentido dentro de si; o coração deve ser guardado, e então Brahma entrará nele, como fogo e relâmpago. No grande fogo na cavidade do coração será acesa uma pequena chama, e no seu centro está *Atma* (a alma); e aquele que destruir todos os desejos mundanos e a sabedoria será como o falcão que rompeu as malhas da rede, e terá tornado-se um com o grande ser. Assim como os rios, depois de atravessarem um grande espaço, se unem ao mar livre, assim estes homens tornam-se *Brahma-Atma*.

Na grandeza do grande, a sua luz tornou-se universal; quem percebe Brahma torna-se Brahma, cem vezes cem vezes a luz do sol não iguala a luz daquele que se tornou *Brahma-Atma* (espírito divino). *Atma* revela a sua forma, mas, por isso mesmo, são poucos os que atingem esta altura, pois *Atma* perturba os seus sentidos, de modo que apenas veem exteriormente. Quem, portanto, entra neste caminho para Brahma deve renunciar ao mundo e aos seus prazeres; deve apenas cobrir a sua nudez; e, com cajado na mão, recolher o suficiente, mas não mais, em esmolas para sustentar a vida.

Os menores apenas fazem isto; os maiores deitam fora o cântaro e o cajado, e nem sequer leem o *Oupnekhata*. A atmosfera é o manto de Brahma; ele não se liga a nada; não está separado, nem preso a nada; para ele não há dia nem noite, nada além de *Atma*. Brahma é tudo para ele."

"Os faquires na Índia", diz Zimmermann (*Von der Einsamkeit*, vol. II, p. 107), "têm uma seita chamada os Iluminados, ou aqueles que estão unidos com Deus. Os Iluminados venceram o mundo, vivem em algum jardim isolado, como eremitas, tão profundamente mergulhados em contemplação que fitam durante horas um só ponto, insensíveis a todos os objetos exteriores. Mas então, como afirmam com indizível deleite, percebem Deus como uma luz branca pura. Durante alguns dias antes vivem apenas de pão e água, mergulham em profundo silêncio, olham para cima durante algum tempo com o olhar fixo, e depois voltam os olhos, em profunda concentração da alma, para a ponta do nariz, e então a luz branca aparece."

A crença de que o homem deve tornar-se um com Deus, e desprezar tudo o que é terreno, como sendo apenas uma armadilha colocada pela deusa Maya para prender os incautos, é universal na Índia, assim como a crença na identidade do homem com o seu Criador, segundo a antiga crença original na íntima comunhão da criação com

o Criador. Portanto, a alma do homem deve, como o falcão que rompe os fios de uma rede, romper a natureza corporal e tornar-se totalmente *Atma*. Apenas quando o homem se separa inteiramente do mundo exterior dos sentidos pode tornar-se unido com Deus; se não o faz, permanece na natureza, mas abandonado por Deus, e um mero membro da máquina que se move pelas suas próprias leis, e que não tem conhecimento de Deus. As duas direções do espiritualismo dominante na Índia, bem como as teorias diretamente opostas, têm origem no panteísmo que surge de um estado de natureza.

Nos livros sagrados da Índia encontramos muitas passagens que evidentemente se referem à sua vida extática. Podemos mencionar algumas tal como dadas por Windischmann e Colebrooke.

O homem abarca todas as coisas, como o oceano, e é mais elevado do que o universo. Qualquer mundo a que aspire é-lhe concedido, pois é capaz de alcançar tudo aquilo a que se esforça seriamente, pela verdadeira humildade e unidade de espírito, o que ocorre durante o tempo em que os sentidos são vencidos, e as portas do corpo estão fechadas, bem como na morte perfeita; quando o espírito do homem eleva o corpo-espírito de luz às regiões do seu anseio e das suas obras. (Colebrooke.)

No *Upanischad* encontramos: — "O coração (*Manas*) vagueia, durante o tempo da vigília, por lugares onde o olho, o ouvido e os outros sentidos não podem alcançar, e fornece uma grande luz. Vagueia também, em sonhos, para outros lugares, e ilumina todos os sentidos. Em sono profundo está unido e indivisível, e não tem igual em todo o corpo; é o principal de todos os sentidos. Aquele que é capaz, realiza as suas ações pelo coração (*Manas*); e aquele que percebe, percebe através do coração, que é a causa de todos os sacrifícios. É a lâmpada e o centro do corpo e de todos os sentidos. Nele residem a memória e a reflexão.

Dentro dele está contido o estado passado, presente e futuro do mundo, tudo o que é mundano: mas é imperecível. No coração vive a pessoa imortal, não maior do que o polegar; no centro da mente esta pessoa (a luz interior) é clara como uma chama sem fumo. Nesta cavidade está a morada de Brahma — uma pequena flor de lótus, um pequeno espaço cheio de luz etérea. Aquilo que está dentro (no éter) deve ser compreendido. O mesmo éter (*Akāśa*) que está fora no mundo, está também dentro dessa pequena cavidade, e neste espaço

no coração estão o céu e a terra, o fogo e o vento, o sol e a lua, o relâmpago e as estrelas. Tudo está, e, contudo, não está, neste lugar. E se alguém disser que aqui está contido tudo — tudo o que é desejável — o que pode restar quando a morada de Brahma, o coração, se desfaz e desaparece? A isto devemos responder: esse éter suave não muda, e não morre com o corpo. É a morada de Brahma, contendo todas as coisas. É a alma, afastada de todo o mal—da velhice; e não sujeita a doença ou morte. Quem não conhece este *Atma* sai deste mundo para o universo, sem poder sobre si próprio, e recebe a recompensa dos seus serviços que lhe é devida. Mas quem conhece o espírito, parte com poder sobre os seus desejos, e recebe recompensas eternas.

Aquele de cujo coração o véu da ignorância e do erro foi removido — que recebeu a forma suave do éter, alcançou tudo o que pode ser desejado. Os ignorantes passam sobre este espírito como sobre um tesouro enterrado na terra, e não o encontram; os homens não vão para onde eles vão, e com quem comunicam todos os dias; quando mergulhados em sono profundo veem Brahma, e recolhem-se nesse éter interior. Mas aquele que alcança o espírito vê, quando não vê exteriormente; torna-se curado quando está doente. Para ele a noite torna-se dia, a escuridão, luz do dia; é revelado a si mesmo, e esta revelação é o mundo de Brahma. Quem alcançou isto é senhor de todo o tempo e lugar, quando se separou de toda a ligação com os sentidos. Ele é então verdade."

Segundo relatos mais recentes da Índia por Jones Forbes (*Oriental Memoirs*, Londres, 1813), este dom de adivinhação ainda é comum lá.

Forbes diz: — "Os videntes de fantasmas e os astrólogos são inumeráveis na Índia, e milhões acreditam nos seus poderes sobrenaturais; muitos vagueiam como ciganos; mas apenas alguns brâmanes usam o poder profético com certa dignidade e modéstia. Darei uma breve descrição de um desses brâmanes como exemplo."

Para compreender a narrativa seguinte, devemos aqui observar que, à chegada de Forbes a Bombaim em 1766, havia três partidos. À frente de um estava Spencer, de outro Grommelin; o terceiro encontrava-se sob a liderança do Sr. Hodges, que, dizia-se, tinha sido privado do cargo de Governador de forma injusta e imprópria. Por esse motivo, Hodges escrevera uma carta violenta ao Governador e ao conselho da Companhia e, como se recusou a retratar o que tinha

escrito, foi afastado do governo de Surate, chamado de volta a Bombaim e despedido do serviço da Companhia. O Governo de Bombaim enviou um relatório destes acontecimentos para Inglaterra.

Forbes continua do seguinte modo: — "Este brâmane era um homem jovem quando Hodges fez o seu conhecimento. Era pouco conhecido pelos ingleses, mas muito célebre entre os hindus, pelo menos na costa ocidental da Índia. Creio que Hodges o conheceu quando era residente inglês em Bombaim. Ambos se tornaram amigos íntimos, tanto quanto a diferença de religião e de casta o permitia.

O brâmane, um homem íntegro, advertia muitas vezes o seu amigo para nunca se desviar do caminho da virtude, que o conduziria ao sucesso e à honra, e à felicidade eterna. Para gravar esta exortação na sua mente, assegurava-lhe que subiria do posto que ocupava em Bombaim a lugares mais elevados no serviço da Companhia; depois seria cobrador em Tellicherry e Surate, e finalmente Governador de Bombaim. O Sr. Hodges mencionava frequentemente estas profecias aos seus amigos, mas ele próprio dava-lhes pouca atenção.

Apenas quando foi gradualmente ascendendo a esses cargos de honra começou a depositar maior confiança no brâmane, particularmente quando foi nomeado cobrador de Surate. Porém, com o tempo, Spencer foi nomeado Governador e Hodges foi demitido do serviço da Companhia. Mandou então chamar o profeta, que nessa altura vivia em Bulpara, uma aldeia sagrada nas margens do Tappi.

Ele foi ter com Hodges e escutou o desfecho desagradável das suas esperanças e esforços. Hodges concluiu dizendo que partiria para a Europa e que, portanto, não esperava o brilhante cumprimento das promessas do brâmane. Chegou-se mesmo a dizer que deixara escapar algumas censuras durante a conversa, por causa dessas profecias enganadoras.

O brâmane escutou tudo com a maior compostura, sem mover um músculo, e disse: — 'Vê esta antecâmara e aquela sala para a qual conduz; o Sr. Spencer chegou ao pórtico, mas não entrará no palácio — colocou o pé no limiar, mas não entrará em casa. Apesar de todas as aparências em contrário, alcançarás as honras e ocuparás o posto elevado que predisse e para o qual ele foi nomeado. Uma nuvem negra paira diante dele.'

"Esta surpreendente profecia foi logo conhecida em Surate e Bombaim; era tema de conversa em toda a sociedade; Hodges, contudo, tinha tão pouca confiança nela que se preparava para iniciar

a viagem de regresso. Entretanto, porém, tinham chegado os despachos de Bombaim e a resposta foi devolvida com rapidez invulgar. O Conselho de Diretores condenou os atos de Spencer como Governador de Bengala, revogou a sua nomeação para o Governo de Bombaim, demitiu-o do serviço da Companhia, e Hodges tornou-se Governador.

"Desde então, o brâmane ganhou a maior influência sobre o seu espírito, e ele não empreendia nada de importante sem pedir conselho ao amigo. É notável que o brâmane nunca profetizasse nada para além do Governo de Bombaim; falava do seu regresso a casa, mas era bem sabido que mantinha um silêncio misterioso acerca do tempo posterior ao ano de 1771. Hodges morreu subitamente na noite de 22 de fevereiro de 1771."

Forbes dá um segundo relato das previsões deste brâmane, feitas a uma viúva que chorava a morte do filho. Essa predição cumpriu-se à letra. Uma terceira é a seguinte: "Poucos meses antes do meu regresso da Índia, um cavalheiro que deveria ocupar um alto cargo na Índia desembarcou em Bombaim com a esposa. Ambos eram jovens e tinham um filho. Ele deixou a mulher com um amigo e partiu para Surate a fim de organizar a sua casa; ela deveria segui-lo pouco depois. Na véspera do dia em que devia partir para Surate, o amigo que a hospedava reuniu uma grande companhia, entre os quais o brâmane.

Apresentou-o à assembleia e pediu-lhe, em tom de brincadeira, que previsse o futuro do jovem casal acabado de chegar da Europa. Para espanto de todos, particularmente da jovem senhora, o brâmane lançou-lhe um olhar de compaixão e disse, após uma pausa impressionante, ao dono da casa, em hindustani: 'A sua taça de felicidade está cheia, mas desvanece-se rapidamente! Um trago amargo resta, para o qual deve preparar-se.' O marido escrevera que estaria em Surate com uma barca.

Não estava, porém, lá, e em seu lugar veio um dos meus amigos com a notícia de que o marido estava gravemente doente. Quando ela chegou, sofria um violento ataque de febre e morreu nos seus braços. Regressei no mesmo navio com a viúva. Durante a viagem teve lugar o aniversário da morte do marido."

Os hindus confiam, segundo os Livros de Zend, na ajuda de génios e espíritos, e acreditam que estes são capazes de afastar as doenças com o seu auxílio.

Orígenes relata que os brâmanes são capazes de realizar curas maravilhosas por meio de certas palavras (Orig. contra Celsum); e Filóstrato diz: "Os brâmanes indianos trazem um bastão e um anel, por meio dos quais podem fazer quase tudo. Os sábios indianos também observam o curso das estrelas e predizem a partir delas."

A chamada manipulação é também conhecida entre os hindus, pois é frequentemente mencionada. Baldinger (Medicinisches Journal, p. 14) afirma que os jesuítas a tinham aprendido com os brâmanes; e Grosse dá uma descrição pormenorizada de uma manipulação conhecida nas Índias Orientais sob o nome de Tschamping. Segundo Beimer, os *μαγοι* ou *μάγισσες* (de *μάσσω*, acariciar) conheciam esta manipulação; e viajantes narram que os feiticeiros indianos lançam aqueles que pretendem roubar num sono suave, fazendo-lhes passes com a mão e recorrendo a outras artes.

Assim como na Índia o sacerdócio era a base da vida espiritual, e se colocava acima da vida social, assim o cuidado paternal do céu foi transformado numa monarquia terrena absoluta. Entre os chineses não existe tal vida espiritual dominante, nem sequer um sacerdócio distinto que preserve e transmita, em tradições, a sabedoria dos antepassados. "A nação chinesa", diz Hang, "é o membro mais antigo e proeminente da grande família espalhada por toda a Ásia longínqua, cuja natureza pesada, infantil, fria e sensual explica a peculiaridade da sua história.

Muitos traços do seu carácter, tal como da sua religião, apontam para a sua origem nos áridos e monótonos planaltos; de costumes monásticos mal encontramos vestígios: a sua fisionomia peculiar leva-nos antes a crer que eram agricultores. Imaginar que uma mitologia perfeita ou tradições heroicas foram determinadas por Kong-fu-tse e os seus discípulos é não compreender o carácter deste povo, a quem a verdadeira poesia e o heroísmo sempre faltaram por completo. Os seus heróis são sábios pacíficos, pais e benfeitores do povo" (Hang, História Universal).

Os chineses não migraram para a China como conquistadores; nem trouxeram consigo espírito poético; desde o início tiveram apenas de lutar com a natureza, e a sua história começa com duro trabalho para obter os simples meios de subsistência. Em tais circunstâncias faltam as condições de uma vida espiritual reflexiva, e encontraremos visões mais raras, ou pelo menos de carácter diferente, aqui, onde a imaginação está tão ocupada pela natureza. A divisão da terra —

originalmente novecentos acres para cada oito famílias, sendo o acre central chamado "acre do céu", destinado a pagar tributo ao rei — foi aplicada às coisas mais diversas, e até à religião, que, obrigada a tomar certa forma, não foi entregue a um sacerdócio. Como na China não havia divisão do povo como na Índia, não havia corporações, nem comunidades exclusivas, nem tribos, nem sistema de castas, nem sequer uma aristocracia acima do povo comum: daí surgiu a vida social pacífica, a tranquilidade, a ausência de guerras, a monotonia produzida pela semelhança de costumes, hábitos e modos de vida. A agricultura ocupava jovens e velhos, ricos e pobres, o sábio e o homem comum; os eruditos passavam dos cuidados do governo para o arado, e o Imperador descia anualmente do seu céu para lavrar um sulco na terra.

Um esforço espiritual mais elevado falta universalmente na China; todo o espírito chinês é absorvido pela preocupação com os interesses materiais de uma vida confortável ou até miseravelmente sustentada; não há tradições religiosas, não há sistemas religiosos mantidos pelos sacerdotes, e não há lugar nem tempo deixado livre para o recolhimento e a contemplação interior solitária.

A instrução universal consiste no conhecimento das cinco virtudes cardeais e dos deveres para com os pais, os antepassados, o rei, os irmãos e irmãs mais velhos, bem como dos cinco elementos — fogo, madeira, água, terra e metal — que fornecem alimento ao homem; pois a subsistência é o céu do povo chinês, e a unidade e ajuda mútua dão prosperidade: por esta razão estas regras não eram apenas ensinadas abertamente nas escolas, mas gravadas no espírito do povo por meio de inscrições, canções e admoestações; os funcionários, e até o rei, assumindo o papel de mestres.

Como na China não existe um sacerdócio especial e a religião se funde nos poderes do Estado, o panteísmo do culto dos elementos, rios e montanhas, céus, estrelas e antepassados é um resultado natural. Encontramos aqui universalmente uma falta de profundidade espiritual, embora o panteísmo não deva ser entendido na sua forma mais rude; pois o céu, a terra e os antepassados mostram lampejos da ideia monoteísta. O céu é representado como o pai — como o masculino; a terra como o feminino passivo e recetivo.

O céu, como existência ativa e radiante, é tão elevado, a terra tão sujeita, que as oferendas trazidas a esta são imaginadas como destinadas a um espírito celeste vigilante. As almas dos

antepassados, supostas vir originalmente do céu, eram tidas em máxima estima; mas tem sido injusto dizer que os chineses adoravam o céu material; e o que disse antes sobre as religiões naturais aplica-se igualmente aqui. Na sua ortografia, o símbolo para ar, sopro, espírito (segundo Hang) é a parte fundamental da maioria das ideias ligadas à religião. Distinguiram também especialmente os espíritos (poderes) — os *Schin* que habitam os objetos naturais. *Schin* significa geralmente espírito, Deus, homem.

Assim, o espírito do céu é distinguido para o céu — o senhor, ou o mais alto, Schang-ti — vendo sem olhos e ouvindo sem ouvidos; sempre desperto e guiando os sonhos dos que dormem; sempre vagueando pela terra. "Por mais pura que seja esta ideia, por mais própria e digna que seja", diz Hang, "por mais livre das crueldades sanguinárias e repugnantes que costumam acompanhar as mitologias das nações civilizadas, no conjunto, não deixa de ser uma religião pobre."

A ausência de um sistema religioso peculiar, e até mesmo o culto desencarnado dos deuses; as distorções onde a sua imaginação estéril tentava criar — na verdade, a frieza seca com que tratavam todas as coisas — denunciam a fraqueza das suas capacidades religiosas. Investigar mais a fundo a natureza dos seus deuses, ou até mesmo o destino presente dos seus antepassados, nunca os interessou; era um objetivo prático e terreno, o bem-estar das colheitas, do estado, que dava valor à sua religião; pois este é o seu céu, o fim de todos os seus esforços para alcançar a perfeição. "A disposição, porém, das estações, do tempo, das colheitas, até das ações dos homens e dos animais, procede do céu.

Essa disposição é a própria razão celeste, e reconhecê-la é sabedoria; confiar nela, seguir cegamente a natureza, é virtude; a rebelião contra o céu é, pelo contrário, impedir e confundir essa ordem. Assim como a primeira nunca fica sem recompensa, também esta nunca escapa ao castigo, pois acima de tudo está a severa justiça de Schang-ti." Todos os males da natureza e do reino procedem das transgressões dos homens — trevas, inundações, deformidades, secas, guerra!

Ao contrário, a chuva e o calor no tempo devido, o amadurecimento dos frutos, a paz e a prosperidade do reino vêm quando o homem mantém o rumo certo e permanece fiel à natureza e ao germe divino (Lin) nele implantado; de modo que tudo atrai sobre si: e

especialmente assim acontece com o Rei, a quem Schang-ti colocou sobre o povo. Todos são filhos de Schang-ti, mas o Rei é o seu primogénito; daí o seu título sagrado, Tieu-tse — filho do céu. Como, portanto, o primogénito, o mais velho de todos, representa o pai, assim o seu domínio não deve ser apenas sobre o povo chinês, mas também sobre todos os homens (Schin — Homem — Chinês); até sobre os espíritos, a natureza e os seus antepassados — isto é, todos os que não tenham entrado no céu, ao lado de Schang-ti, pelas suas virtudes, pois todos vêm de Schang-ti; e até a terra, embora venerada como mãe, está sujeita ao primogénito. Por isso, não se faz diferença entre a China e o mundo; é o mundo no sentido mais restrito, pois tudo o que está sob o céu lhe pertence, e que, como uma família, tem apenas um pai, o céu apenas um sol, o mundo apenas um céu, logo só pode ter um monarca! É o centro onde o céu e a terra se unem."

Embora o espírito chinês possuísse, sob tal constituição, poucos elementos onde a magia pudesse lançar raízes e espalhar as suas ramificações e influência, ainda assim encontramos muitos vestígios que testemunham o movimento instintivo da mente, bem como da influência mágica; embora certamente não na maneira nem na abundância que encontramos na Índia. A grande variedade destas manifestações é, contudo, surpreendente, pois em nenhum outro país elas se encontram tão raramente.

Como o Rei, por assim dizer, representa microcosmicamente as raças humanas na fortuna ou na desventura diante da divindade, assim deve o seu olhar estar constantemente dirigido para os sinais em que se revela a vontade do Altíssimo; "deve observar os sonhos tanto quanto os fenómenos da natureza, os eclipses e as posições das estrelas; e, quando tudo o mais faltar, deve consultar o oráculo da tartaruga ou a planta Tsche e dirigir as suas ações em conformidade." Ele é, portanto, por assim dizer, o oráculo universal do povo, já que a mente popular é libertada de todo o voo da imaginação por uma compulsão mental altamente notável.

Na grande esterilidade da mente popular, a língua chinesa é um meio de repressão, pelo qual o entendimento é obrigado desde a infância a pensar de uma forma dada e a aprender o significado e a natureza dos seus caracteres escritos; assim também é orientado exteriormente o desenvolvimento da mente, da qual nunca consegue afastar-se, devido à monotonia das suas ocupações diárias. O sistema de escrita é tão difícil, contendo mais de dezoito mil

caracteres dos mais intricados, que toda a energia mental é dirigida para ele, e acaba por definhar superficialmente; de tal modo que é extremamente raro encontrar a compreensão e a apreciação tão vivas que se elevem ao simbolismo. O desenvolvimento do espírito falta, portanto, em parte pela pobreza da herança original, em parte pela ausência de oportunidades exteriores, como acabamos de ver. A sua vida inteira consiste na uniformidade de um cuidado infantil pelos interesses exteriores e inferiores da vida.

É fácil compreender, a partir destas circunstâncias, porque razão encontramos tão poucos destes fenómenos de êxtase e de estado visionário, tão frequentes noutras partes do Oriente, e por isso aqui são dispersos e incertos. Não faltam, contudo, relatos que mostram que os fenómenos, assim como as teorias da profecia, eram conhecidos em tempos mais remotos. Sob o imperador Hoei Ti, cerca do ano 801 d.C., surgiu na China uma seita mística que se intitulava mestres do vazio e da nulidade de todas as coisas. Exibiam também a arte de subjugar o poder dos sentidos e de produzir uma região que acreditavam ser a perfeição.

Os místicos do Japão chamam à sua profunda meditação sobre os mistérios da Divindade, em que o homem está morto para todas as influências externas dos sentidos, *Safen*. Os sacerdotes de Xaka lançam-se neste estado. Dorma, um dos seguidores de Xaka, cortou as suas pálpebras, pensando que o impediam na sua meditação extática. É um dos grandes santos do Japão. Num templo peguano em Sião é venerada uma estátua colossal de Xaka, representada como submersa em contemplação. Os sacerdotes sentam-se diariamente algum tempo na mesma postura, durante a qual acreditam ter deixado de ser homens. Os malabares, portanto, chamam a um tipo de videntes solitários "homens sem sangue" (Zimmermann, *Von der Einsamkeit*, vol. II, p. 110).

Lao-tse (604 a.C.), um dos dois maiores espíritos entre os chineses, o seu pensador especulativo mais profundo, retirou-se para a solidão quando desesperou de influenciar os seus semelhantes. "Homens que já não existem serão invocados em vão; o sábio deve apenas cuidar de si mesmo e da sua época, e se esta não cuidar dele não deve afligir-se, mas gozar do seu tesouro em segredo e procurar em si o bem supremo — o repouso da alma. A Razão (*Tav*) é a primeira, eterna, perfeita, incompreensível, sem matéria nem forma — um quadrado sem cantos; está acima do céu, e é a sua medida, como o céu é a medida da terra e a terra do homem. Produziu o Um, este o

Dois, este o Três, depois o universo, que recebe a sua luz e vida do Três. Dela procedeu a alma, que procura regressar à sua origem através das formas sempre mutáveis, para as quais o autodomínio, a liberdade das paixões e das necessidades, o afastamento do mundo exterior, são o caminho." Vemos assim o germe do sistema da emanação, e a teoria chinesa da alma tem grande analogia com a dos budistas. Tal teoria e tal reclusão voluntária são, contudo, tão raras na China que Lao-tse pode ser considerado quase o único exemplo.

Keng-fu-tse — Confúcio — o seu compatriota célebre e contemporâneo, não possui nada da sua profundidade; é em tudo um chinês, que não procura o segredo do céu e da terra, mas considera apenas o autoconhecimento e o progresso e a felicidade da sua pátria fundados sobre ele. Reconhece, no entanto, com pesar, a decadência da sua época, e luta com toda a energia para contrariar o mal. Era da casa real de Schang (562 a.C.), e nasceu na península de Schangting; estudou desde a infância a antiga história da sua pátria e dela retirou a convicção de que só com a restauração dos antigos princípios de simplicidade e unidade se poderia restaurar a dignidade e a felicidade da sua terra natal: sobretudo, as antigas relações familiares deviam produzir esse efeito.

Essa virtude consistia em obediência filial e na sujeição voluntária aos decretos celestes, tal como fora originalmente. Viajando de uma corte a outra, encontrou oposição universal, embora enxames de discípulos seguissem os seus passos. Os *Kings* eram as suas obras, consideradas sagradas pelos chineses, e consistindo em discursos, provérbios e canções, e uma história que desde então tem sido continuada.

Os seus escritos parecem ser a essência das antigas tradições. Ensinava que, acima de tudo, a natureza celeste implantada no coração, a luz interior, devia ser seguida; que o homem devia manter o justo meio em todas as coisas e sujeitar as suas inclinações e paixões, uma tarefa difícil só realizável com esforço incessante — cujo fruto era a paz e a alegria.

Os discípulos de Keng-fu-tse formaram, segundo Haig, uma seita que nos recorda os profetas hebreus. Combatiam o espírito da época com ardoroso vigor; mas não contra a indolência e o espírito passivo dos chineses. A alta inspiração dos profetas hebreus faltava-lhes ainda mais do que aos brâmanes. Nada se sabe das suas revelações acerca do mais alto e da palavra divina. Contudo, Kircher (*China illustrata*) e

outros primeiros missionários relatam que desde as eras mais antigas se curavam doenças com a imposição das mãos, com o sopro sobre a parte afetada e outros meios. Osbeck e Torceno (*Journey to the East Indies and China*, 1765) declaram que sempre foi costume entre os chineses fortalecer pessoas fracas, doentes e exaustas mediante uma suave pressão das mãos em várias partes do corpo. A longa prática de sentir o pulso durante horas pelos médicos chineses pode quase ser considerada uma espécie de influência magnética.

Se voltarmos a nossa atenção para ocidente, encontramos naqueles países que desempenharam um papel proeminente na história do homem — como a Pérsia, a Média e a Babilónia — um terreno tão favorável à magia quanto a China altamente cultivada pareceu ser. A palavra magia foi frequentemente considerada de origem persa, e a própria arte muitas vezes foi traçada até à Pérsia e à Caldeia.

O sistema intelectual dominante entre caldeus, medos e babilónios, intimamente ligado à sua civilização, incluía a magia divinatória, a adivinhação e a teoria do mundo espiritual. A Pérsia era particularmente a terra dos *Devs* — o mundo demoníaco e da magia —, onde a teurgia tinha as suas raízes numa ciência peculiar, e de onde o seu idealismo fluía para ocidente, e em tempos posteriores se difundiu e reproduziu no mundo cristão.

A crença na origem de todos os seres vivos a partir do fogo eterno é uma das mais antigas no Oriente, e foi mantida na sua forma mais pura na Pérsia. Ormuzd e Ahriman, como os princípios do bem e do mal, foram primeiro derivados dessa unidade original, e o dualismo de Zoroastro pertence, de facto, a um período posterior de desenvolvimento e especulação, que degenerou em culto do fogo e magia negra; o que, contudo, nunca se naturalizou na Pérsia, onde a magia, na sua melhor aceção, permaneceu dominante como um conhecimento mais profundo da Natureza e dos seus poderes secretos. Só recebeu a sua forma distorcida dos judeus e dos alexandrinos, sendo sustentada por estes ao longo da Idade Média.

Segundo a fé dos parses, todas as coisas no mundo surgem de dois princípios originais. O primeiro é sem início, a luz, o fogo, o princípio vivo e insondável; a luz da natureza é apenas um símbolo da luz original e eterna. Tudo o que tem forma recebe a sua figura do princípio masculino ou feminino. Ormuzd, o princípio bom, é a emanação — a palavra. Ele é de natureza puramente espiritual; rodeado pelos génios do céu como seus servidores. Como oposto do

bem e da luz, está o princípio das trevas, do mal — Ahriman. Do primeiro teriam surgido os seres espirituais, do segundo os materiais; ambos, portanto, encontram-se continuamente em estado de conflito. Tudo o que é visível é uma imagem, uma expressão do invisível celeste, que constantemente influencia o visível; daí a influência dos espíritos bons e maus sobre o homem — que, no entanto, pode, pela sua conduta, pela sua vida piedosa e pura, aproximar-se da luz e colocar-se assim sob a proteção e comunidade dos bons espíritos; ou, pelo contrário, pode entregar-se ao poder do mal e só praticar ações más.

A unidade mágica do subjetivo e do objetivo, ou dos materiais sobrenaturais e espirituais, distinguia-se a princípio apenas tenuemente no sistema da emanação. Nisto, a distinção segue as leis do desenvolvimento psicológico da mente humana. Numa criança, o subjetivo e o objetivo, o reflexo e o real, não se distinguem de início, mas apenas se vão tornando mais claros gradualmente; estão primeiro confundidos. Com uma crescente capacidade de compreensão e um desenvolvimento mais amplo do entendimento, essas reflexões e a realidade separam-se; a imaginação agarra-se ao mundo ideal e separa a sombra da realidade, e então o homem começa a distinguir o exterior do interior, ou pelo menos a considerá-los não idênticos, mas distintos e existentes em si mesmos.

O processo de analisar essas contradições é, na generalidade dos homens, o mesmo que nas crianças, mas muito mais longo, e varia nos indivíduos conforme o tempo e o progresso do desenvolvimento. A separação dá-se gradualmente; as formas ideais da imaginação e as imagens oníricas transformam-se em visões firmes e duradouras; tornam-se fixas, e surgem ideias — unificações consistentes — que são reconhecidas ou como imagens ideais interiores da mente, ou como reflexos de coisas objetivas exteriores.

A mente formula determinadas observações características sobre os conflitos entre as visões ideais interiores e o reflexo das coisas exteriores reais, às quais se apega firmemente; e isto é chamado ciência. Assim surgem os dogmas, o real em vez do interior — subjetivo; e o exterior — objetivo — o espiritual em vez do material — natural. É facilmente compreensível, contudo, que esta separação seja muito difícil, se pretendermos contar com uma composição perfeita, e que exista uma forma constante de classificar estes dogmas; pois a razão tem de formar-se, e não surge de imediato como Minerva da fronte de Júpiter; porque a imaginação possui uma

inclinação inquebrantável para atrair todas as coisas para o círculo da sua influência, de modo que é sempre difícil saber quanto a razão organizou como obra útil e concluída, e quanto de imaginação o dogma ainda contém.

Os seres dogmáticos do mundo espiritual não são obras fiáveis e corretamente definidas da razão; pois a razão facilmente ultrapassa as suas próprias leis e agarra-se a ilusões, como uma criança estende a mão para o seu reflexo num espelho, pensando possuir uma realidade.

Assim como, na primeira infância da vida sonhadora da imaginação, o homem, no segundo ou mais elevado período de desenvolvimento, facilmente se confunde na separação da verdadeira individualidade da não-individualidade material, e como antes existia inteiramente no mundo subjetivo do sonho, assim agora vive apenas no mundo objetivo; ou considera as suas imagens interiores como objetos exteriores reais, e toma por obra da razão o que não passa de uma produção da imaginação.

Daqui surgem as inúmeras fantasias e ilusões das nações nos seus períodos mais avançados de desenvolvimento, bem como do homem individual; tanto na razão dogmática da ciência como no espírito progressivo das nações.

Se olharmos para a época em que as nações da Ásia Ocidental subiram ao palco da história e deram testemunho da sua civilização, encontraremos que as suas conceções são sólidas no que respeita à magia. Era o período em que se formavam visões teóricas e se corporizavam ideias, e entre os pensadores filosóficos a era do dogmatismo científico criado pela especulação inquiridora. As suas conceções exigiam nomes, e os nomes, como distinção, estavam muitas vezes associados a ideias materiais em vez de serem apenas sinais ideais; eram, portanto, reflexos das coisas, e não as próprias coisas.

Assim, o oriental via as imagens da sua imaginação como formas materiais de realidades subjetivas: projetando o seu mundo interior para fora e considerando-o realidade, os objetos da sua fantasia tornavam-se para ele coisas reais, e pela sua ciência especulativa colocava todo o edifício sobre uma base dogmática. Se antes os seres aéreos da imaginação flutuavam levemente pelo mundo, esses espíritos agora se corporizavam, e a razão analítica aumentava o seu número e importância, de modo que agora apareciam no mundo

como individualidades objetivas, com naturezas boas e más: o mesmo espírito, portanto, que, no primeiro período da infância, tentava, como a serpente hieroglífica, escalar a árvore do conhecimento, agora influencia o mundo como o inimigo pessoal da humanidade — como o chefe de um mundo inferior regularmente constituído de trevas. Eis aqui Satanás! Ahriman; Belial; Belzebu; os Devs; os Darwands; os Scheilims e Dschinas; os diabos das bruxas; até o astuto — e poeticamente célebre — Mefistófeles! Em suma, todo o exército inumerável de maus espíritos, diabos e demónios de todas as nações, países, línguas e religiões. Por outro lado, os querubins, serafins, os Amschaspands, Izeds, Fervers, Sephiroths, Malachim Ben Elohim, etc., — enfim, os milhões de espíritos astrais e elementares, de espíritos intermediários, fantasmas e seres imaginários de todas as raças e cores!!! (Horst, *Zauberbibliothek*, vol. V, p. 52.)

Os filósofos religiosos da segunda etapa da civilização das nações, como os persas, caldeus e indianos, pertencem, com as suas teorias espirituais, a estas fases de dogmatismos especulativos. A mente humana esforçava-se por formar teorias sobre todos estes fenómenos mágicos do mundo espiritual, fossem eles alucinações subjetivas intangíveis, ilusões e enganos, ou desenvolvimentos objetivos exteriores reais; e por alcançar um certo estágio em que a individualidade do homem pudesse ser claramente distinguida, e uma visão definida pudesse ser obtida daquilo que antes era caótico.

Todos os antigos ensinamentos dos caldeus, indianos e egípcios são muito semelhantes ao dualismo de Zoroastro. O princípio do bem e do mal é o mesmo que o Osíris, Ísis e Tífon egípcios. Os caldeus, segundo Plutarco, tinham até dois espíritos principais do bem e do mal, e muitos outros que eram neutros. No dualismo indiano as formas são menos rigorosas do que na fé de Zoroastro, mas os demónios e devs não são menos numerosos do que na Caldeia e na Babilónia, como o seu sistema teosófico, os cânticos poéticos e tradições o demonstram.

Desta última terra os judeus, após o cativeiro, trouxeram a magia e a teurgia, com toda a demonologia oriental; aquela feitiçaria que fora tão severamente proibida por Moisés despertou no espírito do dogmatismo medo-persa, através das suas ideias do diabo e dos anjos com as suas várias hierarquias, lançando raízes tão profundas que já não podiam ser arrancadas. Tiedemann diz: "Pois se formos honestos, devemos admitir que os ensinamentos sobre espíritos —

demónios — e Satanás, por Cristo, pelos apóstolos do Novo Testamento, e até por todos os primeiros cristãos, não eram outra coisa senão a crença então universalmente aceite no Oriente, tal como fora recebida na Judeia, mas modificada segundo a nova fé do mundo, e pelo conhecimento mágico da época que ajudava a destruir o poder de Satanás e dos demónios pelos ensinamentos de Cristo." Que os sábios judeus transplantaram a crença oriental na magia para Alexandria, que, em forma modificada, foi depois difundida pela cristandade, será mostrado posteriormente.

Todo o sistema da magia oriental está de acordo com as doutrinas principais do Zendavesta; os vários Amschaspands são representados como masculinos e femininos, bons e maus, mas a ideia do mal está especialmente associada ao feminino; isto também ocorre com os espíritos de grau inferior, os Izeds. As Peris, ou os Devs femininos, são sinónimos de diabo (*Zendavesta*, vol. I, p. 116). A sua residência comum é, segundo o *Zendavesta*, o deserto de Cobi, onde se encontram em imenso número, e de onde saem para os países vizinhos a fim de praticar todo o género de mal contra os homens. Aqui, portanto, voltamos a encontrar os desertos desabitados nomeados como os refúgios dos espíritos.

As Peris são também mencionadas no *Zendavesta* como estando em comunicação com feiticeiros; Peridar é um feiticeiro possuído por espíritos malignos. "Nos mais antigos livros do *Zendavesta* — no *Vendidat* — são particularmente chamados de mestres de todos os tipos de magia; e nos tempos mais remotos os homens parecem tê-los considerado como mantendo relações carnais com os magos; o que nos recorda, de modo notável, outras crenças em raças de espíritos pervertidos.

Entre as ações meritórias de Sosiosch — o salvador do mundo — conta-se que, por seu intermédio, as Peris, com todas as suas seduções e estratagemas, foram calcadas aos pés" (Horst, *Deuteroskopie*, p. 233). Horst menciona aqui que as Peris da literatura árabe não devem ser confundidas com as Peris originais. Nos romances persas, tingidos de islamismo, são representadas como ideais de beleza feminina; e o maior elogio que um poeta persa moderno pode fazer a uma senhora é compará-la a um desses seres aéreos.

Os Devs da antiga Pérsia são os nossos diabos, segundo Horst, tal como eram representados no imaginário popular da Europa; seres

maus, funestos, mal-intencionados, com cornos, cauda e pelo hirsuto. Por mais encantadores que sejam descritos os Dschins ou Devs da Pérsia moderna, não deixam de ser apresentados como enganadores, cruéis e traiçoeiros: e os Devs masculinos são considerados os mais perigosos. O Corão não confia na natureza destes espíritos, mas adverte os fiéis contra as suas artimanhas e tentações, recomendando a oração como o melhor resguardo contra eles. É notável que os Deschins sejam supostos transformar-se ocasionalmente em serpentes. Como muitos espíritos europeus, tais como fadas e ninfas, sofrem transformações semelhantes, é admissível a questão de saber se a ideia de uma metamorfose em serpente não nos chegou do Oriente, e não é apenas derivada da história mosaica.

A serpente é o símbolo de Ahriman; sob a forma de serpente o arqui-inimigo caiu do céu e traspassou a terra; os seus Devs tomam frequentemente a forma de serpente, assim como as Peris do zoroastrismo; por fim, todo o parseísmo está repleto de serpentes e de símbolos serpentinos. O facto de o zoroastrismo admitir os sexos entre os espíritos, e nele se encontrarem pormenores de relações sexuais entre machos e fêmeas, terá provavelmente dado origem à terrível superstição que correu na Idade Média e atingiu o grau mais alto de confusão mental no chamado Íncubo e Súccubo, no qual a mente humana caiu como nunca antes, quando se supunha que o diabo se transformava em serpentes, lobos, gatos e cães, para satisfazer os seus desejos e gerar monstros que praticavam todo o género de males e maldades.

Os motivos que impulsionam a magia são aqui semelhantes aos da Índia; o princípio religioso e a contemplação filosófica eram as forças interiores que favoreciam a disposição natural e hereditária para entregar-se à imaginação, a qual, na China, onde religião ou filosofia mal se encontram, quase não existe. Contudo, encontramos muitas dificuldades.

A religião não lançou aqui raízes tão profundas como entre os hindus; o espírito dos medos e persas era mais volátil. Assim como na Índia o entusiasmo religioso é dominante, na Pérsia encontramos inspiração poética, que, embora diferente nas variadas flores que produz, está ainda assim intimamente ligada ao elemento sonâmbulo, tal como o primeiro. Não terá a poesia altamente original das nações da Ásia Ocidental sido frequentemente expressão, ou melhor, imitação, de visões extáticas?

A ideia filosófica no princípio do bem e do mal, e do mundo espiritual que influencia esta vida terrena, deve ter ajudado a tradição a formar visões; deve ter produzido aqui aquelas terríveis visões de formas celestes e infernais, e as mais assustadoras distorções, que na Índia eram muito mais simplesmente geradas por um fanatismo mais entusiástico: ali o vidente recebia pela luz divina, aqui perdia-se numa multidão de objetos exteriores, com os quais confundia a sua própria identidade. Convulsões acompanhadas da ausência da mente do corpo, em países distantes, eram aqui comuns, pois a imaginação era menos firme e também menos espiritual.

As causas exteriores são também diferentes; os modos de vida, a posição geográfica e os meios artificiais produzem diversas modificações. O modo de vida naqueles países da Ásia Ocidental sempre foi muito variável, e por isso perturba e distorce a ocupação dos sentidos, sendo a vida exterior refletida sobre o mundo interior dos sonhos. Os espíritos, por conseguinte, são de variedades infinitas de forma, e inclinam os homens a satisfazer as suas paixões, mostrando-lhes os meios de o fazer, descendo até aos pormenores mais minuciosos — o que estava muito abaixo das naturezas elevadas dos videntes indianos.

O país possui tudo o que pode dar à imaginação matéria para visões; montanhas e vales, cavernas e desertos, e as notáveis erupções de vapor e de fogo: e, portanto, a este respeito, encontramos materiais superabundantes para estes variados e atraentes romances.

A alimentação parcimoniosa, mas nutritiva e fortalecedora, do caçador e do pastor, produz um sangue de fácil circulação, e não permite que a melancolia se fixe em sucos estagnados. Uma contemplação profunda e sonhadora é, portanto, aqui raramente encontrada.

Por fim, os métodos de produzir estados mágicos à vontade e de forma artificial são aqui de data antiga e de conhecimento universal. De substâncias narcóticas, ópio, cânhamo e beladona, encontramos as descrições mais precisas, e ainda estão em uso entre os persas modernos, muçulmanos e árabes. A teurgia chegou mesmo a conter a arte de comunicar com espíritos e de os subjugar. Assim, a natureza da visão mostra muitas vezes que foi produzida por meios artificiais; o voo e ausência da alma; visões e transformações de animais; e, finalmente, a muito comum transmissão dessas visões para naturezas facilmente excitáveis, que, no entanto, também eram

geradas pelo medo de espíritos e por um entusiasmo religioso igualmente excitado.

Verificamos que os sonhos foram primeiramente cultivados de forma sistemática na Ásia, no magnífico templo de Belus na Babilónia, onde, todas as noites, segundo Heródoto, uma mulher consagrada ao deus dormia num leito celeste. Estrabão menciona outro oráculo junto ao mar Cáspio.

Segundo Heródoto e Diodoro Sículo, o sacerdote caldeu de Júpiter e Belus afirmava que o deus aparecia frequentemente no seu templo, especialmente à noite, e aí se revelava a uma mulher por ele escolhida. Era uma crença universal que os deuses se revelavam aos homens de muitas maneiras. Os caldeus, contados entre os mais antigos adivinhos por Cícero, atribuíam um certo poder mágico às ervas, com cuja ajuda declaravam ser capazes de realizar todo o género de ações miraculosas.

Assim, Galeno menciona um tal Famphilos, que escrevera que, por meio de certas frases e fórmulas mágicas, podia aumentar muito as virtudes das ervas (*Galenus de simpl. medicament. facult.*, IV, provem.). A astrologia dos caldeus tornou-se proverbial. Costumavam profetizar segundo os movimentos e posições das estrelas, e alcançaram tal renome na sua arte que os astrólogos, mesmo entre os romanos, eram chamados caldeus. Foi dito que a astrologia se espalhou dos caldeus para todas as outras nações.

Segundo Plutarco, sustentavam que os planetas influenciavam a terra de várias formas; alguns benéficas, outros prejudiciais. Usavam também frequentemente talismãs, inscritos com várias imagens e símbolos, que não só deviam prevenir e curar doenças, mas também, e sobretudo, servir para adivinhação (Tiedemann, *De quæstione qua fuerit artium magic. origo*, p. 16).

Os caldeus tinham três ordens de sacerdotes para o cultivo da magia: primeiro, os *aschapim*, ou cantores, exorcistas; segundo, os magos, os sábios e superiores; e terceiro, os astrólogos. Que os sacerdotes caldeus curavam doenças e realizavam prodígios por meio da imposição das mãos, por palavras, pela luz e pelo som, tudo isto ligado ao seu sistema de magia, sempre foi uma tradição universal, e outras nações são ditas ter aprendido isso com eles. Era crença geral entre os persas que os seus reis eram iluminados por um fogo celeste que procedia diretamente da fonte de luz, Ormuzd; o fogo sagrado era, portanto, levado diante do rei (*Zendavesta*, vol. I, p. 89).

Entre os persas, os Magi representavam o sacerdócio, e magia era sinónimo dos seus ritos religiosos; Platão diz, por isso (*Alcibiad.*, ed. Ficin., I, p. 457): "Os reis da Pérsia aprendiam magia, que é um culto dos seus deuses." A magia abrangia tudo o que se relacionava com ciência e religião. A adivinhação era considerada por eles como uma revelação superior dos deuses, e, assim, era praticada pelos persas, segundo Cícero e Sosiciano (*Laert.*, provem., sect. 7). Para se tornarem suscetíveis ao espírito profético, e para propiciar os espíritos, usavam orações e cânticos tão poderosos que, segundo o seu relato, eram logo ouvidos; profetizavam também pelo uso de certas ervas (*Plin. hist. nat.* XXIV, 17).

Para se tornarem receptivos aos deuses, os Magos levavam uma vida peculiar, e os seus principais preceitos eram a abstinência de vinho e de carne (*Clemens Alex., Strom.* III, p. 446). Tudo o que pudesse excitar os sentidos do corpo era estritamente proibido. Segundo Cícero, contudo, só possuíam o poder da profecia natural.

Mencionarei apenas aqui Buda, filho de Maja, o nono avatar ou encarnação de Vishnu, que é venerado pelos indianos e tibetanos como símbolo da sabedoria divina, sob a forma de um belo jovem mergulhado em profunda meditação. Costuma estar vestido com um manto chamado *Dschara*, sinal de penitência. Os olhos estão baixos, em profunda reflexão interior. O budismo, amplamente difundido na Índia e sempre idêntico nas suas características principais, é prova da origem comum destas nações.

As atuais nações da Ásia, entre as quais se encontram estados extáticos e visões, são dignas de menção mais pelas suas habitações do que pela sua época. Entre elas estão os xamãs siberianos, os dervixes árabes e os samoiedos e lapões. Entre todas estas nações é comum uma espécie de sonambulismo, em que caem quer por suscetibilidade natural, quer por movimentos e exercícios peculiares do corpo, e raramente pelo uso de substâncias narcóticas. Entre as nações do norte, diz-se que o fenómeno da segunda visão é frequente.

Entre as muitas tribos mongóis, e também entre os lapões, pessoas particularmente excitáveis e suscetíveis são escolhidas como videntes e feiticeiros; na Índia como *jongleurs*; na Sibéria como xamãs. Com tal disposição natural, reforçada pela prática e pelo modo de vida, a maioria não precisa de mais do que gritar violentamente, agitar-se, dançar e tocar tambor, girar em círculo, para provocar insensibilidade

e rigidez convulsiva. Entre os xamãs siberianos, como aprendemos em Georgi (*Russischen Völkerschaften*), usam-se substâncias narcóticas, como uma decocção de fungos ou outras substâncias vegetais excitantes, para produzir visões, nas quais veem e comunicam com espíritos, aprendendo deles factos futuros e distantes. Veem também países distantes e as almas dos mortos, às quais ascendem a partir do corpo pelo ar até aos lugares dos deuses, o que Hogström relata especialmente dos lapões, entre os quais existe tal grau de suscetibilidade que se testemunham os fenómenos mais notáveis.

Se alguém abre ou fecha a boca, ou aponta para algo com os dedos, ou dança, ou faz outros gestos, muitos os imitam, e quando o fizeram perguntam se cometeram alguma impropriedade, pois nada sabiam do que tinham feito. Estes lapões são excitáveis a tal ponto que são lançados em insensibilidade e convulsões pelo mais pequeno e inesperado acontecimento, como um som ou uma faísca de fogo. Na igreja, caem muitas vezes em insensibilidade quando o pregador fala demasiado alto ou gesticula demasiado; enquanto outros, pelo contrário, levantam-se como loucos, correm para fora da igreja, derrubam todos os que os impedem e até agridem amigos e vizinhos.

Pallas relata (*Reisen durch verschiedene Provinzen des Russischen Reichs*, vol. III) que os xamãs entre os povos dos Lagos Orientais e Ocidentais, os samoiedos, tunguses, burates, katschinzes e outras nações da Ásia setentrional são de tal modo extremamente excitáveis que basta tocá-los inesperadamente para perturbar toda a sua organização, excitar a sua imaginação e fazê-los perder completamente o autodomínio. Cada um contagia, por simpatia, a pessoa ao seu lado; de modo que, assim, bairros inteiros caem em medo, inquietação e confusão.

Pallas conta de algumas raparigas entre os katschinzes que sentem sofrimento simultâneo assim que uma delas adoece. "Nos últimos anos", diz ele, "surgiu uma espécie de loucura entre as raparigas jovens dos katschinzes, como se fosse por contágio. Quando têm estes acessos correm para fora das aldeias, gritam e comportam-se com a maior selvajaria, arrancam os cabelos e tentam enforcar-se ou afogar-se. Estes ataques duram geralmente algumas horas e ocorrem, quando a sua simpatia é excitada pela visão de outras raparigas no mesmo estado, sem qualquer ordem fixa, por vezes semanalmente, outras vezes só após meses." Todos estes e fenómenos semelhantes são também relatados por Georgi

relativamente às raças mongóis e tártaras, que têm uma origem comum.

Desta notável excitabilidade e mobilidade, Horst deduz com grande probabilidade essa imitação mecânica que se observa em todos os povos rudes — tanto entre tribos asiáticas como entre as africanas. As nações mais fracas mas mais excitáveis superam largamente os habitantes mais fortes e civilizados da Europa no livre uso dos membros e nas posturas mais difíceis do corpo, e assemelham-se, no trepar, no equilibrar-se em cordas e nos saltos, de facto em toda a espécie de malabarismos e façanhas de agilidade, a macacos e outras famílias de animais.

Quão depressa a imaginação cria imagens objetivas entre estes povos excitáveis é mostrado por uma anedota contada por Pallas, de um feiticeiro samoiedo, na mão de quem ele colocou uma luva preta. O homem olhou fixamente para a mão, começou a tremer e, em poucos segundos, a gritar em voz alta, e por fim a rebolar-se no chão, exclamando que Pallas lhe tinha transformado a mão numa pata de urso. Não pôde ser acalmado antes de a luva preta ser retirada da sua mão. Os feiticeiros profissionais possuem um tambor, a que chamam *Caunus* ou *Quobdas*, feito de um pedaço de madeira oco, com pele de asno pintada esticada por cima, e que é percutido com martelos de osso.

Acompanhavam isto com certo cântico e giravam rapidamente em círculo. O êxtase não se dá com regularidade; dura muitas vezes várias horas, até que o rosto e os membros ficam distorcidos e permanecem deitados inconscientes no chão. Durante uma espécie de coma ou rigidez entorpecida, o xamã cai numa espécie de mania convulsiva, na qual profere discursos obscuros e responde a perguntas sobre o futuro.

Uma carta de H. von Matjuschkin, companheiro de viagem do Barão Wrangel na sua expedição ao Polo Norte, dirigida a um amigo em São Petersburgo em 1820, publicada primeiro no *Morgenblatt*, depois na *Deuteroskopie* de Horst e na obra *Somnambulismus* de Fischer, descreve particularmente as manifestações mágicas de tal xamã no célebre Alar Siciit — ("Floresta dos Assassinatos" — nas margens do Tabalog). O xamã, vestido de peles e de longos cabelos pretos, começou a sua invocação numa assembleia de tunguses, numa *jurta*, no centro da qual ardia uma fogueira, e que estava decorada com tudo o que era necessário para a invocação — amuletos, sinos e

peças de metal. Caiu em insensibilidade e convulsões, com danças e diversos movimentos, até que o espírito de inspiração o tomou e respondeu às perguntas que Matjuschkin lhe colocou. Despertou após quatro horas, mas não se lembrava de nada do transe. Poucos dias depois, Matjuschkin encontrou outro xamã, a quem pediu que exibisse os seus poderes, o que este fez após alguma hesitação, mediante a promessa de aguardente e tabaco.

Nessa ocasião, uma filha da família ficou inquieta e quis ausentar-se do espetáculo, pois sentia em si mesma uma suscetibilidade a cair num estado semelhante ao do xamã, o que de facto sucedeu. H. von Matjuschkin recebeu então respostas a várias questões que colocou sobre a sua viagem e os seus resultados, e essas respostas provaram ser corretas. "Muitas das respostas eram, contudo, tão obscuras, quase poéticas", diz Matjuschkin, "que nenhum dos meus dragomanes conseguiu traduzi-las: disseram que a língua era a da poesia."

Movimentos corporais semelhantes, em particular girar em círculo, encontram-se entre os árabes, por meio dos quais produzem vertigem e êxtase espasmódico; e isto é extremamente comum em procissões e reuniões religiosas. Os dervixes, como os xamãs, procuram impressionar o povo com as suas cerimónias místicas — em parte com intenção, em parte por costume herdado — tendo ao mesmo tempo visões e revelações.

Schubert descreve, nas suas *Viagens ao Oriente* (vol. II), uma tal dança de dervixes, que viu no Cairo. Há pouca diferença entre esta e as dos xamãs; convulsões, insensibilidade rígida, êxtase inconsciente e visões encontram-se tanto nos primeiros como nos segundos. Mas é digno de nota que entre os árabes a crença em espíritos se preservou quase no seu estado antigo, como mostram os romances árabes.

Os *dschins* e os *devs* são machos e fêmeas, bons e maus, mas com a diferença que já mencionei: os devs modernos são os ideais de beleza feminina. Tais devs são considerados os guardiões e guias especiais dos videntes árabes. Os *dschins* masculinos são maus e perigosos, e tidos como espiões e enganadores, e contam-se anedotas deles que recordam o Mefistófeles de Goethe — essa progénie infernal

que nega sempre e sempre acusa,
agora o mal realizará mas o bem cumprirá.

Eu sou o espírito que nega sem cessar;
e isso com justiça, pois o que quer que se faça
merece perecer.

As visões que os videntes árabes descrevem recordam-nos também as dos antigos persas — os jardins celestiais, os caramanchões de rosas ao luar, as gotas de néctar do arco-íris, e as huris do paraíso. De facto, o romance árabe é tanto uma visão feérica que nos leva a perguntar: será a vida uma visão, ou será a visão da mente a própria vida?

## SEGUNDA DIVISÃO
## A MAGIA ENTRE OS EGÍPCIOS

Chegamos agora àquela terra e povo notáveis que são de tal modo importantes para o nosso assunto, que devemos deter-nos um pouco mais com eles, não apenas para contemplar os templos antigos e as pirâmides do Egipto, mas para investigar atentamente as particularidades dos costumes e crenças deste povo antigo, a fim de vermos em que reside a razão de se chamar ao Egipto, ora a terra da escuridão, ora a pátria das ciências.

Parece que o magnetismo nos forneceu uma pista pela qual somos razoavelmente capazes de decidir com alguma certeza em que consistia uma parte dos seus segredos. Cremos, nomeadamente, que o sacerdócio egípcio conhecia bem os fenómenos do magnetismo, assim como os métodos da sua produção e os meios da sua aplicação a várias doenças; e que, para esse fim, ocultavam a maior parte dos seus costumes religiosos dos olhos dos não-iniciados.

Encontramos no Egipto, mais do que em qualquer outro país, a ligação entre a medicina, a religião e o sacerdócio; e, além disso, de tal maneira, que temos fundamento para acreditar que o uso prático da medicina era mais atendido pelos sacerdotes do que as próprias observâncias religiosas; pois vemos que os primeiros hospitais no Egipto se encontravam nos templos, e que faziam dos próprios doentes o meio de revelar a vontade dos deuses. Entre outros, escreve Diodoro (livro I):

"Os egípcios declaram que Ísis lhes prestou grandes serviços na ciência da cura, através de métodos medicinais que lhes revelou; que agora, tendo-se tornado imortal, encontra especial prazer nos serviços religiosos dos homens, ocupando-se particularmente da sua

saúde; e que os assiste em sonhos, revelando assim a sua benevolência. Isto prova-se, não por fábulas, como entre os Gregos, mas por factos autênticos. Na realidade, todas as nações da terra dão testemunho do poder desta deusa relativamente à cura de doenças pela sua influência. Em sonhos, ela revela aos que sofrem os remédios mais adequados para as suas enfermidades, e, seguindo à risca as suas ordens, pessoas se restabeleceram, contra todas as expectativas, depois de terem sido abandonadas por todos os médicos."

Estrabão afirma o mesmo sobre o Templo de Serápis (livro XVII), e Galeno sobre um templo de Mênfis chamado Heféstio (livro I, *De med. sect. genes.*, cap. I).

De nenhum outro povo da Antiguidade possuímos tantos conhecimentos acerca do tratamento da doença nos templos como do Egipto, onde os sacerdotes sabiam despertar aquela voz interior do homem, com a qual ele próprio habitualmente não estava familiarizado, e que era tida como dom direto dos deuses, — voz que era universalmente usada para a cura das doenças e para outros fins da vida, mas cujo processo era ao mesmo tempo velado dos olhos dos ignorantes, com a sábia intenção de preservá-lo de uso profano e maléfico. É aqui que encontramos a ideia dos Oráculos, acerca dos quais diremos algo antes de passarmos a observar os usos e costumes do sacerdócio egípcio. Finalmente, conheceremos também algo da sua teoria.

Consideremos os factos do ponto de vista bíblico; tanto mais que isso também explicará a origem dos oráculos, e que tal ponto de vista é pelo menos digno de exame pelo seu valor histórico.

Segundo este, o homem, criado à imagem de Deus, levava originalmente uma vida paradisíaca; em paz consigo mesmo, vivia em harmonia com toda a natureza e em perfeita clarividência; o sentido interior, a sua vida mental profunda, dominando sobre o mundo exterior dos sentidos. O homem, contudo, perdeu esta perceção interior de Deus e da natureza, seduzido pela serpente traiçoeira desse inimigo mau e enganador, que excitou os seus sentidos, e por paixões pecaminosas lhe obscureceu o olhar interior, retirando-lhe a paz celeste da idade dourada.

Adão foi o primeiro a pecar, e o último habitante daquele Jardim do Éden, cuja chave lhe foi tirada pelas suas transgressões, e que

procurou depois em vão, no sofrimento do coração e no suor do rosto.

Enquanto o homem viveu em harmonia com a natureza, em unidade e sem pecado; enquanto a natureza em todas as suas formas se revelava aos seus sentidos interiores, não existiam para ele tempo nem espaço, — o passado e o futuro eram-lhe como o presente, e a distância era-lhe desconhecida. Quando, porém, pecou, desobedecendo às leis de Deus, e provou da árvore do conhecimento exterior, tornou-se material; o laço de harmonia rompeu-se, e o homem despertou como de um sono longo e profundo, do qual só lhe restavam vagas sombras de uma felicidade passada. A história mosaica da criação apenas aponta obscuramente para os vestígios desses sonhos, e o homem não tem, de facto, registos verdadeiros da sua comunhão original com Deus: "Pois ninguém, diz o Senhor, pode ver-me e viver."

Como a voz interior agora falava raramente e em palavras obscuras, o homem foi lançado sobre os seus próprios recursos: diante dele apenas via o caminho espinhoso de um labor interminável; nu, era obrigado a defender o corpo de influências nocivas, e interiormente a saciar a fome com o pão da terra, em vez de, como antes, satisfazer a alma com a palavra viva. A sua saúde constante, a clarividência perfeita, perderam-se, e em seu lugar apareceram a doença e a miséria sob formas inumeráveis; e, quando nenhuma luz iluminava o seu santuário profanado, o homem não podia recuperar o seu estado anterior senão pela renúncia voluntária do sensualismo exterior e por um verdadeiro arrependimento dos seus pecados. Um tênue raio dessa luz inata, contudo, luta por vezes através da natureza doente ou moribunda, como um brilho fosfórico que emana da madeira em decomposição.

Segundo a crença dos racionalistas, é apenas a natureza que toma consciência no homem: é para esse ponto que ela tende nas suas obras rumo à perfeição do seu próprio ser; é apenas no homem que a natureza se conhece; o verdadeiro fim do homem consiste unicamente na autocontemplação, e o da natureza nele próprio, no qual ele, como uma gota de água no oceano, perde a sua individualidade.

Este género de filosofia explica tudo com facilidade; considera tudo o que se conta sobre magia e oráculos como um florescimento do instinto natural; como produto de uma imaginação amante do

maravilhoso ou, mais frequentemente, como mentiras e enganos. O Paraíso, a queda e as suas consequências, a visão do futuro, os efeitos maravilhosos da vontade, — tudo é tido como fabuloso.

Quanto mais digno de respeito, quanto mais de acordo com a história e a experiência, é aquele outro ponto de vista bíblico-místico sobre o ser e a atuação do espírito! Quão profundamente recua ele até às primeiras eras! Quão pouco necessita dessas pontes artificiais para transpor, da forma mais rápida, muitas questões enigmáticas! E com quantas teorias forçadas não preenche ele esses abismos, que desaparecem diante de uma atenção séria no ar!

A origem e o destino do homem são, segundo a visão mística e verdadeira, divinos, colocados acima da natureza terrena; e por isso o ser espiritual é muito mais profundo do que o racionalismo pode sondar com a sua agudeza lógica. Detenhamo-nos um instante neste misticismo atraente. Encontraremos muito que é belo e instrutivo, e que pode servir de introdução a esta secção.

Com a queda do homem, toda a natureza se desuniu e tornou-se antagónica consigo mesma e com os elementos; toda a sua vida e atividade se transformaram em luta e enfermidade, numa criação e decadência eternas. Diz-se certamente que os antigos Egípcios e Indianos possuíam um grau mais elevado de conhecimento; que a prática regular e secreta da medicina nos templos era apenas o desenvolvimento inicial do espírito, que não se perdera; que as suas verdades foram transmitidas pela tradição ao mundo inteiro, e por esse meio o saber egípcio se espalhara pela Grécia e outros países; que nada se sabe de um estado inicial perfeito, e que, segundo todos os desenvolvimentos naturais conhecidos, tal não poderia ter sido o caso.

A isto responde o místico, — que a sabedoria antiga dos Egípcios e Indianos não é uma criação da história, um desenvolvimento gradual, como nos objetos naturais, pois o homem não é uma produção da natureza, mas uma criação imediata e imagem de Deus, que se assemelha a Ele, perfeito em alma e corpo. Aquela antiga sabedoria natural dos primeiros povos era apenas fragmentária, pois a perfeição original perdera-se antes dos tempos registados.

Aqueles templos selados eram iluminados apenas por um ténue raio desse espírito originalmente puro, — um pequeno e confuso consolo para o homem caído; aqui e ali algumas raras flores de profecia surgiam ocasionalmente no tronco estéril. Devemos acreditar que não

havia saúde antes da doença, — que o Criador teria colocado na natureza uma criatura tão desamparada que, entregue a todos os elementos, teria certamente perecido? Poderia ele ter adquirido esses poderes sobrenaturais da mente, que nenhum outro ser na natureza possui, apenas pelos seus próprios esforços? Vejamos o que diz Schubert sobre este assunto: as suas palavras são dignas de grande atenção.

"Uma antiga tradição (uma profecia da *Völuspá*) parece anunciar que a natureza apenas tomou consciência através da palavra viva, pela alma do homem. A palavra, contudo, aparece como uma revelação superior. Sabemos que entre os Persas um espírito criador e um poder sobre a natureza e o ser das coisas é atribuído à palavra viva. A linguagem, tal como as profecias do poeta e do vidente, foi criada por inspiração superior.

Ao que pronuncia a palavra viva revelavam-se o futuro e o passado, porque era o espírito eterno, no qual o futuro e o passado se encontram contidos, que nele falava. Nos primeiros tempos do mundo, a fala foi resultado imediato da inspiração; e certamente a teoria de que as necessidades sociais a teriam criado pouco a pouco a partir de vários sons simples só pode ser de data moderna. Esta visão dos primeiros tempos, que deriva a linguagem da revelação, só pode ser plenamente apreciada através da mais antiga filosofia natural.

Segundo esta, todos os seres existem no e pelo alto influxo que lhes é comum. Nos momentos em que a existência das coisas mais se desenvolve é o espírito desse alto influxo que se revela nelas. Esse é o fogo na luz, o espírito na linguagem, o amor no matrimónio. Esta crença no espírito comum de todas as coisas é percetível nas doutrinas religiosas dos Persas e Indianos; talvez até dos Egípcios."

Por estas teorias tornava-se claro por que meios o homem se familiarizou com os segredos da natureza, do futuro e do passado — por inspirações e profecia. Esse espírito superior, universal e comum, no qual as leis da mudança do tempo, a causa de tudo o que é futuro assim como presente, se tornam o meio de ligação, através do qual as almas dos que estão separados pelo tempo e espaço se aproximam umas das outras, e a mente, quando nos momentos de inspiração se afunda nas profundezas do espírito da natureza, é colocada em comunicação espiritual com todas as coisas, recebendo o poder de as influenciar.

"Aquelas porções de conhecimento que entre nós só foram extraídas isoladamente, após uma longa e enfadonha investigação, são apenas uma pequena parte daquele conhecimento abrangente que a Antiguidade preservou. Foi a vontade humana que causou a queda do homem da sua elevação original, e um desenvolvimento peculiar do seu ser tornou-o menos suscetível à natureza e mais independente dela.

"Assim, a história do homem, quando a felicidade das primeiras eras foi substituída pelos esforços do novo que elevou o homem à independência, encontrou um elo de ligação — o Cristianismo — pelo qual aquilo que se perdera nas eras primitivas do mundo foi restituído ao homem nos tempos modernos. A importante questão de saber por que motivo aquele elevado grau de ciência natural, tendo uma vez surgido, desapareceu, e porque nas eras iniciais a felicidade foi mostrada à nossa raça de tal forma que a perda se tornou ainda mais sentida, pode ser respondida do seguinte modo: que aqui, como em todas as leis da natureza, um esforço elevado foi substituído por outro ainda mais alto.

Esta crença era comum nas eras antigas, e encontra-se nos mistérios dos oráculos. Nesta lei da natureza, cujo profundo significado era indicado pelos mistérios, residia a compensação por essa perda prematura de felicidade. A forma antiga perdeu-se apenas porque se tornara demasiado estreita para o novo e mais alto esforço que despertara justamente no momento em que conduzia o esforço anterior à sua derradeira floração e morte."

A origem dos oráculos nos templos coincide necessariamente com o aumento da agricultura; pois os templos são o indício de uma consolidação da sociedade que não poderia subsistir sem a agricultura. Pela própria constituição das coisas, o homem foi compelido a arrancar, por assim dizer, os frutos do seio da terra, que, quando ele vivia em pacífica harmonia com ela e com Deus, lhe eram livremente concedidos.

"Sem dúvida", continua Schubert, "muito mais estava contido nos mistérios do que meros preceitos agrícolas; havia neles a confiança numa futura felicidade que devia brotar do novo esforço. A agricultura é característica da nova era e forma uma bela transição da idade antiga para a nova.

"Nela, ou pelo menos com ela, os sacerdotes egípcios preservaram os remanescentes da antiga sabedoria da natureza. Estes não eram

transmitidos, como as ciências o são na nossa época, mas, ao que tudo indica, nem aprendidos nem ensinados; sendo antes, como reflexo das antigas revelações da natureza, perceções que deviam surgir como uma inspiração na mente do discípulo.

Daqui parece terem derivado aquelas numerosas preparações e purificações cuja severidade afastava muitos da iniciação no sacerdócio egípcio; de facto, não raramente resultavam na própria morte do discípulo. Longos jejuns e a mais estrita abstinência pareciam ser particularmente necessários: além disso, o corpo era tornado insensível por grandes esforços, e até por dores voluntariamente infligidas, tornando-se assim aberto à influência da mente.

A imaginação era excitada por representações dos mistérios; e o sentido interior era mais impressionado pelo conjunto do que — como entre nós — instruído pela explicação de simples factos. Desta maneira não se entregava ao iniciado o corpo morto da ciência, deixado ao acaso de vir a animar-se ou não, mas insuflava-se nele a alma viva da sabedoria.

"Pelo facto de que o conteúdo dos mistérios era antes revelado do que ensinado — recebido mais por inspiração interior e êxtase mental do que exteriormente por ensino sem fim —, era necessário ocultá-lo à multidão. Entre todos os sacerdotes dessa época, dos egípcios aos antigos escandinavos, a pena de morte era aplicada a qualquer iniciado que profanasse o conteúdo dos mistérios com palavras frias ou descrições para os não inspirados.

O povo apenas via a verdade em imagens e parábolas obscuras, e mesmo estas não eram confiadas à escrita entre os escandinavos. Tão firme era a fé naquele mundo antigo, que a verdade e a sabedoria não podiam ser comunicadas de homem para homem, mas deviam ser recebidas pela mente por influência divina.

"O dom da previsão, a faculdade de predizer o futuro, não é estranho à natureza humana; mas existe um que é doentio e falso, assim como um que é são e verdadeiro. São é aquele que era peculiar às eras primitivas, e que ainda agora aparece ocasionalmente em homens bons nos momentos de inspiração.

O espírito de profecia parecia ser são e poderoso quando, como tantas vezes sucedeu, se apoderava de tribos inteiras e até de países. Aquelas previsões que se aproximam da natureza dos oráculos são de carácter doentio. Viajantes relataram factos referentes aos habitantes

selvagens da América, Madagáscar, Bornéu e Java, que muito de perto se assemelham à natureza dos oráculos e do demonismo. Encontramos aí profetas insanos ou pessoas de constituição enfermiça que predisseram acontecimentos futuros, o tempo, ou até a chegada de navios estrangeiros. As teorias que, também nos primeiros tempos cristãos, consideravam os oráculos como produto de estados doentios, classificaram as previsões das sacerdotisas proféticas dos primeiros cristãos na mesma categoria, denominando tudo demonismo. Lucano descreve a inspiração da Pítia como semelhante a um ataque epilético.

Certos fenómenos apresentados na história desse oráculo são muito semelhantes aos do sonambulismo (são exatamente os mesmos). Cumpre-nos mencionar aqui o notável poder dos cristãos sobre aquelas pessoas que se dizia estarem possuídas ou inspiradas por Apolo. Assim, Tertuliano considerava o poder sobre os demónios uma característica tão universal dos cristãos, que desejava condenar à morte, como infiéis e falsos cristãos, aqueles em quem esse poder faltava. Encontramos o poder dos cristãos sobre os inspirados por Apolo mencionado por Lactâncio; e muitos outros referem a impotência dos deuses pagãos contra os cristãos.

Inúmeros casos são narrados por Justino, Tertuliano, Atanásio, Cipriano e Eusébio, de espíritos proféticos doentios que tinham sido tratados sem êxito por médicos e magos, mas que recuavam diante do poder de um simples cristão; e devemos, quanto à forma exterior, admitir o efeito de uma natureza humana enferma nos oráculos. Pelo menos assim foi nos tempos mais tardios, mesmo quando ainda neles se percebem vestígios de uma origem mais nobre e de uma idade mais perfeita, à qual talvez a forma e a disposição métricas dos oráculos mais antigos apontem.

As próprias predições dos oráculos confirmam esta visão, pelo facto de nelas o futuro ser apenas indicado de forma obscura e ambígua, como um sonho. Ainda mais o confirma a maneira como eram produzidos aqueles estados de inspiração nos quais os sacerdotes prediziam o futuro; pois isto dava-se muitas vezes por meios artificiais. Encontramos em toda a parte que aquele estado de inspiração selvagem em que o futuro se revela de forma vaga era produzido pela violência, a mais terrível das quais era o derramamento de sangue humano. Sabemos, contudo, pela história dessas eras, que os oráculos cessaram com a interrupção dos sacrifícios humanos.” (Isto não é verdade.)

"Aquelas medidas violentas, pelas quais o paganismo posterior produziu uma falsa inspiração, mostram quão diferente era a alta influência que inspirava o mundo antigo da que o novo mundo seguiu quando se afastou da sua inocência original. Encontramos certamente este último em comunicação com a natureza, mas num sentido mais restrito.

Ao contrário, como já vimos, era a influência divina superior, de que a natureza e o homem foram criados, cujo reflexo o homem via primeiramente na natureza, até que, com o despertar da consciência da vontade, perdeu a parte divina da natureza; e as raças errantes continuaram a procurar o poder perdido na concha vazia, entregando-se à influência de uma natureza inferior, que degradava o que havia de nobre nela a uma idolatria vil.

"O paganismo mais antigo e melhor, abstendo-se de todo o derramamento de sangue, tornava-se digno, pela abstinência e pela piedosa inocência, das revelações da natureza superior, obtendo assim vislumbres dos seus segredos. Quando, porém, as portas do santuário da natureza se fecharam ao espírito humano em amadurecimento gradual, ele procurou de forma desumana encontrar outro caminho pelas portas da morte e do terror, sobre corpos ensanguentados e dilacerados. Em vão; o sol de outrora já não nasceu, e apenas havia uma luz tênue na abóbada da antiga natureza; a inspiração saudável degenerou em loucura doentia.

"Por fim, a luta sangrenta foi apaziguada pelo Cristianismo na mente humana empobrecida. A estrela que aqueles sábios viram levantar-se tornou-se um sol, e eis que uma grande parte da terra já desfruta da sua luz."

A voz dos oráculos é um eco da linguagem nacional original da humanidade, que os sacerdotes sabiam evocar; era geralmente o resultado de um estado doentio, mas também, em casos raros, a manifestação de uma inspiração sã.

A raça mais antiga do Egipto foi, segundo Sprengel (*Geschichte der Arzneikunde*, vol. I, p. 64), uma tribo de sacerdotes, e o seu governo, sacerdotal, que procurava unir o povo na busca de um propósito comum. Quando várias outras tribos se reuniram com o tempo, esta casta mais antiga de sacerdotes permaneceu a mais honrada; e dela eram escolhidos os reis. A prática da medicina estava intimamente ligada à religião. Os sacerdotes distinguiam-se por contínua e estrita vigilância sobre si próprios; permaneciam recolhidos em si mesmos, e

desprezar os sentidos exteriores era a sua principal virtude. Nunca riam, eram lacónicos, e apenas se viam em festivais ocasionais. "Os sacerdotes", diz Jâmblico (*De mysteriis Ægyptiorum*, ed. Gale, p. 173), "ocupavam-se unicamente com o conhecimento de Deus, de si próprios e da sabedoria; não desejavam honras vãs na sua prática sagrada, e não cediam à imaginação." Vemos agora, em todos os monumentos da arte egípcia, os sacerdotes representados numa posição invariável, como que com mãos e pés rígidos.

Deste modo, fechava-se o caminho a toda e qualquer inovação, e o saber exterior e a ciência não podiam certamente elevar-se a um alto grau de perfeição exterior; mas é claro que aquela rude sensualidade, inclinação para a mudança e variedade, era reprimida como principal fonte de todos os vícios do corpo e do espírito, bem como que aqui, como na Índia, se recomendava uma vida ascética e contemplativa.

Não transmitiam as suas ciências secretas e divinas a ninguém que não pertencesse à sua casta, e durante muito tempo foi impossível aos estrangeiros aprender coisa alguma; só em épocas posteriores alguns forasteiros foram admitidos à iniciação, depois de muitas e severas preparações e provas. Além disso, as suas funções eram hereditárias, e o filho seguia as pegadas do pai.

No tempo de Homero, o Egipto era, pela sua civilização precoce, a pátria da ciência, e Homero faz os seus feiticeiros egípcios, tal como Xenofonte e Platão descrevem os seus ideais como persas. A Bíblia fala da sabedoria dos egípcios; de adivinhos e magos babilónios e egípcios. Que a magia dos egípcios atingiu um elevado grau de perfeição prova-o a quantidade de prodígios realizados, em imitação de Moisés, pelos magos egípcios, até que, por fim, o Senhor feriu "todos os primogénitos do Egipto"; mas "contra os filhos de Israel nem um cão moverá a língua."

Os primeiros estrangeiros que foram admitidos nos segredos dos sacerdotes foram Orfeu, Tales e Pitágoras. Mas quão difícil lhes foi alcançar o seu intento vê-se pela história de Pitágoras.

Porfírio (*De vita Pythagorae*) diz: "Que Pitágoras, antes da sua viagem ao Egipto, pediu a Polícrates, rei de Samos, que lhe desse uma carta de recomendação para o rei egípcio Amasis, para que os sacerdotes o iniciassem nos seus segredos. O rei assim fez; mas os heliopolitanos, a quem ele primeiro se dirigiu, enviaram-no para Mênfis, como que aos mais velhos. Em Mênfis, enviaram-no sob o mesmo pretexto aos diospolitanos ou tebanos. Então, por medo do

rei, não ousando apresentar mais desculpas, resolveram assustá-lo da sua determinação por meio de trabalhos e privações excessivas. Mas como Pitágoras cumpriu tudo da forma mais perfeita, ficaram tão surpreendidos que o iniciaram e lhe permitiram assistir aos seus mistérios, coisa que nunca antes fora permitida a um estrangeiro."

Segundo Jâmblico, Pitágoras passou vinte e dois anos no Egipto, aprendendo as ciências e os costumes sagrados. Assim, foram sendo admitidos mais alguns pouco a pouco, e os segredos mais ou menos revelados; mas tão misturados com fábulas gregas que a verdade se perdeu quase por completo.

Em tempos posteriores, muitos gregos viajaram ao Egipto para usufruir da instrução dos sacerdotes; como, por exemplo, Dédalo, Homero, Demócrito de Abdera, Genopis, Eurípides, Eudoxo, Sólon e muitos outros; mas, como diz Jablonski, nenhum adquiriu lá tanto conhecimento como Pitágoras.

(*Illud extra dubitationis aleam positum est, ex Graecis non ostendi posse quemquam, qui aeque praeparatus omnibusque illis beneficiis ex fructibus tam copiose donatus fuit atque Pythagoras alumnus genuinus totius disciplinae sacerdotalis Aegypti.* Jablonski, *I. c. iii. proleg. cli.*)

Os sacerdotes eram tidos em máxima honra, e a sua dignidade colocada ao lado da do rei: isto era especialmente o caso com a casta mais elevada dos sacerdotes; pois, segundo Sprengel, já no tempo dos faraós havia vários graus entre os sacerdotes. No tempo de Heródoto havia sumos sacerdotes e sacerdotes comuns. O poder supremo de cura, que não agia por meios palpáveis, mas pelo auxílio da vontade, era exercido pelos sacerdotes de mais alto grau; eram os adivinhos e sábios, e sabiam produzir muitos efeitos sobrenaturais (magia).

O seu modo de vida era estrito, e a sua primeira lei, a pureza. De dia e de noite eram obrigados a lavar-se duas vezes; as suas vestes eram de algodão ou linho, e os sapatos feitos de papiro. As suas receitas provinham da exploração das próprias terras e das ofertas que os doentes traziam voluntariamente. Estas receitas eram depositadas num tesouro comum, de onde os sacerdotes inferiores, os pastóforos e guardiães dos templos, recebiam os seus salários. Cada sacerdote, porém, estava isento de todos os impostos, mas era obrigado a exercer a sua habilidade no campo (Sprengel, I, p. 71).

A sua alimentação consistia principalmente em vegetais, mas também, ocasionalmente, em carne — a qual, no entanto, era primeiro inspecionada por pessoas devidamente autorizadas e, sendo considerada sã e saudável, era marcada com um selo especial; pois sabiam que erupções, várias doenças dos olhos e outros males provinham de má alimentação.

Carne de porco só comiam uma vez por mês, em lua cheia; peixe, sobretudo peixe do mar, era-lhes igualmente proibido. Entre os produtos vegetais, recusavam frutos de casca e cebolas; os primeiros, pelo facto de, segundo Plutarco, conterem demasiado alimento e prejudicarem a digestão; as segundas porque excitam a sede.

Segundo alguns, os sacerdotes não podiam beber vinho; outros, porém, afirmam o contrário. De acordo com Sprengel (I, 75), esta contradição pode ser explicada pelo facto de que, durante o reinado de Psamético, o vinho grego foi introduzido pela primeira vez no Egipto, e que então apenas as classes mais altas, entre as quais se contavam os sacerdotes, faziam uso dele.

O seu modo de vida variava em diferentes distritos, mas estava sujeito a certas leis que não podiam ser transgredidas nem pelo povo nem pelos sacerdotes: no conjunto, essas leis visavam a preservação da saúde. Muitos géneros de alimentos e bebidas eram proibidos ao longo da vida, e ninguém ousava consumi-los. No templo de Tebas havia uma inscrição que denunciava o rei Menes, que fora o primeiro a dar ao povo o exemplo da extravagância.

Cada ocupação tinha o seu tempo determinado — tanto as do corpo como as da mente — e nunca era permitido que uma dominasse as outras: devia manter-se um meio-termo em todas as coisas. Assim, segundo Plutarco, colocava-se sempre uma múmia na sala durante um banquete, para que, no meio do prazer, a morte não fosse esquecida.

Os sacerdotes possuíam não pouco conhecimento da medicina. O seu procedimento era certamente muito simples, e limitava-se a regras gerais: não conheciam o enorme número de líquidos, gases, venenos minerais, sais, venenos vegetais e terrosos que nós conhecemos, e provavelmente não estavam em pior posição do que nós com sacos inteiros, barris e medidas cheios de remédios. As suas substâncias medicinais eram, segundo Isócrates, muito simples, e não havia perigo no seu uso; podiam ser tomadas como alimento.

O seu tratamento consistia principalmente em banhos, unções, fricções e fumigações, etc. Pelo jejum, e vestindo túnicas brancas, os doentes nos templos eram preparados para aqueles sonhos proféticos pelos quais os oráculos se tornaram tão famosos. Os profetas ou sumos sacerdotes conduziam essas profecias e diziam ao paciente, ao despertar, os meios a empregar e o resultado da doença; de onde nasceu o erro de que os sacerdotes profetizavam eles próprios.

É, contudo, provável que os sacerdotes profetizassem pela sua extraordinária abstinência e reclusão, favoráveis a uma vida contemplativa, mas certamente nem sempre era o caso; com bastante sabedoria, atribuíam as previsões e prescrições dos pacientes aos deuses ou a si mesmos; pois, como hoje sabemos, após o sono magnético restam poucas lembranças; e mesmo nesse caso era fácil persuadi-los de que os deuses lhes tinham revelado coisas extraordinárias por favor especial.

As classes inferiores de sacerdotes tinham de cuidar dos doentes segundo regras fixas, que eram obrigados a seguir à risca.

Galeno registou vários remédios que se conservavam nos templos; e também Celso e Paulo de Egina fazem observações semelhantes (*Herm. Conring. de hermetica medicina*, 1669, p. 114). É notável que também fizessem frequente uso de uma espécie de minério magnético ou ferroso (*atnijt*). No tempo de Galeno, um remédio universal era chamado Ísis. Um sistema regular de oráculos e de cuidado dos doentes foi certamente primeiro adotado no Egipto; pois na Índia, Pérsia e sobretudo na China, os profetas eram geralmente apenas entusiastas ascetas, e entre eles nada se ouve de um sistema curativo regular praticado nos templos ou em qualquer outro lugar.

Estrabão apenas menciona um oráculo em época muito antiga no mar Cáspio; e o de Belna, na Babilónia, é bem conhecido, onde, como refere Heródoto, havia um leito celeste, no qual dormia todas as noites uma mulher sagrada ao deus. Estrabão diz também, na sua narrativa sobre Moisés (XI, 761), que é fácil receber sonhos proféticos da Divindade no templo após um modo de vida virtuoso e justo, enquanto pessoas de carácter oposto os esperam em vão.

(Por esta razão, Aarão, que se inclinava para a idolatria, não teve boas visões, como o seu irmão; que, à semelhança dos santos orientais, tinha o costume de se retirar para montanhas solitárias.)

Os templos mais célebres no Egipto eram os de Ísis em Mênfis e Buairis; o templo de Serápis em Canopo, Alexandria e Tebas; o

templo de Osíris de Ápis e Fta. Ísis, esposa de Osíris, significa, segundo a palavra copta *Isi*, abundância (Jablonski, *Pantheon Ægypt.*, p. 31). Alguns chamam-lhe Palas, a Terra, outros Ceres, mas é sobretudo representada como deusa da Lua, a que traz cornos — *xipadfapoe* — pelas mudanças da lua; também a de Vestes Negras — *μελανθροκος* — porque a lua brilha durante a noite. Sob o nome Ísis, entendia-se aqui e ali também a palavra sabedoria; e no pavimento dos seus templos lia-se esta inscrição: "Eu sou o todo — *εγὼ ειμί πας το γεγονός* — o que foi, o que é, o que será; nenhum mortal pode levantar o meu véu." (Plutarco, *De Iside*).

A divindade era, segundo Sprengel, sem dúvida a lua, cujas mudanças periódicas causam o retorno periódico de várias doenças. Por esta razão eram atribuídos a Ísis poderes medicinais especiais, e muitas doenças supunham-se originar-se da sua ira. Além disso, demonstrara os seus poderes miraculosos ao recordar à vida o seu filho assassinado, Hórus.

Os egípcios acreditavam ainda ser ela a inventora de vários remédios, até da própria ciência da cura, e por isso, mesmo no tempo dos romanos, um remédio universal era chamado Ísis (Galeno, *De composit. medic.* lib. V). Como deusa imortal, alegrava-se em restituir os homens doentes à saúde, e por isso indicava em sonhos os meios e tratamentos necessários. Em comemoração do grande feito, em que Ísis expulsara Tifão, realizavam-se todos os anos festivais e cerimónias que duravam dez dias.

Para imortalizar a invenção da agricultura, e ao mesmo tempo da medicina, levavam feixes de espigas em procissão e realizavam vários costumes secretos; em imitação destes se diz que foram fundados os jogos eleusinos de Erecteu. A fábula de Tífon, que, como principal inimigo da família de Ísis, chegou mesmo a assassinar o seu marido Osíris, pode referir-se aos efeitos devastadores do *simoun*, vento que sopra dos desertos arenosos; pois este destruía os efeitos benéficos produzidos pelo Nilo e pelo sol, que eram adorados sob os símbolos de Ísis e Osíris.

Muitos templos foram construídos e dedicados a Ísis, que foi colocada na mitologia em virtude das suas curas extraordinárias e benevolência: os principais destes templos encontravam-se em Mênfis e Busíris. Nos seus templos queimava-se goma pela manhã, mirra ao meio-dia e *kyphy* à noite. Este último era uma mistura de dezasseis substâncias, na preparação da qual se devia ter em

especial conta a santidade do número 4 e outros ritos secretos (Sprengel, I, 50). As vacas, como na Índia, eram sagradas a Ísis, símbolos da extraordinária fecundidade e da sua utilidade para o homem.

Os templos de Ísis eram os mais célebres no tratamento de doenças, onde, durante o sono, eram recebidos oráculos contendo as direções para a sua cura; e os seus sacerdotes tinham o nome geral de *Isiaci* — sacerdotes de Ísis. Segundo Heródoto, era-lhes proibido comer carne de porco ou de carneiro (livro II); e Plutarco afirma (*Sympos.* V, cap. 10) que nem sequer comiam sal, para que a sua castidade não fosse posta em perigo. Raspavam a cabeça, usavam sandálias de papiro (Heródoto, livro I) e túnicas de linho, porque Ísis ensinara pela primeira vez o uso do linho — sendo por isso também chamada *Linigera*, a portadora de linho.

Hórus, filho de Ísis, aprendeu a arte da cura com sua mãe. Hórus é sinónimo de luz — rei ou causa — espírito do sol; por esta razão os Gregos chamaram-lhe Apolo (*Horum interpretantur Apollinem*), o qual, ensinado pela mãe Ísis, adquiriu a arte de curar e de vaticinar. Nos livros herméticos, Hórus é especialmente chamado o poder pelo qual o sol se move (Plutarco, *De Iside et Osiride*); e Horapolo explica esta divindade como símbolo do domínio do sol sobre as estações; daí as *Horae* — divisões do dia. Os falcões eram-lhe sagrados, por poderem fitar o sol com olhar firme. Homero chama também a um falcão o "ligeiro mensageiro de Febo." No cetro, símbolo do seu poder, figurava um olho, significando que ele via e animava todas as coisas.

Outra divindade, não menos célebre, era Serápis, que alguns confundem com Osíris. Gozava de grande renome sobretudo entre os estrangeiros; e conservou a sua influência sobre os homens muito mais tempo do que qualquer outro dos deuses. Vários templos lhe eram consagrados no Egipto, e mais tarde na Grécia e em Roma. Segundo Jablonski, vinte e quatro templos lhe foram dedicados, dos quais os de Mênfis, Canopo e Alexandria eram os mais célebres.

Serápis significava originalmente, segundo Sprengel, *Nilómetro*, ou medida do Nilo, ou ainda Senhor das Trevas, porque a cheia do Nilo era atribuída ao *honoon* egípcio; era, portanto, o símbolo do sol abaixo do horizonte. Serápis foi chamado pelos gregos Osíris, Júpiter Ammon, Plutão, Baco e Esculápio; e foi particularmente venerado pelas suas virtudes curativas, nomeadamente nas proximidades de

Atenas e Patras. Um dos templos mais célebres ficava em Canopo, outro em Alexandria. Nos templos de Serápis, assim como nos de Ísis, erguia-se geralmente uma estátua com o dedo nos lábios, representando o Silêncio. Este silêncio não significava, provavelmente, como Varro imaginava, que ninguém devia falar sobre estas divindades serem mortais, mas que os segredos do templo deviam ser preservados.

"Neste templo", diz Estrabão (XVII, 801), "é prestado grande culto, realizam-se muitos milagres, em que os homens mais célebres acreditam e praticam, enquanto outros se dedicam ao sono sagrado." Eusébio chama Serápis príncipe dos espíritos malignos — das trevas (*Praeparat. Evang.*, IV), que se senta junto de um monstro de três cabeças, representando no centro um leão, à direita um cão e à esquerda um lobo, em torno do qual se enrola um dragão, cuja cabeça o deus toca com a mão direita.

Em Canopo, Serápis era visitado com grande veneração pelas mais altas personagens; "e no interior havia toda a espécie de pinturas sagradas, representando curas milagrosas." Mais célebre ainda era o templo de Alexandria, onde o sono sagrado ou do templo era praticado continuamente, e os doentes eram totalmente curados. Foi aqui que um cego e um coxo receberam a revelação de que o primeiro devia ser tocado com o cuspe e o segundo com o pé do imperador Vespasiano; e, segundo os relatos de Estrabão e Suetónio, foram assim curados (*Suet. in Vespas.* cap. 7). Tácito narra a história do seguinte modo (*História*, livro IV, cap. 8):

"Quando Vespasiano estava em Alexandria ocorreram muitos milagres (*miracula multa evenere*), pelos quais se tornava evidente a particular afeição e inclinação dos deuses para com Vespasiano. Um homem do povo, um cego bem conhecido de Alexandria, veio ajoelhado ao imperador, por conselho do deus Serápis, implorando auxílio com lágrimas. Pedia-lhe que lhe tocasse os olhos com o cuspe. Outro, que era coxo de uma mão, rogava igualmente, por conselho de Serápis, que o imperador o tocasse com a planta do pé.

"Mas Vespasiano, rindo-se primeiro, irritou-se; e, quando insistiram, receou ser chamado vaidoso; mas por fim foi movido pela esperança, pelas súplicas ou pelo conselho e encorajamento de outros. Perguntou então ao médico se tais cegueira e paralisia podiam ser curadas por meios humanos. Os médicos divergiam, dizendo que o poder da visão não estava completamente perdido se os obstáculos

fossem removidos. Segundo Suetónio, não havia esperança de cura por qualquer meio (*rem ullo modo successuram*); mas o imperador fez a tentativa diante da assembleia, e o resultado foi bem-sucedido. O outro poderia recuperar o uso da mão se algum poder curativo fosse aplicado; que esta missão divina podia ter sido reservada para o príncipe; e, finalmente, que a glória caberia ao imperador, enquanto a vergonha do fracasso recairia sobre o doente.

Vespasiano, portanto, acreditando que tudo era possível à sua boa fortuna, executou a ordem do oráculo com semblante alegre, perante grande multidão. O coxo recuperou o uso do membro, e o dia apareceu ao cego. Os espectadores concordaram unanimemente sobre a veracidade das curas; e os céticos ficaram confundidos."

Ápis era outra divindade, adorada sob a forma de um boi malhado. Vários templos lhe eram consagrados, sendo o de Mênfis o mais célebre. Aqui se diz que Esculápio adquiriu a sua arte. Mas Ápis era considerado também como Serápis, bem como os templos de Osíris, Serápis e Ápis eram os mesmos, embora sob nomes diferentes. Pois, após a morte de Osíris, quando o seu corpo estava para ser sepultado, apareceu aos egípcios um boi de extraordinária beleza, que eles consideraram ser Osíris, e por isso o adoraram na forma de Ápis — Ápis em egípcio significa boi.

Santo Agostinho (*De civitate*, livro XVIII) diz que Ápis foi um rei de Argos, que foi a Serápis, no Egipto, e após a morte deste foi considerado o maior deus egípcio. Plínio (livro VIII, cap. 46) diz: "No Egipto, um boi, a que chamam Serápis, recebe honras divinas. Tem uma brilhante mancha branca no lado direito, que começa a aumentar com a lua nova. Segundo Heródoto, é totalmente negro, com uma marca quadrada na testa, a figura de uma águia nas costas e, além de um nó debaixo da língua, tem pelos duplos na cauda. Só pode atingir certa idade, segundo Plínio, quando os sacerdotes o afogam e procuram outro para lhe suceder, com lamentos.

Quando o encontram, levam-no para Mênfis, onde o oráculo predizia o futuro por sinais e símbolos. Profetizavam pelos vários movimentos e ações do boi, dando-lhe comida consagrada. Do seu aceitar ou recusar deduziam os oráculos. Assim, por exemplo, ele afastou a mão do imperador Augusto, que pouco depois perdeu a vida. Ápis vivia em grande reclusão; mas quando irrompia, os lictores afastavam o povo do seu caminho, e uma multidão de rapazes o acompanhava, cantando versos em sua honra, que ele parecia compreender."

Como diz Jablonski, o culto de Ápis era claramente no Egipto apenas uma representação simbólica com referência ao efeito das causas naturais. Ptá era o espírito eterno, criador de todas as coisas, e o seu símbolo era o fogo etéreo, que arde dia e noite. A mente humana não é senão um reflexo desse fogo, que se eleva acima de todas as estrelas e planetas, e ilumina os homens para o conhecimento do futuro. Clemente de Alexandria (*Stromata*, livro I) diz que Ápis, rei de Argos, construiu Mênfis, e que os egípcios o adoraram, em virtude das suas numerosas ações benéficas, como uma divindade. O seu túmulo chamava-se Sorápis.

Um templo dedicado a Ptá teria sido erguido em Mênfis. Em todos estes templos, a adivinhação e a cura dos doentes eram práticas habituais. O mais antigo encontrava-se no monte Sinope, em Mênfis; e só mais tarde se ergueram outros nas imediações. Osíris teria tido um templo em Ácanto; outro no lago Moeris, onde ficava o célebre labirinto. Muitos prodígios são relatados como tendo ocorrido ali. No magnífico templo de Ptá em Mênfis, encontrava-se a mesma inscrição que nos de Ísis. Um templo era também dedicado a Buto ou Salina, símbolo da lua cheia, do crescimento e da fertilidade, numa cidade do mesmo nome, perto de Sebennytos, no Baixo Egipto, onde havia um oráculo muito célebre, que, segundo o testemunho de Heródoto, atraía pessoas de perto e de longe. Hórus era também ali adorado.

Entre as maravilhas do mundo contava-se a ilha flutuante de Quémnis, coberta de arbustos e bosques, onde se erguia um célebre templo de Hórus (Apolo): movia-se ao sabor do vento.

Por fim, Tot, Thoth ou Taut, era venerado como deus, a quem os Gregos chamavam Hermes, o inventor de todas as artes e ciências; o seu nome derivava, segundo alguns, de *Thoudh* — coluna — porque inscrevera o seu saber em colunas. Até Pitágoras e Platão teriam aprendido muito com essas inscrições. Outros derivam a palavra do copta, onde significa Cabeça — símbolo da inteligência. Mas todos os historiadores são unânimes em que Tot foi amigo e companheiro de Osíris; que ensinou aos egípcios todas as artes e ciências úteis; e que merece lugar de destaque entre os médicos que receberam honras divinas.

Acerca do que se passava dentro dos templos, e do modo como os doentes eram tratados, temos apenas relatos fragmentários; pois a entrada era proibida aos não iniciados, e os iniciados mantinham os seus votos. Mesmo os Gregos, que chegaram a ser admitidos nos

templos, mantiveram-se em silêncio quanto aos segredos, e apenas aqui e ali deixaram escapar alguns fragmentos. Jablonski afirma "que só alguns poucos sacerdotes escolhidos eram admitidos no sancta sanctorum, e que a entrada era quase nunca permitida a estrangeiros, mesmo sob as mais severas condições" (*Non nisi pauci selecti digniores admittebantur. Peregrinis vero vix ac ne vix quidem unquam, certe non ante superatas incredibiles molestias patebat aditus, idque semper previa circumcisione.* Jablonski, *Pantheon Egypt.*, id. proleg. cxli).

Quando, no entanto, reunimos todos os vestígios que restam de várias fontes sobre os Egípcios, alcançamos a convicção certa de que o tratamento dos doentes e os fenómenos dos oráculos eram exatamente semelhantes ao nosso sonambulismo magnético. Temos, contudo, provas históricas: primeiro, da preparação dos doentes; segundo, do sono-templo e das manifestações ligadas a ele; e terceiro, do tratamento dos enfermos, em parte em relatos diretos, em parte em memórias indiretas, em imagens e hieróglifos.

A preparação por meio de jejum, banhos, purificações, unções e fricções; por orações e cânticos em louvor da divindade; as cerimónias sagradas na escuridão, às vezes acompanhadas de sons musicais, os sacrifícios impressionantes — tudo isto era calculado tanto para produzir um estado harmónico do corpo, acalmando-lhe a excitabilidade, como para dispor o espírito à expectativa e à reverência. "O próprio sacerdote, antes de dar o oráculo, realiza muitos sacrifícios de acordo com o rito, observa a santidade, lava-se; abstém-se completamente de alimento durante três dias, retira-se em solidão, e então começa gradualmente a ser iluminado e a regozijar-se de modo maravilhoso" (Jâmblico, *De Mysteriis Aegyptiorum*).

Como no interior dos templos não havia apenas paredes nuas, mas pinturas magníficas e decorações, banhos, jardins, passeios e água, e por toda a parte reinava o mais profundo silêncio; como, além disso, o modo de toque e manipulação se assemelha exatamente ao dos nossos dias — é claro que todas as circunstâncias eram altamente favoráveis ao sono magnético. Os adormecidos eram assistidos pelos sacerdotes em salas reservadas, e encontramos representações deles colocando as mãos sobre a cabeça, o estômago ou as costas.

Podemos aqui reunir tudo o que tem interesse histórico acerca da importância da mão; e entre os Egípcios, mais do que em qualquer

outro povo, encontramos não meros vestígios ou alusões duvidosas, mas relatos certos do uso que davam à mão e do seu significado em geral. Alguma consideração deste tema pode dar-nos vistas seguras sobre o seu tratamento mágico e ajudar a explicar, em certa medida, os célebres mistérios egípcios.

Os Judeus, que viveram tanto tempo entre os Egípcios ou pelo menos no Egipto, são aqui os historiadores mais fiáveis; e Moisés, na Sagrada Escritura, é descrito como "um homem instruído em toda a sabedoria dos Egípcios." Encontramos na Bíblia expressões e relatos que indicam a mão como o órgão mágico, não apenas de forma metafórica, mas direta, e ainda com as mesmas ideias que têm sido deduzidas do magnetismo.

Pois é pela mão que o poder magnético se transmite, e o sonambulismo é artificialmente produzido, seja pelo contacto imediato das mãos, seja pela aproximação das mãos e dos dedos, ou mesmo de um só dedo. Encontramos passagens na Bíblia que dão à mão a mesma finalidade, o mesmo efeito e até a mesma direção — a saber, que pelo toque da mão se produzem visões e o dom de profecia.

Quando Deus queria inspirar um profeta, que expressão encontramos? — Esta: "A mão do Senhor veio sobre ele, e ele viu e profetizou." Quando Eliseu foi consultado pelos reis de Israel e de Judá acerca da guerra contra os moabitas, chamou um músico: "E aconteceu que, enquanto o músico tocava, a mão do Senhor veio sobre ele. E disse: Assim diz o Senhor…" Encontramos expressões semelhantes nos Salmos, em Ezequiel, etc.: "Veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, sacerdote, filho de Buzi, na terra dos Caldeus, junto ao rio Quebar; e a mão do Senhor estava sobre ele" (Ezequiel 1:3). —

"Agora, a mão do Senhor estava sobre mim à tarde, antes de vir o que tinha escapado; e tinha-me aberto a boca, até que ele veio a mim pela manhã; e a minha boca se abriu, e já não estive mudo" (Ezequiel 33:22). — "No vigésimo quinto ano do nosso cativeiro, no princípio do ano… a mão do Senhor estava sobre mim, e levou-me; em visões de Deus me trouxe à terra de Israel, e pôs-me sobre um monte muito alto" (Ezequiel 40:1).

Porque se menciona aqui a mão do Senhor? Deus não tem mãos humanas! A Bíblia, portanto, indica evidentemente o ato divino pelo

meio comum entre os homens quando alguém devia ser lançado em êxtase e profetizar.

Há muitas outras passagens semelhantes na Bíblia sobre a importância das mãos na produção de visões e êxtase, bem como da influência mágica da mão em geral. A imposição de mãos era costume em muitas ocasiões, e por ela se significava a comunicação de certo poder, embora tal poder não fosse tangível ou visível. Ainda hoje é costume em cerimónias religiosas, e era usada para dar bênçãos, em sacrifícios, consagrações e milagres (Marcos 5:23; 6:5; 7:33; 8:23; Lucas 4:40, etc.), e até para ressuscitar os mortos.

Em Daniel, capítulo 10, encontramos a seguinte passagem: "E no vigésimo quarto dia do primeiro mês, estando eu junto ao grande rio, que é o Hidequel, levantei os meus olhos, e olhei, e eis que um homem vestido de linho, cujos lombos estavam cingidos de ouro fino de Ufaz… e só eu, Daniel, vi a visão; pois os homens que estavam comigo não a viram; mas caiu sobre eles um grande temor, e fugiram para se esconder.

Fiquei, pois, só, e vi esta grande visão; e não ficou força em mim, e a minha formosura se tornou em corrupção, e não tive força alguma. Contudo ouvi a voz das suas palavras; e ouvindo a voz das suas palavras, caí adormecido sobre o meu rosto, e o meu rosto em terra. E eis que uma mão me tocou, e me pôs sobre os meus joelhos e sobre as palmas das minhas mãos."

Na interpretação do sonho de Nabucodonosor encontramos (Daniel 2) que, quando todos os astrólogos, magos e caldeus não puderam explicar o sonho do rei — "Então Daniel entrou, e pediu ao rei que lhe desse tempo, e que mostraria ao rei a interpretação. Então Daniel foi para sua casa e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros, para que pedissem misericórdias ao Deus do céu acerca deste segredo, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios de Babilónia. Então foi revelado o segredo a Daniel numa visão de noite."

Segundo a explicação de Calmet (*Dictionnaire Hébr.*: artigo *Main*), a mão imposta sobre os profetas significa dez mãos, tornando Daniel e os seus companheiros mais sábios que os sábios da Babilónia.

Quando encontramos "a mão do Senhor estava com ele", significa o conselho e a ajuda de Deus, para falar a verdade e fazer o bem. No capítulo 1, v. 66 de Lucas, lemos de Zacarias que "a mão do Senhor

estava com ele"; e dos Apóstolos, que "a mão do Senhor estava com eles, e faziam sinais e milagres."

Nestas passagens, portanto, fala-se da mão de modo metafórico, como produzindo inspiração profética e realizando milagres. Os Apóstolos impunham as mãos sobre os que criam, e estes recebiam o Espírito Santo.

Vemos aqui os mesmos procedimentos do magnetismo — os mesmos atributos da mão, as mesmas funções, os mesmos resultados; mas com a diferença entre o poder e a vontade divinos e os do homem. A imposição de mãos não é absolutamente necessária no magnetismo; basta um dedo, ou, em alguns casos, o contacto nem é necessário: em comunicação perfeita, a vontade é suficiente, sem usar a mão como meio condutor. Na Bíblia também encontramos o "dedo de Deus" frequentemente usado em sentido metafórico; os milagres e sinais eram feitos pelo dedo de Deus.

Os seguintes exemplos ilustram isso: "Então os magos disseram a Faraó: isto é o dedo de Deus" (Êxodo 8:19). "E deu a Moisés, quando acabou de falar com ele no monte Sinai, duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus" (Êxodo 31:18). "Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste" (Salmos 8:3). "Mas se eu expulso demónios pelo dedo de Deus, certamente é chegado a vós o reino de Deus" (Lucas 11:20).

O dedo, segundo a crença dos magos, era o meio pelo qual a sabedoria dos Egípcios realizava os seus prodígios. Porque não nomearam antes o braço, ou outra parte do corpo, se o dedo não fosse o membro sagrado com o qual operavam os seus milagres nos mistérios? Cristo diz claramente que expulsavam demónios com o dedo, e que, portanto, era sinal de que o reino de Deus estava próximo. Este facto, de que o dedo possui poderes miraculosos, tornou-se provérbio: "O dedo de Deus é visível nisto."

É em vão que procuramos noutros povos expressões semelhantes; nem entre Gregos nem Romanos encontramos algo análogo sobre a mão e os dedos. Daqui podemos concluir que a influência secreta era conhecida apenas pelo espírito contemplativo dos Egípcios e pelos Judeus piedosos; e não nos podemos surpreender com a frequência da expressão, quando recordamos os inumeráveis casos de cura apenas pelo toque entre os Judeus. Tão profunda e universal era a convicção de que alcançar esse poder divino não era difícil, que

bastariam a oração e a imposição de mãos sobre o doente para haver cura. Naamã, o capitão sírio, era leproso e viajou até Eliseu, em Samaria. Sem o deixar sequer entrar em casa, Eliseu mandou-lhe dizer que se lavasse sete vezes no Jordão. Naamã, irritado com isto, disse: "Eis que eu pensava: ele certamente sairá a ter comigo, e se porá em pé, e invocará o nome do Senhor seu Deus, e moverá a sua mão sobre o lugar, e restaurará o leproso."

Se, portanto, os sacerdotes e profetas judeus tinham este costume, e tendo em conta que desde a sua saída do Egipto — onde passaram quatrocentos e trinta anos — podemos concluir com razão que não poderiam ignorá-lo. Por mais ocultos que estivessem os mistérios egípcios, parece que, com a ajuda da mão magnética, conseguimos levantar o véu de Ísis, sob o qual produziam sonambulismo e curavam doenças nos seus templos, sem o auxílio de Íris e de Serápis, e do mesmo modo que agora se faz abertamente.

Depois destas observações preliminares, podemos voltar a nossa atenção para os monumentos misteriosos com que muitos antiquários se ocuparam — mas sem outro resultado além da conjetura. Também aqui parece-nos que o dedo magnético nos dá a chave de muitos enigmas. Entre essas antiguidades estão aquelas que Montfaucon procurou explicar (*Antiquité expliquée*, t. II): mãos de bronze com vários dedos, que um escritor francês declarou serem ex-votos dedicados, por pessoas que tinham sido curadas magneticamente, a Ísis e Serápis (*Annales du magnétisme animal*, n.º 34, 37).

Nessas mãos, o polegar e os dois primeiros dedos estão estendidos, e os outros dois fechados. A primeira mão traz a figura de Serápis entre os dois primeiros dedos, e uma faixa em volta do pulso, sob a qual se vê uma mulher com uma criança. Ao lado desta há um íbis. Por cima da mesma mão aparece uma serpente e vários hieróglifos egípcios — uma tartaruga, um sapo, um lagarto, uma balança, uma vasilha de água, etc. Sem dúvida, a mão foi dedicada a Serápis. Este é representado com rosto humano. A serpente simboliza a sabedoria, ou sugere Esculápio, que os Gregos consideravam como Serápis. A mulher e a criança parecem ser o ex-voto, em agradecimento pela cura de um ou do outro.

Mas por que razão o ex-voto aqui representa uma mão? Um ex-voto entre os antigos, como entre nós, representava geralmente o membro curado; não podemos dizer o mesmo da mão em questão. Ela mostra que a mulher ou o filho foi curado; mas por que uma mão

— e uma mão com dois dedos e o polegar estendidos, como na manipulação magnética, e os outros dois fechados? Todos os autores concordam em que se trata de um ex-voto muito raro.

("*Vota porro in tabellis ac fictilibus insculpta non usque novum est, at in manu nulla in hunc diem occurrit.*" J. Ph. Tomasius, *Super manum auream Cecropid. votum apud Gronov. Antiq.*, t. X, p. 662.)

Se considerarmos que este ex-voto foi dedicado a Serápis em agradecimento por uma cura, e ademais por meio de um oráculo ou de sonambulismo, parece-nos coerente com a manipulação magnética. Que emblema poderia ser mais apropriado do que a mão que realizou a cura?

Outra mão, no mesmo metal e de execução muito fina, traz uma pinha no polegar, representando Ísis; uma cabeça de serpente de Esculápio surge entre os dois dedos fechados. Na palma está representado um carneiro — talvez o símbolo de Júpiter Ammon, ou o signo do Carneiro como época da cura. Em volta do pulso há novamente uma faixa com a figura de uma mulher e de uma criança. Trata-se, portanto, provavelmente de um ex-voto de cura; pois lemos no pedestal: *Cecropius V. C. Votum S. = Cecropius voti compos votum solvit.* Esta mão, como a anterior, está também repleta de figuras simbólicas.

Uma terceira mão traz Serápis no polegar e uma cabeça de carneiro entre os dois dedos fechados; uma serpente envolve o pulso e sobe em direção ao polegar; por fim, uma folha de figueira, sagrada a Ísis, aparece em todas as mãos — mas nesta não há mulher nem criança.

Uma quarta mão traz uma pinha rodeada por uma lua no polegar — outro símbolo de Ísis; na palma, uma serpente enrolada ao pulso.

Devemos notar que todas estas mãos são direitas, e todos os dedos têm a mesma posição. Ao magnetizar, a mão direita fica aberta, e muitas vezes usam-se apenas os três primeiros dedos — como defendem os magnetistas franceses, que sustentam que estes três têm maior influência.

Isto é certamente verdade, embora não seja regra universal magnetizar com três dedos. Os sacerdotes egípcios podem ter usado este método em certas doenças, ou talvez fosse costume comum. Seja como for, é inegável que estas mãos foram dedicadas às divindades em cujos templos se praticava a cura dos doentes. Em Montfaucon encontram-se ainda "dedos místicos", que parecem ter o

mesmo significado. Estes dedos, em bronze, terminam numa longa unha, mostrando que eram fixados numa parede ou empunhados num bastão durante as festas de Ísis, tal como outros símbolos dedicados aos deuses. Pierius Valerius (*Hieroglyphica*, Basil., 1556, lib. XXXVI) afirma que o dedo indicador era chamado *Medicus*. Estes dedos de bronze são precisamente indicadores. Teriam os Egípcios magnetizado sobretudo com este dedo? Com efeito, sonâmbulos magnéticos muitas vezes magnetizam apenas com o indicador, e recomendam o seu uso em casos de convulsões.

Outra antiguidade notável, mas obscura, encontra-se em Montfaucon. É a estátua de um jovem nu coroado de louro, que esmaga um crânio com o pé direito. Na mão esquerda segura um estilete de madeira, que ostenta uma dessas misteriosas mãos de bronze; mas com a diferença de que, neste caso, todos os dedos estão abertos. Uma serpente enrola-se no pulso, a cabeça próxima de um ovo, que é segurado entre o polegar e o indicador. No pedestal lê-se: *Tullino*.

Esta estátua, diz Montfaucon, foi destruída pelo bispo de Bréscia, de nome Ramperto, no ano 840; mas a mão foi preservada e, quando Montfaucon escreveu, estava na posse de um antiquário chamado Bossi, que a recebeu com uma descrição extraída de um antigo manuscrito. "Para explicar esta figura," diz Montfaucon, "Bossi perdeu-se em vãs conjecturas. O pé sobre o crânio e o louro na cabeça parecem indicar que Tullino triunfou sobre a morte e alcançou a imortalidade."

Além disso, o autor francês observa, nos *Annales du magnétisme animal*, que não encontrou nenhum deus chamado "Tullinus", e que havia forte fundamento para crer tratar-se de uma estátua de Serápis ou de Esculápio, como conquistador imortal da morte; que entre os Gregos o ovo era símbolo do mundo; a serpente junto do ovo representava Serápis ou Esculápio. Mas aqui o ovo está entre o polegar e o indicador, e a serpente enrola-se ao pulso. Não seria isto talvez a alegoria natural já mencionada, enquanto do outro lado a morte é calcada aos pés?

Se a coroa de louro tivesse outro sentido além da vitória sobre a morte, poderíamos crer tratar-se de Apolo, deus da Medicina, vencedor da morte. Os antigos confundiam frequentemente Apolo com Serápis, Esculápio e Ísis, no que toca à cura das doenças. Quanto a Tullino (deveria escrever-se Τὐλλινος, *Tyllinos*), verificamos que *Tull* significa "descoberto, nu" no dicionário céltico de Bulest.

Homens eruditos afirmaram que, nas festas de Ísis, se levavam símbolos das divindades, em particular uma mão num pequeno bastão, e citam Apuleio, que descreve uma dessas festas e as várias pessoas que precediam a estátua. Ele diz: "Um quarto, vestido de linho, trazia o símbolo da justiça e da equidade — a saber, uma mão esquerda no extremo de um ramo de palmeira." Esta mão esquerda, pela sua natural estranheza e desuso, pareceria mais apropriada, segundo ele, como símbolo da imparcialidade, do que a direita (*Metamorphoseon*, I, II).

A conjectura de Apuleio, no entanto, parece infundada, pois Ísis e Serápis não eram venerados como patronos da Justiça; e a mão esquerda não pode significar Justiça mais do que a direita — e certamente não pela razão apontada por Apuleio, por ser mais desajeitada e menos usada. Há pessoas que usam a esquerda em vez da direita. Segundo Diodoro Sículo, a mão direita aberta era o símbolo da generosidade, e a esquerda fechada, o da avareza e miséria (*Bibliotheca historica*, lib. III, c. 1, *De Aethiopibus*).

Esta mão de Ísis parece, pois, ter tido outro significado — tal como as anteriores, um símbolo das curas que a deusa realizava com a sua mão. Os diversos outros símbolos descritos por Apuleio como sendo levados na procissão eram também objetos dedicados à deusa, cujo significado ele conhecia tão pouco quanto nós: uma tocha, um altar, uma mão, uma ânfora, um bastão, um cesto. A maioria destas coisas aparece associada à misteriosa mão.

"Esta mão de Ísis," diz o autor nos *Annales du magnétisme animal*, "faz lembrar as mãos que os nossos reis ostentam nas suas coroações, chamadas 'mãos da justiça'. Mas estas mãos de Ísis não podiam ter essa mesma significação, já que os dois dedos fechados sugerem, segundo Diodoro, antes a ideia de avareza. Inicialmente não se chamavam mãos da justiça, mas mão do rei; e Montfaucon dá-lhes outra origem, que parece concordar melhor com as nossas observações anteriores.

Ele afirma: 'Uma tal mão encontra-se pela primeira vez num selo de Hugo Capeto, conservado em Saint-Denis. Não se sabe se esta mão desceu sobre Carlos Magno vinda do céu. Tal mão não teria referência à justiça. Vemo-la também a descer do céu sobre a cabeça de Carlos, o Calvo, sobre quem, em dois retratos, a mesma mão aponta com quatro dedos em direção à sua cabeça, iluminando-o nos seus deveres e na justiça para com os súbditos. Encontramos ainda

mãos em medalhas dos imperadores de Constantinopla. A mão da justiça de Saint-Denis e dos reis franceses estende dois dedos e o polegar, contraindo os outros dois. O mistério, se o há, permanece obscuro. Parecem, contudo, ter a mesma origem das que aparecem sobre a cabeça de Carlos Magno e de Carlos, o Calvo. Na primeira pintura, Carlos Magno é representado como patrício, sentado numa cadeira, com duas figuras magistrais em toga ao seu lado; uma mão estende-se das nuvens, com três dedos levantados.

Na de Carlos, o Calvo, este surge coroado no trono, com um ceptro rematado por um lírio na direita, e na esquerda um globo ou espécie de elmo encimado por uma cruz; sobre a sua cabeça vemos uma mão que desce de um véu. Noutra pintura, o trono é cercado por um pano, sobre o qual uma mão aberta desce sobre a cabeça de Carlos, o Calvo, irradiando luz pelos dedos. Quem não reconhecerá aí a mão alegórica mencionada nas Escrituras?'"

«"E a sua mão estava sobre ele"; significando a inspiração divina ou o Espírito Santo. Mas que pintor poderia representar melhor o fluido magnético do que através de raios que saem dos dedos?

Faz-se também menção de um monumento de Dagoberto em Saint-Denis, onde se vê uma mão a descer de uma nuvem, com três dedos estendidos sobre Dagoberto, nu e coroado, sendo erguido sobre um véu por dois bispos, com dois anjos ao lado. Esta mão, em tão remota época, é claramente uma alegoria transmitida pela tradição.

O facto de, segundo Montfaucon, essas mãos se encontrarem também representadas junto dos imperadores de Constantinopla, na época de Carlos Magno, e igualmente com três dedos estendidos, aponta claramente para o símbolo de uma origem divina: trata-se da "Mão do Senhor" das Escrituras, que dotava os profetas com os seus poderes milagrosos e com a inspiração divina.

Tomasini faz a importante observação, na sua dissertação sobre as misteriosas mãos de bronze, de que estas têm a mesma posição que os nossos prelados costumavam assumir ao abençoar o povo, bem como aquela em que os pintores de todas as épocas representaram a mão do nosso Salvador. (*Tomasius apud Gronov. Thesaurus Graecar. antiq.* t. VIII).»

Se, portanto, os bispos davam a sua bênção de tal maneira, ela tem, em todo o caso, uma referência à manipulação magnética na doença. Os três dedos estendidos encontram-se nas representações antigas de Nosso Salvador, que curava os enfermos, e também nas

cerimónias religiosas dos papas, quando davam a bênção; e São Januário, na ponte de Santa Madalena em Nápoles, parece exorcizar o Vesúvio do mesmo modo.

A bênção que todos desejam e que as crianças anseiam receber dos seus pais raramente é dada apenas pela vontade, ou em palavras; mas a mão estendida transmite a direção do esforço mental à sua influência, e executa objetivamente aquilo que a mente determinou. Do ponto de vista físico, a mão dá a direção, e o toque atrai ou repele; a mão do magnetizador suaviza a dor e cura a doença sem mais recurso a medicamentos, e chega mesmo a produzir êxtase e clarividência.

Não será tudo isto uma pista para compreendermos essas misteriosas mãos egípcias? A concordância entre a mão da justiça, a bênção sacerdotal e a manipulação magnética é clara: se tal concordância não for suficiente para confirmar uma origem comum, deve ainda assim dar ocasião à reflexão, despertar o espírito para a observação e mostrar-nos, em tudo o que nos rodeia, no mundo natural e espiritual, muito mais analogias com o magnetismo do que geralmente se acredita.

O autor francês prossegue então a sua procura de analogias nas *Annales du magnétisme animal*, n.os 36 e 37, e não em meros fragmentos, mas em factos contínuos, tal como se encontram no magnetismo. Cito as suas palavras da seguinte forma:

«O magnetismo era praticado diariamente nos templos de Ísis, de Osíris e de Serápis.» Ele inicia assim as suas investigações: — «Nestes templos os sacerdotes tratavam os enfermos e curavam-nos, quer por manipulação magnética, quer por outros meios que produziam sonambulismo. Voltaremos a nossa atenção para aqueles monumentos egípcios — *de préférence* — que nos oferecem cenas inteiras de tratamento magnético.»

Embora estes hieróglifos egípcios sejam encarados com grande ousadia, ainda assim resultam muitas coisas verosímeis, sobretudo pelo facto de nem tudo nesses monumentos ser hieroglífico. Existem também pinturas puramente históricas, que representam sacrifícios, cerimónias religiosas e outras ações, bem como elementos que se referem à história natural dos animais, das plantas e dos astros.

É comum imaginar-se que todos os assuntos egípcios eram emblemáticos, quando na verdade não o eram; pois os hieróglifos não devem ser confundidos com emblemas. Os primeiros (*caracteres*

*hieroglyphiques*) são representações simbólicas de cadeias inteiras de ideias, que mais tarde foram condensadas; os segundos são representações de ações isoladas. Os hieróglifos, observa ele, terão sido provavelmente, a princípio, figuras completas, mas como ocupavam demasiado espaço foram gradualmente abreviados, restando apenas traços, dos quais era impossível a estranhos deduzir o significado original. Entre os emblemas inclui a representação notável numa urna funerária dada por Montfaucon.

Diante de um leito ou mesa, sobre o qual jaz o doente, encontra-se uma figura com vestimenta castanha, olhos abertos e a cabeça de cão de Anúbis. O seu rosto está voltado para o enfermo; a mão esquerda repousa-lhe sobre o peito e a direita ergue-se sobre a cabeça do paciente, exatamente na posição de um magnetizador. Em ambas as extremidades do leito estão duas figuras femininas, uma com a mão direita erguida, a outra com a esquerda. A cama era sustentada por quatro pés que ostentam a cabeça de Ísis, a de falcão, a de cão e a humana — os símbolos das quatro divindades curadoras: Ísis, Osíris, Anúbis e Hórus. Outros hieróglifos num talismã com representações semelhantes são mencionados; e também em outras múmias onde figuras de pé tocam os pés, a cabeça, os lados ou as coxas; e muitas outras ações magnéticas se encontram representadas: estas são reproduzidas por Montfaucon e por Denon no seu *Voyage d'Égypte*, tomo III.

Estas cenas representam manifestamente uma ação magnética. A figura reclinada é um paciente; o magnetizador é um sacerdote sob a máscara de Anúbis; a sua posição é ativa; e nas duas extremidades estão outros dois sacerdotes que parecem assistir com os seus gestos. Quanto às vestes e às cabeças de animais, é sabido que os sacerdotes egípcios escolhiam as formas sob as quais representavam as divindades ou exprimiam algum culto particular.

Atanásio Kircher explica estas figuras no seu *Sphinx Mystagoga* do seguinte modo: «*In sacrificiis, simili, quo deos referebant, habitu comparebant sacerdotes. Tutulos in capite gerebant floribus, pennis, serpentibus, vasis, aliisque similibus, quibus geniorum proprietates et ideales rationes exprimuntur, illisque putabant se in eam intelligentiam, quam continuimente volvebant, transformari.*»

A cabeça de falcão prova claramente que a figura representa um sacerdote de Osíris, a mais alta divindade, como se vê pelo traje. O mesmo pode dizer-se de Anúbis; não se trata de representar o deus,

mas sim um sacerdote, razão pela qual vemos que o seu adorno de cabeça era provido de uma máscara canina para ser usada pelo oficiante. Finalmente, as duas mulheres na parte inferior parecem igualmente assistir, e na posição de magnetizadoras.

«É, portanto, muito natural», continua ele, «considerar isto como um exemplo de tratamento magnético, com aquelas formas expressivas e trajes dos sacerdotes, que atuam em conjunto ou isoladamente, como os símbolos misteriosos aqui mostram. Em todos os casos encontramos o mesmo traje religioso, e compreendemos facilmente como este monumento, negligenciado por Montfaucon, permaneceu sem explicação antes de o magnetismo ser compreendido.»

Os Abraxas, mencionados por Montfaucon, constituem outro objeto de investigação. São pedras esculpidas das eras antigas, em parte ainda pagãs. Nelas os gnósticos misturavam o culto do verdadeiro Deus com o dos egípcios, e ocasionalmente também o das divindades gregas e romanas. Eram tidas como talismãs e amuletos.

Num desses Abraxas vemos uma figura estendida sobre uma mesa, com a forma de javali. A personagem com máscara de cabeça de cão, em posição ereta, pousa uma mão sobre os pés e a outra sobre a cabeça do paciente; traz na cabeça três pequenas penas ou flores; e as figuras estão voltadas para a esquerda. No extremo da mesa encontram-se duas figuras com túnicas compridas e estreitas, semelhantes à do paciente. As suas cabeças estão cobertas por uma espécie de turbante ornado com uma flor. Erguem uma mão e deixam cair a outra; mas não se distingue se são homens ou mulheres. Não há pedestais sob a cama.

Que significa isto? Os Abraxas eram talismãs contra doenças, e atribuíam-se-lhes propriedades curativas. O magnetismo volta aqui a oferecer-nos uma pista para a explicação. Uma terceira e uma quarta gravura mostram um doente coberto da cabeça aos pés, de olhos abertos; e junto dele uma figura com máscara canina. Mãos pousam em ambos os lados do paciente. A outra mostra uma figura em forma de leão, deitada numa cama.

O paciente traz uma máscara estranha; a personagem ao lado, com a habitual máscara de Anúbis, coloca-lhe as mãos sobre as coxas, com os olhos fixos no rosto do enfermo. Sob o leito encontram-se pedestais com cabeças de aves; e em ambas as extremidades figuras femininas nuas, com um joelho no chão; uma delas sustém sobre a cabeça um vaso redondo, segurando-o com uma das mãos. Na parte

inferior do desenho aparecem palavras egípcias em escrita cursiva. A fisionomia da figura reclinada parece denunciar um sacerdote egípcio enfermo, com uma daquelas cabeças animais sob as quais representavam a ideia dos deuses; pois acreditavam que de algum modo se encarnavam nela, do mesmo modo que, na Idade Média europeia, os mortos eram envolvidos no capuz monástico, acreditando-se que assim obteriam o perdão dos pecados e a proteção do santo padroeiro da ordem.

Na análise destes desenhos, embora provenientes de vários monumentos, encontramos os mesmos acontecimentos descritos com ligeiras variações; mas é digno de nota que todas estas gravuras representam diferentes espécies de manipulação magnética. Na primeira, uma mão pousa sobre o estômago e a outra sobre a cabeça. Na segunda, uma mão sobre os pés e a outra sobre a cabeça. Na terceira, as mãos nos rins; e na quarta, nas coxas.

Sem dúvida perguntar-se-á porque motivo os mágicos quase sempre usam a máscara de Anúbis — isto é, a cabeça de cão? Podemos responder que entre os egípcios o cão, segundo Horus, simbolizava frequentemente o sábio e o profeta, o que estaria em plena conformidade com as representações mágicas. Mas, admitindo que tal figura represente Anúbis, encontramos em Kircher, que muito se ocupou em desvendar os mistérios egípcios, uma explicação bastante ajustada ao assunto. Ele diz que Anúbis é o fiel guardião da vida (*Anubis fidus vigilque vitae custos*, l.c. p. 69).

O mágico, portanto, é naturalmente representado como Anúbis. Osíris, segundo a mesma autoridade, era considerado o criador do mundo. Todos os deuses eram invocados pelos enfermos, e é por isso que figuram em todos os pedestais sob os leitos onde os doentes repousam. «Portanto», diz Kircher, «quem refletir seriamente sobre estes símbolos descobrirá que representam a invocação comum das divindades unidas; e estas, segundo Kircher, são Osíris, Ísis e Anúbis, tal como os vemos representados. Compreendemos também porque motivo as duas figuras ao pé do leito estão ajoelhadas em oração a Osíris, simbolizado pela cabeça de ave.»

Estas observações tornam-se ainda mais significativas se seguirmos a explicação de Kircher, que interpreta o vaso sobre a cabeça de uma das figuras ajoelhadas e o pedestal em forma de T, que sustém a outra, como «o símbolo do poder divino e da sua influência sobre a criação» (*Nosvero congruentius dicemus cum Abunephis, illum*

*characterem — o vaso e o pedestal — nihil aliud apud Aegyptios significasse, quam divinae mentis in rerum omnium productionem, motum et diffusionem*).

Aqui encontramos a crença nesse sistema que admite um fluido universal na influência do magnetismo.

Denon, na sua *Viagem ao Egito*, fornece-nos diversos desenhos análogos. Na centésima prancha da sua obra refere-se a um rolo de manuscrito que descobrira na mão de uma múmia. A vinheta desse manuscrito representa uma múmia sobre um leito com forma de leão; sobre ela um abutre de asas abertas; e diante dela um homem invocando uma divindade que segura um látego e um gancho. Denon relaciona isto com outras pinturas, por meio das quais se estabelece uma certa correspondência.

O leito em si não parece ter qualquer significado particular, pois o próprio Denon afirma que os assentos entre os egípcios muitas vezes tinham formas de animais; fala especialmente de uma figura sentada que segura um cajado para guardar as aves sagradas. A múmia, contudo, ele considera-a como o corpo de um animal. Nesse caso, qual seria o significado do homem que invoca o deus diante do leito?

O deus com o látego e o gancho é Osíris, o bom espírito dos egípcios, que frequentemente é representado com um chicote para expulsar Tifão, o princípio do mal. O abutre, ou antes o falcão, sobre o leito, é Osíris sob outro símbolo. Ele era invocado sob esta forma para prevenir a infeção da peste (*invocatur accipiter ad pestis contagionem arcendum*, Kircher). Não é, portanto, de admirar que Osíris fosse invocado sob os seus vários símbolos para a restauração do enfermo.

Denon, contudo, reincide no erro quando afirma que o corpo estendido não é uma múmia. A prancha 126 mostra quatro pequenas imagens da terceira câmara do grande templo de Tentyra, que era consagrado a Ísis. Denon não sabe para que servia essa câmara: se como oratório, observatório, santuário ou apenas uma sala comum.

A julgar pelos temas gravados, poderia ser considerada um gabinete de estudo, um observatório de astronomia ou o túmulo de alguma personagem célebre. Na primeira prancha vemos uma múmia encostada à parede direita, sob a qual se lê uma longa inscrição. Na terceira câmara veem-se quatro pequenas figuras esculpidas em pedra, às quais o autor se refere. Denon imagina que representam a posição da terra ou das estações: — "É a eterna natureza viva

dormindo sob a guarda dos emblemas das boas divindades?” Na segunda prancha vemos a mesma figura adormecida sob o sinal de uma pele de leão. As quatro figuras em baixo poderiam representar as constelações, ou os quatro meses de repouso, durante os quais um deus guardião presidia sobre elas.

N.º 10. A mesma figura, com quatro outros emblemas sob o leito. O adormecido parece despertar.

N.º 9. A mesma figura, plenamente desperta, prepara-se para se levantar.

Destas figuras, que Denon representa, vemos que a figura reclinada não pode simbolizar o Osíris morto, nem o Hórus adormecido; nem uma múmia, nem a natureza dormente sob a forma de um deus; mas sim um enfermo letárgico sob a proteção de uma divindade, que o desperta novamente para a vida; e, como nos é vivamente recordado, por magnetismo; pois, numa observação mais atenta, descobrimos que a prancha n.º 2 tem grande semelhança com a primeira de Montfaucon.

Uma figura está estendida sobre um leito em forma de leão, cuja cauda termina numa serpente; traz uma espécie de barrete pontiagudo e um véu desde o queixo; aos pés, encontra-se uma personagem na posição de magnetizador; as quatro figuras sob o leito não são constelações, mas sim quatro pedestais semelhantes, em perfeita concordância com a primeira prancha de Montfaucon; por cima está o falcão de asas abertas.

A única diferença é que aqui não há mulher a acompanhar o magnetizador, e este não traz a máscara de cabeça de cão, o que é prova clara de que Ísis e a máscara não tinham influência sobre o ato que esta imagem representa. Quando os sacerdotes não envergavam este traje simbólico, estavam nus, para mostrar a veneração que sentiam pela divindade.

Em todo o caso, porém, as explicações de Denon são incorretas quando vê na figura do leão um emblema, e considera a forma sob o leão como adormecida. Como poderia o sono da natureza concordar com o signo do leão, se nessa época a natureza está mais exuberante — isto é, em agosto? O leito em todos os casos mantém a mesma forma, o que não poderia acontecer se se referisse às estações.

Além disso, vimos em Montfaucon que o leito sob a figura reclinada nem sempre tinha a forma de leão, mas também a de javali; o que

não pode referir-se ao zodíaco. Podemos ainda observar que o leão é muito frequente em todo o tipo de camas, leitos, mesas, assentos, etc., no Egito. As figuras sobre os pedestais não podem representar constelações; as cabeças de Ísis, do falcão, do cão e do homem representam as divindades benéficas — Ísis, Osíris, Anúbis e Hórus.

Se fosse desejável procurar algo de emblemático nessas figuras, seria muito mais natural aceitar a metamorfose em que os egípcios acreditavam. O corpo estendido poderia ser considerado morto; Anúbis, como guia da alma, encontra-se ao lado; Osíris, senhor de uma nova vida, está por cima.

A isto poderiam ainda juntar-se o túmulo e a múmia envolta em faixas. "Mas não representará o magnetismo uma espécie de metamorfose?", pergunta o autor francês. "O corpo cai no sono, que o priva de todos os sentidos. A alma, que em certa medida abandona a sua concha exterior, parece voar em direção à divindade para adquirir nova energia mental e nova luz numa nova existência, que de algum modo aliena o corpo deixado para trás."

Segundo a nossa convicção, portanto, o verdadeiro significado destas imagens nada mais é do que a representação de um tratamento magnético. Não podemos atribuir qualquer outro motivo às ações de Anúbis sobre o corpo estendido, senão o de colocar uma mão sobre a cabeça e outra sobre o peito do sofredor, ou sobre ambos os lados; todas estas ações são, sem dúvida, magnéticas.

Não devemos perder de vista o facto de que a figura reclinada tem sempre os olhos abertos, o que não poderia acontecer se fosse uma múmia. O poder magnético que expulsa a doença é representado por Osíris, como criador e preservador da vida, sob o emblema de um falcão. Anúbis, o fiel guardião da vida (*fidus vigilque vitae custos*), faz uso do seu poder e distribui-o, conforme necessário, pelas várias partes do corpo.

Assim vemos, em diferentes fases de recuperação, o paciente levantar-se gradualmente do leito; facto que, portanto, exclui a ideia de um corpo morto. Todas as hipóteses de outra natureza que não a do magnetismo deixam margem para dúvidas.

Como, portanto, relatos diretos do tratamento magnético nos templos egípcios e do sono magnético se encontram em muitas direções, a hipótese auxilia-nos a explicar esses mistérios que os sacerdotes incorporaram nos hieróglifos e velaram aos olhos dos não iniciados. Aquele templo de Tentyra, com as suas câmaras, às quais Denon não

conseguiu atribuir significado, parece ter sido, em especial, um hospital, e as suas salas dedicadas, pelo menos em parte, ao sono magnético.

Sob este ponto de vista, as estátuas egípcias que representam sacerdotes ou guardiões do templo são muito notáveis; várias delas encontram-se em Paris e Munique. Nas suas mãos seguram um bastão curto, considerado como a origem do cajado e do abanador, que eram os atributos habituais dos sacerdotes egípcios. Para que serviriam eles, e por que razão seriam colocados nas mãos dos guardiões dos templos? Não encontro explicação em parte alguma. Seriam condutores magnéticos? O bastão curto assemelha-se em tamanho àqueles bastões de ferro usados como condutores pelos magnetizadores em certas doenças, e o abanador poderia ser usado para aplicar a água magnetizada.

Quão pouco sabemos ainda dos monumentos existentes! Quantos templos poderão ainda estar soterrados sob a areia da Líbia, e quantos quase destruídos! Assim, em todo o caso, é hoje muito difícil formular qualquer teoria histórica verdadeira, perante a ignorância quase universal dos símbolos e hieróglifos egípcios. Mas, com o desejo que agora se manifesta em toda a parte de desvendar o que há de misterioso nos grandes e pequenos mistérios do Egito, com o crescente conhecimento da escrita hieroglífica e a laboriosa recolha e comparação dos materiais já disponíveis, podemos esperar que as nuvens que pairam sobre este assunto venham a dissipar-se.

Não há dúvida de que as ciências eram altamente cultivadas no Egito; curiosos monumentos de toda a espécie não são apenas prova disso, mas também os escritos dos autores antigos dão o mesmo testemunho. Moisés fala da sabedoria egípcia, e no Novo Testamento encontramos que "Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras."

Os escritores da Antiguidade afirmam que as ciências foram desenvolvidas pelos sacerdotes egípcios, e destes passaram aos fenícios, árabes, gregos e romanos; alguns chegam a dizer que persas e indianos aprenderam com os egípcios. Os princípios da crença egípcia, na medida em que são conhecidos, podem ser assim expostos:

Ptá é o emblema do espírito eterno de que tudo foi criado; representavam-no como um fogo etéreo puro que arde eternamente, cujo fulgor se eleva muito acima dos planetas e das estrelas. Nos

tempos primitivos os egípcios adoravam este ser supremo sob o nome de Athor; era o senhor do universo. Os gregos transpuseram Athor para Vénus, que era por eles considerada sob a mesma luz que Athor.

Apuleio chama-lhe a Vénus Divina; e Cícero fala também da omnipresença de Vénus (*quae autem dea ad res omnes veniret, venerem nostri nominarunt*). Ovídio canta que ela governa o círculo de todas as coisas, reina no céu, na terra e nas águas. Ptolemeu (*in Tetrabiblo*) e Proclo dizem, falando dos fenícios e dos habitantes da Ásia Menor, que Vénus era aí venerada como a mãe da terra.

Entre os egípcios, Athor significava também a noite, como início de todas as coisas criadas; pois tudo tem origem nas trevas. Encontramos esta doutrina entre todos os que primeiro beberam da ciência egípcia. Hesíodo chama igualmente à noite a origem de todas as coisas; e Orfeu afirma que a noite escura é a criadora dos deuses e dos homens.

Na história da criação, tal como nos é transmitida por Moisés, lemos: "E a terra era informe e vazia; e as trevas estavam sobre a face do abismo." Segundo Orfeu, o éter criado por Deus surgiu primeiro no mundo; dele nasceu o caos e a noite escura; e esta cobria tudo o que estava sob o éter; mas o Altíssimo, invisível e incompreensível, existira antes de todas as coisas.

Orfeu derivou evidentemente a sua teoria do Egito, pois os sábios egípcios adoravam o Espírito Eterno como a origem de todas as coisas, que não podia ser percecionado pelos sentidos, mas apenas pela razão; ele cria, governa e preserva todas as coisas. A teoria de Tales concorda com isto — e também ele adquiriu o seu conhecimento no Egito. Segundo Tales, a água era o princípio de todas as coisas, e Deus o espírito que fez todas as coisas a partir da água.

Segundo os egípcios, diz Jablonski, a matéria esteve sempre ligada ao espírito e, além disso, num caos infinito; o espírito do caos tomou, com o tempo, a forma de um ovo e, na separação dos seus elementos, desenvolveu o seu poder na criação de todas as coisas. A mente (*mens*) tem uma dupla natureza, masculina e feminina — isto é, o princípio da natureza, pelo qual atua, é ativo e passivo.

O princípio do mal encontra-se também nas teorias dos antigos egípcios; Tithrambo, segundo Epifânio, que Jablonski traduz por *ira furena*, e que os gregos chamavam Hécate. Tifão era a potência

maléfica dos egípcios, de quem se originava tudo o que é nocivo na natureza; os animais impuros eram-lhe sagrados. Era representado como crocodilo, asno ou hipopótamo. Era o símbolo do vento sul destruidor. Os sacerdotes egípcios afirmavam igualmente que os deuses apareciam aos homens, e que os espíritos comunicavam com o género humano.

As almas dos homens eram, segundo as doutrinas mais antigas do Egito, formadas de éter e, após a morte, regressavam a ele. Os outros ensinamentos consistiam numa profunda filosofia natural, que representavam em imagens e emblemas ininteligíveis para todos, exceto os iniciados, e que deram origem às mais estranhas fábulas. Podemos, no entanto, formar algumas ideias indiretas sobre essas doutrinas a partir dos filósofos gregos que estiveram no Egito, como Orfeu, Pitágoras, etc.

Segundo eles, o movimento da Terra em torno do Sol era conhecido dos sacerdotes egípcios. "Esta teoria", diz Jablonski, "Pitágoras recebeu-a dos egípcios; e também dela a receberam os brâmanes da Índia. (*Pantheon Ægyptiorum* iii, proleg. 10).

*Neque etiam praetermittere hie possum, videri celeberrimam illam Copernici hypothesin, terram circa solem moveri, sacerdotibus Ægyptiorum olim jam ignotam non fuisse. Sciunt omnes hoc docuisse Philolaum aliisque scholae Pythagorae alumnos. Pythagoram vero placitum hoc astronomicum ab Ægyptiis accepisse et in scholia sua dogmata esoterica tradidisse ex eo non parum verosimile mihi fit, quod idem etiam ad Indorum Brahmanas, Ægyptiorum priscorum discipulos dimanasse intelligam.*"

Aristóteles e Diógenes Laércio mencionam também esta teoria de Pitágoras.

A astronomia e a astrologia eram igualmente ramos principais da magia egípcia. Segundo Heródoto (livro II, cap. 82), os egípcios foram os primeiros a nomear os dias segundo as estrelas e a perceber o seu significado, de modo a prever a sorte do homem. Deixaram referências simbólicas ao poder e à influência mútua do sol e da lua, dos planetas e das estrelas, em todos os seus templos e pirâmides, como ainda se pode ver após o decurso de milhares de anos. Os egípcios possuíam também conhecimentos físicos e químicos superiores aos de qualquer outro povo da Antiguidade, como demonstram os seus edifícios e obras de arte. Por fim, o saber secreto dos sacerdotes e o culto dos seus templos perderam-se

durante o domínio dos persas no Egito e as contínuas perturbações internas, ou ficaram tão deturpados que passaram a ser considerados fábulas. A magia, no seu verdadeiro e mais elevado sentido, provavelmente atingiu entre os egípcios grande perfeição, da qual em épocas posteriores só encontramos vestígios nas artes teúrgicas ou em prestidigitações sofísticas.

A magia apresenta-se sob uma forma completamente diferente na Grécia, e encontra-se entre os israelitas de modo limitado e peculiar; mas foi apenas na época de Constantino que a magia caiu totalmente em desuso no Egito. Teodósio mandou fechar os templos, e diz-se que ele próprio destruiu o templo de Serápis.

## TERCEIRA SECÇÃO

## A MAGIA ENTRE OS ISRAELITAS

A história mais perfeita e fidedigna da natureza divina e humana, da revelação e da influência divinas através de homens piedosos inspirados por Deus, encontra-se nos registos dos antigos hebreus nas Sagradas Escrituras.

A Bíblia foi, com razão, chamada de Escrituras Sagradas, pois contém o conhecimento do que é santo, concordando como concorda com leis imutáveis, e unindo e entrelaçando feitos e leis, palavras e ações. Mostra a verdadeira ligação do homem com o Todo-Poderoso; tem a mais íntima relação com as verdades mais profundas do intelecto e dos sentidos; fala da origem do universo e das leis segundo as quais todas as coisas foram criadas; da história do homem antes e depois do Dilúvio; do seu destino futuro e dos meios para o alcançar; dos agentes vivos e invisíveis que Deus emprega na grande obra da salvação; e, por fim, do mais elevado de todos os seres, o Salvador, que reuniu em si todos os poderes e ações divinas, enquanto os que o precederam não eram senão representantes de faculdades e perfeições isoladas. Mostra ao homem caído a luz e o objetivo radiante da sua vida, e prescreve todas as diversas ações de purificação e regeneração.

Depois de termos visto entre as nações do Oriente as etapas da magia, os graus de desenvolvimento do sonambulismo e da clarividência, e os mais variados modos de produzir efeitos extraordinários, veremos agora tudo isto entre os israelitas, mas com um caráter totalmente diferente. Nos primeiros, tratava-se do

indivíduo e do presente; nos segundos, já não é o indivíduo que é influenciado pela magia, mas sim a humanidade e o futuro: ali, a luz brilha a partir das forças naturais do homem, embora muitas vezes excitadas por meios artificiais, até dos mais baixos; aqui, vê-se uma luz pura, serena e sem nuvens, suavemente influenciada pelo sopro de Deus, iluminando o futuro, para o qual toda a vida e existência tendem.

Ao vidente israelita não era revelado apenas o destino dos indivíduos, mas também o das nações inteiras, até da própria humanidade, que é guiada, por assim dizer, de forma mágica para o seu desenvolvimento e o grande fim da reconciliação com Deus, que na Antiga Aliança se realiza de modo quase instintivamente sonambúlico. Considerando antes de mais a história da Antiga Aliança, vemos este povo notável erguendo-se só, como uma coluna de luz na obscuridade da noite pagã.

Se encontramos nos homens mais nobres de outras nações, que aspiravam à perfeição, incerteza e dúvida, nos homens de Deus vemos a marca da verdade confiante, representando os poderes superiores por palavras e feitos vivos, por provas que separam a vida e a morte, a verdade e a falsidade; e onde os vestígios de outros povos mostram apenas teorias ou adaptações, encontramos aqui uma cadeia contínua de factos e ações — uma assistência viva e divina. Os escritos sagrados falam de tudo isto com uma coerência, dignidade e perfeição que nenhuma outra história nacional, entretecida de fábulas, pode mostrar.

A Bíblia contém a luz que brilha através de todas as nuvens da vida; é o fundamento de todas as ações humanas, a estrela-guia que conduz do terreno ao eterno, do material ao divino, o meio e o fim do conhecimento. É a primeira das três grandes luzes que guiam e regem a nossa fé. A Bíblia tem também, para o nosso tema, mais peso do que todos os outros registos; e por isso citarei algumas passagens que se referem aos princípios e à prática do magnetismo, especialmente no que toca à cura dos enfermos segundo os preceitos bíblicos. Podem ser mencionados primeiro os que dizem respeito aos sonhos.

### A. A Antiga Aliança

Os sonhos mencionados nas Sagradas Escrituras são extremamente numerosos e notáveis; pois as vozes com que Deus falava aos escolhidos e profetas eram geralmente ouvidas durante o sono:

assim, como mostra Moisés, as visões dos primeiros homens aconteciam durante o sono.

- Números 12:6: «E disse: Ouvi agora as minhas palavras. Se houver entre vós profeta, Eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer, em sonho falarei com ele.»
- Jó 33:15: «Em sonho, em visão noturna, quando cai sono profundo sobre os homens, em adormecimentos sobre a cama.»
- 1 Reis 3:5: «Em Gibeão apareceu o Senhor a Salomão, de noite, em sonhos; e disse Deus: Pede o que queres que Eu te dê.»
- Génesis 20:3,6: «Veio, porém, Deus a Abimeleque em sonhos, de noite, e disse-lhe: Eis que morto estás, por causa da mulher que tomaste, porque casada é. [...] E disse-lhe Deus em sonhos: Bem sei que com sinceridade do teu coração fizeste isto; e também Eu te impedi de pecar contra mim; por isso não te permiti que a tocasses.»
- Génesis 31:24: «Veio, porém, Deus a Labão, o arameu, em sonhos, de noite, e disse-lhe: Guarda-te de falares a Jacob nem bem nem mal.»

O sonho de José acerca dos seus irmãos é particularmente notável. Génesis 37:5-10: «E sonhou José um sonho, que contou a seus irmãos; por isso o odiaram ainda mais. E disse-lhes: Ouvi, peço-vos, este sonho que sonhei. Eis que estávamos nós atando molhos no campo, e eis que o meu molho se levantava e também ficava em pé; e eis que os vossos molhos o rodeavam e se inclinavam ao meu molho. Então lhe disseram seus irmãos:

Porventura reinarás tu sobre nós? Ou sobre nós dominarás realmente? E com isso tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e das suas palavras. E teve José outro sonho, e contou-o a seus irmãos, e disse: Eis que ainda sonhei um sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam perante mim. E contou-o a seu pai e a seus irmãos; e repreendeu-o seu pai, e disse-lhe: Que sonho é este que sonhaste? Porventura viremos eu, e tua mãe, e teus irmãos a inclinar-nos por terra diante de ti?»

A história provou que José, depois de ter sido vendido por seus irmãos a mercadores egípcios, veio a ser, mais tarde, seu senhor na corte do Faraó. O poder de José em interpretar sonhos é mostrado

pela explicação que deu aos sonhos do copeiro e do padeiro do rei, bem como aos sonhos do Faraó das sete vacas gordas e magras, e das sete espigas cheias e mirradas.

No Novo Testamento também não faltam exemplos de sonhos em que Deus falava aos fiéis. Assim, um anjo anunciou a José, em sonhos, que Maria concebera e daria à luz o Salvador do mundo; e depois que deveria fugir para o Egito com o menino, para escapar aos desígnios homicidas de Herodes. Deus ordenou também aos três magos que regressassem por outro caminho de Belém e não voltassem a Herodes (Mateus 2:12). Visões apareceram frequentemente aos Apóstolos durante a noite: por exemplo, a Paulo, que devia ir à Macedónia; e em Atos 18:9 encontramos: «Então falou o Senhor a Paulo numa visão: Não temas, mas fala, e não te cales.» Há muitas passagens semelhantes — Atos 23:11; 27:23, etc.

Comecemos com o relato mosaico da criação. «No princípio criou Deus os céus e a terra.» Nisto está contido o princípio original. Deus é um ser incriado; o céu e a terra foram criados em primeiro lugar; o contraste é criado por Deus. Como segunda criação, Moisés fala da luz e das trevas: «E disse Deus: haja luz; e houve luz.» Também aqui a luz é apresentada como criada, mas tendo o seu oposto nas trevas. A antiga crença egípcia considerava a noite como o início de todas as coisas, e as palavras usadas por Moisés exprimem uma ideia semelhante:

«E as trevas estavam sobre a face do abismo.» Mas se a crença egípcia deve ser considerada de origem muito antiga, o erro terá nascido do facto de imaginarem a noite como existente antes do dia, tal como os persas consideravam a luz como criada por Deus antes das trevas. A luz foi criada juntamente com as trevas, como seu contraste natural, como Moisés claramente diz: «E Deus separou a luz das trevas; e Deus chamou à luz dia, e às trevas noite.» A Bíblia mostra outro contraste na formação do mundo, a saber, na água e no espírito. A água como matéria, como germe da organização, e o espírito, o *elohim*, o princípio fecundador:

«E o Espírito de Deus movia-se sobre a face das águas.» Perspetivas unilaterais sobre este ponto levaram os primeiros filósofos a muitos erros e falsas explicações. Assim, Tales imaginou que tudo procedia da água, e não viu a atividade espiritual — o que desde então todos os defensores do materialismo também têm feito. A outra perspetiva é considerar que tudo é espiritual, e que a matéria não passa de um

peso morto: esta foi a posição de todos os espiritualistas e defensores do mundo dos espíritos desde a mais remota antiguidade. Moisés, portanto, mostra que está muito acima de todos os discípulos do saber dos templos egípcios, ou dos modernos teorizadores, pois, iluminado pela luz divina, não contempla o assunto de forma distorcida, mas apresenta-o na sua verdadeira forma e valor; coloca o espírito ao lado da matéria.

Além disso, Moisés descreve de modo excelente a criação, tal como a separação entre a água e a terra firme teve lugar; o crescimento gradual das ervas e plantas que se propagam na terra, das árvores frutíferas que produzem a sua própria semente; das criaturas viventes que habitam as águas, das aves sob os céus e dos animais da terra, cada um segundo a sua espécie. Como Deus criou o homem: «Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre a terra e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.»

O Éden mosaico é a habitação do homem original, puramente criado, ao alcance do qual crescia a árvore do conhecimento do bem e do mal. O símbolo da serpente mostra a natureza da queda do homem. Já falei da pureza original e da sabedoria natural do homem, ao tratar da sua vida em Deus. Aqui é o lugar de fazer algumas observações segundo os princípios bíblicos. Para esse fim, será útil uma obra mística e interessante, da qual retiro o seguinte.

Intitula-se *MATIKON; oder das geheime System einer Gesellschaft unbekannter Philosophen*, impressa em Frankfurt em 1784: é um livro raro, e as suas teorias têm muita semelhança com as doutrinas bramânicas.

«Por esta origem divina, como reflexo imediato de Deus, Adão não era apenas o grau mais elevado da criação, tendo precedência sobre todos os outros pela marca do poder divino — pois o seu ser não provinha de mãe alguma — mas era um Adão celeste, criado pelo próprio Deus, e não originado na carne; e pela sua natureza desfrutava de todos os atributos de um espírito puro, envolto num invólucro impenetrável. Não era este o corpo atual dos sentidos, que é apenas prova da sua degenerescência, uma casca grosseira sob a qual se protege dos ataques dos elementos; a sua veste era sagrada, simples, indestrutível e de natureza imperecível.

Neste estado de perfeita glória, em que gozava da mais completa felicidade, estava destinado a revelar o poder do Todo-Poderoso e a

reinar sobre o visível e o invisível. Na posse de todos os direitos naturais e insígnias de um rei, podia usar todos os meios para cumprir este seu elevado destino. Como combatente pela unidade, estava seguro contra todos os ataques externos pela sua natureza interior e exterior; pois a sua cobertura, cujo germe ainda existe em nós, tornava-o invulnerável.

Uma das vantagens do homem original era que nenhum veneno da natureza nem a força dos elementos o podiam afetar. Na regeneração do homem, Cristo prometeu aos Apóstolos, e a todos os que o seguissem, esta invulnerabilidade. Ele também empunhava uma lança ígnea, de dois gumes, penetrante — uma palavra viva, que unia em si todos os poderes, e por meio da qual podia realizar todas as coisas.»

Esta lança é mencionada por Moisés em Génesis 3:24: «Assim expulsou o homem; e pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e a espada inflamada que se revolvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.» Por esta espada entende-se a palavra viva, que o homem possuía originalmente e que só recuperará na sua regeneração e regresso da rude sensualidade exterior. É a palavra de que se diz em Hebreus 4:12: «Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas.»

O *Honoyer* (ou palavra de poder) de Zaratustra é notável pela semelhança com esta, pela qual Ormuzd vence Ahriman e todo o mal. Continuando a citação: «Neste estado de dignidade e poder régio, o homem poderia, como imagem viva de seu Pai, cujo representante era, ter gozado da mais pura felicidade, se tivesse permanecido no Éden. Em vez de dominar os sentidos e aspirar ao espírito para o qual fora destinado, deixou-se tomar pela ideia funesta de confundir os pontos cardeais da luz e da verdade (isto é, perdeu a luz da verdade nas trevas).

Perdendo de vista os limites daquele reino sobre o qual devia governar, confinou-se a uma parte (os sentidos, cuja multiplicidade de luz o ofuscou, de tal modo que esqueceu tudo o mais), e, iludindo-se de que poderia encontrar a luz de outra forma que não na sua nascente original, fixou os olhos cobiçosos num ser falso; enamorou-se dos sentidos e tornou-se ele próprio sensual. Por esta queda afundou-se em trevas e confusão; consequência disso foi ser transferido da luz do sol para uma noite de muitas pequenas estrelas

cintilantes, e sentiu uma nudez da qual se envergonhou. Este abuso do conhecimento da ligação entre os mundos do espírito e da matéria, segundo o qual o homem quis tornar espiritual a matéria e material o espírito, é um adultério, do qual o que desde então se praticou com a mulher é apenas sombra e consequência.

Pelo pecado o homem perdeu não só a sua habitação original, sendo obrigado a seguir o caminho de toda a carne, mas perdeu também aquela lança ígnea, e com ela tudo quanto antes o tornava invencível e clarividente. A sua veste sagrada tornou-se agora uma cobertura material, e este corpo mortal e perecível já não o defendia contra os elementos. O espírito também partilhou da confusão da parte mais fraca do corpo, e ouviram-se sons desarmónicos nos reinos sombrios do mundo espiritual.

«Embora o homem tenha caído profundamente pelo pecado, uma esperança de restauração foi-lhe deixada sob a condição de uma reconciliação perfeita. Sem esta reconciliação afunda-se cada vez mais, e o regresso torna-se mais difícil e perigoso. Nesta reconciliação, porém, ele deve inspirar-se a si próprio e evitar a atração sedutora dos sentidos, procurando obter a influência benéfica de um poder superior através da oração, sem a qual não pode respirar um sopro de vida mais pura.

Para alcançar esta reconciliação, o homem deve gradualmente vencer e afastar de si tudo o que obscurece a sua verdadeira natureza interior e o impede de regressar ao seu estado original; pois o homem nem pode nem quer estar em paz consigo mesmo e com a natureza até ter superado tudo o que é inimigo da sua própria essência e tiver vencido os seus adversários. Isto só pode acontecer quando tiver percorrido novamente o caminho em que se desviou do seu estado original.

Deve, pois, libertar-se gradualmente da influência dos sentidos por uma vida heroica, e, como um viajante que tem muitas montanhas a atravessar, subir sempre mais alto, até atingir aquele objetivo que se perde nas nuvens. Vencendo um obstáculo temporal após outro, deve dissipar as nuvens entre si e o verdadeiro sol, de modo que, por fim, os raios da luz o alcancem sem impedimento.»

O que se segue é puramente bíblico, sem semelhança com os ensinamentos bramânicos:

«Deus, contudo, deu-nos auxílio e assistência para alcançar esta reconciliação. Foram agentes inspirados que Deus sempre despertou

para reconduzir o homem dos seus erros. Mas o homem só alcançou reconciliação perfeita através do Salvador do mundo, que de uma vez por todas aperfeiçoou e representou aquilo que esses agentes apenas tinham cumprido parcialmente e de forma individual. Por meio dele, as forças do homem são primeiro despertadas e elevadas; por ele, aproxima-se da única verdadeira luz, o conhecimento de todas as coisas, e em especial de si mesmo.

Se o homem se esforçar por usar esta ajuda oferecida, certamente alcançará o seu fim, e torna-se tão seguro disso que nenhuma dúvida o poderá afastar do seu destino. Se elevar a sua mente a tal grau de pureza que se una com a natureza divina, pode espiritualizar o seu ser até tal ponto que todo o reino da alma se lhe mostra claramente, de modo que sente a presença de Deus mais próxima do que jamais julgara possível; tudo lhe é possível, porque pode tornar suas todas as forças; e nesta harmonia e unidade com a plenitude da atividade, os instrumentos inspirados de Deus — Moisés, Elias, até o próprio Cristo — lhe são revelados, e estando rodeado de pensamentos já não necessita de livros.

Em suma, o homem pode aqui atingir tal grau de perfeição, que a morte terá apenas de remover a casca grosseira, quando então o seu templo espiritual poderá tornar-se visível, e ele viver e agir para sempre. É quando tiver passado por este vale de trevas que, a cada passo, ganha existência mais intensa, poder mais vigoroso, atmosfera mais pura e horizonte mais vasto; o seu ser espiritual saboreia frutos mais deliciosos; e, ao término da sua vida terrena, nada se interpõe entre ele e a harmonia dessas esferas, das quais os sentidos apenas dão uma pálida ideia: sem distinção de sexos, começará a existência angélica e possuirá todos os poderes de que cá em baixo apenas vira emblemas e símbolos; então entrará nesse templo eterno, fonte de todo o poder, de onde fora banido, e Cristo será então o sumo sacerdote eterno.»

Hebreus 7:17, 24-25. O homem, então, não gozará apenas dos seus próprios dons, mas também participará nos dons de todos os escolhidos que constituem o conselho dos sábios; esse príncipe sagrado será então ainda mais elevado do que foi aqui em baixo. Sem nascer nem pôr do sol, sem alternância de dia e noite, sem línguas incontáveis — todos os seres lerão, ao mesmo tempo, o santo nome do livro eterno, de onde brota vida para todos os seres. Hebreus 12:22-23. Aqui também encontramos uma semelhança com as ideias de Zaratustra, quando fala das companhias celestes, dos

sacrifícios eternos de Ormuzd e dos seus servidores, e da participação de cada servidor de Ormuzd nos sacrifícios e orações dos outros.

Não faço observações sobre o excerto anterior, pela sua clareza e verdade; e pelo facto de me parecer adequado a este trabalho, mostrando que só homens puros e verdadeiramente cristãos podem realizar os milagres que Cristo lhes prometeu e ver visões das quais o homem mundano e material nem pode ter ideia. Relativamente às aparições e acontecimentos de carácter magnético, tão abundantemente registados na Bíblia, citarei os mais notáveis.

O primeiro encontra-se em Adão. Moisés diz em Génesis 2:21: «E o Senhor fez cair um sono profundo sobre Adão, e este adormeceu.» Pergunta-se agora: que espécie de sono era este? A resposta é: um sono profundo. Deve, portanto, ter sido um sono de morte (*thanatos*), ou letargia (*kataphora*), ou êxtase (*ekstasis — raptus divinus*); ou seria apenas um sono comum e profundo?

A primeira hipótese parece-me improvável; e, se assim tivesse sido, sabemos que, no maior desprendimento dos laços do corpo, ou pouco antes da morte, muitas vezes se manifesta a mais perfeita clarividência; não há, porém, menção de uma doença grave, mas apenas de um «sono profundo». Se tivesse sido um estado letárgico, essa visão interior seria tanto mais provável. Os setenta e dois intérpretes das Escrituras sagradas consideram este sono como êxtase; e Tertuliano diz diretamente que sobre ele caiu o poder de profecia do Espírito Santo (*Accidit super illum Spiritus Sancti vis operatrix prophetiae*).

Outro facto notável é a construção da Arca de Noé antes do Dilúvio, que ele previu de antemão. Além disso, o chamamento de Abraão para deixar a sua pátria, Ur dos Caldeus, e dirigir-se para Harã, em Canaã. As visões de Abraão foram numerosas; ou serão as palavras do Senhor dirigidas a ele uma expressão simbólica da sua contemplação interior? Através dessas visões ou palavras, como quer que seja, mostrou-se-lhe que seria abençoado e fundador de um grande povo. O Senhor apareceu a Abraão e disse: «Esta terra darei à tua descendência.»

A vida simples de pastor conduz naturalmente a mente ao mais alto grau de contemplação, tanto mais quando se ocupa apenas com Deus e as coisas divinas. Isto vê-se claramente na história da vida pastoral dos israelitas piedosos, não só nos Patriarcas, mas também mais tarde, no tempo dos juízes e dos reis. Isaac e Jacob tiveram visões

semelhantes às de Abraão, das quais a escada que Jacob viu em sonho, no caminho para a Mesopotâmia, é exemplo notável. Lemos em Génesis 28:10: «E saiu Jacob de Berseba e foi em direção a Harã. E chegou a um lugar, onde passou a noite, porque o sol já se tinha posto; tomou uma das pedras do lugar, colocou-a como travesseiro, e deitou-se naquele lugar. E sonhou: eis que havia uma escada posta sobre a terra, cujo topo tocava os céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E eis que o Senhor estava no alto dela e disse: Eu sou o Senhor…

A terra em que estás deitado, dar-te-ei a ti e à tua descendência… e em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra; porque não te deixarei até cumprir o que te disse. Então Jacob despertou do seu sono e disse: Na verdade o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia. E temeu, e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro senão a casa de Deus, e esta é a porta do céu.»

Quão notavelmente se cumpriu o sonho de Jacob! A terra prometida tornou-se possessão dos judeus; e pela sua descendência foram e são abençoadas todas as nações da terra — em Cristo, que é a escada do céu pela qual os anjos sobem e descem. Outro episódio ainda mais notável encontra-se também na história de Jacob: o acordo que fez com Labão para ficar com os cordeiros e cabritos malhados que nascessem. Labão aceitou, e Jacob tornou-se imensamente rico. Vale a pena citar toda a passagem e tirar dela algumas conclusões relativas à teoria magnética. Quando Jacob quis deixar de guardar os rebanhos de Labão e partir com as suas mulheres e filhos, Labão disse-lhe (Génesis 30:27-43)…

[Seguem-se as palavras citadas na tua transcrição, sobre as varas descascadas e o aumento do rebanho.]

Vemos aqui que até as ovelhas e cabras podiam ser influenciadas pelas varas que Jacob colocava diante delas na água que bebiam. O facto de as mães influenciarem os filhos pelo que veem tem sido contestado, embora a sua verdade tenha sido demonstrada em todas as épocas, estando tão profundamente enraizado na natureza da existência mútua como o de os filhos herdarem as particularidades físicas e mentais dos pais. Que as ovelhas de Jacob tenham sido influenciadas pelas varas descascadas, colocadas com tanta arte na água, tem um significado profundo. Jacob ou o fez por experiência,

ou algum sonho ou visão lho ensinou. E, de facto, em Génesis 31:10 lemos: «E aconteceu que, no tempo em que o gado concebia, levantei os meus olhos e vi em sonhos, e eis que os machos que cobriam o gado eram listados, malhados e salpicados.» Assim, com a água em que, por assim dizer, se refletiam a si mesmas e às varas, bebiam também a imagem que imprimia uma nova forma nas crias, satisfazendo tanto a imaginação como o corpo.

Com Moisés, o grande homem de Deus, encontramos fenómenos não menos notáveis. As visões de Moisés foram sobretudo sonhos — alguns êxtases; além disso, foi iniciado nos segredos dos egípcios, que superou em poder miraculoso; e pela sua extraordinária piedade e sabedoria foi escolhido para libertar o seu povo da escravidão do faraó.

As suas visões foram muitas; até a orientação completa do seu povo e a legislação derivaram da profundidade do seu espírito. Se considerarmos isto fruto da contemplação interior, ou consequência de uma ordem direta pela voz de Deus — já que, segundo a Escritura, o Todo-Poderoso falou diretamente a Moisés —, no primeiro caso é uma contemplação puramente mágica; no segundo, se a isto nos inclinarmos, encontraremos confirmação na ideia de que uma mente piedosa está aberta à influência divina e pode realizar ações milagrosas.

Moisés recebeu a sua primeira visão no monte Horeb, quando ainda apascentava os rebanhos de Jetro, seu sogro. Êxodo 3:2: «E o anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo do meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, mas não se consumia. E disse o Senhor: Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que estás é terra santa.»

Moisés, o vidente profético, conhecedor da miséria dos seus irmãos e cheio de entusiasmo religioso, com imaginação ardente, encontrava-se numa posição, junto do seu sogro Jetro, em Midiã, que lhe permitia, como pastor no deserto, ter tempo e oportunidade para mergulhar a mente na contemplação religiosa, até ouvir a voz de Deus e ver os meios e caminhos de se tornar o guia e pastor do seu povo.

O seu coração mais íntimo abriu-se à voz e à influência de Deus, que lhe apareceu como luz na sarça ardente que não se consumia, e com quem falou, cobrindo o rosto. Vemos em Moisés o combate psicológico interior entre medo e esperança, entre hesitação e

confiança; entre resignação, veneração e obediência; entre confiança e, por fim, entusiasmo, que vence todos os obstáculos terrenos; foi dotado de poderes sobre-humanos para comandar os elementos e dar testemunho, por meio de milagres, do poder e glória de Deus. Moisés passou muito tempo em tais êxtases durante a sua jornada no deserto e o seu retiro entre os montes, sendo considerado pelo povo como mais do que humano.

As visões de Moisés referiam-se tanto ao presente como ao futuro, bem como aos acontecimentos que o rodeavam diretamente. Ele não apenas proclamou as suas leis no monte, mas também contemplou de lá o sacrifício feito ao Bezerro de Ouro; percebeu que só poderia preservar Israel de recair na idolatria, e prepará-lo para um culto mais puro, através de um longo isolamento no deserto, afastado da influência das nações pagãs vizinhas, e por meio de uma legislação rigorosa em Canaã.

Destas indicações podemos destacar as visões de Moisés, o seu poder de transmitir a outros a luz da profecia, como num *rapport* magnético; os diversos tipos de sacrifício; a bênção com água, óleo e sangue, e a imposição das mãos; bem como os seus notáveis mandamentos contra a participação em feitiçaria, falsas profecias, exorcismos e a consulta dos mortos.

Entre os procedimentos semelhantes ao magnetismo, os mais notáveis são a vara com a qual Moisés realizou milagres diante do faraó, e o estender das mãos perante o qual o mar se abriu. Êxodo 14:16: «Mas tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e divide-o; e os filhos de Israel passarão pelo meio do mar em seco.» Esse gesto de estender as mãos, e os milagres que daí resultavam, não são destituídos de profundo significado. Com essa mesma vara, ele feriu a rocha em Refidim e fez jorrar água para saciar o povo sedento e murmurador.

Êxodo 17:5-6: «E o Senhor disse a Moisés: passa adiante do povo, e toma contigo alguns dos anciãos de Israel; leva também na tua mão a vara com que feriste o rio, e vai. Eis que eu estarei diante de ti ali sobre a rocha, em Horebe; tu ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá.» E quando Amalec veio combater Israel, Moisés disse a Josué (Êxodo 17:9,11): «Escolhe-nos homens, e sai, peleja contra Amalec; amanhã eu estarei no cimo do outeiro, com a vara de Deus na minha mão. E acontecia que, quando Moisés levantava a sua mão,

Israel prevalecia; e, quando deixava cair a sua mão, prevalecia Amalec.»

O dom da profecia parece ter sido comunicado aos piedosos anciãos de Israel através do contacto com Moisés; pois lemos em Números 11:23-29: «E disse o Senhor a Moisés: Ter-se-ia encurtado a mão do Senhor? Agora verás se a minha palavra se há de cumprir contigo, ou não. Saiu, pois, Moisés, e falou ao povo as palavras do Senhor, e reuniu setenta homens dos anciãos do povo, e pô-los ao redor da tenda. Então o Senhor desceu na nuvem, e lhe falou; e, tirando do espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que, quando o espírito repousou sobre eles, profetizaram, mas depois nunca mais.

Porém ficaram dois homens no arraial; o nome de um era Eldade, e o nome do outro, Medade; e repousou sobre eles o espírito, e estavam entre os inscritos, ainda que não tinham saído à tenda; e profetizaram no arraial. E correu um moço, e o anunciou a Moisés, e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial. Então Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus jovens, respondeu e disse: Moisés, meu senhor, proíbe-lho. Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor pusesse sobre eles o seu espírito!»

Os diversos estados de visão interior estão claramente definidos nos escritos de Moisés. Quando Miriam e Aarão falaram contra Moisés, por causa da mulher etíope que este tomara, disseram (Números 12:2-8): «Porventura falou o Senhor somente por Moisés? Não falou também por nós? E o Senhor desceu na coluna de nuvem, e pôs-se à porta da tenda, e chamou Aarão e Miriam; e eles saíram ambos. Então disse: Ouvi agora as minhas palavras: se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, a ele me manifestarei em visão, em sonhos falarei com ele.

Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente, e não por enigmas; e ele vê a forma do Senhor.» Assim, entre os israelitas, como entre todas as outras nações, e de modo especial nos fenómenos magnéticos, havia visões em sonhos ou por meio de palavras obscuras e símbolos, tal como acontece sobretudo nos graus inferiores do sonambulismo; mas no estado supremo de visão, nas mentes mais puras, como a de Moisés, trata-se de contemplação direta da verdade.

Na comunicação oral do Senhor com Moisés e na visão da sua forma, como expressões bíblicas, não devemos tomar a letra mas o sentido das Escrituras. Pois o Senhor fala na revelação como pela luz, e não com boca; nem é visível a olhos corpóreos. Assim diz o Senhor noutro lugar: «O homem não me poderá ver e viver.» Esta linguagem é expressão ou impressão das palavras divinas e reflexo da luz eterna; é a comunicação espiritual e revelação da divindade à humanidade, a qual, segundo o grau de iluminação, é diversamente recebida e compreendida pelos homens; como na natureza material a luz produz efeitos diversos conforme incide sobre substâncias próximas ou distantes, densas ou raras, duras ou brandas.

Essa linguagem foi compreendida por profetas e homens inspirados de todas as épocas, os quais, não podendo traduzir de outra forma a luz recebida senão pela linguagem dos lábios, exprimiam, no entanto, algo de mais simples, mais profundo e mais espiritual do que a interpretação podia transmitir. A influência ou palavra de Deus consiste numa irradiação da luz divina pela qual a alma que a recebe é, por assim dizer, eletrificada. Deus, como centro, apenas influencia o centro de todas as coisas — isto é, a alma —, e as manifestações exteriores seguem-se naturalmente.

Não menos notável é o facto de a mordida das serpentes ter sido curada olhando para uma serpente de bronze. Lemos em Números 21:4-9: «Então o povo falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos fizestes subir do Egito, para morrermos neste deserto? Pois aqui não há pão nem água, e a nossa alma tem fastio deste pão vil. Então o Senhor mandou entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo; e morreu muita gente de Israel.

Pelo que o povo veio a Moisés, e disse: Havemos pecado, porquanto temos falado contra o Senhor e contra ti; ora ao Senhor que tire de nós estas serpentes. Então Moisés orou pelo povo. E disse o Senhor a Moisés: Faze uma serpente ardente, e põe-na sobre uma haste; e será que viverá todo o que for mordido e olhar para ela. E Moisés fez uma serpente de bronze, e pô-la sobre uma haste; e sucedia que, mordendo alguma serpente a alguém, quando olhava para a serpente de bronze, vivia.»

As visões e profecias de Balaão, filho de Beor, a quem Balac enviou mensageiros para que amaldiçoasse Israel, são muito notáveis. «Ainda que Balac me desse a sua casa cheia de prata e ouro, não poderia ir além da palavra do Senhor meu Deus, para fazer coisa

pequena ou grande» (Números 22:18). A mais notável das suas predições é a da estrela de Jacob (Números 24:4, 10, 16-17, 19), na qual anuncia a vinda de Cristo: «Caiu sobre ele o Espírito de Deus, e proferiu a sua parábola e disse: Balaão, filho de Beor, disse; disse o homem de olhos abertos; disse aquele que ouviu as palavras de Deus, e soube a ciência do Altíssimo, o que viu a visão do Todo-Poderoso, caindo em êxtase, mas tendo abertos os olhos: Eu o verei, mas não agora; eu o contemplarei, mas não de perto. Uma estrela procederá de Jacob, e um cetro se levantará de Israel… De Jacob sairá o dominador.»

Que não eram apenas os videntes sagrados que tinham visões mostra a história de Balaão. Balac, rei dos moabitas, temendo os israelitas, quis aliar-se aos midianitas. Mas, como nenhum dos aliados desejava combater, quiseram recorrer à magia; e como não tinham adivinho, mandaram chamar Balaão, junto às águas de Pethor, célebre pelas suas artes de adivinho e mágico. Os mensageiros foram a Balaão com o «preço dos encantamentos» nas mãos — donde podemos supor que era costume pagar pelas suas predições — e pediram-lhe que amaldiçoasse aquele povo estranho.

Balaão disse-lhes que ficassem até de manhã; e no dia seguinte anunciou-lhes que Deus não lhe permitira amaldiçoar o povo, nem acompanhá-los, pois esse povo tinha sido enviado por Deus. Balac, julgando que não tinha mandado presentes suficientes, enviou outros ainda mais esplêndidos, para persuadir Balaão a ir com eles e amaldiçoar o povo. Balaão, mistura de fé e hesitação, de amor à verdade e cobiça, de verdadeira profecia e de artes ocultas, respondeu: «Ainda que Balac me desse a sua casa cheia de prata e ouro, não poderia ir além da palavra do Senhor meu Deus, para fazer coisa pequena ou grande.»

E no entanto, depois de ter falado com o Senhor de noite, levantou-se, selou a sua jumenta e partiu para junto do príncipe dos moabitas; e mais tarde deu a estes inimigos de Israel o conselho de como poderiam levá-los à idolatria. Segue-se então a história do Balaão completamente sonâmbulo. Propenso a visões interiores, encontrava-se dividido em si mesmo, querendo servir a Deus e a Mamom.

A sua consciência o atormentava. «E a ira de Deus acendeu-se porque ele ia; e o anjo do Senhor pôs-se no caminho por adversário contra ele.» A jumenta, vendo o anjo com a espada desembainhada no caminho, desviou-se para o campo; depois, comprimindo o pé de

Balaão contra o muro, ele a espancou; e não havendo mais como desviar-se, a jumenta caiu, e Balaão, enfurecido, tornou a espancá-la pela terceira vez. Por fim, a jumenta falou, repreendendo-o; e ele, recobrando-se em parte, viu o anjo. Mas a sua consciência atormentava-o; confessou o seu pecado e quis voltar; o anjo, porém, permitiu-lhe prosseguir, com a condição de não falar senão o que o Senhor pusesse na sua boca.

E a isto permaneceu fiel, apesar de todas as promessas e insistências de Balac, de modo que «não foi, como das outras vezes, em busca de encantamentos, mas virou o rosto para o deserto» e, segundo a inspiração recebida, abençoou o povo de Israel em vez de o amaldiçoar, profetizando o seu crescimento e anunciando a estrela de Jacob.

Este falso profeta não possuía verdadeira inspiração, mas era e agia como um dos nossos videntes magnéticos. Pois retirava-se sempre para o lado, em silêncio, quando queria profetizar, a fim de concentrar os pensamentos interiormente sem distrações externas — coisa que os verdadeiros profetas não faziam.

1. O olho interior estava aberto, enquanto os sentidos exteriores estavam fechados — «o homem de olhos abertos»; pois é evidente que o anjo com a espada era uma visão, e a jumenta que falava nada de extraordinário lhe pareceu, o que certamente não poderia acontecer em estado de vigília comum. Segundo o árabe, Balaão significa «o homem de olhos fechados», o que levou Tholuck a comparar as visões de Balaão com o êxtase magnético.
2. Balaão era tão pouco capaz de distinguir as suas visões subjetivas da realidade objetiva, que o facto da jumenta falar não o surpreendeu; e quando recuperou, viu o anjo diante dela e inclinou o rosto diante dele.
3. Usava certos meios de produzir o êxtase que os verdadeiros profetas não usavam; isolava-se, e devia estar bem ciente da influência dos lugares, pois era levado a diferentes sítios para produzir visões que agradassem a Balac.
4. Deve até ter recorrido a «meios mágicos» habituais, pois está escrito que «quando Balaão viu que parecia bem ao Senhor abençoar Israel, não foi, como das outras vezes, em busca de encantamentos, mas voltou o rosto para o deserto».

5. Por fim, os êxtases de Balaão eram incertos e variados, como os do magnetismo; as suas ideias e expressões muitas vezes simbólicas, como por exemplo: «Encurvou-se, deitou-se como leão, e como leoa.» O falso profeta regressou depois a casa, e aparece mais tarde no campo dos midianitas, onde acabou por cair às mãos das tropas israelitas enviadas por Moisés contra eles.

Durante o tempo dos Juízes e dos Reis, sonhos e visões proféticas eram sinónimos.

Em Números 27:18-21, lemos que, quando Moisés pediu a Deus um sucessor digno, «O Senhor disse a Moisés: Toma para ti Josué, filho de Num, homem em quem há o espírito, e põe a tua mão sobre ele; e apresenta-o diante de Eleazar, o sacerdote, e diante de toda a congregação; e Eleazar pedirá conselho por ele.»

Já citei várias passagens da Escritura em que sonhos e visões proféticas eram entendidos como equivalentes; até compreendiam no termo «sonhador» o sentido de profeta — tão conhecidos e importantes eram os seus sonhos. «E quando Saul viu o exército dos filisteus, temeu, e o seu coração estremeceu muito. E consultou Saul ao Senhor, porém o Senhor não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por visões, nem por profetas» (1 Samuel 28:5-6).

«Se no meio de ti se levantar profeta ou sonhador de sonhos, e te der um sinal ou prodígio, e disser: Vamos após outros deuses, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador de sonhos; porque o Senhor vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração e com toda a vossa alma» (Deuteronómio 13:1-3). Daqui se conclui que também havia sonhos proféticos em pessoas que não eram profetas, nem puras de coração.

Seria demasiado longo enumerar todas as visões e atos dos profetas. Mas alguns não podem deixar de ser citados. Em 1 Samuel 16 encontramos a história de Saul, que, depois de o espírito do Senhor se ter retirado dele, caiu em melancolia e tormento, sendo apenas aliviado pela música. «O espírito do Senhor retirou-se de Saul, e um espírito mau da parte do Senhor o atormentava.

Então os servos de Saul disseram: Eis que um espírito mau de Deus te atormenta; mande, pois, o nosso senhor que busquem um homem que saiba tocar harpa; e quando o espírito mau de Deus vier sobre ti, ele tocará com a sua mão, e te sentirás melhor.» Foi então chamado David, filho de Jessé, que tocava harpa, e «quando o espírito mau da

parte de Deus vinha sobre Saul, David tomava a harpa e tocava com a sua mão; então Saul sentia alívio, e melhorava, e o espírito mau se retirava dele.»

Mais tarde, quando Saul viu o exército dos filisteus, o seu coração desfalecia, e recorreu ao Senhor, mas este não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por iluminação, nem por profetas. Saul, buscando sinais e prodígios, foi perguntar a Samuel pela sua jumenta perdida; procurou a feiticeira de Endor e confiou em sonhos enganadores. Samuel disse-lhe: «Por que me consultas, se o Senhor se retirou de ti? Além disso, o Senhor entregará Israel contigo nas mãos dos filisteus.»

Nos livros de Samuel, que ainda menino tinha visões extáticas, encontramos várias visões proféticas. As de Samuel e as de David são particularmente notáveis. E o próprio Saul também profetizou, até que o espírito do Senhor se afastou dele. A história de David, que já velho não se aquecia, mesmo coberto de roupas, e precisou que uma virgem dormisse nos braços do rei para lhe transmitir calor (1 Reis 1:1), já foi mencionada.

Entre os profetas da antiga aliança, nenhum se elevou mais do que Elias, cujo nome exprime a ideia de todas as ordens de seres superiores. Além dos seus ensinamentos vitais, encontramos uma história de grande peso no que toca ao tratamento magnético, e que, como exemplo notável de recordação à vida de alguém tido por morto, merece ser citada literalmente: «Depois destas coisas, o filho da mulher, dona da casa, adoeceu; e a sua doença foi tão grave que nele não ficou fôlego algum.

Então ela disse a Elias: Que tenho eu contigo, homem de Deus? Vieste a mim para me lembrares do meu pecado e matares o meu filho? E ele lhe disse: Dá-me o teu filho. E tomou-o do seu regaço, e levou-o para o quarto de cima, onde ele habitava, e deitou-o em sua cama. E clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor meu Deus, até à viúva com quem eu me hospedo afligiste, matando-lhe o filho? E estendeu-se sobre o menino três vezes, e clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor meu Deus, rogo-te que a alma deste menino torne a entrar nele. E o Senhor ouviu a voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu. E Elias tomou o menino, trouxe-o do quarto à casa, e o entregou à sua mãe, e disse: Vê, teu filho vive» (1 Reis 17:17-24).

Do mesmo género, mas ainda mais notável, é o relato da ressurreição do filho da sunamita pelo profeta Eliseu (2 Reis 4:18-

37). Depois de a criança adoecer e morrer, foi levada ao quarto do homem de Deus. O servo de Eliseu, por ordem dele, colocou o bordão sobre o rosto do menino, mas este não reviveu. Então Eliseu entrou, fechou-se com o morto, orou, e «subiu, e deitou-se sobre o menino, e pôs a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele, e as suas mãos sobre as mãos dele; e assim se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Então voltou, andou pela casa de um lado para o outro, tornou a subir e se estendeu sobre ele; e o menino espirrou sete vezes, e abriu os olhos.»

O que podemos aprender com isto? Antes de tudo, que era preciso um homem de Deus como Eliseu. Em segundo lugar, que ele conhecia a transmissão do poder através de condutores, senão não teria enviado o servo com o seu bordão. Terceiro, a ordem de não saudar ninguém pelo caminho mostra a necessidade de manter a atenção totalmente fixa na obra a realizar — prova de como o médico magnético deve estar livre de distrações para se ocupar unicamente do paciente. Quarto, a manipulação aqui é insuperável. Quinto, prova-se que a paciência e a perseverança são indispensáveis no tratamento magnético; nenhuma árvore é derrubada com um só golpe: Eliseu precisou de insistir até a criança dar sinais de vida.

Aprendemos ainda com Eliseu (e com Saul) que as condições mais claras dos sentidos interiores podem ser despertadas pela música. Pois quando Eliseu foi chamado a profetizar contra Moabe, disse: «Trazei-me um tangedor.» E sucedeu que, tocando o tangedor, «veio sobre ele a mão do Senhor.» Que também conheciam o efeito curativo da imposição das mãos mostra-o a passagem de 2 Reis 5:11, quando o capitão sírio disse: «Eis que eu pensava: certamente ele sairá, pôr-se-á em pé, invocará o nome do Senhor seu Deus, passará a mão sobre o lugar e restaurará o leproso.»

E lemos ainda que os ossos dos santos faziam milagres após a morte. O mesmo sucedeu com Eliseu, pois em 2 Reis 13:20-21 lemos: «Morreu Eliseu, e o sepultaram. E as tropas dos moabitas invadiram a terra, entrando no ano. E sucedeu que, enquanto sepultavam um homem, eis que viram uma tropa; então lançaram o homem no sepulcro de Eliseu; e, caindo o homem e tocando os ossos de Eliseu, reviveu, e se levantou sobre os seus pés.»

Se, contudo, se supuser que, nas eras mais remotas, os homens eram apenas capazes de profecia e contemplação interior, podemos citar exemplos bíblicos de mulheres: a feiticeira de Endor, a quem

Saul foi pessoalmente consultar, a profetisa Hulda, Débora, a mulher de Lapidote, etc.

Voltemos agora à história do povo de Israel e das nações orientais primitivas, e comparemos a magia entre elas e a das épocas posteriores. Encontramos muitas e marcantes diferenças. Em primeiro lugar, como já observei, os israelitas distinguiam-se de todas as nações pagãs vizinhas, e a magia entre eles assumia uma forma peculiar. Pois, embora os judeus tivessem passado tanto tempo no Egito, trouxeram consigo muito pouco da sua magia — isto é, das artes teúrgicas reais, aperfeiçoadas por forças naturais e invenções humanas. Os êxtases mágicos e os milagres eram antes inspirações do poder divino; e a influência da magia negra, que produz efeitos sobrenaturais por meios naturais, era proibida sob penas severíssimas.

No paganismo, pelo contrário, a situação era inversa, pois ali o verdadeiro conhecimento da natureza divina faltava inteiramente, ou estava distorcido por tradições, ou obscurecido por mistérios. Assim, por exemplo, no Egito, Ather, a noite escura, era adorada em silêncio como o ser desconhecido, enquanto os judeus saudavam a luz da unidade de Deus com hinos. O poder dos princípios naturais dominava em todo o paganismo, arrastando o espírito para a terra. A verdadeira influência mágica divina estava oculta aos povos errantes por um véu, através do qual apenas alguns raios dispersos penetravam.

A luz brilhava nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. «O paganismo só podia receber alguns poucos raios, por assim dizer obliquamente», diz Hamberger, «enquanto o povo escolhido de Deus, descendente de Sem, gozava não de uma revelação periférica, mas central de Deus. Eram um povo dedicado ao Senhor. Ele escolhera-os como seu povo de entre todas as nações da terra.»

Israel estava destinado, não tanto a apreender a glória exterior de Deus, mas a compreender a sua natureza interior; a ser conduzido cada vez mais profundamente à santidade do Ser divino. Isto, porém, não podia ser alcançado de uma só vez; e se não era apenas Israel que havia de ser abençoado, mas todas as nações da terra através dele, isto só poderia realizar-se gradualmente e no decurso do tempo. «O anseio, ou o amor», diz Schlegel, «é o começo e a raiz de todo o conhecimento superior e da sabedoria divina. A paciência na busca, na fé e na luta da vida, é o meio do caminho; mas só a

esperança, no fim, permanece para o homem. A época necessária de preparação, de progressão gradual, não pode ser ultrapassada nem posta de lado nesta nobre luta do homem.

Enquanto isto não for suficientemente observado, o carácter e até a própria história da nação hebraica não podem ser compreendidos. Todo o ser deste povo estava edificado sobre a esperança, e o ponto mais alto da sua vida interior encontrava-se num futuro longínquo. Nisto também consiste a diferença principal entre o registo sagrado dos hebreus e os das outras nações asiáticas antigas. Nos registos mais antigos das outras nações, nas partes realmente históricas, o olhar dirige-se sempre ao passado glorioso, com uma melancolia pelo que o mundo e o homem perderam.

De toda a abundância dessas recordações comoventes e dos mais antigos relatos, Moisés, na sua revelação ao povo israelita, fez apenas menção parcimoniosa, escolhendo sabiamente só o que era indispensável e necessário para o seu povo e para os desígnios divinos a seu respeito. Como estes escritos, desde os do primeiro legislador, que elevou a sua nação do culto da natureza do Egito, até aos do rei profeta e salmista, e às últimas palavras de admoestação no deserto, são, pelo conteúdo e pelo sentido interior, escritos proféticos, a nação pode ser chamada, no mais alto sentido, uma nação profética, e é aceite como tal historicamente, tendo sido e tornando-se assim no seu ser e nos seus estranhos destinos.»

«A condução da nação judaica», diz Molitor, «dá a prova mais clara da verdade do seu Deus e da sua religião. Em todas as outras nações havia certamente oráculos; consultavam-nos em todos os pontos importantes, e nenhuma ação da vida era empreendida sem o conselho dos deuses. Em nenhuma religião pagã encontramos uma verdadeira e positiva condução divina; o homem fica entregue apenas às suas próprias forças. É muito diferente com o povo israelita, que em si mesmo nada era, mas cujo ser e direção eram evidentemente obra da Divindade.

Onde há um povo que possua tal legislação ética? Onde encontramos uma nação em que a humildade, a obediência e a mais infantil resignação a Deus sejam feitas a primeira obrigação da vida; em que as punições sejam tidas como prova de amor, e o homem seja conduzido ao seu destino por meio da humildade e do sofrimento? Certamente encontramos no paganismo provas, mas são apenas provas de valentia na superação das tentações do mal. Em parte

alguma encontramos uma palavra de louvor à humildade e à abnegação. Moisés, por exemplo, é chamado o mais humilde dos homens: será este elogio alguma vez atribuído aos heróis pagãos?» (Cabala, Parte III, p. 116).

É evidente uma diferença material entre os videntes israelitas e os pagãos. Ainda que as manifestações mágicas procedam universalmente de capacidades naturais, aqui como noutros lugares; ainda que a imaginação e a simpatia, e as influências naturais exteriores, produzissem efeitos semelhantes; e ainda que os israelitas tenham aprendido muito dos mistérios egípcios — como, por exemplo, as escolas proféticas, as danças e os cânticos inspiradores — encontraremos, quanto a motivos e efeitos, uma diferença tão grande que merece ser aqui assinalada.

Tendo já dado os sinais particulares dos verdadeiros profetas, os sinais dos falsos profetas são os seguintes:

1. O mago, o brâmane indiano, o sacerdote misterioso, produz o êxtase pela sua própria vontade e por meios escolhidos por si, alcançando ao mesmo tempo a sua suposta união com Deus; Moisés e os verdadeiros profetas israelitas recebiam o chamamento para servir a Deus inesperadamente.

2. O mago eleva-se, pelas suas próprias forças, a um estado mais alto do que o mundo em redor; por isso, isola-se intencionalmente, e este isolamento torna-se mesmo uma obrigação: daí surgem exclusões e graduações de classe, como as castas indianas e egípcias, que exercem uma influência decisiva em todas as relações do mundo e do espírito. Moisés e os profetas isolam-se mais por temor interior e passivo; de repente, ouvem o chamamento, e seguem-no com humildade, com o rosto coberto pela veste.

   A libertação do povo por Moisés não procedeu da sua própria vontade, e ele não desejava qualquer preeminência; não separa classes, mas separa o povo unido do paganismo cego, e santifica-o ao Senhor; ele próprio é o anúncio da fé no governo universal de Deus, de recompensas e castigos futuros, do amor de Deus, da ordem e da justiça.

3. O desprezo pelo mundo e o orgulho do próprio valor numa vida de contemplação encontram-se nos videntes mágicos. O uso sábio da vida, o serviço obediente a Deus e a recordação constante da natureza pecaminosa do homem levam o

verdadeiro profeta a pedir auxílio divino, iluminação e conhecimento da verdade, e a força para obedecer a uma vontade mais alta do que a sua. Para o brâmane, por exemplo, esta terra é um inferno, uma existência de tormento; para o profeta, é uma escola onde pode alcançar a verdadeira felicidade e paz pelo cumprimento dos seus deveres.

4. Os magos são eles mesmos legisladores; os profetas são discípulos obedientes e humildes, declaradores e intérpretes das revelações de Deus.

5. Lá encontramos meios de produzir êxtase, com desprezo e renúncia do mundo, e castigos corporais antinaturais. Aqui, o mundo é disposto para um uso regulado da vida; o profeta não usa meios para produzir êxtase; pronuncia a palavra recebida de Deus sem preparação, e transmite-a aos irmãos; vive com os seus semelhantes, e não mortifica o corpo.

6. A visão, no êxtase supremo dos magos, é uma espécie de fulgor, no qual o mundo e talvez até a constituição interior da mente lhes podem ser mostrados claramente, como aos nossos clarividentes. Mas os seus lábios permanecem mudos no deleite do êxtase e no brilho ofuscante de uma iluminação: daí nascem as muitas confusões de verdade e falsidade, de impressões da mente e imagens da fantasia em formas fragmentárias e desarmónicas, de espasmos e contorções do corpo e da alma, tal como aparecem fugazes e em massas confusas nos nossos sonâmbulos.

   As suas visões são, como as dos sonâmbulos, nem sempre seguras, e precisam de interpretação, não sendo sempre entendidas no seu verdadeiro sentido. Nos profetas, as visões são iluminações e reflexos de uma suave luz divina sobre o espelho de uma mente pura, que conserva a sua individualidade, e permanece em dependência consciente e ligação com Deus e com o mundo exterior; as suas visões referem-se aos assuntos comuns da vida, religiosos e civis; o profeta fala, e as suas palavras são doutrinas de verdade, claramente expressas para todas as eras da humanidade, inteligíveis a todos. Ele procura e encontra a sua felicidade, não no êxtase, mas na alegria da sua missão, na propagação da palavra de Deus; não na reflexão solitária, mas na comunicação e cooperação ativa com os seus semelhantes; o verdadeiro

profeta não se perde na contemplação interior, nem se esquece de si no mundo, mas permanece em comunhão ativa com Deus e com o próximo, em palavra e ação.

Por fim,

7. Assim como, nas variedades de inspiração, diferem o motivo e o procedimento, também diferem o objeto e o resultado. Os magos indianos lamentam a degeneração progressiva do espírito a partir do seu brilho original, nos diferentes períodos do mundo, na natureza perecível e nos domínios da morte; e deploram a miséria ligada a isso — a discórdia, a confusão e a dispersão da mente, como vemos acontecer entre as várias nações pagãs.

   Pelo contrário, quanto não cresceu a iluminação da mente, por meio dos verdadeiros profetas, em relação à religião e às artes, elevando-se em construção e harmonia por um progresso contínuo! Enxertado no judaísmo, o espírito do cristianismo, difundido pelo Ocidente, estende o seu poder ainda mais: e enquanto no paganismo tudo se afunda na inconsciência e na noite, através de uma comunhão estéril, aqui, pela fé ativa, removem-se montanhas, e semeiam-se sementes em auxílio mútuo, cujos frutos só amadurecerão para nós no outro mundo, para o qual os nossos esforços devem ser dirigidos.

O objetivo da vida é, para o mago, a contemplação interior; o verdadeiro profeta vive na fé, e não em visões.

Historiadores e filósofos dos tempos modernos consideraram os fenómenos extáticos dos profetas israelitas, e especialmente dos Apóstolos, como idênticos à clarividência magnética. Para explicar e considerar mais de perto este assunto, podemos acrescentar o seguinte ao que já foi citado.

Os verdadeiros profetas são especialmente chamados por Deus e influenciados pelo Espírito Santo para anunciar a vontade e o conselho de Deus. São chamados videntes, homens de Deus, servos e mensageiros do Senhor, anjos, guardiães. As marcas distintivas de um verdadeiro profeta do Antigo Testamento eram:

1. Que as suas profecias concordassem com os ensinamentos de Moisés e dos patriarcas (Deut. xiii. 1);

2. Que se cumprissem (Deut. xviii. 21; Jeremias xxviii. 9);

3. Que realizassem milagres, mas apenas quando devia ser formada uma aliança particular, ou devia ser produzida uma reforma numa era degenerada;
4. Que estivessem em acordo com outros profetas (Is. viii. 2; Jerem. xxvi. 18);
5. Que levassem uma vida irrepreensível (Jeremias xxvii. 4; Miqueias ii. 11);
6. Que mostrassem zelo santo pelas obras de Deus (Jeremias xxvi. 13);
7. Que tivessem uma pregação impressionante (Jeremias xxiii. 28, 29).

O seu dever consistia, em primeiro lugar, em instruir o povo, sobretudo quando os sacerdotes, a quem isso competia particularmente, eram negligentes; em segundo lugar, em repor o culto de Deus na sua forma original (2 Reis xvii. 18; Ezeq. iii. 17); em terceiro lugar, em predizer acontecimentos futuros e, portanto, também consultar o conselho de Deus (1 Reis xiv. 2, 3; xxii. 5, 8); em quarto lugar, em interceder pelo povo e afastar o castigo ameaçado (Gén. xx. 7; 2 Reis xix. 2); e, em quinto lugar, em pôr por escrito a vontade de Deus (1 Cron. xxix. 9).

O mesmo, em geral, pode ser dito dos Apóstolos, mensageiros e anunciadores da palavra viva. São chamados mensageiros porque Cristo os escolheu e enviou pelo mundo inteiro, para realizar a reconciliação com Deus e reunir os eleitos. Não se ofereceram a si próprios para este serviço, mas Cristo chamou-os diretamente e transmitiu-lhes verbalmente o ensinamento de que o Messias havia aparecido, dando-lhes o poder de operar milagres pela palavra do Senhor.

O seu novo ensinamento, a saber, difere muito do dos profetas da Antiga Aliança: arrependei-vos e crede no evangelho, mostrando assim que amais a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos. A sua vida é em si um seguimento fiel das pegadas do seu Senhor e Mestre, em palavra e obra, em ação e sofrimento.

Se tivermos bem presentes estas definições, ninguém poderá achar difícil distinguir entre clarividência mágica e magnética, e inspiração profética; não sobrestimando a primeira nem depreciando a segunda. Pois, embora as aparências sejam semelhantes à primeira vista, a

diferença é facilmente percetível se as considerarmos quanto ao significado, à forma e ao seu fim ou objetivo.

Segundo a causa originária, a diferença está em que a clarividência mágica e magnética é, na maioria dos casos, de origem humana, e desenvolvida em terreno doentio, embora possa ser promovida pela arte do médico, pelo acaso ou pela sua própria força inata; mas o resultado é sempre um estado anormal de saúde, e o sono, com suspensão dos sentidos exteriores, é o primeiro requisito. Se houver maior predisposição em certos indivíduos, deve haver uma causa fisiológica no próprio corpo; e se as circunstâncias favorecem o sonambulismo noutros, pertence ao reino da natureza, que prende o clarividente em laços fortes e continua a ser a influência dominante, mesmo quando ele atinge os estados mais elevados.

A inspiração profética não é produzida pela natureza nem pelo homem; o seu impulso é o Espírito Santo e a vontade divina. O chamamento divino chega inesperadamente, e a condição física não é tida em conta; as forças físicas nunca são as determinantes, mas permanecem dependentes do espírito, que as usa como instrumentos para fins puramente espirituais. Não se encontra aqui uma vida de sono com funções dos sentidos amortecidas, nem crises físicas.

Em segundo lugar, a clarividência magnética ocupa-se imediatamente da saúde e da vida individual, ou, pelo menos, de algum círculo da existência humana. O clarividente dirige a sua atenção, à vontade, para assuntos escolhidos por si — pelo menos na maioria dos casos — ou expõe as suas próprias visões; conduz os seus negócios, ou os dos que o rodeiam, como se fosse influenciado exteriormente, sem verdadeira autoconfiança ou atividade benéfica para a comunidade. A natureza humana, o afeto e a inclinação nunca faltam inteiramente no círculo mágico do vidente, e a ação da sua vontade e da sua crença não mostra nenhum efeito sobrenatural e duradouro, nem sobre si mesmo nem sobre os outros.

O verdadeiro profeta não está sujeito a mutações de forma, mas mostra sempre ações semelhantes, anunciando Aquele que é o princípio e o fim, e que fez todas as coisas. Os profetas não são apenas videntes, mas instrumentos da vontade divina. Ensinar o verdadeiro conhecimento de Deus com a expansão do seu reino, que é verdade e amor, é a sua única ocupação, e combate a mentira e a maldade para vencer o mundo. O que é perecível e mundano — egoísmo, sensualidade, saúde, riquezas e honra entre os homens, e

domínio sobre outros — não o preocupa. O profeta não prega uma felicidade presente, mas uma futura, e a verdadeira paz de Deus, na esperança da vida eterna na presença divina; e não por impulso ou prazer pessoal, nem por motivos mundanos, mas por inspiração de Deus, como vaso disposto de uma iluminação contínua; como modelo em ação e vida; como servo e mediador entre Deus e todos os homens — entre o tempo e a eternidade — entre o céu e a terra, através da oração.

Em palavra e ação o profeta permanece em comunhão viva e ininterrupta com Deus e com os seus semelhantes. Não se isola; não se perde nas suas próprias visões, sentimentos e interesses pessoais. Os profetas não consideram a individualidade, mas o destino das nações e os acontecimentos universais, e por isso podem realizar ações sobrenaturais e sobre-humanas, fortalecidos pela influência todo-poderosa da sua vontade e fé, tanto sobre os seus próprios corpos como sobre os outros, e sobre toda a natureza exterior nos seus limites temporais e locais. Conversões repentinas e mudanças de crença; curas imediatas de doenças difíceis e prolongadas; avisos de perigos iminentes e auxílio a necessitados à distância; consolo e força nas provas e sofrimentos — são provas deste poder divino superior.

Em terceiro lugar, a clarividência é um fenómeno que surge involuntariamente e, da parte do vidente, sem objetivo; ou, quando o tem, é o bem-estar temporal, a restauração da saúde, ou alguma descoberta de segredos; alimento para a curiosidade e a investigação. Talvez, nos estados mais elevados e raros, a inspiração aspire a um fim mais alto e nobre. Nos profetas, como dissemos, o objetivo é a revelação da palavra divina ao homem; a expansão do reino de Deus na terra; o enobrecimento e a felicidade do género humano.

Impelidos pelo espírito de Deus, em cujo auxílio confiam, o seu esforço não é outro senão espalhar a luz da verdade, fortalecer os que lutam contra o mal, despertar o amor e a ajuda mútua; difundir a paz e a felicidade universal. A vantagem pessoal, o interesse próprio, não são considerados pelos homens de Deus. O fundamento do seu poder é a fé no poder de Deus; e obedecem a todos os mandamentos através do amor, a primeira de todas as virtudes; pois o fruto do espírito é o amor (Gál. v. 22); e Deus dá sabedoria aos que o amam, e o amor é a sua bandeira sobre eles.

O povo de Israel dá testemunho destas diferenças:

1. Que as causas das visões interiores eram realmente objetivas; que, portanto, existe algo além da razão que influencia e atua sobre a existência humana, e mais ainda diretamente sobre o íntimo do espírito, enquanto o lado periférico, dos sentidos naturais e quotidianos, está inativo ou em posição muito secundária.
2. Que existe uma região espiritual elevada, que atua de modo positivo e dominante sobre a razão humana, e lhe faz revelações que não são acontecimentos usuais, nem meros voos da imaginação, ilusões ou alucinações de funções cerebrais anormais: «A mão do Senhor veio sobre eles».
3. Que a ignorância, ou mesmo a negação sofística de um racionalismo que se deifica a si mesmo, é mostrada por toda a história da magia e do magnetismo, especialmente a dos israelitas, como tão superficial quanto aquela filosofia natural panteísta que confunde todas as coisas, e considera os profetas e santos apenas como videntes sonâmbulos num grau um pouco mais elevado de uma vida-sonho telúrica.
4. Que, não obstante, estes fenómenos têm a maior semelhança com os da magia e do magnetismo, tanto na expressão antropológica como na representação objetiva; e também o modo de influenciar, como vimos, lembra claramente a manipulação magnética. Embora as revelações proféticas correspondam às formas mais puras de clarividência, onde encontramos sonhos-visões e predições de acontecimentos e destinos, ainda assim encontraremos, particularmente na Antiga Aliança, muitas preparações e condições semelhantes às que encontramos entre os magos do Oriente. Isolamento em moradas, lugares solitários, jejuns e contemplação aparecem na maioria dos profetas. Falam, como clarividentes, de uma luz interior divina e de um resplendor que os ilumina, mas reconhecem essa luz como o Espírito Eterno, cuja mão está sobre eles, e, como diz o salmista, «andam na luz do seu rosto».

Eles descrevem a luz divina como uma perceção subitamente despertada, e frequentemente em símbolos impressionantes, dos quais o mais notável é a visão de Daniel (cap. X), junto ao grande rio Hiddekel, que pode servir de exemplo. «Naqueles dias, eu, Daniel,

estava de luto por três semanas inteiras. Não comi pão saboroso, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi de maneira alguma, até que se cumpriram as três semanas. Então levantei os olhos e olhei, e eis que um homem vestido de linho, cujos lombos estavam cingidos com ouro fino de Ufaz.

O seu corpo era como o berilo, o seu rosto como o aspeto do relâmpago, os seus olhos como lâmpadas de fogo, os braços e os pés como o brilho do bronze polido, e a voz das suas palavras como a voz de uma multidão. Eu, Daniel, sozinho vi a visão; pois os homens que estavam comigo não a viram, mas caiu sobre eles um grande tremor, e fugiram para se esconder. Fiquei, pois, sozinho, e vi esta grande visão, e não ficou força em mim; e a minha formosura se transformou em corrupção, e não retive força alguma. Contudo ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo eu a voz das suas palavras, caí em sono profundo sobre o meu rosto, e o meu rosto em terra.

E eis que uma mão me tocou, e me pôs sobre os meus joelhos e sobre as palmas das minhas mãos. E disse-me: Daniel, homem muito amado, entende as palavras que te falo, e levanta-te direito; — não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te diante do teu Deus, as tuas palavras foram ouvidas, e eu vim por causa das tuas palavras. E, dizendo-me tais palavras, pus o rosto em terra, e emudeci.

E eis que um semelhante aos filhos dos homens tocou os meus lábios; então abri a boca, e falei, e disse ao que estava diante de mim: Ó meu senhor, por causa da visão sobrevieram-me dores, e não ficou força em mim. Pois como poderá o servo deste meu senhor falar com este meu senhor? — Então tornou a tocar-me um com aparência de homem, e fortaleceu-me. E disse: Sabes porque é que eu vim a ti? Agora, porém, voltarei. Mas mostrar-te-ei o que está escrito no livro da verdade.»

Como explicação desta visão, podemos citar a seguinte passagem de Passavent:

«Tal estado, tal penetração e iluminação da mente humana, só pode ser explicado pela relação original entre o criado e o Criador. A mente criada não existe por si e em si mesma, mas apenas em ligação com o ser absoluto. Quanto mais perfeita é a mente, tanto mais livre e íntima é a comunhão entre ela e o Criador. E o homem é, neste caso, o instrumento livre, o cooperador de Deus. O que pode ser dito da natureza humana em geral, e de todas as faculdades mentais de

perceção e realização, aplica-se igualmente à religião, na qual a mente humana se encontra ativa e muito mais liberta da natureza terrena e dos limites de tempo e espaço. Se, portanto, dissermos que a mais elevada influência mágica é aquela em que a mente humana se torna um agente divino, estaremos justificados em acreditar que a mais elevada perceção mágica é um poder profético divinamente iluminado — uma contemplação espiritual, despertada e guiada pelo espírito divino.

Se, portanto, considerarmos a íntima comunhão entre a criação e o Criador como fim e objeto dos espíritos criados, podemos também considerar o poder sagrado do vidente como uma antecipação de um estado superior e perfeito, no qual o homem se percebe a si mesmo como é dito em 1 Coríntios 13:9 — e no qual a sua visão espiritual atinge tal grau de perfeição que já não está presa às leis de uma natureza inferior. Mas, como o homem deve elevar-se ao bem ao mesmo tempo que o recebe, esta lei repetir-se-á à medida que o homem sobe por diversos graus do universo e é iluminado pela sua luz de várias maneiras.

Considerado deste modo, o poder do vidente divino não pode ser visto como isolado de outras faculdades espirituais, que pudessem vir sobre o homem como algo estranho à sua natureza, mas antes como uma forma determinada de uma atividade mental normal ou regenerada. A alma do homem, semelhança de Deus, torna-se, na medida em que essa semelhança não esteja obscurecida, o reflexo do ser divino» (Passavent, Lebensmagnetismus, 2.ª ed., p. 109).

Basta mencionar brevemente que Deus fez uso da nobreza de espírito em Israel para realizar os seus planos de redenção da humanidade, e que o povo, inclinado aos deuses pagãos, à desobediência e à murmuração, só pôde ser conduzido ao destino final através de longos sofrimentos e severas penas. O caminho desde Ur da Caldeia até Canaã, seguido pelo Patriarca Abraão, foi uma longa série de dificuldades, e também a saída do Egito em direção à terra prometida.

Por causa da sua constante hesitação entre o serviço do Senhor e o dos deuses pagãos, o povo de Israel foi obrigado a vaguear quarenta anos no deserto, levado cativo para Babilónia, e a ver destruídas a sua cidade e o seu templo; até que, finalmente, a plenitude da miséria caiu sobre ele.

Se Israel é o povo que representa o homem diante de Deus, é não menos a pérola da perfeição como o espelho da perversão humana, que sempre procura exteriormente, na variedade da natureza e na distração dos sentidos, aquela felicidade que não se encontra aqui na terra. A felicidade da paz e a glória do paraíso são reveladas apenas pela palavra divina; e, para nela participar, o espírito humano deve adquirir duas virtudes — a humildade na obediência à lei, e a esperança sobre-humana de atingir a meta além da existência terrena.

Para aprender esta obediência à lei, o povo de Israel passou por provas maiores que qualquer outro, e foi conduzido à mais resignada submissão. A este povo, como a nenhum outro, as leis foram reveladas por meio de um líder escolhido, em palavras de trovão; para que as obedecessem no mais íntimo do pensamento, e não apenas as ouvissem exterior e superficialmente.

Os sacrifícios e as festas não deviam servir de momentos de regozijo, mas de modo simbólico de considerar a vinda do Messias, como o botão da flor aguarda o sol que se aproxima. A Arca, os Querubins, o Santo dos Santos, a Coluna de Fogo, são, tal como o Templo de Salomão, manifestações simbólicas apontando para o advento do Senhor. Que todo o sistema mosaico era simbólico e hieroglífico é reconhecido por todos os entendidos; e as seguintes palavras mostram-no claramente:

«Faze tudo conforme o modelo do que viste no Monte.» Moisés, o homem de Deus, representa, pois, na história de Israel, o começo de um novo período de desenvolvimento religioso. As fórmulas e cerimónias da lei destinavam-se a despertar o homem e a dirigir a sua atenção para as palavras da revelação. Mas longo foi o intervalo entre as peregrinações e as dificuldades da servidão que se seguiram — desde a morte dos primogénitos no Egito e os relâmpagos no Sinai, até ao rei David, com quem começa um terceiro período.

«Então mandou buscá-lo, e fê-lo entrar. E era ele ruivo, de belo semblante e formosa presença. E disse o Senhor: Levanta-te, unge-o, porque é este mesmo» (1 Samuel 16:12).

Pastor do rebanho de seu pai, escolhido pelo Senhor para ser o chefe do seu povo; a sua obediência a Deus e a sua esperança inabalável não só lhe trouxeram o nome de «homem segundo o coração de Deus», mas ele, da tribo de Judá e nascido em Belém, foi uma prefiguração de Cristo. Foi rei e profeta, e passou por muitos

sofrimentos; como servo de Deus, esforçou-se por conduzir o povo de Israel ao Senhor em Jerusalém; onde, por fim, a suave luz radiante do divino Príncipe da Paz brilhou, na noite da morte, desde a cruz sobre o mundo.

«Digo, pois, que todo o herdeiro, enquanto é menino, em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo; mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo» (Gálatas 4:1).

«Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos» (Gálatas 4:4).

A vinda de Cristo à terra não foi um acontecimento casual, nem um fenómeno da natureza, mas uma revelação de Deus há muito determinada.

## A Nova Aliança

Tendo mencionado vários dos factos mais notáveis da Antiga Aliança que dizem respeito à magia e ao magnetismo, e referindo-me ao processo do desenvolvimento humano através da vontade divina, é necessário, por mais de uma razão, falar da Nova Aliança — examinar aquelas passagens que se referem mais de perto ao nosso tema; porque, sobretudo na Nova Aliança, as curas milagrosas foram tão numerosas e, quase sempre, inteiramente sem remédios externos, que parece haver algum fundamento para as considerar como nada mais nem menos do que de carácter magnético. Foram sustentados extremos por defensores de ambos os lados da questão, aos quais devemos dedicar alguma atenção. No fim desta secção, lançaremos um olhar sobre o ser e o significado do Cristianismo em geral, bem como sobre a relação que mantém em particular com a magia.

Os homens de Deus do Antigo Testamento, que realizaram tão grandes e gloriosos milagres, eram sempre mais humanos do que divinos na sua natureza; isto é, representavam pessoas e perfeições individuais. A expressão plena dessas perfeições só se viu em Cristo; foi ele quem abriu a nova porta, rompeu as cadeias da escravidão humana e mostrou a verdadeira imagem da perfeição e da sabedoria no seu esplendor. Cristo prometeu de novo ao homem a

imortalidade; elevou de novo a sua natureza espiritual a ser templo do fogo sagrado, altar vivo e incenso de paz eterna.

No *Magicon* encontramos o seguinte: — "Assim como o primeiro homem, Adão, é a fonte de todo o mal, assim nenhum dos seus descendentes poderia ser o salvador, pois a fraqueza não tem poder contra a força: tinha de ser um ser mais do que humano. Como não há ninguém acima do homem senão Deus, este agente não podia ser outro senão alguém que possuísse os poderes divinos; alguém com carácter divino, para despertar na alma do homem a perceção do que é divino. Até as diversas opiniões dos homens acerca dele mostram que nele estavam reunidos todos os poderes, todos os dons e todas as perfeições."

"Há homens para quem este Salvador já veio, outros para quem está a vir, e outros ainda para quem virá em tempos futuros. Desde o seu advento, as coisas tornam-se mais simples, e assim continuarão até que tudo o que é temporal desapareça. Um grande Sábado de amor e paz universais será, como foi na criação, o fim. Ele entrou no Santo dos Santos como sumo sacerdote e revelou, pelo seu espírito, aos eleitos, não apenas as últimas palavras do Antigo Testamento, mas também lhes deu um novo e mais abrangente ainda, para remover todos os males e tornar-se invulnerável; para isto servia o exercício sagrado da oração, convencendo-os de que sem ela nada podiam, mas por meio dele podiam atrair para si todos os princípios da vida.

Ele fez na terra aquilo que se encontra acima. Foi, como a sabedoria suprema, incessantemente ativo em fazer o bem, e uniu os dois mundos. Isto, porém, só podia ser alcançado permanecendo ele, na terra, ainda unido à divindade, como o fora por toda a eternidade. Por fim, coroou os seus labores comunicando um espírito que, através de palavras de fogo, despertou razão e vida, como nunca antes tinha existido.

Escolheu símbolos para transmitir esse poder. Mesmo o homem pode transferir as suas fracas forças para todas as coisas: quanto mais estes mistérios escolhidos (o batismo pela água e os sacramentos) não conteriam um poder que em si próprios não possuíam! O sacramento é simultaneamente corporal, espiritual e divino, e tudo nele deve tornar-se vida e alma, como o seu fundador o foi ele próprio."

"Todo o verdadeiro cristão é expressão desta verdade e reflexo do seu mestre. Tem entusiasmo suficiente para suprimir em si tudo o

que é mau; a sua vida é um sacrifício quotidiano em humildade e temor de Deus; pois os segredos de Deus só se revelam aos que o temem: guarda os mandamentos do seu mestre com fé e simplicidade. Só um tal homem pode juntar-se ao conselho da paz: enquanto a mais alta sabedoria humana continua insegura e perecível, um único raio deste sol torna o mundo mais puro e mais sábio do que todos os sábios da terra. Assim como todas as religiões têm os seus mistérios, o Cristianismo contém coisas de poder e importância indescritíveis.

Enquanto estas coisas sagradas eram conhecidas apenas por alguns, o Cristianismo estava em paz; mas quando os grandes da terra começaram a violar esta santidade, querendo ver tudo com olhos despreparados, e fazendo dela uma máquina de Estado, seguiram-se incertezas e divisões. Surgiram então sumos sacerdotes que se afastaram da verdade, cada um mais do que o outro, até que finalmente apareceu uma mistura completamente informe — um monstro. Sofistas, que proliferavam como ervas daninhas, aumentaram agora o mal com as suas subtilezas, separando o que estava unido e transformando o que antes era vida e luz em morte e trevas.

Embora aqui e ali ainda fossem visíveis vestígios de pureza, zelo e poder, estes já não podiam produzir efeito algum, pois a desolação era demasiado universal e demasiado agradável à multidão; todas estas corrupções foram a causa de, em épocas posteriores, o edifício do Cristianismo ter sido abalado até aos seus alicerces. Bastava um passo do Deísmo para a ruína absoluta. O Deísmo produziu um sucessor ainda mais terrível, o Materialismo, que declara a ligação do homem com os poderes superiores como pura imaginação, e acredita em nada além da sua própria existência individual. Estranho que as primeiras raças pecassem por empreendimentos gigantescos; e as últimas, pelo contrário, pela nulidade. Mas há uma verdade cuja sacralidade nunca poderá ser abalada, e que durará tanto quanto a terra."

Se, no entanto, o homem alcança, através da reconciliação e do regresso a Deus, e da sua vida verdadeiramente cristã, os poderes que o nosso Salvador prometeu a todos os seus seguidores — a saber, "pegar em serpentes, curar os doentes e expulsar demónios", e isto no mesmo grau em que o Salvador o fez (João, xiv, 12); e se tal verdadeiro cristão realiza de facto prodígios maiores do que o homem na sua vida habitual dos sentidos é capaz de realizar, como

vimos nos Apóstolos e nos Santos de todas as épocas, ainda assim devemos considerar esse homem como humano.

Já falei amplamente do modo cristão de curar os doentes, e volto a referi-lo porque as ações de Cristo e dos seus Apóstolos dizem respeito de forma peculiar ao nosso tema. Eles não usaram medicamentos secretos nem essências milagrosas, mas o poder estava neles próprios, e expulsavam demónios, ressuscitavam mortos, curavam doentes e coxos, com a ajuda divina e pela imposição das mãos; e faziam ver os cegos e falar os mudos. Para o provar, embora sem intenção de os chamar atos puramente magnéticos, mas considerando-os milagres divinamente humanos, mencionarei várias curas de Cristo e dos seus Apóstolos, tal como são reveladas pelos Evangelistas e nos Atos.

"Quando ele desceu do monte, grandes multidões o seguiram. E eis que um leproso se aproximou e o adorou, dizendo: Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo. E Jesus estendeu a mão e tocou-o, dizendo: Quero; sê limpo. E imediatamente a sua lepra ficou purificada" (Mateus, viii, 1).

"E quando Jesus entrou em Cafarnaum, veio ter com ele um centurião, suplicando-lhe e dizendo: Senhor, o meu servo jaz em casa paralítico, horrivelmente atormentado. E Jesus disse-lhe: Irei e o curarei. O centurião respondeu e disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu teto; mas dize só uma palavra, e o meu servo será curado. E Jesus disse ao centurião: Vai; e como creste, assim seja feito contigo. E o seu servo foi curado naquela mesma hora" (Mateus, viii, 6-13).

"E quando Jesus entrou em casa de Pedro, viu a sua sogra deitada, doente com febre. E tocou-lhe na mão, e a febre deixou-a; e ela levantou-se e começou a servi-los" (Mateus, viii, 14; Marcos, i, 29).

"À tarde, trouxeram-lhe muitos possessos de demónios; e ele expulsou os espíritos com a sua palavra e curou todos os enfermos" (Mateus, viii, 16; Marcos, i, 32; Lucas, iv, 20).

"E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado numa cama; e Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: Filho, tem bom ânimo; os teus pecados são perdoados" (Mateus, ix, 2; Marcos, ii, 3).

Uma mulher que sofrera de uma hemorragia durante doze anos tocou a orla do seu manto: "Pois dizia consigo: Se ao menos tocar o seu

manto, serei curada. Mas Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Filha, tem confiança; a tua fé te salvou" (Mateus, ix, 20-22).

"E quando Jesus entrou em casa do chefe, e viu os músicos e a multidão em alvoroço, disse-lhes: Retirai-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E riram-se dele. Mas, expulsando o povo, entrou, tomou-lhe a mão, e a menina levantou-se" (Mateus, ix, 23-26).

"E quando Jesus saiu dali, dois cegos seguiram-no, clamando: Filho de David, tem piedade de nós! Jesus disse-lhes: Credes que eu posso fazer isto? Disseram-lhe: Sim, Senhor. Então tocou-lhes os olhos, dizendo: Seja-vos feito segundo a vossa fé" (Mateus, ix, 27-29).

O homem com a mão ressequida foi curado com as palavras: "Estende a tua mão. E ele estendeu, e ficou sã como a outra" (Mateus, xii, 10-13).

A filha da mulher cananeia, que estava atormentada por um demónio, foi curada segundo a sua fé (Mateus, xv, 22, 28). "E grandes multidões vieram a ele, trazendo consigo coxos, cegos, mudos, aleijados e muitos outros, e puseram-nos aos pés de Jesus; e ele curou-os" (Mateus, xv, 13; Lucas, vii, 22).

O lunático que caía no fogo e na água não pôde ser curado pelos discípulos. "Mas quando Jesus repreendeu o demónio, este saiu dele; e o rapaz foi curado desde aquela hora." Jesus disse aos discípulos que não puderam expulsar o demónio: "Por causa da vossa falta de fé; pois em verdade vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará; e nada vos será impossível. Mas esta espécie não sai senão com oração e jejum" (Mateus, xvii, 15-21).

"E ao saírem de Jericó, seguiu-o uma grande multidão. E eis que dois cegos, sentados à beira do caminho, quando ouviram que Jesus passava, clamaram: Senhor, Filho de David, tem piedade de nós! Então Jesus, compadecendo-se, tocou-lhes os olhos; e imediatamente viram, e seguiram-no" (Mateus, xx, 30, 34).

"E cegos e coxos vieram a ele no templo, e ele curou-os" (Mateus xxi, 14).

"E na sinagoga havia um homem que tinha espírito de demónio impuro πνεῦμα δαιμονίου ἀκαθάρτου (*pneûma daimoníou akathártou*), e gritou com grande voz. E Jesus repreendeu-o,

dizendo: Cala-te, e sai dele. E o demónio, tendo-o lançado no meio, saiu dele e não lhe causou dano" (Lucas iv, 33).

"E, ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças trouxeram-nos a ele; e impondo ele as mãos sobre cada um, curou-os" (Lucas iv, 40).

"E aconteceu que, ao aproximar-se da porta da cidade, eis que era levado um morto, filho único de sua mãe, e ela era viúva; e grande multidão da cidade ia com ela. E, ao vê-la, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: Não chores. E aproximando-se, tocou o esquife; e disse: Jovem, a ti digo, levanta-te. E o que estava morto sentou-se e começou a falar" (Lucas vii, 12-16).

"E algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos πνεύματα πονηρά (*pneúmata ponērá*) e enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demónios, e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Susana, e muitas outras" (Lucas viii, 2-3).

"E os demónios saíram do homem e entraram nos porcos" (Lucas viii, 33).

"E eis que estava ali uma mulher que tinha espírito de enfermidade πνεῦμα ἀσθενείας (*pneûma astheneías*) havia dezoito anos, e estava curvada e de modo nenhum podia levantar-se. E, vendo-a, Jesus chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade. E impôs-lhe as mãos; e imediatamente ela endireitou-se e glorificava a Deus" (Lucas xiii, 11-13).

"E havia um certo oficial, cujo filho estava doente em Cafarnaum. Quando ouviu que Jesus tinha vindo da Judeia para a Galileia, foi a ele e rogou-lhe que descesse e curasse o seu filho, porque estava prestes a morrer. Disse-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. E, descendo ele, os seus servos encontraram-no, dizendo: O teu filho vive" (João iv, 47).

O homem que estava enfermo havia trinta e oito anos, e que ninguém levava à água da piscina de Betesda, foi curado pelas palavras: "Levanta-te, toma a tua cama e anda" (João v, 2-8).

O homem que tinha sido cego de nascença foi curado com terra e saliva: "Cuspiu em terra, fez lodo com a saliva e ungiu os olhos do cego com o lodo; e disse-lhe: Vai, lava-te na piscina de Siloé. Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo" (João ix, 1-7).

De modo ainda mais notável, São Marcos relata a cura de um cego por Cristo: "E veio a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego, e rogaram-lhe que o tocasse. E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e, cuspindo nos seus olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. E, levantando os olhos, disse: Vejo homens, porque vejo como árvores a andar. Depois tornou a pôr as mãos sobre os olhos dele, e fez com que olhasse; e ele foi restaurado, e via claramente todas as coisas" (Marcos viii, 22-25).

Ele chamou de entre os mortos Lázaro através de oração ao Pai: "Então Jesus, ao chegar, encontrou-o já com quatro dias no túmulo. Era uma gruta, e estava posta uma pedra sobre ela. Disse Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque é de quatro dias.

Disse-lhe Jesus: Não te disse que, se creres (πιστεύειν, pisteúein), verás a glória de Deus? Tiraram, pois, a pedra do lugar onde estava o morto. E Jesus levantou os olhos e disse: Pai, dou-te graças porque me ouviste. E, tendo dito isto, clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora. E saiu o morto, atado de mãos e pés com faixas, e o seu rosto estava envolto num sudário. Disse-lhes Jesus: Desatai-o e deixai-o ir" (João xi, 17, 38-44).

Estes são alguns dos milagres realizados pelo nosso Salvador e registados pelos Evangelistas. Há, porém, outros relatos dos milagres de Cristo em várias lendas, de que mencionarei um que não é referido pelos Evangelistas. Encontra-se em Eusébio (*História de Jesus*, p. 16, c. xii), citado por Büsching no *Wochentliche Nachrichten für Freunde der Geschichte* (1817, p. 64, Breslau), e também em Bosegarten (*Legends*). Como exemplo do poder de Cristo e da sua fama, da sua missão divina e do seu amor, vale a pena dar aqui este relato do rei Abgaro de Edessa, contemporâneo de Cristo, contido em duas cartas: uma do rei a Jesus, e a resposta de Jesus.

A fama extraordinária dos milagres e da divindade de Jesus, que se espalhara pelos países vizinhos, especialmente do seu poder divino de curar os enfermos, levou Abgaro a escrever a seguinte carta, pois sofria de grave doença:

"Abgaro, príncipe de Edessa, a Jesus, o Salvador gracioso, que apareceu na carne perto de Jerusalém, saúde!

As virtudes e curas que realizas sem medicamentos nem ervas chegaram ao meu conhecimento. Os cegos, segundo se diz, veem; os coxos andam; os leprosos são purificados; espíritos impuros

πνεύματα ἀκάθαρτα (pneúmata akátharta,) e demónios são expulsos; os que sofrem doenças graves são curados; e os mortos são chamados à vida por ti. Tendo sabido isto, pensei que tu deves ser ou Deus descido do céu, ou o Filho de Deus, de quem procedem tais milagres. Por isso te escrevo, rogando-te com empenho que te dês ao trabalho de me libertar desta doença. Ouvi que os judeus, perversos, lutam contra ti e procuram fazer-te mal. Tenho apenas uma pequena cidade, mas é ornada e famosa, e pode prover todas as coisas necessárias para nós dois."

Resposta de Jesus a Abgaro, enviada pelo mensageiro Ananias:

"Abgaro! Bem-aventurado és tu, porque, sem me teres visto, acreditaste (πιστεύειν, pisteúein). De mim está escrito que os que me veem não acreditarão, mas os que não me veem acreditarão e viverão. Quanto ao que me escreveste, devo realizar as obras para as quais fui enviado; quando as tiver concluído, voltarei para Aquele que me enviou. Quando tiver sido recebido, enviar-te-ei um dos meus discípulos, que te curará da tua doença e te dará vida a ti e aos teus."

Depois da ascensão de Cristo, Judas, chamado Tadeu, um dos setenta discípulos, foi enviado a Abgaro e hospedou-se com Tobias. Quando Abgaro soube, mandou chamá-lo; Tadeu, impondo-lhe as mãos em nome de Cristo, curou-o da doença.

A esta tradição junta-se a lenda da imagem de Cristo enviada a Abgaro. Segundo alguns, como João Damasceno, Abgaro enviou um pintor a Jerusalém para retratar Cristo; mas, devido ao esplendor do seu rosto, o pintor não conseguiu. Então Cristo imprimiu milagrosamente a sua semelhança num manto, ou, segundo outra versão, num pano (*εἰκών, eikón*), que foi levado a Edessa. Eusébio e Damasceno afirmam que essa imagem existia em Edessa, pois de outro modo seria preciso tomar como fábula o relato do cerco da cidade pelo rei persa Cosroes, o que não é aceitável.

Segundo o relato, as muralhas de Edessa, feitas de madeira de oliveira, foram rodeadas de feixes de madeira de choupo, para lhes pôr fogo. O Metropolita percorreu as muralhas com o referido pano em que estava impressa a semelhança de Cristo. E então levantou-se um turbilhão violento, que afastou as chamas da cidade, e todos os sitiantes que estavam perto dos feixes foram consumidos pelo fogo.

Que as promessas de Cristo, de que a doença seria curada, se cumpriram, é abundantemente mostrado nos milagres pelos quais os Apóstolos curaram os enfermos como o seu Mestre fizera.

"E certo homem, coxo desde o ventre da sua mãe, era levado, o qual punham todos os dias à porta do templo chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam no templo; o qual, vendo Pedro e João que iam entrar no templo, pediu uma esmola. E Pedro, fitando nele os olhos, com João, disse: Olha para nós.

E ele os olhava atentamente, esperando receber deles alguma coisa. Disse, porém, Pedro: Prata e ouro não tenho; mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E, tomando-o pela mão direita, o levantou; e logo os seus pés e artelhos se firmaram. E, dando um salto, pôs-se de pé e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus" (Atos iii, 2-8).

"E cada vez mais eram acrescentados crentes ao Senhor, multidões tanto de homens como de mulheres; de modo que transportavam os enfermos até às ruas e punham-nos em leitos e em catres, para que, ao menos, a sombra de Pedro, ao passar, cobrisse alguns deles. E vinha também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, trazendo enfermos e atormentados de espíritos impuros πνεύματα ἀκάθαρτα (pneúmata akátharta), e todos eram curados" (Atos v, 14-16).

A história de Simão, o mágico, é muito notável: quis comprar com ouro o poder de fazer milagres aos Apóstolos, o que não pôde por causa do engano do seu coração. É uma história aplicável também aos "Simões" do nosso tempo.

"Mas certo homem, chamado Simão, anteriormente praticava magia naquela cidade, e tinha iludido o povo de Samaria, dizendo ser ele próprio um grande personagem. … O próprio Simão também creu; e, depois de ser batizado, ficou com Filipe, maravilhado ao ver os sinais e grandes milagres que se faziam. Então lhes impunham as mãos, e recebiam o Espírito Santo.

Ora, vendo Simão que pela imposição das mãos dos Apóstolos se dava o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. Mas Pedro disse-lhe: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste alcançar com dinheiro o dom de Deus. Não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu

coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, desta tua maldade, e ora ao Senhor, se porventura te será perdoado o pensamento do teu coração; pois vejo que estás em fel de amargura e em laço de iniquidade" (Atos viii, 9-23).

Quando Pedro visitou os santos em Lida, achou ali um homem chamado Eneias, que havia oito anos estava de cama, paralítico.

"E disse-lhe Pedro: Eneias, Jesus Cristo te cura; levanta-te e faz a tua cama. E logo se levantou."

E em Jope havia uma discípula chamada Tabita, rica em boas obras e esmolas.

"E aconteceu naqueles dias que adoeceu e morreu; e, como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, mandaram-lhe dois homens, rogando-lhe: Não te demores em vir até nós. E, tendo Pedro chegado, levaram-no ao quarto alto; e todas as viúvas o rodearam, chorando… Mas Pedro, fazendo-as sair todas, pôs-se de joelhos e orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos; e, vendo Pedro, sentou-se. E ele, dando-lhe a mão, levantou-a; e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-a viva" (Atos ix, 33-34, 36-41).

Da mesma espécie são os milagres de São Paulo, que, poderoso em espírito e em ação, merece também aqui a nossa admiração:

"E estava sentado em Listra certo homem aleijado dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, o qual nunca tinha andado. Este ouvia Paulo falar; o qual, fixando nele os olhos e vendo que tinha fé πίστις (pístis) para ser curado, disse em voz alta: Levanta-te direito sobre os teus pés. E ele saltou e andou" (Atos xiv, 8-10).

"E Deus fazia milagres extraordinários pelas mãos de Paulo; de maneira que até se levavam aos enfermos do seu corpo lenços ou aventais, e as enfermidades deixavam-nos, e os espíritos malignos πνεύματα πονηρά (pneúmata ponērá,) saíam deles" (Atos xix, 11-12).

O jovem Êutico, que caiu do terceiro andar e foi levantado morto, foi reanimado por São Paulo:

"E Paulo, descendo, deitou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, porque a sua alma está nele. … Trouxeram então o jovem vivo, e ficaram grandemente consolados" (Atos xx, 8-12).

"E aconteceu estar de cama, doente de febre e disenteria, o pai de Públio; Paulo entrou a visitá-lo, e, orando, impôs-lhe as mãos e o

curou. Feito isto, também os demais da ilha que tinham doenças vinham e eram curados" (Atos xxviii, 8-9).

Já tendo falado do sentido da cura por Cristo, e tendo dado também alguns exemplos históricos, deixo a cada um tirar as suas conclusões; mas não deve ser omitido, em conclusão, que é necessário primeiro tornar-se cristão antes que se possam realizar curas em Cristo. Porém, muito poucos são cristãos entre os que assim se chamam; são-no apenas exteriormente e de nome.

A cura, no sentido bíblico, merece em muitos aspetos atenção: não só porque nela se encontra algo de "mágico", mas porque muitas vezes se considera a cura bíblica como a única verdadeira. Os princípios desta forma de cura são descritos do seguinte modo em diversas sentenças e ensinamentos da Escritura:

Em Moisés (Levítico xxvi, 14):

"Se não me ouvirdes, e não fizerdes todos estes mandamentos; e se desprezardes os meus estatutos, ou se a vossa alma aborrecer os meus juízos, … então eu vos farei isto: porei sobre vós terror, tísica e febre ardente, que consumam os olhos e entristeçam a alma."

Em Deuteronómio xxviii, 15-21, 22-61:

"Se não ouvires a voz do Senhor teu Deus, … virão sobre ti todas estas maldições e te alcançarão. Maldito serás na cidade e maldito no campo… O Senhor enviará sobre ti a maldição, a confusão e a repreensão… O Senhor te fará pegar a peste até que te consuma da terra… ferir-te-á com o sarna do Egito, com hemorróidas, com sarna e com coceira, de que não possas ser curado… e ainda todas as doenças e todas as pragas que não estão escritas neste livro da lei trará o Senhor sobre ti, até que sejas destruído."

Por isso, para tornar-se de novo são, é necessário libertar-se do pecado e viver em piedosa obediência a Deus. Pois o Senhor disse a Moisés (Êxodo xv, 26):

"Se ouvires diligentemente a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto aos seus olhos, … nenhuma das enfermidades porei sobre ti, que pus sobre os egípcios; porque eu sou o Senhor que te sara."

Jesus, filho de Sirac, diz:

"Filho meu, na tua doença não sejas negligente; mas ora ao Senhor, e ele te curará. Afasta o pecado e endireita as tuas mãos, e purifica o teu coração de toda maldade. Depois dá lugar ao médico, porque o

Senhor o criou; não te afastes dele, pois dele tens necessidade" (Eclesiástico xxxviii, 9-12).

"Os insensatos, por causa das suas transgressões e das suas iniquidades, são afligidos. Ele enviou a sua palavra e os sarou, e os livrou da sua destruição" (Salmo cvii, 17, 20).

Há também modos mais altos de cura do que os habituais, e homens piedosos podem curar assim como os médicos. O médico crente, diz Macário, é divino; mas os remédios pertencem aos pagãos e incrédulos. Segundo a sabedoria de Isaías, o médico é honrado; pois ele diz: "Honra o médico com a honra devida, … porque o Senhor o criou. … Aquele que peca diante do seu Criador, caia nas mãos do médico" (Eclesiástico xxxviii, 1, 15).

No Novo Testamento, em todos os casos, o pecado é visto como a causa das doenças. Jesus disse ao paralítico quando o curou: "Perdoados te são os teus pecados" (Marcos ii, 5). E ao homem curado no tanque de Betesda, depois de o encontrar no templo, disse: "Eis que estás são; não peques mais, para que não te suceda coisa pior" (João v, 14). Os Apóstolos e todos os santos também se esforçaram primeiro por tornar os homens moralmente sãos, pois a verdadeira e perfeita saúde de alma e corpo só se recupera com o regresso a Deus.

É notável que os sábios orientais, Zaratustra e todos os defensores do sistema de emanação — os cabalistas, bem como os teosofistas posteriores, que possuíam poder maravilhoso de cura — atacaram esta doutrina. Segundo eles, a causa da doença é em parte a obra dos espíritos malignos, em comunhão com os quais o homem se põe através das suas transgressões. Que são estes os espíritos malignos que destroem e corrompem os bons princípios da nossa natureza, não é negado nem por uma crença espiritual inferior à dos teosofistas: são as cadeias de Satanás δεσμοὶ τοῦ σατανᾶ (desmoì toû Satanâ), de que fala São Lucas (xiii, 16).

As doutrinas originalmente puras do Cristianismo foram, contudo, muito cedo deturpadas por alguns defensores do sistema da emanação; de que, segundo a sua perceção, a própria instituição da fé cristã foi em certa medida causa, sendo interpretada pelos seus opositores de modo ainda mais pernicioso. Saturnino, Basílides e Carpócrates estão à cabeça destes, segundo os quais todas as coisas procedem das potências celestes Αἰῶνες (*Aiônes*,). O próprio Cristo foi, segundo eles, considerado como um Αἰὼν (*Aiôn*) da mais alta

ordem, que, através de rigoroso domínio de si mesmo, vencera o poder dos demónios; e quem vivesse como ele vivera venceria igualmente. "Dos Αἰῶνες, como das fontes supremas" — dizia Basílides — "procederam os céus."

Segundo Valentim, um dos mais célebres da sua seita, os Αἰῶνες eram distinguidos em várias classes, até mesmo masculina e feminina. O primeiro dos Αἰῶνες femininos era o Espírito Santo; pela imposição das mãos, este Espírito Santo é comunicado, conferindo o poder de curar doenças. Embora este afastamento das doutrinas originais causasse grande diversidade de ideias, a cura segundo os princípios bíblicos permaneceu como motivo dominante de busca pelo aperfeiçoamento moral.

Se o homem for sincero na sua obediência silenciosa a Deus, e numa fé viva e ativa, no seu desejo de regressar a Deus, então Deus tornar-se-á o seu médico, e ele já não terá necessidade de médico terreno. Logo que a alma esteja perfeitamente sã, dizem-nos, esta saúde da alma também se espalhará sobre o corpo; ou os sofrimentos do corpo já não terão a natureza de doença, não afetarão a alma erguida para o céu. Se, porém, o homem é incapaz de tal cura, deve recorrer ao médico — "E deu aos homens ciência, para que fosse honrado nas suas obras maravilhosas" (Eclesiástico xxxviii, 6).

Que o médico deve curar segundo princípios bíblicos vê-se também no exposto acima. Ele deve, em primeiro lugar, ser verdadeiramente um médico cristão — isto é, um **médico-sacerdote**. Pela sua própria saúde, sobretudo da alma, ele é verdadeiramente capaz, logo que seja puro e instruído, de ajudar o doente; mas primeiro deve curar o homem interior, a alma; porque sem o repouso da alma, sem paz interior, nenhuma cura do corpo pode ser radical. É, portanto, absolutamente necessário que o verdadeiro médico seja sacerdote.

A questão de saber se um médico bíblico é independente do uso de medicamentos, ou se pode ocasionalmente usá-los, pode facilmente ser resolvida pela Bíblia, e é semelhante à questão de se o médico magnético deve usar remédios. Em geral, ele deve, como médico bíblico e sobretudo cristão, possuir o poder de curar sem remédio — por meio da oração e da palavra divina; e só em certos casos, e quando não possui este poder em grau suficiente, é justificado no uso de medicamentos. Estes não foram criados sem propósito: "Do

Altíssimo vem a cura. O Senhor criou da terra os medicamentos, e o homem sensato não os desprezará" (Eclesiástico xxxviii, 2-4).

Os medicamentos são bons, mas não bastam: "Sobe a Galaad e toma bálsamo, ó virgem filha do Egito; em vão multiplicarás remédios, não serás curada" (Jeremias xlvi, 11).

Na Bíblia, contudo, encontram-se alguns poucos exemplos de substâncias físicas usadas como remédios: assim Moisés tornou a água doce pelo uso de um madeiro (Êxodo xv, 25). São notáveis as curas da lepra por meio de lavagens e purificações. Eliseu lançou sal no poço amargo e tornou-o doce. Lançou farinha na panela em que havia morte, e as ervas tornaram-se inofensivas. Isaías curou o rei Ezequias das suas úlceras aplicando figos sobre elas. Tobias curou a cegueira de seu pai com fel de peixe, conforme o anjo lhe indicara. E até Jesus aplicou lodo de saliva nos olhos do cego e disse-lhe que fosse lavar-se em Siloé.

Para além disto, os meios mais simples, mais naturais e quase sempre externos foram usados na Bíblia. Remédios internos nunca foram aplicados. Os remédios consistiam em purificação espiritual, arrependimento do pecado e oração ao Pai da vida, ao médico dos fiéis.

Assim lemos em Tiago (v, 13-16):

"Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém alegre? Cante salmos. Está alguém enfermo entre vós? Chame os presbíteros da Igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se tiver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai as vossas faltas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis. A oração eficaz de um justo muito pode."

E São Marcos acrescenta:

"E, tendo saído, pregavam que se arrependessem. E expulsavam muitos demónios, e ungiam com óleo a muitos enfermos, e os curavam."

Mas o médico bíblico nem sempre cura, e a doença nem sempre deve ser considerada um mal. Se o gozo temporal e o prazer sorridente fossem o objetivo e destino do homem aqui, e pelo qual de facto a maioria se esforça, poderíamos ter razão para considerar a doença um mal e um castigo pesado, que muitos julgariam não merecer. Mas este planeta não é lugar de paz imperturbada, nem morada de seres

destinados a gozar de uma felicidade duradoura. Luz e sombra, dia e noite, repouso e combate, amor e ódio, paz e guerra, felicidade e sofrimento, fortuna e infortúnio, saúde e doença, vida e morte — são as alternâncias contínuas que não dependem do acaso, mas estão numa mão superior que as regula como provas, pelas quais, através da cruz e do sofrimento, do vencer o mal, da autopurificação, da renúncia da carne, somos preparados para uma vida melhor.

O objetivo principal é a saúde da alma e do espírito; a saúde do corpo é apenas secundária. Se a alma está sã, o corpo também o estará. "A sua carne será mais tenra do que a de uma criança; voltará aos dias da sua mocidade" (Job xxxiii, 25). Se tal pessoa, forte no espírito, não chega a ser curada, ainda assim não sente os sofrimentos do corpo, e já goza de parte da felicidade do mundo além. A verdadeira felicidade e a paz perfeita não se encontram aqui; não devemos, portanto, estranhar nem chorar se os prazeres serenos do amor mais puro são interrompidos por uma nuvem sombria e uma tempestade destruidora; pois a felicidade só se encontra no outro mundo, porque a verdadeira saúde só se encontra nas almas que vivem com Deus: auxílio, consolo e bem-aventurança vêm unicamente do nosso Pai do Céu.

## Cristianismo

Depois de quatro mil anos da existência do mundo, segundo o cálculo comum, começa um novo período na história do desenvolvimento do género humano. O tronco lança ramos e vergônteas verdes em todas as direções, e, com o desenvolvimento todo-poderoso da vida física, e com as já em parte amadurecidas forças físicas do espírito, produzem-se as flores mais elevadas por destino milagroso.

Até essa época as nações eram apenas massas isoladas, que ou permaneciam inteiramente estranhas umas às outras, ou ainda se influenciavam apenas mecanicamente, pela opressão e pela violência. Para que pudessem produzir uma influência mais orgânica umas sobre as outras, e para que pudessem gozar de um mútuo intercâmbio espiritual, era necessário que as nações, como o corpo humano, se desenvolvessem livremente e fossem gradualmente preparadas. Neste respeito, a época de Alexandre Magno é a mais notável; pois conduziu ao conhecimento recíproco e à fusão de várias nações.

Embora o mundo parecesse cair em decadência e ruína, a luz espiritual brilhava cada vez mais alto, e Alexandre torna-se uma estrela-guia na história da civilização humana. A cobiça de conquista e a ambição podem tê-lo impelido, mas é indiscutível que ele tinha em vista um objetivo mais nobre, pois amava a ciência e as artes, rodeava-se de homens eruditos, e Aristóteles acompanhou-o nas suas viagens. É prova convincente de um sistema predeterminado de civilização o facto de Alexandre ter dado educação grega a trinta mil jovens persas de nobreza.

Assim foi desatado por ele o nó górdio (*nam non interest quomodo solvatur nodus*), e o desenvolvimento espiritual avançou então em círculos rápidos e vastos.

Até então as nações tinham permanecido separadas umas das outras pelo barbarismo ou pela legislação; por isso, as incursões de Alexandre foram sumamente benéficas, porque, através delas, os gregos foram distribuídos em partes distantes do mundo, e com eles a sua língua e a sua cultura. A cidade fundada por Alexandre no Egito, e que levou o seu nome, foi um ponto central de todas estas mudanças, onde se encontravam os mais doutos gregos, orientais, judeus e egípcios, e onde se fundou a primeira e mais notável escola do género humano.

Encontramos aí a primeira e maior coleção de livros; e com o comércio mundial de Alexandria não podia faltar o intercâmbio de ideias e a comunicação mental. Romanos, judeus e gregos viajantes introduziram a civilização no Ocidente, enquanto Ptolemeu penetrava até ao Eufrates; de modo que as nações, ainda separadas na morte de Alexandre, foram aproximadas mais intimamente, e contudo rolavam em círculos sempre mais largos para o norte e o sul, para o oriente e o ocidente.

Basta mencionar as ricas cidades comerciais de Alexandria, Rodes, Siracusa e Cartago, onde a civilização grega era universal, e de onde, por meio do ouro e das guerras — como as púnicas — novos impulsos eram dados a novas intimidades e fusões nacionais. Vemos Roma, desafiada pelos insultos cartagineses, entrar em cena na história do mundo e, como que destinada pela Providência, tomar em mãos o principal papel e fazer girar a roda da existência humana com força adequada.

À medida que Roma estendia gradualmente os seus braços sobre todo o mundo então conhecido, vemos os rios e correntes, desviados

pela morte de Alexandre, reunirem-se no caudal poderoso do domínio romano, e a própria Roma realizar, ainda que de forma diferente, os empreendimentos gigantescos de Alexandre. É notável que o Oriente neste tempo se tenha tornado mais esclarecido. Tschi-hoang-ti consolidou o grande império da China, que agora entra em relações comerciais com a Índia e a Pérsia.

Na história de Roma vemos a árvore humana crescida até um nobre porte, mas como um jovem que, embora já chegado à estatura de homem, ainda não está amadurecido. E esta foi, mais do que nenhuma outra, a época mais apropriada da história do mundo em que Deus podia aparecer da maneira mais benéfica sobre a Terra e tornar conhecida a sua palavra. Esta foi a idade em que o género humano começou o seu desenvolvimento e se tornou suscetível de verdades e ensinamentos mais elevados, e capaz de os conservar.

Mantém-se, porém, quase universalmente, que em Roma a humanidade alcançou o mais alto grau de maturidade; porque nobreza de espírito, poder e uma determinação invencível são atributos de um homem amadurecido. Levar-me-ia demasiado longe do meu propósito mostrar inteiramente a falsidade desta afirmação; mas algumas observações são bem necessárias.

A época romana não apresenta de modo algum sinais de maturidade. Pois a árvore poderosa não estava perfeitamente organizada nos seus membros, e a sombra, enquanto se espalhava sobre as nações circundantes, não era refrescante nem vivificante. Todo o poder da civilização romana era semelhante à força física da águia, e o seu cetro, bem como as suas asas, de ferro. O espírito imutável mas variado, que obtém estima e amor mesmo no repouso, faltava então por completo. O colosso romano era uma massa rude e informe, que se exprimia pela sua própria gravidade; que não conhecia aspiração mais nobre do que o engrandecimento físico; semelhante ao jovem audaz e enérgico, que, ao entrar no mundo, apenas anseia por aprender e gozar os seus prazeres.

O homem instruído esforça-se mais pelo bem comum e por fins nobres do que pela sua própria vantagem física; não em segredo, desconfiado, avarento e astuto, como os romanos. Estes reparos não podem ser retidos da época romana, embora também aí, como em toda a parte, se encontrem exemplos notáveis de dignidade humana e de nobreza de espírito. Estas considerações mostram já que a época romana estava muito abaixo da idade viril, se não tivéssemos

ainda uma razão mais forte, a saber, uma universal, segundo a experiência: — que a natureza não pode dar saltos súbitos.

A natureza teria de dar semelhante salto, se, da chamada época juvenil dos gregos, em poucos séculos elevasse os romanos à idade viril, enquanto antes e depois precisou de milhares de anos para elevar a humanidade de um grau a outro. Em que altura, pois, deveria estar a humanidade neste período?

Roma atingiu o ponto mais alto do seu desenvolvimento com a maior extensão do seu território; mas o poético dominava sobre o espírito filosófico, como sucede na juventude. Horácio, Virgílio, Plauto, Ovídio, Propércio, Tibulo, Pacúvio, Cícero, Enesidemo, Catão, Tito Lívio, etc., são as flores desta idade. E, enquanto a eterna Roma recebia em Augusto um César que governava absolutamente o mundo físico; enquanto Fo aparecia na China, e os Germanos entravam na arena da história; a pura Palavra de Deus levanta-se, com Cristo, no Oriente, destinada a iluminar e a governar o mundo inteiro.

A civilização adquirida pela humanidade até esse tempo tinha-a preparado para receber os ensinamentos mais elevados da revelação divina. Era já então uma exigência da época que os interesses supremos da existência humana fossem aberta e universalmente proclamados. Pois, embora até então certas nações se tivessem mantido num grau considerável de civilização, eram contudo poucas em número as que se elevavam como luzes sobre a escuridão que as rodeava; até então não havia sequer conceção de uma civilização universal.

Na primeira juventude da humanidade, todo o esforço era naturalmente por um desenvolvimento corporal, para obter materiais que dessem maior clareza e fecundidade ao espírito, através do conhecimento dos homens e do mundo. E assim encontramos a humanidade na época do advento de Cristo. O império romano era um colosso gigantesco, na vigorosa saúde corporal da juventude; mas um espírito mais elevado ainda não tinha sido insuflado nos seus membros; terreno e sensual era a sua vida e ser, e por isso este colosso tão facilmente se desmoronou em si mesmo.

Todas as outras nações, na época do nascimento de Cristo, estavam ainda mais abaixo; algumas tinham mesmo deixado de existir. A atividade vital dos gregos havia muito expirara, e quase toda a Ásia jazia num profundo sono de embriaguez. A sabedoria sacerdotal dos egípcios fora dispersa aos ventos, e a sua grave solenidade tinha

desaparecido; o templo do todo-poderoso Javé, em Sião, tornara-se um mercado judaico de fariseus, e as leis de Moisés tinham sido esquecidas; em suma, todas as velhas formas tinham-se antiquado, e o espírito humano tinha caído universalmente em trevas. "Nesta época", diz Hamberger, "as nações estavam evidentemente mergulhadas na mais profunda noite mental, e jaziam como que na sombra da morte, na mais extrema necessidade da graça salvadora e santificadora de Deus."

Assim como o homem individual, ao aproximar-se da maturidade, com a consciência desperta da liberdade interior, tem de escolher entre os caminhos da virtude e do vício; de combater entre a natureza animal e a divina; e como um sábio guardião dá então o impulso decisivo, de modo que a dúvida e o erro se separam da verdade, e o caminho da virtude é escolhido; assim também a humanidade, que não é senão a generalização do homem individual, deve ser guiada e educada no seu desenvolvimento espiritual; pois, se deixada a si mesma, descamba para os atalhos do erro, como o homem individual. Se a corrupção geral havia de ser contida, se a humanidade degenerada havia de ser curada da sua doença, era necessário aplicar um remédio poderoso e regenerador por um médico hábil e infalível; e este foi a pura luz da vida e os ensinamentos de Jesus Cristo.

Pela aplicabilidade universal da sua palavra, apoderando-se de todos os homens, os seus ensinamentos estavam bem adaptados para iluminar a obscuridade e refrear a desordem selvagem; pois os ensinamentos de Cristo não são uma filosofia inchada de novas ideias, com que alguns poucos se ocupam por pouco tempo; não são uma mera coleção de sentenças morais isoladas; não são um brilhante engano da mente, vegetando em espíritos visionários em palavras vãs sem atos; mas uma luz suave e um calor benéfico que iluminam e vivificam a razão e o espírito, e toda a natureza. E assim Cristo foi o Salvador divino, que libertou o espírito humano dos muitos grilhões em que estava preso.

Todos os desenvolvimentos da natureza realizam-se segundo leis fixas, e assim também a vida do homem; e, como o homem é em pequeno apenas o que a humanidade é no todo, necessariamente a humanidade também deve conformar-se a essas leis naturais. Tratei mais extensamente deste assunto na exposição das minhas conceções antropológicas — à qual devo remeter o leitor. O resultado do processo típico de desenvolvimento através de três períodos

(juventude, maturidade e velhice), com sete épocas e nove graus de subdivisão, dá oitenta e um anos como a vida normal do homem individual. Este cálculo presuntivo, adaptado à história da humanidade, dá-nos o seguinte: os três períodos do homem, cada um de 4374 anos, fariam no todo 13 122 anos (3 × 4374 = 13 122); e, portanto, o termo da primeira época do primeiro período é 2187 anos — correspondendo aproximadamente à vida de Abraão; o fim da segunda época, que é o termo do primeiro e começo do segundo período (maturidade) na vida da humanidade, é assinalado pelo advento de Cristo = 4374; e, portanto, nessa idade, a humanidade estava, por assim dizer, no décimo oitavo ano do homem individual.

Este cálculo concorda notavelmente com a história mosaica; e peso e significado são dados às palavras: — "O herdeiro, enquanto é criança, está debaixo de tutores e administradores, até ao tempo determinado pelo pai. Mas, quando veio a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei."

O tempo, portanto, estava rigorosamente indicado, e como Cristo não podia vir antes, também não podia ter vindo depois; pois isto teria sido um atraso em contradição com a sabedoria e providência de Deus. Em toda a história do mundo, pois, não poderia ter sido escolhido momento mais apropriado para a revelação da palavra de Deus do que o período acima nomeado. Em todas as partes do mundo, porém, havia homens esclarecidos, para os quais, na corrupção moral universal e na maldade geral, uma doutrina tão nobre era em sumo grau bem-vinda. As artes e ciências florescentes em Roma tornavam absolutamente necessária uma iluminação religiosa mais elevada, e mestres eruditos, como Sócrates, Platão e os filósofos alexandrinos, já haviam trabalhado para preparar o caminho.

As circunstâncias exteriores também eram de natureza a espalhar esta nova doutrina em geral; pois a luz desta doutrina divina surgiu na época do mais vasto domínio de Roma, que permitia liberdade religiosa universal, e assim, bem como pelas nações então em contacto umas com as outras, vivendo nessa época em paz, esta religião espalhou-se facilmente entre outros povos; pois tinha de se difundir tanto entre pagãos como entre judeus. Até mesmo os obstáculos que se lhe opunham parecem ter estado exatamente adaptados para acelerar o seu progresso e aumentar a sua vitalidade em vez de o impedir. Entre estes obstáculos pode-se contar o destino do apóstolo Paulo, que, de violento perseguidor dos cristãos, se

tornou fervoroso pregador do Evangelho, e, enfrentando as mais adversas fortunas, ensinou as doutrinas cristãs na Ásia, na Grécia e, por fim, até em Roma, com um entusiasmo e um êxito que muito ajudaram à sua aceitação e duradoura prosperidade.

Até as ordens dos primeiros imperadores para suprimir os mestres desta religião, por receio de que se tornassem perigosos para o seu governo, e a fúria desenfreada das nações pagãs, fizeram com que as comunidades cristãs, que os governadores das províncias em geral deixavam em paz, se unissem mais intimamente para preservar o precioso tesouro da influência do paganismo e da corrupção.

Assim, a primeira difusão da religião cristã progrediu de muitos modos, por atalhos e até com erros, mas sempre irresistivelmente; e até isto mostra, de outra forma, que a humanidade não pode ser de repente violentamente transformada, mas deve passar por vários estágios, e que os membros devem desenvolver-se antes que toda a organização possa ser penetrada pela luz de uma vida existente por si só. Pois como poderiam as nações romanas bárbaras e guerreiras, e depois os bárbaros do norte, tornar-se em tão pouco tempo verdadeiros cristãos? Como poderíamos, portanto, esperar o mesmo de nações semelhantes?

Assim como Cristo tinha de vir num tempo determinado, também tinha de aparecer num lugar determinado. A semente deve ser lançada onde há de germinar, e um bom lavrador semeia-a em solo fértil.

Tratei amplamente deste assunto noutros escritos. Quem quer que conheça a história das nações, e a compare com as suas posições geográficas, deve perceber que a costa ocidental da Ásia, e especialmente a Síria, como centro entre o oriente e o ocidente, entre as tribos nómadas e pastoris da Ásia e as nações sedentárias do Egito, perto do mar, com tantas ilhas agrupadas, era um lugar muito superior a todos os outros do mundo para os elementos de atividade e repouso, de troca e conservação, e de mútuo intercâmbio de povos distantes. Deste ponto os antigos fenícios levaram o seu comércio em todas as direções sobre a terra.

Esta terra, tão bem adaptada para o comércio, era limitada por um mar que os egípcios odiavam, como odiavam todos os estrangeiros, mas sobre o qual os orientais patriarcais, pelos seus navios, espalhavam a civilização com as suas mercadorias, não só para as ilhas vizinhas, mas também para as costas distantes das terras

ocidentais. Sobre toda a terra não se encontra mar que seja mais apto para este fim; nem mesmo uma imaginação fecunda poderia imaginar um mais adequado. Parece como se a Providência tivesse criado o mar Mediterrâneo para unir nações e países e espalhar a civilização; enquanto, ao mesmo tempo, este mesmo mar separava dessa civilização as nações que poderiam pô-la em perigo como uma rajada do simum.*

** (NT: O simum (ou samum) é um vento quente e sufocante típico dos desertos da Arábia, da Síria e do Saara. É uma tempestade de vento ardente, muitas vezes carregada de areia ou pó, que sopra de forma súbita e pode ser mortal para homens e animais devido ao calor abrasador e à dificuldade em respirar. O termo vem do árabe (samūm), que significa literalmente "vento tóxico" ou "veneno ardente".)*

Determinadas as circunstâncias históricas e naturais, o advento tinha agora de ter lugar na forma regular da existência; não seriam a grandeza e o poder terrenos que acompanhariam o Homem Divino, pois o seu reino não é deste mundo; ele assume a servidão na humildade e no silêncio; o seu nascimento e primeira aparição neste mundo não excitam atenção, embora não sem sinais para os fiéis. Ele, porém, anunciará as palavras da verdade apenas como homem maduro; pois as doutrinas mais elevadas, que dizem respeito ao espírito, só são comunicadas por homens, e só são acreditadas por homens que tenham carácter firme e fixo.

Para dar poder e vitalidade aos seus ensinamentos, o mestre divino tem de ser o ideal de toda a perfeição; tem também de possuir e exercer poderes divinos. As fraquezas da carne e as falhas universais da humanidade não são nele percetíveis como nos deuses gregos; não deve fornecer material para a imaginação humana, mas representar um ser puramente espiritual através de uma vida de amor eterno. Precederá todos pelo exemplo das suas virtudes; revelará o estado corrompido da natureza humana sem hesitação a cada um, e mostrará, sem reserva, a falsidade do prazer terreno diante de todos os homens; mostrará que a verdadeira felicidade da paz consiste em procurar recuperar a perdida semelhança com Deus pela fé e pelo amor.

Para os ensinamentos da palavra da vida, longa preparação é necessária. Mensageiros devem precedê-lo ao mesmo lugar e ao mesmo povo onde há de aparecer, para anunciarem a sua vinda;

alguns devem até precedê-lo imediatamente, para prepararem o caminho e endireitarem as veredas com a pregação: — "Arrependei-vos e crede, pois o reino dos céus está próximo. Eis que está à porta e bate." Na sua vinda, o Salvador do mundo revelará a palavra da vida a todos sem distinção; pois todos têm igual direito à herança do Pai, que ele agora lhes dá num Novo Testamento, através de seu Filho; não há diferença entre rico e pobre, entre senhor e servo, entre jovem e velho; fez ainda uma nova aliança, não apenas com o Israel escolhido, mas com todos os homens e povos da terra. Não considera a circuncisão mas a fé, que é ativa pelo amor. Aqui não há nem judeu nem gentio, escravo nem livre; não há distinção entre homem ou mulher, mas todos são iguais diante dele.

O Salvador não podia revelar as suas obras em sinais e escritos, mas em palavras vivas de boca a ouvido e coração; pois o espírito do Pai não pode calar-se, mas entra naquele que o ama. Age direta e poderosamente no fiel, e produz novos frutos mil vezes multiplicados. Mas, como a fé não está em todos, nem todos serão capazes de o compreender ou seguir, e os ricos e sábios segundo o mundo acharão nele pedra de tropeço; e, visto que os seus ensinamentos ordenam especialmente a renúncia ao mundo e aos seus prazeres, como poderia o homem preso aos seus bens terrenos renunciar de imediato às suas comodidades, ou descer da sua posição elevada?

O Salvador falará, sem dúvida, diante de todo o mundo, e concederá o seu benefício espiritual, acompanhado de milagres, a todo aquele que dele se aproxima e por eles roga; mas, para a certeza e prosperidade da sua missão, escolherá alguns em especial, nos quais fixará a palavra divina tão firmemente, por íntima comunhão, que nunca poderá ser destruída.

Os discípulos escolhidos não devem, porém, estar inoculados pela sabedoria mundana; mas devem ter entendimento são e espírito fiel — qualidades necessárias acima de todas, para que possam cumprir em obediência a vontade do seu mestre. Para tal, devem, contudo, ser infundidos de todo o espírito do seu Senhor, por uma longa e direta comunhão com ele; e ser tão penetrados pela sua verdade, que não possam ser atemorizados por nenhuma perseguição ou obstáculo terreno, de exercerem abertamente, e sem expectativa de recompensa, a missão que receberam.

A presença do Salvador sobre a terra, e entre os seus discípulos, é apenas necessária até que os discípulos estejam suficientemente

preparados para prosseguir a grande obra após a sua partida; e, para esse fim, o período de dois ou três anos de ensino foi suficiente. O número dos seus primeiros discípulos seria naturalmente determinado pelas circunstâncias do país e da nação onde as primeiras sementes foram lançadas e germinaram. Pois até os menores germes da palavra divina crescem de maneira incrível, até que abracem a terra. Na pequena terra da Palestina, onde os judeus viviam divididos em doze tribos, separadas dos pagãos vizinhos — por essa razão doze apóstolos foram escolhidos.

Quando o Salvador, que aqui aparece em carne, tiver concluído os seus trabalhos e cumprido o seu tempo, morrerá como todos os homens; pois o corpo terreno deve tornar-se terra, e o espírito só ascender ao céu. "O que semeias não é vivificado, senão que morra; e o que semeias, não semeias o corpo que há de ser; mas Deus dá-lhe um corpo como lhe apraz, e a cada semente o seu corpo próprio. É semeado corpo natural, é ressuscitado corpo espiritual" (I Coríntios, xv, 36).

Mas, como os seus adversários o considerarão inovador, e ainda por cima criador de perturbações e enganador do povo, porque se esforça por introduzir uma nova ordem de coisas que inverte a antiga, pela qual, segundo as suas ideias, a herança que lhes fora deixada pelo Pai seria destruída, clamarão contra ele como duplamente perigoso delinquente; politicamente, em razão do número dos que o seguiam, mas também como caluniador das suas leis, blasfemo contra Deus, fazendo-se igual a Deus.

Clamarão, portanto, em voz alta, para o matar antes de todos os outros malfeitores. E ele beberá o cálice amargo, que o Pai lhe põe diante, para salvação da humanidade; pois não a sua vontade na carne, mas a vontade de seu Pai no céu, será cumprida. Com a sua morte, a escuridão cobrirá a terra, e os olhos dos fiéis se tornarão baços, e os corações dos pecadores endurecidos.

Mas, se for obra de Deus, perdurará; e, se foi verdadeiramente Deus quem desceu, não permanecerá na morte, mas ressurgirá em glória e poder sobre vivos e mortos; e confortará os aflitos com o seu espírito, e revelar-se-á a eles; dará confiança aos que duvidam; e, por fim, na sua partida, abençoá-los-á, e depois da sua ascensão enviará a eles o espírito da verdade, que desperta a mente e o entendimento como por uma língua de fogo, tal como nunca antes fora visto no mundo.

E quais serão as consequências desta morte? O sangue oferecido do Deus-homem purificará o homem crente de toda a mancha terrena do pecado, e os germes por ele lançados brotarão e espalharão verdes ramos; e sobre as nações dispersas sob a sua sombra descerão as bênçãos do sacrifício. A porta de uma nova vida e templo no coração do homem, aberta pelo Salvador, estará sem tranca nem ferrolho, pois ele libertará o espírito dos seus inumeráveis grilhões.

Já não se oferecerão sacrifícios fumegantes; já não se derramará o sangue dos animais; já não se adorarão ídolos esculpidos em pedra ou madeira, mas a pureza interior do espírito, e a perfeita semelhança de Deus, serão restauradas; e, deste modo, todos os que caíram em Adão se erguerão em nosso Senhor, e pela sua mediação todos recobrarão liberdade para agir e trabalhar em fé e amor.

Esta regeneração do homem não se realizará, contudo, de um só golpe, nem influenciará todos os corações como relâmpago, mas progredirá silenciosa e lentamente, mas seguramente e irresistivelmente, segundo as infalíveis leis da natureza. Passar-se-ão milhares de anos antes que todo o rebanho seja reunido num só aprisco. Mas este novo ensinamento restituirá a todos, e a cada um que o receba, a liberdade original e a perfeição do espírito; em todos amadurecerá os frutos da santidade, do amor e da felicidade.

"Porque Deus amou de tal maneira o mundo, que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João, iii, 16).

Apareceu Cristo realmente com a missão divina de Salvador do mundo? As seguintes razões convencem-me de que em Cristo apareceu o Mediador divino e, ao mesmo tempo, o Salvador: —

1. Que o mesmo espírito que outrora anunciou a palavra de Deus pelos profetas falou plenamente em Cristo.
2. Que todos os profetas deram testemunho dele, de que todos os que nele cressem e o seguissem haveriam de receber perdão dos seus pecados (Atos, x, 43).
3. Que todas as circunstâncias do advento de Cristo, até à sua ascensão, foram preditas.
4. Convenço-me ainda pelo conteúdo dos ensinamentos de Cristo; pelo Espírito da vida de Jesus; pelos seus milagres e profecias; pela concordância dos seus ensinamentos com as expectativas

das eras anteriores, e com as necessidades da humanidade; e, por fim,

5. Que todos os que creem em Cristo e recebem o seu espírito, desde o seu advento, alcançam paz interior, e fazem em seu nome o que ele prometeu aos seus discípulos.

Esta digressão antropológica poderá parecer a muitos desnecessariamente introduzida; mas não a considero supérflua para tornar a crença no Cristianismo mais forte do que geralmente é; para que uma crença facilmente aceite não se torne superstição, e assim não seja colocada como contrapeso ao racionalismo; para que, por tal fé facilmente adquirida, não se acredite em tudo o que é inexplicável; pois é tão comum, de um lado, crer demasiado facilmente, sem cuidar da investigação, como, do outro, crer pouco ou nada, quando o conhecimento limitado não concorda com o objeto da fé.

As contradições, que se julga existirem, surgem na maior parte das vezes nos pólos divergentes da fé e do conhecimento. Eu preferiria antes reforçar a abrangência objetiva da crença religiosa comum na divindade de Cristo, que é em geral muito mais difícil, salvo em casos individuais, do que o conhecimento; não por especialidades dialéticas, mas por uma harmoniosa equalização; e seguiria o sistema do investigador da natureza, que nada inventa de novo na natureza, mas procura compreender o objeto da sua investigação.

Deste modo justificaremos a crença popular universal (a qual, de forma inconsciente, contém quase sempre mais germes de verdade do que os sistemas mais laboriosamente cinzelados dos filósofos da época), e introduziremos a verdade ἀλήθεια no conhecimento, pois não apenas cremos possível a ideia no acontecimento, mas fundamos o acontecimento numa base conforme à natureza φὐσις, que não é imaginária.

Tal conceção profunda do significado do Cristianismo Χριστιανισμὸς é, porém, absolutamente necessária para a compreensão adequada das manifestações mágicas das eras posteriores, que ainda restam mencionar; e tomo aqui a ocasião de falar da relação do magnetismo μαγνητισμὸς com os milagres cristãos, visto que, em tempos modernos, se declarou não serem mais do que magnéticos, e o próprio Cristo Χριστὸς um magnetista; enquanto, por outro lado, o magnetismo foi considerado como sendo puramente espiritual.

Aqui surgem várias questões que, no presente, estão imperfeitamente explicadas: a estas pertence a questão da

semelhança ou identidade entre as profecias προφητεῖαι e milagres cristãos e os fenómenos magnéticos. Será tudo isto uma influência natural, apenas variada em intensidade, ou haverá uma influência miraculosa superior através de Cristo Χριστός? Estas questões devem ser respondidas por diferentes vias de raciocínio, conforme se considere o magnetismo de um ponto de vista elevado ou baixo, como condição superior ou inferior da existência, ou conforme a teoria se adapte à analogia.

Assim, um declara os milagres de Cristo Χριστός magnéticos, porque não existe poder sobrenatural δύναμις ὑπερφυής, e porque todos os milagres estão afastados da crítica minuciosa, podendo ser comparados ao magnetismo, que obedece a leis naturais, mais ou menos conhecidas.

Outro vê em Χριστός (Cristo) a mais alta manifestação da inteligência νοῦς na vida telúrica do sono, em que a força negativa da mente crente se torna, de facto, o princípio ativo na cura. Outro ainda considera-o como miraculoso de modo sobrenatural, inadmissível de comparação com um magnetismo duvidoso ou desacreditado; enquanto outros, de modo contrário, veem no magnetismo uma continuação do Evangelho εὐαγγέλιον, ou, pelo contrário, uma obra do diabo διάβολος.

Quem não estiver perfeitamente familiarizado com o magnetismo, e apenas o considerar em certos aspetos, formará dele uma opinião segundo a sua posição individual e a sua própria teoria. Aquele que, por um lado, aceita demasiada influência da natureza φύσις na vida ζωή, e, por outro, considera Cristo Χριστός apenas como uma individualidade entre acontecimentos passageiros, nunca poderá responder corretamente às questões acima.

Mas se conhecermos Cristo como os Evangelistas εὐαγγελισταί e Apóstolos ἀπόστολοι o representam, se atentarmos aos acontecimentos antes e depois da sua vinda, não acharemos difícil formar as devidas ideias sobre o valor e a intenção do magnetismo, por um lado, e sobre o ser e a dignidade de Cristo, como manifestação divina e como milagre na natureza θαῦμα ἐν φύσει, por outro.

Todavia, as analogias nos fenómenos da profecia προφητεία, assim como na manipulação — por exemplo, a imposição das mãos ἐπιθέσις χειρῶν e a mútua ligação, relação ῥαπτόρ pela comunhão na fé — não devem ser negadas (o que poderia servir para recomendar o

magnetismo), mas também não devem ser aceites literalmente. Cristo viveu e agiu na φύσις (natureza), também como homem mediante agentes naturais comuns: tinha σάρξ (carne) e αἷμα (sangue) da semente de Abraão Ἀβραάμ e David Δαυὶδ, e nasceu de uma virgem παρθένος na aldeia de Belém Βηθλεέμ; a sua existência, até aparecer como anunciador da palavra de Deus Θεός, decorreu tão calmamente, segundo o curso habitual da natureza φύσις, que nada extraordinário é conhecido. A sua comunicação com outros homens, o comer e beber, os acontecimentos da vida ζωή, até a vida ζωή e a morte θάνατος, sucederam de modo comum.

Se, contudo, o seu poder de profecia προφητεία pode ser comparado aos fenómenos da clarividência διορατικότης, e as suas curas seguem o exercício da vontade como no magnetista, a intenção e o objetivo, o significado e a direção, devem ser claramente definidos e distinguidos. Cristo não é o sofredor somnâmbulo de um lado; não é, do outro, o médico produtor de sonambulismo curativo; não limita os seus esforços à cura temporária de um homem dos seus males corporais; mas quer purificá-lo do pecado ἁμαρτία e, influenciando outros através dele, trazer graça χάρις e salvação σωτηρία a todos. Cristo é simultaneamente médico ἰατρός e remédio φάρμακον da alma ψυχή e do corpo.

Ele não veio predizer fortunas individuais, mas é o grande profeta que havia de vir ao mundo e a Israel, para anunciar a promessa da vida eterna. Não ensinou técnicas de cura particulares, mas enviou discípulos e apóstolos às ovelhas perdidas da casa de Israel e a todos os gentios do mundo. Foi mestre perfeito e profeta, que uniu poder sobrenatural à sua pregação, e cujas palavras penetravam nos corações dos ouvintes, que se admiravam dizendo: "Nunca homem falou como este". «οὐδέποτε ἐλάλησεν οὕτως ἄνθρωπος» Confirmava os seus ensinamentos com milagres, realizados pela sua própria força, e selava-os com uma vida santa e imaculada.

Não buscava renome entre os homens por sinais e maravilhas, que até mandava guardar em segredo (Mateus 8:4, 9:30); buscava antes difundir a glória de Deus entre os homens e uni-los ao Pai Eterno. A sua missão profética transferiu-a a mestres capazes, que, embora fracos na carne, eram fortes no espírito, concedendo-lhes poder e graça para realizarem as suas obras; por meios sobrenaturais deveriam conduzir os homens à metanoia (arrependimento) e a um conhecimento e força sólidos, para permanecer e crescer na igreja. Para assegurar o êxito da sua pregação, edificou-a sobre um

fundamento firme, contra o qual nem as portas do inferno poderiam prevalecer, de modo que durará enquanto o mundo existir.

Se Cristo viveu e agiu segundo a natureza, a força ativa nele não era menos sobrenatural — uma influência divina superior: pois transformou água em vinho, os ventos e o mar obedeceram-lhe, e curou coxos e doentes instantaneamente; a figueira secou à beira da estrada, cegos recuperaram a visão, e os mortos foram ressuscitados; os espíritos malignos obedeceram-lhe, os leprosos ficaram limpos; e tudo isto não eram efeitos produzidos por poderes humanos conhecidos.

E mesmo que tais factos históricos fossem tidos por exageros de entusiasmo (o que uma crítica abrangente não poderia admitir), ou que se procurassem analogias nos milagres, admitindo apenas um grau superior de influência como a que se encontra por vezes no magnetismo, ou que se lhes desse o caráter de parábola ou de ilusão subjetiva dos primeiros narradores, todas essas tentativas são forçadas, unilaterais e estéreis, pois tais factos permaneceram únicos na natureza, inigualáveis no brilho da verdade, inabalados através dos séculos, sendo aceites universalmente em todo o mundo.

Se, porém, não admitirmos nenhum milagre na pessoa ou vida de Cristo, independentemente dos factos cridos, duvidados ou criticados; se abstrairmos do facto de ter atraído todos a si pela força irresistível da sua graça e verdade amorosa; se considerarmos que não defendeu o seu reino contra os adversários com poder terreno — ainda assim, a qualidade miraculosa de Cristo terá de ser de natureza muito diversa. O verdadeiro milagre reside na manifestação de Deus em carne através do próprio Cristo, em tempo e lugar determinados. O verdadeiro milagre foi o rasgar do véu do templo, destruído após a morte de Jesus, conforme ele predissera; a dispersão de todo o povo judeu, que não mais pôde reunir-se nem reconstruir o templo. O verdadeiro milagre é a regeneração e a reforma da vida e dos costumes humanos.

Os mistérios outrora escondidos foram revelados pela luz da missão cumprida por Cristo; ele apareceu nas trevas para iluminar todos os homens, pois nele estava a luz e a vida, que as trevas não compreenderam. O verdadeiro milagre é o espírito sempre ativo de Cristo na missão sacerdotal, para destruir o domínio do diabo e da superstição, espalhar luz e bênção sobre todo o género humano, e

operar todos os milagres θαύματα que Cristo prometeu aos discípulos.

Finalmente, é um milagre que o Cristianismo dê uma nova direção e força ao espírito, mente humano, tornando-o destemido e perseverante em todas as provas e sofrimentos, aperfeiçoando cada alma individual; e, à medida que se espalha, conduz os gentios à verdadeira adoração de Deus, fundando paz e fraternidade entre todos os homens.

A ideia do Cristianismo como desenvolvimento da consciência religiosa da humanidade, a partir de uma certa relação espiritual e comunhão do homem com um Criador eterno, encontra-se em todos os povos desde os tempos mais antigos, sob forma mais ou menos perfeita; não só a ideia do ser Deus e da seu governo, mas também da queda e de uma futura restauração. Esta ideia tornou-se pela primeira vez consciência pura da verdade através da palavra viva de Cristo. O Cristianismo não é, portanto, novo nas suas raízes ou no seu tronco; está profundamente enraizado na história de Israel, e os seus germes remontam à origem da humanidade, de modo que até o Messias que esmagaria a cabeça do serpente foi prometido à mãe do género humano.

Assim, o Cristianismo, em conexão orgânica com as etapas religiosas anteriores do desenvolvimento humano, e como forma superior de existência que as abarca, dedica-se a um processo contínuo de purificação da consciência religiosa. E o Reino de Deus é como um grão de mostarda, "que é, de facto, o menor de todos os grãos; mas, crescendo, torna-se o maior entre as ervas, e torna-se árvore, de modo que os pássaros do céu vêm abrigar-se nos seus ramos". Não que o Cristianismo tenha saído imperfeito do seu fundador; o seu conteúdo foi desde o princípio puro; mas a sua significação assume formas diferentes na manifestação, espalhando-se segundo as várias formas de consciência religiosa e segundo os diversos modos de aceitação.

O processo de purificação consiste, portanto, na iluminação religiosa das empresas das nações e das épocas, na separação da verdade do erro; e, deste modo, o Cristianismo está sujeito às leis do desenvolvimento que regem o espírito e a natureza. O significado real permanece, mas as formas são mutáveis, e a explicação delas é tarefa da ciência. A religião, porém, não é um sistema acabado, mas um sistema vivo; não é apenas letra e palavras exteriores, mas um

espírito atuante e vivificante. O verdadeiro conhecimento deve, portanto, ser uma filosofia religiosa ou uma teosofia, que, especulativamente, se esforça por espiritualizar a fé. A verdadeira filosofia será, portanto, cristã, nivelando todas as desigualdades da revelação e da razão, da fé e da ciência. Firmar-se-á, assim, no que é mais valioso — para o conservar; explicará os modos variáveis de perceção como períodos do desenvolvimento autoconsciente segundo a época; e arrancará, destruirá e reformará as ervas daninhas da distorção que crescem neste desenvolvimento.

Uma filosofia verdadeiramente cristã reconciliará, portanto, a religião como o mais profundo, inerradicável e inexprimível sentimento, com a ideia; a fé com o conhecimento. Reconhecerá especialmente as conceções universais da fé cristã como uma necessidade do espírito, como o repouso da alma (ψυχή), e esforçar-se-á por harmonizá-las com a história e a natureza; pois tais filosofias são consideradas por todas as partes como as mais verdadeiras e são sempre mais geralmente aceites: tais, por exemplo, as de Agostinho, Tauler, Jacob Böhme, Arndt, etc. Uma filosofia que destrói uma fé com muitos seguidores é, certamente, apenas um meteoro passageiro: pela sua unilateralidade é sempre condenada antes que o sentimento popular universal interior a tenha adotado, ou antes que uma contemplação positiva mais abrangente tenha dispersado o seu edifício como uma névoa cintilante.

A influência do Cristianismo sobre a magia não poderia ser pequena; mudanças materiais seriam sem dúvida produzidas através da sua ação: faremos, em momento posterior, investigações mais minuciosas, a fim de compreender as modificações da magia e a crença na feitiçaria. Direi aqui apenas, em poucas palavras, que, na época da manifestação de Cristo, a fé em demónios e, particularmente, em espíritos malignos, não era apenas geral entre os gentios, mas também entre os judeus em grau incrível; e atribuía-se-lhes poderes ilimitados, tão grandes quanto os da própria divindade, acreditando-se que influenciavam não só a mente mas também a natureza e a vida física.

A superstição imaginava todos os meios possíveis de alcançar o favor desses demónios, de transferir a sua influência nociva sobre outros por meios permitidos ou não, ou de utilizar esses poderes sobrenaturais para quaisquer fins. Em suma, a magia tornara-se agora uma arte negra, e o seu verdadeiro significado e valor, no sentido nobre e original, estava perdido. Então veio Cristo para

destruir as obras e o domínio do diabo sobre a terra, iluminar e esclarecer a obscuridade da mente, substituir a falsidade pela verdade, o medo pela fé, e confirmar a confiança e o amor para com Deus e o próximo, em vez de insegurança, desespero e ódio. Isso, em si, fazia de Cristo um verdadeiro salvador na necessidade; pois, mais do que todos, o povo eleito era atormentado por espíritos malignos, de tal modo que os possessos se tornaram um autêntico flagelo nacional, atacando viajantes nas estradas e pastores nos campos, pondo assim em risco a segurança pública.

Já não se distinguia entre o natural e o sobrenatural, e a inclinação do homem para o mal inclinava-o para princípios de trevas dentro e fora, tornando-se ele próprio um espírito maligno e feiticeiro. Se considerarmos esta miséria, esta confusão universal do espírito, que não só desmoralizava por completo mas punha em perigo a própria existência da sociedade, é impossível não ver quão cheio de bênçãos foi o advento de Cristo. Ele expulsou demónios, tornou os homens pacíficos e, de todos os lados, privou o inferno do seu poder; rasgou os véus das suas falsas artes e ensinou os homens a resistir a todas as tentações da carne e do diabo, pela penitência acompanhada de oração e jejum, pela renúncia à luxúria dos sentidos e pelas obras de amor.

À falsa magia dos pecadores pervertidos, que produziam obras diabólicas de modo natural através de meios materiais, Cristo opôs a magia pura e elevada do verdadeiro conhecimento de Deus, pela ajuda da qual o homem, fortalecido na fé, se tornava capaz de influenciar a natureza, de desfazer os laços de Satanás e, assim, de libertar-se do poder do inferno. Além disso, o conteúdo material dos ensinamentos de Cristo, os Evangelhos, raramente se refere à crença em demónios e espíritos, e deste modo o Novo Testamento distingue-se de todas as outras religiões.

Os escritos religiosos da Índia e dos Persas contêm continuamente referências a assuntos de magia e demonologia; e nas leis de Manu encontram-se disposições relativas à feitiçaria, considerada aí uma realidade objetiva. Pelo contrário, os Evangelhos apenas ensinam a fé em Deus e procuram dissipar o temor supersticioso dos demónios, pelo menos na sua influência sobre o mundo físico. Os Evangelhos, portanto, não contêm ensinamentos sobre espíritos malignos e as suas artes, nem meios pelos quais o homem possa proteger-se contra eles; mas mostram sempre que o verdadeiro mal é o mal moral no homem, pelo qual este se entrega ao diabo; e que o homem

só precisa de reformar-se e voltar-se seriamente para Deus para estar seguro de todas as influências malignas e obras diabólicas.

Embora, no tempo de Cristo, houvesse muitos judeus que procuravam ridicularizar os milagres de Cristo com truques, em todo o corpo dos Evangelhos não se encontra uma única passagem que mencione verdadeira feitiçaria ou adivinhação mágica, ou que homens realizassem tais atos com auxílio de demónios ou do diabo. Pelo contrário, os escritos sagrados afirmam claramente que as obras da carne são feitiçaria, e que as sugestões diabólicas influenciam as mentes dos homens, pelos quais, se lhes dão ouvidos, se tornam servos do diabo e não de Deus.

«Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, emulações, ira, contendas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, orgias e coisas semelhantes, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus (βασιλεία τοῦ Θεοῦ). Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança; contra tais coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e desejos» (Gálatas 5:19–24).

## TERCEIRA SECÇÃO
## A MAGIA ENTRE OS GREGOS E OS ROMANOS

### PRIMEIRA DIVISÃO
### A MAGIA ENTRE OS GREGOS

O povo grego é um dos mais notáveis de todos os povos e, independentemente de qualquer outra coisa, especialmente no domínio da magia. Toda a Grécia é uma magia viva, tal como nenhum outro povo antes ou depois apresentou; pois os gregos eram de temperamento singularmente poético. A humanidade passava agora da sua severa escola e da rude vontade da infância para a liberdade da juventude amadurecente; ou, o que é o mesmo, a árvore humana desabrochava na individualidade grega as flores do espírito em erupções poéticas de intensa inspiração.

Até este período, os povos tinham procurado Deus, do fundo da sua mente, de modo puramente espiritual: ou, como os orientais, elevando-se e tornando-se unidos com a divindade; ou, como entre

os israelitas, percebendo Deus sobre a terra em tempos de humilhação. Mas a imaginação juvenil dos gregos animou agora a morada da natureza com ideias divinas, com as quais, por assim dizer, revestiram todas as coisas. Toda a natureza, para os gregos, estava espiritualmente animada, e o Olimpo dos deuses era sobre a própria terra. Os deuses transformavam-se em homens, e os homens em deuses; em suma, toda a vida era uma metamorfose da natureza, e o espírito humano, em grande escala, assemelhava-se ao espírito de um sonâmbulo em pequena escala.

Se reconhecermos a abundante vitalidade do génio que brota da natureza interior dos Gregos, e recordarmos o que já disse acerca do instinto frequentemente dominante na Antiguidade, será fácil compreender por que razão a poesia e as artes ganharam entre eles muito mais poder e influência do que as ciências. Na juventude, a imaginação governa a razão (λόγος), que apenas se alcança na maturidade, quando passa a prescrever os limites da primeira. A engenhosidade grega é evidente em cada pensamento, imagem ou ação; e o sentido interior dominante, que pela primeira vez irrompeu numa imaginação ardente nos Gregos, depois de até então ter permanecido latente na humanidade, revestia de uma beleza ideal todas as suas obras, que, por isso, são propriamente chamadas ideais, por nascerem de um espírito criador.

O Grego é um vidente e poeta, de quem fala o génio divino; e ele próprio existe, como as suas ilusões mentais, no centro de um mundo mágico. É, como o homem em geral, o espelho mágico em que se refletem céu e terra, unidos numa unidade indissolúvel; o subjetivo e o objetivo, como a natureza e o espírito (νοῦς), ainda não se encontram nele separados.

Assim, quer ele volte o seu espírito para o exterior, quer a natureza se reflita nele, formam-se sempre objetos existentes; os objetos exteriores tornam-se para ele interiores, subjetivos e vivos, tal como o seu espírito interior se torna objetivo. O Grego sentia o belo em toda a parte, tanto no natural como no espiritual, e pela sua imaginação criava uma harmonia universal de formas. E, assim, de facto, todo o ser e a existência helénica era uma magia viva.

Se, como geralmente acontece, pensamos na magia no pior sentido, como feitiçaria, e não a consideramos no sentido mais elevado de um desenvolvimento popular; se não entendemos a mitologia como verdadeira representação mágica; e se admitimos que o que é

considerado mágico não passa de importação estrangeira do Oriente e do Egito; acharemos que ela é tratada brevemente na história da Filosofia ou da Mitologia como um resto de superstições, e lançada de parte como resíduo de ilusão. Quem acredita que a mitologia dos Gregos é apenas invenção alegórica de espíritos astutos; quem vê nos oráculos apenas artifício sacerdotal e astúcia, sem verdade interior; quem enxerga nas iniciações apenas uma teia de cerimónias tradicionais sem alma, não pode ter compreendido nem o ser e a existência dos Gregos, nem a sua mitologia.

O mythos tinha envolvido todo o povo, e a mitologia era para os Gregos não apenas objeto de especulação vã ou de imaginação inventiva; o divino revelava-se-lhes em formas ideais vivas, atrás das quais previam — senão percebiam — o Criador eterno, como ser miraculoso e incompreensível. Nos oráculos, a voz da divindade oculta revelava conselhos e verdades desconhecidas; e os sacerdotes, em magníficos templos, ofereciam orações, cerimónias sagradas e sacrifícios em nome do povo, para se manterem em digna comunhão com os poderes sobrenaturais. Deus mostrava-se-lhes benigno, como a todos os seus filhos terrenos; permitia-lhes encontrá-lo à sua maneira e até se dava a conhecer em milagres — que, de facto, não eram raros no paganismo.

Os Gregos formaram a sua religião de maneira peculiar, ainda que influenciada exteriormente; e o seu sistema religioso só pode ser explicado como brotando do caráter grego, não podendo nenhuma doutrina individual ser historicamente atribuída a outra fonte. Que o seu sacerdócio não era vazio, sem alma ou enganoso, prova-o claramente a investigação de Schelling acerca dos "Deuses Samotrácios"; e a iniciação nos mistérios tinha antes a intenção de os ligar, na vida e na morte, aos deuses, do que de transmitir conhecimento do universo.

"O iniciado tornava-se, pela consagração, um elo da cadeia magnética, um Cabiro, recebido numa comunicação indestrutível, e, como refere a história antiga, associado aos deuses supremos"; e os meios que os Gregos, como todos os outros gentios, empregavam para produzir essa comunhão com os deuses não eram de modo algum arbitrários, mas fixados segundo leis mágicas superiores, de facto reveladas aos fundadores e guardiões do sistema. Deus influenciava os homens de cima, e os homens elevavam-se, por esse modo, através de símbolos, até Deus. "Assim como o homem age em baixo", diz o Talmude, "assim é influenciado de cima"; e, segundo o

Evangelho de Mateus: "Com a medida com que medirdes, sereis medidos a vós do céu."

Assim, como a religião, as artes e a legislação dos Gregos se desenvolveram, por assim dizer, como impulso comum do seu espírito interior, e um fermento mágico penetrava o todo, de modo que nenhuma parte podia ser compreendida sem o todo, uma aparição gloriosa — como diz Hamberger — ergue-se diante de nós. "Como os Gregos imaginavam todo o universo cheio de formas divinas elevadas e atraentes; como não apenas supunham as suas divindades presentes no sol, na lua, nas estrelas, nas águas, no ar e no fogo, nos rios e nas fontes, nas árvores e nas plantas, mas também concebiam que delas procediam influências, toda a sua vida devia ter ganho um caráter sagrado e ideal.

Na relação em que se encontravam com o mundo divino e ideal está, indiscutivelmente, a verdadeira razão de terem criado obras tão gloriosas, que, pela sua peculiar riqueza, bem como pela perfeição que nelas abunda, nos aparecem como o mais alto do seu género, como insuperáveis, e nas quais as eras posteriores encontram medida para avaliar todos os esforços. Os mistérios tiveram, em geral, uma influência importante na elevação da existência espiritual."

Estas observações fundam-se no ser e existência espiritual dos Gregos no seu conjunto, e não em relatos de escritores ou historiadores gregos. O que Platão, Cícero e outros entendiam pela palavra "magia"; o que serviu de material à imaginação, como em Homero, Horácio, Virgílio, Ovídio, Propércio, acerca das feiticeiras — Medeia, Circe, Erictó, Canídia — às quais atribuíam poder superior ao dos deuses, não poderia fornecer-nos tais conclusões; pois, se a isso nos limitássemos, seríamos levados, como tantos outros, a acreditar que a magia dos Gregos era apenas uma espécie de arte negra contida nos mistérios, por meio da qual os homens eram capazes de obrigar os deuses a descer à terra, ou que os seus sortilégios eram realmente tão poderosos que podiam dominar a imortalidade, como os poetas representam.

O que antes vimos nos outros em certo grau de obscuridade, numa monotonia ou num exclusivo e rígido formalismo, encontra-se de novo aqui, embora num estágio mais elevado de desenvolvimento espiritual. Em todas as manifestações espirituais entre os Gregos manifesta-se maior variedade de forma e direção; uma mobilidade

mais livre e um intercâmbio vivo de recetividade e atividade. A ideia de magia, ou o elemento mágico, devia, portanto, ter sido mais universal na sua influência sobre a vida. Esta difusão geral da magia entre os Gregos mostra-se sobretudo na sua mitologia; e devemos estudá-la. Assim como no seu talento poético, também no seu estado idiossonâmbulo percebiam a natureza e as suas forças, e impressões destas gravavam nos objetos da sua contemplação; e, quanto mais viva e clara era a perceção, quanto mais ativa a imaginação, pela cooperação de múltiplas formas exteriores, tanto mais eram levados a revestir as formas elementares imensuráveis da natureza com poderes e formas humanas.

As formas imaginadas, portanto, desprendiam-se dos objetos que as haviam suscitado e assumiam existência subjetiva independente; e isto, sem dúvida, aparecia como muito misterioso aos não iniciados. O todo tornava-se, assim, um mundo simbólico, em que o antropomorfismo atingiu vigor e perfeição cujas raízes chegam até sentimentos vagos e indefinidos da idade presente.

Podemos, portanto, admitir claramente que as forças naturais foram simbolicamente transferidas para a mitologia, e que o que se refere ao magnetismo e à clarividência também aí se encontra contido. Embora outros investigadores apenas tenham declarado ser verosímil esta suposição, e embora Schweigger (Mistérios Samotrácios) considerasse as forças universais da natureza simbolizadas nas estátuas dos deuses — Cástor e Pólux, Júpiter e Hércules —, ainda assim vou mais longe e creio firmemente que a sentença já citada — "toda a Grécia é uma magia viva" — pode ser provada a partir da mitologia; e espero demonstrar, se não a verdade certa, pelo menos tanta verdade quanto muitos consideraram suficiente para o êxito das suas teorias. É preciso distinguir entre a magia e a feitiçaria dos Gregos.

Segundo registos históricos concordantes, a magia foi transferida do Oriente para a Europa, como Tiedemann demonstrou na sua obra *Qua fuerit artium magicarum origo*; e também a filosofia, oriunda da mesma fonte, parece provável (Diógenes Laércio, *Proémio*). A origem estrangeira da demonologia é, além disso, atestada por escritores antigos (Plutarco, *De defectu oraculorum* c. 10: «τὴν μὲν περὶ δαιμονίων δόξαν ταύτην εἶναι, τὴν δὲ Θρᾴκης ἀπ᾽ Ὀρφέως, τὴν δὲ Αἰγύπτου Φρύγιος»).

Bem diferente é, porém, o caso da feitiçaria; a ideia dela como *γοητεία* (goēteia) só se encontra em época posterior; de facto, quando a separação entre filosofia e religião já tinha começado. A definição de feitiçaria não se encontra em Platão, Cícero ou outros escritores, nem sequer nos lexicógrafos sob a rubrica *μαγεία* (mageia) ou *γοητεία*; apenas é descoberta pela comparação dos diversos relatos do seu exercício transmitidos por escritores antigos e das suas opiniões sobre o assunto, com especial atenção ao seu período mais florescente entre Gregos e Romanos. Daí assenta o axioma (segundo as investigações de Wachsmuth) de que «a feitiçaria procura, independente das antigas e superiores divindades nacionais, e contra elas, apoderar-se do curso da natureza e até governar os deuses».

A ideia de magia como feitiçaria é confundida pela exposição de Apuleio (*De magia*): «Fatum a quo multum magia remota est, vel potius omnino sublata. Quae enim relinquitur vis cantaminibus et veneficiis, si fatum rei cuiusque, velut violentissimus torrens, neque retineri potest neque impelli?» Pois feitiçaria e destino (εἱμαρμένη) são opostos entre si. É, portanto, mais fácil para a feitiçaria dominar o poder diminuído dos deuses, o qual está, além disso, sujeito ao destino estígio. Como diz Lucano: «Omne nefas superi prima iam voce precantis concedunt, carmenque timent audire secundum. Plurima surgunt vim factura deis». Apuleio afirma ainda (*Metamorfoses* VIII, 60): «inexpugnabili magicae disciplinae potestate» e «cocca numium coactorum violentia».

Esta crença desenvolveu-se bastante nos primeiros tempos do Cristianismo, chegando-se a obrigar os deuses a aparecer mediante certas fórmulas (Jâmblico, *De mysteriis Aegyptiorum*, VI, 4). Este foi o passo de transição para as fórmulas mágicas posteriores — por exemplo, o exorcismo de Numa contra Júpiter Elicino, o de Túlio Hostílio (que morreu fulminado por um raio), a cristalomancia, a lecanomancia e a hidromancia (Pselo, *De daemonibus*; Apuleio, etc.), bem como as feitiçarias da Idade Média.

A mitologia, com o seu sentido mágico, estava, portanto, longamente aperfeiçoada antes de a *γοητεία* surgir como degeneração. A crença em revelações secretas, em forças naturais e em curas milagrosas existiu sempre entre os Gregos, mas não a crença em feitiçaria. Wachsmuth escreve: «A conceção de um poder capaz de influenciar o curso da natureza, e pelo qual os homens possam até constranger os deuses, é não-grega. Todo o conhecimento invulgar, todo o poder

superior, pertence aos deuses, e só pode ser exercido com o seu auxílio; a constituição do mundo é ainda tão infantil que não resta espaço para os homens quando os deuses atuam diretamente. A representação de uma ordem de coisas em escala mais vasta de Providência, ou de uma conexão ininterrupta de causas e efeitos naturais, é demasiado elevada — embora antecipada naquela época — e demasiado difícil na sua aplicação à vida, para ter sido desenvolvida em toda a sua pureza por essa conceção infantil dos poderes divinos e da sua influência sobre o universo.

A cada fenómeno notável é atribuída uma causa espiritualizada — um deus. Esta influência individualizada dos deuses sobre a vida humana parecia aos Gregos antigos o curso natural das coisas, tão afastado de um governo universal que não existe ideia do que poderia chamar-se natural e objetivo; pois nessa *providentia specialissima* dos deuses tais limites não se podem formar.

Tudo se explica pela presença e poder divinos, e qualquer fenómeno inexplicável é considerado como σημεῖον (sinal) enviado pelos deuses; não é, portanto, miraculoso, mas apenas insólito, sinal de ira divina, etc. Nisto assenta o culto dos deuses: medo, esperança, sofrimento, referem-se diretamente a eles, assim como oração, ação de graças e penitência. E se um homem sabe mais e pode mais do que outros, isso tem de ser dom divino; e nesta categoria deve incluir-se o conhecimento dos supostos poderes miraculosos da natureza» (p. 214).

Assim como a luz precede a sombra, a magia precede a feitiçaria; o abuso nasce do uso — o erro caminha lado a lado com a verdade. Sem a magia primitiva da clarividência instintiva e a vitalidade atuante do espírito, a feitiçaria não teria sido descoberta. Os símbolos que a clarividência extática implantara na mitologia não eram compreensíveis a todos, e o seu significado podia ser investigado por diversas vias.

Se, através da clarividência — como vemos no magnetismo —, praticada metodicamente nos templos oraculares, as forças da natureza eram descobertas e conhecidas na sua variada atividade, não é infundada a suposição de que os segredos do templo consistiam em conhecimento mágico e na prática dessas forças da natureza, intimamente ligadas aos costumes religiosos, e, por isso, também compreendidas pela mitologia. Daqui resulta claro que o dom da profecia e o poder de operar maravilhas constituíam o

conteúdo dos mistérios, e que estes não eram menos refletidos na mitologia.

As inscrições encontradas nos templos, recolhidas entre outros por Hipócrates, referem-se de facto a assuntos mágicos, na medida em que o seu significado foi entendido. Na mitologia, os deuses da medicina destacam-se e são numerosos, bem como as forças elementares da natureza, como demonstrarei. Segundo Homero, Peão foi o primeiro médico; dele procede o deificado Asclépio, cujos filhos foram Macáon e Podalírio; o deus solar Apolo; Atena; o cinto mágico de Afrodite; o reino de Hades; e o Olimpo de Zeus, com o seu trovão elétrico; a Cíbele portadora da chave, cujos sacerdotes dançavam e profetizavam; as obras e invenções de Dioniso. Nenhum passo se pode dar na mitologia sem pisar solo mágico.

É característico que, entre os Gregos, faltasse a crença em *δαίμονες* (demónios) como seres intermédios; e isso prova, pela ausência da ideia de dois poderes moralmente opostos, comum no Oriente, que a magia grega era puramente humana. As forças antagónicas que se erguem umas contra as outras na mitologia grega não se confundem com as conceções de bem e mal, que os Gregos ainda não aplicavam aos seus deuses. Já no tempo de Homero, os deuses comunicavam com os homens; a ideia do divino sobrenatural ainda não se distinguia da ligação material universal da natureza.

Contudo, logo que o espaço se alarga e o abismo entre o material e o espiritual, entre Deus e o homem, se aprofunda, e quando a conceção da natureza divina se purifica e se esclarece, embora sem ainda incluir plenamente o objetivo fora do subjetivo na contemplação, o homem procura o melhor substituto e auxílio para preencher o abismo, e, ao mesmo tempo, um ser intermédio entre si e o supremo intangível. Assim, os Gregos poderiam ter formado por si mesmos as suas ideias de demónios e espíritos, ou tê-las recebido do Oriente.

Em Homero, *δαίμων* ainda significa Deus (*Ilíada* VII, 291; XVII, 98; XIX, 188; *Odisseia* XI, 61; XVI, 621); *ἄγγελοι* são apenas mensageiros e arautos (*Ilíada* I, 834). Em Hesíodo (*Escudo de Héracles*, 94), as almas dos homens da Idade do Ouro aparecem como medianeiros (*δαίμονες*) e como guardiães dos homens. Esta conceção, porém, parece não ter sido comum entre o povo, mas apenas entre filósofos, o que leva a conjecturar-se tratar-se de origem estrangeira — tanto mais que a filosofia mais profunda

provém, em geral, do Oriente, e a demonologia é aí situada, e no Egito, por Plutarco e outros.

A influência dos demónios na arte mágica foi, mais tarde, mais geralmente acreditada entre filósofos do que o dualismo oriental. O próprio Pitágoras ensinava secretamente doutrinas semelhantes às de Hesíodo («εἰσὶ δαίμονες καὶ ἥρωες οἱ τὴν ἀέρα τοῦτον περιφέροντες»), e deles se dizia serem considerados demónios e heróis. Daqui surgiu a crença, em época posterior, de que Pitágoras, ou os pitagóricos, comunicavam com demónios e eram capazes de os exorcizar (Porfírio, *Vida de Pitágoras*). Empédocles terá sido o primeiro a falar de demónios bons e maus, chegando mesmo a uma espécie de queda (*Plutarco, De defectu oraculorum* c. 17; *De Iside et Osiride* c. 26), e a magia é claramente referida em conexão com ele (Diógenes Laércio).

O *daimón* (δαιμὼν) de Sócrates não é o mesmo que o demónio medianeiro. Em Platão encontramos o mais sobre os demónios, ainda que este também apresente as opiniões de outros, sem contudo afirmar nada de positivo acerca das suas qualidades boas ou más. Os *theoí* (θεοί, deuses) e os *daimónes* (δαίμονες, espíritos) são tomados em conjunto. Estas expressões incertas de Platão, porém, constituíram uma fonte abundante para o sistema demonológico dos filósofos alexandrinos.

Não se tratava, como na teologia dos Caldeus, Persas e Egípcios, apenas de poderes opostos e antagónicos, como os Gigantes e os Titãs contra os deuses do Olimpo, ou das lutas entre os próprios deuses, mas sim de duas conceções de bem e de mal que existem por si mesmas e são transferidas como dois princípios a seres de igual poder. Aqui encontramos de imediato espíritos bons e maus, juntamente com seres inferiores e dependentes.

A ideia de feitiçaria (*goēteía* γοητεία), e a crença a ela ligada, são também de origem posterior e provavelmente estrangeira — em parte através das especulações de filósofos, em parte através da convivência dos Gregos na Pérsia e no Egito. Ideias estrangeiras foram então introduzidas sob o disfarce dos nomes de deuses nativos, por meio das quais se explica a mitologia posterior e a demonologia nela contida.

Assim, por exemplo, deuses locais foram feitos guardiães da magia; mas, ao mesmo tempo, a parte estrangeira permanecia visível — tanto mais que, uma vez aberta a via, ideias semelhantes eram atraídas. Os sistemas mágicos vieram, portanto, da Alta Ásia para o

Egito, e as artes mágicas foram ligadas e incorporadas às tradições da Cólquida. Cólquida e Medeia, a Ibéria, a Assíria, a Caldeia, deram os seus nomes a ervas mágicas — como refere Teócrito (ii, 162): «Κατὰ φάρμακα γὰρ ἔνθεσ' ἔφυσα, Ἀσσυρίῳ παρά τε τόπῳ μαθοῦσα»; e ainda Horácio: *Iberia, Colchis venenorum ferax*; *malae herbae Medeae, nummis Colchicis*; Ovídio: *Phariacae gramina terrae*.

Os Tessálios são mencionados como os mais diligentes praticantes de exorcismos mágicos sob a forma de feitiçaria, após a invasão dos Persas — «Thessalae urbes, quarum cognomen diu obtinuit, magia» (Plínio, *História Natural* XXX, 1). Menandro ridicularizou as feiticeiras da Tessália, que, dizia-se, procuravam fazer descer a lua: «quae sidera excantata voce Thessala, lunamque caelo deripit» (Horácio, *Epodos* V, 45).

A Tessália era rica em plantas mágicas. «Media Thessaliae loca, quae artis magicae nativa cantamina totius orbis consono ore celebrentur» (Apuleio). A residência dos Persas na Tessália foi longa; muitas tradições podem ser rastreadas, como a do médico Quíron ou a dos Argonautas, adaptadas à mentalidade mais rude dos Tessálios. Em Suidas encontramos mesmo uma referência direta: que Medeia, na sua viagem pelo ar, deixou cair *phármaka* (φάρμακα, drogas/poções) de uma caixa na Tessália.

É certo que os célebres segredos de Samotrácia remontam à mais alta antiguidade; e, embora segundo as investigações de Schelling palavras como *Axieros* (Ἀξιέρος), *Axiokersos* (Ἀξιόκερσος), etc., nos levem a concluir algo de estrangeiro e mágico, devemos crer, seja qual for a origem, que a verdadeira magia era uma espécie de filosofia natural. Os escritores mostram unanimemente que os mistérios, a demonologia e a feitiçaria estavam interligados.

Que o seu fundamento estava intimamente ligado ao desdobramento da religião do país é claro pelo que acima dissemos. O sacerdócio foi a ama da civilização, e não podemos duvidar de que só ele possuía o mais alto conhecimento, preservando-o da profanação no serviço dos deuses, e envolvendo o seu uso em mistério perante o povo. Por isso, efeitos e fenómenos desconhecidos eram considerados sinónimos de magia, crença que chegou até ao nosso tempo.

É um facto incontestado que nos mistérios se ensinava o conhecimento das forças da natureza em conexão com a arte sagrada de curar, e que muitas vezes se realizavam curas maravilhosas nos templos. Quer consideremos Orfeu ou Museu, como é habitual, como

possuidores de grande conhecimento da natureza e fundadores desses mistérios, quer não, encontraremos os seus nomes intimamente associados a todas as ideias dos mesmos, podendo bem representar a ciência natural e a magia. Pois Orfeu, filho da musa Calíope, e segundo alguns de Apolo, é representado já antes da guerra de Troia como bardo profético e taumaturgo, de tal modo que não apenas os animais, mas também as árvores o seguiam, e que dominava as tempestades e borrascas. Ele tinha estado no Egito e no Oriente (e com os Argonautas na Cólquida) e regressou com o conhecimento que aí adquirira. Museu, como sucessor ou discípulo de Orfeu, é dito ter introduzido, como poeta e filósofo, cerimónias religiosas segundo as instruções deste; também a ele são atribuídas curas milagrosas.

Os mistérios tornaram-se célebres após o tempo de Pitágoras, que era universalmente tido por mago iniciado nos mistérios egípcios. Embora Orfeu e Pitágoras fossem chamados por alguns de feiticeiros (Pausânias, *Eliac.* 221), os mistérios permaneceram sempre conciliáveis com a religião, e ninguém duvidava da sua santidade, o que se prova ainda mais pelo facto de, em época posterior, os condenados por feitiçaria (abuso da magia) serem excluídos dos mistérios de Elêusis.

É provável que, com a crescente corrupção da religião do Estado, os mistérios tenham decaído e a demonologia se tenha misturado com os mistérios estrangeiros; a inclinação popular voltou-se para a feitiçaria em vez da antiga magia religiosa, e muito se falou da *Dea Syria*. Segundo Wachsmuth, isso pode ter sucedido sobretudo nos mistérios de Hécate, em Egina.

Esta suspeita de contaminação estrangeira nasce do facto de se pedir auxílio aos deuses nacionais contra o poder da feitiçaria e para desfazer os seus sortilégios. Mais tarde, quase todas as formas de feitiçaria eram conhecidas: como a viagem aérea de Ábaris sobre uma lança dada por Apolo (Jâmblico, *Vida de Pitágoras* c. 28); ouvimos falar de danos causados a rebanhos e hortas, contra os quais o falo sagrado de Príapo (uma divindade posterior) era protetor; do mau-olhado (*baskanía* βασκανία); de Canina que guardava as crianças no berço (Lactâncio I, 19); e Plínio (XXVIII, 8, 4) enumerou muitos remédios, sobretudo ervas, contra feitiços, acrescentando: *magorum haec commenta sunt* ("estas são invenções dos magos"). Varrão e Platão mencionam amuletos (*Res publica* 4); Petrónio fala de fios; Virgílio de grinaldas; Teócrito de cuspo —

palavras e fórmulas que, como é habitual, eram de derivação estrangeira. A este grupo pertencem as chamadas "letras efésias" (*Ephesia grammata* Ἐφέσια γράμματα) — por exemplo: *Aski, Kataski, Tetrax*, etc.; em caso de doença tais palavras eram repetidas, mesmo quando não havia feitiço a combater, como as de Catão: *Daris, dardaries, ostaris, ista, pista, sista* (Plínio XXVIII; Horácio, *Epodos* V, 71).

Já falei anteriormente da adivinhação mágica, que os Gregos dividiam em quatro classes: os sinais das aves, as vozes, as coincidências e os sacrifícios.

Embora, pouco a pouco, a feitiçaria, como ciência posterior, ameaçasse cada vez mais suplantar a magia, ela era sempre considerada com desprezo, e a sua prática proscrita como algo de impuro — tal como a crença de que a doença podia ser curada por meios naturais sem auxílio dos deuses ou de cerimónias religiosas. A doença era tida como enviada diretamente pelos deuses, e só podia ser curada por ritos religiosos.

Assim, por exemplo, Hipócrates (*De morbo sacro*) afirma que nesta doença (epilepsia) a imitação de bodes, o balir e a contração do lado direito eram atribuídos a Cíbele; os gritos violentos a Posidão; a purgação a Hécate; o vaguear e bater dos pés a Ares; o terror e os sobressaltos no leito às perseguições de Hécate. Vemos, pelo relato de Hipócrates, que os sintomas espasmódicos da epilepsia eram interpretados e atribuídos a vários espíritos, como por vezes ainda hoje sucede.

Embora encontremos os Gregos a tentar curar doenças com cerimónias e com as preces dos sacerdotes, não deixavam, por isso, de utilizar também remédios naturais segundo o conselho destes, mas com forças invertidas — para curar, e não para produzir doença por feitiçaria. Era entendido que tudo devia ser obtido dos deuses, ou dos seus confidentes, os sacerdotes, e que a natureza estava sujeita aos deuses; tudo o que contrariasse esta crença era considerado estrangeiro e sacrílego, e chamado *goēteía* (γοητεία).

O desenvolvimento da filosofia natural, que era difamada como estrangeira e que ensinava uma crença incondicional na influência dos deuses, difundiu-se mesmo entre os filósofos. Os homens célebres que viajaram ao Egito e à Ásia para recolher conhecimento — como Pitágoras, Empédocles, Demócrito e Platão — foram acusados de terem trazido consigo a feitiçaria. Assim encontramos

em Platão (*Leis* XII), onde ele fala do governo do universo e do curso da natureza; sucedeu-lhes, portanto, o mesmo que a Roger Bacon, Alberto Magno, Galileu e tantos outros. Atribuir algo apenas à natureza e às suas forças, deixando os deuses fora da questão, era colocado sob interdito como obra impura. Em Apuleio (*De magia*, p. 32, ed. Hip.) encontramos a seguinte passagem detalhada:

«Verdadeiramente, por um certo erro comum dos ignorantes, estas coisas são lançadas em rosto aos filósofos: de um lado, aqueles que investigam apenas e simplesmente as causas corpóreas são tidos por irreligiosos, e assim acusados de negar os deuses, como Anaxágoras, Leucipo, Demócrito, Epicuro e outros defensores da natureza; de outro lado, aqueles que indagam com maior curiosidade a providência do mundo e celebram com mais fervor os deuses são, pelo povo, chamados magos, como se soubessem também realizar as coisas que sabem dever realizar-se — como outrora Epiménides, Orfeu, Pitágoras e Osthanes. Depois, da mesma maneira, são suspeitos os *pharmakoí* (φάρμακοι, encantadores), o *daimónion* (δαιμόνιον, génio) de Sócrates, e o "Bem" (*tò agathón*, τὸ ἀγαθόν) de Platão».

Ainda que a voz popular se erguesse contra a falsa magia, e embora a opinião comum fosse contrária à especulação filosófica livre, a cultura religiosa opunha-se-lhe ainda mais. O governo apoiava-se na religião nativa e, com toda a sua atenção a negócios estrangeiros, era forçado a considerar primeiro os arranjos internos. A introdução de bens estrangeiros e de costumes novos, contrários aos estabelecidos ou de algum modo destrutivos para eles, era, portanto, ilícita e punível.

Os sacerdotes podiam, talvez com justa indignação, abominar o abuso da magia e as artes da feitiçaria, mas o interesse próprio naturalmente inclinava a balança; pois todo o sacerdócio, em qualquer época, defendeu ciumentamente os seus direitos e privilégios. Os filósofos deviam, portanto, guardar-se de dizer algo abertamente contra o culto dos deuses nativos: Diógoras foi banido como negador da divindade, e Sócrates acusado de ter introduzido novos deuses. Segundo Demóstenes, uma feiticeira de Samos, Teoris, foi queimada em Atenas (*Contra Aristogíton*, I).

O próprio Platão declarou-se contra a feitiçaria, desejando encarcerar quem a praticasse (*Leis* VI). Assim, magia e feitiçaria foram, durante longo tempo, praticadas apenas em segredo. Mas, com o aumento da confusão interna e a ligação mais íntima com países estrangeiros —

sobretudo com a Ásia, após as invasões de Alexandre —, a vigilância já não tinha efeito; o isolamento patriótico das várias cidades gregas decaiu, e a magia ganhou maior liberdade na medida em que progrediam a sua decadência e corrupção.

Essas belas instituições dos mistérios, das quais tanto o médico como o sacerdote e o estadista poderiam ter aprendido muito, como a própria história da infância da humanidade, perdem-se na obscuridade: os bosques sagrados desapareceram; os templos da Hélade jazem prostrados em pó; viajantes solitários passam por eles, ou bandos de salteadores infestam os lugares sagrados onde os deuses conviveram com os homens, transmitindo-lhes conselho e auxílio para aliviar as suas aflições.

Mas descobrimos que ainda resta o suficiente — em parte nos relatos diretos, em parte nas canções dos poetas, que apenas exprimiam a crença do povo, e em parte nas alusões indiretas da mitologia — para nos permitir conclusões acerca da constituição essencial da magia e dos serviços internos dos templos. Podemos agora falar um pouco mais especificamente deste assunto.

Na Grécia, desde as eras mais remotas, encontramos a arte de curar nas mãos de alguns homens ou famílias, praticada de modo perfeitamente magnético pelos sacerdotes nos templos. Velada por segredos consagrados, a medicina apresenta-se-nos sob um aspeto notavelmente simples. Adivinhação e sonhos proféticos abundavam, tanto nos templos sagrados como em todo o lado, muito mais do que entre outros povos. Os primeiros homens que se familiarizaram com a constituição humana habituaram-se a dar particular atenção à adivinhação e a curar doenças com o seu auxílio.

Tornando-se assim tão úteis aos seus semelhantes, foram, em vida, honrados como quase sobre-humanos; e, após a morte, templos foram-lhes consagrados, pois estava firmemente enraizada a convicção de que, sendo em tudo tão superiores aos outros homens, não poderiam simplesmente deixar de existir, mas que deveria haver algo de divino na sua natureza. Acreditava-se, portanto, que tal homem apenas regressara ao deus pelo qual realizara tais feitos prodigiosos, ou que agora se tornara divino, embora invisível aos homens.

Eram assim erguidos templos nos locais onde esses benfeitores tinham existido em forma humana; sacerdotes eram consagrados para praticarem a religião associada à arte de curar; faziam-se

peregrinações a esses lugares, para dar graças e oferecer sacrifícios pelos benefícios recebidos, ou para procurar a atividade e auxílio ainda persistentes do ser invisível naqueles lugares santos, onde, em parte pelas cuidadosas disposições dos sacerdotes, em parte pela viagem e pela mudança de pensamento, se operava a cura, unida à fé ilimitada e firme convicção dos fiéis, que, como em toda a parte, deviam ter tido consequências benéficas.

Segundo o testemunho de Heródoto (livro II, c. 50), os Gregos aprenderam estes serviços sagrados do templo com os Egípcios; pois os principais templos estavam consagrados a divindades egípcias. De acordo com Heródoto, o mais antigo templo de Afrodite Urânia ficava em Ascalão, na Síria; e, para se informar mais profundamente sobre os antigos mitos de Héracles, ele viajou até Tiro.

Ísis tinha um magnífico templo em Fitoia, na Fócida, e Serápis um em Messena, assim como em Atenas. Mas não eram apenas os deuses egípcios venerados; também possuíam divindades próprias, célebres pelos seus poderes de cura. Tinham, por exemplo, Zeus, Hera e Apolo; o próprio Héracles tinha, segundo Pausânias (*Beócia*, c. 24), um templo da saúde. Durante muito tempo veneraram também o túmulo do célebre adivinho Calcas, a quem os enfermos sacrificavam um carneiro, dormindo depois sobre a sua pele para receber sonhos proféticos.

Um dos mais célebres e antigos deuses da medicina era Apolo, que também era chamado *Paián* (Παιάν, médico dos deuses). O nome *Paián* é atribuído especialmente a Apolo nos hinos órficos (*Hino a Apolo*, p. 224, ed. Gesner). Píndaro (*Píticas* V, v. 85) atribui-lhe três ocupações: medicina, música e adivinhação. Como se reconhecia que efeitos extraordinários eram produzidos na cura de doenças pela música, esta foi associada à medicina nos atributos deste deus — ou vice-versa. Em poetas e historiadores posteriores, Apolo é quase sempre mencionado como médico e adivinho. E pelo juramento de Hipócrates vemos claramente que este também considerava Apolo como patrono da medicina:

«Pelo consolador na doença, Apolo, e por Asclépio, por Hígia e Panaceia, eu fortifico este juramento: que, na medida da minha força e poder de razão, cumprirei plena e conscienciosamente aquilo que agora juro e escrevo, honrando o meu instrutor tanto quanto os meus pais…» (*Escritos médicos genuínos de Hipócrates*, ed. Gruithuisen, Munique, 1814, XX).

Platão chegou mesmo a tentar derivar as suas quatro ocupações principais — medicina, adivinhação, caça e música — do nome de Apolo (Sprengel, *História da Medicina*, I, p. 132).

Testemunhos posteriores — particularmente de Diodoro Sículo, Fílon, Galeno e Luciano — provam sem dúvida que, numa época tardia, Apolo foi considerado o deus da medicina, se não mesmo o fundador da ciência.

Na mitologia grega, Apolo é universalmente chamado o inventor da medicina, da música e da poesia; por essa razão era tido como patrono das musas. Diz-se que foi ele quem ensinou a arte da adivinhação. Por estes benefícios prendeu a humanidade a si de modo tão firme que foi colocado entre os deuses. «Inventum medicina meum est, opiferque per orbem dicor, et herbarum est subjecta potentia nobis» (Ovídio, *Metamorfoses* I).

Orfeu, que adquiriu a sua sabedoria entre os sacerdotes egípcios, é também considerado por muitos como o fundador de todos os cultos religiosos e dos segredos da medicina e da poesia na Grécia. Segundo Sócrates, Platão, Eurípides e Heródoto, Orfeu ganhou fama imortal pela sua música e poesia; instruíra os Gregos na religião, no conhecimento da natureza, na medicina, em encantamentos mágicos, nos costumes sociais, na agricultura e na navegação. Diz-se que a adivinhação era hereditária na sua família.

Daqui derivam os relatos contraditórios sobre Orfeu; e parece que não só ele, mas também os seus seguidores, difundiram estes ensinamentos abrangentes. Conta-se que viveu antes da guerra de Troia, ou seja, cerca de 1500 anos antes de Cristo. Remédios secretos, fórmulas mágicas e encantamentos eram, muito tempo depois, transportados em tábuas órficas. Até os *Hinos órficos* eram considerados dotados de propriedades curativas. Talvez por isso José Escaligero, segundo o seu próprio testemunho, tenha sido invadido por um certo arrepio enquanto traduzia os *Hinos de Orfeu* à noite, devido à novidade e elevação dos seus pensamentos.

Orfeu atribuía também grande poder à virtude secreta de certas pedras, entre as quais, singularmente, a magnetite (ímã) e a siderite, uma espécie de pedra preciosa; esta última chegou a ser chamada por alguns, incluindo Plínio, um magnete.

Entre o povo de Argos, Melampo foi quase igualmente célebre pelas ciências da medicina e da adivinhação; dizia-se que as aprendera das serpentes que lhe lamberam os ouvidos. Pois era crença universal da

Antiguidade que as serpentes não apenas pressentiam as mudanças atmosféricas, mas também as doenças epidémicas; por essa razão eram poupadas e veneradas pelos Argivos como mestras naturais da adivinhação.

Melampo era particularmente célebre pelas suas curas; utilizava medicamentos, mas em segredo, à maneira dos Egípcios, de quem também se dizia ter adquirido o seu saber; era sempre considerado confidente escolhido dos deuses. É notável que Melampo tenha curado Íficlo da sua impotência com a ferrugem de ferro, segundo a indicação de Mantis, que dissera que uma velha espada cravada numa árvore removeria a aflição. Conta-se que Mantis recebera esta informação de um falcão (Sprengel, I, p. 119). Não terá sido este Mantis um sonâmbulo magnético de Melampo? Outra cura que realizou sobre as Proétides é uma das mais notáveis do mundo antigo.

Tratava-se de três filhas de Preto, rei de Argos (segundo outros, foram curadas por Árgo), que, enlouquecendo, contagiaram também as outras mulheres de Argos, e, abandonando as suas casas, vagueavam pelas florestas vizinhas no mais impróprio dos modos. Hesíodo afirma que esta loucura fora causada pela lepra de que padeciam. Para as curar, Melampo reuniu muitos jovens para o auxiliarem e perseguiu estas raparigas selvagens durante cinco léguas, com cantos e danças inspiradoras; depois fê-las banhar-se na fonte de Anigro, cuja virtude, especialmente contra a lepra, era já longamente conhecida. A mais velha das Proétides foi curada de imediato; as outras recobraram a saúde e a razão através de purificações misteriosas e de reconciliações com a deusa Ártemis (Sprengel, I, p. 169).

Outro, e o mais célebre de todos, foi Asclépio (*Asklēpiós* Ἀσκληπιός), filho de Apolo, que trouxe grandes benefícios ao género humano pelas suas descobertas. Por isso foi colocado entre os deuses. Como ressuscitara muitos da morte, Hades, o deus dos infernos, queixou-se dele a Zeus, que matou Asclépio por diminuir o seu reino. Por vingança, Apolo matou os Ciclopes, que até então forjavam os raios de Zeus; e Zeus, em retaliação, obrigou Apolo a permitir que as suas ciências fossem praticadas mediante pagamento.

Os milagres que Asclépio realizara em vida continuaram mesmo após a sua morte; e, como acontecia com todos os heróis e benfeitores públicos, vários templos lhe foram dedicados. Nestes templos a

prática da medicina era exercida de forma muito instrutiva para nós, pois os sacerdotes, sob a direção de Asclépio, aconselhavam os doentes a usar remédios revelados durante o sono pelo deus. Mas não apenas a Asclépio e a Apolo foram erigidos templos na Grécia onde os enfermos eram tratados e se ouviam as vozes dos oráculos; muitos outros deuses receberam, do mesmo modo, honras divinas.

Cumpre-nos agora aprender mais acerca dessas vozes, relatando algo sobre a história geral dos oráculos, que desempenharam papel tão proeminente nos templos e gozavam de tão grande prestígio, tanto pelos remédios prescritos como pela previsão de acontecimentos futuros; encontraremos também nelas grande semelhança com o magnetismo.

Já vimos os oráculos e o tratamento dos enfermos entre os Egípcios, e muito encontrámos que remete para o magnetismo. Existiam oráculos também em outros países, mas em nenhum suscitaram tanta atenção como na Grécia, mesmo nas épocas de maior esclarecimento. Os Espartanos consultavam os oráculos sobre os negócios do Estado; e já no tempo de Licurgo as respostas de Pasífae eram miraculosas, como prova a história de Ágis (Plutarco, *Ágis e Cleómenes*).

Neste templo, dedicado a um deus, era frequente que os pacientes caíssem num sono no qual prediziam o curso das suas doenças e até os remédios necessários, entre muitas outras coisas. Estes templos possuíam casas de sono próprias, sobretudo onde os doentes costumavam reunir-se em grande número para receber as respostas dos oráculos e orar por auxílio: isto sucedia particularmente em muitos templos de Asclépio.

Que estas respostas dos oráculos fossem tidas como vindas dos deuses não surpreende; pois como poderiam os adormecidos, nesse estado confuso das perceções, esquecendo-se parcialmente ou apenas recordando de forma vaga, ao despertar, as visões do sono, considerar essa condição invulgar da alma de outra maneira que não divina? Nela o deus ou os seus sacerdotes operavam maravilhas. Este sono do templo era chamado pelos Gregos *enkoimēsis* (ἐγκοίμησις) ou *enkoimâsthai* (ἐγκοίμασθαι), e, entre os Romanos, *incubatio*; era praticado em vários templos, com muitas preparações e em diversas modalidades.

Para mencionar os factos mais importantes ligados a cada templo, devo considerá-los historicamente, e começarei pelos de Asclépio, os mais célebres de todos.

Segundo Sprengel, o primeiro destes templos foi fundado por Alexanor, neto de Asclépio e filho de Macáon, que erigiu um monumento em memória do avô em Titana, na Sicília, para que não se perdesse a recordação dos seus méritos: daí nasceu a prática de lhe prestar honras divinas pelos descendentes desse príncipe tessálio. Em Epidauro, no Peloponeso, erguia-se o mais famoso templo de Asclépio, de onde o culto se espalhou por grande parte do mundo.

Dizia-se que fora o seu local de nascimento, e o lugar era tido como especialmente sagrado; chamava-se-lhe a terra santa, e ninguém, exceto os iniciados, ousava aproximar-se do sanctum sem prévia purificação. Multidões inteiras de enfermos peregrinavam até este templo para recuperar a saúde perdida e serem iluminados por sonhos divinos. Por esta razão, os Gregos chamavam também a Asclépio o *enviador de sonhos* (*oneiropompós* ὀνειροπόμπος).

O templo situava-se junto ao mar, numa região amena e elevada; por todos os lados era rodeado de colinas arborizadas, onde o ar era muito puro. Bosques e jardins aprazíveis, e até espetáculos de entretenimento, aumentavam os atrativos da natureza. Atrás do templo ficava a hospedaria para os doentes e, junto dela, uma fonte circular de mármore. No próprio templo havia várias antecâmaras; acreditava-se que o deus residia apenas no aposento mais interior. A estátua de Asclépio, obra de Trasímenes, era de marfim e ouro, em posição sentada.

Numa mão segurava um bastão, e a outra repousava sobre a cabeça de uma serpente que se enroscava em torno do bastão. Ao lado de Asclépio estava um cão. Noutros templos ele aparecia muitas vezes com coroa de louro, ou adornado com outros símbolos: por exemplo, uma longa barba, frequentemente dourada, e um manto (*pallium*). Em geral, era representado de maneiras diversas conforme o templo.

Diz-se que o bastão de Esculápio (Ἀσκληπιός) significa o auxílio de que o doente necessita para a sua recuperação. Segundo outros, o bastão nodoso é um emblema das dificuldades que cercam o dever do médico. As serpentes representam em parte a acuidade, em parte o rejuvenescimento — esta era a explicação da escola neoplatónica de Alexandria. As serpentes significam também a adivinhação, pois ao comer serpentes revelava-se o resultado de várias doenças. Em

Epidauro dizia-se que havia muitas serpentes cujo veneno não era nocivo. Segundo outros, representavam a vigilância e a sabedoria do médico, ou ainda um sinal de saúde, visto que rejuvenescem ao mudarem de pele.

Na antecâmara do templo era costume colocar as estátuas simbólicas da boa fortuna, dos sonhos e do sono. Nenhuma pessoa, ou apenas em casos raríssimos, era admitida no *sanctum*; apenas os sacerdotes contemplavam os deuses; e por vezes os estrangeiros nem sequer podiam aproximar-se do templo. Assim, por exemplo, o templo de Títoia estava cercado por uma sebe num perímetro de quarenta estádios, dentro da qual ninguém tinha permissão de residir. Aqueles que desejassem aproximar-se do templo deviam primeiro ser preparados no templo de Ísis, que ficava nas proximidades.

Em Epidauro, nenhuma mulher podia dar à luz, e nenhum enfermo podia morrer (Pausânias, *Livro II*, c. 27). Nos átrios do templo encontravam-se tábuas com registos de doenças e dos remédios comprovados; outras estavam gravadas nas colunas do templo, ou representadas em símiles e pinturas hieroglíficas. Tais tábuas votivas existiam em grande número em todos os templos, pois cada um que era curado no templo e pelos remédios prescritos deixava atrás de si um relato escrito da forma e natureza da cura. Essas inscrições podiam ser utilizadas posteriormente em casos semelhantes. Hipócrates recolheu muitos remédios a partir das tábuas do templo de Cós, que depois aplicou aos seus pacientes. Gruterus, Fabret e Thomasius deram a conhecer várias dessas inscrições.

O templo de Esculápio em Pérgamo, na Ásia Menor, estava organizado de forma semelhante, mas possuía uma fonte milagrosa com propriedades curativas, além de banhos. Cuidava-se especialmente em fundar templos em locais com nascentes minerais e onde a atmosfera fosse saudável; por isso eram geralmente construídos em montanhas. O templo de Cílene ficava num promontório do Himna, na Élida, na parte mais bela e luxuriante do Peloponeso.

O templo de Cós, na Lacónia, erguia-se no cume do Monte Ílio. O templo de Megalópolis situava-se num bosque sagrado no lado oriental de uma montanha. Os templos eram geralmente colocados em bosques sagrados, e onde faltavam árvores, criavam-se jardins. Ar puro e saudável, nascentes e rios frescos, sobretudo fontes minerais, eram sempre tidos em conta na ereção dos templos.

Procurava-se ainda elevar os encantos da natureza pela arte: não apenas jardins eram dispostos, mas fundavam-se também instituições — ginásios (*gymnasia*, γυμνάσια) — onde se praticavam os mais variados exercícios corporais.

Para mostrar a semelhança das práticas do templo com o magnetismo, é necessário atender primeiro ao modo de preparar os doentes, e depois ao tratamento interno, com o fim de os tornar suscetíveis quer ao sono quer à cura.

O que se disse dos templos de Esculápio pode ser dito, mais ou menos, de todos os outros, sempre tendo em mente que a diferença de épocas podia ter produzido alterações e modificações:

1. Antes de mais, cada enfermo que desejasse aproximar-se do templo devia prometer solenemente seguir as regras com diligência e minúcia; pois aquele que não se conformasse inteiramente às ordens dos sacerdotes era declarado indigno dos benefícios do deus e despedido sem auxílio. À chegada, os enfermos deviam observar a maior abstinência, jejuar vários dias e abster-se de beber vinho. No santuário de Anfiarau em Oropo, por exemplo, havia uma lei que proibia vinho durante três dias e alimento durante vinte e quatro horas (Pausânias, *Livro I*, c. 34). Em Pérgamo e Epidauro o vinho era igualmente proibido, para que o éter da alma não fosse maculado. Em Pérgamo eram forçados a abster-se de vinho durante quinze dias — do que Galeno dizia «não haveria muitos que tão longe obedecessem a um médico».
2. Os sacerdotes conduziam os pacientes através das antecâmaras, mostrando-lhes as pinturas e tábuas e narrando-lhes as maravilhas que ali haviam acontecido pela graça divina.
3. Faziam-se orações fervorosas e recitavam-se cantos sagrados. Para esse fim, o sacerdote lia ou entoava a oração, e o enfermo repetia-a em voz alta. Essas oferendas chamavam-se orações ou cânticos (*euchai*, εὐχαί). Mas estes cânticos eram também acompanhados de instrumentos musicais e, mais tarde, cantores foram instituídos. Platão relata que poetas rapsódicos rivalizavam entre si no templo de Esculápio em Epidauro. Também se empregavam rapazes para cantar em vários templos.
4. Realizavam-se sacrifícios, e de diversos tipos: geralmente um carneiro, mas também outros animais e aves.

5. O banho era sempre condição necessária, antes de qualquer cura posterior ser tentada e antes de se considerar que estavam dignos de receber o veredito do deus. Ordenava-se também a ingestão de água. Sprengel traduz assim a passagem notável de Aristides sobre a fonte milagrosa em Pérgamo: «Mesmo os mudos recuperam a fala ao beber dela; aqueles que se habituam a beber das águas sagradas profetizam. Até mesmo tirar água serve em vez de outros remédios, e torna insípida toda a outra água para os saudáveis.»

6. Estes banhos eram acompanhados de fricções (*frictiones*) e várias manipulações; usavam-se ainda diferentes unguentos. Em Pérgamo, numa época posterior, inventou-se uma espécie de instrumento (xystra, ξὐστρα) com o qual se esfregavam os pacientes após o banho. Todas estas fricções eram feitas com grande cuidado por pessoas escolhidas para esse fim. A unção e fricção era praticada em parte antes, em parte depois da entrada nas câmaras interiores do templo, conforme as doenças parecessem exigir. Apolónio, por exemplo, e Jorgo ungiam-se antes de entrar no templo com um unguento de âmbar, de modo que os seus corpos fumegavam; depois tomavam banho frio e entravam no templo coroados de grinaldas e entoando hinos (Sprengel, I, 200).

7. Os pacientes eram fumigados antes de serem admitidos ao oráculo. Eram tocados, afagados e esfregados com as mãos.

8. Quando, por todas estas preparações, o enfermo estava apto a receber o sono, deitava-se sobre a pele do carneiro sacrificado, ou sobre uma cama magnífica muitas vezes guardada nos templos para esse propósito. Já mencionei que havia tal leito no templo de Belus, na Babilónia; também em Tebas, no Egito, se diz que se usava um semelhante; e as sacerdotisas do oráculo Patoriano, na Lícia, dormiam sozinhas sobre tal leito, onde aguardavam a inspiração de Apolo.

   Mais tarde mencionarei o leito do inglês Graham. Esse sono do templo (*enkoimêsis*, ἐγκοἰμησις; em latim incubatio), segundo o testemunho de Pausânias, ocorria sobretudo de noite, nas diversas câmaras da casa do sono; todas as luzes eram apagadas, para que o silêncio solene e a escuridão sagrada iluminassem as visões dos sonhadores.

Que estas visões eram semelhantes ao estado de vigília durante o sono (hypnagogia) e à clarividência (μαντεία) mostra-o a preparação e as disposições dos sacerdotes; e a mente excitada, voltada com fé infantil para o deus, despertava o sentido interior, já antes estimulado por tais preparações, para revelar os remédios tanto para si mesma como para os outros: isto, aprendido diretamente dos enfermos pelos sacerdotes, era depois transmitido a estes como palavras do deus, na crença sagrada de que eram divinas. A semelhança prova-se também claramente pelo facto de os estados de clarividência serem descritos minuciosamente por Jâmblico e outros. Dormiam, sonhavam, prediziam remédios e a recuperação ou morte de si próprios e de outros. Não apenas previam acontecimentos, mas também escreviam e falavam em versos.

Arístides fala muitas vezes da poesia do sono divino: «Ouvi», diz ele, «as regras de vida recitadas de forma poética.» As suas profecias, porém, por vezes falhavam. Os meios medicinais utilizados pareciam ser raízes, ervas, ou purgativos muito leves, como uvas-passas cozidas, ou uma vida frugal; ou consistiam inteiramente em jejum, abluções e todo o género de cerimónias supersticiosas (Sprengel, I, 204).

Não poderiam estas «cerimónias supersticiosas» ter sido manipulações magnéticas em sentido mais estrito? Muitas vezes os medicamentos eram revelados em formas simbólicas — como ainda hoje sucede com sonâmbulos — que os sacerdotes sabiam interpretar e aplicar. Por vezes eram remédios violentos, como gesso ou cicuta, ou sangrias; recomendavam-se banhos frios, como aprendemos em Arístides e outros. Ocasionalmente tudo isto não trazia alívio, ou terminava infeliz — o que, porém, raramente acontecia, pois os incuráveis não eram admitidos no templo; quando tal sucedia, a culpa era lançada sobre o doente, à sua falta de fé e pecados, ou sobre o destino.

Plauto, e sobretudo Arnóbio (Contra gentes), relatam que os tísicos (tabificis affectos morbis) não encontravam remédio, mesmo visitando todos os templos: chegavam a cansar Esculápio em vão com as suas orações e súplicas. Geralmente a cura era demorada, e o sono do templo era repetido; não se abatia a árvore com um só golpe; cumpre notar, além disso, que nem todos dormiam, e destes poucos profetizavam. Exemplos encontram-se em Filóstrato (Vida de Apolónio de Tiana).

Antes de passar ao relato de outros oráculos, devemos mencionar algumas particularidades dos sacerdotes de Esculápio. É necessário observar que aqui, como no Egito, o ofício sacerdotal era hereditário, transmitido em famílias. Uma antiga lei desta ordem dizia expressamente: «As coisas sagradas só podem ser reveladas aos iniciados; os profanos não as podem receber antes de terem sido iniciados no conhecimento» (Hipócrates, Lex).

A todos os outros era extremamente difícil tornar-se sacerdotes; mas antes de tudo deviam ser instruídos em conhecimentos médicos. A ordem de Esculápio obrigava todo aquele que quisesse ser iniciado nas orgias (orgia, ὄργια) do saber a jurar, invocando Apolo, Esculápio, Higiene (Hygeia) e todas as divindades, e a prometer solenemente não profanar os segredos do templo, transmitindo-os apenas aos filhos dos seus mestres ou àqueles que tivessem prestado igual juramento.

Estes sacerdotes praticavam os costumes sagrados e cuidavam dos enfermos. Uns estavam encarregados da unção, das abluções e do incenso; outros das orações, hinos e demais preparações; e os mais elevados cuidavam do sanctum no interior do templo e das casas do sono, onde os outros não entravam; outros ainda permaneciam nos átrios como intérpretes (exēgētai, ἐξηγηται) de símbolos e alegorias. Mas os sonhos dos adormecidos eram explicados apenas pelos sacerdotes supremos.

Em épocas posteriores, filósofos e outros habitavam nos pórticos e passeios, com quem os doentes podiam conversar (Sprengel, I, 206). Tais intérpretes existiam em todos os templos, no Egito e também na Grécia, explicando aquilo que os estrangeiros vinham inquirir, e transmitindo-lhes o que lhes era permitido saber. Segundo Heródoto, Psamético tinha tais intérpretes (exēgētai); e Jablonski refere que o próprio Heródoto os consultou no Egito e deixou à posteridade tudo quanto sabemos deles. Pausânias menciona frequentemente estes intérpretes (hermēneis, ἑρμηνεῖς) na sua descrição da Grécia; também assírios e árabes possuíam intérpretes semelhantes.

Os sacerdotes distinguiam-se de modo notável pelas suas regras dietéticas. Muitas vezes curavam as doenças mais graves apenas por mudança no modo de vida — embora por vezes diametralmente oposta ao anterior. E que doenças graves pudessem ser curadas por uma reta direção das paixões é provado, segundo Galeno, pelo próprio Esculápio. «Aqueles que, pela violência das suas paixões,

tinham inflamado o corpo, ele aconselhava frequentemente a escutar um poema ou uma canção, ou a assistir a uma comédia. A outros recomendava equitação, caça e exercícios marciais, prescrevendo-lhes tanto o género de exercício como a escolha das armas.» O que Galeno diz de Esculápio repete-o Sprengel nas suas investigações acerca dos sacerdotes esculapianos de Pérgamo.

Os sacerdotes eram mantidos por propriedades fixas e pelas ricas oferendas que os doentes traziam. As moradias dos cantores e dos intérpretes ficavam na vizinhança do templo; os sacerdotes habitavam compartimentos interiores, muitas vezes ligados a passagens subterrâneas. Assim, por exemplo, o templo de Serápis estaria cheio dessas galerias, como refere Rufino; e na Bíblia lemos que Daniel descobriu o engano dos sacerdotes de Bel, que levavam os sacrifícios por passagens ocultas. Muitas vezes um perfume delicioso subia dessas passagens e enchia os lugares onde se encontravam os estrangeiros.

Para conservar viva a memória dos benefícios do deus, foram instituídas certas festas, celebradas com grande esplendor em Epidauro, Pérgamo, Atenas e Cós. O maior número de cidades da Ásia Menor unia-se para celebrar em comum este festival. Em Epidauro comemorava-se a cada cinco anos, com jogos, sacrifícios e procissões solenes, nas quais a estátua do deus, em carro triunfal e puxado por Centauros com tochas acesas, era conduzida em cortejo, acompanhada por portadores de tochas entoando hinos.

Na recuperação dos enfermos e na sua partida desses lugares sagrados, faziam-se vários sacrifícios e ofereciam-se presentes, que ou ficavam no templo ou eram dados aos sacerdotes em recompensa pelo seu labor. Tais presentes consistiam em vasos de ouro ou prata, tábuas votivas, membros do corpo que haviam sido curados — por vezes em marfim, ou, entre os mais pobres, em madeira; também pinturas e obras de arte eram oferecidas.

Arístides enviou a Pérgamo um trípode de prata sobre o qual estavam três imagens douradas, de Esculápio, Higiene e Telesforo. Em geral, os templos gregos eram riquissimamente dotados. Era especialmente costume deixar a história do enfermo, com o seu nome e um relato da doença, dos remédios e da cura, cuidadosamente inscrita em tábuas. Tais registos eram muitas vezes gravados em placas metálicas ou colunas; seis destas inscrições ainda existiam no tempo de Pausânias, em Epidauro (Sprengel, I, 208).

No oráculo de Anfiarau era costume lançar moedas de ouro e prata na fonte sagrada. Outro costume, que sem dúvida muito ajudava à prática da medicina, era o de inscrever todos os remédios particulares, sobretudo os recém-descobertos, nos umbrais ou colunas dos templos. Assim, a famosa combinação de Êudamo contra a mordida de serpentes estaria gravada na porta do Asclepeion de Cós (Galeno, De antidotis, II; Plínio, XX, c. 24). Um ourives legou ao templo de Éfeso uma loção ocular destinada a ajudar todos os que, sofrendo de doenças graves dos olhos, tinham sido abandonados por outros recursos. Até instrumentos cirúrgicos eram legados pelos seus inventores a estes hospitais sagrados.

Erasístrato ofereceu ao templo de Delfos um instrumento para a extração de dentes (Sprengel, I, 208). É muito de lamentar que tais tábuas não tenham chegado à nossa época: já nada se conhece dessas inscrições na Grécia; mas das preservadas por Gruter, encontradas na ilha Tiberina em Roma, falarei mais adiante.

Tendo-me alongado sobre o templo de Esculápio, mencionarei agora algumas particularidades de outros oráculos. Quase tão célebres quanto os oráculos de Esculápio eram os de Apolo, e destes o mais renomado foi o de Delfos, que tomou o seu nome de uma cidade da Beócia, situada no lado sul do monte Parnaso, e que teria sido fundado da seguinte forma: pastores que apascentavam os rebanhos na vizinhança repararam que as cabras, ao aproximarem-se demasiado de uma certa fenda da qual saía um vapor peculiar, ficavam como embriagadas; sucedendo o mesmo a um pastor, este, curioso em examinar a abertura, caiu não só nos mesmos movimentos convulsivos, mas também começou a predizer acontecimentos futuros.

Acreditou-se então que tal fenda encerrava algo de natureza divina, e passou a ser muito visitada para obter conhecimento do futuro. Mas, como por vezes acontecia que os que se aproximavam demasiado eram atordoados pelas emanações e caíam nela, perdendo a vida, a fenda foi coberta com um tripé ou mesa, com uma abertura no centro, sobre a qual se sentavam os que desejavam profetizar. Durante algum tempo, este prodígio não foi atribuído a divindade alguma; mas por fim Apolo foi universalmente reconhecido como soberano desse lugar, e em sua honra se ergueu um templo de ramos de loureiro, substituído depois por um de pedra, provido de sacerdotes que cultivavam diligentemente o culto do deus.

É particularmente notável que no templo de Delfos fossem geralmente designadas jovens para o ofício de profetisas, escolhidas das classes mais baixas e de costumes simples. Chamavam-se Pítias (*Πυθία*), nome derivado de Apolo Pítio (*Πύθιος*), assim chamado da serpente Píton (*Πύθων*), que ele matou.

Nos primeiros tempos, esta fenda, de onde se elevavam os gases, estava coberta de forma mais simples; pois, segundo Plutarco, o célebre tripé em que a Pítia se sentava era de data posterior. Uns sustentam que o tripé era uma mesa de três pés, sobre a qual a profetisa se sentava. Segundo Jâmblico (III, 2), era às vezes um tripé de bronze, outras um caldeirão de quatro pés.

Outros opinavam que se tratava de um vaso de ouro sobre três pés, que teria sido pescado por marinheiros em suas redes; cada um quis possuir o tesouro, e a disputa terminou quando a Pítia ordenou que fosse enviado ao mais sábio da Grécia. Foi então oferecido a Tales, que o passou a Bias como ainda mais sábio, e este a um terceiro; por fim voltou a Tales, que o dedicou a Apolo délfico (Pantheon mythicum, P. F. Pomey, Leipzig, 1759, p. 31).

Que estas profecias provinham de vapores subterrâneos foi unanimemente admitido; mas a forma como se dava era alvo de muitas teorias. Alguns explicavam de modo natural: a alma, excitada pelo vapor, alcançava atividade suficiente para predizer o futuro. Jâmblico (III, 11) afirma que as sibilas de Delfos profetizavam por meio do espírito ígneo e penetrante que subia da fenda; e que este era o espírito do fogo divino que as enchia de glória divina.

Em qualquer caso, era o espírito divino que nelas operava — fosse ele natural (*φυσικός*) ou religioso. Outros sustentavam que a Pítia, sentada sobre o tripé, recebia o espírito maligno que emergia da fenda e, tomada de fúria, proferia palavras insensatas, de lábios espumosos e cabelos em desalinho. É muito notável que a Pítia fosse chamada «profetisa ventríloqua» (*ventriloqua vates*; entre os gregos, *ἐγγαστρίμυθος*, ἐγγαστρἰμυθος) (Aristófanes, *Vespas*, v. 28; Pantheon mythicum, p. 31).

Devem, portanto, ter conhecido a transposição da autoconsciência para a região do estômago. Os sacerdotes interpretavam também aqui as respostas simbólicas e muitas vezes ininteligíveis do oráculo, geralmente proferidas em versos. O rei da Lídia, Creso, consultou os oráculos acerca de uma guerra com a Pérsia. Mas, desejando pô-los à prova, ordenou a seus embaixadores que, no centésimo dia após a

partida, perguntassem aos oráculos com que se ocupava ele nesse momento. O que responderam os outros oráculos não é conhecido, diz Heródoto; mas a Pítia em Delfos respondeu:

«Conto as areias, conheço as distâncias do oceano;
Ouço até os mudos; compreendo os pensamentos dos silentes.
Agora percebo um odor — de carne de cordeiro, ao que parece,
A cozer em bronze, misturada à carne de tartaruga.
Bronze está por baixo, e com bronze tudo coberto.»

Quando o mensageiro regressou, o rei acreditou que a Pítia era divinamente inspirada, pois nesse mesmo momento ele havia cozido cordeiro e tartaruga num caldeirão de bronze, coberto também de bronze. A outra resposta foi:

«Κροῖσος Ἅλυν διαβὰς μεγάλην ἀρχὴν καταλύσει»

(«Se Creso atravessar o Hális, destruirá um grande império.»)

A Pítia deu-lhe ainda uma segunda resposta acerca de Ciro, rei dos Medos, seu futuro vencedor; e uma terceira sobre se o seu filho, mudo, alguma vez falaria:

«Lídio, insensato de coração, ainda que poderoso,
Não desejes ouvir a voz de teu filho no palácio:
Não te trará bem; pois sabe que a sua boca se abrirá
No dia mais funesto de todos.»

No próprio dia em que Sardes foi tomada, um persa lançou-se sobre Creso para o matar; «Homem, não mates Creso!» foram as suas primeiras palavras — e desde então pôde falar (Heródoto, I, 85).

De início, só durante um mês do ano se podia consultar o oráculo; depois, passou a dar respostas todos os meses, mas apenas em certos dias. Isto terá vindo do facto de, em épocas posteriores, a clarividência ser artificialmente produzida pelos sacerdotes; mas que só se desse em dias determinados compreende-se facilmente a partir de fenómenos conhecidos do magnetismo, que só em certos tempos se manifesta clara e distintamente, sendo o dia indicado com antecedência.

O templo, como o de Esculápio, tinha muitas câmaras onde ficavam os consulentes e os doentes. A Pítia possuía aposentos próprios, inacessíveis a estranhos. Junto deles havia uma pequena sala, onde os consulentes aguardavam as respostas. A abertura da cela onde a Pítia profetizava estava coberta de folhas de louro; mas mesmo os

autorizados a aproximar-se não podiam olhar para dentro (Fontenelle, *Histoire des oracles*).

Entre outras plantas e ervas, o loureiro era sagrado para Apolo, assim como para Esculápio, e era usado nos templos tanto para induzir o sono e os sonhos como para produzir efeitos benéficos em várias doenças. Quem desejasse pedir conselho devia apresentar-se diante do altar coroado de ramos de louro e mastigando as suas folhas. Mesmo entre o povo havia a crença de que os espíritos podiam ser afastados com o uso do louro; daí o verso de Passeratius: «O loureiro, amigo dos bons génios, repele ao longe os lémures que se escondem sob a nuvem oca.» "Lauras arnica bonis geniis, longeque repellit nube cava
tectos lemures."

Os vates (adivinhos) eram também coroados com loureiro: este era usado como incenso e auxiliava grandemente a previsão dos acontecimentos futuros, pois as suas folhas, colocadas debaixo de uma almofada, produzem sonhos. De nove em nove anos, segundo Plutarco (De defectu oraculorum — A decadência dos oráculos), erguia-se no átrio do templo uma ramada feita de ramos de loureiro, que se assemelhava mais a um palácio real do que a uma cabana. A festividade então celebrada chamava-se Septerion.

Merece menção o facto de o oráculo délfico ter alcançado tanta celebridade pelas suas respostas em casos de doença, bem como em assuntos de Estado e consultas individuais, que era vulgarmente chamado "oráculo do mundo", pelo facto de ali se verem pessoas de todas as nações. Havia, segundo Plutarco, singularidades próprias do oráculo de Delfos: o fogo eterno era mantido apenas com madeira de abeto, e nenhuma mulher podia interrogar o oráculo, entre muitas outras particularidades.

Outro oráculo muito célebre era o de Amphiaraos (Ἀμφιάραος, adivinho da guerra tebana), venerado em Oropo, na Beócia, como vidente. Este oráculo era consultado mais em questões de doença do que em qualquer outra ocasião. Os consulentes tinham de se deitar sobre a pele de um carneiro sacrificado, e durante o sono eram-lhes revelados os remédios para as suas doenças. Além dos sacrifícios e das lustrationes (ritos purificatórios), os sacerdotes prescreviam outras preparações destinadas a iluminar a mente dos que dormiam.

Entre estas, estava o jejum de um dia e a abstenção de vinho durante três.

O seu filho Amphíloco (Ἀμφίλοχος) tinha um oráculo semelhante em Mallos, na Cilícia, que Pausânias considerava o mais fidedigno e digno de crédito da época. Plutarco refere que os oráculos de Amphíloco e Mopsos (Μόψος) estavam em plena prosperidade; Luciano menciona que todos os que desejavam consultar o oráculo deviam depositar duas óbolas (moeda grega).

Outro oráculo celebrado situava-se na costa da Ásia, entre Tralles e Nysa, do qual Estrabão faz particular menção: "Não longe da cidade de Nysa encontra-se uma pequena aldeia chamada Characta, onde existe um templo e um bosque consagrados a Plutão (Πλούτων, Hades) e Prosérpina (Περσεφόνη). Junto ao bosque há uma fenda subterrânea de natureza miraculosa.

Diz-se que os doentes, confiando nos deuses, aí se dirigem e passam algum tempo com os sacerdotes que habitam junto da fenda: estes dormem por eles e transmitem-lhes depois os remédios revelados. Por vezes, contudo, os próprios doentes são colocados nessa fenda, onde permanecem vários dias sem comer; nesse estado caem muitas vezes num sono profético, sempre sob a vigilância e consagração dos sacerdotes. Tão milagrosa é esta fenda que se torna mortal para todos os que estão de saúde." (Estrabão, XIV).

Do oráculo de Apolo em Colofão, refere Jâmblico (De mysteriis Aegyptiorum, III, 2) que profetizava bebendo água: "Sabe-se que ali existe uma nascente subterrânea, da qual o profeta bebe; após fazê-lo, e depois de realizar consagrações e ritos sagrados em determinadas noites, prediz o futuro, embora invisível a todos os presentes. Que esta água induz profecia é claro, mas como acontece, ninguém sabe — diz o provérbio. Parece que o espírito divino permeia a água, mas não é assim: Deus está em todas as coisas, e reflete-se nessa nascente, conferindo-lhe poder profético.

Essa inspiração da água não é de natureza inteiramente divina, pois apenas nos prepara e purifica a luz da alma (purgat spiritum luminosum — purifica o espírito luminoso), tornando-nos aptos a receber o espírito divino. A presença divina é tal que castiga todo aquele que se mostra capaz de receber o deus. O vates (adivinho)

utiliza este espírito como um instrumento de trabalho sobre o qual não tem domínio; após a predição, muitas vezes nem recorda o que disse e mal consegue recompor-se. Muito antes de beber a água, o adivinho deve abster-se dia e noite de alimento e observar costumes religiosos impossíveis ao comum dos homens, por meio dos quais se torna apto a receber o deus. Só assim consegue erguer o espelho da sua alma ao fulgor da inspiração livre."

Jâmblico acrescenta, sobre a profetisa de Branchis, que ela ou segura na mão uma vara oferecida por um deus, ou se senta sobre um eixo de carro, ou mergulha os pés na água, ou profetiza através do vapor que sobe. Mas não era só: exigiam-se banhos, jejum de três dias e residência solitária no santuário. Censurava os que desprezavam tais preparações ou que aceitavam sonhos dos primeiros dias.

Outro oráculo célebre, o de Zeus em Dodona, no Épiro, deu ao deus o epíteto de Dodonaîos. Situava-se ao sopé do monte Tomaros, num bosque de carvalhos, e as respostas eram dadas por uma velha mulher sob o nome de Peliás (em ático, "pomba" — daí a lenda de que as pombas profetizavam nos carvalhais de Dodona). Segundo Heródoto, esta lenda nasce de um episódio: duas sacerdotisas de Tebas, no Egipto, foram raptadas por mercadores fenícios; uma foi levada para a Líbia, onde fundou o oráculo de Zeus Ammon (Ζεὺς Ἄμμων), a outra para a Grécia, permanecendo no bosque de Dodona, célebre pelas bolotas.

Aí fez erguer um templo ao pé de um carvalho em honra de Zeus, de quem tinha sido sacerdotisa em Tebas; e ali se estabeleceu um oráculo regular. Esta sacerdotisa era chamada "pomba" porque a sua linguagem era ininteligível. Os oráculos de Dodona e de Ammon estavam relacionados, e Heródoto afirma que o modo de profetizar era o mesmo em ambos. Em Dodona era também cultuada Dióna (Διώνη), consorte de Zeus, tal como em Amonium (Líbia) uma deusa era associada a Ammon. A pomba era ainda o pássaro de Afrodite (Ἀφροδἰτη), identificada a Dióna de Zeus, símbolo do amor divino que salva a humanidade da destruição.

Mais tarde, em Dodona, meios materiais foram usados para induzir o espírito profético: vários vasos de cobre eram dispostos sobre uma coluna, ao lado da estátua de um rapaz; quando o vento agitava uma vara com três ossos suspensos por correntes, esta batia nos vasos

metálicos, cujo som era interpretado pelos consulentes. Destas "vozes de Dodona" nasceu o provérbio aes Dodonaeum ("falador incessante").

Hesíodo descreve o oráculo pelásgico: "Há uma terra, Hellopia, rica em campos e pastagens, em ovelhas e gado de largo casco, e nela habitam muitas gentes de mortais. Na sua extremidade está Dodona, murada e elevada, escolhida por Zeus como oráculo, honrada pelos homens, que ali recebem o dom profético. Quem quiser consultar o deus imortal deve aproximar-se com oferendas e aves de bom agouro." (Fragmento 54).

Segundo viajantes posteriores, situava-se no belo vale de Jánina, e acredita-se que a cidade de Dodona tenha depois recebido o nome de Bonditsa.

Nas investigações mais recentes, Ernest de Lasaulx (em Das Pelasgische Zeusorakel zu Dodona) coloca a fundação deste oráculo na infância da humanidade. Segundo a genealogia mosaica (Génesis, X, 4), foi fundado pelos filhos de Dodanim, descendentes de Javã, filho de Jafé; segundo Hesíodo, foi a morada de Pelasgos (Πελασγός). Outros afirmam que Deucalião (Δευκαλίων) e Pirra (Πύρρα), após o dilúvio, ergueram aí o templo, como refere também Aristóteles, acrescentando que todos os oráculos de Dodona ordenavam sacrifícios a Áfthitton (Ἀφθίττων, "o imperecível") e a Aqueloo (Ἀχελῷος, rio-divindade, símbolo da água).

O oráculo de Dodona era dedicado a Zeus Pelasgikos (Ζεὺς Πελασγικός, Zeus dos Pelasgos), que aqui era venerado ao mesmo tempo como o todo-poderoso soberano do mundo e como o amigo e companheiro da humanidade. No decurso do processo teogónico, Dióna (Διώνη) foi associada a ele como esposa — a mãe de Afrodite (Ἀφροδίτη). Os servidores de Zeus eram os Selloi (Σέλλοι), sacerdotes de Dióna, os chamados Peliades (Πελειάδες, "pombas"). (Numa nota, Lasaulx mostra que, mesmo à época da guerra de Troia, já havia sacerdotisas em Dodona e que, segundo São Justino, em tempos posteriores havia sacerdotes associados às sacerdotisas como exegetas, ou sacrificadores, em Dodona).

Segundo Homero, os Selloi habitavam o santuário de Dodona, dormindo sobre a terra e com os pés nus e por lavar: serviam assim

a Zeus Pelasgikos. É provável que dormissem sobre as peles de animais recém-sacrificados, para receber sonhos proféticos, como era costume em outros lugares, como em Cálcis e em Oropo, entre muitos outros. Lasaulx observa, a propósito dos pés nus dos sacerdotes, que se tratava de um costume universal do Oriente: Moisés descalçou-se diante da sarça ardente, e Josué obedeceu à mesma ordem de Deus em Jericó. No Oriente, o calçado é usado apenas em solo impuro, estando associado à ideia de orgulho. Quem deseja aproximar-se de Deus deve despir-se de tudo o que é terreno.

Os sacerdotes de Melkart em Cartago; as velhas sacerdotisas adivinhas dos Cimbros, segundo Estrabão; as virgens no templo de Atena em Troia; os sacerdotes em certas procissões — os nudipedalia (lat. "de pés nus") — em Roma, e também os do Egipto, andavam descalços. Ainda hoje, todos os que entram numa mesquita muçulmana têm de se descalçar; o mesmo acontece em muitas igrejas cristãs da Palestina.

As sacerdotisas proféticas, as Peliades ("pombas"), eram três, com os títulos de Ὑποπῖνα (Hypopina, a que conhece o futuro), Τιμαρέτη (Timaretê, a amiga da virtude), e Νικόναυξα (Nikonauxa, a dominadora dos homens, isto é, a virgem). A primeira era a mais velha, a última a mais nova. A ideia evidente nestes nomes é que o divino se alcança através da castidade virginal, da virtude e da sabedoria.

Quanto à arte mántica de Dodona, era em parte natural, nascida da excitação da mente, e em parte artificial. Entre os meios artificiais contam-se três: o antigo carvalho de Zeus, com as suas pombas proféticas; a fonte miraculosa; e as célebres taças de bronze de Dodona.

A árvore que falava e se espalhava em vozes — o incrível prodígio, como lhe chama Ésquilo — era um carvalho, árvore alta e bela, de folhas sempre verdes e de bolotas doces e comestíveis, que, segundo gregos e romanos, tinham sido o primeiro alimento da humanidade. Os Pelasgos viam neste carvalho a árvore da vida. Nele se supunha que residia o deus, e o farfalhar das folhas e o canto das aves revelavam a sua presença. Quando os consulentes entravam, o carvalho agitava-se e as Peliades diziam: "Assim fala Zeus." Debaixo dele queimava-se incenso: arbor numen habet coliturque ("a árvore

possui a divindade e é venerada"), o que pode ser comparado ao altar de Abraão junto ao carvalho de Ogyges, existente desde a criação do mundo (Josefo, Ant. Jud. I, 10, 14). Segundo a lenda, pombas sagradas habitavam continuamente a árvore, à semelhança do oráculo de Marpessa em Tiora Mattiene, onde um falcão sagrado profetizava do alto de um pilar de madeira (Dionísio, I, 14).

Aos pés do carvalho jorrava uma fonte fria, como se viesse das suas raízes, e do murmúrio desta profetizavam as sacerdotisas inspiradas (quae murmur aquae, Feliás nomine, interpretata hominibus dicebat — Servius, comentário à Eneida III).

Desta fonte miraculosa dizia-se que tochas acesas nela mergulhadas se extinguiam, e tochas apagadas se reacendiam; que também subia e descia conforme as estações. "Essa extinção e reavivar da chama", diz Lasaulx, "talvez tenha um significado místico: a vida comum dos sentidos deve extinguir-se para que o espírito profético, adormecido na alma, desperte. A tocha da existência humana deve apagar-se para que uma tocha divina seja acesa; o humano deve morrer para que o divino nasça. A destruição da individualidade é o despertar de Deus na alma; ou, como dizem os místicos, o ocaso do sentido é a aurora da verdade."

O facto de a água apagar fogo aceso mostra que continha gás carbónico, com propriedades estupefacientes e mortais, como todas as exalações minerais. O seu regular subir e descer é fenómeno frequente, observado desde a Antiguidade (Séneca, Quaest. Nat. III; Diodoro; Lucrécio VI, 840; Sílio Itálico; Agostinho, De civitate Dei XXI, 5, 7).

As previsões eram tiradas não só do farfalhar do carvalho sagrado e do murmúrio da fonte, mas também dos sons das taças de bronze de Dodona. Segundo Lasaulx, havia aqui outro significado: essas duas colunas de Dodona, que, segundo Pólemon e Arístides, estavam lado a lado, uma com uma taça de bronze e outra com a estátua de um rapaz com um látego, recordam as colunas diante do Templo de Salomão em Jerusalém. Salomão tinha erguido colunas de bronze, de dezoito côvados de altura, quatro dedos de espessura, ocas por dentro, cada uma com uma taça de bronze, com duzentas romãs pendendo em duas filas. As colunas ocas formavam como que dois sinos, e as romãs suspensas, os badalos. Assim, a cada sopro de

vento criava-se um som claro e agradável. Colunas semelhantes, oferecidas por Salomão ao rei Suron, estavam em Tiro no templo do Altíssimo (Eusébio). Lasaulx observa que não será improvável que as colunas de Dodona fossem uma imitação das de Salomão; pois, segundo Estrabão, eram oferenda votiva dos Córciras (habitantes de Córcira, hoje Corfú), que, como os Dodónios, pertenciam à raça dos Pelasgos e veneravam Zeus.

Homero fala dos Córciras como navegadores e mercadores; é plausível que tenham viajado e comerciado com a Fenícia e a Síria e que pudessem ter obtido essas colunas da escola artística que executara as de Salomão. Uma série semelhante de sinos foi erguida no túmulo do rei etrusco Porsena, em Clúsio; e em tempos posteriores Augusto mandou guarnecer com sinos o pináculo do templo de Júpiter Capitolino (Suetónio, Aug.). Lasaulx insinua ainda um sentido mais profundo para as colunas de Dodona, digno de ser aqui recordado.

Os sinos são mencionados na lei mosaica: "E farás na orla da túnica romãs de azul, púrpura e escarlate, à roda da orla, e campainhas de ouro no meio delas em roda; uma campainha de ouro e uma romã, outra campainha de ouro e outra romã, na orla da túnica em roda. E estará sobre Aarão quando ministrar; e ouvir-se-á o seu som quando entrar no santuário perante o Senhor, e quando sair, para que não morra" (Êxodo 28, 33; Eclesiástico 45, 9).

Segundo a explicação de Platão, os sinos eram símbolo da harmonia do mundo e das esferas, pois o sumo sacerdote judaico era visto como imagem do universo. (Josefo, que também via em todo o serviço do templo uma μικρόκοσμος καὶ διακόσμησις τῶν ὅλων — "um microcosmo e adorno do todo" — considera a romã e os sinos como símbolos do trovão e do relâmpago). Uso semelhante, como menciona Plutarco, se fazia das taças de bronze na Grécia, nas celebrações noturnas dos mistérios, quando o Hierofante batia na taça ao chamar a Cora (Perséfone), ou quando clamava por auxílio.

Os mortos piedosos, de quem se acreditava que desciam ao túmulo purificados de todo o pecado, eram acompanhados ao seu repouso eterno com o som de sinos, para mostrar, como diziam as inscrições funerárias de Samotrácia, "que a alma, recebida em esferas superiores, entrara nas fileiras das estrelas celestes." As notas do

bronze puro deviam incitar a alma à pureza e libertá-la do poder dos demónios; pois acreditava-se desde a Antiguidade que o som do bronze quebra os encantamentos (Tibulo, I, 8, 22); mas aquilo que quebra encantamento também o pode provocar. Encontramos, assim, taças de bronze usadas em práticas mágicas (Plínio, XXXIII, 14); por exemplo, na necromancia, a taça de bronze era usada, como descreve o rabino judeu Bechai no seu comentário à Torá: "Nos livros de magia está escrito que, no exercício do espírito adivinho, uma mulher fica à cabeceira da sepultura, um homem aos pés e um rapaz no meio, segurando um sino que agita; e este era o costume dos gentios nesse tempo (o tempo de Moisés)."

Quase todas estas crenças estão ligadas aos sinos que, depois do século VII, foram universalmente empregados no serviço divino cristão. Recordo apenas a célebre inscrição — "Laudo Deum verum, plebem voco et congrego clerum, festa honoro, diemones fugo, vivos voco, mortuos plango, fulgura frango."

Se considerarmos tudo isto, as colunas dodónicas, com o que sobre elas se erguia, parecem exprimir o seguinte: — a taça de bronze de tamanho médio era um hemisfério e simbolizava o céu; a estátua masculina em forma de rapaz era a figura do Demiurgo, ou construtor do universo; as notas semelhantes a badaladas eram um símbolo da harmonia do universo e da música das esferas. (Esta conceção antiga e grandiosa de um coro universal forma também, como crê Lassaulx, o fundamento da bela lenda da estátua de Mémnon, de que Filóstrato diz: "Os egípcios e etíopes sacrificam-lhe a cada aurora, quando o sol lança os primeiros raios, e a estátua ergue a voz para saudar os seus adoradores.")

O facto de o Demiurgo ser representado como um rapaz está inteiramente no espírito da teologia egipto-pelásgica que dominava em Samotrácia. O sino miraculoso dizia a todos os que vinham a Dodona interrogar o deus que estavam em solo sagrado, que deviam inquirir com coração puro e guardar silêncio quando o deus respondesse. É fácil imaginar que esses sons, independentes e não influenciados pela vontade humana, deviam impressionar profundamente o espírito dos peregrinos. Os que consultavam o deus eram também obrigados (como parece indicar uma passagem, decerto obscura, de Asconio, In divinitat.) a tomar um banho

purificatório no templo, semelhante ao que a Pítia délfica praticava para se preparar para a profecia (Plut. mor.).

Além desta adivinhação artificial pelos sinais, praticava-se também a adivinhação natural pelos movimentos proféticos do espírito. Onde há sacerdotisas profetizantes, deve haver também extáticas, semelhantes às que se encontram em estado magnético. Sófocles chama às sacerdotisas de Dodona divinamente inspiradas; Platão (Fedro) afirma ainda mais decididamente que a profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona muito bem fizeram à pátria, em loucura sagrada (μανεἰσῃ), em negócios públicos e privados, mas que, em estado de lucidez (de vigília, σωφρονοῦσαι), pouco ou nada.

Vemos por isto que a Pítia délfica, assim como as sacerdotisas dodónicas, não davam os seus oráculos em estado de consciência desperta comum, mas em verdadeira êxtase, a que o frequente incenso e as libações ajudariam. Aristides declara, mais claramente ainda que os outros, que as sacerdotisas de Dodona não sabiam, antes de serem tomadas pelo espírito, o que diriam, nem recordavam depois, quando a consciência natural regressava, o que haviam proferido; de modo que todos os outros, mais do que elas próprias, o sabiam. Isto confirma plenamente todas as circunstâncias necessárias para se reconhecer a semelhança destes fenómenos com o sonambulismo.

As Peliades teriam sido as primeiras a cantar estes versos: — "Zeus foi, Zeus é e Zeus será, ó grande Zeus. A terra produz frutos, portanto chama à terra mãe." O conteúdo e a ideia são antigos, ainda que a forma possa pertencer a época posterior; pois o primeiro verso encerra o mesmo pensamento da célebre inscrição da estátua velada de Sais — "Eu sou tudo o que foi, é e será, e nenhum mortal jamais ergueu o meu véu." Platão afirma que Deus é o princípio, o meio e o fim de todas as coisas; e no Novo Testamento (pois é permitido, diz Lassaulx, comparar o profano com o sagrado, já que todas as religiões têm um fundamento santo) encontramos — sum qui ero, Eu sou aquele que será. O segundo verso (chamar mãe à terra que dá frutos) exprime a crença de que, assim como Deus é pai dos homens, a terra é nossa mãe comum.

Quase todos os heróis da raça helénica, nos tempos antigos, recorreram ao deus de Dodona nas adversidades: Ínaco, Hércules,

Aquiles e seu filho Pirro, Ulisses, Eneias. Segundo uma resposta do oráculo dodónico, uma tribo pelasga emigrou do Épiro para a Itália e fixou-se junto à cidade de Cotile, entre os habitantes autóctones. Que o Zeus de Dodona foi de grande benefício nos primeiros tempos da Grécia mostra-o claramente o facto de ter reconhecido o direito dos que pediam auxílio e proclamado a sua inviolabilidade como mandamento religioso. Com o seu consentimento, o rei espartano Agesilau empreendeu a expedição para libertar os gregos asiáticos do jugo persa.

Pausânias e outros relatam uma sentença oracular de carácter psicológico notável: — "Quando Calidão ainda era habitada, Dioniso tinha, entre outros sacerdotes, um certo Coreso, que muito sofreu por amor. Amava, de facto, uma virgem, Calírroe; quanto amor ele lhe tinha, tanto ódio ela lhe votava, e, insensível a súplicas ou presentes, acabou ele por pedir auxílio a Dioniso. Então o deus ouviu o seu sacerdote e feriu os calidónios com grave enfermidade, e a morte ceifou-os.

Mas, quando eles recorreram ao oráculo de Dodona para conhecer a verdade pelas pombas e pelo carvalho, receberam a resposta de que a ira de Dioniso não cessaria até que Coreso sacrificasse Calírroe ao deus, ou alguém morresse por ela. Nada restava à virgem senão a morte; mas, quando tudo estava preparado para o sacrifício e ela era conduzida ao altar ornada como vítima consagrada, Coreso, seguindo o amor e não a ira, deu a vida pela sua amada. Vendo então Calírroe Coreso morto diante dela, mudou-lhe o espírito, compadeceu-se e, tomada de dor, matou-se junto à fonte do porto de Calidão. Daí que a fonte recebeu o nome de Calírroe."

Embora poucas profecias das sacerdotisas dodónicas tenham chegado até nós, a opinião de Orígenes, que declarou considerar indignas de crédito as previsões das sacerdotisas de Dodona, da Pítia e de todos os oráculos pagãos, pode estar longe da justiça. Antes da era de Cristo, as sacerdotisas de Dodona predisseram aos Lacedemónios que a guerra contra os Arcádios seria isenta de lágrimas. Quando Alexandre foi chamado pelos tarentinos, no ano 325 a.C., do Épiro à Itália, o oráculo dodónico avisou-o de que se precavesse da água do Aqueronte e da cidade de Pandósia, pois aí estava fixado o termo da sua vida. Por isso apressou-se a ir à Itália; quis evitar a cidade do

mesmo nome no Épiro, mas encontrou a morte não longe de Pandósia, na Lucânia, no rio Aqueronte (Liv. viii. 24).

A sacerdotisa Fénis, filha de um rei caónico, predisse a devastadora marcha dos gauleses, o percurso que seguiriam da Europa à Ásia, e a destruição das cidades — isto uma geração antes de o acontecimento ter lugar (Paus. xi. 12, 5). O rei Pirro recebera uma sentença oracular — de que estava destinado a morrer logo que visse um lobo combater com um touro. A sentença cumpriu-se quando, na praça de Argos, viu um grupo de bronze que representava tal combate. Uma velha matou-o lançando-lhe uma telha de cima de uma casa.

O oráculo de Dodona existiu mais de dois mil anos e foi consultado até às últimas fases da existência grega. Que as sacerdotisas eram incorruptíveis mostrou-o Lisandro, que foi repelido com desprezo quando tentou suborná-las com presentes. Quando Alexandre Magno, entre outros planos de caráter universal-monárquico, concebeu o de transplantar os habitantes da Ásia para a Europa e os da Europa para a Ásia, a fim de que a troca entre as duas partes dos continentes produzisse harmonia universal e relação espiritual, determinou também, para esse fim, erigir seis magníficos templos, sendo um em Dodona; mas este plano, como tantos outros, não se realizou devido à morte prematura do rei heróico.

Na época macedónico-romana, 219 anos a.C., uma horda de selvagens etólios caiu sobre os templos, incendiou os magníficos pórticos que os rodeavam, destruiu muitas oferendas votivas e derrubou os edifícios sagrados até ao próprio sanctum.

Na época de Estrabão, no nascimento de Cristo, o oráculo de Dodona, como todos os outros, estava quase completamente abandonado: as únicas habitações que restavam, diz o biógrafo, eram ruínas e miseráveis choupanas no monte. Segundo isto, deveríamos acreditar que o oráculo então já se extinguira; mas Pausânias afirma, por volta do ano 180 d.C., que o carvalho sagrado ainda estava verde; e o seu contemporâneo Júlio Aristides fala das sacerdotisas de Dodona de maneira que mostra claramente que, nessa época, ainda profetizavam. Parece que foi apenas no século III que um salteador ilírio abateu a árvore sagrada, e o oráculo se calou para sempre.

Havia muitos outros templos: um, no território espartano, era consagrado a Pasífae; e o oráculo de Júpiter Trofónio na Beócia, onde havia numerosas cavernas, era muito célebre. Este último é minuciosamente descrito por Pausânias, e vários autores gregos fornecem pormenores sobre o "sono do templo". A estada dos que visitavam o oráculo na gruta de Trofónio tinha duração variável; alguns só reapareciam após um dia e duas noites.

Ao regressarem, os sacerdotes colocavam-nos numa cadeira chamada Mnemosyne cathedra e perguntavam-lhes o que tinham visto e ouvido; o que estes proferiam em estado de estupefação (sonambulismo) era considerado oracular. Em seguida, eram conduzidos à Capela do Bom Génio e da Fortuna, onde despertavam gradualmente e regressavam a si próprios. Os consulentes tinham presenciado na gruta visões horríveis, que lhes causavam tal impressão que muitas vezes ficavam marcados por uma espécie de melancolia permanente; daí nasceu o provérbio a respeito de um homem pesaroso: in antro Trophonii vaticinatus est — "vem da gruta de Trofónio", isto é, é triste e melancólico.

Segundo Estrabão (lib. xiv), havia outra gruta, semelhante à de Trofónio, entre Feras e Nepe. Era dedicada a Plutão e a Juno, e sobre ela erguera-se um templo, onde os doentes se reuniam. Aí os sacerdotes desciam à gruta para dormir em nome dos requerentes. Por vezes, os próprios doentes eram introduzidos, e então os sacerdotes interpretavam-lhes os sonhos. Para os homens que entrassem sem acompanhamento sacerdotal, o lugar era mortal: Aliis hominibus locus ille inaccessus et exitiosus.

Conservamos ainda os interessantíssimos tratados do orador grego Aristides, que viveu no reinado de Marco Aurélio, e que nos dão muitos indícios sobre a prática dos oráculos nos templos, especialmente nos de Esculápio.

Esses tratados são: 1. Um em honra de Esculápio; 2. Um em honra dos Asclepíadas; 3. Um panegírico sobre a fonte de Esculápio.

Dou alguns excertos de "AElii Aristidii oratoris clarissimi orationes Graecae et Latinae, interprete Gulielmo Cantero, Oliva, Paul. Steph. 1604, 4." Nas suas seis Orationes Sacrae, Aristides relata as curas que sofreu sob a tutela de Esculápio em várias ocasiões, e segundo

tratamentos que lhe eram indicados em sonhos. Embora Aristides seja considerado frequentemente prolixo e pouco fidedigno, parece contudo que diz a verdade no que respeita a si próprio. "Relato", diz Aristides, "os sofrimentos do meu abdómen e o tratamento que segui dia e noite.

Era no mês de dezembro, quando todas as noites era atacado por violentas dores abdominais, e não conseguia digerir nada; não dormia; tinha constantemente tanto frio que nem pedras aquecidas me confortavam, e, no entanto, suava continuamente, suores que apenas cessavam quando tomava banho. No dia 12 do mês, o deus ordenou-me que deixasse os banhos. A mesma ordem se repetiu no dia seguinte e no outro. Nesses três dias o suor cessou, e andei pela casa. Então tive um sonho, no qual me pareceu estar num banho quente (eram in thermis); e, ao inclinar-me, percebi que o meu ventre estava doente (ventrem inferiorem male affectum).

À noite tomei banho. Ao amanhecer senti dores abdominais (doluit ventriculus), que se estendiam até à virilha direita. No dia 17, um sonho proibiu-me o banho. Noutro sonho, no dia seguinte, imaginei-me capturado por bárbaros; um deles pressionava-me o dedo na garganta, e percebi que tinha dor nesse local e, embora com sede, não podia beber. Ele mostrou-me que devia tomar um vómito e adiar o banho; e segui essas instruções com os melhores resultados."

Noutra ocasião sonhou que, no templo de Esculápio, um touro o feria com chifre no joelho direito, do que resultou um inchaço, pelo qual as partes superiores ficaram aliviadas. Outros sonhos mostraram-lhe claramente como devia organizar o seu modo de vida e os remédios que deveria usar: uma vez, quando ia a Pérgamo, foi advertido de mau tempo e tempestades; permaneceu, e levantou-se a mais terrível tempestade. Noutra ocasião sonhou que o deus lhe enviava o médico Teódoto, que lhe recomendava sangria. À hora marcada, o médico chegou, disse-lhe para seguir as instruções de Esculápio, sangrou-o e obteve-se o melhor resultado.

No mesmo tratado, Aristides diz que alguns anos antes sofrera de grande inchaço, que curou por inspiração dos sonhos. "Pois o deus mostrou-me que devia preservar-me contra a hidropisia. Para isso devia usar os sapatos dos sacerdotes egípcios, e não seguir as várias prescrições dos médicos; tudo correria bem. E quando comecei a

inchar, e todos me vinham com remédios, obedeci a Esculápio, e as minhas pernas e o meu abdómen incharam. Permaneci talvez quatro meses nesse estado, e o deus revelou-me remédios, cada um mais admirável do que o outro: entre outros, que devia correr certa distância descalço no auge do inverno e montar a cavalo — façanha de dificuldade incomum para mim; também usar um vómito de mel e bolotas.

Zózimo, meu pai de criação, teve certa noite a mesma visão que eu, na qual me ordenava tomar uma medicina composta, cujas partes já não recordo, exceto que incluía sal; mas resultou tão bem comigo que médicos e amigos vieram felicitar-me. Seguiu-se uma supuração excessiva, de modo que parecia consumir-se toda a carne, e para isso o deus prescreveu-me um unguento de ovos, e em poucos dias a ferida cicatrizou, e até a cicatriz desapareceu, ficando o local quase invisível. O deus sabia o caminho por onde devia ser expelida a matéria nociva" (per quos meatus deducenda sit fluxio).

No segundo tratado, Aristides relata outras curas, das quais se pode extrair o seguinte: —

"O deus reteve-nos de ir a Fócida, e revelou-nos coisas espantosas, de tal natureza, que Rufo, nosso anfitrião, que entendia os nossos sonhos, ficou muito admirado de ouvir da nossa boca, em sua casa, aquilo que se passara fora dela e que ele próprio testemunhara; chegámos mesmo a prever-lhe o tempo. O deus ordenou-me que tomasse leite, mas não havia. O deus, porém, insistiu, garantindo-me que Rufo conseguiria arranjar. Sendo de novo instado, foi a uma quinta, e descobriu que, nessa noite, uma ovelha tinha parido; voltou trazendo o leite."

Depois de tomar banho num rio gelado, como lhe fora mandado, Aristides experimentou a sensação feliz que os sonâmbulos muitas vezes sentem durante as suas crises, e lançou-se sem hesitar na água fria, como se fosse um agradável banho quente. O seu corpo resplandecia ao emergir, e estava ágil e vigoroso. Todos os presentes exclamaram: "Honra ao grande Esculápio!" Um calor muito agradável e um indizível bem-estar difundiram-se por todo o seu corpo. Noutra passagem, ele diz: "Até certo ponto senti a chegada e a presença do deus; estava entre o dormir e o acordar, e fazia todo o esforço por

não esquecer nada. Os meus ouvidos estavam abertos, e era como se estivesse meio a sonhar e meio desperto."

Lágrimas de alegria correram, e o meu espírito experimentou um deleite inexprimível que ninguém pode conceber. Mandei chamar o médico Teódoto, que se surpreendeu com os meus sonhos, mas não sabia qual seria o melhor procedimento. Enviei então chamar o servo sacerdotal de Esculápio, a quem costumava comunicar o meu sonho; e mal começara a relatá-lo, disse ele que acabava de deixar um companheiro chamado Filadelfo, que na noite anterior tivera sonho semelhante ao meu. Estes dois sonhos concordavam perfeitamente, de modo que já não hesitei em tomar a medicina prescrita, ainda que a quantidade fosse maior do que a que alguém tomara até então. Contudo, engoli-a facilmente e senti grande alívio."

No meio do verão surgiu uma epidemia que levou muitas pessoas; os companheiros de Aristides foram atacados; ele também foi atingido, e experimentou um grande calor no fígado. Estava tão doente que os médicos o abandonaram, embora o seu ânimo não o fizesse. Viu em sonho Esculápio e Minerva com o seu escudo: ela era tão bela como a estátua de Fídias em Atenas.

"Conversei com a deusa, e quando chamei os que estavam comigo para escutarem a deusa e olharem para o escudo, que lhes apontei, não sabiam para onde se virar e julgaram-me delirante, até que pouco a pouco perceberam a doença diminuir e compreenderam as palavras que lhes disse ter recebido da deusa. A deusa confortou-me e salvou-me; pois percebi que devia tomar um remédio composto de mel do Monte Hímeto, para expelir a bílis, ao qual juntei outros remédios e uma dieta determinada, e recuperei gradualmente as forças e a saúde."

Noutra ocasião, estando em Pérgamo, hospedado com o servo do templo, "estava eu muito aquecido; a boca e o palato ardiam. O deus ordenou-me que fosse sangrado na testa. Ao meu lado estava um senador romano, que também esperava a prescrição divina; chamava-se Sedálio, e a ele foi dada a mesma ordem. O deus mandou-me embarcar, acrescentando que, ao chegar, veria um cavalo a banhar-se, e que o servo do templo estaria na margem. Como fiquei surpreso ao encontrar tudo isto realizado! Enquanto estava em Pérgamo, o deus ordenou-me de novo que me banhasse

no meio do rio que atravessava a cidade; estava tão fraco que demorei muito até poder sair. O rio estava muito cheio pela chuva. Eu devia tomar três banhos. Subi o rio, um pouco acima da cidade, para encontrar água limpa. No caminho caiu uma forte chuva, e este foi o primeiro banho. Quando chegámos à margem, as águas estavam tão cheias que todos me aconselharam a não arriscar a vida. Mas eu, confiando plenamente na providência divina, despi-me e, invocando-o, lancei-me ao rio. Troncos e pedras passavam por mim, e as ondas faziam terrível estrondo. A água pareceu-me mais suave do que a água comum do rio. Ao sair, um calor benéfico espalhou-se pelos meus membros, suei, e o meu corpo inteiro ficou vermelho; entoámos um hino a Esculápio. Durante o regresso, voltou a chover, e este foi o terceiro banho."

"Em Élea, o deus ordenou-me que tomasse um banho de mar, assegurando-me que, à entrada do porto, veria um navio com o nome de Esculápio; devia embarcar nele e ouviria dos marinheiros palavras que corresponderiam aos acontecimentos do dia. E assim sucedeu exatamente, e os marinheiros cantaram um hino de louvor a Esculápio."

Aristides relata então minuciosamente o curso da sua doença; como buscara em vão auxílio dos médicos de Roma e de Pérgamo, apenas agravando os sofrimentos, até se refugiar junto do deus, que o curou perfeitamente através de sonhos, banhos e remédios. Para receber esses sonhos, Aristides deitava-se entre a porta e os degraus do templo.

No Elogio da fonte de Esculápio, Aristides diz que esta brota ao pé de um planalto e é recolhida no centro do templo numa bacia; a fonte era usada para beber e para banhos, e ele celebra as suas propriedades benéficas, sobretudo o sabor. A água é doce e muito leve, e quem a bebe já não pensa em vinho; torna-o também capaz de adivinhação e até faz falar os mudos: "Ex muto quidam eloquens foetus est, quemadmodum, qui de sacris fontibus biberunt, vaticinari solent."

No terceiro tratado, Aristides relata outras visões oníricas, os remédios nelas mostrados e os bons resultados obtidos. No quarto, diz que, como lhe foi aconselhado, buscou refúgio junto do deus. "Estava doente havia dez anos", diz ele, "quando um espírito se

aproximou e me falou: 'Tive o mesmo desejo que tu tens; depois de sofrer dez anos, voltei, por conselho de Esculápio, ao lugar onde a minha doença começou, e aí fui curado.'" Aristides decidiu ir a Esapo, onde a sua doença tivera início. "Cheio de confiança no deus Esculápio, ocupei-me durante a viagem em compor um hino em sua honra." Quando estava em Femane, tomou um emético por ordem de Esculápio. Um camponês, que apenas conhecia Aristides de fama, declarou em sonho que esmagara a cabeça de uma víbora. Em Esapo tomou de novo banhos e um emético. Após três ou quatro dias ouviu, durante o sono, uma voz que dizia estar tudo terminado, e que já podia regressar a casa; e, de facto, estava então tão forte de espírito e corpo, que, durante a viagem, não era inferior a ninguém.

Durante a doença, Aristides elaborou vários tratados, a cujo trabalho era dirigido pelo deus nos sonhos; o que confirma ainda mais o facto de outros terem tido os mesmos sonhos. Ele sustenta que nunca trabalhou com tanta facilidade como nessa doença, pois a sua mente, diz ele, era elevada pelo deus. O próprio Apolo apareceu e exigiu um panegírico. Aristides não era normalmente capaz de tal coisa, e nunca a tentara; mas o próprio deus ditou-lhe o começo com as seguintes palavras: — "Deus dos que tangem a lira, Apolo, de ti canto." Isto deu-lhe o mote. "Esculápio também me ordenou em sonho que fizesse versos, e que inspirasse os jovens músicos, que depois, para meu grande alívio, executaram esses cânticos."

Nos quinto e sexto tratados relata as suas visões do mesmo modo. Todas estas narrativas mostram-nos, ao que parece, as visões sonambúlicas de uma pessoa sofrendo de afecção abdominal, que com simplicidade seguia as indicações do seu próprio espírito como se fossem inspirações divinas. Mas poder-se-ia objetar que não se fala em tratamento magnético, e que Aristides, contrariamente ao hábito dos sonâmbulos magnéticos, conservava perfeita lembrança das suas visões.

Quanto à primeira objeção, Aristides não menciona a origem dos seus sonhos proféticos porque provavelmente não a conhecia ele mesmo, já que os sacerdotes sempre agiam em segredo, segundo as suas leis. Mas sabemos que preparavam sempre certas condições para o sono do templo, e que o próprio Aristides dormia no templo, sendo o servo sacerdotal um dos seus amigos íntimos. Além disso, tudo indica que se tratava de um sono magnético, porque era periódico, e porque

outros adivinhos adormecidos estavam presentes, que tinham as mesmas visões. Os costumes que os sacerdotes praticavam nos templos já os conhecemos, e, como neste caso, as visões referiam-se habitualmente a remédios para os doentes que ali recorriam.

Disto podemos tirar as seguintes conclusões: —

Que os que pediam conselho dormiam durante a noite no templo de Esculápio, onde, na misteriosa obscuridade, eram magnetizados pelos sacerdotes antes ou durante o sono.

Que as fricções eram, porém, aplicadas abertamente e de modo direto, e que estas, mesmo sem os vários instrumentos ou modificações usados, bastavam para produzir o sono magnético.

Todo o sistema do universo repousa sobre certas causas primárias, das quais o ser, a forma e a ação de todas as coisas, tanto individualmente como na sua conexão recíproca, são as consequências naturais. Essas causas primárias são chamadas os numerais naturais. Aquele que os conhece, conhece ao mesmo tempo as leis pelas quais a natureza existe, as circunstâncias da sua ligação, o modo e a medida da sua atividade, a comunicação de causas e efeitos, a física e a mecânica do universo.

Os numerais são os revestimentos invisíveis dos seres, como o corpo é o revestimento visível; isto é, há um duplo carácter das coisas, um visível e outro invisível; do primeiro, a forma visível é a matéria; do segundo, o número; e tudo o que se manifesta é resultado de uma energia interior; e esta energia é a emanação de um poder. A maior ou menor quantidade dos poderes exprime o número material, e a maior ou menor quantidade da energia exprime o número virtual.

Existem, sem dúvida, revestimentos invisíveis, pois cada ser tem um princípio e uma forma; mas princípio e forma são extremos opostos, que não podem encontrar-se sem um certo vínculo de união: esse vínculo é formado pelos numerais. Cada princípio é uma unidade; esta torna-se um ser real pela energia, a qual, contudo, é fixada pelos numerais. Assim como as leis e propriedades das coisas se gravam nos seus exteriores, assim também as leis e propriedades invisíveis se gravam nos numerais invisíveis; ou, tal como pela ação das faculdades sensíveis através dos sentidos recebemos certas

impressões, assim também o nosso espírito recebe ideias distintas das posições e destinações invisíveis das coisas logo que as pode compreender. Pois o espiritual tem peso e medida tanto quanto o físico; as suas posições, porém, só são compreensíveis pela razão. Os numerais reais do universo são certamente infinitos, mas a sua progressão é simples e direta, porque tudo se refere aos números primários de 1 a 10. A sua infinitude repousa sobre o número infinito ou incalculável dos seres, e tanto mais quanto esses seres possuem muitas e variadas propriedades.

Existem, portanto, numerais para o fundamento ou princípio do ser, a sua atividade, duração e etapas de progressão. Existem tantos limites onde os raios da luz divina se detêm e se refletem, em parte para reproduzir a sua própria forma, em parte para criar momentaneamente nova vida, medida e peso a partir dela. Existem também números compostos, para exprimir as várias relações e composições do ser, as suas ações e influências; também números centrais, medianos e de circunferência; também números falsos e impuros.

Apesar da sua combinação infinita, a ideia permanece simples, pois tudo deriva dos dez primeiros numerais; e estes, por sua vez, são compreendidos pelos quatro primeiros, cuja soma unida é dez, o que manifesta o valor incalculável do Quaterni, embora isso pareça loucura para aqueles que não o compreendem.

Disto percebemos, em certa medida, porque é que o número 4 era tão sagrado para os pitagóricos; o 4 era para eles o número mais santo, um verdadeiro ἀφάρων (afárion, "consagração"); por isso, juravam pelo número 4, e um juramento sobre a sagrada Τετρακτύς (Tetraktýs, "a Quádrupla") era o mais vinculativo que se podia imaginar. Nela residem todos os poderes e sinfonias da natureza; o 10 é o universo, ou o caminho.

Segundo Pitágoras, o numeral de uma substância é aquele que é o seu fundamento na intenção divina, e segundo o qual só pode ser assim e de nenhuma outra forma. O acordo de todos os numerais universais, dos seres e das suas ações, forma a harmonia do todo. Pitágoras, por isso, considerava a astronomia e a harmonia como ramos intimamente ligados da mesma ciência (Theonis Smyrnoi eorum, quæ in mathemat. ad Platonis lectionem utilia sunt, expositio,

Paris, 1646, lib. I, cap. I, p. 7 — "Teão de Esmirna, Exposição daquilo que, nas matemáticas, é útil para a leitura de Platão").

Segundo Pitágoras, todos os numerais espirituais são reflexos, irradiações da unidade; assim como o número 1 é o princípio de todas as coisas numéricas. O Um é, portanto, o nome e o carácter do Mais Alto, do Mais Antigo, do Infinito. O Um é o centro de tudo, o fundamento de todo o ser, e todas as propriedades particulares que não são absolutas e necessárias, mas radiações diretas ou indiretas da unidade absoluta. Dez uns formam novamente uma unidade de dezenas até cem; dez dezenas uma unidade de centenas, etc. Todos os superiores compreendem as unidades inferiores, e na medida em que o inferior está contido no superior, assim se mostra a comunidade recíproca.

Assim também é com o universo. Cada mundo superior abrange todas as unidades ou mundos inferiores sujeitos a ele, e os inferiores participam dos mundos superiores, esferas e criações, na medida em que, como inferiores, podem ser abrangidos por eles. No número cem estão contidos todos os numerais de 1 a 100; sob a classe "animal" estão todas as criações da natureza animada; e assim como os numerais de 1 a 100 se tornam mais semelhantes à medida que progridem, do mesmo modo os mais baixos na escala dos animais se elevam e tornam-se mais desenvolvidos, até que finalmente os membros mais elevados se unem ao homem, sem nunca poderem atingi-lo.

As variações infinitas dos animais, tanto entre si como entre diferentes espécies, concordam também com as condições normais, onde um elo pode dividir-se em porções infinitas. A teoria oriental da irradiação é a mesma, segundo a qual as ordens inferiores provêm das superiores, abrangendo-as e penetrando-as.

A aplicação dos numerais primários ao mundo espiritual e material encontra-se no Magicon do seguinte modo:

"A verdadeira matemática é algo a que todas as ciências superiores estão ligadas; a matemática comum não passa de uma fantasmagoria enganosa, cuja tão louvada infalibilidade só provém disto — que as condições e referências materiais são tomadas como fundamento. Enquanto permanecer confinada a isto, certamente não pode falhar;

mas, como é totalmente diferente no que respeita às coisas que não lhe dizem respeito, nunca pode atingir o objetivo de uma ciência verdadeira. Acima de tudo depende do conhecimento das linhas reta e curva. Se a primeira é explicada como continuação de muitas linhas retas infinitamente pequenas, isto é tão radicalmente falso e tão distante das verdadeiras leis da Natureza, quanto é prova de quão inclinados estão os homens a confundir todas as coisas. Como em a Natureza tudo tem o seu numeral distintivo, assim também existem duas linhas. As emanações para o infinito são o tema da reta, e a restrição ou desvio dessa progressão infinita é o tema da linha curva."

"Estes dois numerais, com os quais o conhecimento de tudo o que é intelectual e material está ligado, permanecem os mesmos em todas as gradações de quantidade; pois maiores ou menores expansões da linha reta e da linha curva não são senão gradações e variedades de ação e duração, como todos os resultados das suas várias gradações devem sempre ser entre si como 4 para 9. Aqui encontramos explicadas todas as diferenças individuais e genéricas da natureza intelectual e material.

Daqui decorre que indivíduos da mesma classe diferem, e contudo têm uma lei, origem e numeral comuns. Isto também explica a nulidade de todos os numerais convencionais arbitrariamente aceites na geometria. O significado da linha reta e da curva pode ser a chave para muitos segredos da fisiologia e da fisionomia. Pois aqui a linha reta mostra sempre força, energia central, razão; enquanto, pelo contrário, a formação circular está associada a menor firmeza e maior insolidêz material.

Além disso, o significado dos numerais 4 e 9, a reta e a curva, não se estende apenas à forma e ação da alma humana, mas também a toda a sensibilidade e energia dos seus princípios. Os homens da ordem mais elevada mostram-se no pensamento como raios brilhantes de luz, pois o seu estilo é direto; outros, de grau inferior, pelo contrário, falam e escrevem em círculos e períodos, e por isso são tão agradáveis aos ouvidos materiais."

Destas passagens podemos perceber que o caráter dos numerais do presente liga-se a algo de data muito mais antiga, sobre o qual muito mais poderia aqui ser dito, se a teoria primitiva e perfeita de

Pitágoras tivesse sido preservada. Ele não foi certamente o descobridor da sua teoria cosmológica dos numerais, mas, como Tales, fora conduzido a ela pelos Egípcios, cujos números sagrados do Universo eram conhecidos como os numerais Herméticos; mas a verdadeira teoria pitagórica está muito mais próxima da fonte deste género de simbolismo do que aquilo que os meio-pitagóricos e neoplatónicos posteriores disseram sobre ela, cujas especulações e explicações raramente nos é lícito tomar como seguras.

Pitagoras era pessoalmente um homem de bela aparência, e de tal majestade no porte que os seus discípulos acreditavam ser ele o próprio Apolo. Vestia-se de branco, e usava sempre linho imaculadamente limpo, sustentando que a luz e tudo o que é bom eram brancos, enquanto a noite e o mal eram negros. O número dos seus ouvintes dizia-se, por vezes, atingir os dois mil. Mas só poucos eram admitidos às suas instruções noturnas.

Dividia o ensino em diurno e noturno. Ao primeiro todos podiam assistir, pois as suas lições consistiam em exortações à virtude e advertências contra o vício. Ao segundo, porém, apenas eram admitidos os discípulos, escolhidos após muitos exames e provas, vivendo em comunidade de bens. O discípulo pitagórico estava especialmente obrigado a vencer todos os desejos e viver estritamente segundo a regra prescrita. Quem não perseverava na prova era considerado como morto.

É bem conhecido o silêncio pitagórico que os discípulos mantinham e que, conforme as capacidades, costumava durar dois, três ou até cinco anos. Durante esse tempo eram apenas ouvintes, e nem sequer viam o mestre Pitágoras nas horas de ensino, mas sentavam-se por detrás de um véu. Ele, de início, instruía por alegorias e símbolos, geralmente tirados de figuras geométricas e numéricas; quando estes eram compreendidos, passava a sentenças curtas e enigmáticas, que continham verdades naturais ou morais. Só depois de todas estas preparações vinha a instrução perfeita nas ciências mais profundas. (Diogenes Laertius, Da Vida e Doutrinas dos Filósofos Célebres, Bonn's Classical Library; Büsching, História da Filosofia, Parte I: Pitágoras).

Platão merece especial menção, não apenas porque purificou e elevou a teorias filosóficas as várias superstições populares sobre magia,

demónios e espíritos, que se dizia manifestarem-se no ar, na água, etc., e em várias formas aos homens, mas também porque a sua teoria espiritual é, em essência, de carácter mágico, e deu origem à instituição de uma escola, chamada pelo seu nome, cujos membros podem ser contados entre os mais vigorosos defensores da magia; quero dizer os neoplatónicos de Alexandria. Farei aqui alguns excertos das suas principais opiniões, começando pelo que diz sobre os numerais.

Platão chama feliz aquele que compreende os numerais espirituais e percebe o seu poderoso influxo. O conhecimento dos numerais naturais serve, segundo Platão, para a investigação do bem e do belo; sem este dom divino não se pode conhecer nem a natureza humana nas suas partes divina e mortal, nem o fundamento da verdadeira religião. Os numerais são a causa da harmonia universal e da produção de todas as coisas. Quem, portanto, abandona o seu numeral, perde toda a comunhão com o bem e torna-se presa do mal.

Até o culto de Deus, do qual todas as outras virtudes procedem, assenta num verdadeiro conhecimento dos números; o homem sábio deve, portanto, estudá-los acima de tudo. A alma é imortal e tem um princípio aritmético, assim como o corpo tem um princípio geométrico; ela, como imagem de uma alma universalmente difundida, é automotora e, do centro, difunde-se por todo o corpo.

É, contudo, dividida segundo espaços fixos, formando como que dois círculos ligados. Um chama-o o movimento da alma, o outro o movimento do Todo e dos astros errantes. Desta maneira a alma divide-se em duas partes; e, posta em relação com o exterior, percebe o que existe, e subsiste em harmonia porque contém em si os elementos de uma certa harmonia.

Se menciono aqui esta teoria mística dos numerais, não é sem intenção especial. Por um lado, ouvimos os heróis da Antiguidade científica, que viveram não muito distantes de uma época em que o misticismo não tratava apenas de assuntos religiosos e poéticos, mas também de certas verdades desconhecidas da natureza; por outro lado, não podemos deixar de ver que, numa tal teoria dos numerais, pode estar contido um verdadeiro e profundo significado, e não apenas uma especulação vã ou subtileza fantástica. Pois, pelo

maravilhoso progresso da química moderna, o antigo axioma de que as condições numéricas determinadas regem o mundo material adquiriu um significado inesperado. A estequiometria mostra, de forma incontestável, na combinação dos átomos moleculares, uma regularidade numérica tão estritamente observada por Deus nas formas mais ínfimas como na majestade da natureza dos céus.

Se o filósofo moderno sente a sua pequenez com profunda humildade perante os admiráveis poderes da natureza, e, por assim dizer, inevitavelmente cai num sentimento religioso; se emudece perante o Todo-Poderoso e sente-se interior e profundamente impelido a adorá-l'O, não se encontra então numa certa relação com Pitágoras e Platão?

Os outros ensinamentos de Platão acerca da alma, que os alexandrinos tão avidamente acolheram, são os seguintes: "A nossa alma é uma partícula do sopro divino, e por isso estamos aparentados com Deus: as ideias divinas da nossa alma são naturais, e são criadas pela contemplação das coisas divinas. Antes de se associar ao corpo, existia em Deus; mesmo agora, embora envolta pelo corpo, pode participar dessa contemplação divina pela sujeição das paixões e pela vida contemplativa" (Platão, no Fedro).

Quem se elevou à verdade — ἱκανῶς εἰς (ikanôs eis, "de modo suficiente até") — isto é, acima daquilo que é sem mudança, sem criação e sem decadência, esse vive verdadeiramente e segundo a natureza divina (Platão, República VI). "Podemos, portanto, ler Deus através da nossa alma, aproximar-nos e contemplá-l'O; e esta contemplação enche-nos do mais alto e verdadeiro prazer, e torna-nos felizes."

Deus implantou tanto na alma humana como na alma universal, de que esta é partícula, as conceções ou imagens de todas as coisas, que, contudo, nela se obscurecem logo que entra na caverna sombria do corpo. O que Platão diz de Deus e da matéria, que são as causas eternas de todas as coisas; do mundo e da sua conexão; da alma universal, pode ser visto em muitos dos seus diálogos — por exemplo, no Timeu, etc. — e estas são verdadeiras doutrinas magnéticas; muitas passagens já tinham sido extraídas deles anteriormente.

Não devemos passar inteiramente em silêncio o que Platão diz acerca de uma história celeste primitiva do homem, considerando-a uma das principais razões para a crença numa existência futura. Pois esta vida presente é, para ele, apenas a perda das asas do homem, e todo o esforço deste deve ser agora o de as recuperar.

Para tal, a purificação da verdadeira filosofia é, acima de tudo, necessária, e a isto deve juntar-se a iniciação nos mistérios e a perfeição neles. Pois, pela verdadeira filosofia, a alma eleva-se das coisas materiais e sensuais às imagens que nela estão impressas, e destas aos seres autoexistentes; e, por seu auxílio, sem meios materiais, à própria verdade — à fonte simples e pura. O que Platão diz sobre isto está muito claramente nos diálogos Político, Protágoras, Górgias, Fedro, Fédon e Timeu.

Ele diz: "Todas as condições presentes procedem de uma revolução no homem e na natureza inteira. Houve um tempo em que o género humano não se perpetuava (vide Jacob Böhme); seguiu-se-lhe a raça humana terrena, na qual a história primitiva foi gradualmente esquecida, e o homem foi caindo cada vez mais fundo. Originalmente o homem não necessitava de artes nem de leis, porque possuía tudo, trazia dentro de si uma lei viva, e era ele mesmo uma imagem viva da verdade." (Timeu).

No Górgias afirma: "O nosso estado presente assemelha-se mais à morte do que à vida, e sem purificação o homem não pode libertar-se dos males desta vida." Descreve ainda o homem original como reunindo em si a natureza masculina e a feminina numa só pessoa (ἀνθρώπινον, anthrópinon; hermafrodita; Kamiost dos persas; Adão dos cabalistas, etc.).

O Fedro contém um pressentimento incomparável daquilo que o homem já foi e do que pode voltar a ser. "Antes de a sua alma ter descido à sensualidade e se ter unido ao corpo pela perda das asas, vivia entre os deuses no mundo etéreo, onde tudo era verdadeiro e claro. Aí via as coisas apenas como puro espírito. Agora, porém, é feliz se puder usar as formas da imaginação como cópias, e recolher delas gradualmente aquilo que lhe suaviza o caminho e lhe aponta a via para o conhecimento perdido da grande luz universal. Para este fim são especialmente úteis os mistérios, em parte para o recordar do que é mais sagrado, em parte para abrir os sentidos da sua alma,

usando para isso as imagens do visível, mas que poucos compreendem porque já não entendem a sua conexão original e presente."

"Um homem excelente em êxtase divino, que é melhor do que um em consciência sã, declara as coisas divinas, nas quais a alma reconhece, como num reflexo radiante, aquilo que contemplou na hora do êxtase; seguindo Deus e sendo cheia de alegria e amor." "A loucura", diz Sócrates no Fedro, "não é exatamente um mal, pois por ela vieram as maiores bênçãos a Hélade.

A 'loucura divina' tinha quatro formas principais — a manía, 'loucura profética', a 'loucura iniciática', e a manía, 'loucura erótica'. Nela encontram-se tanto os elementos negativos como os positivos da humanidade. Dos filósofos encontramos, "a filosofia é coisa sagrada e profunda"); e dos poetas, encontramos no Íon — "um ser leve, alado, sagrado, capaz de ser movido por um nada". A infeção do êxtase é aí transmitida pelo íman e pelos anéis. "A arte mántica", diz Sócrates, "é antes mantiké, 'arte da adivinhação', pois realiza muitas e gloriosas coisas."

No Fédon vemos que os mistérios ensinavam muito acerca do estado futuro do homem. No Timeu encontramos declarado com clareza que tudo o que é visível foi criado segundo o modelo do invisível e eterno, assim como a nossa presente natureza é composta do eterno e imutável no mundo da luz e da divisibilidade da matéria. No Timeu lemos o seguinte: — "O homem não participa da profecia divinamente inspirada e verdadeira como ser racional, mas apenas quando está privado, durante o sono ou pela doença, do exercício da razão, ou quando, por alguma inspiração, não se pode dominar."

Aqui pertencem também os restantes pitagóricos e platónicos, nos quais, além do ensino dos seus mestres, muitas vezes encontramos muito de instrutivo, mas que, na maior parte, já foi mencionado. Cito, por isso, apenas algumas passagens principais.

Um dos mais célebres pitagóricos foi Empédocles, de Agrigento. Pela sua aparência agradável e pelas curas milagrosas, foi tido como confidente dos deuses e grande profeta, capaz até de deter o curso da natureza e de comandar a morte. Durante uma peste que surgiu de um eclipse do sol, diz-se que salvou muitas vidas com fumigações

e fogos mágicos. Segundo Filóstrato, deteve um trombo de água que se tinha lançado sobre a cidade. Recordou à vida uma mulher que havia muito parecia morta, e conta-se que realizou muitas outras curas espantosas. É evidente, por um dos seus numerosos poemas, que era profundamente versado em magia; trata da filosofia natural, adornada de muitas imagens poéticas e de colorido notável. Nele remonta a origem de tudo à Μονάς (Monás, "Unidade") — Deus e matéria, cujos princípios principais chama amizade e inimizade:

"Os bons espíritos amam bem a arruda e o loureiro,
Mas os vis são por ela vencidos e expulsos."

Os versos que tratam dos seus poderes mágicos, como se encontram em Diógenes Laércio, são os seguintes:

"Aprenderás remédios que afastam toda a espécie de males,
E aliviam a velhice, e estes apenas a ti revelo.
As tempestades que devastam as searas maduras acalmarás,
Que correm em fúria selvagem e gastam-se num furor incansável.
De novo te dou poder de dar movimento aos ventos moribundos,
E restaurar de novo o azul sereno do firmamento;
Alegres os homens; regando a terra ressequida no estio;
Carregando as árvores de fruto pelos ventos suaves de Erato;
Do Hades inferior também trarás o vigor da virilidade."

Empédocles acreditava que um espírito era o princípio universal que influenciava todas as coisas, e que as partes materiais estavam ligadas por amor e ódio. Importa notar o espírito significativo, poético e filosófico que anima alguns dos mais antigos sábios gregos — como, por exemplo, o poeta Orfeu, que também escreveu versos sobre assuntos médicos e filosóficos; o mesmo se dá com Parménides e Empédocles. Isto mostra que na mais alta Antiguidade (na idade pré-histórica) filosofia natural, poesia e teologia estavam intimamente ligadas no seu ser: sobre isto falaremos mais adiante.

Sócrates deve ser aqui mencionado. É universalmente admitido que Sócrates, o grande mestre da virtude e da verdade, o apóstolo da moralidade, tinha um espírito que era seu guia e instrutor ("esse divinum quiddam daemonion appellat, cui semper ipse paruerit numquam impellenti, saepe revocanti", Cícero, De divinatione, I, §54 — "chamava-lhe algo divino, um certo daimon, ao qual sempre

obedecera, nunca quando impelia, mas muitas vezes quando refreava"). Apuleio diz: "O sábio pode não ter precisado de incitamento para o bem, mas pode muito bem ter sido advertido contra o mal." Esse génio, ou demónio, como o costumava chamar, não o advertia apenas a ele de perigos iminentes, mas também a outros, por seu intermédio, já que lhe predizia o futuro e sempre lhe mostrava de antemão a propriedade ou impropriedade das suas ações.

O seu prudente discípulo Xenofonte fala, na Apologia, da veracidade dos avisos socráticos: "Chamo a isto o daimoníaco ou influência divina, e creio que está mais próximo da verdade do que aqueles poderes divinos atribuídos às aves. E de que não minto acerca dos deuses, estou seguro pelas provas: transmiti a muitos dos meus amigos esses avisos divinos, e nunca fui desmentido." Sobre este daimon socrático contam-se muitas histórias notáveis em grande extensão nas Annales du Magnétisme animal, nº 24, a que remeto o leitor para mais pormenores.

"Se em Sócrates o instinto magnético se desenvolveu mais na sua forma própria, dando testemunho de quase aparições sonâmbulas, a alma de Platão, pelo contrário, habitava apenas na esfera magnética, na medida em que se sentia elevada à contemplação do divino e a uma inspiração mais alta; mas este estado era duradouro, como uma corrente contínua, não sujeito a relâmpagos isolados de luz divina." (Pensamentos sobre o Magnetismo Animal, p. 76).

Aristóteles, o maior investigador da natureza na Antiguidade, fornece-nos muito nos seus escritos sobre o tema dos sonhos. Fala dos oráculos em De Historiis Animalium, c. 20; em Rhetorica; em De Veneficis, VI, c. 22; De Carminibus et Incantationibus, XIV, c. 8; De Auguriis, I, IX, c. 17; De Vatibus in problemate, sec. 21. "Muitos", diz esta última passagem, "dos que profetizam sofrem de doenças de loucura" ("morbis afficiuntur maniacis et lymphaticis, unde Sibyllae et Bacchides, et numine afflati dicuntur, cum morbo tales non fiant, sed naturali temperie" — "são acometidos por doenças maníacas e límpicas, razão pela qual se diz que as Sibilas e as Bacidas são inspiradas pelo nume; não é a doença que as torna assim, mas a sua constituição natural").

Mesmo na sua teoria dos sonhos, sustenta que a predição não é obra dos deuses, mas uma propriedade puramente natural da imaginação. A adivinhação não é, portanto, uma obra divina ou demoníaca, mas totalmente consequência do temperamento; e, para tal, o temperamento melancólico — diz Buccafieni, um dos comentadores de Aristóteles — é o mais adequado; o temperamento é, contudo, um dom da natureza, e a adivinhação é, portanto, natural:

"Qui habet habitum melancholicum, habet per se causam praedicendi de futuris, et ideo per istum habitum prophetia erit secundum naturam, et melancholicus habitus erit pro propheta naturaliter, quia ille habitus est naturalis" (Lud. Buccafieni, Lectiones in Aristotelis libros, Veneza, 1570, p. 102 — "Quem possui o hábito melancólico, possui em si mesmo a causa de predizer sobre o futuro, e portanto por esse hábito a profecia será segundo a natureza, e o hábito melancólico será naturalmente para o profeta, porque esse hábito é natural").

Um dos mais rigorosos e célebres seguidores de Pitágoras, que se tornou tão famoso pelas suas curas milagrosas e artes mágicas, que o seu nome ainda hoje causa terror, foi Apolónio de Tiana. É o primeiro de quem se pode dizer que as suas curas e ensinamentos foram puramente magnéticos. Aos dezasseis anos iniciou as suas viagens com o intuito de visitar os templos de vários países e ser iniciado nos seus segredos.

Filóstrato, que descreveu a sua vida minuciosamente, diz que Apolónio visitou o templo de Esculápio em Egeia; os oráculos de Anfiarau, Delfos e Dodona; os magos de Nínive e Babilónia; os brâmanes da Índia, Egito, Etiópia, Creta, Sicília e Roma; e, por fim, permaneceu algum tempo em Esmirna, Éfeso e Tiana; e que morreu no ano 96 depois de Cristo, com cerca de cem anos de idade.

Por onde quer que passasse incitava à piedade, à oração e à moralidade; curava as doenças mais perigosas com poder miraculoso, e predisse o futuro; por esta razão foi até colocado pelos pagãos em contraste com Cristo; e, porque nada de certo se sabia sobre a sua morte, os habitantes de Tiana declararam-no imortal; dedicaram-lhe um templo na cidade, e a sua imagem foi pendurada em muitos templos. O imperador Antonino Caracala venerou-o como divino; Alexandre Severo e outros imperadores mostraram-lhe grande honra

e estima; e o primeiro chegou mesmo a colocá-lo entre os seus deuses domésticos, que incluíam muitas figuras sagradas — Cristo, Abraão e Orfeu (Lampadius in Alex. Sever., c. 29).

Durante o furor de uma peste em Éfeso, foi chamado para deter o mal; apressou-se para o local e a peste cessou à sua chegada. Muitas vezes nem era necessário estar presente, e podia curar os doentes em vários lugares ao mesmo tempo (Philostratus, De vita Apollonii, IV, c. 10). Os seus talismãs também realizavam não pequenos prodígios, pois dizia-se que não apenas continham a doença, mas tinham ainda poder sobre os ventos e as tempestades do oceano. Seria demasiado longo enumerar todas as suas curas e predições, que frequentemente roçam o incrível; mas vale a pena conhecer mais intimamente a sua filosofia.

Como nessa época a magia era severamente proibida pelo imperador e pelo conselho (senatus-consultus) como desonrosa, Apolónio esforçou-se por sustentar a magia em toda a sua dignidade. Contudo, fez uma distinção correta entre magia e feitiçaria, e admitiu, como verdadeiro pitagórico, que possuía as doutrinas e leis de Pitágoras, assim como a capacidade de realizar as maravilhas de Pitágoras, não pela feitiçaria, como se supunha, mas com o auxílio e a assistência da ciência e da natureza.

Por magia, Apolónio entendia aquele poder que atua através de sacrifícios, cerimónias sagradas e palavras, e que, nesse sentido, pode ser chamado de magia. Mas Apolónio não fala de demónios e espíritos e das suas variedades, como os neoplatónicos costumam fazer. "Um feiticeiro", diz ele, "não sou; mas um homem melhor, sustentado por Deus em todas as minhas ações. De sacrifícios não necessito; pois Deus está sempre presente para mim e cumpre os meus desejos, de modo que deixo todos esses charlatães e malfeitores muito atrás de mim (circulatores istos atque nebulones longo post me intervallo relinquo).

Esta arte não pertence aos que apenas exercitam as forças do corpo e se esforçam loucamente pela vitória. Por isso os atos desses feiticeiros estão nas casas dos mercadores; vemos os seus lucros atribuídos ao feiticeiro, — as suas perdas à parcimónia. Por isso a feitiçaria atraiu e inflamou tantos admiradores, que, em doença, chegam até a confiar nela, consultando velhas que lhes oferecem

especiarias da Índia ou pedras das entranhas da terra, ou caídas da lua ou das estrelas. Mesmo pessoas que riam dessas coisas procuraram provar como podiam realizar-se. Eu, porém, creio, por firme convicção, que os jovens não devem sequer falar com tais pessoas, para não se habituarem a tais artes, nem por brincadeira nem por divertimento" (Philostratus, I). Com esta distinção severa, a verdadeira magia foi elevada da desonra ao mais alto apreço.

"Todas as artes", diz ele na sua defesa, "fora da verdadeira filosofia, tendem à acumulação de riquezas. Há, portanto, uma espécie de falsos sábios, que não deves confundir com os que profetizam com verdade. A predição, se é verdadeira, é de supremo valor; mas se deve ou não chamar-se arte, não o sei dizer. Chamo aos feiticeiros falsos sábios, pois estes apenas são atraídos pelas riquezas, que sempre desprezei, de modo que não posso ser censurado por elas. Não inventei a minha sabedoria, mas recebi-a como uma espécie de herança de Pitágoras, cujos preceitos e regulamentos sigo" (Philostratus, VIII, c. 3-4).

"Uso uma túnica de linho, que, além de favorecer a limpeza, também produz sonhos mais verdadeiros. Entre Deus e os homens existe um laço de parentesco; e por isso participa o homem, em certa medida, da natureza divina. Todos estão convencidos de que os poderes da mente e da alma procedem de Deus, e de que mais próximos de Deus estão os que mais abundantemente os possuem. A sabedoria indiana, à qual a egípcia está ligada, afirma que Deus criou tudo, e que a causa da criação foi a bondade de Deus. Se, portanto, Deus é bom, podemos considerar que um homem bom participa do espírito de Deus. Aonde isto conduz, saberá aquele que conhece a filosofia dos 'Ecléticos'" (c. 7).

A filosofia de Apolónio é puramente platónica e pitagórica. Tudo procede de Deus; a nossa alma é uma porção do ser de Deus, e só é deformada e separada de Deus pela matéria, mas pode novamente aproximar-se de Deus e das potências divinas; pode readquirir o poder divino de realizar maravilhas, assim que se purificar das impurezas da matéria e voltar a encher-se do esplendor original inato. As suas próprias palavras sobre este assunto são notáveis: "O meu modo de vida é muito diferente do das outras pessoas; tomo muito pouco alimento, e este, como um remédio secreto, conserva os meus sentidos frescos e intactos, pois mantém longe deles tudo o

que é obscuro, de modo que posso ver o presente e o futuro como num espelho claro. O sábio não precisa de esperar pelos vapores da terra e pela corrupção do ar para prever doenças pestilenciais; deve conhecê-las mais tarde que Deus, mas mais cedo que o povo. Os deuses veem o futuro, os homens o presente, os sábios aquilo que está a chegar. Este modo de vida produz tal acuidade dos sentidos, ou outros poderes, que as maiores e mais notáveis coisas podem ser realizadas" (c. VII, 2, 9). "Estou, por isso, perfeitamente convencido de que Deus revela as suas intenções a homens santos e sábios."

Agudos e perspicazes investigadores da Antiguidade reconheciam as condições do estado mágico como fenómenos naturais, de tal modo que consideravam a previsão de acontecimentos futuros e a influência à distância como raros desenvolvimentos da capacidade interior da alma humana, mas ao mesmo tempo como fenómenos naturais da mesma. Nos tratados Sobre o declínio dos oráculos, Sobre a inscrição Eῖ (Ei, "Tu és") no templo de Delfos, Sobre o facto de a Pítia já não proferir os seus oráculos em verso e Sobre Ísis e Osíris, Plutarco expõe em forma de diálogos as diversas causas de modo muito instrutivo. Cito um extrato mais longo dos escritos morais de Plutarco, traduzidos por Kaltwasser, para mostrar de que maneira esses estados sonâmbulos eram reconhecidos, e como, já então, os mais variados e opostos eram sustentados com razão filosófica.

"A advertência", diz Demétrio, no primeiro tratado, "que Lamprias nos deu é bem fundada; pois, como diz Eurípides, os deuses enganam-nos por muitas formas, não de ilusões, mas das próprias coisas, se nos julgarmos sábios o bastante para decidir sobre assuntos de tal importância. Já foi dito que os oráculos, quando são abandonados pelos daemons, ficam como instrumentos musicais não usados, inativos e sem voz. Isto conduz-nos a uma questão muito mais importante acerca das causas e do poder pelos quais os daemons tornam os profetas capazes de receber entusiasmo e lhes comunicam representações de coisas futuras."

"Imaginas tu", respondeu Amónio, "que os daemons sejam outra coisa que não almas, que, como diz Hesíodo, vagueiam pelo ar? Sempre acreditei que uma alma unida a um corpo adequado a este mundo só se distingue de outra alma como um homem de outro homem que desempenha papéis cômicos ou trágicos. Não é,

portanto, nem irrazoável nem estranho que as almas se aproximem de almas e lhes transmitam conceções de coisas futuras, ora por letras, ora por um simples toque, ou, por um olhar, lhes revelem acontecimentos passados ou lhes anunciem os futuros." Perante o pedido de Amónio e de outros para que expusesse a sua opinião sem reservas, Lamprias continuou assim:

"Se as almas desencarnadas são, segundo a opinião de Hesíodo, daemons, habitantes sagrados da terra e guardiões dos homens mortais, porque havemos de procurar privar estas almas que ainda estão no corpo daquele poder pelo qual as primeiras conhecem os futuros acontecimentos e os podem anunciar? Não é provável que a alma ganhe, após a separação do corpo, um novo poder de profecia que antes não possuía. Devemos antes concluir que sempre possuiu todos os seus poderes durante a união com o corpo, ainda que em menor perfeição.

Alguns desses poderes são impercetíveis e ocultos, ou fracos e embotados; outros aparecem como que em vapor ou movendo-se na água, indolentes e sem atividade, e requerem um cuidado atento e a restauração do seu estado próprio, bem como uma completa purificação de tudo o que lhes impede o exercício. Pois, assim como o sol não brilha apenas quando sai de entre as nuvens, mas sempre foi radiante e apenas parecia obscuro pelas brumas, assim também a alma não adquire o poder de contemplar o futuro apenas quando sai do corpo como de uma nuvem, mas possuiu-o sempre, ainda que obscurecido pela ligação com o terreno."

"Isto não será achado estranho nem incrível, se prestarmos suficiente atenção ao único poder que se opõe diretamente à adivinhação — a memória, que presta grande serviço, pois guarda o passado, ou melhor, torna-o presente. Pois aquilo que foi visto já não existe nem tem ser. Todas as coisas no mundo, ações, palavras e propriedades, surgem e desaparecem, à medida que o tempo, como um rio, leva tudo consigo. Mas este poder da alma apreende, não sei como, tudo isto, e confere-lhe, embora já não presente, a aparência e a semelhança de ser. Não é, portanto, surpreendente que a alma, que não tem poder sobre o que já não existe, abrace também muitas coisas que ainda não aconteceram. Estas, além disso, são muito mais adequadas a ela e mais conformes à sua inclinação, pois todos os esforços e aspirações da alma se dirigem unicamente ao futuro,

enquanto com o passado e o realizado já nada tem a ver, a não ser guardá-los na memória."

"Fracos, embotados ou impercetíveis, como esses poderes implantados na alma possam ser, acontece, contudo, que um ou outro, por assim dizer, brote e se exerça nos sonhos e nos mistérios, ora porque o corpo então se purifica e adquire a disposição necessária, ora porque possui o poder da reflexão e pode ocupar-se com a futuridade, apoiando-se na imaginação e não na razão, uma vez que está livre e desembaraçado do presente. Eurípides afirma certamente: 'aquele que pode fazer uma boa conjetura é o melhor adivinho'; mas engana-se, pois este é apenas o homem sagaz que segue a orientação da sua razão e as regras da probabilidade.

O poder de predição, pelo contrário, é em si mesmo como uma tábua não inscrita, sem raciocínio nem destino, mas capaz, no entanto, de certa imaginação e pressentimento, e alcança a futuridade sem as conclusões da razão; sobretudo quando a alma está inteiramente separada do presente. Isto provém de certa constituição e disposição do corpo, e daí nasce esse estado a que chamamos entusiasmo.

Tais disposições são muitas vezes provocadas pelo próprio corpo; mas também a terra abre ao homem fontes de variadas influências, das quais umas causam loucura, doença e morte, enquanto outras são muito admiráveis, agradáveis e salutares, como todos os que as experimentam sabem. Mas nenhuma é tão divina e sagrada como o vapor e a emanação inspiradores; pode vir sobre o homem do ar ou através de uma fonte; mas, logo que entrou no corpo, produz uma condição singular e insólita da alma, cujas peculiaridades é difícil descrever, mas sobre as quais a razão pode especular."

Amónio observa então que Lamprias deseja explicar o poder do vidente por causas materiais: — "A princípio", diz ele, "deixamo-nos levar na nossa conversação e negamos que o poder profético venha de Deus, e — não sei como — atribuímo-lo aos daemons; mas agora, ao que me parece, queremos novamente removê-lo do oráculo e do trípode; pois atribuímos a origem da predição, ou até o seu próprio poder e substância, aos ventos, vapores e exalações."

Lamprias responde que não era essa a sua intenção. "Justificar-me-ei, e Platão será ao mesmo tempo minha testemunha e advogado. Ele

censura Anaxágoras por recorrer excessivamente a causas físicas, e por ter passado inteiramente por alto os princípios e causas nobres, o porquê e a razão, na sua contínua busca e investigação daquilo que é necessariamente produzido pelas propriedades do corpo. Platão, pelo contrário, foi o primeiro filósofo que investigou ambos ao mesmo tempo, de modo que, embora atribua à Divindade todas as coisas que são feitas pela razão, não nega, todavia, que as condições para a sua produção vêm da natureza. Por conseguinte, cada princípio tem duas causas. Os mais antigos teólogos e poetas dirigiram a sua atenção apenas à mais proeminente, e usaram sempre esta sentença conhecida em todos os casos:

'Zeus o primeiro, Zeus o meio, Zeus ativo em todas as coisas';

mas não pensaram nas causas necessárias e físicas. Os filósofos posteriores, os chamados fisiologistas, caíram no extremo oposto, pois, ao afastarem-se daquele princípio excelente e divino, atribuíram todas as coisas às propriedades, mudanças e fusões da matéria; por isso, em cada sistema faltava a parte necessária. Pois estes últimos não sabiam ou não viam porquê ou por quem, e os primeiros de onde ou por meio de quem todas as coisas tinham origem."

(Uma visão muito semelhante do peculiar poder profético da alma humana, não atribuído a demónios, é expressa por Anaxágoras: Et cum suapte vi ac ratione, anima utpote immortalis, plerumque moveatur et agat in homine ita ut futura praedicat et rerum praesentium statum dirigat aut emendat, hujus sapientiae laudem daemones sibi lucrantur — "E porque, pela sua própria força e razão, a alma, enquanto imortal, se move frequentemente e age no homem de tal modo que prediz o futuro e dirige ou corrige o estado das coisas presentes, a glória desta sabedoria os daemons a apropriam para si.")

"O filósofo que primeiro explicou ambas as causas e uniu o ativo e o movente em necessária ligação com o sujeito passivo, justifica-nos contra toda censura e suspeita. Mesmo que déssemos à arte profética a alma do homem como matéria, e o vapor ou fumo inspirador como instrumento ou plectron (com que se tangem as cordas dos instrumentos musicais), de modo nenhum negaríamos a influência da divindade e da razão sobre ela. Mas como não podemos julgar serenamente estas condições, é justo que Deus nos dê conhecimento

delas por certos sinais (como sucede com as peles dos animais sacrificados). Creio também que esse vapor não tem sempre as mesmas virtudes, mas que por vezes atua com mais força. Para provar isto recorro a um facto que, além dos servidores do templo, tem por testemunhas muitos estrangeiros. A capela, onde é costume conduzir os consulentes, não se enche sempre, nem em tempos fixos, mas em intervalos incertos, de um odor agradável, que não cede ao das mais finas e caras essências, e que procede do sanctum como de uma nascente (este odor era artificialmente produzido pelos sacerdotes).

O vinho não produz sempre o mesmo efeito nos ébrios, nem os factos nos entusiastas; mas as mesmas pessoas estão às vezes mais, às vezes menos encantadas e inebriadas, conforme as suas disposições, e a mistura é diferente no corpo. A imaginação da alma, contudo, parece ser particularmente governada pelas mudanças do corpo e orientar-se segundo elas. Se a imaginação e o poder profético estão em devida proporção com a mistura desse vapor, como um medicamento, o entusiasmo deve ser excitado no profeta; ou então não se produz efeito algum, até mesmo um falso entusiasmo, acompanhado de loucura e convulsões; o que, como todos sabemos, aconteceu com a Pítia falecida há pouco.

Como o maior número eram estrangeiros que vinham pedir conselho (decorporoi), o animal sacrificado não era afetado pela primeira aspersão; por fim os sacerdotes conseguiram, com incessante aspersão, que o animal molhado começasse a tremer (a aspersão com água servia de prova para saber se o animal estava são, pois apenas os animais saudáveis podiam ser sacrificados; a insensibilidade à aspersão era considerada sinal de estado anormal). Mas o que aconteceu à Pítia?

Desceu ao oráculo, embora contra vontade; mas já na primeira resposta observaram pela sua voz áspera e forte que fora tomada por um vapor nocivo, que embaraçava a voz, de modo que nada podia exprimir claramente. Finalmente irrompeu pela porta com um terrível grito e lançou-se ao chão, de modo que não só os consulentes (propriamente, os que perguntavam), mas também o próprio profeta Nicandro e todos os sacerdotes presentes fugiram.

Pouco depois regressaram e levaram-na sem sentidos; mas viveu apenas alguns dias. Por esta causa agora se vigia estritamente que a Pítia esteja imaculada e livre de qualquer comunicação com estranhos. Antes de consultar o oráculo, presta-se atenção aos sinais, porque se acredita que Deus sabe melhor quando a Pítia está em condição apropriada para sustentar o entusiasmo sem consequências funestas. Pois o poder do vapor (o gás) não influencia todos de igual modo, nem igualmente as mesmas pessoas, mas deve ser considerado apenas como o princípio ou causa que produz todas as mudanças naqueles que são suscetíveis."

Aqui vemos expostas, de modo muito correto e claro, as manifestações do sonambulismo magnético na Pítia, numa teoria instrutiva. A Pítia era, por assim dizer, colocada de repente e inesperadamente em êxtase, no qual se assemelha perfeitamente ao nosso paciente magnético; tinha visões falsas e verdadeiras, cãibras e convulsões, com acessos de mania, seguidos de boas ou más consequências. Era também (a escolhida entre muitas) muito desigualmente apta para comunicar os oráculos.

Depois de Amónio ter indicado as causas do declínio de muitos oráculos da Grécia — por distúrbios, guerras, malfeitores ou, em alguns casos, falta de habitantes — prossegue assim a respeito do oráculo de Delfos: — "Até este oráculo, o mais antigo e célebre de todos, foi, como se afirma, durante muito tempo devastado por uma terrível serpente, de modo que ninguém podia aproximar-se dele. (Esta serpente chama-se Píton, que Apolo matou, tomando então posse do oráculo — outrora pertencente à Terra — e, a partir daí, foi chamado Pítio.)

Depois de a Grécia, pela providência divina, ter crescido muito em cidades, e a população se ter tornado mais numerosa, empregavam-se duas profetisas, que iam por turnos ao sanctum, e além destas havia uma terceira de reserva para qualquer necessidade. Hoje existe apenas uma única profetisa, e não nos queixamos disso; pois basta para responder a todas as perguntas que lhe são feitas. A profecia ainda existente e contínua é suficiente para todos, e ninguém que aí pergunta é despedido sem resposta.

Aqui Apolo emprega agora uma só voz, quando outrora empregava várias, quando a população era muito maior. Pelo contrário,

deveríamos estranhar Apolo se permitisse que o seu oráculo corresse inutilizado como a água, ou se extinguisse como as vozes ressoantes de pastores e vaqueiros nos ermos e entre as rochas.

"Podemos deixar-nos persuadir de igual modo que os deuses não têm parte nestes ou noutros oráculos, ou que desprezam os mistérios e sacrifícios festivos, assim como, pelo contrário, acreditar que eles próprios realizam todas estas coisas e nelas intervêm. Quanto aos mistérios, que certamente nos dão a melhor noção da natureza dos daemons, devo, como diz Heródoto, calar-me" (Heródoto, com efeito, abstém-se conscienciosamente — como referirei mais adiante — de dizer o que sabia dos segredos sacerdotais a que tivera acesso no Egito).

Quando Plutarco fala das ilhas britânicas, que recebem nomes de daemons e heróis, põe Demétrio a dizer que havia uma ilha onde Cronos estava aprisionado, e vigiado, durante o sono, por Briareu. Pois esse sono era a cadeia que lhe fora imposta, e muitos daemons estavam com ele como servos e companheiros.

Por fim, Amónio diz: — "Tenho uma dúvida muito mais grave e que respeita a coisas mais importantes. Noutro momento deixámo-nos levar e, na nossa conversação, tirámos dos deuses o poder da predição e demos-lho aos daemons. Mas agora estamos a esforçar-nos por o arrancar do oráculo e do trípode, já que atribuímos a origem da profecia, e até o seu próprio poder e substância, aos ventos, vapores e exalações. A afirmação de que a alma recebe através deles uma constituição particular — de que é aquecida e fortalecida como o ferro — leva-nos a pensar ainda menos nos deuses, e conduz a um raciocínio semelhante ao do Ciclope em Eurípides:

'Compelidos, de bom ou mau grado, damos
A erva gorda dos prados ao gado.'

Mas o Ciclope acrescenta que não sacrifica aos deuses, mas a si próprio e ao seu ventre — o mais nobre de todos os deuses. Que razão teríamos nós para sacrificar e rezar aos oráculos, se a alma possui em si mesma o poder profético, e se basta uma certa mistura de ar ou vento para o despertar? Nesse caso, para que servem as sacerdotisas? Para quê a recusa de resposta quando o animal

sacrificial, aspergido com a libação, não tremia? Se isto não acontece, diz-se que o oráculo não dará resposta e que a Pítia não é 'introduzida'. Estes arranjos e costumes não nos levam, todavia, a considerar uma divindade ou um daemon como a origem principal do oráculo: não se coadunam com o vosso argumento. Pois se esses vapores estão lá, despertariam certamente o entusiasmo, quer o animal tremesse ou não, e não só colocariam a alma da Pítia em inspiração, mas também todos os que a tocassem.

Por isso é muito absurdo utilizar uma mulher no oráculo, sobrecarregá-la com tantos trabalhos e obrigá-la a manter-se, durante toda a vida, casta e imaculada. E quando considero plenamente o grande benefício que este oráculo trouxe à Grécia em guerra e paz, em fome e na fundação de novas cidades, devo julgar pecaminoso atribuir a sua origem e descoberta ao acaso e ao cego destino, em vez de à providência divina. Sobre este ponto, meu Lamprias, desejaria ainda falar contigo, se mo permites por mais algum tempo." "Oh, certamente, com muito prazer", disse Filipo, e todos nós em coro."

Depois de terem discorrido sobre as razões pelas quais a Pítia já não pronunciava as suas sentenças em verso, os estrangeiros foram conduzidos entre as oferendas votivas, mostrados as estátuas e os objetos notáveis. Tendo falado do bronze das colunas e do ar cortante que descia dos montes para Delfos, favorecendo uma boa digestão, seguiu-se silêncio, e os guias prosseguiram a sua descrição: — "Entre outros havia uma sentença oracular em verso, que dizia respeito ao domínio de Argon de Argos.

Nesta ocasião, Diogeniano disse que muitas vezes se admirara dos versos miseravelmente pobres em que os oráculos eram proferidos. Apolo, acrescentou ele, preside às Musas; por isso devia não só distinguir-se naquilo a que chamamos eloquência, mas também pela eufonia em verso e poesia, e até superar Hesíodo e Homero na beleza de estilo. Mas vemos que a maior parte dos seus oráculos, tanto no que toca ao metro como à expressão, são insípidos e cheios de erros" (portanto semelhantes aos nossos sonâmbulos magnéticos, que se encontram num estado sonâmbulo inferior).

Serapião responde: — "Muitos dirão que não é verdade que sejam compostos por Apolo, justamente porque os versos são maus. Essa

circunstância não é bem entendida; mas que os versos oraculares sejam maus na composição, isso sim, segundo o teu juízo, meu caro Serapião, é uma perfeita verdade. Pois os poemas compostos por ti são, no conteúdo, filosóficos e sérios, e, quanto a força, delicadeza e escolha de expressão, têm mais semelhança com os poemas de Hermes e Hesíodo do que com as sentenças da Pítia."

"Estamos, sem dúvida", replicou Serapião, "doentes de olhos e ouvidos, e levados pelo luxo e pela extravagância a ver beleza apenas naquilo que é agradável. Logo culparemos a Pítia por não cantar mais agradavelmente do que os citaristas de Glauco, por não estar perfumada com unguentos, e por não entrar no sanctum vestida de púrpura; ou discutiremos com ela por que queima louro e farinha de cevada em vez de cássia, ládano e incensos. Não vedes quão encantadores são os poemas de Safo, quanto deleitam e fascinam os leitores?

E, no entanto, a sibilina que, como diz Heraclito, profere oráculos com lábios espumantes, sem sorrisos, cosméticos ou perfumes (isto é, sem elegância e graça), recebeu de Apolo uma voz que durará séculos. Também Píndaro afirma que Cadmo não ouviu deste deus música clara e sonora, nem versos suaves. Pois um ser puro, livre de paixões, nada tem a ver com a sensualidade, que foi expulsa do céu com Áte (a deusa da ruína) e, ao que parece, entrou em grande parte nos ouvidos dos homens, onde se fixou."

Mas Teon objetou que, se os versos são realmente maus, devemos então atribuir a Apolo a sua composição? A primeira inspiração vem apenas dele, mas é, no entanto, adaptada à natureza de cada profetisa. Se fosse costume entregar o oráculo por escrito, e não oralmente, certamente não atribuiríamos as letras em si ao deus, nem as censuraríamos por não serem tão belas como as de reis. Assim, a voz e o som, a expressão e o metro, não pertencem a Apolo, mas à mulher; ele apenas a inspira com as imagens e conceções, e inflama a sua alma para que possa ver o futuro; pois nisto consiste o entusiasmo (ἔνθεος = "estar cheio do deus").

Aristóteles disse que "Homero sozinho usou palavras que se movem com poder interior"; mas eu diria que as oferendas votivas aqui se movem com poder interior, conforme a providência de Deus o quer, e dão presságios através desse poder, e que não há uma única parte

vazia ou insensível, mas todas estão inteiramente preenchidas pela divindade. (Aqui temos os condutores magnéticos; a influência das substâncias colocadas en rapport; as relíquias, etc.)

Contudo, os antigos oráculos eram por vezes dados em verso, por vezes em prosa; mas nenhum dos dois modos é contrário à razão: é necessário apenas ter conceções verdadeiras da divindade, e não acreditar que Apolo compunha outrora os versos, e até hoje murmura os oráculos à Pítia, falando como que através de uma máscara. A sentença de Heraclito é certamente bem conhecida de vós: que o oráculo de Delfos "οὔτε λέγει οὔτε κρύπτει, ἀλλὰ σημαίνει" (nem fala, nem oculta, mas apenas indica). Pois o deus ali adorado utiliza a Pítia para ver e ouvir, assim como o sol utiliza a lua.

Ele revela-se aos homens pelo corpo mortal e pela alma imortal da Pítia, que, por mais que deseje viver em sossego, não consegue permanecer imóvel durante a inspiração do deus, nem manter a calma natural, mas é agitada pelos movimentos e fortes paixões despertados nela, como um navio sobre o mar. Aquilo a que se chama entusiasmo parece ser uma mistura de dois movimentos: um que atua de fora sobre a alma, e outro já presente na natureza da própria alma.

Do mesmo modo, outros poderes e naturezas pertencem a outras coisas, cada qual com o seu movimento peculiar, embora possam ser influenciados pela mesma causa. Assim, é impossível que quem não sabe uma única letra fale na linguagem dos poetas, muito menos que tenha lido poemas como as sacerdotisas do deus. Ela é certamente de boa e honrosa família, e de reputação imaculada; mas como foi educada na casa de um camponês pobre, entrou no oráculo sem a mínima experiência de arte ou qualquer habilidade artística.

Aceitamos como verdade que este deus, para revelar a sua vontade, utiliza as vozes de garças, carriças e corvos, sem nunca exigir que eles, como mensageiros e arautos dos deuses, expressem tudo em palavras e com voz clara. As mais antigas sacerdotisas entregavam os seus oráculos em prosa; mas, nessa época, as capacidades e poderes da alma tornavam-se ativos através do mais pequeno estímulo ou incitamento da imaginação. A tal ponto eram os homens arrebatados pelo que era próprio da sua natureza.

"Quanto à ambiguidade, circunlóquio e obscuridade, não me admiro que os antigos fossem às vezes forçados a recorrer a eles. Pois os que consultavam o oráculo não eram pessoas comuns, a pedir conselho sobre uma compra ou um negócio, mas estados poderosos, reis ou príncipes. Prever acontecimentos desagradáveis a estes não teria sido favorável para os ligados ao templo; pois Apolo não parece achar conveniente seguir o dito de Eurípides — μόνος ὁ ῥυββος προφητεύειν ἀνθρώποις (Rúbbos sozinho deve profetizar aos homens).

Ele emprega homens mortais como seus servos e profetas; deve velar pela sua segurança e cuidar para que os seus sacerdotes não sofram mal por causa de homens perversos. Não quis suprimir inteiramente a verdade, mas deixa, ainda assim, que as suas revelações, como um raio de luz, transpareçam e se suavizem em versos, com o fim de remover tudo o que fosse áspero e desagradável. Além disso, tiranos e inimigos não deviam conhecer o que estava diante deles. Para estes envolveu as suas respostas em obscuridade e conjetura, que escondiam o sentido do oráculo a todos os outros, mas o revelavam sem engano ao consulente."

Essas inscrições nas portas do templo de Delfos, das quais uma é E (ou Εἶ, "Tu és") e a outra γνῶθι σεαυτόν ("Conhece-te a ti mesmo"), têm um profundo significado psicológico. Pois a primeira é uma saudação e boas-vindas de Apolo ao consulente; a segunda, como que a resposta. "A primeira desperta", diz Plutarco, "de imediato a conceção do poder deste deus, e contém a verdadeira, única e digna saudação, que é retirada do seu ser."

Ao escrever sobre Ísis e Osíris, onde trata dos mistérios egípcios, Pítia informa Manetão de que chamam ao íman o nome de Hórus, e ao ferro, os ossos de Tífon, para significar os movimentos inspiradores, curativos e opostos.

De Mercúrio diz-se que cortou os nervos de Tífon para os usar como cordas da sua harpa, indicando que a razão conduz o inarmónico à harmonia, e não destrói as suas forças destrutivas, mas apenas as aperfeiçoa. Mais adiante fala-se do Kyphi, uma mistura de dezasseis substâncias, preparada segundo a prescrição dos livros sagrados, e que, difundindo em redor um poder aromático e um vapor curativo, adormece o corpo cansado num sono profundo.

## SEGUNDA DIVISÃO
## A MAGIA ENTRE OS ROMANOS

Entre os Romanos encontramos novamente a ciência médica dos Gregos e dos Egípcios, pois foi introduzida ali em parte através de viajantes e fugitivos, e em parte pelo costume dos Romanos de adotarem todas as divindades estrangeiras; além disso, o sono-oracular (incubatio) era usado desde os tempos mais remotos. "Dizem-se incubar propriamente aqueles que dormem para receber respostas, donde aquele que incuba a Júpiter, isto é, dorme no Capitólio, a fim de poder receber respostas" (Sérvio, sobre Virgílio). Mas, mesmo antes da introdução das divindades estrangeiras, a magia era cultivada na fundação de Roma por Numa.

Conta-se que, por práticas mágicas, fez descer Júpiter do céu, para que este lhe revelasse por inspiração divina de que maneira o culto religioso e os ritos sagrados deveriam ser instituídos (Lívio, I, 20). O mesmo é relatado por outros de modos diferentes. Plutarco, em Numa, diz, por exemplo, que na mesma época vieram para a Itália Launo e Pico, homens célebres pela magia, ciência e feitiçaria, e que foram bem recebidos por Numa. À maneira de Proteu, podiam transformar-se em diferentes figuras, compelir Júpiter a vir do céu e apresentá-lo diante de Numa, de modo que este aprendeu dele a arte de operar milagres.

Sabe-se também que os antigos Etruscos, assim como os Sabinos, possuíam um certo rito sacrificial pelo qual podiam afastar tempestades e receber visões proféticas. Os Etruscos atribuíam a certas palavras e vozes o poder de afastar todo o género de males. Tinham o costume de inscrever palavras etruscas nos umbrais das portas, para conter e extinguir o deflagrar do fogo (Festo, de verborum significatione, "arse, verre").

Os Marsos eram, segundo Plínio, muito hábeis nas artes da feitiçaria desde os tempos mais antigos. Encantavam serpentes venenosas e atraíam-nas do repouso noturno com os seus cantos. Encontramos também na Roma antiga o que se encontra em todo o lado e entre todos os povos, a saber: fenómenos sonambúlicos, suscitados de diversas maneiras, e práticas mágicas para se defenderem do mal, cuja natureza era desconhecida dos homens na sua rude infância,

razão pela qual eram atribuídas a seres superiores, e a elas, pouco a pouco, se ligaram fábulas das mais absurdas. A ciência médico-greco-egípcia, transplantada para Roma e modificada segundo o génio nacional dos Romanos, contém peculiaridades que já não são novas para nós, mas que, em muitos aspetos, são notáveis.

Podalírio, filho de Esculápio, foi desde muito cedo venerado pelos Dáunios como auxiliador nas doenças. "Eles lavam-se no rio Althano e, dormindo sobre rochedos, ouvem os verdadeiros oráculos do deus da medicina." Podalírio, expulso pelo incêndio de Troia para a costa Ausónia, no território dos Dáunios, continuou a exercer a arte da cura, que aprendera com seu pai. E Estrabão diz (Estrabão, liv. VI): "Na terra dos Dáunios daquele tempo permanece o túmulo de Podalírio, a cem estádios do mar. A água do rio Althano cura todas as doenças do gado. Outros dizem também que a Calcas, o vidente mencionado na Ilíada, foi dedicado um templo em Daúnia, província da Itália, onde ele respondia aos sonhadores, e onde os consulentes se deitavam sobre a pele de um carneiro sacrificado para obter inspirações proféticas" (Escritos e Ensaios Diversos de Wolf).

De modo semelhante, os súbditos do Rei Latino consultavam o oráculo de Fauno:

"No abismo de Albuno, que verte às ninfas dos bosques
Ruidosas águas e exala vapores mefíticos,
Aquele que, bendito pelos sacerdotes e dormindo na pele do carneiro,
Vê em redor de si visões e figuras de alta maravilha;
Ouve sons prodigiosos e mantém com os deuses discurso eterno,
E a Aqueronte invoca no Averno."

Na seguinte guerra dos Butulos em torno de Trona, o célebre sacerdote Umbro foi o único médico entre os Marúbios. Costumava adormecer enxames de víboras e a Hidra de hálito pestífero por meio de canto mágico e carícias. Quando por fim o próprio Eneias foi ferido, Jápis procurou curá-lo. Apolo oferecera-lhe, com grande benevolência, os seus próprios dons — a arte da adivinhação pelas aves, a lira e as flechas. Mas ele preferiu —

"a virtude das ervas e os métodos naturais de cura,
E a prática da ciência segura, sem ambição de glória."

E em consequência, os Romanos reconheceram sempre os Etruscos como seus mestres nas artes divinas da cura e da adivinhação, sendo a interpretação dos presságios o seu ofício particular. Para esse fim, doze jovens romanos das mais ilustres famílias eram confiados aos Etruscos para serem instruídos nos mistérios da adivinhação. A inspeção das aves era particularmente usada no tempo dos Romanos, e Numa instituiu um Colégio de Áugures, que nos primórdios eram os médicos de Roma.

Uma das mais antigas práticas em Roma, pela qual se tentava aplacar a ira dos deuses e dissipar doenças, diz Sorengel (I, p. 230), consistia em consultar o oráculo nos livros sibilinos. Mas, na verdade, os livros sibilinos só foram recorridos em épocas posteriores; nos tempos mais remotos, recorria-se à própria Sibila, não apenas nas doenças, mas nos assuntos do Estado e em circunstâncias importantes da vida.

Em geral, o nome da Sibila nem sequer era mencionado; apenas ocasionalmente algum investigador histórico descobria algo de concreto a seu respeito; como aparição extraordinária, merecia-lhe mais ou menos atenção e, conforme o seu juízo, colocava-a no domínio da loucura ou, mas muito raramente, entre as verdades bem atestadas. Para a história do magnetismo nada é mais necessário na Antiguidade do que uma história completa das Sibilas, a qual realmente fornece os mesmos testemunhos que os oráculos, permitindo descobrir o magnetismo em todas as eras e em todos os países do mundo; não, certamente, sob o nome atual, mas sob o véu de uma ciência misteriosa.

Se, porém, tentarmos extrair a história inteira do magnetismo a partir dos livros populares escritos sobre o assunto, encontrar-nos-emos enganados. Para tal fim é necessária uma investigação muito laboriosa. Muitas coisas da história das Sibilas, e particularmente a propósito do nosso objeto, encontram-se na Bibliothèque du Magnétisme animal, T. H., pp. 154 e 242. Levei esta pesquisa a grande extensão e apresentarei aqui um resumo condensado do que descobri.

## AS SIBILAS*

** (NT: Eram mulheres profetisas, quase sempre apresentadas como figuras individuais, dotadas de inspiração divina (geralmente por Apolo). A tradição sobre as Síbilas é mais literária e mítica; elas não pertenciam a um santuário fixo, mas podiam aparecer em locais diferentes (existem tradições de várias Síbilas: de Cumas, de Delfos, de Éritras etc.). As suas profecias eram muitas vezes enigmáticas, poéticas e transmitidas em versos. Não havia uma instituição organizada em torno delas — a figura da Síbila era quase lendária.*

Por Sibila entendia-se uma mulher oracular que, inspirada pelo espírito divino, predizia acontecimentos futuros (Petri Petiti De Sibylla, três livros). "Sibila é a jovem cujo peito recebe o nume." A palavra é composta de Θεός, Deus, segundo o dialeto eólio, e βουλή, o conselho (Diodoro Sículo e Orígenes) — portanto, o conselho de Deus. Segundo outros, pode derivar de σιβάω, agitar violentamente, e βυλλος, cheio — isto é, cheia de violenta agitação durante a profecia (Dissertation sur les Oracles des Sibylles, de G. Cresset, Paris, 1678); porque geralmente estava em estado de agitação violenta enquanto prognosticava.

Desde então, os homens nunca conseguiram chegar a acordo claro sobre o número e a época das Sibilas, a sua verdadeira pátria e o período em que viveram. Mal se encontra um único autor que concorde com outro a este respeito. Isto mostra suficientemente que não tinham uma ideia clara da natureza do espírito que inspirava estas mulheres ou donzelas.

Alguns autores nomeiam uma; outros duas, três ou quatro; outros ainda dez Sibilas. Varrão (lib. ix. ad C. Caesar), a quem Santo Agostinho chama o mais erudito e eloquente dos pagãos, fala de dez. Com ele concordam Lactâncio (De falsa religione, c. 6) e a maior parte dos Padres. Eliano (Varia Historia, liv. xii. c. 35) fala de quatro; Solino de três. Plínio também fala de três, cujas estátuas se encontravam no Capitólio em Roma. As três de Solino são a Délfica, a Eritreia e a Cumaniana. Diodoro da Sicília fala apenas de uma, a quem chama Dafne. Outros chamam-lhe Mantho, filha de Tirésias, enviada em saco de Tebas pelos Epígonos a Delfos, setecentos e vinte anos antes da destruição de Troia (Crasset, l. c.). Platão, no

Fedro, fala também de uma (καὶ καὶ ἂν τὴν λεγομένην Σἰβυλλαν). E Cícero fala apenas de uma, tanto no seu tratado Sobre a Natureza dos Deuses como no Da Adivinhação. Plutarco fala frequentemente no plural, mas distingue as Sibilas das mulheres proféticas.

A disputa acerca do número das Sibilas pode, contudo, decidir-se do seguinte modo: existe apenas uma profecia segundo a natureza, uma iluminação, um conselho de Deus, mas muitos profetas. Pode haver muitos iluminados, embora haja apenas um sol, cujos raios produzem diversos efeitos em diversas coisas. O número de adivinhos não pode, de modo algum, ser determinado. Duas, três ou dez Sibilas admitidas são demasiado poucas: até aqui os que descrevem as Sibilas estiveram todos errados. Mas, se falarem apenas do número das Sibilas conhecidas por eles e seus contemporâneos, todos podem ter razão. Assim, por exemplo, Marciano Capela conhecia apenas duas, Solino três, mas Varrão dez.

A natureza da coisa em si, não entenderam, e por isso não puderam perceber que adivinhação e adivinhos eram coisas distintas, como já havia notado Petitus, quando disse: "O espírito da profecia, tal como o conselho de Deus, é apenas um, mas pode ser exercido por muitos: muitos podem tornar-se célebres através dele." Também quanto ao tempo, nenhum é dado — sempre existiu, como sempre existiu a luz. A idade primitiva da fábula precisa, portanto, de pouca defesa, como refúgio e espantalho de confusão e mentira. Além disso, temos apenas uma clarividência, uma iluminação interior do espírito que rege, mas muitos clarividentes.

Se agora enumerarmos as Sibilas mencionadas por Varrão, os seus nomes e os países onde mais particularmente exerceram os seus poderes, ficará claro qual delas foi a mais notável.

A primeira é a Persa ou Caldeia. Diz-se que foi a mais antiga e que escreveu vinte e quatro livros, nos quais o futuro, o nascimento de Cristo, os seus sofrimentos, morte e ressurreição foram anunciados com a maior exatidão (Crasset, l. c.). A segunda foi a Líbia; a terceira, a Délfica, ou a Dafne de Diodoro, de quem canta Homero e a quem se atribuem os mais célebres oráculos de Delfos. É evidente, por isto, que muitas mulheres, sucedendo-se umas às outras no serviço dos deuses, levaram o mesmo nome; e, por tal circunstância, os ignorantes atribuíram a idade de muitas à de uma só. A quarta, e

uma das mais célebres, foi a Sibila Cumaniana, que, nascida na região de Troia, se diz ter ido para a Itália, sendo tida em especial honra pelos Romanos, porque, segundo a sua crença, predisse todo o destino da sua república (Plínio, Hist. Nat., liv. xxxiv. c. 5). Antes da chegada da Sibila Cumaniana à Itália, o povo admirava especialmente Carmenta, mãe de Evandro, pelas suas faculdades proféticas (Plínio, Hist. Nat., liv. i.): Carmenta, quam fatiloquam ante Sibyllae in Italiam adventum miratae hac gentes fuerant.

Daí nasceu o provérbio: quando alguém fala de coisas ocultas, "falou com a mãe de Evandro". Sobre esta Sibila Cumaniana relatam-se muitas coisas. Névio, na sua Guerra de África, e Pison nas suas Crónicas, narram muito sobre ela; e Virgílio, o poeta, deu uma descrição circunstanciada desta Sibila. Proferia os seus oráculos antes de Eneias aportar na Itália, dizendo-se que habitava uma gruta profunda junto ao lago Averno. Era chamada virgem e sacerdotisa de Apolo.

Escrevia as suas respostas em folhas de palma, que depositava à entrada da gruta, donde os ventos as levavam ao longe. Mas, quando dava as respostas oralmente, encontrava-se no mais alto estado de agitação. Virgílio descreve magistralmente esta condição agitada, como muitas vezes se vê nas crises do sono magnético. "Muda as feições e a cor do rosto", diz Virgílio (Eneida, liv. vi, v. 45 e segs.). "Os cabelos erguem-se-lhe; o peito arqueja cheio e ofegante; o coração desvairado bate violentamente. Os lábios espumam e a voz é terrível. Como fora de si, caminha para cá e para lá na gruta, e gesticula como se quisesse expulsar o deus do seu peito."

Este é o corybantismo que também os Gregos descrevem: a adivinhação furiosa (divinatio per furorem), que, em ataques de espasmos, e sobretudo em mulheres histéricas, não é ocorrência rara; por isso Aristóteles, e muitos outros, chamaram à adivinhação característica peculiar dos hipocondríacos. A Sibila fala de si assim: "Estou inteiramente em tensão, e o meu corpo entorpece, de modo que não sei o que digo; mas Deus ordena-me que fale: porque hei de publicar este canto a todos? E quando o meu espírito repousa após o hino divino, Deus ordena-me que vaticine de novo. Sei o número dos grãos de areia, e a medida do sol, e a altura da terra, e o número dos homens, das estrelas, das árvores e dos animais", etc. (Traité de la créance des pères à l'occasion de l'esprit attribué aux Sibylles, por

David Blondel, Charenton, 1652, pp. 25, 64 e segs.; ou no oitavo livro das Sibilas, p. 13). Segundo Plutarco, predisse a erupção do Vesúvio que sepultou Pompeia, Herculano e Estábias, na qual o próprio Plínio, o Naturalista, terá encontrado a morte (Plut. cur nam Pythia non amplius reddat oracula).

"Não foi esse último acontecimento," diz ele, "de Cumas, proclamado muito antes pela Sibila? Falo daquela erupção ardente da montanha, daquela elevação do mar, daquela projeção de pedras incandescentes e ventos, pela qual tantas cidades foram destruídas, de modo que nenhum viajante voltou a encontrar vestígio delas." A Sibila Cumaniana chamava-se Herófila e Amalteia, e, devido a estes diferentes nomes, Varrão chamou-lhe a sétima. Dionísio de Halicarnasso, Solino e Plínio relatam muitas maravilhas sobre ela. Os seus livros eram os mais fiáveis e foram sempre guardados com o maior respeito pelos Romanos.

A quinta, também muito célebre, foi a Eritreia, que alguns identificam com a Persa. Anunciou muito antes aos Lesbios que perderiam a soberania do mar, e disse-se que predissera positivamente o incêndio de Troia.

A sexta é a Samiana, de quem fala Eratóstenes. A sétima, segundo Varrão, a Herófila. A oitava foi a do Helesponto, que profetizou, segundo Heraclides, nos dias de Sólon e Ciro. A nona, a Frígia, provavelmente a mesma que a Cumaniana. A décima, a Tiburtina, que residia junto ao Tibre e foi honrada como deusa. Muito depois da sua morte, encontrou-se a sua estátua, com um livro na mão, e esta foi colocada no templo de Júpiter Capitolino por ordem do senado (Poissardus, De Sibyllis, p. 275).

Destas Sibilas procederam os Livros Sibilinos, que foram consultados em tempos posteriores, não apenas em doenças mas também em assuntos de Estado, e que eram considerados em Roma como guardiões dos destinos humanos, sendo honrados em conformidade. A sua origem é tão desconhecida como a história dos oráculos. O seu número era grande, mas ao mesmo tempo incerto, já que apenas uma, a Eritreia, assinou os seus livros com o nome. Além disso, são de duas espécies: os livros das Sibilas antigas, isto é, da época grega e da primeira época romana; e os posteriores, que se diziam muito falsificados e cheios de interpolações. Dos últimos, diz-se que restam

ainda oito livros em grego e latim. Os que se preservaram em Roma eram uma coleção de várias Sibilas e oráculos, reunidos de diferentes lugares e tempos, pois, segundo Lactâncio (Div. instit. liv. i. c. 6), cada Sibila tinha o seu próprio livro; ou, se não o tinha, as suas vaticinações eram anotadas por outros que a rodeavam e aconselhavam. Estes livros continham, na sua maior parte, em linguagem misteriosa e frases simbólicas — mas por vezes também em palavras claras — as revelações do futuro. A princípio só era permitido lê-los aos descendentes de Apolo, mais tarde aos sacerdotes, até que certas pessoas foram nomeadas em Roma para os guardar e, em casos difíceis, responder às consultas com base neles.

A história da forma como estes livros vieram para Roma, e qual foi a sua sorte ali, é a seguinte: — Uma pequena, velha e desconhecida mulher veio ter com Tarquínio, o rei, em Roma, trazendo consigo vários livros. Segundo alguns escritores, trazia nove; segundo Plínio, apenas três. Acreditava-se que essa anciã fosse a própria Sibila Cumaniana, e que os ofereceu ao rei por trezentas peças de ouro. O rei riu-se de um preço tão alto; mas a velha lançou três deles ao fogo e perguntou então se o rei daria o mesmo preço pelos seis restantes. O rei pensou que ela estava louca. Imediatamente ela lançou mais três ao fogo e perguntou-lhe, pela última vez, se ainda assim daria o mesmo preço pelos três que restavam.

Tarquínio assustou-se com tal firmeza estranha e deu-lhe o preço. A mulher desapareceu e nunca mais foi vista. O rei confiou então esses três livros a dois homens (duumviri) para a sua cuidadosa preservação e consulta, pelos quais Roma tantas vezes foi depois socorrida na sua necessidade, e não raramente lhe foram preditas as suas fortunas. Duzentos e treze anos mais tarde, foram nomeados dez guardiões (decemviri). Sila acrescentou mais cinco (quindecimviri). Estes vigiavam os livros e não davam respostas tiradas deles senão por ordem do senado, o que apenas acontecia perante a aparição de prodígios extraordinários, diante de alguma desgraça pública ou quando se agitavam assuntos de extrema importância.

Segundo os historiadores Lívio, Suetónio e Tácito, esses livros eram conservados no Capitólio, que, no entanto, foi em breve destruído por um incêndio. Mas os livros foram salvos e levados para o templo de

Apolo Palatino, que também foi depois consumido pelas chamas. Os livros da Sibila Cumaniana eram guardados em profundo segredo e diz-se que de modo algum foram queimados, pois estavam guardados numa arca de pedra enterrada na terra. Dionísio de Halicarnasso (Antiq. Rom. i. 4) diz: "Esses livros permaneceram intactos numa gruta subterrânea do Capitólio, numa arca de pedra, até à guerra Márs ia. Depois, tendo-se perdido ou destruído de qualquer modo, Augusto enviou três embaixadores — P. Gabínio, M. Otacílio e L. Valério — à Ásia, África e Itália, mas especialmente à Sibila Eritreia, para recolher tudo o que fosse possível obter dos oráculos sibilinos, pois consideravam-nos como o Paládio do império."

Daqui terá resultado que os livros se aumentaram muito, e provavelmente ficaram cheios de falsas interpolações. O seu número, segundo Tácito e Suetónio, era tão grande e os seus conteúdos tão adulterados, que se diz que Augusto queimou cerca de dois mil deles, conservando apenas, após investigação minuciosa, oito dos menores. Segundo outros, a própria coleção de Augusto foi destruída sob Juliano.

Entretanto, parece, de uma investigação cuidadosa, que os livros Cumanianos não se perderam no tempo de Augusto; pois, em primeiro lugar, diz-se que estavam em muitas mãos, como testemunha Varrão; e em segundo, porque foram salvos a tempo no incêndio do templo de Apolo Palatino. Mávio Vopisco (Aureliano, liv. xxiii.) diz:

"Se não tivesse havido auxílio em tempo oportuno no incêndio, os livros Cumanianos ter-se-iam perdido. Augusto terá ordenado que fossem transcritos, porque os caracteres em que estavam escritos já não podiam ser lidos sem dificuldade (jussu Augusti transcripti a pontificibus quia characteres exsolescebant)." Segundo as pesquisas de Crasset, foram queimados pela primeira vez depois de Constantino, no ano 339 d.C., por Estilicão, que introduziu os Godos no país e destruiu antes os livros sibilinos, para que deles não pudesse vir auxílio algum.

As moradas das Sibilas eram em geral lugares afastados e silenciosos, sobretudo grutas, tal como acontecia com os Oráculos na Grécia; e na Beócia, que abundava em tais grutas e cavernas, encontravam-se, segundo Plutarco, os principais oráculos. Perto de

Cumas, toda a região era vulcânica; águas fumegantes e vapores de enxofre tornavam-na muitas vezes inacessível ao viajante. Os vapores que subiam da Grotto del Cane e do lago Averno eram de natureza tão fatal que até as aves que se aproximavam caíam mortas do ar. "Se se perguntasse agora, como tantas vezes já se perguntou, se toda a história das Sibilas e dos Oráculos não é fabulosa, pode responder-se que não há assunto sobre cuja verdade o testemunho de todos os historiadores, poetas e filósofos esteja tão completamente de acordo. De resto, as Sibilas, como os Oráculos e os nossos sonâmbulos magnéticos, revelavam as suas visões, ora em metáforas e alusões, ora por escrito e em palavras; pois profetizavam, diz Sérvio (ad Maronis verba: Tribus modis futura praedicit, aut voce, aut scriptura, aut signis, horrendas canit ambages antroque remugit obscuris vera involvens — Maro)."

Além dos filósofos e historiadores gregos e romanos — como Platão, Aristóteles, Estrabão, Eliano, Pausânias, Apolodoro, Luciano, Homero, Aristides, Plutarco, Varrão, Cícero, Diodoro, Tácito, Suetónio, Lívio, Floro, Valério, Dionísio de Halicarnasso, Plínio, Virgílio, Ovídio, Juvenal, etc. — foram sobretudo os Padres da Igreja que defenderam com maior vigor a verdade dos Oráculos e o testemunho das Sibilas. Os santos padres muitas vezes não só apresentaram as provas dos Oráculos para convencer os incrédulos, porque estes, séculos antes, tinham anunciado a vinda de Cristo.

As Sibilas foram para os pagãos o que os profetas foram para os judeus. Os seus livros continham especialmente os mistérios da religião, razão pela qual os imperadores, nos primeiros tempos do Cristianismo, proibiram estritamente a sua leitura. São Justino protesta vivamente contra essa proibição, na sua apologia, visto que apresentava os oráculos para confundir os incrédulos. Como os primeiros cristãos desprezaram essa proibição e tanto mais se afeiçoaram à leitura deles, foram, por isso, chamados Sibilinos (Orígenes, Contra Celso, liv. vii).

Entre os Padres da Igreja que mais celebraram os oráculos sobressaem o Papa Clemente, Justino Mártir, Atenágoras, Teófilo de Antioquia, Eusébio, Lactâncio, Clemente de Alexandria, Santo Ambrósio, Jerónimo, Agostinho e Isidoro de Sevilha, que todos sustentaram a verdade do Cristianismo com base no testemunho das Sibilas. Um passo notável encontra-se em Justino (Admonitorium ad

Graecos), que descreve admiravelmente o estado sonambúlico da Sibila: — "Dizem muitas e grandes coisas com justeza e verdade, sem compreender nada do que dizem. Pois a Sibila não é de modo algum como os poetas, que mesmo depois de escreverem os poemas têm a faculdade de os corrigir e aperfeiçoar; mas no próprio momento do arrebatamento cumpria os seus oráculos, e desaparecendo a inspiração, desaparecia também de imediato a memória do que tinha dito."

Onúfrio, que escreveu um livro, falou também delas num século posterior, assim como Sexto de Siena, F. Canísio, Salmeron e outros. Quão geralmente recebida e sagrada era entre eles a voz das Sibilas, ainda hoje no-lo atesta a missa de defuntos, onde se diz: — "Segundo o testemunho de David e das Sibilas, o último dia da ira terminará com fogo."

Dies irae, dies illa,
Solvet saeculum in favilla,
Teste David cum Sibylla.

Que os Oráculos, nas suas profecias, anunciaram também a vinda de Cristo, prova-se por muitos lugares espalhados entre os escritores que mencionámos. Citaremos aqui alguns, tanto de pagãos como de cristãos: —

Cícero, que viveu setenta anos antes de Cristo, parece corroborar estas predições da vinda de Cristo pelas Sibilas, quando diz: "Se atendermos às rimas das Sibilas, elas dizem-nos: 'Aquele que consideramos como o verdadeiro rei, devemos também chamar rei, para nos tornarmos felizes. E se estas coisas estão contidas nesses livros, a que homem e a que tempos se aplicam?'" (Cícero, De divinatione, liv. ii. c. 110). Virgílio, o príncipe dos poetas, quarenta anos antes de Cristo canta (Virgílio, Égloga IV): —

"Já uma nova descendência desce do alto do céu,
Chegou já a última idade do canto cumeu,
Já regressa a Virgem, regressam os reinos de Saturno, etc.
Tu apenas, ó casta Lucina, sorri ao menino que nasce,
Que fará cessar a raça de ferro e erguerá no mundo inteiro
Uma geração de ouro."

Ou seja: — "Uma nova raça é-nos enviada do céu, a última das eras cantadas pela Sibila de Cumas, etc. Portanto, casta Lucina, sê favorável a este menino que há de nascer, por meio do qual cessará a idade do ferro, e a dourada será introduzida no mundo."

Tácito (Hist. XI) diz: — Pluribus persuasio inerat antiquis, eo ipso tempore fore, ut valesceret oriens, profectique Judaea potirentur. Suetónio (Vespas.) e Lívio foram inimigos dos cristãos; todavia, falam de uma profecia antiquíssima de que um homem nascido na Judeia se tornaria senhor do mundo inteiro. Um dos mais furiosos inimigos dos cristãos, o imperador Aureliano, proibiu, sob as mais severas penas, a leitura dos livros sibilinos. Mas, como não via claro na guerra marcomana, escreveu ao senado uma carta em que dizia: — "Admiro-me, santos padres, que se demore tanto a abrir os livros sibilinos, como se eles pertencessem apenas à Igreja dos cristãos, e não ao templo de todos os deuses."

Santo Agostinho é provavelmente o mais destacado defensor dos livros sibilinos entre os padres (De civitate Dei, XVIII, 23). Logo no início da sua obra fala das Sibilas e cita vinte e sete versos da Sibila Eritreia que predisseram a vinda de Cristo e os seus sofrimentos. As suas palavras são: — "Ele cairá nas mãos hostis dos ímpios; com cuspo venenoso o escarrarão; nas costas sagradas o açoitarão; coroá-lo-ão com uma coroa de espinhos; dar-lhe-ão fel como alimento e vinagre como bebida. O véu do templo rasgar-se-á, e ao meio-dia haverá trevas durante três horas. E ele morrerá, repousará três dias no sono e depois, na luz jubilosa, voltará como o primeiro."

O erudito jesuíta Canísio refere-se a outros oráculos que predisseram o mesmo, que diz ter retirado de manuscritos não impressos, mencionados também por Bethulejus. Lactâncio também alude a estas profecias (Div. instit. I): "Não duvido", diz ele, "que em tempos anteriores os livros das Sibilas tenham sido considerados absurdos, porque não eram compreendidos. Chamavam milagres a aventuras, das quais nem o tempo, nem o lugar, nem o autor estavam identificados."

É muito notável o que escreve Justino Mártir (Adversus gentes oratio, Admonitorium ad Graecos): "Seria fácil determinar qual é a verdadeira religião se as pessoas observassem o que os profetas e as Sibilas predisseram. A Sibila nasceu na Babilónia e veio de lá para

Cumas, onde revelou as coisas futuras. No meio da sua habitação existem três cisternas escavadas na pedra para banho. A Sibila, embora diga coisas grandes e maravilhosas, não sabe ela própria o que diz. Principalmente quando começa a perder o espírito inspirador, perde ao mesmo tempo a memória de tudo o que predissera. Por isso não se estranham as falhas que se encontram nos livros; a culpa não está neles, mas nos que registaram os ditos e que, por ignorância, não os escreveram por inteiro nem corretamente." Mais importante ainda é o que diz na sua segunda apologia, que apresentou ao imperador Antonino, na qual se queixa amargamente de que os cristãos fossem proibidos de ler os livros sibilinos.

Segundo Clemente de Alexandria, até o apóstolo Paulo defendeu o oráculo, como aprendemos pelas investigações de Crasset (l. c. p. 12). Clemente faz o Apóstolo falar assim: — "Tomai os livros dos Gregos; vede a Sibila, como ela mantém a unidade da divindade e todas as coisas que hão de acontecer. Tomai Histaspes e lede-o, e vereis que fala clara e abertamente do Filho de Deus."

A este lugar pertence a passagem de Platão: — "Grande proveito retiramos daquela inspiração furiosa que vemos nas profetisas de Delfos e Dodona, quando sob a influência divina. Se, portanto, aqui contássemos tudo o que as Sibilas e outros predisseram, precisaríamos de muito tempo e trabalho; mas estas coisas são tão conhecidas no mundo, que não necessitam aqui de mais explicação." Em Varrão (De re rustica, I, 1) lê-se: — "Não concederei que a Sibila não tenha cantado o que, tanto em vida como depois de morta, foi de tanta utilidade, cujos livros ainda consultamos publicamente quando desejamos saber o que esperar deste ou daquele presságio."

Por fim, Constantino, o Grande, dá o testemunho mais elevado e ponderoso. É, portanto, tanto mais notável que o seu discurso sobre as Sibilas tenha sido lido no primeiro concílio da Igreja em Niceia. Ele ainda possuía os livros, e só cinquenta anos após a sua morte é que foram queimados (Crasset). À literatura sobre as Sibilas pertencem ainda os seguintes escritos: — E. Schmidii Sibyllina (Wittenberg, 1618); Ghitbier, De Sibyllis ejusque oraculis (1690); Gaetani, De Sibyllis (1756); Foseus, Sibyllarum icones (Colónia, 1756); Wagner, Inquisitio in oracula Sibyllarum (Tubinga, 1664); Koerber, De Sibyllarum libris (Gera, 1680); Mark, De Sibyllinis carminibus

(Frankfurt, 1682); Sibyllina oracula cum commentario Gatei (Amesterdão, 1689).

## OS ORÁCULOS*

**(NT: Eram instituições ou santuários dedicados a uma divindade, onde sacerdotes ou sacerdotisas transmitiam respostas divinas às consultas feitas por indivíduos, cidades ou reis.*
*Os consulentes iam ao templo, ofereciam sacrifícios, e a resposta era mediada por sacerdotes. Muitas vezes, a profetisa (como a **Pítia** de Delfos) entrava em transe, mas o oráculo em si era a instituição que interpretava e transmitia a vontade dos deuses.)*

Acreditou-se geralmente que os oráculos, com a vinda de Cristo, tinham perdido a voz, e que nada mais se ouviria deles. Essa crença tinha o seu fundamento na ignorância da sua natureza e na superstição de que o diabo, por meio deles, prosseguia a sua obra maléfica. Esta ideia foi reforçada por algumas respostas ocasionais dos próprios oráculos, e, entre outras, Porfírio recebeu esta: — "A voz já não vem à sacerdotisa; está condenada a longo silêncio." Também a Augusto, que, segundo Suidas e Nicéforo, enviou ao Oráculo perguntar que sucessor deveria ter, foi respondido: — "O menino hebreu, a quem todos os deuses obedecem, expulsa-me daqui."

Mas os oráculos não cessaram com Cristo, pois continuam ainda a falar; pelo contrário, a luz clara acendeu-se então pela primeira vez, e tornou-se tão forte que nenhuma tempestade ou vento a pôde extinguir; quando antes só encontrava segurança em grutas escuras. Podemos prová-lo pelas histórias antigas. Plutarco, que viveu depois de Cristo, diz expressamente: "O oráculo de Lebadia, o de Trofónio e o de Delfos continuam ainda." Noutra passagem, afirma: "O templo de Delfos é mais esplêndido do que nunca; todas as ruínas foram reparadas e novos edifícios erguidos, de modo que a pequena cidade de Delfos tira dele o seu sustento."

Suetónio, na Vida de Nero, relata que o oráculo de Delfos advertiu Nero de que se acautelasse do seu septuagésimo terceiro ano. Nero acreditou, portanto, que viveria até essa idade, e não pensou em Galba, de setenta e três anos, que o privou do império. Filóstrato fala de Apolónio, que viveu noventa anos depois de Cristo, e que visitara

os oráculos de Anfiarau, de Delfos e de Dodona. Juliano enviou a Delfos para perguntar se devia empreender a expedição contra a Pérsia. Dionísio refere que Anfiloco vaticinava em sonhos duzentos e cinquenta anos após Cristo. Macróbio relata que, nos tempos de Arcádio e Honório, ainda floresciam o deus de Heliópolis, na Síria, e a Fortuna em Ântio. Segundo Kinderling (Sobre o Sonambulismo do nosso tempo comparado com a Incubação ou o Sono-templo e a Adivinhação dos Antigos Pagãos, 1788), o sono-templo ainda se praticava no século XV.

As pessoas confiavam tanto no auxílio nos templos que até imaginar-se em sonho dentro de um templo era tido como sinal de convalescença. Os Gregos ainda jejuam em certos dias, para mais seguramente obterem sonhos. Mas com Constantino os estabelecimentos dos templos cessaram inteiramente, pois proibiu rigorosamente todos os sacrifícios, como já César havia pronunciado a pena de morte sobre todos os adivinhos pagãos.

Tão alta como era a reputação das Sibilas entre os Romanos, ainda mais eram os Oráculos estimados entre os Gregos; sim, até os intérpretes dos livros sibilinos recorriam por vezes diretamente aos Oráculos como a uma autoridade superior. Apolo foi desde cedo honrado divinamente pelos Romanos. O cônsul Bruto enviou a Delfos para buscar conselho por causa dos maus presságios que causavam tanta inquietação em Roma; e cerca de 461 anos antes de Cristo foi erguido um templo a Apolo, ao qual as virgens vestais foram destinadas para o serviço.

Pouco tempo depois, Esculápio foi aqui honrado não menos do que em Epidaurus, tendo assim chegado a Roma. Numa epidemia muito grave entre o povo, abriram-se os livros sibilinos, e os próprios intérpretes aconselharam que se enviasse uma deputação a Esculápio para pedir o seu parecer. Quinto Apulino foi enviado no ano seguinte. Quando entregou a sua mensagem, em vez de resposta, uma serpente saiu, para admiração de todos, do templo, desceu até à costa, saltou para o navio e deitou-se tranquilamente no camarote do embaixador.

Segundo Ovídio (Metamorph. XV, 622), o embaixador recebeu em sonho a revelação de que Esculápio se transformaria em serpente. Alguns dos Asclepíadas acompanharam-no de imediato, a fim de dar

a conhecer aos Romanos o culto do deus. Quando a âncora foi lançada na foz do Tibre, a serpente saltou para a ilha Tiberina e deitou-se ali rapidamente. Foi-lhes este o sinal de que o deus devia ser ali venerado. Por isso, ergueu-se um templo nesse lugar, e o culto foi estabelecido segundo o modelo de Epidaurus. Sob o reinado do imperador Cláudio, o templo de Esculápio era tão frequentado e tão célebre pelas curas ali realizadas, que os senhores enviavam os seus escravos para ali serem tratados; e por decreto do imperador todos os assim curados obtinham a liberdade (Suetónio, Claud.).

Petrónio confirma também esta informação, declarando que no tempo de Nero estas consultas no templo eram muito comuns; e Plínio dá conta de alguns dos meios curativos recomendados, entre outros a raiz da rosa-brava contra a mordedura de animais venenosos. Outros encontram-se nas páginas de Juliano e de Galeno. O Serápis egípcio também gozava de reputação entre os Romanos; e pouco depois foi erguido por Júnio Bubulco um templo separado a Higieia.

Em consequência, foi honrada como deusa da saúde (dea salus), sendo geralmente representada com uma serpente e com uma taça sacrificial na mão. Ísis tinha um templo no Campo de Marte, que foi destruído cinquenta anos antes de Cristo. Minerva era venerada pelos Romanos sob o nome de profetisa (fatiaca medica). Mercúrio e Hércules, segundo Lívio, eram também honrados como divindades médicas. Lucina era altamente venerada pelas mulheres, como deusa do parto.

Muito se poderia dizer da magia dos Romanos que concordaria com os modos do tratamento magnético, ou ainda mais com os meios de condução do fluido magnético, se não tivéssemos já repetidamente apontado a semelhança. Em nenhum país foi levada tão alto o grau de superstição — sim, de loucura e de abuso — como entre os Romanos. Frequentemente, as ordens do senado e as mais severas proibições imperiais foram totalmente inúteis para refrear os horríveis abusos e corrupções resultantes da sua prática.

Já no consulado de Lúcio Emílio Paulo, muitos magos foram expulsos de Roma. São bem conhecidas as severas proibições de Júlio César e do imperador Constantino. Sob o governo de Marco, a maior parte dos livros mágicos foram destruídos por ordem legal.

Mas houve muitos defensores zelosos da magia, que apresentaram meios de cura, cujo número e propriedades peculiares seria demasiado longo enumerar; entre outros, Asclepíades, que viveu no tempo de Pompeu Magno, e curou muitas doenças graves pela arte mágica. Para curar a epilepsia, mandava o doente atar ao braço uma cruz com um prego cravado. Xenócrates é conhecido como mago, assim como Basílides e Carpócrates e os seus discípulos. Juliano, o necromante (theurgus), alcançou a mais alta reputação e diz-se que chegou a expulsar a peste de Roma pelo poder mágico. Igualmente célebre foi Apuleio, filósofo platónico, que escreveu muito de interesse sobre magia.

Entre os médicos houve muitos que exerceram com êxito estes meios. Sereno Samónico curava a febre pendurando ossos ao pescoço em muito pouco tempo, e atribuía grande poder a amuletos e a certas palavras, como se vê pelo seu Abracadabra. Marcelo, o empírico, Écio e Alexandre Traliano usaram e descreveram também estes meios como defensores da magia. Vários imperadores, além disso, tomaram parte nas fileiras dos campeões da magia; entre os mais eminentes contam-se Antonino, Caracala e Heliogábalo. Sob o velho Tarquínio, Ácio Névio era bem conhecido como um clarividente notável, que nas suas adivinhações chegava a revelar ao rei os seus pensamentos, e alcançou tal reputação que os Romanos lhe erigiram uma estátua.

Encontramos aqui e ali, além disso, claros vestígios de manipulações magnéticas semelhantes às nossas, por meio de passes com as mãos, etc. "É inquestionável", diz Kluge, "que a manipulação com contacto forte, fricção e carícias com as mãos, que segundo ele foi sobretudo tomada dos Eslavos, ou a massagem, é a mais antiga e a mais geral de todas as manipulações" (Descrição do Magnetismo Animal, pp. 403-404). Séneca (Epist. 66) diz: — "Hei de eu considerar feliz Múcio, que maneja o fogo, como se tivesse emprestado a mão ao operador mágico?" E o poeta Marcial canta (Epigr. III, 82): —

Percurrit agile corpus arte tractatrix,
Manusque doctas spargit in omne membrum.

Em Plauto lê-se: — "E se eu o acariciar lentamente com a mão, de modo que adormeça?" (Plaut. Amphitryo). Não se compreendeu bem

o que significava este tocar por passes. Aqui encontro mais do que buscava. Diz-se: "com mão suave e levantada" (Basilii Fabri Thesaurus eruditionis scholasticae, II, pp. 25, 38).

Quanto aos meios curativos empregados pelos Oráculos em diferentes casos de doença, há relatos suficientemente detalhados para sabermos que usavam muitos — inscreviam-nos em tábuas sagradas, representavam-nos em imagens e gravavam muitas vezes os seus usos e benefícios em colunas. Para produzir metamorfoses, possuíam vários meios mágicos, como os mencionados por Homero (pharmaka lugra; anthepharmaka), que Circe, para efetuar transformações, misturava e tocava com a sua vara mágica.

Saberíamos provavelmente mais se tivéssemos os escritos de Antípatro, Demétrio Falareu, Artémon, Mileto, Nicóstrato e Gémino de Tiro; ainda assim, aqui e ali restam vestígios, e provavelmente os meios curativos de Hipócrates eram sobretudo tais fórmulas templárias que ele havia reunido das tábuas sagradas.

Plínio e Galeno também deram a conhecer alguns deles. Segundo o primeiro, entre outros, a raiz da rosa-brava era recomendada pelo Oráculo contra a mordedura de cão raivoso (Plin. H. N. XXV, 3); segundo o segundo, a raiz do dictamo era especialmente recomendada pelo Oráculo de Ftias. Os passes magnéticos para curar doenças não eram incomuns nos tempos dos Romanos. O rei Pirro curava o baço com um toque do pé, e acreditava-se que no dedo grande do pé direito residia um poder divino. O imperador Adriano curava a cegueira apenas pelo toque, e foi ele próprio curado de uma febre violenta por toque semelhante (Ael. Spartian. Vita Hadrian.). Do mesmo modo Vespasiano curou cegueira e paralisia.

Das próprias inscrições nas colunas pouco se conhece. No tempo de Pausânias, ainda restavam, como já mostrei, seis tais inscrições no templo de Epidaurus, compostas no dialeto dórico (Pausan. II, 27; Strabo VIII). Em tempos modernos, na ilha Tiberina em Roma, foi desenterrada uma tábua de mármore com quatro inscrições diferentes do templo de Esculápio, todas referindo-se a modos magnéticos de tratamento. Foram publicadas pela primeira vez por Mercurialis, na sua obra De arte gymnastica, e Oruter deu-nos uma cópia delas. Fabret, Tomasius, Hundertmark, Sprengel e Wolf também as comunicaram. As inscrições recolhidas por Grater de

várias pedras monumentais romanas dizem todas: — Visu monitus; ex visu positus; in somno admonitus, etc. Marco Antonino agradece aos deuses os meios revelados em sonhos que o curaram. Tais monumentos foram também dedicados a Serápis. Muitos destes epígrafes encontram-se na Bibliothèque du Magnétisme animal, por membros da Sociedade do Magnetismo, t. VI, VII e sobretudo VIII (1819).

As inscrições nas chamadas mesas de mosaico eram as seguintes:

1. "Nos dias que passaram, um certo Caio, que era cego, recebeu do Oráculo a ordem de se aproximar do altar sagrado; dar a volta da direita para a esquerda; colocar os cinco dedos da mão sobre o altar e depois segurá-la sobre os olhos. E eis que o cego recuperou a vista perante o povo que aplaudia, e que se alegrava de tão esplêndido milagre ainda acontecer nos dias do imperador Antonino."
2. "O deus ordenou ao filho de Lúcio, que sofria incessantemente de uma pontada no lado, através de uma aparição noturna, que viesse buscar cinzas do altar, as misturasse com vinho e as aplicasse sobre o lado enfermo. E foi curado, e agradeceu ao deus publicamente diante de todo o povo, que lhe desejou felicidade."
3. "Julião, que escarrava sangue e fora dado por perdido por todos, recebeu do deus a resposta de que deveria vir buscar do altar as sementes do pinheiro, e tomá-las durante três dias misturadas com mel. E o homem sarou, e agradeceu ao deus diante de todo o povo."
4. "Valério Ápice, um soldado cego, recebeu do deus a ordem de misturar o sangue de um galo branco com leite, e banhar os olhos com isso durante três dias. E eis que recuperou a vista, e agradeceu ao deus publicamente."

Nas sentenças de Sólon, que Estobeu recolheu segundo a edição do *Gnomicus Graecus* de Von Brunk (Estrasburgo, 1784; Frag. V, B. 56-62), lê-se:

"Grande sofrimento muitas vezes de causa trivial surgiu,
E debalde os meios de alívio foram procurados;
Contudo, atormentado amargamente por doença dura e cruel,
Tocado pela mão, o homem de repente foi curado."

O próprio Brunk atribuía isto ao magnetismo da vida.

Outro passo, frequentemente citado, encontra-se em Apuleio: — *Quin et illud mecum repeto; posse animum humanum, et puerilem praesertim simplicemque, seu carminum avocamento, seu odorum delineamento soporari et ad oblivionem praesentium externari, et paulisper remota corporis memoria redigi ac redire ad naturam suam, quae est immortalis scilicet et divina, atque ita veluti quodam sopore, futura rerum praesagire.*

Quanto à teoria do magnetismo entre os Romanos, podemos passar adiante, visto que toda a sua ciência provinha dos Gregos, e eram por isso mais ou menos seus imitadores, sem contudo os igualar; embora Cícero se esforçasse zelosamente por provar que os seus compatriotas excediam todos os outros em saber (*De oratore* I, 15; *Tuscul.* I, 1).

Já expus noutra parte as opiniões de Cícero sobre a adivinhação, e de forma completa, donde se pode compreender não apenas o seu pensamento, mas também o de muitos outros que ele reuniu de modo magistral. Quanto às opiniões dos magos italianos mais tardios, encontram-se nos seus escritos difusos alguns grãos de ouro autêntico perdidos no meio de muita ganga, sobretudo nas longas histórias de sonhos e aparições, cheias de superstição, com doutrinas de origem mais ou menos neoplatónica.

Quão largamente a prática da conjuração era exercida entre os Romanos, mostra-no-lo abundantemente Plínio na sua *História Natural* (XXX, 1, etc.), entre muitos outros exemplos. Queixa-se, contudo, amargamente dos deuses estrangeiros, isto é, da invocação de divindades estrangeiras com cerimónias nativas, como no caso dos druidas na Britânia — *vatum medicorumque genus*. As artes da necromancia não eram praticadas tão secretamente em Roma como na Grécia; mas em Roma caíram em muito maior abuso e excesso, embora frequentemente fossem estritamente proibidas.

"*Cum multa sacra susciperent Romani, magica semper damnarunt*", diz Sérvio. A adivinhação pelos frutos já fora proibida pelas Doze Tábuas (Plínio, XXVIII, 2). Do mesmo modo foram interditas as orgias bacanais em 568, e os sacrifícios humanos em 657. Como diz Plínio (XXX, 1): — *Palamque in tempus illud sacra prodigiosa celebrata.* Sula condenou à morte todos "*qui susurris magicis hominem occiderint, qui mala sacrificia fecerint vel habuerint, venenaque amatoria habuerint*." Valério Máximo (I, 3) refere que era

proibido consultar as sortes da Fortuna em Præneste. Entretanto, com a invasão das divindades estrangeiras, entrou em Roma uma multidão de artes necromânticas, e a decisão foi expulsar estas juntamente com a proibição dos deuses estranhos. "*Profani ritus; superstitionis externae rea; divi sacrum ritus; actum est de sacris Aegyptiis Judaeisque pellendis,* etc.", diz Tácito.

A necromancia era, porém, tão prevalente que foi equiparada à traição e a outros delitos, especialmente à preparação de venenos. "*Proinde ita persuasum sit intestabilem, irritam, inanam esse, habentem tamen quasdam veritatis umbras, sed in his veneficas artes pollere, non magicas*" (Plínio, XXX, 2). Mas nem todas as proibições e castigos puderam suprimir nem a prática nem a crença nela; e a adivinhação dos caldeus e dos egípcios permaneceu em voga. Assim, Agripina consultou os caldeus acerca do futuro destino de Nero.

O mal dos tempos, a corrupção dos costumes e o declínio da fé nos deuses nativos não deixaram de influir grandemente neste assunto; e a disposição natural *e coelo futura et verissima* de aprender manifestava-se, segundo Plínio, tanto mais fortemente. A magia negra acabou por se tornar prática do povo miúdo, enquanto a alta sociedade a alimentava sob a capa de uma mal compreendida filosofia neopitagórica e neoplatónica, e adquiriu tal força que se usava como arma contra o Cristianismo, que os seus inimigos já não conseguiam combater com o poder dos deuses olímpicos.

Por outro lado, não era de modo nenhum negada pelos cristãos, que viam na dominação mágica dos caldeus a *legio fulminatrix* do diabo. A arte da necromancia já não se opunha, portanto, à religião greco-romana, mas unia-se a ela numa nova aliança para enfraquecer a credibilidade dos milagres do Cristianismo.

Como, portanto, os milagres, como já vimos, eram imitados pelos pagãos, especialmente no campo da história natural, e como os poderes da natureza podem ser manejados por uma mão científica de modo desconhecido para a maioria do mundo, é claro que os pagãos puderam em parte produzir maravilhas semelhantes, e em parte procurar atrás delas o princípio divino original. Ora, o conhecimento dos segredos da natureza conduz de forma mais segura a uma reverência e firme fé no verdadeiro Criador do que a ignorância e o medo desses mesmos segredos, que apenas levam à superstição e à perdição.

Assim encontramos entre os pagãos mais esclarecidos não apenas realizações ideais na arte e na ciência — não apenas um curso moral de vida exemplar — mas também uma revelação religiosa, com um genuíno amor ao próximo, que provavelmente envergonharia a maioria dos cristãos. Mas onde quer que existam desejos ignorantes e equivocados de praticar artes secretas e realizar milagres, aí a experiência curiosa e imprudente vinga-se a si própria; e isto é atribuído à divindade imaginária que domina o lugar.

Um exemplo notável deste género é relatado por Lívio (I, 31). Túlio Hostílio leu nos livros de Numa a arte misteriosa, a fim de, muito provavelmente, produzir um fogo elétrico, de que se falará em seguida. Mas, como não compreendia bem o assunto e procedeu de forma desajeitada, o fogo foi de facto ateado, mas destruiu-o juntamente com a sua casa. Júpiter, em cujo mito esse fogo elétrico se simbolizava, foi assim o deus da terra que puniu a ousadia criminosa do não consagrado.

Antes de explorarmos os vestígios até aqui insuspeitos da magia na Mitologia, lancemos um olhar sobre a escola neoplatónica de Alexandria, que, para a história da magia e a doutrina do magnetismo, é demasiado importante para ser omitida. Os neoplatónicos situaram-se no ponto onde a Antiguidade e o mundo moderno se separam. Estavam ainda mais próximos dos mistérios, e sabiam, num lugar como Alexandria, certamente muito mais deles do que se costuma imaginar.

Uniram a teologia mística dos egípcios com a filosofia dos gregos; e o carácter adivinhatório dos Terapeutas encontra-se, de modo notável, aliado ao acume filosófico no neoplatonismo. Por isso os neoplatónicos tornaram-se o elo de ligação entre as antigas conceções pagãs do mundo e o novo saber e fé cristãos. Ora, nenhum antiquário ousou negar que o conhecimento dos mistérios pertencia à teologia dos gregos e dos romanos.

Daí que a influência da filosofia neoplatónica na formação da teologia e da filosofia da Idade Média fosse tão predominante; circunstância que, quanto mais atentamente a examinamos, mais importante se mostra para o progresso da humanidade do que o chamado entusiasmo místico, que apenas difundiu disparates e superstição.

A confluência dos judeus regressados da Ásia com ideias zoroástricas, dos filósofos gregos e dos místicos egípcios em Alexandria — ponto de união entre Oriente e Ocidente, entre vida espiritual e temporal e

tráfego da época — pouco depois do início da era cristã, deu origem a essa escola notável em que todas as tendências da filosofia grega se amalgamaram com as doutrinas dos orientais, a Cabala judaica com as reflexões e especulações dos ocidentais tardios. O neoplatonismo procurou apresentar os elementos da teosofia e da filosofia segundo as doutrinas primevas dos profetas orientais, em combinação com o platonismo poético e a filosofia aristotélica sob a forma da dialética grega. A doutrina oriental da emanação, o número harmónico pitagórico, as ideias de Platão sobre a criação e a separação do mundo sensível constituem o verdadeiro tecido da chamada escola eclética neoplatónica.

Ao julgar esta escola, devemos distinguir os princípios mais elevados de teologia e filosofia das opiniões e perspetivas acerca de circunstâncias particulares do mundo da natureza e dos homens. Notemos aqui apenas as noções que os neoplatónicos tinham acerca da magia — o que sabiam, e o que podemos aprender com eles. Neste domínio encontramos muito, tanto sobre a natureza do êxtase e a sua explicação, como, sob o ponto de vista histórico, uma orientação e informação sobre os antigos mistérios. A medida destas revelações percebe-se melhor quando tomamos em mãos os escritos de Plotino, Porfírio e Jâmblico.

Estes espíritos eminentes esforçaram-se por defender o paganismo em declínio; mas os seus princípios aproximavam-se em muitos pontos do Cristianismo, de tal modo que inconscientemente exerceram poderosa influência sobre os defensores dessa religião e sobre a época; e as suas ideias, especialmente através de Dionísio Areopagita, passaram aos místicos da Idade Média, segundo os quais a contemplação e um quietismo predominante eram o dever do homem.

Amónio Sacas é apontado como o principal fundador desta escola (220 a.C.). Dizia ele que a filosofia nascida entre os povos do Oriente, trazida por Hermes ao Egito e obscurecida e perturbada pelas disputas dos gregos, fora restaurada à sua pureza por Platão; e que a religião popular era no fundo sinónima dela, apenas necessitando ser purificada dos seus erros, o que Jesus, homem excelente e amigo de Deus, fizera em especial — que possuía a arte de purificar a imaginação de tal modo que esta podia perceber os espíritos e, com a sua ajuda, realizar milagres (Brucker, Th. ii. S. 211; Büsching, a. O. S. 475).

O mais intelectual dos neoplatónicos é Plotino, que vivia na mais profunda abstração, jejuava muitas vezes e caía em êxtase, no qual percebia imediatamente a condição moral de cada homem e penetrava nas coisas mais ocultas. Uma vez, quando a humilde viúva que vivia em sua casa com os filhos teve um colar valioso roubado, fez com que todos os residentes passassem diante de Plotino; este olhou-os atentamente e apontou um deles, dizendo: "Este é o ladrão." E o homem, após alguma negativa, confessou. Porfírio, o seu biógrafo, refere também que Plotino, vindo subitamente ao seu encontro, lhe disse: "A tua intenção, ó Porfírio, não tem fundamento no espírito, mas procede de um mal corporal"; e aconselhou-o a viajar para Roma, onde de facto foi curado.

"Plotino chegou", diz Porfírio, "na sua iluminação espiritual (*δαιμόνιον φῶτι*, *daimónion phōti* = iluminação demoníaca/divina), à visão direta de Deus, que é supremo sobre toda a vida e pensamento; pois a união com Deus era o fim de toda a sua filosofia e meditações. Essa união dá-se por meio da contemplação abstrata, uma vez que Deus não está fora mas dentro de nós, não em lugar, mas no espírito. Deus está presente a todos, mesmo aos que não o percebem; mas os homens fogem dele e saem fora dele, ou melhor, de si mesmos. A união com o corpo é apenas parcial, como quando alguém tem o pé na água; e pela elevação do centro espiritual unimo-nos com o centro do universo.

As coisas incorpóreas não estão separadas pelo espaço, mas pela diferença de qualidades; se essa diferença cessa, estão imediatamente próximas entre si. Ora, sendo Deus omnipresente, estamos perto dele quando nos assemelhamos a ele" (*Enéad.* VI, IX, 8). Os homens respiram e vivem através de Deus, não dele separados; a sua escolha consiste na inclinação para o divino em oposição à atração da natureza corpórea. Por esta inclinação a alma eleva-se à região onde já não há mal, mas apenas paz, e aí recebe a sua verdadeira vida na tranquila união com o Eterno, pela qual surgem beleza, retidão e virtude, e a verdadeira força do homem espiritual. Pois, na união perfeita com Deus, a alma olha para si mesma e para Deus, glorificada e cheia da luz divina, sem peso terreno, que apenas volta a mostrar o seu poder obscurecendo.

Mas porque não permanece a alma assim? Porque ainda não deixou o terreno, no qual apenas ocasionalmente alcança a visão superior, onde o espírito que contempla repousa e se encontra acima da razão e do visível, e o que percebe e o percebido (subjetivo e objetivo) já

não são dois, mas um. A alma já não é, portanto, apenas si mesma (puramente subjetiva), mas é outra — precisamente aquilo que contempla; passa para o objetivo, tal como um ponto em contacto com outro se torna um só ponto e não dois (*Enéad.* VI, IX, 10). Por isso este estado é incompreensível, porque não se pode tornar inteligível a outrem aquilo que é visto como distinto do que vê. Daí a proibição relativa aos mistérios, de não transmitir o divino aos não iniciados, porque é essencialmente incomunicável a quem não participa dele pela sua própria perceção.

No estado mais elevado de contemplação, a alma está em repouso perfeito, não disposta a mais nada; transcende o belo e eleva-se acima do coro das virtudes, como quem entrou no Santo dos Santos e deixou para trás as estátuas do templo, que ao sair de novo são as primeiras visões que se apresentam. Estas, pela ordem, são as segundas contemplações, que se apresentam após a primeira e mais íntima contemplação ou visão, cujo objeto é informe (objetivo). A visão talvez não seja visão, mas um certo ver — uma saída de si mesmo, uma exaltação e simplificação de si, um pensamento em repouso.

Plotino afirma ainda que os contempladores devem aproximar-se de Deus e assemelhar-se a Ele, para verdadeiramente o conhecer. "O olho nunca veria o sol, se não fosse da natureza do sol — *ἡλίου ὅμοιον* (*hēlíou hómoion* = semelhante ao sol)."

Os trabalhos da natureza realizam-se também em raios opostos sobre o homem espiritualmente sábio (dinâmico): a saber, da fonte eterna de luz de Deus fluem incessantemente imagens (forças), formas ou espíritos, como os *εἴδωλα* (*eidōla* = imagens, ídolos) de Heraclito; de modo que podemos considerar o universo cheio de espíritos (*δαίμονες, daimones* = demónios/entidades espirituais), e animado por eles; e podemos compará-lo ao corpo humano, em que todas as partes se mantêm ligadas e unidas em múltipla simpatia. O sábio procura descobrir a harmonia das partes e não se admira quando a encontra nas coisas mais opostas: quando encontra estrelas em concordância com plantas, e uma indicada pela outra. Existe apenas uma única força, e a esta chama de poder mágico da natureza.

À comunidade de espíritos que nos rodeia sob múltiplas formas o homem só pode chegar retirando-se das atrações exteriores dos sentidos. Daí que tal comunidade seja alcançada no êxtase, que

geralmente é obra dos espíritos. Plotino tinha esses espíritos completamente sob o seu poder, e através deles curava as doenças mais perigosas, obtendo tal reputação que as pessoas acreditavam que possuía um *δαίμων* (*daímōn* = génio, espírito guia), com cuja ajuda predisse acontecimentos futuros e realizou feitos sobre-humanos. O seu confidente e discípulo, Porfírio, relatou coisas extraordinárias sobre ele. Ele próprio conhecia o seu *daímōn* e mantinha conversas familiares com ele. Entre outras coisas, quando Emílio o convidou a participar no serviço do templo, respondeu: "Os espíritos devem vir até mim, não eu até aos espíritos."

Com a ajuda dos espíritos, ou através do seu extraordinário poder espiritual, era capaz de atuar sobre os seus inimigos. Quando surgiu uma disputa entre ele e Olímpio, acerca de quem detinha o primeiro lugar na filosofia, Olímpio desafiou-o para uma prova de artes mágicas. Plotino lançou sobre ele toda a sua ciência e disse aos discípulos: "Agora o corpo de Olímpio contrai-se como uma bolsa"; e Olímpio sentiu-o de tal maneira dolorosa que desistiu da hostilidade e reconheceu que Plotino possuía o "poder espiritual supremo" (*Porphyrius, Vita Plotini*, c. 10).

No mais, Plotino baseava a sua doutrina na ideia da união universal (*ἕνωσις, hénōsis* = união), segundo Platão no *Banquete*; mas usava certas figuras para unir a ciência médica com a teosofia e atribuía poder especial a certas palavras, bem como a sons harmoniosos, que expulsam de modo maravilhoso os maus espíritos.

Porfírio, um dos ecléticos mais renomados, tinha conceções semelhantes. "A mente" — dizia — "deve ser purificada para que participe da visão de Deus e dos seus anjos. Existem espíritos bons e maus; os bons conduzem tudo para a cura, asseguram a nossa saúde e ajudam-nos nos nossos afazeres e esforços. Os bons espíritos advertem-nos em sonhos de perigos iminentes ou de outro modo" (*Porphyrius, De abstinentia*, II).

Que o homem pode unir a sua alma a Deus, Porfírio estava firmemente convencido. "Para tal" — dizia — "não é necessário sacrifício algum, exceto uma mente perfeitamente pura. Pela mais alta pureza e castidade aproximar-nos-emos mais de Deus, e na contemplação dele receberemos o verdadeiro conhecimento e discernimento."

Muito notável é a carta que Porfírio escreveu a Anebo, um sacerdote egípcio (*Porphyrii epistola ad Anebonem Aegyptium*, em *Iamblichus,*

*De mysteriis Aegyptiorum*, ed. Gale, Oxford, 1678). Este Anebo era provavelmente o nome de Anúbis, filho de Osíris, que tinha templo e recebia honras divinas. O sacerdote também usava o nome do deus. Nessa carta coloca a Anebo apenas questões sobre Deus, sobre os demónios, sobre a oração, sobre a natureza, sobre os sinais de separação entre o corpóreo e a alma. Se, nas aparições do êxtase, Deus, os arcanjos e os anjos falam connosco; e, sendo a ignorância das coisas divinas uma fonte fechada e um defeito de piedade, até onde se estende o conhecimento ou a falta dele. Sobre todas estas questões queria Porfírio aprender a verdade de Anebo, e sobretudo acerca da presciência das coisas futuras.

"Em sonho" — diz ele — "chegamos ao conhecimento do futuro, e muitas vezes sem qualquer agitação convulsiva (*sine exstasi tumultuosa* = sem êxtase tumultuoso), pois o corpo está realmente em repouso. Mas nem sempre percebemos as coisas tão distintamente como quando despertos. Muitos veem o futuro numa inspiração, ou num transporte divino, e isto como se estivessem despertos e os sentidos ativos.

"Dos que caem em transporte, vejo alguns especialmente excitados quando ouvem um cântico, um címbalo ou um tambor; e isto particularmente com os Coribantes e os possuídos (*qui Corybantismo patiuntur* = os que sofrem de Coribantismo; *aut Sabazio obtinentur* = ou são tomados por Sabázio), ou os servidores de Cíbele (*aut qui deorum matri operantur* = ou os que servem a Mãe dos deuses). A alguns isto acontece quando bebem água, como aos sacerdotes de Apolo em Colofão; a outros, quando se sentam à entrada de uma caverna, como os que proferem oráculos em Delfos; a outros pelo vapor que sobe da água, como as profetisas em Branchidas; a outros por certos sinais, pelos quais entram em comunidade com os espíritos, etc.

Outros ainda, de resto perfeitamente senhores de si, são inspirados simplesmente pela imaginação, e isso pela ajuda da escuridão, ou de certas bebidas, ou do canto, ou apoiando-se em determinada substância, contra uma parede ou ao ar livre, ou pela influência do sol, ou até de um planeta. Outros também têm vaticinado por meio de aves, vísceras", etc.

Ele investiga ainda sobre as artes e ocasiões da adivinhação, se os deuses e espíritos são realmente os seus meios, ou se as nossas próprias almas profetizam pela sua força própria; se tudo isto não é

mais do que uma centelha interior oculta, que apenas precisa ser atiçada em chama; ou se a adivinhação consiste em parte em inspiração divina e em parte procede do poder da própria alma. Que a causa resida na própria alma parece-lhe muito provável (l. c. p. 4), visto que, em alguns, são necessários vapores e incensos, noutros preces e consagrações; e a isto deve acrescentar-se que nem todos vaticinam, mas apenas os mais jovens e delicados. Assim, toda a vaticinação procede ou de um transporte, ou de confusão doentia da imaginação, ou de loucura (*insania*), ou de demasiado e prolongado vigiar, ou de imaginação excitada durante doença, ou, finalmente, de artes mágicas.

Toda a natureza e todas as partes do universo têm um acordo recíproco: a natureza, por assim dizer, é apenas um animal; portanto a natureza e todas as partes do mundo comunicam as suas predições. A Porfírio não parecia provável que os espíritos tivessem necessariamente de ser agentes da vaticinação, a qual pode acontecer de outro modo e por causas puramente naturais; pois, se toda a natureza está em acordo recíproco, basta que a centelha interior seja despertada para dar uma visão das partes do todo. Este é um atributo natural do homem, que, no entanto, só se revela em certas circunstâncias.

Finalmente, colocou a Anebo esta questão: "O que consideram os egípcios como a origem de todas as coisas? Se alguma coisa pode subsistir por si, ou em conexão com outra coisa ou com muitas? Se têm uma ideia física ou espiritual das coisas? Se deduzem todas as coisas de uma ou mais causas? Se os primeiros corpos são dotados de propriedades ou não? E se acreditavam que a matéria era criada ou incriada? Se os homens têm realmente um espírito guardião dado a eles, ou mais do que um; ou se até cada parte do corpo não teria tal espírito? Pois parece que um guarda a saúde, outro a beleza; e que sobre todos esses espíritos individuais está um geral.

Ou se há um guardião para o corpo e outro para a alma; e que pode acontecer que um seja bom e o outro mau? Suponho, porém, que o guardião próprio seja uma parte da alma, nomeadamente a mente; e que felizes são apenas aqueles que possuem um entendimento sábio." — "*Suspicor autem daemonem proprium esse quandam animae partem, videlicet mentem; eumque esse felicem, qui sapientem habeat intellectualem"* (1. c. p. 1 = "Suspeito, porém, que o génio próprio seja uma parte da alma, a saber a mente; e que é feliz aquele que possui um entendimento sábio e intelectual").

Um resumo breve e compreensivo desta carta encontra-se em *Agostinho, De civitate Dei*, livro X, cap. 2.

Todas estas questões o seu discípulo Jâmblico da Celessíria (*Iamblichus Chalcidensis ex Coelesyria*) procura responder na sua obra **Sobre os Mistérios dos Egípcios** (*De mysteriis Aegyptiorum*). Notarei aqui algumas dessas respostas que mais particularmente nos dizem respeito. Este Jâmblico, célebre pelas suas curas extraordinárias e pelo seu saber — tão célebre que Eunápio o chamou digno de admiração (*θαυμάσιος, thaumásios* = admirável), e Proclo, o divino (*θεῖος, theíos* = divino) — respondeu primeiro a Porfírio (livro I, cap. 3) sobre a questão dos deuses, assim:

"A ideia dos deuses está impressa nas nossas almas, bem como a crença nos espíritos, que são compreendidos não pela razão nem pelas conclusões da razão, mas por uma conceção pura e simples, que é eterna e contemporânea da alma."

Defendia os demónios como mediadores entre Deus e os homens, sucedendo-se em hierarquias regulares, de modo que os mais próximos dos deuses são etéreos — os demónios do ar — enquanto as almas são mais terrenas. Quanto mais algo está ligado ao corpo e ao mundo corpóreo, mais confinado e limitado está a um lugar particular; quanto mais incorpóreo e mais próximo de Deus, tanto mais livre e de presença universal é (livro I, cap. 8). A presciência dos deuses estende-se sobre todas as coisas e enche tudo o que é capaz dela, como o sol com os seus raios.

Quanto aos sonhos e à vaticinação, Platão, na sua ideia dos génios ou espíritos, adivinhou exatamente a verdade:

"São eles que nos revelam o futuro."

Assim, Jâmblico opõe-se totalmente à opinião de Porfírio de que é função natural da alma profetizar.

A sua teoria dos sonhos e da presciência contém muito de curioso e belo, do qual ouviremos algo mais:

"Há espíritos bons e maus; e de acordo com o seu caráter as vaticinações são verdadeiras ou falsas. A vaticinação em si não é obra da natureza nem da arte, mas um dom da benevolência divina. A profecia conferida pelos deuses acontece em sonhos, ou num estado intermédio entre o sono e a vigília, ou em plena vigília. Muitas vezes é como se ouvíssemos vozes a falar. Por vezes um espírito invisível paira sobre o que dorme, de modo que ele não o percebe

com o olho, mas por uma faculdade particular; e este presta o maravilhoso serviço de afastar os males da alma e do corpo. Quando os sonhos enviados por Deus terminam, ouvimos uma voz entrecortada que nos ensina o que deve ser feito; muitas vezes também a ouvimos nesse estado intermédio entre o sono e a vigília.

Por vezes aparece à alma uma luz pura e perfeitamente tranquila, durante a qual os olhos permanecem fechados, enquanto os outros sentidos estão despertos e compreendem a presença, o discurso e as ações dos deuses. Mas tudo isto é percebido com perfeita clareza quando também o olho vê, e o entendimento vigoroso é simultaneamente excitado com aquela faculdade peculiar. Todas estas coisas têm origem divina quando concordam entre si e não devem ser confundidas com o sono comum; portanto, não falemos de sono em ligação com sonhos divinos."

Como muitos não merecem tais prognósticos em sonhos divinos, ou os consideram como coisas humanas, raramente ou nunca têm esse conhecimento do futuro; e por isso duvidam — injustamente — que haja verdade nos sonhos (*Iamblichus, De mysteriis*, I, III, 2).

À aproximação de tal inspiração divina em sonho, o coração começa a abater-se, e os olhos fecham-se involuntariamente, como no estado intermédio entre o sono e a vigília. Nos sonhos comuns dormimos profundamente e não podemos determinar com clareza o que está presente na nossa imaginação. Mas quando o sonho vem de Deus, então não dormimos: percebemos perfeitamente todas as circunstâncias, e isso muito mais claramente do que em estado de vigília. É sobre este género de sonho que se funda a arte da adivinhação.

A vida da nossa alma é dupla:

- uma parte está ligada ao corpo (*altera corpori annexa* = uma parte unida ao corpo),
- outra separa-se dele e é de natureza divina (*altera divina et separabilis* = outra divina e separável).

No estado de vigília usamos quase sempre apenas a alma corpórea; no sono, pelo contrário, estamos como que libertos de todos os laços do corpo, e então desperta rapidamente essa parte espiritual ou divina, que age segundo a sua natureza própria.

Ora, como a mente se refere ao ser, e a alma contém já em si o fundamento de todos os acontecimentos, não é de admirar que, de

uma causa geral, também o futuro seja previsto. Mas quando a alma une a sua dupla natureza — isto é, a vida do corpo e do entendimento — com o espírito universal de que provém, então exigirá uma vaticinação mais perfeita: torna-se cheia de todo o conhecimento do universo, de modo que experimenta também o que se passa no mundo superior.

"Se a alma se esforça assim por unir-se aos deuses, recebe o poder e a capacidade de conhecer todas as coisas — o que foi e o que será; ilumina todos os tempos e contempla todas as coisas prestes a acontecer; regula-as antecipadamente, ordena, cura e aperfeiçoa. Onde há enfermos débeis, reanima-os; se os homens cometem desordens ou crimes, restaura de novo a ordem. Descobre as artes, distribui justiça e direito, e estabelece a ordem das leis."

Assim são curadas as doenças por meio dos sonhos divinos no templo de Esculápio; assim surgiu a arte de curar da observação das aparições noturnas em visões divinas. Pois Esculápio aprendeu a medicina com seu pai Apolo por este meio de revelação, pelo qual também foi introduzido o uso de venenos na cura das doenças. Esculápio transmitiu a ciência aos seus filhos, que a estenderam ainda mais.

O próprio exército de Alexandre teria sido destruído se Dionísio não tivesse demonstrado em sonho os meios de evitar desastres inomináveis.

E conclui este capítulo dizendo:

"De que serve percorrer exemplos particulares, se vejo todos os dias coisas semelhantes, suficientes, pela sua aparição maravilhosa, para tornar supérflua toda a argumentação? Estas coisas bastam para demonstrar a verdade da vaticinação através dos sonhos divinos — o que é, de onde vem e, finalmente, que vantagem confere à humanidade."

Igualmente notável é o que diz nos capítulos IV e V:

"O adivinho recebe dos deuses diferentes inspirações. Inspirações genuinamente divinas só as recebem aqueles que consagram plenamente as suas vidas aos deuses, ou que converteram a sua própria vida numa vida divina; que já não são escravos dos sentidos — *neque sensuum utuntur officio* (= nem fazem uso do ofício dos sentidos) — que não dirigem as suas vistas meramente a um fim egoísta, e que não expõem voluntariamente o seu saber à luz do dia.

Estes já não levam uma vida meramente animal ou humana, mas uma vida divina, pela qual são animados e guiados. Por vezes um espírito invisível e incorpóreo paira em torno desses adormecidos, que não são informados pela vista, mas por outro sentido e outra perceção. Esse espírito aproxima-se com um som de sopro, rodeia-os por todos os lados sem os tocar e apazigua maravilhosamente os sofrimentos da alma e do corpo.

Por vezes uma luz clara e tranquila ilumina-os, pela qual o olho se fecha e é como que cingido; mas os outros sentidos estão despertos, e percebem como os deuses caminham na luz, ouvem o que dizem e sabem o que fazem. No sono estamos mais libertos dos grilhões do corpo, e gozamos das ideias e do conhecimento da vida espiritual; e então desperta a forma divina e intelectual da alma. Então a alma é influenciada pelo todo de que é parte, e fica cheia de sabedoria e do verdadeiro dom da profecia, para que possa compreender a origem das coisas."

Há, contudo, diferentes espécies desta inspiração divina; por isso também as aparições são diferentes. Ou Deus habita em nós mesmo, ou nós consagramo-nos inteiramente a ele. Às vezes participamos do grau mais elevado, intermédio ou mais baixo da potência divina; às vezes Deus se revela a nós na sua plena presença; outras vezes é uma união pela inspiração. Por vezes a alma apenas participa da inspiração; outras vezes o corpo também com ela, e assim o homem inteiro — **"totum animal"** (o ser vivo inteiro).

Segundo estas diferenças, aparecem os diversos sinais no inspirado. Alguns, a saber, são agitados em todo o corpo; outros apenas em certos membros; outros, de novo, permanecem em completo repouso. Por vezes percebe-se uma harmonia bem regulada — uma dança ou um canto acorde; outras vezes o contrário disso. Às vezes os seus corpos parecem crescer em altura, outras em largura; outras vezes pairar no ar. Por vezes percebem uma voz suave e melodiosa; outras vezes, a maior variedade entre pausas, e sons mais graves ou mais agudos, etc. (sect. iii. c. 4, 5).

Vemos como Jâmblico conhecia a condição do clarividente até aos mínimos pormenores, e como compreendeu e descreveu com exatidão as diferentes anomalias deste estado. A causa disto ele não a procura, porém, nem no corpo nem na alma, mas só em Deus. "Não é um transporte, mas uma emoção secreta — **motus anagogicus** (movimento de elevação). É uma mediação de espíritos

e um sopro de Deus — entusiasmo. É luz divina e o espírito de Deus que nos penetra e ilumina." (cf. Doutrina da Sociedade Exegética de Estocolmo; Filosofia de Benathan, etc.).

Jâmblico explica a afirmação de Porfírio de que alguns caem diretamente em transporte ao ouvirem um instrumento musical:

"O que geralmente se diz da música e dos seus efeitos — pela qual os nossos espíritos são ora perturbados, ora suavizados; pela qual uns são excitados a excessos, outros a paz e mansidão, e em que diferentes ânimos são de maneira tão diversa afetados — tudo isto me parece natural, humano e não divino. Mas os próprios deuses têm a sua harmonia; e quando o canto e a música são dedicados a Deus, então adquirem uma relação diferente: então é música divina.

Então os deuses comunicam pela sua presença; sim, então a inspiração é muito mais perfeita, de maior poder e mais liberal medida; mas, por essa razão, não podemos afirmar que a alma, antes de estar unida ao corpo, tenha surgido da harmonia. Podemos crer mais razoavelmente que a alma então pertencia à harmonia divina; mas, depois de ter vindo para o corpo, e aí ouvir de novo os tons divinos, é de tal forma afetada que é arrebatada por eles, e bebe dessa harmonia tanto quanto pode conter. E desta maneira cada um pode compreender a origem desta profecia divina." (sect. iii. c. 9).

"Quanto ao resto", diz Jâmblico, "o poder de adivinhar não está confinado a nenhum lugar, como Porfírio parece supor quando fala da água em Colofão, ou dos vapores subterrâneos em Delfos, ou da corrente de água em Branchis; e, se não é nada corpóreo, mas livre e sem limites, lança-se em todas as coisas que é capaz de penetrar, está em todo o lado e sempre presente." (c. 12).

Sobre a adivinhação por sinais (per characteres), Jâmblico não parece depositar muita confiança. Pode às vezes resultar, mas não com a precisão e certeza que nos casos em que é feita para honra e na presença de Deus. Esta é apenas uma adivinhação superficial, cheia de defeito e ilusão — "fraudibus et errore plena" (plena de enganos e erros).

Elas fazem apenas uma impressão débil no espírito, já que falta a presença de Deus. Dão apenas sinais meio inteligíveis, porque são perturbadas por espíritos malignos, e são, além disso, fracas em si mesmas. Pois, tal como a névoa das trevas não pode suportar os raios do sol, foge deles e retorna ao nada, assim acontece com o poder dos deuses, que enche e ilumina todo o bem, dispersa as

hostes dos espíritos malignos e os expulsa para o reino das sombras. Para se tornar um verdadeiro adivinho, muito mais é necessário; para tal fim são imperativas grande santidade, muitos e longos exercícios de virtude, e o serviço de Deus. Pois que podemos esperar de bom e perfeito da parte daqueles que, pela obra de um só dia, tentam sondar a natureza eterna e verídica de Deus?

Ele prossegue ainda sobre os diferentes modos de adivinhação — tanto os naturais, pela água, pelo sol e pela lua, pela música e pelo canto, como os artificiais, pelas vísceras, pelo voo das aves e pelos astros. Esforça-se o mais possível por reuni-los numa arte, mas atribuir a causa final aos deuses, que, através de certos sinais e demónios, costumam falar aos homens.

Mas que os homens ou os sacerdotes possam ser a causa da adivinhação, considera ele uma espécie de blasfémia contra os deuses. Sem eles somos incapazes de fazer coisa alguma; pois a obra do homem é coisa vã, instável e, na verdade, apenas um brinquedo. Nem pode a alma humana, pela sua própria força, como que de um fogo interior e oculto, como supõe Porfírio, ser a causa da adivinhação, visto que esta depende inteiramente de Deus, e sem ele nada pode.

Quanto à adivinhação no sono (**per quietem**) e por meio de sonhos, ele atribui-a a uma causa externa: "pois, já que a verdade às vezes aparece voluntária e sem constrangimento, isto mostra que tal adivinhação pode vir de uma causa externa, assim como dos deuses; mas é uma causa existente por si só — per se existens causa — e o resultado não está no nosso poder — non in nostra potestate eventus." (sect. iii. c. 23).

Jâmblico sabia também que existe, no sono tranquilo, uma forma de adivinhação, mas que não a podemos forçar.

Todavia, muitos acreditam que podemos e devemos forçar o sonambulismo. Eu concordo com Jâmblico: devemos deixar os dormentes em paz, e apenas guiar e tocar na medida em que isso possa favorecer o desenvolvimento da adivinhação interior. Devemos cuidar para que a adivinhação seja verdadeira, e que ela, se quiser, nos revele o futuro real — "quod libera sit divinatio, et quod, quando vult, et quomodo vult, futura nobis revelet, cum benevolentia" (que a adivinhação seja livre, e que, quando quiser e como quiser, nos revele o futuro, com benevolência).

Segundo Jâmblico, a doença e a paixão não podem ser as fontes da adivinhação. Pois como poderia um louco ver o que o racional não consegue ver? E, no entanto, pode provavelmente haver alguma relação e semelhança entre eles e a arte da profecia.

"Quanto aos meios externos, como o uso de incenso e semelhantes, estes não têm relação com a alma do vidente — non recipiunt animam spectantis (não recebem a alma daquele que contempla) — mas com Deus. Também a oração e a invocação pouco dizem respeito à nossa mente, e nada ao nosso corpo; mas estes cânticos são entoados apenas a Deus. A razão pela qual apenas certas pessoas, mais particularmente as simples e jovens, são aptas para sujeitos de adivinhação, resulta do facto de que estas são mais facilmente afetadas pelos espíritos do que outras."

O que Jâmblico descreve mais extensamente nos capítulos restantes do seu tratado é, sobretudo, repetição. Uma coisa, porém, não posso deixar de citar: a sua observação sobre a oração. Aqui aprendemos quais são as opiniões a este respeito de um filósofo pagão — e elas, sob mais de um ponto de vista, pertencem ao nosso assunto. Vejamos se nelas há algo que nos instrua:

"A oração constitui uma grande parte do serviço sagrado, e confere uma vantagem universal à religião, criando uma ligação infalível entre os sacerdotes e Deus. Isto em si é louvável e digno, mas além disso conduz-nos a um conhecimento perfeito das coisas divinas. Assim, a oração proporciona-nos este conhecimento das coisas celestes, a união de um vínculo indestrutível entre os sacerdotes e Deus; e, em terceiro lugar — e que é o mais importante — essa devoção inefável, que coloca toda a sua força somente em Deus, comunica às nossas almas um repouso bem-aventurado. Nenhum ato prospera no serviço de Deus onde a oração é omitida."

A oração repetida diariamente nutre o entendimento e prepara os nossos corações para as coisas sagradas; abre ao homem o divino e acostuma-o, pouco a pouco, à glória da luz divina. Permite-nos suportar os sofrimentos e as fraquezas humanas; eleva gradualmente os nossos sentimentos e une-os à vida divina; produz uma firme convicção e uma amizade inextinguível; aquece o amor santo nas nossas almas e inflama tudo o que é divino. Purga toda a rebeldia do espírito — quidquid animo adversatur, expurgat (purga tudo o que resiste ao espírito); gera esperança e a verdadeira fé na luz. Em suma, auxilia aqueles que a praticam diligente e frequentemente a

uma íntima conversação com os deuses. Daí resplandece a força reconciliadora, realizadora e satisfatória da oração: quão eficaz ela é; como mantém a união com os deuses; como a oração e o sacrifício se fortalecem mutuamente, comunicam o poder sagrado da religião e a tornam perfeita. Não nos é lícito, portanto, desprezar totalmente a oração, ou apenas empregar uma parte dela e lançar fora o resto. Não, devemos usá-la por inteiro; e, acima de tudo, devem praticá-la aqueles que desejam unir-se sinceramente com Deus. (Sect. v. c. 26).

Estas doutrinas neoplatónicas, das quais citei aqui o que mais de perto concerne ao nosso tema, encontraram defensores e seguidores em todas as épocas: entre os mais recentes, Gale, Cudworth e, sobretudo, Henry Moore foram os mais célebres.

Próxima desta escola, e haurindo da mesma fonte, encontra-se a dos Teosofistas dos séculos XVI e XVII. Estes praticavam a química, pela qual afirmavam poder explorar os segredos mais profundos da natureza. Como aspiravam, acima de todo o saber terreno, ao divino, e procuravam a luz e o fogo divinos, pelos quais todos os homens podem alcançar a verdadeira sabedoria, foram chamados os Filósofos do Fogo — *philosophi per ignem* (filósofos pelo fogo). Os mais distintos entre eles são Teofrasto, Paracelso, Adam von Boden, Oswald Croll; e, mais tarde, Valentin Weigel, Robert Fludd, Jacob Böhme, Peter Poiret, etc.

## PARTE II

## SOBRE A MAGIA NA MITOLOGIA

Uma vez que já nos familiarizámos com vários factos históricos acerca da magia entre os Gregos e Romanos, podemos agora lançar um olhar crítico para trás, sobre o terreno mítico da mesma, a fim de justificar certas afirmações feitas acima — a saber, que a mitologia grega é em todo o seu conjunto de carácter mágico; que no antropomorfismo se simboliza a força da natureza; que a magia se reflete na mitologia; e que, na mais remota antiguidade, era uma espécie de filosofia natural.

Se os mistérios em si permaneceram enigmas não resolvidos, de modo que apenas de forma fragmentária e indireta podemos determinar os processos internos e a verdadeira natureza deles a partir de factos, indícios e sinais que chegaram até nós, é claro que

todas as tentativas de explicação hoje devem ser meramente hipotéticas. Podem, por conseguinte, admitir-se as seguintes hipóteses, que nascem inteiramente da base regular dos factos mitológicos. Além disso, a sua probabilidade não repousa em apoios vacilantes, pois não se sustentam na invenção, mas em fenómenos naturais, que a mitologia mais antiga envolveu em símbolos e que, nos nossos tempos, são corroborados por experiências magnéticas.

Em primeiro lugar, será preciso responder à questão: não será a mitologia talvez uma ciência natural mal compreendida, de modo que pelo menos uma grande parte desses enigmas poéticos repousasse originalmente em conceções de filosofia natural? Se assim fosse, então também a magia e a arte de curar nela compreendida seriam coisas inteligíveis.

Que provas se podem descobrir de curas mágicas, ou da arte médica magnética, na mitologia? Essa será a segunda questão, o verdadeiro objeto das observações seguintes, que muitos poderão considerar estranhas e para as quais talvez não se possa produzir uma prova convincente. Entretanto, tocam em muitas verdades que repousam na filosofia natural e que são aptas a esclarecer muitos pontos obscuros da vida física e espiritual.

Se alguém se esforça por introduzir, pela ciência natural, coisas úteis para a vida comum, pode, com prudência, contar com aprovação geral. Mas quando alguém se dispõe a considerar a nova luz adquirida pela ciência natural como luz prometeica, e procura aproveitá-la nesse sentido para iluminar os cantos obscuros do nosso planeta, a verdade é que a empresa não é tão simples como iluminar uma mina escura com uma lâmpada de Davy; nem o experimento se cumpre com tanta facilidade.

Entretanto, a história mostra-nos, por esplêndidos exemplos, que a questão não é impossível; e mostra, no mínimo, pouca penetração e conhecimento histórico, quando alguém, num tom de ligeira conversa, se pronuncia sobre matérias que deveriam ser ponderadas com calma, dizendo que não passam de especulações vãs e impraticáveis. — J. S. C. Schweigger, *Introdução à Mitologia através da História Natural*, Halle, 1836.

Se a mitologia deve ser tomada literalmente tal como se apresenta, e como geralmente é tomada, então é uma produção fabulosa extraordinária, tanto quanto ao conteúdo como quanto à origem. Para a filologia, é o nó perpétuo e irresoluto em que todas as raízes

das suas linhas estão escondidas, e do qual todos os ramos e flores descem, para sensualizar os atributos divinos e naturais das coisas. Para a poesia, é a fonte inesgotável de onde a imaginação tira as suas imagens e quadros do mundo físico e espiritual. Para a religião, a mitologia é um caos, através do qual ainda brilham tenuemente os raios obscurecidos do sol do verdadeiro conhecimento de Deus, que se pôs no dilúvio, enquanto ela sente nele uma dinâmica cósmica em ação, pela qual, numa purificação mitológica, o verdadeiro deus-homem se eleva gradualmente e se manifesta como por sublimação.

Se, agora, não encararmos a mitologia como esse facto tão facilmente atribuído, mas procurarmos penetrar para além do próprio facto e sondar aí a origem das coisas, então, provavelmente, encontraremos o fio certo e chegaremos ao verdadeiro desfecho.

Será a mitologia uma obra acidental de uma invenção indolente e lúdica, ou será um desenvolvimento necessário de uma lei instintiva da natureza, uma linguagem infantil semi-consciente da realidade, avançando através do labirinto obscuro da vida espiritual? Será o princípio fundamental da ação a imaginação criadora, ou a força dos sentimentos e da mente religiosa que aí simboliza ideias poéticas ou religiosas? Serão os símbolos e sinais algo surgido ao acaso, ou um trabalho arbitrário do homem; ou serão antes portadores e intérpretes originais de forças necessárias, que só são misteriosas porque perdemos a chave da explicação simbólica dos factos?

Em suma, tomemos a questão como quisermos, por todos os caminhos conhecidos não conseguimos chegar a uma conclusão satisfatória. A vida espiritual é invariavelmente apenas compreensível por dois lados: o poético e o religioso. Será então que o conhecimento da natureza e da força espiritual, que deriva da experiência, não terá lugar? E se atribuirmos à mitologia um fundamento e uma substância científica? Como, de que espécie, e donde deverá a teoria e o princípio ser procurados?

O verdadeiro conteúdo da mitologia deriva, de forma eminente, da história natural, e a origem dos mitos é uma linguagem simbólica física fundada numa necessidade natural. Tal é, talvez, o resultado das investigações de Schweigger na obra citada e na sua *História da Física da mais remota Antiguidade*, bem como em muitos tratados nos seus *Anuários de Química e Física*, especialmente do ano de 1820.

Schweigger demonstrou que uma filosofia natural perdida da Antiguidade estava ligada às opiniões religiosas mais importantes, e que, por esse meio, teve a maior influência sobre a arte e a poesia. Segundo as nossas ideias fundamentais sobre as características essenciais, sobre as leis naturais e o desenvolvimento da força espiritual, já expostas na introdução, não pode haver revelações existentes para uma língua especial, para a poesia e para a religião, como se fossem isoladas.

A alma humana é uma unidade indivisível de poderes espirituais. O sentido, que no sentimento subjetivo e na representação se desdobra no interior, compreende o mundo objetivo exterior, que o entendimento e a mente, em autoconsciência, voltam a formar numa unidade; da qual, por sua vez, o impulso subjetivo e a conceção na vontade se tornam novamente objetivos na revelação.

As operações do entendimento e a condição da vontade são, segundo a diferente receção pelos sentidos das coisas objetivas e segundo a constituição individual, mais ou menos palpáveis, e a vontade traz a substância das operações à revelação. Ora, que teria o homem originalmente como objetos de contemplação física, senão a própria Natureza, em que se encontrava totalmente, corpo e alma?

As contemplações ideais imediatas de Deus, para as quais os sentidos exteriores não estão adaptados, deixá-las-emos aqui de lado, pois falamos não do homem no Paraíso, mas da natureza humana caída; e as circunstâncias da arte devem primeiro ser atendidas. As representações originais deviam, portanto, ter sido certamente imagens de objetos naturais, e os sentimentos ligados a elas deviam consistir em prazer ou dor, o que determinaria necessariamente a atração ou repulsa objetivas do seu espectador.

É natural que, na juventude da humanidade, as representações fossem brilhantes e o sentimento vivo; daí que a combinação de tais imagens fosse mais influenciada por uma fantasia fugaz do que por uma razão tranquila: e este predomínio da imaginação sobre o entendimento é claramente visível nas antigas mitologias. As teorias eram assunto da reflexão, e vieram mais tarde.

Schweigger, nas obras referidas, colocou da forma mais ampla lado a lado as provas históricas em favor das conceções filosóficas, estéticas e artísticas, com a compreensão física dos mitos, às quais devo remeter o leitor. Eu próprio, apoiando-me nestas investigações e noutras fontes, tentarei mostrar que a magia nas eras primevas —

isto é, antes do chamado período histórico — estava contida nos mistérios, e que a maior parte desses enigmas poéticos da mitologia repousava, na verdade, em conceções de ciência natural.

Os monumentos mais antigos do Oriente e dos Gregos apontam para contemplações mais profundas da natureza. A imaginação dos poetas retirava daí o material tanto para as suas imagens sérias como para as lúdicas, e, por isso, o verdadeiro poeta é designado por **Platão** como mestre do presente e do futuro; donde a loucura pitónica (*μανία Πυθία* = "delírio pítico") ter mais valor do que a racionalidade humana tão altamente louvada; pois nela se fazem ouvir os ecos mais eloquentes do passado e as notas antecipadoras do futuro.

Mas será o mito apenas um poema; e será, portanto, igualmente vazio e fictício? A tal conclusão se poderia facilmente chegar se recebêssemos a mitologia apenas de **Homero** e dos tempos históricos. Mas o fundamento e a substância da mitologia situam-se muito além de Homero, a quem a Antiguidade representa expressivamente com a expressão de "o poeta sábio" (*σοφὸς ποιητής*) e como um velho, que, elevado não só acima da fugaz juventude da frivolidade, mas também acima do entendimento do homem ocupado nos negócios do mundo, fala com sabedoria, retirando do conhecimento passado, ao mesmo tempo, para o presente e para o futuro.

Na linguagem de Homero encontram-se expressas todas as particularidades da idade do homem e da inocência da criança — o fogo da juventude, o vigor do adulto e a reflexão calma do ancião de cabelos brancos; e refletem-se igualmente nos seus poemas a saga do povo e as doutrinas dos antigos mistérios; de modo que a mitologia deve ser considerada como um código de filosofia natural e de contemplações religiosas e poéticas, em que a ciência natural, ou melhor, as relações objetivas e religiosas, fornecem a matéria, e a poesia a forma — forma que Homero apresentou pela primeira vez ao público de maneira tão bela e inigualável.

O próprio **Heródoto** afirma que Homero e Hesíodo deram a genealogia dos deuses, atribuíram-lhes nomes, honras e artes, e descreveram as suas formas. Heródoto apresenta a sua visão como indivíduo, mantendo-se afastado do ensino dos sacerdotes: pois os sacerdotes de Dodona tiraram os nomes dos deuses do Egito, havendo originalmente na Grécia apenas um deus sem nome que era adorado. Tais foram os fundamentos dos mitos, que Heródoto

corrobora, atribuindo, porém, o seu desenvolvimento e ornamentação mais plenos a Homero e Hesíodo.

Mas não se trata apenas da mitologia grega: toda a raça original possui a sua mitologia — os indianos, os egípcios, os escandinavos e os germanos. Em toda a parte ela se encontra antes da história, e possui uma semelhança interna universal, embora os meios que restam para compreendê-las sejam maiores ou menores em diferentes países.

A mitologia germânica, por exemplo, é de todas a mais pobre e circunscrita nos meios de demonstrar a sua completude original. Grimm lamenta isto na sua *Mitologia Germânica*: "Aqui, sobre um solo morto, erguem-se árvores cujos ramos superiores têm folhas verdes; ali, o solo ainda é verdejante em baixo, mas todas as árvores estão secas. Raramente conseguimos evocar figuras do longínquo crepúsculo em suficiente nitidez para as podermos reconhecer e descrever."

Mas, como a imaginação, originalmente, corporizava as coisas objetivas e os sinais e símbolos expressivos — o que é a sua função essencial — os mitos surgiram por toda a parte da fantasia poética simbolizante, e não foram primeiramente inventados por Homero e Hesíodo e pelo seu tempo. A mitologia teve origem numa necessidade da natureza e em conformidade com as ideias que as nações formaram do mundo e com o espírito da sua linguagem.

De modo muito belo e instrutivo descreve Creuzer a poesia simbólica: embora não fosse de modo algum seu objetivo representar a filosofia natural como a base fundamental da mitologia, exprime-o, contudo, claramente, na sua *Introdução ao Simbolismo e Mitologia*, da qual podemos citar o seguinte para elucidar o que se segue:

"As composições imaginativas e as religiões dos povos", diz ele (Moser, *Compêndio*, 1822, p. 122), "jazem como facto na base da vida geral das coisas, sem qualquer separação do espiritual e do corporal. Este modo de pensar reconhece em toda a parte o vivente e o humano a partir de um impulso interior. O homem é para si o centro do mundo, e de todas as regiões da natureza a vida e o caráter refletem-se de volta nele.

A clareza e a figuração de escrever e falar, de pensar e inventar, que prevaleciam na Antiguidade, não devem ser consideradas arbitrárias, mas como um modo de expressão absolutamente necessário. O homem, considerando-se a si próprio como centro da criação, vê-se

assim em toda a natureza, e toda a natureza na sua natureza. Aquilo que a razão abstrata denomina força operativa (*vis operatrix*), era, para o seu olhar, uma pessoa.

O que nós chamamos plástico é, assim, a impressão da forma do pensamento a que a Antiguidade se afeiçoava, e da qual o espírito mais tímido de uma época instruída não pode libertar-se totalmente. As antigas religiões apresentam-se diante de nós como os memoriais desses tempos plásticos, cujo carácter fundamental repousa na força criadora da personificação."

Os elementos da natureza falaram ao homem, e ela tornou-se-lhe tangível através da alegria e da dor; expressou-lhe as suas sensações em imagens faladas. Esse modo de expressão reúne muitas características no foco de uma única frase, que de imediato imprime na alma e completa a intuição de um só golpe. As características essenciais do simbolismo são uma suspensão e indeterminação entre ser e forma; a simples luz de uma ideia encontra-se, num símbolo, deitada num raio colorido de significação. Esta significação, porém, nasce da exuberância do sentido em comparação com a expressão.

O sentido deve ser claro; aquilo que é para ser expresso deve ser expresso de forma positiva. O poder abrangente dos símbolos está intimamente ligado à sua concisão, que só é expressiva quando é pungente — quando irrompe sobre nós como um relâmpago, e abre uma visão para uma distância ilimitada. Mas apenas as coisas mais importantes podem ser significativas — aquilo que se origina no mistério do nosso ser, aquilo que enche e agita a nossa vida; e por isso os antigos eram atentos às indicações divinas nos momentos cruciais da existência; e à corporização destas chamavam símbolos.

"O estritamente simbólico limita-se à linha média delicada entre espírito e natureza; dentro destes limites pode servir para tornar visível até certo ponto mesmo o divino, e é assim altamente expressivo. Obedece à Natureza, funde-se na sua forma e anima-a; o infinito torna-se humano, e assim chega ao fim a luta entre ambos.

Esse é o simbolismo divino; essa é a beleza da forma unida à mais alta plenitude; e como a escultura grega a expressou de modo mais perfeito, podemos chamá-la simbolismo plástico. O carácter de necessidade nos símbolos podemos também designar como a linguagem simbólica da natureza; pois os símbolos são apenas uma reminiscência daquilo que fala ao homem como uma lei inalterável da

natureza: consagram as obras do homem à eternidade ao lembrarem-nos o curso eterno da natureza.

"Mas os Gregos, além da arte, conheciam uma expressão de saber mais elevado da doutrina secreta, que contém a significação — o símbolo no exterior de um enigma corporizado — αἰνιγμα (*aínigma*, enigma). Nisso sobretudo consiste o simbolismo templário da Grécia e de Roma. Quando a clareza da cena é totalmente aniquilada, e apenas o assombro permanece, de modo que certa instrução religiosa se insinua, o simbolismo é ainda mais enigmático, e a chave do mistério perdeu-se em muitos casos.

O símbolo é sempre uma ideia corporizada — a alegoria apenas uma conceção geral; donde o μῦθος (*mýthos*, mito) compreende esta, mas não o símbolo, pois nele está uma totalidade momentânea — na alegoria, um progresso através de uma série de momentos. O mito desdobra-se melhor num *epos* (epopeia), e tenta apenas no θρῆνος μῦθος (*thrēnos mýthos*, mito fúnebre) comprimir-se em simbolismo. Na alegoria há liberdade; no simbolismo a necessidade da natureza — ambos encobrem uma verdade."

Na observação mais distante da génese do *mythos* (p. 31, segs.), ele fala do mito histórico, que ordenava festivais, etc., a benfeitores distinguidos, como filhos dos deuses, em gratidão pelos seus serviços, e depois prossegue: —

"As ocasiões físicas para a origem de um mito eram provavelmente frequentes: — o caráter ou a força de um rio, a forma peculiar ou propriedades de um corpo natural, e a explicação destas coisas propagava-se, segundo Pausânias, como um mito. Ainda mais ocasião era fornecida pela operação secreta das forças da natureza, que para o homem não instruído eram tão impressionantes. Daí surgiu um grande número de relações, nas quais um elemento físico ou um fenómeno notável da natureza aparecia como a personagem atuante.

Até a linguagem foi uma mãe prolífica de deuses e mitos: e ainda mais nasceu do revestimento de símbolos, e dos factos encerrados em sinais hieroglíficos, sagas e lendas. Assim o *Mythos* divide-se em dois ramos principais, em doutrina e tradição, que entre si compreendem as convicções que, baseando-se em Deus, na natureza e no homem, mostram que a sabedoria de todas as suas especulações está corporizada em mitos éticos, tradições físicas, no conhecimento da antiguidade e da astronomia. Os mitos mais antigos

não são mais do que símbolos verbais, e assim no Oriente simbólico as nações são representadas como feras."

Tanto o espírito simbolizador da antiga ciência natural como o mito são anteriores à história, e os mistérios pertencem a um mundo anterior, do qual não nos desceram testemunhos que provem se foram produto de um mundo perdido de civilização ou do espírito poético primordial da jovem humanidade. Com tais especulações nada temos a ver, mas olharemos em redor para ver até que ponto os mistérios foram intérpretes da natureza; e que sinais podem ter contido da ação da natureza que ainda permanecem para a nossa contemplação.

Para esse fim servir-nos-ão passagens de descrições poéticas e históricas dos antigos, bem como o acordo das descobertas modernas da filosofia natural sobre as leis fixas da natureza, nas variações e anomalias dos fenómenos. Que grandes dificuldades se encontram aqui para chegar à verdade é evidente, já que somos tão propensos a tomar o novo como idêntico ao antigo, quando frequentemente há apenas uma semelhança aparente; e dado que as antiguidades das eras míticas foram tratadas de modo tão obscuro e enigmático pelos seus primeiros transmissores, que, segundo toda a probabilidade, sabiam muito mais do que revelaram.

Heródoto diz frequentemente: — "Encolho-me de falar das coisas divinas, isto é, dos mistérios, de onde primeiro proveio a religião do povo." Heródoto, Pitágoras, Empédocles, Orfeu, Tales, Parménides, etc., viajaram para o Egito e o Oriente, a fim de ali se instruírem mais perfeitamente em filosofia natural e teologia; e Heródoto diz expressamente que visitou o mais antigo templo em Tiro, para se informar plenamente do mito de Hércules.

O próprio Homero, a quem Heródoto atribui apenas a organização mais extensa da mitologia grega a partir de fontes egípcias, toca ligeiramente na filosofia natural dos mistérios. Como Heródoto, também Cícero diz que evita falar dessas coisas, ou passa superficialmente por elas: "Calo-me sobre Eleusis", faz Cota dizer; "esses ritos sagrados e veneráveis, onde o povo das zonas mais longínquas vai para a consagração: passo por alto o que se celebra em Samotrácia e Lemnos com cerimónias noturnas, ocultas por sebes frondosas."

Mesmo longe, nos tempos mais recuados, o material era retirado de eras anteriores à história. "A arte poética antiga, e sobretudo a

grega, tirava as suas imagens de um tempo ante-histórico", diz Schweigger, "para o qual as sagas sagradas entretecidas com elas, os mistérios, serviam de fundamento." Platão, no *Livro das Leis*, afirma que no Egito nem os pintores nem os artistas tinham permissão, no âmbito da religião, de inventar algo novo; mas aquilo que tinha sido pintado ou esculpido dez mil anos antes, eram obrigados a imitar, e a fazer os mesmos assuntos nem mais belos nem mais feios, mas precisamente da mesma forma. E", acrescenta, "quando dizemos dez mil anos antes, não o entendemos como uma figura de estilo ordinária, mas de facto." Assim Platão indica claramente não um simples período de dez mil anos, mas o tipo ante-histórico desse mundo de imagens.

Os antigos poetas também beberam dos mesmos mistérios; e, como diz Schweigger, os poetas trágicos levaram isto tão longe, e sobretudo Ésquilo, que as suas representações de alguns deles suscitaram queixas. Com o tempo os mistérios tornaram-se mais acessíveis; e Platão queixa-se disso, desejando que a iniciação neles fosse tornada mais difícil por maiores sacrifícios. Entre o povo comum era proibido falar dessas coisas, "pois não as podiam compreender, e não estavam habituados a acreditar no que não viam". Deviam também acautelar-se contra conversar com sacerdotes ignorantes e jovens sobre elas. Em ocasiões futuras, os tragediógrafos foram os únicos que falaram ao povo das altas e solenes verdades, numa época em que a cultura religiosa consistia apenas em oferendas e cerimónias.

"Nos mistérios, apenas as verdades da natureza eram discutidas", diz Schweigger; e entre os antigos o poético deve distinguir-se da probabilidade no seu sentido vulgar; por essa razão os poetas antigos não podem ser plenamente compreendidos "sem um conhecimento dos mistérios, que apenas são acessíveis através de um conhecimento da história natural."

Os mistérios samotrácios estão também ligados aos do Oriente e do Egito, e depois novamente aos mais tardios da Grécia e de Roma. Existe, pois, uma doutrina contínua, concordante, misteriosa, secreta, de filosofia natural e de teologia, de tal modo que pela descoberta do conhecimento de um podemos chegar eventualmente ao de todos, como Schweigger mostrou amplamente. Mas como acontece, poder-se-á perguntar, que tão pouco se tenha tornado conhecido destes mistérios, e do seu conteúdo particular, ao longo de tantas eras e entre tantos povos diferentes? A resposta é que isso se deve ao

silêncio universalmente rigoroso dos iniciados. Outra causa pode encontrar-se na destruição e perda total de todos os memoriais escritos do saber secreto da mais remota antiguidade, de modo que, além das tábuas votivas e de certas relíquias esparsas de sinais e hieróglifos, nada resta.

O que as invasões persas e as repetidas devastações dos bárbaros no Egito e na Grécia — o que o assolar com fogo, espada e pilhagem não tinha aniquilado, foi completado pela rudeza dos Romanos, que, como refere Plínio, aquando da conquista de Cartago não encontraram nenhum livro digno de ser traduzido para o latim senão um sobre agricultura. Todos os outros escritos e bibliotecas foram entregues aos pequenos reis africanos. O povo romano, vagueando pelo mundo em guerras devastadoras, nada aprendeu da ciência das antigas nações sujeitas: os restos do saber secreto que existiam entre eles foram em grande parte aniquilados pela queima dos livros de Numa; e os poucos fragmentos dispersos que ainda restavam, depois de várias tentativas falhadas, foram finalmente destruídos pelo fogo.

Os livros de Numa, descritos por Lívio, consistindo em filosofia natural, foram encontrados no seu túmulo; mas não se permitiu que fossem divulgados, para que não revelassem os mistérios mais secretos da religião do Estado. O pretor da época teve de prestar juramento de que esses livros não seriam publicados, como destrutivos para a religião nacional. O senado e os tribunos do povo determinaram que os descobridores desses livros fossem indemnizados, mas que os livros em si fossem queimados, o que foi feito perante o povo, pelos ministros dos sacrifícios, numa fogueira acesa para o efeito.

Quando, porém, aqui e ali, algumas porções da antiga filosofia natural se tornaram conhecidas, com a difusão do Cristianismo, ou numa defesa da natureza filosófica dos antigos mitos do paganismo, então surgiram os cristãos com um zelo ardente contra todo o corpo de doutrinas pagãs, e especialmente contra aquelas que repousavam sobre a ciência natural. Todos os milagres que, segundo a sua opinião, Deus não realizara, eram obras pagãs do diabo; filósofos naturais e até matemáticos foram obrigados a fugir para salvar a vida. Por estas causas não é de admirar que todos os restos da antiga ciência natural tenham sido destruídos juntamente com os templos e as suas bibliotecas.

A filosofia natural, a poesia e a religião, pela sua própria natureza, estavam intimamente unidas nas eras primevas, e os mais antigos relatos históricos mostram-nas ainda a manter a mesma aliança; e sobretudo a ciência da medicina estava unida à poesia e à teologia, na mais estreita ligação, no Egito, no Oriente e na Grécia. As canções gregas sobre ciência médica são atribuídas a Orfeu, o poeta dos hinos. Fragmentos de poemas sobre filosofia natural, de Parménides e Empédocles, ainda permanecem.

Prognósticos através da filosofia natural eram peculiares aos primeiros filósofos gregos; e a doutrina dos deuses foi estabelecida como parte da fisiologia por Pitágoras, por Platão e pelos Estóicos. Plutarco, em *Ísis e Osíris*, reúne muitas antigas tentativas de interpretação de importantes mitos físicos. Que alguns círculos místicos muito vastos estão ligados aos mais antigos sistemas de filosofia natural, como em Samotrácia, e que o paganismo tem a sua origem numa ciência da natureza mal compreendida, demonstrou-o suficientemente Schweigger no seu tratado sobre a mais antiga teoria da física.

Mas através destes segredos médicos e filosóficos, livros e símbolos do mundo antigo sendo mantidos secretos na sua totalidade, bem como nos seus fragmentos, como ainda hoje acontece na Índia com a ciência astronómica, surgiu este mal: não só deixou de haver qualquer progresso pela investigação experimental, mas cada vez mais erros iam continuamente surgindo. Pois, como afirma Diodoro da Sicília, as leis da cura das doenças estavam estritamente prescritas nos antigos livros sagrados, e qualquer médico que ousasse afastar-se delas na prática era passível de ser acusado em processo capital.

A ciência do mundo primitivo teria, portanto, de permanecer estacionária, ou antes retroceder da elevação e do esplendor a que tinha chegado — como testemunham os memoriais perfeitos da astronomia, da arquitetura, da pintura, da preparação das múmias; todos eles revelam um profundo saber físico e químico. E assim se explica o singular facto de que, segundo Heródoto, no Egito a arte de curar estava tão distribuída entre o povo, que cada médico, além dos dos templos, era designado para a cura de uma classe de doenças, e não de muitas; e por isso o país estava cheio de médicos. Uns para os olhos, outros para a cabeça, outros para os dentes, outros para a parte inferior do corpo, e outros para as queixas ocultas. Todas estas circunstâncias atuavam em oposição direta ao progresso, e levavam

cada vez mais fundo até à ignorância total; de tal modo que a fantasia desfavorável podia por fim moldar os sentidos originais à vontade em poemas e lendas.

Se quisermos agora descobrir o significado fundamental de entre o número de envolvimentos míticos, temos de recuar necessariamente às fontes primevas da própria mitologia, mas que jazem tão distantes que não precisamos procurá-las entre os Gregos e os Romanos; pois já Heródoto dissera que a origem do mito significativo de Hércules lhe parecia estar tão remota do seu tempo como nos parece a nós próprios — isto é, na noite dos séculos há muito passados. Ora, conhecemos hoje o mundo em círculos mais vastos, e no conhecimento das ciências naturais estamos numa elevação até aqui desconhecida na história, em que podemos, pela comparação dos fragmentos restantes, e por um laborioso desvendar dos registos históricos, enredados como que numa rede, descobrir novamente o significado original dos símbolos.

Esta solução, porém, estamos em condições de a obter apenas com a ajuda do magnetismo e das ciências naturais, e não no sentido dos literatos, pela ajuda dos registos escritos. Para a restauração do texto antigo, podemos agora servir-nos dos restos descobertos de sinais nas antigas pirâmides e templos derruídos; assim como as putrefações dispersas permitem aos professores da história natural reconstruir e apresentar-nos as criações primevas que existiram apenas antes do Dilúvio. Certamente que para isso é necessária a erudição e o discernimento de um Cuvier ou de um Goldfuss, se quisermos trazer os símbolos mitológicos da Antiguidade a concordar com os novos fenómenos magnéticos que se somam à longa linha da magia. Contudo, o resultado das nossas investigações atuais mostrará que os restos dispersos de registos históricos, tomados em conexão com os factos da magia, nos conduzirão a esta concordância essencial, e a um certo tipo firmemente fundado e mais inteligível.

Pela concordância descoberta do antigo com o novo, somos imediatamente lembrados de axiomas expressivos e convincentes da mais alta antiguidade, que são especialmente corroborados pelas experiências magnéticas — a saber, que a natureza, pelos seus elementos simples, produz os efeitos maiores e mais profundos. A água, o ar e a luz, e o magnetismo universal da terra, são as forças gerais pelas quais a natureza realiza as suas operações secretas; às quais, porém, não somos conduzidos pelo aspeto ordinário da natureza, e ainda menos pela imaginação, que se ocupa de todas as

coisas terrenas e celestes, exceto das leis mais profundas e silenciosamente atuantes da criação. Uma filosofia especulativa conduzir-nos-á tão pouco a um entendimento correto disso; pois a convicção, diz Bacon, não vem pelo argumento, mas pela experiência. A laboriosa, inquisitiva e rigorosa filosofia natural do nosso tempo demonstra, porém, essas leis imutáveis das operações universais da natureza, sobre as quais esse antigo saber secreto e o novo magnetismo se apoiam; a saber, que o poder original da água, como ensinado pelos mitos egípcios e indianos, e como afirmou Tales, efetivamente aperfeiçoa as maravilhosas organizações da vida vegetal e animal.

Que essas imagens míticas do céu e da terra; de Júpiter reinando na nuvem do trovão; de Posídon, o abalador da terra, nas rochas abobadadas do subterrâneo, e das alternâncias sociais dos Dióscuros, têm o mesmo fundamento que o princípio oposto da teoria pitagórica e os dogmas de Heraclito; e que, finalmente, a luta é o princípio da produção, e o arder é a solução da luta. A doutrina da polaridade na eletroquímica e no magnetismo mostra o domínio universal dessas leis na natureza inorgânica, e do magnetismo animal na natureza orgânica.

O poder governante do deus-Sol, o difusor da vida e das bênçãos, e, ao mesmo tempo, o que fere de longe, o punidor e destruidor Apolo, é mostrado na força vivificadora da luz, cujo poder penetrante e miraculoso de inflamar e aquecer está contido até mesmo na polaridade das cores. Se a influência do sol produz clarividência magnética, bem como a intensidade da força muscular, não concordará isto com o deus da antiga vaticinação, que ensinava aos homens o justo e o verdadeiro, segundo o todo-sábio e todo-poderoso Zeus?

Assim como a atividade universal dos elementos da natureza é mostrada na oposição, assim também o é na amizade e simpatia universais do mundo espiritual superior e do físico inferior. Ao mesmo tempo, é também dada a ideia de que o mundo visível inteiro é apenas uma imagem de um espiritual; ideia que foi expressa pela mais remota antiguidade, ainda que poeticamente, e que a filosofia mais recente confirma como fundada na dupla natureza do homem. Os fenómenos magnéticos oferecem agora de novo a mais completa prova de uma polaridade e simpatia universais, ou de um mundo físico e um espiritual atuando um sobre o outro nessa maravilhosa duplicidade de natureza e espírito. Pela conceção poética dessas

verdades da natureza, o mundo de imagens, em todos os aspetos, tomou o lugar principal nos tempos primevos, quando as conceções, como que recém-vestidas, se corporizavam nos símbolos expressivos das aparências resultantes das leis naturais; enquanto nos tempos posteriores, uma poesia caída da natureza lançava tudo arbitrariamente na confusão. Um processo filológico, portanto, fundado no espírito dessas eras posteriores, conduz apenas a um solo estéril, ou cumpre apenas um labor das Danaides, se faltar totalmente o talento para a investigação natural.

O verdadeiro sentimento da natureza, e o verdadeiro significado dos símbolos, já podiam estar ausentes nos mistérios tardios, visto que, segundo Heródoto, esses mistérios se ligavam a um período mais antigo, na base do qual jaziam aqueles princípios da investigação natural — a saber, os samotrácios; e desses mistérios procedeu a religião do povo, na qual o verdadeiro entendimento da natureza e a verdadeira inspiração do divino estavam em contínuo declínio.

Pois a própria natureza é poética, mais alta e mais profunda do que tudo quanto a imaginação dos homens pode alcançar: ela é, nos seus fenómenos maravilhosos, a expressão plástica da criação divina — uma voz de Deus, que ao homem cabe observar atentamente, a fim de ter consciência das maravilhas que continuamente se realizam no mundo.

Os verdadeiros observadores e veneradores da natureza, somente eles, os que seguem os seus sinais e escutam a sua voz, aprendem o segredo das suas leis que proclamam o seu Senhor; só eles são afetados pelo jubiloso assombro perante a ordem e a beleza de todas as suas partes, e pela harmonia das suas operações momentâneas e sucessivas: de modo que, com o tempo, a devoção se abisma em amor e adoração do Criador todo-sábio e todo-bom, enquanto o resto do mundo, como que embriagado de sono, se torna cada vez mais afastado do Divino e cai na cegueira e na superstição.

Por isso, todos os grandes filósofos naturais foram homens verdadeiramente piedosos; por isso, o clarividente magnético, passando do sonho do dia para a vigília do sono, irrompe em êxtase de admiração, em efusões poéticas e cânticos de louvor, em consequência dessa visão mais profunda das operações secretas da natureza e dos seus símbolos, como a própria Antiguidade poética, na qual o conhecimento da natureza, a poesia e a religião estavam unidos.

A verdadeira filosofia natural, portanto, conduz a Deus, e o desprezo da natureza afasta dele. "Um espírito que luta contra novas descobertas na natureza, pelo seu apego servil à letra do passado, tal como o encontramos em certos períodos da história, e especialmente na Idade Média — um espírito que está continuamente a reaparecer, como atualmente no Oriente, e particularmente na Índia, e que considera cada tentativa de aperfeiçoamento como algo fútil para o governo: tal espírito conduz diretamente, pelo obscurecimento do olhar não intelectual, de Deus para os ídolos da superstição; isto é, para o paganismo." — Schweigger, *op. cit.*, p. 105.

Uma poesia da natureza baseada numa personificação simbólica do poder da criação, incluía em si o duplo caráter do homem, segundo a sua constituição natural e divina; não só os prodígios fisiológicos, mas também os pneumáticos ou psicológicos. O mundo é um milagre, e todas as suas operações, as mais altas e as mais baixas, têm nele o seu jogo. Aqui a poesia é verdade. Todos os seus prodígios conduzem, pela tendência da natureza, aos mitos: os mitos primevos são a expressão da própria verdade; a compreensão destes é a única chave deles, e esta é preservada pela vigilância e pelo amor, mas perdida pela estultícia e pela selvajaria.

O entendimento poético da natureza é, portanto, a voz de Deus — o ideal supremo, que os elementos da natureza e os seus poderes simbolizam. Ele torna percetíveis as operações do reino mineral e vegetal através do sentimento livre e instintivo, como influência cósmica da natureza. Esforça-se por expor as relações da natureza com o tempo e o espaço, e também por encontrar uma expressão para as qualidades divinas do espírito, para as quais os corpos visíveis do céu são os mais adaptados, assim como as coisas físicas e elementos da terra o são para o homem natural.

Isto os mais antigos historiadores souberam e declararam. Estrabão diz que os antigos ocultavam as suas visões da natureza em enigmas, e envolviam as suas observações científicas em mitos concertados. Heródoto atribui a ulterior expansão do mito grego a Homero, com base num fundamento antigo lançado no Egito. Em Homero são indicadas numerosas tendências físicas; e nos tempos gregos houve admiradores de Homero que assinalaram essas tendências. Jámblico nomeia expressamente uma escola de profetas, originária em Móscus, a quem chama "o fisiologista", e de que Pitágoras se aproveitou.

O antigo historiador Sanchoniathon aponta o carácter mais antigo dos mitos como sendo o da filosofia natural, quando diz das doutrinas fenícias dos Cabiros que "o primeiro hierofante, em tempos incalculavelmente remotos, filho de Thabion, ensinou-as com uma mistura de tendências físicas e as transmitiu aos profetas que celebravam as orgias e os mistérios."

Todos os inquiridores modernos mais profundos da mitologia dizem o mesmo, ou diretamente ou, por assim dizer, involuntariamente — que os antigos mitos tinham um fundamento físico. Assim, Heyne dá por adquirido que as fábulas originadas na antiga cosmogonia e teogonia foram construídas para corporizar doutrinas físicas; e Herder afirma que um programa de Heyne, sobre a origem física dos antigos mitos, o satisfizera especialmente.

A obra de Creuzer, *Symbolik und Mythologie*, procede sobretudo na suposição do fundamento físico do simbolismo, e atribui aos mitos um antecedente físico-sacerdotal. Schweigger tratou este assunto até à exaustão, e sustentou histórica e ao mesmo tempo experimentalmente a origem dos mitos na filosofia natural, na personificação de ideias e na animação da natureza: para cuja *Introdução à Mitologia* remeto de novo o leitor.

Se, pois, a linguagem simbólica dos sinais nos mistérios tem o seu fundamento na filosofia natural, quais são os sinais míticos que denunciam relações mágicas e operações secretas da natureza? Ao responder a estas perguntas na região da mitologia, confesso certa relutância que por muito tempo me deteve. Mas não será permitido tentar colher algumas flores nesse vasto campo etéreo, onde tantas empresas encontram material, muitas vezes para a busca das mais extraordinárias aventuras?

Não será permitido seguir o fio outrora descoberto de Ariadne, e cuidadosamente atrair as coisas para essa região do círculo das operações mágicas, a que parecem pertencer, segundo a analogia e a concordância com os fenómenos do magnetismo? Já não tateando no escuro, mas com certa confiança, seguimos esse fio para o labirinto. Contudo, reafirmo repetidamente que aqui sigo exclusivamente as pegadas do poético e do filosófico, sem, ao mesmo tempo, renunciar totalmente ao ponto de vista teológico, nem estar disposto a afirmar que os pagãos não tinham um sentido religioso mais profundo, que apenas brincavam com os seus mitos, ou que adoravam diretamente os símbolos da natureza como deuses, de que já falámos.

Vejamos primeiro, porém, os símbolos que têm em geral uma significação física, e depois aqueles em particular que denotam uma relação puramente mágica. Já vimos que os antigos filósofos tratavam a teologia como parte da ciência física, e que é declarado abertamente que a doutrina primeva dos deuses se fundava na filosofia natural, e isto sempre com referência constante a um período anterior reconhecido.

Temos a propagação e a ligação do saber secreto desde o Egito e o Oriente, descendo do período tradicional pelos mistérios gregos e romanos; e Schweigger mostrou (*op. cit.*, p. 124) "que as antigas formas dos deuses não podiam ter surgido de certas ideias, como a de Minerva para a sabedoria, ou de Hércules para a força, etc.; mas que se radicam na natureza, e que, para as entender, devemos passar do poeta ao filósofo natural." Mostrou também que o mais antigo e mais influente círculo mítico, ou seja, aquele que desce da Fenícia e de Samotrácia, repousa certamente sobre uma base de filosofia natural, e que era considerado pelos Cabiros e Dióscuros como um registo hieroglífico da eletricidade e do magnetismo.

As circunstâncias seguintes da corporização simbólica são os elementos gerais da natureza — o caos e a noite; as forças regulares e as subitamente irrompentes da natureza; os elementos do fogo, do ar e da água; a atração mútua da terra e dos corpos celestes, etc. — cujas imagens são reconhecidas por todos os autores na personificação mitológica.

O fundamento eterno de todas as coisas era o Caos, do qual a Noite produziu a si mesma, e através de si própria fecundou o Éter — o ar do mundo, tudo-abrangente. Segundo Hesíodo, porém, a Noite é filha do Caos, e por Érebo deu à luz o Éter e o Dia. O Céu, Urano, e a Terra, Titéia ou Gaia, geraram o Tempo — Cronos (Saturno), e os poderes subordinados da natureza, terríveis e sem freio nas eras primevas. Os Titãs — cuja violência assaltante do céu, porém, não teve longa duração, pois já haviam sido precipitados por Urano no Tártaro, e aí, pelo ar superior continuamente aclarado do céu por Zeus (Júpiter), e pelo engrossar da crosta da terra, ficaram para sempre encerrados no mundo inferior.

Zeus, que lançava os seus relâmpagos elétricos pelo vasto espaço, purificava o ar no conflito dos elementos, e pela chuva que caía — Zeus *pluvius* — surgia a paz e a harmonia entre céu e terra. Contudo, as forças reprimidas exerciam-se no seu carácter negativo. Foram

ocultadas por Reia, esposa de Cronos, e de tempos a tempos irrompiam de novo, e guerreavam contra Cronos, até que Zeus, filho de Reia, finalmente chegou à soberania destinada, e agora apenas periodicamente, para favorecer ou anunciar, acendia os seus relâmpagos acumulados e enviava-os através do ar. O tempo devorador de tudo devia dar lugar a um curso regular de vida.

Reia, que dera à luz Zeus, envolveu uma pedra numa pele de cabra para o marido engolir; e os seus sacerdotes, os Curetes, os Coribantes, realizaram entretanto uma dança armada, e faziam tal estrondo com os seus escudos e lanças que Cronos não podia ouvir os gritos da criança recém-nascida; — pelo que, muito provavelmente, se entende a produção de meteoros; pois os Dáquilos Idáicos eram, segundo o testemunho unânime dos mitólogos, considerados como tendo certa relação com o ferro, que os Curetes dizem ter descoberto primeiro.

O ar tem os seus estados positivo e negativo, masculino e feminino. Absorve em si todos os elementos terrenos; desenvolve em mudanças eternas todas as forças em si, e gera inumeráveis filhos numa juventude e beleza sempre renovadas. Hera (Juno) é a irmã e esposa de Zeus. Entre os filósofos naturais, Hera significa a atmosfera inferior, na qual flutuam as nuvens e aparece o arco-íris. "Ela teve incontáveis rivais, que se transformavam em todas as espécies de formas", etc. (K. M. Halmier, *Succinct Mythology*).

"Ela é a filha mais velha de Cronos, e irmã de Zeus" (*Ilíada* xvi. 432). Oceano e Tétis criaram-na, quando o todo-poderoso Zeus precipitou Cronos sob a terra; isto é, o vapor que sobe do mar e das águas mistura-se na atmosfera inferior. Segundo Ovídio (*Fastos* vi. 285), Hera foi engolida por seu pai com o resto dos filhos, e de novo vomitada. A águia, que se eleva até ao sol, é a ave de Zeus; enquanto o pavão, terrestre e refletor de cores, é o acompanhante de Hera.

No interior da terra, a força oculta do fogo trabalha incessantemente como a força oposta e expansiva do ar subterrâneo. Hefesto (Vulcano), filho de Zeus, recebeu o senhorio do subterrâneo. Tal como o fogo, que de início aparece como uma faísca débil, era Hefesto ao nascer: fraco, feio, doente, lento e coxo; mas, ao crescer e exigir a sua força, possuía um pescoço robusto e um peito vigoroso. Construiu uma casa para si, que era imperecível, e nela tinha a sua oficina, com a sua bigorna e os seus foles, que, sem mãos,

trabalhavam ao seu comando (*Ilíada* xviii. 370; xx. 470, etc.). Os Ciclopes, o remanescente dos poderes originais da natureza, filhos de Urano e Gaia, forjavam para Zeus relâmpagos e trovões, habitando nas cavernas vulcânicas. Hefesto aparece entre os deuses pelásgicos, os Cabiros samotrácios, como símbolo do poder elétrico, como veremos, e da oficina comum de Hefesto e Atena disse-se que Prometeu retirara o poder vivificante.

Quanto ao resto, Hefesto aparece entre aquelas obscuras divindades samotrácias, entre os Cabiros e Axieros. O primeiro Cabiro samotrácio é Vulcano. Também entre os Etruscos ele é o deus lançador de relâmpagos; estava em ligação com Vesta, e tinha muitos templos. Chamava-se-lhe o renomado em arte, o conhecedor, o senhor do fogo, e daí o Lemniano, por causa da ilha vulcânica, e do oráculo ali existente.

Tal como a terra, o ar e o fogo, a água é um elemento original: segundo Hesíodo, Oceano, o mais velho dos Titãs, esposo de Tétis, de quem foi pai de oito mil rios e outros tantos mares menores. Segundo Homero, Oceano é o Grande, o rio-mundo que envolve a terra. Ele é a fonte original de tudo o que existe, a origem até dos deuses — θεῶν γένεσις (*theôn génesis*, Ilíada xiv.201), daqueles que conferem todo o nascimento e produção. Das suas águas ascendem as estrelas que nascem, Eos (Aurora) e Hélios (Sol), e tem o seu nascer no oriente e, no ocidente, o seu declínio.

Posídon (Neptuno), o deus do mar, especialmente do Mediterrâneo e das ilhas, traz o cetro tridental, e na guerra com os Titãs esteve firme ao lado de Zeus; lançou o de cem braços, Briaréu, ao mar. A relação da água com o ar; a ação recíproca de ambos na tempestade da guerra, tal como na produção de plantas e animais vivos a partir da terra, está simbolizada nele.

Tem a sua morada nas profundezas do mar; isto é, a sua força adormecida e característica. Aí estão os seus cavalos; mas, como monarca do mar, viaja com os velozes. Envia tempestades que fazem tremer a terra; concede também ventos favoráveis e viagens prósperas, ou mantém tudo firme como poder da terra (*Homero, Ilíada* e *Odisseia*). Os símbolos das forças elétricas do ar — o raio torcido e o feixe de relâmpagos — são dados a Zeus, e a Posídon o tridente, que é também o símbolo da soberania sobre as forças elétricas da água.

Rios individuais, como o Nilo (Ísis), os mares, os lagos, ribeiros e fontes, são especialmente designados por Nereidas, Ninfas, Náyades, Dríades, Hamadríades, etc.

Finalmente, a luz, o sol, Hélios, o deus-sol "que ilumina os deuses imortais e os homens mortais sobre a terra produtora de alimentos" (*Odisseia* xii.285). Entre os Egípcios já conhecemos Serápis como a imagem física do sol; entre os Gregos, mais tarde, foi Apolo. Hélios é o deus que tudo vê (*panóptēs*), o resplandecente, o descobridor, que contempla todas as coisas (*Ilíada* iii.277). De modo especial observava a maldade e o crime: "ele contempla deuses e mortais."

O poder vivificante das transformações pelo sol, na natureza, nos corpos e no espírito, está simbolizado nos muitos filhos que Hélios teve de diferentes mães: Asclépio, Circe, Fáetonte, Lampécia, Faetusa, as Helíades, etc., são filhos do sol. Segundo Sérvio (em Virgílio), Hélios é o único Titã que permaneceu no céu, e não se tornou hostil aos deuses. Sacrificavam-se-lhe carneiros brancos, cavalos brancos e o galo. É sempre representado como jovem, com um diadema de raios na cabeça; e as flechas de Apolo significavam originalmente os raios solares.

Conduzir-me-ia demasiado longe do meu objeto se desse novos excertos, além dos já fornecidos de vários autores, em prova da linguagem simbólica original desta mitologia de filosofia natural. Só posso remeter ao *Dicionário Manual da Mitologia Grega e Romana*, de Jacobi; aos *Restos* de Solger, publicados por Tieck e Paumer, vol. II; e à obra de G. J. Vossius, *De Theologia Gentili et Physiologia Christiana* (Amesterdão, 1608). Nem podemos aqui prosseguir a comparação com as mitologias de outros povos, que conduzem aos mesmos resultados.

O leitor pode, porém, permitir-me enumerar as figuras alegóricas que, pelo menos até certo ponto, continuam a ser usadas até aos nossos dias, tanto na arte como na vida quotidiana. A estas pertencem os símbolos dos anos, meses e dias, sob a forma de estrelas, planetas e animais. Das estações em particular — Flora, Ceres, Proserpina. As imagens físicas de certos animais: da agricultura, o boi; da alma, a borboleta; da vigilância, o galo; da sagacidade, a coruja, etc.

Para além destes, aponto apenas a ulterior filosofia natural, a linguagem figurada, tal como se relaciona com as forças elementares imponderáveis da eletricidade e do magnetismo. Schweigger mostra

(*Introdução à Mitologia*, pp.132, 228) que os Cabiros fenícios e os Dióscuros gregos, os Curetes, Coribantes, Telquinos, eram originalmente da mesma natureza, e apenas diferentes em pormenores secundários. Todos estes símbolos representam fenómenos elétricos e magnéticos, sob o antigo nome de "fogos gémeos", fogo hermafrodita. *Dioscuri* é uma expressão equivalente a Filhos do Céu — se, como afirma Heródoto, "Zeus representava originalmente todo o círculo do céu." O facto de os Filhos do Céu, ou Dióscuros, morrerem e regressarem à vida sempre juntos, embora seja imperiosamente necessário que um morra para que o outro viva, parece uma impossibilidade.

Mas segundo Schulz, não se pode compreender uma visão mais do que se pode esperar contemplar uma ideia. Uma visão física de uma coisa não deve ser confundida com uma lógica; e assim se indica a polaridade da eletricidade e do magnetismo da forma mais impressionante. Podemos compreender a eletricidade sob a imagem de dois indivíduos inseparáveis: e tal como o polo norte de um íman só se torna visível pela sua atração ao polo sul de outro íman — facto que pode considerar-se em relação a todo o globo em que vivemos — e assim a eletricidade só com referência ao seu oposto — assim aqui, no sentido mais estrito, é o caso de dois irmãos tais, que vivem e morrem juntos, embora seja absolutamente necessário que um morra para que o outro viva; e o que o povo considerou apenas como mito é a expressão mais simples, engenhosa e, ao mesmo tempo, mais profunda de uma verdade de natureza rigorosamente científica.

Schweigger prossegue ainda a explicação verbal da eletricidade por fricção, e da luz que produzia, tal como era conhecida nos tempos antigos — (cf. âmbar, *elektron*, em Teofrasto e Plínio) — e do fogo agradavelmente luminoso mas não queimador ligado a ela; fogo maravilhoso que já fora notado por Séneca como aparentado com o fogo de Hermes.

Acrescente-se ainda, nesta categoria, o significado original do medo pânico, e da ereção elétrica dos cabelos, de que só falta prova escrita, porque era uma lei dos Mistérios que nada fosse escrito. Contudo, perfeitamente claro e definido é o antigo símbolo hieroglífico, "pois os fogos gémeos a partir da centelha elétrica são desenhados de modo muito natural nas representações dos Dióscuros em moedas antigas."

Igualmente impressionantes são a eletroquímica e o eletromagnetismo modernos nas imagens dos Dióscuros, segundo a antiga opinião de Heraclito, de que o conflito das forças opostas é a origem de novos corpos, e que a reconciliação desses princípios em contenda se chama combustão.

Isto está, segundo Montfauçon, esboçado ao pormenor nas gravuras dos antigos Cabiros fenícios, de modo que até nas gemas antigas o feixe de raios representa a eletricidade positiva em cima; e, por outro lado, a luz da eletricidade negativa, representada em torno da cabeça, com movimento descendente, tal como é o curso do relâmpago, é descrita com perfeita correção pela posição das figuras; uma figura apoiada no pé direito voltando-se para a direita; a outra no pé esquerdo voltando-se para a esquerda; pelo que se demonstra claramente a intenção física de que os dois polos inseparáveis, Cástor e Pólux, se voltem para o polo sul — para a esquerda, isto é, do ocidente, do sul para o oriente; o outro, o polo sul, para a direita, do oriente, do sul para o ocidente, etc.

Schweigger mostra que as tentativas conhecidas de compreender as imagens com auxílio das correntes elétricas, isto é, pelos fenómenos do eletromagnetismo, não apenas satisfazem plenamente os entendidos, mas que os amantes da física podem, sem muitas palavras, com o auxílio dessa velha linguagem hieroglífica, dar-se imediatamente conta dos princípios dessas agitações maravilhosas (*op. cit.*, p. 280).

Quando uma vez descobrimos a palavra do enigma físico, todas as dificuldades desaparecem imediatamente. "E podemos agora ver que estes Dióscuros, estes mesmos filhos do céu, têm a sua rapidez representada miticamente pelas suas asas douradas, pelos seus cavalos brancos, pelo seu poder sobre o mar enfurecido; sim, mais ainda, pela sua súbita e assombrosa aparição, bem acima dos cumes, e pelo silvo no ar do bater das suas asas; enquanto de imediato as ondas montanhosas se aquietam, e os marinheiros já desesperados se veem resgatados na proximidade imediata da visão" (p.121).

A Antiguidade fala também claramente de atração e repulsão magnéticas. No sexto livro de Lucrécio *De Rerum Natura* (*Da Natureza das Coisas*), os fenómenos maravilhosos do íman são assim descritos:

"Os homens contemplam com assombro a pedra, quando ela forma
Uma cadeia de anéis separados pela sua própria força.

Cinco, e muitas vezes mais, pendem em fila,
Brincando aos leves ventos, um ondula sob o outro,
Tomando sua força de ligação da estranha pedra,
Tal poder dela flui, penetrando tudo.
Mas às vezes acontece que o ferro
Se afasta da pedra, dela foge, e é perseguido.
Vi os anéis de ferro samotrácios
Saltarem, e limalhas de aço ferverem numa taça de bronze,
Mal por baixo dela se colocava
A pedra-ímã: e com terror selvagem parecia
O ferro fugir dela em duro ódio."

O poeta fala do anel samotrácio e das experiências magnéticas nos mais antigos mistérios. Ainda falarei destes anéis magnéticos dos velhos mistérios, e aqui apenas acrescento as observações de Schweigger, de que as edições de Lucrécio por Lambertin e Faber atribuem a esses anéis samotrácios um poder secreto de afastar qualquer coisa nociva, poder esse que lhes era comunicado através da conservação nos mistérios. É também digno de nota que os sacerdotes de Zeus usavam anéis semelhantes.

A armadura do íman, e a sua força maravilhosa, são igualmente descritas pelos antigos escritores; e através delas o mito de Hércules adquire grande significado. A pedra hercúlea em Plínio é claramente um sinónimo. Este escritor procura, por artes retóricas, provar porque razão a pedra magnética na Antiguidade era chamada pedra hercúlea. "Assim como a rocha que ressoa", diz ele, "adquire como que voz, assim também a dura inércia da pedra recebeu da natureza sentimento e, por assim dizer, coração no íman.

Que há de menos compelido que o duro ferro? Mas aqui ele cede; assume modos; deixa-se atrair pelo íman; e, embora conquiste tudo o mais, corre atrás de não sei que não-entidade, e, mal dela se aproxima, detém-se, e permite-se ser retido e suspenso, como que em grilhões. Por isso algumas pessoas ainda designam a pedra magnética pelo apelativo de pedra hercúlea." Assim, o nome do íman não deriva de uma cidade dedicada a Hércules, mas porque magnético e hercúleo significam o mesmo.

"Se Plínio tivesse sabido", diz Schweigger (p.230), "que o magnetismo é uma força absolutamente inconfinável, invisivelmente penetrante, pela qual se justifica chamar Hércules de invencível; se tivesse sabido que essa mesma força podia tornar-se tão

universalmente útil aos navegadores por meio dos sinais astrológicos, já que mostra especialmente o lugar da estrela polar, guia dos marinheiros antigos; e que, portanto, Hércules foi justamente chamado o Astrólogo, o Adivinho e o Índice — sim, que foi com justiça considerado o mestre da navegação, o que o magnetismo realmente é.

Os Fenícios, que empreendiam viagens maiores do que qualquer outra nação antiga, atribuíam-nas a Hércules, que para as realizar usava uma taça ou cálice recebido de Hélio nas regiões ocidentais mais remotas, no qual devia estar encerrada uma influência dirigida a norte, pois 'ali Hélio mergulhava no mar ocidental': que esse cálice se voltava constantemente para o norte, tal como, de facto, o magnetismo de modo maravilhoso volta diariamente a flecha de Hélio, o que corresponde exatamente à variação ocidental da agulha magnética, e que ainda hoje é honrado pelos chineses com observâncias religiosas que lembram os mistérios samotrácios; se Plínio tivesse sabido que esse poder magnético está em conflito diário, até consigo mesmo, o que é a característica principal do mito de Hércules, que faz feridas e as cura; que pune crimes e continuamente neles cai, sempre necessitado de expiação; que combate monstros e depois, como servo, desempenha tarefas femininas, razão pela qual, nos mistérios de Hércules na Lídia, como ele próprio exprime, se exibia aquele espetáculo extraordinário de mudança de vestuário, os sacerdotes envergando roupas de mulher, porque Hércules trocara de roupas com Ónfale, exprimindo assim a polaridade magnética ligada ao mesmo indivíduo.

Se Plínio tivesse sabido que essa força hercúlea, escrava da pedra, pode irromper como alada, e então Hércules desperta do seu sono, como o Dáctilo Idáico ou o Cabiro fenício, e de anão torna-se gigante, com fúria insana destrói os navios confiados ao seu cuidado, enquanto durante este fenómeno natural relâmpagos irrompem das colunas que se erguem do mar; se Plínio tivesse sabido que a questão aqui é de um poder cósmico, que tem a sua morada nas profundezas da noite subterrânea, mas ao mesmo tempo também no sol cintilante, que nas auroras boreais através da autocombustão ascende da terra ao céu — então não lhe teriam sido necessárias subtilezas retóricas para estabelecer a mais alta antiguidade da sinonímia das palavras hercúleo e magnético, ou de magnetismo e Hércules."

O leitor poderá encontrar ainda mais provas da identidade entre magnetismo e Hércules na obra de Bart, *Os Cabiros na Alemanha*. Segundo Pausânias, Hércules era representado sob a forma de uma pedra bruta em Hietos, onde os doentes iam buscar cura num templo. A imagem de Hércules não era artisticamente formada, mas uma pedra rude, segundo o costume antigo, uma pedra ferruginosa bátila, uma pedra de trovão. E mais tarde, no culto de Hércules, a pedra rude, como característica própria, não foi totalmente abandonada. "Ainda existe", diz Schweigger, "uma estátua hermaica de Hércules trabalhada em pedra-de-toque; enquanto Plínio observa que a pedra Lídia, ou pedra-de-toque, era confundida com a pedra hercúlea."

Claudiano, nos seus *Idílios sobre o Íman*, fala nos termos mais elevados da pedra escura e invisível, que primeiro adquire poder do ferro. Observa agitações cósmicas como estando ligadas a ela, e acredita que as caudas dos cometas consistem no seu princípio essencial. Na tempestade e no relâmpago o seu poder, segundo ele, parece dominar. Claudiano encerra esta introdução com a representação de um serviço de templo, no qual uma imagem magnética de Vénus mantinha suspensa no ar uma imagem de ferro de Marte; enquanto Luciano fala de uma estátua antiquíssima de Apolo, da era hadriana, que era erguida pelos sacerdotes, e diante dos olhos permanecia suspensa no ar, sem apoio das mãos dos sacerdotes, o próprio ar servindo de sustentáculo num abraço vivo."

A conquista de Marte por Hércules, cantada por Hesíodo, que o representa como um poder subterrâneo com o elmo nos pés, característica do magnetismo terrestre, exprime a mesma ideia. Plínio relata também de uma estátua de Hércules em Tebas, que era feita de ferro. "Precisamente do mesmo modo", diz Schweigger (p.239), "como na China uma forma de culto religioso ainda hoje se baseia no magnetismo, havia então um culto religioso de templo no Egito ligado à magia, como aprendemos expressamente pelos *Idílios* de Claudiano."

Schweigger mostra ainda mais completamente como Hércules foi considerado pelos antigos escritores como magnetismo; como, sendo uma divindade dupla, pertencia ao mesmo tempo ao mundo superior e ao inferior; e como isso também, segundo Sérvio, era indicado por uma coroa de álamo prateado; como ele, enquanto Dáctilo Idáico, mal com dois pés de altura, era colocado ao lado de Deméter, com quinze pés de altura, nos Mistérios samotrácios. Ele mostra como

Hércules estava relacionado com Mercúrio; como, enquanto criatura da luz, o Apolo hiperbóreo (polaridade norte), poderia, como Musageta, ser-lhe substituído (pp.215, 246); como as duas colunas de Hércules indicam o duplo carácter do magnetismo, e originalmente eram chamadas Colunas de Briaréu, como a força magnética, gigantesca e primeva, etc.

Os Dáctilos Idáicos e os Bátilos pertencem ao círculo mítico dos Dióscuros. Tal como estes, segundo Estrabão, estavam em relação com o ferro, enquanto os Bátilos eram considerados ligados às pedras magnéticas e meteóricas, estes mitos tinham referência óbvia à polaridade do magnetismo, e falam de Dáctilos direitos, masculinos, e esquerdos, femininos. Plínio chama-lhes pedras da cor do ferro em forma de polegar. Segundo o seu número, deviam variar consideravelmente no aspeto.

Segundo Helaneu, os da direita desfaziam feitiços, enquanto os da esquerda os atavam — tal como acontece com as forças elétricas, onde positivo e negativo, masculino e feminino, a polaridade direita e esquerda, existem como potências opostas. "Tudo isto fala com grande força a favor dos poderes eletromagnéticos; dos quais podemos dizer com perfeita verdade, que a direita desfaz encantos, que a esquerda ata, e vice-versa.

E como os Cabiros eram representados como pigmeus, e o nome — Dáctilos — derivado de um dedo em vez de punho, denotava forma ainda mais diminuta, o nome, portanto, Dáctilo, num sentido eletromagnético, parece descritivo. Pois é isso que causa tanto assombro no eletromagnetismo, que por ele se formam, de modo inexplicável para nós, um grupo de cem pigmeus de ferro ativos, ímanes infinitamente pequenos, colocados próximos uns dos outros sem se interferirem; uns girando para a direita, outros para a esquerda.

Ora, como os Curetes, segundo o hino órfico que descreve o poder reinante na tempestade, são representados simbolicamente e miticamente como filhos dos Dáctilos, fica assim indicada uma dependência original de poder no magnetismo. Mas estes Curetes novamente geram novos Dáctilos Idáicos, e assim, neste mito, a dependência do poder elétrico em relação ao magnético, e depois novamente novos fenómenos magnéticos a partir do elétrico, ficam expressos" (Schweigger, p.199).

Os Bátilos eram também empregados em adivinhação, pois, segundo Tales, eram adorados na mais remota antiguidade no Egito e em Samotrácia, como pedras magnéticas contendo almas que haviam caído do céu. Todos os sacerdotes de Cíbele traziam consigo um pequeno Bátilo; ainda que provavelmente não fosse exatamente uma pedra meteórica, mas um íman, cuja ação polar sobre a pedra meteórica podia ser tanto mais facilmente observada, dado que tem cor semelhante à pedra magnética. Sobre o culto meteórico dos antigos, Von Dalberg reuniu muita matéria curiosa num pequeno volume.

O culto de pedras brutas, e o conhecimento dos antigos acerca do íman, especialmente no Egito, segundo Claudiano, mostra claramente que não se tratava de uma superstição cega, de uma adoração da pedra, mas de uma verdade secreta da natureza, da qual é quase certo que os antigos tiveram conhecimento até aos mais minuciosos detalhes, e cujo saber foi depois esquecido por séculos, até que, no tempo presente, as descobertas físicas lançaram luz sobre o eletromagnetismo, e daí sobre os mistérios antigos.

Também não deve o culto da pedra ser considerado apenas como um modo figurativo de falar dos poetas; pois esse culto era muito geral, como declara Claudiano, o poeta de origem egípcia, não apenas do Egito, mas também ao dizer de Eros, nos seus idílios, que ele venceu todas as coisas, e até despertou paixão mútua nas pedras. Segundo Pausânias, Eros era também venerado em Tespias sob a forma de uma pedra bruta, donde se torna claro que se pensava em pedras animadas por Eros; e tanto mais, quanto o mito do poder produtivo inesgotável de Hércules tinha referência a Tespias, isto é, às cinquenta filhas do rei.

Se, pois, ousarmos ligar a isto o mito narrado por Diodoro da Sicília, de que Hefesto deu a clava e as armas a Hércules, temos razão para pensar numa clava metálica, sobretudo porque Hesíodo fala de uma arma de ferro que Hércules carregava ao ombro, enquanto o seu escudo era cruzado de faixas azuis. A prevalência, nas pedras meteóricas, da forma piramidal ou em cunha oferece ponto de semelhança com a clava nodosa de Hércules. Vê-se também, pelo facto de Harpócrates, o débil, ser sempre representado como criança com a clava de Hércules, que estas não eram meras massas brutas, mas um símbolo místico, análogo àqueles Bátilos que os sacerdotes de Cíbele usavam, e que, segundo a suposição de Münter, eram provavelmente muitas vezes ímanes em vez de pedras meteóricas, e

por vezes podiam ser pedras da cor do ferro — isto é, Dáctilos Idáicos. Mas Hércules não está apenas ligado aos Dáctilos Idáicos, cujo nome partilha em comum com essa pedra, e pela associação com os Dióscuros e outros antigos seres cabíricos; ele é também, no círculo mítico cabírico, invocado como salvador, e foi expressamente contado entre os maiores deuses.

Depois destas representações mais detalhadas da antiga doutrina natural-filosófica das potências elementares, e da duplicidade original da ação da eletricidade e do magnetismo em particular, outras circunstâncias mitológicas afins tornam-se mais facilmente inteligíveis. A estas pertencem os diversos símbolos do fogo mágico, e os múltiplos atributos do mesmo entre os outros deuses — como o fogo vestal, que ardia inextinguível no altar, e que Numa, o fundador dos mistérios vestais, introduziu em Roma, segundo a antiga arte de trazer o fogo do céu, tal como era ensinado pelos mistérios samotrácios e cabíricos.

Schweigger mostra de forma incontroversa que esse fogo era elétrico, e que Vesta pertencia ao círculo samotrácio (pp.139–169); que o culto do fogo era praticado também entre outros deuses; como em relação a Hermes — o fogo de Hermes, o *Elmes-fire* dos antigos germanos; o raio de Cíbele; a tocha de Apolo; o fogo do altar de Pã, que originalmente lhe pertencia não como deus dos bosques mas como o iluminador Pã de cabelos em pé; a chama de fogo do elmo de Plutão; o fogo inextinguível no templo de Atena na Acrópole, que, segundo Homero, ateava o fogo miraculoso na cabeça de Diomedes. Do mesmo género era totalmente o fogo representado como ardendo nos chapéus dos Dióscuros, assim como o fogo no elmo de Palas, na cabeça da Górgona, no caduceu de Mercúrio, etc.

Ora, se este fogo elétrico era preservado tão sagrado nos mistérios, importa perguntar para que fim era assim guardado.
Se o objetivo imediato fosse religioso, o culto da divindade, então não teria sido necessária uma exclusão tão rigorosa dos não iniciados; mas, tomando a filosofia natural como objeto, e o uso prático da mesma, temos aí o fundamento deste culto tão estritamente misterioso; e Schweigger trata-o, penso eu, com insuficiente profundidade. Se observarmos a conexão completamente filosófica dos símbolos da eletricidade e do magnetismo nesses mistérios, poderemos duvidar de que os antigos tinham mais do que um objeto físico, ou que a eles estivesse ligado um uso praticamente medicinal? Se os antigos conheciam bem as leis físicas e as operações dessas

forças, será verosímil que lhes fosse desconhecida a sua natureza curativa?

Em toda a parte, em todos os templos, o serviço sacerdotal era preeminentemente terapêutico; um serviço secreto de cura dos doentes e de adivinhação, que já mostramos existir entre todos os povos. Não terão sido a eletricidade e o magnetismo, juntamente com a manipulação magnética, empregados como meios divinos e miraculosos? Tanto menos podemos duvidar de tal uso do poder eletromagnético, quando notamos a universalidade desses símbolos nos templos de todos os países — nos mistérios vestais, eleusinos, samotrácios e egípcios; e quando lançamos um olhar a muitas outras circunstâncias ligadas a eles que se tornaram conhecidas.

Os mistérios podiam ter sido praticados, e preservados do conhecimento do povo na sua transmissão para as gerações seguintes como grandes verdades naturais, especialmente em tempos históricos posteriores, sem que talvez o seu fundamento fosse claramente entendido. Pois, se se persiste na recusa da experiência livre, por um apego obstinado à antiguidade, e na repetição da mesma prática por todos os lados, nenhum conhecimento distinto da causalidade das leis da natureza pode existir. Uma adesão mecânica às práticas antigas podia, portanto, ter sido o único facto, sem qualquer consciência clara do sentido dessas práticas; como, por exemplo, sucede na repetição dos axiomas astronómicos ainda hoje entre os brâmanes indianos, e em tantos ritos da Igreja.

Mas a prática estava estabelecida, e a fórmula transmitida aos iniciados. Assim vemos que o fogo miraculoso, tão cuidadosamente ocultado dos não iniciados, era mantido com a maior diligência nos mistérios vestais e cabíricos; e os que não sabiam manejá-lo segundo a sua natureza eram destruídos por ele, e punidos pelos deuses. Plínio relata (*Hist. Nat.* xxviii.2) que Túlio Hostílio procurara nos livros de Numa "Jovem devocare a caelo" (*chamar Júpiter do céu*); mas, como não seguiu corretamente as regras de Numa, foi fulminado pelo raio.

Plutarco escreve, na *Vida de Camilo*, que Numa, o fundador dos mistérios vestais, em comunicação com a Musa, entregara às virgens vestais o fogo sagrado, para ser guardado como princípio vivificante e animador no santuário samotrácio; e acrescenta que "os que dizem estar melhor informados sobre este assunto do que os outros, falam

de dois barris não muito grandes — um aberto e vazio, o outro cheio e selado." O fogo elétrico assim oculto podia, por um artifício mecânico, ser rapidamente ateado no aparelho elétrico, sem que fosse visível o seu transporte até ao altar; e assim, fornecido de uma ponta, o fogo recebido sobre uma esfera, ou numa peneira de bronze, é facilmente compreensível.

As asas de ferro samotrácias, de que falámos a partir de Lucrécio, e que "ele viu saltar", eram sem dúvida conservadas no templo não sem um fim. O poder secreto, apotropaico, que lhes era atribuído, é prova de que a sua qualidade curativa já era conhecida. O sacerdote de Zeus usava também, segundo a interpretação de Creech daquele passo de Lucrécio, semelhantes asas de ferro sobre o corpo, aparentemente para reforçar a sua influência mágica, assim como os magnetizadores hoje, pelo porte de um íman, afirmam reforçar o efeito sobre o paciente. Em todo o caso, praticava-se incubação nesses templos onde se encontravam os anéis magnéticos. Mas essas asas constituíam cadeias regulares de ímanes, fortalecendo e conduzindo a força de uns para os outros, e eram uma espécie de bateria magnética, como Lucrécio diz naqueles versos notáveis (VI, 1041–1050):

"Quanto não se poderia dizer de coisas tais?
Mas para quê? Não precisas de ir mais longe.
E a mim não me convém prender-me a elas.
Ainda assim, aqui em pouco muito comprimirei.
E assim o que aqui é oco, ali preencher,
Para que a troca dê vigor e força.
Certas coisas pode haver que, como por anéis e ganchos,
Se usadas em conjunto, sejam como cadeias consideradas;
Como aqui parece ser o caso da pedra e do ferro."

Já foi observado que os velhos historiadores naturais, que parecem ter sido iniciados nos mistérios do templo, cuidadosamente passavam em silêncio os segredos filosóficos; sim, eram obrigados a calar-se quanto ao que, por exemplo, era unanimemente atestado pelos mistérios samotrácios. No templo de Deméter e Perséfone em Atenas, diante do qual estava a estátua do semeador de sementes, Triptólemo, celebravam-se os mistérios, que em tempos posteriores Pausânias não ousou revelar, e de que foi avisado por um sonho para não o fazer (*Ática* i.14). As pessoas ter-se-iam aproximado demasiado do santuário dos sacerdotes se lhes tivesse sido permitido

conhecer a verdadeira natureza do íman e a ação maravilhosa do ferro.

Ao mesmo tempo, não era proibido tornar tudo conhecido; algumas coisas eram explicadas aos não iniciados; mas sucedeu que, com o tempo, muitos factos chegaram ao domínio público. Assim, os não iniciados foram informados sobre o âmbar e a sua propriedade de atrair quando esfregado; e aquelas asas de ferro não estavam retiradas dos olhos de todos. Se algumas coisas jaziam assim expostas, e se o público chegava ao conhecimento dos fins e efeitos dos círculos míticos misteriosos por outra via; se uma ciência física semelhante era adquirida pela sua própria experiência — então, em tal combinação, coisas até então desconhecidas assumiam alta importância, e os mistérios tornavam-se cada vez mais claros ao olhar comum.

Ora, foi este o caso das asas samotrácias, que já no tempo de Plínio eram usadas pelos Lacedemónios, que aderiam firmemente às tradições samotrácias, e eram em alto grau adoradores dos Dióscuros; de modo que Calímaco até chamava aos Dióscuros "as pedras lacedemónias". É também muito notável que, no tempo de Plínio, o anel de noivado em Roma tivesse de ser de ferro; tal como, mais cedo, em Atenas, os recém-casados, sob o nome de Anaces, levavam ofertas aos Dióscuros, em símbolo da reconciliação das forças opostas, e com referência à esperança de descendência.

Ora, como Lucrécio expressamente, nos trechos citados, fala de ganchos e anéis suspensos juntos — isto é, de cadeias —, mas depois de artigos samotrácios feitos de ferro para fins magnéticos, a que, por exemplo, pertence a experiência com as limalhas de ferro, é muito claro o conhecimento dos Romanos da ciência física; e Schweigger traça o eletromagnetismo em tudo, tornando ainda mais evidente o seu saber médico.

Platão compara, no *Íon*, o poder penetrante da poesia com a força maravilhosa dos anéis samotrácios; mostrando assim o seu efeito até no espírito como influência auxiliar nas vaticinações dos templos. Que o íman desempenhava um grande papel nos templos é certo. Já falei dessa pedra magnética em forma de Vénus, que, por um abraço vivo, retinha uma estátua de Marte, erguida no ar. Pausânias fala também de um esplêndido assento ou trono de ferro, que estava junto ao lar sacrificial consagrado de Apolo em Delfos. Plutarco, em *Ísis e Osíris*, tem uma passagem notável em que se diz — segundo os livros

atribuídos a Hermes — que o poder que afeta a circulação do sol é chamado Hórus, e pelos Gregos Apolo; e logo depois, que os Egípcios frequentemente chamam Ísis pelo nome de Atena; e, de facto, com uma expressão que significa "vim de mim mesma" (*ἦλθον ἐξ ἐμαυτῆς*), o que denota claramente um poder original de agir. Tífon também é chamado Seth, Smy e Bebon — expressões que indicam poder de atar e de se opor. O íman chamam-no o osso de Hórus, o ferro o de Tífon, como diz Manetão: "pois assim como o ferro atraído por uma pedra frequentemente a segue, mas muitas vezes também é repelido e afastado em direção oposta, assim também o movimento salutar, bom e regular do mundo: ele gira e recua, suaviza e apazigua aquele rude poder tifónico, até que retorna a si mesmo e mergulha em insatisfação."

Neste lugar é usada uma linguagem mística, que contém mais do que uma simples ação física. Nela está oculta a ideia fundamental de uma atividade universal e magnífica do magnetismo, mesmo num aspeto cósmico. A filosofia mais recente não fala apenas de um magnetismo terrestre; descobriu que um magnetismo cósmico universal, uma força ativa no âmbar, permeia o universo.

"De bom grado proclamamos tais coisas,
Como o âmbar, primeiro na infantil maravilha do atrito,
Nos ensina depois a mover globos magnéticos,
Até que, jubilosos, contemplamos o curso das estrelas,
E as formas selvagens dos cometas de dupla cauda."

As experiências do magnetismo animal fornecem prova de que as potências cósmicas podem ser momentaneamente empregues; não apenas as do sol e da lua, quer vivificantes quer destruidoras, mas também o poder das estrelas pode ser tão poderosamente concentrado, que a cura e a destruição podem depender dele. Como deus da luz física, Apolo era também, preeminentemente, o portador do olho espiritual, o adivinho e fonte dos oráculos; e no *Zendavesta* diz-se "que o fogo dá conhecimento do futuro, ciência e fala amável." Apolo é também o vingador, armado com arco e flechas (*Ilíada* i.42, etc.).

É chamado o lançador de dardos fatais, bem como o deus criador, excitador da vida, e o deus que ao mesmo tempo paralisa a força dos homens — como repetidamente encontrei confirmado, para meu desgosto, na influência do sol sobre experiências magnéticas: nessa antítese, provavelmente, está contido mais do que se entende na

linguagem mitológica pelo influxo benfazejo do sol primaveril, e o calor pestilento do verão. É esse poder magnético que pervade o universo, que em pequeno produz saúde e doença através da ação alternante, e em grande une os astros numa só causação geral de vida e morte.

Encontramos também vestígios do uso do íman entre os antigos egípcios. Plínio relata que o templo de Arsinoe deveria ter sido abobadado com pedra magnética, a fim de sustentar uma estátua suspensa de Arsinoe feita de ferro, segundo o plano de Ptolemeu Filadelfo, mas que tanto ele como o arquiteto morreram antes da conclusão do templo. Segundo Cedreno e Agostinho, existiram antigamente templos assim construídos. Cedreno, com efeito, diz que uma antiga imagem nos Serafins de Alexandria estava suspensa por força magnética.

Agostinho, que, porém, não nomeia nenhum templo em particular, exprime-se como se se tratasse de uma flutuação no ar — uma lenda, diz Schweigger, que os maometanos também relatam acerca do caixão do seu profeta. Não é impossível, contudo, o que diz Cassiodoro, de que num templo de Diana pendia um Cupido de ferro sem estar seguro por qualquer suporte. Poderia estar diretamente sustentado por um íman fixo no teto. Tais eram os casos já antes referidos em que grandes pesos eram suspensos por ímanes.

Em ligação com estas passagens merece ser mencionado o que Plutarco relata das festas que se celebravam de nove em nove anos pelos chamados Dafneforianos, em honra de Hórus e Apolo em Tebas, onde uma esfera de ferro era transportada, da qual estavam suspensas várias menores. Também em Tebas, na Beócia, havia, segundo Pausânias, um altar constituído por uma pedra, que fora ali trazida por Hércules em sonho.

Este altar era dedicado a Apolo, e procurado como favorável à previsão de futuros acontecimentos. Já foi dito que o primeiro nome do íman era pedra hercúlea; e do *Batilene*, a pedra meteórica e adivinhatória dos sacerdotes de Cíbele, já falámos; e na China o íman ainda pertence às coisas santas religiosas, e recebe honras divinas. "Um número assombroso de oferendas", diz o missionário Gutzlaff, "são trazidas ao íman: uma peça de pano vermelho é lançada sobre ele, incenso é aceso diante dele, e papel dourado em forma de navio chinês é queimado."

Não é irrelevante aqui referir o que é dito num dos *Anuários de Wolfart sobre o magnetismo da vida* (livro II, parte 1), a propósito da visão de uma clarividente, em que esses anéis samotrácios de ferro foram descritos por uma pessoa que certamente antes nada sabia deles. "Quanto à vidente", diz o relator, "observo que esta visão não surgiu de modo algum por comunicação exterior — por audição ou leitura. Embora a paciente tivesse bom entendimento natural, dificilmente, pela sua educação e conhecimento da vida anteriores, poderia ter tido oportunidade de ouvir ou ver algo sobre estes assuntos."

O Dr. Martius perguntou à vidente se o magnetismo era praticado nos tempos mais antigos, antes do nascimento de Cristo, e isso pelos egípcios. Após uma breve pausa, ela deu-me a seguinte resposta, que repetiu durante vários dias: — "Numa grande planície arenosa, onde há um ar muito puro e saudável, a alguma distância de uma grande cidade, vejo um templo em que médicos ou sacerdotes curam os doentes. São egípcios." Ela descreveu então o templo, o estilo da construção, a orientação a oriente, as suas salas e vestíbulos interiores.

Primeiro, pareceu-lhe entrar numa esplêndida sala, cujo teto estava pintado com a meia-lua e muitas estrelas. Depois, uma porta conduzia-a a um grande salão, que tinha forma oval, como o edifício. Em redor da sala, a cerca de um pé das paredes, estavam dispostos dezoito leitos ou divãs para os doentes, ou antes para os adormecidos que ela via neles. Os colchões sobre os quais jaziam, e as almofadas, estavam recheados de ervas. Entre cada dois leitos, que estavam colocados a cerca de três pés de distância um do outro, e de modo que dois e dois ficavam juntos, com espaço suficiente para que alguém pudesse circular em torno deles, encontravam-se, onde as cabeceiras se aproximavam, segundo a forma da sala, nove colunas ocas, brilhantes e polidas, de ferro, com cerca de três polegadas de diâmetro e três pés de altura.

Estas colunas estavam firmemente fixadas sobre pedestais triangulares, que estavam cheios de ervas; mas as colunas estavam cheias de mercúrio, e fechadas no topo com um botão redondo. (Outra vidente magnética de Bendo Bendseu, nos *Arquivos* de Kieser, afirma que o mercúrio é o mais poderoso auxiliar do poder magnético.) Estas colunas estavam unidas entre si por cadeias de ferro polido, formadas de modo a projetar-se, e os elos eram de forma triangular, para isolar ou unir, conforme fosse necessário. O

espaço incluído dentro destas colunas era assim delimitado por elas. Uma corrente, cujos elos tinham a forma descrita, apenas mais robustos, era então estendida em redor de todo o espaço formado pelas colunas. Nessa corrente sentavam-se os doentes de cada lado, com as colunas às costas, segurando a corrente com uma das mãos, e na outra, por um cabo curto, uma esfera, no topo da qual havia uma cruz. Esta tinha também três polegadas de diâmetro, era oca e cheia de ervas.

Além disso, os médicos tinham tubos ocos de ferro polido, também cheios de ervas, com os quais tocavam as partes afetadas dos doentes. As estátuas egípcias dos servidores do templo têm quase sempre ricos bastões nas mãos. Com esferas apenas tocavam a fronte dos doentes, e especialmente dos adormecidos. Assim não aplicavam os pontos elétricos positivos ao cérebro, excitando-o, mas a eletricidade negativa da esfera — acalmando ou extraindo dela. Os doentes que sofriam de convulsões, e que jaziam nos leitos dentro do recinto das esferas, tinham esses ataques removidos especialmente por toques e fricções; como nós próprios verificamos, pela experiência, ser o mais eficaz.

Os inválidos, assim sentados ao longo da corrente, eram percorridos pelos sacerdotes desde cada extremidade dela, de modo que, segurando a mão direita ou esquerda de cada pessoa, um após outro, se encontravam no meio. Com a esfera tocavam a corrente e agitavam-na para aumentar e acelerar o efeito magnético. Ela via os adormecidos envoltos apenas em túnicas de linho branco, segurando na mão tais esferas.

Via os sacerdotes em vestes brancas com um cinto. Via este tratamento como uma transação religiosa, realizada apenas à noite, e com os adormecidos, principalmente ao luar. Os sacerdotes eram solteiros, e escolhiam entre eles o mais velho como chefe ou rei, que era adornado com uma coroa, e provido de um bastão e esfera, donde, disse ela, provavelmente teria tido origem o cetro de hoje.

A esta sala descrita juntavam-se outras duas, nas quais os enfermos eram tratados mais particularmente. Duas entradas conduziam a essas salas. O número nove das colunas tinha uma significação particular, e referia-se especialmente a uma constelação. A clarividente fez a excelente observação, a propósito desta visão, de que um estabelecimento assim, organizado pelo governo a expensas da nação, para tratamento magnético em grande escala, seria de

grande utilidade pública, com o que concordamos plenamente. Milhares seriam assim salvos, e as doenças mais graves seriam frequentemente curadas com a maior facilidade pelo magnetismo. Ela acrescentou ainda a observação de que no Vaticano existem muitos documentos sobre a prática antiga do magnetismo, que poderiam provavelmente ser encontrados mediante pesquisa.

Schweigger mostrou amplamente que os antigos poetas envolveram sobretudo o conhecimento do íman e do âmbar na fábula, e que o conhecimento do íman e da eletricidade era muito mais extenso do que geralmente se supõe. Mas encontramos também outros factos históricos isolados de ação mágica indicados na mitologia, que obviamente concordam com o magnetismo animal. Exatamente na medida em que aprendemos a compreender claramente a linguagem mítica da natureza através das descobertas mais recentes, e, por assim dizer, a imitar os fenómenos aí descritos, percebemos a verdade do sentimento de que as aparências naturais foram o fundamento dos mitos: *"Opinionum commenta delet dies, naturae judicia confirmat"* — Cícero.

Um breve olhar à mitologia basta para mostrar que tanto os deuses maiores como os menores constituíam, por assim dizer, um círculo mágico, e que em toda a parte se desenvolvem quer fenómenos físicos em geral, quer fenómenos e efeitos mágicos em particular. Remeto todos os que desejarem ver mais fundamental e plenamente sobre este assunto para o *Dicionário real etimológico-simbólico e mitológico* de F. Nork (1843); e para as *Investigações e coleções mitológicas* de Wolfgang Menzel (Estugarda, 1842, vol. I).

Nestes, o arco-íris e a abelha são particularmente escolhidos como provas de que os objetos da natureza são compreendidos no reflexo do simbólico e do mitológico. Bart, na sua obra *Os Cabiros na Alemanha*, tratou magistralmente a comparação dos mitos do norte e do sul com uma solução dos mistérios samotrácios da natureza; e ainda mais Jacob Grimm, na sua *Mitologia Alemã* (Göttingen, 1835) e em *O povo germânico do norte: a sua mitologia baseada originalmente em fenómenos naturais*.

Como as potências universais da natureza determinam todos os fenómenos da vida, determinam portanto a saúde e a doença, a vida e a morte dos homens. Os símbolos mais gerais aplicavam-se aos deuses maiores; e, por isso, indicam em toda a parte condições da cura ou da destruição dos homens. Já vimos os símbolos gerais de

Zeus e Hera, de Hefesto e Posídon, de Ares e Apolo, etc. As lendas gregas descreveram, nos combates dos Titãs, a sujeição das forças elementares selvagens da natureza; na batalha dos Lápitas e dos Centauros, as potências neptúnicas e plutónicas da natureza. Assim também, não é senão o combate dos elementos que Homero cantou (cf. Nork, *Dicionário real*, artigos Agamémnon, Aquiles, etc.). As ideias de ser primevo, de noite, de caos e de tempo são expressas em símbolos correspondentes, assim como a produção de todas as coisas é representada através da formação benfazeja e mutação da luz — Eros e a Mãe Terra — Reia.

Só a luz benfazeja cria vida, por isso Eros é o amor criador — *πρωτογόνος* (*protogenos*). Mas a vida molda os fenómenos multiformes, por isso Eros é chamado *πρωτογόνος* no hino de Orfeu a Reia, e *πολυμορφος* (*polymorphos*, multiforme), e nesse sentido parece ter significado sinónimo com o enigmático Proteu, o que assume muitas formas, o guardião das chaves do mar, como era chamado, e também do céu e da terra.

Daí deriva a representação de Eros alado como um pássaro, procedente do ovo do mundo, que Cronos, o Tempo, produziu da Noite — o espaço vazio — lembrando-nos da comparação da terra e dos céus às duas metades de um ovo, que se encontra entre quase todos os povos, e especialmente entre os indianos. Na Índia, o deus criador, Brama, procede de um ovo, como o sol, princípio da luz. "A ideia do amor eterno, primevo e que permeia o universo, foi, a pouco e pouco, contraída pelos sensuais gregos. O Deus do amor, cada vez mais despojado da sua alta dignidade como primogénito entre os deuses, decaiu até ao génio da paixão sexual; mas aquilo de que os Gregos o privaram em dignidade, restituíram-lhe em graça e amenidade" (W. Menzel).

Apolo, o deus da luz e do dia, tinha os duplos atributos universais de produzir e também, através do calor excessivo, de destruir. Como sol primaveril, difusor de fertilidade, é o guardião dos rebanhos; "apacenta até os rebanhos de Admeto e de Laomedonte; cria excelentes éguas, cura feridas que a morte das organizações físicas causa com novos nascimentos, e é daí chamado o curador, *παιάν* (*paean*), o afastador do mal, *ἀλεξίκακος* (*alexikakos*). Como amigo da harmonia na natureza, construiu as muralhas de Troia, e produziu, cercado pelas Musas — os nove meses, o ano original ou lunar consistindo de nove ou dez meses —, a harmonia das esferas, tocando a lira planetária de sete cordas. Daí ser também chamado

deus do canto, e da música dos instrumentos de corda; e que Homero representa como tocando para os deuses durante os seus banquetes (*Ilíada* vii.602), pois já não compreendiam o significado peculiar do seu caráter musical. Como deus da luz, era também o vidente, o descobridor com o olho espiritual, o adivinho e proferidor de oráculos" (Nork).

Ottfried Müller já representara a ideia de Apolo como dualista, na medida em que na sua pessoa se encontram dois lados opostos, que se apresentam inteiramente como os dois lados da natureza, o criador e o dissolvente. Apolo recebeu depois, pelo génio construtivo dos Gregos, uma metamorfose tal, que, afastando-se o lado meramente natural, surgiu como o mais belo de todos os deuses da Grécia em forma, o representante divino da ordem e da lei, da arte e da ciência.

Nork esboça ainda o carácter duplo original de Apolo, segundo as suas principais qualidades de vivificador e destruidor, que se divide em tantas porções quantos são os meses; pois os meses assumem em cada signo do zodíaco um novo carácter, que é constantemente representado por uma particular feição de cultivo. Na Cária, país de ovelhas, ele era, por exemplo, aumentador de rebanhos; e, como o carneiro e o bode têm em comum um signo zodiacal, Apolo nesta estação do ano vence o Mársias em forma de bode (o sátiro dionisíaco), e apropria-se da sua pele, enquanto Baco e ele se tornam um só ser, o novo representante do ano equinocial e expulsor do antigo.

Como deus da adivinhação, ele é o médico curador, *ἐπίκουρος* (*epíkouros*, auxiliar), o *ἰατρομάντις* (*iatromantis*, médico-vaticinador), e por isso em tempos de peste enviavam-se embaixadas a Delfos (Pausânias, viii.41). Ele proclamava a vontade de Zeus, e é chamado o profeta do pai Zeus em Dodona. Ensinou também essas artes a Hermes; por essa razão é o pai do médico divino, Asclépio. A adivinhação praticava-se em vários lugares, como vimos, pela sacerdotisa Pítia sentada no trípode e inspirada pelo vapor ascendente; ou pelo sussurrar das árvores, como em Delos; ou por fontes inspiradoras, como em Claros, etc.

Asclépio traz igualmente, em comum com o pai Apolo, o título de médico, curador. Outros dão Mercúrio como pai de Asclépio (Cícero, *De natura deorum* c.22).

De não menor importância para nós é o deus Mercúrio — Hermes. Ele é filho de Zeus e da ninfa Maia; do céu e da terra, originalmente pertence aos deuses difusores de bênção, como uma antiga divindade pelásgica arcádica, mas cedo absorvida pela mitologia helénica na natureza do arauto, e nesse caráter recuou cada vez mais do seu posto anterior. Nascido de madrugada, ao meio-dia tocava a guitarra, e à tarde roubou o gado do longíquo-atirador Apolo.

Atou ramos de tamarisco e de plantas semelhantes à murta às caudas e aos pés do gado, para obliterar todos os rastos dos seus passos (Hino homérico a Hermes, v.17, etc.). Segundo Homero, foi nos rebanhos sagrados dos deuses que ele os apascentava; segundo Ovídio e Apolodoro, os rebanhos pertenciam a Apolo. Além disso, segundo Luciano, Hermes roubou o tridente a Posídon, a espada a Ares, o arco e as flechas a Apolo, o cinto a Afrodite, o ceptro a Zeus, e as tenazes a Hades. Esta astúcia e destreza nas mais infinitas variedades fizeram-no chamar o multiforme, *πολύτροπος* (*polýtropos*), o astuto, *δόλιος* (*dólios*), o enganador; o deus e capitão dos ladrões.

Quando Hermes, após muitas artimanhas e resistências, foi obrigado a devolver o gado a Apolo, então apascentou-o para ele, inventou a *syrinx* e ofereceu-a a Apolo. Em troca disto, Apolo deu-lhe o bastão dourado, que ele próprio recebera como guardador de rebanhos, e com o qual se conferia a arte da oratória e da adivinhação.

Mas que significava realmente este bastão? Como os outros atributos de Hermes estão ligados a este facto, tentaremos apresentar a verdadeira resposta.

Pela sua destreza e eloquência, Hermes foi feito arauto e proclamador dos deuses, *Ἑρμῆς λόγιος* (*Hermes lógios*), *λόγων προφήτης* (*logōn prophētēs*, profeta da palavra). Os arautos eram oradores públicos em embaixadas, em comissões e em assembleias do povo (Ilíada i.338 ss.). Hermes era, portanto, o mensageiro dos deuses e dos homens. É o dotado de espírito penetrante; e o inventor de várias coisas, como a lira, as letras, os números, a astronomia, o sacrifício, as medidas e pesos, a ginástica, etc.

Ele concede uma parte desses dons aos homens, como ensinou Ulisses a resistir às feitiçarias de Circe; e todos os tais estão sob sua proteção. A Pandora deu, por ordem de Zeus, os dons da mentira e do pensamento subtil. Por estas qualidades foi chamado o que olha na noite, *κλυτόβουλος* (*klutóboulos*, de planos famosos). Como

arauto, levava aos homens as ordens e os conselhos dos deuses, e era para eles o génio portador de saúde. Como orador em conselho, e deus da eloquência, ofereciam-lhe línguas de veado; e com esta circunstância provavelmente está ligada a máxima grega — "Ἑρμῆς ἐν μέλει" (Hermes tem interesse), ou seja, quando alguém em companhia começava a falar com seriedade. Foi chamado também o doador da boa disposição, *χαριδότηρ* (*charidótēr*), que também pode significar benfeitor e difusor de bênçãos (Hino homérico xxiv.12).

Já nas qualidades que passámos em revista, percebemos em Héracles o poder elétrico todo-transpassante, em Hermes o intelectual, e, assim como o primeiro tem mais corpo, o segundo tem o espírito alado. Na história de Hermes estão também personificados todos os fenómenos peculiares do sonambulismo magnético, o que se tornará ainda mais evidente no que se segue.

Como arauto dos deuses, e especialmente de Zeus, Hermes é enviado para ordenar todas as coisas magnéticas, *ἄγγελος πρόβουλος Διός* (*ángelos próboulos Diós*, mensageiro-conselheiro de Zeus). Assim conduz Príamo até Aquiles, para solicitar o corpo de Heitor, de modo que ninguém o percebeu (Ilíada xxiv.336). Acorrentou Íxion à roda; soldou as cadeias de Prometeu no Cáucaso, feito atribuído por outros a Hefesto; raptou Ociône; vendeu Héracles; foi chamado por Zeus a roubar Io, transformada em vaca e guardada por Argos; adormeceu o Argos de cem olhos com a flauta recém-inventada. Em combate com os gigantes, armado com o elmo de Hades, que o tornava invisível, matou Hipólito.

Como arauto, foi também o cocheiro e mordomo dos deuses, e o condutor dos sonhos como mensageiros aos homens, *ἡγήτωρ ὀνείρων* (*hēgētōr oneírōn*, guia dos sonhos): aquele que me dá o sono e o tira, e empunha o bastão com o qual fecha os olhos dos mortais, quando quer, e novamente desperta o adormecido (Ilíada xxiv.345, 445).

Nesse caráter é chamado o remetente de sonhos, *ὀνειροπόμπος* (*oneiropómpós*); o doador de sono, *ὕπνου προπάτωρ* (*hypnou propátōr*); um génio que espalha um corno cheio de sonhos e de formas. "Os homens, portanto, antes de se deitarem, faziam-lhe libações (Odisseia vii.138; Plutarco, *Symposia* vii.6), e a própria libação, pela qual se procurava obter bons sonhos de Deus, chamava-se Hermes" (Filóstrato, *Heróico* x.8).

Por todas estas propriedades, Hermes é o companheiro dos heróis que empreendem aventuras perigosas sob a proteção de Zeus. Assim conduziu Príamo ao campo helénico (Ilíada xxiv.461); Perseu, quando foi buscar a cabeça da Górgona (Apolodoro ii.4.2); Héracles ao reino de Hades (Odisseia xi.625).

Como mensageiro de Zeus, conduziu as sombras dos mortos ao mundo inferior, mas ele próprio regressava ao Olimpo. Conduziu também Perséfone de volta do mundo inferior, e por isso foi chamado significativamente o condutor de almas, *ψυχοπομπός* (*psychopompós*), *ψυχαγωγός* (*psychagōgós*), *ταμίας τῶν ψυχῶν* (*tamías tōn psychōn*, administrador das almas).

Em ligação com isto, Hermes era também o estabelecedor da paz, o deus dos caminhos, do comércio e dos viajantes. Encontravam-se figuras dele nas portas das casas e dos templos, nos túmulos e nas ruas em grande número, e daí *στροφαῖος* (*strophaíos*, o guardião das portas), o *index* latino, a "pedra-de-toque" germânica (Hermes transformara o traidor Battus numa pedra negra). As hermas ao longo das estradas eram, na sua maioria, sem mãos nem pés.

O comércio traz lucro, e por isso Hermes é o conferidor de ganho e abundância, *πλουτοδότης* (*ploutodótēs*). Um achado inesperado, ou uma boa sorte, era *ἑρμαῖον* (*hermaîon*), e por isso ele era também o deus do jogo. Como deus-pastor e protetor de rebanhos, defensor do gado rural, dos cavalos e das mulas laboriosas, compara-se com Pã e as ninfas.

Do Hermes condutor de sombras, os mitólogos posteriores fizeram um terrestre e um subterrâneo, e Cícero menciona até cinco deuses com esse nome. Mas estes são obviamente apenas os poderes físicos, eletromagnéticos da natureza, que atuam no interior, abaixo e acima da terra. Hermes é o condutor — até mesmo pelo reino de Hades —, surgindo da sua natureza visionária, como condutor de sonhos, no qual se liga à deusa penetrante e portadora de sabedoria (*ὀφθαλμίτις*, *ophthalmítis*, a que vê), Atena — como quando é enviado com ela para absolver as Danaides da culpa do assassínio dos maridos (Sófocles, *Filoctetes* 183).

As sandálias aladas, a bolsa e o capacete tornam claras as suas diferentes qualidades, embora sejam em parte uma adição posterior, pois Homero o representa de forma mais agradável e algo mais jovem, um adolescente florescente, cuja face se cobria do mais doce encanto da juventude (Ilíada xxiv.347). O leve chapéu de abas, mais

tarde adornado com asas, ou em vez disso asas nos cabelos do deus, é o atributo do mensageiro dos deuses; assim também as sandálias aladas, "belas, ambrosiais e douradas, que o transportavam sobre o mar até terras infinitas, como levado por um sopro de vento" (Ilíada xxiv.340). Muitos dos mitos que se referem a forças físicas, como os de Hélio, Apolo, Héracles, Pã, etc., tornam-se agora compreensíveis; por exemplo, o planeta mais próximo do sol é chamado Mercúrio.

Como deus da eloquência, Hermes é representado com uma *chlamys* e o braço direito erguido; como deus do comércio, com uma bolsa; como aumentador de rebanhos, com um carneiro; e como arauto do sacrifício, com a taça sacrificial; como inventor da lira, com a tartaruga. Aqui temos os símbolos mais antigos dos mistérios samotrácios.

Mas que dizer desse bastão dourado que finalmente lhe foi dado? Se as metamorfoses completas dos fenómenos sonambúlicos não pudessem ser deduzidas da história precedente de Hermes, ainda assim resta, pelo que ela mostra, nenhuma dúvida quanto às peculiaridades atribuídas ao bastão.

Bastão mágico, bastão maravilhoso, bastão alado, bastão das serpentes — todos estes nomes diversos revelam o seu significado; mas os próprios antigos transmitiram a afirmação mais definida a seu respeito. No quinto livro da Odisseia, Zeus, no conselho dos deuses, ordena à sua filha Atena que conduza Telémaco com sabedoria; e ao seu filho diz:

"Hermes, que és sempre o executor das minhas ordenanças, etc.
A ele prontamente obedeceu o ativo destruidor de Argos...
Partiu veloz, e sob os pés atou as sandálias ambrosiais,
Depois tomou o seu bastão, com o qual as pálpebras dos mortais
Fecha à vontade, e o adormecido, à vontade, desperta."
(Odisseia v.47)

Ῥάβδος (*rhabdos*) significa originalmente vara, cajado ou bastão; pelo bastão de Hermes entendia-se preeminentemente o bastão mágico, com o qual os homens eram lançados no sono, ou de novo despertados (Ilíada xxiv.313; Odisseia v.47; Hino a Hermes v.526). O bastão mágico de Circe (Odisseia x.238; xiii.420). Na Odisseia, novamente, é chamado bastão mágico (xii.251). Não sei como o bastão magnético que Mesmer, Wolfart e seus discípulos usavam ao magnetizar poderia ser mais claramente descrito; mas estes tinham geralmente um bastão de ferro ou aço, como o chamado condutor, a

fim de, em certos casos, fortalecer e modificar o poder magnético, lançar as pessoas no sono ou despertá-las. Nos tempos antigos, parece ter sido originalmente um bastão de madeira, mas certamente não exclusivamente, pois também é chamado bastão dourado, ou pelo menos dourado por fora. Da mesma forma, o magnetizador experiente usa, em diferentes condições do doente, diferentes bastões; e, dos de madeira, os melhores, segundo as observações dos videntes, são de aveleira, loureiro ou oliveira. Ele usa também bastões de zinco ou de vidro.

O bastão na Antiguidade tinha vários significados. Ora é o cajado do pastor, ora o do arauto, como os que ainda hoje estes carregam; depois tornou-se símbolo de poder — o *σκῆπτρον* (*skēptron*), ceptro do governante, e o bastão mágico do necromante; e ainda o encontramos entre os oficiais dos templos egípcios. Donde Hermes derivou o seu bastão não é dito; nem há em Homero menção ao seu bastão das serpentes, que parecia ser o atributo peculiar de Asclépio. É chamado nos Hinos homéricos "o esplêndido, tríplice, infalível bastão que Hermes recebeu de Apolo" (v.559).

Segundo Apolodoro, é o bastão dourado que o próprio Apolo recebeu como recompensa dos seus serviços como guardador de rebanhos. Que o bastão mágico fosse também de metal é mostrado por uma passagem de Luciano (*Diálogos dos Deuses* 7, 5). Hermes recebeu este bastão, que outros deuses também possuíam — como Hades, Ísis, Atena e Circe — um bastão de poder maravilhoso, com o qual convocava as almas e conduzia as sombras ao Hades, de Hefesto. Em Virgílio está dito:

"O bastão que as pálidas sombras de Orco
Evoca, ou para o triste Tártaro as envia,
O sono dá e desperta o adormecido, e sela os olhos do moribundo."
(*Eneida* iv.242)

O bastão do arauto era de madeira de oliveira, adornado com apêndices dourados ou totalmente dourado, e era chamado, nas mãos de Hermes ou de Atena, por isso, dourado. Este bastão, *κηρύκειον* (*kērýkeion*), o Caduceu, quando queria expressar uma intenção pacífica, era enlaçado com folhas e fitas brancas (*στεμμάτια*, *stemmátia*), e era então a vara da paz. Mais tarde estes *stemmátia* foram transformados em serpentes, que se enrolavam no bastão em união amigável, e sibilavam uma à outra por cima. O par de asas no

bastão é também uma adição posterior, e simboliza o mensageiro. Hermes trazendo tal bastão era o arauto da concórdia.

Nunca faltaram diversos significados atribuídos a estas serpentes. São, nomeadamente, os símbolos da sabedoria, da cura, da vida e da regeneração. Schweigger associa o bastão serpentífero de Hermes com o círculo mítico dos Dióscuros, e mostra, a partir de gemas antigas, uma representação exata de um dos mais belos fenómenos eletromagnéticos dos tempos modernos; a saber, o redemoinho de serpentes de arame de ferro girando rapidamente em torno do íman, num círculo de faíscas revolventes e luminosas.

O bastão de Hermes está assim alado de pequenos relâmpagos cintilantes; e as asas da eletricidade estão, portanto, naturalmente ligadas a ele. Mas que, enquanto pensamos no bastão de Hermes, nos lembremos da força hercúlea, do magnético, justifica-se pelo facto de o bastão de Hermes ser antigamente representado em conexão com o clava de Héracles. Estas combinações podem ter a sua realidade; mas ainda mais justa em todos os sentidos é a comparação da vara mágica indutora de sono de Hermes com o nosso bastão magnético, com o qual estamos em condições de imitar plenamente as descrições antigas das aparições mágicas dos deuses gregos.

Não menos notável, e, portanto, perfeitamente relevante para o nosso assunto, é o significado germânico original da vara mágica; sobre a qual Grimm, na sua *Mitologia Germânica* p.515, diz: — "Um glossário antigo deriva o nome da vara-dos-desejos, segundo a noção do poder mágico da vara de Mercúrio. Mas o Caduceu não se derivava de desejos nem de desejar. A vara alada — *virga volatilis* — foi cedo representada como vara mágica; é a vara cuja posse torna o homem senhor de toda a cura.

O dom desta cura procede do todo-poderoso Woutan." Ele diz, entre outras coisas, na sua introdução para provar a identidade das mitologias nórdica e germânica: — "O nome de Desejo está em conexão com a Mulher-dos-desejos. As mulheres-dos-desejos eram empregadas precisamente como donzelas-cisne; e Woutan aparecia com o Capuz-dos-desejos."

Nos mistérios samotrácios todos os chamados grandes deuses estavam em aliança entre si. Não apenas aqueles já mencionados, mas também Atena, Cíbele, Deméter, Ceres, Prosérpina e Pã; e, no sentido da dualidade original, estavam também Hefesto com o pai

dos Cabiros, e Posídon com Héracles e Zeus, unidos sob o nome de grandes deuses. Assim vimos que estas divindades simbólicas eram originalmente apenas representações de fenómenos naturais. Diodoro da Sicília relata que os mistérios samotrácios foram fundados nos tempos obscuros anteriores à história, e que provinham de um mundo anterior destruído pelo grande dilúvio; mas que foram remodelados por Zeus, e primeiro dados a conhecer ao seu filho Jasião, que tivera de Electra, a fim de lhe conferir dignidade divina.

Córybas, filho de Jasião pela Mãe dos deuses, de quem os Coribantes receberam o nome, ensinou os mistérios da Mãe dos deuses na Frígia, ocasião em que a lira dada por Hermes foi levada para lá.

Por toda a série de imagens havia um tipo condutor, que a imaginação artística adornava com novas combinações, ou punha em relevo características individuais, ou acrescentava-lhes acontecimentos históricos. Referir-me-ei aqui apenas àquilo que tem relação com a magia. Em geral, dois Dióscuros indicam os princípios primordiais do eletromagnetismo; mas surge frequentemente uma tríade, e por vezes uma representação quádrupla — o masculino, o feminino, a direita, a esquerda, o positivo e o negativo.

A tríade — Hélio ou Zeus, Posídon e Plutão — representa os três pontos do fogo elétrico, o tridente de Posídon. Assim como para o mundo superior havia dois seres Cabiros masculinos, também para o mundo inferior havia dois femininos, Deméter e Perséfone, como frequentemente se vê na representação dos mistérios. Deméter era chamada a Salvadora Cabírica, tal como vimos Héracles no mesmo caráter.

Heródoto também afirma que Ísis significa o mesmo que a grega Deméter (enquanto Plutarco usa frequentemente o termo Ísis-Atena); e que não apenas em Sais, mas em todos os lugares do Egito, milhares de lâmpadas ardiam para indicar aquele fogo único, divino e universalmente ativo. Homero também representa frequentemente a sua Atena como Ísis-Atena — como soberana do mar; e isso, de facto, em dois poemas: ora com tempestades terríveis e ondas enfurecidas perseguindo os criminosos; ora detendo o curso dos ventos e ordenando a tudo em redor que repousasse.

Não raramente, em Homero, Atena é mencionada como de natureza de fogo salutífero, e como a bola de fogo que cai do céu, como no caso da estrela anunciadora da vitória sobre a cabeça de Diomedes. Ele fala de um fogo incansável, auto-sustentado, imortal e etéreo. Tal

como Atena, Ísis era também considerada soberana do mar, como é representada em moedas muito antigas. Numa das gemas Máficas, Atena segura um leme na mão direita; e junto ao leme o bastão repousante de Hermes, que é segurado entre papoilas; as quais, como a cornucópia, têm relação com a Cabírica Deméter. Aqui as forças eletromagnéticas, assim como o sono magnético, são apontados com suficiente clareza.

O capacete miraculoso de Plutão é, além disso, por vezes usado significativamente por Atena — o capacete que pertence às nove divindades armadas com relâmpagos, "com o qual ela atravessa os céus grande o bastante para cobrir os soldados de infantaria de cem cidades", mostrando-se assim um ser sobre-humano, gigantesco, e como aparição celeste, retirando-se rapidamente de novo da vista.

Minerva é, pela sua natureza, essencialmente profética. A sua mãe, Métis (*Μῆτις* — Sabedoria), uma filha de Oceano (*Ὠκεανός*) e Tétis (*Τηθύς*), foi a primeira esposa de Zeus. Depois de Métis se ter subtraído a Zeus passando por diversas formas, anunciou-lhe que daria à luz um filho e uma filha que assumiriam a soberania. Perante isto, ele engoliu-a, estando ela grávida de Atena, e assim produziu-a ele próprio (Apollod. i.3.6; Hesíodo, *Teogonia* 886). Segundo Hesíodo, Zeus engoliu Métis por conselho de Urano e Gaia, que lhe comunicaram o importante anúncio do futuro; e escondida no interior de Zeus ela profetizava-lhe o bem e o mal.

Homero não menciona mãe alguma. Segundo ele, Minerva nasceu diretamente da cabeça de Zeus, e daí foi chamada *tritogeneia* (Τριτογένεια, "a de três nascimentos" ou "nascida do Trito"), palavra, no entanto, várias vezes explicada: que significaria nascida no terceiro dia do mês; segundo Demócrito, porque conferiu três virtudes cardeais — profundo conselho, bom juízo e justiça na ação. Outros dizem que é filha de Hefesto; e, consequentemente, as festas populares, *Χαλκεῖα* (*Chalkeia*), *Ἀθηναῖα* (*Athenaia*) e *Πάνδημος* (*Pandemos*), eram celebradas em Atenas em honra conjunta de Minerva e Hefesto, como divindades que presidiam às artes. Pela mesma razão, Atena relaciona-se estreitamente com Prometeu, como aquela que o aconselhou a roubar o fogo do céu.

Segundo os hinos órficos, Atena é o princípio produtivo personificado, e como tal é sinónima de Fanes (*Φάνης*). Preeminentemente, Atena, como filha do todo-poderoso Zeus e de Métis, ou Sabedoria, é entre as divindades olímpicas aquela em quem o poder e a inteligência

estavam unidos; razão pela qual foi denominada protetora dos Estados, deusa da sabedoria e das artes — especialmente das artes úteis.

Ao mesmo tempo, é a deusa protetora da guerra, sob o nome de Palas; mas não se compraz no morticínio, como Ares, antes continha os homens da carnificina mútua, quando a sabedoria assim o aconselhava. Encontramo-la em Homero sem portar armas, exceto as que tomava emprestadas de Zeus (Ilíada v.735). Em Atenas era o poder protetor geral, a auxiliadora (*soteria* Σωτηρία), e deusa da cura, *Hygieia panouia* (Ὑγιεία πάνουια), à qual a serpente, como força regeneradora, era sagrada.

É notável que Atena fosse também entre os etruscos uma das divindades do relâmpago. Assim, numa moeda de Severo, ela aparece servindo a Hefesto, que forja para ela raios; e a coruja de Minerva, em moedas, é representada como portadora de relâmpagos. Assim, em Ésquilo, ela é feita dizer que só ela, entre todos os deuses, sabe onde os relâmpagos estão escondidos. Tzetzes, em Licofronte, dá a lenda de que Atena fora uma rainha chamada Belaniea, filha de Brontes, que tinha sido esposa de Hefesto e mãe de Erictónio.

Além dos nomes bem conhecidos que recebeu dos diversos lugares onde era cultuada, foi chamada a cantora — *Aēdōn* (Ἀηδών), a patriótica, a conselheira, a auxiliadora, a aplacadora do vento. Segundo uma lenda popular espartana, o seu culto foi trazido da Cólquida pelos Dióscuros (Paus. iii.24.5). Em Esparta tinha um belo templo adornado de bronze, e uma estátua também de bronze.

Como Palas, era chamada a donzela guerreira — *Pallas* (Παλλάς); *Pania* (Πανία), que dá saúde e abundância; *Seiran* (Σείραν), em memória do profeta de Dodona; e daí as festas *Seirophoria* (Σειροφόρια), em que um dossel branco era levado do palácio para o templo de *Skiras* (Σκίρας), por uma sacerdotisa. Foi também chamada *Skiron* (Σκίρων), pelos Telquinos, que vieram de Chipre e da Beócia, e ergueram-lhe um santuário no monte Teremesso; e tinha também o cognome de matadora de gigantes e da Górgona.

O ramo de oliveira, a serpente, a coruja e o galo eram-lhe sagrados. Sempre se observou que a pedra meteórica magnética, o Bátulo (*Βάτυλος*), era usada como pedra adivinatória pelos sacerdotes de Cíbele. Lívio relata que uma pedra meteórica foi trazida com grande solenidade de Pessino para Roma, como símbolo da Mãe dos deuses, e que foi recebida pelas Vestais e transportada de mão em mão até

ao Templo da Vitória. Ele afirma que o simples contacto com ela purificava o caráter duvidoso de uma Vestal, e que então esta era tida como ainda mais sagrada do que antes.

Daqui percebemos a ligação do serviço das Vestais com os mistérios samotrácios, assim como o uso secreto do poder do íman nos templos. As tradições sobre este assunto são, é certo, muito raras, devido ao segredo mantido, à severidade da proibição de divulgação, bem como à retirada dos Paládios, enquanto imagens dos deuses tidos por sagrados, de toda a investigação física. Daí resulta que Vesta é frequentemente confundida com Cíbele. Vesta foi também muitas vezes representada com relâmpagos na mão.

Concorda com isto uma imagem notável na obra de Raoul Rochette — *Monumens d'Antiquité figurée*, tab. 58 — que é inequivocamente a representação de uma iniciação nos mistérios da Mãe dos deuses, ou da Deméter eleusínia. Tal como o de cabelo ereto, como Pã era chamado, todas as figuras aqui têm o cabelo esvoaçante em todas as direções, exceto a misteriosa ou Cabírica Deméter, de quem parte a ideia de que o poder emana, e uma figura que se ajoelha, aparentemente prestes a ser iniciada nos mistérios.

Há doze cabeças com este cabelo ereto. Schweigger assinala ainda a ligação de Vesta com Apolo e Hermes; e em Creuzer, *Symbolik*, na quinta tábua e terceira figura, vemos Vesta, com o seu bastão na mão esquerda, estender a direita para Hermes, como se quisesse apoderar-se do bastão mágico com o qual, segundo Virgílio, ele afugenta os ventos, enquanto Hermes o segura na mão esquerda, voltado para ela.

Já notámos que os sacerdotes de Cíbele frequentemente usavam os Dáctilos Idáicos (*Δάκτυλοι Ἰδαῖοι*) em vez da pequena pedra magnética; donde a frequência com que estes dáctilos surgem nos mistérios. É, portanto, claro que o mito de Cíbele, tantas vezes confundido com o de Deméter e Ceres, é idêntico ao culto Cabírico, e que a religião agrícola, que ensinava o poder nutridor universal da Mãe Natureza em todas as estações do ano, teve origem, na verdade, numa observação dos fenómenos elétricos.

"Os seus demónios são os Cabiros", diz Luciano (*Dea Syria*, xv.97), "e por isso os Cabiros são adorados com o sacrifício de cães na caverna Zerynthia, onde, nas profundezas do mundo subterrâneo, Perséfone e o deus do fogo Hefesto são tidos como preparando o

calor da vida para a estação vindoura, necessária à produção das flores e dos frutos."

Daqui vem a ligação do nome da Grande Mãe terrestre, a geradora dos animais, a portadora dos frutos, com Ceres. Segundo Schelling, Cíbele é o contraponto dos céus estendidos; para ele, a Mãe dos deuses representa o início da natureza orgânica — como Cronos, Tífon, Moloch representam o da inorgânica. Entre os egípcios dominavam os deuses das estrelas; neles predominava o princípio primeiro, o dos deuses; enquanto entre os gregos predominava o princípio sagrado, o da idealidade criadora e da iluminação espiritual, e daí os poderes gloriosos que produziram. Os deuses gregos não são de carne e sangue, mas são seres semelhantes aos homens.

Cíbele é assim chamada de κὐβη (kybê, "caverna"), onde os seus sacerdotes, os Curetes, habitavam, em número de nove, e aí realizavam as suas cerimónias religiosas e a dança armada, batendo com as suas espadas nos escudos; prática que alguns fazem derivar da Frígia, porque sobretudo na Frígia se deve procurar o cultivo da dança dos Curetes e da música orgiástica.

Assim, segundo Estrabão, os Curetes eram originalmente sacerdotes, que depois avançaram a demónios e deuses, a quem os homens ergueram templos e pelos cujos nomes juravam. Ele estabelece duas opiniões: ou os Curetes, Coribantes, Dáctilos Idaicos e Telquines são idênticos, ou são seres aparentados, diferindo apenas em alguns pormenores; e daí conclui que são de carácter entusiástico e báquico — isto é, pertencem a um culto natural de tipo orgiástico — e que os Curetes têm muita semelhança com os Sátiros.

Foi no monte sagrado de Ídico que se realizava a dança armada, e de onde se trazia o minério à luz do dia; pelo que se percebe a ligação com os Dáctilos, isto é, com os demónios da força e das artes, pois eles forjavam armas a partir do minério entregue pelos assistentes. "E é assim natural", diz Estrabão, "que os Dáctilos Idaicos se confundam com os Cabiros Samotrácios, que em Rodes eram representados pelos Telquines.

Nisto", continua ele, "todos estão de acordo: que os Dáctilos Idaicos primeiro forjaram ferro no monte Ida; que eram servidores da mãe dos deuses, que habitava na Frígia perto de Ida. Por Frígia entende-se a região de Troia, pois os Frígios apropriaram-se das terras de Troia depois de a cidade ter sido destruída pelos Gregos. Supõe-se também que os Curetes e Coribantes descendiam dos Dáctilos, pois

ao início havia cem Creteses que levavam o nome de Dáctilos Idaicos. Desses cem homens surgiram nove outros, que eram os Curetes; e cada um deles gerou dois filhos, que foram então chamados Dáctilos Idaicos, como os seus avós. Outros supõem três Coribantes originais, assim como três Curetes originais e três divinos Báquicos.

Os sacerdotes da deusa corriam aos gritos selvagens e com terrível estrondo de tímpanos e címbalos, de trompas e flautas, dançando em coro armado através de bosques e montanhas, ou praticavam a dança orgiástica, na qual, em frenesi religioso, se feriam uns aos outros" (Luciano, *De Sallustio* 8).

A própria deusa curava a loucura (Píndaro, *Píticas* III; Diodoro III, 57). "Os seus sacerdotes eram médicos — *Cybele cultores pathiei*. Onione, esposa de Alexandre — Páris — aprendeu dela as doutrinas da Mântica" (Apollodoro III). Esculápio foi também associado ao culto de Cíbele e dos Cabiros. Segundo Damáscio, Esculápio não era grego mas fenício; pois Badve teve sete filhos, que foram declarados Cabiri ou Dióscuros, mas o oitavo era Esculápio — Esmun. Era muito belo e foi amado por Astarté, mãe do deus. Para evitar a sua paixão, mutilou-se, e o povo entristecido colocou-o entre os deuses e chamou-lhe Peão (*Paean*).

Não podemos deter-nos mais sobre o culto de Ceres, ao qual pertence o mito de Triopas e do seu filho Erisícton (*Kornbrand*), que a deusa puniu com terrível fome; nem prosseguir sobre os mistérios da subterrânea Perséfone; mas da feitiçaria de Circe devemos ainda tomar alguma nota, depois de dar a explicação do mito de Cíbele por P. Franc. Pomey, no seu *Pantheum mythicum seu fabulosa deorum historia*, Leipzig, 1759. Karl Part tratou extensamente dos Curetes, dos Coribantes, Telquines e Dáctilos, bem como dos Cabiros Samotrácios na Alemanha.

Cíbele, segundo Pomey, p. 138, é a deusa de tudo o que é terreno; aliás, ela é a própria terra. Traz uma torre sobre a cabeça, uma chave na mão; porque sustenta e alimenta as cidades torreada e porque encerra os seus tesouros no inverno e depois os volta a abrir. Viaja num carro elevado, porque é redonda e flutua no ar pelo equilíbrio do seu próprio peso. É puxada por leões, para mostrar que não há nada de tão selvagem e indomado que não possa ser vencido pela diligência e pela humanidade e tornado útil. O seu traje é adornado com flores de todas as cores e com as formas dos mais variados animais — circunstância que não requer explicação.

O seu nome, com várias denominações secundárias, provém de diversas causas. Originalmente filha do Céu e esposa do Tempo — Saturno — tem o seu nome, segundo Estrabão e Suidas, de uma montanha na Frígia, onde lhe foi erguido o primeiro santuário, {ou *ἀπὸ τοῦ κύβεως* — "por causa da caverna"}, porque os seus sacerdotes, de cabelos soltos e com ações e danças terríveis, predisseram os acontecimentos futuros.

Chamava-se Ops — ajuda, porque traz ajuda a todas as coisas; Reia, de *ῥέω* ("fluir"), porque flui em redor de todas as coisas com bênçãos; Didímena, de um monte frígio; mãe dos deuses, e pelos Gregos Pasiteia, isto é, *πᾶσι θεοῖς μητήρ* ("mãe de todos os deuses"). Era chamada a boa deusa; também Fauna, deusa dos bosques, etc. O local do seu templo era Opertum; e daí canta Luciano:

"*Nosse domus stygias, arcanaque ditis operti*"
("Conhecer as casas estígias e os segredos do oculto Dis").

Embora em todos os templos prevalecesse certo grau de silêncio, este era especialmente observado no culto de Cíbele; pois o homem honra a Deus pelo silêncio, e especialmente essa divindade de quem procede o princípio de todas as coisas. "Por isso", diz Plutarco, "honramos o homem pela palavra — os deuses pelo silêncio." Idaia era chamada, do monte Ida na Frígia, onde era principalmente cultuada; Pessinúntia — a caída do céu, de um campo na Frígia, onde foi encontrada a sua imagem, e de onde os Frígios primeiro lhe ergueram um templo.

Era costume neste templo, como no de Baco, celebrar o culto com estrondoso barulho de muitos instrumentos e em meio de muitos gritos selvagens, pelo que, curiosamente, o templo não era aberto por mãos, mas por oração. Entre as árvores, o buxo e o pinheiro eram-lhe consagrados, porque do primeiro se cortavam as flautas, e o pinheiro, por causa do jovem Átis, que Cíbele amava e que fez supervisor do seu santuário sob condição de castidade perpétua, mas que ele violou; enfurecido pela deusa irritada, mutilou-se, e teria cometido suicídio, se ela não o tivesse transformado em pinheiro.

Os sacerdotes de Cíbele eram também chamados Galli, de um rio da Frígia com esse nome, cuja água, bebida, enlouquecia as pessoas; e por isso os sacerdotes em serviço se cortavam, e eram chamados galos (*gallantes*). Tinham também outros nomes — como Cabiri, Coribantes, etc., que já citámos. Os Coribantes eram assim chamados, segundo Estrabão, do abanar da cabeça na dança. Os

Telquines eram ditos ser de Creta, e de lá terem ido para Rodes, sendo célebres feiticeiros; ou, segundo outros, homens que, pelos seus descobrimentos e proficiência na arte, muito mereceram da comunidade, sendo ditos os primeiros que fizeram imagens dos deuses.

Na Grécia não havia originalmente distrito de feitiçaria, em que um poder contrário à natureza e aos deuses pudesse manifestar-se. Mas era diferente nos países estrangeiros fabulosos, que forneceram abundantemente à Grécia maravilhas e o poder de as realizar. No que tocava à sua própria terra, a imaginação juvenil do grego moldava os deuses apenas em contornos obscuros. Mas as terras estrangeiras tinham as suas próprias criações maravilhosas de um poder imaginativo crédulo em prodígios, às quais pertence o que Homero relata da feitiçaria e do poder dos feiticeiros, e em que, contudo, ainda é evidente que o poeta tinha um fundamento histórico para as suas ficções.

Assim são as Sereias, habitantes de mares desconhecidos; Criaturas de extraordinário poder mágico, que não provém de artes secretas, mas reside sobretudo na doçura do seu canto, com o qual cooperava o poder atraente e perturbador do mar. A sua ação deve, portanto, ser comparada à de Anfíon e de Orfeu. Criaturas milagrosas também são os Ciclopes e os Lestrigões, cujo significado original conhecemos: os Gigantes e os Titãs são apenas miraculosos porque já não existem, e por isso são colocados nessa terra desconhecida, ou no céu.

Entre esses seres maravilhosos Circe ocupa lugar proeminente, por causa do seu poder mágico e da sua pátria — a Ásia superior. "Prometeu fez penitência no Cáucaso, e a essa vizinhança pertence a notória família mágica, da qual há em Homero e depois tanta menção — sobretudo de Pasífae, Eetes, Circe e Medeia. Em Homero nada é mais notável do que a natureza totalmente não-grega da representação da feitiçaria humana.

Toda a família deriva de Hélio por um sincretismo visível desde os tempos mais antigos na Grécia, para os aproximar da esfera dos deuses e deduzir deles as suas artes. Circe, ela própria deusa, é irmã de Eetes; ambos filhos de Hélio e de Perse ou Perseis, filha de Oceano. É trazida por Hélio para o ocidente. Na Cólquida existe ainda uma parte de terra chamada a partir dela *Κιρκαιων* (Kirkaion)" (Wachsmuth, no *Athenaeum*, B. II, p. 218).

O poder mágico de Circe é assim comparado ao dos outros deuses, mas permanece até certo ponto estrangeiro, pois para realizar as suas metamorfoses ela mistura previamente substâncias mágicas, *φάρμακα λυγρὰ πανφάρμακα* ("drogas funestas, de toda a espécie") e deve tocar os seus compatriotas com uma vara mágica:

"Sobre tronos cobertos de macias alcatifas,
Com belo semblante colocou os desgraçados homens.
Leite acabado de tirar, a sagrada farinha do trigo,
E mel fresco, e vinhos Pramnios eram o banquete.
Mas envenenado estava o pão, e misturado o copo
Com drogas de força para obscurecer toda a alma:
Logo no deleitoso festim se perderam,
E beberam o esquecimento da sua pátria.
De súbito a deusa agita a vara em círculos.
Transforma-os em porcos, e ao curral os conduz."
(*Odisseia*, Livro X)

A importante expressão mágica *θέλγειν* ("enfeitiçar"), que ocorre tão frequentemente depois, não aparece tão cedo quanto isto; e as fórmulas mágicas posteriores para prevenir a feitiçaria e detetá-la, tão celebradas em eras subsequentes, a Circe homérica ainda não conhecia.

Mas o que se apresenta em Circe é já a forma mais elaborada da feitiçaria. Assim, segundo Apolodoro, ela é um ser estranho e terrível, mas ao mesmo tempo divino; e, como tal, absolveu os Argonautas do crime de terem assassinado Absirto. Virgílio dá-lhe, além dos *potentibus herbis* ("ervas poderosas"), também *carmina* ("cantos mágicos"); isto é, além das ervas mágicas também canções mágicas, e assim ela tomou lugar entre as grandes feiticeiras da Antiguidade.

Medeia, sobrinha de Circe, não é mencionada por Homero, que fala apenas de seu pai Eetes. Estranha e terrível como foi a sua ajuda no combate entre Jasão e a Hidra, não era de modo algum, nos tempos mais antigos, a terrível e necromante infanticida (Wachsmuth, *op. cit.*). Segundo lendas posteriores, Medeia estabeleceu-se na Grécia e conhecia os meios de lançar maldições.

Tornou-se um monstro apenas sob as mãos dos poetas trágicos; as lendas iam continuamente acumulando novos episódios, e assim Medeia tornava-se pior de geração em geração — *fama crescit eundo* ("a fama cresce à medida que corre"); e ela é, por exemplo, na expedição dos Argonautas, a arquifeiticeira, com toda a sua mistura

de venenos, o seu poder de transformar homens em animais, e os seus unguentos mágicos.

Pasífae, também irmã de Eetes e de Circe, conhecia a prática da magia, e por meio dela deviam reconciliar-se as lendas dos Dáctilos Idaicos, da mesma forma que, assim como o grego saía da longínqua Cólquida, também a arte mágica vinha do misterioso Egito; ainda que sem adquirir muita influência.

Hécate não pertencia ainda à categoria da magia nos dias de Hesíodo, e neste tempo é pessoa distinta de Selene. Derivava o seu poder apenas de Zeus, que a honrava tão altamente que partilhava com ela o poder sobre a terra, o sol e o céu. Ela dá riquezas aos mortais e aparece como dispensadora da ordem na guerra e nas assembleias do povo. Essa fabulosa escuridão noturna, em que se achavam os cães infernais, as serpentes, etc., encontra-se apenas associada a ela em tempos posteriores.

A ligação, portanto, de Circe com os mistérios frígios é clara, e a explicação é demasiado forçada quando se deriva o nome, segundo Hermann, de *navigatio in orbem facta* ("viagem de navegação feita em círculo") (*De myth. Graec. antiq.*).

Segundo as pesquisas e combinações sagazes de Bart, os Curetes eram originalmente homens que habitavam densos bosques de montanha e cavernas, e eram muito hábeis na criação de gado, na recolha de mel e no tiro com arco; e que, sendo muito guerreiros, procuravam a sua fortuna na guerra, e por isso introduziram a espada, o escudo e a dança armada. Viviam, segundo a *Ilíada* de Homero, na Etólia e, sendo depois expulsos, na Acarnânia.

Do ponto de vista religioso, os Curetes eram, como vimos, ministros da mãe dos deuses nas festas orgiásticas. Constituíram então uma casta sacerdotal, tornaram-se demónios, que educaram o recém-nascido Zeus, e estavam também ao serviço de outros deuses, razão pela qual Urano, Deméter, etc., eram chamados Curetes. Samotrácia, como dissemos, é a pátria dos Curetes, onde são chamados Anaces, e exerciam poderes elétricos próprios. Bart aprofunda estas ideias e acrescenta que os Curetes eram guardiões do jovem Dioniso e de Zeus.

Como Baco também pertence a este círculo de deuses, é necessário que notemos o seu mito em referência ao seu significado primitivo. Os antigos mitógrafos nomeiam três Dionisos: 1º o indiano, o mais velho, que deu o vinho e os frutos; 2º o filho de Zeus e Perséfone,

ou, segundo outros, de Deméter, que ensinou os homens a lavrar com bois, e por isso é representado com cavalos; 3º o filho de Zeus e Sêmele. Os Líbios, além disso, tinham três Dionisos. No Egito, Osíris era sinónimo de Dioniso. Segundo o carácter da doutrina ou da conceção, Bart aceita dois Dionisos. No primeiro aparece o mais velho como Zagreu, filho de Zeus e Perséfone, que foi despedaçado pelos Titãs. Apolo recompôs os seus membros e preservou-lhe o coração, do qual nasceu o segundo Dioniso, filho de Sêmele.

Hera também o perseguiu, razão pela qual Hermes o levou a Cíbele, que o amamentou e educou com cuidado maternal. Foi criado ou no sagrado monte Ida, ou em Dodona, pelas Híades, que eram ninfas Nissíades e Dodoníades. Sileno, o Curete, foi seu mestre e nutridor, e Hermes levou-o em criança ao céu. Segundo outros, Zeus mandou que fosse levado a Nisa sob a forma de um bode, e aí foi educado pelas ninfas, que depois foram colocadas no céu e, como Híades, trouxeram a chuva.

Hera, perseguindo-o sem cessar, enlouqueceu-o, e ele foi a Dodona para ser curado; montava num jumento que podia falar, e finalmente chegou ao monte de Cíbele na Frígia, de onde Reia o levou e consagrou.

Na realidade os três Dionisos eram um só ser. Uma festa simbólica era celebrada em sua honra, daquele que fora despedaçado pelos Titãs, e a história do antigo era transferida para o novo. Em Zagreu, as suas torturas e morte aparecem como a sua característica peculiar — o mistério da fé. Por outro lado, ele é o caçador da vida, para quem todos os vivos são presa; e segundo Snídos, Zagreu era o Dioniso subterrâneo. Ele aperfeiçoou as antigas orgias e fundou novas; e assim surgiu o tipo das figuras dionisíacas.

No deus barbado reconhecia-se o indiano; por outro lado, o filho de Sêmele era efeminado e inclinado ao prazer. A pele de pantera denotava o guerreiro, e o deus da paz distinguia-se pela túnica longa e luxuosa, e pela mitra, depois diadema.

O culto de Baco espalhou-se por todo o mundo; ele e Deméter eram benfeitores de todos, e por todos eram honrados. O seu culto na Índia, no Egito e na Ásia oriental é bem conhecido; na Arábia, Dioniso e Urânia eram os únicos cultuados entre todos os deuses. Na Pérsia celebrava-se uma festa em honra de Baco, como produtor da verdura, fundador, renovador e génio da primavera. Na Cítia e na

Báctria, as mulheres celebravam as Bacanais com costumes indianos e trácios.

Da Trácia o culto espalhou-se para o norte até ao Íster e até ao oceano. A difusão do seu culto foi representada sob a forma de uma expedição guerreira, e as lendas de povos distantes corroboram esse relato. Chegou à Grécia muito antes do tebano Cadmo. Mas, em geral, Dioniso não aparece como guerreiro; não obrigou os povos pela força, mas através de práticas entusiásticas. Conduzia mulheres no seu séquito, amava a música e a alegria, e, por isso, as Musas e os Sátiros acompanhavam-no.

Em toda a parte espalhava os seus benefícios; ensinou o cultivo da vinha, a fermentação da cevada, a cultura dos cereais; e em vez do antigo culto simples, instituiu um culto público, com procissões solenes, bandas de músicos e danças. Em toda a parte promoveu a sociabilidade entre os homens e apareceu como instaurador da paz, mas apenas entre os piedosos e os justos, pelo que se revela o carácter de reformador.

Segundo a doutrina indiana, Baco nasceu no monte Meros, numa caverna. *Meros*, em indiano, significa "coxa"; e daí a lenda de que Baco foi escondido na coxa de Zeus. No Meros, Baco dispôs as suas forças para a expedição indiana, e aí estava a rocha sobre a qual Zeus destruiu o Tífon.

Deixando de lado os muitos nomes diferentes que lhe deram diversas nações — como Lísio, Liceu, o condutor das almas de e para o céu; Ivolonotas, o senhor dos túmulos; Demétrio, dos mortos; Licrito, o ressuscitado; Anfietes, o que regressa; Dyes, o senhor da natureza húmida, etc. — todos cheios de significado, notaremos aqui apenas de passagem a vida e a significação original de Dioniso ou Baco.

Baco estava intimamente unido a Deméter, "o demónio e co-regente no seio da deusa eleusínia" (Bart, p. 123). Essa era Ísis, filha de Prometeu, dos antigos Cabiros; assim, a mesma que o egípcio Cubin. O seu ser, diz Diodoro, é múltiplo. Os órficos chamam-lhe a alma material do mundo, que, tendo procedido de uma só fonte, comunica alma a cada parte do mundo, como a alma humana faz ao corpo humano.

Ele é pai de Asterião, do gigante, do Asar, dos Curetes, e comandava a Hile coribântica. *Hylē* é o tumulto que entorpece as almas que descem da divindade. Ela forma, pela sua impregnação, todos os corpos; é essa bebida divina, o Néctar, que desperta a vida física. O

espírito dessa vida é Dioniso; o único, o imutável deus, que, segundo a sua vontade, se sujeita à mutabilidade e aparece no ar e na água, na terra e nas estrelas, nas plantas e nos animais, como Zagreu na forma de desmembramento. No mito das múltiplas formas, está oculta a doutrina da morte e da ressurreição. Assim, ele é o criador do indivíduo, à medida que procede do geral, o reanimador e formador num círculo eterno.

Segundo a doutrina órfica (*Macrobius, Saturnalia* I, 18), era representado como o Demiurgo, com atributos que os quatro elementos representam, pois reinava em todos. A terra e o céu eram o seu corpo, sujeito à mutabilidade, mas o espírito é eterno. O corpo é apenas mudado, não destruído; e um dia futuro ressurgirá do túmulo e aparecerá glorificado. Pois o próprio Dioniso enterrado ressurgiu em esplendor, desceu às regiões dos mortos entre os demónios de Deméter, e daí a sua íntima ligação com Perséfone. O Falo é a garantia do retorno; o símbolo da produção eterna e da ressurreição da carne.

A teoria de Dioniso uniu-se, após um severo conflito, à de Apolo. Segundo Creuzer, no seu *Symbolism*, p. 150, o culto de Apolo é mais antigo que o de Dioniso; e o mito de Licurgo foi um conflito da antiga fé da luz, como unidade, contra a pressão avassaladora da dominação do mundo físico — contra o culto mais facilmente compreensível, mas também facilmente mal-entendido, da divindade, até que finalmente se reconheceu um único ser em ambos. Dioniso teve o seu túmulo e a sua ressurreição em Delfos; Apolo enterrou-o no Parnaso, que era consagrado a ambos.

Na caverna de Baco havia um oráculo délfico; celebravam-se dois Bacanais de dois em dois anos, e alguns consideravam as divindades como seres mistos, outros afirmavam que havia apenas um ser (cf. Macróbio, Arnóbio, Lucano e Nonnos). Dioniso é, como Apolo, um profeta; e na Trácia tinha um importante oráculo, no cume do Pangeu, onde, como em Delfos, uma sacerdotisa anunciou ao pai de Augusto os brilhantes destinos do filho.

Dioniso, como Apolo, era chefe das Musas, mestre e patrono do canto e dos poetas. Apolo inspirava os videntes, Baco os entusiastas. Dioniso reconduzia as almas à fonte primordial, e Apolo recompensava os seus devotos tirando-os da terra. Dioniso é nutrido pela Noite, Nissa; é chamado Nissaios, Nyctelius, o oculto da Noite. Apolo é filho de Latona, que Buto acolhe na ilha da Noite. No Egito,

Hórus era filho de Osíris, assim como a Ática reconheceu um Apolo dado por Dioniso. Mas o irmão de Osíris era também Hórus, aquele que era Zagreu desmembrado e de novo ressurgido. Apolo significa unidade; Delfos é chamado o Uno, que apenas se revela em múltiplas formas quando avança para o mundo visível. A luz é o símbolo da unidade espiritual; quando avança no tempo e no espaço, então é Hórus, o filho do pai Osíris.

Uma obscura doutrina délfica diz — Apolo é plenitude; Dioniso, privação (*privatio*); por isso o primeiro era cultuado durante nove meses do ano, e o segundo durante os três meses de inverno. Então aparece como Hades, Nyctelius, comparado ao sol natural, descendente, que conduz as almas ao mundo inferior, até que tenham sofrido a purificação pelo fogo e ressuscitem da casa da doença e da tribulação para a plenitude da luz celeste.

Quando Plutarco apresenta Baco e Apolo como divindades proféticas, encontramos a descrição muito expressiva dos fenómenos do sonambulismo magnético, em que o primeiro êxtase se mostra em duas formas principais: uma clara, serena e luminosa na sua perspicácia; um tom moral delicado de espírito num corpo tranquilo; a visão interior de um novo sentido desdobrado, revelando-se por meio de uma vontade livre em ação positiva. A outra forma tem algo de excitado e demoníaco, que alterna leviandade e divertimento, com capricho e zombaria, até mesmo com delírio.

Estas duas formas aparecem bem corporizadas nos mitos de Apolo e Baco, envoltos em enigma, que são inteligíveis para os iniciados. Aí o físico está ligado ao metafísico, o histórico ao religioso, o divino refletido na natureza. Para todos os pormenores adicionais do culto de Baco, devo remeter para a obra de Bart e para a *Investigação sobre as Divindades Samotrácias* de Schelling.

Aparentados com os Curetes e Coribantes, diz Bart, estão os Telquines e os Dáctilos, frequentemente tidos como idênticos. Aparecem nestes caracteres: primeiro, como lavradores e servidores dos deuses dos tempos primordiais. Uma raça que emigrou de Creta para Chipre e daí para Rodes. Segundo outros, eram um povo primitivo no Peloponeso, 1070 anos antes da fundação de Roma. Foram de lá expulsos e fugiram para uma ilha cheia de serpentes, chamada por isso Ofiúsa, mas depois, devido a eles, Telquines, e mais tarde Rodes.

Eles deixaram novamente Rodes, porque previram uma inundação da ilha, e daí dispersaram-se por diferentes países. Bart acredita que a sua emigração de Creta está ligada à de Ápis, que outrora governara a península. Ele era filho de Telquino, ou de Foroneu, que alguns dizem ser filho de Máchus, e outros contemporâneo de Nino, e pai de Io, ou Ísis. Ápis era, assim, seu irmão; Osíris, o Baco dos Gregos, veio para o Egito tal como Córibas veio para a terra dos Tirrenos.

O próprio Santo Agostinho (*De civitate Dei*, XVIII, 5) afirma que ele foi para o Egito. Segundo a lenda de Rodes, os Telquinos eram nativos dessa ilha. De acordo com Diodoro, eram chamados "demónios do Oriente", porque, em consequência de uma ofensa contra Afrodite, foram escondidos na terra. Os gigantes habitavam a parte ocidental da ilha.

**Em segundo lugar.** Os Telquinos eram considerados feiticeiros e demónios maléficos. Segundo Estrabão, *πονηροὶ καὶ γόητες* ("perversos e feiticeiros"); segundo Suidas, *πονηροὶ καὶ βάσκανοι δαίμονες* ("espíritos perversos e invejosos"). Acreditava-se que eram filhos de Talassa, do Mar ou de Posídon, e, por isso, Eustácio representa-os sob a forma de ninfas marinhas, sem pés, mas com barbatanas. Podiam provocar granizo, chuva e neve, ou impedir a sua queda; podiam assumir todas as formas (Diodoro V, 55). Misturavam água estígia com enxofre para destruir animais e plantas (Estrabão XIV). O seu olhar, o "mau-olhado", era fatal (Ovídio, *Metamorfoses*). Aqui temos já toda a natureza das bruxas retratada.

"Os Telquinos", diz Bart (p. 10), "foram para Posídon o que os Curetes foram para Zeus. Foram, como eles, punidos pela criança a quem criaram, e podem ser classificados com os gigantes, assim como estes com os Titãs. Predisseram um grande dilúvio, abandonaram a ilha e dispersaram-se por muitos países, ou foram expulsos da ilha pelos filhos de Hélio, à medida que os Heliadas cresciam, e vaguearam, como que tomados de loucura, de um lado para o outro no mar. Foram chamados enganadores porque mudavam de formas e conheciam artes; mas, na realidade, esses relatos malévolos foram inventados pelos seus inimigos, por inveja da sua habilidade artística, e foram denunciados como feiticeiros e demónios, o que é exatamente o espírito em que toda nova doutrina é condenada como heresia."

**Em terceiro lugar.** Os Telquinos foram descritos como artistas inventivos, que estabeleceram costumes benéficos e executaram

imagens dos deuses. Fundiram, nas cavernas Idaicas, bronze e ferro; forjaram a foice de Cronos, com a qual ele mutilou Urano — (o poder universal do Céu predominando com autoridade decisiva sobre o Tempo); o tridente de Neptuno — (o senhorio elétrico tríplice do mar, como equilíbrio entre o ar e a água, ou como os três dentes do fogo elétrico). Construíram também o pernicioso colar que Hefesto deu a Harmonía (Diodoro IV, 65).

Neste último papel podem ter dado motivo para que fossem identificados com os Dáctilos Idaicos e ligados à descendência dos Curetes; pois Estrabão afirma que os que acompanharam Reia a Creta e criaram Zeus foram chamados Curetes "a partir dos nove Telquinos de Rodes". São chamados Telquinos do profundo, filhos de Posídon. Erguem-se do fundo do mar e combatem no exército de Dioniso. Os Telquinos montados em cavalos marinhos seguiam-no (Pausânias IX, 10). Havia imagens de Apolo, de Hera e de Atena chamadas Telquínicas, nas quais provavelmente residia um princípio de magia; e assim havia uma Hera Telquínica, como havia uma Deméter Cabírica.

Os Dáctilos originaram-se na Frígia; já conhecemos o seu número e a sua natureza como feiticeiros, descobridores de artes e médicos científicos. O nome "monte Ida" é por outros derivado da mãe Ida e do pai Dactylos; o número é variadamente calculado. Segundo alguns, são iguais aos dedos das mãos — cinco masculinos e cinco femininos. Ferecides dá vinte direitos e trinta e dois esquerdos; outros dizem cem, porque cem homens vieram de Creta; Orfeu, o Argonauta, fala de uma multidão; Pausânias nomeia cinco, a saber, Héracles, Epimedes, Pípon, Jasão e Idas. Celmus, ou o Telquínico Seelmus, é chamado por Hesíquio de criança, uma espécie de Cadmilo, provavelmente alguém que produzia efeitos mágicos por palavras e cantos.

Telquino foi também chamado Damanameno, o poderoso, o que ata, sobretudo aquele que prende os bois ao jugo; Epimedes é chamado o refletor, o conselheiro. Os nomes Jasão, Peão, Idas-Acesidas significam professores da arte médica. Áquemon é chamado o corredor de montanha; ele figura no exército dos Báquicos e agita a lança coribântica, sobre a qual Zeus adormeceu em criança, enquanto o seu nascimento era ocultado pelo estrondo dos escudos percutidos. Um "dedo Idaico" significa um dedo de ferro. Eram conjuradores, mágicos, exorcistas de doenças, adivinhos. Ocupavam-se com cantos mágicos, consagrações, mistérios e, enquanto permaneceram em

Samotrácia, lançaram os habitantes em grande assombro. Como feiticeiros apareceram na Itália, segundo Plutarco. Dizia-se que a mão esquerda lançava feitiços, a direita desfazia-os; e "apanhar um dáctilo" era um provérbio para tentativa inútil.

Os seus nomes já eram mágicos, tendo poder para repelir fenómenos terríveis. A eles pertence o uso das runas efésias, cuja descoberta lhes é atribuída, assim como a Héracles a das letras frígias. A descoberta dos minerais foi também atribuída a eles, bem como as notas de música e a escala musical.

Foram eles que primeiro trouxeram instrumentos musicais para a Grécia. Em Creta descobriram o fogo; eram corredores velozes e dançarinos, e a "dança dáctila" era um género particular; o *dactylon* era uma famosa erva curativa, etc. Deles procederam os primeiros sábios; Orfeu foi seu discípulo, que trouxe os mistérios para a Grécia. Já eram chamados ministros de Cíbele, e Schweigger demonstrou que eram as forças e os espíritos magnéticos, à frente dos quais estava Héracles.

"Enquanto", diz Bart, "tratamos da íntima união dos Dáctilos com a força magnética, não estamos necessariamente limitados à pedra magnética e às nossas conceções da natureza, mas podemos lançar um olhar ao magnetismo no seu sentido inteiro. Então fica claro como os iniciados, que se chamavam a si próprios Dáctilos, criavam assombro no povo através das suas artes mágicas, realizando, como realizavam, prodígios de cura.

A isto uniam-se muitas outras coisas que o sacerdócio da Antiguidade costumava praticar: o cultivo da terra e da moral, o progresso da arte e da ciência, os mistérios e as consagrações secretas. Tudo isto era feito pelos sacerdotais Dabiri, e porque não guiados e sustentados pelos espíritos secretos da natureza? Assim, o seu saber ligava-se ao sentido religioso, e Héracles oferece um exemplo do entrelaçamento destas ideias."

Bart passa então a uma observação mais detalhada do mito de Héracles; mostra como foi difícil para os mais antigos investigadores personificá-lo sob todas as formas; explicar corretamente a sua genealogia, da qual se conhecem oito versões diferentes, a saber: a indiana, a egípcia, a idaica, a fenícia, a grega, a tíria, etc. Depois mostra a origem e o significado do nome — originalmente Alceu, Alcides, aparentado com Alcis. Relata a sua história e as suas expedições, nas quais muitos veem um conflito entre o sol e o poder

da natureza, outros um acontecimento histórico velado. Essas expedições são para a Espanha, Celtibéria e Germânia, para os Alpes e a Itália, para o nordeste e a Cítia, e até aos Hiperbóreos para buscar as maçãs de ouro. Héracles espalhou o cultivo e uma religião suave, destruiu a doutrina do castigo eterno ao arrastar Cérbero do mundo inferior, ascendeu ao céu através da purificação pelo fogo e procurou em toda a parte pôr fim aos sacrifícios humanos.

Quando jovem bruto, antes de libertar Prometeu e de ter falado com Atlas e Quíron, era o adversário dos oráculos; mas, mais velho e ponderado, tornou-se grande filósofo e mostrou-se hábil na Mântica e na Dialética. No mito do roubo tentado do tripé délfico, vemos o inimigo dos oráculos, ou melhor, o Héracles tornado sábio, compreendendo o sentimento do povo. Schweigger vê nele o polo magnético oposto a Apolo, donde era chamado Héracles Hiperbóreo. Pela libertação de Prometeu e pela ereção de altares, vemos nele o mediador entre a antiga e a nova fé.

Representa a introdução do poder elétrico na utilidade geral, mas com esse véu misterioso nos templos, dos quais havia muitos, em todos os países, dedicados a Héracles. A sua imolação voluntária significa o renascimento etéreo dos homens. Como Heracles, apresentou-se como herói religioso, mostrando o seu poder e afinidade com os deuses primordiais — as forças primordiais. Desceu ao reino de Plutão como íntimo conhecido; mas como sombra — a força magnética adormecida; ascendeu como espírito para o seu pai Zeus no Olimpo, para onde é conduzido por Atena e Hebe. O poder realizador, regulador e eternamente jovem recebe-o sob a forma de criança e reconcilia-o com Hera.

Héracles, diz Luciano, não submeteu as nações pela força, mas pela sabedoria e pela persuasão. Era Alexis, Alexicacos, o que afasta o malfeitor; Soter, o salvador; Melos Eumelos, o bom pastor; o profeta Mantíelos; Dafneforo, o portador do louro, porque mastigar folhas de louro despertava o dom da profecia. Sendo obrigado a servir, era o baluarte dos servos, e o seu templo um asilo de escravos. Pela sua força indomável é Adamarnos, o conquistador; é o terrível e avassalador Titã; é Astrochíton, o vestido de estrelas, o Senhor do Fogo; Hipódeto, o domador de cavalos — tudo isto em referência à eletricidade e ao magnetismo, e pelas quais as imagens dos Dióscuros eram representadas.

Os Sabinos chamavam-no *diuus Fidius*, sinónimo de Dióscuro. Por isso ele e Marte eram tidos como o mesmo ser; era, como Apolo, Musageta; o irmão de Perséfone. Os Caldeus chamavam à estrela Marte "Héracles". Era o refúgio da humanidade, aquele que lança o raio, mais poderoso do que seu pai. Era o símbolo das forças da natureza; o deus da natureza, de nome Liber, Héracles, Mercúrio — como produtor, o todo-sábio, o omnipotente.

Já foi mostrado que os mistérios de Samotrácia se ocupavam sobretudo de investigações sobre a natureza. Conhecia-se a polaridade do íman, o poder de atrair e repelir. O íman era no Egito o osso de Hórus, e o ferro o de Tífon. O íman, diz Claudiano, é a força universal, que contém em si a semente de todas as coisas; eclipses do sol e da lua, fenómenos de cometas, tempestades de vento, terramotos, trovões, o arco-íris — tudo ocorre por seu intermédio. Não é o simples íman, é a lei da natureza, a força viva que, atraindo e repelindo, cria e mantém unidas as partes do mundo através das quais os astros são impelidos e giram nos seus cursos, enquanto os polos opostos se procuram mutuamente.

O íman é o símbolo desta força, e como cria e move o mundo, produz os homens. Hímen, o deus do matrimónio, é seu filho. A produção é a afirmação suprema do poder do magnetismo, e esse poder é Héracles (Clemente de Alexandria, *Stromata* VIII, 704). Na Índia é Parabrahma Birina, e Vixnu, a força centrífuga e centrípeta. Pela elaboração poética de tantos e diversos elementos — da natureza e da história, do comércio e da religião — o mito de Héracles recebe uma multiplicidade de aspetos e oferece pontos de observação particular em cada fase da sua interpretação.

Que os antigos também conheciam o magnetismo pelas mãos — isto é, produziam os efeitos que resultam do tocar, friccionar e impor as mãos — manifesta-se às vezes por palavras claramente expressas, e outras vezes por imagens e sinais. Os Telquinos, que eram considerados feiticeiros e encantadores, parecem ter recebido o seu nome da palavra *θέλγω* ("acariciar, tocar suavemente; também: enfeitiçar, adormecer"), e não de qualquer lugar. Pois sob *θέλγω* também se entende "entorpecer, adormecer".

Isto é confirmado pelo relato de Circe e de outros encantadores em Homero, e por imagens e hieróglifos da Antiguidade que se veem em Montfaucon, Champollion e Denon, assim como nos desenhos de 750 monumentos antigos, estátuas, pedras gravadas, moedas e pinturas

na *Mythologic Gallery* de Millin, todos com referência à manipulação magnética. No Gabinete de Curiosidades de Athanasius Kircher encontra-se, entre outros, uma mão adornada com hieróglifos, que, segundo os escritores antigos, era levada em procissões sagradas de Ísis.

Nos *Monuments de l'Art Antique* de Müller, Vª entrega, II, prancha nº 14, aparece a deusa Ártemis Leucófrina. Dois génios alados seguram sobre a cabeça da deusa uma espécie de leque, enquanto a deusa segura dois bastões magnéticos nas mãos. Diante dela estão deitados dois homens: um tem um íman na mão direita, e o outro parece ter um anel magnético na esquerda, estendendo a direita para o bastão magnético. Por baixo está a inscrição *μαγνήτων* ("dos ímanes").

Existem também outras semelhanças dos mitos antigos com os fenómenos reais do magnetismo, como na significação e uso das pedras preciosas, cujo poder elétrico, nas mais finas modificações dos fenómenos mais maravilhosos, as últimas descobertas científicas só agora vieram revelar. É, de facto, algo mais do que um simples poema fantástico quando Orfeu descreve tão minuciosamente os efeitos das pedras preciosas; quando tantos zelosos investigadores dos poderes ocultos da natureza — sem dúvida muitas vezes fanáticos — atribuíram a elas tantas virtudes curativas; e que Voss descreveu tão plenamente no seu *De theologia gentili*, tomo II.

Os próprios sumo-sacerdotes judeus traziam sobre o coração o peitoral guarnecido das doze pedras preciosas, pelas quais se obtinham adivinhações. Entre outros exemplos do efeito das pedras em certas pessoas na produção de clarividência e semelhantes, já citei o caso da vidente, viúva Petersen von Bende Bendsen, que afirmava os efeitos decisivos dos brilhantes e de outras substâncias, sendo o diamante a mais poderosa delas.

A viúva Petersen usava mesmo pequenos, mas eficazes, baquets magnéticos, que ela própria construía; e eu próprio tratei um paciente com afecção semelhante da mesma forma; e nessa ocasião o mercúrio e o bórax tiveram efeito particularmente notável. A mesma clarividente falava do forte efeito do zimbro e do louro na promoção da visão espiritual clara, como notámos no caso do oráculo délfico.

Haüy foi o primeiro a descobrir e demonstrar a eletricidade dos cristais, e a mostrar que esses cristais elétricos não raro apresentavam exceções às leis, de outro modo invariáveis, da

simetria na cristalização; donde se conclui que o poder elétrico deve ser uma força ativa, especialmente no que respeita à formação dos cristais, já que eles, como leis ativas, parecem exercer a mesma influência. Haüy fala com entusiasmo dos pequenos cristais de bórax que representam uma eletricidade em oito direções.

Pergunta-se, diz ele no final da primeira parte da sua *Física*, se os efeitos produzidos pela admirável construção das nossas máquinas científicas podem apresentar algo mais assombroso ao olhar, ou mais capaz de excitar o interesse dos professores de física, do que estes pequenos instrumentos elétricos produzidos pela cristalização, estas uniões dos mais opostos influxos comprimidos num cristal de quase dois milímetros de espessura — não chegando sequer a uma linha parisiense.

E aqui se apresenta novamente a observação tantas vezes repetida: aquelas produções da natureza que parecem querer subtrair-se à nossa atenção são, não raras vezes, precisamente as mais dignas dela. Que a astrologia sempre constituiu um elemento principal nos mistérios dos antigos é bem sabido; que os lugares e movimentos dos astros eram considerados exercer uma influência decisiva sobre todos os acontecimentos importantes da vida, até mesmo sobre o nascimento, é facto histórico conhecido. Seria então verosímil que as influências das estrelas sobre as doenças humanas fossem desconhecidas dos Mistagogos, que estavam tão bem familiarizados com as forças silenciosas da natureza?

A história da filosofia mais antiga prova que conheciam bem essas coisas; e se os clarividentes magnéticos estão plenamente de acordo com os antigos, não só quanto à influência do sol e da lua, mas até de estrelas e constelações particulares, como foi o caso da viúva Petersen, temos assim um claro acordo entre a Antiguidade e a ciência moderna — acordo sobre o qual as freiras muito eruditas riem, mas que despertará assombro nos filósofos naturais diligentes e nos verdadeiros observadores perante a ignorância perversa e a admiração pela ordem produtora da onipotência do grande Criador.

Em conclusão, não devo esquecer a iluminação e aquelas aparições de luz que os nossos sonâmbulos afirmam ver frequentemente, ora rodeando os seus génios e anjos da guarda que lhes aparecem, ora em torno dos seus magnetismos. Não recorda isto a todos os cornos luminosos de Moisés e aquela antiga expressão "os cornos da cura", com que concordam os cornos de Júpiter Amom? — donde parece

que os antigos intérpretes daquela maravilhosa luz mágica dos mistérios, que, como diz Plínio, rodeava as cabeças dos homens em anúncio profético, a consideravam como um fogo insólito, exaltado e, para os não iniciados, ofuscante; enquanto outros a julgaram elétrica. Estavam habituados a representar a luz que rodeava a cabeça de Atena, entrelaçada com os seus cabelos, como cornos luminosos, tal como na lua.

Os duplos fogos curativos dos Dióscuros eram representados como cornos lunares, e pinturas deles mostravam estrelas sobre as suas cabeças. Com isto concorda o fogo de Hermes ou de Dimo, e o bastão luminoso de Mercúrio e as suas asas; e os cornos lunares com asas também apontam para símbolos notáveis. Essas aparições luminosas em torno da cabeça, que já conhecemos entre os brâmanes extáticos, não se encontram apenas entre os deuses da Grécia, aos quais aqui nos referimos, mas aplicam-se também ao herói da *Odisseia*:

"Escarnecendo da idade, para ultrajar o homem virtuoso,
descuidado e alegre, Erimáclio começou:
— Ouvi-me, camaradas e amigos!
Algum deus, sem dúvida, envia benignamente este estrangeiro;
vede o brilho calvo da sua cabeça,
serve-nos de archote e reflete o dia."
(*Odisseia*, Livro XVIII)

Falei mais detalhadamente destas iluminações sob um ponto de vista histórico e científico no meu trabalho *O Magnetismo em relação à Natureza e à Religião*. Há mais de duzentos anos, Bartholin apresentou um relato interessante das iluminações de homens e animais. Continuaremos, ao prosseguir, a ouvir falar frequentemente de fenómenos semelhantes, e devemos confessar que estamos convencidos de que estas luzes, ainda que não sejam luzes elétricas reais, são e permanecem sempre fenómenos subjetivos de um estado extático, e são idênticas em princípio, ainda que configuradas segundo as ideias populares do tempo: de modo que, ao grego que pronuncia oráculos, aparece o Hermes alado, o Apolo luminoso, ou Minerva, "a deusa celeste do esplendor que dissipa as trevas", como génio; enquanto ao sonâmbulo moderno aparece como anjo, santo ou a santa mãe.

As condições da natureza humana permanecem as mesmas, mas as circunstâncias são diferentes e variam com o tempo e o lugar. As condições ocultam-se, mas as circunstâncias vêm à luz, ocasionando

uma diferença na iluminação e no seu significado, que só pode ser corretamente interpretado quando descemos à causa do estado subjetivo. Julgamos agora que, com a nossa comparação dos factos antigos da adivinhação, da feitiçaria e das circunstâncias que acompanhavam a entrega dos oráculos com os factos da ciência e da observação modernas, solucionámos muitos enigmas antigos.

Cremos ter aduzido provas suficientes de que a magia estava contida nas antigas mitologias; que a mitologia, em muitos aspetos, só recebe a sua verdadeira interpretação pelo ponto de vista oferecido pelos filósofos naturais, porque nesses sistemas não se encontravam apenas enigmas históricos e religiosos, mas também filosóficos. Citámos a afirmação de Estrabão, de que "os antigos ocultavam as suas conceções físicas em enigmas e as suas observações científicas em mitos."

Como justificação final das nossas tentativas neste sentido, podemos citar as palavras de um distinto filósofo natural sobre a mitologia:

"É muito notável que em todas as épocas todos os povos tenham revestido as ideias dos seus sonhos na mesma linguagem figurada. Pode, portanto, perguntar-se se essa linguagem, que agora ocupa um lugar tão baixo na estima dos homens, não será a verdadeira linguagem desperta das regiões superiores, enquanto nós, despertos como nos julgamos, não estaremos mergulhados num sono de muitos milhares de anos, ou pelo menos no eco dos seus sonhos, captando apenas inteligivelmente algumas palavras esparsas dessa linguagem de Deus, como os que dormem captam expressões isoladas da conversa em voz alta dos que os rodeiam." — Schubert, *Symbolism of Dreams*.

"Se não compreendemos o estilo figurativo dos antigos, é claro que nos tornámos estranhos à região em que essa linguagem figurativa se formou. Como ela constitui o modo de expressão integral dos tempos mais antigos, e surgiu simultaneamente com esses povos, todos os mitos são inspirações poético-simbólico-metafóricas de um poder material transcendente da natureza, ou a encarnação física de um espírito infinito." — Steinbeck, *O Poeta como Vidente*.

"É possível que a ideia de inconsciência na formação dos mitos pareça a muitos obscura, ou até mágica, pela única razão de que o poder criador mítico não tem analogia nos nossos modos atuais de pensamento; mas a história não reconhecerá o extraordinário, onde a

investigação livre conduz inequivocamente a ele?" — Otfried Müller, *Prolegomena*.

## QUARTA SECÇÃO
## A MAGIA DOS GERMANOS

Chegados agora ao terceiro e último período da história da magia, recordo ao leitor aquela parte da obra em que procurei mostrar como, nos três períodos principais — o oriental, o greco-romano e o germânico —, a magia se moldou caracteristicamente segundo o espírito natural dos povos; como a sua transição e difusão se processaram gradualmente; e como a vida espiritual do povo germânico lançou raízes no elemento greco-romano e, pela sua força peculiar e vigorosa, elaborou a multidão dos materiais recolhidos numa fermentação duradoura, transformando-os em impulso novo e vivo.

Foi mostrado como o povo germânico, na infância do seu surgimento e do seu primeiro desenvolvimento nas terras recém-conquistadas, recebeu estímulos de muitos lados, e como, através do declínio gradual da ascendência romana, não só apropriou as suas aquisições intelectuais, mas sucedeu também ao elemento educativo dos Árabes; a estes benefícios acrescentou ainda a escola alexandrina uma influência particularmente importante, tanto na direção filosófica da mente como nas novas doutrinas religiosas; de modo que se torna muito inteligível como a magia na Germânia se tornou tão multiforme no seu crescimento e progresso como se mostrara em todas as formas dos tempos oriental e greco-romano, mas agora sob uma roupagem eminentemente religiosa e cristã.

Como o Cristianismo lançou raiz e cresceu na raça germânica mais cedo do que em todas as outras, e como o Cristianismo se tornou ponto de viragem muito importante para a modificação da magia, a história da magia neste período é inseparável do desenvolvimento do Cristianismo.

O processo mitológico encerrou-se com o período grego, como Schelling mostrou de modo belo, e o Cristianismo tornou-se então o ponto central da história. Mas o Cristianismo ainda não atingiu o seu pleno cumprimento; está no processo do seu crescimento e da difusão da sua luz, que procedeu de Cristo, o foco de toda a história, no qual convergem todos os raios individuais, e tudo o que os sábios procuraram descobrir, como princípio, para que agora o mistério se

revele a crianças e lactentes, e a palavra da verdade seja pregada. De Cristo emanou a luz da palavra eterna, que, envolvendo todo o mundo, se há de espalhar sobre todos os povos como a única ideia geradora de felicidade, para a salvação de toda a humanidade, e na qual cada nação e cada indivíduo devem educar-se e chegar a uma consciência clara e perfeita. O misticismo, que pairava num sentimento sombrio, será purificado e tornado compreensível, e a fé compreendida. O próprio Cristo diz: "Nada há de oculto que não venha a ser revelado; o que vos digo na escuridão será proclamado na luz e sobre os telhados."

A história universal demonstra não apenas um progresso da raça humana na civilização, mas ainda mais no desenvolvimento de diferentes forças intelectuais em todas as direções, nas quais as ideias primordiais de verdade e bondade, de beleza e de verdade, passam do fundo subjetivo à revelação objetiva. As nações mais poderosas são sempre aquelas que, num desenvolvimento geral, manifestam de modo mais puro e perfeito um espírito peculiar, ou a substância de uma determinada ideia.

Povos que não imprimiram em si essas ideias primordiais de forma permanente estão destituídos de história e desaparecem como sombras na arena do mundo. Assim, temos apenas três antepassados históricos dos quais tiramos a nossa história da magia — o Oriental, o Greco-Romano e o Germânico. Estes povos elevaram-se acima de todos os outros pela sua têmpera intelectual, e com força característica, e plantaram num certo grau de desenvolvimento o foco de um saber avançado, que jamais poderá desaparecer da história, mas deve sempre ser transmitido a uma nova posteridade, e ser novamente trazido à luz, mas apenas numa nova forma, mais variada e entretecida com as raízes da sua força vital peculiar.

"Com passo firme, como uma procissão das dinastias de um reino, a história agora avança ao longo de uma cadeia de nações, cada uma das quais toma o domínio do mundo com um poder sempre ascendente e o conserva por mais tempo, colocando-se na vanguarda do mundo intelectual até ser afastada por outra; assim, estendendo-se desde os Assírios até aos Germanos, o povo do período mundial presente, no qual a unidade aparece de novo a ramificar-se numa multiplicidade de estados, entre os quais ora uns, ora outros predominam, mas que no seu conjunto constituem um sistema estreitamente entrelaçado, gravitando para um ponto invisível e

governados pelas leis do desenvolvimento universal." — C. E. Haug, *História Geral*.

É um facto na história do mundo que, com o advento de Cristo, os Germanos surgiram pela primeira vez na arena do mundo — circunstância de tão profundo significado que não compreendemos plenamente a Germanidade se não incluirmos o conhecimento desta coincidência. Para o estabelecimento completo da ideia divina no desenvolvimento da humanidade, é necessário pressupor simultaneamente Cristianismo e Germanidade.

Com efeito, a Germanidade possui uma organização mais capaz da receção do Cristianismo do que qualquer outro povo. De facto, a boa semente poderia ter caído em solo rude e inculto, onde, após longo sono, teria produzido uma folhagem miserável e incerta — o grego frívolo e ideal, e o romano robusto e vigoroso, tendo ambos ultrapassado os seus períodos sem serem capazes de compreender devidamente a doutrina profunda e que penetra todo o homem, a doutrina de Cristo. Para isto o povo germânico estava destinado, e agora ocupa o posto de governar o mundo. O nosso tema presente está intimamente ligado a isto, como em breve se tornará patente.

Nas observações mitológicas precedentes chegámos ao resultado de que uma filosofia natural excluindo toda prática e ensino secretos só se tornou possível pela religião cristã, com a sua universalidade de amor pelo homem e a sua luta contra qualquer desprezo dos nossos semelhantes. Para tal fim, abriu-se o grande livro escrito para todos, a totalidade da natureza, e o Cristianismo foi feito religião do mundo, não apenas para o desenvolvimento perfeito de todas as ideias primordiais da alma, mas também para a abertura da natureza e para o uso correto das suas forças.

A glória do Cristianismo genuíno consiste nisto: que, considerado em relação às outras religiões, não se separa da cultura e da ciência, do aperfeiçoamento do intelecto e da filosofia natural. Por essa razão, os primeiros apóstolos dirigiram-se apenas a povos que possuíam o grau necessário de cultura para compreender as verdades superiores; a quem pudessem dizer, não em vão: "Examinai tudo, e retende o que é bom." O próprio Cristo, como vimos acima, apareceu num tempo particular e entre um povo particular, a fim de revelar a palavra do Pai — o reconduzir de uma raça pecadora. Uma aparição mais cedo teria falhado no seu grande objetivo — despertar o amor universal da humanidade; uma aparição mais tarde teria sido um atraso, pois o

obscurecimento e a perversão do espírito humano haviam atingido o ponto mais alto, e a natureza, em vez de habitação e instrumento do espírito, tornara-se para os homens uma masmorra, como para os animais sem entendimento; e, como diz São Paulo: "Quando não conhecíeis a Deus, servíeis àqueles que por natureza não são deuses" (Gálatas IV, 8).

Quando o espírito humano não possuía sabedoria mais elevada do que a terrena e a humana, do que aquela que a razão e a luz da natureza lhe davam, a natureza era para ele um livro selado — uma Babel. O homem caíra totalmente do seu império; o seu sentido e a sua linguagem estavam confundidos; não lhe restava consciência do verdadeiro fim da vida, nem do uso correto dos meios.

O homem era cego, surdo e coxo em relação ao reino da natureza; queria subir, pela torre da feitiçaria, até ao céu, e o olhar encontrava apenas uma luz ilusória; de todos os objetos reluziam visagens demoníacas; a lira da natureza emitia vozes de condenação, enchendo o coração de medo e terror, de desespero e loucura, em vez de paz, descanso e verdade; e onde a mão ousada agarrava os elementos para compelir as forças da natureza ao serviço, a tentativa era derrotada no conflito ou totalmente repelida.

"Mas a alma do velho Adão ansiara pelo senhorio do domínio exterior, e a sua vontade separara-se da unidade de Deus e deixara-se levar pelo domínio deste mundo, de modo que este se converteu numa monstruosidade. O verdadeiro espírito secou; a luz de Deus extinguiu-se; e a ideia divina nele ficou entorpecida e morta. A esse espírito veio agora Jesus; e, assumindo a natureza humana para a restaurar, trouxe novamente a luz às trevas. Nesta luz a alma encontra-se de novo na pátria original, como nos seus primeiros dias, quando o espírito de Deus nela operava. Ali está em visão, e pode indagar todas as coisas; e compreende a linguagem da natureza e trabalha com a sua força.

No engano — o de Adão — não há perfeição; o espírito de Deus no seu Filho deve ser o guia, de outro modo permanece num mistério exterior, como no céu exterior dos astros, mas não na escola divina da magia, que consiste apenas num espírito simples e infantil. O guia exterior — a razão teórica — trabalha apenas num espelho; mas o sentido interior, dirigido por Deus, ilumina a alma; e, portanto, a escolha está com Deus: aquele que compreende a escola celeste tornar-se-á um Mago — um criador a partir do autoconhecimento —

sem corridas fatigantes; e mesmo que deva esforçar-se muito, ainda assim é penetrado por Deus e será impelido pelo Espírito Santo." — Jakob Böhme.

Para todos os povos antes de Cristo, o mundo estava encantado. Pelo Cristianismo tornar-se-á desencantado, e a verdadeira magia será restaurada. A religião entre os antigos degenerara em culto dos astros, e os poderes cósmicos eram idolatrados. Mesmo entre os judeus a revelação teve lugar através de símbolos e através dos elementos da natureza.

A verdadeira reconciliação da humanidade profundamente caída com Deus; a libertação do espírito das cadeias da natureza; a separação do sensual do intelectual, do animal do divino, da aparência da realidade; as ideias de verdade e bondade, de direito e de virtude, de motivo, liberdade e imortalidade, foram pela primeira vez tornadas possíveis pela pura doutrina do Cristianismo. Mas, embora pela obediência e pela verdadeira fé nas palavras de Cristo qualquer um possa entrar com Ele "hoje" no Paraíso, ainda assim a substância da fé só pode tornar-se posse de toda a humanidade, expandindo-se em toda a sua extensão no decurso do tempo.

Ora, como a Germanidade parece especialmente destinada a realizar e a levar o Cristianismo à sua plena extensão, é fácil perceber que, nos passos da cultura greco-romana, os primeiros inícios em toda a parte deviam ter pouco êxito; e que assim a magia entre os antigos Germanos era de tal espécie, que se poderia dizer com Plínio, não apenas dos Germanos pagãos, mas também dos cristãos: *"Magiam attonite celebrant tantis caeremoniis, et eam dedisse Persia videre possit"* ("Celebram a magia com cerimónias tão espantosas que se poderia pensar que a Pérsia lha tinha dado").

A crença na feitiçaria entre os povos do Norte era, além disso, universal; e o esforço científico de tornar inteligíveis os deuses antigos e a vida dos daimones; de separar as operações das forças da natureza das do espírito; de dividir a existência interior da religião da hipocrisia e das meras cerimónias, só podia ter êxito lenta e parcialmente. Como a ideia de anjos e demónios foi dada pela religião cristã, e a natureza do êxtase e da atividade psicológica fundamental da alma era tão pouco compreendida quanto a operação misteriosa das forças da natureza, sobretudo em circunstâncias patológicas; a ação sobrenatural da alma, portanto, em todos os fenómenos invulgares, era considerada algo estabelecido — ou, por outro lado,

como se a natureza estivesse inteiramente morta e servisse apenas de material e instrumento de poderes sobre-humanos.

Deve ter sido muito difícil para os primeiros investigadores mais profundos e observadores materiais operar contra o preconceito universal e iluminar a ignorância, o que só era possível por graus lentos, e por esse meio: que, com o exame crítico das Escrituras quanto à religião e à filosofia espiritual, as investigações e o aprofundamento da natureza e das suas forças fossem ao mesmo tempo empreendidos e, apesar de todas as influências contrárias, levados por diante — processo a que o próprio Cristianismo dera ocasião.

Pois uma das mais erráticas ideias fixas da feitiçaria pagã já fora posta de lado pelo Cristianismo: a crença, a saber, de que o poder dos deuses podia ser constrangido pela natureza e por forças independentes deles próprios — traço característico dos Gregos e Romanos, como nos casos de Medeia, Circe, Erictão, Canídia (mencionada por Horácio), todos os quais exerciam domínio sobre o poder dos deuses, sobre os destinos e as sortes dos homens, e em quem o povo acreditava plenamente, celebrados pelos poetas.

A propensão para sondar a natureza das coisas até ao fundo não existe em nenhum povo de modo tão decidido como no Germano. O Germano agarra-se tanto às coisas pequenas como às grandes — ao natural ou ao espiritual — com igual zelo, e persegue-as com infatigável laboriosidade. Segue o rasto dos fenómenos; e onde não há esperança de recompensa, prossegue ainda assim o caminho que conduz à descoberta.

Com o Cristianismo, desce também à raça germânica o eco e o carácter da cultura das duas direções históricas do espírito — o mais antigo idealismo oriental e o mais recente realismo greco-romano — que abraçamos na nossa conceção do mundo. Estas duas visões fundamentais foram agora transferidas especialmente para a região da fé germânica na feitiçaria. Que vasto campo de trabalho se lhes abria! reconciliar os princípios opostos; separar os elementos pagãos e cristãos; compreender o natural e o divino; separar a fé do mero conhecimento; e, finalmente, discriminar os fenómenos da magia genuína dos espectros da imaginação.

A religião cristã assenta no princípio da unidade de Deus. Deus é o único Senhor eternamente moral dos espíritos, como Criador da natureza física. A crença na feitiçaria devia, portanto, assumir uma

forma totalmente nova e diferente, ainda que a ideia radical e a tendência pudessem permanecer semelhantes às do paganismo. A ideia de Satanás como princípio do mal — como um dos anjos originalmente bons, mas agora caído da fidelidade ao Criador — o Cristianismo recebera do Judaísmo. Esse ser, dotado de livre-arbítrio, príncipe das trevas, persistindo no seu erro e autodomínio, estabelecendo o mal por toda a parte, e que também no zoroastrismo oriental era um dos dois princípios originais, tinha, segundo a ideia cristã, perdido o seu domínio após a vinda de Cristo; pois o Messias era aquele que, de facto, havia de esmagar a cabeça da serpente astuta.

É, portanto, o triunfo do Messias que ele destruiu o reino do diabo, venceu os poderes das trevas e anulou inteiramente a influência do Maligno sobre o espírito renascido. "Para isto é que o Filho de Deus veio ao mundo: para destruir as obras do diabo" (1 João 3:8). As obras da carne e das trevas são os pecados e as transgressões da lei, porque eram praticadas pelos pagãos e filhos das trevas. "Quem é sábio e entendido entre vós? Mostre, pelo bom procedimento, as suas obras em mansidão de sabedoria" (Tiago 3:13). "Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e vistamo-nos com as armas da luz.

Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, etc." (Gálatas 5:19). "E a vós, que outrora éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora, porém, ele reconciliou" (Colossenses 1:21). "Despojai-vos do velho homem com as suas obras; por natureza somos todos incapazes do bem; pela sua própria força nenhum homem pode fazer boas obras, mas estas são fruto da fé, e esta é dom do Espírito Santo; e quem não tem fé está morto; mas a verdadeira fé torna-se ativa pelo amor" (Efésios 2:11).

Assim, como a ideia de Satanás passou para o Cristianismo, a crença profundamente enraizada na feitiçaria permaneceu possível, e por isso não foi totalmente expulsa, ainda que Cristo tivesse esmagado a cabeça da serpente. Pois, tal como a tenacidade e, por assim dizer, a indestrutibilidade da serpente retornam sempre, e como o espírito do mal é imortal e maliciosamente disposto para todas as artes de sedução, assim a crença na feitiçaria não pôde ser expulsa da religião, mesmo pelo Novo Testamento, embora lhe fosse desfavorável.

O deus do inferno, vencido mas não aniquilado, conservou pelo menos ouvintes. As atrações dos prazeres sensuais e dos atos vis;

ilusões enganosas e ações danosas; fenómenos inexplicáveis fora do curso ordinário da natureza; doenças misteriosas, pestes, etc., foram atribuídos, se não ao diabo, pelo menos à influência de espíritos demoníacos; e o próprio diabo voltou a ganhar primazia através dos primeiros ascetas e eremitas; e o seu reino cresceu tanto na opinião dos crentes cristãos com o decorrer do tempo que, na Idade Média, fortalecido por uma cadeia de máximas eruditas e sofismas dogmáticos, espalhou-se tanto nas classes altas como nas baixas; e, pelo fim do século XV, a bruxaria e a arte negra haviam atingido uma elevação tal como nunca antes possuíram na história; e atribuía-se ao diabo um poder terrível, enquanto o Cristianismo, com todas as armas do seu vasto arsenal, e com fogo e espada, entrava em campo, já não se sentindo seguro, mas quase como se vagueasse cercado por um exército regular de demónios.

Antes de passarmos à observação especial da magia e das conceções filosóficas dela entre os Germanos, devemos notar as mudanças na fé religiosa produzidas pelo Cristianismo, tal como se manifestaram nos primeiros tempos, moldadas segundo a operação das causas naturais.

Os fenómenos de êxtase são particularmente aqueles que, com as ideias do neoplatonismo sobre a natureza divinatória do homem, passaram para a filosofia cristã primitiva; e, além disso, os elementos pagãos não podiam ser tão facilmente abandonados, de modo que o reino do demonismo cessasse de imediato e por completo. Os *Anuários Alemães de Ciência e Arte*, de Buge (1812), contêm um tratado crítico sobre a influência da religião pagã da natureza na teologia cristã primitiva, que tem, além disso, para nós um interesse considerável no que respeita à magia.

Entre outras coisas, aí se diz: — na religião frígia da natureza havia extáticos, de tal modo que alguns supuseram que se poderia atribuir a estes a origem do montanismo; mas isto de modo algum é necessário. Ambas as formas de religião têm caráter entusiástico, mas os princípios em ambas são totalmente diferentes.

Sim, o montanismo estava essencialmente enraizado no Cristianismo, e a relação era apenas em aparência exterior, e nas circunstâncias moduladoras do lugar, da nacionalidade, etc. A antiga religião frígia exprime-se, como vimos, no modo ascético e orgiástico entre os povos da Ásia Menor: uma luta e um esforço no embate de forças selvagens não os podia elevar acima da sensualidade e da

devassidão; daí os seus festivais desregrados e dissipados. Por outro lado, pelas suas doutrinas religiosas rigorosas eram dirigidos à penitência para a subjugação das paixões. Nos procedimentos fanáticos dos montanistas vemos, de facto, algo do mesmo carácter — o mesmo esforço da vida religiosa por formas físicas de representação; mas ninguém precisava procurar satisfação numa tentativa de domínio sobre os poderes obscuros da natureza imediata através da fermentação dos sentidos, nem em sonhos sobre o fim iminente de todas as coisas e as alegrias da nova Jerusalém, cujas portas os ascetas professavam ser os guardiões.

As circunstâncias do fanatismo, as suas conceções, eram diferentes do culto frígio de Cíbele; o montanismo já havia superado o culto da natureza, embora ainda não houvesse uma oposição violenta entre paganismo e Cristianismo: pois o paganismo retirava-se em todos os pontos, e o cenário de ação era remodelado, como, por exemplo, nos hinos órficos e nos oráculos délficos. O paganismo exprime-se especialmente no sistema dual da filosofia, que mantém separadas as formas contendentes dos fenómenos do espírito, mas cujos poderes dinâmicos interligados, não separados anatomicamente, devem ser considerados apenas como opositores moderados.

No montanismo há elementos judaicos e cristãos, mas já não pagãos, ainda que as influências oriental, egípcia e grega sejam visíveis por toda a parte. A mistura, e a fermentação daí resultante do espírito popular, determinam as visões características e a interpretação de outras que lhes assemelhavam. Os êxtases dos montanistas, por mais elevados, eram as aparências inferiores do sonambulismo magnético, pois estavam inteiramente unidos, como os oráculos pagãos, à inconsciência do sujeito; e a adivinhação das suas mulheres, das quais levavam duas consigo, era de espécie muito duvidosa, já que profetizavam o fim das coisas; e Maximila chegou a afirmar que não viria depois dela nenhuma outra profetisa.

A interpretação dos escritos apostólicos, sobretudo dos de Paulo, através do seu raciocínio filosófico, trazia com os padres da Igreja a impressão da filosofia platónica e do neoplatonismo. A *κριτική τοῦ ποιητοῦ τῆς συντάξεως* de Platão (*Íon*), e a interpretação da fala extática do mântico Timeu, recordam inteiramente o orador em línguas da Epístola de Paulo aos Coríntios. A adivinhação de Plotino, Filóstrato, etc., no neoplatonismo, que em sonhos tinha comunicação com o divino, é da mesma espécie, de modo que a influência grega é visível por toda a parte nas teorias cristãs e, de forma mais

marcante, nas doutrinas montanistas. Entre as formas pagãs e cristãs dos fenómenos, a terapêutica de Platão coloca-se, até certo ponto, como intermediária.

Nos dois primeiros séculos, no período paulino em primeiro lugar, e no período montanista em segundo, referia-se constantemente aos dons internos de profecia, como demonstrados nos modos de revelação, dos quais duas correntes eram as predominantes: as do paulinismo e as do patricismo, ou do cristianismo judaico. Os primeiros apoiavam-se na imediaticidade das suas revelações e visões; os outros buscavam o seu apoio na união imediata com Cristo. Estas conceções não ficaram sem opositores.

Já os *Clementinos* declaravam as circunstâncias visionárias e as *ὑπτάστιαί* e *ἀποκαλύψεις* de Paulo como efeitos demoníacos. Segundo eles, o conhecimento flui do profeta para fora, e as visões imediatas concedidas a Pedro (Mateus XVI, 16) são os tipos de todos os verdadeiros anúncios da verdade, que são, é certo, o resultado de influência sobrenatural, mas que Pedro devia apenas ao *ἐνέργειαν* — poder de Deus. As revelações demoníacas são *ἐνεργεῖν* (atuações).

Os meios de produzir êxtases eram, de resto, perfeitamente naturais: como o fumo do sacrifício, e cerimónias e preparações misteriosas, como anteriormente nos oráculos, pelas quais em parte as causas naturais, como no reconhecimento de doenças, eram descobertas, como entre os *Clementinos*, por exemplo, a loucura fanática; e em parte eram descritas como operações imediatas de Deus, como na visão paulina dos montanistas.

Durante o declínio do Império Romano, as visões aumentaram prodigiosamente, embora os homens adquirissem assim maior terror do culto idolátrico pagão, porque acreditavam que os ídolos eram habitados por demónios. Daí surgiu aquela doutrina terrível e geral do diabo, a que se ligava em parte a crença de que os pagãos realizavam os seus efeitos mágicos com a ajuda dos espíritos malignos, e a que em parte davam ocasião os ascetas, que, pela sua reclusão eremítica e pelo horror da poluição através do contacto habitual com a sociedade, mantinham conflitos internos com tentações e diabos atormentadores.

Os gnósticos viam geralmente nos seus transportes espíritos e almas; as suas visões personificavam-se em formas vivas, que surgiam em cena com cores e trajes exatos, como depois na Idade Média, e até nos tempos mais recentes, voltou a acontecer. Também então as

visões apareciam frequentemente em estado de vigília, e por um estado perturbado da consciência que tanto mais assumia o aspeto do maravilhoso, e fazia lembrar a influência sobrenatural, quanto era acompanhado por convulsões terríveis e espasmódicas.

Tem-se frequentemente afirmado que os oráculos cessaram com o advento de Cristo; enquanto, por outro lado, os padres da Igreja aduziam os testemunhos dos oráculos e das sibilas para provar a divindade da religião de Cristo. Justino Mártir, Eusébio, Lactâncio, Jerónimo, Ambrósio, Agostinho, São Clemente de Alexandria, etc., falam dessas profecias. Irineu tinha mulheres adivinhas, a quem ordenava que profetizassem. Montano e os seus discípulos contavam a profecia como dom espiritual, e vangloriavam-se abertamente das suas visões proféticas. Irineu não os contradisse, e Tertuliano honrou-os.

Ele descreve (*De anima*, c. ix.) uma tal profetisa com estas palavras: — "Entre nós há uma irmã que possui o dom da profecia; ela cai habitualmente em êxtase durante o serviço divino ao domingo, no qual tem comunicação com anjos e espíritos — sim, por vezes com o próprio Senhor. Penetra então nos segredos de alguns corações, e cura outros com remédios. A leitura das Sagradas Escrituras, o canto de hinos e a oração dão matéria às suas visões, nas quais uma vez descreveu também a forma da alma humana."

Um dos mais zelosos defensores da adivinhação foi Constantino, o Grande, que, segundo se diz, proferiu um longo discurso sobre a verdade das sibilas, o qual foi lido na assembleia da Igreja em Niceia. (R. P. Crasset, *Dissertation sur les oracles des Sibylles*, Paris, 1678).

## PRIMEIRA DIVISÃO
## A MAGIA DOS ANTIGOS GERMANOS
## E DAS NAÇÕES DO NORTE

Os antigos Gauleses e Cimbros eram classificados entre os Celtas. Os Celtas, segundo Grimm, foram expulsos pelos Germanos e pelas raças do norte das regiões muito mais vastas que originalmente ocupavam na Europa, para o extremo ocidente dela. Sob este título compreenderemos todas as nações noroeste-europeias, visto que depois ou se espalharam por todos esses países, ou se amalgamaram com os seus habitantes.

Todos estes povos — como os Gauleses, os Espanhóis em parte, os Britânicos e os Belgas, juntamente com os antigos Germanos — considerá-los-emos em conjunto, já que não falamos de nenhuma mitologia particular nem de nenhuma história individual, e veremos se encontramos entre eles alguma magia.

(Em primeiro lugar devemos notar que não se acredita que nenhum destes povos tenha derivado a sua magia dos Romanos. Pelo contrário, tinham os seus próprios costumes religiosos e mágicos muito antes da invasão dos seus países pelos Romanos; nunca misturaram os seus costumes com os dos Romanos; sobre este assunto remeto para a *Mitologia Germânica* de Grimm, que dá a mais forte prova da autenticidade das doutrinas do norte e da sua relação original com os Germanos.

A grande concordância de todas as nações do norte em poesia, religião e língua mostra que a sua mitologia é genuína; e Grimm, além disso, prova de modo duplo que, sendo genuína a mitologia nórdica, consequentemente também a germânica o é; que a mitologia germânica é antiga e, portanto, também a nórdica.)

Plínio e Tácito viveram ambos nestes países antes da invasão dos Romanos; e embora tenham descrito a magia destes povos depois da chegada dos Romanos, é certo que estas nações, em tão curto espaço de tempo, não tinham recebido os costumes e os usos dos Romanos; que ardiam em ódio furioso contra eles; que lhes resistiram durante séculos, não quiseram aprender a sua língua, eram inimigos jurados dos Romanos, e nunca, especialmente os Germanos, foram por eles submetidos ao jugo.

Encontramos aqui, de facto, costumes que, pela simplicidade deste povo, deviam naturalmente descender deles mesmos, como os encontramos por toda a parte; mas templos romanos e gregos de Esculápio e Apolo não encontramos em lado nenhum; e os nomes dos deuses que Tácito cita entre os antigos Germanos não são germânicos, mas meramente enxertados, segundo ideias romanas, sobre deuses germânicos que eles adoravam nos seus bosques.

Mas os próprios Germanos não lhes davam nomes greco-romanos, mas sim germânicos, como prova Grimm — e que, além disso, corrobora as nossas doutrinas fundamentais acerca da mitologia: a saber, que o fundamento de toda a *Saga* é mito; isto é, a fé nos deuses, tal como desce de povo em povo numa infinita declinação. A *Saga* e a história, nos seus limites, fundem-se uma na outra; mas o

substrato universal de toda a *Saga* é mito. "Enquanto a história é produzida pelas ações dos homens, a *Saga* paira sobre elas como uma luz, que lampeja a intervalos, como um odor que emana de um objeto. A *Saga* renasce incessantemente; a história nunca se repete. A alada *Saga* ora se eleva, ora cai; a sua fixação duradoura é um favor que não concede a toda a nação. Onde eventos distantes teriam perecido na escuridão do tempo, a *Saga* une-se a eles, e preserva uma parte deles. Mas quando mito e história se encontram e se fundem, então o epos ergue uma plataforma e fia o seu fio" (Grimm, *op. cit.*, Introdução).

Os chefes ou líderes dos Celtas eram chamados druidas, e entre os Gauleses também semoteiros. Eram juízes, sacerdotes, médicos, legisladores e adivinhos. Pompónio atribui uma ciência superior — sim, a própria sabedoria — aos druidas. "Estes", diz ele, "professam compreender a dimensão e a forma da terra e do universo, os movimentos dos céus e das estrelas, e tudo quanto os deuses intentam. Eles ensinam a classe mais elevada do povo secretamente em cavernas e em lugares remotos. Uma das suas doutrinas principais, e que é também conhecida do povo comum, é a imortalidade da alma."

Em tempos posteriores parecem ter sido tidos em ainda maior estima na Bretanha, e muito mais do que na própria Gália. Dividiram, no entanto, o seu ofício geral, tal como a natureza lhes ensinara mais tarde, em várias classes; de modo que os druidas propriamente ditos ocupavam-se principalmente com a formulação das leis, outros com os inquéritos ao conhecimento da natureza e da medicina, e os bardos ocupavam-se da arte da poesia.

Reconhecem-se nos druidas as condições de todos os povos primitivos, tal como se encontram no Oriente entre os Egípcios, os Israelitas, etc. Tinham combinado completamente em si próprios toda a condução e governo do povo, como sacerdotes-médicos; e mesmo os seus costumes estavam de pleno acordo com os do Oriente, pois os druidas transmitiam as suas doutrinas fundamentais e os seus costumes apenas aos iniciados, que instruíam em bosques sagrados e em lugares remotos (César, *De bello Gallico*, lib. iii, c. 14). No exercício dos serviços sagrados, os druidas, como os Egípcios e os Pitagóricos, vestiam túnica branca (Plínio, *Hist. Nat.* xxx). Curavam enfermidades e doenças por práticas mágicas; e, enquanto professavam ter comunicação com os deuses, proclamavam acontecimentos futuros; e as suas esposas, as chamadas Alrunas ou

Alraunas, eram altamente célebres pelas suas vaticinações e encantamentos, pelo tratamento de guerreiros feridos e pela assistência a mulheres em parto.

Que posição ocupavam estas mulheres proféticas é mostrado pelo facto de que até o imperador Aureliano as consultava (Vopisco, *Aurelianus*, c. 44). Elas conheciam também os meios de produzir o êxtase; e como um dos mais excelentes meios mágicos — como um adaptado a quase todos os casos possíveis — utilizavam o visco do carvalho, que colhiam em determinados tempos e com certas cerimónias.

Como habitavam sob os carvalhos e aí realizavam o seu culto público, acreditavam que uma planta que crescesse nos ramos sagrados devia ser um dom especial do céu — sim, que o visco era o sinal da árvore que os próprios deuses tinham escolhido. Por esta razão, segundo Plínio, nunca realizavam os seus ofícios sacerdotais sem um ramo de visco (*Hist. Nat.*, lib. xvi, c. 44):

*"Nihil habent Druidae (ita suos appellant magos) visco et arbore, in qua gignatur (si modo sit robur) sacratius. Jam per se roborum eligunt lucos, nec ulla sacra sine ea fronde conficiunt"*
("Nada têm os druidas — assim chamam aos seus magos — de mais sagrado que o visco e a árvore em que nasce (contanto que seja carvalho). Escolhem de preferência bosques de carvalhos, e nenhum sacrifício é feito sem aquela folhagem").

Águas e bosques sagrados apresentam-se continuamente entre os Germanos, como o *Bodensee* ou *Wodansee*, o *Odenwald* ou *Odinswald*; e aí realizavam os seus sacrifícios sagrados debaixo de árvores consagradas, e os seus bardos inspirados profetizavam. A estas árvores não se atribuía injustamente um poder mágico, visto que muitas espécies (loureiro, sabugueiro, etc.) possuem a virtude particular de induzir o sono e favorecer sonhos proféticos; e estas florestas tinham a sua força aumentada por serem magnetizadas por eles.

Atribuíam também uma atividade de grande preeminência à lua. As mudanças visíveis da lua, e os estados evidentes de aumento e diminuição de atividade em plantas e animais, e que era muito notório para eles nos homens, tinham-lhes ensinado, como a todos os outros povos da natureza, muitas coisas. Pode perguntar-se se as muitas curas por simpatia, ainda comuns entre o povo de várias classes na Alemanha, não descendem dos druidas? Além disso, é

notável que em França a prática da medicina tenha continuado durante mais tempo ligada ao sacerdócio; e vários hospitais estavam sob a administração dos sacerdotes, que eram ao mesmo tempo médicos. Ainda hoje em alguns casos isso subsiste.

Encontro uma relação muito notável em Pompónio (*De situ orbis*, lib. iii, c. 6) acerca das sacerdotisas da ilha de Nark, no mar Britânico. "Esta ilha", diz ele, "era muito célebre por causa do oráculo do deus gaulês. As condutoras dele eram nove sacerdotisas gaulesas, que tinham feito voto de castidade.

Eram consideradas dotadas de poderes particulares: a saber, que pelo seu canto podiam excitar o vento e o mar, e transformar-se nas formas de quaisquer animais que quisessem; que curavam doenças que ninguém mais podia curar; e que conheciam e predisseram o futuro. Mas eram benevolentes apenas para com os marinheiros, e só até ao ponto em que estes se dispunham a consultá-las."

Dos druidas na Inglaterra e na Gália, Plínio diz (*Hist. Nat.* xxx, 1) que vaticinavam e curavam doenças:

*"Galleos utique possedit et quidem ad nostram memoriam. Nam Tiberii Caesaris principatus sustulit Druidas eorum et hoc genus vatum medicarumque. Britannia hodieque attonite eam celebrat tantis caeremoniis, ut dedisse Persis videri possit."*

("Os gauleses, de facto, possuíram [esta ciência], e até à nossa memória. Pois o principado de Tibério César aboliu os druidas deles e este género de vates e de médicos. Mas a Bretanha ainda hoje a celebra com tão grandes cerimónias, que poderia parecer que a recebeu da Pérsia.")

O que aqui se diz dos druidas aplica-se também, mais ou menos, aos antigos Germanos. Certamente, muitas das circunstâncias mais notáveis ligadas a eles perderam-se no esquecimento, de modo que apenas conhecemos alguns dos seus fenómenos que se assemelham ao magnetismo, sem sermos informados das suas práticas particulares e modos de proceder.

Dos deuses germânicos — o Sol, a Lua, Wodan (Woutan), Donar, etc. — derivaram os dias da semana os seus nomes; e Grimm traça minuciosamente a ligação entre o sacerdócio e a mulher profética — Dis, Deis, Aurinia, Aliruna, etc. Os sacerdotes eram os guardiões do bosque sagrado, *Godi*; e, além disso, o sacerdócio detinha ao mesmo tempo o ofício de juízes; e nas expedições militares a manutenção da

disciplina pertencia-lhes até mais do que aos generais. O carro do deus era apenas tocado pelos sacerdotes; a sua aproximação era percebida por ele. Quanto ao que toca às suas cerimónias secretas, estas eram provavelmente tão estritamente guardadas que não eram testemunhadas por nenhum estranho.

As mulheres proféticas dos Germanos estavam para eles na mesma relação que as sibilas para os Romanos, cujos conselhos eram seguidos como sagrados, e cujas respostas eram tidas como incapazes de enganar (Tácito, *De moribus Germanorum*, c. viii, ed. Ernesti):

*"Inesse quinetiam sanctum aliquid et providum putant; nec aut concilia earum aspernantur, aut responsa negligunt."*

("Acreditam que há nelas algo de sagrado e previdente; e não desprezam os seus conselhos nem negligenciam as suas respostas.")

Tácito fala especialmente de uma delas chamada Veleda. Eram também conhecidas sob os nomes de Alrunes, Alurines, Alioruns, que não devem ser considerados como nomes próprios, mas como um geral, pertencente a todas as mulheres proféticas. *Alraun* é um espírito necromântico; *raunen* significa ainda sussurrar, falar em segredo — *"runian susurrare"*.

Desta Veleda dos Germanos escreve Tácito, que "ela exercia grande autoridade; pois as mulheres foram tidas aqui, desde os tempos mais antigos, como proféticas e, pela superstição excessiva, como divinas. A fama de Veleda encontrava-se na mais alta elevação, pois predisse aos Germanos um desfecho próspero, mas às legiões a sua destruição" (*Hist.*, iv, 61). *"Ea virgo—Veleda—late imperitabat: vetere apud Germanos more, quo plerasque foeminarum fatidicas, et, augescente superstitione, arbitrantur Deas. Veledae auctoritas adolevit. Nam prosperas Germania res et excidium legionum praedixerat"* (65)

("Essa virgem — Veleda — reinava largamente: segundo o antigo costume dos Germanos, que consideram muitas mulheres como profetisas e, com a superstição crescente, como deusas. A autoridade de Veleda aumentou, pois predissera a prosperidade da Germânia e a destruição das legiões").

Quando o povo de Colónia concluiu uma aliança com os Tencteri, anunciaram: "*Arbitrium habebimus Civilem et Veledam, apud quos pactum sancientur*" ("Teremos como árbitros Civilis e Veleda, perante

os quais será sancionado o pacto"). Assim, enviados aos Tencteri, foram depois enviados a Civilis e Veleda com presentes, e tudo foi levado a cabo segundo a vontade dos Agripinenses. Mas era proibido aproximar-se e falar com Veleda; era-lhes vedado o seu aspeto, para que houvesse mais veneração. Tácito relata ainda que os próprios Romanos enviaram embaixadores com presentes a Veleda. Mas ela não podia ser abordada nem interpelada; raramente era visível, e assim a sua honra aumentava. Ela própria vivia numa torre, de onde, como uma mensagem dos deuses, os seus conselhos e respostas eram transmitidos.

Grimm, no décimo segundo capítulo da *Mitologia Germânica*, trata das mulheres sábias e proféticas. "O ofício e função das semideusas é, em geral, servirem os deuses e revelarem a sua vontade aos homens. É um traço notável do nosso paganismo que as mulheres fossem escolhidas para este ofício. Os povos judaico e cristão oferecem aqui um contraste — os profetas profetizam, os anjos e santos proclamam os mandamentos de Deus.

Os deuses gregos servem-se de mensageiros masculinos e femininos. Entre os Germanos, as sentenças do destino na boca das mulheres parecem adquirir maior santidade. Só como exceções aparecem homens proféticos; daí talvez a linguagem alegorizar crimes e virtudes como mulheres. A grande função delas é trazer aos mortais o anúncio do bem ou do mal, da vitória ou da morte, não o que os deuses fazem entre si.

A sua sabedoria perscruta, sim, elas viram e ordenam os acontecimentos no destino, advertem dos perigos, aconselham na dúvida, e por isso são chamadas mulheres sábias e conhecedoras." As Dis, Alrunes, Nornas, Bays, Valquírias: destas se diz que passam pelo ar e pela água; o dom de nadar e de voar é-lhes peculiar; podem assumir a forma de um cisne, e por isso a Donzela-cisne, Bertha, foi chamada rainha de pés de cisne.

Destas poucas particularidades tiramos alguns factos notáveis. Em primeiro lugar, Veleda habitava numa torre, cujo interior, infelizmente, nada sabemos; mas é importante que não permitisse que alguém se aproximasse dela, nem que a perturbassem nas suas contemplações mágicas. Em segundo lugar, era tida em grande estima pelas suas proclamações oraculares, pois estas lhe traziam ricos presentes.

Não apenas os Germanos, que uma vez lhe enviaram no Lippe um navio de guerra de três remos (Tácito, *Hist.*, v, 22), mas até os próprios Romanos, como inimigos; pois Tácito diz expressamente que os Romanos lhe enviaram presentes por meio de embaixadores; e Cerealis enviou mensageiros secretos, e implorou a Veleda e às suas companheiras que permitissem aos Romanos, que tinham sofrido tantas derrotas, gozar de uma mudança de fortuna militar. Ainda no tempo de Vespasiano Veleda era honrada como uma deusa (Tácito, *De moribus Germanorum*, c. 8). Depois de Veleda, uma virgem chamada Ganna foi honrada como profetisa.

Os Cimbros, quando marchavam para a guerra, eram acompanhados por mulheres idosas proféticas, que estavam vestidas de branco, tinham pés descalços e cingiam um cinto de ferro. O sangue dos mortos era recolhido num caldeirão sacrificial, a partir do qual faziam adivinhações. O caldeirão lembra-nos o posterior caldeirão das bruxas, quando um bode era oferecido ao antigo deus germânico do trovão, Donar. Perante esse bode o povo se prostrava — donde a adoração posterior do bode pelas bruxas, como o diabo naquela forma.

Os Prussianos, de facto, conservaram a religião do bode até ao século XV, e ofereciam a Peron, o deus do trovão, o sacrifício de bodes. O deus dos Eslavos, Triglau, é representado com duas cabeças de bode. Os Germanos ofereciam cavalos, como os Persas, e Odin tinha dois lobos e dois corvos como acompanhantes constantes.

Mais tarde tornaram-se o lobo do inferno e o corvo do inferno, tal como o bode de Donar se tornou o bode infernal, no que vemos, digno de nota, a dupla natureza da adivinhação dos antigos Germanos: a uma de magia pura, como no caso de Veleda, e a outra selvagem e impura, a das sacerdotisas cimbrias do sacrifício de sangue.

Acreditavam também que podiam adivinhar por sortes: mas era um procedimento muito simples. Cortavam um ramo de uma árvore de fruto em muitos pequenos pedaços, e espalhavam-nos, marcados com certos sinais, sobre um pano branco. Conforme a consulta fosse pública ou privada, o sacerdote ou o pai de família pegava nos diferentes pedaços em meio de preces e dispunha-os segundo as indicações.

Tinham, contudo, muitos outros modos de adivinhação, entre os quais talvez o mais notável fosse que, pelo ruído e redemoinho das

águas, caíam em êxtase e adivinhavam. Por estes meios, os olhos, os ouvidos e os nervos eram, de maneira misteriosa, movidos, agitados e determinados, de modo que se recordam as Nereidas, Ninfas e Ondinas encantadas. Estas eram talvez apenas um certo meio de curar doenças dos nervos, e particularmente de colocar as pessoas propensas ao sonambulismo numa condição melhor — suposição que certas experiências efetivamente corroboram.

A prática da magia espalhou-se depois entre o povo comum, que em parte já conhecia o Cristianismo. Os pagãos não depuseram os seus costumes e opiniões antigas tão facilmente como as suas roupas, e o zelo religioso dos sacerdotes não conseguiu suprimir a prática generalizada da feitiçaria. "O paganismo e o Cristianismo, depois de entrarem em conflito — isto é, depois da conversão dos pagãos — exerceram uma influência mútua: o Cristianismo procurando erradicar as ideias do paganismo, e o paganismo procurando ocultar-se sob formas cristãs.

A fé conquistadora saiu para aniquilar a vencida; a vencida procurava, por assim dizer, assegurar a sua posse devastada no meio do inimigo; aqui foram plantadas máximas pagãs na sua pureza; ali insinuaram-se, pouco abaladas no coração, sob nomes cristãos. Certos mitos cristãos — ao mesmo tempo, os do Antigo Testamento — misturaram-se com as lendas eclesiásticas da Idade Média, especialmente entre o povo.

Assim elfos e gigantes foram convertidos em demónios, e mulheres da noite em bruxas. Woutan também degenerou em caçador terrível; Holda e Bertha em espantalhos para crianças. Os corvos de Woutan pertencem ao diabo, mas as ações dos gigantes são atribuídas aos santos" (Grimm).

Num período posterior, o poder político entrou em cena, e colocou-se em hostilidade direta contra toda a magia. Os Visigodos e Ostrogodos promulgaram leis muito severas, conhecidas pelo nome de leis sálicas. Uma mulher suspeita de magia era entregue às chamas como feiticeira e bruxa. Isto aconteceu primeiro no século VI, no reinado de Childerico I, no qual duas mulheres acusadas de bruxaria foram queimadas vivas (Cantz, *De cultibus magicis*, i, c. 3). Logo a seguir vieram ordenações e decretos de terror de concílios e reis contra feiticeiras e mágicos, do que se conclui que as mulheres daquele tempo estavam mais inclinadas às artes mágicas.

Um número nada pequeno de pessoas, especialmente mulheres, sofrendo de ataques de cãibras, e que eram diretamente acreditadas como possuídas ou influenciadas pelo diabo, com quem se dizia terem feito pacto, foram muito cedo deploráveis vítimas do zelo religioso cego.

Teremos ocasião de conhecer mais de perto o tema da bruxaria; entretanto, pode aqui notar-se que as leis sálicas falam de nós e ligaduras mágicas — *ligaturae*, das quais cantaram os poetas gregos e ainda mais os latinos; e mencionam também fórmulas de feitiçaria e assembleias noturnas, nas quais os acusados se dizia celebrarem os seus festins demoníacos. Estas severas proibições não valeram de muito; apenas estimularam a formação de ligas secretas, de que finalmente resultaram males reais e terríveis, de modo que se tornou absolutamente necessário pôr-lhes fim.

Mas infelizmente não se fez grande distinção entre inocentes sofredores de ataques de cãibras, convulsões ou afeções do espírito, e entre confessos bruxos e bruxas. Assim, no tempo de Carlos Magno, em 914, um grande número foi queimado, e a prática continuou por séculos.

No século VIII os Espanhóis foram invadidos pelos Sarracenos, que trouxeram consigo a ciência árabe para a Europa, a qual lançou nova luz sobre este continente. Entre os Árabes tinham durante longo período prevalecido os filósofos pitagóricos, platónicos, ecléticos e aristotélicos. Professavam ser discípulos mais de Aristóteles do que de Pitágoras e Platão; contudo, reinava de facto muito mais do espírito destes últimos.

A filosofia mística de Thophail, Avicena, Avempace, Avicebron, etc., recebeu acréscimos da literatura das maravilhas, e estas eram abertamente ensinadas em Salamanca e Toledo (Tiedemann, c. i. p. 98). Esta exibição pública da magia, é verdade, foi por alguns contestada, e chegou a descobrir-se uma caverna onde se faziam tais exibições mágicas. Parece ter sido claro que os Árabes se entregavam zelosamente à magia; e defenderam-na com grande entusiasmo, e de modo eclético, em muitos dos seus escritos. Parece nunca ter sido de má reputação entre eles, e não há leis que mostrem terem jamais procurado opor-se a ela.

No século XI a ciência árabe entrou em França, Inglaterra e Alemanha, e muitas pessoas viajaram até Espanha para dela se inteirarem. Para isso contribuiu muito a leitura dos livros da Igreja,

sobre cujas doutrinas o espírito de investigação crítica começava a lançar dúvidas que requeriam uma filosofia para serem resolvidas. Para esse fim trouxeram consigo os livros árabes mais eminentes, e assim a magia adquiriu maior reputação e recebeu um traje filosófico, o qual, porém, estava agora enfeitado com todo o tipo de cores vistosas e artifícios.

Então surgiram escritores filosóficos que atraíram sobre si todos os olhares. A filosofia ergueu a cabeça, e foi agora abertamente ensinada por Raimundo Lúlio, Alexandre de Hales, e seus discípulos: Alberto Magno, Tomás de Aquino e outros. Todos estes homens estavam bem familiarizados com os escritos árabes, e a magia recebeu agora uma multidão de defensores, que muitas vezes souberam como, com as mais nobres intenções, separar a verdade da fábula, da mentira e do engano.

Ser-nos-ia fácil citar das obras destes autores muito de belo e instrutivo, pois contemplaram o assunto com verdadeiro espírito de investigação filosófica. Tais são os escritos de Alberto Magno, Rogério Bacon, Tomás de Aquino e outros — produções de valor eminente. Alberto confessa abertamente que realizara experiências mágicas (*Albert. Magn. Op.* t. iii. *de an.* p. 23, Lugdunum, 1651); e na sua filosofia natural e descrições da natureza fala frequentemente de simpatia, antipatia, influência dos astros e outras coisas mágicas.

Pomponazzi (*De naturalium effectuum admirandorum causis seu de incantationibus liber*, Basileia, 1517):

"Todos os prodígios", diz ele, "que as pessoas atribuem ao diabo, ou são engano, ou são naturais. Há homens que, pelo poder da sua vontade, podem produzir fenómenos e curas maravilhosíssimas.

Mas, para as efetuar perfeitamente, é preciso ter fé e amor, e um ardente desejo de ajudar o doente; e para isso nem todos estão qualificados. O doente, também, deve ter fé." Afirma que as crianças são mais suscetíveis à influência mágica do que os adultos. Entretanto aconselha o seu leitor a manter o assunto em segredo.

Ao mesmo tempo entrou em prática o uso de amuletos e dos nomes dos santos, pelos quais as pessoas acreditavam defender-se das doenças mais graves e tornar-se capazes de as curar, com remédios que tinham sido descobertos nos livros dos médicos mais antigos e dos Árabes. A estes foi dada uma importância cristã, que deu origem às fórmulas mais confusas e supersticiosas, às quais os mais poderosos pensadores filosóficos já não puderam impor limites. Eis

aqui duas dessas fórmulas de cura, das mais claras e aceitáveis: "Gaspar traz mirra; Melchior incenso; Baltasar ouro. Quem trouxer consigo estes três nomes, será, por Cristo, livre da epilepsia" (Tiedemann, p. 102). Eis a segunda: o doente epilético é tomado pela mão, e o operador murmura suavemente ao seu ouvido:

"Eu te conjuro pelo sol e pela lua e pelo evangelho de hoje, etc., que te ergas e já não caias ao chão; em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." As hemorragias deviam ser estancadas do mesmo modo. Vemos aqui um modo de operação mágica; pois esse segurar da mão, e esse falar suavemente ao ouvido, pelo qual o cérebro é soprado, são modos muito poderosos de manipulação. A isto se acrescenta o efeito espiritual de dirigir à mente expectante e excitada tais palavras poderosas e sagradas.

A magia desse tempo pode dividir-se em três partes. A primeira funda-se na feitiçaria, e faz um pacto com o diabo. A segunda pratica com as influências astrais, com a simpatia e a antipatia. Depende muito do efeito de diferentes palavras e de outros costumes mágicos. Uma terceira espécie foi classificada com a magia, mas deve antes ser considerada como uma magia mística, cujos adeptos procuraram aniquilar a sensualidade pela piedade e purificação do coração em contemplações sobrenaturais; sim, até procuraram chegar a Deus por esse meio. A primeira nada tem a ver com as duas últimas. A terceira esteve, na maior parte, unida à segunda, mas os que pertenciam à terceira geralmente desprezavam a segunda.

O prestígio que a magia desses tempos adquiriu pode avaliar-se pelo facto de não apenas doutores secretos e o povo comum, mas até reis e imperadores se dedicarem a ela. O imperador Frederico II, no século XIII, diz-se ter usado artes mágicas; e Rodolfo II e Carlos V são tidos como muito devotados a tais estudos. Maximiliano I e o Grande Eleitor de Brandemburgo, Joaquim II, tiveram até João Tritémio como mestre de astrologia, ele que foi o mais zeloso defensor da magia (Cantz, *De cultibus magicis* i. 4; Tiedemann, p. 110; Möhler, *História da Ciência na Marca de Brandemburgo*). Em França, Catarina de Médicis era extremamente dada à magia.

Passavant, nas suas *Investigações sobre o Magnetismo da Vida e da Clarividência*, reuniu muitos factos acerca da magia das nações do norte, dos quais aqui nos serviremos brevemente. À página 305 da segunda edição diz-se:

"As raças originais germânicas e eslavas, como as sagas primevas de todos os povos envoltas nas brumas do tempo, falam de videntes e videntes-mulheres, cujos poderes mágicos estavam ao serviço do público. As profecias na *Edda* são semelhantes às de muitos videntes orientais das eras primevas. O próprio Odin viaja até à antiga Vala, a profetisa do longínquo norte. Vala é o espírito guardião da terra, a mais antiga de todas as profetisas. A parte mais antiga da *Edda* chama-se dela *Völuspá* — a visão de Vala.

Despertada do longo sono da morte pelo canto mágico de Odin, profetiza, sobre o túmulo dos Hunos, a destruição do mundo. Antes do fim dos tempos e do crepúsculo dos deuses, será Loke, o maligno, libertado dos seus grilhões, sairá com os gigantes do fogo para o combate contra os deuses, e todos os filhos da antiga Noite se erguerão para destruir o reino da luz. Mas quando o reinado dos deuses terminar, então o Pai de todos, numa nova manhã, criará de novo deuses e homens a partir da plenitude da sua glória."

Depois de Passavant ter notado a "segunda vista" dos escoceses, segundo a *História da Escócia* de Boécio, e a visão profética em *Macbeth*, que Shakespeare empregou como facto histórico real, literalmente cumprido, continua: "Entre os Fínicos e Lapões as práticas mágicas misturaram-se estranhamente com uma variedade de superstições pagãs; e muito depois da sua conversão ao Cristianismo, contra as mais severas proibições, os tratos mágicos continuaram quase até ao presente.

O pequeno número de clérigos, a reduzida extensão da sua influência num país vasto e pouco povoado; a paisagem selvagem e desolada, o céu gélido, a solidão, a vida de caçador, as raízes profundas do uso antigo — tudo isso contribuiu para perpetuar aqueles tenacíssimos restos de paganismo. Sturleson, Saxo, J. Zeigler, Olaus Magnus, P. Claudi, Tornæus, João Scheffer, professor em Upsália, todos relatam muitas coisas dessa feitiçaria, aceitando com fácil crença muito do que é falso; interpretando supersticiosamente outras coisas; e, para o resto, dando-nos muitos factos bem atestados e notáveis."

O conhecimento da magia foi outrora, no extremo norte, objeto de instrução regular, e a mais alta nobreza enviava os seus filhos e filhas aos professores mais célebres da arte. A sua sabedoria está registada nas Runas, o sânscrito primevo do norte. Uma tradição mais restrita surgiu após a extinção das tradições primordiais e mais magníficas

transmitidas de pais a filhos, e daí podem ter nascido as lendas de espíritos domésticos e familiares, semelhantes aos Lares e Penates do Lácio, que se herdavam de geração em geração.

Alguns procuravam com zelo e esforço árduo adquirir a faculdade profética; outros encontravam-na sem a procurar, já na infância. É digno de nota o que Tornaus diz, que considera a faculdade visionária, outrora tão estimada, como obra do diabo: — "Alguns possuem o dom mágico pela natureza, o que é horrível. Pois aqueles que o diabo percebe que hão de ser servos obedientes e instrumentos de trabalho, ele apodera-se deles na infância com doença, apresentando-lhes, em estado de inconsciência, muitas imaginações e visões, das quais, conforme a capacidade da sua idade, aprendem o que pertence à arte negra.

Aqueles que uma segunda vez são atacados por esta enfermidade veem ainda mais numerosas visões, das quais aprendem ainda mais. Se caírem uma terceira vez nesta condição, ficam tão violentamente afetados, que correm perigo de morte, mas ao mesmo tempo todas as visões do diabo e as suas maravilhas lhes são reveladas, de modo que alcançam o conhecimento perfeito da arte da feitiçaria. E estes são instruídos até tal ponto que podem ver coisas muito distantes com os instrumentos comuns de encantamento; sim, devem provavelmente vê-las, quer queiram quer não, tão totalmente estão possuídos pelo diabo."

Logo a seguir ele relata que um lapão, a quem ele tinha muitas vezes e severamente repreendido pelo seu tambor mágico, o entregou voluntariamente, confessando com tristeza que, sem a ajuda dele, via tudo o que se passava em lugares distantes; acrescentando que não sabia o que tinha acontecido aos seus olhos; e então relatou tudo o que acontecera a Tornaus na sua viagem à Lapónia.

O seu instrumento de encantamento mais precioso é este tambor mágico, que chamam *Kaunas* ou *Quobdas*. Cortam-no de uma só peça de um tronco espesso, cujas fibras correm para cima na mesma direção que o curso do sol. O tambor é coberto com a pele de um animal; e na parte inferior são feitos buracos por onde pode ser segurado. Sobre a pele pintam muitas figuras; frequentemente Cristo e os Apóstolos, com os deuses pagãos — Thor, Noorjunkar e outros — misturados; a imagem do sol, formas de animais, terras e águas, cidades e caminhos, em suma, todo o tipo de desenhos conforme os vários usos. Sobre o tambor colocam um indicador, que chamam

*Arpa*, consistindo num feixe de anéis metálicos. A baqueta é geralmente um corno de rena. Este tambor guardam-no com o maior cuidado, protegendo-o especialmente do toque de uma mulher.

Quando querem saber o que acontece ao longe — como se sairá a caça, como correrá um negócio, qual será o resultado de uma doença, o que é necessário para a sua cura, e assim por diante — ajoelham-se, e o feiticeiro toca o tambor; primeiro com pancadas leves, mas depois cada vez mais fortes, à volta do indicador, até que este se mova numa direção ou para uma figura que ele considera como a resposta procurada, ou até que ele próprio caia em êxtase, quando geralmente coloca o tambor sobre a cabeça. Então canta em voz alta uma canção que chamam *Jogke*; e os homens e mulheres que o rodeiam cantam canções chamadas *Daura*, nas quais frequentemente se menciona o nome do lugar de onde desejam obter informação.

O feiticeiro permanece nesse estado extático algum tempo — muitas vezes por horas inteiras aparentemente morto, com os traços rígidos; por vezes a suar copiosamente. Entretanto os assistentes continuam as suas invocações, cujo objetivo é que o adormecido não perca da memória nenhuma parte da sua visão; ao mesmo tempo guardam-no cuidadosamente para que nada vivo o toque — nem sequer uma mosca. Quando volta a si, relata a sua visão, responde às perguntas que lhe são feitas, e dá provas inequívocas de ter visto coisas distantes e desconhecidas.

A consulta do oráculo nem sempre se realiza de forma tão solene e completa. Em assuntos quotidianos, como a caça, o lapão consulta o tambor sem cair na crise sonambúlica. Por outro lado, pode ocorrer um estado mais desenvolvido de visão profética sem este instrumento, como já foi referido. Claudi relata que, em Bergen, na Noruega, o caixeiro de um mercador alemão perguntou a um norueguês fino-lapão o que o seu patrão fazia na Alemanha. O lapão prometeu dar-lhe a informação.

Então começou a gritar como um ébrio, e a correr em círculo, até cair por terra como morto. Passado algum tempo voltou a si, e deu a resposta, que o tempo mostrou ser perfeitamente correta. Finalmente, que muitos, estando plenamente acordados, sem convulsões e sem estado de inconsciência, são capazes de se tornar clarividentes, está fora de dúvida segundo o testemunho de Tornaus.

O uso que fazem da sua clarividência e das suas artes mágicas é, na maior parte, bom e inocente: curar homens e animais doentes; inquirir sobre coisas distantes e futuras, o que, no restrito âmbito da sua vida, é importante para eles.

Há, porém, casos em que a arte mágica é usada para prejudicar outros; e os escritores acima mencionados relatam muitos exemplos desse tipo, mas que parecem demasiado fabulosos para serem aqui registados. Outros rejeitam essas atrocidades e não permitem que a sua adivinhação seja maculada por tal abuso; uma atitude de justiça que não é retribuída pelos cronistas, que atribuem todas as maravilhas da magia, sem exceção, ao diabo, assim como hoje atribuem todos os exemplos modernos à imaginação.

Este modo de consultar o oráculo ainda prevalece na costa nordeste da Rússia entre os seus habitantes pagãos, exceto que aí é uma classe particular de sacerdotes, chamados *Schamans* (xamãs), que exercem o ofício de videntes. Estes xamãs, consultados pelo povo acerca de furtos, doenças e do significado de sonhos, vestem um traje oficial especial, batem o tambor mágico, invocam os seus demónios, caem em estado de frenesi, convulsão e desmaio, e então transmitem a mensagem oracular.

Os xamãs alcançam alto prestígio e influência em toda a Sibéria nordeste; mas nunca aí adquirem tanto poder como entre os *Tschuktse*, onde gozam de confiança absolutamente cega e incondicional, e usam-na por vezes de modo verdadeiramente temível. Entre eles encontram-se diferentes formas de magia e transe, como outrora foi comum em todo o paganismo; mas o poder original da visão profética só é possuído por eles na sua forma mais profunda, semelhante a uma loucura, uma inspiração selvagem, provocada por meios intoxicantes e entorpecentes, e ligada a uma superstição sangrenta, sob cuja influência os xamãs excitados exigiam, até há pouco tempo, sacrifícios humanos para aplacar os deuses.

Estas invocações podem lançar alguma luz sobre aqueles fenómenos obscuros de bruxaria e feitiçaria da Idade Média, que devem ser considerados restos de culto e magia pagã, e que mais tempo conservaram força entre os povos do norte, dos quais a *segunda vista* e o chamado *Taigheinn* são também fragmentos.

Segundo Grimm, a *Edda* contém um mito misterioso e profundo das três deusas do destino. Chamam-se coletivamente *Nornor*, mas os

seus nomes individuais são *Urdhr, Verdhandi* e *Sculd* — isto é, o Passado, o Presente e o Futuro. Estas três donzelas determinam a duração da vida de cada homem. Segundo a *Edda*, há fados bons e maus; e além dessas três principais, existem muitas outras. Algumas *Nornor* descendem dos deuses, outras dos elfos, outras ainda dos anões. "Assim como as Nornor estão relacionadas com o *Orlog*, assim está a *parca* com o *fatum* (destino)", diz Grimm; "daí a *fata* italiana, a *fée* francesa, a *Fee* alemã."

"Essas *Fees* (fadas) foram originalmente nomeadas pela sua função de anunciar os destinos, mas cedo começaram a ser consideradas como uma espécie de mulheres-espíritos. Existem muitas lendas das fadas da literatura cavalheiresca que concordam totalmente com a crença popular dos Germanos; donde as histórias das mulheres sábias.

O desejo de conhecer o futuro e de entrar em comunicação com poderes sobrenaturais está tão profundamente enraizado no género humano, que Cícero pôde verdadeiramente dizer: *"Gentem quidem nullam video, neque tam humanam atque doctam, neque tam immanem, tamque barbaram, quae non significari futura et a quibusdam intelligi praedicique posse censeat"* ("Não vejo povo algum, nem tão humano e culto, nem tão selvagem e bárbaro, que não creia que o futuro pode ser significado, compreendido e predito por alguns").

Mas a paixão igualmente inerente à natureza humana, de romper todos os impedimentos à liberdade e de se elevar acima das restrições do estado presente — e, a todo o risco, quando não é possível alcançá-lo por meios suaves, de tomar os demónios de assalto —, essa paixão, uma vez despertada, em nações rudes e em povos ignorantes, é tanto mais desenfreada e impetuosa quanto nem a luz da religião a ilumina, nem o seu calor suave lhe atenua o tom.

A ideia de assegurar longa vida, riqueza e honra inflama a imaginação e precipita-se, como um elemento sem lei, em selvagem excitação mántica, através de sacrifícios de homens e animais, e até pelo próprio inferno, em direção ao céu. É sabido como o paganismo, especialmente em certos períodos de transição e durante o declínio do espírito natural hereditário, incubando quimeras num frenesi mántico, inverte, por assim dizer, a própria natureza, abusa do mundo inocente dos animais com horrível violência e esmaga tudo o que é humano sob os pés. Quem quiser ver provas mais particulares

disto pode consultar muitos autores antigos sobre feitiçaria, especialmente a grande obra de Peucer, *De Divinatione*, e a de Alberto Magno.

Tais práticas de feitiçaria foram herdadas dos pagãos do norte pelos islandeses, lapões e montanheses da Escócia, que procuravam obter do inferno bens imaginários pela força, apoderar-se, pelo seu próprio poder e arbítrio, do dom da segunda vista; e, para isso, recorriam não apenas a meios absurdos e ridículos, mas frequentemente às mais terríveis espécies de magia infernal.

Pois onde os homens não conhecem a Deus, ou dele se afastaram na maldade, dirigem-se devotamente ao reino dos demónios, e chamam as potências das trevas para poderem gozar os prazeres da imaginação sem freios e do entusiasmo desenfreado, indiferentes ao grande futuro e ao destino final da alma. Tal foi o estado das coisas desde o começo do Cristianismo até ao fim da Idade Média — desde o *Taigheirm* escocês até ao *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras) —, dos quais trataremos primeiro do anterior.

O *Taigheirm* foi um sacrifício infernal e mágico de gatos, cuja origem remonta aos tempos pagãos mais remotos e a ritos dedicados aos deuses subterrâneos, dos quais os homens suplicavam, por meio de oferendas noturnas, dons e benefícios particulares. Pelo Cristianismo, esses sacrifícios foram modificados; e em vez de se dirigirem às potências subterrâneas, passaram a ser feitos às infernais; ou, como eram chamadas nas Terras Altas e nas Ilhas Ocidentais da Escócia, aos Espíritos do Gato Negro.

De onde esses sacrifícios vieram às Ilhas Ocidentais não se sabe, mas muito provavelmente do extremo norte, já que as Ilhas Ocidentais foram povoadas a partir da Islândia, da Noruega e das Ilhas Faroé, e permaneceram dependentes e ligadas a esses países até às eras cristãs posteriores.

Nessas terras longínquas do norte, como na Gronelândia, segundo sábios e missionários dinamarqueses e suecos, assim como segundo os próprios islandeses, ainda prevalece a crença em feiticeiros, exorcistas e comunicadores com espíritos; onde facilmente reconhecemos a ligação com o antigo mundo pagão, e com um sistema de demónios e de magia constituído inteiramente no seu espírito. Horst, no seu *Deuteroscopy*, trata dos costumes, hábitos e opiniões nacionais dos montanheses e insulares ocidentais, com algumas observações sobre a sua história e clima, de onde se

depreende que essas terras, em tempos antigos, antes de a terra ser enriquecida pela cultura e de a natureza se tornar fecunda e agradável — por assim dizer, contra si mesma —, estavam bem adaptadas pelo seu aspecto melancólico, cobertas como estavam de nevoeiros eternos, expostas a tempestades selvagens e incessantes, para oprimir as mentes dos homens; e, pela ausência de amenidades exteriores, para agir de tal modo sobre a imaginação, que as visões e conceções interiores retinham uma coloração peculiarmente sombria e ainda assim grotesca.

Pois, segundo Howell, "em muitos lugares não se vê nem ave no ar, nem fera na terra, nem sequer um verme rastejando no chão; dificilmente uma lâmina verde de erva, mas apenas uma superfície negra coberta de musgo; uma atmosfera crua, cortante, melancólica e propícia a catarros, e cadeias de montanhas e precipícios agrestes e selvagens."

Assim, essas terras foram, por assim dizer, o lar natural da segunda vista desde os tempos mais antigos. César e Plutarco falam dessas ilhas como solidões desoladas e melancólicas, onde visões e aparições fantasmagóricas eram coisas familiares aos infelizes habitantes, que passavam os seus dias sombrios em constante terror e apreensão. Plutarco menciona em particular as ilhas britânicas, ou antes as ilhas situadas além da Grã-Bretanha. Aí se encontrava aquela região desconhecida de fábula e mito, a misteriosa Tule, cantada por Goethe, que os antigos consideravam como o limite extremo da terra em direção ao norte.

Essas terras foram sempre tidas como notórias pelas suas visões espectrais. Eusébio também (He *Praeparatio Evangelica*, lib. v. c. 0) diz que "além da Britânia há muitas ilhas, das quais várias estão cheias de demónios e espíritos malignos, que provocam trovões, tempestades, torrentes de chuva, etc., e confundem tanto os habitantes como os visitantes com cenas tão ilusórias, que os levam à confusão e à angústia, e os prejudicam tanto na alma como no corpo".

Muitos séculos mais tarde, o Venerável Beda, na sua *História da Igreja Inglesa*, corroborou estas e afirmações semelhantes. Relata, por exemplo, que até ao século VIII a ilha de Lewis, uma das maiores das Ilhas Ocidentais, continuava quase totalmente desprovida de homens, frutos, árvores e ervas, e que era o local predileto de

assembleia de espíritos malignos e aparições maléficas, que ali praticavam as suas cerimónias diabólicas.

Não foi senão quando o piedoso Cudbrecht desembarcou na ilha, a fim de expulsar daí o diabo e os seus agentes, e cultivar a terra, que os demónios, após um severo conflito, começaram gradualmente a retirar-se. Mas, embora essas ilhas fossem o seu refúgio predileto, ao mesmo tempo espalhavam-se por outras ilhas daquela região, e até se apoderavam do continente.

"Assim vemos aqui," diz Horst, "todas as ilhas britânicas, sim, e também as Terras Altas da Escócia, invadidas por demónios, semelhantes às legiões de espíritos vis que Salomão encerrou num caldeirão e afundou em Babilónia, mas que, quando o caldeirão foi aberto em busca de tesouro, subiram em turbilhão para o ar, espalharam-se por todo o céu, e daí por toda a Ásia."

Segundo as antigas teorias dos espíritos, as almas partidas e os espíritos condenados eram enviados para essas ilhas, onde permaneceram até ao século XVII. Eram fantasmas importunos e queixosos, que apareciam aos homens, ora em forma humana, ora sob a de animais, e em toda a horrível máscara imaginável. As Ilhas Faroé, também, eram assombradas por tais espíritos malévolos, que se dizia levarem homens consigo.

Em tempos posteriores tornaram-se gradualmente menos perigosos; e as raças de espíritos de todas as espécies e cores — fadas, *trolls* na Escandinávia, *wraiths* em Inglaterra e Escócia — tornaram-se, com a introdução do Cristianismo, pouco a pouco mais sociáveis, mesmo naquelas ilhas remotas e desoladas, onde, segundo Isaías (xiii, 21), "habitarão criaturas lutuosas e corujas, e sátiros dançarão." Esta modificação está de acordo com a doutrina da segunda vista, que ainda aí se diz prevalecer.

Segundo a *Deuteroscopy* de Horst, os gatos pretos eram indispensáveis ao ritual de encantamento do *Taigheirm*, e estes eram dedicados aos deuses subterrâneos ou, mais tarde, aos demónios do Cristianismo. A hora da meia-noite, entre sexta-feira e sábado, era o tempo autêntico para essas práticas e invocações horríveis; e o sacrifício continuava durante quatro dias e noites inteiros, sem que o operador tomasse qualquer alimento. "Depois de os gatos serem dedicados a todos os demónios, e postos em condição mágico-simpática pelos atos vergonhosos feitos contra eles e pelas agonias que lhes eram infligidas, um deles era imediatamente posto no

espeto e, em meio a uivos terríveis, assado diante de fogo brando. No momento em que cessavam os uivos de um gato torturado pela morte, outro era posto no espeto, pois não devia haver um só minuto de intervalo se queriam dominar o inferno; e isto continuava pelos quatro dias e noites inteiros."

«Se o exorcista pudesse resistir ainda mais tempo, mesmo até as suas forças físicas estarem absolutamente exaustas, devia fazê-lo.» Depois de certa duração do sacrifício, apareciam espíritos infernais sob a forma de gatos pretos. Vinham continuamente mais e mais desses gatos; e os seus uivos, misturados com os dos gatos a assar no espeto, eram terríveis.

Finalmente aparecia um gato de tamanho monstruoso, com ameaças pavorosas. Quando o *Taigheirm* estava completo, o sacrificador exigia aos espíritos a recompensa da sua oferenda, que consistia em várias coisas: riquezas, filhos, alimento e vestuário. O dom da segunda vista, que não possuíam antes, era, porém, a retribuição habitual; e conservavam-no até ao dia da sua morte. A ligação destas cerimónias com as dos *Schamans* da Ásia setentrional, e com as práticas de feitiçaria da Idade Média, é evidente.

Um dos últimos *Taigheirm*, segundo Horst, foi celebrado em meados do século XVII na ilha de Mull. Os habitantes ainda mostram o lugar onde Allan Maclean, então o sacerdote de encantamento e sacrifício, esteve com o seu assistente, Lachlain Maclean — ambos homens de carácter resoluto e inflexível, de compleição robusta, e ambos solteiros.

Vestígios e monumentos de sacrifícios pagãos, especialmente em Inglaterra e na Escócia, são descobertos ainda no período cristão. Assim, quando se reconstruiu a catedral de São Paulo em Londres, encontraram-se restos de muitos animais que tinham sido oferecidos a Diana em sacrifícios exteriores. Houve até relíquias de tal culto até ao tempo de Eduardo III e de Maria.

Apolo também foi adorado, nos primórdios do Cristianismo, em Thorney, perto de Westminster. Que Diana foi venerada na Britânia sabemos igualmente por registos de oferendas a ela — de natureza cruelíssima — feitas durante as perseguições do povo de Londres sob Diocleciano. (Cf. Douce, *Illustrations of Shakespeare*).

O sacrifício de gatos é notável, pois também foi praticado pelos antigos egípcios. Não só na Escócia, mas em toda a Europa, sacrificaram-se gatos aos deuses subterrâneos, como meio

particularmente eficaz de entrar em comunicação com os poderes das trevas.

Allan Maclean continuou o seu sacrifício até ao quarto dia, quando, exausto de corpo e espírito, caiu em desmaio; mas a partir desse dia recebeu a segunda vista até à sua morte, tal como o seu assistente. O povo acreditava firmemente que a segunda vista era consequência natural de celebrar o *Taigheirm*.

«Os espíritos infernais apareceram, alguns no decurso inicial dos sacrifícios, sob a forma de gatos pretos. O primeiro que apareceu durante o sacrifício, depois de lançar um olhar furioso ao sacrificador, disse: *Lachlain Oer*, isto é, "Ofensor de Gatos". Allan, o operador principal, advertiu Lachlain de que, fosse o que fosse que visse ou ouvisse, não vacilasse, mas mantivesse o espeto incessantemente a girar.

Finalmente surgiu o gato de tamanho monstruoso; e depois de soltar um uivo horrível, disse a Lachlain Oer que, se não cessasse antes de vir o seu maior irmão, nunca veria o rosto de Deus. Lachlain respondeu que não cessaria até ter terminado a sua obra, ainda que viessem todos os demónios do inferno. Ao fim do quarto dia, estava sentado na trave do telhado do celeiro um gato negro de olhos flamejantes, e ouviu-se um uivo terrífico atravessar o estreito de Mull até Morvern.»

Allan estava completamente exausto no quarto dia, devido às aparições horrendas, e só pôde pronunciar a palavra «Prosperidade». Mas Lachlain, embora mais novo, era mais forte de espírito e perfeitamente senhor de si. Exigiu posteridade e riqueza. E cada um deles recebeu o que pedira. Quando Allan jazia no leito de morte, cercado pelos seus amigos cristãos, que o instavam a precaver-se contra as artimanhas do diabo, respondeu com grande coragem que, se Lachlain Oer, já morto, e ele próprio, tivessem podido levar um pouco mais longe as suas armas, teriam desalojado o próprio Satanás do seu trono, e, pelo menos, teriam apanhado as melhores aves do seu reino.

Quando o funeral de Allan chegou ao adro, as pessoas dotadas da segunda vista viram a alguma distância Lachlain Oer, totalmente armado, à frente de uma hoste de gatos negros; e todos puderam sentir o cheiro de enxofre que emanava desses gatos. A efígie de Allan, em armadura completa, está esculpida no seu túmulo, e o seu nome permanece ligado à memória do *Taigheirm*.

(Pouco antes desse tempo, também Cameron de Lochiel realizou um *Taigheirm* e recebeu dos espíritos infernais um pequeno sapato de prata, que devia ser calçado no pé esquerdo de cada filho recém-nascido da sua família, e do qual obteria coragem e firmeza perante os inimigos; um costume que continuou até 1746, quando a sua casa foi consumida pelo fogo. Esse sapato servia a todos os rapazes da família, menos a um, que fugiu diante do inimigo em Sheriff Muir, por ter herdado um pé maior da mãe, que era de outro clã. Esta história é relatada mais detalhadamente na *Abendzeitung* de abril de 1824).

A palavra *Taigheirm* significa tanto um arsenal como o «grito dos gatos», conforme a pronúncia. É também muito provável que o *Taigheirm* esteja intimamente ligado à cerimónia de encantamento da antiga fé nórdica e teutónica nos *Trolls* e Elfos; enquanto, como já se disse, as Terras Altas e as Ilhas Ocidentais da Escócia foram povoadas a partir do norte, onde as invocações dos demónios pagãos, a crença nos deuses pagãos e na feitiçaria, e a visão de espíritos, perduraram até tempos muito recentes. Assim, o *Taigheirm* foi provavelmente um sacrifício aos deuses subterrâneos no paganismo, e sob o Cristianismo transformou-se numa invocação de espíritos infernais.

A crença nos *Trolls*, que pareciam aparentados com as criaturas fantásticas do *Taigheirm* e ainda afetam a imaginação do povo simples, prevalecia na Escandinávia antes da era cristã. A fé nas fadas da Escócia coincide, em muitos pontos, com a dos elfos escandinavos. Os elfos das Terras Altas, segundo Cromek, usavam sempre pequenos sapatos de prata ornamentados. Têm tez clara e longos cabelos louros que lhes descem pelos ombros — sinal evidente da sua origem setentrional.

Vestem um manto verde bordado de flores e calções presos com borlas de seda. Têm aljavas de pele de víbora; arcos feitos da costela de um homem enterrado no ponto de encontro de terras de três proprietários. As suas setas são de cana, aguçadas com sílex e mergulhadas em suco de cicuta. Com esses dardos minúsculos atingem o gado daqueles que lhes falaram mal, feridas invisíveis aos olhos comuns, e que só pessoas de dotes superiores podiam perceber e curar.

No trato com os homens, são em geral benévolos. Os *Trolls* da Escandinávia também oferecem presentes a certos indivíduos, como sapatos de prata iguais aos que usam nas suas danças, aos quais

está ligado algum benefício particular. Nessas coincidências, os elfos e *Trolls* escoceses e escandinavos recordam-nos as histórias de bruxas da Idade Média, embora nessas prevalecesse um romance muito mais selvagem, mais semelhante ao *Taigheirm*. Aí faltam os finos sapatos de prata; e no totalmente detestável *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras), diz Horst, de que a Alemanha — tanto protestante como católica —, assim como toda a Europa, exceto a Inglaterra, foi instruída nos mistérios das práticas de bruxaria, não se encontra um único traço da fantasia que esses sapatos de prata evocam à memória.

Ali estão a nu todos os dons infernais de uma cunhagem grosseira, tantos soldos de cobre ou florins locais, e, se Satanás estava particularmente satisfeito e concedia honorários esplêndidos, florins de ouro e antigos táleres, que, pouco depois, se transformavam em tanto esterco; ou, como São Francisco se exprimiu esteticamente no seu tempo, em estrume de cavalo.

A mitologia nórdica é obra dos *Scalds* — isto é, dos antigos poetas do norte. A religião dos pagãos nasceu em toda a parte da poesia; assim foi aqui, e aqui verdadeiramente, a cosmogonia foi o fundamento da religião, cujos traços grotescos e a fantasia selvagem dos construtores poéticos mostram de onde proveio. As alegorias físicas também testemunham a observação genuína e original que precedeu a mitologia.

Vê-se, na poesia nórdica da natureza, o surgimento do mundo da região caótica da névoa (*Niflheim*), da morte do inverno — o gigante Ymer —, avançando para a vida da primavera. Aí também, como entre os gregos, os poderes da natureza são simbolizados em formas gigantescas: os gigantes das trevas — Narsi, cuja filha, Noite, negra e sombria, tem um filho, Andur, pelo éter, Nagelfari —; depois a Terra, e com Dellingar — o Crepúsculo — o Dia. Sol e Lua (*Sool*, mais tarde Odin; *Maan* — vento e água) são simbolizados como gigantes, que acampam em torno do abismo do Tempo, e são senhores do céu, da terra e do submundo.

O. L. Wolf, na sua *Mitologia das Fadas e Elfos*, trata extensamente das classes, tipos e países dos elfos nórdicos, a partir de fontes históricas e literárias. *Os deuses do norte*, de Geneday, os escritos de Procopius, Jornandes, Stagnelius, Rahbek, Afzelius, Thiele, Nyerup, a *Edda*, etc., contêm os ricos materiais das antigas sagas, e as ideias do povo acerca dos elfos nos países do norte, onde ainda hoje,

segundo a garantia de Arndt, nas suas *Viagens pela Suécia*, os Altares—Alfen—elfos vivem na memória do povo da Suécia e da Noruega. Nas *Eddas* a distinção entre os elfos brancos e os negros é claramente assinalada, como se pode ver no *Dicionário da Mitologia Escandinava* de Nyerup e no *Manual Dinamarquês* de Sander.

«Os nossos antepassados pagãos», diz Thorlacius, no *Museu Escandinavo* de 1803, «acreditavam que o mundo inteiro estava cheio de espíritos de diferentes espécies. Atribuíam-lhes, em geral, as mesmas qualidades que os gregos aos seus *daimones* e semideuses. Estes seres eram divididos segundo os seus lugares de habitação — celestes e terrenos.

Os primeiros eram bem dispostos para os homens e, por isso, chamados elfos brancos ou elfos da luz; os segundos, que recebiam o nome dos seus refúgios em bosques cerrados, em cavernas, em montanhas e rochedos, no ar ou no mar, etc., eram considerados como uma espécie de demónios — elfos negros.»

Contra os humores destes espíritos, que se assemelham muito aos diabos da Idade Média, os camponeses ainda hoje procuram proteção junto dos chamados *Klokas*, uma espécie de exorcistas. Acredita-se também que os elfos têm reis e rainhas. A «dança dos elfos» tornou-se um provérbio. Diz Olaus Magnus que o povo chama «dança dos elfos» (*elf-dance*, ou *elfin-dance*) ao divertimento dos espíritos noturnos, quando tais espíritos dançam, saltam e se divertem selvaticamente, até que as suas pegadas calcando a terra tão fundo e com tanto calor destroem por completo a relva, de modo que aí nunca mais cresce erva.

Os poetas modernos da Escandinávia, pelo contrário, idealizaram de modo muito intelectual este povo feérico, ou povo *Huldra*, como são chamados na Noruega. Assim canta Stagnelius:

«Dize, conheces o povo feérico e alegre?
Habita à beira do rio;
Tece do luar o seu traje festivo,
Com sua pequena e alva mão,» etc.

Wolf divide a terra das fadas dos poetas em três espécies:

1. Avalon, no oceano, onde fica a ilha dos bem-aventurados.
2. Aqueles países que, como o palácio de Pari-Eanon, na poesia oriental e europeia, se encontram debaixo da terra.

3. Aqueles que se situam em semelhantes moradas dos génios, e nas possessões de Oberon, em desertos, em bosques cerrados, em vales e gargantas de montanhas, e no fundo de prados fundos e remotos, etc.

Os elfos escandinavos, ou Donzelas de Diana, que Saxo e ainda mais amplamente Olaus Magnus descreveram, são muito célebres. Têm presença bela e majestosa, cabelos soltos e esvoaçantes, e mostram-se sobretudo em bosques cerrados. As suas habitações são esplêndidas, mas adornadas por magia e, conforme o desejo dos habitantes, ora visíveis, ora invisíveis. Aparecem principalmente em grupos de três; conhecem o futuro e são frequentemente consultadas pelo povo acerca da vida e da morte, e de outras circunstâncias. Saxo e Olaus Magnus relatam exemplos de serviços essenciais que prestaram a reis e rainhas da Suécia.

Às vezes oferecem presentes aos que as consultam, tais como rendas de ouro, armas mágicas, etc.; lembrando, nisso, perfeitamente as deusas pagãs sentadas nos seus tronos dourados nas suas residências, ou as *Alrunen* ou as Parcas da Antiguidade. As ideias sobre estas fadas fabulosas só lentamente puderam adaptar-se ao progresso do conhecimento; o antigo não podia ser de imediato abandonado, nem o novo tornar-se de súbito objeto de veneração. Daí, portanto, tantos vestígios de uma multidão de recordações, umas sobrepondo-se às outras, e constituindo os povos escandinavos a mãe de muitas tradições pagãs.

Os anões (*dwarfs*) e *Trolls* desempenham grande papel na crença popular do norte e, segundo Arndt, ainda conservam o seu domínio sobre a imaginação do povo comum. Não só as lendas e baladas populares escandinavas, mas também as escocesas os descrevem como uma espécie de espíritos elementares e falam dos seus feitos; e Paracelso chama-lhes «povo das minas», *Gunmens* e pigmeus — criaturas brincalhonas, mas contentes e não maliciosas, como Matthisson as descreve verdadeiramente:

«Da mina profunda irrompe em fúria
A turba dos Gnomos em infernal correria:
Ao sabbat das bruxas voam velozes,
Enquanto grifos vigiam ao passar ferozes.
Soa o corno de Satanás som sinistro;
Nos flancos do Blocksberg eco estranho e misto,
E espectros apinham-se no seu cume erguido.»

Sir Walter Scott acredita que há algo de histórico na base da crença nestes seres, e que eles se referem aos Fínicos, que foram submetidos pelos Escandinavos aquando da chegada de Odin. Talvez fossem Lapões, de estatura pequena, que foram empurrados por aqueles estrangeiros para o extremo norte.

Os guerreiros companheiros de Odin viram um povo que sabia trabalhar melhor as minas do que eles; e, portanto, ligaram-no na sua imaginação a espíritos subterrâneos que permaneciam nas rochas e minas e possuíam riquezas incalculáveis. A este respeito, estes pigmeus escandinavos concordam inteiramente com os Dáctilos Idaicos, e foram provavelmente de origem oriental; o que pode explicar porque tantos foram afetados por esta crença em homenzinhos das minas, pigmeus, etc.

Uma terceira espécie de espíritos são os *Nissen* ou *Kobolds*, que Wolf inclui na família dos *Trolls*, o que pode ser o caso na Escandinávia; mas na Alemanha os *Kobolds* ou *Hobgoblins*, fantasmas fanfarrões, aterradores e ruidosos, constituem uma classe particular e de tipo específico, revelando afinidade com espectros infernais. Pelo contrário, os *Nissen* ou *Necks* da Escandinávia são de índole totalmente boa, como os seus nomes indicam — isto é, na Dinamarca *Nisse*, «bom filho», «bom rapaz»; e na Suécia *Tomtegubbe*, «o velhote da casa».

Nos tempos antigos, serviam por vezes como tesoureiros ou mestres construtores de igrejas, donde lhes veio o nome de *Kirkegrim*. Os *Necks* escandinavos não devem ser confundidos com o espírito familiar escocês, o *Brownie*, que tinha o dom da profecia e ao qual, segundo Sir Walter Scott, se atribuía a origem de determinado clã das Highlands ou das Ilhas Ocidentais.

Cada família tinha também o seu próprio espírito doméstico. Na verdade, as Terras Altas e as Ilhas da Escócia são, por assim dizer, o solo clássico do sobrenatural; onde, desde os tempos primordiais, prevaleceu um mundo nacional e local de espíritos; e onde os homens pareciam estar em especial *rapport* com o mundo sobrenatural. Ossian descreve os seus cães a uivar porque viam passar os espíritos dos guerreiros mortos. Abriu-se aí um mundo de magia e milagre que não tem paralelo. Espíritos nacionais e familiares habitavam, com nomes conhecidos, por todos os lados, em montanhas e solidões, e exerciam uma influência decisiva sobre os habitantes da terra.

Além desses espíritos domésticos que Sir Walter Scott descreve como pertencendo a cada clã, havia outros mais mágicos, que apareciam e desapareciam, como as bruxas de Shakespeare, quais bolhas da terra. Outros seres enigmáticos despertavam sonhos proféticos e levantavam o véu do futuro; jogavam e cantavam na vastidão do céu, de modo que as suas canções podiam ser decoradas.

De facto, a Escócia foi, até à Idade Média, a terra dos seres da fantasia de todas as cores e países — escandinavos, nórdicos, anglo-saxões e espectros teutónicos misturaram-se com os espíritos nacionais caledónios; fadas ou *fays*, elfos, *kobolds*, anões, aparições (*wraiths*), não reinaram em tal multidão em parte alguma como na Escócia e nas suas ilhas; e entre nenhum outro povo exerceram tão forte influência na vida real como neste solo clássico dos espíritos, onde, como vimos, todas as circunstâncias tinham carácter proeminente. Horst observa que entre nenhum povo as representações pneumatológicas tiveram tanta influência prática na vida ativa como na Escócia.

Assim, a fé nas fadas e nos elfos, da qual o *Hexenhammer* alemão nada sabia, e que, em todas as perseguições às bruxas por toda a Europa — em Espanha, Itália e França — nunca, ou muito raramente, foi mencionada, na Escócia foi muitas vezes ligada à superstição das bruxas e, como parte integrante dela, foi perseguida com fogo e espada, e feita objeto de inquéritos criminais, como a feitiçaria. Nos julgamentos de bruxas escoceses, as fadas e elfos, verdes e travessos, desempenhavam muitas vezes, mais ou menos, o papel que, segundo o *Hexenhammer* alemão, os amantes negros e repulsivos e os associados demoníacos das bruxas desempenhavam no resto da Europa.

Num panfleto publicado pelo Dr. Fowler em 1696, afirma-se que uma certa Anna Jefferies não tomou qualquer alimento durante seis meses, a não ser aquele que recebia de um pequeno tipo de espíritos, chamados Fadas ou Elfos. O seu convívio com tais elfos não era de modo algum invulgar. Anna Jefferies estava um dia sentada, com dezanove anos, num caramanchão do jardim a fazer malha, quando seis pequenos elfos vestidos de verde saltaram a sebe em sua direção; ficou tão aterrorizada que caiu em convulsões e teve de ser levada para a cama, para onde os elfos a seguiram, e, depois de algum tempo, desapareceram pela janela.

Geralmente apareciam como jovens caçadores vestidos de verde, ou como leves músicos, e ocasionalmente vinham em formação guerreira. Nas ilhas Órcades, segundo Brand, viam-se frequentemente elfos vestidos da cabeça aos pés com armaduras; levavam homens pela força secreta, e acidentes eram-lhes atribuídos. Um certo John Sinclair, no século anterior, que era extremamente céptico nas suas ideias, embora clérigo, ao regressar a casa numa noite foi agarrado por um elfo e transportado pelo ar muitas milhas, "sobre campos etéreos e nuvens alvas como lã", e finalmente pousado à porta da sua própria casa; onde depois surpreendeu a congregação com o relato completo da sua aventura a partir do púlpito.

Vemos aqui a perfeita correspondência com a história dos julgamentos de bruxas; só que aqui os paroxismos convulsivos não são de modo algum tão violentos, e os espíritos feéricos são de natureza mais suave e melhor, e menos aventureiros que aqueles diabos da Idade Média que possuíam os endemoninhados. Pelo resto, as duas "raças" concordam nas suas operações, e as bruxas escocesas do século XVI assemelham-se totalmente, nas descrições dos julgamentos, às alemãs do século XVII. Os próprios poderes dos espíritos — como elfos, crianças viajantes, etc. — também aparecem entre os alemães. Uma bruxa escocesa, Allison Pearson, foi queimada em 1586 porque tivera contacto com os elfos, ou "Bons Vizinhos", e com a própria rainha dos elfos.

«Quando estava doente, apareceu-lhe um homem verde, como ela mesma declarou perante o tribunal, e prometeu-lhe o bem se lhe fosse fiel; mas ela assustou-se e gritou em voz alta. Como ninguém veio, porém, disse-lhe que poderia ser assim. Outra vez ele veio como um irmão alegre, na companhia de muitos homens e mulheres, todos muito divertidos, com música, boa comida e bebida.

Ela própria acompanhara os elfos uma vez e, como depois divulgara algo do que vira, recebeu um forte golpe de um deles, que lhe deixou uma verruga no lado esquerdo. Uma prima sua fora levada pelos elfos para as montanhas, e relatou tudo o que se passara, e como os elfos, ou Bons Vizinhos, tinham derretido o seu unguento numa panela. O seu elfo era um jovem, e apareceria a ela antes de o julgamento terminar. Ordenara-lhe que rezasse para que não fosse levada pelos elfos.»

Sobre os elfos alemães, diz Grimm: «As nossas múltiplas lendas de anões, elfos, gigantes, etc., excedem as das nações clássicas. São mais domésticas, familiares e ingénuas. Que tem a Antiguidade a comparar com o nosso encantador mito do *Povo Silencioso*? As lendas para crianças — *Kindermärchen* — eram-lhes desconhecidas, enquanto para nós compensam a falta de outras ficções mais intelectuais; e, portanto, estamos inclinados a sobrevalorizá-las um pouco. *Wichte* e elfos constituem uma companhia peculiar, independente e isolada.

Têm um poder sobre-humano de prejudicar ou ajudar. Apareciam como anões ou deformados, mas tinham o poder de se tornarem invisíveis. Ambos os nomes denotam demónios, algo como génios. *Waifh* é um espírito feminino; *With* — espírito, demónio. *Elbe, Alp, Elfenfolk* assemelham-se aos diabos do sistema cristão, como figuras pálidas, cinzentas e horrendas.»

Os povos do norte tinham, assim como os do sul, os seus espíritos das águas, dos campos e das florestas, os seus *Nixes* e sereias, com que povoavam o país e a natureza de todos os lados. Este tipo de espíritos possuía também o dom da adivinhação e da presciência. Exemplos destes encontram-se na obra de Wolf, *Mythologies of the Fairies and Elves*; em Sir Walter Scott, sobre as Highlands; em Horst, nas suas *Memorabilien*, 2.ª parte, e na *Zauberbibliothek*, etc.; e, acerca das Ilhas Faroé, especialmente em Debes, *Faeroa reserata* (Londres, 1790); em Hippert, *Andeutungen zur Philosophie der Geistererscheinungen* (Weimar, 1825); e em Grimm, *German Mythology*.

Estes espíritos, que mantinham uma misteriosa relação de vida com pessoas individuais e com famílias inteiras, eram mais frequentes nas ilhas britânicas, onde, e especialmente nas Faroé, levavam homens consigo — circunstância rara na Noruega e na Suécia. Na Alemanha havia os Pequenos Homens das Minas, as Mulheres Selvagens, os *Kobolds* e os *Nixes*, como se pode aprender pelas lendas dos irmãos Grimm.

Os *Necks* do norte assemelham-se em muitos aspetos às Náyades dos gregos, pois eram habitantes protetores de pequenos lagos interiores, e intrometiam-se frequentemente nos assuntos dos homens, sobretudo de jovens enamorados, e por isso desempenham um papel de destaque nas lendas do povo, que geralmente lhes dá um carácter travesso, embora as lendas também digam que arrastam

homens para a água e os afogam. Os *Kokken* ou *Necks* pertencem à parte maligna dos elfos da mitologia nórdica e, como as Valquírias (*Valkyrior*), seres de beleza terrível, não são filhas nem do céu nem do inferno. São as belas donzelas de Odin, sentadas com elmo e couraça em cavalos alados.

Os *Necks* subterrâneos, que raptam seres humanos, desempenham grande papel; e há muitos relatos de parteiras e até de damas da nobreza que foram levadas para ajudar algum dos *Necks* na altura do parto, e depois recompensadas com presentes valiosos, como anéis de ouro, colares com fechos de diamantes, etc., que, pelo seu poder mágico, trouxeram prosperidade e bênçãos a toda a família.

Os elfos entraram na Alemanha sob o nome de crianças viajantes, voadoras, bondosas, os pequenos graciosos, etc. A afinidade dos elfos alemães e nórdicos é clara, e no drama sangrento dos julgamentos de bruxas por toda a Europa, as fadas e elfos desempenharam o mesmo papel em Inglaterra e Escócia, e nos processos criminais foram colocados na mesma categoria que os espíritos das bruxas e demónios sociais da Alemanha e da França.

Os elfos, como as *alrunes* dos druidas, praticavam obras de misericórdia nas florestas, e uma certa afinidade simpática com as árvores propagou-se assim na fé popular. É notável também que os elfos alemães estavam habituados a vaguear sob as árvores de sabugueiro (*elder trees*), como aconteceu mais tarde nos julgamentos de bruxas: já conhecemos esta árvore e o loureiro em associação com os oráculos gregos.

As bruxas estavam habituadas a enterrar os seus elfos sob árvores de sabugueiro, com certas cerimónias, o que mostra que eram considerados perigosos. Quem, durante o período das perseguições às bruxas, se encontrasse inesperadamente debaixo de um sabugueiro, era involuntariamente tomado de horror e provavelmente caía em êxtase.

Palacky, na sua *História da Boémia*, diz que nos tempos antigos os eslavos não diferiam essencialmente dos alemães na sua fé. «Os eslavos», observa, «nunca foram um povo conquistador e nómada marcial, como os alemães e os sármatas, mas amantes da paz e de um lar fixo, devotados à agricultura, à criação de gado, ao comércio e ao negócio. No sentimento da sua origem comum, chamavam-se a si próprios Sérvios — isto é, povo aliado — e foram sempre distinguidos dos vizinhos ocidentais pelo nome de Vendes. O modo de vida deste

povo inofensivo não oferecia nada que os distinguisse essencialmente dos alemães; mas a sua inclinação para a música, o canto e a dança tornou-se muito cedo uma tendência natural.»

Eles acreditavam num Deus supremo — Boh — o criador do mundo, a fonte original da luz e do relâmpago. Este deus recebia, ao que parece, nomes diferentes segundo as várias tribos; mas o mais corrente era Perun. Para além dele, adoravam muitos demónios, chamados Diasi (espíritos ou demónios). Estes, na mitologia nórdica, são masculinos e femininos, bons e maus. Os últimos chamam-se Biasi (espíritos malignos). Não apenas cada fenómeno natural, mas também as paixões humanas, eram dirigidas pela ação de tais Diasi.

## SEGUNDA DIVISÃO

## A MAGIA DA IDADE MÉDIA
## A FEITIÇARIA DA BRUXARIA;

## OS JULGAMENTOS DE BRUXAS; POSSESSÃO;

## CÃIBRAS EPIDÉMICAS

Um paralelo entre a magia pagã e a cristã, no seu período de transição, conduz-nos às conceções fundamentais da sua consequente transformação na magia da Idade Média, onde completaram a sua degeneração naquele poder aventureiro da Arte Negra, que professava governar sobre o céu e o inferno, sobre a vida e a morte. Temos agora, como resultado, de contemplar a aplicação da magia das bruxas, particularmente quanto à sua origem, desenvolvimento e fim, a fim de obter um juízo justo sobre aquela época notável.

A **mântica*** e a faculdade de ver eram, para o pagão, uma certeza. Era a poderosa influência de forças demoníacas, que, por assim dizer, tinham uma ligação direta, embora secreta, com a vida. Sempre se acreditou depois que esses poderes estavam ligados a certos seres — como, por exemplo, as fadas e os elfos — e estava-se persuadido de que estes deviam ser os verdadeiros possuidores do dom da profecia, que comunicavam aos homens por um meio simpático, quando estes, de algum modo misterioso, entravam em maior proximidade com eles, quer por acaso, quer de propósito. Na magia pagã não havia nada de miraculoso: o verdadeiro reino dos milagres começa com a era cristã. Pois, entre os pagãos, os demónios pertenciam, até certo ponto, à esfera do mundo real. O físico e o sobrenatural não estavam

tão absolutamente separados como o Cristianismo separou o céu da terra, o eterno do temporal, o espiritual do natural.

*(NT: "Mântica" vem do grego mantiké (arte da adivinhação) e significa, em geral, o conjunto de práticas ou técnicas de adivinhação — ou seja, modos de tentar prever o futuro, interpretar sinais ou obter conhecimento oculto. Cartomancia (leitura de cartas). Quiromancia (leitura das linhas das mãos). Astromancia (interpretação dos astros). Necromancia (consulta aos mortos)*

As ideias de verdade e bondade, de beleza e virtude, de recompensa e castigo das ações, e de imortalidade, avançaram, em toda a sua clareza, dos limites naturais do tempo e do espaço para a região do sobrenatural. Mas, como tudo o que é ideal deve ter uma imagem na representação, a imaginação humana, portanto, personificou essas ideias, segundo o seu género, em formas físicas e naturais, tais como a fantasia mais ousada nunca antes havia concebido.

O ser espiritual, absorvido no natural, era de novo transformado em não natural; e assim, à medida que o entendimento obscurecido separava o real do aparente, o natural das forças espirituais, o interior do exterior, a imaginação tinha livre jogo, e o divino e o humano, o espírito e a natureza, o sobrenatural e o físico, eram misturados e intermutados, de modo que um mundo variegado de maravilha e de segredo facilmente surgiria.

Os homens caíam então nesse estado em que não podiam discriminar se um acontecimento invulgar era resultado de uma influência externa ou de uma lei física. No paganismo, os deuses e espíritos eram ainda seres naturais, em ligação imediata com o homem; eram, até certo ponto, de descendência mortal, idealizados a partir do natural. Mas, no Cristianismo, os espíritos eram de uma substância absolutamente diferente, seres de outro mundo exercendo uma influência sobre este; mas, não obstante, de um poder imenso, e tanto mais terríveis quanto provinham de um mundo estranho.

A fé na feitiçaria e nas artes mágicas podia ser, lá como cá, geral, e até influenciar os procedimentos do governo; mas as “Incantationes Magicæ” (Encantamentos Mágicos) dos Romanos eram diretamente denunciadas pelas leis civis como artes nocivas: pelo contrário, os julgamentos de bruxas foram entregues, entre os cristãos, à Inquisição, como o mais alto tribunal espiritual, para que pudesse prestar auxílio na resistência à feitiçaria do diabo e do seu exército.

O feiticeiro não devia ser considerado apenas como alguém que usava a sua liberdade para prejudicar os homens, ou como um enganador, mas como alguém a ser condenado, sendo ele próprio enfeitiçado por um espírito sobre-humano e possuído por ele. No primeiro caso, a fraude humana era condenada como maliciosa; aqui o homem era punido com a morte como veículo ou instrumento de trabalho do maligno, ou como idêntico a ele.

Segundo a noção pagã, a influência dos espíritos vinha de fora; segundo a do sistema judaico-cristão, o diabo entrava no corpo do homem, e antes que o feiticeiro pudesse deixar de praticar as suas artes tinha de ser expulso de lá pela força espiritual. Entre os pagãos, supunha-se que um idiota o era por obra dos elfos; o acusado lunático era dito estar possesso. Os elfos roubavam as crianças dos pagãos e deixavam no seu lugar um changeling (um trocado); entre os cristãos, o diabo entrava no trocado.

Os demónios, porém, apoderavam-se também de cavalos e gado, bem como de homens, como Noisy Ghosts — Poltergeister (Espíritos Ruidosos — Poltergeists). Entre os pagãos, no máximo, o pequeno Homem Cinzento tomava ali a sua tranquila morada, não para troçar, mas para ajudar — não para aterrorizar e ferir.

Entre os Gregos e Romanos, onde outrora se apresentavam os deuses homéricos, virgilianos e ovidianos, e a feitiçaria consistia em belas pinturas da imaginação, a magia tinha um caráter totalmente diferente daquele que assumiu na fé judaico-cristã, onde o diabo desempenhou a parte principal. As artes mágicas não eram, nos tempos antigos, atribuídas à influência dos poderes das trevas, mas a pessoas que estavam em familiar convívio com os deuses e demónios.

Os elfos germânicos e nórdicos antigos aproximavam-se mais dos do mundo cristão; sim, constituem, até certo ponto, o fundamento e o subsolo do período de bruxaria seguinte. Aqui entendia-se por feitiçaria mais a operação de poderes secretos, atribuídos a homens perversos e a seres caídos, e não aos deuses que realizavam os milagres superiores, e que apenas operavam para o bem.

Entre os antigos Germanos apenas, uma espécie de seres intermédios entre Deus e os homens eram considerados como encantados: gigantes profundos e maléficos, gigantas perversas, elfos astutos e anões, cuja arte era, de certo modo, inata.

"O verdadeiro feiticeiro é o homem que aspira para cima. Ao lado da sua prática que traz saúde desenvolveu-se uma perniciosa. A causa original de toda a feitiçaria deve ter procedido do seio do mais santo, da sabedoria unida de todo o paganismo, atuando sobre o culto dos deuses e a arte da poesia. Os sacrifícios e o canto passaram a representações de magia; sacerdotes e poetas, homens admitidos na confiança dos deuses e participantes da inspiração divina, cedo se fundiram no adivinho e no feiticeiro." (Grimm, *a. a. O.* p. 579)

Os antigos Germanos conheciam a feitiçaria e o feiticeiro, mas naquela não na aceção em que feitiçaria e diabo eram um só. Propriamente, feitiçaria só significava o miraculoso em certas pessoas, e a antiga palavra saxónica Wikken significava adivinhar ou profetizar; e ainda hoje, diz Grimm, *Wikken* ou *Wicheln* significa adivinhar; *Wikker*, um adivinho, e *Wiehler*, uma bruxa ou profetisa.

Não há bem no mundo que não tenha o seu oposto, ou que não possa tornar-se nocivo pelo abuso. A revelação da religião cristã é o maior dom de Deus ao homem, destinada a iluminar o entendimento e a suavizar o coração. Mas a razão é errática, e o coração é um membro de Belial; ou segue o coração o olho? e o entendimento prova a profundidade e os movimentos do coração? Sim, há pessoas cujo coração, diz o salmista, andará sempre errado, e o coração do insensato é como um vaso que não segura água!

Que confusões do entendimento não surgiram do ensino da nova religião! E que abusos da razão não levaram às mais insensatas ações! Em vez da verdadeira fé produzir os mais nobres frutos de sabedoria, poder e amor, surgiu o inverno de uma superstição devoradora e do mais maníaco fanatismo.

É, de facto, admirável como as doutrinas da religião podem conduzir tão completamente a mente humana ao erro e à inconsistência; é quase inacreditável que o Cristianismo, durante o período inicial do proselitismo a partir do paganismo, tenha conduzido tantos professos do seu nome ao delírio e à loucura. Plebeus e nobres, jovens e velhos, punham mais fé viva num mundo sobrenatural de espíritos do que em Deus e na natureza física.

A sua imaginação criou um céu e uma terra, e povoou-os com espíritos opostos, aos quais entregaram o homem e o mundo como arena da sua luta. Os piedosos e os imprudentes entravam em arranjos sociais com espíritos como eles próprios, sim, até em ligações matrimoniais com eles. Torturadas por angústias de

consciência, pessoas infelizes faziam confissões de pecados, e muitos acusavam-se de crimes impossíveis de cometer, e que os sábios da época — teólogos eruditos, médicos e juristas — se esforçavam por demonstrar como possíveis com o mais ardente zelo, a mais sofística argúcia e os mais incontestáveis "factos".

A crença na feitiçaria, e nos pactos com o diabo, elevou-se a tal ponto de loucura e de confusão universal do mundo cristão, que os homens atribuíram ao diabo a posse violenta tanto de inocentes como de culpados; e, por isso, lançaram-se indistintamente contra indefesos, infelizes e insanos; procuraram e encontraram sobre todos eles sinais de feitiçaria, e suspenderam sobre eles toda a espécie de tormentos; e, finalmente, conduziram muitas centenas de milhares de míseros resistentes em vão à morte pelo fogo e pela espada.

O Hexen-Hammer (Martelo das Bruxas) contém memórias extraordinárias daquele tempo de assombro, e do mais elevado grau possível de cegueira mental e de horrível superstição a que o género humano alguma vez chegou sobre a terra. Toda a natureza foi convertida num mundo de feitiçaria; ninguém acreditava já nos próprios sentidos; a vida era um brinquedo de demónios; ninguém pensava mais em leis fixas da natureza; tudo era milagre efetuado por espírito sobrenatural, mas que não tinha o espírito de Cristo — o amor —, mas antes os terrores e a tirania do inferno.

Assim, a ideia de magia nesse tempo tornara-se totalmente diferente da original — a da arte de investigar os poderes secretos da natureza a fim de os usar em benefício. Agora, todos os fenómenos naturais extraordinários passavam por obra do diabo, e eram atribuídos diretamente a certos espíritos, ou a homens possuídos por eles: mas, falando estritamente, toda a magia e feitiçaria, e todas aquelas aparências maravilhosas, eram entendidas como obra do diabo.

Se indagarmos a possível origem de tão terrível superstição, podemos observar que temos os seus elementos, por um lado, no antigo paganismo, e, por outro, no tom de espírito introduzido pelo Cristianismo. Assim se deram os motivos para levar de imediato a mente da natureza física para o mundo absolutamente sobrenatural, o qual fora primeiramente aberto pela ideia de imortalidade e de liberdade da vida depois da morte.

Deste modo vemos como a crença em magia e milagre, pouco a pouco, brotou da raiz e cresceu até à árvore plena, com todas as formas variadas dos tempos e da cultura nacional; e a história das

perseguições às bruxas já não é de admirar como facto isolado, mas deve ser estudada como um procedimento judicial singular e importante.

O nome Hexe, bruxa, vem originalmente, segundo Keisler (*De Mulieribus fatidicis antiq. septentrion. et celt.*, 1720), da palavra Hlaegse, mulher sábia; e Hacgse de Hygia (sabedoria), segundo Olaus Worm, no *Lexicon Runicum*, que significa sabedoria. Esta palavra, diz Keisler, foi mudada para Hesee, bruxa, e passou então a significar uma mulher perversa que tinha um espírito de feitiçaria e de adivinhação, sentido esse que, após a introdução da religião cristã, se ligou a uma espécie de espectros, do mesmo modo que as Alrunes — aquelas sacerdotisas proféticas — passaram a significar o mesmo, mas apenas em tom ridículo.

A celta Alrune é o nome mais antigo e geral de uma mulher adivinha e sagrada entre os Germanos, como lemos em César e Tácito. Segundo Horst, Alrune ainda significa, no islandês, bruxa em bom ou mau sentido, — uma mulher conhecedora, *Fiol Kuni*; e feiticeiro, um homem muito sabido, *Fiol Kuningar*. Alrune significa, literalmente, toda ou muito-sábia — de *all*, muito, e *runen*, saber, inquirir. Esta palavra, portanto, não tinha outra significação que não fosse a de Magus, adivinho, mântico, profeta entre outros povos. Assim disse Cícero: *"Sagae a sagiendo dictae, quia multa scire volunt. Sagire enim sentire acute est"* (*De Divinatione*, I) — ("As sagas chamam-se assim de *sagire*, porque querem saber muitas coisas. Pois *sagire* é perceber agudamente").

Grimm deriva Hexe, bruxa, de Hegtese, antigo saxão, e Hegese, inglês, *Hag*, e de *hayr*, artístico. *Hexe* é uma mulher subtil e astuta; *Hexen*, *fascinare* (enfeitiçar), *Heig Heiang*, parecem exprimir feitiçaria. Mas, até ao século XVII, preferia-se a palavra Fiend a estes termos incomuns, que significa diabolismo.

Drut, Druid era sinónimo de bruxa, e significava um pesadelo atormentador e opressivo. Strix, Striga, francês antigo *estrie*, italiano *stregn, stregora* — feiticeiro. Originalmente, *strix* era um pássaro da feitiçaria. *"Striges ab avibus ejusdem nominis, quia maleficas mulieres volaticas dicuntur"* (Testus) — ("As striges vêm das aves do mesmo nome, porque se diz que as mulheres feiticeiras voam").

O Cristianismo alterou a ideia pagã de feitiçaria em muitos aspetos; todavia, há nela um acordo evidente com os sacrifícios, assembleias do povo e o mundo espiritual dos antigos Germanos. As Leis Sálicas

falam de tais ajuntamentos, da cozinha das bruxas e dos caldeirões de bruxaria; para mais detalhes veja-se Grimm.

Estas mulheres adivinhas, no período da difusão do Cristianismo, eram muito numerosas na Alemanha e no norte da Europa; e, como eram igualmente frequentes entre os antigos devotos dos deuses, e como esses deuses passaram a ser considerados demónios e espíritos malignos, assim, consequentemente, as estranhas práticas dessas mulheres passaram a ser vistas como produzidas com a ajuda dos demónios, e as próprias mulheres como bruxas e cúmplices dos diabos. É certo, porém, que, nos primeiros tempos da Igreja, os Padres não consideravam a adivinhação sob este ponto de vista maligno. Clemente de Alexandria diz (*Stromata*, I, p. 97): *"Há entre os Germanos as chamadas mulheres proféticas, que, segundo a corrente do rio e a forma das ondas, etc., adivinham e predizem futuros acontecimentos."*

Mais tarde, quando os sonhos de espíritos e uma crença supersticiosa no diabo e nos espectros tanto aumentaram, que, na Idade Média, todos os elementos estavam cheios de espíritos, ondinas, kobolds e salamandras; quando se reconhecia um poder especial nas fórmulas da feitiçaria para exorcizar e banir espectros; quando todo o fenómeno da natureza, e até as mais graves doenças, eram atribuídos à influência do diabo.

Quando o povo, por uma propensão a tatear subjetivamente e por um fanatismo furioso, sem qualquer atenção a um conhecimento objetivo da natureza e à genuína revelação religiosa, confundia o sinal com a coisa, interpunha a visão da coisa pela coisa mesma; quando o povo, no ardor desta loucura, chegou a confessar impossibilidades, e o mundo instruído de juízes e clérigos aceitava as confissões maníacas de pessoas fracas e doentes como perfeitamente válidas "species facti" (espécie de facto), e julgava em conformidade; — então as Artes Negras tiveram, de facto, o seu mais alto florescimento, e o diabo atingiu o cume do seu poder, e o nome de bruxa era uma palavra de terror para novos e velhos, pequenos e grandes.

E foi então o tempo que, ai de nós!, permanece na história como horrível testemunho da total confusão e completa degenerescência da mente humana, quando as bruxas já não eram mulheres proféticas, mas bruxas maléficas e adivinhas: *"Quae nunc pessimam incantatricem et sagam notat, olim a radice Haegse, mulier sapiens*

*erat, prudens ac ratione valens"* (Keisler) — ("O que agora designa a pior encantadora e feiticeira, outrora, pela raiz *Haegse*, significava mulher sábia, prudente e dotada de razão").

Todo o mundo cristão, do século XVI e XVII até ao XVIII, estava tão afundado na ideia da feitiçaria, que todas as classes e condições podem ser tidas como efetivamente enfeitiçadas; pois quem não se considerasse assim era acusado e denunciado como tal; e cada ocorrência natural era obra de bruxas — como relâmpagos e saraiva, o azedar do leite, a perda de porcos, toda a espécie de doenças em homens e gado — como cãibras, coxeiras, inchaços, impotência, etc.

Um género especial de feitiçaria era o aparecimento de toda a espécie de coisas em diferentes partes do corpo — como fios e rendas, lã e fios, cacos de loiça, agulhas e pregos; sim, até seres vivos — como lagartos, sapos e ratos, vermes e rãs, que eram conjurados para o estômago. As bruxas cozinhavam o seu próprio caldo, e preparavam a sua própria manteiga e pomada, com as quais se tornavam invisíveis. Faziam a "manteiga de bruxa", — *cooperante diabolo* (com a cooperação do diabo) — a partir da matéria de cor aurora exsudada dos corpos das crianças que tinham roubado e levado para o Blocksberg.

As bruxas e os feiticeiros tinham entre si uma vasta confederação secreta; possuíam um culto peculiar em expedições solenes pelo ar, com danças lascivas e folguedos em lugares remotos — particularmente em desertos e em montanhas elevadas. O Blocksberg, na Alemanha, era o grande lugar de assembleia onde toda a tribo se congregava vindas de toda a Cristandade, sob a guia de Belzebu, com quem faziam um pacto, que confirmavam escrevendo os nomes num livro com o próprio sangue, e depois selando-o, e tinham até relações carnais com ele.

Tinham dias festivos especiais, como a Briday — o Sábado das Bruxas. Faziam o seu voo em varas, vassouras, ou em bodes, através de vento e tempestade.

Como previam o futuro, sabiam todos os segredos de homens ricos e de príncipes, e já ninguém duvidava da verdade quando uma reputada bruxa ou feiticeiro acusava a pessoa mais inocente de feitiçaria, pois supunha-se que tinham aprendido tudo nas suas visões noturnas. Nem pelo renascimento do saber nos séculos XV e XVI, nem pela Reforma, foram estas opiniões profundamente enraizadas sobre a feitiçaria e sobre a influência dos espíritos

malignos na natureza e nos homens extirpadas; continuaram em todos os países, mais entre os protestantes do que entre os católicos; e em Clams, na Suíça, uma bruxa foi executada em 1780. Os mais esclarecidos eruditos e filósofos naturais de nada serviram para difundir a luz e subjugar a loucura geral; apenas puderam preparar o caminho para minar pouco a pouco o poder que a crença na feitiçaria alcançara, e para o tornar inócuo. Pois já não havia, de facto, mesmo entre os letrados e instruídos, qualquer dúvida da influência do diabo.

"A força suprema do homem, as suas partes mais nobres,
O seu saber, ciência e artes,
Agora entregam-se à feitiçaria,
E ao Pai de todas as mentiras."

Os professores de direito agora colecionavam com diligência todas as histórias de feitiçaria, e o Collegium logicum (Colégio lógico) tornou-se um fogo-fátuo, e o filósofo intervinha para demonstrar que assim devia ser. No ano de 1484, a perseguição às bruxas foi formalmente introduzida na Alemanha por uma bula do Papa Inocêncio VIII; e em 1486 apareceu uma publicação sob autoridade pública, com o título "Malleus Maleficarum" (Martelo das Feiticeiras), que se tornou o código de ação nos processos de bruxaria. Ai de nós! já não havia questão quanto ao direito que nasce connosco; a razão tornara-se disparate, o benefício uma peste.

O espírito da medicina é fácil de compreender; estudava-se o grande e o pequeno mundo de fio a pavio, para se alcançar um fim. Médicos célebres continuaram, mesmo até ao século XVIII, a considerar o chamado mal do mau-olhado e da feitiçaria, não como sintomas naturais, nem como artifícios temerários de homens vingativos — embora destes não faltassem nos julgamentos de bruxas —, mas declaravam-nos doenças produzidas imediatamente pelo diabo. Consideravam as marcas de amoreira encontradas no peito pelo pesadelo, ou em diferentes partes do corpo, às vezes em manchas azuis e amarelas, causadas por cãibras, como sinais certos de fenómenos sobrenaturais.

A lei suprema para os Teólogos era a de Moisés: "Não deixarás viver a feiticeira" (Êxodo, xxii, 18).

Segundo o *Malleus Maleficarum*, o comentário teológico-jurídico do código criminal da Lei de Feitiçaria, a crença nos diabos-amantes e na sua participação com o séquito das bruxas em toda a espécie de vícios e torpezas era um axioma indiscutível, e a morte pelo fogo um

direito e mandamento inatacáveis. A superstição universal contribuiu decisivamente para tornar a imaginação, já excitada por histórias, por fanatismo religioso, por ilusões dos sentidos e pela doença, completamente insana; e na Inquisição observava-se frequentemente, durante os julgamentos de bruxas, que uma ideia parcialmente fixa se confirmava ao longo do interrogatório.

O enfeitiçamento dos sentidos num estado tão excitado da mente não era de modo algum difícil, para converter as ilusões da aparência em realidade, ou para dar à realidade a impressão de ilusão. Pois a ilusão torna-se permanente, ainda que a princípio se saiba ser apenas engano, quando alguém repetidamente a trata como realidade, ou quando alguém até simula ou afirma firmemente um logro; assim como Mengs observou que as figuras se põem em movimento se se continuar a olhar para elas durante muito tempo.

Portanto, a confissão de visões e aparições de homens, animais e diabos é facilmente explicável; as viagens pelo ar, tantas vezes relatadas, encontram cenas análogas entre as visões magnéticas e outras, e o comércio espiritual, e todas as circunstâncias de medo e de fantasia, com os seus resultados, têm a mesma origem.

Quanto às imagens desconexas e representações das metamorfoses de homens em bestas e de fantasmas e vampiros sugadores de sangue — que eram objeto da superstição mais grosseira, especialmente na Hungria e na Sérvia —, os cultos de bruxas, danças e festins, menos de estranhar é que tais criaturas de fantasia fossem concebidas, do que que se acreditasse universalmente nelas, quando, ao menos no início, os acusados negavam a sua existência e não sofriam tortura capaz de lhes arrancar confissão.

Havia, contudo, toda a espécie de livros e escritos que ensinavam como as pessoas poderiam ser levadas a entrar em contacto com espíritos; havia também pós de bruxaria e unguentos que produziam uma espécie de sonambulismo, nos quais se usavam ervas estupefacientes, como a aconite (que, segundo Cardano, produz a sensação de voar), a beladona, o teixo, o hipericão, a assafétida, o enxofre e o vidro de antimónio. Esfregavam-se em várias partes do corpo com o unguento, no qual se usava alho e outros narcóticos; e a consequência eram a ninfomania, a histeria e visões sonambúlicas. Pois, por detrás das cortinas da magia e das obras miraculosas, ocultavam-se os espíritos impuros da carne natural, que não eram refreados.

Segundo Jung Stilling, em *Theobald, ou o Fanático*, vol. I, p. 244, a excitação religiosa flui muitas vezes de uma fonte muito impura; e afirma que apareceu, no trigésimo ano do século passado, uma sociedade fanática em que tais transportes se seguiam ao esfregar e amassar do corpo de modo magnético, e aqueles em quem ocorriam eram tidos por "renascidos".

Dependia, portanto, inteiramente da interpretação se, nessas cenas de sentimento excitado e de vida da imaginação, o resultado devia ser considerado como feito de bruxa e comércio com o diabo, ou como visão de santidade; pois os primeiros não estavam sempre enxertados em propensões pecaminosas e baixos desejos, nem os segundos eram sempre frutos de uma mente pura e de um amor genuíno. Espasmos e todas as espécies de convulsões acompanhavam invariavelmente ambas as manifestações, que, porém, em termos de feitiçaria eram atribuídos apenas ao poder do inferno; e por isso, como outrora Moisés, acreditavam-se chamados a expulsar o diabo e todo o seu exército com fogo e espada.

Muito frequentemente havia tais aparências invulgares ligadas a esses espasmos, como agora se testemunham no magnetismo, e que as pessoas daquele tempo escuro não estavam em condições de tratar como consequências de processos anormais da natureza, mas atribuíam ao princípio maligno; acreditando que os espasmos e fenómenos acompanhantes eram obra do diabo, e aqueles que sofriam deles como possuídos por ele.

Assim lemos nos julgamentos de bruxas que, durante as mais horríveis convulsões dos membros, viam-se visões que revelavam segredos de tal profundidade que só o diabo os poderia conhecer; que aqueles tidos por enfeitiçados (como os que padeciam da dança de São Vito, da epilepsia, ou das mais terríveis agitações da loucura) não apenas caíam por terra, mas trepavam por muros, subiam às alturas, eram transportados pelo ar, dançavam, saltavam e faziam evoluções corporais inconcebíveis e impossíveis para homens em saúde; e que tais pessoas corriam de um lado para o outro e giravam a uma velocidade espantosa sem qualquer dano.

Assim também, sob a tortura, os acusados de feitiçaria, como em estado de catalepsia, eram parcialmente insensíveis a toda a agonia, a punhaladas e pancadas, a beliscões e queimaduras, e até adormeciam sob as mais terríveis tentativas de suplício, sem sentir dor alguma. Como em casos histéricos, os seus corpos ora se

inchavam como um barril, sem rebentar; ora se retraíam como se tivessem desaparecido por completo, e logo de súbito inchavam outra vez como um fole, e com os mais ruidosos estalos, como se fossem atingidos, moviam-se para cima e para baixo, abatiam-se e inchavam de novo.

Das diferentes partes dos corpos dos enfeitiçados saíam toda a espécie de materiais e instrumentos: vermes, cascas de ovo, cabelos, pano, fios, alfinetes, agulhas, vidro, etc.; enquanto outros, pelo contrário, durante longos períodos não tomavam alimento, e ainda assim mantinham a força e a robustez dos corpos.

As causas naturais destes fenómenos vemos claramente tanto nos relatos das perseguições às bruxas — esses terríveis espetáculos de cegueira —, como nas biografias individuais e nos relatórios dos vigorosos opositores da fé nas bruxas. Como o de Tartarelli, em *Del congresso notturno delle lamie. Libri tre. S'aggiungono due dissertazioni sopra l'arte magica*, Roveredo, 1750.

"Um breve epítome dos crimes da feitiçaria com o *Actis Magicis* de Johann Reichen, 1703." "*Mallei dell'Ossa, Balthasar Rocker, Die bezauberte Welt*, Amesterdão, 1603." "Christian Thomasius, *De crimine magiæ*, 1701." "*De origine et progressu inquisitionis contra sagas*, 1712." Também em alemão: *Inquérito sobre a origem e progresso das perseguições da Inquisição contra as bruxas. "Free thoughts, or monthly conversations,—the history of wisdom and folly."* "Wier, *De Prestigiis Daemonum*."

"Reginald Scott, *Discovery of Witchcraft*, Londres, 1602." "Nicolai, *De magicis artibus, tractatus singularis philosophico-theologicus et historicus*, 1649." "Fried. Spee, *Cautio Criminalis, sive de processibus contra sagas, liber ad magistratus Germaniae vox tempore necessaria*, etc., Rinteln, 1631." Em alemão: *O Livro da Consciência sobre os julgamentos contra as bruxas.* Foi o primeiro a mostrar o fundamento fisiológico das falsas imagens da imaginação.

Todos estes escritos mostraram e descreveram o fundamento e causa natural desses fenómenos como sendo a perseguição satânica dos tribunais de justiça. Nenhuma terra e nenhum povo ficaram atrás dos demais neste drama maldito, como Sender o chama: cada partido religioso disputou com os outros o primeiro lugar na perseguição das bruxas; centenas de milhares foram sacrificados, e a miséria estendeu por toda a parte as suas asas de trevas. Até mesmo os doentes, e crianças de nove a catorze anos, assim como velhos,

foram atingidos pelo poder destruidor; nem o viajante que seguia o seu caminho, nem sequer "a donzela cega" foram poupados. Pessoas de condição, consideração e riqueza eram muitas vezes, por inveja, vingança ou ódio, acusadas de feitiçaria, porque o seu entendimento as tornava mais distintas, a sua diligência mais ricas, e a sua posição mais honrada. As protestações de inocência eram tratadas como mentiras; a angústia e o terror dos acusados eram vistos como provas de culpa; e aqueles que corajosamente permaneciam firmes na verdade tinham, por horas de contínua tortura, mentiras arrancadas deles, pois só a morte punha termo a tamanha miséria.

Auber, ao registar estes factos — *Acta scripta magica* — exorta o leitor, e especialmente aqueles que não tinham visto as profundidades de Satanás, e que sempre parecem pensar que na doutrina do poder corpóreo do diabo há algo quase divino e verdadeiro, a refletir, *"per viscera Christi"* ("pelas entranhas de Cristo"), quem teria provavelmente escapado com vida, se não se tivesse posto fim a estes assassinatos pelo fogo?

Já vimos, na nossa exposição do paganismo, os fundamentos da crença na feitiçaria entre os cristãos; cumpre-nos agora uma visão mais próxima da extensão posterior da magia e da fé nas bruxas no Cristianismo até às perseguições, que não foram aparições isoladas, mas, por assim dizer, um desenvolvimento necessário de um germe profundamente enraizado.

A ideia de dois princípios em luta surgiu muito cedo no Oriente. As forças aparentemente hostis da natureza, e também o que é moralmente vil, levaram a filosofia a aceitar dois seres primordiais opostos, o mau junto do bom, exercendo uma influência secreta sobre a natureza e sobre o homem. Nesta noção assentavam especialmente as doutrinas religiosas de Zoroastro, segundo as quais Ormuzd era o autor da luz, e Ahriman o autor das trevas, o princípio do mal. Ambos os princípios tinham os seus espíritos ministrantes: os Amschaspands e os Izeds eram os bons espíritos, e os Devs eram os maus, sob o governo de Ahriman.

"As representações do mal absoluto, do diabo e dos espíritos diabólicos, que depois se apoderaram tão firmemente e de modo universal da mente pública, eram desconhecidas dos nossos progenitores pagãos. Uma distinção ideal total entre um espírito bom e um mau é igualmente desconhecida na teologia grega, na indiana e na nossa antiga germânica." (Grimm, p. 549).

Parece certo que os judeus, durante o cativeiro assírio, adquiriram em grande parte as suas noções acerca de Satanás e dos anjos bons e maus. Na história da criação, Moisés nada fala de Satanás ou do diabo, mas apenas da serpente, "que era mais astuta do que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito". É verdade que aí se encontra um princípio inegável de traição na ideia da serpente; e o diabo, como autor da maldade e opositor de Deus, está originalmente contido na religião judaica, embora não tão plenamente demonstrado até ao cativeiro babilónico.

A palavra Satanás apresenta-se algumas vezes no Antigo Testamento; como em 2.º Samuel, xix, 22, onde David diz: "Que tenho eu convosco, filhos de Sarvia, para que hoje me sejais adversários (*Satan*)?"; depois em 1.º Crónicas, 21: "E Satanás levantou-se contra Israel, e incitou David a numerar Israel." "Por inveja do diabo entrou a morte no mundo" (Sabedoria, ii, 24). Mas Satanás surge pela primeira vez em pessoa em Jó: "Então Satanás saiu da presença do Senhor e feriu Jó com chagas malignas", etc. E misturava-se entre os filhos de Deus, e entrou em diálogo com o Senhor, que é de caráter genuinamente oriental — cap. i, v. 6–13:

6. Ora, num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles.

7. E o Senhor disse a Satanás: Donde vens? Então Satanás respondeu ao Senhor e disse: De rodear a terra e passear por ela.

8. E o Senhor disse a Satanás: Reparaste no meu servo Jó? Pois não há ninguém como ele na terra, homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal.

9. Então Satanás respondeu ao Senhor e disse: Porventura teme Jó a Deus debalde?

10. Não puseste tu uma sebe ao redor dele, de sua casa e de tudo quanto tem? Abençoaste o trabalho das suas mãos, e os seus bens se multiplicaram na terra.

11. Mas estende agora a tua mão, e toca em tudo quanto tem, e verás se não te amaldiçoa na tua face.

12. E o Senhor disse a Satanás: Eis que tudo quanto tem está no teu poder; somente contra ele não estendas a tua mão. E Satanás saiu da presença do Senhor.

No segundo capítulo Satanás mantém o mesmo diálogo com o Senhor, pedindo que lhe seja permitido estender a mão e tocar na carne e nos ossos de Jó; então o Senhor o entrega à mão de Satanás, com a condição de que lhe poupe a vida: "Então Satanás saiu da presença do Senhor e feriu Jó com úlceras malignas desde a planta do pé até ao alto da cabeça." É claro que o piedoso e duramente afligido Jó teve visões sonambúlicas, como todo o diálogo de Satanás com o Senhor mostra, e o que também é claramente declarado. Assim, na conversa com a sua mulher (ii, 9); e ainda em iv, 12–16:

12. Ora, a mim me foi trazida secretamente uma palavra, e o meu ouvido percebeu um sussurro dela.

13. Entre pensamentos das visões da noite, quando cai o sono profundo sobre os homens,

14. Sobreveio-me medo e tremor, que fez estremecer todos os meus ossos.

15. Então passou um espírito diante da minha face; os cabelos da minha carne se arrepiaram.

16. Parou ele, mas não discerni a sua aparência; uma imagem estava diante dos meus olhos…

E mais adiante: "Então me assustas com sonhos, e me aterrorizas com visões" (vii, 14). E ainda: "Porque as flechas do Todo-Poderoso estão em mim, o seu veneno suga o meu espírito."

O extraordinário livro de Jó tem sido por numerosos comentadores afirmado não ser anterior ao cativeiro. Desta opinião são Michaelis, Döderlein e Hufnagel; e Horst, no seu *Dämonomagie*, diz: "Desde esta época, como os judeus viviam entre os admiradores de Zoroastro, e assim se familiarizaram com as suas doutrinas, encontramos, em parte em contradição com as conceções mais antigas da sua religião, muitos dogmas que não é possível explicar senão pela operação das doutrinas de Zoroastro. A estes pertence a aceitação geral da teoria de Satanás, bem como de anjos bons e maus." (cf. *Handbuch der Kirchengeschichte*, de J. B. C. Schmidt).

Todas as diferentes descrições da existência e da influência dos espíritos malignos, como nos chegaram, foram modificadas pelo Cristianismo. O diabo é ao mesmo tempo judaico, cristão, pagão, idólatra e espectral. À medida que os deuses pagãos desapareciam, o Cristianismo inclinou-se para o dualismo, e a filosofia gnóstica

esforçou-se por estabelecer o princípio universal do bem e do mal. "O nome de diabo", diz Grimm, "não é germânico, e não é senão o retido διάβολος (*diábolos* — caluniador, acusador); e o nosso 'anjo', tanto na palavra como na ideia, deriva daí também. *Tiebil, Tievil, Diofal* são usados pela Vulgata para *daemonium*; e em Úlfilas, *Diabaulus, Satana, Unhultho* são traduzidos por *daimonion* (demónio)."

No Antigo Testamento, por **Anjo**, segundo o texto original, entendia-se um oficial para levar uma mensagem; e daí "mensageiro", "enviado de Deus": por esse motivo também os mestres e pregadores, no Antigo e no Novo Testamento, são chamados de "publicadores de boas novas". Alguns comentadores entendem, nesse sentido, em Isaías xxxiii, v. 7, por "anjos da paz" os mensageiros dos Assírios aos Judeus, e dos Judeus aos Assírios. No Antigo Testamento, as aparições em visões são chamadas anjos, como os que apareceram a Moisés, Abraão, etc. Quando o anjo apareceu uma segunda vez a Agar, prometeu fazer de Ismael um grande povo.

"A doutrina dos anjos," diz Gottfried Buchner (*Biblische Real- und Verbalconcordanzien*, 1757), "está em grande parte coberta de trevas: aqui a razão não pode ver longe; e o conhecimento que derivamos das Escrituras é igualmente escasso. Não sabemos propriamente o que é um espírito, nem como pode mover um corpo. Se esta classe de seres pensa como nós; como comunicam as suas ideias uns aos outros; são questões mergulhadas em incerteza.

A razão, na verdade, nada encontra de absurdo na existência de espíritos, pois as Escrituras revelam claramente; mas percebe, ao mesmo tempo, que não é contrário à bondade, sabedoria e omnipotência de Deus ter criado tais seres. Mas mais longe não pode avançar; deve contentar-se com a probabilidade, e fá-lo quando aceita, pela fé, as garantias divinas, e não se deixa perturbar com aquilo que o bom e sábio Deus ocultou ao seu conhecimento."

Disto inferimos que tanto pouco podemos negar como podemos provar a existência de espíritos objetivos; mas que nada há na teoria contrário à razão, que Deus, na sua grande casa, tenha tais seres e permita que exerçam influência sobre os espíritos dos homens. Sobre este tema, escreve T. Burnet em *Archeolog. Phil.*, p. 68:

*"Facile credo, plures esse naturas invisibiles in rerum universitate, sed harum omnium familiam quis nobis enarrabit? Et gradus et cognationes et discrimina et singularum immorali quid agunt, quae loca habitant? Harum rerum notitiam semper ambivit ingenium*

*humanum, nunquam attigit. Juvat interim, non diffitcor, quandoque in animo, tanquam in tabula, majoris et melioris mundi imaginem contemplari, ne mens assuefacta hodiernae vitae minutiis se contrahat nimis, et tota subsidat in pusillas cogitationes. Sed veritati interim vigilandum est, modusque servandus, ut certa ab incertis, diem a nocte distinguamus."*

("Creio facilmente que existem muitas naturezas invisíveis no universo, mas quem nos descreverá toda essa família? E os seus graus, relações e diferenças, e o que cada uma faz, onde habitam? O engenho humano sempre aspirou a tal conhecimento, mas nunca o alcançou. É útil entretanto, não o nego, contemplar por vezes na mente, como num quadro, a imagem de um mundo maior e melhor, para que o espírito, habituado às minudências da vida quotidiana, não se contraia demasiado e não se afunde em pensamentos mesquinhos. Mas é necessário, entretanto, vigiar pela verdade, e manter a medida, distinguindo o certo do incerto, o dia da noite.")

É muito certo que os impulsos dos espíritos em direção aos homens não são tão comuns como imaginamos, pois as representações psicológicas de todo o género de fenómenos procedem da natureza indivisa do homem vivo, e na maior parte por um processo físico, como mostrei no meu *Magnetismo em relação à Natureza e à Religião*. Não seria, segundo essa crença, de todo absurdo considerar que o homem é influenciado diretamente por Deus, sem que essa influência seja comunicada através de anjos; ao mesmo tempo que essa influência assumiu uma forma segundo a linguagem e as ideias dos homens: como os Izeds do Oriente, os anjos dos Judeus, os **Dis** dos Germanos, e os santos da Idade Média.

Não há, de facto, fundamento na Bíblia para a ideia de que cada homem tem o seu anjo da guarda, pois vemos que a um anjo são confiados muitos homens (Daniel iii, 28), e, por outro lado, muitos anjos a um só homem. Assim, um anjo feriu, do povo, sessenta mil quando David fez o censo. Um anjo feriu no campo dos Assírios cento e oitenta e cinco mil homens.

Por outro lado, os anjos são representados em multidões como engajados em fins particulares, e há algo de venerável, excelente e grandioso na ideia. Por exemplo, David agradou a Aquis como um anjo de Deus (I Sam. xxix, 9). "E o meu senhor é sábio, com a sabedoria de um anjo de Deus" (II Sam. xiv, 20). Entre os Judeus, o chefe da sinagoga era chamado o anjo da congregação. Era

necessário que tivesse barba perfeita, fosse judeu de nascimento, e excedesse todos em sabedoria, capacidade e santidade, na exposição das Escrituras.

Assim também o anjo do Novo Testamento é o mestre mais antigo, o chefe da congregação (Apocalipse ii, 1, 8, 12, 18, etc.). Cristo é o grande embaixador e principal mensageiro (Hebreus iii, 1); o anjo incriado, que também ia diante dos Israelitas na coluna de fogo (Êxodo xxiii, 20); que tomou sobre si o ofício de salvar a humanidade.

Nas Escrituras deve ele ser entendido em todo o lugar onde nomes, obras, propriedades e honras divinas são atribuídos a um anjo. Cristo é o anjo da aliança, e já assim entendido no Antigo Testamento; o anjo de luz, que apareceu na carne para anunciar aos homens a aliança de Deus, "o anjo entre milhares" (Jó); "E de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o anjo da aliança, a quem vós desejais" (Malaquias iii, 1).

Os anjos apareceram em diferentes formas e com sinais simbólicos, e as suas imagens sublimes são descritas no Apocalipse de São João. Por exemplo, no capítulo 18: "E vi outro anjo poderoso descer do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco-íris, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo." E ainda, no capítulo 16: o anjo com as sete taças derramando a ira de Deus. No capítulo 20: o anjo que tinha as chaves do abismo na sua mão, para prender o dragão, a antiga serpente.

Por **anjo mau** entende-se um homem ímpio, um falso profeta; por exemplo, Alexandre, o latoeiro (II Timóteo iv, 14). O anjo do abismo, da escuridão, é o mensageiro do diabo, ou o próprio Satanás.

Mas, por geral que fosse a crença em anjos bons e maus entre os Judeus, não faltaram céticos à aparição de Cristo — como os saduceus, que metodicamente negavam a existência de espíritos e de demónios, o que, contudo, não impediu a receção de anjos bons e maus na crença universal da Igreja. Pois agora eram os publicadores da vontade de Deus, seus servos e mensageiros, os executores dos seus mandamentos e juízos, os administradores de diversas ordens, mesmo nos fenómenos da natureza. Por exemplo, um anjo agitava as águas no tanque de Betesda (João v, 4).

Os anjos maus são tão numerosos como os bons, e aqueles cujo poder é reconhecido são uma legião (Marcos v, 9). Têm mesmo uma

certa gradação de hierarquias. Belzebu é o chefe dos demónios (Mateus xii, 24).

Depois que os Judeus adotaram as ideias dos Assírios quanto a espíritos bons e maus, anjos de malefício e de destruição, a fé no seu número e poder aumentou na medida do declínio da religião, e no tempo de Cristo tinha alcançado tal altura que se tornou necessário purificar os homens tanto por dentro como por fora, e expurgar igualmente os seus corpos e espíritos das doenças. Cristo não trouxe o mundo espiritual para a religião — encontrou-o já lá; e a sua missão de emancipação consistiu nisto: conduziu os homens à verdadeira virtude e libertou-os do poder do diabo.

Pois o Príncipe das Trevas — aquele que habita no ar — é lançado pelo Deus da paz debaixo dos nossos pés (Romanos xvi, 20). Na maldade, o Maligno tinha terrível habilidade; quanta miséria trouxe sobre o piedoso Jó! quanta angústia causou a David, incitando-o a numerar o povo! Mas que lhe valeu o seu poder contra Cristo? As suas tentações ousaram atacar o princípio interior e divino; mas Cristo lançou atrás de si todas essas falsas pretensões; e o seu poder e autoridade eram tão grandes que expulsava os demónios que tinham possuído outros, e libertava os possessos das dores do inferno.

Mas os espíritos malignos não abandonavam os homens sem feroz resistência, nem desapareciam sempre sem deixar rasto. Os demónios de dois possessos que saíam dos sepulcros, e eram tão terríveis que tornavam a terra dos Gergesenos inabitável, imploraram ao Senhor que os deixasse entrar num rebanho de porcos;

"E todo o rebanho se precipitou no mar, e morreu nas águas" (Mateus viii, 28).

Um acontecimento tão interessante para os antropólogos como para os fiéis piedosos.

As seguintes passagens do Evangelho, cuja interpretação antropológica deixo ao leitor, são expressivas e importantes. Por exemplo: "O diabo semeia joio entre o bom trigo" (Mateus xiii, 24). Assume a forma de anjo de luz (II Coríntios xi, 14). Anda em redor como leão que ruge, buscando a quem possa devorar (I Pedro v, 8). Produz também doença do corpo: como a mulher que tinha o espírito de enfermidade há dezoito anos, e estava encurvada e não podia de modo algum endireitar-se (Lucas xiii, 11). Ele cega os sentidos, "até

que se libertem dos laços do diabo, em que são feitos cativos à sua vontade" (II Timóteo ii, 26).

As seguintes passagens são também importantes: — "Curai os enfermos; expulsai os demónios" (Mateus x, 8). "E disseram de João: ele tem um demónio" (Mateus xi, 18); e de Cristo, que expulsava os demónios por Belzebu. "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo" (Efésios vi, 11). "Tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus." "O diabo lançará alguns de vós na prisão." "Aquele que peca é do diabo."

É também chamado metaforicamente diabo, nas Escrituras, aquele que tem um espírito mentiroso e caluniador. As "mesas do diabo" são banquetes dedicados a ídolos, e ao mesmo tempo ao diabo. Os falsos deuses, como alguns interpretam literalmente, são diabretes do diabo. A subtileza leva o nome de serpente; a crueldade diabólica é representada sob a imagem de um leão (I Pedro v, 8); o domínio entre os filhos da incredulidade sob a imagem de um príncipe. O diabo não tem tanto poder quanto uma tolerância divina.

Quando os ímpios resistem às suaves atrações do Espírito Santo, e rejeitam a graça, até se esquecerem de Deus nas suas trevas, e se tornarem como palha seca, o diabo encontra neles a sua presa e entra neles. Se os piedosos são tentados como Jó para os sábios fins de Deus, beijam a mão paternal de Deus em humildade, e mantêm firme a sua fé, de modo que para eles que servem a Deus e amam o próximo todas as coisas cooperam para o bem (Romanos viii, 28).

O Espírito Santo entra neles, de modo que o leão infernal não tem poder sobre eles. Armam-se com armas espirituais do arsenal de Cristo (Efésios vi, 11). Oram fervorosamente, são "sóbrios e vigilantes" (I Pedro v, 8). Resistem na fé e evitam o pecado, e "vencem todos os inimigos espirituais pelo sangue do Cordeiro" (Apocalipse xii, 11). Assim exclamam alegremente: "Graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Coríntios xv, 57).

Assim como é escuro ou claro no homem interior, os impulsos objetivos revestem-se de termos correspondentes; assim que reina a calma no íntimo, cessa também a tempestade exterior do mundo. "O medo só tem assento", diz Schiller, "onde massas pesadas e informes prevalecem, e os contornos sombrios oscilam entre limites incertos. O homem ergue-se acima de todo o terror da natureza assim que lhe

pode dar uma forma, e pode torná-la objeto definido. Quando começa a afirmar a sua independência contra a natureza como aparência, afirma também a sua dignidade contra a natureza como poder, e em plena liberdade ergue-se corajosamente diante dos seus deuses. Arranca as máscaras dos espectros que aterrorizaram a sua infância, e eles surpreendem-no com a sua própria imagem, pois são apenas as suas próprias imaginações."

A ideia do divino e do espiritual adapta-se à mente individual e nacional, e ao progresso histórico da cultura; e se toda a representação ou pensamento que a mente concebe se modifica segundo as circunstâncias, e se todo o facto é apresentado sob uma luz peculiar, ainda assim o fundamento objetivo que ocasiona o pensamento e a representação não deixa, por isso, de operar; ou, noutras palavras, o motivo da representação pode ser uma força espiritual exterior. Quem afirmará que o homem é um ser isolado, colocado sozinho na criação? Quem negará uma variedade múltipla de forças espirituais? E quem conhece os modos e meios pelos quais o Criador e Governador do mundo influencia a humanidade?

Mas os espíritos e os demónios não são aquilo que, na maioria das vezes, parecem em carne e roupas; são formas inanimadas da imaginação, e não pertencentes ao espaço e à física, como tantas vezes se crê, pois o espiritual exclui a ideia de espaço natural. Nenhum espírito pode aparecer na natureza como sombra ou forma sensível, por carecer de substância material que possa agir como refletor de sensação de fora. Qual é, então, o encanto externo ou o germe interno da conceção e nascimento de todas as fábulas e fantasmagorias de todos os povos e indivíduos?

Não foi, de facto, apenas a representação dos espíritos e da sua influência sobre a natureza física e espiritual do homem que o Cristianismo transmitiu do Oriente, mas as várias espécies de magia foram uma herança dos tempos mais antigos, do Egito, a pátria da magia. A astrologia, o lançamento de horóscopos, o exorcismo, são já mencionados por Isaías:

"Permanece, pois, com os teus encantamentos, e com a multidão das tuas feitiçarias, em que trabalhaste desde a tua mocidade; se acaso poderás tirar algum proveito, se acaso prevalecerás. Cansaste-te na multidão dos teus conselhos. Levantem-se, pois, agora, os astrólogos, os contempladores das estrelas, os prognosticadores das

luas novas, e salvem-te daquilo que virá sobre ti" (Isaías xlvii, 12–13).

Os magos da corte de Faraó são reconhecidos como verdadeiros mágicos, que transformaram a água em sangue, e fizeram aparecer rãs e toda a sorte de vermes. E como responde belamente Isaías: — "E quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, não consultará porventura um povo o seu Deus? A favor dos vivos consultar-se-ão os mortos?" (Isaías viii, 19).

Coisas muito extraordinárias aconteceram nesses tempos durante os exorcismos de espíritos, e especialmente em lugares remotos; e igualmente extraordinárias ocorreram nas tentativas de feiticeiras, como na da Bruxa de Endor (I Samuel xxviii, 7). As leis penais de Moisés falam expressamente de tais mulheres: "Não deixarás viver a feiticeira." E de tais homens e mulheres juntos: "Se um homem ou uma mulher forem feiticeiros ou astrólogos, morrerão de morte."

Vejamos agora como a crença em espíritos e feitiçaria se foi gradualmente moldando e completando no Cristianismo, até desembocar finalmente na superstição e no descrédito do período de bruxaria da Idade Média.

No primeiro período do Cristianismo, os homens faziam pouca distinção entre o natural e o sobrenatural. Tudo o que era extraordinário era, para eles, mágico; ou tudo o que era miraculoso era um acontecimento demoníaco ou teístico. As leis da natureza não eram compreendidas, e quase tudo o que era invulgar pertencia, por conseguinte, à esfera do milagre, que cada um explicava segundo as suas próprias ideias.

A principal oposição dos pagãos originava-se no facto de que os cristãos representavam os deuses pagãos inteiramente como espíritos malignos, que ocasionavam perturbações e crimes, e, de facto, afirmavam que o diabo, enfurecido porque o seu reino fora derrubado por Cristo, procurava vingar-se incitando todas as hostes demoníacas e todo o paganismo contra ele. (Cf. Münscher, *História dos Dogmas*; Meyer, *Historia diaboli, seu comment. de diaboli malorumque spirituum existentia*, Tübingen, 1780).

"Os demónios", diz Taciano (*Orat. ad Graec.*), "são os fundadores da idolatria; e, para satisfazer o seu orgulho, permitem-se ser adorados pelos pagãos como deuses." Ele chama ao diabo **πρωτοίως δαίμων** ("o primeiro dos demónios"). Deles procedem todos os milagres

necessários para a autenticação da idolatria; e são os originadores dos oráculos, pelos quais escarnecem dos homens com sentenças neológico-epigramáticas (Athen., *leg.*; Tertul., *apolog.* c. 29). Com a sua ajuda, mantêm-se as artes mágicas (Clemente de Alexandria, *Cohortatio ad gentes*). Esforçam-se por prejudicar os homens de todas as maneiras possíveis, por calamidades públicas, falhas nas colheitas, carestias, doenças e todo o género de desastres (Orígenes, *adversus Celsum* viii, §31).

O diabo e os demónios, ou deuses pagãos e seus assistentes, procuram incessantemente seduzir os homens para o pecado e a incredulidade (Justino). Segundo a sua organização subtil, são capazes de agir sobre o corpo e a alma (Tertuliano). Justino diz expressamente que nutrem o mais mortal ódio contra os cristãos, porque estes não lisonjeiam o seu orgulho, não lhes rendem honra, e porque são capazes de os afugentar em nome e pela santa cruz de Cristo.

Nos primeiros tempos, os homens tinham ideias tão grosseiras dos demónios que os consideravam como seres que necessitavam de alimento, o qual consistia na fumaça e no incenso das oferendas, o que até o arguto Orígenes sustentava (*Exhortatio ad myst.* III, 572); e também mestres anteriores, como Tertuliano, Atenágoras, etc., concordam plenamente com ele.

A possibilidade de espíritos malignos serem expulsos por exorcismo e pela cruz era ensinada por Tertuliano, Lactâncio, Gregório, etc. (Cf. Horst, *Demonologia*). Aí se introduz a passagem do Génesis vi, 2: "E viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas", pela qual muitos entendem anjos e gigantes.

Uma ousada afirmação dos gnósticos e dos cristãos, que se encontra nos três primeiros séculos, é a de que um demónio, ou uma legião deles, é designado para cada alma no seu nascimento. Manteve-se uma classe de santos ou sacerdotes que se ocupavam exclusivamente do mundo demoníaco e dos possessos, de onde surgiram milagre após milagre, até que a questão se tornou tão desesperada que Santo Agostinho declarou que os milagres deviam agora cessar, já que o cristianismo estava amplamente difundido, para que os homens se tornassem espirituais e interiores, e deixassem de depender de meras coisas exteriores; e voltou a este assunto na sua obra *De Civitate Dei*, onde relata uma multidão de

milagres ocorridos no seu tempo, e especialmente de curas de possessos.

Falámos, na feitiçaria dos tempos antigos, de um olhar — uma operação mágica sem toque, que na antiga linguagem se chamava mau-olhado. Os conhecedores e investigadores, os profetas do futuro, tinham os seus costumes peculiares, encantamentos e formas de bênção; e Grimm diz que, como na Antiguidade, as nossas expressões de gritar, murmurar, invocar e conjurar derivam dessas formas de feitiçaria; por exemplo — feitiços, mulheres que proferem feitiços, mulheres conjuradoras, etc., eram termos familiares entre eles.

*Galdra* chamava-se uma magia falada, que não era punível. *Galdra*, isto é, *fuseinure*, enfeitiçar; *galdrcraft*, magia; *magus*, *incantare*, encantador, enfeitiçar cantando. Uma recitação ligeira, um murmúrio — *inmurmurare* — era o mesmo que conjuração; e *raunen* ainda significa falar secretamente: *susurrare*, conjurar, e conjuração, têm o mesmo sentido. Um modo de conjuração era por meio de sortes, ou prognosticar através de taças. Festas de bruxas realizavam-se em montanhas e bosques, em épocas fixas, desde os mais antigos tempos do paganismo, onde se celebravam julgamentos ilícitos. Na primeira noite de maio realizava-se a grande assembleia em prados, sob carvalhos e tílias, mas sobretudo no Brocken.

A verdadeira crença em feitiçaria e bruxaria, no sentido posterior, data de cerca do século XIV, em contraste direto com a fé pagã. Os anjos e os demónios eram agora de categoria mais elevada, mais espirituais, ou de caráter mais sobrenatural do que os antigos, que tinham tanto contacto com o homem.

O diabo já não habitava voluntariamente no possesso; o homem era, até certo ponto, responsável pela sua perversidade e pecados, e tornava-se aliado do Maligno. Durante o crescimento desta opinião, contudo, ocorria um singular processo de fermentação intelectual; a filosofia platónica, o ceticismo, o livre-pensamento e a superstição agitavam-se todos, como que numa rivalidade zelosa de ataque ao cristianismo puro, como um derradeiro esforço para sustentar, na Europa, o paganismo em declínio.

O poder sobrenatural dos cristãos de operar milagres ocasionava cada vez mais o declínio do paganismo, e aumentava o número dos discípulos fervorosos. Por outro lado, os pagãos empregavam todo o seu poder mágico, e exibiam perante os cristãos os oráculos dos seus

deuses, os seus mistérios e milagres; e apresentavam um campeão mágico em oposição a cada apóstolo e mártir. Ambas as partes vangloriavam-se das suas histórias de milagres, mas com esta diferença: que os cristãos atribuíam os milagres dos pagãos ao diabo, e os seus próprios ao poder de Deus. Cada parte afirmava, como prova da sua autenticidade, o favor do céu. O combate era feroz, o fogo começava já a arder, e muitos escritos foram também queimados com os ídolos; por exemplo, os de Epicuro.

Embora o ceticismo e a superstição crescessem, o cristianismo mantinha a ascendência, e o seu espírito mais elevado e divino erguia-se no conflito, tanto em termos teóricos como práticos, cada vez mais vitorioso; mas, no fervor do maior zelo, não podia lançar de todo fora as manchas e os farrapos da superstição.

Assim, Teodoreto relata (*Historia Ecclesiastica* V, c. 21) que o bispo Marcelo, na Síria, no século XIV, com a ajuda do prefeito, tentou queimar um templo de Júpiter, mas um diabo negro apagava sempre a chama. O bispo, porém, mandou colocar um barril de água no altar-mor, e depois de uma oração e do sinal da cruz a água ardeu como óleo, e o templo idolátrico foi reduzido a cinzas.

O poder dos santos começou também a afirmar-se sobre substâncias físicas; e o historiador franco Gregório de Tours, no século VI, regista o poder miraculoso de um santo óleo contra cãibras e possessões. Em certas festas, os possessos apareciam nas igrejas em delírio, de tal modo que aterrorizavam as congregações e quebravam as lâmpadas. Mas assim que o óleo lhes era derramado, os demónios saíam deles, e voltavam a si mesmos (*Historia Francorum* X; ed. Ruinart).

Assim se foram reunindo gradualmente os materiais para a genuína fé nas bruxas dos tempos posteriores; pois os feiticeiros e feiticeiras dos séculos XIV, XV e XVI eram desconhecidos no primeiro período do cristianismo.

Entretanto, os padres da Igreja contribuíram poderosamente e em público, embora involuntariamente, ao tratarem da demonologia segundo as ideias do seu tempo, e abrirem uma larga porta ao diabo. Assim, por exemplo, o próprio São Jerónimo (*Opera* T. IV; cf. Horst, *Dämonomagie* I, 55), no século V, devido ao seu temperamento vivo, teve muitas vezes de lutar extraordinariamente com os demónios; uma vez chegaram mesmo a açoitá-lo fortemente, porque no seu belo latim era mais ciceroniano do que cristão, o que ele depois tratou, na verdade, como mero sonho. Ele acreditava realmente,

também, na sua estreita cela em Belém, que ouvia as trombetas dos anjos. "O que teve de bom ensinamento para os tempos futuros", diz Horst, "foi que os autores começaram então a escrever de tal modo que o diabo já não tinha ocasião de os castigar pela sua elegante dicção."

As ideias de Agostinho tendiam diretamente a apoiar a crença no comércio de bruxas e demónios (*De Civitate Dei*, XV, 23). Gregório Magno relata coisas incríveis sobre os possessos (*Dialogi*, vulgo; cf. Thomasius, *Historical Inquiry into the Origin of the Witch-Prosecutions*).

O primeiro vestígio de um pacto formal com o diabo, em sentido judicial, encontra-se no período de feitiçaria dos séculos XII e XIII; e, segundo Schmager e Thomasius, em Basílio o Grande, que tinha um escravo que fizera um pacto com o diabo, e a quem ele restituiu "*in integrum restituiti*" ("restauraste na íntegra"). A ideia da possibilidade de tal pacto existia, no entanto, muito antes — um acordo em que se estabelecia um vínculo mútuo, entregando-se a alma ao Maligno em troca de dinheiro, honra e riquezas. Assim até São Teófilo (*Acta Sanctorum*, 4 de fevereiro; cf. Sender e Horst) se entregou voluntariamente ao diabo, mas, na sua fervorosa oração à Virgem Maria, conseguiu afinal recuperar o manuscrito fatal, à vista do qual foi tomado de horror e consternação.

Casos individuais destes, embora raros, ocorrem muito cedo, e espalharam a semente do crescimento posterior da crença em magia infernal, embora no século XII a ilusão pagã de homens terem comércio com demónios fosse rejeitada pelos cristãos. As ofertas mágicas, a conjuração dos mortos, a adivinhação por sonhos e estrelas foram então denunciadas com zelo como relíquias do paganismo; e, por conseguinte, foi um grande erro decretar castigos para tais disparates, tais ilusões ou tal simplicidade. A verdadeira fé na feitiçaria, as cruéis inquisições de bruxas, e o castigo dos pactos com o diabo, podem, contudo, ser rastreados a partir deste período.

As histórias de magos que voavam e cavalgavam pelo ar, geralmente à noite, mas às vezes de dia, surgem no século XV, e são de antiga origem pagã, ligadas a mulheres de má reputação. Entre as resoluções do Concílio de Ancira, em meados do século XV, encontra-se uma sobre mulheres que professavam cavalgar de noite em todo o género de animais com Diana e Herodias. (Cf. Concílio de Ancira em Mans; Sender, T. I, p. 138; Fuchs, *Bibliotheca of Assemblies of the*

*Church*, II, sobre os milagres dos demónios pagãos em poços, árvores e pedras).

Grimm, de facto, remonta as assembleias gerais de bruxas para jogos e lascívia, para cozinhar e festejar, a um período ainda mais antigo. As leis sálicas falam de caldeirões de bruxas e transportadores de caldeirões. Realizavam as suas assembleias sobretudo em nascentes de sal, e o próprio Tácito diz (*Annales* XIII, 57): "Se as mulheres ou sacerdotisas cuidavam da preparação do sal, os caldeirões de sal também estavam ao seu cuidado", e assim o povo das eras posteriores associou a fervura do sal com a bruxaria. Em certos dias festivos, as bruxas reuniam-se no bosque sagrado da montanha, onde o sal fervia, trazendo consigo panelas, colheres e garfos.

As suas panelas de sal, contudo, eram fervidas de noite. *Halle* em austríaco significa *Salzaha, Sula*, ou as cabanas nas fontes de sal; donde a crença popular de que os demónios cavalgavam em vassouras, forquilhas de forno ou feixes de lenha, por colinas e vales até Halle (Grimm, p. 889). Grimm também assinala esses voos noturnos na *Edda*. As feiticeiras escandinavas são aí referidas como montando lobos e domesticando serpentes. Grimm dá, a partir de fontes autênticas, muitos pormenores interessantes destas viagens e reuniões de bruxas.

Horst, na sua *Daemonomagie*, trata extensamente do período da feitiçaria desde o século VI até ao XIII. Todas as formas de crença em magia foram-se moldando, através de tantos séculos, de modo ainda mais fantástico e rico, até serem finalmente trabalhadas num sistema completo no *Hexenhammer*. A característica distintiva deste período parece ser a forma mais determinada e a maior nitidez com que o diabo, que antes tinha sido criatura da fantasia, agora se impunha corporalmente e se colocava ao lado dos santos, com todo o seu poder e influência.

Em vez de dar muitas citações, Horst destaca os terríveis demónios do piedoso Guthlac, segundo a sua própria descrição: "Tinham cabeças grossas, largas e grandes, pescoços compridos, rostos amarelos e magros, barbas compridas e imundas, dentes de cavalo, olhos de fogo como carvões ardentes (os olhos negros a brilhar como brasas aparecem mais frequentemente no processo de aniquilamento dos Templários), gargantas flamejantes, bocas largas, joelhos inchados, pernas tortas e pés virados para trás." E eis agora o combate com estes seres repulsivos! Quando Guthlac orava ou se

entregava a contemplações piedosas, eles arrastavam-no para fora da sua cela, mergulhavam-no em pântanos, arrastavam-no por sebes e silvados, açoitavam-no com chicotes de ferro, levavam-no nas suas asas hediondas ora alto no ar, ora para o fundo da terra, ora para as profundezas das águas, ora para as cavernas de fogo, onde atormentavam as almas dos homens. Pelo fervoroso apelo a São Bartolomeu, conseguiu enfim libertar-se destes demónios atormentadores. As aparições do diabo a outros eremitas, e as suas tentações, particularmente as de Santo Antão e de Macário, são bem conhecidas.

No século VIII, quando as pessoas já começavam a trabalhar o sistema dogmático, a superstição acompanhava-o e avançava até à mais extrema absurdidade. João Damasceno, primeiro ao serviço de um califa sarraceno, depois monge no mosteiro de Sabas em Jerusalém, escritor de alta reputação, fala dos demónios como não sendo outros senão dragões voadores, como serpentes ardentes, longas e grossas como pinheiros, que voam pelo ar, entram pelas janelas e comunicam com aqueles que estão em aliança com eles. Fala também, totalmente no espírito dos tempos de bruxaria posteriores, de feitiçaria pela qual homens e animais são atormentados, crianças são enfeitiçadas ainda no ventre materno, destruídas ao nascer; e de outros cujos fígados são inteiramente devorados. Alguns, porém, atribuem estes relatos a manuscritos espúrios.

As histórias de bruxas que levavam a cabo os seus planos de feitiçaria transformando-se em formas de animais existiam muito antes da Idade Média, embora de forma mais indeterminada e fantasiosa — como cabeças de urso e lobos de guerra. Nos processos contra os Templários, apareceram as metamorfoses em gato e em bode; e também em outros produtos naturais, como maçãs, sapos, etc. Estas metamorfoses animais, em que se verificava grande quantidade de assombrações e malícia, são mencionadas, entre outros, por Luitprando, que foi primeiro bispo de Cremona, e nessa altura embaixador imperial em Constantinopla, e no ano 963 intérprete em Roma (*Descriptio legationis ad Nicephorum Phocam*, publicada por Baronio, Canísio, etc.). A feitiçaria era comum entre os búlgaros, e particularmente a feitiçaria contra mulheres.

Não faltaram, contudo, homens de espírito lúcido que procuraram conter o avanço desta prática demoníaca. Entre eles estava Raterio, bispo de Verona no século X; e as suas denúncias destas

absurdidades brilhavam como faíscas de fogo, diz Horst, na escuridão geral da época (excerto dos seus escritos em Dachery, *Spicilegium* III).

O poder e o número dos demónios cresciam na mesma medida em que aumentavam o número e a autoridade dos santos; e poder-se-ia quase dizer que a história dos demónios era a mais interessante da época. Na ciência e na arte, no trabalho e no combate, na vitória e na empresa, os demónios desempenhavam nesse período o papel principal no mundo; e era tão objeto de fé acreditar nos milagres operados pelo diabo como nos realizados por Deus Pai e Filho. Daí veio que as pessoas preferiam, por assim dizer, consentir silenciosamente em entrar na aliança do diabo do que expor-se à sua ira e perseguição.

No pacto com o diabo, os homens prometiam servi-lo para sempre, fazer tanto mal e maldade quanto pudessem; e, em contrapartida, o diabo prometia toda a proteção e prosperidade possíveis, e imunidade contra a influência de amigos ou inimigos. O contrato era geralmente assinado com o sangue do contratante mortal, e por sua vez o diabo marcava-o com uma verruga, que tornava o seu portador invulnerável a punhaladas, golpes ou disparos. Estas marcas os executores da Inquisição tinham de descobrir.

O diabo costumava conceder ao sopro daqueles que tinham pacto com ele um poder mágico a que nenhuma donzela podia resistir. Elas enlouqueciam de amor pelo possuidor desse poder assim que o seu hálito lhes tocava as narinas. Esta prática parece ter sido descoberta em França, e aí esteve particularmente em voga. A fé em tais pactos e práticas vis manteve-se firme até ao século XVII. Ainda em 1686 um célebre professor em Jena escreveu *De nefando Lamiarum cum diabolo coitu* ("Sobre o nefando coito das bruxas com o diabo").

Tais pactos eram também formados em grande escala; até cidades e comunidades entravam em acordo para pagar somas anuais a feiticeiros e traficantes da magia negra, para que os "fabricadores do tempo", sobretudo mulheres, e muitas vezes velhas miseráveis, protegessem os campos contra os estragos do granizo e contra a perda das colheitas. Nos escritos de Agobardo, bispo de Lião em 841, *Contra Indicia Dei* (em Henke, *História da Igreja*, II), encontramos uma descrição deste período e dos mais zelosos esforços para pôr fim à superstição, que, porém, morreu como voz a clamar no deserto.

Outros chefes da Igreja também atacaram esta loucura geral e crescente — como Hincmar, arcebispo de Reims, e Rabanus Maurus, arcebispo de Mainz, etc., que deixaram muitos escritos, entre os quais os *De Magicis Artibus* ("Sobre as artes mágicas") são os mais relevantes para o nosso propósito.

Entre essas artes mágicas, as pessoas daquele tempo contavam a produção de vermes, minhocas e larvas. Pela prática do exorcismo, contudo, acreditavam que estas e outras produções do diabo podiam ser destruídas, já que o poder de Deus e dos seus santos era maior. Horst dá exemplos retirados de Maynald e Dell'Ossa, de como em Lausana, e depois em Troyes, em França, no século XV, expulsaram, pela força das orações da Santa Igreja, animais nocivos que devoravam os jardins e pomares, mas que eram compelidos a partir, à badalada da uma hora, para procurar presa noutros países.

Mas não apenas se davam subornos; punia-se severamente estas conjurações; o que parece tanto mais natural, já que homens perversos e vigaristas, sob o pretexto de estarem possuídos ou loucos, tornavam as ruas e estradas perigosas, cometendo roubos, violências e assassínios. Nunca, ao que parece, a corrupção dos costumes atingiu maior grau do que nos séculos IX e X. O mais audaz desprezo por toda a lei e ordem, perjúrio, afronta descarada à honra e aos bons costumes, especialmente nos países do sul e em Itália, eram a ordem do dia; e a disciplina da Igreja encontrava-se, ao mesmo tempo, na mais deplorável condição.

A espada da justiça, ai!, raramente atingia os culpados; e os vis feiticeiros da época multiplicavam-se na mesma proporção da miséria dos tribunais. A "prova de Deus" (ordálio) foi posta em uso como julgamento divino, que devia descobrir a inocência, segundo o princípio de que Deus não permitiria que ela perecesse; mas o abuso horrível e a ilusão tomaram o lugar do julgamento justo e da investigação calma. Tudo o que se afastava da vida comum era considerado feitiçaria, e todo aquele que se distinguia de algum modo era condenado como mestre da arte negra; homens eruditos não raramente eram acusados como tais; sim, até mesmo um Papa, Silvestre II, foi declarado como tendo alcançado a tiara papal por meio desta arte negra.

Depois que a absurdidade assim chegou ao seu auge, o horizonte moral e intelectual começou, nos séculos XI e XII, a tornar-se mais claro. Muitas atrações exteriores, como as Cruzadas, o aumento do

conhecimento e o esclarecimento religioso, e muitas vezes até o espírito satírico, expulsaram os terríveis demónios e a assustadora feitiçaria. O diabo era geralmente representado em fábulas, baladas e comédias espirituais como um astuto brincalhão, que, como subtil enganador, fazia muitas traquinices; mas que, com a ajuda de um santo, ou pela exibição de relíquias, ou pelo sinal da cruz, era facilmente expulso.

O diabo, porém, não tolerou por muito tempo esta sujeição: no século XIII começou de novo a enfurecer-se com maior violência. Novas espécies de hereges surgiram com novos nomes — Beguinos, Lolardos, Espiritualistas, Valdenses, Tecelões (*Texerants*), etc. Uma jovem pertencente aos *Texerants* dos arredores de Trier, região especialmente notória pela feitiçaria, foi queimada no século XIV, embora a sua instrutora em bruxaria e sedutora imprudente tivesse escapado por uma corda lançada da janela.

As velhas tornaram-se agora particularmente objeto de suspeita, porque não confessavam que ocasionalmente apareciam sob a forma de sapos, ou que tinham testemunhado tais transformações — pois os sapos apresentavam-se então como demónios disfarçados na arena da feitiçaria. Trier destacou-se especialmente nessa altura, porque ali existiam muitas dissidências da fé ortodoxa. Num Sínodo realizado em 1281 contra a heresia, discutia-se ali a questão — *"tribus in ea urbe scholis eorum ?"* ("três das suas escolas naquela cidade?").

O diabo apareceu então pela primeira vez entre os hereges homens sob a forma de gatos e bodes; entre as mulheres sob a forma de sapos e gansos, e finalmente como gatos. Gregório IX escreve sobre tais sapos e gansos ao príncipe Henrique, filho do imperador Frederico, como sendo *"as formas exteriores malignas, porque a sua pessoa interior tinha sido vencida por Jesus Cristo."*

Depois de muitas bruxas e três feiticeiros terem sido queimados em Trier, o costume de queimar tais pessoas, segundo Sender, espalhou-se extensamente por aquelas regiões, até ao Reno, de modo que finalmente em Mainz foram feitas queixas sérias de que muitas pessoas totalmente inocentes tinham sido queimadas por não confessarem que ocasionalmente eram sapos; e um certo Ansfried confessou ali que ele próprio tinha condenado à morte muitas pessoas inocentes por essa razão.

E agora o frenesi passou das velhas e do povo comum para nobres e condes, que eram acusados de feitiçaria com tamanha violência que o mal foi obrigado a ser contido. Um exemplo de falso engenho, e da grandeza e universalidade da fé herética, é mostrado pela seguinte passagem de uma bula do Papa Gregório IX, onde se diz:

*"Novitio praecedenti occurrit nimii palloris homo, nigerrimos habens oculos, adeo extenuatus et macer, quod consumptis carnibus sola cutis relicta videtur ossibus superducta. Hunc novitius osculatus sensit frigidum sicut glaciem, et post osculum catholicae memoria fidei de ipsius corde totaliter evanescit."*

("Ao noviço que avançava surgiu um homem de palidez extrema, de olhos muito negros, tão magro e consumido que, tendo-se gasto a carne, apenas pele parecia restar sobre os ossos. Ao beijar este homem, o noviço sentiu-o frio como gelo, e após o beijo a memória da fé católica desapareceu totalmente do seu coração.")

E continua no mesmo tom: *"Completo convivio, per quondam statuam quae in scholis hujusmodi esse solet, descendit retrorsum, ad modum canis mediocris, cattus niger, retorta cauda, quem a posterioribus primo novitius (sic o bispo primeiro, infetando os outros) post magister, deinde singuli per ordinem osculantur, qui tamen digni sunt et perfecti. Et tunc per loca sua positis, dictisque quibusdam carminibus, ac versibus totum capitibus inclinatis — parce nobis, elicitat magister, etc. His ita peractis, extinguuntur candelae et proceditur foetidissimum opus luxuriae."*

("Depois da ceia, por meio de uma certa estátua que costuma estar nessas escolas, desce de costas, à maneira de um cão mediano, um gato negro, de cauda retorcida, que os de trás primeiro beijam — o noviço primeiro (assim o bispo primeiro, contaminando os outros), depois o mestre, depois cada um por sua ordem, os que são dignos e perfeitos. E então, colocados nos seus lugares, e ditos certos cânticos e versos com as cabeças todas inclinadas — 'tem piedade de nós', exclama o mestre, etc. Feito isto, apagam-se as velas e passa-se à obra fétidíssima da luxúria.")

Perto do fim do século XIII já existiam muitos livros sobre feitiçaria em várias línguas, especialmente nos Países Baixos e na Alemanha, cujo conteúdo essencial consistia na arte de expulsar o diabo. Por este meio o medo do diabo, a superstição e a crença na aparição dos espíritos tornaram-se universais. Assim como os ritos da religião eram abusados pela sua quase inteira aplicação ao controlo dos

espíritos, também a prática da justiça consistia sobretudo na Inquisição. Com a crescente ascendência da vida monástica, o fanatismo e o mundo dos sonhos floresciam luxuriantemente, e os fenómenos de santos e de demónios atingiram o seu mais amplo desenvolvimento.

Segundo os relatos de Raynald, Aimericus, Param, etc., as absurdidades desse período erguiam-se sobre uma plataforma amplíssima e elevada. Uma freira chamada Marcela, por exemplo, foi extremamente perseguida pelo diabo, mas o anjo Gabriel trouxe-lhe um pedaço de madeira do Paraíso, com cuja fumaça ela expulsou o diabo. O arcebispo Edmundo de Cantuária foi grandemente perseguido pelo diabo, quando uma criança lhe apareceu com a inscrição na fronte:

Jesus Nazar: Rex Judaeorum ("Jesus Nazareno, Rei dos Judeus").

Não há fim para tais histórias contadas pelos monges. É notável que as visões de santos e de anjos difundiam um odor de santidade; mas as de formas bestiais e de demónios, pelo contrário, traziam consigo um certo afastamento de Deus. Quão largamente difundida estava então a feitiçaria é demonstrado pelo relato de Raynald, que diz "que na Alemanha e em Itália especialmente, tantos homens foram seduzidos para a feitiçaria que toda a terra foi inundada por ela, e teria sido devastada pelo diabo se não tivessem queimado em ambos os países uns trinta mil hereges."

Pode aqui ver-se que a perseguição às bruxas foi falsamente atribuída ao posterior Papa Inocêncio VIII e à sua bula sobre as bruxas; acusação que em parte Thomasius e Becker apresentaram eles próprios como os mais ousados antagonistas da fé nas bruxas. Que o processo de perseguição já no século XIV, quando a fé na feitiçaria era muito comum, era considerado um direito válido e, por assim dizer, cristão, é provado, entre outras coisas, pelos atos dos Templários no início do século XIV. Muitos escritores, como Sender, Becker, Gottfried Wahrlieb, na sua *Justiça da suposta Feitiçaria e dos Julgamentos de Bruxas* (Halle, 1720); Kohler, no *Processo de Johann Faust* (Leipzig, 1791); e especialmente Tiedemann na sua erudita investigação *Disputatio de quaestione quae fuerit artium magicae origo* (Marburgo, 1784), confirmam-no.

A partir desta época, heresia e feitiçaria foram colocadas na mesma categoria. Ver ou ter uma visão do diabo era considerado o mesmo que ter comércio com ele, e uma queda da fé. Raynald tem uma

passagem notável a este respeito: *"Valde rationabiliter posset ecclesia statuere, quod talia facientes, etsi non haberent errorem fidei in intellectu, si facerent haec praecise propter aliquod pactum cum daemone habitum, velut haeretici punirentur, et forsitan expediret, et propter gravitatem poenae homines a talibus arcerentur."*

("Muito razoavelmente poderia a Igreja estabelecer que aqueles que praticassem tais coisas, ainda que não tivessem erro de fé no intelecto, se o fizessem precisamente por causa de algum pacto celebrado com o demónio, fossem punidos como hereges, e talvez fosse conveniente que, devido à gravidade da pena, os homens se abstivessem de tais práticas.")

Qualquer desvio da fé ortodoxa era suficiente para classificar uma pessoa entre os hereges, como os Albigenses, os Valdenses, os Stedingenses, os Maniqueus, etc.; sob esta designação eram incluídas todas as variedades de opinião. A estes pertence a perseguição dos Templários e o seu julgamento judicial, que foi a causa da aniquilação desta célebre ordem. Havia duas classes principais de acusações apresentadas, que tiveram o efeito de abolir a ordem:

1.º A negação de Deus e de Cristo (nos artigos I—XIII).
2.º O culto do diabo e a feitiçaria (nos artigos XIV—LVII).

Entre muitos livros, há um particularmente severo contra os Templários: *Os Processos contra a Ordem dos Templários e a Origem da Comissão Papal em França*, por Hr. G. Moldenhawer (Hamburgo, 1792), e um ensaio profundo sobre a abolição da Ordem por Fr. Munter em *Henke's Neues Magazin*, vol. 5.

Sem que o facto tivesse sido provado, assumiu-se como certo contra os Templários que eram inimigos de Deus; e daí se argumentava que o seu cristianismo exterior era blasfema hipocrisia, e que adoravam o diabo sob a forma de um gato preto, como os seus congéneres maniqueus, stedingenses, etc. Contra estes últimos Gregório IX já tinha, como contra hereges, deístas e feiticeiros, emitido um interdito no ano de 1232 (*Henke's Magazin*, vol. IV). Eles eram da aldeia de Steding, e também chamados de hereges de Osterstedten. (Cf. Halen, *História do Ducado de Oldemburgo*, vol. I; e *Ritter de pago Steding et Stedingis*, Viterbo, 1751).

Depois de a fé nas bruxas se ter assim adaptado a todas as formas, e se ter espalhado em todas as direções, elevou-se ao seu completo auge e crescimento nos séculos XIV e XV. O negro mistério

repousava agora sobre a autoridade e a lei, sobre os poderes espiritual e secular; a superstição sacrificava ao diabo, e a absurdidade perseguia as miseráveis bruxas insanas, e queimava-as como hereges. Doravante, desde o século XIV, a feitiçaria e a heresia foram colocadas na mesma categoria, por meio da qual o diabo era mantido em ascendente, e era adorado sob várias formas de animais e de ídolos grotescos. Uma acusação feita por suspeita ou inimizade era considerada denúncia suficiente; seguia-se o processo criminal e a prova pela morte no fogo. Pouco importava se o acusado confessava ou não: no primeiro caso era culpado; no segundo, era punido como pecador empedernido.

Vemos aqui a verdade do sentimento já antes expresso: quando a perceção das leis da natureza falha, o homem precipita-se rapidamente em densa escuridão intelectual e em paganismo. Nunca, provavelmente, o obscurecimento da mente foi tão universal e tão profundo como nos séculos XIV, XV e XVI; e nunca houve tamanha indigência de talento para a observação da natureza, da sua linguagem e da constituição das suas leis. Todos os países, todas as condições, todos os intelectos, estavam enredados de maneira indescritível na lógica do diabo, possuídos do seu medo e arrastados ao conselho e à ação pelo frenesi e pela insensatez, pela política e pela sede de vingança, até que a morada social da terra se converteu num verdadeiro inferno.

Desde o século XIII, o sul de França era considerado o viveiro da heresia e da Arte Negra, para o que muito contribuía a sua localização no Mediterrâneo e na vizinhança de Espanha — esta sendo vista como a terra proscrita da magia e da heresia sarracena. Assim, a mais antiga relação do *Sabbath* das bruxas localiza a cena no sul de França; e Alfonso de Spina (*Fortalitium fidei*, livro V, de que a *Bibliotheca Hebraica* de Wolff dá relato completo) regista como contemporâneo testemunhos muito importantes, e mais tarde como *Inquisitor haereticae pravitatis* — propriamente, um judeu batizado — que mulheres prosélitas, *mulieres perversae*, no Delfinado, foram seduzidas pelo diabo, *"quomodo daemones illudunt foeminas, quae Bruxae vel Kurgonc vocantur"* ("como os demónios iludem as mulheres, chamadas bruxas ou *kurgonc*"), de noite, para um deserto, *"ubi est caper quidam in rupe"* ("onde está certo bode sobre uma rocha"), onde adoravam um bode sob a luz de tochas, *"adorant illum caprum, osculantes in ano suo. Idque plures earum ab inquisitoribus fidei et convictae ignibus comburuntur"* ("adoram esse bode,

beijando-lhe o ânus. E muitas delas, convictas pelos inquisidores da fé, são queimadas nas fogueiras").

O notório Sabbath de Arras, em 1459, por esse tempo em que viveu A. de Spina, era frequentado também por homens (*Hauber, Biblioth. Mag.*, i. St. S. 85; *Cove, historia liter. script. ecclesiast.*, vol. ii, p. 177); enquanto nos tempos mais antigos só era frequentado por mulheres. Essa celebração continuou em França, especialmente nas províncias do sul, até ao século XVII. No reinado de Carlos IX, o grande feiticeiro tão temido, Rinaldo das Três Escadas, foi executado; e disse, intrépido, diante do rei, que em França tinha trezentos mil confrades, todos os quais não poderiam lançar às chamas como a ele (*Hauber, ii, p. 454*).

Os amores entre espíritos e homens, porém, são de origem mais antiga. Os elfos raptavam donzelas, e homens viviam em amores secretos com elfas. Mas a conceção grosseira do *Incubus* e do *Succubus* é de origem incerta, embora misturada mais tarde com o *alp* e o pesadelo. A ideia do comércio lascivo das bruxas é posterior e de derivação estrangeira: segundo ela, era conferido ao diabo poder livre sobre as bruxas. O diabo era geralmente chamado de Bacharel. Os pactos de feitiçaria tiveram origem em França ou Itália. O diabo aparecia geralmente sob a forma de um jovem formoso, ou numa figura sombria e terrível. As bruxas também o representavam sob forma animal. Chamavam-lhe o Negro sob forma humana; o Bode Negro era de alta antiguidade.

Os juramentos e votos do século XVI são fórmulas muito comuns — *"que o Bode o envergonhe!"* ou *"pelo crânio do Bode!"*. Chamavam-lhe também o Lobo, o Cão ou o Gato, daí o Cão-do-Inferno, o Corvo Negro, a Cobra, o Verme, o Dragão, ou ainda sob a forma de mosca, como a Lagarta, o deus-Mosca. Lendas falam de espíritos encerrados em vidro como moscas. Foram ainda comparados, em tempos antigos, a dois instrumentos — o martelo e o raio. Segundo Grimm, isto provinha dos deuses pagãos, onde *Hamar*, o martelo, equivalia à morte e ao diabo, ao trovão e ao diabo. O Pequeno Mestre Martelo era o mesmo que o Espírito Imundo, o Raio-do-Inferno, a Mão-do-Inferno, etc.

São Jerónimo, no seu tempo, usou *malleus* para diabo numa carta a Dâmaso. Aliás, quão excelentemente o *Hexenhammer* e a Bula da Feitiçaria concordam com o Raio-do-Inferno, pois, de facto, trancam as portas do inferno e mantêm o diabo cá fora no mundo. As marcas

mais conhecidas do diabo são o pé fendido, a barba de bode, a pena de galo e a cauda de boi.

Narbonne, no sul de França, era especialmente a região mágica da Europa, enquanto os Sarracenos estavam em Espanha, e como ali sempre existira um número de maniqueus. Segundo os testemunhos da época, a magia de Espanha sondara a fundo os mais baixos abismos da feitiçaria; e o que as práticas mágicas de Espanha não conseguiam efetuar era suprido pelo temperamento mais irritável dos franceses, nos cujos cantares, romances e comédias espirituais desfilavam príncipes encantados, carvoeiros negros e vinhateiros enfeitiçados. Do sul de França difundiu-se a crença na magia em duas direções principais: uma para Itália, outra para Paris, o norte de França e Lorena.

De Itália, onde a mania das bruxas grassava no fim do século XV e início do XVI, sobretudo na Alta Itália, e onde Verona foi particularmente mencionada numa bula papal, a feitiçaria estendeu-se para o Tirol e a Alta Alemanha. As primeiras fogueiras para queimar bruxas acenderam-se aqui em Baden e Württemberg, na Alsácia e nos arredores de Spira e Worms. As metamorfoses do diabo e dos feiticeiros em animais, como cães, gatos, bodes e sapos, eram muito frequentes no sul de França; e a Inquisição registava as mais delirantes declarações e acusações como autos formais (*Linsborgius, Hist. Inquisit.*, livro I; também Menard, *Histoire de la Ville de Nîmes*).

O Papa João XXII queixou-se amargamente numa bula de 1317 de que vários dos seus próprios cortesãos, e até o seu médico, se tinham entregue ao diabo, e tinham conjurado espíritos malignos em anéis, espelhos e círculos, para influenciar os homens tanto de longe como de perto, *"nefariis operationibus, magicis artibus horrenda maleficia, incantationes et convocationes daemonum"* ("com operações nefandas, com artes mágicas, terríveis malefícios, encantamentos e invocações de demónios"), chegando os seus inimigos a recorrer à feitiçaria para o despachar deste mundo.

Esta bula contém a comissão para a nomeação de juízes a fim de inquirirem sobre tais crimes alegados, pelo que se vê que esses feiticeiros possuíam pequenas figuras e espelhos: *"collarias imagines plumbeas vel etiam lapideas fabricarunt, malignos spiritus invocarunt, ut per eos contra salutem hominum molirentur, aut eos interimendo violentia carminis"* ("fabricaram pequenas imagens de chumbo ou mesmo de pedra, invocaram espíritos malignos, para que por meio

deles atentassem contra a saúde dos homens, ou os matassem pela violência do feitiço"), etc. Dez anos mais tarde, o mesmo papa lamentava de novo a tendência ímpia dos homens para as artes mágicas: *"Vigeat,"* diz ele, *"tenebra tanta, ut multi solo nomine Christiani abiecerint lumen verum, et fecerint pactum cum inferno, et petant a daemonibus verba et responsa—daemones nempe immolant, hos adorant, lubricant imagines vel speculum, vel phialam, magice daemones illibi alligantes: ab his petunt responsa, recipiunt et pro implendis pravis suis desideriis auxilia postulant"* (Horst, *Daemonomagie*, i. 115; segundo Raynald, *ab anno* 1327).

O Papa João tinha de facto motivo de queixa, pois nesse tempo os homens empregavam não só meios de superstição e feitiçaria, mas também veneno real para crimes diabólicos, especialmente entre os grandes e nas cortes — de que Tiedemann, Meiner (*Comparação Histórica da Idade Média*, t. iii, p. 251) e Horst dão muitos exemplos.

Tais crimes e superstições subiram tanto em ascendência, que a Sorbonne, por sugestão do excelente chanceler Herson, publicou no ano de 1398 vinte e sete artigos contra a feitiçaria, a superstição e as imagens de demónios e espíritos em espelhos e pedras. (O próprio ensaio de Herson tem o título *"De erroribus circa artem magicam."* Em Langres também se realizou um Sínodo em 1404, especialmente para encontrar meios de conter o progresso da feitiçaria.)

Finalmente, a crença na bruxaria atingiu o seu auge no século XV; de modo que depois apenas se fortaleceu mais com a sua difusão, e viu a sua dignidade aumentada pela sanção sagrada. A nota distintiva deste século é que, a partir de então, foram sobretudo mulheres as acusadas de feitiçaria, depois de alguns poucos homens de alta posição terem sido executados em 1440 por tais acusações — nomeadamente o ministro de Filipe o Belo, Enguerrando de Maigny, e Gilles de Rais, marechal de França, que mandara matar cento e sessenta crianças e tantas mulheres grávidas.

Entre as mulheres queimadas nesse período por feitiçaria estava a Donzela de Orleães. A perseguição das bruxas foi então formalmente sancionada pela bula de feitiçaria de Inocêncio VIII e, finalmente, através do *Hexenhammer*, o tribunal da heresia recebeu autoridade para brandir o látego da destruição, e deixou a liderança do mundo inteiramente ao diabo.

Como vimos, a crença na bruxaria, os julgamentos de bruxas e a execução de feiticeiros já tinham precedido este período, de modo

que Inocêncio VIII não foi propriamente o originador, mas sim o **instituidor** e **promulgador** das perseguições às bruxas e da fé então estabelecida nas artes e práticas demoníacas. A bula sobre a feitiçaria introduziu os tribunais extraordinários, nos quais os acusados de bruxaria já não eram inquiridos quanto à sua inocência ou culpa, mas em que a simples acusação era seguida de consternação e horror, e a punição vinha quase de imediato. Terrível instituição! Horrível era!

Espetáculo de desespero para a Europa, e especialmente para a Alemanha! Decerto nenhum outro decreto da história pode ser comparado a este, pelo número de absurdos que lançou sobre a mente humana — nenhum documento histórico tão ridículo e ao mesmo tempo tão feroz.

O conteúdo da bula de 4 de dezembro de 1484, obra e criação de Inocêncio VIII, é o seguinte:

O Papa exprime a sua dor porque, em muitas partes da Alemanha, particularmente na Alta Alemanha, Salzburgo e Mainz, Colónia, Trier e Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, esquecidas da sua salvação e caindo da fé católica, se misturavam com demónios e diabos concubinos (Incubus et succubus abuti), e depois, com a sua ajuda e por meios mágicos, praticavam artes demoníacas para atormentar homens e animais, causar males inomináveis e destruir os frutos da terra — vinhas, hortas e prados; afetavam desastrosamente homens e mulheres (reactus conjugales reddere valeant) e perpetravam crimes incalculáveis (quam plurima nefanda excessus et crimina).

O Papa conferia, por virtude desta bula, poder a três pregadores nomeados para expor a palavra de Deus àqueles fiéis nessas regiões, caçar os hereges e puni-los com excomunhão, censura e castigo, com interdito e suspensão, e até enforcá-los sem possibilidade de recurso — *"ac alias etiam formidabiliores sententias omni appellatione postposita"*.

Ordenava ao reverendíssimo bispo de Estrasburgo que de modo algum, nem por si nem por outrem, desse a conhecer publicamente ao acusado a acusação que sobre ele recaía; não lhe era permitido enfraquecer ou restringir de qualquer modo a força das cartas apostólicas; nem contradizer ou resistir às ordens dos comissários, fosse qual fosse a posição, dignidade, privilégios, nobreza ou consideração social do acusado. *"Si quis autem jure attentare*

*praesumpserit, indignationem omnipotentis Dei ac beatorum Petri et Pauli apostolorum ejus se noverit incursurum."*

A bula (aqui em resumo a partir do original em Hauber, *Bibliotheca Mag.*, vol. i., e em Horst, *Daemonomagie*, vol. ii.) dava aos inquisidores um jogo fácil, pois ninguém ousava contradizer a sua opinião. Tratava expressamente de "pessoas que pretendem saber mais do que as outras", e não hesitava em afirmar que tais crimes deviam ser punidos. Assim, não podia haver contradição: toda e qualquer objeção que a necessidade, a justiça, a sagacidade e a verdade pudessem apresentar estava esmagada de antemão; e não havia qualquer possibilidade de recurso a tribunal superior!

Tão geral quanto era então a crença em bruxas, não faltavam pessoas que viam mais fundo; que tinham entendimento e sensibilidade suficientes para negar fundamento a tanto disparate, e lamentar a miséria e os horrores que assim deviam recair sobre a humanidade. Até então, o povo e a magistratura só tinham reconhecido a autoridade do Papa em matérias de fé, mas não sobre os crimes do género aqui indicado.

Já havia, é verdade, desde há séculos, perseguições à heresia, e muitos dos acusados tinham sido acusados também de feitiçaria; pois, como dissemos, heresia e bruxaria estavam já colocadas na mesma categoria. Mas as perseguições às bruxas ainda não tinham sido formalmente reconhecidas; e o juiz podia ser chamado a um tribunal superior para responder pela sua sentença — como aconteceu aos juízes dos processos de feitiçaria de Arras, que foram citados perante o parlamento de Paris. Até então, o julgamento decisivo competia à magistratura secular. Pela presente bula, heresia e feitiçaria foram ligadas: "Quem crê de outra forma é bruxo; e quem é enfeitiçado é herege ou cúmplice do diabo."

Por esta alteração de autoridade fez-se uma terrível inovação: o poder secular ficou submetido ao dos inquisidores. Não admira que esta bula fosse considerada por pessoas sensatas de todas as condições, até por clérigos e pregadores, com a mais decidida repugnância — como se declara expressamente na introdução do *Hexenhammer*. "Até pregadores da Palavra divina não hesitavam em assegurar ao povo que não havia tais coisas como bruxas; que estas não possuíam artes para prejudicar homens e animais; por cujas imprudentes palavras o braço secular não raras vezes se continha de

punir tais feitiçarias; e assim estas aumentavam enormemente, e a heresia tornava-se enormemente fortalecida."

*Malleus maleficarum*, em alemão *Hexenhammer*, em inglês claro *Witch-hammer* ("Martelo das Bruxas"), exprime admiravelmente em cada língua a natureza do instrumento. Um martelo existe para golpear; esmaga o que atinge. Eis aqui o martelo contra os hereges, que eram tidos como sinónimos de malfeitores; e, de facto, como o livro dizia, *maleficarum*. Assim, as bruxas eram as mulheres ímpias, heréticas (*haereticae pravitatis*), que o martelo devia demolir — e que devemos agora examinar mais de perto.

Este livro ominoso apareceu pela primeira vez, provavelmente em 1489, e consistia em 625 páginas em quarto. Essa foi a edição original citada por Hauber. Houve edições posteriores, mas nunca foi traduzido para alemão. O título completo é o seguinte:

**MALLEUS MALEFICARUM**
*In tres partes divisus, in quibus*
I. *Concurrenlia ad maleficia*;
II. *Maleficiorum effectus*,
III. *Remedia adversus maleficia*,
*Et modus denique procedendi ac puniendi maleficas abunde continetur, praecipuo autem omnibus inquisitoribus et divini verbi concionatoribus utilis et necessarius.*

Os autores foram nomeados pelo Papa e intitulados na bula da feitiçaria como Inquisidores: 1.º Jacobus Sprenger, da ordem dos pregadores e professor de teologia em Colónia; 2.º Johannes Gremper, clérigo da diocese de Constança, mestre em artes; e 3.º Henricus Institor na Germânia. Foram expressamente chamados *"Inquisitores haereticae pravitatis"*. Segundo Becker e Hauber, outros terão colaborado na redação.

Na apologia que prefaciam ao livro, os editores declaravam claramente que tinham reunido matéria mais do que a tinham fornecido de si próprios, a fim de não serem tidos por seus originadores. Entre as suas autoridades, citavam Dionísio Areopagita, Crisóstomo, João Damasceno, Hilário, Agostinho, Gregório I, Remígio, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, Rabi Moisés, as *Vitae sanctorum patrum*, Concílios, o Direito canónico, a Bíblia Sagrada, etc. Para além desses apoios sagrados, citaram também autores seculares: M. Psellus, *De natura daemonorum*; Martin Plausius, bispo

de Tubinga, *De maleficiis*; Bartolomeu de Spina, *De ludificatione daemonorum*.

Ao livro foi naturalmente prefaciada a bula papal, bem como um testemunho de aprovação extraído pelos autores fanáticos da faculdade teológica de Colónia. Finalmente, conseguiram ainda obter do imperador Maximiliano — que tinha as suas dúvidas quanto à existência da feitiçaria — um diploma. E agora, diz Horst, estava tudo em ordem; e contra os seus regulamentos ferozes e contrários à humanidade já não era possível levantar oposição alguma. Pátria infeliz, digna de toda a compaixão!

Foi a ti que tocou antes de todos os outros países! Pois, para assegurarem para si senhorio universal e indiscutido, para vencerem todos os obstáculos e embotarem igualmente todos os espíritos, era necessário um livro completo, que demonstrasse pelas Sagradas Escrituras, pelos Padres da Igreja, por escritos e autoridades filosóficas e teológicas, não só a possibilidade, mas a realidade da feitiçaria — que a demonstrasse para além de toda a dúvida. Os dogmas dessa obra deviam tornar-se lei; deviam receber a mais alta sanção dos principados espirituais e seculares, para que as perseguições às bruxas se tornassem um assunto da maior gravidade para Deus e para o Cristianismo, e assim sujeitassem toda a raça humana.

O **Hexenhammer** foi, de facto, o códice em que tudo quanto dizia respeito à bruxaria foi claramente e amplamente exposto. Sprenger e os seus auxiliares reduziram a feitiçaria a um sistema regular, que, erguido sobre o fundamento do mandamento papal e colocado sob a proteção legal da magistratura secular, devia ser executado por alguns juízes astutos e meio-juristas, contra os quais nem a razão nem a inocência, nem a honra nem o estatuto, podiam erguer uma sílaba de desaprovação; aliás, nem sequer era permitido apelar para as chaves de São Pedro em Roma, de modo que todo o socorro se tornava impossível, e não se fixavam limites à carreira de destruição.

No Hexenhammer, a ideia de bruxaria é determinada sistematicamente. Bruxas, feiticeiros e feiticeiras são pessoas que negam Deus e o renegam com a sua graça; que fizeram um pacto com o diabo; que se entregaram a ele de corpo e alma; que frequentam as suas assembleias e sabbaths; que recebem dele pó venenoso e, como seus súbditos, recebem dele ordens para prejudicar e destruir homens e animais; que, por meio de artes

diabólicas, levantam tempestades, danificam os campos, as searas e os prados, e confundem as forças da natureza. Os feiticeiros eram chamados *malefici*, segundo Isidoro, por causa da sua malignidade, porque, com a ajuda do diabo, chegam a transtornar até os elementos. Como as bruxas se ocupam mais de atividades femininas, como ordenhar as vacas alheias, fazer manteiga de bruxa, adivinhar a sorte, etc., são elas as infratoras mais numerosas; todavia, os feiticeiros não são esquecidos no Hexenhammer: estes, por natureza, aplicam-se mais a aleijar, esfaquear, golpear e matar.

O Hexenhammer, segundo a apologia que lhe é prefaciada, divide-se em três partes principais, contendo diversos capítulos e episódios, mas muito confusos e cheios de contradições. Posso aqui apenas dar uma visão sumária, remetendo para Horst (*Dämonomagie*) quem desejar maior detalhe.

A primeira divisão contém dezoito questões sobre tudo o que se apresenta sob o título de feitiçaria: 1.º o diabo; 2.º o feiticeiro ou a bruxa; 3.º a permissão divina. O diabo é a pessoa principal, com cuja ajuda a feitiçaria ocorre pela permissão divina. A crença nisto é ortodoxa; a afirmação contrária é heresia. Este é o grande princípio, sustentado por uma multidão de citações, que mostram o poder do diabo nas coisas naturais e corporais — mas com a adição profunda de que é heresia crer que Deus não é mais forte, e que a natureza não é obra sua própria.

O diabo tem apenas poder pela permissão de Deus; e opera diretamente ou por ilusão. Sprenger admite também, à sua maneira, enganos da imaginação, mas afirma que estes são mais frequentemente obra do diabo, embora muitas vezes a heresia se deva atribuir mais à imaginação do que ao próprio diabo. Se as bruxas creem que voam pelo ar com Diana ou Herodíade, fazem-no, na verdade, com o diabo, que opera sobre a imaginação; e assim a bruxa, em transe, acredita tanto no diabo como na viagem.

A segunda divisão contém a questão acerca das características essenciais da bruxaria relativamente à posição e ao conhecimento. A ignorância não é totalmente desculpável, porque as pessoas devem vencer a sua ignorância.

À pergunta sobre como o diabo atua nas bruxas, responde-se: "O diabo opera, na realidade, sozinho, como no caso de Job; mas as bruxas são instrumentos necessários para as suas ações corporais, porque o diabo, sendo espiritual, precisa de um veículo para exercer

o seu poder. Muitas têm olhos esverdeados, cujo olhar fere. As coisas naturais possuem toda a espécie de propriedades secretas, que as bruxas conhecem e com elas realizam maravilhas; por exemplo, colocam algo debaixo dos umbrais das portas e enfeitiçam homens e animais — sim, até os destroem, estando o diabo presente nessas ocasiões. As bruxas enfeitiçam, às vezes com os seus olhos remelosos. Estes olhos inflamados inflamam o ar e mesmo olhos sãos, sobretudo quando se fixam diretamente neles."

A terceira questão, considerada belíssima e de alta importância, é se das ligações com o diabo nascem ou não verdadeiras crianças. Esta questão, frequentemente feita nos julgamentos de bruxas, é respondida sucintamente de forma afirmativa; duvidar seria heresia.

A quinta questão trata da influência dos astros sobre plantas, animais e homens, naturalmente com a ajuda do diabo, cujos nomes — como *Diabolus*, *Belial*, *Beelzebub* (deus das moscas) — têm etimologia derivada daí.

Um dos capítulos mais "divertidos" é a resposta à sexta questão: por que motivo as mulheres são mais dadas à bruxaria do que os homens. Aqui não falta espirituosidade monástica. "Os santos padres da Igreja", diz-se, "afirmam sempre que três coisas, sejam para o bem ou para o mal, não conhecem limites: a língua, um sacerdote e uma mulher. Quanto à língua, é claro: o Espírito Santo concedeu línguas de fogo aos apóstolos; entre pregadores a língua é como a dos cães que lambiam as chagas de Lázaro. Assim, entre todos os homens, entre o clero como entre os outros, há línguas más e perniciosas; pois, como disse São Bernardo: *Nostri praelati facti sunt Pilati, nostri pastores facti sunt tonsores*

(Os nossos prelados tornaram-se Pilatos, os nossos pastores tornaram-se tosquiadores).

Quanto às mulheres, também é claro: o sábio Salomão dá o seu testemunho sobre elas, e o que diz São Crisóstomo não é nada lisonjeiro: 'O matrimónio é coisa muito duvidosa; pois que é a mulher senão inimiga da amizade, castigo inevitável, mal necessário, tentação natural, desgraça desejável, perigo doméstico, fonte perpétua de lágrimas, um mal da natureza revestido de um verniz brilhante?' Sêneca diz: 'A mulher ama ou odeia; não há terceira via. Se chora, há engano, pois há dois tipos de lágrimas que lhe molham os olhos: umas são sinais da sua dor, outras da sua astúcia e dissimulação.'"

Mas também se acrescenta que as boas esposas têm fama ilimitada, e que homens e até países inteiros foram salvos por elas. O Hexenhammer, porém, não se detém e tira logo a conclusão: as mulheres são mais dadas à feitiçaria que os homens, pelas seguintes razões: 1.ª pela facilidade em crer; 2.ª pela fraqueza da sua constituição, que as torna mais suscetíveis a revelações (de modo que lhes é atribuída ao mesmo tempo uma fraqueza e um dom superior de Deus); 3.ª pelas línguas soltas e espíritos curiosos, com que tentam o diabo — ou seja, fazem-lhe perguntas e vão tão longe com ele que já não podem recuar. Segue-se uma enumeração de crimes do sexo feminino: bisbilhotice, inveja, teimosia (porque foram feitas da costela torta de Adão). Já no Paraíso Eva praticou o engano e revelou falta de fé, pois *femina* vem de *fe* (fé) e *minus* (menos).

A oitava e a nona questões são uma continuação; a décima pergunta é se é ilusão ou realidade quando homens parecem transformados em animais pelas bruxas. Aqui a verdade vem antes da falsidade, para que a aparência ganhe peso. "Uma metamorfose real", afirma-se, "parece impossível, pois duas naturezas diferentes não podem existir no mesmo sujeito, como diz Santo Agostinho. Mas o diabo pode dispor a imaginação de modo que um homem pareça, a si próprio e aos outros, ser um animal.

Nesse caso, dá-se uma mudança corporal: a do rosto. Foi o que a pagã Circe fez com os companheiros de Ulisses; mas foi apenas uma alteração de aparência. Uma donzela rejeitou tenazmente as investidas de um jovem dissoluto; ele, enfurecido, procurou um judeu, que a enfeitiçou, e a pobre foi transformada em égua; mas não foi mudança real, apenas embuste do diabo, que cegou os olhos da jovem e dos outros, para que ela parecesse cavalo. Levaram-na a São Macário, sobre cujos olhos o diabo não tinha poder; ele logo a reconheceu como donzela e não como égua, e livrou-a felizmente do feitiço." (Que piedosa ingenuidade!)

Quando lobos atacam homens e arrancam crianças dos berços (*Werwolf*, licantropia, cianantropia — possessão e metamorfose na natureza de cães e lobos), às vezes são lobos reais, mas noutras não passam de ilusões do diabo. O Senhor outrora ameaçou o povo com feras através de Moisés. O diabo também induz a imaginação numa mania de lobo; e, no primeiro caso, pode entrar em lobos reais, tal como em porcos reais; no segundo, é apenas aparência. (O Hexenhammer também se quer filosófico!)

A décima segunda questão trata das **bruxas-parteiras**, que prejudicam os frutos, provocam partos prematuros e levam crianças para debaixo das chaminés ou para o ar livre, oferecendo-as ao diabo. A décima segunda e a décima terceira questões tratam da **permissão de Deus** — argumento edificante! A décima quarta questão pergunta: "Que devemos pensar das bruxas, e o que devemos pregar sobre elas?" Resposta: as bruxas caíram de Deus, são hereges e apóstatas, e por isso merecem castigo condigno mais do que qualquer outro criminoso. Sendo hereges, merecem a excomunhão, a confiscação dos bens e a morte.

Se o herege for leigo e se recusar a abjurar o erro, deve ser queimado. Se um falsário de moeda é punido com a morte, quanto mais um falsário da fé! Os eclesiásticos eram ou condenados à morte, ou encerrados para sempre em prisão. Mas as bruxas, como apóstatas, não deviam escapar com vida, ainda que confessassem os pecados e deles se arrependessem. (Muito cheio de amor cristão!)

A décima quinta questão: inocentes, e pessoas de outra forma não perigosas, eram por vezes enfeitiçadas, em parte pelos seus próprios pecados, em parte pelos do feiticeiro. A décima sexta: explicação e comparação do precedente com outros tipos de crimes e superstições.

A décima sétima questão: comparação das obras do diabo com as obras das bruxas. As bruxas são piores que o próprio diabo. A décima oitava: como se deve pregar contra os cinco argumentos de que Deus não permite ao diabo tão grande poder para enfeitiçar os homens. Aqui, a quinta objeção deu bastante trabalho aos inquisidores: por que razão os juízes que perseguiam e queimavam bruxas não eram eles próprios enfeitiçados antes de todos os outros? — questão respondida na segunda parte do Hexenhammer, que se divide em duas perguntas principais: 1.ª como se devem defender as pessoas contra a feitiçaria (tratada em seis capítulos); 2.ª como se deve remover a feitiçaria (tratada em oito capítulos).

Segundo o manual, existem três classes de homens que a bruxaria não pode atingir: magistrados, clérigos que exercem os ritos piedosos da Igreja, e santos sob a proteção imediata dos anjos. Naturalmente, inquisidores e juízes estavam em primeiro lugar sob a proteção de Deus.

Relatam-se danos especiais feitos pelo diabo a inocentes, no corpo e no espírito. O diabo tenta seduzir jovens piedosas por meio das

bruxas. Duas foram queimadas pelos próprios autores em Ravensburg. Uma delas era de má vida e confessou que sofrera muito por ter tentado levar uma jovem da cidade à vontade do diabo. Uma vez convidara-a, num dia festivo, e o diabo, em forma de formoso jovem, falou-lhe. Mas a donzela piedosa defendeu-se sempre com o sinal da cruz, até que ele teve de desistir. Por isso a bruxa sofreu tormentos. Muitos relatos edificantes deste género são apresentados pelos autores do Hexenhammer como experiências pessoais.

O segundo capítulo trata do modo como a bruxaria é expulsa; é um dos mais importantes e interessantes, contendo também uma descrição da crença em bruxas no fim do século XV. Três tipos de bruxas são descritos: as maléficas (*maleficae*), que não conseguem desfazer os feitiços; as que não prejudicam ninguém; e as maléficas que, no entanto, podem libertar as suas vítimas dos encantos. Entre as primeiras, as mais perigosas são as devoradoras de crianças.

Estas são as mais poderosas: provocam granizo, trovões e tempestades, voam pelos ares, tornam-se insensíveis ao suplício da tortura, e até tentam enfeitiçar os juízes confundindo-os com compaixão. Privam homens e animais da capacidade de reprodução, e com a ajuda do diabo têm revelações de coisas futuras, que predizem com clareza. Mesmo que não devorem crianças, perseguem-nas de várias formas: atiram-nas à água quando brincam junto aos ribeiros, fazem os cavalos empinar-se e assustar-se.

É minuciosamente descrita a forma de pacto com o diabo, que podia ter lugar num sabbath ou em privado. No primeiro caso, o diabo ocupa o lugar de honra como grande mestre, embora nos julgamentos seja geralmente chamado "pequeno mestre"; as velhas bruxas apresentam as candidatas ao príncipe do inferno. Segue-se um exame quanto à fé e às aptidões, e a noviça jura verdade e obediência. O diabo, em contrapartida, ensina a fazer unguentos mágicos, bebidas e pós para danificar homens e gado, preparados com ossos e membros de recém-nascidos — e ainda mais eficazes, se baptizados. Tudo isto, garantem os autores, viram com os seus próprios olhos.

Uma devoradora de crianças declarou diante do tribunal o seguinte cerimonial, decisivo para avaliar os julgamentos de bruxaria: "Esperamos pelas crianças. Muitas são encontradas mortas pelos pais, que acreditam que se deitaram sobre elas sem querer, ou que

morreram de causas naturais; mas somos nós que as destruímos. Depois roubamo-las da sepultura e fervemo-las com cal, até a carne se soltar dos ossos e ficar reduzida a uma massa. Do sólido fazemos um unguento, e guardamos o líquido numa garrafa; quem o beber com as devidas cerimónias, pertence à nossa liga e já é capaz de enfeitiçar."

Um relato semelhante foi feito por um jovem acusado com a mulher, que foi forçado à confissão pelos próprios autores do Hexenhammer; e, apesar dela, ambos foram queimados. Ele declarou antes da execução que a sua esposa preferiria ser despedaçada no suplício ou queimada viva a confessar tal coisa — e assim fez; mas como ele confessara, também foi morto.

Outro caso: "Uma mulher em Basileia", lê-se, "teve durante sete anos relações com o diabo; mas Deus teve piedade da sua pobre alma, pois pouco antes de esse tempo se completar foi felizmente descoberta por nós, presa e queimada. Confessou os pecados com muita penitência."

O terceiro capítulo trata da maneira como realizam os **voos aéreos**. Se alguém atribui estes voos apenas à imaginação, tal é diretamente contrário à Palavra de Deus: "pois o diabo levou o próprio Cristo e pô-lo sobre o pináculo do Templo, e mostrou-lhe toda a glória do mundo." Um bom anjo também levou Habacuc pelos cabelos e transportou-o pelo ar. Antes do voo, as bruxas untam uma vassoura, um garfo de forno ou um pedaço de linho com o seu unguento, e logo são levadas — de dia, mas sobretudo de noite.

Contam-se histórias piedosas sobre a forma como estas mulheres produziam chuva quando era necessária. Do quarto ao sétimo capítulos, tratam-se os assuntos amorosos entre bruxas e o diabo; no oitavo, novamente, da transformação de homens em animais. Duvidar disto é heresia. "Não foi Nabucodonosor transformado em boi e comeu erva?"

No nono capítulo afirma-se: "O diabo, nestas metamorfoses, esconde-se na cabeça ou no corpo do homem. Provoca cegueira dos sentidos interiores e exteriores; e os lugares das diversas faculdades são dados de forma muito frenológica: por exemplo, a memória na parte posterior da cabeça, a imaginação no meio superior; o *sensus communis* na frente, onde a imaginação apresenta, com velocidade de raio, a figura de um cavalo, de modo que o homem jura que o vê. O diabo faz isto com tal destreza que nem dor de cabeça causa; tais

milagres ele opera — mas não são verdadeiros milagres; esses só Deus os faz."

O décimo capítulo trata da possessão corporal do diabo, e contém uma demonologia no espírito do Hexenhammer. O décimo primeiro e o décimo segundo repetem as questões das parteiras-bruxas, devoradoras e sacrificadoras de crianças. O décimo terceiro traz o diálogo de um pai com a filha de oito anos sobre a seca que então reinava; e a menina declarou que podia fazer chover, ao que a mãe, ameaçadora, ordenou silêncio. Sim, podia fazer trovejar e cair granizo. Os inquisidores souberam disto: a mãe ímpia foi presa e queimada, mas a filha foi poupada.

O décimo quarto capítulo explica como as bruxas enfeitiçam as vacas. Segundo Sprenger, a ordenha das bruxas decorre assim: a bruxa espeta uma faca numa parede, segura um balde de leite entre os joelhos e clama ao diabo que lhe envie o leite da vaca pertencente a tal ou tal pessoa. O diabo imediatamente ordenha a vaca e traz o leite à bruxa, que parece escorrer do cabo da faca; com isto, o diabo apenas engana a bruxa, pois trouxe o leite pelo ar.

De maneira semelhante, as bruxas supriam-se de manteiga a partir da água corrente, e em especial da boa manteiga de Maio; e o diabo roubava para elas o vinho das pessoas piedosas, diretamente das adegas. O gado é enfeitiçado pelo simples toque, e até mesmo apenas com o olhar. Para tais propósitos, elas fabricam toda a espécie de instrumentos mágicos, imagens, sobretudo de sapos, lagartos e cobras, etc., e colocam-nos sob os umbrais das portas, corrompendo assim o leite e provocando doenças no gado.

O décimo quinto capítulo trata das trovoadas provocadas pelas bruxas, bem como dos danos infligidos ao gado e ao milho. Numa ocasião, como terríveis tempestades devastaram o país desde Ravensburg até Salzburgo, o povo clamou em altos brados contra as bruxas que o tinham causado. "Mandámos, portanto", diz Sprenger, "prender e torturar algumas velhas notoriamente conhecidas; e o desenrolar dos factos mostrou que tínhamos encontrado as principais culpadas, pois todas confessaram." Foram queimadas, como era da praxe.

Décimo sexto capítulo: os feitiços lançados sobre os homens consistem em três espécies principais: disparar flechas, sendo o diabo quem as dirige de modo a atingirem sempre o alvo; encantar espadas, de forma a aguçar as dos amigos e embotar as dos

inimigos, para o que recorrem a cânticos mágicos, fórmulas e nós de bruxaria. Para grande desgosto dos feiticeiros, tais homens eram com frequência tomados sob a proteção dos nobres poderosos.

A segunda parte consiste em duas questões principais: como pôr fim à bruxaria. Os meios são físicos e espirituais. Dos primeiros, a fumaça é um recurso; dos segundos, as orações e o sinal da cruz. Segue-se uma investigação difusa de quase cem páginas, com erudito tratamento dos enfeitiçamentos e do modo de os desfazer.

A terceira parte contém o código criminal, destinado a ser usado contra as bruxas e hereges, em trinta e cinco questões ou artigos, nos quais se expõe detalhadamente todo o processo do julgamento, desde a prisão até à sentença. É necessário, para compreender todo o espírito do *Malleus Maleficarum* ("Martelo das Bruxas"), que nos familiarizemos com estas leis penais, das quais dou o seguinte breve resumo:

O primeiro capítulo ou questão trata de como deve ser conduzida uma perseguição contra bruxas. A detenção pode ocorrer com base apenas em rumor de que há uma bruxa aqui ou ali, sem qualquer denúncia prévia, já que é dever do juiz prestar auxílio nestes casos. O segundo capítulo versa sobre as testemunhas. Duas ou três são suficientes; e o juiz pode convocá-las, administrar o juramento e examiná-las com frequência.

Segundo os capítulos terceiro e quarto, as testemunhas não precisam de possuir qualidades elevadas. Excomungados, infames, fugitivos e libertinos eram testemunhas apropriadas. Cúmplices eram admitidos, em matérias de fé de qualquer espécie, como prova. Mais ainda, na ausência de melhores testemunhas, hereges e bruxas eram aceites como prova irrefutável contra os seus iguais; a esposa podia testemunhar contra o marido, e vice-versa, e os filhos contra os pais.

De acordo com o quinto capítulo, os inimigos, quando não fossem inimigos mortais — isto é, por atentados à vida — eram admitidos como meias-testemunhas; e se a sua declaração coincidisse inteiramente com a de outra, juntos faziam uma testemunha inteira. Por exemplo, Eliza de Miguel declara que Bárbara de Pedro discutiu com ela e enfeitiçou a sua filha — meia testemunha. Outro homem afirma que Bárbara de Pedro, sete anos antes, lhe tirara o leite da vaca — testemunha inteira. Bárbara é assim condenada por feitiçaria e queimada.

O sexto capítulo ensina como deveria ser conduzida a acusação. Aqui surgem todas as espécies de questões interessantes e de suma importância que são colocadas à acusada. Como, por exemplo: se confessava ser bruxa? Por que razão se deixara ver no campo ou no estábulo? Por que tocara a vaca, que logo adoeceu? Por que razão a sua vaca dava mais leite do que três ou quatro das vacas de outros?

Sétimo capítulo: se a acusada devia ser considerada bruxa. Oitavo capítulo: como as bruxas deviam ser presas? E aqui era essencial cuidar para que a prisioneira não tocasse o chão, pois poderia, pela sua bruxaria, libertar-se. Por essa razão, as bruxas, em épocas posteriores, segundo Horst, eram suspensas na torre das bruxas em Lindheim, e aí queimadas.

Nono e décimo capítulos: pormenorizam os procedimentos seguintes com a prisioneira. Se devia ser-lhe permitida defesa? O que poderia acontecer em tais circunstâncias — mas a questão era delicada. Se um advogado defendesse a sua cliente para além do necessário, se não seria justo considerá-lo também culpado; pois era patrono de bruxas e hereges. (Não admira que pouco zelo houvesse em defender as acusadas.)

Décimo primeiro e décimo segundo capítulos: sobre processos com nomes desconhecidos e por meio de inimigos. Aqui eram admitidas toda a sorte de artifícios astuciosos e jurídicos.

Décimo terceiro capítulo: o que o juiz deve notar na audiência da câmara de tortura. As bruxas que durante anos se tinham entregado, corpo e alma, ao diabo (ou seja, que padeciam de cãibras e convulsões), eram por ele tornadas tão insensíveis à dor no potro que preferiam deixar-se despedaçar a confessar. Outras, menos fiéis, deixava ele de proteger; e estas eram facilmente levadas à confissão. (As infelizes mais sensíveis preferiam a morte ao suplício.)

Décimo quarto capítulo: acerca da tortura e do modo de a infligir — muito instrutivo! Por exemplo: para levar a acusada a uma confissão voluntária, pode prometer-se-lhe a vida; promessa essa que, porém, podia depois ser retirada. Se a bruxa não confessasse no primeiro dia, a tortura devia prosseguir no segundo e no terceiro dias. Mas era importante distinguir entre continuar e repetir. A tortura não podia ser continuada sem novas provas; mas podia ser repetida conforme julgamento. Por exemplo, o juiz anuncia após a primeira tortura: "Condenamos-te a ser novamente torturada amanhã."

Décimo quinto capítulo: continuação da descoberta da bruxa pelos seus sinais. Aqui, entre outros sinais, conta-se o chorar. Era coisa condenatória se a acusada, ao ser levada a juízo, não conseguia derramar lágrimas de imediato.

O clero e os juízes colocavam as mãos sobre a cabeça da acusada e conjuravam-na pelas lágrimas ardentes da Virgem glorificada, para que, sendo inocente, chorasse abundantemente em nome de Deus Pai. (Quem agora acreditaria apenas em Deus, e não também no diabo?) A experiência mostrava que quanto mais uma bruxa era conjurada, menos conseguia chorar. Além disso, o juiz devia ter cuidado, ao tocar a bruxa, de trazer consigo ervas consagradas e sal; e não devia fitá-la diretamente; pois, após olharem a acusada, os juízes perdiam todo o poder de a condenar e libertavam-na! As bruxas eram, por isso, levadas de costas para a sala.

As bruxas deviam ainda ter todo o cabelo rapado; pois sem essa precaução muitas não podiam ser levadas a confessar. Na Alemanha, este rapar era denunciado como infame, como se lamenta no *Malleus Maleficarum*. Noutros países, opunha-se menor resistência. Quando até a piedade se calava, a indignação contra a violação da moral e da decência erguia-se no peito alemão e fazia-se ouvir.

Décimo sexto capítulo: continuação. Décimo sétimo capítulo: meios de purificação por parte das bruxas, e a prova do fogo. Esta última é contestada, porque existem ervas que defendem contra o fogo, conhecidas das bruxas; e o diabo pode torná-las insensíveis ao efeito do ferro em brasa.

Décimo oitavo capítulo: sobre quantas espécies de suspeita pode ser proferida a sentença de morte.

Do vigésimo ao vigésimo terceiro capítulo: sobre o inquirir e julgar bruxas notórias, de que já se viu bastante nos capítulos precedentes.

Vigésimo quinto capítulo: aqui surgem as capas cinzentas de bruxa, nas quais estas deviam, em todos os casos, fazer penitência diante das portas da igreja. Era um amplo manto cinzento, semelhante ao de um monge, apenas sem capuz, com cruzes de cor açafrão de três palmos de comprimento por dois de largura.

Vigésimo sexto e vigésimo sétimo capítulos: o modo de proceder com um herege que confessou, mas depois regressou à Igreja.

Vigésimo oitavo capítulo: mas como se deve tratar um herege arrependido que volta a apostatar.

Do vigésimo nono ao trigésimo terceiro capítulos: questões semelhantes sobre confissão e sua posterior retratação; sobre evitar a tentação. E sobre a cautela a ter nos processos contra pessoas acusadas por bruxas já julgadas e queimadas, porque muitas vezes era o diabo quem falava através delas.

(Quase o único traço de humanidade em toda a obra.)

Trinta e quarto capítulo: — Como proceder com uma bruxa que efetivamente usou meios mágicos, como parteiras e atiradores.

Finalmente, o trigésimo quinto capítulo: — Como devem ser tratados os feiticeiros e bruxas que apelam a um tribunal superior. Este recurso deve ser combatido; e, se por vezes agradar ao juiz permitir-lhe seguimento, não tem este, contudo, necessidade de apressar os processos.

Estas breves indicações do conteúdo do *Malleus Maleficarum* são todas de carácter essencial, e podem servir-nos de pequeno resumo da história da fé e da prática legal daquela época, sobretudo no que toca às perseguições de bruxas, sobre as quais, portanto, podemos ser mais concisos.

A bula de Inocêncio VIII abriu uma larga porta à mais terrífica tirania das eras passadas; corpo e vida, honra e bens eram entregues como presa à vontade de feiticeiros ignorantes e fanáticos, de modo que já ninguém estava seguro em sua casa, nem sequer no sono e nos sonhos. Temos aqui, certamente, um reinado de terror sem exemplo, pois a bula e o *Malleus Maleficarum* não eram de natureza efémera, mas a sua influência continuou a operar por séculos tanto sobre católicos como sobre protestantes, de tal modo que todas as condições sociais e ambos os sexos sofreram de uma espécie de perturbação mental crónica, afetados, por assim dizer, por uma mania universal.

Mas se considerarmos com calma que na história, como na natureza, tudo tem um curso fixo, determinado por certas leis, como já mostramos, veremos que também isto foi, por assim dizer, um desenvolvimento natural da época. O Papa Inocêncio, que assumira esse nome em Fleury — sem dúvida porque queria indicar o que realmente desejava ser — foi denunciado por escritores posteriores, sobretudo protestantes, como "um escandaloso hipócrita", e a sua bula como "um maldito cântico de guerra infernal", sendo os inquisidores apelidados de carrascos servis, carcereiros raivosos, monstros sanguinários, etc.

O Papa Inocêncio era filho do seu tempo. A feitiçaria existia muito antes dele; as perseguições de hereges e bruxas já eram praticadas; mas aquilo que o trono papal ainda não tinha alcançado — o de colocar o princípio da autoridade sacerdotal acima do poder secular — Inocêncio conseguiu. A feitiçaria e a heresia eram tidas desde há muito como irmãs gémeas, e o diabo como inimigo universal, alma e mola propulsora de todo o sistema. O poder espiritual julgava-se obrigado a proclamar guerra eterna contra ele; e entendia-se que o sucesso era mais certo se fossem agarrados e destruídos os seus aliados.

A acusação que se fez a Inocêncio só poderia ter fundamento se o Papa não tivesse participado da crença geral, se tivesse sido mais sábio do que o seu tempo, e realmente tivesse visto que os hereges não eram aliados do diabo, nem as bruxas eram hereges. A ideia de feitiçaria era uma doença da época; e quem poderá afirmar que, em tal estado geral de ignorância e perturbação, não havia homens vis e temerários que inventavam toda a espécie de artifícios para especular com a saúde, os bens e a vida alheia, enriquecendo à custa da ruína dos outros? Homens que, contra toda a lei e ordem, contra a moral e a decência, se lançaram à ação, e para os quais o Santíssimo e os seus servos eram obstáculo?

A questão então era: de onde poderia vir ajuda? Alguns poucos sagazes e bem-intencionados podiam pregar e ensinar, mas as suas vozes perdiam-se no deserto. A magistratura secular carecia de conhecimento e entendimento para discernir entre simples mentiras e enganos, entre o humano e o diabólico. Não tinham influência na opinião pública, nem sequer na fé. Não dizia isto respeito ao poder eclesiástico, que possuía o mais alto prestígio, consideração e saber? Não caberia ao chefe da Igreja descobrir algum meio de pôr termo ao mal e corrupção universais? A vontade é uma coisa, e a consequência do ato é outra. Quem ousará afirmar que Inocêncio não desejava realmente o bem da humanidade, ainda que a sua bula tivesse produzido tantos abusos, tanta calamidade e miséria?

O que é verdadeiramente espantoso encontra-se mais no *Malleus Maleficarum* do que na bula; espantoso é como semelhante amálgama de disparates, de tolices teológicas, sofísticas e jurídicas, pôde tornar-se o código geral de leis durante quatro séculos; pois até ao fim do século XVII as perseguições de bruxas continuavam, e as fogueiras da morte não se tinham extinguido. Cento e cinquenta anos após a Reforma, ainda entre juristas em geral vigorava a mesma

crença nas bruxas que no *Malleus Maleficarum*, como prova a última edição da *Pratica nova rerum criminalium* de Carpzov, de 1758 (B. Carpzovii *Practica nova rerum criminalium*, edição de Boehmer, 3 vols. in-fólio).

A causa desta longa duração residia na força da fé religiosa, que se manteve idêntica, tanto em católicos como em protestantes, nesta matéria. Para ambos, a demonologia assentava na mesma base — a diabólica; acreditava-se que o diabo possuía um poder indizivelmente grande, pelo menos tão grande como o do próprio Deus; ou que Deus lho permitia; permitia-lhe seduzir os homens, possuí-los e enfeitiçá-los.

Ora, o homem é em nada tão lento como em adotar de coração uma nova fé; e, uma vez adotada, é igualmente lento em abandoná-la, quer esteja enraizada em factos, quer em mera aparência. E como então as vozes dos poucos superiores, por mais urgentes, convincentes e bem-intencionadas que fossem, caíam em ouvidos moucos e raramente encontravam atenção ou assentimento, é fácil perceber com que lentidão e com que esforço se abriu a mente e se iluminou o entendimento com a luz da verdade.

Isto só foi possível ser alcançado muito gradualmente, tanto no que respeita a erros religiosos como às leis dos fenómenos naturais. Neste domínio, um grande número de filósofos naturais, teólogos e jurisconsultos alcançaram renome imortal, pela cura da mania da feitiçaria e do absurdo, quebrando as cadeias da superstição, ensinando-nos a distinguir entre a feitiçaria e as operações da natureza, e, numa palavra, pondo fim à mania das bruxas.

Paracelso, Van Helmont, Bacon, Wier, Becker, Thomasius, Spee, Molitor, Tartaretti, Reginald Scott, Dell' Ossa, Reiche, Dauber, etc., são escritores que, ousados e empreendedores, iluminaram os seus tempos, ergueram-se sem temor contra a monstruosa tirania do diabo, e entregaram o *Malleus Maleficarum* ao ferrugem do obsoleto arsenal da superstição.

Com a descrição detalhada do conteúdo do *Malleus Maleficarum*, ficámos a conhecer as condições, os meios e o fim das perseguições de bruxas. Não temos, portanto, necessidade de uma longa história delas. Mas como os fenómenos mágicos que nelas aparecem dizem respeito imediato ao nosso tema, daremos nota de alguns casos particulares, pelos quais confirmaremos em parte o passado e em parte conheceremos mais perfeitamente certos factos isolados

importantes. Para esse fim, escolherei aqueles julgamentos que caracterizam o seu tempo e nacionalidade.

São, em primeiro lugar, as perseguições de bruxas em Arras, em França, em 1459 — portanto anteriores à bula da feitiçaria; em segundo lugar, o julgamento de bruxas em Mora, na Suécia, em 1670; e, em terceiro, o julgamento da freira Maria Renata em Würzburg, em 1749.

O primeiro dá testemunho das assembleias demoníacas de súcubos e íncubos. As práticas dessas assembleias, para onde as bruxas eram repentinamente transportadas de noite, ultrapassam tudo quanto já foi concebido pela superstição, ou pela mais grosseira sensualidade e imaginação depravada. Se o julgamento de Arras supera em ferocidade jurídica os que lhe sucederam, o de Mora pelo menos não lhe fica atrás em crueldade, e excede-o em provas da crença universal na feitiçaria, na loucura das mulheres em a declararem, e numa contagiosa e quase geral perversão do espírito, pois até crianças foram convocadas para o processo — por exemplo, uma criança de quatro anos, que declarou no interrogatório que "ainda não sabia de cor a leitura que lhe tinham dado". Muitas crianças eram simultaneamente afetadas com as mulheres por cãibras e desmaios, nos quais passavam às danças de bruxas e às assembleias de feitiçaria no Blocksberg.

Suscitou-se um terror universal na Suécia, e o rei enviou uma comissão a Mora, onde os inquisidores, por meio do potro, depressa obtiveram provas suficientes; e setenta e duas mulheres, juntamente com quinze crianças, foram condenadas à morte, e muitas outras a severas penas. Quase todas as vítimas condenadas confessaram os maiores disparates sobre o seu convívio com o diabo sob toda a sorte de formas e vestes; que com ele tinham vivido e festejado; que com ele se tinham casado; e que ele até permitira que um padre o batizasse.

O julgamento da Donzela de Orleães, em Rouen, em 1434, merece uma breve menção.

Essa tranquila e piedosa pastora, que ajudava e dava a todos; a donzela heroica que libertou a França do declínio e da sujeição; a profética vidente que, em contacto com os santos, realizou feitos inauditos de liderança militar, e ao mesmo tempo poupou o inimigo, caiu diante da injustiça e da superstição — entregou a sua bela e jovem vida às chamas.

Com treze anos de idade, ouviu, no jardim de seu pai, uma voz, e uma forma surgiu em esplendor diante dos seus olhos. Santa Catarina e Santa Margarida apareceram-lhe, exortando-a a cumprir os mandamentos do Todo-Poderoso: avançar para o interior de França e levantar o cerco de Orleães, a fim de recuperar o reino para o seu rei Carlos VII; o que, apesar de estupefacientes dificuldades e obstáculos, ela de facto conseguiu. Finalmente, feita prisioneira pelos seus inimigos, os ingleses, foi julgada sob o pretexto de que só poderia ter realizado tais prodígios por meio de feitiçaria; a acusação foi admitida pelos seus próprios compatriotas, e a Inquisição levou-a a tribunal; e, apesar de não existir a mínima sombra de culpa, foi condenada da maneira mais arbitrária.

Schiller, no seu drama *A Donzela de Orleães*, menos verdadeiro historicamente do que poeticamente grandioso na sua execução, produziu, pela introdução do Cavaleiro Negro, uma peça perfeita de arte. Este Cavaleiro Negro é escolhido de propósito, não por acaso; ele caracteriza fielmente a obscuridade interior desse tempo pela aparência exterior do maligno que exerce domínio sobre a terra, enredando em subtis armadilhas os sentidos e o coração do homem. Quão impressionantes são estas passagens na nona cena do terceiro ato:

**Donzela de Orleães**
— Detestado és tu até ao mais íntimo da minha alma,
Assim como a noite, que é a tua odiosa cor:
Expulsar-te da luz amiga do dia
Inspira-me um anseio invencível.
Abre a tua viseira!

**Ao que o Cavaleiro Negro responde:**
— Está calado em ti o espírito profético?

**Donzela de Orleães**
— Não! ainda fala no mais fundo do meu peito,
E diz-me que funesta desgraça persegue os meus passos.
Quem és tu, homem de língua dupla, pérfido,
Que procuras aterrar-me e confundir-me?
Como ousas, com falsos oráculos,
Arrogar-te o direito de profetizar a mentira?
Mas, trazendo eu a própria espada de Deus, por que hei de temer?
Victoriosa completarei o meu curso;
E ainda que o próprio inferno tome o campo,

Não há de fazer vacilar nem tremer a minha coragem.
Morre aquilo que é apenas mortal!

**Replica o Cavaleiro Negro:**
— Era uma forma ilusória,
Uma figura do inferno, um espírito de engano,
Que diante de ti veio do lago de fogo!
Quem enviou o embuste há de retirá-lo;
Quando amadurecer, cairá o fruto do destino.

Schiller apresenta Joana como uma inspirada por Deus; um ser que realiza feitos heróicos, mas que, na sua inocência, é igualmente capaz de guardar silêncio e de esperar o seu destino até que chegue a sua hora:

"Quem ousa gritar 'basta!' a mim?
Quem pode comandar o espírito que me guia?
A flecha deve voar até ao alvo
Para o qual a mão do arqueiro a dirige.
O Céu falou, e eu calei-me.
Entreguei-me em silêncio à minha missão."

Que Schiller teve em vista trabalhar nesta tragédia a ideia do espírito interior, criativo e divino, em oposição à loucura e aos equívocos humanos, é suficientemente evidente neste poema da *Donzela de Orleães*:

"Para envergonhar em ti a nobre forma humana,
A troça lançou-te ao pó.
O engenho guerreia sempre contra o belo:
Não tem fé em anjo nem em Deus;
Mas, como tu, nascido de um povo infantil —
Ela própria uma piedosa pastora como tu —
A poesia dotou-te com os seus dons.
Com uma auréola te coroou,
Moldou o teu coração para que vivas para sempre.
O mundo deleita-se em conspurcar o luminoso
E em arrastar o glorioso para o pó.
O ruidoso mercado pode divertir Momus,
Mas as almas nobres amam apenas formas nobres."

Hauber foi o primeiro a traduzir para alemão o julgamento de feitiçaria de Arras; e, desde então, Horst introduziu-o na sua *Dämonomagie*, a partir da *Crónica* de Enguerrand de Monstrelet.

No ano de 1459 ocorreu uma terrível circunstância na cidade de Arras, ou no país de Artois, que o povo chamava Vaudoiree: porquê, não sei. Dizia-se, contudo, que certas pessoas, homens e mulheres, eram levadas de noite com a ajuda do diabo do lugar onde estavam, e apareciam subitamente num certo local remoto, num deserto, onde se reunia uma grande multidão de homens e mulheres. Aí encontravam um diabo com a forma de homem, cujo rosto nunca lhes era possível ver; e esse diabo lia ou transmitia-lhes as suas ordens e regulamentos, quanto à forma como deviam adorá-lo e servi-lo como senhor.

De seguida, permitia que cada um o beijasse, após o que dava dinheiro a cada um. Finalmente, repartia vinho e víveres entre eles, e todos se divertiam. Depois seguiam-se cenas que é melhor não revelar, e mais tarde, com a ajuda do diabo, todos se encontravam novamente nos lugares de onde tinham vindo.

Por causa destas loucuras, numerosas pessoas de condição na cidade de Arras, assim como outras de menor consideração, foram presas e encarceradas, e depois tão torturadas e horrivelmente esticadas no potro, que algumas confessaram que se tinham comportado da maneira acima descrita. E além disso, sendo-lhes sugerido e posto na boca pelos Inquisidores, confessaram, sob os tormentos do potro, que tinham visto pessoas de posição, prelados e magistrados com cargos e ofícios na cidade, nessas assembleias de bruxas. Alguns destes foram imediatamente presos, e tão terrivelmente torturados que também acabaram por confessar que era verdade o que deles se dizia. As primeiras pessoas foram barbaramente executadas, e a maior parte queimada.

Outros, que eram mais ricos e poderosos, compraram a sua segurança com dinheiro. Houve ainda aqueles a quem foi assegurado que não sofreriam nem no corpo nem nos bens se apenas confessassem. Outros suportaram os tormentos da tortura com admirável paciência, mas não quiseram confessar nada que pudesse prejudicar outrem. Em maior número, porém, deram grandes somas aos juízes, e a todos os que os podiam libertar da tortura; outros fugiram do país, e demonstraram tão claramente a sua inocência que foram deixados em paz.

E aqui não deve ser omitido que muitas pessoas honradas afirmaram com confiança que muitas destas acusações eram feitas por indivíduos maliciosos para prejudicar pessoas de condição a quem

guardavam rancor, ou por uma disposição inclinada à inveja e ao mal. Além disso, os juízes tinham por hábito prender gente de baixa condição, e dar-lhes uma amostra do potro, de modo que estavam prontos a acusar pessoas ricas, das quais os juízes podiam extorquir dinheiro.

Há ainda outro relato desta bárbara perseguição às bruxas, que não é de todo tão liberal e honroso como o primeiro, mas é, ao mesmo tempo, mais interessante, porque mostra a conduta prepotente dos juízes, a monstruosa violação dos princípios da justiça e da lei, e os subornos e resgates com ouro, etc. Jacob Meyer relata o caso nos seus "Annal. Flandriae, lib. xvi. sub Philippo Burgundione ad ann. 1459."

No ano de 1450 lê-se que em Arras ocorreu algo muito temível. Que muitíssimas pessoas foram desumanamente queimadas pelo fogo, por terem tido reuniões nocturnas com o diabo, que lhes dera muito ouro. Muitos senhores e damas de condição foram presos com base nos testemunhos dos que foram queimados, e torturados da forma mais bárbara. Outros compraram a fuga com ouro; alguns fugiram do país, mas outros suportaram firmemente a tortura e nada confessaram.

Relata-se que alguns juízes foram tão abominavelmente vis que acusaram grande número de pessoas a quem eram inimigos, para poderem ter o prazer de as torturar. Outros afirmam que realmente havia tais assembleias nocturnas de homens e mulheres, onde adoravam o diabo na forma de bode ou gato, nunca lhes sendo permitido ver-lhe a cara; mas juravam obedecer às suas ordens. Faziam depois um banquete, e concluíam com práticas torpes.

Horst acrescenta a isto que, nestas perseguições às bruxas, foi feito bedel um certo Peter Briissard. Acusavam estas bruxas ao mesmo tempo de serem valdenses e maniqueus. Limborch diz que muitas pessoas que tinham sido forçadas a incriminar-se sob tortura, logo que eram condenadas à fogueira protestavam contra todo o processo, e gritavam com todas as suas forças, em público, que eram inocentes e iam morrer injustamente! Que nunca tinham estado nos sabbaths do diabo em Waldesia, mas que tinham sido desumanamente traídas pelos juízes, os quais lhes prometeram, com muitas lisonjas, que se confessassem o que lhes era imputado, seriam logo libertadas do potro e postas em liberdade.

Horst afirma que a perseguição às bruxas em Mora, na Suécia, foi a maior e mais terrível da Europa.

O relato existe em muitos documentos suecos e latinos; e Glanvil apresentou-o aos ingleses no seu "Sadducseismus oder Atheismus Triumphans". Há qualquer coisa de tão monstruoso nesta perseguição, diz Horst, que não sabemos o que pensar dela, porque a Suécia, nesse tempo, não ficava atrás de nenhuma nação da Europa na ciência da legislação; e os julgamentos nesse país nunca tinham sido tão selvagens como na maioria dos outros, estando presentes quase todos os funcionários públicos e clérigos da Dalarna como membros dos interrogatórios.

O acontecimento que se vai relatar ocorreu no ano de 1669, em Mora, na Dalarna, essa província tão célebre graças a Gustavo Vasa e Gustavo III. Muitas crianças deste lugar caíam ao mesmo tempo em desmaios, sofriam violentos ataques nervosos e convulsões; os rostos ficavam-lhes contraídos, e quando despertavam falavam e deliravam sobre Blokula e as bruxas daí. Blokula — conhecido como ponto de reunião das bruxas suecas, e também chamado Blakula — era uma rocha no mar entre Småland e Öland, significando literalmente "o Monte Negro". Segundo Arnkiel, havia uma deusa marinha chamada Blakylla.

O caso causou uma sensação extraordinária. A causa foi atribuída à feitiçaria, e estranhos rumores espalharam-se por toda a província de que as bruxas levavam as crianças consigo para um lugar desconhecido chamado Blokula. O rei enviou uma Comissão a Mora, que, com os juízes e quase todo o clero da província, constituiu um tribunal público para investigar o caso no local.

Toda a população de Mora parecia realmente enlouquecida com o assunto; e o clero e os juízes estavam fortemente afectados pela mania. O inquérito, em que o potro não foi o menos convincente dos meios, terminou os seus trabalhos condenando por feitiçaria sessenta e duas mulheres e quinze das crianças mais velhas, todos sentenciados à morte. Sessenta e seis outros foram condenados a castigos severos, e mais quarenta e sete pessoas, envolvidas no decurso dos julgamentos, foram detidas para exame posterior.

Quase todos confessaram os seguintes absurdos: — "O lugar para onde levavam as crianças chamava-se Blokula, e era apenas conhecido delas. Aí o diabo aparecia em todo o tipo de formas, mas geralmente com um casaco cinzento, calções e meias vermelhas.

Tinha barba ruiva, usava um chapéu alto com fitas de várias cores (um costume sueco então), e as mesmas fitas adornavam-lhe os calções. Voavam pelo ar até Blokula; mas era esperado que levassem pelo menos quinze crianças, suas e alheias, que raptavam às escondidas. Se falhavam nisso o diabo castigava-as severamente. Voavam pelo ar em todo o género de animais, e por vezes em homens, ou em espetos e varas.

Quando cavalgavam bodes e levavam muitas crianças, enfiavam um pau pelo bode atrás, no qual as crianças montavam comodamente. Se tinham levado muitas crianças, estas eram muitas vezes obrigadas, no regresso, a aliviar-se no ar, e o que caía era da cor da aurora, sendo frequentemente encontrado na couve-galega (um fungo húmido), e esse é o verdadeiro "manteiga de bruxa". Em Blokula cada bruxa tinha de cortar o dedo e escrever o seu nome no livro do diabo com o próprio sangue.

Depois o diabo fazia aparecer um clérigo, e mandava que o batizasse. Feito isto, dava-lhes uma pequena bolsa com limalha de sinos da igreja, que deviam lançar à água, dizendo: "Assim como esta limalha nunca mais voltará ao sino, assim a minha alma nunca mais irá para o céu." Depois disso começava o banquete; e o diabo oferecia-lhes caldo de couves, toucinho, papas de aveia, leite, manteiga e queijo (puros pratos suecos).

Depois do banquete havia uma dança, na qual surgiam contendas e, muitas vezes, pancadaria. Quando o diabo estava de muito bom humor, fazia com que todas as bruxas cavalgassem em varas; depois arrancava subitamente as varas de entre as suas pernas e batia-lhes com elas nas costas, até que muitas vezes voltavam para casa com as costas todas negras e pisadas, ao que ele se ria até lhe doerem os lados.

Por vezes também sovava as crianças nestas diversões, de modo que se tornavam miseráveis e doentias em consequência. Mas por vezes o diabo era muito gracioso, e tocava toda a espécie de belas peças na harpa, e levava consigo à parte as bruxas de que mais gostava. Todas confessaram o mesmo comércio com o diabo, e terem tido filhos dele; mas não filhos verdadeiros, apenas lagartos, cobras e sapos. Às vezes diziam que o diabo estava doente, e então as bruxas deviam abrir-lhe uma veia e aplicar-lhe ventosas. Sim, por vezes estava mesmo às portas da morte, o que causava grande lamentação em Blokula.

Não menos edificantes eram as perguntas dos juízes — por exemplo, se estavam bem certas de que eram levadas pelo diabo; ou se ele apenas lhes aparecia em desmaios ou sonhos; e se subia pela chaminé ou passava pelas janelas fechadas; às quais as bruxas muitas vezes davam respostas admiravelmente adequadas.

O célebre julgamento de bruxas em Marbois, em Inglaterra, durante o reinado da rainha Isabel, pode ser citado como paralelo ao de Mora. Em memória desse bárbaro julgamento, continuou a ser pregado anualmente em Huntingdon um sermão contra a feitiçaria, até ao século XVIII. Mas a Inglaterra é o país, como já dissemos, onde os espectros errantes sempre estiveram em casa.

As bruxas eram igualmente frequentes, e superavam as dos outros países não menos em poder do que em loucura. Assim, o sexo feminino era aqui, mais cedo do que noutros países, temido por causa da feitiçaria. Antes da coroação de Ricardo Coração de Leão, foi proclamado que nem judeus nem mulheres deveriam estar presentes (ver História de Inglaterra de Hume). Os judeus, sem dúvida, eram proibidos por terem crucificado Cristo; as mulheres porque eram suspeitas de feitiçaria.

No ano de 1303, um bispo de Coventry foi acusado em Roma de uma série de crimes, e entre outros, "quod diabolo homagium fecerat et cum fuerit osculatus in tergo." Bonifácio VIII absolveu-o. A mesma acusação foi feita contra as bruxas posteriores. Jaime I era tão devoto do diabo e da feitiçaria que escreveu uma Demonologia, na qual se apresentou como defensor das bruxas contra um dos seus próprios súbditos, Reginald Scott, e contra Job Wier.

Esta produção real é, na forma e no conteúdo, muito semelhante ao *Martelo das Bruxas*. Uma bruxa dera-lhe instrução, pela qual ele lhe concedeu a vida; e a feitiçaria era, portanto, inteiramente a moda na sua corte. O julgamento de bruxas em Marlborough foi, em grande parte, consequência disto. O Íncubo e o Súcubo tinham então um rei como seu campeão, que provava a realidade de tais coisas pelas Escrituras.

Quanto aos diabos amorosos, havia muitos nomes para eles — fadas, fées, peri e elfos. Segundo Sir Walter Scott, conservaram esses nomes tanto tempo porque tinham neles uma mistura de ideias gregas, orientais e teutónicas, e porque o *Martelo das Bruxas* não conseguiu reduzi-los todos a uma única forma repulsiva, como na Alemanha. Contudo, nem mesmo as fadas deixaram de acender

fogueiras. Assim, segundo Hippert, na sua História da Vida Espiritual, uma mulher plethoricamente doente tinha provavelmente visões contínuas, dormindo e acordada, nas quais se associava à rainha das fadas e aos bons vizinhos. Nessas visões via o seu primo Simpson, que os elfos tinham levado para as montanhas. Recebera um unguento dos elfos que curava toda a doença; e o bispo de St. Andrews não desprezou o rendimento dele. Na acusação criminal contra ela, declara-se que, estando ela e algumas outras pessoas doentes, deitadas na cama, apareceu-lhes um homem vestido de verde (o verde é a cor das fadas e elfos), que lhe prometeu a cura em troca da sua fidelidade.

Ela clamou, contudo, quatro vezes, mas como ninguém veio, declarou a sua aquiescência, com a garantia de que ele vinha em nome de Deus; ao que ele se retirou. Noutra ocasião, dizia-se, veio como um jovial companheiro, em companhia de homens e mulheres; mas ela fez o sinal da cruz, permaneceu com eles, e foi entretida com música e festim. Tinha visto os Bons Vizinhos prepararem o unguento sobre o fogo. Esta mulher acabou por ser queimada como bruxa.

O *Deasil* dos ingleses é célebre desde a Antiguidade. Tal como o círculo mágico dos druidas. O *Deasil* era um círculo no qual uma pessoa, com certas cerimónias solenes, corria três vezes em redor, seguindo o curso do sol. Por esta circungiração acontecia, como com os xamãs, que o executante caía em êxtase e predizia coisas ocultas. A segunda visão também era comunicada a outros através do *Deasil*, especialmente quando acontecia em terreno assombrado, ou num estado místico da mente.

Um dos mais notáveis julgamentos de bruxas na Dinamarca foi em Kioge, onde um dos mais singulares inquéritos, entre outros, foi sobre o "*membrum virile diaboli*." Na Alemanha, grandes perseguições às bruxas foram introduzidas em Trier, Colónia, Baden, Bamberg, em vários lugares da Alta Alemanha; nos domínios dos príncipes e condes, e também nas cidades livres. Mas o leitor deve perdoar passar-se por cima de muitas coisas já conhecidas. Remeto-o, para mais detalhes, a Hauber e Horst.

O último julgamento na Alemanha foi o da freira Maria Renata, em Würzburg, em 1749. A última bruxa foi executada em Clarus. Relatarei brevemente a história desta tragédia a partir de "O Sermão Cristão na queima de Maria Renata, do convento de Unterzell, que foi queimada a 21 de Junho de 1749; sermão este que foi proferido a

uma numerosa multidão, e depois impresso por ordem das autoridades."

Maria Renata nasceu em Munique, e, quando criança de seis ou sete anos, foi para os arredores de Linz, e foi seduzida para a feitiçaria por um oficial, em quem provavelmente o diabo se encarnara; e como o inferno não pode suportar o nome de Maria, foi-lhe chamado Emma Renata — minha recém-nascida. Aos doze anos tinha já alcançado tal nível, que ocupava o primeiro lugar nas assembleias do príncipe das trevas. Aos dezenove anos, provavelmente contra a sua vontade, foi colocada no convento de Unterzell, perto de Würzburg, célebre pela sua boa disciplina, onde, pela sua aparente piedade, foi colocada sobre as outras freiras como subprioresa.

Renata passou cinquenta anos no convento, durante os quais tempo, pela especial providência de Deus, foi impedida, segundo as suas próprias declarações, de prejudicar as almas de qualquer das irmãs. Satanás, por conseguinte, enraivecido, atormentou os corpos dessas senhoras, que sofreram nesse convento, como em muitos outros, especialmente de espasmos. Renata procurou curar quatro das freiras, em parte pelo sopro mágico sobre elas, em parte por raízes e ervas de poder mágico. Contudo, enfeitiçou vários espíritos infernais em cinco outras, juntamente com uma leiga.

Por causa de todas estas circunstâncias, Renata foi presa e interrogada pelo poder espiritual. Foi depois entregue ao braço secular e condenada à morte. Pela clemência do príncipe, foi-lhe permitido ser primeiro decapitada, e depois o seu corpo inanimado queimado em cinzas, para que não restasse qualquer vestígio dele, e para que a sua memória perecesse com as cinzas.

Para o texto deste sermão de bruxa, o pregador tomou, como é natural, "Não deixarás viver uma feiticeira." Esta lei, diz-se, de modo nenhum é abolida pelo cristianismo, mas tornada tanto mais imperativa, visto que elas blasfemam contra Deus e todos os santos, pois uma bruxa renuncia a todos estes e à santa mãe, e amaldiçoa-os e injuria-os.

Elas insultam a Igreja cristã, pois as bruxas imitam e ridicularizam os seus ritos mais sagrados; e do mesmo modo o pregador mostra que são elas, e só elas, que difamam e corrompem todas as leis, instituições da sociedade e a moral. Conclui dizendo que os homens devem empunhar armas espirituais para vencer e destruir as artes mágicas da geomancia, do espelho mágico e da adivinhação por

copos, cálices e sacos; e que todos devem admirar os meios de graça pelos quais Renata foi finalmente resgatada das garras do diabo!

Com o julgamento de Emma Renata extinguiram-se as fogueiras da morte, mas não o assombro da possessão; pois no convento de Unterzell continuaram, durante muito tempo, a existir freiras que se declaravam possuídas. A ordem e o decoro desapareceram; clérigos e leigos entravam no convento a toda a hora; em todo o lado se chamavam exorcistas, mas em parte alguma médicos.

Mas vê-se com muita clareza, pelas confissões de Renata e de outras, que a possessão dessas freiras não era mais do que os sintomas de doenças que sempre foram mais frequentes entre as paredes dos conventos do que fora deles. Todas se queixavam de tensão e de movimentos anormais na região do estômago, de uma sensação de elevação e inchaço para o coração e a garganta, de ansiedade, depressão e perda da voz antes do ataque real de convulsões, que eram acompanhadas de delírios, nos quais proferiam as mais violentas maldições contra tudo o que era sagrado.

Tais doentes respondiam, na qualidade de espírito oculto do demónio de que acreditavam estar possuídas, muitas vezes, com uivos imitativos de feras; eram também muito hábeis em confundir os seus interrogadores, expondo-lhes a ignorância ou os defeitos. Fenómenos semelhantes observei em sujeitos magnéticos, com uma mimese e humor inimitáveis, e todo o médico experiente deve ter visto o mesmo. Assim, uma possessa respondeu a Kerna, um célebre teólogo protestante, que a conjurava com as palavras: "Espírito, tu que és nada, eu ordeno-te que saias!" Ao que o espírito respondeu com fria ironia: "Isso é a maior parvoíce que já ouvi."

Os paroxismos neste convento terminavam em desmaio, violenta diarreia, suor geral, seguidos de repouso, alegria e continuação de saúde por algum tempo. O que parecia mais extraordinário, e que o povo acreditava só poder ser atribuído ao poder do diabo, eram os terríveis ataques que produziam toda a espécie de gestos, caretas, voltas em estado de mudez, gritos selvagens, catalepsia, epilepsia e todo o género de visões proféticas; acompanhados pela capacidade de contagiar e transferir os espasmos e visões para as outras irmãs; e, além disso, aquelas aparições de pesadelos, insensibilidade a qualquer excitação exterior, e longos períodos de abstinência de alimento, assim como a aparição de agulhas e alfinetes em várias

partes do corpo, o que não é de modo algum incomum em casos desta espécie.

Para o fim do século XVII a crença na feitiçaria tornava-se cada vez mais vacilante, e os homens começaram a opor-se a ela com firmeza e vigor; e isto até mesmo na Alemanha, que até então estivera infestada de bruxas, e onde o fumo das fogueiras tinha sufocado todo o cristianismo genuíno. Mas aquilo que essa falsa fé perdeu na Alemanha, França e Itália, ganhou-o no extremo norte e no leste da Europa, na Livónia, Polónia e Rússia, na Sérvia e Valáquia, onde o vampiro sugador de sangue persistiu por mais tempo — uma superstição da mais repugnante espécie.

"Um fantasma-vampiro," diz um documento oficial citado por Horst, "é uma pessoa morta que continua a viver no túmulo; que de noite se levanta da sua sepultura em forma de aparição, para sugar o sangue dos vivos, pelo qual mantém o seu corpo na terra sem emagrecer, e incapaz de se corromper."

Este vampirismo tinha um tipo de julgamento penal diferente do das bruxas, pois aqui os corpos dos mortos eram examinados e queimados. Diz-se na declaração acima mencionada, que sendo oficial pode servir de tipo a muitas outras, que "depois de P. Plagoymitz ter sido enterrado alguns dias, várias pessoas adoeceram de repente, e em oito dias nove pessoas morreram. Todas, no leito de morte, protestaram que o dito Plagoymitz era a única causa das suas mortes, porque lhes aparecia de noite enquanto dormiam, agarrava-os pela garganta e lhes sugava o sangue.

Para pôr fim a esta calamidade geral na aldeia, decidiu-se abrir a sepultura, quando, para assombro de todos os espectadores, o corpo, embora tivesse estado três semanas enterrado, não exalava o mais leve odor de morte, e, exceto o nariz algo caído, estava perfeitamente fresco e são. Tiraram o corpo da sepultura, afiaram uma estaca e trespassaram o coração do vampiro, do qual imediatamente jorrou sangue fresco pela boca e pelos ouvidos. Depois queimaram o corpo e reduziram-no, assim trespassado, a pó e cinzas." Esta narração foi redigida pelo cirurgião do lugar, que ele próprio dirigiu o inquérito.

Foi em Espanha — a terra ocidental das maravilhas — que a magia foi originalmente introduzida nas universidades, e foi lá também que primeiro desapareceu; ao que provavelmente muito contribuíram as constantes guerras e lutas com os mouros. Pelo contrário, manteve-

se por mais tempo no Oriente, onde existiam ainda superstições mais absurdas, onde a imaginação se soltava a toda a fantasia poética, e onde a crença na feitiçaria nem ainda está totalmente vencida, porque a iluminação alemã ainda não conseguiu penetrar ali: essa iluminação alemã que expulsou todo o mundo de bruxas e aparições do seu próprio solo, apesar de todas as armas e oposição que contra ela se levantaram, e que o fez principalmente através da cultura da filosofia natural. Os alemães, mesmo nos piores tempos da feitiçaria, colocaram-se na oposição mais corajosa a essa superstição devastadora, enfrentando-a com razões invencíveis, como veremos.

Para prolongar a carreira das perseguições autorizadas às bruxas, dois dos papas sucessores publicaram de tempos a tempos bulas no mesmo espírito; a primeira destas foi o ato de Alexandre VI, sucessor de Inocêncio VIII. Mas no século XVI os homens começaram gradualmente a despertar; e ergueram-se vozes em Itália e na Alemanha contra essas barbaridades maníacas, tão vigorosamente, que a magistratura secular começou a resistir à vontade arbitrária dos comissários de bruxas.

Foi a república de Veneza a primeira em Itália a apresentar queixas ao Papa, por meio do Doge e do Grande Conselho, pedindo-lhe que juntasse uma comissão extraordinária aos inquisidores de bruxas; ao que o Papa anuiu, e nomeou para este ofício o núncio, bispo de Pola, sozinho ou com outros, para rever as suas sentenças. Quando o juiz de heresia em Bréscia, Bérgamo e Como condenara com renovado zelo uma lista formidável de bruxas, o conselho de Veneza proibiu a execução das sentenças, e não permitiu que fossem pagos os custos exigidos pelos processos.

Este ousado procedimento ofendeu o Papa; ele considerou-o hostil à liberdade e domínio da Igreja, e emitiu uma nova bula, pela qual investiu novamente os juízes de heresia com plenos poderes. Mas o espírito da época já ia demasiado avançado; e os venezianos mostraram menos temor do que a Igreja esperava.

O Papa encontrava-se envolvido noutras questões importantes e absorventes, e a perseguição geral das bruxas continuou a afrouxar cada vez mais. Na Alemanha, a Reforma pôs fim às perseguições papais de hereges, e nos países e cidades onde prevaleceram as doutrinas de Lutero os éditos contra heresia desapareceram rapidamente, mas não de todo: pois depois da morte de Lutero o livre-pensamento surgiu ao lado do fanatismo, e de novo as fogueiras

se reacenderam, antes da sua extinção final, mais ferozes do que nunca. Qualquer um que então se opusesse firmemente à fé herética — e isto aconteceu não só entre os protestantes mas ainda mais frequentemente entre os católicos — era ele próprio dado por herege, como foi experiência de papas e cardeais. (Ver *História do Ceticismo* de Staudlin, vol. ii.)

Muitos homens eruditos, como Stephen Dolet, Gottfried Valor em Paris, Jordan Bruno, em 1600, foram executados em Roma como ateus. E, de facto, os eruditos nem sempre encontraram o verdadeiro caminho intermédio entre fé e conhecimento, entre fanatismo e ateísmo; e enquanto muitos deles combatiam a crença extravagante na feitiçaria, não renunciavam inteiramente eles próprios à fé na magia e na demonologia. As escolas francesa e italiana mantinham firmemente essa fé, e entre os seus homens mais distintos contavam-se Pomponazzi, Cardanus, Casalpinus, Cosinus Bugieri, Tommaso Campanella.

Um dos intelectos mais livres e iluminados foi Bodin (*Colloquium de abditis rerum sublimium causis, de magorum daemonomania*, 1603; *Universae naturae Theatrum*, na *Bibliothek* de Halle de Baumgarten, vol. iii). As opiniões de Bodin sobre a Religião e a Igreja, felizmente para ele, só foram conhecidas após a sua morte; contudo, com todo o seu cepticismo e naturalismo, não estavam de modo nenhum livres de crença em astrologia e demónios.

Do mesmo modo, Cornelius Agrippa de Nettesheim foi um louvador das artes mágicas, e Michel Nostradamus, médico da corte de Henrique II e Catarina de Médicis, tinha fama de profeta e de mágico. Os seus oráculos e profecias gozavam de grande difusão. Ver *História da Loucura* de Adelung, contida no seu *Vraies centuries et propheties*, em que se afirma que aí se pode encontrar a história da Revolução Francesa.

Entre os alemães houve muitos, em especial, que se ergueram corajosamente e com argumentos convincentes contra a crença na feitiçaria; um dos primeiros, Cornelius Loos, sacerdote em Mainz, que se colocou resolutamente, por assim dizer, contra todo o exército enfeitiçado, e demonstrou os absurdos dos julgamentos de bruxaria. Preso e encarcerado, foi forçado a retratar-se; mas logo que recuperou a liberdade renovou os seus ataques, foi novamente aprisionado e de novo obrigado a retratar-se e a guardar silêncio, para não ser ele próprio queimado. Morreu em 1593.

Johannes Wier, ou Weyer, médico do duque de Clèves, escreveu de forma muito franca e clara contra a perseguição às bruxas. Os seus escritos suscitaram discussões violentas e foram muitas vezes reimpressos durante a sua vida: *De praestigiis daemonum, incantationibus et veneficiis, libri vi.*, Basileia, 1563. Também o médico Thomas Erastus de Basileia, na sua obra *De lamiis seu strigibus*, 1577, exerceu influência benéfica, embora ele próprio se declarasse contra Calvino.

Como no século XVII a fé nas bruxas atingira o seu ponto culminante e se tornara completamente universal; como o diabo e as bruxas estavam por toda a parte — no campo como na casa, no estábulo e na igreja, no ar e na terra; como o tempo e o granizo, a seca e a chuva, os incêndios e a morte do gado vinham apenas das bruxas; como o diabo governava nos castelos e nos cargos públicos, na câmara do conselho, e sobretudo nos cérebros dos homens — assim também cresceu o número dos que desejavam pôr limites às trevas dessa superstição e celebrar o triunfo da razão vitoriosa. Estes empregaram todas as suas forças e adquiriram com isso uma fama imortal.

Adam Tanner, jesuíta da Baviera, aconselhou os juízes a usarem mais circunspecção e a obterem melhores provas nos julgamentos de bruxas. Contudo, Horst diz que, quando morreu no Tirol, foi-lhe negada sepultura, porque dizia ter conjurado um diabo peludo debaixo de um vidro, mas que, após a sua morte, se descobriu ser apenas uma pulga que ele encerrara num microscópio! Frederick Spee, também jesuíta, demonstrou uma rara ousadia de sabedoria, voltando-se primeiro contra príncipes, juízes e clero, e mostrando pela sua própria experiência a barbárie e a insensatez da superstição.

Morreu durante a Guerra dos Trinta Anos e escreveu uma obra admirável sob o título *Cautio criminalis, sive de processibus contra sagas, liber ad magistratus Germaniae hoc tempore necessarius, tum autem consiliariis principum, inquisitoribus, advocatis, confessariis reorum, concionatoribus, ceterisque utilissimus: Rintel. 1631. Autore incerto theologo orthodoxo.* Um ano depois a mesma obra apareceu em Colónia e Frankfurt simultaneamente, e muitas vezes depois. Apareceu na Alemanha em Bremen em 1647, como *O Livro da Consciência nas Perseguições de Bruxas, por Joh. Seifert, capelão sueco*.

O excelente eleitor de Mainz, Johann Philipp, preservou a memória de Spee. Diz dele que se declarou autor dessa obra, confessando que devia aos processos de bruxas os cabelos brancos que tivera em plena juventude; eram causados pela sua dor consumidora em razão do número dessas vítimas da superstição que ele próprio conduzira à fogueira.

Ainda mais revoltante, se possível, foi a fúria contra os demónios-bruxas no século XVII em França; o melhor relato encontra-se num livro publicado em Rouen em 1606 — *Discours execrable des sorciers, ensemble leur procès, fait depuis deux ans en divers endroits de la France, etc., par Hen. Boguet, grand juge au comté de Bourgogne*. Outra excelente obra é a de Naudé — *Apologie pour les grands hommes faussement soupçonnés de magie*, Paris, 1625.

O jesuíta espanhol Del Rio opôs-se a estes esforços salutares e escreveu *Disquisitiones magicae, lib. vi.*, defendendo a mais grosseira superstição, que continuou desenfreada por todo o século XVII, florescendo com mortal exuberância, de modo que o que a guerra, a fome e a peste não destruíam, a superstição varria. Kepler, o grande astrónomo, relata que foi chamado pelo imperador a Regensburg para prestar assistência na reforma do calendário, e, embora muito doente, foi de súbito chamado de volta e obrigado a viajar, com todos os perigos e a maior rapidez, para a sua terra natal de Württemberg, onde a sua pobre mãe idosa estava em iminente perigo de ser queimada como bruxa. Conseguiu, embora com grande dificuldade, salvá-la da fogueira (*Monumentum J. Keplero dedicatum: Ratisb. 1808*).

Os dois autores que mais do que todos contribuíram para pôr fim às perseguições de bruxas foram, contudo, o teólogo Balthasar Becker e o jurista Christian Thomasius.

No fim do século XVII, Becker avançou nove proposições que negavam a influência e o poder ativo dos espíritos sobre o mundo físico. A sua obra *De vaste spiesen te volmaaken* — "Alimento sólido para os perfeitos", 1670 — trouxe-lhe de imediato a suspeita de ensinar o erro. O seu livro *O Mundo Enfeitiçado* apareceu primeiro em neerlandês, em 1691, em Amesterdão; em alemão em 1696. Causou tamanha sensação que em dois meses se venderam quatro mil exemplares. Nos Países Baixos, nesse tempo, as perseguições de bruxas tinham cessado, mas o clero opôs-se às suas doutrinas com todas as forças, e defendeu vigorosamente o poder do diabo e a

realidade da possessão. Becker tratou a crença nas bruxas sem piedade, e desafiou formalmente o maléfico semideus dos cristãos, o Diabo, a vingar-se dele, se fosse capaz.

Becker combateu com armas cortantes da filosofia cartesiana e com a sua menos feliz exegese. Mas não foi apenas o seu conhecimento filosófico claro: foi sobretudo o seu espírito humano que o impeliu a resgatar a humanidade da loucura degradante acerca do diabo. A impunidade de Becker a qualquer ataque do diabo, em consequência do seu desafio, foi explicada assim pelos adversários: que Satanás, por astúcia, se abstinha de estragar o seu jogo, já que no fim era o maior beneficiário da incredulidade.

Mas Becker não alcançou uma vitória imediata. A Igreja, as escolas, os consistórios e os sínodos pegaram em armas contra ele; e em 1693 foi deposto do seu cargo, e classificado, devido ao seu zelo como "antidiabólico", entre deístas e ateus.

Thomasius conseguiu, como professor de jurisprudência, realizar mais do que o seu colaborador de espírito humanitário. Ele alcançou aquilo que Becker não pôde. Os seus escritos, no que respeita às perseguições de bruxas, são clássicos. São os seguintes: *De crimine magiae dissert., por Joh. Reichen, 1701*, e mais desenvolvidos em alemão; *Teoremas Breves de Thomasius sobre o Crime de Feitiçaria, com os acta magyca anexos, por Joh. Reichen, 1703*; *De origine et progressu processus inquisitorii contra sagas*, 1712; também em alemão no mesmo ano.

O resto dos seus escritos jurídicos também trata livremente deste assunto, como *A Negociação da Jurisprudência, em 8 partes*. Um número de escritos foi publicado por ele, entre os quais os seguintes são os mais importantes: *Joh. Reicher's Discriminating Writings on the Nuisance of the Witch-Prosecutions*, 1703; o mesmo sobre o incómodo da Feitiçaria, 1704; Webster, *Trials for Witchcraft*, do inglês, 1719; Gott. Wahrlich, *A Inutilidade das chamadas Perseguições de Bruxas*, Halle, 1720; Beaumont, *Tratado sobre Espíritos, Aparições e Bruxas*; Ant. Pratorius, *Sobre a Feitiçaria e os Feiticeiros*.

Mas aquilo que os juristas e os teólogos, com toda a sua coragem e zelo, com todo o seu entendimento e conhecimento, não conseguiram realizar com estes ataques à superstição, os filósofos naturais acabaram por alcançar. O estudo diligente da natureza, as experiências e descobertas da fisiologia e da física experimental

foram o que demonstrou de modo preeminente que aquelas coisas não passavam de fenómenos naturais que se atribuíam a artes secretas ou ao diabo. Os escritos de Erxleben, Funke, Eiseher, Murhard sobre História Natural e Física, as *Cartas* de Euler sobre diversos assuntos de Filosofia Natural (1792), o *Grande Repositório para a História Natural do Homem* (Zittau, 1788), a *Magia Natural* de Halle, as *Instruções de Martius em Magia Natural*, Wiegleb, Blumenbach e numerosos médicos dissolveram finalmente o feitiço da feitiçaria, e tornaram a superstição inofensiva, senão a expulsaram total e para sempre da raça humana.

Como agora nos familiarizámos com o desenvolvimento histórico das perseguições de bruxas e com os principais fenómenos das mesmas, não é aqui o lugar de entrar mais profundamente nas disputas teológicas e filosóficas a esse respeito, nem de fazer uma revisão mais particular das seitas que pertencem, mais ou menos, ao domínio da feitiçaria, como os exorcistas e expulsadores de espíritos, os escavadores de tesouros e os fabricantes alquímicos de ouro, os astrólogos e mistagogos herméticos — como os Rosacruzes, os lançadores de horóscopos, os *illuminati* e adivinhos por cartas, os necromantes e pequenos profetas, etc., que, nos séculos XVII e XVIII, estavam na ordem do dia.

Nas obras de Hauber e Horst o leitor encontrará reunidas todas estas coisas. Este último, no *Dæmonomagie*, dá uma enumeração de todos os géneros de crença em feitiçaria, tanto de povos cristãos como pagãos e dos seus tempos. Como proponho fazer uma revisão dos mais distintos místicos da Idade Média, na medida em que estão ligados à magia, e da magia filosófica dos escritores de mais alto nível, o leitor poderá talvez desejar ter, como preparação para isso, uma espécie de visão de conjunto das crenças prevalecentes em feitiçaria, por assim dizer *in nuce*. Para este fim não posso servir melhor o leitor do que remetendo-o para a obra de Grimm, e para o seu capítulo 27, intitulado *Feitiçaria*. Aqui apenas notarei alguns factos que ainda não introduzi sobre este assunto.

Já falámos do que significa feitiçaria, da sua existência e carácter entre as nações antigas — citas, sírios, egípcios, gregos, romanos, etc.; como apareceu entre os antigos escandinavos, germânicos e britânicos. Seguimo-la através das suas várias modificações, especialmente pela influência do cristianismo, e como degenerou em culto do diabo e bruxaria, com os horrores, escândalos e perseguições que se seguiram e que continuaram quase até aos

nossos tempos. Entre os factos que levaram à sua prevalência, contribuíram para variar as suas formas e conduziram à sua extinção, podem notar-se os seguintes.

A mais remota antiguidade atribuiu a magia, de modo preeminente, às mulheres. A causa disto residia em circunstâncias exteriores. Às mulheres, e não aos homens, eram confiadas a escolha e a preparação de remédios poderosos, tal como lhes pertencia a preparação de alimentos. Preparar unguentos, tecer linho, curar feridas, parecia melhor convir às suas mãos delicadas e suaves. A arte de escrever e ler letras era nos tempos mais antigos confiada sobretudo às mulheres. A vida inquieta do homem ocupava-se com a guerra, a caça, a agricultura e as artes mecânicas. À mulher todas as facilidades para a feitiçaria eram fornecidas pela experiência.

O poder imaginativo da mulher é mais ardente e mais suscetível do que o do homem, e desde os tempos mais remotos prestava-se homenagem a uma força interior e sagrada de adivinhação existente nelas. As mulheres eram sacerdotisas e profetisas; as tradições germânicas e escandinavas transmitiram-nos os seus nomes e a sua fama. Segundo as diferentes opiniões populares eram Nornas e Valas, Valquírias e Donzelas-Cisnes, com vida divina, ou eram feiticeiras.

Sobre uma mistura de tudo isto — de circunstâncias naturais, lendárias e imaginárias — se fundaram as ideias da Idade Média acerca da bruxaria. Fantasia, tradição, conhecimento de meios curativos, pobreza e preguiça transformaram velhas em bruxas; e as três últimas circunstâncias criaram feiticeiras a partir de pastoras e criadas de gado. O cristianismo modificou estas ideias, como vimos.

As bruxas de Shakespeare reuniam-se para cozinhar; mas podem ser colocadas ao lado das antigas profetisas dos cimbros. Mas há outros pontos de ligação entre as nações antigas e as modernas. As fontes de sal estão em conexão direta com a bruxaria moderna (ver Tácito, *Anais*, livro 57). Sem dúvida existiam tais fontes salinas naquele período na Germânia, jorrando das montanhas nas florestas sagradas.

O seu produto era considerado como dom imediato da divindade presente; a obtenção e distribuição desse sal eram tidas como ocupação sagrada; possivelmente sacrifícios e festas populares estavam ligados a isso. Essas mulheres sábias ou sacerdotisas administravam a preparação do sal; quando a salina estava colocada sob o seu cuidado e superintendência, temos uma ligação direta entre

essas fervuras de sal e as concepções posteriores da bruxaria. Em certos dias festivos, as bruxas tomavam o seu lugar no monte, na floresta sagrada, onde brotam as fontes salgadas, com utensílios de cozinha, colheres e garfos, e a sua caldeira de sal brilhava na escuridão da noite.

É bem sabido que, anualmente, na Alemanha, havia uma expedição geral de bruxas na noite de 1 de Maio — *Walpurgisnacht* — isto é, na época da festa sacrificial da antiga assembleia do povo. No primeiro de Maio, durante muitas eras, realizaram-se os tribunais não convocados, e neste dia celebravam-se os alegres jogos de Maio — isto é, a cavalgada do Verão pelo país, que na Dinamarca ocorria no dia de Walpurgis.

Tais jogos de Maio são frequentemente mencionados nas antigas crónicas dinamarquesas e suecas; eram uma grande reunião da nobreza para divertimento. Nobreza e realeza tomavam muitas vezes parte neles. Os jovens cavalgavam à frente; depois vinha o Conde de Maio com duas grinaldas de flores em cada ombro; o resto do povo apenas com uma. Cantavam-se canções; todas as jovens formavam um círculo em volta do Conde de Maio, e ele escolhia uma Condessa de Maio atirando-lhe uma coroa (ver Grimm, p. 419).

O primeiro de Maio é uma das mais distintas festas do paganismo. Mas se mencionarmos duas ou três festas de bruxas — a de Walpurgis, a de São João e a de São Bartolomeu — somos por elas lembrados de todas as perseguições da Idade Média. Os julgamentos de bruxas dinamarqueses mencionam a véspera de Valborg, a véspera de São Hans e a véspera de Maria Besøgelsesdag. O povo não teria cedido os seus honrosos dias de assembleia às bruxas se estes não lhes pertencessem hereditariamente.

Ainda mais notável é a concordância quanto aos lugares de reunião. As bruxas dirigiam-se precisamente para os locais onde outrora se realizavam os tribunais populares antigos, ou onde se faziam oferendas sagradas. As suas assembleias tinham lugar em prados, em carvalhais, debaixo das tílias, debaixo do carvalho, junto ao pereiro. Nos ramos da árvore sentava-se o músico de que necessitavam para a dança. Por vezes dançavam no lugar da execução, debaixo da forca. Mas mais frequentemente montanhas, colinas ou os pontos mais altos do país eram os locais do seu encontro.

A fama de determinadas montanhas de bruxas estendia-se por reinos inteiros, e recebiam o nome de deuses, sacrifícios e tribunais antigos.

Quase todas as montanhas de bruxas eram montanhas de sacrifício, montes de fogo, colinas de sal. Toda a Alemanha conhece o Brocken ou Blocksberg. O nome mais antigo é Brockersberg; outros escrevem Brockelsberg e Blockersberg, Blocksbarg. Um livro de confissões do século XV fala das feiticeiras que estavam no Brockisberg. Huberg, perto de Halberstadt, é mencionado como montanha de bruxas. Na Turíngia iam ao Hörselberg, perto de Eisenach, ou ao Inselberg, perto de Smalcalda; na Vestefália, ao Köterberg, perto de Corvey; ao Wechlinstein — Wedingstein, onde viveu Wittekind ou Witte, perto de Minden; na Suábia, à Floresta Negra, ou a Houburg, perto de Balingen; na Francónia, a Staffelstein, perto de Bamberg.

O local de reunião sueco chamava-se Blokula, e o da Noruega Blåkulla. As *streghe* napolitanas reuniam-se debaixo de uma nogueira em Benevento; o povo chama-lhe o casamento de Benevento. Precisamente nesse local erguia-se a árvore sagrada dos lombardos; e assim a feitiçaria depende claramente do culto pagão antigo. As montanhas de bruxas de Itália são o Bareo de Ferrara, o Paterno de Bolonha, Spirato della Mirandola, Tossale de Bérgamo. Em França, o Puy de Dôme, perto de Clermont, é famoso. As *hechizeras* espanholas dançavam no ermo perto de Burona, nas areias de Sevilha, nos campos de Cirniegolo. Uma parte dos Cárpatos, entre a Hungria e a Polónia, é chamada em polaco Babia Gora — a Montanha das Velhas.

As bruxas sucederam às deusas destronadas, e a maneira como isso aconteceu foi a seguinte: quando o povo passou para a nova fé, houve alguns que se atrasaram, e durante muito tempo se agarraram à crença antiga, continuando em segredo a praticar os seus ritos. Deste estado de coisas, a demonologia dos antigos misturou-se imperceptivelmente com o cristianismo, e da união de realidade e imaginação nasceu a representação dos voos nocturnos das bruxas, nos quais se perpetuaram todas as barbaridades do paganismo.

Quão próxima da Diana grega, ou da Herodias judaica, estava a Frau Holda — uma Abundia céltica, que depressa se transformou numa *Unhold*, ou coisa ímpia. Isto concorda curiosamente com a tradição de que o Hörselberg da Turíngia estava simultaneamente possuído por Holda e a sua hoste, e pelas bruxas. Kiesersberg faz as bruxas viajantes da noite dirigirem-se apenas ao Venusberg — Frau Venus

com o seu séquito — onde havia boa comida, dança e saltos. Estas mulheres nocturnas, mães brancas — *dominae nocturnae*; *bonnes dames*; *lamiae sive geniciales feminae* — eram originalmente mulheres demoníacas, feéricas, que apareciam em forma feminina e mostravam bondade para com os homens. Holda, Abundia, a quem estava sujeito um terço do mundo, conduzia as danças; e Grimm atribui as primeiras aparições das danças de bruxas aos saltos do fogo-fátuo, aos quais se pode juntar a sua derivação das danças pagãs de Maio.

Burchard von Worms, na sua coleção de decretos do início do século XI, dá o seguinte retrato vívido dessas reuniões:
"E se houver alguma mulher que diga de si que, transformada em semelhança de mulheres por meio da turba dos demónios, cavalga em certas noites sobre certos animais, e é contada na companhia dos demónios.

Algumas mulheres perversas, voltadas atrás de Satanás, seduzidas pelas ilusões dos demónios, acreditam que, em horas nocturnas, cavalgam com Diana, deusa dos pagãos, ou com Herodias e uma multidão inumerável de mulheres, sobre certos animais, e percorrem muitos espaços de terras no silêncio da noite profunda, obedecendo às suas ordens como a uma senhora, e sendo chamadas em certas noites ao seu serviço."

Aqui temos as mulheres nocturnas, boas e sociais servidoras, que iam com as bruxas nessas expedições, traziam boa sorte, realizavam vários pequenos serviços, examinavam o mobiliário da casa, abençoavam as crianças no berço; e, mesmo assim, esta superstição era totalmente pagã, pois o nome de Cristo não podia ser mencionado; não eram consideradas demoníacas.

Podemos citar o seguinte como uma das descrições mais completas das práticas nas assembleias de bruxas: o diabo aparece como um belo jovem, de penacho, e inclinado a galanteios. Quando já é tarde, as bruxas apercebem-se do pé de cavalo ou do pé de ganso. Ele obriga-as então a renunciar a Deus, batiza-as e dá-lhes um novo nome, ao mesmo tempo que oculta o seu próprio.

Por vezes surge como rato, corvo ou mosca, mas depressa assume forma humana. Depois de repetido comércio com ele, as bruxas recebem apenas pequenas dádivas em dinheiro, que na realidade não passam de imundície disfarçada. Ele designa certos dias em que devem visitá-lo, ou leva-as a festins nocturnos celebrados em

companhia de outros diabos e bruxas. Quando o diabo as vem buscar, senta-se à sua frente no cabo da vassoura, pá de lareira ou no que quer que seja em que montam. Ou vem num bode, no qual elas sobem; ou viajam em cavalos que brotam da terra. Encontram no lugar do encontro muitas bruxas, algumas já mortas há muito, outras damas de posição, mascaradas.

Os seus amantes, contudo, não passam de servidores do diabo principal, que, na forma de um bode com rosto de homem negro, se senta solenemente numa alta cadeira ou numa mesa de pedra no meio do círculo, onde todos lhe prestam homenagem com vénias e beijos. Ele também nomeia rainhas-bruxas. Velas negras, que ardem entre os cornos do bode, iluminam a refeição insatisfatória. Ali relatam os malefícios que cometeram, e resolvem novos. Se o diabo desaprova os seus feitos, castiga-as.

Depois da refeição, que nem satisfaz nem nutre, começa a dança. O músico senta-se numa árvore; o seu violino é uma cabeça de cavalo; a sua flauta, um cacete ou um rabo de gato; na dança giram ao contrário, e de manhã veem-se na relva as marcas entrecruzadas dos cascos de vacas e bodes. Terminada a dança, açoitam-se umas às outras com malhos ou cilindros de engomar; finalmente, queimam o grande bode até às cinzas, que são distribuídas entre as bruxas como meio de malefício.

Uma jovem bruxa não é logo admitida ao festim e à dança, mas é posta de lado para cuidar de sapos com uma varinha branca. O regresso a casa faz-se da mesma maneira que a ida. O marido, que todo o tempo tivera um pedaço de pau na cama em vez da esposa, nada sabe do caso. Os malefícios praticados pelas bruxas recaem sobretudo sobre o milho e o gado dos vizinhos. Ordenham vacas alheias sem delas se aproximarem.

Espetam uma faca num poste de carvalho, penduram-lhe um fio, e por ele corre o leite (ver o *Fausto* de Goethe, na adega de Auerbach); ou cravam um machado no umbral da porta e ordenham do cabo do machado. Bom leite transformam em azul ou ensanguentado; se agitam o leite este não produz manteiga, e por isso as bruxas são chamadas "ladrãs de leite". O leite enfeitiçado deve ser batido num pote, ou deve passar-se por ele uma foice, e cada pancada ou corte sente-se no corpo da bruxa.

Batendo com as suas vassouras ou ganchos, espalhando água ou seixos no ar, ou lançando areia em direção ao pôr-do-sol, podiam

provocar tempestades e granizo, derrubar o milho e os frutos dos vizinhos por terra, ou semear cinzas do diabo sobre os campos. Se atam juntas as pernas de um cavalo branco, conseguem curar ossos partidos de pessoas ausentes. Se, num casamento, voltam a chave de uma fechadura e lançam a fechadura à água — o que é chamado fazer uma *uet*, ou atar um nó de bruxa —, enquanto esse nó não for encontrado e desatado o casal ficará sem filhos.

Se as bruxas espetarem alfinetes em retratos ou bonecos, são capazes de matar pessoas. Diz-se que desenterram corpos de crianças do cemitério e cortam-lhes os dedos, que usam como instrumentos de feitiçaria. Os seus filhos com os diabos são criaturas feéricas, chamados elfos ou *Holden*. Estes são às vezes borboletas, às vezes abelhões, lagartas ou vermes. São chamados coisas boas ou más — *Holden* ou *Holdiken*.

Com eles prejudicam o gado; conjuram-nos para dentro do tronco de uma árvore; enterram-nos debaixo dos sabugueiros; e, à medida que as lagartas comem a folhagem da árvore, ficam aflitos os corações daqueles de quem as bruxas pensam. Não raramente o diabo aparece sob a forma de borboleta ou de víbora. Por vezes as bruxas oferecem-lhe gado preto; e por vezes também as suas próprias filhas ao nascerem.

Deliciam-se em encontrar-se nos cruzamentos de caminhos; conseguem entrar e sair das casas pelo buraco da fechadura. Quando há três velas num aposento, as bruxas têm poder. Odeiam o toque dos sinos. Quando levadas a tribunal, se conseguem tocar a terra desaparecem imediatamente. Não têm poder de verter uma lágrima e, quando lançadas à água, flutuam. "*Easdem praeterea non posse mergi ne vestro quidem degravatas*," Plínio, viii. 2. O diabo, diz-se, promete trazer-lhes uma barra de ferro para que possam afundar-se, mas traz-lhes apenas uma agulha. Se a bruxa consegue prender o olhar do juiz, este imediatamente sente compaixão e nunca a pode condenar.

É característico que todas as bruxas, apesar da sua arte e do poder do diabo, vivam na miséria e na mais profunda pobreza. Não se ouve de um só caso em que alguma se tenha enriquecido pela feitiçaria; e pela perda da felicidade celestial adquirem apenas o mínimo possível de gozo terreno. As bruxas fazem o mal sem colherem dele qualquer vantagem, e, no melhor dos casos, apenas sentem uma alegria maliciosa. O seu comércio com o diabo dá-lhes apenas meia-

satisfação — circunstância que ilumina toda a natureza da bruxaria, provando ser apenas obra da imaginação, e não uma realidade. É curioso que, num relato da Dalecárlia, o diabo não ocupava o assento principal nos banquetes das bruxas suecas, mas jazia debaixo da mesa, preso com uma corrente. As bruxas contavam muitas coisas acerca dessa corrente; como que, quando os elos se gastavam, então vinha um anjo e soldava-os de novo.

Na Baixa Alemanha, a madressilva é chamada *Albranke*, o laço de bruxa. Plantas rasteiras compridas e ramos emaranhados são chamados *witch-seapos*, e o povo acredita que um *Alp* ou bruxa acossada podia escapar por esses meios. A ideia da borboleta, como tantas outras, deriva da mitologia antiga, em que era feita emblema da alma. A fórmula que permitia a uma bruxa voar era geralmente: "Para cima e embora! Hei! bem alto, e em lado nenhum ficar!" Um feiticeiro do norte pegava numa pele de bode, enrolava-a à volta da cabeça, e dizia: "Que tenha pernas e seja mágica!"

O seu desgosto pelos sinos é também pagão. Chamam aos sinos sons de uivos. Provocar granizo e destruir colheitas deriva igualmente de fontes antigas. Assim como divindades benévolas abençoavam as searas, e como as Valquírias do ar espalhavam, das crinas dos seus cavalos, orvalhos benfazejos sobre os campos em baixo, assim também seres maliciosos e feiticeiros procuravam com o seu veneno destruir o milho. Nas Doze Tábuas dos Romanos decretava-se punição para aqueles "*qui fruges excantassit, sive alienum segetem perplexerit*." "*Rudis adhuc antiquitas credebat, et attrahi imbres cantibus et repelli*" (Séneca).

Nos séculos VIII e IX, porém, esta manipulação do tempo foi atribuída mais aos feiticeiros do que às bruxas. Os feiticeiros do norte procediam precisamente desta forma, sobretudo as mulheres dos finlandeses. Ogautan tinha um saco de ventos, e quando o agitava irrompiam tempestades e ventos, e para onde quer que voltasse a face soprava um bom vento. Há algo de belo na saga nórdica que diz que vinte e sete Valquírias cavalgam o ar, e quando sacodem as crinas dos seus cavalos sobre os vales profundos, o granizo cai sobre as árvores brilhantes — sinal de um bom ano. Assim, todos os dias cai o orvalho matinal sobre a terra, do freio espumoso do cavalo Krimfari.

Tácito mostrou o alto respeito em que os bosques e árvores eram tidos pelos germanos pagãos. Provavelmente bosques específicos e,

talvez, árvores particulares eram dedicados aos deuses. Tal bosque não podia ser entrado pelo povo comum; tal árvore não devia ser despojada das suas folhas ou ramos, e de modo nenhum podia ser cortada — "*Sacrum nemus, nemus castrum*," diz Tácito. Árvores particulares eram também dedicadas a certos elfos, espíritos da floresta e da casa. O povo, muito depois da sua conversão ao cristianismo, continuou a pendurar luzes sob certas árvores, e a levar pequenas oferendas, tal como ainda hoje são penduradas grinaldas, e se fazem danças debaixo dos seus ramos.

Isto foi chamado, nas proibições da Igreja, "*vota ad arbores facere aut ibi candelam seu quodlibet munus deferre; arborem colere prohibitum*." Os lombardos prestavam honras à chamada árvore do sangue. Entre os germanos, o carvalho era sagrado, e o sabugueiro também. Na Baixa Saxónia, o *Sambucus nigra* era chamado *Ellhorn*, ou chifre de elfo; e, por isso, o *Ellhorn* era sagrado para os nossos antepassados.

Grimm, no seu apêndice e também no texto da sua obra sobre mitologia, reuniu muitas das fórmulas das bruxas. A invocação à lua, a fórmula para afastar a morte e o inverno, etc. Por exemplo:

"Como Deus seja bem-vinda, doce lua,
Faz tu que o meu dinheiro cresça, e cedo."

Os elfos eram frequentemente invocados, mas por nomes cristãos, ou numa mistura deles. Diversas eram as maravilhas operadas pelo canto mágico. Homens eram mortos ou ressuscitados, tempestades evocadas ou acalmadas, doenças aliviadas ou provocadas, montanhas abertas ou fechadas, grilhões rompidos, espíritos malignos convocados: — "Com a ajuda de uma velha, o maligno era invocado." Chamavam-se os mortos das sepulturas. Espadas eram tornadas afiadas ou cegas por magia; flechas abençoadas; e, assim como fechaduras e portas se abriam diante dos espíritos, e as mulheres nocturnas passavam por portas fechadas, assim também fechadura e ferrolho cediam perante uma palavra mágica. Recém-casados eram enfeitiçados.

Amuletos protetores de estanho, vidro, madeira, ossos, ervas, prata e ouro eram pendurados ao pescoço contra as artes maliciosas das bruxas. Escritos secretos e runas eram também pendurados ao pescoço como proteção contra febre e peste, tanto para o gado como para os homens. "*Inscriptiones et ligaturae magicae artis insignia sunt, admoneant sacerdotes, non ligaturas ossium vel herbarum*

*cuiquam adhibitas prodesse, sed haec esse laqueos et insidias antiqui hostis*." As cores vivas destes amuletos lembram-nos o verso virgiliano: "*Terra tibi haec primum triplici deversa colore Licia circumdo*;" e "*Necte tribus nodis ternas, Amarylli, collares*."

O poder mágico das pedras era conhecido na Idade Média: ver *Liber Lapidum* de Marbodo (1123) e Alberto Magno. As pedras mágicas não caíam nas mãos das bruxas pobres, mas a sua principal força estava na recolha e fervura de ervas. As mais apreciadas para esse fim eram a raiz de betónia, a meimendro, a beladona, o orégão e o *anthirrhinum* ou flor-de-leão, o aro, a samambaia e a hera-terrestre. As flores do cuco eram colhidas a 1 de Maio nos prados. Diz-se que provar cerefólio faz ver a dobrar. A maçã-do-sono, uma espécie de excrescência musgosa na roseira-brava ou no espinheiro, colocada debaixo da almofada, não deixa ninguém acordar até ser retirada.

Na *Edda* chama-se-lhe Espinho-do-sono. Alguns confundem-no com a mandrágora ou *Alrann*, que é arrancada da terra com auxílio de um cão. A maçã-de-fel adivinatória do carvalho, o visco sagrado para os celtas, o zimbro e a verbena eram todos considerados mágicos. Muitas vezes ferviam-se várias ervas em conjunto, sete ou nove; três tipos de madeira faziam ferver a água enfeitiçada; e os unguentos de bruxa continham sete ervas.

Entre os meios de defesa contra a feitiçaria mencionámos o de evitar olhar diretamente para uma bruxa. Não se devia responder a uma bruxa; se se recebesse dela qualquer presente não se devia agradecer. Era costume cuspir três vezes diante da casa de uma bruxa. Pão, sal e carvão eram defesas contra a feitiçaria. O sinal da cruz põe em fuga demónios e bruxas; por isso, na noite de 1 de maio vêem-se tantas cruzes nas portas. O som dos sinos já referimos como odioso às bruxas.

## Superstições

Grimm, no apêndice da sua obra, reuniu uma grande multidão de práticas mágicas, opiniões e lendas de diferentes povos e tempos, sob o título de Superstição, das quais extraímos as seguintes.

Para descobrir acontecimentos futuros, colocava-se uma chave de porta dentro de uma Bíblia, ou um machado numa gamela de madeira, e punha-se em movimento enquanto eram nomeadas as pessoas suspeitas. Provavelmente as rodas da fortuna giratórias, que vadios andavam a exibir, tiveram aqui a sua origem. Como relíquia do *judicium casei* pode considerar-se o seguinte: fazia-se um

suspeito de furto comer de um queijo consagrado, que ficaria preso na garganta do culpado.

O sorteio era o modo mais respeitável e justo de adivinhação. Um assunto muito duvidoso elevava-se por este meio acima do capricho ou das paixões dos homens, e tornava-se sagrado; como na decisão de heranças, na escolha de vítimas para sacrifício, etc. O sorteio podia decidir a perplexidade do presente, e também estendia-se ao futuro.

Confiado primeiro às mãos do sacerdote ou dos juízes, tornou-se depois recurso de feitiçaria, e de *sors* vem *sortilegus*, feiticeiro. Havia dois modos: o sacerdote, ou o pai de família, lançava a sorte e mostrava como caíra, ou segurava os lotes para a parte interessada tirar. O primeiro relacionava-se com o futuro, o segundo com a ordenação do presente. Tácito descreve o primeiro modo.

Uma multidão de métodos de adivinhação entrou na Europa pelos gregos e romanos. Mas os costumes peculiares dos povos europeus, que não derivam dessas fontes, são os mais importantes. Os antigos polacos adivinhavam a vitória pela água, que, retirada num crivo e sem verter, era levada diante do exército. Segundo um relato, os normandos faziam avançar diante do seu exército um estandarte maravilhoso, do qual podiam prever vitória ou derrota. Já falámos de obter conhecimento do futuro pelo relinchar dos cavalos.

Os supersticiosos escutam, à meia-noite de Natal, nos cruzamentos e nos marcos de terra. Se imaginam ouvir o tinir de espadas e o relinchar de cavalos, eclodirá guerra na primavera seguinte. As donzelas escutam nessa altura à porta das cavalariças, e se ouvem o relinchar de um cavalo, aparecerá um amante antes de 24 de junho. Outras dormirão nas manjedouras para descobrir coisas futuras.

A adivinhação pelos ossos de ganso é semelhante: especialmente os ossos do peito de galos, gansos e patos. Se forem vermelhos, pressagiam frio contínuo; mas se forem brancos, claros e transparentes, o inverno será tolerável. Assim também com o ganso de São Martinho: "Boas velhas mães, consagro-vos o osso do peito, para que dele vos torneis profetisas do tempo. A parte dianteira junto ao pescoço indica o começo do inverno; a traseira o fim do inverno; o branco indica neve e tempo ameno, o outro grande frio."

Um zumbido nos ouvidos (*garrula auris, bombus*) no ouvido direito era afortunado — "*Absentes tinuitu annum praesentire de se reception est*," Plínio. Os tremores das sobrancelhas e das faces são

prognósticos. Se se encontra uma velha, uma mulher de cabelos soltos, ou, o que é o mesmo, com o cabelo atado de modo frouxo, é sinal de azar. Quem encontra uma velha de manhã cedo, quem é forçado a andar atrás de duas velhas, terá azar nesse dia. Se um caçador encontra uma velha de manhã, deita-se no chão e deixa que ela passe sobre ele, para evitar o mal. Segundo a superstição sueca, é azar encontrar qualquer mulher exceto uma cortesã, pois, segundo Crisóstomo, a *parthenos*, a infeliz, indicava *porne*, um dia feliz.

O que concorda com "Donzela e sacerdote são maus sinais; uma cortesã, bom sinal." Mas porque o encontro com um cego ou caolho, com um coxo ou um mendigo devia ser mau presságio, e um corcunda ou um leproso deviam ser bons, não é muito claro; nem porque um caminhante devia ser mais afortunado de encontrar do que um cavaleiro, ou porque um aguadeiro devia ser azarento. É mais compreensível porque nenhum homem permitiria que uma mulher lhe entregasse uma espada, e que o encontro de dois guerreiros predissesse vitória, segundo a *Edda*.

As premonições tiradas do encontro de animais têm a sua origem na vida dos caçadores e pastores. Fundam-se em aparências da natureza e nos relatos lendários dos movimentos das feras. Ainda mais delicados e completos eram os augúrios fundados no voo das aves. Gregos e romanos tinham levado este ramo da adivinhação à maior perfeição, e a prática e exemplos particulares dele ocorrem facilmente ao leitor.

Os antigos germanos eram igualmente dados a este género de adivinhação. "Que pássaro te sussurrou isso ao ouvido?" "Um passarinho disse-me isso" — tornaram-se expressões populares com esta origem. O grego moderno e as canções populares sérvias começam muito frequentemente com aves voadoras, aves que giram em todas as direções e conversam. Já falámos do canto profético do cuco. Pertence ao presságio de sucesso quando o viajante inesperadamente ouve a sua voz num bosque.

As aves cujos movimentos são proféticos são chamadas aves-do-caminho. Quão cedo estas superstições penetraram entre o povo germânico mostra-o o seguinte: Hermigisel, rei de Warnar, ao cavalgar pelos campos, viu uma ave pousada numa árvore e ouviu-a grasnar. Conhecedor da linguagem dos pássaros, disse aos seus seguidores que ela lhe predizia a morte dentro de catorze dias.

Formigas proféticas e enxames de abelhas dependurados em casas pressagiam fogo ou desgraça. O seu aparecimento no acampamento de Druso é facto histórico (Plínio, ii. 18). A escolha de dias particulares, ou a preferência por eles, prevaleceu entre os judeus, os gregos e provavelmente entre todas as nações pagãs. "*Nullus observet*," pregava Elígio, "que dia sai de casa, ou que dia regressa; ninguém atenda ao dia ou à lua para começar uma obra."

Os antigos germanos parecem ter considerado a quarta-feira e o sábado como sagrados para os seus deuses principais, Wotan e Donar. Pelo contrário, quarta-feira e sexta-feira são rejeitados como dias de bruxas. Segundo as perseguições de bruxas, o diabo aparece sobretudo ao sábado e à terça-feira; mas a segunda-feira também era tida como dia azarento para iniciar qualquer coisa nova. À terça-feira deviam cavalgar e casar-se. O domingo é um dia afortunado.

**Doenças**

A arte de curar entre os pagãos era metade sacerdotal, metade mágica. A experiência e uma instrução superior davam aos sacerdotes o conhecimento das virtudes curativas da natureza; e da santidade do seu ofício provinham sentenças de bênção cheias de influência curativa. Ao longo de toda a Idade Média vemos o clero, em especial, de posse dos remédios e do dom de os aplicar. Mas uma parte desse ensino pagão passou para os "homens e mulheres sabedores", que, pela retenção de costumes supersticiosos e abusos, deram efetivamente à feitiçaria a reputação de arte curativa. Tanto a bruxaria como a medicina ficaram a cargo das mulheres, e pelas mesmas razões.

Um médico era chamado, em gótico, Lekeis; em anglo-saxão, Læcn; em antigo nórdico, Læknir; em sueco, Läkare. O inglês Leech degradou-se a charlatão entre o campesinato, ou a médico de gado. Lachenhire, Lachenarinne, significam Feiticeiro e Feiticeira. Uma das Asinor escandinavas era tida como a mais experiente das curandeiras. Entre o povo ainda há velhas que praticam formas de invocação, carícias, aspersões e bênçãos. É notável que as fórmulas de cura só se digam eficazes de homens sobre mulheres, e de mulheres sobre homens. Há pastores que se diz possuírem uma faculdade preeminente para curar; e antigamente isto era também o caso entre vaqueiros e caçadores.

Semideusas, mulheres sábias, possuíam o poder de curar. Crescentia recebeu o dom de curar todas as doenças; segundo o antigo poema

francês (Moon, n. ii. 2, 71, 73), apenas a lepra. As rainhas da Antiguidade eram ditas ter o poder de curar certas doenças pelo toque. Em Bother, 32 f, 33 a, a rainha acariciava os coxos e os aleijados com uma pedra. Os reis de França e de Inglaterra eram tidos por possuir um poder semelhante. Se uma mulher tem sete filhos em sucessão, acredita-se que o sétimo, com um só golpe da mão, consegue curar todas as feridas. Segundo a parteira de Ettner, ele pode curar o bócio pelo toque.

O cristianismo considera a doença uma disposição de Deus; o paganismo tratava-a como obra dos espíritos, e era assim vista como algo feérico. Naturalmente, as doenças dos animais também eram efeito de espíritos. Na quarta fórmula, Stesso com os seus nove filhos é conjurado a sair da carne e pele do cavalo coxo. Diz-se que a hidrofobia provém de um verme sob a língua dos cães, e que o verme pode ser extraído. Uma doença dos cavalos é chamada o verme soprado, o que nos lembra o Hold soprado. Segundo a crença popular, uma bruxa pode conjurar o seu Hold ou Ell tanto para homens como para animais.

Entre a multidão de meios supersticiosos de cura, os seguintes são notáveis. Era costume antiquíssimo medir o doente, em parte para curar, em parte para saber se a doença aumentava ou diminuía; e encontramos em ambos os Livros dos Reis que Elias e Eliseu se deitaram sobre os corpos inanimados das crianças, e que por esse meio a vida lhes voltou.

A seguir à extração e aspersão da mulher sabedora vem a bênção do umbral da porta de uma casa com o golpe de um machado. Outro modo de cura consistia em fazer passar crianças ou gado através de uma cavidade escavada na terra, ou através da abertura de uma árvore fendida. Supunha-se que isto expulsava toda a feitiçaria, ou a aniquilava, ou curava de modo simpático. Se uma criança não aprendia de boa vontade a andar, fazia-se com que rastejasse pelas longas vergônteas da silva que se tinham inclinado até ao chão.

Ovelhas doentes eram passadas pela fenda de um carvalho jovem. Este escorregar pela fenda do carvalho, ou pela terra, parecia ter em vista transferir a doença para o génio da árvore ou da terra: mas não se relata quais doenças eram assim curadas. No século passado, o campesinato inglês curava hérnias deste modo. Doenças e remédios eram também enterrados na terra, e especialmente nos ninhos das formigas. A este método pertence a cura da epilepsia no século X por

meio de uma flor de pêssego enterrada, como Raticlério relata com incredulidade. Esta transferência da doença para a árvore, ou melhor, para o espírito que nela vivia, é curiosa. Entre as fórmulas de adjuração, encontramos o início assim: — "Ramo, eu te amarro; febre, agora deixa-me."

Westendorp relata a seguinte prática dos Países Baixos: — Quem tiver sezões, que vá cedo de manhã a um velho salgueiro, dê três nós num ramo, e diga: "Bom dia, velho! Dou-te o frio; bom dia, velho!" Deve então virar-se rapidamente e fugir o mais depressa que puder, sem olhar para trás. A gota deve ser passada a um velho pinheiro.

Um grande número de meios simpáticos tanto cura como causa mais males. Assim, a icterícia torna-se incurável se uma galinha de pernas amarelas voar sobre o paciente, mas cura-se olhando para a graxa negra das carroças. Esticar-se sobre um cântaro ou uma tigela provoca espasmos do coração. Torcer um salgueiro cura o torcicolo ou cortes no corpo.

Para curar o Fogo de Santo Antão deve-se lançar faíscas sobre ele. Parte-se um pão sobre a cabeça das crianças que aprendem a falar com dificuldade; um dente arrancado deve ser espetado na casca de uma árvore jovem. Há abundância de tais remédios contra soluços, dores de ouvido, dores de dentes, etc. Grandes virtudes são atribuídas a nascentes de água, especialmente às que foram benzidas por um santo.

**Superstição Simpática**

Quando as mulheres fervem fio, devem ao mesmo tempo dizer uma mentira, caso contrário não ficará branco.

Os pais não devem comprar chocalhos para os filhos, nem permitir que lhos deem, ou eles serão lentos a aprender e falarão com dificuldade.

Quando se tira palha de uma cama de casal para o ninho de uma galinha, deve tirar-se do lado do homem se se querem pintos machos, e do lado da mulher se se querem pintos fêmeas.

Não se deve de forma alguma pesar um berço vazio, ou pesar-se-á o repouso da criança.

As unhas das mãos de um bebé devem ser pela primeira vez mordidas pela mãe, ou ele aprenderá a roubar.

Se se deseja que uma criança viva cem anos, deve arranjar-se-lhe padrinhos de três paróquias diferentes.

Se se deixar uma criança olhar-se ao espelho antes de ter um ano, tornar-se-á vaidosa.

As crianças que choram no batismo morrerão cedo.

Que a mãe saia da igreja três domingos seguidos em silêncio, e sopre cada vez na boca do filho, e este criará dentes facilmente.

Que o pai, imediatamente após o batismo, ponha uma espada na mão da criança, e ela será valente.

Centáureas azuis colhidas no domingo do Corpo de Deus estancam hemorragias nasais se forem mantidas na mão até aquecerem.

Uma mulher pode curar a dor de ouvidos atando uma meia de homem à volta da cabeça.

Um sabugueiro plantado diante da porta do estábulo preserva o gado da feitiçaria.

Quem trouxer consigo a corda com que um curandeiro atou uma hérnia pode levantar o maior peso sem perigo.

Um pedaço de madeira de caixão desenterrado, posto numa couveira, defende-a das lagartas.

Não se deve inclinar sobre um berço onde dorme uma criança, nem este deve ser deixado aberto.

Lasquinhas de um carvalho fendido por raio curam a dor de dentes.

Quem for semear, que não ponha a semente sobre uma mesa, senão ela não crescerá.

Quem tiver soluços, que mergulhe uma faca nua num cântaro de cerveja, e beba dela um grande trago de uma vez.

Quem não conseguir dormir, seja criança ou adulto, que ponha debaixo da almofada um "sussurro calmante": isto é, palha que as trabalhadoras põem debaixo dos fardos que carregam às costas; mas deve ser tirada das pessoas sem que elas saibam.

Na fabricação da cerveja, ponha-se um molho de urtigas no barril; fica então a salvo contra o trovão.
Uma esposa que tenha constipação deve espirrar no sapato do marido.

Não é bom bater num animal com a vara que tenha servido para castigar uma criança.

Não se deve castigar nem homem nem animal com um pau descascado, pois tudo o que for batido com ele secará.

Se se colocarem os sapatos invertidos à cabeceira da cama, o pesadelo não pode oprimir-nos.

As velhas costumam cortar um torrão de um pé de comprimento, que o inimigo tenha pisado recentemente, e pendurá-lo na chaminé, e o inimigo definhará.

Quem tiver grande ansiedade, que toque o dedo grande do pé de um morto, e ficará logo livre dela.

Se alguém morrer em casa, devem agitar-se as colmeias, e o vinho e o vinagre, ou então as abelhas, o vinho e o vinagre estragar-se-ão todos.

O primeiro remédio que uma mulher de parto toma deve ser dado com a colher do marido; será então mais eficaz.

Durante as dores de parto, faz bem virar as chinelas do marido ao contrário.

Três grãos de sal numa medida de leite preservam-no da feitiçaria. Ninguém deve provar a primeira cerveja quente dada a uma mulher de parto; deve ser provada com o dedo, caso contrário a mulher terá cólicas.

Se uma criança tiver sarampo (*red-gum*), deve-se tirar um pedaço de madeira de uma roda de moinho, queimá-lo e defumar com ele as faixas da criança; depois lavá-la com a água que corre da roda. A madeira que sobra deve ser lançada em água corrente.

Nunca se deve desmamar uma criança enquanto as árvores estão em flor; caso contrário terá cabelos grisalhos.

Três botões atados juntos com um fio e colocados num caixão libertam das verrugas.

Se alguém sofreu uma ferida, deve ser lavado com água de ribeiro enquanto o sino dobra a finados.

Tanchagem colocada sob os pés remove o cansaço.
Quem trouxer consigo um coração de lobo não será devorado pelo lobo.

Para curar a fraqueza das crianças, deve-se recolher a urina num vaso onde se colocou o ovo de uma galinha preta, comprado sem ser tocado com a mão, e no qual se fizeram nove buracos. O vaso deve depois ser embrulhado em linho e colocado num formigueiro encontrado sem procura, e isso depois do pôr-do-sol. Quem encontrar este vaso deve ter cuidado de não o usar, caso contrário receberá a fraqueza ali enterrada.

Se uma criança cair em debilidade, ate-se-lhe ao pescoço um fio de seda vermelha; depois apanhe-se um rato, passe-se um fio da mesma seda através da pele pelas costas, e que se o deixe fugir. À medida que o rato definhar, a criança melhorará.

Quando uma velha benze e ora contra os espasmos do peito, sopra em cruz sobre a parte afetada, aplica-lhe uma cataplasma de sal e farinha de cevada, e pronuncia:

"Espasmo e dor, mando-vos ir; afastai-vos da costela, como Cristo do presépio."

Se o paciente for tomado de cãibras, deve estender-se debaixo de uma ameixeira e dizer:

"Trepa, planta, fica; ameixeira, oscila."

Há pessoas que, pelo murmúrio de uma fórmula, são capazes de deter um cavalo a galope, fazer calar um cão de guarda, estancar sangue e repelir fogo, de modo que se consuma a si mesmo.

Ao semear ervilhas, deve-se pôr na boca, antes do sol se pôr, algumas ervilhas, mantê-las em silêncio enquanto se semeiam as restantes, e isto preservará as plantas dos pardais.

O carvalho é árvore profética. Uma mosca na noz-de-galha pressagia guerra; uma larva, carestia; uma aranha, peste.

Um pedaço de carvalho esfregado em silêncio no corpo, no Dia de São João, antes do nascer do sol, cura todas as feridas abertas. Quem tiver verrugas deve apanhar um caracol grande e pregá-lo no umbral da porta; à medida que o caracol secar, também secará a verruga.

Um molho de tomilho bravo e orégãos colocado junto ao leite impede que este se estrague com o trovão.

Manchas na face curam-se tocando-as com a mão de um morto; mas a mão deve permanecer até aquecer.

A água da chuva que fica em cima de uma lápide tira as sardas.
Um cavalo pode ser manco se se cravar um prego na marca fresca do seu casco.

Se uma leoa quiser pôr ovos, deve fazer o ninho com palha tirada da cama do marido ou da mulher.

Quem tiver sezões deve ir, sem falar nem atravessar água, até um salgueiro velho, fazer-lhe uma fenda, soprar três vezes para dentro dela, fechá-la rapidamente e afastar-se sem olhar para trás, e as sezões desaparecerão.

Lírios-do-vale jovens, colhidos antes do nascer do sol e esfregados no rosto, tiram as sardas.

As mulheres penduram certa raiz nas vacas para afugentar moscardos e larvas, e têm crenças extraordinárias sobre isto.*

** O autor omitiu a prática bem conhecida na Idade Média de untar a espada que tinha ferido alguém, em vez da própria ferida. Desses costumes vem sem dúvida o provérbio de beber "um cabelo do cão que o mordeu"; isto é, na manhã seguinte tomar um trago da bebida que provocou a bebedeira. O costume corrente das crianças do campo, quando se picam em urtigas, de pegarem numa folha de doca e esfregarem o lugar, repetindo sempre — "Urtiga sai, doca entra" — é resto dessa superstição de curas simpáticas, e da pantomima de fórmulas durante o processo, sobretudo da crença de que se podiam transferir as doenças para árvores e plantas; como o exemplo já citado de dar a sezão a um velho salgueiro — "Bom dia, velho, etc."*

*O campesinato da Alemanha, particularmente nas regiões católicas, tem plena fé nestas superstições. O leitor pode encontrar numerosas fórmulas para tais curas num livro vendido em todas as feiras alemãs chamado Colomanen Büchlein. Este livro ensina que "Abracadabra", escrito numa tira de papel e guardado no bolso do colete, defende contra feridas e punhaladas, e também que, se a casa arder, basta lançar esse papel ao fogo para o extinguir. (Ver Hewitt, Rural and Social Life of Germany.) — Tradutor.*

Esses espasmos que se testemunharam tão frequentemente nos julgamentos de bruxas são em todos os aspetos muito semelhantes aos que as pessoas em geral sofrem; mais ainda, podem tornar-se epidémicos e contagiosos. Eram comuns entre os brâmanes e os proferidores de oráculos; no *Baile de São Vito* e na loucura; e as visões a eles ligadas moldavam-se segundo as circunstâncias

individuais e a atividade da imaginação. Há frequentemente um espasmo do peito ligado a um estado de clarividência, e daí surge o que se chama o *alp*, ou pesadelo. Algum tipo de besta, ou monstro, um gigante ou um *kobold*, vem e deita-se sobre o peito, onde a circulação pára e a ação dos músculos fica paralisada, de modo que o sofredor não pode mover um só membro.

Nos que são atacados pelo pesadelo, que muitas vezes ocorre na juventude devido a estômago demasiado cheio ou fraco, aparecem frequentemente ataques violentos de cãibras, e depois do ataque inchaços, ou manchas azuis, ou marcas de sangue em certos lugares. A congestão do sangue na parte, com a forte pressão espasmódica da mesma, causa uma sensação de angústia e uma dor que pode ser sentida muito tempo depois de o ataque e a visão a ele ligada terem desaparecido.

"Assim, alguém viu que um espírito o agarrava; e depois de este ter desaparecido, sentiu na parte em que fora agarrado uma dor forte durante vários dias. Noutras pessoas essa parte chegou mesmo a inchar. Não é de admirar que ninguém consiga persuadir tais pessoas a deixar de acreditar em aparições, já que não podem de outra forma explicar a dor fixa e o inchaço. A experiência mostra também que os homens, em grandes sustos, incham por todo o corpo. Nessas visões espectrais, o terror fixa a dor e o inchaço na parte em que o espectro pareceu agarrar."

Um clérigo católico muito ortodoxo, mas ao mesmo tempo muito esclarecido, L. Phil. Ed. Lillbopp, na sua obra sobre os Milagres do Cristianismo e a sua relação com o magnetismo animal, varre as trevas deste assunto e daquelas que prevaleceram nos tempos da bruxaria, com umas poucas penas da sua escrita, e deixa entrar a luz da razão e da experiência comprovada.

Outro fenómeno da magia era a insensibilidade a todos os estímulos externos, que às vezes se observava e era atribuída ao diabo. Já vimos que, no espasmo rígido, na loucura e nas convulsões, isso estava longe de ser raro, e não é difícil de conceber como a plena negação da polaridade externa dos sentidos. Em Paris, não há muitos anos, uma clarividente prescreveu, em sono, a amputação do próprio seio doente, e quando isto foi depois feito durante o seu sono magnético, ficou extremamente admirada de não ter percebido o mínimo.

Tal perda temporária de sensibilidade eu próprio testemunhei muitas vezes. Pouco depois de uma luxação da coxa, fui capaz de transportar em carruagem, por mais de noventa milhas em dois dias, durante a maior parte do tempo a dormir, a Srta. H—, adormecida magneticamente. Essa clarividente aplicou uma moxa ardente no peito e outra na anca de um paciente magnético durante o sono, e este nada sentiu. Nos tempos modernos, observou-se insensibilidade total à dor sob as mais violentas torturas; mas isto já não foi atribuído a agência sobrenatural, como antigamente.

Horst relata que um mercador chamado Löhning, da Silésia, sob o governo do Imperador Paulo, foi condenado a cento e cinquenta golpes severos de knut. Ao mesmo tempo, outro foi condenado a trinta, e um terceiro a cinquenta. Löhning viu o primeiro morrer diante de si, e o seguinte tombar. Quando chegou a sua vez, ficou imediatamente insensível a toda a sensação sob o golpe do knut.

Recebeu todo o número de golpes; ambas as narinas foram rasgadas, e a testa marcada; e no entanto Löhning, segundo a sua afirmação positiva, nada sentira de tudo isto. Heim, nos "Arquivos de Medicina Prática", relata muitos casos de perda temporária de consciência e de sensibilidade em indivíduos de outra forma saudáveis. Entre outros, um soldado recebeu cinquenta golpes de um bastão por parte de um oficial subalterno, que suportou sem sinal de dor e sem se mover.

Depois do castigo, disse ao comandante que pedia desculpa por ter adormecido na sua presença. Horst relata um caso semelhante, ainda mais impressionante. Houve homens capazes de lançar-se voluntariamente num estado de catalepsia e de insensibilidade externa; por exemplo, o célebre Cardanus. Muitos factos perfeitamente credíveis são relatados dos santos, especialmente quando na fogueira.

Santo Agostinho relata (*De civitate Dei*, l. xiv. c. 24): havia um sacerdote, de nome Restitutus, em Calama, que, quando lhe apetecia, imitava um tom de dor e assim se retirava dos sentidos, ficando como morto, de modo que não sentia beliscões nem picadas; chegou até a ser queimado com fogo sem qualquer sensação ou ferida consequente. Não se observava respiração nele; e ele próprio declarava que apenas ouvia as vozes mais fortes como se viessem de longe. Quando, no ano de 1461, os hussitas caíram sob grande perseguição, um homem muito piedoso de alta condição em Praga foi posto no potro. Assim que foi amarrado no instrumento, ficou

insensível a toda a dor e como morto, de modo que o carrasco, crendo-o tal, o lançou de lado no chão.

Depois de algum tempo, voltando a si, admirou-se de sentir tão doloridos os flancos, as mãos e os pés; e só quando notou os vergões, as marcas de facadas, as bolhas de sangue no corpo, e viu os instrumentos da execução, é que percebeu o que lhe acontecera. Contou então um belo sonho que tivera durante o tormento. Fora conduzido a um prado encantador, no meio do qual havia uma árvore com abundância de esplêndidos frutos.

Nessa árvore havia uma variedade de aves; e via-se um jovem que as mantinha em ordem com uma vara, para que nenhuma ousasse voar. Viu também três homens que olhavam para essa árvore; e foi muito notável que, no ano seguinte, três homens, que se pareciam com esses vistos na visão, foram promovidos a príncipes da Igreja."

Quanto às coisas e instrumentos que surgem de várias partes dos corpos das bruxas, também nos nossos tempos houve fenómenos semelhantes. Mas o embuste nestes casos recentes foi demasiado evidente para exigir qualquer intervenção sobrenatural na sua explicação.

Estas coisas, apesar das aparências ou de quaisquer presumidos atos do diabo, nem cresceram no corpo, nem foram nele introduzidas por milagre. Saltimbancos engolem pedras e vidro, facas e garfos, e deitam-nos fora a seu bel-prazer, como fez há pouco tempo um na América, para espanto de todos os que o viram, mas que acabou por morrer disso, e foi encontrado com um monte de tais coisas no estômago.

Na loucura e nos espasmos, as pessoas engolem frequentemente tudo o que lhes cai nas mãos; outros engolem alfinetes e agulhas, e provavelmente espetavam-nos na própria carne; e acontece, com frequência nada rara, que o doente, para atrair piedade ou atenção dos outros, desempenhe um papel heroico, e afete grande virtude em dores e sofrimentos, em fraquezas e tormentos.

Este *errare humanum*, ou mania, pode ser efeito de capricho; mas pode às vezes ser, como ensina a história, consequência de impostura egoísta. Projetos inteiramente impuros escondem-se frequentemente sob o véu, e os alfinetes e agulhas são muitas vezes o meio muito natural de produzir inchaços. Um médico célebre e circunspecto, há alguns anos em Copenhaga, viu durante muito tempo sair um número de agulhas do corpo de uma paciente, e até

ajudou a extraí-las, até perceber o embuste, não por observação atenta, mas meramente por acaso. São precisamente agulhas e alfinetes que sempre causaram tal espanto.

Wier relata, com autoridade de J. Rufus, que uma donzela possessa em Constança, depois de violentas dores nos intestinos, expeliu um número de tais coisas: *"Famulum cujusdam civis a daemone compressam, eique tandem per poenitentiam valedixisse, ac postea tantos in utero sensisse cruciatus, ut in singulas fere horas infantem se crederet exituram: inde clavos ferreos, ligna, vitra compacta, lapides, ossa et hujusmodi ex matrice excrevisse."*

As pessoas encontravam pouca feitiçaria nos cabelos, nas cascas de ovos, no fio, até mesmo no vidro e nas pedras, que apareciam por vias desconhecidas. O diabo parece ter alcançado melhor o seu objetivo com os alfinetes e agulhas. Em suma, estas coisas, nas mulheres, são difíceis de investigar até ao fundo, mas com alfinetes e agulhas estão completamente à vontade. Mesmo nos tempos da bruxaria, encontramos estas coisas explicadas de modo semelhante, como mostra uma passagem de Horst: — *"Instructio pro formandis processibus in causis strigum, sortilegiorum et maleficiorum, Romae, 1671."*

Aí se diz: — *"Et adeo si perquirentur singulorum lecti, praecipue ex pluma confecti, nec mirum quod quandoque reperiantur acus, nam ubi sunt mulieres, acus ubique abundant et facile est, quod per accidens spatio alicujus temporis multae acus in praedictis mobilibus introcludantur. Neque forsan ab re est considerare, daemonem aliquando talia supponere potuisse absque partitione, ut inde credantur maleficium commissum et sic aliqua persona indebite damnum patiatur, quemadmodum videmus in actu exorcismi nonnullorum obsessorum, qui videntur evomere acus, clavos et diversa involucra, quae tamen impossibile est obsessos in corpore habere, prout non habent, etc. Ex quibus patet quam circumspectus esse debet judex circa hujusmodi reperta, cum de facili vel potuerint supponi, vel esse naturalia, vel* [acrescenta em favor do seu tempo] *facta opera daemonis sive alicujus ministerio."*

Na Idade Média havia outros fenómenos aparentados, que tinham a sua base no fanatismo religioso. A estes pertencem os êxtases e as convulsões no adro da igreja de *São Medardo em Paris*, onde, junto do túmulo do Diácono de Paris, as pessoas tinham convulsões e visões violentíssimas, que em tudo se pareciam às possessões dos

tempos antigos. Diz-se que continuavam perfeitamente insensíveis e ilesas a golpes e estocadas com varas pontiagudas e barras de ferro, e até ao peso esmagador de enormes cargas que lhes eram lançadas em cima. Também aí abundava a comunicação de espíritos e de visões.

Os profetas frígios e os montanistas exibiam muitos fenómenos semelhantes a estas convulsões, aos quais nem Ireneu nem Tertuliano tiveram nada a opor. Mas nunca as convulsões e a exaltação foram mais horríveis do que entre os *Flagelantes*, e na *mania dançante*, doença da Idade Média que Hecker descreve. (Ver *A Mania da Dança; uma Doença Popular*, 1832.)

A sociedade dos Flagelantes apareceu em Itália no século XIII. A doença atacou primeiro os habitantes de Perúgia, e por fim quase todo o povo de Itália. Depois de crimes e abominações terem manchado a Itália, caiu sobre eles grande arrependimento e temor de Cristo; e nobres e plebeus, jovens e velhos, até crianças de cinco anos, corriam pelas ruas nus com chicotes e correias de couro, com que, entre suspiros e lágrimas, se flagelavam nos ombros até o sangue correr, clamando por misericórdia. Também de noite percorriam as ruas, por vezes dez mil de cada vez, com tochas, com sacerdotes e estandartes.

Este frenesi, porém, tornou-se ainda mais vasto em meados do século XIV, por causa da Peste Negra. Os açoites dos Irmãos da Cruz na Vestfália eram paus com correias soltas, nas extremidades das quais pendiam pontas de ferro, com as quais se castigavam até que os corpos ficavam verdes e azuis. Em 1374 viram-se em Aix-la-Chapelle bandos de homens e mulheres, vindos da Alemanha, que, de mãos dadas e em estado de completa demência, dançavam furiosamente durante horas inteiras, até caírem exaustos. Depois queixavam-se de grande opressão e gemiam, até que as pessoas apertavam as suas cinturas, batendo-lhes com os punhos e pisando-os.

Alguns diziam ver nos seus transes o céu abrir-se; seguiam-se então espasmos, convulsões epiléticas e medonhas torções dos membros; e os que estavam presentes eram contagiados, de modo que se viam irresistivelmente obrigados a juntar-se. Durante duzentos anos continuaram exemplos destas danças. A história da *dança de São Vito* e da sua contagiosidade é mais conhecida.

Tholuck dá os seguintes factos acerca da seita dos *Jumpers* ou *Saltadores*, que surgiu na América em 1760. (Ver *Escritos Diversos* de Tholuck, t. I, p. 91.) "O seu culto divino era acompanhado dos gestos mais extraordinariamente convulsivos; e ainda hoje, nas assembleias religiosas dos metodistas na América, realizadas ao ar livre, os chamados *camp-meetings*, as convulsões e espasmos violentos, conhecidos como *jerkings*, não são nada raros.

O notável acesso epidémico de riso também pertence a este género, o qual às vezes os ataca nos seus cultos públicos. Mulheres têm sido conhecidas por rir dois dias seguidos, e por ficarem tão atacadas pelo diabo que não conseguiam resistir. Wesley, o seu fundador, foi acometido por esta epidemia do riso, num domingo catorze anos antes, quando passeava com o irmão num prado, enquanto cantavam hinos religiosos. Apesar dos esforços, nenhum dos dois conseguia parar, e foram obrigados a voltar para casa.

A pobre L. causou uma sensação particularmente grande; e sabiam bem que ela não fingia. Nunca, dizia ele, vira alguém tão terrivelmente arrastado para cá e para lá pelo maligno. Ora ria alto, quase sufocando; ora prorrompia em maldições e blasfémias contra o nome de Deus; depois batia no chão com tanta força extraordinária que quatro ou cinco pessoas não a conseguiam segurar. Estava como possessa. Por fim, com voz fraca, chamou Cristo em seu auxílio, e a violência do paroxismo cessou. Como estes paroxismos se exprimiam em riso, consideravam-nos obra do diabo."

Do mesmo género foram esses acontecimentos mágicos entre as crianças nos orfanatos de Amesterdão e de Hoorn, que se podem comparar perfeitamente com o efeito sobre as crianças em Mora. O historiador neerlandês P. C. Hooft relata que, no ano de 1566, as crianças dos orfanatos de Amesterdão foram tão horrivelmente atormentadas que era o bastante para pôr os cabelos em pé a qualquer um.

Muitas crianças possuídas por demónios foram não só atormentadas de tal forma que, mesmo depois da libertação, os efeitos continuavam a persegui-las pela vida fora, mas também trepavam como gatos pelas paredes e pelos telhados, e faziam caretas tão horríveis que até os homens mais corajosos se aterravam. Falavam línguas estrangeiras, e relatavam coisas que aconteciam ao mesmo tempo noutros lugares, até nos tribunais de justiça. Faziam movimentos tão extraordinários, sobretudo diante das casas de

certas mulheres, que se levantou grande clamor contra essas mulheres como bruxas.

No orfanato de Hoorn, segundo Franz Kniper, na sua obra sobre os Demónios, ocorreram no mesmo ano que os estranhos eventos de Mora as seguintes circunstâncias. Em 1670, um grande número de órfãos de ambos os sexos, mas na maioria da classe sem instrução, foram acometidos de uma enfermidade para a qual vários médicos não encontraram cura. As crianças caíam de repente, e perdiam toda a consciência. Eram horrivelmente sacudidas e retorcidas. Batiam os pés, golpeavam com os braços e a cabeça contra o chão, rangiam os dentes, uivavam e ladravam como cães.

Os estômagos de alguns subiam e desciam com tanta violência como se tivessem um ser vivo dentro deles. Quando jaziam quietos, estavam imóveis como paus, e podiam ser carregados sem que os membros se movessem; nesse estado ficavam por horas. Os paroxismos contagiavam outras crianças quando as viam, ou apenas ao ouvirem os seus uivos; e caíam nessa condição quase sempre durante os ofícios religiosos, diante do pregador ou nas horas de oração.

Quanto mais se orava a Deus por auxílio, tanto piores se tornavam os paroxismos. Nos tempos de jejum estas crianças eram as mais desordeiras e, no entanto, as mais livres destes ataques, porque tinham liberdade e prazer; e isto, por isso, era tido como diabólico. Quando, enfim, as crianças foram retiradas do orfanato e recebidas nas famílias dos cidadãos, melhoraram rapidamente.

As mesmas circunstâncias ocorreram entre as raparigas da escola feminina de Antoinette Bourignon, em Bvssel, de 1640 a 1650, mais de cinquenta das quais, com o tempo, confessaram poder enfeitiçar pessoas; a primeira, que tinha sido encerrada por alguma falta, encontrou maneira de escapar e declarou, em interrogatório, que fora o diabo quem a libertara.

Vimos como os dons naturais de adivinhação despertaram entre os homens, e se difundiram por simpatia. Vimo-lo entre os índios; entre os profetas da escola de Samuel e os israelitas; entre os Coribantes gregos; entre os druidas escandinavos e germânicos; no *Taigheirm*; e nas danças inspiradas dos xamãs, bem como entre as bruxas da Idade Média.

Agora surge outro género de fenómenos visionários entre os fanáticos religiosos, dos quais a chamada Sociedade Filadélfica, fundada por

Pordage, apresentou os mais extraordinários exemplos. Todos os membros da sociedade tinham revelações e impressões semelhantes dos sentidos, de modo que as suas visões, como que trabalhando de dentro para fora, pelo contágio dos sentidos internos sobre os externos, excitavam o assombro de todos — os crentes atribuindo tudo ao poder dos espíritos, e os descrentes ao efeito de uma imaginação perturbada, ou a fraude; mas nós, instruídos pelo magnetismo, aprendemos a reconhecê-los como realidades fisiológicas e a explicar as causas da sua produção.

Se nos fenómenos precedentes se supunha o profético-demoníaco, sob a guia do diabo, desempenhar um papel desmoralizador em meio dos mais horríveis tormentos do corpo e da confusão da alma, outros vieram depois unir a ideia da magia branca à fé religiosa no divino e no seu poder miraculoso. Esta magia branca ou natural não consiste na fé do feiticeiro em conjuração demoníaca — *"ars subtilis nullis ceremoniis et conjurationibus contaminata"* — mas assenta, segundo Paracelso, no conhecimento das forças naturais, na força miraculosa da imaginação através da fé. "Pela fé, os homens podem realizar o incrível por meio da imaginação, até atrair a força das influências dos astros; e se o comando se junta à fé, o espírito mágica-divino em nós possui uma esfera de acção sobre-humana, que se estende tão longe quanto os nossos pensamentos, a nossa imaginação e a nossa fé."

A esta magia branca pertence o poder de operar milagres, de perceber e usar as "assinaturas" das coisas naturais, de predizer o futuro, e de unir plenamente o espírito a Deus pelo amor, tornando-se assim participante imediato do ser e da obra de Deus. Assim diz Campanella (*De sensu rerum*, c. 1 e 2.): — "Aquele que exercita devidamente a magia natural com piedade e reverência pelo Criador, merece muitas vezes ser escolhido para a sobrenatural, e participar com os seres superiores; mas os que abusam em malefícios e venenos, merecem ser ludibriados pelo demónio e arrastados à perdição. A fé é necessária, bem como a pureza do coração, não histórica mas intrínseca, que nos torne unânimes com Deus."

É, todavia, difícil atingir esta bela ideia de magia em grau supremo, pois para tal é requerida uma santidade genuína; e mesmo onde espíritos piedosos a procuram com sinceridade, facilmente se extraviam pelo florido campo da Teosofia, e daí se perdem nas trevas fanáticas dos adeptos espirituais, em quem a atividade livre do espírito coopera menos pelo esforço do que pela fé piedosa numa

submissão passiva, esperando inspiração imediata como dom da graça divina, sem mérito nosso.

Devemos aqui lançar um rápido olhar sobre exemplos deste género, tirados das biografias de teósofos espiritualmente aparentados do século XVII, e especialmente de Pordage, Bromley, Antoinette Bourignon, Jane Lead, Poiret, Swedenborg, etc. Em todos eles a magia, no seu melhor sentido, desempenha o papel principal; mas sutilezas teosóficas unilaterais e um fanatismo da imaginação quanto ao esclarecimento interior, à adivinhação e ao trato com espíritos também têm larga parte.

Pordage foi um pregador inglês do tempo de Cromwell; afastado pelo Protector do seu benefício eclesiástico, tornou-se médico estimado. Na sua obra principal, *A Verdadeira Metafísica Divina*, Pordage coloca o poder da palavra, aliado à visão interior e à recta intenção, acima de tudo. Quem sabe tornar-se senhor da verdadeira palavra, e usá-la com as melhores intenções, pode produzir efeitos mágicos; pois pela visão interior o homem toma conhecimento de coisas distantes e futuras.

Pordage, com estas peculiaridades, visões e trato com espíritos, chegou até a combater com um gigante que trazia uma árvore arrancada ao ombro e uma espada monstruosa na mão. Noutra ocasião apareceu-lhe um dragão alado que ocupava metade do quarto, e que lhe vomitou fogo em cima, de tal modo que caiu em desmaio. Estava habituado a tais aparições, sobretudo de noite, e os espíritos entravam e saíam do seu quarto; e, segundo assegurava, a sua mulher via muitas vezes os espíritos tal como ele.

Por essa batalha com o gigante, Pordage não entende um gigante real, mas espiritual ou mágico, pois um espírito tem poder para agir sobre outro. Há uma influência real, embora inexplicável, que um espírito pode exercer sobre outro; e a influência dos espíritos pode estender-se à distância, de modo que um homem, pela imaginação e pelo desejo ardente, pode operar o bem ou o mal.

Em 1651, Pordage fundou, com amigos de ideias semelhantes, a chamada Sociedade Filadélfica, à qual pertenceram depois uns vinte membros; entre eles Jane Lead, Thomas Bromley, Edward Hooker, etc. Esta sociedade cresceu até cem membros, sendo chamados os Irmãos Angélicos. Pouco depois da fundação, todos os membros caíram de súbito em êxtase numa das reuniões, no qual primeiro tiveram visões do mundo das trevas nas formas mais horríveis, mas

logo depois, para consolação dos seus espíritos, outras do mundo dos anjos. Estes transportes sucediam diariamente, durante quase um mês, geralmente nas reuniões diurnas, mas também à noite. As primeiras visões, do mundo das trevas, passavam diante dos olhos com grande pompa. As carruagens eram puxadas por bestas — dragões, ursos, tigres, etc.

Os espíritos infelizes apareciam também em forma humana, mas deformada; uns com orelhas de gato, outros com garras, ou com olhos de fogo, grandes dentes e bocas tortas. Via espíritos passar em bandos ordenados em dias claros diante das suas janelas; outros atravessavam o vidro para dentro da sala. Ele via estas e outras aparições, como dizia, "pela visão exterior com o olho interior. Pois quando fechávamos os olhos, víamos tão bem como quando estavam abertos. Assim víamos tudo, tanto interiormente com os olhos da mente, como exteriormente com os olhos do corpo."

E acrescenta a verdadeira explicação: "O verdadeiro fundamento desta visão estava na abertura do olho interior da mente; e daí prosseguia mais além, de modo mágico, do interior através do órgão exterior, pela íntima união da visão interna e externa."

Os espíritos malignos, como os anjos, estão em toda a parte, no ar e na terra, e não podem ser excluídos. "Vimo-los ao ar livre, e vimo-los passar por portas e janelas fechadas, sem partir os vidros, e em plena luz do dia. Os espíritos podem transformar-se, a seu bel-prazer, em formas gigantescas ou em feras furiosas, como ursos, leões, tigres e serpentes."

Daqui aprendemos que os espíritos maus, assim como os bons, não podem ser excluídos de nenhum lugar, pois nós vimo-los, diz ele, com toda a sua pompa e aparato, passar como nuvens no ar, e num instante atravessaram as janelas para dentro do quarto. Além disso, os órgãos do olfato foram afetados; e assim os espíritos malignos mantiveram durante três semanas, em que lhes apareciam, um cheiro pernicioso e abominável, que os atingia fortemente através da imaginação."

Foram também perseguidos por um gosto detestável; pois, quer a sós, quer em companhia uns dos outros, tinham um intolerável gosto diabólico de enxofre, fuligem e sal, tudo misturado, que lhes teria causado não apenas grande repulsa, mas horror e doença, se a mão invisível de Deus não os tivesse sustentado. Sentiam-se durante esse tempo extremamente mal, tanto no corpo como no espírito; e tinham

consciência de estranhas feridas, golpes e pragas mágicas, tais que ninguém pode descrever senão quem foi provado como Jó, etc. Os demónios, diz Pordage, desenharam finalmente toda a espécie de figuras nas janelas e também nas telhas da casa, que não conseguiam apagar; como os dois hemisférios do globo, carruagens cheias de homens puxadas por quatro cavalos, e cujas imagens pareciam estar sempre em movimento.

A este grupo de visionários entusiastas pertenciam particularmente Thomas Bromley, Madame Antoinette Bourignon e Jane Lead. Ambas as senhoras, pelas suas capacidades intelectuais e pelas suas numerosas obras, deixaram uma fama extensa e um interesse duradouro; pelo que lhes devemos prestar alguma atenção.

Antoinette Bourignon nasceu em Ryssel, na Flandres, em 1616, onde fundou a já mencionada escola para meninas, e procurou educar as crianças a seu cargo mais para o céu do que para a terra; mas não teve êxito. Pois as crianças preferiam permanecer na terra, e assim não conseguiam acompanhar o voo espiritual da sua mestra até ao céu; chegavam apenas, no máximo, à região do ar, e depois caíam, pela falta de alimento corporal, na companhia dos feiticeiros que então infestavam o mundo em todas as direções.

Madame Bourignon foi apoiada pelos piedosos nesses esforços através de exercícios espirituais, mas pelos trocistas foi declarada louca. Acabou por ser obrigada a abandonar a escola e, depois de ter sofrido duras provações do reino de Satanás, que apresentara sob muitas formas estranhas nos seus escritos, salvou-se pela fuga. Desde a infância amara uma vida quieta e retirada, exercitada em práticas piedosas; tinha uma clara inclinação para a vida conventual, que os pais não lhe permitiram satisfazer.

Como não podia atingir o objeto do seu desejo, transformou o seu quarto numa cela, onde tinha um belo crucifixo, e passava a maior parte das noites de joelhos em oração. Durante tais exercícios devocionais teve frequentemente aparições que lhe indicavam a vocação para uma vida solitária e celibatária. Como, porém, durante a vida dos pais, não pôde realizar o seu desejo de se retirar para o deserto com o hábito de eremita, após a morte deles, por meio de um tal Saulieu, foi-lhe estabelecida essa escola de meninas. Depois de ele ter fundado uma escola semelhante para rapazes, que encontrou pouco apoio, fez-lhe uma proposta de casamento. A

piedosa Bourignon rejeitou tal proposta com horror, e as aparições de bruxas na sua escola foram atribuídas ao Saulieu desiludido.

Bourignon foi então viver para Gante, na Bélgica, e depois para Hamburgo, onde prosseguiu as suas práticas ascéticas com outros de igual espírito, mantendo as suas ideias mânticas e gnósticas; e pelos seus numerosos escritos suscitou muitas controvérsias teológicas, em que contou com homens muito célebres como seus apoiantes; entre outros, Johann Swammerdam, que nos seus últimos anos submeteu todos os seus escritos à sua inspeção e julgamento.

Ela própria publicou a sua autobiografia: *La vie interieure et exterieure de B., par elle-même*. Poiret reeditou esta juntamente com o resto das suas obras, como *La dernière miséricorde de Dieu; la lumière née en ténèbres; le nouveau ciel et la nouvelle terre*, etc. Finalmente, a sua vida foi publicada em Leipzig, em 1809, no *Panteão das Mulheres Célebres*.

Jane Lead, de uma família nobre de Norfolk, recebera uma educação cuidada, mas revelou desde jovem paixão pela solidão. Após a morte do marido, com quem vivera vinte e sete anos, teve a sua primeira aparição, que, segundo ela própria relata, deu mostras de grande excitação. A partir de então retirou-se de todos os assuntos domésticos, viveu quase isolada e, como membro da Sociedade Filadélfica, teve aquelas aparições de espíritos que provêm da luz de Cristo, o esposo espiritual, e da Sofia em Deus, e da força mágica dos que renascem.

Essa força é comparável a um sopro criador ou a uma chama vivificante, como ela exprime, e que se propaga como uma raiz espiritual que se apodera de outros, e assim se estende cada vez mais. Quem a possui é capaz, por meio dela, de dominar toda a natureza — plantas, animais e o reino mineral — e, quando muita magia opera através de um só órgão, pode moldar toda a natureza em paraíso. Publicou um grande número de obras, como *Clouds*, *The Revelation of Revelations*, *The Laws of Paradise*, *The Wonders of the Creation of God*, *An Embassy to the Philadelphian Society*. Todas estas apareceram na década de 1690 em Amesterdão. Os seus escritos estão reunidos em *Jager's Acta Laediana*, Tübingen, 1712.

Durante a Guerra dos Trinta Anos, Anna M. Fiescher, de Friburgo, de quem Andreas Moller fala longamente na sua história dessa cidade, causou grande sensação na Alemanha. Já anteriormente relatara visões e revelações semelhantes, mas era mais entusiasta do que as

já mencionadas, e sofria de epilepsia e terríveis convulsões, de modo que nos seus paroxismos era arremessada de um lado para o outro como pelo poder do diabo; chegou até a ser erguida três côvados no ar. Subia a pedras e telhados altos, e punha-se nos maiores perigos enquanto cantava cânticos sagrados. Nos seus transportes, via um jovem resplandecente, que lhe trazia as revelações e a exortava ao bem; mas também o diabo lhe aparecia com toda a espécie de tentações e tormentos, de modo que o seu corpo e os seus membros eram deslocados, e depois dos ataques eram novamente recolocados pelo jovem.

Moller afirma que as luxações, agitações e recomposições dos seus membros se davam como se fossem feitas por um cirurgião, o que foi testemunhado por mim próprio e por dois médicos desta cidade, assim como por muitas outras pessoas. Fraulein R. teve de facto uma luxação da anca, que magnetizei e repus em sono magnético, mas ela não teve visões.

Nunca apareceram tantos entusiastas, visionários e profetas como na primeira metade do século XVII, e durante a Guerra dos Trinta Anos, quando todas as sortes de tribulações, tristeza e sofrimento, fome e peste, cobriam a Alemanha. O terror e a desgraça, a expectativa e a ânsia de liberdade, excitavam de tal modo os espíritos dos partidários religiosos desse tempo, que zelo religioso e fé heroica, assim como fanatismo e arroubos fantásticos, eram a ordem do dia. Um grande número de pessoas poderia, portanto, ser acrescentado a estes exemplos, que em forma e substância lhes correspondiam exatamente.

A maioria delas estava doente no corpo e no espírito, e por isso as suas visões pertencem menos à categoria das imagens religiosas da imaginação. Assim, Christiana Poniatowszsch, filha de um pastor protestante, pelas suas visões e profecias na Boémia e na Alemanha, despertou grande atenção. Tinha, de dia e de noite, de olhos abertos e fechados, visões de toda a espécie, transportes e comunhão com espíritos, como Swedenborg; mas juntamente com os transportes tinha ao mesmo tempo os mais horríveis espasmos, até que finalmente caiu em desmaio, e os espasmos e as visões a abandonaram para sempre.

Não apenas estes êxtases religiosos, mas também outros, e até filósofos sóbrios dos séculos XVI e XVII, atribuíam à imaginação um poder elevadíssimo; sim, não raras vezes ao lado de exageros

entusiásticos, de tal modo que um pai disse à sua filha extática Seraphine, e com grande verdade: — "Não sabes, querida filha, que terrível criatura o homem transporta consigo na sua própria imaginação. A Seraphine não será a última vítima desta assassina."

Muitos dos escritores filosóficos desse século discorreram largamente sobre a natureza do poder imaginativo, o que mostra que tinham uma conceção mais profunda dele do que a que existe no presente, quando a imaginação é considerada como uma forma totalmente fugaz e informe de representação, um sopro que passa. Os mais eminentes destes filósofos são Paracelso, Van Helmont, Campanella, Poiret, etc.

Poiret, no seu Divine Housekeeping, concorda inteiramente com Pordage que o espírito, a imaginação criadora, não percebe as coisas senão por meio de uma infusão de si mesma nelas, ou por uma projeção da sua própria luz sobre elas, pela qual se torna, até certo ponto, presente aos objetos externos. Assim, por exemplo, a comunicação divina de uma revelação dá-se através de uma iluminação imediata da alma humana, e assim Deus se torna presente entre os homens.

Esta revelação não pode ter lugar numa alma que não seja imagem de Deus, que não seja de natureza divina. Mas o homem possui o mesmo poder criador, embora em grau menor e de qualidade menos nobre, na sua razão e imaginação. Assim como Deus criou o mundo real através da irradiação da sua imaginação e da sua vontade, assim conferiu Ele ao homem a imaginação, pela ajuda da qual ele pode representar as coisas a si próprio. Não lhe deu, de facto, o poder criador do espírito para fazer surgir coisas materiais, mas deu-lhe a imaginação, igualmente ativa e, num certo sentido, não menos poderosa, pela qual podia originalmente lidar com objetos físicos como lida com as imagens da sua própria imaginação.

Assim, por exemplo, através da imaginação, podia operar sobre um animal, pela sua vontade, que via ao longe, de modo que este se aproximasse dele, e desta maneira podia dominar coisas ausentes assim como agora domina as presentes. Originalmente o homem podia, por gestos e palavras, pelo exercício da sua imaginação e da sua vontade, comandar todo o mundo físico. Assim como hoje podemos mover os nossos membros quando queremos, porque uma força secreta flui de nós para eles, assim o homem podia, através de

uma secreta influência espiritual, atuar sobre o mundo físico que estava presente ou próximo dele; pois, diz Poiret, uma coisa é tão concebível ou inconcebível como a outra. Era apenas uma renovação da natureza original do homem quando os santos da antiguidade, em harmonia com a sua imaginação e a força da sua vontade, realizavam coisas tão maravilhosas pelo poder da palavra; e daí a fé teúrgica, em todos os tempos, na omnipotência da adjuração. Por exemplo, quando Noé chamou os animais para a arca; quando Josué ordenou ao sol; e Moisés ao Mar Vermelho.

O homem não recebeu originalmente a fala para comunicar os seus pensamentos aos seus semelhantes; para isso podia, desde o princípio, valer-se de uma influência secreta, ou do mero desejo de comunicar. Ele afirma ainda, o que Franz von Baader confirma, que o homem não pode criar plasticamente, mas pode dominar e imaginar sobre aquilo que já está criado.

Depois do resumo conciso acima deste último período histórico, cito como conclusão o seguinte juízo, do meu trabalho sobre o Magnetismo:

1.º Uma certa faculdade profética é propriedade comum da raça humana, que se torna mais visível na medida em que o homem se afasta do mundo físico externo.

2.º O homem descobre daí um poder superior do espírito e uma esfera de ação menos limitada; e este poder pode, conforme a direção da vontade, adaptar-se ao bem ou ao mal.

3.º Mas acontece facilmente que a imaginação, adquirindo uma acção predominante no mundo interior da mente, se separe do entendimento que deve guiá-la, e então se perca num voo sem freio por caminhos obscuros, de modo que a imagem subjetiva da contemplação tome o lugar da objetiva da realidade, e lhe atribua substância externa; como mostram as aparições dos Irmãos Angélicos.

4.º A imaginação assim excitada, pode, num voo tão livre e num estado de espírito predominantemente religioso, ser facilmente induzida ao fanatismo, se o convívio geral com os homens for interrompido ou totalmente abandonado.

5.º Num tal estado, as visões podem ter um efeito prejudicial sobre o corpo e afetar a saúde.

6.º Neste estado vacilante do corpo e da alma, as funções vitais tornam-se, de facto, doentes: os sentidos produzem visões, e os músculos, espasmos, como condição anormal em que mais frequentemente resultam transportes e loucura do que verdade e força.

7.º Assim como a alma e o corpo têm o seu verdadeiro equilíbrio, e ocasionam mutuamente a deficiência das funções e simpatias, assim também um estado subjetivo exagerado ou falso dos sentidos pode atrair todos ou vários dos sentidos objetivos para uma simpatia doentia de sofrimento; como vimos nas bruxas da Sociedade Filadélfica, e como frequentemente encontramos nos fenómenos magnéticos de uma classe degradada de pessoas, em que o olfato, o paladar e o tacto têm todos um travo de imundície espiritual.

8.º Numa tal suscetibilidade e, por assim dizer, estado desmoralizado da imaginação, a impressão objetiva dos sentidos passa facilmente em tom e forma para os movimentos interiores da vida subjetiva, de modo que um som forte, ou um clarão de luz, se possam transformar numa voz falante e numa imagem luminosa fixa, como sucede frequentemente com artistas imaginativos e excitáveis; e o que então é apenas resultado de uma atenção exclusiva a um objeto, como no caso dos desenhos deixados pelo diabo a Pordage, que, ao serem olhados, pareciam mover-se; pelo que a inversão da polaridade dos sentidos e a passagem do sentido interior para os órgãos exteriores deixam de ser tão perplexas.

9.º Não é, portanto, de admirar que videntes mágicos ignorantes, ou espíritos entusiásticos, uma vez mergulhados numa tal vida visionária, não exerçam juízo nem discernimento para distinguir a imagem subjetiva da imaginação da realidade objetiva.

10.º À parte do engano e da fraude deliberada, o auto-engano é muito possível; aparência e facto, verdade e erro, já não podem distinguir-se um do outro.

11.º Enquanto o homem viver na terra, deve cuidar do seu corpo, e permitir-lhe receber tudo o que lhe é bom, bem como cultivar a alma; pois só o corpo são tem alma sã. Onde os membros estão contraídos por espasmos, o espírito vê aparições.

12.º O negócio da vida não é mera contemplação visionária e reclusão indolente, mas sim uma fé ativa, para realizar a obra do amor numa comunidade social.

## TERCEIRA DIVISÃO

## DOUTRINAS MÍSTICAS E ESFORÇOS PARA UMA ELUCIDAÇÃO FILOSÓFICA DA MAGIA DA IDADE MÉDIA

Como aqui proponho não avançar mais na história da filosofia, e, no que toca à filosofia mística em particular, remeto para a obra de Molitor *A Filosofia da História, Parte Terceira*, limitar-me-ei especialmente àqueles homens que tiveram a magia e as circunstâncias mágicas em vista de modo preeminente, e que nos deixaram indícios e especulações instrutivos acerca delas, altamente vantajosos para a história do magnetismo.

### TEÓFRASTO PARACELSO

Inquestionavelmente, Paracelso merece um dos lugares mais eminentes na história da magia; diremos mesmo que com ele começa propriamente uma nova época dessa história, já que não apenas despertou o espírito para um esforço mais elevado, mas, mais ainda, foi o fundador de uma escola muito notável de magnetismo, e isso em mais de um sentido.

Quanto ao que se refere aos fenómenos, ao modo de os tratar e à teoria do magnetismo, já vimos exemplos suficientes nos tempos antigos e daí em diante; mas nenhum homem desenvolveu a doutrina dos elementos recíprocos da vida com tanta clareza, com ilustração tão marcante e com linguagem tão impressiva como Paracelso. Ele foi o primeiro a comparar essa universal reciprocidade da vida em todas as criações, tanto no grande como no pequeno, com o íman; de tal modo que a palavra *magnetismo*, no sentido em que a entendemos, teve origem com Paracelso.

Esta doutrina do magnetismo encontra-se dispersa de maneira notável pelas obras de Paracelso, que viveu trezentos anos antes do nosso tempo; de forma que, procurando-as e reunindo-as, se tornam muito instrutivas para nós. As suas conceções da reciprocidade magnética eram tão claras e justas, as suas ideias sobre ela, que na maior parte corroborava com a sua própria experiência, tinham um alcance tão elevado e peculiar, que nos é difícil emular o seu voo.

Mas, como ele, enquanto filósofo espiritual, ensinava, e não apenas ensinava mas fundava o seu sistema na doutrina da emanação de todas as coisas a partir de um Ser primordial, e nas emanações dos astros e dos corpos elementares e nas suas influências mútuas, as pessoas, por grande falta de informação histórica, consideraram-no

como o originador da Cabala; e, como os princípios essenciais dessa escola não eram compreendidos, e como o próprio nome era um espantalho, Paracelso foi tido como um teórico barulhento, um entusiasta e aventureiro, e, por via do costume tradicional, este carácter lhe ficou, em grande medida, até ao presente. Uma causa principal disso foi, de facto, que tais afirmações invulgares e surpreendentes, apresentadas num estilo incompreensível e em termos bárbaros, e defendidas contra os seus inimigos com tanto fogo vivo, e com tanta amargura e ironia cáustica, não podiam deixar de dar origem, num homem de temperamento tão impetuoso, a muitos exageros, disparates misteriosos e uma variedade de tolices.

Apresentarei agora algumas passagens da doutrina paracelsista e, para esse fim, recorro às obras de Hemmann (*Ensaios Médico-Cirúrgicos*, Berlim, 1778) e à *Astrologia* de Staff, às quais acrescentarei alguns excertos importantes sobre magnetismo retirados das próprias obras de Paracelso.

Este homem extraordinário, diz Hemmann, dotado pela natureza dos talentos mais originais, viveu numa época em que a ciência da medicina degenerara em mexericos superficiais de escola, e em que os discípulos de Galeno, apesar do seu palavreado e da sua paixão pela controvérsia e pela disputa, eram os mais miseráveis impostores na cura de doenças.

Ele foi um dos maiores químicos do seu tempo; e, como viu pela sua larga experiência que os médicos galénicos, com as suas sangrias, purgas e eméticos (pois nisso consistia todo o seu arsenal), mal logravam curar uma única doença, e que vendedores ambulantes, boateiros e semelhantes eram muitas vezes mais bem-sucedidos do que esses fanfarrões, não podia deixar de acontecer que um génio, que de modo algum estava talhado para ser um imitador miserável, concebesse o mais intenso ódio e desprezo pela arte galénica de curar.

"No princípio," diz Paracelso, "lancei-me com tanto fervor como os meus opositores sobre os mestres; mas, quando vi que nada resultava da sua prática senão matar, dar morte, assassinar, aleijar e deformar — que o maior número de queixas eram por eles tidas por incuráveis, e que mal administravam senão xaropes, laxantes, purgantes e papa de aveia, abóboras ou cidras, jalapa e outras mistelas semelhantes, com clisteres sem fim — determinei abandonar tão miserável arte e procurar a verdade por outro caminho.

Considerei comigo mesmo: se não houvesse no mundo nenhum mestre de medicina, como me haveria eu de pôr a aprender a arte? De nenhuma outra maneira senão no grande livro aberto da natureza, escrito com o dedo de Deus.

Foi esse que então estudei, e não mais os livros dos médicos; pois cada pretenso doutor tem o seu capricho, e quem pode aí alcançar algum resultado ou descobrir a verdade? Acusam-me e denunciam-me por não ter entrado pela porta certa da arte. Mas qual é a certa? Galeno, Avicena, Mesué, Rasis ou a honesta natureza? Creio que a última! Por essa porta entrei, e a luz da natureza, e não a lamparina do boticário, me guiou no caminho."

Paracelso, continua Hemmann, pôs-se assim nesta viagem, mas não, como os nossos homens de letras efeminados, a percorrer o mundo de carruagem. Ia a pé e não procurava apenas coleções de caracóis e borboletas. Pelo seu modo de viajar, teve as melhores oportunidades de observar tudo o que na natureza era digno de nota. Como estudara metalurgia, estava em condições de examinar com proveito as minas da Alemanha, Hungria, Suécia e Noruega.

Viajou por grande parte do então mundo conhecido e não poupou nem trabalho nem investigação para enriquecer o espírito com conhecimentos úteis. "Busquei a arte", dizia ele, "mesmo com risco da vida, e não tive vergonha de aprender até com vendedores ambulantes, boateiros e barbeiros." Assim aprendeu a arte de curar feridas e praticou-a com grande sucesso e fama nesse domínio.

Com esta massa rara e, à época, extraordinária de conhecimentos e experiência, foi chamado a leccionar na Universidade de Basileia, para onde eram convidados os homens mais célebres de todas as partes. Nas suas viagens desaprendera consideravelmente o latim e, por isso, foi obrigado a ensinar em alemão, circunstância que então era tida por heresia inaudita.

Foi atacado ousadamente por causa das suas viagens e também pelo seu modo simples de viver e vestir. Na sua sexta defesa, justificou com muito ardor as suas viagens, insurgiu-se com grande amargura contra os almofadados galénicos, que não ousavam sair de casa senão de burro ou de carruagem, e concluiu a defesa com este nobre pensamento: "Os escritos entendem-se pelas letras, mas a natureza entende-se pelas viagens, e as diferentes terras e províncias são as folhas do códice da natureza."

Paracelso manifesta em muitas partes das suas obras a mais alta veneração por Hipócrates, que seguira precisamente o mesmo método pelo qual ele próprio procurava a verdade; mas as teorias infundadas de Galeno e as fantasias com que os árabes o haviam rodeado eram-lhe uma abominação. É isso, e não o seu saber, que os seus adversários lhe imputaram e contra o qual ele clamou por toda a sua vida.

"A acusação de embriaguez", diz Hemmann, "procede da fonte impura de Oporinus, que viveu algum tempo com ele a fim de aprender os seus segredos, mas o seu propósito saiu-lhe frustrado; e daí os maus relatos dos seus discípulos e dos boticários." Ele próprio afirma que estes e os boticários foram, mais do que quaisquer outros, os que mais o caluniaram; os primeiros, porque ele não quis publicar os seus segredos; e os segundos, porque escrevia as suas receitas na língua vernácula simples. "Os boticários", diz ele, "são meus inimigos porque não quero esvaziar-lhes as caixas. As minhas receitas são simples e não consistem de quarenta a sessenta ingredientes, como as dos médicos galénicos; mas é meu dever curar os doentes, e não enriquecer os boticários."

No ensaio sobre o poder do íman, ele diz: "O íman jaz há muito diante dos olhos de todos, e ninguém pensou se teria outra utilidade, ou se possuiria outra propriedade além de atrair ferro. Os médicos mesquinhos atiram-me à cara que não sigo os antigos; mas em quê deveria eu segui-los? Tudo quanto disseram do íman nada vale. Ponham na balança o que eu disse dele e julguem. Se eu tivesse seguido cegamente os outros e não tivesse feito eu mesmo experiências, não saberia mais do que qualquer camponês vê — que atrai ferro. Mas um homem sábio deve investigar por si próprio, e foi assim que descobri que o íman, além desse poder evidente e visível a todos, o de atrair ferro, possui outro poder oculto."

"Na doença, deve-se colocar o íman no centro de onde a enfermidade procede. O íman tem dois polos, um atrativo e outro repulsivo (Paracelso chama-lhes o dorso e o ventre). Não é indiferente qual desses polos se aplica. Por exemplo, na queda súbita e em toda a espécie de epilepsia, onde o ataque afeta sobretudo a cabeça, convém colocar quatro ímanes na parte inferior do corpo, com o polo atrativo voltado para cima, e apenas um na cabeça com o polo refletor voltado para baixo; e depois juntar-lhes outros meios auxiliares. Este parágrafo", diz Paracelso, "vale mais do que tudo quanto os galenistas aprenderam ou ensinaram em toda a sua vida.

Se, em vez dos seus jatos, tivessem pegado num íman, poderiam ter obtido mais do que jamais conseguiriam com todo o seu saber vanglorioso." Curou por este meio fluxões dos olhos, ouvidos, nariz e outros membros, bem como fístulas, cancros e outros males. Além disso, o íman aproxima ruturas e cura-as; afasta a icterícia e a hidropisia, como muitas vezes experimentei na minha prática." Noutro lugar afirma: "Encontro tais segredos escondidos no íman, que sem ele nada poderia ter conseguido em muitos casos."

Grande parte do sistema de Paracelso baseia-se no magnetismo. No homem existe algo sideral, ou uma vida que emana dos astros. Quer isto seja precisamente físico ou não, pode, em relação ao corpo muito maior, ser considerado um espírito. Essa vida está em conexão com os astros de onde foi extraída e atrai para si a força deles, como um íman. A essa vida ele chama o "Magnes Microcosmi" — o pequeno mundo — e através dela explica muitos fenómenos da natureza.

No segundo livro sobre a peste, ensina que existe no homem um poder atrativo que puxa as doenças do caos. No quarto tratado sobre a peste, afirma que o poder magnético está difundido por toda a natureza; que a múmia humana atrai para si as propriedades venenosas da lua, dos astros e de outras coisas; enquanto, por outro lado, a lua e os astros voltam a atrair para si exalações venenosas e as comunicam a outros.

O homem é tirado dos quatro elementos e deles é nutrido; mas não apenas de modo palpável através do estômago, mas também impercetivelmente através do poder magnético, que reside em toda a natureza e pelo qual cada membro individual chama para si o alimento específico. O sol e as estrelas atraem de nós para si, e nós delas de novo para nós. Essas influências secretas têm a sua função positiva na manutenção do corpo.

Sobre esta teoria do magnetismo assenta a cura simpática da doença. Paracelso diz a este respeito que na múmia, ou no chamado íman, reside todo o poder físico, e que uma pequena dose atrai para si tudo o que lhe é homogéneo em todo o corpo. Pode-se, desta forma, libertar-se de modo maravilhoso de doenças das mais difíceis de curar, como a gota, o reumatismo, etc., quando nos convertemos, por assim dizer, em ferro; isto é, quando aplicamos uma pequena parte da múmia em decomposição a outro corpo são. Esta atrai imediatamente toda a doença, como o íman atrai o ferro, para si; e o primeiro fica são, o segundo recebe a doença.

O célebre *Magisterium Magnetis* é uma tintura extraída do íman. No quarto livro *Archidoxarum*, ele vangloria-se desta tintura como sendo um específico; que atrairia de dentro do corpo humano todo o género de doença. Acreditava que esta tintura comunicava mesmo as suas propriedades ao frasco em que era guardada, e que podia não só atrair ferro, mas também palhas e outros corpos. Até aqui Hemmann ou Paracelso.

Muitíssimas coisas belas e instrutivas se contêm nos livros sobre a natureza dos astros (*De Ente Astrorum*, liv. i.); sobre a natureza dos espíritos (*De Ente Spirituali*, liv. iv.); sobre a natureza de Deus (*De Ente Dei*, liv. v.); no livro sobre a peste, etc.

Paracelso compara o corpo à madeira e a vida ao fogo. Mas esta vem, como a luz, das estrelas e do céu: "firmamento et ex astris promanat." Ele chama à magia a filosofia da alquimia; ao descobridor da arte de curar, e aos princípios dela, a análise da Medicina. Mas não é como aquela magia que o homem não compreende (*Theophrasti Paracelsi Opera Omnia*, Genebra, 1658, vol. i, pp. 634 e 698).

Atribuía imensa importância ao conhecimento da maquinaria dos astros. "Devemos saber", diz ele, "que o homem tem em si algo de magnético, sem o qual não pode existir. Mas o magnetismo existe por causa do homem, não o homem por causa do magnetismo. Este princípio magnético contém o magnetismo do homem e vem dos astros, e de nenhuma outra parte."

"*Sciendum est, debere hominem habere Magnale, sine quo vivere nequeat. Magnale enim propter hominem factum est, non homo propter Magnale. Hoc Magnale homines sustentat, hoc autem ex astris descendit et ex nullo alio.*" — L. c. p. 167.

Noutro lugar afirma: "*Similem attrativam vim in se homo quoque conditam fert, quae in uno gradu cum magnetica vi versatur. Jam ergo homo foris secus per vim illam ad se trahit circumstans sibi chaos. Hinc sequitur infectio aeris in homine. Hinc intelligite, quod magnes est spiritualis in homine sit quaerens hominem infectum, si uniatur foris cum chao. Sic sani per magneticam hanc attractionem ab aegris inficiuntur.*" — L. c. p. 411.

"Um semelhante poder atrativo nasce com os homens, que se assemelha a uma espécie de poder magnético. Por esse poder o homem atrai para si o caos do exterior, e daí segue-se a infeção do ar pelos homens."

Explicou de maneira notabilíssima a infeção como magnética, do mesmo modo que recentemente o fez Frederico Hufeland (*Sobre a Simpatia*, etc.).

"Portanto", diz ele, "deveis compreender que o íman é esse espírito de vida no homem que o homem infetado procura, pois ambos se unem ao caos exterior. E assim os sãos são infetados pelos doentes através da atração magnética. O facto pode ser mostrado por um exemplo. Quando olhos sãos olham para olhos remelosos, os olhos sãos atraem para si o caos dos olhos doentes, e o mal passa imediatamente para os olhos sãos."

Compreendemos qual era a opinião de Paracelso sobre este ponto pelas seguintes palavras: — "Afirmo", diz ele, "decidida e abertamente, aquilo que aprendi do íman pela experiência: que nele reside um segredo de carácter tão elevado, que sem os seus meios não podemos curar muitas doenças" (l. c. p. 194).

É também notável que Paracelso tenha fundado toda a sua teoria na Bíblia, que conhecia quase de cor. Por isso denunciava o ensino dos seus adversários nos termos mais amargos, como doutrinas erróneas. Essa linguagem severa foi provavelmente o que lhe granjeou tantos inimigos mortais. Vale a pena ouvir as suas próprias palavras sobre este assunto:

"Vós de Paris, Pádua, Montpellier, Salerno, Viena e Leipzig; não sois mestres da verdade, mas confessores de mentiras (*confessores mendaciorum*). A vossa filosofia é uma mentira. Quereis saber o que é a magia? Então buscai-a nas Revelações (*ex Apocalypsi quaerite rem*). Eis precisamente a desgraça e miséria do mundo: que todas as vossas artes assentam em mentiras. É verdade que gritais todos a uma só voz que a vossa filosofia não precisa do testemunho das Escrituras.

Como não podeis vós mesmos provar os vossos ensinamentos pela Bíblia e pelas Revelações, então que cessem as vossas forças. A Bíblia é a verdadeira chave e intérprete. João, não menos que Moisés, Elias, Enoque, David, Salomão, Daniel, Jeremias e o resto dos profetas, foi mago, cabalista e adivinho. Se agora todos, ou mesmo algum daqueles que nomeei, ainda vivessem, não duvido que faríeis deles um exemplo no vosso miserável matadouro, e os aniquilaríeis aí, e, se fosse possível, também o Criador de todas as coisas" (l. c. p. 382).

"Talismãs", diz Paracelso, "são as caixas em que se conservam as influências celestes!"

Além disso, fala na *Philosophia Fugaci* da Cabala e de anéis mágicos, pelos quais as pessoas poderiam ser colocadas numa condição que lhes permitisse saber o que se passava a duzentas milhas de distância. Noutro livro (*Archidoxis Magica*) fala de talismãs e unguentos simpáticos, com os quais as feridas poderiam ser curadas sem lhes tocar.

A parte mais notável do que Pfaff selecionou de Paracelso encontra-se nas seguintes passagens: —

"Três espíritos vivem e atuam no homem; três mundos lançam sobre ele os seus raios; mas todos os três apenas como imagem e eco de um único e mesmo princípio produtor, construtor e unificador. O primeiro é o espírito dos elementos; o segundo, o espírito dos astros; o terceiro, o Espírito Divino." Assim ensinava, no século XVI, Paracelso. Nestes três ramos desenvolve-se toda a sabedoria humana que conduz a Deus.

Manifesta-se nas formas de fisiologia, astrologia e teologia. Essa ligação penetrante da consciência universal está unida nas estrelas, e dela é nomeada toda a sabedoria humana; isto é, a astronomia e a natureza, trazidas até aqui de cima pelas estrelas; Astronomia do alto; a sabedoria e a obra dos devotos de Deus; Astronomia do novo Olimpo; o trabalho e a vida dos inspirados pela fé.

O espírito dos elementos rege as inclinações inferiores do homem. Mas, como só há uma vida, assim também só há uma nas estrelas, como cópias nas formas animais e humanas que elas nutrem. Assim fica fixada no homem, através do espírito dos elementos, essa vida geral da terra na organização mais profunda e limitada. Todas as coisas criadas são letras e livros que descrevem a origem e a descendência do homem. Assim, diz Paracelso, é o grande mundo um domínio do pequeno mundo; por isso, no pequeno se encontram todos os géneros de dragões, serpentes, a raça das víboras, cobras, e a natureza de lobos e ovelhas.

Assim o corpo humano possui a matéria primordial (o torrão de terra das Escrituras), e, como parte da terra, recebeu em si a influência estrelada, que nutre o corpo terreno, pelo que pode entrar em união com os espíritos astrais, como que em casamento. Portanto, assim como o homem pode aprender em si mesmo os elementos, deve também aprender o sideral, deve também aprender o eterno. Três

luzes ardem assim no homem, e assim há três espécies de conhecimento, e nos três se aperfeiçoa o homem. E embora seja verdade que duas luzes sejam uma escuridão para a terceira, contudo são as luzes do mundo, nas quais o homem deve, com a ajuda das luzes naturais, vaguear.

O corpo vem dos elementos, o espírito das estrelas. Tudo o que o cérebro produz recebe a sua inspiração das estrelas. Embora todos os músicos morressem, a mesma escola, o Céu, não estaria morto, e tornar-se-ia de novo mestre. Muitas estrelas ainda não exerceram a sua influência; portanto, a descoberta das artes ainda não chegou ao fim. O homem come e bebe dos elementos, para sustento do sangue e da carne; das estrelas são sustentados no seu espírito o intelecto e os pensamentos."

Outra imagem é a do íman: —
"Deus ordenou que o homem tivesse em si um íman; um, a saber, dos elementos; por isso os atrai novamente para si; outro das estrelas, do qual extrai de novo para si a faculdade sensível microcósmica dos astros."

"O mundo inteiro envolve o homem, e é envolvido como um ponto é envolvido por um círculo. Segue-se daí que todas as coisas têm o seu impulso nos seus centros, assim como uma semente jaz dentro de uma maçã e dela tira o seu alimento; pois é rodeada pela maçã, e é sustentada pela maçã, e dela deriva também o seu alimento."

"Quer um fogo arda ou não pode descobrir-se pela água, muita ou pouca. Assim é o homem no meio do mundo. Ele é recebido e rodeado como um pote que está no meio de um tripé; e, assim como o pote e o que nele está contido têm de fazer o que o fogo quer — ferver, fumegar, etc. — assim acontece com o corpo.

Da mesma forma que o fogo atravessa todo o fogareiro de ferro, assim os astros atravessam o homem com todas as suas propriedades, e penetram nele como a chuva na terra, que dá fruto dessa mesma chuva. Notai agora que as estrelas envolvem toda a terra, como a casca envolve o ovo; através da casca passa o ar e penetra até ao centro do mundo. Assim como os peixes sofrem no tanque, quando nele entra calor ou frio, assim o vapor das estrelas atravessa o homem."

Ele fala do envenenamento da atmosfera, da exalação dos planetas para o ar do universo; mas só se observa aqui um lado do poder sideral, aquele a que chamamos a perturbação da atmosfera, e que

exerce influência geral sobre a condição física do homem em geral, sobre a limpeza e a perfeição médica.

Esta doutrina de Paracelso tem certamente um significado muito profundo; mas não devemos tomá-la demasiado à letra, como as pessoas em geral são demasiado propensas a fazer, e, portanto, imediatamente percebem um odor de corrupção nesta influência planetária.

"O tempo é a vida dos astros; o seu circular e trabalhar em conjunto. Não é apenas através do sol que a terra mede o seu tempo. Tudo o que retorna em tempo circular à terra, aos animais e ao homem, reconhece o domínio dos astros. A vida particular da terra deve estar de acordo com a vida geral dos mundos superiores, pois Deus, por amor, criou-nos o corpo sideral, e deu-lhe sensibilidade, para que possamos sentir e revelar os segredos dos astros.

O temporal e o periódico, quando interrompidos, produzem o monstruoso, como se vê na doença; nesta perturbação das leis fixas encontramos o fenómeno da enfermidade. Paracelso atribui algumas doenças a uma sensibilidade às influências planetárias; noutras, atribui o dom da profecia à mesma causa. Assim como o monstruoso é um efeito produzido pela oposição à vida dos astros e dos indivíduos, há também prognósticos daquilo que a natureza desenvolve mais adiante, daquilo que procura pôr fim a essa oposição.

Paracelso, portanto, adverte os astrónomos assim: 'E que nenhum astrónomo faça regra para si, e com ela meça a harmonia dos céus. Quem não pode sondar tal assunto é tão bom astrónomo como uma caixa de relíquias é sacerdote.'"

Nos sonhos, o homem é como as plantas, que também têm o corpo elementar e vital, mas não possuem o espírito. No sono, o corpo astral está em movimento mais livre; então eleva-se para os seus pais; mantém conversação com os astros. E depois da morte também retorna aos astros, e o corpo terreno desce então ao seio da terra. Sonhos, pressentimentos, presciência, prognósticos e pressentimentos são dons do sideral, e não são comunicados ao corpo elementar.

"A causa e origem", diz Paracelso, "desta adivinhação é esta: que o homem possui um corpo astral que se une aos astros exteriores, e ambos conversam juntos, quando o astral não se preocupa com o corpo elementar. Assim como no sono o corpo elementar repousa, o

sideral continua a sua ação; não tem descanso nem sono; mas quando o elementar predomina e o domina, então repousa o sideral. Mas quando o elementar repousa, então vêm os sonhos, conforme os astros operam, e tais são os sonhos e as suas revelações. E conforme os astros estão dispostos, assim são os sonhos. Pois, como já dissemos, os astros nada dão ao avarento e ao vaidoso; porque o egoísmo e a vaidade expulsam a operação do firmamento e resistem aos astros."

De acordo com todo o seu entendimento da natureza, Paracelso atribui também aos animais pressentimentos; pois também eles têm corpo astral.

Paracelso escreveu um livro inteiro sobre a existência dos tolos. "A sabedoria", diz ele, "está também nos tolos, e irrompe como uma luz; através de um chifre, baça e turva; ou como uma luz através de um nevoeiro." Recomenda que reparemos nas suas declarações e procuremos compreendê-las.

Pfaff conclui o seu ensaio com as seguintes palavras: —
"Tanto das obras e do espírito de um homem que teve as mais vastas visões sobre as coisas naturais; o criador ousado dos medicamentos químicos; o fundador de partidos corajosos; vitorioso na controvérsia, pertencente àqueles espíritos que entre nós criaram um novo modo de pensar sobre a existência natural das coisas.

O que ele espalhou pelos seus escritos sobre a Pedra Filosofal, sobre Pigmeus e Espíritos das Minas; sobre sinais, homúnculos, imagens, meteoros, impressões e o Elixir da Vida, e que é usado por muitos para diminuir a sua estima, não pode apagar a nossa grata lembrança das suas obras em geral, nem a nossa admiração pelos seus esforços livres e ousados, e pela sua vida intelectual."

Na edição de Estrasburgo, de 1603, Paracelso escreve sobre o poder e a operação do espírito.

"É possível", diz ele, "que o meu espírito, sem a ajuda do corpo, e apenas por uma vontade ardente, e sem espada, possa trespassar e ferir outros; é também possível que eu possa trazer o espírito do meu adversário para uma imagem, e então dobrá-lo e aleijá-lo a meu bel-prazer. Deveis saber que o esforço da vontade é um grande ponto na arte da medicina. O homem pode lançar doença sobre homem e animal através de maldições; mas não se efetiva por meio da força do carácter, de cera virgem ou coisa semelhante; a imaginação é o único meio de cumprir a intenção. Toda a imaginação do homem vem

do coração, pois este é o sol do microcosmo; e do microcosmo procede a imaginação para o grande mundo. Assim a imaginação do homem é uma semente, que é material. A imaginação determinada é o começo de todas as operações mágicas. O pensamento fixo é também um meio para um fim. Não posso virar o meu olho com a mão, mas a imaginação firmemente fixa fá-lo virar para onde quiser. A imaginação de outro pode ser capaz de me matar.

A imaginação brota do prazer e do desejo; portanto, seguem-se a inveja e o ódio; pois o desejo é seguido pelo ato. Uma maldição pode realizar-se quando brota do coração; assim as maldições de pais e mães procedem do coração. E quando alguém quiser aleijar ou trespassar outro, deve primeiro em imaginação cravar a arma em si mesmo; deve conceber a ferida, e ela será dada através do pensamento, como se tivesse sido feita com as mãos. O mágico é uma grande sabedoria oculta, e a razão é uma grande tolice pública. Nenhuma armadura protege contra a magia, pois ela fere o espírito interior da vida.

Disto podemos estar certos: que, apenas pela fé e por uma imaginação poderosa, podemos trazer o espírito de qualquer homem para uma imagem. Não são precisas conjurações nem cerimónias; fazer círculos e queimar incenso são puro embuste e charlatanice. O espírito humano é coisa tão grande que ninguém a pode exprimir: assim como Deus mesmo é eterno e imutável, assim também é a mente do homem.

Se compreendêssemos devidamente a mente humana, nada nos seria impossível na terra. A imaginação é vigorada e aperfeiçoada pela fé, pois acontece realmente que toda a dúvida quebra a operação. A fé deve confirmar a imaginação, pois a fé estabelece a vontade. Porque os homens não imaginam e acreditam perfeitamente, resulta daí que as artes são incertas, quando poderiam ser perfeitamente certas.”

## BAPTISTA VAN HELMONT

Um dos mais dignos e mais capazes sucessores de Paracelso foi o grande Van Helmont, que, em virtude do seu vasto saber, do seu juízo penetrante e do seu espírito agudo, criou uma nova época na medicina. Na história do magnetismo ocupa o primeiro lugar, já que trouxe a este campo obscuro uma luz mais clara do que qualquer outro antes ou depois dele.

Para tornar isto plenamente patente e instrutivo, extrairei, com diligência e fidelidade, das suas obras aquelas doutrinas que pertencem a este assunto (*J. Bapt. van Helmont, Opera Omnia*, Francofurti, 1682); e, além disso, servirei-me da excelente obra de Deleuze (*De l'opinion de Van Helmont sur la cause, la nature et les effets du magnétisme*, por Deleuze: *Bibliothèque du Magnétisme Animal*, t. i. p. 45; t. ii. p. 198, Paris, 1817).

Deleuze diz que, nos escritos de Van Helmont, encontrou muitas crenças populares correntes, opiniões insípidas, ideias míticas e ilusórias, e coisas obscuras e incompreensíveis, mas, ao mesmo tempo, grandes verdades. Se, portanto, alguém reunisse as suas obras, as explicasse e extraísse os factos sobre os quais fundava as suas doutrinas, produziria uma obra grande e altamente notável, e lançaria nova luz sobre o conhecimento do magnetismo.

"Van Helmont foi um homem de génio", diz Deleuze,
"que criou épocas nas histórias da medicina e da fisiologia. Foi o primeiro a afastar-se da estrada batida de Galeno e dos Árabes, e mostrou o caminho da vida. Foi o primeiro a reconhecer a vasta atividade do estômago e o seu domínio sobre os outros órgãos: viu que o diafragma era o ponto central do corpo vivo.

Enquanto contemplava o todo das coisas e investigava as causas das suas influências alternadas umas sobre as outras, encontrou em todos os corpos uma causa geral, uma atividade especial, que o Criador lhes havia impresso, e pela qual um atuava sobre o outro. A isto denominou Blas. Foi o primeiro a dar o nome de gás aos fluidos aéreos. Sem ele é provável que o aço não tivesse dado nenhum novo impulso à ciência."

Tratando da cura magnética das feridas, Van Helmont empreende responder a dois escritores: Goelenius, professor em Marburgo, que defendia a cura das feridas pelo descoberto bálsamo simpático de Paracelso; o outro, o Padre Robert, jesuíta, que condenava todas essas curas, não porque as negasse, mas porque as atribuía ao diabo. Van Helmont diz que foi implorado a decidir sobre estas questões, já que afetavam Paracelso como seu descobridor, e a ele próprio como seu discípulo. Afirma que achou Goelenius demasiado fraco para ser o defensor das curas magnéticas a partir de causas naturais, e o padre demasiado jovem para decidir sobre tal assunto e declará-lo obra do diabo, visto que não mostrara uma única centelha de razão para as suas opiniões.

Sente-se obrigado a desculpar Goelenius, embora este tivesse em vão trabalhado numa nova descoberta; mas queixa-se do padre. "Pois a natureza", dizia ele, "não escolheu os padres como seus intérpretes, mas elegeu os médicos como seus filhos, e mesmo assim apenas aqueles que compreendem a ciência do fogo e investigaram a natureza das qualidades peculiares. Os padres devem primeiro receber de nós o conhecimento fundamental, para que não suceda, como aos sapateiros, caírem sobre a forma. O teólogo investigará Deus, o naturalista a natureza" (I. c. p. 705). Citarei agora as passagens mais notáveis que este grande mestre escreveu acerca das maravilhas magnéticas (De magnetica vulnerum curatione, p. 708, I. c.).

"A natureza material", diz ele, "atrai as suas formas através de um magnetismo constante vindo de cima, e implora para elas o favor do céu: e como o céu, do mesmo modo, atrai algo invisível de baixo, estabelece-se uma comunicação livre e mútua, e o todo está contido num indivíduo."

Este magnetismo, porque predomina em toda a parte, nada tem de novo além do nome, e nada contrário ao senso comum, exceto para aqueles que ridicularizam tudo e atribuem ao poder do diabo aquilo que não compreendem. E que há então de supersticioso na crença num bálsamo simpático, exceto o facto de o seu uso ser novo, de o povo não estar habituado a ele, e, portanto, de o maravilhoso nele parecer obra do diabo?

Quem considera as curas magnéticas obra do diabo, não porque sejam obtidas por meios proibidos e tenham um objetivo culpável, mas porque são efetuadas pelo poder magnético, deve pela mesma razão acreditar que todos os fenómenos magnéticos são feitiçaria e obra do diabo.

"O magnetismo é uma propriedade desconhecida de natureza celeste; muito semelhante à influência dos astros, e de modo nenhum limitada por fronteiras do espaço. Quem, portanto, se serve de um meio magnético empreende uma obra agradável a Deus, que tem em ambos os mundos, por uma única ordem e em igual grau, o mesmo condutor. Assim também as relíquias têm maior poder quando são transportadas e tocadas; assim como é necessário transportar o íman, esfregá-lo ou tocá-lo, para que possa atrair" (p. 712).

"O que Paracelso fez está, portanto, longe de ser mau. Pois elevou o magnetismo, desconhecido dos antigos, a uma realidade

indispensável à investigação das coisas e a um estudo fundamental da natureza; elevou-o como a mais esclarecedora e frutuosa das ciências, quando em todas as escolas tinha sido posto de lado como totalmente estéril. Ele deve, portanto, ser considerado o monarca que arrancou à luz todos os segredos de todos os seus predecessores, e devemos valorizá-lo altamente, se não quisermos, como juízes ignorantes, juntar-nos aos inimigos de todas as boas obras na difamação dele.

"Todo o ser criado possui o seu próprio poder celeste e está ligado ao céu. Portanto, não é de admirar que os espíritos astrais dos homens se mostrem, após a morte, ainda a vaguear. O homem exterior é animal, e no entanto, apesar disso, a verdadeira imagem de Deus. Se, portanto, Deus atua através de um sopro ou de uma palavra, o homem deve poder fazer o mesmo, se for a verdadeira imagem de Deus. Isto não é apenas propriedade de Deus — também o diabo, embora o mais depravado dos seres, move com uma simples vontade os corpos do seu lugar.

Este poder original deve, por conseguinte, pertencer ao homem interior, se este representar o espírito de Deus, e não o de um ser frívolo. E se a isto chamarmos poder mágico, só os ignorantes poderão assustar-se com a expressão. Mas, se preferirem, podem chamar-lhe poder espiritual (spirituale robur vocitaveris). Quanto ao nome não me incomodo; estou habituado a contemplar a coisa em si tão de perto quanto posso. Há, portanto, tal poder mágico no homem interior. Mas como existe uma certa relação entre o homem interior e o homem exterior, esta força deve difundir-se por todo o homem, apenas sendo mais ativa na alma do que no corpo" (I. c. p. 720).

"Este poder mágico do homem, que assim pode operar externamente, jaz, por assim dizer, oculto no homem interior. Ele dorme e atua, sem ser despertado, como um ébrio em nós diariamente. Esta sabedoria e força mágicas dormem assim, mas por uma simples sugestão são despertadas para a atividade, e tornam-se tanto mais vivas quanto mais o homem exterior da carne e da escuridão é reprimido. Enquanto, no entanto, esse homem exterior repousa no sono, vêm por vezes sonhos de natureza profética, e Deus, por essa razão, está frequentemente mais próximo do homem no sono do que na vigília" (I. c. p. 722).

"Portanto, todas as nossas contemplações, orações, vigílias e jejuns, todas as mortificações do nosso corpo, tendem à repressão do poder

da carne e a manter ativa essa força divina e viva do espírito; e, por isso, devemos louvar a Deus, que apenas no espírito, isto é, no íntimo mais profundo do coração do homem, pode ser adorado; e isto, digo, a arte cabalística efetua; devolve à alma essa força mágica mas natural que, como um sono sobressaltado, a tinha abandonado."

"Esta força natural adormeceu em nós através do pecado, e é necessário que seja despertada novamente. Isto pode ser efetuado quer pela iluminação do Espírito Santo, quer o homem pode, pela arte cabalística, obtê-la para si ao seu bel-prazer. Estes podem ser chamados fazedores de ouro, mas o seu guia é o próprio espírito de Deus."

"Esta força, disse eu, está também no homem exterior; isto é, na carne e no sangue. Sim, não apenas no homem exterior, mas em certo grau também nos animais, e talvez em todas as outras coisas, visto que todas as coisas no universo estão em relação umas com as outras; ou pelo menos Deus está em todas as coisas, como os antigos observaram com digna correção. É necessário que a força mágica seja despertada no homem exterior assim como no interior; mas o diabo tem poder apenas para despertar o que está no homem exterior: no interior, no fundo da alma, está esse reino de Deus ao qual nenhuma criatura tem entrada" (p. 725).

"Ensinei também além disso que entre os poderes espirituais há um intercâmbio; e, finalmente, procurei mostrar que o homem governa as criaturas físicas através da sua magia natural, e pode usar a força de outras coisas. O magnetismo dos ímanes, e de todas as outras coisas inanimadas, dá-se pelo sentimento natural de consonância. "Finalmente, o poder mágico está, por assim dizer, separado do corpo, o qual é posto em movimento pela força interior da alma; de onde procedem os acontecimentos mais poderosos, as impressões mais profundas e os efeitos mais decisivos.

Até agora evitei revelar o grande segredo, que a força está escondida no homem, apenas através da sugestão e do poder da imaginação para agir exteriormente, e para imprimir essa força nos outros, a qual depois continua por si mesma, e opera sobre os objetos mais remotos. Por este segredo apenas receberá tudo a sua verdadeira iluminação — tudo o que até aqui tinha sido laboriosamente reunido do ser ideal a partir do espírito — tudo o que se disse do magnetismo de todas as coisas — da força da alma humana — da magia do homem, e do seu domínio sobre o mundo físico" (p. 731).

"Quando, portanto, este peculiar poder mágico do homem é mostrado como natural, era até aqui coisa absurda acreditar que o diabo, através dele, realizava os seus fins; que o diabo na sua queda tinha retido essa função mágica pela qual apenas com uma sugestão podia realizar o que lhe aprouvesse, sendo isto um dom natural seu; e que essa dotação igualmente natural do homem lhe fora tirada e conferida ao diabo, a mais desprezada de todas as criaturas. Abri então os olhos: o diabo foi até agora, na vossa ignorância excessiva, exaltado a grande glória, enquanto vós, por assim dizer, lhe oferecestes o incenso e a dignidade da fama, ao mesmo tempo que roubáveis a vós próprios a vossa vantagem natural e lha entregáveis."

"Disse também que o poder mágico do homem dorme, e precisa de ser despertado; o que é sempre verdade, se o objeto sobre o qual os homens querem operar não estiver já de si demasiado disposto a isso; se a sua força imaginativa interior não for totalmente contrária à força do operador; ou se a parte sofredora não for igualmente forte, ou até mais forte do que a operante" (p. 732).

"Vede, então, que isto é filosofia cristã, e não a loucura dos pagãos ou sonhos vãos! Atende doravante, digo-te eu, para que não me obrigues novamente a tornar-me juiz, e a decidir que na tua decisão foste demasiado precipitado."

Estas são todas as palavras do próprio Van Helmont, que traduzi literalmente, sem fazer uma única observação; sendo elas de si mesmas tão claras que de modo nenhum o exigiam.

Noutro lugar, ele diz: — "No fundo do estômago há uma sensação mais poderosa do que mesmo no olho ou nos dedos. O estômago muitas vezes não tolera que se lhe ponha uma mão em cima, porque ali há o sentir mais agudo e positivo, que noutras ocasiões só é percebido nos dedos."

No resto dos seus escritos encontram-se pensamentos admiráveis e excelentes ilustrações de magnetismo, particularmente no seu *De magna virtute rerum et verborum* e no seu livro *De Limpedae vitae*.

Van Helmont procurava a explicação dos fenómenos magnéticos em algum tipo de simpatia, pela qual certas coisas e influências eram transferidas para outras. Como prova dessa simpatia em todas as coisas, ele diz que, entre outros factos, isso se mostra no facto de o vinho fermentar, trabalhar e agitar-se na primavera, quando a videira começa a florir. Mas a questão é se essa fermentação bem conhecida

não deve antes ser atribuída ao reacordar geral da natureza em todas as coisas, que desperta uma nova vida, e que é mais facilmente observável em fluidos ativos e de fácil fermentação? A cerveja, por exemplo, mostra ainda uma fermentação mais vívida, embora não possa ser por o centeio estar então em flor. O lúpulo e a cevada, que de facto florescem, mas não nessa época, não podem, penso eu, ser tidos em conta.

Entre os factos de influência simpática mencionados por Van Helmont, os seguintes merecem particular atenção: "Conheço uma erva", diz ele, "de uma natureza extraordinária. Aquece-a enquanto a esmagas na tua mão; depois pega na mão de outro e segura-a até que aqueça; e essa pessoa terá uma grande simpatia por ti durante vários dias."

Ele fez esta experiência com um cão estranho, sobre o qual o cão deixou a sua dona e seguiu-o; e isto mostrou-o perante diversas testemunhas. Outro exemplo referido por ele é o de uma senhora com gota, que tinha sempre um ataque da doença sempre que se sentava numa cadeira onde o seu irmão, que morrera havia cinco anos, costumava sentar-se.

Van Helmont diz, na sua descrição da natureza do magnetismo: — "O meio pelo qual esta propriedade secreta permite que uma pessoa afecte outra mutuamente é o *Magnale magnum*, chamado o grande jogo mágico, embora Paracelso use invariavelmente a palavra *Magkale*. Mas isto não é uma substância física, que inspissamos, medimos e pesamos, mas é um espírito etéreo, puro, vivo, que penetra todas as coisas, e move a massa do universo."

"Dá revelações maravilhosas através de certos êxtases que o homem interior experimenta; o homem exterior também, ou animal, pode receber revelações, se a imaginação for exaltada. Muitos exemplos o provam.
"Antes da queda do homem, a sua alma possuía uma sabedoria inata e um dom profético de extraordinário poder. Essas capacidades a alma ainda possui; e se não são visíveis, é por causa dos muitos entraves sensuais que encontram. Especialmente no sono são muitas vezes os homens iluminados por esta luz sobrenatural, já que então não estão, como no estado de vigília, tão reprimidos pelas atrações dos sentidos."

Essa sabedoria interior o homem perdeu-a, em certo grau, através do conhecimento mundano que adquiriu comendo o fruto proibido; e

agora está colocado na condição inferior de estar confinado aos movimentos e à orientação do corpo. Paracelso diz a este respeito: — "Quando saíram do Paraíso, eram como nunca tinham sido antes; e então perceberam o que era o mundo. Então perceberam a influência da lua, de Marte, de Júpiter, e de cada estrela no céu." Mas esses poderes mágicos despertaram de novo, e o homem desejou também essa sabedoria e a capacidade de operar para além de si mesmo.

E nisto consiste a pura magia primordial; não em práticas supersticiosas e cerimónias vãs, que o diabo, nunca ocioso em destruir o que é bom, introduziu. O espírito está difundido em toda a parte; e o espírito é o médium do magnetismo; não os espíritos do céu e do inferno, mas o espírito do homem, que nele está oculto como o fogo está oculto no sílex. A vontade humana apodera-se de uma parte do seu espírito vital, que se torna uma propriedade de ligação entre o corpóreo e o incorpóreo, e difunde-se como a luz."

Van Helmont, depois de relatar o facto de uma mulher grávida, assustada por alguma circunstância, imprimir essa imagem de terror na criança ainda por nascer, explica também esta verdade segundo a sua teoria. "O poder imaginativo de uma mulher, vividamente excitado, produz uma ideia, que é o meio de ligação entre o corpo e o espírito. Esta transfere-se para o ser com o qual a mulher se encontra na relação mais imediata, e imprime nele a imagem que mais a agitou a ela própria."

Van Helmont afirma ainda que muitas ervas adquirem, a partir da imaginação daqueles que as colhem, um poder extraordinário. Mais ainda, vai mais longe e diz que, através de certas manipulações simples e fáceis, um homem pode, se quiser, converter uma agulha comum numa agulha magnética, e que essas mesmas manipulações são ineficazes se não forem acompanhadas pela vontade. Uma indicação de que um homem deve sobretudo atender à primeira preparação da agulha, se quiser produzir nela os fenómenos da força de atração e repulsão, que ele, ao que parece, compreendia melhor do que talvez hoje em dia lhe damos crédito.

Os escritos de Van Helmont contêm alguns factos extremamente notáveis acerca do poder da vontade no estado de êxtase, que Deleuze reuniu em dois capítulos da *Bibliothèque du Magnétisme animal*.

"A vontade", diz Van Helmont (*o Blas humano, blas humanum*), "é a primeira de todas as potências. Pois através da vontade do Criador

todas as coisas foram feitas e postas em movimento. No homem a vontade é a causa fundamental dos seus movimentos. A vontade é a propriedade de todos os seres espirituais, e manifesta-se neles tanto mais ativamente quanto mais estão libertos da matéria; a força da sua atividade demonstra a pureza dos espíritos.

"O poder infinito da vontade no Criador de todas as coisas está também firmemente fixado no ser criado, e é mais ou menos obstruído pela matéria. As ideias assim revestidas da natureza física operam também de modo natural, isto é, físico, sobre o ser vivo, por meio da atividade vital. Operam mais ou menos segundo a vontade do operador, e a sua atividade pode também ser repelida pela vontade daqueles sobre os quais se exerce. Um mago, portanto, atuará mais fortemente sobre uma natureza fraca do que sobre uma forte, porque o poder de operar através da vontade tem limites, e outros podem opor-se a ele mais ou menos segundo a sua força."

Van Helmont corrobora ainda mais a influência mútua dos homens sobre os animais, e vice-versa, declarando que os homens, olhando fixamente para eles (*oculis intentis*) durante um quarto de hora, podem causar-lhes a morte; o que Rousseau confirma pela sua própria experiência no Egipto e no Oriente, dizendo ter morto assim vários sapos. Mas quando por fim tentou isto em Lião, o sapo, vendo que não conseguia escapar ao seu olhar, virou-se, inchou-se e fitou-o tão ferozmente, sem mover os olhos, que um desfalecimento o invadiu até quase desmaiar, sendo durante algum tempo tido por morto. Recuperou, porém, com triaga e pó de víboras.

É também muito notável o que Van Helmont diz dos fenómenos que aparecem em certos homens de si mesmos, ou por um tratamento artístico. Primeiro relata a história singular de um dos seus colegas de escola sonâmbulo, que todas as noites pegava na chave, abria a porta do jardim e passeava nele. Van Helmont escondeu a chave, mas o sonâmbulo foi buscá-la do esconderijo sem qualquer dificuldade.

Relata um exemplo extraordinário na sua própria pessoa da transferência de um sentido para o fundo do estômago; tanto mais extraordinário quanto tinha perfeita lembrança do que se passara depois de se encontrar num estado completo de clarividência.

Para realizar uma experiência médica sobre plantas venenosas, Van Helmont preparou a raiz de acónito e provou-a com a ponta da língua, sem engolir nenhuma parte dela. Ele próprio diz: —

"Imediatamente pareceu-me que a cabeça estava apertada com um cordel, e logo depois sucedeu-me uma circunstância singular, como nunca antes experimentara. Observei com espanto que já não sentia e pensava com a cabeça, mas com a região do estômago, como se a consciência tivesse agora ali tomado assento. Aterrorizado por este fenómeno insólito, interroguei-me e examinei-me cuidadosamente; mas só me convenci ainda mais de que o meu poder de perceção se tornara maior e mais abrangente. Esta clareza intelectual estava associada a grande prazer.

Não dormia, nem sonhava; estava perfeitamente sóbrio e a minha saúde era perfeita. Ocasionalmente tivera êxtases, mas estes nada tinham em comum com esta condição do estômago, em que ele pensava e sentia, quase excluindo toda a cooperação da cabeça. Entretanto, os meus amigos temiam que eu enlouquecesse. Mas a minha fé em Deus, e a minha submissão à Sua vontade, dissiparam rapidamente esse temor. Este estado durou duas horas, após o que tive alguma vertigem. Mais tarde provei frequentemente o acónito, mas nunca mais pude reproduzir essas sensações" (*Van Helmont, Demens idea*).

Deste fenómeno extraordinário, Van Helmont conclui que a alma não está necessariamente presa a um órgão ou outro do corpo, e que pode, como uma luz penetrante, difundir-se por todos, sem precisar de um meio necessário. "O tecido solar na região do estômago", diz ele, "é o assento principal e o órgão essencial da alma. Aí está o verdadeiro assento do sentir, como na cabeça está o da memória. A reflexão própria, a comparação do passado e do futuro, a investigação das circunstâncias — estas são funções da cabeça; mas os raios são enviados pela alma a partir do centro, a região do estômago. Os reconhecimentos isolados do futuro, e aquilo que é independente do tempo e do lugar, pertencem unicamente ao lar central da região do estômago.

"Não obstante, a alma sensitiva não está encerrada no estômago como num saco, ou como o grão na espiga; tem ali apenas o seu assento principal. E daí procedem a luz e o calor que se difundem por todo o corpo; daí o poder da vida que prevalece em todos os órgãos."

Depois desta crise provocada pelo acónito, a sua consciência recebeu uma atividade totalmente nova, e o tempo de sono, como ele próprio diz, já não lhe era perdido. "Desde então", afirma, "tenho sonhos que me iluminam, e nos quais o meu espírito se alegra nas suas

capacidades e o meu juízo na sua força. Isto fez com que, nas palavras do Salmista, eu concebesse como 'a noite transmite sabedoria à noite'."

Dou agora, finalmente, o que Van Helmont diz da luz interior da alma: — "Quando Deus criou a alma humana, infundiu-lhe conhecimento essencial e original. A alma é o espelho do universo e mantém relação com todos os seres vivos. É iluminada por uma luz interior; mas a tempestade das paixões, a multidão das impressões sensuais, as dissipações, obscurecem essa luz, cujo esplendor só se difunde quando arde sozinha e tudo dentro de nós é paz e harmonia.

Quando nos sabemos separados de todas as influências exteriores, e desejamos apenas ser guiados por esta luz universal, então somente encontramos em nós próprios conhecimento puro e certo; neste estado de concentração, a alma analisa todos os objetos sobre os quais fixa a sua atenção. Ela pode unir-se a eles, penetrar a sua substância, penetrar até ao próprio Deus, e senti-l'O nas verdades mais importantes."

De todas estas observações, e de muitas outras passagens dos seus escritos, é claro que Van Helmont considera a ciência da medicina sob uma luz magnética, e a praticava como tal. A sua presença era frequentemente suficiente, segundo a sua afirmação, para curar os doentes. Pela sua vontade, atuava não só sobre os homens, mas até transmitia através dela uma força peculiar aos remédios, e confiava mais na ajuda divina que sustentava o seu espírito, sem por vezes recorrer a quaisquer meios físicos.

Ele acreditava que a sabedoria humana, que consistia meramente em controvérsias incertas e num eterno alimentar do orgulho, era insuficiente para proporcionar ajuda à humanidade sofredora; que todo o conhecimento médico estava de facto muito distante daquele que Deus conferira àqueles que escolhera como instrumentos da sua misericórdia para realizar a cura das dores e desgraças. Acreditava que podemos, com propriedade, usar os meios que a experiência de muitas idades nos ensinou; e, acima de tudo, que o amor deve animar todos os nossos esforços.

A descrição das qualidades de um médico é verdadeiramente o retrato de um genuíno médico magnético e bíblico, mas do qual nós, infelizmente, temos apenas alguns exemplos.

"O médico escolhido por Deus", diz ele (*Van Helmont, Tumulus pestis*), "é acompanhado de muitos sinais e prodígios para as escolas.

Dará a honra a Deus, pois emprega os seus dons para suavizar os sofrimentos do seu próximo. A compaixão será a sua guia. O seu coração possuirá a verdade, e o seu intelecto a ciência. O amor será a sua irmã; e a verdade do Senhor iluminará o seu caminho. Invocará a graça de Deus, e não será dominado pelo desejo de ganho. Pois o Senhor é rico e generoso, e paga cem vezes em medida cheia.

Ele tornará frutuoso o seu trabalho, e revestirá as suas mãos de bênçãos. Encherá a sua boca de consolo, e a Sua palavra será uma trombeta diante da qual as doenças fugirão. Os seus passos trarão prosperidade, e a enfermidade fugirá diante do seu rosto, como a neve derrete numa manhã de verão. A saúde segui-lo-á. Estes são os testemunhos do Senhor para aqueles curadores que Ele escolheu — esta é a bem-aventurança dos que prosseguem o caminho da bondade; e o Espírito Santo, além disso, iluminá-los-á como o Consolador."

## HENRY CORNELIUS AGRIPPA, DE NETTESHEIM

Entre os principais discípulos de Van Helmont, os principais propagadores das doutrinas de Paracelso na Alemanha foram os seguintes: João Reuchlin, que fundamentava as suas doutrinas teosóficas principalmente na Bíblia e, por isso, escreveu a sua obra mais notável, *De verbo mirifico*, sobre o poder da palavra; João Trithemius, abade de Sponheim; Leonhard Thurneysscr, de Thurn, astrólogo popular e mago em mais de uma corte alemã; e Henrique Cornélio Agrippa, de Nettesheim.

Este último escreveu um livro notável (*De occulta philosophia*), no qual não só se encontram as doutrinas dos cabalistas, mas também ideias próprias, peculiares e excelentes, que, apesar de algumas absurdidades, devem ser tidas como altamente valiosas na ciência magnética, e das quais, portanto, citarei algumas.

Agrippa ocupou-se principalmente com as três palavras paracelsistas — o sideral, o elementar e o espiritual.

Darei aqui um resumo condensado da sua teoria, a partir da *História da Medicina* de Sprengel. "Assim como no mundo original todas as coisas estão em todas, assim também no mundo físico está igualmente cada uma em todas e todas em cada uma" (*lib. i. c. 8*). "De cada corpo procedem imagens, substâncias indivisíveis, que se difundem pelo espaço infinito. Por isso os corpos podem agir sobre

outros a distâncias remotíssimas, e, por essa razão, o homem está em condição de transmitir os seus pensamentos a outro homem que esteja a centenas de milhas de distância" (*Sprengel, História da Medicina*, parte II, p. 267).

"A matéria é morta e inerte, e sem poder para agir; recebe força e forma das ideias, isto é, da natureza, que de si mesmas não têm corpos nem extensão, mas vêm de Deus para a matéria. Tudo, porém, segundo Platão e os platónicos, é de origem divina (*e mente divini quid*), e por isso Deus está contido em todas as coisas. Os astros consistem igualmente dos elementos dos corpos terrestres, e, portanto, as ideias (forças, naturezas) atraem-se mutuamente. As forças têm o seu fundamento primeiro nas ideias, no espiritual; depois, na harmonia dos céus; e, finalmente, nos elementos dos corpos, que estão em conformidade com as ideias siderais.

As operações deste mundo têm o seu fundamento em parte nas formas substanciais dos corpos, em parte nos poderes do céu, em parte em coisas espirituais, e, em última instância, nas formas primordiais da imagem original. As influências só se propagam com a ajuda do espírito; mas este espírito difunde-se por todo o universo e está em plena harmonia com o espírito humano. Pela simpatia das coisas semelhantes e pela antipatia das dessemelhantes, toda a criação se mantém ligada; as coisas de um mundo particular dentro de si mesmas, bem como com as coisas congéneres de outro mundo."

Agrippa fala de modo muito extraordinário dos meios morais que o homem deve empregar para alcançar os necessários discernimentos e conhecimentos.

"O mago que quiser adquirir poderes sobrenaturais deve possuir fé, amor e esperança.

"Em todas as coisas", acrescenta, "há um poder secreto escondido, e daí vêm os poderes miraculosos da magia."

Como exemplo, apresenta o íman, que atrai o ferro, e contudo um diamante pode privar este íman da sua força. "Em cada pedra e planta há um poder e uma atividade maravilhosa, mas muito maior e mais maravilhosa é a dos astros."

Dá outro exemplo do poder mágico secreto, em tudo o que se associa ao seu semelhante, e no seu apropriar-se e assimilar todas as coisas a si.

"Pois tudo o que vive e atua, logo que se torna vivo, não procura retroceder, mas avançar; isto é, não procura assimilar-se ao que é inferior, mas esforça-se por assimilar o inferior a si, como é manifestamente mostrado pelos animais, que não convertem o seu alimento em pedra ou planta, mas convertem a erva em carne, e, além disso, em carne sensível (*in carnem sensibilem*)."

Fala assim da influência dos astros: — "É claro que tudo o que é inferior está sujeito ao superior; isto é, o terreno depende do sideral; mas ambos são, de certo modo, aparentados (*quodammodo sibi invicem insunt*). Assim como o mais elevado está no mais baixo, e o mais baixo no mais elevado, assim há no céu o terreno e na terra o celeste; em ambos, contudo, revestidos da sua própria forma. Assim dizemos que há aqui vida solar e vida lunar (correspondendo ao sol e à lua), nas quais o sol e a lua especialmente revelam a sua força." Dá exemplos disto em várias coisas, até mesmo no corpo humano e nos seus diferentes intestinos.

Destas concordâncias dos astros e das suas propriedades mútuas, deduz, como consequência direta, a concordância particular das coisas individuais aqui, como o ato de aumentar ou diminuir o efeito das coisas congéneres umas sobre as outras na terra. "Se quiseres de qualquer parte particular do mundo receber o poder de uma estrela particular, deves usar os meios que estão em relação particular com essa estrela, e experimentarás a sua influência" (*Agrippa, c. 33, 34*). "Se quiseres, por exemplo, atrair para ti o poder do sol, usa o que é de natureza solar — metais, pedras ou animais — mas sempre, e sobretudo, tais coisas como ocupam um grau mais elevado."

Esta doutrina do poder da palavra é exposta com grande extensão. Ele atribui também aos números uma atividade particular, que leva por vezes não apenas a um excesso pouco sábio, mas até absurdo. Finalmente, afirma, para demonstrar a influência mútua dos astros e de todas as coisas, que acredita que os céus e os corpos celestes são animados, pois de nenhum corpo puramente material pode proceder a acção.

Vê-se que Agrippa tem, em geral, ideias muito justas; mas seguindo-as com demasiada paixão, perde-se em pormenores e num labirinto de fábulas, ao mesmo tempo que a sua separação total do espírito em relação à matéria, que supõe absolutamente morta, de modo nenhum é filosófica.

## ROBERT FLUDD

Na Inglaterra, Robert Fludd foi o mais distinto dos discípulos de Paracelso.

Não considero Fludd propriamente um daqueles teosofistas consagrados, que procuram extrair toda a sabedoria da fonte eterna da luz; mas, apesar disso, foi um investigador muito profundo, como o prova o seu livro (*Philosophia mosaica, in qua sapientia et scientia creationis explicantur, auctore Rob. Fludd, Gondre, 1638*), em que o grande objetivo é explicar a criação a partir de princípios de filosofia natural. Como aí entra na questão das curas magnéticas, tomaremos nota de algumas das suas opiniões.

Considera que todas as coisas, sob certas modificações, procedem de um ser primitivo. A alma é uma parte deste ser primordial, a que chama *principium universale catholicum*. Daí provém o parentesco de todas as almas, que têm todas a sua origem nesta alma original como ponto central.

As suas investigações sobre a natureza das simpatias e antipatias, e sobre o poder do íman, são extensas. Explica a acção destes do seguinte modo: que as emanações deste fino espírito tomam diversas direções. Na simpatia, as emanações procedem do centro para a circunferência; na antipatia, da circunferência para o centro. O poder e a influência dos astros constituem para ele uma doutrina fundamental, e cada corpo tem a sua estrela particular. A estrela polar é a que foi expressamente designada para o íman.

O homem, como pequeno mundo, é dotado de um poder magnético (*magnetica virtus microcosmica*). Este poder, contudo, está sujeito às mesmas leis que o poder em larga escala do universo. Nas emoções de alegria, o coração expande-se e envia o seu espírito do centro para a circunferência.

No ódio, contrai-se, como na antipatia, e retém os seus espíritos. O homem, como a Terra, tem os seus polos. Fludd adota duas correntes principais, a do norte e a do sul. O homem, como pequeno mundo, é também dividido pela sua linha perpendicular em duas partes iguais. Esta linha forma no meio o equador; por isso, diz, o homem deve colocar-se com o rosto voltado para o oriente e as costas para o ocidente.

Quando dois homens se aproximam um do outro, o seu magnetismo é ou ativo ou passivo, isto é, positivo ou negativo. Se as emanações

que emitem são interrompidas ou repelidas, surge a antipatia, ou *Magnetismus passivus*; mas quando as emanações passam através uma da outra de ambos os lados, então há magnetismo positivo, pois os raios procedem do centro para a circunferência. Neste caso não afetam apenas as doenças, mas também os sentimentos morais. Este magnetismo ou simpatia encontra-se não só entre os homens, mas também nas plantas e nos animais.

Assim como até corpos como a Terra e o íman, que parecem substâncias mortas e inertes, têm as suas emanações e polos, tanto mais devem existir estas coisas nos seres vivos, e sobretudo no homem. Ele dá muitos exemplos de simpatia e antipatia entre animais e plantas; fala de talismãs, e perde-se num labirinto de superstições; fala de espíritos, de diabos e dos seus exorcismos; de modo que às suas conceções mais nobres se misturam superstições vulgares.

## M. MAXWELL

Este foi um médico escocês, que afirmou com tanta clareza a doutrina do magnetismo, que muitas vezes se encontram nele as próprias palavras de Mesmer. Conhecia bem os seus predecessores e esforçou-se por reunir as suas ideias num sistema, e assim construir uma base firme de ciência. Por esta razão lisonjeava-se de ter elevado a medicina magnética do caos.

As suas doutrinas estão expostas com admirável brevidade e clareza num pequeno volume. A sua obra apareceu pela primeira vez em Heidelberg. Outra edição saiu em Frankfurt (*Medicina magnetica, Libri III., in quibus tam theoria quam praxis continetur; opus novum admirabile*, Francof. 1679, 16). A sua teoria magnética, que muito se assemelha à de Mesmer, pode resumir-se brevemente.

Aquilo a que os homens chamam a alma do mundo é uma vida, como fogo, espiritual, veloz, leve e etérea como a própria luz. É um espírito vital em toda a parte, e em toda a parte o mesmo; e este é o vínculo comum de todos os pontos da terra, e vive através de tudo e em tudo. *Adest in mundo quid commune omnibus mentis, in quo ipsa permanent, etc.*

Este espírito mantém todas as coisas no seu estado particular: toda a matéria é destituída de ação, exceto na medida em que é animada por este espírito.

"Se te puderes aproveitar deste espírito e acumulá-lo em corpos particulares, não obterás pequeno benefício dele, pois aí reside todo o mistério da magia. Este espírito encontra-se na natureza livre de todos os grilhões; e quem souber uni-lo a um corpo harmonizante possui um tesouro que excede todas as riquezas."

"Segundo a variedade das direções e capacidades naturais, um artista experiente pode comunicá-lo a todos os corpos e a cada homem de maneira surpreendente" — Aforismo 38.

"Quem souber operar sobre os homens através deste espírito universal pode curar, e isto a qualquer distância que lhe aprouver" — Aforismo 69.

Maxwell acreditava que este espírito universal se encontrava na luz, e esta era, portanto, o seu médium universal. Tal coisa devia existir, e não é outra senão o espírito vital condensado em algum objeto particular.

"Quem puder fortalecer o espírito particular através do universal poderá prolongar a sua vida até à eternidade, se os astros não fossem hostis" — Aforismo 70.

"Quem conhece este espírito vital universal e a sua aplicação pode prevenir todos os males. Por isso os médicos devem ver quanto poderiam obter dele na arte de curar" — Aforismo 22.

"Há uma ligação entre os espíritos, ou entre as emanações, mesmo quando estão distantes uns dos outros. Mas que é esta ligação? É uma efusão incessante dos raios de um corpo para outro."

"Entretanto, não é sem perigo tratar disto. Muitos abusos abomináveis podem ocorrer, os quais, segundo a sua opinião, seriam imensamente nocivos. Ouçamo-lo: (Conf. XIII. cap. conclus. 12.) "Mas não atrairei para coisas proibidas; se encontrares nos meus escritos algo que seja perigoso, não o dês a conhecer.

Assim como apresentei as maravilhas desta arte e as suas grandes vantagens, não posso, ao mesmo tempo, calar-me sobre as suas desvantagens, das quais se pode fazer uso pernicioso. Pois para desviar a mente de tais coisas requer-se, além de uma vontade imperiosa, uma força vigorosa e a combinação de muitas circunstâncias. Mas o povo ignorante não entende isto, e por isso calunia a verdade, e declara que é mentira ou obra do diabo."

Em resposta à acusação de ser excêntrico e de desejar estabelecer uma nova doutrina, diz: — "Que abandonei o trilho da multidão de filósofos, reconheço; pois admito nenhum ou, no máximo, uma porção muito pequena da filosofia escolar.

Quem apenas conhece a filosofia ordinária das escolas, e, como médico, Galeno, peço que desista de ler o meu tratado, porque não está em condição de o julgar, nem sequer de o compreender. Afasta-se demasiado do seu costume.

"O que posso eu esperar de juízes severos e ignorantes?

"O nosso ensino funda-se numa experiência genuína e indubitável, da qual, como de uma fonte liberal, corre o mais belo rio" — (*cap. vii. conclus. 6*).

"Daremos, portanto, instigados pelo amor e pelo bem público, a cura de seis das mais difíceis doenças, que a multidão de médicos declara incuráveis."

Estas são — loucura, epilepsia, impotência, hidropisia, coxeadura e febre contínua bem como intermitente — (I. c. *in praefatione*).

Finalmente, diz noutro lugar: — "Não vimos nós, em séculos passados, o mundo inteiro, por assim dizer, movido a uma furiosa hostilidade contra este meio de cura? Não foi ele, pelo clamor de certa experiência, que ainda assim deve ser tida por sagrada e incontestável, declarado feitiçaria, diabólico, e tido por crime e loucura?" — (Prefácio.)

Creio que podemos concluir a partir destas poucas passagens que Maxwell compreendeu bem e estava familiarizado com a prática do magnetismo; e que as suas opiniões sobre ela concordavam tão inteiramente com as nossas, que o médico magnético do tempo presente pode adotar as suas expressões como próprias.

Graham foi outro médico escocês de Edimburgo, que não foi tanto um mestre de magia e um defensor do magnetismo quanto o introdutor de um peculiar leito de estado para a cura de doenças; e que pode provavelmente ser considerado um meio magnético excelente, visto que já vimos que entre os antigos havia leitos semelhantes colocados nos templos para esse fim. Dizia-se também que tinha descoberto uma água e um pó magnéticos. Tomo do já referido *Anti-magnetism* a descrição deste leito: —

"Chamou à sua casa o templo de Hygieia, no qual uniu o útil ao agradável. Por toda a parte reinava o mais alto esplendor. No próprio pátio de entrada, a nossa testemunha ocular declara que a arte, a descoberta e a riqueza se tinham de facto esgotado. Nas paredes dos aposentos, fogos elétricos faziam glórias de arco-íris, raios de estrelas irrompiam, e vidros transparentes de todas as cores eram reunidos com infinito gosto e discriminação. Tudo isto, diz a testemunha ocular, excita a imaginação no mais alto grau.

O seu grande meio de cura, combinado com uma dieta frugal e um frasco de remédio, era o seu leito magnético e elástico. Este estava numa câmara esplêndida, para a qual era introduzido um cilindro de um aposento adjacente, e através dele era conduzida a corrente curativa para o quarto de dormir, bem como toda a espécie de medicamentos fragrantes mas fortificantes e perfumes orientais por tubos de vidro. O leito celeste em si repousava sobre seis colunas transparentes; as roupas da cama, de cetim púrpura e azul-celeste, eram estendidas sobre colchões embebidos de águas odoríferas arábicas e orientais, ao gosto da corte persa. O aposento em que se encontrava chamava-o de *Sanctum Sanctorum*.

Não mostrava o leito a ninguém, nem mesmo àqueles a quem mostrava todo o resto: "Pois quem", dizia ele, "poderia resistir ao prazer e à intoxicação que este lugar encantador excitava?" A tudo isto se juntavam os sons melodiosos do *harmonicon*, de flautas suaves, vozes agradáveis e um grande órgão. Dizia com verdade que nada tinha restaurado aos nervos destruídos o seu vigor de modo tão surpreendente como este leito celeste.

Teve este leito em Londres; e qualquer pessoa que desejasse fazer uso dele devia dirigir-se a ele por carta e enviar incluídas 50 libras esterlinas; sobre o que recebia um bilhete de admissão.

Valentine Greatrakes era irlandês, nascido no condado de Waterford em 1628. No ano de 1662 sonhou que possuía o dom de curar o papo apenas impondo a mão. A princípio não prestou atenção; mas como sonhou a mesma coisa muitas vezes, fez primeiro a experiência na sua esposa, e resultou admiravelmente. Tentou em outros, e com o mesmo resultado. Em 1665 começou a usar a sua mão para a cura de todas as doenças sem exceção. Em 1666 foi a Londres, onde foi chamado pela Corte a Whitehall. Aí experimentou o seu poder de cura em muitas pessoas. Mas os cortesãos procuraram de todas as maneiras zombar e insultá-lo, porque não desdenhava curar também

animais. Já não o pôde suportar e, por fim, retirou-se para uma casa perto da capital, onde tocava e curava doenças.

Como as suas curas eram de um tipo tão inteiramente magnético, como nenhum homem antes as tinha realizado tão publicamente, e como produziu as mesmas crises e fenómenos que os médicos magnéticos agora produzem, notaremos brevemente a história das suas curas. Podem ser vistas tratadas mais amplamente nos escritos de Pechlin (*Observationes phys. med.* lib. iii. c. 2, 1691), nas publicações mensais de Berlim (1780) e também na *História Crítica do Magnetismo Animal* de Deleuze.

Pechlin diz: "Entre as curas mais assombrosas que a história regista, estão as de um fidalgo irlandês em Londres, Oxford e outras cidades de Inglaterra e Irlanda. Ele próprio publicou em Londres, em 1666, um relato completo delas. 'Valentine Greatrakes, Esq., de Waterford, no reino da Irlanda, famoso por curar diversas doenças e achaques apenas pelo golpe (passagem) da sua mão: Londres, 1666.'"

Pechlin crê que não pode haver qualquer dúvida quanto à realidade das suas curas, tal como são relatadas na sua própria obra; e, por conseguinte, são dignas de ser traduzidas em todas as línguas. Pechlin mandou imprimir várias cartas e testemunhos, que colocam a veracidade e o carácter de Greatrakes na mais clara luz. Em primeiro lugar, Joh. Glanville, o autor de *Scepsis Scientifica*, em que tratou todo o saber e ciência humanos como sujeitos a dúvida, e que era também capelão de Carlos II, diz numa carta que Greatrakes era um homem simples, amável e piedoso, alheio a todo o engano.

O mesmo testemunho lhe foi dado por George Rust, bispo de Dromore na Irlanda. O bispo diz que esteve três semanas em sua casa, onde teve oportunidade de observar os seus bons costumes e o grande número das suas curas de doentes. Pelo simples impor das mãos, impelia as dores para as extremidades dos membros. Por vezes o efeito era muito rápido e como que mágico. Se as dores não cediam imediatamente, repetia as suas fricções, e conduzia-as sempre das partes mais nobres para as menos nobres, e finalmente para os membros.

O bispo relata ainda: — "Posso, como testemunha ocular, afirmar que Greatrakes curou vertigens, doenças muito graves dos olhos e ouvidos, úlceras antigas, papo, epilepsia, tumefações glandulares, indurações escirrosas e tumefações cancerosas. Vi tumefações dissiparem-se em cinco dias que tinham muitos anos, mas não creio

por meios sobrenaturais; nem a sua prática apresentava algo de sagrado. A cura era por vezes muito demorada, e as doenças só cediam mediante esforços repetidos; algumas resistiam por completo às suas diligências."

Pareceu ao bispo que algo curativo, algo balsâmico, fluía dele. O próprio Greatrakes estava persuadido de que o seu poder era um dom especial de Deus. Curava até queixas epidémicas pelo seu toque, e por isso acreditava ser seu dever dedicar-se à cura das doenças.

Aos do bispo podem juntar-se os testemunhos de dois médicos, Faireklow e Astel, que inquiriram muito assiduamente sobre a realidade das suas curas.

"Fiquei impressionado", diz Faireklow, "com a sua gentileza e bondade para com os infelizes, e pelos efeitos que produzia com a sua mão."

Astel diz: — "Vi Greatrakes remover num momento dores violentíssimas apenas com a sua mão. Vi-o conduzir uma dor do ombro até aos pés. Se as dores na cabeça ou nos intestinos permaneciam fixas, o esforço para as remover era frequentemente seguido das crises mais terríveis, que pareciam mesmo pôr a vida do doente em perigo; mas pouco a pouco desapareciam para os membros, e então completamente. Vi uma criança escrofulosa de doze anos com tumefações tais que não se podia mover, e ele dissipou com a mão a maior parte delas."

Um dos maiores tumores, porém, ele abriu, e assim o curou com o seu próprio escarro." Finalmente, Astel diz que viu várias outras curas e repete os testemunhos de Rust e Faireklow sobre o carácter de Greatrakes.

O célebre Robert Boyle, presidente da Royal Society de Londres, afirma: — "Muitos médicos, nobres, clérigos, etc., testemunham a verdade das curas de Greatrakes, que ele publicou em Londres. As principais doenças que curou foram cegueira, surdez, paralisia, hidropisia, úlceras, tumefações e todo o género de febres." Finalmente, dizia-se que ele punha a mão sobre a parte afectada e assim conduzia a doença para baixo."

O célebre estalajadeiro Richter, de Stoyen, na Silésia, foi, há alguns anos, um segundo Greatrakes.

Entre os italianos merecem ser mencionados Baptista Porta, Girolamo Cardano, Tommaso Campanella e Athanasius Kircher. O primeiro contribuiu de modo eminente para convencer o mundo da superstição e infundamento da feitiçaria e das ações sobrenaturais dos demónios; e para mostrar que tais fenómenos invulgares são em parte obra da natureza e em parte artifícios e ilusões do interesse próprio, e prestou assim importantes serviços ao magnetismo.

No seu livro sobre a Magia Natural (*Magia naturalis*, Lugduni, 1569), diz: — "Há um Espírito universal do Mundo, que une tudo com tudo; que produz e purifica as nossas almas, e assim as torna capazes das artes mágicas. Muitas circunstâncias e mudanças podem ser explicadas pela simpatia e antipatia; mas estas procedem deste espírito do mundo. A simpatia depende da atracção das coisas afins; e a antipatia da repulsão das coisas dessemelhantes." Encontram-se especialmente na obra de Porta belas observações sobre harmonia, simpatia, etc.

Girolamo ou Hieronymus Cardanus, também, esse extraordinário excêntrico, merece ser mencionado, em parte por opiniões concordantes com o magnetismo, e em parte como fenómeno magnético notável, porque, através dos seus sonhos e visões, que provocava à vontade, podia pôr-se no mais claro estado de êxtase, no qual, segundo as suas próprias afirmações, via e ouvia coisas que estavam ainda longe no futuro.

O seu pai, Lucius Cardanus, já possuíra antes um espírito familiar etéreo, que lhe mostrava o que devia fazer (*Cardanus de verum varietate*, lib. v. c. 93). As suas obras completas foram publicadas em Lyon, em 1663, em dois volumes in-fólio, e ele próprio tinha um espírito familiar como Sócrates, Plotino, Sinesius, Dion e Flávio Josefo.

Tommaso Campanella tornou-se muito célebre pelas suas doutrinas e pelo seu livro *De sensu rerum et magia*. Ao mesmo tempo que nestes escritos procurava ensinar a magia e explicá-la por causas e efeitos naturais, foi acusado de feitiçaria, lançado na prisão e levado a julgamento por suspeita de heresia.

## ATHANASIUS KIRCHER

O mais célebre de todos foi o Padre Kircher, homem de espírito muito sagaz, de vastíssimo saber e conhecimentos abrangentes; que, através das suas inúmeras experiências e investigações em filosofia natural, através das suas muitas viagens, e da sua imparcialidade, despertou fortemente o espírito da natureza, e procurou purificar o estudo da natureza da superstição, da credulidade e das conceções erróneas.

O magnetismo era já no seu tempo um tema que atraía de modo extraordinário a atenção de todos os eruditos. Deve reconhecer-se que era ainda mais o jogo enigmático do magnetismo mineral do que qualquer outro, mas que, através dos seus fenómenos e das curas ligadas a ele, levou a novas investigações, e os homens começaram então a atribuir causas e efeitos desconhecidos às forças magnéticas. Cada qual procurava, à sua maneira, explicar os factos, e a teoria do magnetismo era continuamente mais confirmada, enquanto as opiniões mais singulares, a favor e contra, eram apresentadas.

Isto levou também o Padre Kircher, como um dos mais zelosos e hábeis filósofos naturais do tempo, a instituir uma série de experiências, e, assim, a consolidar ainda mais firmemente a ciência do magnetismo. Escreveu uma grande obra sob o título *Athanasii Kircheri Magnes, sive de arte magnetica, opus tripartitum*, Colónia, 1643, que não é apenas um tratado e uma obra-prima de filosofia natural, mas que também contém uma enorme quantidade de matéria da mais alta importância para o magnetismo no seu sentido mais alargado. Citarei algumas das passagens mais notáveis.

Na introdução, declama calorosamente contra os exageros, os sonhos e as fantasias extravagantes, pelos quais alguns, sem qualquer experiência pessoal, arrastados pelas maravilhas do magnetismo, e apoiando-se em conclusões incertas ou falsas, perturbavam todas as escolas com ficções intoleráveis e chocantes. Isto poderia talvez levar à suposição de que Kircher não era amigo especial do magnetismo.

Mas ele esforçava-se apenas por conciliar as maravilhas que tinham acontecido com as ideias correntes e as leis conhecidas da natureza; e queria com isso dizer que não devemos denunciar coisas inexplicadas, e em grande parte desconhecidas, com tais clamores e de bocas escancaradas. Queria também dizer que, se as pessoas não quisessem ou não pudessem realizar experiências claras e positivas

por si mesmas, deviam permanecer caladas, para que não propagassem mentiras e conclusões falsas.

Que justas ideias tinha Kircher do magnetismo, vê-se da sua exposição da filosofia do magnetismo. "Magnetismo", diz ele, "é assim chamado porque todas as operações maravilhosas da natureza se tornam mais aparentes nas radiações do íman; portanto, estes efeitos são apenas assim chamados pela sua semelhança com as radiações magnéticas. Ou seja, a ideia da demonstração da atividade e da natureza das forças que atuam umas sobre as outras através de emanações mútuas é chamada magnetismo."

Segundo Kircher, tudo é magnético, mas nem tudo é um íman; pois contestava a opinião de Gilbert de que a Terra é um grande íman. Por magnetismo deve entender-se um todo cujas partes estão ligadas e conduzidas pelas forças de atração e repulsão que se assemelham às do íman. Fala de um magnetismo das plantas, dos animais, dos metais, dos elementos, do sol, da lua e do mar. Ao magnetismo mineral chamava Zoomagnetismo. Fala depois do magnetismo de peixes particulares, e de corpos elétricos; do magnetismo das substâncias medicinais; da imaginação, da música e do amor.

Passa então pelos três reinos principais da natureza, e apresenta muitos exemplos de magnetismo, ou simpatia e antipatia, entre plantas, animais e até minerais.

Desses exemplos tomemos um de cada género: hostilidade, isto é, antipatia, é patente até entre plantas. Assim, por exemplo, a videira tem ódio declarado à couve, e quando a percebe na vizinhança, volta-se para longe dela como de um inimigo mortal, enquanto, pelo contrário, se inclina para a oliveira. A couve, por sua vez, odeia o *pão-de-porco* (*Cyclamen*) a tal ponto que, se são aproximados, ambos murcham. A simpatia dos dois sexos nas plantas é muito notável, a tal ponto que um arruína-se sem o outro.

Os camponeses sabem muito bem que devem ser postos juntos; e Plínio descreveu isto belamente: "*Tunc osculo illarum blandè demulcens amorem confitetur, sese illis desiderio stimulatam, hujus vesanise remedio affert; quo amor diluatur*." Assim, os figos bravos na Calábria nunca amadurecem, embora pendam em grande quantidade, exceto quando as árvores macho e fêmea se unem, caso em que amadurecem rapidamente o fruto, e ficam tão firmemente ligados entre si que não podem depois separar-se.

De resto, o amor do ranúnculo pelo nenúfar, da arruda pela figueira, da videira pelo olmo e pela oliveira, são universalmente conhecidos. Kircher enumera ainda um grande número de plantas que têm uma especial simpatia pelo sol e pela lua, e que regularmente se voltam para eles. Diz ele que a acácia, nas proximidades de Roma, é tão amante do sol que, mal este nasce, logo abre as folhas, e, quando se põe, logo as fecha, de modo que se poderiam colocar nelas espinhos de zimbro. Muitas flores crescem até o sol retroceder em Caranguejo; depois enfraquecem continuamente e, quando ele atinge a sua maior distância, morrem.

Kircher (lib. iii. p. 643) fala de uma espécie de eufórbia (Tithymallus) que durante todo o dia segue o sol, mesmo quando este se encontra encoberto por neblina; e Próspero Albino (De plantis Aegyptiacis, c. 10) relata o mesmo acerca do tamarindeiro no deserto de São Macário, onde nenhuma outra planta cresce. Ele dá muitos exemplos do fechar e abrir das folhas ao longo do dia e da noite.

Kircher fornece também exemplos de plantas que de facto repelem e atraem, e refere especialmente que, no México, existe uma espécie de planta muito semelhante à romãzeira, cujos rebentos tenros, cortados em pedaços, se repelem mutuamente com a maior antipatia.

A simpatia entre os animais é muito notável, porque, em primeiro lugar, eles apenas vivem em determinados lugares; em segundo lugar, apenas entre certos animais; e, em terceiro, mesmo entre estes atendem a certas qualidades.

"O instinto dos animais, pelo qual procuram o que lhes é salutar e evitam o pernicioso, não é senão a propensão entre as plantas para o bem e a antipatia para com o mal, cuja atmosfera imediata opera beneficamente ou de modo contrário; de tal forma que da semelhança nascem o amor, a atração e a simpatia, e da dessemelhança o ódio, a repulsão e a antipatia.

Sobre a simpatia e a antipatia dos animais, acrescenta ainda: 'Quem ensinou à lebre a temer o cão e não o muito maior cervo? Quem ensinou à galinha a temer a águia e não o pavão ou o avestruz? Quem ensinou ao papagaio e à pega a arte de falar? Quem ao cinocéfalo a música; às abelhas a arte da medição; ao peixe-construtor a arte de edificar, e à aranha a de tecer? Quem instruiu o hipopótamo na arte da flebotomia? Quem deu a conhecer à andorinha a hepática contra a cegueira; quem revelou a qualidade laxante da

anagálide às aves domésticas e a diversas aves aquáticas? Apenas essa inspiração da natureza, que nada mais é do que o entendimento material, ou antes oculto, ou a operação da imaginação. Se os animais assim conhecem a si mesmos e às suas circunstâncias, por que haveríamos de negar ao homem o conhecimento das forças e dos efeitos a partir das suas causas?'"

Finalmente, refere-se a uma extraordinária espécie de atração entre os animais. A fuinha corre com os mais selvagens uivos e clamores para a boca aberta do grande sapo venenoso (Bufo). A grande serpente americana atrai com a sua respiração o veado, como o íman atrai o ferro, e esmaga-o, lambendo-o depois com saliva, para que o possa engolir mais facilmente. Alude então aos peixes elétricos, como a tremelga e o tamboril. O galgulus (ou íctero) cura a icterícia apenas por ser olhado pelo doente.

Quanto à simpatia do reino mineral, relata, entre outras coisas, a observação de Albino (Prosper Alpinus de medicina AEgypt. lib. i.c. 6.) de que um pedaço de terra retirado do Nilo, seco e cuidadosamente guardado, não se alterava durante todo o ano, até que, no dia 17 de Junho, de súbito se tornava mais pesado; e a partir desta circunstância se inferiu que o Nilo subia então.

Fala também da selenite (l. e. p. 910), que tinha uma mancha na superfície que aumentava ou diminuía segundo as mudanças da lua. Uma pedra semelhante estava na posse do Papa Leão X, a qual mudava do azul para o branco segundo o quarto da lua. Também Cardano fala de uma pedra a que chama gema helita, pertencente ao Papa Clemente VIII. Esta possuía uma mancha dourada que mudava de aspeto de acordo com o nascer e o pôr do sol.

Particularmente notável é o magnetismo da música. Vê-se aqui como, por meio dos nervos, a alma e as paixões são postas em movimento. O harmónico é preferível a todos os outros instrumentos para esse fim, e de um deles dá ele descrição, a qual merece ser imitada. Consiste em cinco copos simples, cheios de diferentes licores, que se tocam entre si.

Num deles está aguardente, noutro vinho, noutro azeite e noutro água. Para tocar, é preciso molhar o dedo e esfregá-lo no bordo dos copos. É muito notável que Mesmer utilizasse este mesmo harmónico para curas magnéticas. No modo de explicar estes fenómenos, Kircher tem também muito em comum com Mesmer; e fala da

corrente de todas as coisas em conjunto: "Praeterea cum omnes res agant effluxum quendam", etc.

Kircher trata ainda do magnetismo do poder da imaginação e, entre outros assuntos, introduz particularmente as mulheres grávidas: — "Os árabes", diz ele, "e em especial Avicena e os seus discípulos, acreditam num tal poder da imaginação que não apenas exerce influência sobre o corpo, mas pode mover e alterar substâncias externas sem qualquer corpo intermediário. Até os animais possuem este poder em maior ou menor grau, e, de facto, quanto mais o possuem, tanto mais nobres parecem.

Com efeito, um forte e muito notável poder de imaginação não pertence a todos. A influência de uma vontade forte sobre os outros é tanto maior quanto mais se combinam as três circunstâncias seguintes: 1.ª Nobreza de alma; 2.ª Forte potência da imaginação; e 3.ª Ausência de uma força resistente (subjectum non repugnans). Deste modo, alguns curam as doenças menos curáveis e têm conhecimento de acontecimentos futuros e distantes.

Já citei a passagem onde ele diz que uma mente livre, destituída de toda a sensualidade mundana, alcança a visão mais clara de todas as coisas. Mas que a imaginação pode algo, vê-se nas pessoas que, sempre que pensam no fogo e no castigo do inferno, caem numa violenta transpiração. Também nas mulheres, o poder da imaginação é maior do que nos homens, e sobretudo quando estão grávidas."

Por fim, o magnetismo do amor é o originador e sustentador de todas as coisas sob Deus. Dele emanam as artes e as ciências. O artista conhece-o, assim como o atleta, o lavrador, o músico, o astrólogo, o adivinho e o teólogo. O amor, no seu sentido ordinário, diz ele, é uma espécie de febre: "Amor febris species."

As suas opiniões relativas ao magnetismo da terra, das plantas e dos astros são muito interessantes, assim como as que dizem respeito à concordância e aos movimentos mútuos do céu e da terra — sendo que esta última, todavia, ele imaginava imóvel, e o sol a girar em torno dela. Diz que os filósofos antigos nunca negaram esta concordância, mas perceberam que o sol prende a si todas as coisas e comunica também este poder de união a outras, o que provavelmente ninguém, exceto o totalmente cego, negará.

Finalmente, o que Kircher diz dos antídotos contra os animais venenosos, e que corrobora com a sua própria experiência, merece ser citado. A picada ou mordedura de um animal venenoso pode ser

mais eficazmente curada pela aplicação de parte do próprio animal de onde proveio o mal. Por exemplo, a mordedura da víbora cura-se comendo a carne da víbora. O escorpião cura a picada do escorpião, como ele próprio tinha testemunhado na Alemanha. O grande sapo venenoso curava o bubão da peste, depois de previamente seco ao sol e então aplicado sobre ele.

Daqui se segue, naturalmente, que o verdadeiro antídoto da hidrofobia se encontra no próprio animal cuja mordedura produz a doença, o que também afirma Lemnius (Levinas Lemnius *De occultis naturae miraculis*), recomendando que se tomem alguns pelos ou que se coma alguma parte do mesmo animal. Há alguns anos, um médico suíço experimentou-o, recomendando especialmente beber o sangue do cão raivoso.

## TENZEL WIRDIG

Tenzel Wirdig foi professor em Rostock e, em 1673, publicou um livro que causou grande sensação — *Tenzelius Wirdig, Nova medicina spirituum*. Foi mais longe do que todos os seus predecessores, afirmando que na natureza e nos corpos havia mais vida, movimento e magnetismo do que os homens até então supunham. Com grande destreza e vasta erudição, demonstrou que toda a natureza estava animada e ampliou ainda mais a teoria de Kepler do que o próprio Kepler o fizera, chegando a afirmar que a Terra era um grande animal.

Segundo ele, existe uma consonância entre as almas de todos os corpos da Terra, nas estrelas do céu e, onde são de natureza afim, uma atração, mas uma repugnância e luta constante entre os que são de natureza oposta. "Dessa relação de simpatia e antipatia nasce um movimento constante em todo o mundo e em todas as suas partes, e uma comunhão ininterrupta entre o céu e a terra, que produz a harmonia universal.

As estrelas, cujas emanações consistem apenas de fogo e espíritos, exercem uma influência inegável sobre os corpos terrestres; e a sua influência sobre o homem demonstra-se pela vida, pelo movimento e pelo calor, coisas sem as quais ele não pode viver. A influência dos astros é mais forte no nascimento. A criança recém-nascida inala essa influência e, muitas vezes, do seu primeiro alento depende toda a sua constituição, e até toda a sua vida."

A relação entre os espíritos de simpatia e antipatia, sejam da terra ou do céu, é aquilo a que Wirdig chama magnetismo: "O magnetismo é

a consonância dos espíritos." Assim como o mundo inteiro está animado, também está sujeito ao magnetismo; pois tudo se aproxima do que lhe é semelhante e afasta-se do que lhe é dissemelhante, como faz o íman. Tudo vive e existe pelo magnetismo, e tudo perece pelo magnetismo. Ele estende esta simpatia a todas as coisas; fala da simpatia entre os homens em geral; entre pessoas do mesmo sexo; entre mãe e filho; da simpatia entre as diferentes partes do corpo; do sangue, etc.

Dá o exemplo de uma pessoa que influenciava outra a grande distância, produzindo-lhe doença. Isto foi confirmado muitas vezes em tempos modernos e é referido por Hufeland na sua obra sobre magia, publicada em Berlim em 1817. Cita ainda o caso de um nariz que fora cortado das costas de um carregador e que, quando o carregador morreu, também morreu e caiu da sua posição artificial — relato confirmado por Van Helmont, Campanella e Servius. Um pedaço de pele retirado de uma cabeça viva tinha os cabelos a embranquecer ao mesmo tempo que os da própria cabeça de onde fora retirado.

Dos muitos homens eruditos de quem aqui se poderia falar, devo pelo menos dar os nomes.

Entre os discípulos mais notáveis de Paracelso, defensores de uma ciência mágicoteosófica, contam-se em França — Jacob Gohory, Joseph du Chesne, e sobretudo o filósofo erudito Pierre Poiret Naudé, na sua *Apologie pour tous les grands personnages qui ont été faussement soupçonnés de magie* (Haia, 1679). Gaffarel, Rueil Pharamond; Ernst Burggraf (*Balneum Diana magnet, prescorphilos claris*. Lyon, 1600). Bartholin, Sir Kenelm Digby, Santanelli (*Philosophia recondita*, Colónia, 1723). Edward Medeira em *Novae philosoph. et medic. qualit. occult.* (Lisboa, 1650).

Thomas Bartholin, no seu tratado sobre a transferência de doenças; Andreas Tenzel (*Medicina diastatica*), ou a arte de curar que opera à distância — curas magnético-simpáticas de muitas doenças, em que o homem pode usar, de forma mágica, animais, plantas e metais (Leipzig e Hoff, 1753). Krautermann, o curioso e simples médico mágico, que ensinava e demonstrava como o homem não só a partir dos três reinos pode preparar remédios notáveis, mas também, pela simpatia e antipatia, pela transferência, por amuletos e pela magia natural, pode curar felizmente doenças, ou, por outras palavras, pela

reputada feitiçaria, com excelentes receitas que foram publicadas quatro vezes. Arnstadt, 1737.

A estes devem acrescentar-se os teosofistas rosacruzes: Oswald Croll, Gerhard Dorn, Michael Toxites, Heinrich Khunrath, Ægid Guthmann, Julius Sperber, Valentin Weigel, etc., todos eles referidos na *História Crítica da Filosofia* de Brucker (vol. iv, pp. 644, 750). É sabido também que Henry More foi defensor da filosofia cabalística. Em oposição a estes está uma multidão de antagonistas, entre os quais Libavius e Jennert são os mais notáveis.

As opiniões de outros filósofos que trataram da magia e do magnetismo pertencem igualmente aqui; em especial De Loques, que escreveu um tratado sobre o poder magnético do sangue (1664). Além disso, o grande Descartes foi um mestre da doutrina magnética. Pois afirmou que todo o espaço está cheio de uma matéria fluida, que considerava elementar e fundamento e fonte de toda a vida, envolvendo todos os globos e mantendo-os em movimento. Os vórtices cartesianos são bem conhecidos e têm mais em comum com as correntes magnéticas de Mesmer do que supõem aqueles que não examinaram cuidadosamente o assunto.

Mesmo Newton, a quem os homens costumam chamar a luz do mundo, pertence ao catálogo dos mestres do magnetismo. De modo eminente, a sua doutrina da atração e do espaço universal — que ele, e ainda mais o seu defensor Samuel Clarke, chamaram o *sensorium* divino — é uma doutrina magnética. Mas isto vê-se ainda mais claramente no terceiro livro dos seus *Princípios Fundamentais da Filosofia Natural*, onde se lê: "Aqui trata-se de um espírito muito subtil que penetra em tudo, até nos corpos mais duros, e que está oculto na sua substância.

Pela força e atividade desse espírito, os corpos atraem-se e aderem quando aproximados. Por meio dele, os corpos elétricos agem a grandes distâncias, bem como de perto, atraindo e repelindo; através dele também a luz flui, refrata-se e reflete-se, e aquece os corpos. Todos os sentidos são excitados por este espírito, e por meio dele os animais movem os membros. Mas estas coisas não podem ser explicadas em poucas palavras, e ainda não temos experiência suficiente para determinar plenamente as leis pelas quais este espírito universal opera."

Estas doutrinas magnéticas lançaram, como vimos, profundas raízes em muitos países depois de Paracelso; mais em França, e talvez mais

ainda na Alemanha. Mas, em geral, no último século, começou-se a perder a fé nelas. Seguiu-se uma pausa até cerca do ano setenta, quando voltaram a ser vigorosamente agitadas. Gassner, Cagliostro e Swedenborg difundiram de novo, com os seus encantamentos e visões de espíritos, um terror de pânico, e Mesmer — que de facto pouco tinha a ver com espíritos — com a sua descoberta da cura de doenças pelo magnetismo animal, transtornou por completo as cabeças das pessoas.

Gassner, um clérigo oriundo da região de Bludenz, no Vorarlberg, curou muitas doenças por meio de exorcismos; em 1758 era pároco em Klosterle, onde, pelos seus exorcismos, se tornou tão célebre que atraiu a si uma multidão de gente.

Diz-se que o afluxo de doentes vindos da Suíça, do Tirol e da Suábia foi de tal ordem, que o número de inválidos era frequentemente superior a mil, e muitos deles foram obrigados a viver em tendas. O governo austríaco prestou a sua assistência, e Gassner passou então a estar sob o patrocínio do Bispo de Ratisbona, onde continuou a operar maravilhas, até que, finalmente, Mesmer, ao ser interpelado pelo Eleitor da Baviera, declarou que as curas e crises de Gassner, que ele produzia tão rapidamente e, para total espanto dos espectadores, não consistiam em nada mais do que numa excitação magnético-espiritual, de que deu provas convincentes perante o Eleitor. Eschenmayer, nos Arquivos de Keiser, trata longamente do método de cura de Gassner.

O modo de proceder de Gassner era o seguinte: usava um manto escarlate e, ao pescoço, uma corrente de prata; no seu quarto tinha geralmente uma janela à esquerda e um crucifixo à direita. De frente para o paciente, tocava a parte enferma e ordenava que a doença se manifestasse; o que geralmente acontecia. Fazia-a cessar e desaparecer por meio de uma simples ordem. Invocando o nome de Jesus, e pela fé do paciente, expulsava o demónio e a doença. Mas todo aquele que desejasse ser curado tinha de acreditar, e pela fé qualquer clérigo poderia curar doenças demoníacas, espasmos, desmaios, loucura, etc., ou libertar os possuídos.

Gassner recorria por vezes a manipulações magnéticas: tocava a parte afetada, cobria-a com a mão e esfregava vigorosamente a cabeça e o pescoço. Falava sobretudo em latim nas suas operações, e diz-se que o diabo o compreendia perfeitamente. A suscetibilidade

física, aliada à fé voluntária e à atividade física positiva, através do comando da Palavra, era assim para ele a cura mágica.

No ano de setenta apareceram uma multidão de escritos tanto a favor como contra as operações de Gassner. Esses escritos surgiram principalmente em Augsburgo, e entre eles dois são particularmente dignos de nota; o primeiro, sob o título *"Reflexões Impartiais, ou algo para os Médicos acerca do modo de cura pelo senhor Gassner em Elwangen, publicado pelo Dr. Schisel e impresso em Sulzbach, 1775."* O outro, *"As Observações de um médico imparcial sobre os Fundamentos de Investigação de Lavater acerca das curas de Gassner, com um apêndice sobre Convulsões, 1775,"* provavelmente do mesmo autor.

O Dr. Schisel relata que, acompanhado de uma sociedade muito respeitável, viajou ele próprio até Elwangen e aí testemunhou as curas maravilhosas cuja fama se espalhara amplamente por tantos relatos, tanto em jornais como em artigos impressos avulsos. "Alguns," diz ele, "descrevem-no como um homem santo e profético; outros acusam-no de ser um sujeito fantasioso, um charlatão e impostor. Uns louvam-no como grande matemático; outros denunciam-no como praticante de artes negras; uns atribuem-lhe as curas ao magnetismo ou ao poder elétrico; outros à simpatia e ao poder da imaginação; e, por outro lado, um grupo respeitável, vencido pela força da fé, atribuía tudo ao poder omnipotente do nome de Jesus."

Schisel escreve ainda que se esforçou ao máximo por observar tudo quanto pudesse, mesmo de forma remota, influenciar os procedimentos do célebre senhor Gassner. Com efeito, Schisel parece ter sido a pessoa indicada, pela sua calma capacidade de observação, pelo seu julgamento imparcial e pela sua sólida formação médica — qualificações que são todas evidentes no seu livro — para dar um relato fidedigno das curas de Gassner, ao mesmo tempo que registava todas as circunstâncias, objeções e opiniões que tinham sido levantadas ou que se apresentavam no local.

Relata que Elwangen deve ter enriquecido com o número de pessoas que ali acorriam, embora Gassner nada recebesse pelo seu trabalho, e que, por essa razão, o Eleitor tolerava a longa permanência daquela multidão; que em março de 1773 chegavam diariamente muitas centenas de pacientes; que o boticário ganhava num só dia mais do que normalmente em um trimestre com os óleos, a água ocular, um

pó universal feito de cardo-santo (*Carduus benedictus*), os incensos, etc., que Gassner prescrevia. Os impressores trabalhavam com todos os seus operários, dia e noite, nas prensas, para fornecerem panfletos, orações e imagens suficientes à turba ansiosa de admiradores. Os ourives e latoeiros não se cansavam de preparar todo o tipo de *Agnus Dei*, cruzes, corações e anéis; até os mendigos tiveram a sua colheita, e quanto a padeiros e estalajadeiros, é fácil de entender o que terão lucrado.

Descreve depois o quarto do senhor Gassner, o seu traje e o seu proceder com os doentes: "Sobre uma mesa erguia-se um crucifixo, e à mesa sentava-se o senhor Gassner, voltado de lado direito para o crucifixo, com a face voltada para o paciente e também para os espectadores. Sobre os ombros trazia um manto azul com flores vermelhas; o restante traje era limpo, simples e modesto. Um fragmento da cruz do Redentor pendia-lhe do peito por uma corrente de prata; uma faixa semi-sedosa cingia-lhe os rins.

Tinha quarenta e oito anos, feições muito vivas, alegre na conversação, sério no comando, paciente no ensino, amável com todos, zeloso da honra de Deus, compassivo para com os oprimidos, jubiloso com os de fé firme, agudo na investigação, profético nos sintomas e indícios discretos; excelente teólogo, fino filósofo, admirável fisionomista, e eu desejava que possuísse tão bom conhecimento de fisiologia médica como mostrava discernimento nos casos cirúrgicos. Não é em absoluto político; é inimigo da tristeza; perdoa aos inimigos, e é totalmente indiferente às lisonjas dos homens. Durante vinte anos sustentou esta luta heroica contra os poderes do inferno, treze deles em silêncio, mas sete publicamente, e destes últimos já passara seis meses vitoriosamente em Elwangen.

"Assim armado empreendia nesta sala todos os seus atos públicos, que prosseguia diariamente, desde cedo até altas horas da noite; não raro até à uma ou duas da madrugada. Quanto mais médicos o rodeavam, mais ousado se mostrava em fazer as diversas doenças manifestarem-se; chamava mesmo os médicos desconhecidos.

Mal os que procuravam auxílio se ajoelhavam diante dele, interrogava-os sobre a terra natal e as queixas; então começava a instrução, breve, relativa à firmeza da fé e ao poder omnipotente do nome sagrado de Jesus. Em seguida, tomava ambas as mãos do ajoelhado e ordenava, em voz alta e solene, que a alegada doença se mostrasse. Pegava então na parte afetada: na gota, o pé; na

paralisia, o membro ou articulação inertes; na dor de cabeça, a cabeça e o pescoço; nos que sofriam de flatulência, punha a mão e o manto sobre o estômago; nos de peito apertado, sobre o coração; nas queixas hemorroidais, sobre a espinha; nos reumáticos e epiléticos, não só segurava cada braço, mas colocava alternadamente ambas as mãos, e as mãos e o manto juntos, sobre toda a cabeça.

"Em muitos casos a doença surgia imediatamente ao comando, mas em muitos tinha de repetir a ordem diversas vezes, por vezes dez, antes que o ataque se manifestasse; em alguns, mas muito poucos, a ordem e a imposição de mãos não tinham qualquer efeito.

"A primeira classe ele designava como a dos bons e firmes na fé; a segunda, dos hesitantes e fracos de fé; a última, ou de doentes naturais, ou de fingidos e incrédulos. Todos estes ataques recuavam gradualmente, cada um segundo a sua espécie, ora muito rapidamente ao seu comando, ora apenas à décima ou vigésima vez, passando de membro em membro. Em alguns, os ataques pareciam reprimidos mas não extintos; noutros, o início de uma doença consumptiva, com febre e hemoptise; noutros, inchaço até à sufocação e com dores violentas; noutros ainda, gota e convulsões."

"Quando já convenceu o espectador, e julga ter suficientemente fortalecido a fé e a confiança do sofredor, o paciente deve expulsar o ataque ele próprio, pelo simples pensamento: 'Afastai-vos de mim em nome de Jesus Cristo!' E nisto consiste todo o método de cura e confirmação que Gassner emprega em todos os géneros de doenças que chamamos não-naturais. Por meio delas, ele chama a lume todas as paixões. Ora se manifesta a cólera, ora a paciência, ora a alegria, ora a tristeza, ora o ódio, ora o amor, ora a confusão, ora a razão, cada uma levada ao mais alto grau. Agora este está cego, depois vê, e logo novamente fica privado da vista, etc.

"Todos se despedem dele, cheios de auxílio e consolação, assim que lhes dá a sua bênção, a qual administra desta forma: coloca o manto sobre a cabeça do paciente; segura firmemente a testa e o pescoço com ambas as mãos; pronuncia em silêncio uma oração muito fervorosa; assinala a testa, a boca e o peito do convalescente com o sinal da cruz; estende aos católicos o fragmento da cruz para beijar; ordena, segundo a forma da doença, os devidos medicamentos na botica — o óleo, a água, o pó e as ervas — que ele consagra todos os dias; exorta todos à firmeza na fé e não permite a ninguém, exceto

aos que padecem de defeitos congénitos, partir sem mãos limpas e semblantes cheios de prazer.

"Ele não exclui doença alguma, nenhum tipo de febre, nem sequer qualquer epidemia. Não poderá então a ciência da medicina recear, em parte, que venha a ser em breve suplantada por esta teoria moral?

"Podemos agora inquirir que doenças chama Gassner naturais, e quais não-naturais? Por exemplo, um osso partido, um membro mutilado ou uma hérnia são males de causas naturais; mas todos os que resultam de falta ou de excesso das condições naturais do corpo são curáveis, como a catarata, que ele cura para espanto de todos. Podemos dar outra demonstração. Aparecem dois coxos. Um tem o tendão de Aquiles ou um nervo lesionado.

É curado, de facto, mas o pé permanece torto. Esta é uma coxeira natural. O piedoso coxo não tem esperança de auxílio do senhor Gassner. O segundo apresenta uma igual curteza no pé, mas cuja causa era gota, atrofia do membro ou paralisia. Esta é uma coxeira não-natural; e será curada pelo senhor Gassner tão rapidamente como aqui se escreve o nome dela."

"Aqui tendes agora o retrato deste novo médico-milagreiro, do nosso grande senhor Gassner, — *sic oculos, sic ille manus, sic ora ferebat.* Como vos apraz? Tendes algo a objetar ao original ou ao retrato?"

O autor coloca então aos médicos e académicos a questão de saber se Gassner curava efetivamente estas doenças conforme relatado, e se no seu modo de cura haveria um poder oculto magnético, simpático ou mágico. Como cura ele, e que circunstâncias acompanham as curas? Isto só diz respeito aos médicos. "O clero poderá com ele tratar os julgamentos de feitiçaria e se o diabo pode de tantos modos prejudicar os homens.

Se os acusadores do senhor Gassner, *ex lege diffamari*, merecem castigo, ou se o senhor Gassner deve ser considerado culpado como enganador, é questão para juristas e juízes criminais." Prossegue então a responder a estas questões, admitindo "que ele", como muitos dos seus irmãos eruditos, é algo incrédulo e não raras vezes bastante obstinado. "Pois," diz, "não seria honroso que eu aceitasse uma coisa como garantida sem motivo, investigação ou convicção."

À primeira questão, se todas aquelas doenças foram curadas, responde: "Sim, vi-o, com muitas pessoas de diferentes religiões, e

em particular com dois médicos dos mais experimentados e íntegros, um católico e um protestante. Com eles assisti a quase todas as ocasiões, tanto públicas como privadas, como testemunha ocular, e com a mais perfeita convicção. Como! Que direis? Um médico? Fie! Que vergonha! Sim, eu, médico, e um que, na verdade, escreveu um tratado inteiro sobre a gota, procurei junto do senhor Gassner auxílio contra o tormento infernal.

Pois bem, não imagineis que por isso deixei um instante de ser médico; pois confesso-vos agora, francamente, que antes pretendia pôr à prova o senhor Gassner do que esperava obter dele alguma cura. Mas um homem que vê não negará que é dia quando o sol lhe queima a nuca; e um médico corajoso acreditará que está doente quando sente dor. Todos os presentes, e os médicos acima referidos, testemunham plenamente aquilo que vimos, e eu próprio, com espanto, experimentei.

"Aquele que não quiser acreditar que o senhor Gassner cura todos os géneros de doenças, aquele que rejeita a evidência de testemunhas tão imparciais e esmagadoras, devo enviá-lo ou como gravemente doente para a cura pela água, ou, se isso não resultar, para o manicómio; ou, sendo um sofredor não-natural, para os poderes curativos do senhor Gassner. Mas ele exige pacientes crentes!"

Prossegue então, no tom dos médicos opositores, que, de facto, cada médico curou, segundo a sua própria declaração, todos os géneros de doenças: uns pela eletricidade, outros por outros meios, pela simpatia e imaginação. Muitos também inquiriram se o crucifixo de Gassner, ou a corrente ao pescoço, ou a sua faixa semi-sedosa, não seriam elétricos; se um íman não estaria escondido no manto; ou se as suas mãos não teriam sido friccionadas com um, ou até ungidas com um unguento simpático!

Depois de mostrar minuciosamente que nenhuma destas acusações se sustenta, conclui "que o senhor Gassner realizou todas as suas curas apenas pelo nome glorificado de Jesus Cristo, e pela imposição das mãos e do seu manto. Mas dá ao povo óleo, colírio e semelhantes; aconselha-os a usar tais coisas depois de a cura ter ocorrido. Para fazer o cego ver não tem, todavia, colírio, nem óleo para pôr em movimento um membro paralisado; muito menos pó e fumigações para expulsar o diabo. Apenas toca as articulações do coxo; esfrega os ouvidos e glândulas do surdo; toca com os dedos as pálpebras do cego; arranca as dores debaixo das mãos com voz forte

e imperiosa. Ordena-lhes, com o mesmo poder, com voz grave e autoritária, que saiam e partam, e isso acontece. Onde está então a simpatia, onde a eletricidade, onde o íman e toda a subtileza filosófica?"

"Sim; mas porque não cura ele então todos pelos mesmos meios?" "Perguntai às vossas próprias consciências; investigai o modo de vida e o modo de pensar dos vossos amigos não curados, se se enquadram nas condições exigidas pelo senhor Gassner, e se possuem os três tipos de fé que mencionámos na abertura deste relato de Gassner, e podereis responder vós mesmos à questão.

"Estais em silêncio? Abrireis então primeiro os vossos pensamentos para mim, quando tiverdes experimentado qual tem sido a permanência do modo de cura de Gassner.

"O senhor Gassner exige, como garantia contra uma recaída na doença, à semelhança de São Pedro, uma luta constante e perpétua. Porquê? Porque os ataques do nosso inimigo invisível nunca cessam. Prescreve a cada um como pode manter-se em saúde sem a sua ajuda; e asseguro-vos, de honra sincera, que conheci muitos, muitíssimos, que se curaram de doenças violentas sem irem a Gassner ou o terem visto, apenas seguindo o seu livro por meu conselho, e que ainda hoje tiram proveito disso. E nunca conheci uma só pessoa que tivesse recaído na antiga doença não-natural sem antes se ter desviado das regras prescritas pelo senhor Gassner ou as ter abandonado totalmente. Quem, então, era o culpado?"

**Joseph Balsamo**, chamado conde Cagliostro, nascido em 1743 em Palermo, é geralmente classificado entre os magos. Não existe, porém, nenhuma doutrina particular sua; levou com a esposa uma vida errante por todos os países da Europa. É acusado, pelo menos nos escritos, vida e atos de Joseph Balsamo, o chamado conde Cagliostro, a partir dos documentos produzidos contra ele no julgamento em Roma em 1790 e em Zurique em 1791, de ter praticado toda a espécie de imposturas, de fabricar ouro e de possuir o segredo da longevidade; de ensinar secretamente a Cabala e as artes cabalísticas; de fingir evocar e exorcizar espíritos, e de facto frequentemente predizer acontecimentos futuros; e ainda de, em pequenos círculos secretos, e sobretudo por meio de um rapazinho que levava consigo para um quarto à parte, o preparar para adivinhar.

Diz-se ainda que, na ordem dos maçons, assumiu a figura de apóstolo da maçonaria egípcia; e que se tinha hereticamente ligado a todos os tipos de religiões. As mesmas acusações são-lhe dirigidas pela condessa von der Recke, num livro sobre a vida e opiniões de Cagliostro. De todos estes relatos, podemos considerar Cagliostro como um aventureiro consumado, cuja magia consistia nisto: que, com o rapaz, ou com o chamado órfão, ou pombas, realizava as suas experiências de magnetismo.

Pois consta nos documentos do julgamento, pp. 82, 90, etc.: — "Este rapaz tinha de se ajoelhar diante de uma pequena mesa, sobre a qual estavam um jarro com água e algumas velas acesas. Instruía então o rapaz a olhar para dentro do jarro, e assim iniciava a sua conjuração; colocava a mão sobre a cabeça do rapaz e, nessa posição, dirigia a Deus uma oração para que o experimento tivesse êxito."

A criança era agora clarividente, e disse primeiro que via algo branco, depois que via uma criança ou anjo, etc., e, a seguir, falou de toda a espécie de coisas futuras. Serviu-se também de uma órfã em Mitau que, já em idade de casar, não podia, naturalmente, ser considerada tão simples e inocente como um rapaz pequeno. As perguntas que fez à órfã não se limitaram ao anjo, mas estendiam-se à descoberta de segredos e de acontecimentos futuros, quando frequentemente realizava as suas experiências sem o cântaro de água, colocando apenas a órfã atrás de um biombo.

Ele também, não se sabe se para convencer mais plenamente os espectadores ou para lhes atirar poeira aos olhos, punha a mão sobre outros indivíduos e transferia-lhes uma parte do seu próprio poder. Operava, diz-se na página 93, através das cerimónias habituais, e tudo era maravilhosamente confirmado pela aparição do anjo. Na página 134 lê-se: "De que modo vem a visão santificadora? De três formas. Primeiro, quando Deus se torna visível, como aos patriarcas; segundo, através da aparição dos anjos; e, finalmente, através de práticas artísticas e da inspiração interior."

Cagliostro declarou expressamente perante a Inquisição que nunca tivera nada a ver com o diabo; e se, disse ele, "sou pecador, confio que um Deus misericordioso me perdoará." Declarou também de forma muito distinta, p. 146, "que acreditava que o seu sistema egípcio nada tinha a ver com a Igreja de Roma, e especialmente no que respeitava ao emprego das órfãs." Cagliostro, em 1791, foi condenado em pleno conselho da Inquisição por muitos crimes, e

considerado merecedor das mais severas punições atribuídas a hereges, mestres do erro, arqui-hereges, mestres e adeptos da magia supersticiosa, sendo, por especial graça, condenado a prisão perpétua em vez da morte. Morreu na prisão em 1795, em S. Leão, nos Estados da Igreja.

## EMANUEL SWEDENBORG

Swedenborg, considerado sob mais de um ponto de vista, pertence à história da magia, não porque fosse ele próprio mago, mas porque pertence ao magnetismo, sendo um exemplo verdadeiramente notável de um elevado grau de autodesenvolvimento do sentido interior de uma clarividência religiosa; e também pela sua filosofia da natureza.

O nome de Swedenborg é um papão para o assim chamado mundo erudito, que o repete de boca em boca aos gritos, sem saber porquê. Pois as pessoas não se dão ao trabalho de conhecer verdadeiramente Swedenborg, nem de ouvir o acusado; e se alguém se dignou ocasionalmente a galopar, a toda a pressa, através dos volumosos escritos de Swedenborg, não entende, como estrangeiro neste mundo, nada da linguagem espiritual do profeta; para ele é um palavreado sem sentido; e abandona apressadamente essa terra, deixando-a atrás de si desconhecida e deserta, sem suspeitar da existência das pedras preciosas e tesouros que aí jazem, nem de os procurar com diligência e atenta inspeção.

E se nos escritos de Swedenborg a visão de espíritos não pode ser inteiramente liberta da acusação de fantasia, e se entusiasmo e exaltação não podem ser negados, ainda assim existe tanto de profundo e nobre nas suas obras sobre Deus e o Homem, sobre os Fenómenos da Natureza e a sua harmonia com o espiritual, que ele deve sem dúvida ser considerado digno de figurar entre os maiores espíritos da história: considero, portanto, apropriado introduzir aqui um relato conciso da sua vida e escritos, e da sua influência sobre o nosso tema.

Retiro tudo de um livro que tem por título: *Obras Teológicas de Emanuel Swedenborg; sobre a sua teoria de Deus, do mundo, do céu, do inferno, do mundo espiritual e da vida futura. Uma seleção das suas obras completas. Leipzig, 1789:* e imediatamente da tradução dos escritos de Swedenborg feita por Hofacker.

Emanuel Swedenborg nasceu em Upsala, na Suécia, a 29 de janeiro de 1688. O seu pai era bispo de Skara. Em virtude dos seus talentos

distintos, diligência e conhecimentos, Swedenborg foi nomeado, em jovem, para um cargo de relevo num colégio provincial; e destacou-se nele pela sua retidão e desinteresse. Pouco depois, demonstrou, pelos seus numerosos e profundos escritos sobre mineralogia, filosofia natural, matemática, astronomia, etc., ser um dos homens mais eruditos e pensadores do seu tempo, e as suas extensas e frequentes viagens pelos principais países da Europa alargaram ao mesmo tempo o seu saber e a sua fama.

Pela sua virtude e saber, estimado por todos como homem de grande valor e de moral irrepreensível, Swedenborg, por volta do ano de 1740, renunciou a todo o convívio e renome mundano, e dedicou-se inteiramente à investigação do mundo espiritual. Desde esse período até à sua morte, a 29 de março de 1772, em Londres, Swedenborg escreveu muitas obras sobre o mundo espiritual, todas em latim.

Os seus escritos assentam nos sólidos alicerces da Bíblia, cujas revelações misteriosas procurava esclarecer. A sua linguagem e doutrina nas obras são espirituais, profundas e ricamente metafóricas, e, por isso, não entendidas pelo mundo, pois são interiores e tratam do mundo dos espíritos e da eternidade. Para eles tudo isto é "uma terra de trevas e da sombra da morte, sem ordem alguma, onde a luz é como trevas." (Job, x. 22).

As suas observações sobre o céu, o inferno e o mundo espiritual, sobre as suas formas e espaços, sobre os espíritos, os anjos e os demónios, com quem muitas vezes conversava, sobre coisas ocultas, que, tentando exprimir figurativamente e de forma inteligível aos nossos sentidos, descrevia como corpóreas, materiais e inteiramente contrárias às opiniões correntes, sem uma única vez se lembrar (para evitar equívocos) de advertir o leitor de que deviam ser espiritualmente entendidas — estas observações atraíram-lhe a grande maioria dos seus opositores e inimigos mortais.

Não me compete tratar essas observações nem como sonhos ou imagens da imaginação, nem como visões profundas, e ao mesmo tempo há nelas uma probabilidade ou verdade, uma filosofia amadurecida e uma magia verdadeira, que sinto obrigação de expor, para daí extrair conhecimento para nós, os vivos, e prestar ao morto a honra a que justamente tem direito.

Mas como não posso ir muito longe nestas matérias, extrairei algumas passagens do livro acima referido, e dos seus capítulos sobre Deus, sobre a Criação, sobre o Homem e a sua vida na terra; e

o restante das obras de Swedenborg que podem ser estudadas com proveito são as seguintes:
1.º *Dædalus Hyperboreus*, ou investigações e observações sobre assuntos matemáticos e físicos.
2.º *Prodromus principiorum rerum naturalium*, etc., 1721.
3.º *Opera philosophica et mineralia*, 3 tomos in-fólio, 1734.
4.º *Prodromus philos. ratiocinantes, de infinito, de causa creationis, et de mechanicismo operationis animæ et corporis*, 1733.
5.º *Regnum animale*, 1745.
6.º *Arcana cœlestia*, 8 tomos.
7.º *De telluribus in mundo solari*, Londres, 1758.
8.º *De commercio animæ et corporis*, 1769.
9.º *De miraculis divinis et magicis*, etc.
10.º Depois, as suas numerosas obras sobre o mundo espiritual: *De cultu et amore Dei, De cœlo et inferno, De nova Hierosolyma, Deliciæ sapientiæ*, etc., quase todas publicadas em Londres.

As obras mais modernas sobre os escritos de Swedenborg que podem ser recomendadas são principalmente *O Espírito da Filosofia de Emanuel Swedenborg, com uma revisão catequética e um registo completo de conteúdos*, publicada pelo Dr. Vorherr. Munique, 1832.
Ludwig Hofacker publicou já várias excelentes traduções dos escritos de Swedenborg, como:
1.º *O Céu e os seus admiráveis fenómenos, e o Inferno, visto e ouvido*. Tübingen, 1830.
2.º *O Comércio entre a Alma e o Corpo*.
3.º *A Nova Igreja do Senhor, segundo a inteligência vinda do Céu*.
Ambos do mesmo ano.
E *As Revelações Divinas de Swedenborg*, pelo Dr. F. Imman. Tafel, de Tübingen; já desde 1823 em sete volumes.

## DO CAPÍTULO SOBRE DEUS E A CRIAÇÃO

"Só há um Deus, que, sendo incriado e infinito, pode apenas dizer de si mesmo — Eu sou aquele que sou. Deus é homem. Aos anjos ele aparece apenas em forma humana; e os homens na terra trazem a sua imagem; por isso disse — Façamos o homem à nossa imagem. Propriamente, o Senhor só é homem; e, entre todos os que ele criou, são especialmente homens aqueles que conservam a sua influência divina. Deus é sabedoria e amor. No céu o amor divino e a sabedoria revelam-se sob a forma de um sol espiritual, que não é Deus, mas uma emanação da divindade. O calor deste sol é amor, e a sua luz é

sabedoria. A sabedoria é o sopro do poder divino, e um raio da glória do Todo-Poderoso.

"Deus, como Amor, não está só, porque o amor não abraça a si mesmo, mas a outros; por isso criou criaturas. Por amor criou o mundo pela sua sabedoria; imediatamente através do sol espiritual, e mediatamente através do sol natural, que é o instrumento do primeiro.

"O espiritual só é o vivo; o natural é morto; consequentemente, um deve ser criado, o outro incriado. O sol espiritual tem a sua atmosfera espiritual, que é o recetáculo da luz divina. Por meio desta atmosfera o sol espiritual produz circunstâncias espirituais. Os círculos exteriores desta atmosfera produziram o nosso sol natural, que do mesmo modo tem a sua atmosfera."

Essas atmosferas, ou naturezas ativas, diminuem gradualmente em atividade e poder de conceção, e acabam por constituir massas, cujas partes são mantidas unidas pela pressão. Isto, então, é o que na terra chamamos matéria.

"Todas as substâncias trazem o cunho do infinito. A matéria, embora provenha de Deus, nada tem de divino, mas provavelmente possui, do sol espiritual, aquilo que nela é divino e que reteve na transferência, a saber, a vida, ou um impulso para a reprodução. Ela tende para esse bem — tende por hábito; e o hábito passa um dia a formar-se através de uma série contínua de operações. O hábito da criação ou da criatura consiste também em formas; e estas representam uma imagem da criação divina. Destas formas há três espécies — minerais, plantas e animais.

"Nestas formas observam-se três degraus, que representam criações; pois o sol, mediatamente, através do calor e da luz, produz massas conhecidas sob o nome de minerais, e dá a cada uma a sua forma distinta. Esta progressão observa-se nas plantas, já que a semente, ao desenvolver-se, produz um caule que dá fruto.

"As formas do mundo animal produzem-se do mesmo modo. A semente é a causa na mãe, ou o ovo, que aqui faz as vezes da terra. A semente, no caso do feto, é a raiz, e o animal produzido do ovo é, no momento em que adquire a capacidade de se reproduzir, comparável ao crescimento da planta no período em que começa a dar fruto.

"Esta progressão observa-se também na forma orgânica do homem. Estas ações vivas e produtoras dos três reinos não procedem do calor natural, da luz natural e da atmosfera, pois estes são mortos, mas sim dos do mundo espiritual. Mas destas ações reconhecemos a unidade e a semelhança das leis de todo o ser. Esta criação natural é mera correspondência, cópia, símbolo da criação espiritual, como a única verdadeira. A primeira está apenas presente para nos recordar a segunda.

"Tudo isto se destina a colocar diante de nós a infinita sabedoria e amor de Deus; são para nos mostrar que os objetos que ele criou são as formas incomensuráveis e incalculáveis dos seus pensamentos e representações.

"Deus não conhece sucessão de tempo. O seu poder, as suas obras, tudo o que é e pode ser, segundo a ordem divina, está-lhe constantemente presente; e não podemos formar ideia da criação do mundo enquanto não nos afastarmos das ideias de tempo e de espaço. Se o fizermos, então compreendemos que a maior e a menor parte do espaço de modo algum diferem uma da outra, e a representação da criação do mundo será semelhante à que temos da criação de cada criatura individual.

"O ilimitado, o infinito, tem a sua sede no sol espiritual, como na sua primeira emanação; de modo que estas coisas existem em número ilimitado no mundo criado. E daí vem que no mundo mal se encontram duas criaturas iguais; porque Deus é infinito e contém em si um número infinito de coisas. Daqui procede o sol natural, o mar de fogo, que tem o sol espiritual por protótipo; e, mais ainda, a vasta variedade de existências materiais neste mundo, e de seres espirituais no mundo espiritual."

## DO CAPÍTULO SOBRE O HOMEM

"Como o ser de Deus consiste em amor, segue-se que o amor é a vida dos homens, e a sabedoria a natureza ou a existência desse amor. O amor é a alma, a vida é o espírito, ou o homem interior, que consiste em duas faculdades — entendimento e vontade. A vida do homem consiste no seu amor; e conforme é o seu amor, assim é a sua vida.

"O corpo é uma cobertura provida; pois o espiritual esforça-se por se revestir do natural como de uma veste. O corpo, que é apenas a

parte obediente, constitui o homem exterior, natural ou físico. A vida corporal do homem consiste no acordo da vontade com o coração, e do entendimento com os pulmões; na verdade, o pensamento, enquanto ação do entendimento, põe em movimento os órgãos da fala. O homem exterior, ou o corpo, é o instrumento ou meio pelo qual a alma, neste mundo, sente de modo físico. Consequentemente, há dois homens — um espiritual e um natural, ou um interior e um exterior; mas ambos unidos por acordo mútuo. O homem foi feito de tal modo que pode, por meio do seu ser interior, estar no mundo espiritual, e, por meio do seu ser exterior, no mundo natural.

"A luz espiritual e o calor espiritual procedem de Deus para a alma do homem, e daí para os sentidos corporais, para a palavra e a ação. A suscetibilidade a esta influência é sempre proporcional à quantidade de amor e sabedoria no homem, e procede por graus ou graduações.

"No espírito do homem há três graduações — a celeste, a espiritual e a natural; amor, sabedoria e aplicação das mesmas; vontade, entendimento e ação. Os três graus do espírito humano harmonizam-se entre si através do acordo, e abrem-se mediante a influência do céu, do primeiro ao último; isto é, logo que o homem começa a fazer o bem, abre-se-lhe o corpo, o passo seguinte abre o segundo grau, e o terceiro recebe a influência do Senhor.

"O homem entra, pelo seu nascimento, no grau natural, que percorre. O primeiro grau não lhe abre, de facto, o segundo, mas prepara-o para ele pela aquisição de conhecimento, no qual germina o amor de o aplicar; isto é, o amor ao próximo, o conhecimento das nossas necessidades mútuas, etc. Este grau espiritual aumenta pelo conhecimento do verdadeiro e do bom, conduz ao amor celeste da aplicação, a um amor prático de Deus, que abre o terceiro grau.

"O espírito natural abrange e contém os dois graus superiores da alma humana, e reage sobre eles quando estes não são abertos. O homem exterior resiste ao interior; a carne, diz Paulo, luta contra o espírito, e o espírito contra a carne. Por meio do grau natural, o homem natural pode elevar o poder do seu entendimento até à luz celeste, e reconhecer perfeitamente as coisas espirituais. Mas só pode elevar a sua vontade ou o seu amor a Deus na medida em que emprega aquilo que a razão lhe prescreve, porque os dois graus superiores estão contidos na aplicação.

"O homem não é homem por causa do seu corpo e do seu rosto, mas porque tem vontade e razão, e por meio delas o poder de

comunicação com Deus. O homem perfeito é espiritual; para ele, corpo, sentido e mundo não são senão marcos indicadores, que o reconduzem ao originador. A sua ação consiste no amor ativo que o homem exerce; pois faz aquilo que ama; a sua palavra é a expressão da sua sabedoria, os filhos e formas do amor. A sua obra é o exercício dos seus pensamentos, que procedem do amor; pois aquilo que o homem ama, conserva-o na memória.

"Esta é a descrição do homem interior, que está de facto no céu e em comunicação com espíritos celestes, mesmo enquanto a sua vida terrena continua. Esta última é até certo ponto nenhuma vida própria, pois o verdadeiro homem só começa a viver, segundo o testemunho dos antigos, após a sua morte.

"O espiritual recebe a influência de Deus; o corporal, pelo contrário, é perecível por lei hereditária, que herdámos com os nossos corpos dos nossos pais. O espiritual baseia-se no nosso amor a Deus e ao próximo; o natural, pelo contrário, no amor a si mesmo e às coisas terrenas.

"Aqueles que se deixam vencer pelos apetites sensuais assemelham-se aos animais, e permanecem nesse grau, enquanto há dois superiores que fecham contra si mesmos. Ele, portanto, é apenas um animal, quando o entendimento se submete à vontade e aos sentidos. Esse homem exterior tem frequentemente apenas pensamentos exteriores; medita e julga com ardor e astúcia, porque os seus pensamentos estão muito próximos da sua fala, e nela sobretudo contidos.

O seu entendimento apoia-se inteiramente nas suas sensações e na sua memória. Este homem pode ser erudito, porque o conhecimento e a ciência estão contidos no seu grau natural; mas se não dirigir as suas faculdades para o céu, e se a sua ciência não tiver Deus por objeto, os outros graus permanecem fechados contra ele, e o homem erudito, orgulhoso como é, julgando segundo os seus sentidos, apenas se assemelha aos animais, e não possui a verdade nem conhece o bem. Tudo isto é atestado pelos exemplos de muitos homens eruditos que, com toda a sua ciência, são os maiores inimigos de Deus e das suas próprias almas.

"O exterior é habitualmente falso e hipócrita, porque, no verdadeiro sentido da palavra, ele é duplo, e tem as duas partes do seu ser separadas. O homem espiritual é necessariamente íntegro e

verdadeiro, porque é simples e uno; nele o espiritual atraiu para si o natural e apropriou-o."

"O homem erudito, que refere tudo a si próprio e aos sentidos, faz-se semelhante ao animal, e tem luz apenas no instinto animal. O exterior basta para a sabedoria humana, mas não para a de Deus, como aquilo que vem só d'Ele. Esta última é a única ciência superior que, aos olhos de Deus, tem algum valor; e é a única que é de verdadeiro valor para o homem.

Que vantagem lhe dão a física, ou a eloquência de outros homens? Nenhuma. A felicidade da vida consiste nisto: que amemos a Deus e ao nosso próximo. O homem rude mas religioso é muitas vezes mais esclarecido do que os mais célebres académicos da Europa, porque é um homem interior e espiritual. Possui amor e fé, que só por si nobilitam a terra; possui o bem e o verdadeiro, nos quais está contida a soma de Deus e de todos os seres criados."

Como o homem é o princípio e a pedra angular da criação, Swedenborg exprime-o deste modo: — "O homem tem, além disso, algo que os anjos não têm; pois ele não está apenas no mundo espiritual pela sua natureza interior, mas no mundo físico pela sua natureza exterior. Este mundo exterior da natureza exprime tudo o que jaz na região do pensamento e da imaginação, que são exteriores e segundo a natureza, no conhecimento geral e na ciência, com as suas alegrias e atrações, na medida em que pertencem ao mundo, e ainda, além disso, o gozo ulterior que pertence ao sistema sensível do seu corpo, e, para além disto, o próprio sentido, a fala e a ação: tudo isto completa o último grau no qual a influência divina se encerra; pois esta não se detém a meio caminho, mas penetra até ao último.

Assim, reside no homem a linha terminal do plano divino, e, porque é a linha terminal, é também o fundamento e, fundamentalmente, firme; e como nada está livre de vínculos, segue-se que existe tal vínculo entre o céu e o género humano, que um se determina através do outro, e que o género humano, sem o céu, é uma cadeia sem gancho, mas o céu, sem o género humano, seria uma casa sem fundamento. É ao homem que todo o plano divino se refere, e, desde a criação até hoje, ele é o plano divino em exposição. No grau, porém, em que o homem vive segundo o plano divino, aparece, na outra vida, um ser mais perfeito e também mais belo."

## DO CAPÍTULO SOBRE A FÉ

"A fé consiste na convicção de que seremos felizes pela fé e pelas boas obras. Recebemo-la quando nos voltamos para o Senhor; quando estudamos a verdade das Sagradas Escrituras e ordenamos por elas a nossa vida. Fé sem amor não é fé; e amor sem fé não é amor. Se fazes o bem, crês; se fazes o mal, duvidas, ou não crês de todo.

"O Senhor, a fé e o amor são um; assim como a vontade, o entendimento e a vida no homem; se os separas, caem e são aniquilados, como uma pérola quebrada cai no pó. O Senhor infunde fé e amor no entendimento e na vontade do homem: assim, fé e amor são o Senhor: como poderia Ele dividir-se?

"O amor e a fé estão também nas boas obras. O amor é o desejo do bem; as boas obras são a consumação do bem; e essa consumação tem o seu fundamento no objeto que concorda com o amor e a sabedoria, ou com a fé. Sem boas obras, a fé e o amor são uma teia de aranha do cérebro, ao passo que o homem, composto dos três graus, é um todo, e em tudo o que faz deve agir como um todo, caso contrário nada faz bem. Se a conduta não é conforme à religião, então a religião de um homem não é pura; o bem e o verdadeiro não habitam na sua vontade e no seu entendimento, consequentemente ele não tem nem o amor nem a fé que deles fluem; não está na igreja e não tem religião.

"A fé e o amor são necessários para fazer o bem. O amor, sozinho, não produz boa obra; e muito menos a fé sozinha. Há apenas uma fé verdadeira e reta, de que falámos; há uma fé espúria, que se afasta da verdade pelo pecado, pelo orgulho e pela heresia; e uma fé hipócrita, que nada é, porque o hipócrita é apenas um homem exterior, sensual e carnal. As suas propensões são aquilo que ele é; o bem que aparenta fazer não provém do amor e não é bondade genuína."

## DO CAPÍTULO SOBRE O PLANO DA PROVIDÊNCIA DIVINA E SOBRE AS CORRESPONDÊNCIAS

"O universo é uma imagem de Deus e foi feito para utilidade. A Providência é o governo do Senhor no céu e na terra. Estende-se sobre todas as coisas, porque há apenas uma fonte de vida, a saber, o Senhor, cujo poder sustenta tudo quanto existe.

"A influência do Senhor é segundo um plano, e é invisível, como a Providência, pela qual os homens não são constrangidos a crer e, assim, a perder a sua liberdade. A influência do Senhor passa do espiritual para o natural, e do interior para o exterior. O Senhor confere a sua influência aos bons e aos maus, mas estes convertem o bem em mal e o verdadeiro em falso; porque assim é formado o ente criado, ou a sua vontade.

"Para compreendermos a origem e o progresso desta influência, devemos primeiro saber que aquilo que procede do Senhor é a esfera divina que nos envolve e enche o mundo espiritual e o natural. Tudo o que procede de um objeto e o envolve e reveste chama-se a sua esfera.

"Como tudo o que é espiritual não conhece tempo nem espaço, segue-se, portanto, que a esfera geral, ou a divina, se estendeu desde o primeiro momento da criação até ao último. Esta emanação divina, que passou do espiritual para o natural, penetra ativa e rapidamente por todo o mundo criado, até ao seu último grau, onde ainda se encontra, e produz e mantém tudo o que é animal, vegetal e mineral.

O homem é continuamente rodeado por uma esfera das suas propensões favoritas; estas unem-se à esfera natural do seu corpo, de modo que, juntas, formam uma só. A esfera natural envolve cada corpo da natureza e todos os objetos dos três reinos. Assim, alia-se ao mundo espiritual. Este é o fundamento da simpatia e da antipatia, da união e da separação, segundo os quais há entre os espíritos presença e ausência.

"O anjo disse-me que a esfera rodeava os homens mais ligeiramente nas costas do que no peito, onde era mais espessa e mais forte. Esta esfera de influência, própria do homem, opera também, em geral e em particular à sua volta, por meio da vontade, do entendimento e da prática.

"A esfera procedente de Deus, que rodeia o homem e constitui a sua força, enquanto por isso opera sobre o seu próximo e sobre toda a criação, é uma esfera de paz e de inocência; pois o Senhor é paz e inocência. Só então pode, consequentemente, o homem tornar efetiva a sua influência sobre o seu semelhante, quando a paz e a inocência reinam no seu coração e ele próprio está em união com o céu.

Esta união espiritual liga-se ao natural, por parte do homem benevolente, através do toque e da imposição de mãos, pelos quais a influência do homem interior é vivificada, preparada e comunicada. O corpo comunica com outros que o rodeiam por meio do corpo, e a influência espiritual difunde-se principalmente pelas mãos, porque estas são o mais exterior, ou *ultimum*, do homem; e, nele, como em toda a natureza, o primeiro está contido no último, como a causa no efeito. A alma inteira e o corpo inteiro estão contidos nas mãos como meio de influência.

Assim o nosso Senhor curou os doentes impondo as mãos, motivo pelo qual tantos foram curados pelo toque; e, desde os tempos mais remotos, a consagração dos sacerdotes e de todas as coisas sagradas foi efetuada pela imposição de mãos. Segundo a etimologia da palavra, mãos denotam poder. O homem crê que os seus pensamentos e a sua vontade procedem de dentro dele, quando tudo isto lhe flui para dentro. Se considerasse as coisas na sua verdadeira forma, atribuiria o mal ao inferno e o bem ao Senhor; pela graça do Senhor reconheceria em si o bem e o mal e seria feliz. Só o orgulho negou a influência de Deus e destruiu o género humano."

Na obra "O Céu e o Inferno", Swedenborg fala de influências e reciprocidades — Correspondências. "A ação da correspondência é percetível no rosto do homem. Num rosto que não aprendeu a hipocrisia, todas as emoções se representam naturalmente segundo a sua verdadeira forma; donde o rosto ser chamado o espelho da alma.

Do mesmo modo, o que pertence ao entendimento representa-se na fala, e o que pertence à vontade nos movimentos. Toda a expressão no rosto, na fala, nos movimentos, chama-se correspondência. Pela correspondência, o homem comunica com o céu, e pode assim comunicar com os anjos se possuir, pelo pensamento, a ciência da correspondência."

"Para que exista comunicação entre o céu e o homem, a Palavra é composta de nada além de correspondências, pois tudo na Palavra é

correspondente, o todo e as partes; por isso ele pode aprender segredos, dos quais nada percebe no sentido literal; porque na Palavra há, além do significado literal, um significado espiritual, um do mundo, o outro do céu." Swedenborg teve as suas visões e comunicações com os anjos e espíritos por meio da correspondência no sentido espiritual.

"Os anjos falam do mundo espiritual, segundo o pensamento interior; da sabedoria o seu discurso flui como um sereno caudal, suave e ininterrupto, falam apenas em vogais; os anjos celestes em A e O, os espirituais em E e I, pois as vogais dão o tom à fala, e pelo tom se exprime a emoção: as interrupções, por outro lado, correspondem às criações da mente; por isso preferimos, se o assunto é elevado, por exemplo sobre o céu ou Deus, mesmo na fala humana, as vogais U e O, etc. O homem, porém, une-se ao céu por meio da Palavra, e forma assim o elo entre o céu e a terra, entre o divino e o natural."

"Mas quando os anjos me falam espiritualmente do céu, falam tão inteligivelmente como o homem ao meu lado. Mas se se afastam do homem, este já não ouve nada, mesmo que falem junto ao seu ouvido. É também notável que vários anjos possam falar a um homem; eles enviam um espírito inclinado para o homem, e assim ele ouve-os unidos."

Noutro lugar diz ele: — "Há também espíritos chamados naturais ou corporais; estes não têm ligação com o pensamento, como os outros, mas entram no corpo, possuem todos os sentidos, falam com a boca e agem com os membros, pois não sabem senão que tudo nesse homem lhes pertence. Estes são os espíritos pelos quais os homens são possuídos. Foram, contudo, enviados pelo Senhor para o inferno; donde, nos nossos dias, já não existem tais possuídos."

As doutrinas e visões ulteriores de Swedenborg sobre Harmonias, isto é, do céu com o homem, e com todos os objetos da natureza; da harmonia e correspondência de todas as coisas entre si; do Céu, do Inferno e do mundo dos espíritos; dos vários estados do homem após a morte, etc., são muito características, importantes e poderosas. As suas contemplações do olho interior iluminado referem-se menos às associações quotidianas e objetos da vida (embora não raras vezes previsse acontecimentos futuros), porque a sua mente se dirigia apenas aos mais altos assuntos espirituais, nos quais de facto atingira um grau incomum de vigília interior, mas por isso não é entendido nem conhecido, porque descreveu as suas visões de modo

tão espiritual e invulgar através da linguagem. O seu capítulo sobre a imensidade do céu atraiu-me sobretudo, porque contém uma conversa de espíritos e anjos sobre o sistema planetário. Os planetas são naturalmente habitados, assim como o planeta Terra, mas os habitantes diferem segundo a formação individual variada dos planetas.

Estas visões sobre os habitantes dos planetas concordam de modo notável, e quase sem exceção, com as indicações de uma clarividente que tratei magneticamente. Não penso que ela conhecesse Swedenborg; ao que, contudo, atribuo pouca importância. Os dois videntes perceberam Marte de modo inteiramente diferente. A vidente magnética encontrou apenas imagens de terror e horror.

Swedenborg, pelo contrário, descreve-os como os melhores de todos os espíritos do sistema planetário. A sua linguagem suave, terna, semelhante a um zéfiro, é mais perfeita, mais pura e mais rica em pensamento, e mais próxima da linguagem dos anjos do que a dos outros. Estas pessoas associam-se entre si e julgam-se umas às outras pela fisionomia, que entre eles é sempre a expressão dos pensamentos. Honram o Senhor como único Deus, que às vezes aparece na sua terra.

Dos habitantes de Vénus diz: "São de dois tipos; alguns são gentis e benevolentes, outros selvagens, cruéis e de estatura gigantesca. Os últimos roubam e pilham, e vivem desse modo; os primeiros têm tal grau de doçura e bondade que são sempre amados pelos bons; assim, frequentemente veem o Senhor aparecer na sua própria forma na sua terra." É notável que esta descrição de Vénus concorde tão bem com a antiga fábula, e com as opiniões e experiências que temos de Vénus.

"Os habitantes da Lua são pequenos, como crianças de seis ou sete anos; ao mesmo tempo possuem a força de homens como nós. A sua voz ressoa como trovão, e o som procede do ventre, porque a Lua está numa atmosfera completamente diferente da dos outros planetas." (Segundo Gruithuisen, a Lua tem uma atmosfera muito pura, cinco vezes mais rarefeita do que a da Terra; por isso os pulmões devem ter uma proporção cinco vezes maior em relação ao corpo, donde a intensidade da voz, que realmente seria quase como o ribombar do trovão.)

Swedenborg foi mentalmente transportado para uma grande multidão de outros Mundos-Estrela, que descreve como se sucedendo uns aos

outros em diferentes círculos ou filas, com as suas variadas disposições internas, formas, habitações e ligações, em exatamente as mesmas palavras, expressões e descrições (em sentido espiritual) como se descrevesse alguma parte conhecida da nossa própria Terra, o que certamente exige muitas vezes uma forte fé, e soa singular aos nossos ouvidos desacostumados.

Os chamados Filósofos Martinistas, que no fim do século passado fizeram tanto ruído tanto em França como na Alemanha, e cuja doutrina inteira é em grande parte uma de magia, requerem aqui menção especial. Formaram uma sociedade de filósofos, nomeada a partir do seu mestre, que é o autor de uma obra com o título *Sobre o Erro e a Verdade* (*Des erreurs et de la verité*, Edimburgo, 1775; ou *Erro e Verdade*, etc.: do francês de Matth. Claudius, Breslau, 1782). Nesta, e noutra obra publicada pela própria sociedade (*Tableau naturel des rapports qui existent entre Dieu, l'homme et l'univers*, Edimburgo, 1782) estão contidas as doutrinas martinistas; e estas concordam, no que respeita à teologia e à filosofia natural, com as doutrinas da antiga Cabala, e com o misticismo teosófico cristão. Falam de um brilhante e exaltado tipo original de homem, da sua queda, em que se apoiam em vários depósitos secretos de doutrinas antigas e recentes.

A sua ética é um Essénio cristão, que parte do princípio de que o espírito do homem deve ser liberto de todas as impurezas, e vivificado por uma luz superior, a fim de alcançar a sua glória original. A sua filosofia natural é uma doutrina de magia que supõe uma certa penetração na arte hermética, ou um conhecimento dos fenómenos naturais, ao mesmo tempo que inculcam isto como base necessária de todas as perceções superiores, e censuram aqueles que procuram apenas o espiritual sem perceção do natural, "como pessoas que flutuam sobre o chão que deviam pisar com os pés."

Mas, porque pensam que a natureza visível deve ser estudada de modo totalmente diferente do habitual, a fim de alcançar a verdadeira luz e a real verdade fundamental de tudo o que é visível, censuram até o sistema comum de ensino nas ciências naturais, que é apenas guiado pela aparência física, fixado unicamente pela matéria, e que por isso perde de vista o verdadeiro gozo espiritual do homem: pelo conhecimento natural, o espírito do homem deve antes ser preparado para o conduzir aos segredos da vasta ligação entre o visível e o invisível.

Partem do pressuposto de um mundo invisível, contendo vários seres espirituais que têm ligação com o homem, a qual ele, pela piedade e outras virtudes, pode grandemente aumentar. Ao mesmo tempo, não obstante todas as semelhanças com Swedenborg, a sua crença neste ponto não assenta numa mera aceitação das doutrinas e visões swedenborguianas, mas em princípios que eram ensinados muito antes do tempo deste célebre vidente. Estão ainda mais afastados da alquimia secreta paracelsista, porque, embora não rejeitem o conhecimento dos fenómenos naturais, não encontram satisfação na matéria visível e morta.

## JACOB BOHME

O pobre sapateiro diminuto de Görlitz (nascido em 1775), o místico desprezado, o ainda desconhecido e incompreendido Jacob Bohme, que além do Cristianismo aprendeu um pouco de escrita com os pais — não será ele em breve um grande homem? como durante o seu aprendizado lhe foi profetizado pelo homem estranho que lhe apareceu, nestas palavras: "Jacob, tu és pequeno, mas tornar-te-ás grande, e um homem inteiramente diferente, de tal modo que o mundo se admirará de ti." Certamente Bohme é muitas vezes chamado o filósofo alemão, mas mais frequentemente o entusiasta teosófico, o místico sonhador, que, por ser insensato, não é compreendido por ninguém.

Para mim, Bohme parece o arquimago no verdadeiro sentido, e terá, portanto, o último e também o mais elevado lugar. Pois Jacob Bohme é verdadeiramente um alemão e um filósofo cristão, em cujos escritos pode estar contida a chave para desvendar os segredos da magia, tarefa que atribuimos especialmente à nação alemã.

"Por um estudo cuidadoso das obras de Böhme, e penetrando no espírito que as pervade, estou convicto de que nenhum investigador, de qualquer profissão, olhou mais fundo para a vida e para a mente dos homens, nem chegou mais perto da verdade, do que o verdadeiro filósofo cristão, o mágico místico, Jacob Böhme. O princípio de Böhme é —

O princípio de toda a sabedoria é o temor de Deus. "O conhecimento pela razão está muito bem no seu lugar", diz Böhme, "mas carece do princípio e do fim corretos; chega mesmo a cair em negar a possibilidade de conhecer Deus — ou melhor, em negar até a existência de Deus. O homem natural da razão nada entende do

segredo do reino de Deus, pois está fora de Deus e não em Deus, como o provam os doutos raciocinadores que se esforçam por alcançar a essência e a vontade de Deus e não as conhecem, porque não ouvem a palavra de Deus no centro das suas almas" (Sendbrief, xxxv. 5).

As conceções filosóficas de Böhme acham-se contidas em escritos volumosos, e numa linguagem intencionalmente mística (porque ele, pelo menos de início, escrevia as suas ideias apenas para si mesmo, sem outras vistas); estendem-se a tudo — a Deus, à natureza e ao espírito — nos quais o homem, em todos os tempos, mas em vão, e com dúvidas e lutas, procura a sua salvação. Achou Böhme esta verdade sozinho e por inteiro? Quem o afirmasse diria demasiado; pois o próprio Böhme entretém-se com belas imagens multicolores, que a fantasia ergue como parábolas, e que nem sempre implicam uma realidade completa.

Böhme reconhece a sua fraqueza e impotência para compreender devidamente o mistério de Deus; é perturbado por dúvidas e, evidentemente, nem sempre atinge a meta da verdade. Mas Böhme mostra, de modo incontestável, com a maior clareza, que o homem possui o poder de alcançar uma visão mais elevada e uma esfera de ação da economia da vida criada por Deus. Böhme entende, a meu ver, a maquinaria da vida interior e exterior — a verdadeira magia — melhor do que qualquer um que tenha tratado este assunto inesgotável.

E, no entanto, Böhme é um profeta completamente iletrado, não fabricado pela arte da sabedoria escolástica. Se Böhme conhecia místicos anteriores ou seus contemporâneos é incerto; parece que nem sequer conhecia Tauler, mas estava bem familiarizado com o seu predecessor Paracelso, cujo espírito encontrou nele eco digno. Böhme, porém, não se limitou à filosofia natural de Paracelso, antes a teceu nas suas sublimes contemplações teosóficas.

As importantes verdades que Böhme declara acerca de Deus, do homem e da natureza, só as pode ter extraído das suas contemplações mágicas internas, nas quais foi inspirado e iluminado por Deus. O próprio Böhme, o filósofo cristão, diz: "Que o homem é capaz de um conhecimento superior verdadeiramente satisfatório, porque foi criado à imagem de Deus, e o Deus omnipresente está constantemente perto dele." Mas, ao mesmo tempo, observa com ênfase que ao homem, todavia, falta o conhecimento divino, por

causa da sua obstinação e pecaminosidade, bem como pelos entraves do mundo e do diabo. É, portanto, necessário que o homem abandone, na sua peregrinação, a sua própria individualidade, e até toda a investigação voluntariosa, e apenas busque a graça de Deus por Cristo.

A única via verdadeira de ver Deus na sua palavra, na sua essência e na sua vontade, e de reconhecer as assinaturas do mundo natural, é esta: que o homem esteja em unidade consigo mesmo e abandone tudo na sua própria vontade, tudo quanto tem ou é, e se torne como nada para si; deve tornar-se mais pobre do que um pássaro do ar, que ao menos tem o seu ninho. O homem não deverá ter nenhum, pois deverá emigrar do mundo; isto é, deve renunciar ao seu livre-arbítrio e ao seu poder" (Myster. Mag.). "Segue o meu conselho: abandona a tua própria vontade ao espírito de Deus, e à medida que encontrares a tua vontade na dele, assim Ele se manifestará na tua vontade. Aquilo que então procurares, Ele é nisso — nada lhe está oculto, e tu vês pela sua luz" (Quarenta perguntas).

"Logo que o homem, por Cristo, obtém amizade com Deus (pois sem Cristo não a alcançará), obtém em Cristo um verdadeiro e essencial conhecimento de Deus e do mundo, na medida em que Deus o considera adequado a cada um. Pois assim que começa o crescimento do homem novo, há também uma nova perceção. Tão claramente como o homem exterior vê o mundo exterior, assim claramente o homem novo percebe o mundo divino em que vive, e já não é conduzido de olhos vendados, nem a verdade se encerra em ideias."

Que o próprio Jacob Böhme realmente participou de tal conhecimento, depois de sentir profundamente a impotência da sua própria razão, e quando, entristecido pela grande profundidade e escuridão deste mundo e pela luta dos elementos e das criaturas, toda a sua alma clamou, em grande alarme, a Deus, a fim de pelejar sem descanso com o amor e a misericórdia de Deus, vê-se com ênfase na *Aurora*:

"Então Deus iluminou-me com o seu espírito, para que eu entendesse a sua vontade e me livrasse da minha mágoa; então o espírito penetrou-me, e agora, desde que o meu espírito, após duras lutas, rompeu as portas do inferno até à origem mais íntima da divindade e aí foi recebido com amor, viu tudo e reconheceu Deus em todas as criaturas, até na planta e na erva; e assim, imediatamente, com forte

impulso, formou-se a minha vontade de descrever a natureza de Deus."

Há muitas edições dos escritos de Böhme — até extratos e as chamadas antologias; mas ficaram, em parte, segundo o texto original, no traje místico do autor, e são, por isso, demasiado difusos e ininteligíveis para a maioria das pessoas que não os estudaram profundamente; além disso, os extratos são parciais e incompletos.

Falta-nos ainda uma seleção sistemática das obras completas de Jacob Böhme, cujos conteúdos, sobre todas as matérias colhidas de obras dispersas e desiguais, devam ser, quanto possível, literalmente fiéis ao original e, no entanto, inteligíveis; e esta é uma razão principal por que Böhme é tão pouco compreendido, e por que o mundo ainda não se admira dele. O Dr. Julius Hamberger empreendeu suprir esta falta, estando prestes a publicar "As Doutrinas do filósofo alemão Jacob Böhme representadas segundo extratos sistemáticos das suas obras completas e acompanhadas de notas explicativas".

O Dr. Hamberger teve a bondade de me permitir ver e utilizar o manuscrito já completo; e, como assim o uso, extraindo literalmente algumas partes que concernem ao nosso assunto, o leitor terá uma amostra desta nova e muito cuidadosamente organizada e altamente meritória obra, para a qual desejo chamar especial atenção. Hamberger coloca em cada secção a sentença principal, que depois explica com as próprias palavras de Böhme, retiradas dos seus escritos, e seguem-se então as suas próprias observações, indicadas por um asterisco, assim — *.

Dos escritos de Jacob Böhme, e do modo de lograr entendê-los, diz o Dr. Hamberger, a título introdutório: "O autor escreveu, com inspiração divina, a partir de contemplação viva; mas custou-lhe duras batalhas, e nem sempre lhe foi possível reduzir ao verbo e à ideia o que via. Mais tarde adquiriu um estilo mais tranquilo e recolhido.

'Eu o digo diante de Deus e o testifico perante o seu juízo', são palavras de Böhme, 'que eu não sei de mim mesmo o que hei de escrever; mas, à medida que escrevo, o espírito mo dita com tão maravilhosa discrição, que frequentemente não sei se estou neste mundo segundo o espírito. E quanto mais busco, mais encontro — sempre mais fundo; de modo que muitas vezes considero a minha pessoa pecadora demasiado mesquinha para tão sublimes mistérios.

Então o espírito ergue o meu estandarte e diz-me: Vê, nisto viverás para sempre; por que te alarmas?' (Sendbriefe, 2, 10).

Certamente poderia escrever de modo mais gracioso e inteligível, mas o fogo ardente urge-me muitas vezes demasiado apressadamente, de modo que mão e pena têm de seguir, e então vai como um aguaceiro: o que acerta, acerta. Se fosse possível entender e descrever tudo, estaria muito mais profundamente fundamentado; como, porém, isso não pode ser, far-se-á mais de um livro, para que o que não foi inteligível num escrito se encontre noutro" (Sendb. 10, 45).

"Depois de se abrirem para mim as portas do conhecimento, fui compelido a começar a trabalhar nisso, como uma criança que vai à escola. No interior eu via certamente a verdade, como que a grande profundidade, mas era-me impossível desemaranhá-la. De tempos a tempos abria-se para mim como uma planta, mas foram precisos doze anos até que a pudesse trazer a lume."

- O autor, por causa da sua pecaminosidade humana, nem sempre teve o seu alto poder de perceção com igual clareza. Quando o espírito de Deus o deixava, ele não entendia os seus próprios escritos.

"Como a alma tem a sua origem na natureza, e o seu bem e o seu mal na natureza, e o homem se lançou, pelo pecado, na selvajaria da natureza, de modo que a alma é diariamente e a cada hora maculada por pecados, as suas perceções só podem ser parciais" (Aur. Vorr. 100). "Enquanto Deus tem a sua mão sobre mim, entendo perfeitamente aquilo que escrevi; mas, assim que se oculta, já não conheço a minha própria obra, e sou um estranho à obra das minhas próprias mãos: donde percebo quão impossível é descobrir os segredos de Deus sem o seu espírito" (Sendb. 10, 29).

"Quem quiser aplicar-se a estes papéis, lê-los e investigá-los, deve ser advertido a não empreender isto por especulação e reflexão exteriores e agudas. Por esse meio ficaria no terreno exterior e ideal, e obteria apenas um brilho exterior disso" (Clav. Vorr. 1).

- Por mais difíceis que sejam partes destes escritos, ainda assim, pela iluminação do espírito divino, pela qual se deve orar fervorosamente a Deus, tudo, o mais interior e o mais superficial das coisas, se tornará inteligível.
  "A verdadeira capacidade de discernir ninguém a pode dar a outro; cada um tem de recebê-la diretamente de Deus. Pode

dar-se assistência de uns a outros, mas não entendimento. Assim, os escritos do autor fornecem apenas aqui e ali um lampejo de conhecimento; mas, se alguém for julgado por Deus digno de ter a luz acesa na sua alma, então entenderá as inefáveis palavras de Deus" (Sendb. 55, 8-12).

"Cada um fala conforme a sua vida é influenciada por Deus; e ninguém nos pode conduzir ao conhecimento senão o espírito de Deus, que no dia de Pentecostes converteu na boca dos apóstolos as línguas de todas as nações numa só, de modo que as línguas dos apóstolos entenderam as línguas de todos os povos, embora eles falassem apenas com uma língua, mas as mentes e os corações dos ouvintes foram abertos por Deus, de forma que todos compreenderam a mesma linguagem, cada um na sua. Assim, só por Deus é possível que um espírito entenda outro. Por isso receio que, em muitas partes dos meus escritos, eu seja difícil de entender; mas em Deus sou facilmente entendido pelo leitor, se a sua alma estiver fundada em Deus, de cujo conhecimento somente eu escrevo" (Sendb. 4, 20, 21).

## DA MAGIA, OU DO ESPÍRITO
## E DA ESSÊNCIA DAS COISAS NA SUA FORMAÇÃO

Na formação das criaturas, o seu próprio espírito auxilia.
"O espírito é originalmente uma fonte mágica de fogo, e anseia pelo ser; isto é, pela forma. Isto cria então o desejo, que é a corporeidade do espírito, pela qual o espírito é chamado criatura" (Sendb. 47, 5).

- Tudo o que é real é também ativo à sua maneira. Ora, a ideia, na medida em que existe apenas no entendimento divino, ainda não tem em si qualquer realidade; quando, porém, Deus a traz desse estado de completa irrealidade, pela criação, para a realidade efetiva, corporal ou essencial, resulta, mediante a separação das forças nela contidas, uma espécie de meio entre o puramente espiritual e irreal, e entre o ser corporal ou completamente real, a que o nosso autor chama a essência de Vida, e que acima introduz, não sob este nome, é certo, mas descreve muito clara e definidamente segundo a sua natureza. Por meio desta essência, as criaturas são certamente ativas na sua própria formação corporal, como vemos que ainda sucede com o desenvolvimento de todo o produto natural, e como

percebemos na criação de toda a verdadeira obra de arte. Entre a mera ideia da verdadeira obra de arte e a sua formação corporal, jaz o espírito excitante e ativo dela, que há de atrair para si o seu corpo.

Muitos são capazes da ideia de uma obra de arte, mas a imagem realizadora — exigente — não se tornará plenamente viva nele, ou não permanecerá viva nele, e assim fica aquém de uma produção conseguida. Donde se vê que a essência se distingue da mera ideia. Mas ela nunca poderia atingir a essência sem magia, pela qual devemos reconhecer, mesmo num ponto de vista material, a transição da mera possibilidade à realidade. A relação da ideia com a essência é a mesma que a da mera natureza, ou do que o autor chama *Mysterium magnum*, com a magia; mas sobre ambas está, e sobre ambas preside, o mago, isto é, a vontade livremente atuante.

## DE DEUS E DA SUA MANIFESTAÇÃO:

## O ESTADO ORIGINAL DE ADÃO

Deus manifestou-se desde toda a eternidade no ser, e a causa desta manifestação reside antes de tudo na vontade da Trindade e nos anseios da sabedoria eterna.

"Se, então, um mistério existe desde a eternidade, a sua manifestação deve agora ser considerada por nós. Da eternidade só podemos falar como de um espírito, pois ela foi toda puro espírito. Mas elegeu-se também a si mesma desde toda a eternidade na essência" (Menschwerd, 1, 2, 1).

"Tudo quanto é calmo e sem essência em si, não tem obscuridade, mas é uma luz serena e clara, alegria ou essência. Isto, então, é a eternidade sem nada, e chama-se Deus antes de tudo o mais. Como, porém, Deus não quer existir sem essência, inclui em si uma vontade, e essa vontade é desejo" (*Dreif. Leben.* ii. 75-77).

"Toda a essência divina está em nascimento constante e eterno, como o espírito do homem, mas imutável. Como no espírito humano os pensamentos estão sempre a nascer, e dos pensamentos, a vontade e o desejo, e da vontade e do desejo, a palavra, na qual as mãos auxiliam para que aumente em substância, assim é o caso com o nascimento eterno" (*Drei Princ.* ix. 32).

"A vontade é primeiro tênue como uma não-entidade; por isso deseja, e quer tornar-se algo, para que se manifeste em si mesma. O mero nada faz com que a vontade tenha desejos, e o desejo é uma imaginação. Pois, quando a vontade se vê ao espelho da sabedoria, imagina, a partir do sem-fundamento, para dentro de si, e faz-se na imaginação um fundamento para si" (Menschw. xi. 2, 1).

"A virgem da sabedoria, companheira de Deus na sua honra e alegria, enche-se de anseio pelas maravilhas de Deus, que jazem nela mesma. Mas por meio desse anelo produzem-se nela as essências eternas; estas atraem o poder santo, e assim se torna com ela um ser fixo. Contudo, nisso ela nada toma para si; a sua apropriação existe apenas no espírito santo; ela move-se somente diante de Deus, para revelar as maravilhas de Deus" (*Drei Princ.* xiv. 87, 88).

- Embora aqui surja a questão de um anseio da sabedoria eterna, não é por isso indicada como pessoal. Em toda a natureza exterior há também um anseio, pois todos os fenómenos nela mostram atração recíproca. Tal anseio convém-lhe, porque no seu íntimo ela é viva, espiritual. Assim, devemos considerar a sabedoria eterna como um espírito, mas não uma pessoa.

Enquanto Adão outrora pertencia ao mundo divino e à eternidade, afundou-se agora, porque a imagem de Deus começou a desvanecer-se nele, na vida terrena e, assim, na impotência e no sono.
"É fácil de entender por um homem sensato que não poderia haver sono em Adão enquanto ele existia à imagem de Deus; pois era então tal imagem como havemos de ser na ressurreição. Então não necessitaremos dos elementos, nem do sol nem das estrelas, nem sequer de sono, mas os nossos olhos permanecerão abertos para contemplar eternamente a glória de Deus" (*Drei Princ.* xii. 17).

"A imagem de Deus não dorme; o que é eterno não conhece tempo. Mas pelo sono foi o tempo revelado ao homem; ele dormiu o mundo angélico, e despertou no mundo exterior" (*Myst.* xix. 14).
"Quando Adão foi vencido, a essência em que a bela virgem habitara tornou-se terrena, cansada, impotente e fraca. A poderosa mãe da essência, de que ela tirava a sua força sem qualquer sono ou descanso, desapareceu em Adão" (*Drei Princ.* iii. 8).

"Assim, Adão caiu para a magia, e a sua glória desapareceu, pois o sono significa morte e vitória. O reino da terra conquistara-o e queria governá-lo" (Menschw. i. 5, 8).

"Quando o desejo do espírito deste mundo venceu, ele tornou a cair em sono. Então o seu corpo celestial tornou-se carne e sangue, e a sua grande força, ossos rijos. Então a virgem entrou na vida das sombras, no Éter celestial, no princípio da força" (*Drei Princ.* xiii. 2).

- Para melhor explicação da doutrina do nosso autor sobre o sono de Adão, devemos comparar as seguintes cláusulas sobre o sono ter… restrial em geral. "Os seres vivos", diz Böhme (*Drei Princ.*, xii. 22, 23), "como os homens, animais e aves, têm a essência em si, pois são um extrato da qualidade das estrelas e dos elementos, e essa essência é sempre acesa pelo sol e pelas estrelas, ondeupon a essência incendeia o corpo. Assim, quando o sol se põe, e o seu esplendor já não é visível, a essência torna-se fraca, pois precisa de ser acesa pelo poder do sol; e porque a essência se enfraquece, a força no sangue, que é a própria essência, torna-se impotente e cai em brando repouso, morto e vencido." O que aqui se diz do acender da essência, isto é, do despertar do poder de vida pela ação do sol, aplica-se de certo modo também a Adão. A vida do espírito divino só podia existir nele pelo poder do sol divino da graça, e tinha de desaparecer necessariamente na sua deserção voluntária dele.

Como esta impotência devia servir para a salvação de Adão, foi-lhe dada, a fim de o preservar de afundar ainda mais, em lugar da recuada virgem celeste, a mulher terrena.

"Como Adão passou de Deus à personalidade, Deus permitiu que caísse na impotência: doutra forma, com a sua personalidade, teria ele, na noite de fogo, chegado a ser até um diabo" (Stief. ii. 363). "Quando o diabo viu que havia desejo em Adão, atuou ainda mais sobre o nitré em Adão e travou a sua estrutura mais firmemente. Era então tempo de o Criador lhe fazer uma mulher, que depois certamente originou o pecado e comeu do falso fruto. Mas, se Adão tivesse comido do fruto antes de a mulher ser feita dele, teria sido ainda pior" (*Aur.* xvii. 21, 22).

A mulher foi tomada de toda a força de Adão, mas, segundo a essência, for mada de uma costela que então ainda não tinha sido degradada a osso rijo.

"Eva não foi extraída (de Adão) como mero espírito, mas estava completa no ser. Devemos dizer que o lado de Adão foi aberto, e a mulher, o espírito de Adão, apareceu de carne e osso" (*Drei Princ.*

xiii. 14). "A razão diz — Se Eva for formada apenas de uma costela de Adão, deve ser muito menor do que Adão. Não é assim, porém, pois o Fiat, como atração aguda (ou como a primeira forma da natureza), extraiu de todas as essências e qualidades, e de todo o poder de Adão, e apenas não mais membros na essência" (*Drei Princ.* xiii. 18). "O corpo de Adão ainda não se tornara osso rijo. Isso só ocorreu quando Eva comeu a maçã e deu dela a Adão. A decadência e a morte temporal já existiam nele como destempero e doença mortal, mas os ossos e as costelas eram ainda poder e força, e Eva foi formada do poder e da força, dos quais, mais tarde, a costela rígida deveria primeiro existir" (*Ibidem* xiii. 13).

- Böhme diz aqui, com referência ao corpo de Adão, que antes da queda ele ainda estava livre da rigidez terrena, porque então a morte não tinha poder sobre ele. Deste modo, elimina de antemão a asserção racionalista tantas vezes repetida de que a criação da mulher a partir de uma costela de Adão deve ser tida como pura impossibilidade.

Eva não foi malcriada, mas viveu ainda com Adão no Paraíso; a pura semelhança divina já não se encontrava, contudo, em nenhum dos dois.

"Eva não foi malcriada, mas bastante formosa; mas os sinais de destruição já estavam ao seu redor, e ela não podia ser mais do que a esposa de Adão. Mas ambos ainda estavam no Paraíso; e, se não tivessem comido da árvore, mas voltado as suas imaginações para Deus, teriam permanecido no Paraíso" (*Drei Princ.* xiii. 36).

"Adão e Eva tinham o tormento do Paraíso, porém misturado com doença temporal. Estavam nus e possuíam organização corporal, mas não a conheciam, e não se envergonhavam, pois o espírito do grande mundo ainda não tinha domínio sobre eles até que comeram do fruto terreno" (*Mensch.* i. 6, 15).

"Ninguém pode dizer que Eva, antes do contacto com Adão, fosse uma virgem pura e casta; pois, assim que Adão despertou do sono, viu-a de pé junto dele, e logo imaginou nela, e tomou-a para si e disse: 'Isto é carne da minha carne e osso do meu osso; chamar-se-á mulher, porque do varão foi tomada.' E do mesmo modo Eva também logo imaginou no seu Adão, e um olhou para o outro com amor." (*Vierz. Frag.* xxxvi. 6, 7.)

- Devemos sem dúvida distinguir, no Paraíso, como no próprio Céu, regiões superiores e inferiores; de modo que, embora

Adão e Eva pudessem estar no Paraíso, só podiam ter por morada uma região inferior dele.

## DA CRIAÇÃO DO MUNDO

Antes de o sol e as estrelas serem acesos, a natureza estava ainda como que no poder da morte, carecendo das formações da força viva e crescente que procedia de si mesma.

"Até ao terceiro dia do acender da ira de Deus neste mundo, a natureza estava em angústia, e num vale obscuro, e na morte; mas, no terceiro dia, quando a luz das estrelas foi acesa nas águas da vida, a vida rompeu a morte e começou o novo nascimento" (*Aur.* xxiv. 41).

"Na terra, acima de tudo, está a qualidade áspera; esta contrai as partículas salinas e fixa a Terra de modo que ela seja um ser corporal, e forma também nela todos os corpos, tais como pedras, minérios e todas as raízes. Ora, quando isto está formado, ainda não tem vida que lhe permita crescer e expandir-se. Mas, quando o calor do sol atua sobre o globo, todos os géneros de formas florescem e crescem na terra" (*Aur.* viii. 41, 42).

- É verdade que Böhme declara a *Aurora* a menos perfeita entre as suas obras; não obstante, é notável que aqui, em contradição com a Bíblia, ele pressuponha que o firmamento foi criado já no terceiro dia. Esta suposição nem concorda com a sua própria doutrina das sete formas da natureza, que se repete, segundo a sua declaração expressa, na história da criação, na medida em que, com o aparecimento do firmamento, se obtém a verdadeira entrada da luz de Deus na vida natural; do mesmo modo que, mesmo com a vida divina, a sabedoria só se torna visível na quarta forma da natureza. Böhme foi aqui induzido em erro, como se vê pelas suas explicações (*Aur.* xxiv. 42), pela analogia erroneamente aceite da ressurreição do Salvador, que de facto teve lugar ao terceiro dia.

Mas agora a luz eterna de Deus penetrou as trevas deste mundo e acendeu calor no firmamento, ou no céu; e assim do fogo procedeu a luz, isto é, o sol e o céu estrelado (firmamento). Com isto, porém, a sabedoria divina não se manifesta de modo completamente puro, e, portanto, não imutável, mas sempre como num espelho claro, e por isso o diabo é remetido de volta às suas trevas.

"No quarto dia Deus, da sua infinita sabedoria, criou no mundo visível o sol e as estrelas. Aqui, pela primeira vez, só podemos apreciar a divindade e a sabedoria externa de Deus como num espelho claro. Mas o que é visível aos olhos não é o próprio Deus, mas apenas uma deusa no terceiro princípio, que enfim retorna ao seu éter e tem fim" (*Drei Princ.* 8, 13).

"Deus fez um firmamento, que se chama céu, entre o nascimento exterior e o interior — entre a clara divindade e a natureza depravada, a qual se deve romper para alcançar Deus. Diz-se deste firmamento (Job xv. 15) que nem os céus são puros diante de Deus; mas no último dia será varrida dele a ira" (*Aur.* 20, 41, 46).

"Na criação foi acesa outra luz para este mundo (destruído por Lúcifer) — a saber, o sol; e assim a glória do diabo lhe foi retirada. Ele foi então encerrado nas trevas como prisioneiro, entre o reino de Deus e este mundo, de modo que já não tem de comandar neste mundo senão pela *Turba* (isto é, onde tem lugar uma confusão de poderes), ou onde a fúria e a ira de Deus são despertadas" (*Mensch.* 1, 2, 8).

- A remoção de Lúcifer, que aqui está em causa, deve necessariamente ser tratada dinamicamente; quanto mais proeminente era o poder da luz e da ordem, tanto mais insignificante se tornava a *Turba* — a confusão de poderes — tanto mais tinha de ser confinado o poder daquele que, de facto, só se pode desenvolver na *Turba*.

O sol veio pela alma do mundo a partir de todas as estrelas; mas ele também volta a desenvolver a vida de todas as estrelas.
"Na alma do mundo exterior (e pela mesma), Deus criou e escolheu um rei, ou, como o poderia exprimir figuradamente, um deus da natureza com seis conselheiros, como seus ajudantes — a saber, o sol com os outros seis planetas, que são declarados a partir das sete qualidades desde o *loco* do… Este sol recebe o seu brilho da essência do mundo do fogo e da luz, e está como um ponto aberto, oposto ao mundo do fogo" (*Myst.* 13, 16, 17).

" No centro da morte, isto é, no corpo ou ser corporal da terra, Deus excitou a essência, a sua glória, o seu brilho e luz, nos quais consiste a sua vida; mas à profundeza sobre o ta n itre deu ele o sol, que é uma essência de … e cujo poder se estende além (e sobre) a natureza, de onde ele recebe o seu fulgor. A vida de toda a roda das estrelas é a mesma, e todas as estrelas são seus filhos; não no

sentido de que tenham a sua essência, mas de que a sua vida, no princípio, teve origem no seu centro" (*Dreif. Leben*, 427).

"O sol é o coração de todas as forças deste mundo, e está conglomerado de todas as forças das estrelas, e, em retorno, inflama e vivifica todas as estrelas e todas as forças deste mundo" (*Ibidem* 7, 40).

"Não se deve entender, quando o sol é chamado o centro das estrelas, que todas as estrelas tiveram origem no *spot Solis*. Mas ele é (o sol) o centro das forças das estrelas, e a causa do seu movimento na essência. Ele abre as suas forças e comunica-lhes poder como o seu coração" (*Myst.* 11, 32).

- Assim como a sabedoria divina só existe pela Trindade e, *vice-versa*, a Trindade só pela sabedoria divina, assim, do mesmo modo, a existência das estrelas depende da do sol, e a do sol da das estrelas, mas de tal maneira que, como a Trindade em relação à sabedoria, assim o sol em relação às estrelas é o poder superior e mais masculino. Relação semelhante se obtém quanto ao próprio sol e à alma do mundo, pela qual, como diz o nosso autor, "o sol é despertado e nasce", mas que noutro lugar ele descreve como um eflúvio da força do sol e das estrelas.

  De certo modo, a alma do mundo depende, naturalmente, do sol, mas é digna de maior dignidade do que o sol, pois o nosso autor a submete imediatamente ao mundo ideal divino. "Deus", diz ele (*Sign.* 8, 3), "pôs um único mestre, como seu oficial, sobre todas as coisas — a saber, a alma do grande mundo. Mas sobre esta colocou uma imagem do seu igual (evidentemente o mundo ideal), que modela diante do oficial o que este tem de fazer. Isso é o entendimento; o próprio poder de Deus, pelo qual ele governa o oficial."

  Sem tal alma do mundo, que Böhme também chama o espírito sideral, ou o espírito estelar, ou o *spiritus mundi*, os objetos singulares da natureza não formariam um verdadeiro todo, nem tantos fenómenos e relações no mundo — por exemplo, o movimento regular dos astros, a justa proporção entre a origem e a decadência de vários objetos no mundo — seriam inteligíveis. Mas a diferença entre essa alma do mundo e o mundo ideal é evidente; este tem a sua vida e ser no próprio Deus e é incriado; a alma do mundo, pelo contrário, é de

natureza criadora e distinta de Deus. No mundo ideal residem as diretrizes para o modo de ação da alma do mundo: assim, o primeiro aparece a comandar, a segunda a obedecer, etc.

- Em união com as sete formas da natureza, e correspondendo a elas, surgiram especialmente os sete planetas através do sol. "Do mesmo modo que o sol é o coração da vida e uma fonte de todos os espíritos no corpo deste mundo, é Saturno o começo de toda a corporalidade e compreensibilidade. Assim, ele não deriva o seu início e a sua origem do sol, mas a sua fonte é a seriedade, aspereza e severa angústia de todo o corpo deste mundo" (*Aur.* 26, 1-3).

  "Quando a luz foi acesa, resultou do poder e da aspereza vencidos — Mercúrio" (*Drei Princ.* 8, 24). "Mercúrio é um agitador, um sonoro, um músico, mas ainda não tem a vida correta, cuja condição primitiva está no fogo. Assim, deseja o ser terrífico e tempestuoso que abre o fogo; e isto é Marte" (*Dreif. Leben*, 9, 78).

  "Quando o sol foi aceso, o terrível espanto do fogo surgiu do *loco* do sol, como um raio cruel e violento; e daí procedeu Marte. Ele está agora como uma fúria, um fanfarrão e um motor de todo o corpo deste mundo, de modo que dele toda a vida toma a sua fonte" (*Aur.* 25, 72, 75, 79).

  "Mas logo que os espíritos de movimento e de vida se elevaram do *loco* do sol pelo acender das águas, a mansidão penetrou como o fundamento das águas, infectada sob si mesma com o poder da luz, à maneira de humildade, e desta resultou o planeta Vénus" (*Ibidem* 26, 19, 32, 33).

  "Quando o ímpeto do fogo foi aprisionado pela luz, esta penetrou, no seu próprio poder, como uma vida suave e ondulante, ainda mais fundo na profundeza, até alcançar o assento duro e frio da natureza. Aí permaneceu estacionária; e desse mesmo poder procedeu o planeta Júpiter" (*Ibidem* 25, 76, 80-82).

  "A sétima forma é a Lua, na qual jazem as qualidades de todas estas sete formas. Ela é também a essência corporal das outras formas, que todas, através do *Solem*, lançam os seus desejos nela. O que o Sol é e faz em si espiritualmente, isso é e faz a Lua em si corporalmente" (*Sign.* 9, 24).

- Pelas citações aqui apresentadas sobre a origem dos planetas, vê-se que Saturno responde à primeira, Mercúrio à segunda, Marte à terceira, Vénus à quinta e Júpiter à sexta forma natural. O autor apresenta-os assim com ênfase na obra "Tabelas dos Três Princípios", Tabela 2. Aqui encontramos como a Lua é dada como a sétima e o Sol como a quarta forma correspondente. Admitir-se-á facilmente, porém, que Böhme só poderia ficar satisfeito com tal construção porque, no seu tempo, os outros planetas (apenas conhecidos nos nossos dias) não tinham sido descobertos. Outra construção baseada nestas novas descobertas — ou melhor, apenas uma tentativa disso — é apresentada em "Deus e a sua Revelação", p. 170 e 182 e segs.

- Depois de existir o firmamento, a vida sideral foi por ele chamada à existência; isto é, por ele surgiram seres vivos semelhantes a estrelas dos diferentes elementos.
  "O firmamento do céu é feito do meio das águas: este nascimento penetra através do nascimento exterior torporoso, através da morte, e aqui traz vida sideral; como animais e homens, aves, peixes e répteis" (*Aur.* 20, 60, 61).

  "Quando Deus abriu as suas estrelas e os quatro elementos, havia criaturas em todos os quatro elementos; como aves na constelação do ar, peixes na constelação da água, animais e quadrúpedes na constelação da terra, espíritos na constelação do fogo" (*Myst.* 14, 1, 2).

- Vimos acima que o nosso autor sustenta que a terra tem "as mesmas qualidades que o espaço acima da terra". Daí podemos compreender porque pôde falar não só da constelação do céu, mas até de seres vivos "como das constelações dos elementos". Mas que tais só aparecessem no quinto dia, isto é, após a criação do firmamento, ao passo que pela ação do firmamento ainda não dotado até as plantas podiam florescer, é natural. Nos animais se revelam os primeiros sinais de uma vida espiritual, ou ao menos um pressentimento decidido dela; mas a vida espiritual pode aparecer em toda a parte apenas com e pela consumação da existência física.

  Isto verifica-se não só com as criaturas, mas, como sustentamos — como fica plenamente demonstrado na segunda e terceira divisão —, até com a vida do Eterno. É, pois, fácil ver

que a força ativa característica dos astros, ou a sua vida espiritual, só pôde ser revelada depois de terem saído do caos do firmamento, no qual tinham estado previamente submersos, e de terem ganho a sua corporalidade apropriada. Nos "espíritos na constelação do fogo", que, além dos outros seres vivos, vieram à existência sob a ação do mundo estelar, não devemos entender anjos nem demónios; como o próprio Böhme diz (*Myst.* 812):

"Assim como na revelação divina um passo se segue ao outro até ao derradeiro, assim é com os anjos ou espíritos; nem todos os que habitam nos elementos são santos." Lemos mais adiante (v. 8 e segs.): "enquanto alguns espíritos vivem no poder do mundo santo, outros, no mundo exterior, governam os poderes dos astros e dos quatro elementos, como reinos e principados, assim como cada país tem o seu anjo príncipe guardião, com as suas legiões", etc. Paracelso manteve doutrina semelhante; e as Sagradas Escrituras parecem indicar o mesmo (cf. Jo. 5, 4).

- Estas criaturas receberam o seu espírito das constelações, ou antes do espírito deste mundo, mas o seu corpo da terra. Deste modo se produziu, conforme o predomínio da forma ígnea ou aquosa, o contraste dos dois sexos.

  "Da matriz da natureza, Deus, por meio do *fiat* da sua palavra, deixou sair, no quinto dia, todas as coisas segundo as suas propriedades — peixes na água, aves no ar e os outros animais na terra. Receberam o seu ser físico da firmeza da terra, mas o seu espírito do *spiritus mundi*" (*Gnadenw.* 5, 20).
  "Todas as criaturas são formadas do inferior e do superior. A matriz da terra deu o corpo, e a constelação o espírito" (*Dreif. Leben*, 11, 7). "Como o espírito estelar, ou o espírito no poder do fogo, se mesclou pelos seus anseios com o espírito aquoso, procederam, de uma e a mesma essência, dois sexos: um (o masculino) em forma ígnea, o outro (o feminino) em forma aquosa" (*Drei Princ.* 8, 43).

## O SOL COMO CENTRO DA VIDA NATURAL

Deus realiza este ministério benfazejo especialmente através do sol, que, como verdadeira imagem do coração divino do amor, governa todo o mundo visível e refreia a fúria do mundo escuro.

"A divindade, a luz divina, é o centro de toda a vida, e assim, na revelação de Deus, o sol é o centro de toda a vida" (*Signat.* 4, 17). "Deus Pai cria o amor a partir do seu coração; e assim o sol também indica o seu coração. É o mundo exterior, a figura do eterno coração de Deus, que dá força a toda a existência e vida" (*Sign.* 4, 39).

"Deus deu luz ao mundo exterior pelo sopro do seu poder, através dos raios da sua luz, e governa com o sol e a lua no ser deste mundo. Todas as estrelas recebem a sua luz e o seu esplendor do brilho difundido da sua luz; e Deus adorna a terra com esta luz com belas plantas e flores, e assim dá alegria, com ela, a tudo quanto vive e cresce" (*Gebot*, 47).

"Este mundo tem um deus especial da natureza, a saber, o sol. Mas ele recebe a sua existência do fogo de Deus, e este, por sua vez, da luz de Deus. Assim, o sol dá o poder aos elementos, e estes às criaturas e produções da terra" (*Sechs theos. Punkte*, 4, 13). "O abismo do inferno está neste mundo; o sol é a única causa da água; e assim o espaço acima da terra aparece amável, aprazível, suave e deleitoso" (*Dreif. Leben*, 6, 6, 3, 64). "Tudo o que é poderoso da essência do mundo santo jaz oculto na ira e na maldição de Deus, nas propriedades do mundo das trevas; mas reverdece pelo poder do sol e pela luz da natureza exterior, pela maldição e pela ira" (*Myst.* 21, 8).

- Além da grande dignidade e importância que Böhme atribui ao sol, ele adota também de forma decidida a doutrina de que ele não dá a volta ao mundo. "O sol", diz ele (*Aur.* 25, 60), "tem o seu próprio *locus* real, e não se move do lugar onde foi criado, embora alguns opinem que ele corre noite e dia ao redor do globo."
- Como o sol governa todo o mundo terrestre, deve, segundo a sua essência e poder, estar presente em toda a parte dele.

  "Isto é o entendimento; o próprio poder de Deus, pelo qual Ele governa o oficial." Sem tal alma do mundo, que Böhme também chama espírito sideral, ou espírito estelar, ou *spiritus mundi*, os objetos singulares da natureza não formariam um

verdadeiro todo, nem tantos fenómenos e relações no mundo — por exemplo, o movimento regular dos astros, a justa proporção entre a origem e a decadência de diversos objetos no mundo — seriam inteligíveis. Mas a diferença entre essa alma do mundo e o mundo ideal é evidente; este tem a sua vida e o seu ser no próprio Deus, e é incriado; a alma do mundo, por outro lado, é de natureza criadora e diferente de Deus. No mundo ideal jazem as diretrizes para o modo de ação da alma do mundo: assim, o primeiro aparece a comandar, a segunda a obedecer, etc.

Em conjunto com as sete formas da natureza, e correspondendo-lhes, saíram especialmente os sete planetas através do sol.

"Do mesmo modo que o sol é o coração da vida, e uma fonte de todos os espíritos no corpo deste mundo, é Saturno o começo de toda a corporalidade e compreensibilidade. Assim, ele não deriva o seu princípio e a sua origem do sol, mas a sua fonte é a séria, áspera e severa angústia de todo o corpo deste mundo" (*Aur.* 26, 1-3).

"Quando a luz foi acesa, resultou do poder e da aspereza vencidos — Mercúrio" (*Drei Princ.* 8, 24). "Mercúrio é um agitador, um sonante, um músico, mas ainda não tem a vida correta, cuja condição primitiva está no fogo. Assim, ele deseja o ser terrífico e tempestuoso que abre o fogo; e isto é Marte" (*Dreif. Leben*, 9, 78).

"Quando o sol foi aceso, o terrível pavor do fogo surgiu do *loco* do sol, como um raio cruel e violento; e daí procedeu Marte. Ele está agora como uma fúria, um fanfarrão e um motor de todo o corpo deste mundo, de modo que dele toda a vida toma a sua fonte" (*Aur.* 25, 72, 75, 79).

"Mas logo que os espíritos de movimento e de vida se elevaram do *loco* do sol pelo acender da água, a mansidão penetrou como o fundamento da água, infetada sob si mesma com o poder da luz, à maneira de humildade, e desta resultou o planeta Vénus" (*Ibidem* 26, 19, 32, 33).

"Quando o ímpeto do fogo foi aprisionado pela luz, esta penetrou, no seu próprio poder, como uma vida suave e ondulante, ainda mais fundo na profundeza, até alcançar o assento duro e frio da natureza. Aí permaneceu estacionária; e

desse mesmo poder procedeu o planeta Júpiter" (*Ibidem* 25, 76, 80-82).

"A sétima forma é a Lua, na qual jazem as qualidades de todas estas sete formas. Ela é também a essência corporal das outras formas, que todas, através do *Solem*, lançam nela os seus desejos. O que o Sol é e faz em si espiritualmente, isso é e faz a Lua em si corporalmente" (*Sign.* 9, 24).

- Pelas citações aqui fornecidas sobre a origem dos planetas, vê-se que Saturno corresponde à primeira, Mercúrio à segunda, Marte à terceira, Vénus à quinta e Júpiter à sexta forma natural. O autor apresenta-os assim com ênfase na obra "Tabelas dos Três Princípios", Tabela 2. Aqui achamos como a lua é dada como a sétima, e o sol como a quarta forma correspondente.

  Admitir-se-á facilmente, porém, que Böhme só poderia ficar satisfeito com tal construção porque, no seu tempo, os outros planetas (apenas conhecidos nos nossos dias) não tinham sido descobertos. Outra construção baseada nestas novas descobertas — ou, antes, apenas uma tentativa disso — é dada em "Deus e a sua Revelação", p. 170 e 182 e segs.

  Depois de existir o firmamento, a vida sideral foi por ele chamada; isto é, por ele surgiram seres vivos semelhantes a estrelas dos diferentes elementos.

  "O firmamento do céu é feito do meio da água: este nascimento penetra através do nascimento exterior torporoso, através da morte, e aqui traz vida sideral; tais como animais e homens, aves, peixes e répteis" (*Aur.* 20, 60, 61).

  "Quando Deus abriu as suas estrelas e os quatro elementos, havia criaturas em todos os quatro elementos; como aves na constelação do ar, peixes na constelação da água, animais e quadrúpedes na constelação da terra, espíritos na constelação do fogo" (*Myst.* 14, 1, 2).

  Vimos acima que o nosso autor sustenta que a terra tem "as mesmas qualidades que o espaço acima da terra". Daí podemos compreender porque pôde falar não só da constelação do céu, mas mesmo de seres vivos "como das constelações dos elementos". Mas que tais só aparecessem no quinto dia, isto é, depois da criação do firmamento, ao passo que, pela ação do

firmamento ainda não dotado, até as plantas podiam florescer, é natural. Nos animais revelam-se os primeiros sinais de uma vida espiritual, ou pelo menos um decidido pressentimento dela; mas a vida espiritual pode, em toda a parte, aparecer apenas com e pela consumação da existência física. Isto sucede não só com as criaturas, mas — como sustentamos, como fica plenamente provado na segunda e terceira divisão — até com a vida do Eterno.

É, pois, fácil ver que a força ativa característica dos astros, ou a sua vida espiritual, só pôde ser revelada depois de terem saído do caos do firmamento, no qual tinham estado previamente submersos, e de terem ganho a sua corporalidade apropriada. Nos "espíritos na constelação do fogo", que, além dos outros seres vivos, vieram à existência sob a ação do mundo estelar, não devemos entender anjos nem demónios; como o próprio Böhme diz (*Myst.* 812):

"Assim como na revelação divina um passo se segue ao outro até ao extremo, assim é com os anjos ou espíritos; nem todos os que habitam nos elementos são santos." Lemos adiante (v. 8 e segs.): "enquanto alguns espíritos vivem no poder do mundo santo, outros, no mundo exterior, governam os poderes dos astros e dos quatro elementos, como reinos e principados, assim como cada país tem o seu anjo príncipe guardião, com as suas legiões", etc. Paracelso manteve doutrina semelhante; e as Sagradas Escrituras parecem indicar o mesmo (cf. Jo. 5, 4).

Estas criaturas receberam o seu espírito das constelações, ou antes do espírito deste mundo, mas o seu corpo da terra. Deste modo produziu-se, conforme o predomínio da forma ígnea ou aquosa, o contraste dos dois sexos.

"Da matriz da natureza, Deus, por meio do *fiat* da sua palavra, deixou sair, no quinto dia, todas as coisas segundo as suas propriedades — peixes na água, aves no ar e os outros animais na terra. Receberam o seu ser físico da firmeza da terra, mas o seu espírito do *spiritus mundi*" (*Gnadenw.* 5, 20).

"Todas as criaturas são formadas do inferior e do superior. A matriz da terra deu o corpo, e a constelação o espírito" (*Dreif. Leben*, 11, 7). "Como o espírito estelar, ou o espírito no poder do fogo, se mesclou pelos seus anseios com o espírito aquoso, procederam, de uma e a mesma essência, dois sexos: um (o

masculino) em forma ígnea, o outro (o feminino) em forma aquosa" (*Drei Princ.* 8, 43).

## O SOL COMO CENTRO DA VIDA NATURAL

Deus realiza este ministério benfazejo especialmente através do sol, que, como verdadeira imagem do coração divino do amor, governa todo o mundo visível e refreia a fúria do mundo escuro.

"A divindade, a luz divina, é o centro de toda a vida, e assim, na revelação de Deus, o sol é o centro de toda a vida" (*Signat.* 4, 17). "Deus Pai cria o amor do seu coração; e assim o sol também indica o seu coração. É o mundo exterior, a figura do eterno coração de Deus, que dá força a toda a existência e vida" (*Sign.* 4, 39).

"Deus deu luz ao mundo exterior pelo sopro do seu poder, através dos raios da sua luz, e governa com o sol e a lua no ser deste mundo. Todas as estrelas recebem a sua luz e o seu esplendor do brilho derramado da sua luz; e Deus adorna a terra com esta luz com belas plantas e flores, e assim dá alegria, com ela, a tudo o que vive e cresce" (*Gebot*, 47). "Este mundo tem um deus especial da natureza, a saber, o sol. Mas ele toma a sua existência do fogo de Deus, e este, por sua vez, da luz de Deus. Assim, o sol dá o poder aos elementos, e estes às criaturas e produções da terra" (*Sechs theos. Punkte*, 4, 13).

"O abismo do inferno está neste mundo; o sol é a única causa da água; e assim o espaço acima da terra aparece amável, aprazível, suave e deleitoso" (*Dreif. Leben*, 6, 6, 3, 64). "Tudo o que é poderoso da essência do mundo santo jaz oculto na ira e maldição de Deus, nas propriedades do mundo das trevas; mas reverdece pelo poder do sol e pela luz da natureza exterior, pela maldição e pela ira" (*Myst.* 21, 8).

- Além da grande dignidade e importância que Böhme atribui ao sol, ele adota também decididamente a doutrina de que ele não corre ao redor do mundo. "O sol", diz ele (*Aur.* 25, 60), "tem o seu próprio *locus* real, e não se move do lugar onde foi criado, embora alguns opinem que ele corre noite e dia ao redor do globo."

Como o sol governa todo o mundo terrestre, deve, segundo a sua essência e poder, estar presente em toda a parte dele. "O sol não está longe da água, pois a água tem as propriedades e a essência do sol; doutra forma a água não daria o reflexo do sol. Embora o sol seja um corpo, ele está também na água, mas não visivelmente. Aliás, vemos que todo o mundo seria mero sol, e *locus* do sol, se Deus o quisesse acender e revelar, pois todo o ser neste mundo recebe os raios do sol" (*Sechs theos. Punkte*, 6, 10).

"Se Deus acendesse a luz pelo calor, todo o mundo seria mero sol; pois o poder em que o sol está encontra-se por toda a parte, e, antes do tempo do sol, estava por toda a parte no *locus* deste mundo tão claro quanto o sol é, não, porém, de modo insuportável, mas de maneira branda e suave" (*Aur.* 25, 63, 64).

- Dantes, sustenta o nosso autor, "todo o mundo era tão claro como agora só o é o sol." Antes da sua destruição, quer ele dizer, não existia aquela separação, aquele manter-se à parte no mundo, que, pela penetração do poder da morte, tem de se tornar visível nele. Existiam já, então, todos os pormenores que agora nele notamos; mas o poder da vida plena, sem travões, de cada ser singular era participado por todos, de modo que todos gozavam de tal plenitude de vida, e todos viviam uns nos outros, nenhum fora do outro, apenas o superior incluía o inferior, enquanto este existia naquele.

  Tal modo de ser já não existe; mas a separação não podia, de modo algum, ser absoluta; e assim ainda estão poderosamente unidos, e a força de todos ainda se contém em cada indivíduo. Nesta reconhecidamente incompleta união e classificação, tal como existe no mundo inferior, damos conta de uma verdadeira excitação de uma força meramente potencial por outra efetiva, como, por exemplo, o sol na água pelo sol no firmamento.

  Mas, uma vez, no fim dos tempos, o esplendor do sol, restituído à sua verdadeira essência, penetrará tudo, e todo o mundo se tornará tão claro e límpido como dantes. A separação em que agora se encontram os espíritos da natureza será abolida, e a terra será novamente tomada para o sol regente, de que, em consequência da destruição geral, foi repelida. "A terra", diz o nosso autor (*Myst.* 10, 60, 62), "está, no seu lugar, no centro

do sol, mas agora já não. O seu rei caiu, e uma maldição repousa agora sobre ela. Mas Deus não rejeitou para sempre o ser santo, mas somente a maldade que nele se misturou. Assim, quando um dia aparecer a terra cristalina, cumprir-se-á o que dissemos, que o seu lugar é no centro do sol."

Mesmo os firmamentos são governados pelo sol e recebem dele poderes, que depois comunicam às coisas terrestres.
"O sol é o centro das constelações, e a terra o centro dos elementos. Estes dois estão um perante o outro como o espírito e o corpo, ou como o homem e a esposa, na qual ele aperfeiçoa o seu ser, isto é, a lua, que é a esposa de todas as estrelas, mas especialmente do sol" (*Myst.* 11, 31). "Assim como as estrelas, cheias de desejo, atraem para si o poder do sol, assim também o sol penetra poderosamente nas estrelas, e assim elas têm o seu brilho pelo poder do sol. Mas então as estrelas lançam o seu poder aceso, como um fruto, nos elementos" (*Gnadenw.* 2, 26).

- Quando Böhme fixa a terra como o centro dos elementos, não devemos, naturalmente, entender a terra exterior, que deve ser vista apenas como um produto dos elementos, mas a sua essência interior, da qual procedem os elementos, bem como a própria terra exterior, como se pode achar mais exatamente explicado em "Deus e as suas Revelações", p. 186 e segs.

- 

## DAS FORÇAS DAS CONSTELAÇÕES

Como as estrelas têm a sua origem simultaneamente no mundo da luz e no mundo das trevas, não só o bem procede delas, mas também o mal que se encontra no mundo terreno.
"O bem e o mal revelam-se nas constelações; pois o poder irado e ígneo da natureza eterna, assim como o poder do mundo espiritual santo, se revelam nelas como uma essência exalada. Assim, há muitas estrelas escuras, que não vemos, bem como muitas luminosas que vemos" (*Myst.* 10, 36).

"O mal, como o bem, em todas as coisas, vem inteiramente das estrelas; como são as criaturas na terra nas suas propriedades, assim também são as estrelas" (*Aur.* 2, 2).

"Tudo o que vive e flutua é despertado e vivificado pelas estrelas; pois estas não são apenas fogo e água, mas são duras

e brandas, azedas e doces, amargas e escuras — possuem, de facto, todas as forças da natureza, e tudo o que há na terra" (*Dreif. Leben*, 7, 48).

"A constelação é a causa de toda a inteligência; também de toda a ordem e governo no mundo; é ela que desperta para o crescimento todas as plantas, metais e árvores. Pois tudo jaz na terra que a constelação possui; e a constelação acende a terra, e tudo é um só espírito em conjunto" (*Ibidem* 7, 48).

- Como o espírito deste mundo, em geral, atua sobre a terra, como sobre a humanidade, através das constelações, não nos devemos admirar da grande importância que o nosso autor lhes atribui, visto ele derivar delas toda a arte exterior, toda a ordem temporal, etc.

  "Em comparação com a terra e os elementos, as constelações estão como o poder superior, vivo e, ao mesmo tempo, masculino."

  "As estrelas são uma *quinta essentia*, uma quinta forma dos elementos e da sua vida (que se estende para além dos quatro elementos)" (*Dreif. Leben*, 7, 45).

  "O céu estrelado reina em todas as criaturas, como nos seus próprios domínios; ele é como o homem, e a matriz, ou forma aquosa, é como a esposa, que gera o que o céu faz" (*Drei Princ.* 7, 33).

  "O superior deseja o inferior, e o inferior o superior. A fome do superior pelo mundo é grande, e o mundo tem fome do superior. Assim, ambos estão um para o outro como corpo e alma, ou como homem e esposa" (*Gnadenw.* 5, 15).

## DA VIDA DA TERRA E DOS QUATRO ELEMENTOS

Deve, porém, dizer-se da terra que ela tem vida. Isso é provado pelas suas produções, bem como pelo seu anseio pelo sol, por meio do qual ela é constantemente movida.
"Se contemplares a terra e as pedras, terás de dizer que há vida nelas, doutra forma nem ouro nem prata cresceriam nelas, nem erva nem relva" (*Aur.* 19, 57).

"Todo o ser anseia pelo outro, o superior pelo inferior, e o inferior pelo superior; pois estão separados um do outro.

Assim, a terra está cheia de fome pela constelação e pelo *spiritus mundi*, de modo que não tem descanso" (*Clav.* 110). "A terra gira sobre si mesma, pois tem em si ambos os fogos, o fogo quente e o frio, e o mais baixo em si quer sempre subir em direção ao sol, porque só dele recebe espírito e força. Por isso gira; o fogo (isto é, o desejo de luz) fá-la girar, pois deseja ser aceso e ter vida própria. Mas, como tem de permanecer, apesar disso, na morte, tem sempre o anseio pela vida superior, e atrai-a, e abre constantemente o seu centro para a essência e o fogo do sol" (*Dreif. Leben.* 11, 5).

- A contemplação espiritual da natureza que aqui prevalece forma um forte contraste com a noção mais comum de que o movimento da terra, dos planetas, etc., não é mais do que um artifício mecânico. Mas poder-se-ia mesmo aqui ser demasiado facilmente tentado a atribuir ao nosso autor uma imaginação entusiástica; para o prevenir remetemos a *Aur.* zu, § 19 e § 113. Além disso, Böhme declara a rotação constante dos astros e da terra ser apenas uma consequência da destruição geral da natureza pelo crime de Lúcifer. "O exército de Lúcifer", diz ele, em *Aur.* 15, 17, 53, "acendeu o nitro das estrelas e da terra, e meio matou e destruiu-o, de modo que são forçados por esta conflagração da ira a rodopiarem em toda a celeridade até ao dia do juízo."

  Os quatro elementos são, na realidade, apenas propriedades do verdadeiro quinto elemento, que permanece oculto além dos elementos exteriores.

  "O que agora chamamos quatro elementos não são elementos, mas apenas propriedades do verdadeiro elemento" (*Myst.* 104). "O elemento real está oculto por detrás dos elementos exteriores ardentes" (*Drei. Princ.* 14, 54).

  "A *quinta essentia* é a vida paradisíaca no mundo celestial, e está encerrada no mundo exterior (isto é, não fixada ou retida por ele, apenas não visível)" (*Clavis specialis*).

  "Fogo, ar, água e terra procederam do centro da natureza, e, antes de existir a conflagração, existiam num só ser. Mas, desde a conflagração, mostram-se em quatro formas, que se chamam quatro elementos; mas ainda estão uns nos outros como um só, e, de facto, só um existe. Não há quatro

elementos no céu, mas um; contudo, todas as quatro formas jazem ocultas naquele um" (*Dreif. Leben*, 5, 105).

Deste fundo celeste procederam os elementos exteriores, terrestres; e primeiro o fogo, depois o ar, depois a água e, por último, distinguiu-se aqui o elemento terra.

Como os elementos procederam de uma unidade original, anseiam avidamente uns pelos outros, mas estão também ao mesmo tempo envolvidos em luta e adversidade.
"Os quatro elementos são apenas propriedades do único elemento dividido; por isso há entre eles tão grande angústia e desejo. Interiormente, têm apenas um único fundamento; por isso um tem de ansiar pelo outro e buscar esse fundamento interior no outro" (*Clav.* 106).

"Depois de o elemento, que tem apenas uma vontade, ter produzido quatro elementos, que agora governam num só corpo, começou entre eles a adversidade e a contenda. O calor opõe-se agora ao frio, o fogo à água, o ar à terra; cada um é a morte e a destruição do outro" (*Sign.* 15, 4).

- Böhme não tenciona sustentar, nem aqui nem noutro lugar, que a quadruplicidade dos elementos seja abolida na região celestial. Com certeza, mesmo as formas inferiores da natureza têm de existir no eterno, e de modo especial; para que as superiores se possam revelar em plena glória, existem, portanto, igualmente os diferentes elementos até na natureza celestial, mas não na sua divisão, nem em constrangimento mútuo, antes em harmonia e adaptados à sua recíproca glorificação. "Enquanto", diz com ênfase o nosso autor (*Gnadenwahl*, 6, 4), "estes quatro — fogo, luz, ar e água — se separam uns dos outros, o Eterno não está aí; mas quando suportam a companhia uns dos outros, e não se dispersam, então o Eterno está presente."

  Nos produtos da terra, como, por exemplo, em tantos minerais, a verdadeira essência aparece encerrada na morte, mas noutros, especialmente nos metais valiosos e nas pedras preciosas, ela brilha sobre nós em certa medida.
  "Parece estranho ao entendimento, quando considera a terra com as suas pedras duras e a sua existência áspera e rude, e vê como se formam grandes rochedos e pedras, dos quais uma

parte não serve para nada, ou é apenas um obstáculo às criaturas do mundo" (*Myst.* x. 1).

"O tormento terrestre destruiu o celestial, e tornou-se *Turba* deste, quando o *Fiat* fez terra e pedras a partir da essência eterna" (*Menschw.* i. 9, 8).

"Mas encontramos na terra outra essência, que tem comunidade com a celestial, especialmente nos metais preciosos" (*Sechs theos. Punkte*, vi. 6, 2).
"O ouro aproxima-se da essência divina, ou da corporalidade celeste, como perceberíamos se pudéssemos dissolver o seu corpo morto e torná-lo espírito vivo, o que só é possível pelo movimento de Deus" (*Sign.* iii. 39).

"No que respeita às pedras preciosas, como os carboncles, rubis, esmeraldas, delfinita, ónix, e semelhantes, têm a sua origem onde surgiu o relâmpago da luz e do amor (cf. § 31). Esse relâmpago nasce na mansidão e é o próprio centro dos espíritos-fonte; por isso essas pedras são tão doces e amáveis e, ao mesmo tempo, tão fortes" (*Aur.* xviii. 17).

## DA NATUREZA DO HOMEM DEPOIS DA QUEDA

Assim como Deus próprio, desde a eternidade, traz em si o foco de luz, assim existe na alma o desejo de penetrar no segundo princípio e de viver da luz de Deus.

"A alma é, na sua substância, uma fonte mágica de fogo e da natureza de Deus Pai — um grande anseio pela luz." "Mas se a alma, como foi o caso com Adão, não abandona a sua vontade a Deus, a Ideia divina nela, embora não destruída, fica inativa. "Não se deve pensar que o ser celestial do homem se tornou uma não-entidade. Ele permaneceu com ele, mas era como uma não-entidade na sua vida. Estava oculto em Deus, e era incompreensível para o homem sem vida" (*Myst.* xx. 28).

"A essência da alma, a partir da vontade insondável, não está morta; ela não quer destruir nada, mas permanece eternamente como vontade livre. Mas perdeu a essência santa em que a luz de Deus e o fogo do amor ardiam; nem se tornou uma não-entidade, embora para a alma-criatura seja tanto uma não-entidade como insensível; mas o poder santo, isto é, o

espírito de Deus, no qual estava a vida ativa, escondeu-se" (*Gnadenw.* vii. 11).

- Deus não abandonou a alma, mas a alma a Deus, como Böhme diz com ênfase. "Deus", diz ele (*Gnadenw.* vii. 12), "não se retirou da alma, mas a ciência do livre-arbítrio retirou-se de Deus, do mesmo modo que o sol não se retira do cardo, mas o cardo do sol." Só por si mesma, e completamente sem e contra a vontade divina, perdeu a alma a luz do eterno, que dantes nela podia ser ativa, e cuja luz a penetrava.

  A essência divina do homem nem sequer se perdeu completamente pela queda, mas apenas recuou do estado de ser atual para um estado de mera potencialidade; nesse sentido o nosso autor compara-a a uma candeia apagada, que evidentemente tem a chama em si como potência, mas apenas como tal. "Se a luz do princípio divino", diz ele (*Myst.* xx. 27), "está ex ting uida, o ser em que ela ardia e brilhava está morto e como uma não-entidade. É como uma candeia que, enquanto arde num lugar escuro, ilumina todo o aposento; mas, se apagada, não deixa traço algum atrás de si, e o poder chega a nada."

  Se a alma permite que a verdadeira luz e vida nela assim se extingam, é natural que se faça sentir o seu poder irado e hostil.

  "Assim como a palavra ou o coração de Deus toma origem na vida de majestade, na essência ígnea eterna do Pai, assim também a imagem da alma. A verdadeira imagem de Deus habita na luz do fogo da alma, e esta luz deve derivar o seu ser ardente das fontes do amor de Deus, da sua majestade, por meio da imaginação e inspiração dela! Mas, se a alma não o faz, antes imagina em si formas horríveis do tormento ígneo, e não da fonte do amor, e na luz de Deus, então resultarão nela a acuidade e a amargura (cf. § 71 e § 72), o seu próprio tormento, e assim a imagem de Deus será engolida na ira."

  Assim o homem, pela sua queda, atraiu a ira de Deus, abriu para si o reino do inferno e forma para si figuras infernais. "Quando o homem perdeu a imagem pura e clara, a alma ficou apenas na propriedade do Pai, isto é, na natureza eterna, que, à parte da luz de Deus, é ira e fogo destruidor" (*Tinct.* i. 285). "Por meio da queda, abriu-se no homem, na ira de Deus, uma

porta do mundo tenebroso, a saber, o inferno, o fosso do diabo; e assim se abriu nele também o reino da fantasia" (*Gnadenw.* vii. 7).

"Se havemos de falar da substância da alma e das essências, temos de dizer que ela é a parte muito mais rude do homem, ígnea, áspera, amarga e bravia. Se ela perde inteiramente a virgindade da força divina que lhe foi dada, da qual nasce a luz de Deus na alma, torna-se um diabo" (*Drei Princ.* xiii. 30). "Depois de o homem se ter estabelecido nas suas próprias inclinações, e de ter desviado a sua vontade de Deus, começou a formar figuras terrenas e infernais; tais como maldições, juramentos, mentiras, e coisas semelhantes."

"Nós, pobres filhos de Eva, devemos sentir grande dor, pesar e miséria em nós, quando a ira nos alcança, nos guia e atormenta, de modo que já não vivemos como filhos de Deus em amor uns com os outros, mas perseguimos, ultrajamos, difamamos e caluniamos uns aos outros, com inveja, ódio, assassínio e veneno, e desejamos sempre uns aos outros apenas o mal" (*Tinct.* i. 4). "O que os homens malvados neste mundo fazem na sua maldade e falsidade, é feito no mundo das trevas pelos demónios" (*Sechs theos. Punkte*, ix. 18). "Um homem atormenta outro, e é, portanto, o diabo do outro" (*Dreif. Leben*, xvii. 10).

- Quando Böhme diz que o homem, em consequência da queda, incorreu na cólera e ira de Deus, e que a sua alma é apenas as propriedades do Pai, que são fogo consumidor, isto evidentemente não deve ser entendido da natureza de Deus em si, mas apenas das propriedades divinas refletidas contidas no homem. Em Deus mesmo, uma separação dos princípios é de todo incompreensível. Com tal suposição, a eternidade e a imutabilidade do Sumo seriam imediatamente destruídas. Mas, na medida em que a dita destruição tem lugar no homem, a luz da glória eterna deve, naturalmente, incidir sobre ele de modo pervertido e penoso, e assim, de facto, fazer-se-lhe sentir como fogo consumidor, e o amor sem fim parecer-lhe como ira e cólera.

  Mas Deus preservou-o, para que não se tornasse assim tão facilmente um diabo, e especialmente permitindo-lhe entrar na vida exterior terrestre.

"Deus colocou a alma em carne e sangue, para que ela não fosse tão suscetível da essência irada. Assim, pode entrementes gozar do reflexo do sol e alegrar-se na essência sideral" (*Sechs theos. Punkte*, vii. 19). "Não foi sem razão que Deus soprou nas narinas de Adão o espírito exterior, a vida exterior. Adão podia também, como Lúcifer, ter-se tornado um diabo, mas o espelho exterior impediu-o" (*Vierz. Fragen*, xvi. 11). "Muitas almas tornar-se-iam, na sua maldade, um diabo numa hora, se a vida exterior não o impedisse, de modo que a alma não se pode inflamar completamente" (*Ibidem* xvi. 12).

«Se nos considerarmos a nós próprios como um todo, encontramos o espírito exterior muito útil. Muitas almas seriam destruídas se o espírito animal não mantivesse o fogo prisioneiro e não representasse para o espírito do fogo o trabalho e a alegria mundanos e animais, nos quais ela pode ter prazer até que ele volte a contemplar nela a sua imagem nobre e ela novamente se incline para ele» (Ebend. xvi. 10).
«Se a mãe deste mundo fosse destruída, como de facto o será a seu tempo, a alma teria estado na morte eterna, na escuridão. A bela criatura teria sido feita prisioneira pelo reino do inferno e vencida por ele» (Dreif. Leben, viii. 38).

- O perigo para o homem de descer completamente a uma manifestação diabólica é diminuído pela materialização do seu corpo, pela qual tanto o seu conhecimento como o seu poder de agir ficam bastante reduzidos. Pela sua entrada na vida terrestre e nas suas condições foi preservado da mais abjecta degeneração. A perversidade das suas inclinações pode aqui aparecer em menor escala.
- O mundo a que agora pertence preserva-o das contemplações de uma glória que, na sua impureza, não poderia suportar, e que, se lhe tivesse sido exposta, antes o teria incitado a uma luta decidida. Neste mundo não alcançará de imediato a consciência da sua perversidade interior, que apenas não conseguiu vencer porque então pareceria de todo invencível. No mesmo âmbito terrestre, muito lhe é permitido, até mesmo imposto como dever, que em si mesmo não pode permanecer em harmonia com a tarefa mais elevada da sua vida e do seu ser, mas pelo qual, quase imperceptivelmente, e sob a influência particular da graça de Deus, surgem nele aspirações mais elevadas, que o qualificam gradualmente para a admissão

numa ordem superior de coisas. (Cf. «Deus e as suas Revelações», §§ 207, 213 e 225 ss.)

Como a alma do homem se deixou cativar pelo espírito deste mundo, e recebeu nele a sua essência, propriedades terrenas devem desenvolver-se nela.

«A pobre alma de Adão foi feita prisioneira pelo espírito e princípio deste mundo, e recebeu para dentro de si a essência deste mundo» (Dreif. Leben, viii. 37).

«No que quer que a imaginação do espírito entre, tal ele se torna, pela marca do desejo espiritual. Por isso Deus proibiu a Adão, ainda no Paraíso, comer em imaginação da árvore do conhecimento do bem e do mal, caso contrário cairia em desgraça e morte, e morreria para o reino celestial, como de facto aconteceu» (Taufe, i. 1, 22).

«A propriedade terrena, que anteriormente estava absorvida no Paraíso, revelou-se por meio do desejo da alma, e daí o calor e o frio, e o veneno da adversidade, tornaram-se agentes dominantes, de modo que a bela imagem do céu e do Paraíso desapareceu» (Stiefel, xi. 83).
«Tudo, quando colocado entre os seus semelhantes, seja bom ou mau, regozija-se nas suas propriedades e começa a amalgamar-se. Que alguém, por exemplo, tome um pouco de veneno, esse veneno aliar-se-á avidamente ao veneno já existente no corpo, fortalecer-se-á com ele e assim possuirá o corpo.»

- Todas as coisas, sustenta Böhme em Myst. Mag. xi. 13, 14, contêm um veneno, ou seja, o poder das formas inferiores da natureza. Mas no seu estado próprio esse veneno é mantido reprimido, de modo que deve apenas servir a vida, e não permanecer com ela pela eternidade. Assim, por exemplo, o ser humano traz em estado saudável o poder de todas as doenças – sim, até o poder dos vermes, que por fim destroem o seu corpo.

  Da mesma maneira estava o poder da vida terrena contido no homem do Paraíso, mas ele não existia por meio da glória com que fora revestido por Deus. Não lhe foi dada a possibilidade de excitar esse poder em si mesmo de modo puramente exterior, mas isso podia ocorrer pela acção da imaginação humana, como foi o caso através do diabo. O homem entregou-se a essa

influência, e assim o ser terreno, que apenas o entretinha, ao encontrar nele conformidade, tornou-se realmente ativo. «O pecado», diz Böhme, «neste sentido (Vierz. frag. xv. 4) provém da imaginação. O espírito entra numa coisa e é infectado por ela. Assim a Turba da coisa entra no espírito e destrói a imagem de Deus, e encontra o fogo colérico na alma, e mistura-se com ele por meio da coisa introduzida no espírito.» Daí que o corpo do primeiro homem, que era espiritual e divino, se tenha tornado, pelo gozo do fruto proibido, num corpo terreno e material.

«Deus dera ao homem um corpo, um poder puro e essencial, à semelhança da alma, e que, comparado com a essência grosseira e terrena, podia ser considerado como um corpo espiritual» (Myst. xvi. 3, 4).

«O corpo do primeiro par humano era de natureza divina; mas logo que comeram do fruto terreno nos seus corpos, a temperatura foi destruída, e o corpo terreno revelou-se em todas as suas propriedades» (Gnadenw. vii. 5).
Assim o homem perdeu a vida eterna e consequentemente caiu na morte.

«Não podemos dizer do homem que, no princípio, estivesse encerrado no tempo; estava antes encerrado no Paraíso, na eternidade. Deus criou-o à sua própria imagem. Mas quando caiu, o fim do tempo apoderou-se dele» (Gnadenw. vii. 51).
«Como o tempo tem começo e fim, e a vontade e o desejo se submeteram ao guia temporal, o corpo morre e passa» (Sign. v. 9).

«Após a queda, o homem viveu apenas para o tempo com o seu corpo exterior; o precioso ouro da corporeidade divina, que devia tingir (penetrar e abençoar) o corpo exterior, tinha desaparecido» (Ebend. v. 8).

Assim os poderes da vida animal ganharam tal terreno no homem, que ele se tornou para si mesmo um animal segundo o seu ser exterior.

«O homem não era como os animais, criados de bem e mal (isto é, da mera essência terrena). Se apenas não tivesse comido do bem e do mal, o fogo da ira não teria estado nele; mas agora possui um corpo animal» (Aur. xviii. 109).
«Antes do pecado, a imagem divina penetrava e revestia o

homem exterior com força divina, e o animal não se revelava. Mas quando a imagem se separou da essência divina, a pobre alma, despojada do primeiro princípio, cercada pelo animal, apresentou-se completamente nua e descoberta» (Myst. xxi. 15).

«Quando Adão e Eva comeram da árvore do conhecimento do bem e do mal, envergonharam-se imediatamente de que, no seu corpo tenro, tivesse sido despertado um tão grande animal, com a sua carne comum, ossos duros e propensões animais. A essência animal engolira a divina neles; essa essência, que antes não conheciam como existente em si mesmos, dominava agora neles» (Ebend. xxiii. 1).

Até mesmo os sentidos do homem se tornaram terrenos e grosseiros, de modo que já não podia perceber Deus e as coisas divinas.

«Quando o homem saiu do Paraíso para um segundo nascimento, inferior, para o espírito deste mundo, para os sóis, estrelas e qualidades dos elementos, a visão paradisíaca extinguiu-se nele» (Drei Princ. xiv. 2).

«Após a queda o homem tornou-se um ser animal, de modo que o Céu, o Paraíso e a Divindade se tornaram para ele um mistério» (Menschw. i. 2, 14).

«A serpente disse a Eva: "Não morrereis, mas abrir-se-ão os vossos olhos, e sereis como Deus." Os seus olhos terrenos abriram-se, mas os celestes fecharam-se» (Stief. i. 44).

- Considerações geográficas não são a causa de já não vermos o mundo paradisíaco e divino; a causa é que o semelhante só pode ser percebido pelo semelhante: assim o divino deve agora permanecer invisível para nós, porque perdemos o sentido divino. «Se apenas os olhos do homem se abrissem», diz Böhme (Aur. ix. 48), «ele perceberia Deus em todo o lado no seu céu, pois o céu está no nascimento mais íntimo. Por isso, quando Estêvão viu o céu aberto e o Senhor Jesus à direita de Deus, não foi necessário que o seu espírito tivesse subido ao céu superior, mas que fosse penetrado pelo nascimento interior, e então o céu está de todos os lados.»
- Não menos foi a vontade e a mente humanas atingidas pelo espírito deste mundo, e assim retidas por um ou outro

elemento, como mostra o poder do temperamento.
Se o pecado não tivesse entrado, o homem, que como imagem de Deus possuía em si poder criador, teria podido, sem a presente união dos sexos, produzir os seus iguais a partir de si mesmo.

«Todos os homens são apenas o único homem Adão. Deus criou apenas a ele, e deixou a procriação ao homem, para que este abandonasse inteiramente a sua vontade a Deus, e com Deus gerasse outros homens de si mesmo em igualdade» (Myst. lxxi. 31).

«Adão era uma imagem plena de Deus, homem e mulher, e contudo nenhum dos dois, mas (como) uma virgem casta. Tinha em si o desejo do fogo e da luz, a mãe do amor e da ira, e o fogo nele amava a luz como sua incitação e beneficência, e do mesmo modo a luz amava o fogo como sua vida, como Deus Pai ama o Filho, e o Filho o Pai em tal natureza» (Stief. xi. 351, 352).

«Adão era homem e mulher, mas não no sentido de uma mulher exacta, e sim uma virgem pura e casta. Isto é, tinha em si a essência do fogo e o espírito-essência da água, e amava-se a si mesmo e a Deus. Só podia ser assim originalmente pela sua vontade, e a partir do seu ser, sem dor e sem tristeza» (Dreif. Leben, xi. 24).

«Se o homem tivesse resistido à prova, os seus descendentes teriam nascido uns dos outros do mesmo modo que Adão originalmente fora — homem, e a imagem de Deus. Pois aquilo que procede do Eterno, tem um modo de nascimento eterno» (Ebend. xviii. 7).

## RESUMO

Os fenómenos que se incluem sob o nome de Magnetismo Animal apresentam tantos pontos de interesse que, nos últimos anos, atraíram a atenção universal. Não só homens eruditos se têm empenhado em procurar compreender tudo o que neles há de problemático, segundo a sua abrangência e valor, e em encontrar o ponto de vista adequado a partir do qual devem ser considerados, como até o espírito popular se sente atraído por eles, na expectativa de deles extrair tanto divertimento como instrução nos seus mistérios.

O magnetismo possui propriedades que não são apenas praticamente úteis no que respeita à saúde e às relações da vida, mas também no que se refere aos mais elevados interesses da humanidade.

Vimos, nas páginas precedentes, o Magnetismo Animal nas suas relações com outros fenómenos da vida, e enquanto ligado às ciências, e ao longo da sua carreira histórica; de modo que se podem tirar deduções sólidas. Assim, o leitor que nos acompanhou terá sido colocado num ponto de vista a partir do qual pode descobrir que muitas histórias maravilhosas se explicam e se ligam de forma natural a factos bem conhecidos; terá sido habilitado a formar um juízo livre acerca de circunstâncias que a superstição divinizou, o ceticismo rejeitou como loucura, ou a crença cega aceitou como milagres.

Finalmente, tendo comparado factos históricos, é possível que tenha descoberto vestígios de um universo mais amplo do que o dos sentidos ou da experiência mundana, e que na natureza humana residem os germes de poderes que ocasionalmente se encontram nesta morada terrena, mas que aqui nunca chegam a desenvolver-se de forma perfeita.

Por Magnetismo Animal entendemos aqueles fenómenos físicos e psicológicos peculiares que são produzidos noutros principalmente para a cura de doenças, mediante uma influência mecânica consciente. A impressão mútua produzida pelos seres vivos uns sobre os outros é apenas uma forma modificada da lei universal da impressão mútua, que foi designada magnetismo natural; por esta razão Mesmer, o seu descobridor, chamou a este modo artificial de o produzir, por raciocínio análogo, magnetismo. «Por estes meios, descobrimos

no Magnetismo Animal uma nova ciência médica, ou a arte de curar e prevenir doenças, não através de uma substância mas por meio de um poder; um movimento que, como o som no ar, como a luz no éter, parece dotado de uma mobilidade extraordinária. É chamado Magnetismo Animal porque a parte animal do homem é o meio, o corpo condutor deste magnetismo penetrante, e é particularmente ativa naquilo que distingue a nossa organização animal da vegetal, isto é, na direção dos nossos sentidos e das faculdades superiores do homem.»*

O magnetismo foi também chamado magnetismo vital, devido à sua influência universal sobre os seres humanos, e mesmerismo, a partir do seu descobridor, o que é talvez a melhor designação para este novo sistema curativo fundado nas suas teorias. Kluge e outros chamam-lhe Magnetismo Animal, em oposição ao magnetismo vegetal e mineral universal. A palavra magnetismo em si diz demasiado pouco, e é demasiado indefinida; magnetismo universal diz demasiado; e telurismo é apenas uma ideia individual adotada por Kieser.

Embora Magnetismo Animal forneça apenas uma ideia indistinta, não é difícil encontrar através dele explicações para muitos fenómenos bem conhecidos. A sua analogia com o magnetismo mineral é expressa por Mesmer nas seguintes palavras (p. 18):

«Assim como as propriedades do íman podem, por certos processos, ser postas em ação no ferro e no aço, e ser assim fortalecidas a ponto de representarem um verdadeiro íman, também descobri os meios de fortalecer o magnetismo real de qualquer ser individual a tal grau, que se produzem fenómenos análogos aos do íman. Assim como o calor natural pode, por certos processos, ser elevado de tal maneira que o fogo é a consequência, também o magnetismo natural é uma espécie de fogo invisível, que, mediante uma série contínua de movimentos, é capaz de se comunicar em grau imensurável a outros corpos animados ou inanimados; e este fogo, em relação à sua aplicação como agente curativo, é aquilo a que chamo Magnetismo Animal, que, como se verá, pode tornar-se um remédio imediato — pode fortalecer a atividade da fibra muscular, regular as funções que dela dependem, e por esse

meio infundir harmonia nas partes internas e membros do corpo humano.»

Uma espécie peculiar de pedra de ferro é chamada íman, ou pedra-ímã, e possui a notável propriedade de atrair e reter ferro e aço; uma influência que, se os corpos forem leves e facilmente movidos, se manifesta a uma distância considerável, e não se enfraquece mesmo se outra substância for colocada entre o íman e o corpo atraído — isto é, desde que a substância interposta não seja ferro ou de natureza ferrosa. Um íman atuará desta forma através de papel, madeira, vidro, etc. Tal íman possui geralmente dois pontos, chamados polos, nos quais a atração pelo ferro se manifesta com maior intensidade; e ao mesmo tempo, se o íman for suspenso, volta-se invariavelmente para norte e sul — com certa variação, no entanto.

Esta última propriedade do íman é causada pelo polo magnético da Terra e esteve na origem da descoberta da bússola. Entre estes dois polos há uma atração oposta, de modo que o polo sul de um íman é atraído pelo polo norte de outro, e ao mesmo tempo repelido pelo polo sul do mesmo. É particularmente notável que a força de um íman se fortaleça se este for feito para suportar uma série crescente de pesos. Finalmente, o poder magnético pode ser dado artificialmente a qualquer ferro esfregando-o com uma pedra-ímã.

O íman é também desviado em direção ao centro da Terra. Em grau muito menor, o poder magnético é observável noutros materiais, como níquel, cobalto, serpentina, pórfiro.

O íman foi também chamado Siderite; e segundo Lucrécio (De rerum natura, livro vi, v. 908), derivou o seu nome entre os Gregos da terra dos Magnésios, ou Magnésia, na Tessália, onde é frequentemente encontrado. Plínio deriva o nome de um pastor, Magnes, que guardava as suas ovelhas no Monte Ida e teria descoberto a pedra por esta se ter colado ao seu cajado guarnecido de ferro (História Natural, livro xxxvi, cap. 17). Outros chamaram-lhe Heraclion — pedra de Hércules — devido à sua frequência perto da cidade de Heracleia. A palavra encontra-se pela primeira vez na poesia órfica, onde lemos:

«O guerreiro Marte ama o íman.»

μαγνήτιν δ᾽ ἐξοχ᾽ εφίλησεν θούριος Ἄρης.

Podemos também descobrir em Homero, Pitágoras, Epicuro e Aristóteles que não lhes era desconhecido; e segundo Atanásio Kircher (Magnes, sive de arte magnetica, Colónia, 1643), era conhecido já nas idades mais remotas na Ásia, Egipto e Grécia. Ele afirma ainda que, entre os Hieróglifos, estão representadas «imagens magnéticas», particularmente nos templos de Serápis e do Sol.

A polaridade, no entanto, do íman, não era certamente conhecida nas idades antigas; e a bússola é mencionada pela primeira vez em 1180, em França, nos poemas de Hugues Bercy e João de Metun (Recherches de la France, por Pasquier, livro v, cap. 25). Segundo Zonaras e Fócio (Lexica Græca), um certo Eusébio teria navegado com auxílio do «Batylus», uma pedra pertencente aos Oráculos.

Se era pedra-ímã natural ou íman artificial não se relata. Alberto Magno é certamente da opinião de que Aristóteles conhecia a polaridade do íman; mas nenhuma passagem com tal referência pode agora ser encontrada nas suas obras. Outros sustentam que a pequena seta de ferro pertencente a Salomão de Creta, e que mostrava as horas, era um íman; e outros ainda acreditam que foi introduzido pela primeira vez da China por Paulo Veneziano em 1200.

Diz-se também que Vasco da Gama, ao dobrar o Cabo da Boa Esperança, descobriu alguns nativos que navegavam com uma agulha; mas mais provavelmente foi o napolitano Giaa, ou Gioja, o primeiro descobridor da bússola no século XIII (Kircher). Mais tarde, franceses, ingleses e belgas reivindicaram todos a descoberta (Tentativa de História Cronológica do Magnetismo, por F. W. A. Murhart, Cassel, 1797).

Estas notáveis propriedades do íman deram origem, mesmo nos tempos mais antigos, a muitas opiniões, pontos de vista e teorias diferentes de homens ilustres, que se encontram em Plínio, Lucrécio e, mais tarde, em Gilbert (*De Magnete*, &c., *De magno magnete telluris physiologia nova*, Londres, 1600). Platão acreditava que as atrações magnéticas eram de origem divina, e Tales diz que toda a pedra-ímã tem uma alma. Mas não só se formaram teorias, como também se realizaram experiências e se fizeram descobertas, que muito cedo

conduziram à crença de que existia um poder universal da natureza, que provavelmente poderia ser a base geral da matéria.

O primeiro que observou os fenómenos do magnetismo mais de perto, fez muitas novas experiências e fundou uma teoria totalmente nova e abrangente, ligada à lei universal da natureza, foi Gilbert. Segundo ele, toda a Terra é uma substância magnética, assim como o sol, a lua e todos os outros corpos celestes. Euler sustenta também, num tratado para a Academia de Paris, que a Terra é, em geral, magnética, e não simplesmente provida de um núcleo magnético central, como supunha Halley.

Descartes, Apinus, Brugman, Bernoulli e outros tocaram igualmente neste assunto nas suas obras. A teoria de Euler foi depois estendida por Kepler (*Harmonia mundi*), e por Stevin e, mais particularmente, por Paracelso, a todo o universo, de tal modo que todas as operações da natureza e toda a sua conexão foram declaradas magnéticas (*Archidoxis magica*; *De ente astrorum*; *Tractatus de magnete, philosophia fugax*). Ele fala de *magnete magno*, de poder magnético, de segredos magnéticos, e até de uma influência mágica pela vontade sobre outros homens.

«A magia é uma grande sabedoria súbita, assim como a razão é às claras uma grande loucura.» Aplicou também ímanes em muitas doenças.

O mais fiel seguidor de Paracelso, Baptista van Helmont, ampliou em breve os seus ensinamentos e falou quase com as próprias palavras de Mesmer, quando admitiu que a magia, ou um poder desconhecido no homem, precisa apenas de ser despertado para ser útil nele, por ser um dom natural.

Ele diz: — «É tolice acreditar que é através do diabo (que só prospera onde abunda a ignorância) que um homem pode, pela sua vontade, influenciar outros, mesmo à distância. O magnetismo está presente em toda a parte, e não tem nada de novo senão o nome; nem apresenta qualquer característica contrária à razão, excepto para aqueles que escarnecem de tudo, ou atribuem ao poder do diabo tudo aquilo que são incapazes de compreender» (*Van Helmont de magnetica vulnerum curatione*). Ver também *Opera omnia*, Frankfurt,

1682. Opiniões semelhantes encontram-se em Maxwell (*Medicina Magnetica, libri tres, in quibus tam theoria quam praxis continetur*); Burggraf (*Balneum Dianæ magneticum*, 1600); Robert Fludd (*Philosophia mosaica*, etc., 1638).

O íman tinha sido aplicado muito mais cedo em várias doenças. Plínio, Galeno, Dioscórides e Avicena atribuíram ao íman um poder de tornar mais fluidos e melhorar os humores lentos do corpo humano, mais particularmente nas afeções do abdómen e na hipocondria. Diz-se que um íman usado suspenso ao pescoço é um excelente remédio contra convulsões e afeções dos nervos. Ésseo (Ætius), Paracelso, Van Helmont, Borel e Meker registaram muitos casos de cura muito notáveis por pedras-ímã; por exemplo, Ésseo, um caso de gota (*Tradunt, detentum magnetum manu chiragricorum dolores sedare, æque convulsis opitulatur, etc.*), Paracelso, um de hemorragia. As curas mais antigas e mais singulares pelo íman de que há registo encontram-se nas seguintes obras: Joh. Jac. Schweighardi, *Ars magnetica s. disquisitio de natura, viribus et prodigiosis effectibus magnetis*, Herbíssio, 1631. — Wepfer, *De secretis*, Basileia, 1667. — Borelli, *Hist. et observ. physico-med. Cent. vi. Acta eruditor.* Leipzig, 1707. — Talbot, em *Birch's History of the Royal Society*, vol. iv. — *Göttinger gelehrte Anz.* 1763, p. 252. — *Gazette Sanitaire*, 1661, n.º 23. — T. Zwinger, *Scrutinium magnetis physico-medic.*, Basileia, 1697. — J. G. Pasch, *Abhandlung von den Zähnen*, Viena, 1776. — Ch. Weber, *Die Wirkung der künstlichen Magnete in seltenen Augenkrankheiten*, Hanôver, 1767. — Heinsius, *Beiträge zu Versuchen mit künstlichen Magneten*, Leipzig, 1776. — Max. Hell, *Unpartheiischer Bericht über die sonderbaren Wirkungen künstlichen Magnete*, Viena, 1775. — *Histoire de l'Académie Royale de Médecine sur les propriétés médicales de l'aimant*, Paris, 1777, t. H. — E. G. Baldinger, *Narratio historica de magnetis viribus ad morbos sanandos*, Göttingen, 1778. — Unzer, *Beschreibung der mit dem künstlichen Magnet angestellten Versuche*, Altona, 1778. — J. G. Reichel, *Respond. Christ. Ludwig dissertat. de Magnetismo in corpore humano*, Leipzig, 1772. — Audry de Thouret, *Observations et recherches sur l'usage de l'aimant en médecine; ou, Mémoire sur le Magnétisme Animal*, Paris, 1782. — J. G. Bolten, *Nachricht von einem mit dem künstlichen Magnet gemachten Versuch in einer Nervenkrankheit*, Hamburgo, 1775. Além disso, muitas obras

posteriores sobre a preparação e aplicação do íman artificial, por Weber, Deinmann, Becker e Bulmerincq.

Embora não se possa sustentar que o magnetismo seja algo de novo, é, sem dúvida, Mesmer o descobridor principal, pois foi o primeiro que dispôs os diversos fenómenos produzidos em doentes por um certo curso de acção numa teoria abrangente e completa; e por ele foi criada uma ciência nova: embora possamos, noutra ocasião, examinar mais de perto essa teoria, cumpre agora ficarmos pelo menos um tanto familiarizados com as operações mesméricas e com os fenómenos por elas produzidos nos seus pacientes.

A influência mesmérica do magnetismo para fins curativos dirige-se ou sobre todo o corpo, ou apenas sobre determinadas partes. Para esse fim, o homem é provido pela natureza de um condutor notável e perfeitamente adaptado — a mão. Se um homem padece de alguma afeção, a doença está sempre mais ou menos confinada a um certo ponto, onde, por assim dizer, toda a atividade do corpo se recolhe.

Se, então, dois homens se influenciam mutuamente magneticamente, a atividade unida dessa influência dirige-se para a parte doente, e as mãos estão particularmente talhadas para agir sobre um ponto dado. Este lugar localmente excitado torna-se agora o foco de atividade em diferentes direções, e a doença torna-se geral em vez de local; por isso as contrações e convulsões produzidas pelo magnetismo são salutares e, quando devidamente dirigidas, conduzem muitas vezes à saúde sem aplicação de medicamentos.

A influência magnética pelas mãos estende-se mesmo a animais e plantas, que por ela adquirem um estado peculiar, e até substâncias inorgânicas podem ser assim influenciadas pelo magnetismo, de modo que, em certas circunstâncias, possam ser usadas como condutores.

O ato de magnetizar — o processo magnético — tem lugar ou por contacto pessoal ou por meio de condutores. A influência magnética pessoal opera
1.º Pela aproximação do operador ao paciente.
2.º Pelas mãos.
3.º Pelos olhos.
4.º Pelas palavras.

A influência por condutores pode realizar-se através de toda a natureza, com as suas substâncias e produções, tanto orgânicas como inorgânicas. A água, os metais, os animais vivos e as árvores, até a luz do sol e da lua, podem ser auxílios e condutores deste fluido magnético.

Magnetizar pela mão é o método mais usual; pois as mãos são os verdadeiros órgãos da vontade. São os instrumentos pelos quais a vontade se manifesta palpavelmente. As mãos dão a direção de atividade à vontade; e como o corpo é o reflexo material visível da alma, assim as mãos são as expressões fisionómicas da composição e atividade da vontade e do carácter.

Magnetizar pelos olhos, e fitar o paciente, é geralmente muito poderoso quando feito de modo contínuo e com intenção. Os animais não suportam o olhar do olho humano; e não é raro que uma pessoa doente adormeça apenas por ser olhada, especialmente se habituada ao tratamento magnético.

As palavras são a encarnação direta das ideias da alma e são usadas para agir até fisicamente: excitar, refrear, revigorar ou conduzir.

Não avançamos além disto; a explicação plena e minuciosa do magnetismo não foi objeto da obra precedente; e para maiores informações remete-se o leitor para *Der Magnetismus im Verhältniss zur Natur und Religion*, Estugarda, 1842 (*Magnetismo em conexão com a Religião*).

Aqueles fenómenos propositadamente produzidos pelo magnetismo, que, no entanto, surgem naturalmente em muitas doenças, e podem também ser produzidos por outros meios e influências, classificam-se mais facilmente como físicos e psicológicos. Os mais frequentes são crises físicas, e menos frequentemente condições psicológicas. As primeiras não são invulgares em todos os pacientes magnéticos.

Entre os fenómenos psicológicos podem classificar-se o despertar da consciência interior com uma atividade extraordinária dos sentidos exteriores; como, por exemplo, aquele estado intermédio semelhante ao sonho entre o sono e a vigília chamado sonambulismo; ou o estado, mais raro e ainda mais elevado, da alma, que é conhecido como o poder do vidente, clarividência, êxtase, &c.

Felizmente, os preconceitos de toda a espécie cedem perante o poder do conhecimento e da iluminação, e o magnetismo já não tem de lutar contra o espírito da época. O médico que não queira introduzir o magnetismo na sua própria prática individual já não nega, contudo, a sua realidade. Já não é uma palavra interditada nos escritos do filósofo e do psicólogo; ao passo que mais de um teólogo tomou o assunto com zelo, agora que pode reconhecer nele algo para além de milagres ou feitiçaria. Quanto aos eruditos, se não são por inteiro seus defensores, também não lhe são totalmente contrários; além disso, passou o tempo em que eram considerados juízes infalíveis de todos os mistérios desconhecidos e das verdades superiores.

O espírito progressivo da época e, de modo especial, a atenção que se presta ao estudo sério da filosofia natural deram uma nova importância ao tema do Magnetismo Animal. O véu que outrora envolvia tantos mistérios e enigmas vai caindo pouco a pouco, por meio das irresistíveis e rápidas descobertas da física e da química, da organologia e da antropologia.

Este conhecimento mais verdadeiro e íntimo de todas as ciências naturais produziu uma daquelas reformas gerais em que as escolas e as seitas, os pontos de vista privados e mesquinhos, as fantasias e os preconceitos se dissipam como sombras da noite perante a luz nascente da verdade. Assim, o magnetismo é colocado sob a proteção da ciência e da inteligência geral, de que se tornará um agente ativo e útil.

O magnetismo não é um princípio novo; é um desenvolvimento orgânico dos poderes inerentes ao homem. Nenhuma característica humana nova é por ele revelada; pois todo o desenvolvimento orgânico do tempo presente tem a sua origem no passado de onde brotou com sucesso. Assim, o magnetismo é, pela sua natureza, tão antigo quanto a humanidade. Diferente é, porém, a doutrina relativa ao magnetismo.

Esta pode ser nova, uma vez que os factos dispersos ao longo do curso da história devem ser recolhidos, comparados com os do presente, e deve formar-se uma teoria a partir da qual se obtenha um sistema racional de aplicação. Não é razão, pelo facto de a história do magnetismo ainda oscilar entre opiniões contraditórias, entre o facto e a aparência, para que não

busquemos a sua raiz fisiológica em meio aos factos físicos e psicológicos que abundam por toda a parte.

No que respeita aos factos históricos do magnetismo, está-se hoje, em todo o caso, convencido de que aquilo que sucede ao indivíduo é comum a todo o género humano, e de que esses fenómenos afins nunca faltaram em qualquer época ou nação. O magnetismo é, portanto, um facto histórico; não é nada de teórico, mas uma realidade prática; é um facto de importância científica; é de valor da máxima gravidade para o médico, ao mesmo tempo que de modo algum contradiz a religião.

Foi o magnetismo, sozinho, que nos deu a chave para uma crítica histórica daquela região misteriosa e mística da alma humana onde o poder oculto desempenha a sua parte mágica. Foi o primeiro a tornar inteligíveis os hieróglifos do fanatismo, da magia e da feitiçaria, e a comunicar-lhes uma inteligência científica. Assim, o magnetismo torna-se um expositor valioso da filosofia e da história, dirigindo a atenção para as questões proibidas da natureza humana e aguçando a sua perceção, ao mesmo tempo que as enriquece com factos e ideias que de outra forma não possuiriam.

A história do magnetismo divide-se em duas partes: a da antiga magia e a do magnetismo moderno. O Cristianismo foi uma crise muito importante na existência da magia, na verdade, a mais importante; pois a vinda de Cristo é, de um ponto de vista histórico, a era central em que o tempo antigo chega ao fim e o novo começa; quando a sombria noturnidade dos mistérios se dissolve na luz do dia da autoconsciência e do propósito e intenção da vida. Tal como a história bíblica do Antigo Testamento é a semente e o tipo de toda a história posterior, assim no Novo Testamento, pela primeira vez, como a flor que se desdobra do botão, se desenvolve uma revelação perfeita da verdade.

O Judaísmo do Antigo Testamento tem uma perceção real da verdadeira árvore da vida do desenvolvimento interior e progressivo por meio da cultura; todas as outras nações pagãs, com os seus diversos sistemas de religião, são os ramos podados da grande árvore da vida, que, é certo, vegetaram, mas são incapazes de crescimento interior. O Judaísmo é aquele verdadeiro mistério que aparece no Cristianismo como o

ideal de santidade e união com Deus. Mas, assim como o fruto só amadurece a partir da flor por graus progressivos, também esta maturidade na nova história avança com passo medido. Religião e moral, arte e ciência, é certo, progridem por caminhos novos e amplamente ramificados nesta posterior era cristã, mas estão ainda muito longe do seu fim, que é a perfeição.

O mesmo se pode dizer do magnetismo, que só avançou até onde avançou a inteligência das mentes que se esforçaram por o compreender. Assim, por exemplo, as visões, mediante as doutrinas universalmente difundidas do Cristianismo, assumiram em todos os casos um caráter conforme à compreensão corrente do bem e do mal, e destas como Deus, anjos, demónios, &c., em forma humana, com a ideia de beleza e bondade, ou de deformidade e maldade nas suas múltiplas distorções.

Um tratamento e entendimento mais puros e científicos das aparições mágicas começou no século XVI; e a declaração clara do magnetismo como um poder peculiar da natureza que poderia ser aplicado sistematicamente para a cura de doenças foi feita pela primeira vez por Frederico António Mesmer, de modo que ele é realmente o descobridor e o ponto central na história do magnetismo, entre os séculos antigos, a dormitar numa vida onírica e sombria, e as novas eras ainda no crepúsculo, não tendo ainda avançado para o dia perfeito.

Pois, se o conhecimento das leis e operações misteriosas da natureza era, no tempo antigo, de caráter imaginativo, produzindo apenas resultados fantásticos, o conhecimento dos tempos modernos é de caráter intelectual, duro e seco, com certa ampla ramificação, é verdade, mas recolhendo com a sua verdade um monte de entulho. Daí todo o viver superior que está para além da sua perceção ser objeto de irrisão, e não poder ele compreender qualquer possível utilidade no poder mágico.

Aquilo de que os tempos antigos tinham em demasia, os tempos modernos têm em falta, a saber, a carência de um sentimento religioso firme, a carência da perceção simbólica e do poder imaginativo artístico da Idade Média e, acima de tudo,

a carência de uma firme crença na atuação imediata de Deus na natureza.

O Mefistófeles de Goethe descreve excelentemente esta época nas seguintes linhas:
Ein Kerl, der speculirt, ist wie ein Thier auf dürrer Haide
Von einem bösen Geist im Kreis herumgeführt,
Und ringsumher liegt schöne grüne Weide.
— Wer will was Lebendiges erkennen und beschreiben,
Sucht erst den Geist heraus zu treiben;
Dann hat er die Theile in seiner Hand,
Fehlt leider! nur das geistige Band.
Encheiresin naturæ nennts die Chemie,
Spottet ihrer selbst und weiss nicht wie.

## APÊNDICE

[Sem, de modo algum, procurar explicar ou julgar as narrativas contidas no Apêndice seguinte, apresentamo-las simplesmente ao leitor como uma coleção de relatos ilustrativos das opiniões do Dr. Ennemoser, colhidos de várias e acreditadas fontes, e que o leitor poderá aplicar ao texto do autor segundo os seus próprios pontos de vista.]

## APARIÇÕES

## OS FANTASMAS DOS MORTOS

## NA BATALHA DE MARATONA

Pausânias escreve que, quatrocentos anos depois da batalha de Maratona, ainda se ouviam, no lugar onde fora travada, os relinchos dos cavalos e os gritos dos soldados a animarem-se uns aos outros para o combate. Plutarco fala também de espectros vistos e de uivos terríveis ouvidos nos banhos públicos onde vários cidadãos de Queronéia, a sua terra natal, tinham sido assassinados.

Diz que os habitantes tinham sido obrigados a encerrar esses banhos, mas que, apesar da precaução, grandes barulhos ainda eram ouvidos e terríveis espectros eram frequentemente vistos pelos vizinhos. Plutarco, que é um autor de reconhecida gravidade e bom senso, faz menção frequente de espectros e aparições; em particular, afirma que, na célebre batalha acima

aludida, vários soldados viram a aparição de Teseu combatendo pelos Gregos e contra os Persas.

## O PROFESSOR DE KÖNIGSBERG

«"Não sou tão decididamente céptico quanto à possibilidade de aparições sobrenaturais", disse o conde Falkesheim a Sir Nathaniel Wraxall, "a ponto de as tratar com ridículo, por poderem parecer pouco filosóficas. Recebi a minha educação na Universidade de Königsberg, onde tive a vantagem de assistir a aulas de ética e filosofia moral, proferidas por um professor considerado homem de superioridade notável nesses ramos da ciência. Tinha ele, no entanto, embora eclesiástico, a reputação de estar tingido de incredulidade em vários pontos ligados à religião revelada.

Quando, portanto, se tornou necessário para ele, no decurso das suas lições, tratar da natureza do espírito enquanto destacado da matéria, discutir a imortalidade da alma e entrar na doutrina de um estado futuro, escutei com mais do que a atenção habitual as suas opiniões. Ao falar de todos esses assuntos misteriosos, pareceu-me haver nele tão visível embaraço, tanto na linguagem como nas expressões, que senti a mais forte curiosidade de o questionar mais a fundo a respeito deles. Encontrando-me pouco depois a sós com ele, ousei expor-lhe as minhas observações sobre o seu porte e roguei-lhe que me dissesse se eram bem fundadas ou apenas sugestões imaginárias.

— "A hesitação que notaste", respondeu, "resultou do conflito que se trava em mim quando tento transmitir as minhas ideias sobre um tema em que o meu entendimento está em desacordo com o testemunho dos meus sentidos. Estou igualmente, por razão e reflexão, disposto a considerar com incredulidade e desprezo a existência de aparições.

Mas uma aparição que testemunhei com os meus próprios olhos, tanto quanto neles, ou em qualquer das perceções, se pode confiar; e que até recebeu uma espécie de confirmação posterior, por outras circunstâncias ligadas aos factos originais, deixa-me naquele estado de ceticismo e suspensão que perpassou o meu discurso. Comunicar-te-ei a causa disso. Tendo sido educado para a profissão eclesiástica, fui apresentado por Frederico Guilherme I, falecido rei da Prússia,

a um pequeno benefício, situado no interior do país, a considerável distância a sul de Königsberg. Para lá me dirigi a fim de tomar posse do meu cargo e encontrei uma asseada casa paroquial, onde passei a noite no quarto que fora ocupado pelo meu predecessor.

"Eram os dias mais longos do verão: e na manhã seguinte, que era domingo, estando eu desperto, com as cortinas da cama corridas e sendo pleno dia, vi a figura de um homem, trajado com uma espécie de veste solta, de pé diante de um ambão, sobre o qual jazia um grande livro, cujas folhas ele parecia voltar de tempos a tempos; de cada lado dele estava um rapazinho, a cujo rosto ele olhava atentamente de quando em quando, e, ao olhar, parecia sempre soltar um profundo suspiro.

O seu semblante, pálido e desconsolado, indicava algum sofrimento de espírito. Tive a visão mais perfeita desses objetos, mas, impressionado de demasiado terror e apreensão para me levantar ou dirigir-me às aparições diante de mim, permaneci por alguns minutos espectador silencioso e sem fôlego, sem proferir palavra nem alterar a posição. Por fim o homem fechou o livro e, tomando então as duas crianças, uma em cada mão, conduziu-as lentamente através do quarto; os meus olhos seguiram-no avidamente até que as três figuras gradualmente desapareceram, ou se perderam por detrás de um fogão de ferro que se erguia no canto mais distante do aposento.

"Por mais profundamente e terrivelmente que tenha sido afetado pela visão que presenciei, e por mais incapaz que estivesse de a explicar para minha própria satisfação, recobrei, ainda assim, suficientemente o domínio de mim para me levantar e, após me vestir à pressa, sair de casa. O sol ia alto, e encaminhando os meus passos para a igreja, achei-a aberta; mas o sacristão ausentara-se, e, ao entrar no coro, estavam tão fortemente impressos na minha mente e imaginação os acontecimentos que haviam decorrido, que procurei dissipar a recordação considerando os objetos ao meu redor. Em quase todas as igrejas luteranas dos domínios prussianos é costume pendurar nas paredes, ou nalguma parte do edifício, os retratos dos sucessivos pastores ou clérigos que ocuparam o benefício. Um certo número dessas pinturas, rudemente executadas,

achava-se suspenso numa das naves. Mas mal fixei os olhos no último da série, que era o retrato do meu predecessor imediato, ficaram-me eles cravados no objeto; pois reconheci de pronto o mesmo rosto que eu contemplara no meu quarto, embora não ensombrado pela mesma profunda impressão de melancolia e aflição.

O sacristão entrou quando eu ainda contemplava essa cabeça tão interessante, e logo entabulei com ele uma conversa sobre as pessoas que me tinham precedido no cargo. Recordava-se de vários titulares, acerca de cada um dos quais formulei diversas perguntas, até concluir pelo último, relativamente à história de quem me mostrei particularmente inquisitivo. 'Considerávamo-lo', disse o sacristão, 'um dos homens mais eruditos e amáveis que jamais residiram entre nós.

O seu carácter e benevolência granjearam-lhe o afeto de todos os paroquianos, que por muito tempo hão de lamentar a sua perda. Mas foi levado, em plena meia-idade, por uma doença arrastada, cuja causa deu azo a muitos boatos desagradáveis entre nós e que ainda hoje são objeto de conjetura. É, contudo, crença comum que morreu de coração quebrado.'

"A minha curiosidade, acesa ainda mais pela menção desta circunstância, levou-me a instá-lo ardorosamente a revelar-me tudo quanto soubesse ou tivesse ouvido sobre o assunto. 'Nada a respeito disso', respondeu, 'é absolutamente sabido, mas a maledicência propagou a história de que ele formara uma ligação criminosa com uma jovem da vizinhança, da qual se chegou mesmo a afirmar que tivera dois filhos.

Em confirmação do boato, sei que havia de facto duas crianças que foram vistas na casa paroquial, rapazes de cerca de quatro ou cinco anos; mas desapareceram de súbito algum tempo antes do falecimento do suposto pai; para que lugar foram enviadas, ou o que lhes aconteceu, ignoramo-lo por completo.

É igualmente certo que as suposições e juízos desfavoráveis formados acerca deste misterioso negócio, que necessariamente lhe chegaram aos ouvidos, precipitaram, se é que não produziram, o mal de que o nosso falecido pastor morreu; mas ele foi prestar contas, e a nós cumpre-nos pensar caridosamente do defunto.'

"É desnecessário dizer com que emoção escutei este relato, que reacendeu na minha imaginação e pareceu dar prova da realidade de tudo quanto eu vira. Contudo, não querendo permitir que a minha mente ficasse escravizada por fantasmas que podiam ter sido efeito de erro ou engano, não comuniquei ao sacristão o acontecimento de que fora testemunha, nem sequer consenti em abandonar o aposento onde ocorrera.

Continuei a alojar-me ali, sem jamais presenciar aparição semelhante; e a lembrança começou ela própria a desvanecer-se, à medida que o outono avançava. Quando a aproximação do inverno tornou necessário acender fogos pela casa, ordenei que o fogão de ferro que se achava no quarto, e por detrás do qual a figura que eu contemplara, juntamente com os dois rapazes, parecera desaparecer, fosse aquecido para temperar o aposento.

Encontraram-se algumas dificuldades na tentativa: o fogão não só fumegava intoleravelmente como exalava um cheiro ofensivo. Tendo, por isso, mandado vir um ferreiro para o inspecionar e reparar, descobriu ele no interior, no extremo mais recuado, os ossos de dois pequenos corpos humanos, a corresponderem perfeitamente em tamanho, bem como noutros respeitos, à descrição que o sacristão me dera dos dois rapazes que tinham sido vistos na casa paroquial.

"Esta última circunstância completou o meu espanto e pareceu conferir uma espécie de realidade a uma aparição que de outro modo poderia ter sido considerada ilusão dos sentidos. Renunciei ao cargo, deixei o lugar e retirei para Königsberg; mas produziu em mim a mais profunda impressão e deu origem, no seu efeito, àquela incerteza e contradição de sentimento que notaste no meu recente discurso."»

## O DR. SCOTT E A ESCRITURA DE PROPRIEDADE

Numa certa noite, o Dr. Scott estava sentado junto ao lume a ler, em sua casa, na Broad-street, quando, erguendo casualmente a cabeça, viu, numa cadeira de braços, do lado oposto da lareira ou chaminé, um senhor grave, de batina de veludo preto, peruca comprida, olhando com um semblante aprazível para o doutor, como se prestes a lhe falar.

O doutor perturbou-se bastante. Segundo a sua narrativa do facto, o espectro, ao que parece, falou primeiro e pediu ao

doutor que não se alarmasse, que vinha ter com ele por um assunto de grande importância para uma família injustiçada, que corria sério perigo de ruína; e, embora ele (o doutor) fosse estranho à família, ainda assim, sabendo-o homem de integridade, escolhera-o para praticar esse ato de caridade e justiça.

O doutor não estava, a princípio, suficientemente recomposto para entrar no assunto com a devida atenção, mas pareceu antes inclinado a sair do quarto se pudesse, e por uma ou duas vezes fez menção de bater para que alguém da família subisse. Tendo o doutor por fim recobrado a serenidade, disse: «Em nome de Deus, que és tu?»

Depois de muita importunação por parte do doutor, a aparição começou a sua história deste modo:
«Morei no condado de Somerset, onde deixei uma muito boa propriedade, de que o meu neto goza neste momento. Mas ele está a ser demandado pela posse pelos meus dois sobrinhos, filhos do meu irmão mais novo.» [Aqui deu o seu próprio nome, o nome do irmão mais novo e os nomes dos dois sobrinhos.]

O doutor perguntou-lhe então há quanto tempo o neto estava na posse da propriedade; ao que ele lhe disse que havia sete anos, dando a entender que estava morto havia esse tempo.

Prosseguiu então dizendo-lhe que os seus sobrinhos seriam demasiado fortes para o seu neto na ação e o privariam da casa senhorial e da propriedade; de modo que ele correria o perigo de ficar inteiramente arruinado e a sua família reduzida. Disse então o doutor: «E que sou eu capaz de fazer nisso, se a lei estiver contra ele?»

«Ora», disse o espectro, «não é que os sobrinhos tenham algum direito; mas a grande escritura de vinculação, sendo a transmissão da herança, está perdida e, por falta dessa escritura, não poderão comprovar o seu título à propriedade.»
«Pois bem», disse o doutor, «e ainda assim que posso eu fazer no caso?»

«Ora», disse o espectro, «se fores à casa do meu neto e levares contigo algumas pessoas de confiança, dar-te-ei tais instruções que hás de encontrar a escritura de vinculação, que está escondida num lugar onde a pus, e onde hás de mandar o meu neto tirá-la na tua presença.»

«Mas porque não podes então tu próprio dizer isso ao teu neto?», disse o doutor.

«Não me perguntes sobre isso», disse o espectro; «há diversas razões que poderás saber depois. Posso confiar na tua honestidade entretanto, e poderás dispor as coisas de modo a teres as despesas pagas e seres generosamente recompensado pelo teu trabalho.»

Tendo obtido a promessa do Dr. Scott, o espectro disse-lhe que podia avisar o neto de que outrora conversara com o avô e pedir para ver a casa; e que, num certo quarto de cima ou sobrado, veria uma quantidade de velharias, arcas, cofres, &c., que tinham sido postos de lado para dar lugar a mobiliário mais moderno.

Que, num certo canto, encontraria um cofre antigo, com a fechadura partida e uma chave metida, que nem podia ser rodada na fechadura nem puxada para fora. Nesse cofre jazia a grande escritura ou carta da propriedade, que transmitia a herança e sem a qual a família poderia ser despejada. Tendo o doutor prometido despachar esta importante comissão, o espectro desapareceu.

Decorridos alguns dias, e dentro do prazo fixado pela proposta do espectro, o doutor foi a Somersetshire e, tendo encontrado a casa aludida, foi muito cortesmente convidado a entrar. Entraram então em conversa amistosa, e o doutor fingiu ter ouvido muito falar da família e do avô, de quem, disse, percebia ter a propriedade descido ao atual ocupante. «Pois é», disse o cavalheiro, abanando a cabeça, «o meu pai morreu novo, e o meu avô deixou as coisas tão confusas que, por falta de um escrito principal, que ainda não apareceu, tenho tido grandes trabalhos por causa de dois primos, filhos do irmão do meu avô, que me causaram despesas enormes com isso.»

«Mas espero que já tenha ultrapassado isso, senhor?», disse o doutor. «Não», disse o cavalheiro, «para ser franco consigo, nunca o havemos de ultrapassar por completo, a menos que consigamos encontrar essa velha escritura; a qual, contudo, espero que havemos de achar, pois tenciono fazer uma busca geral por ela.»

«Desejo de todo o coração que a encontre, senhor», disse o doutor. «Não duvido de que a havemos de encontrar; tive um sonho estranho sobre isso na noite passada», disse o cavalheiro.

«Um sonho sobre o escrito!», disse o doutor; «espero então que foi que o deveria encontrar.»

«Sonhei», disse o outro, «que um estranho cavalheiro veio ter comigo e me ajudou a procurá-lo. Não sei se não será o senhor esse homem.»

«Ficaria muito contente de o ser», disse o doutor. «Ora», replicou o cavalheiro, «pode ser o homem para me ajudar a procurá-lo.»

«Pois sim, senhor», disse o doutor, «posso de facto ajudá-lo a procurá-lo, e fá-lo-ei de todo o coração; mas preferia ser o homem que o ajudasse a encontrá-lo: diga-me, quando tenciona procurar?»

«Amanhã», disse o cavalheiro, «marquei para o procurar.» «Mas», disse o doutor, «de que maneira tenciona procurar?» «Ora», respondeu o cavalheiro, «é nossa opinião que o meu avô estava tão preocupado em preservar este escrito e tinha tanto receio quanto à sua segurança, que o escondeu num lugar secreto; e estou resolvido a deitar metade da casa abaixo, mas hei de encontrá-lo, se estiver acima do solo.» «Na verdade», disse o doutor, «pode muito bem tê-lo escondido de tal modo que pode deitar a casa toda abaixo antes de o encontrar. Conheço coisas que se perderam de todo por causa do cuidado mesmo que se teve em preservá-las.» «Se fosse feito de algo que o fogo não destruísse», disse o cavalheiro, «deitaria a casa abaixo a fogo, mas havia de encontrá-lo.»

«Suponho que já revirou por completo todos os cofres, baús e arcas do velho senhor», disse o doutor.

«Pois claro», disse o cavalheiro, «e virei-os todos do avesso e lá estão eles empilhados num sobrado ou mansarda, sem nada dentro; até partimos três ou quatro para procurar gavetas secretas e depois, com raiva, queimei-os, embora fossem belas arcas de cipreste que custaram bom dinheiro quando estavam na moda.»

«Lamento que as tenha queimado», disse o doutor. «Ora», disse o cavalheiro, «não queimei um só pedaço antes de estarem todos fendidos em pedaços, e não ser possível que houvesse coisa alguma dentro deles.»

Isto deixou o doutor um pouco mais descansado, pois começara a ficar surpreendido quando ele lhe disse que tinha rachado alguns e os queimara.

«Pois bem», disse o doutor, «se não puder prestar-lhe serviço algum na sua busca, virei vê-lo de novo amanhã e acompanhá-lo-ei durante ela com os meus melhores votos.»

«Ora», diz o cavalheiro, «não tenciono separar-me de si, visto ser tão amável em oferecer-me a sua ajuda; há de ficar cá esta noite e estar no começo da busca.»

O doutor alcançara agora o seu intento a ponto de travar intimidade com a família e, após muita insistência, consentiu em ali pernoitar. Um pouco antes de escurecer, o cavalheiro pediu-lhe que desse um passeio no parque; mas ele recusou: «Preferia, senhor», disse, sorrindo, «que me mostrasse esta bela casa senhorial antiga, que há de ser demolida amanhã; apetece-me vê-la uma vez antes de a abaterem.»

«Com todo o gosto», disse o cavalheiro. Levou-o imediatamente escadas acima, mostrou-lhe os melhores aposentos e o seu belo mobiliário e quadros; e, chegando ao topo da escadaria, dispôs-se a descer.

«Mas, senhor», disse o doutor, «não iremos mais alto?» «Nada há lá», disse ele, «senão mansardas e velhos sobrados cheios de tralha, e um sítio que leva à torre e à casa do relógio.» «Oh, deixe-me ver tudo, já que aqui estamos», disse o doutor; «gosto de ver as antigas torres altas e torreões e a magnificência dos nossos antepassados, embora estejam fora de moda agora: por favor, deixe-me vê-los.»

Depois de terem percorrido a mansão, passaram por uma grande arrecadação de trastes, cuja porta estava aberta. «E que lugar é este?», disse o doutor.

«Oh! este é o quarto», disse o cavalheiro, «onde estão todas as velharias, as arcas, cofres e baús; veja como estão empilhados uns sobre os outros quase até ao teto.»

Perante isto, o doutor começou a olhar em volta. Não estivera na sala dois minutos quando encontrou tudo exatamente como o espectro em Londres descrevera; foi diretamente ao amontoado de que lhe haviam falado e fixou o olhar no próprio cofre com a velha fechadura enferrujada, que nem rodava nem saía.

«Por minha fé, senhor», disse o doutor, «deu-se trabalho suficiente, se examinou todas estas gavetas, arcas e cofres, e tudo quanto poderia ter estado dentro deles.»

«Com efeito, senhor», disse o cavalheiro, «examinei-os eu mesmo e percorri todos os escritos bolorentos um por um; e todos me passaram pela mão e debaixo do olho.»
«Pois bem, senhor», disse o doutor, «quer satisfazer a minha curiosidade abrindo e esvaziando este pequeno cofre ou arca?»

O cavalheiro, olhando para o cofre, disse, sorrindo: «Lembro-me de o ter aberto»; e, voltando-se para o seu criado, disse: «William, não te lembras desse cofre?» «Sim, senhor», respondeu o criado, «lembro-me de que o senhor estava tão cansado que se sentou em cima do cofre quando já estava tudo fora; que fechou a tampa e se sentou, e me mandou à senhora para lhe trazer um trago de cidrão; e que disse que estava a ponto de desmaiar.»

«Ora bem, senhor», disse o doutor, «é apenas um capricho meu, e provavelmente não conterá nada.»

«Há de vê-lo virado de pernas para o ar à sua frente, como os restantes.»

Imediatamente o cavalheiro mandou arrastar o cofre para fora e abri-lo. Quando os papéis estavam todos cá fora, o doutor virou-se, como se os estivesse a examinar, mas prestando pouca ou nenhuma atenção ao cofre; inclinou-se e, como quem se apoia na bengala, enfiou-a no cofre, mas arrancou-a de pronto, como se fora engano, e voltando-se para o cofre, fechou a tampa e sentou-se em cima.

Tendo mandado sair o criado, «Agora, senhor», disse, «encontrei o seu escrito; encontrei a sua grande escritura de vinculação; e aposto cem guinéus em como a tenho neste cofre.»

O cavalheiro tornou a erguer a tampa, apalpou o cofre, examinou-o por todas as partes, mas nada via; ficou confuso e pasmado! «Que quer dizer?», disse ele ao doutor, «aqui não há mais do que um cofre vazio.»

«Minha palavra», disse o doutor, «não sou mágico, mas digo-lhe de novo: o escrito está neste cofre.»

O cavalheiro bateu e chamou pelo criado com o martelo, mas o doutor continuou sentado, compenetrado, sobre a tampa do cofre.

Por fim, o homem veio com um martelo e um cinzel, e o doutor pôs-se a trabalhar no cofre, batendo na face lisa do fundo: «Ouça!», diz ele, «não ouve, senhor? não ouve claramente?» «Ouvir o quê?», disse o cavalheiro; «não o entendo.» «Ora, o cofre tem um duplo fundo, senhor, um fundo falso», disse o doutor; «não ouve que soa oco?»

Numa palavra, racharam logo o fundo interior e ali encontraram o pergaminho estendido, achatado por toda a largura do fundo do baú.

É impossível descrever a alegria e a surpresa do cavalheiro e de toda a família; e o primeiro mandou chamar a senhora e duas das suas filhas ao sótão, no meio das velharias, para verem o lugar e o modo como o escrito fora encontrado.

## APARIÇÃO VISTA POR

## LADY PENNYMAN E MRS. ATKINS

No começo da Revolução Francesa, Lady Pennyman e as suas duas filhas retiraram-se para Lille, onde alugaram uma casa grande e elegante por uma ninharia. Durante a sua estada ali, a senhora recebeu do marido, Sir John Pennyman, uma letra para uma quantia considerável, que levou ao banqueiro da cidade, pedindo que lha trocasse.

O homem, como é frequente no continente, deu-lhe grande porção em prata. Como Lady Pennyman ia fazer algumas visitas, pediu que o banqueiro enviasse o dinheiro para sua casa, de cuja situação lhe deu indicação. O embrulho foi imediatamente confiado a um moço de recados; e, perguntando-lhe a senhora se, pelas suas indicações, percebera

o sítio para onde devia levar o encargo, o homem respondeu que sabia perfeitamente qual era o lugar designado e que se chamava a «Casa Assombrada». Esta última parte da resposta foi dirigida ao banqueiro em voz baixa, mas foi ouvida por Lady Pennyman: ela, porém, não prestou atenção às palavras e supôs naturalmente que a fama ligada à sua habitação era uma daquelas que a imaginação dos ignorantes levanta a respeito de toda a morada que fica muito tempo desocupada ou é notável pela sua antiguidade.

Algumas semanas depois, aquelas palavras foram-lhe recordadas de modo que a surpreendeu; a governanta, com muitas desculpas por ser obrigada a mencionar algo que poderia parecer tão fútil e absurdo, veio ao aposento em que a sua ama estava sentada e disse que duas das criadas que tinham acompanhado sua senhoria de Inglaterra tinham naquela manhã dado aviso e manifestado determinação de abandonar o serviço de sua senhoria por causa dos ruídos misteriosos pelos quais, noite após noite, tinham sido perturbadas e aterrorizadas.

«Confio, Carter», respondeu Lady Pennyman, «que tens bom senso suficiente para não te alarmar, por tua própria conta, com esses temores supersticiosos e visionários; e rogo-te que te esforces por tranquilizar os receios dos outros e persuadi-los a permanecerem nos seus lugares.» A persuasão de Carter foi ineficaz: as criadas insistiram que os ruídos que as tinham assustado não eram operação de quaisquer seres terrenos e mantiveram a resolução de voltar à sua pátria.

O quarto de onde se supunha que provinham os sons ficava longe dos aposentos de Lady Pennyman e imediatamente por cima dos que eram ocupados pelas duas criadas, que tinham sido por si mesmas aterrorizadas e cujo relato espalhara pânico geral pelo resto da família. Para acalmar o alarme, Lady Pennyman decidiu deixar por algum tempo o seu próprio quarto e instalar-se naquele que fora recentemente ocupado pelas domésticas.

O quarto de cima era um amplo aposento comprido, que parecia ter sido durante muito tempo abandonado. No centro da sala havia uma grande jaula de ferro: era uma peça de mobiliário extraordinária para se encontrar em qualquer solar,

mas a lenda que as criadas tinham recolhido a seu respeito parecia ainda mais extraordinária: dizia-se que um antigo proprietário da casa, um jovem de enormes haveres, fora, durante a menoridade, encerrado naquele aposento pelo tio e tutor, e ali apressado a uma morte prematura pelas privações e crueldades a que fora submetido: tais crueldades tinham sido praticadas sob o pretexto de necessária correção.

O propósito feroz de assassinar o rapaz, sob o pretexto de rigorosa atenção ao seu interesse ou ao seu aprimoramento, foi bem-sucedido: o moço foi declarado incorrigível; fingiu-se a necessidade da mais severa correção; foi sentenciado a dois dias de cativeiro e privação. À chegada do tio, com mostra de hipócrita leniência, uma hora antes do tempo marcado, para o livrar do que restava do castigo, verificou-se que a morte se antecipara à falsa misericórdia e para sempre emancipara o inocente sofredor das mãos do opressor.

A riqueza foi ganha; mas foi uma aquisição infrutífera. A consciência assombrava-o: a forma do rapaz morto e inofensivo estava-lhe constantemente diante. Os sonhos representavam-lhe os traços graciosos e belos que atraíam para si todos os olhares quando os pais ainda viviam para o alegrar e deleitar; e então a visão do sono mudava; e via o seu sofrer sereno e as lágrimas silenciosas, e a paciente resistência, e os esforços infatigáveis em tentar cumprir as difíceis exigências, e a face pálida, e os membros definhados, e o semblante sem vida; e então, por fim, lá estava a forma rígida, ossuda e distorcida, o olho vítreo e aberto, a boca violentamente comprimida e as mãos cerradas, sobre as quais pousara por um momento o olhar, quando todas as suas ímpias esperanças tinham atingido a mais sanguínea consumação, e contemplara o cadáver do parente assassinado.

Essas recordações baniram-no de casa; o solar ficou desabitado e, até Lady Pennyman inadvertidamente o tomar, todos receavam tornar-se moradores de uma habitação que fora fatal a um possuidor e evitada como destrutiva da tranquilidade do herdeiro.

Nas primeiras uma ou duas noites em que Lady Pennyman se instalou no novo quarto, nada a perturbou; nem o seu sono foi minimamente inquietado por quaisquer daqueles ruídos

misteriosos no Quarto da Jaula (pois assim era vulgarmente chamado na família) que fora levada a esperar pelas narrativas das criadas partidas. Essa quietação, todavia, foi de curtíssima duração.

Certa noite foi despertada do sono pelo som de um passo lento e medido, que parecia percorrer o quarto acima; continuou a mover-se para trás e para a frente, com quase a mesma constância e regularidade, por mais de uma hora — talvez a agitação de Lady Pennyman a enganasse e a levasse a supor o tempo mais longo do que realmente fora. Por fim cessou; a aurora rompeu e ela desceu para o pequeno-almoço, depois de formar a resolução de não mencionar o sucedido.

Lady Pennyman e as filhas estavam quase a concluir o pequeno-almoço antes que o filho, um jovem que ultimamente regressara do mar, descesse do seu aposento. «Meu querido Charles», disse a mãe, «admiro que não te envergonhes da tua indolência e da tua falta de galanteria, em consentires que tuas irmãs e eu acabemos o pequeno-almoço antes que estejas pronto para te juntares a nós.» «Na verdade, minha senhora», respondeu ele, «não é culpa minha se venho tarde: não preguei olho a noite inteira.»

Têm batido à minha porta e espreitado para dentro do meu quarto de meia em meia hora desde que subi para me deitar; presumo que quisessem ver se a minha vela estava apagada. Se assim for, é realmente muito desagradável; pois nunca vos dei ocasião alguma para suspeitardes de que eu fosse descuidada em tomar uma precaução tão necessária; e não é agradável ser representada sob tal luz perante os criados.” “Na verdade, minha querida, a interrupção deu-se inteiramente sem o meu conhecimento.

Asseguro-te que não foi por ordem minha que o teu quarto foi inspecionado: não consigo imaginar o que poderia levar qualquer dos meus criados a ser culpado de tamanha liberdade. Tens a certeza de que não interpretaste mal a natureza e a origem do som que perturbou o teu sono?” “Oh, não; não poderia haver engano: estava perfeitamente acordada quando a interrupção ocorreu pela primeira vez, e depois repetiu-se tão frequentemente que impossibilitou o meu adormecer.”

Mais queixas da governanta; nenhum criado queria ficar; cada membro da família tinha a sua história de terror para aumentar os receios dos demais; Lady Pennyman começou a ficar ela própria alarmada. Mrs. Atkins, uma mulher desprovida de qualquer espécie de temor supersticioso, e de coragem, entendimento e resolução comprovados, decidiu de imediato pôr fim a todas as histórias que haviam sido forjadas a respeito do Quarto da Gaiola, e acalmar os seus terrores, adoptando esse aposento como o seu próprio quarto de dormir durante o resto da sua estadia em Lisle. Foi, portanto, colocada uma cama no aposento. O Quarto da Gaiola foi tornado o mais confortável possível em tão curto espaço de tempo; e Mrs. Atkins retirou-se para repousar, acompanhada do seu spaniel favorito.

Mrs. Atkins examinou então o seu quarto em todas as direcções: bateu em cada painel da lambrilagem, para provar que não havia ocos que pudessem denunciar uma passagem secreta; e, tendo trancado a porta do Quarto da Gaiola, retirou-se para descansar. A sua segurança estava fadada a ser de curta duração: apenas tinha dormido alguns minutos quando o seu cão, que jazia junto à cama, saltou para cima dela, uivando e apavorado; a porta do quarto abriu-se lentamente, e um jovem pálido, magro, doentio, entrou, lançou-lhe um olhar brando, caminhou até à gaiola de ferro no meio do quarto e ali se apoiou, na atitude melancólica de quem revolve no espírito as mágoas de uma existência triste e sem bênçãos. Passado algum tempo retirou-se novamente, pela mesma via por onde entrara.

Mrs. Atkins, ao testemunhar a sua partida, sentiu renascer a sua resolução; persuadiu-se de que a figura era obra de algum impostor hábil, e decidiu seguir-lhe os passos: pegou na sua candeia e apressou-se a pôr o plano em execução. Ao chegar à porta, para sua imensa surpresa, descobriu-a fechada à chave, tal como a deixara ao deitar-se.

Ao retirar o ferrolho e abrir a porta, viu as costas do jovem a descer a escada; seguiu-o, até que, ao chegar ao sopé da escada, a figura pareceu sumir-se na terra. Era inútil tentar ocultar os acontecimentos da noite: a sua voz, o seu modo, a impossibilidade de voltar a dormir naquele aposento agourento,

haviam de trair necessariamente que algo de doloroso e misterioso se passara.

O sucedido foi relatado a Lady Pennyman: ela decidiu não permanecer mais tempo na sua presente habitação. O homem a quem a casa tinha sido arrendada foi interpelado sobre o assunto: tornou-se extremamente violento — disse que não era altura para os ingleses se entregarem a fantasias, insinuou algo acerca da guilhotina — e intimou-a, sob sua responsabilidade, a não proferir uma única palavra que prejudicasse a reputação da sua propriedade.

Enquanto permaneceu em França, não se disse uma só palavra sobre o assunto; ela forjou uma desculpa para a sua partida abrupta: outra residência foi-lhe oferecida nas imediações de Lisle, a qual aceitou sob o pretexto de ser mais adequada à dimensão da sua família; e de imediato abandonou a sua habitação, e com ela toda e qualquer ocasião sobrenatural de inquietação.

Embora a precedente história "cheire a claustro", esteja algo tingida de romance e tenha sido aumentada por sucessivos narradores, os factos estão autenticados e acreditados pelas próprias pessoas a quem ocorreram. Uma velha casa abandonada em Lisle seria, provavelmente, objeto de terror para espíritos fracos, mas não para os entendimentos bem formados dos chefes de família, nem para os vários membros de um grande estabelecimento.

## A HISTÓRIA DA FILHA DE SIR CHARLES LEE

Sir Charles Lee, da sua primeira esposa, teve apenas uma filha, no parto da qual ela morreu; e, estando morta, a sua irmã, Lady Everard, pediu para ficar com a educação da criança, e esta foi por ela muito bem-educada, até ser de idade para casar, e ficou acordado um enlace com Sir William Perkins, mas foi então impedido de maneira extraordinária. Numa quinta-feira à noite, julgando ver uma luz no quarto depois de se deitar, chamou a criada, que prontamente veio ter com ela; e perguntou-lhe "Por que razão deixara uma vela acesa no quarto?" A criada respondeu que não deixara nenhuma, e que não havia ali outra além da que trazia consigo naquele momento. Então ela disse que seria o lume da lareira; mas a

criada afirmou que este estava totalmente apagado; e disse-lhe que acreditava que não passava de um sonho. Ao que a jovem respondeu que assim poderia ser, e compôs-se novamente para dormir.

Mas por volta das duas da manhã voltou a acordar, e viu a aparição de uma pequena mulher entre o cortinado e a almofada, que lhe disse ser sua mãe, que estava feliz, e que ao meio-dia desse mesmo dia ela própria estaria com ela. Então voltou a chamar pela criada, pediu a roupa, e, depois de vestida, recolheu-se ao seu oratório, donde não saiu até às nove horas, e de lá trouxe consigo uma carta selada, dirigida ao pai, que entregou à tia, Lady Everard, contou-lhe o sucedido, e declarou que, assim que morresse, a carta deveria ser enviada a ele.

A senhora julgou que a rapariga tivesse enlouquecido de súbito, e enviou imediatamente a Chelmsford em busca de um médico e de um cirurgião, que vieram logo; mas o médico não pôde discernir indício algum do que a senhora imaginava, nem de qualquer indisposição do corpo; apesar disso, a senhora insistiu em que lhe fosse tirado sangue, o que foi feito. E quando a jovem, pacientemente, lhes permitiu que lhe fizessem tudo o que quiseram, pediu que se chamasse o capelão para rezar orações; e, terminadas as orações, pegou na guitarra e no saltério, e sentou-se numa cadeira sem braços, tocando e cantando de modo tão melodioso e admirável, que o seu mestre de música, que então ali estava, ficou maravilhado.

E, perto das doze badaladas, ergueu-se e sentou-se numa grande cadeira de braços, e, dando logo um ou dois fortes suspiros, expirou imediatamente, arrefecendo de súbito, o que causou grande espanto ao médico e ao cirurgião. Morreu em Waltham, em Essex, a três milhas de Chelmsford, e a carta foi enviada a Sir Charles, para a sua casa em Warwickshire; mas ele ficou tão afligido com a morte da filha, que não veio senão depois de ela ter sido sepultada; e, quando veio, mandou exumar o corpo e sepultá-la junto da mãe, em Edmonton, como ela pedira na carta.

## DOROTHY DINGLEY EM LAUNCESTON

## NA CORNUALHA

Atestado pelo Rev. Sr. Ruddle, Ministro dessa vila.

No início do ano de 1665, ocorreu uma doença nesta vila, e alguns dos meus alunos morreram dela. Entre os que sucumbiram à sua malignidade estava John Elliott, o filho primogénito de Edward Elliott, de Treberse, Esq., um rapaz de cerca de dezasseis anos de idade, mas de capacidades invulgares. A seu pedido expresso, preguei no funeral, que teve lugar no dia 20 de Junho de 1665. No meu discurso proferi algumas palavras em louvor do jovem cavalheiro. Um velho fidalgo, que então se encontrava na igreja, ficou muito comovido com o sermão, e foi ouvido frequentemente, nessa mesma noite, a repetir um verso que citei de Virgílio:
"Et puer ipse contrari dignus?"

A causa da preocupação desse velho fidalgo era a aplicação das minhas observações ao seu próprio filho, que, tendo aproximadamente a mesma idade, e sendo apenas alguns meses mais novo do Sr. Elliott, se encontrava agora, por estranho acaso, completamente perdido para as esperanças dos pais.

Terminada a cerimónia fúnebre, ao sair da igreja fui cortêsmente abordado por esse velho fidalgo e, com inusitada insistência, quase forçado contra a minha vontade a passar a noite em sua casa; nem sequer teria podido declinar tanta amabilidade, se não tivesse intercedido o Sr. Elliott. Desculpei-me por então, mas vi-me constrangido a prometer que o visitaria em sua casa na segunda-feira seguinte. Isto pareceu satisfazê-lo, mas antes de segunda recebi uma mensagem pedindo que, se possível, fosse lá no domingo.

Resistindo a essa segunda tentativa, respondi que era-me inconveniente. O fidalgo enviou-me outra carta no sábado, ordenando-me terminantemente que não faltasse na segunda-feira. Fiquei de facto surpreendido com tamanha insistência e comecei a suspeitar que deveria haver algum propósito por trás deste excesso de cortesia.

Na segunda-feira cumpri o prometido dever, e fui recebido com a mesma liberdade com que o convite havia sido importuno. Ali

encontrei também um ministro vizinho, que fingia ter aparecido por acaso; mas, pelo desfecho, supus o contrário. Depois do jantar, esse irmão de batina encarregou-se de me mostrar os jardins, onde, ao passearmos, me insinuou o principal objeto daquela visita.

Primeiro preveniu-me da infelicidade da família em geral, e depois exemplificou com o filho mais novo. Relatou que, até há pouco, fora um jovem promissor, e como agora se tornara melancólico e apático. Em seguida lamentou profundamente que o seu mau humor tivesse subjugado a sua razão de modo tão incrível.

"O pobre rapaz", disse ele, "acredita estar assombrado por fantasmas, e está convencido de que encontra um espírito maligno num certo campo, a cerca de meia milha daqui, sempre que vai por lá a caminho da escola." No meio da nossa conversa, o velho fidalgo e sua esposa aproximaram-se de nós. À sua chegada, e apontando para o caramanchão, o clérigo retomou a narrativa, e os pais do jovem confirmaram o que ele dizia. Em suma, todos desejaram ouvir a minha opinião e conselho sobre o caso.

Respondi que o que o jovem lhes relatara era estranho, mas não incrível, e que não sabia então o que pensar ou dizer sobre o assunto; mas que, se o rapaz se explicasse a mim, esperava poder dar-lhes melhor conta da minha opinião no dia seguinte.

O jovem foi logo chamado, e depressa iniciei uma conferência próxima com ele. Ao princípio tive muito cuidado em não o desagradar, mas procurei granjear a sua confiança. Mas mal tínhamos trocado as primeiras saudações e começado a falar do assunto, percebi que era bastante comunicativo.

Assegurou que era constantemente perturbado pela aparição de uma mulher num campo próximo, chamado Higher Brown Quartils. Disse-me depois, em pranto, que os seus amigos eram tão injustos e cruéis para com ele, que nem acreditavam nem tinham pena dele; e que, se algum homem fosse com ele ao local, poderia convencer-se de que a sua afirmação era verdadeira.

"Essa mulher que me aparece", disse ele, "morava perto do meu pai, e morreu há uns oito anos; chamava-se Dorothy Dingley." Em seguida descreveu a sua estatura, idade e

compleição: que nunca lhe falava, mas passava apressada, cedendo-lhe sempre o caminho, e que normalmente a encontrava duas ou três vezes na largura do campo.

"Passaram-se dois meses", disse ele, "antes que lhe desse qualquer atenção, e embora o rosto estivesse na minha memória, não conseguia recordar o nome; mas concluí que era alguma mulher que vivia na vizinhança e que frequentemente passava por ali. Nem imaginei outra coisa, até que comecei a encontrá-la constantemente de manhã e à noite, e sempre no mesmo campo, e por vezes duas ou três vezes na largura dele.

"A primeira vez que reparei nela foi há cerca de um ano; e quando comecei a suspeitar e a acreditar que era um fantasma, tive coragem suficiente para não sentir medo. Muitas vezes falei com ela, mas nunca obtive resposta. Então mudei de caminho e passei a ir para a escola pela estrada de baixo, mas aí ela aparecia sempre no carreiro estreito, entre o parque da pedreira e o viveiro.

"Por fim comecei a sentir terror, e orava continuamente para que Deus me libertasse dela ou me fizesse saber o significado da sua aparição. Noite e dia, a dormir e acordado, a figura não me saía da mente; e repetia frequentemente estas passagens da Escritura: Jó, vii. 14: 'Tu atemorizas-me com sonhos, e me espantas com visões'; e Deuteronómio, xxviii. 67: 'Pela manhã dirás: Quem dera fosse tarde! e pela tarde dirás: Quem dera fosse manhã! pelo temor do teu coração, com que estarás possuído, e pelo que verás com os teus olhos.'"

Agradou-me muito a aplicação que o rapaz fazia, com tanta franqueza, destes textos pertinentes da Escritura à sua condição, e pedi-lhe que prosseguisse, o que ele fez do seguinte modo:

"Pouco a pouco tornei-me muito pensativo, a ponto de toda a família reparar em mim; sendo insistentemente questionado sobre o assunto, contei-o ao meu irmão William, que em segredo deu conta ao meu pai e à minha mãe. Contudo, eles riram-se de mim, e ordenaram-me que atendesse à escola e mantivesse tais fantasias fora da cabeça. Assim o fiz muitas vezes, mas encontrava sempre a mulher no caminho."

A nossa conferência terminou com a minha proposta de o acompanhar ao campo, proposta que ele recebeu com êxtase;

e assim fomos. O fidalgo, a esposa e o Sr. Williams estavam tão impacientes por saber do resultado, que saíram da sala para o vestíbulo para nos receber; e, vendo o rapaz com ar alegre, o primeiro cumprimento do velho foi: "Então, Sr. Ruddle, falou com o Sam; espero que agora tenha mais juízo: rapaz vadio, rapaz vadio!" A estas palavras o jovem correu escada acima para o seu quarto, sem responder, e logo refreei a curiosidade dos três expectantes, dizendo-lhes que tinha prometido silêncio, e que estava resolvido a cumprir a palavra, mas que em breve tudo saberiam.

Na manhã seguinte, antes das cinco horas, o rapaz já estava no meu quarto; levantei-me e fui com ele. O campo a que me levou tinha vinte acres, ficava em campo aberto, a umas três oitavas de milha de qualquer casa. Não tínhamos percorrido mais de um terço do campo, quando o espectro, em forma de mulher, com todas as circunstâncias que ele me descrevera na véspera no pomar, nos surgiu e passou por nós. Fiquei algo surpreendido; e embora tivesse tomado firme resolução de lhe falar, não tive forças, nem ousadia sequer para olhar para trás.

Caminhámos até ao fim do campo e regressámos, mas o espectro não voltou a aparecer senão uma vez. Ao regressarmos, a senhora aguardava para falar comigo; disse-lhe que, na minha opinião, a queixa do filho não devia ser desprezada, nem totalmente desacreditada. Alertei-a ainda para que o caso não se tornasse público, para que todo o país não viesse a ecoar com o que ainda era incerto.

Na manhã do dia 27 de Julho de 1665, fui sozinho ao campo assombrado, e percorri-o de uma ponta à outra sem qualquer encontro. Voltei e segui o outro caminho, e então o espectro apareceu-me quase no mesmo lugar onde o vira antes, quando estava acompanhado pelo jovem; na minha ideia movia-se mais depressa que da primeira vez, e estava a cerca de três metros de mim, à minha direita.

Na tarde desse dia, estando os pais, o filho e eu no quarto onde eu ficava, propus irmos todos juntos ao local na manhã seguinte; e todos concordaram. De manhã, para não alarmarmos os criados, saíram sob o pretexto de ver um campo de trigo, e eu fui a cavalo, por outro caminho em volta, e encontrámo-nos no portão que tínhamos combinado.

Daí entrámos os quatro calmamente nos Quartils, e tínhamos já atravessado mais de metade do campo quando o espectro surgiu. Veio por sobre o portão mesmo diante de nós, e moveu-se com tal rapidez, que quando tínhamos dado seis ou sete passos já nos havia passado.

Voltei-me de imediato e corri atrás dele, com o jovem ao meu lado; vimo-lo atravessar o portão por onde entráramos, mas nada mais; subi à sebe num ponto e ele noutro, mas não conseguimos discernir coisa alguma, quando ouso afirmar que nem o cavalo mais veloz de Inglaterra poderia ter desaparecido de vista em tão curto espaço de tempo. Duas coisas observei nessa aparição:

1. Que um cão spaniel, que seguira o grupo despercebido, ladrou e fugiu quando o espectro passou; donde se pode facilmente concluir que não era o nosso medo ou imaginação que criava a aparição.
2. Que o movimento do espectro não era gradatim, ou em passos, com movimento dos pés; mas uma espécie de deslizar, como crianças no gelo, ou um barco descendo um rio caudaloso, o que corresponde pontualmente à descrição que os antigos davam do movimento dos seus lémures.

Esta evidência ocular convenceu, mas assustou estranhamente o velho fidalgo e a sua esposa; que tinham conhecido Dorothy Dingley em vida, estiveram no seu funeral, e reconheceram claramente os seus traços nesta aparição presente. Eu estava resolvido a prosseguir, e a usar os meios que homens letrados tinham praticado com êxito nestes casos invulgares.

Na manhã seguinte, sendo quinta-feira, saí muito cedo sozinho, e caminhei durante cerca de uma hora em meditação e oração nos campos adjacentes aos Quartils. Pouco depois das cinco saltei o portão e entrei no campo perturbado, e não tinha andado mais de trinta ou quarenta passos quando o espectro surgiu no portão oposto. Falei-lhe em voz alta, ao que se aproximou lentamente, e quando cheguei perto não se moveu. Tornei a falar-lhe, e respondeu numa voz nem muito audível nem inteligível. Não senti o menor terror, e portanto insisti, até que voltou a falar e me satisfez.

Na mesma tarde, uma hora depois do pôr-do-sol, encontrou-me de novo quase no mesmo lugar, e após poucas palavras de

parte a parte desapareceu serenamente, e nunca mais tornou a aparecer, nem jamais voltará a perturbar alguém. A conversa daquela manhã durou cerca de um quarto de hora.

## APARIÇÃO DO LORD TYRONE A LADY BERESFORD

Lord Tyrone e a Sr.ª — nasceram na Irlanda e ficaram órfãos ainda na infância, ao cuidado da mesma pessoa, por quem foram ambos educados nos princípios do deísmo.
Falecendo o tutor quando ambos tinham cerca de catorze anos, caíram em mãos muito diferentes. Embora separados, a amizade entre eles foi inalterável, e continuaram a considerar-se com sincera e fraterna afeição.

Passados alguns anos, e já adultos, fizeram uma promessa solene um ao outro de que, morrendo primeiro um deles, se fosse permitido, apareceria ao outro para declarar qual a religião mais aprovada pelo Ser Supremo. Pouco depois, a Sr.ª — recebeu propostas de Sir Martin Beresford, com quem veio a casar; mas a mudança de condição não teve poder para alterar a amizade. As famílias visitavam-se mutuamente, e passavam muitas vezes algumas semanas juntas. Pouco tempo após uma dessas visitas, Sir Martin reparou que, quando a esposa desceu para o pequeno-almoço, trazia o semblante perturbado, e inquiriu pela sua saúde. Ela assegurou-lhe que estava perfeitamente bem.

Perguntou-lhe então se tinha magoado o pulso: "Entorsei-lo?", disse ele, observando uma fita preta à volta. Ela respondeu negativamente e acrescentou: "Conjuro-o, Sir Martin, que nunca inquira a razão de eu usar esta fita; nunca me verá sem ela. Se lhe dissesse respeito como marido sabê-lo, eu não o ocultaria por um instante; nunca, em toda a minha vida, lhe neguei um pedido, mas, quanto a isto, rogo-lhe que me perdoe a recusa e nunca mais insista no assunto." "Muito bem", disse ele, sorrindo, "já que mo pede com tanta insistência, não perguntarei mais."

Aqui terminou a conversa; mas mal o pequeno-almoço acabou, Lady Beresford perguntou com avidez se já tinha chegado o correio; disseram-lhe que não. Poucos minutos depois tocou novamente e repetiu a pergunta. Responderam-lhe de novo o mesmo. "Esperas cartas?", disse Sir Martin, "para estares assim tão ansiosa pela chegada do correio?" "Espero", respondeu ela,

"espero saber que Lord Tyrone morreu; morreu na última terça-feira às quatro horas." "Nunca na minha vida", disse Sir Martin, "julguei que fosses supersticiosa; algum sonho tolo te alarmou assim." Nesse instante entrou o criado e entregou-lhes uma carta selada com lacre preto. "É como eu esperava", exclamou Lady Beresford, "Lord Tyrone está morto."

Sir Martin abriu a carta; vinha do administrador de Lord Tyrone e continha a melancólica notícia da morte do seu amo, precisamente no dia e hora que Lady Beresford havia indicado. Sir Martin pediu a Lady Beresford que se recomposesse, e ela assegurou-lhe que se sentia muito mais descansada do que havia muito tempo; e acrescentou: "Posso comunicar-te uma notícia que sei que te será agradável; posso assegurar-te, sem possibilidade de dúvida, que dentro de alguns meses te darei um filho." Sir Martin recebeu esta notícia com a maior alegria. Passados alguns meses, Lady Beresford deu à luz um filho (já antes fora mãe de duas filhas).

Sir Martin sobreviveu pouco mais de quatro anos ao nascimento do filho.
Após o falecimento dele, a viúva raramente saia de casa; não visitava família alguma, salvo a de um clérigo que residia na mesma aldeia; com eles passava frequentemente algumas horas todos os dias; o resto do tempo era passado em solidão, e parecia determinada a evitar para sempre toda a outra sociedade. A família do clérigo consistia nele próprio, na mulher e num filho que, à época da morte de Sir Martin, era ainda muito jovem; a esse filho, porém, ela veio a casar passados alguns anos, não obstante a disparidade de idades e a manifesta imprudência de uma ligação tão desigual sob todos os pontos de vista.

Lady Beresford foi tratada pelo jovem marido com desprezo e crueldade, ao mesmo tempo que a sua conduta mostrava ser ele o mais abandonado libertino, totalmente destituído de quaisquer princípios de virtude e humanidade. Deste segundo marido teve duas filhas; depois disso, tal foi a baixeza do seu procedimento que ela insistiu numa separação. Separaram-se por alguns anos e, tão grande foi a contrição que ele manifestou pela conduta passada, que, vencida pelas suas súplicas, promessas e rogos, ela deixou-se persuadir a perdoar

e a residir com ele uma vez mais, e, com o tempo, foi mãe de um filho.

No dia em que fazia um mês de resguardo, sendo o aniversário do seu nascimento, mandou chamar Lady Betty Cobb (de cuja amizade gozava havia muito) e alguns outros amigos, pedindo-lhes que passassem com ela o dia. Por volta das sete, entrou no quarto o clérigo que a batizara e com quem fora íntima toda a vida, para saber do seu estado. Disse-lhe que estava perfeitamente bem e pediu-lhe que passasse o dia com eles; pois, disse, "Hoje é o meu aniversário.

Faço quarenta e oito anos." "Não, minha senhora", respondeu o clérigo, "está enganada; sua mãe e eu tivemos muitas disputas a respeito da sua idade; e afinal descobri que eu tinha razão. Aconteceu que, na semana passada, fui à paróquia onde nasceu; resolvi pôr termo à disputa; examinei o registo e verifico que hoje completa apenas quarenta e sete anos." "Acabou de assinar a minha sentença de morte", exclamou; "restam-me então poucas horas de vida. Por isso devo implorar-lhe que me deixe imediatamente, pois tenho algo importante a resolver antes de morrer."

Saindo o clérigo, Lady Beresford mandou prevenir a companhia para não vir, e ao mesmo tempo rogou a Lady Betty Cobb e a seu filho (de quem Sir Martin era pai, e que então tinha cerca de vinte e dois anos) que viessem imediatamente ao seu quarto.

Chegados eles, tendo ordenado aos criados que se retirassem, "Tenho", disse, "algo da maior importância a comunicar a ambos antes de morrer; acontecimento que não está distante. Vós, Lady Betty, não ignorais a amizade que existiu entre Lord Tyrone e mim; fomos educados sob o mesmo tecto e nos mesmos princípios de deísmo. Quando os amigos, em cujas mãos depois caímos, procuraram persuadir-nos a abraçar a religião revelada, os argumentos deles, embora insuficientes para convencer, foram poderosos bastante para abalar os nossos sentimentos anteriores e deixar-nos hesitantes entre as duas opiniões: neste estado perplexo de dúvida e incerteza, fizemos uma promessa solene um ao outro, de que, morrendo primeiro qualquer de nós, (se lhe fosse permitido) apareceria ao outro e declararia qual a religião mais aceitável a Deus:

assim aconteceu que, certa noite, estando Sir Martin e eu deitados, acordei de súbito e dei com Lord Tyrone sentado à beira da minha cama.

Gritei e procurei acordar Sir Martin: 'Pelo amor do Céu', exclamei, 'Lord Tyrone, por que meios, ou por que motivo, viestes aqui a estas horas da noite?' 'Esquecestes então a nossa promessa?', disse ele. 'Morri na última terça-feira às quatro horas, e foi-me permitido pelo Ser Supremo aparecer-vos para vos assegurar que a religião revelada é verdadeira, e a única pela qual podemos ser salvos.

Além disso, é-me consentido informar-vos de que em breve dareis à luz um filho, a quem está decretado casar com a minha filha; poucos anos após o seu nascimento, Sir Martin morrerá, e tornareis a casar, com um homem cujo mau trato vos fará miserável: tereis duas filhas e, depois, um filho, no parto do qual morrereis no quadragésimo sétimo ano da vossa idade.' 'Justos Céus!', exclamei, 'e não o poderei evitar?' 'Sem dúvida que podeis', replicou o espectro; 'sois um agente livre e podeis evitar tudo isso, resistindo a toda e qualquer tentação de segundas núpcias: mas as vossas paixões são fortes, não conheceis o seu poder; até agora não fostes provada. Mais não me é permitido revelar, mas, se depois deste aviso persistirdes na vossa impiedade, a vossa sorte no outro mundo será deveras miserável!'

'Não poderei perguntar', disse eu, 'se estais feliz?' 'Se não o estivesse', respondeu, 'não me teria sido permitido aparecer-vos.' 'Posso então deduzir que estais feliz?' Ele sorriu. 'Mas como', disse eu, 'quando chegar a manhã, saberei que a vossa aparição foi real e não simples representação da minha imaginação?' 'Não bastará a notícia da minha morte para vos convencer?' 'Não', tornei eu: 'podia ter tido tal sonho, e esse sonho realizar-se por acaso.

Quero provas mais fortes da sua realidade.' 'Tê-las-eis', disse ele; e, agitando a mão, as cortinas da cama, que eram de veludo carmesim, foram imediatamente puxadas através de um grande aro de ferro pelo qual se suspendia o docel do leito. 'Nisto', disse ele, 'não vos podeis enganar; nenhum braço mortal poderia ter feito tal coisa.' 'É verdade', disse eu, 'mas, a dormir, muitas vezes possuímos muito mais força do que

acordados; embora acordada não o pudesse fazer, a dormir talvez pudesse; e ainda duvidarei.' 'Aqui tendes um porta-notas; nele', disse, 'escreverei o meu nome: conheceis a minha letra.'

Respondi: 'Conheço.' Escreveu a lápis num dos lados das folhas. 'Ainda assim', disse eu, 'de manhã poderei duvidar; embora acordada não conseguisse imitar a vossa letra, a dormir talvez pudesse.' 'Sois de crença difícil', disse ele: 'isso vos seria irremediavelmente nocivo; não é próprio dos espíritos tocarem na carne mortal.' 'Não me importo', disse eu, 'com uma ligeira mácula.' 'Sois mulher de coragem', replicou, 'estendei a mão.' Estendi: ele feriu-me o pulso: a sua mão era fria como mármore: num instante os tendões encolheram, todo o nervo mirrou. 'Agora', disse ele, 'enquanto viverdes, que olho mortal não contemple esse pulso: vê-lo é sacrilégio.' Calou-se; voltei-me de novo para ele; tinha desaparecido.

Durante o tempo em que conversei com ele os meus pensamentos estavam perfeitamente calmos e recolhidos, mas no momento em que se foi senti-me gelada de horror; a própria cama moveu-se debaixo de mim; tentei, mas em vão, acordar Sir Martin: todos os meus esforços foram inúteis, e, neste estado de agitação e terror, fiquei algum tempo, até que um pranto copioso me veio em auxílio e adormeci. De manhã, Sir Martin levantou-se e vestiu-se como de costume, sem perceber o estado em que tinham ficado as cortinas.

Quando acordei, achei que Sir Martin tinha descido: levantei-me e, depois de vestir a roupa, fui à galeria contígua ao aposento e de lá tirei uma vassoura comprida (daquelas com que se varrem as sancas): com a ajuda dela, e com alguma dificuldade, tirei as cortinas, pois imaginei que a sua posição extraordinária poderia levantar suspeitas na família. Depois fui ao secretário, peguei no meu porta-notas e atei uma fita preta à volta do pulso.

Quando desci, a agitação do meu espírito deixara no meu semblante uma impressão demasiado visível para passar despercebida ao meu marido. Notou-a imediatamente e perguntou a causa; informei-o de que Lord Tyrone não existia mais, que morrera às quatro horas da terça-feira precedente, e pedi-lhe que nunca mais me questionasse a respeito da fita

preta; ao que ele, bondosamente, deixou de o fazer. Tu, meu filho, como fora predito, trouxe-te depois ao mundo, e pouco mais de quatro anos após o teu nascimento expirou nos meus braços o teu chorado pai.

"Após este melancólico acontecimento, determinei, como a única hipótese provável de evitar a continuação da predição, abandonar para sempre toda a sociedade; renunciar a todo o prazer dela resultante e passar o resto dos meus dias em solidão e recolhimento. Mas poucos podem suportar por muito tempo existir em estado de perfeita reclusão: iniciei uma intimidade com uma família — com uma só; nem então poderia prever as fatais consequências que daí adviriam.

Pouco pensava eu que o filho deles, o único filho, então um simples rapaz, seria a pessoa destinada pelo fado a provar a minha perdição. Em muito poucos anos deixei de o encarar com indiferença; esforcei-me por todos os meios possíveis por vencer uma paixão cujos efeitos fatais eu conhecia demasiado bem. Imaginei, lisonjeando-me, tê-la dominado, quando a tarde de um dia funesto pôs termo à minha fortaleza e me lançou, num instante, naquele abismo que por tanto tempo meditara como evitar.

Muitas vezes pedira ele aos pais licença para ir para o Exército e, por fim, obteve-a; veio despedir-se de mim antes da partida. Mal entrou no quarto caiu de joelhos a meus pés, disse-me que era infeliz e que eu só era a causa. Nesse momento a minha fortaleza abandonou-me, dei-me por perdida e, encarando o meu destino como inevitável, consenti sem mais hesitação numa união cujo resultado imediato eu sabia ser a desgraça, e o fim, a morte.

A conduta do meu marido, passado alguns anos, justificou amplamente uma separação, e eu esperava por este meio evitar a sequência fatal da profecia; mas, vencida pelas suas reiteradas súplicas, deixei-me persuadir a perdoar e a residir com ele mais uma vez, embora não antes de, como supunha, ter ultrapassado o meu quadragésimo sétimo ano.

"Mas, ai de mim! Soube hoje, por autoridade indisputável, que até aqui vivi equivocada quanto à minha idade, e que apenas completo quarenta e sete anos neste dia. Do aproximar-se da minha morte, portanto, não alimento a mais pequena dúvida.

"Quando eu morrer, como a necessidade do segredo cessa com a minha vida, desejaria que vós, Lady Betty, me desatasses o pulso, tirasses daí a fita preta e que o meu filho, contigo, a contemplasse."

Aqui Lady Beresford calou-se por algum tempo, mas, retomando a conversa, rogou ao filho que se portasse de maneira a merecer a alta honra que no futuro receberia de uma união com a filha de Lord Tyrone.

Lady B. manifestou então desejo de se deitar na cama e tentar compor-se para dormir. Lady Betty Cobb e o filho chamaram imediatamente os criados e deixaram o quarto, depois de primeiro lhes pedirem que vigiassem atentamente a sua ama e, se notassem a menor mudança nela, que chamassem sem demora.

Passou uma hora e tudo estava quieto no quarto. Escutaram à porta, e tudo permanecia em silêncio; mas, meia hora depois, tocou violentamente uma campainha; voaram ao seu aposento, mas, antes de chegarem à porta, ouviram a criada exclamar: "Oh, ela está morta!" Lady Betty ordenou então aos criados que saíssem do quarto por alguns minutos e, com o filho de Lady Beresford, aproximou-se da cama da mãe dele; ajoelharam junto dela; Lady Betty ergueu então a mão e desatou a fita; o pulso foi encontrado exactamente como Lady Beresford o descrevera: cada tendão encolhido, cada nervo mirrado.

O filho de Lady Beresford, como fora predito, casou depois com a filha de Lord Tyrone: a fita preta e o porta-notas estiveram em tempos na posse de Lady Betty Cobb, Marlborough Buildings, Bath, a qual, durante a sua longa vida, esteve sempre pronta a atestar a veracidade desta narração, como o está, até à presente hora, toda a família de Tyrone e a de Beresford.

## DUAS APARIÇÕES AO SR. WILLIAM LILLY

O caso seguinte despertou considerável interesse no Norte por volta de meados do século passado: — No primeiro domingo do ano de 1749, o Sr. Thomas Lilly, filho de um lavrador na paróquia de Kelso, em Roxburghshire, um jovem destinado à Igreja da Escócia, ficou em casa a tomar conta da casa, na

companhia de um rapaz pastor, estando o resto da família, excepto uma criada, na igreja. O jovem estudante e o rapaz estavam junto ao fogo, enquanto a moça fora ao poço buscar água, quando um venerável velho, trajando à antiga, se apresentou e, depois de alguma pequena cerimónia, pediu ao estudante que pegasse na Bíblia da família, que estava sobre uma mesa, e passasse a um certo capítulo e versículo do Segundo Livro dos Reis. O estudante assim fez e leu — "Há morte na panela."

Ao que o velho, com grande agitação aparente, apontou para a grande panela da família, a ferver no lume, declarando que a criada tinha lançado ali grande quantidade de arsénico, com intenção de envenenar toda a família, para assim poder roubar a casa das cem guinéus que sabia que o amo recentemente recebera por ovelhas e cereal que vendera. No preciso instante em que assim falava, a criada chegou à porta. O velho disse ao estudante: lembra-te do meu aviso e salva a vida da família! — e nesse instante desapareceu.

A criada entrou com ar sorridente, esvaziou o balde e voltou ao poço para novo fornecimento. Entretanto, o jovem Lilly deitou um pouco de farinha de aveia para um prato de madeira, desnatou a panela da gordura e misturou para o que se chama brose ou croudy; e, quando a criada regressou, ele e o rapaz aparentavam estar ocupados a comer a mistura. "Anda, Peggy", disse o estudante, "aqui sobra para ti; não gostas de croudy?"

Ela sorriu, pegou no prato e, alcançando uma colher de corno, retirou-se para o quarto dos fundos. O cão do pastor seguiu-a, sem ser visto pelo rapaz, e o pobre animal, quando a croudy foi pousada pela criada, caiu vítima do seu apetite voraz; pois, antes do regresso da família da igreja, estava enormemente inchado e expirou em grande agonia.

O estudante recomendou ao rapaz que por ora se mantivesse completamente passivo; entretanto procurou mostrar a sua argúcia, atribuindo a causa da catástrofe canina à loucura, a fim de manter a rapariga à vontade até que se apresentasse ocasião propícia para descobrir o enredo.

Pouco depois, o pai e a família, com os outros criados, regressaram da igreja. A mesa encheu-se imediatamente de

malgas e pratos de madeira, enquanto um monte de bannocks de cevada ornava o topo. O caldo de couves, com alho-francês ou repolhos de inverno, foi servido em abundância; e Peggy, com mão pródiga, encheu todas as tigelas com os singelos manjares de Tiviotdale. O amo começou a bênção, e todos os chapéus e carapuças foram logo retirados! "Ó Senhor", orou o lavrador, "temos ouvido a tua palavra da boca do teu velho servo, o Sr. Ramsay; fomos alarmados pela terrível fome em Samaria, e por haver morte na panela!" Aqui o jovem estudante interrompeu o pai, exclamando — "Sim, senhor, senhor, há morte na panela aqui e agora, assim como outrora houve em Israel! — Não toquem! não provem! Vede o cão morto junto da panela envenenada!"

"O quê!", bradou o lavrador, "andaste a invocar o diabo com as tuas conjurações? É este o efeito do teu estudo, senhor?" — "Não, pai", disse o estudante, "não pretendo tais artes de magia ou necromancia, mas hoje, como o rapaz pode testemunhar, tive um aviso solene de alguém que não tomo por demónio, mas por um bom anjo. A ele todos devemos a vida. Quanto à Peggy, segundo a sua indicação, ela pôs veneno na panela com o propósito de destruir toda a família."

Aqui a rapariga caiu numa espécie de ataque, do qual, sendo com alguma dificuldade reanimada, confessou todo o seu desígnio mortífero, e foi-lhe permitido abandonar a família e a sua pátria. Pouco depois foi executada em Newcastle-upon-Tyne pelo assassínio do seu filho ilegítimo, voltando então a fazer ampla confissão do plano diabólico acima referido.

Em 1750, o mesmo jovem Lilly lia um dia o capítulo 20 do Apocalipse de João, o Divino, precisamente quando ia a entrar na parte que descreve o anjo a prender o diabo por mil anos, "após o que seria solto por um pouco", quando uma personagem muito venerável lhe apareceu ao cotovelo: o jovem caiu no chão, mas ergueu-se rapidamente e, em nome do Senhor, exigiu saber quem era e a natureza do seu negócio. Seguiu-se então o seguinte colóquio:

Lilly. Dever-te-ei chamar Satanás, a serpente tortuosa, o diabo, Belzebu, ou Lúcifer, filho da manhã?
Apar. — Sou um mensageiro dos mortos, para ver ou fazer com que se faça justiça a ti e a teu pai. Sou o espírito de um dos

teus antepassados!
Lilly. — És tu a alma de meu avô, que, em meio a imensas riquezas, pereceu por falta de alimento?
Apar. — Acertaste. O dinheiro foi a minha divindade, e Mamom o meu senhor. Amealhei ouro, mas não o gozei.
Lilly. — Tenho ouvido frequentemente meu pai falar de ti como de um homem sórdido, avaro, miserável. Como dispuseste das imensas riquezas que se diz teres acumulado?
Apar. — Estão, na sua maior parte, escondidas num campo, na quinta de teu pai, e tenciono que tu, seu filho, sejas o único possuidor delas, sem que permitas que teu pai saiba de onde te vieram os haveres. Não reconheces o meu rosto desde o princípio do ano passado?
Lilly. — És o velho cavalheiro cuja oportuna informação salvou a vida de toda a nossa família?
Apar. — Sou. Não julgues, portanto, que teu pai já foi mal recompensado.
Lilly. — Como poderei dar-lhe contas do súbito ajuntamento de tanto dinheiro como pareces insinuar?
Apar. — Vinte mil libras esterlinas!
Lilly. — Pareces, mesmo agora, no teu estado desencarnado, sentir grande emoção à menção de tanto dinheiro.
Apar. — Mas agora não posso tocar no dinheiro dos mortais. Não posso ficar. Segue-me ao campo, e indicar-te-ei o lugar preciso onde hás-de cavar.

Aqui a aparição saiu, a passos largos, à volta do terreiro do celeiro, e Lilly seguiu-a, até que chegou a um campo a cerca de três oitavas de milha da porta de seu pai; então a aparição ficou imóvel sobre certo ponto, deu três voltas e desvaneceu-se no ar.

Este veio a ser precisamente o lugar que o jovem Lilly e os seus companheiros tantas vezes tinham consagrado ao recreio, sendo uma cavidade de onde em tempos se extraíra pedra. Perdeu pouco tempo em considerações, pois, tendo arranjado uma picareta e uma pá, realmente descobriu o tesouro. A sua imensa riqueza permitiu-lhe praticar muitos atos de caridade nessa região, como muitos podem atestar até hoje.

As panelas nas quais o dinheiro, composto de grandes peças de ouro e prata, foi depositado, têm sido muitas vezes mostradas

como curiosidades dificilmente igualáveis no sul da Escócia. — Mundo dos Espíritos, 1796.

## MR. BOOTY E A TRIPULAÇÃO DO NAVIO

Nenhuma circunstância ligada a aparições sobrenaturais ocasionou mais altercação e controvérsia do que a abaixo mencionada. A narrativa tem, decerto, um ar de credulidade exagerada; não obstante, o caso é curioso, e a coincidência muito notável, sobretudo por ter servido de salvo-conduto ao capitão Barnaby. A primeira parte desta narrativa é transcrita do diário, ou caderno de bordo, do capitão Spinks, e a última dos Registos do King's Bench da época.

Terça-feira, 12 de Maio, hoje o vento SSO., e, pouco antes das quatro da tarde, fundeámos em Manser Road, onde estavam os capitães Bristo, Brian e Barnaby, todos com destino a Lucera para carregar.

Quarta-feira, 13 de Maio, levantámos ferro e, à tarde, fui a bordo do capitão Barnaby, e por volta das duas horas todos içámos vela para a ilha de Lucera, vento OSO. e tempo áspero. Quinta-feira, 14, pelas duas horas vimos a ilha e todos fundeámos em doze braças de água, vento OSO.; e no dia 15 de Maio tivemos uma observação do Sr. Booty do modo seguinte: os capitães Bristo, Brian e Barnaby foram em terra caçar colues em Stromboli; quando terminámos, chamámos os nossos homens, e, cerca de catorze minutos depois das três da tarde, para nossa grande surpresa, vimos dois homens passarem a correr diante de nós com uma rapidez espantosa: o capitão Barnaby disse:

"Deus me valha, o da frente parece-se com o meu vizinho da porta ao lado, o velho Booty", mas disse não conhecer o outro que vinha atrás. Booty trazia roupa cinzenta e o de trás roupa preta; vimo-nos correrem para dentro da montanha ardente, no meio das chamas, ao que ouvimos um terrível ruído, demasiado horrível para ser descrito: o capitão Barnaby pediu-nos então que olhássemos para os nossos relógios, apontássemos a hora nos porta-notas e a lançássemos nos diários, o que fizemos.

Quando estivemos carregados, todos singrámos para Inglaterra e chegámos a Gravesend a 6 de Outubro de 1687. A Sra. Barnaby e a Sra. Brian vieram felicitar a nossa chegada em segurança, e, após alguma conversa, disse a mulher do capitão Barnaby: "Meu caro, tenho notícias para te dar; o velho Booty morreu." Ele jurou e disse: "Todos nós o vimos correr para o 'inferno'."

Algum tempo depois, a Sra. Barnaby encontrou em Londres uma senhora de seu conhecimento e contou-lhe o que o marido tinha visto acerca do Sr. Booty; chegou aos ouvidos da Sra. Booty; esta prendeu o capitão Barnaby numa acção de 1000 libras. Ele deu fiança, e o caso foi a julgamento no Tribunal do King's Bench, onde as roupas do Sr. Booty foram levadas a juízo.

O sacristão da paróquia e as pessoas que com ele estavam quando morreu juraram quanto à hora em que faleceu, e nós jurámos pelos nossos diários, e ambos concordaram dentro de dois minutos: doze dos nossos homens juraram que os botões do casaco eram cobertos do mesmo tecido cinzento que o casaco, e assim parecia ser: o júri perguntou ao Sr. Spinks se conhecera o Sr. Booty em vida; ele disse que nunca o vira até ao momento em que o viu correr por ele adentro da montanha ardente. Disse então o juiz: "O Senhor me conceda que eu nunca veja o que vós vistes: um, dois ou três podem enganar-se, mas vinte ou trinta não." Assim a viúva perdeu a causa.

N. B. Consta agora nos registos de Westminster.
Jaime II, 1687,
Herbert, Juiz-Chefe,
Wythens,
Holloway,
E Wright,
Juízes

## A APARIÇÃO DE EDWARD AVON A THOMAS GODDARD

Thomas Goddard, de Marlborough, Wilts, tecelão, prestou depoimento a 23 de Novembro de 1674. Diz ele que, na segunda-feira, dia 9 do corrente, indo para Ogborn, a um portão no caminho-real perto das terras do Sr. Goddard, pelas nove da manhã, encontrou a aparição do seu sogro, um certo Edward Avon, desta vila, luveiro, que falecera em Maio passado, trazendo, quanto à sua aparência, as mesmas roupas, chapéu, meias e sapatos que costumava usar em vida, de pé e encostado a esse portão. Quando se aproximou, a aparição falou-lhe com voz audível estas palavras: "Tens medo?"

Ao que ele respondeu: "Estou a pensar numa pessoa que está morta e sepultada, a quem te assemelhas." Ao que a aparição replicou, com voz semelhante: "Sou aquele em quem pensavas; sou Edward Avon, teu sogro: aproxima-te de mim, não te farei mal." Ao que Goddard respondeu: "Confio n'Aquele que comprou a minha alma com o seu precioso sangue; não me farás mal." Então disse a aparição: "Como estão as coisas em casa?" Goddard perguntou: que coisas?

Então perguntou: "Como estão o William e a Mary?" querendo dizer, como concebeu, seu filho William Avon, sapateiro aqui, e Mary, sua filha, a dita mulher de Goddard. Então disse: "Quê! O Taylor morreu"; referindo-se, como ele supôs, a um tal Taylor de Londres, que casara com sua filha Sarah, o qual Taylor morrera no São Miguel anterior. Então a aparição estendeu a mão e, nela, como Goddard entendeu, vinte ou trinta xelins em prata, e depois falou em alta voz: "Toma este dinheiro e envia-o a Sarah; pois fechei as minhas entranhas de compaixão para com ela no tempo da minha vida, e agora aqui vai algo para ela."

E acrescentou: "A Mary (querendo dizer, como ele concebeu, sua, a dita, mulher de Goddard) está aflita por minha causa; mas dize-lhe que Deus me mostrou misericórdia, contrariamente aos meus merecimentos." Mas disse o referido Goddard: "Em nome de Jesus Cristo recuso todo esse dinheiro." Disse então a aparição: "Vejo que tens medo; encontrar-me-ei contigo outra vez." E imediatamente, segundo lhe pareceu, subiu pela vereda, e ele passou o mesmo portão, mas não a viu mais nesse dia.

Ele diz que, na noite seguinte, por volta das sete horas, ela veio e abriu a janela da sua loja, e ficou com as mesmas roupas, olhou-o de frente, mas nada lhe disse. E, na noite seguinte, tornou a aparecer-lhe com a mesma figura; mas ele, por medo, correu para dentro de casa e não a tornou a ver então.

Mas diz que, na quinta-feira, dia 12 do corrente, ao vir de Chilton, descendo a colina entre a casa senhorial e o campo da quinta de Axford, viu algo como uma lebre a cruzar-lhe o caminho, ao que o seu cavalo se assustou e o atirou ao chão lamacento. Mal conseguiu pôr-se de pé, a mesma aparição lhe saiu ao encontro no mesmo traje e, ficando a uns oito pés diretamente diante dele no caminho, tornou a falar-lhe em voz alta: "Source" (palavra que ele usava vulgarmente em vida), "demoraste-te."

E depois disse-lhe: "Thomas, diz a William Avon que leve a espada que ele recebeu de mim, que está agora em sua casa, e a carregue para o bosque quando formos a Alton, até à extremidade superior do bosque, junto ao caminho; pois com essa espada cometi um mal há cerca de trinta anos, e ele nunca prosperou desde que tem essa espada; e diz a William Avon que dê à irmã, Sarah, vinte xelins do dinheiro que recebeu de mim. E fala tu com Edward Lawrence, pois pedi-lhe emprestados vinte xelins há vários anos, e disse que lhos pagara, mas não lhos paguei; e desejaria que lhe pagasses vinte xelins do dinheiro que recebeste de James Elliot em dois pagamentos."

Que dinheiro, diz agora o referido Goddard, eram cinco libras, que James Elliot, padeiro aqui, devia ao dito Avon por obrigação, e que ele, o dito Goddard, recebera do dito Elliot desde o São Miguel, em dois pagamentos, a saber: 35 xelins de uma vez, e £3 5s. noutro pagamento. E disse-lhe ainda: "Diz a Margaret (querendo dizer a sua própria mulher, como ele concebeu) que eu desejaria que entregasse o pequeno [objeto] que dei à pequena Sarah Taylor à criança, ou a quem quer que ela confie para isso.

Mas, se ela não quiser, fala a Edward Lawrence para a persuadir. Mas, se mesmo então não quiser, diz-lhe que a verei muito em breve. E vê que isto seja feito dentro de um ano e um dia após o meu falecimento, e a paz seja contigo." Depois

foi por cima das ripas para dentro do bosque, e ele não a viu mais naquela ocasião. E diz que pagou os vinte xelins a Edward Lawrence, desta vila, o qual, estando presente agora, se lembra de ter emprestado ao dito Avon vinte xelins há cerca de vinte anos, o que ninguém sabia senão ele próprio e a mulher, e Avon e a mulher dele; e nunca lhos pagaram até agora por este Goddard.

E o referido Goddard diz ainda que, neste mesmo dia, por ordem do Presidente da Câmara, ele, com o seu cunhado, William Avon, foi com a espada e, por volta das nove da manhã, depuseram a espada no matagal perto do lugar que a aparição designara a Goddard para a levar, e, ao se afastarem dali, Goddard, olhando para trás, viu de novo a mesma aparição, com o mesmo traje de antes.

Pelo que chamou ao cunhado e disse: "Aqui está a aparição de nosso pai"; ao que ele disse: "Nada vejo." Então Goddard caiu de joelhos e disse: "Senhor, abre-lhe os olhos para que a veja." Mas ele respondeu: "Senhor, concede que eu não a veja, se for da tua santa vontade", e então a aparição, ao parecer de Goddard, acenou-lhe com a mão para que se aproximasse. E então Goddard disse: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que quereis que eu faça?" Disse-lhe então a aparição: "Thomas, ergue a espada e segue-me."

Ao que ele disse: "Iremos ambos, ou apenas um de nós?" Ao que respondeu: "Thomas, tu é que deves erguer a espada." E assim ele pegou na espada e seguiu a aparição uns dez lugs (isto é, varas) mais para dentro do matagal e, depois voltando-se, ficou parado a cerca de uma vara e meia dela, ficando o cunhado para trás no lugar onde primeiro tinham deposto a espada. Então, pondo Goddard a espada no chão, viu algo junto da aparição como um cão mastim, de cor castanha.

Depois, vindo a aparição na direção de Goddard, ele recuou cerca de dois passos, e a aparição disse-lhe: "Tenho permissão quanto a ti e comissão para não te tocar"; e então ergueu a espada e voltou ao lugar onde antes estivera, com o cão mastim junto de si como dantes, e apontou a ponta da espada para o chão, e disse: "Neste lugar jaz sepultado o corpo daquele a quem assassinei no ano de 1635, que agora está podre e tornado em pó." Pelo que disse Goddard: "Eu te

conjuro, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo: por que motivo cometeste esse assassínio?" E ela disse: "Tirei dinheiro ao homem, e ele contendeu comigo, e assim o assassinei." Então Goddard perguntou-lhe quem fora cúmplice com ele no dito assassínio; e ela disse: "Ninguém senão eu." Então disse Goddard: "Que quereis vós que eu faça quanto a isto?" E a aparição disse: "Isto é para que o mundo saiba que assassinei um homem e o sepultei neste lugar, no ano de 1635."

Então a aparição pousou a espada no chão nu, onde nada crescia, mas que a Goddard lhe pareceu ser como uma cova afundada. A aparição então, precipitando-se mais para dentro do matagal, desvaneceu-se, e ele não a viu mais. Pelo que Goddard e o seu cunhado Avon, deixando ali a espada e indo embora juntos, Avon disse a Goddard que ouvira a sua voz e entendera o que ele dissera, e ouvira outras vozes distintas da dele, mas não pudera entender palavra alguma, nem vira aparição nenhuma. O que agora também afirma, estando presente, e tudo o que o referido Goddard então atestou por sua mão, e afirmou que deporá o mesmo quando para isso for requerido.

Na presença de Christ. Lypyatt, Presidente da Câmara, Rolf Bayly, Escrivão da Vila, Joshua Sacheveral, Reitor de St. Peter's, em Marlborough.

## DE UM HOLANDÊS QUE CONSEGUIA VER FANTASMAS, E DO FANTASMA QUE VIU NA VILA DE WOODBRIDGE, EM SUFFOLK

O Sr. Broom, ministro de Woodbridge, em Suffolk, encontrando um dia, numa barbearia daquela vila, um tenente holandês (que fora lançado pelos ares com Opdam, e retirado vivo da água, e levado para aquela vila, onde estava prisioneiro à solta), em virtude de certa conversa, ouviu dele que conseguia ver fantasmas, e que vira diversos. O Sr. Broom, repreendendo-o por falar tão tolamente, ele persistiu muito teimosamente nisso. Dias depois, tornando a encontrá-lo, perguntou-lhe se vira algum fantasma desde que chegara àquela vila. Ao que respondeu: Não.

Mas, não muito depois, quando passeavam juntos pela vila acima, disse ao Sr. Broom: "Ali vem um fantasma." Não vendo

ele nada, perguntou-lhe por onde andava? O outro disse: "Está em frente de tal casa, e caminha olhando para cima, para tal lado, agitando um braço com uma luva na mão." Disse, além disso, que, quando se aproximasse deles, deveriam dar-lhe passagem, que ele sempre assim fazia, e alguns que não o fizeram sofreram por isso.

Logo disse: "Está mesmo em cima de nós; saiamos do caminho!" O Sr. Broom, julgando tudo ficção, mal ele disse essas palavras, agarrou-lhe o braço e reteve-o à força no caminho. Mas, enquanto o segurava, veio contra eles tamanha força que foi atirado para o meio da rua, e uma das palmas da mão e um joelho ficaram feridos e esfolados pela queda, o que lhe causou por algum tempo dor extrema.

Mas, vendo o Tenente estendido como morto, ergueu-se assim que pôde e socorreu-o. Com a ajuda de outros levou-o para a loja mais próxima, onde lhe deitaram aguardente pela garganta abaixo, mas por algum tempo não puderam discernir vida nele. Por fim, ora pela aguardente, ora por o friccionarem bem, começou a mexer-se, e, quando voltou a si, as primeiras palavras foram: "Não vos mostrarei mais fantasmas." Depois pediu um cachimbo de tabaco, mas o Sr. Broom disse-lhe que o fumaria em sua casa; pois receava que, se o tomasse ali tão cedo, o deixasse enjoado.

Foram então juntos para a casa do Sr. Broom, onde mal haviam entrado quando o sino tocou a finados. O Sr. Broom enviou logo a criada para saber quem morrerá. Trouxe ela recado de que fora fulano, um alfaiate, que morrera de repente, embora estivesse tísico havia muito tempo. E, indagando sobre a hora da morte, verificaram que era, tão pontualmente quanto se podia conjeturar, a mesma hora em que o fantasma aparecera. O fantasma tinha exatamente o andar conhecido desse alfaiate, que ordinariamente também ia com um braço a balouçar, e uma luva nessa mão, e olhando de lado para cima.

## SIR JOHN SHERBROKE E O GENERAL WYNYARD

Estes cavalheiros eram, quando jovens, oficiais do mesmo regimento, empregado em serviço no estrangeiro. Ligavam-nos a semelhança de gostos e estudos, e passavam juntos, em ocupações literárias, grande parte daquele tempo vago que os

seus camaradas desperdiçavam nos excessos da mesa que, há uns quarenta anos, se consideravam entre os dotes necessários do carácter militar. Estavam, numa tarde, sentados no aposento de Wynyard. Havia plena luz, eram cerca das quatro horas; tinham jantado, mas nenhum deles bebera vinho, e tinham saído da mesa comum para prosseguir juntos as ocupações da manhã. Deve dizer-se que o aposento em que estavam tinha duas portas, uma abrindo para um corredor, e a outra dando para o quarto de dormir de Wynyard.

Não havia outro meio de entrar na sala senão a partir do corredor, nem outra saída do quarto senão através da sala; de modo que qualquer pessoa que passasse para o quarto teria de ali permanecer, a menos que regressasse pelo caminho por onde entrara. Este ponto é de importância para a história.

Enquanto estes dois jovens oficiais prosseguiam os seus estudos, Sherbroke, cujo olhar por acaso se desviara do volume que tinha diante de si para a porta que dava para o corredor, reparou num jovem alto, de cerca de vinte anos, cuja aparência era de extrema emaciação, ali ao lado. Impressionado com a presença de um perfeito estranho, voltou-se imediatamente para o amigo, que estava sentado junto dele, e chamou a sua atenção para o visitante que assim estranhamente irrompera pelo meio dos seus estudos.

Logo que os olhos de Wynyard se voltaram para o misterioso visitante, o seu semblante ficou subitamente agitado. "Já ouvi dizer que um homem fica pálido como a morte, mas nunca vi um rosto vivo assumir o aspecto de um cadáver, excepto o de Wynyard naquele momento", diz Sir John Sherbroke. Enquanto olhavam silenciosamente para a figura diante deles — pois Wynyard, que parecia apreender o significado da aparição, ficara privado da faculdade da fala, e Sherbroke, percebendo a agitação do amigo, não sentiu inclinação para lhe dirigir a palavra —, enquanto assim olhavam em silêncio para a figura, ela seguiu lentamente para o aposento contíguo e, no ato de passar por eles, lançou os olhos com expressão de certa afeição melancólica para o jovem Wynyard.

Mal se afastou a opressão desta extraordinária presença, Wynyard, agarrando o amigo pelo braço e soltando um suspiro profundo, como quem se recompõe da sufocação de intenso

espanto e emoção, murmurou num tom baixo e quase inaudível: "Deus grande! o meu irmão!" "O teu irmão!", repetiu Sherbroke — "que queres dizer, Wynyard? tem de haver algum engano — segue-me"; e, imediatamente, tomando o amigo pelo braço, precedeu-o para o quarto, que, como se disse, comunicava com a sala, e no qual o estranho visitante evidentemente entrara.

Já foi dito que, desse aposento, não havia possibilidade de retirar-se senão pelo caminho do compartimento por onde a figura certamente passara e por onde, com igual certeza, nunca regressara. Imaginai, pois, o espanto dos jovens oficiais quando, ao dar por si no centro do quarto, perceberam que o aposento estava perfeitamente desocupado.

A mente de Wynyard recebera, no primeiro instante em que o observara, a impressão de que a figura que vira era o espírito do irmão. Sherbroke, porém, persistia em crer com firmeza que se praticara algum logro.

Tomaram nota do dia e da hora em que o acontecimento se dera; mas resolveram não mencionar o caso no regimento e, pouco a pouco, foram persuadindo-se mutuamente de que tinham sido vítimas de algum artifício dos camaradas, embora nem pudessem explicar a razão, nem suspeitar do autor, nem conceber os meios da sua execução.

Contentaram-se em imaginar qualquer coisa possível, antes do que admitir a possibilidade de uma aparição sobrenatural. Mas, embora tivessem tentado estas estratégias de auto-ilusão, Wynyard não pôde deixar de exprimir a sua solicitude quanto à segurança do irmão cuja aparição vira, ou imaginara ter visto; e a ansiedade que mostrava pelas cartas vindas de Inglaterra, e a menção frequente dos receios pela saúde do irmão, acabaram por despertar a curiosidade dos camaradas e, por fim, traí-lo numa declaração das circunstâncias que, em vão, decidira ocultar.

A história do visitante silencioso e não convidado mal começara a difundir-se, quando o destino do irmão de Wynyard se tornou objeto de interesse universal e penoso para os oficiais do regimento; poucos havia que não perguntassem pelas cartas de Wynyard antes de fazerem qualquer indagação pelas suas próprias, e as malas que chegavam de Inglaterra eram

acolhidas com mais do que a habitual avidez, pois traziam não só lembranças dos amigos de casa, como prometiam fornecer a pista do mistério ocorrido entre eles.

Pelos primeiros navios não podia ter sido recebida qualquer notícia relativa à história, pois todos tinham partido de Inglaterra antes da aparição do espírito. Por fim chegou o tão ansiado navio; todos os oficiais tinham cartas, excepto Wynyard. O segredo continuava por explicar. Examinaram os diversos jornais, mas não continham menção de morte alguma, nem de qualquer outra circunstância relacionada com a sua família que pudesse explicar o acontecimento preternatural. Havia ainda uma carta solitária para Sherbroke por abrir. Os oficiais tinham recebido as cartas na sala do rancho, à hora da ceia.

Depois de Sherbroke romper o selo do último maço e de lançar um olhar sobre o conteúdo, fez sinal ao amigo para se retirar do convívio e saiu da sala. Todos ficaram calados. O suspense do interesse estava agora no auge; a impaciência pelo regresso de Sherbroke era inexprimível. Não duvidavam de que aquela carta contivesse a tão esperada notícia. Decorrido um hora, Sherbroke juntou-se-lhes. Ninguém se atreveu a cair na grosseria de indagar a natureza da correspondência; esperavam, em muda atenção, que ele próprio tocasse no assunto.

Vê-lo-ia qualquer que a mente lhe estava manifestamente cheia de pensamentos que o magoavam, confundiam e oprimiam. Aproximou-se da lareira e, recostando a cabeça sobre a cornija, após alguns momentos de pausa, disse em voz baixa a quem mais perto dele estava: "O irmão de Wynyard já não existe!" A primeira linha da carta de Sherbroke era: "Meu caro John, prepara o teu amigo Wynyard para a morte do seu irmão predileto." Morrera no dia, e na própria hora, em que os amigos tinham visto o seu espírito passar tão misteriosamente pelo aposento.

Poder-se-ia imaginar que tais acontecimentos bastariam para imprimir no espírito de Sherbroke a convicção da sua verdade; mas tão forte era o seu preconceito contra a existência, ou mesmo a possibilidade, de qualquer comércio preternatural com as almas dos mortos, que ainda alimentava dúvidas do

testemunho dos sentidos, embora apoiado pela coincidência da visão e do acontecimento. Anos depois, ao regressar a Inglaterra, passeava com dois cavalheiros no Piccadilly quando, do outro lado da rua, viu uma pessoa que apresentava a mais flagrante semelhança com a figura que se revelara a Wynyard e a ele.

Os companheiros conheciam a história; e ele, de imediato, chamou a atenção deles para o cavalheiro do outro lado, como sendo o indivíduo que conseguira entrar e sair do aposento de Wynyard sem que eles dessem conta dos meios. Cheio desta impressão, atravessou imediatamente e dirigiu-se-lhe sem rodeios; esperava agora elucidar o mistério. Pediu desculpa pela interrupção, mas desculpou-a relatando o sucedido que o levara à comissão de tal solecismo de maneiras. O cavalheiro recebeu-o como amigo. Nunca saíra do país; mas era o irmão gémeo do jovem cujo espírito fora visto.

Esta história é contada com várias variantes. Umas vezes dizem que aconteceu em Gibraltar, outras em Inglaterra, outras na América. Há também diferenças quanto ao desfecho. Alguns dizem que o cavalheiro que Sir John Sherbroke mais tarde encontrou em Londres e a quem se dirigiu como sendo a pessoa que antes vira de modo tão misterioso, não era outro irmão do General Wynyard, mas um cavalheiro que tinha grande semelhança com a família.

Seja como for, porém, os factos principais, em todas as versões, são os mesmos. Sir John Sherbroke e o General Wynyard, dois homens verídicos, presenciaram juntos a aparição espiritual do irmão do General Wynyard: a aparição teve lugar no momento da dissolução; e o rosto e a forma da figura do fantasma ficaram tão distintamente impressos na memória de Sir John Sherbroke — a quem o homem vivo era desconhecido — que, encontrando por acaso o seu sósia, percebeu e reconheceu a semelhança.

## MISS PRINGLE

Numa manhã do verão de 1745, a Sra. Jane Lowe, governanta do Sr. Pringle, de Clifton Park, no sul da Escócia, viu a aparição de uma senhora a passear na alameda, à margem de um ribeiro que desagua no rio Kale. A forma assemelhava-se a uma

filha do seu amo, ausente da família havia muito, a mais de cem milhas a sul de Paris. Ao descer a alameda e aproximar-se do ribeiro, a Sra. Lowe foi-se tornando cada vez mais certa da semelhança do fantasma com a ideia que tinha na mente de Miss Pringle e, vendo o seu amo num cercado contíguo, comunicou-lhe o que vira.

O Sr. Pringle riu-se e disse: "Boa mulher, essa senhora é Miss Chattow, de Morebattle." Contudo, a Sra. Lowe insistiu para que ele a acompanhasse ao local, ao qual quase tinham chegado quando a aparição saltou para dentro de água e desapareceu instantaneamente.

O Sr. Pringle e a Sra. Lowe, ao regressarem ao salão, deram conta à família da visão, e, pelo trabalho, foram francamente alvo de risota. O Rev. Sr. Turnbull, ministro de Linton, calhou tomar o pequeno-almoço naquela manhã com o Sr. Pringle, sua esposa e duas filhas jovens, que se juntaram à risota.

Cerca de três meses depois, o mesmo reverendo cavalheiro honrou a família com a sua companhia; estando então à janela da sala de baixo, observou um homem pobre, esfarrapado, coxo, macilento, aproximar-se lentamente da casa. "Aí vem outra aparição", bradou o Sr. Turnbull, com uma espécie de sorriso desdenhoso. Isto atraiu imediatamente a atenção de todos os presentes, e o Sr. Pringle reconheceu prontamente a pessoa como sendo o seu segundo filho, que não via havia mais de dez anos.

À chegada, não tardou em convencê-los de que não era uma aparição, declarando que escapara por um triz com vida de Tunes, nas vizinhanças da qual fora escravo dos argelinos durante sete anos, mas que felizmente fora resgatado no momento crítico em que fora condenado à morte por motim.

Acrescentou que, ao regressar a casa pela França, passara pelo lugar onde ouvira dizer que sua irmã residia e, para indizível mágoa sua, soubera que ela morrera no dia 25 de Maio, naquele mesmo verão, por volta das cinco da manhã, o que ele se lembrava de ter sido a hora precisa em que fora salvo das garras da morte e quando julgou ter visto a irmã. A Sra. Lowe, que se encontrava na sala, ao ouvir esta declaração, irrompeu numa aclamação, afirmando que o dia aludido fora aquele em que mostrara ao Sr. Pringle a aparição; e isto foi confirmado

pelo reverendo eclesiástico, no cujo estúdio esta narrativa foi encontrada após a sua morte. — Sinais antes da Morte.

Samuel Wallace, de Stamford, em Lincolnshire, homem muito piedoso e bom, sapateiro de ofício, tendo estado treze anos doente de tísica, no Domingo de Pentecostes, depois do sermão, 1659, estando sozinho em casa e lendo num livro chamado A Petição de Abraão por Sodoma, ouviu alguém bater à porta; levantou-se então e foi, com a bengala numa mão e amparando-se à parede com a outra, ver quem estava à porta, onde encontrou um velho grave, com cabelo encanecido como lã, encaracolado, e ampla barba branca, de tez fresca, colarinho estreito, casaco e bragas de cor púrpura, e sapatos novos atados com fitas pretas, sem mancha de molhado ou sujidade, embora chovesse quando ele entrou e houvesse chovido todo aquele dia, mãos brancas como neve, sem luvas, o qual lhe disse:

"Amigo, rogo-te que dês a um velho peregrino uma caneca de cerveja fraca." Respondendo Samuel Wallace: "Rogo-vos, Senhor, entrai"; replicou ele: "Não me chames Senhor, pois não sou senhor; mas, ainda assim, tenho de entrar, porque não posso passar pela porta sem entrar primeiro." Wallace, com a ajuda da bengala, tirou um pequeno cântaro de cerveja fraca, que o peregrino tomou, e bebeu um pouco; depois andou duas ou três vezes de um lado para o outro e tornou a beber, e assim uma terceira vez antes de a beber toda.

E, feito isto, caminhou três ou quatro vezes como dantes; e então, chegando junto de Wallace, disse: "Amigo, percebo que não estás bem." Wallace replicou: "Não, em verdade, Senhor, há muitos anos que não estou bem." Perguntou-lhe então qual era a sua doença. Respondeu Wallace: "Uma tísica profunda, segundo dizem os nossos médicos; não tem cura." Ao que o velho peregrino replicou: "Dizem bem; mas que te deram para isso?" "Na verdade nada", disse ele, "porque sou muito pobre e não posso seguir as prescrições do médico; por isso me entreguei nas mãos do Deus Todo-Poderoso, para que disponha de mim como Lhe aprouver."

Respondeu o velho: "Dizes muito bem; mas eu te direi, pelo Poder do Deus Todo-Poderoso, o que hás de fazer; apenas observa as minhas palavras, lembra-te delas e faze-o; mas,

seja o que for que faças, teme a Deus e serve-O. Amanhã de manhã vai ao teu jardim, e daí tira duas folhas de sálvia vermelha e uma folha de erva-do-sangue; põe estas numa caneca de cerveja fraca, deixa-as ali por espaço de três dias seguidos; bebe dela tantas vezes quanto precisares, mas deixa as folhas na caneca; e, à quarta manhã, deita-as fora e põe outras três frescas no lugar; e assim faze por doze dias seguidos, nem mais nem menos.

Rogo-te que te lembres do que digo, observa-o e faze-o; mas, acima de tudo, teme a Deus e serve-O. E, durante o espaço destes doze dias, não deves beber nem ale nem cerveja forte; ainda assim, depois poderás, para fortalecer a natureza; e verás que, antes de estes doze dias se cumprirem, pela grande misericórdia e ajuda do Deus Todo-Poderoso, a tua doença será curada e o molde do teu corpo mudado", etc. — com muito mais neste sentido; acrescentando outrossim "que devia mudar de ares, e então o seu sangue seria tão bom como sempre fora, apenas as suas articulações seriam fracas enquanto vivesse; mas, acima de tudo", disse ele, "Teme a Deus e serve-O."

Wallace ofereceu-lhe pão e manteiga, ou queijo: respondeu ele, "Não, amigo, não comerei nada; o Senhor Cristo me basta; nem senão muito raramente bebo qualquer cerveja, senão a que sai da rocha; e assim, amigo, o Senhor Deus no céu seja contigo."

À despedida, foi Samuel Wallace fechar a porta atrás dele; ao que o velho, tornando meia dúzia de passos para dentro do átrio, disse de novo: "Amigo, rogo-te que te lembres do que disse e o faças; mas, acima de tudo, teme a Deus e serve-O."

Disse Wallace que o viu seguir pela rua uns dez jardas desde a sua porta, e assim entrou. Mas ninguém mais viu esse velho, embora muitas pessoas estivessem às portas junto à casa de Wallace. Dentro de quatro dias, com o uso desta beberagem, ergueu-se-lhe uma crosta pelo corpo, e, por baixo, uma pele nova e fresca; e em doze dias estava tão forte como alguma vez fora e saudável, excetuando apenas alguma fraqueza nas juntas. E, uma vez em doze dias, pela importunidade de alguns amigos, bebendo um pouco de bebida forte, ficou sem fala durante vinte e quatro horas. Muitos ministros, ouvindo o relato desta maravilhosa cura, reuniram-se em Stamford e,

considerando todas as circunstâncias e consultando sobre o caso, por muitas razões concluíram que a cura fora feita pelo ministério de um anjo. Um particular bom amigo meu, o Sr. Lawrence Wise, ministro do evangelho, falecido, ouviu a narrativa inteira da própria boca de Wallace; pois, indo pouco depois disto à Escócia, passou por Stamford, foi à casa de Wallace e conversou com ele uma ou duas horas, e de modo nenhum duvida que foi um bom anjo, enviado pelo Pai dos espíritos, que veio à sua casa e operou nele esta cura. — Nocturnal Revels.

## DR. E A SRA. DONNE

O Doutor Donne e a esposa residiram por algum tempo com Sir Robert Drury, na sua casa em Drury-Lane. Tendo Sir Robert e o Doutor combinado acompanhar Lord Hay numa embaixada à Corte de França, o Doutor deixou a esposa, então grávida, em casa de Sir Robert. Dois dias após terem chegado a Paris, aconteceu que o Dr. Donne ficou sozinho na sala onde tinham jantado; mas, cerca de meia hora depois, Sir Robert voltou e, notando o ar triste do Doutor, pediu-lhe insistentemente que dissesse o que lhe sucedera na sua breve ausência.

O Doutor respondeu: "Desde que me deixastes vi uma visão horrenda, pois vi a minha querida esposa passar por mim na sala, com o cabelo solto pelos ombros e uma criança morta nos braços." Replicou Sir Robert: "Por certo, Senhor, adormecestes desde que vos deixei, e isto é resultado de algum sonho melancólico, que vos rogaria que esquecêsseis, pois agora estais desperto."

Respondeu o Dr. Donne: "Não posso estar mais certo de que agora vivo do que de que não dormi, de que vi a minha esposa, e de que ela se deteve, fitou-me no rosto e logo fugiu." Afirmou isto no dia seguinte com mais confiança, o que levou Sir Robert a julgar que poderia haver alguma verdade no caso. Sir Robert enviou imediatamente um criado à Casa de Drury, para saber se a Sra. Donne estava viva ou morta; e, se viva, em que estado de saúde.

Ao décimo segundo dia, o mensageiro regressou, declarando que vira a Sra. Donne, que ela estava muito doente e que, após um longo e penoso parto, dera à luz uma criança morta; e,

feita a verificação, provou-se que o parto fora no dia em que o Dr. Donne vira a sua aparição no quarto. — Isaac Walton.

## CASAS ASSOMBRADAS

Ao Sr. Samuel Wesley, da parte de sua Mãe.*
12 de Janeiro de 1716-7.

MEU QUERIDO SAM, Esta noite fomos agradavelmente surpreendidos com o teu maço, que trouxe a boa nova de estares vivo, depois de termos estado no maior pânico imaginável, quase um mês, pensando que ou tu estavas morto, ou algum dos teus irmãos, por algum infortúnio, fora morto.

A razão dos nossos receios é a seguinte: — No dia 1 de Dezembro, a nossa criada ouviu, à porta da sala de jantar, vários gemidos lúgubres, como os de uma pessoa em extremos, à beira da morte. Demos pouca atenção ao seu relato e procurámos rir-lhe dos medos. Umas noites (duas ou três) depois, vários da família ouviram uma estranha pancadaria em diversos sítios, geralmente três ou quatro pancadas de cada vez, e então parava um pouco.

Isto continuou todas as noites durante uma quinzena; por vezes era no sótão, mas mais vulgarmente no quarto das crianças, ou quarto verde. Todos ouvimos, exceto o teu pai, e eu não queria que ele fosse informado, não fosse ele imaginar que era contra a sua própria morte, o que, na verdade, todos receávamos.

Mas quando começou a ser tão incómodo, de dia e de noite, que poucos ou nenhuns da família se atreviam a ficar a sós, resolvi dizer-lho, por entender que devia falar-lhe. Ao princípio não quis acreditar, senão que alguém o fizesse para nos alarmar; mas, na noite seguinte, logo que se deitou, bateu forte nove vezes, mesmo junto à sua cama. Levantou-se e foi ver se conseguia descobrir o que era; mas nada viu. Depois, ouviu-o como os demais.

Uma noite fez tal ruído no quarto por cima das nossas cabeças, como se várias pessoas estivessem a andar, depois correram para cima e para baixo as escadas, e foi tão desatinado que julgámos que as crianças se assustariam, pelo que o teu pai e eu nos levantámos e descemos às escuras para acender uma

vela. Ao chegarmos ao fundo da escada larga, de mãos dadas, do meu lado pareceu como se alguém tivesse despejado um saco de dinheiro aos meus pés; e, do dele, como se todas as garrafas debaixo das escadas (que eram muitas) se tivessem estilhaçado em mil pedaços. Passámos pelo átrio para a cozinha, arranjámos uma vela e fomos ver as crianças, que achámos a dormir.

Na noite seguinte, o teu pai quis levar o Sr. Hoole a pernoitar cá em casa, e ficámos todos juntos até à uma ou duas da manhã, e ouvimos a batida como de costume. Por vezes fazia um barulho como o de dar à manivela do espeto; outras vezes, como nessa noite em que o Sr. Hoole estava connosco, como um carpinteiro a aplainar tábuas; mas, mais comummente, batia três vezes e parava, e depois outras três, e assim por muitas horas seguidas.

Persuadimos o teu pai a falar, e a tentar se alguma voz se ouviria. Uma noite, por volta das seis horas, entrou no quarto das crianças às escuras, e primeiro ouviu vários gemidos profundos, depois batidas. Adjuro-o a falar, se tivesse poder, e a dizer por que motivo atormentava a sua casa, mas voz nenhuma se ouviu, apenas bateu três vezes alto. Depois interrogou-o se era o Sammy, e ordenou-lhe que, se fosse, e não pudesse falar, tornasse a bater, mas já não bateu mais nessa noite, o que nos fez esperar que não fosse contra a tua morte.

Assim continuou até ao dia 28 de Dezembro, quando bateu alto (como o teu pai costuma fazer ao portão) no quarto das crianças, e partiu. Temos várias conjeturas sobre o que isto poderá significar. Pela minha parte, nada temo agora que estás salvo em Londres até aqui, e espero que Deus ainda te preserve: embora às vezes me incline a pensar que o meu irmão está morto. Diz-me o que pensas disto.
S. W.

Da Sra. Susannah Wesley para seu Irmão Samuel.
Epworth, 24 de Janeiro.

MEU QUERIDO IRMÃO, — Cerca do dia 1 de Dezembro, ouviu-se um ruído terrível e espantoso por uma criada, como à porta da sala de jantar, o que fez eriçar-lhe os cabelos e pôs-lhe as orelhas a aguçar a um ritmo invulgar. Disse que era como os

gemidos de um agonizante. Tais coisas a assustaram tanto, que por muito tempo não ousou ir de um aposento a outro, uma vez começado a escurecer, sem companhia. Mas, deixando a troça de lado, que não deve usar-se em assuntos sérios, asseguro-te que, do princípio ao fim de um mês lunar, os gemidos, guinchos, tilintares e batidas eram assustadores quanto baste.

Embora me seja desnecessário enviar-te qualquer relato do que todos ouvimos, tendo o meu pai em pessoa um relato mais amplo do que eu sou capaz de dar, e que tenciona enviar-te; ainda assim, em cumprimento do teu desejo, dir-te-ei tão breve quanto puder o que ouvi. A primeira noite em que o ouvi, a minha irmã Nancy e eu estávamos sentadas na sala de jantar. Ouvimos algo correr pelo lado de fora das portas que davam para o jardim, depois três fortes pancadas, imediatamente outras três, e, meio minuto volvido, o mesmo número por cima das nossas cabeças.

Indagámos se alguém estivera no jardim, ou no quarto por cima de nós, mas não havia ninguém. Pouco depois, a minha irmã Molly e eu estávamos levantadas, depois de toda a família se ter deitado, exceto a minha irmã Nancy, por causa de algum serviço. Ouvimos três fortes baques debaixo dos nossos pés, o que logo nos fez largar o trabalho e atirar-nos para a cama. Depois, o tilintar do ferrolho e do tição-de-camas; e assim se despediu essa noite.

Logo após o acima referido, ouvimos um ruído como se um grande pedaço de metal sonoro tivesse sido atirado ao chão no exterior do nosso quarto. Estando nós deitadas na parte mais sossegada da casa, ouvimos menos do que os demais durante algum tempo; mas, no fim daquela noite em que o Sr. Hoole ficou acordado, deitei-me no quarto das crianças, onde foi muito violento.

Aí ouvi batidas frequentes por cima e por baixo do quarto onde eu estava, e à cabeceira do leito das crianças, que era feito de tábuas. Parecia golpear contra ele muito forte e alto, de tal modo que a cama lhes tremia. Ouvi algo passar junto da minha cama como um homem de roupão comprido. As pancadas eram tão altas que o Sr. Hoole saiu do seu quarto para junto de nós. Continuou ainda. O meu pai falou, mas nada respondeu.

Terminou essa noite com a pancada particular do meu pai, muito feroz.

Agora está bastante quieto, apenas quando repetimos as orações pelo rei e pelo príncipe, quando habitualmente começa, especialmente quando o meu pai diz: "Nosso mui gracioso Soberano Senhor", &c. Isto enfurece o meu pai, e tenciona dizer três em vez de duas pela família real. Todos ouvimos o mesmo ruído, e ao mesmo tempo, e vindo do mesmo lugar. Para concluir, agora faz a sua aparição pessoal: mas disto mais adiante. Não digas uma palavra disto à nossa gente, nem dês a menor insinuação.

Sou
Tua sincera amiga e afectuosa Irmã,
SUSANNAH WESLEY.

Da Sr.ª Emily Wesley para o seu Irmão Samuel.

MEU QUERIDO IRMÃO, — Agradeço-te a última, e dar-te-ei a satisfação que puder acerca do que sucedeu na nossa família. Estou tão longe de ser supersticiosa, que estava em demasia inclinada para a incredulidade, pelo que me regozijo de coração por ter tido tal oportunidade de me convencer, além de dúvida ou escrúpulo, da existência de alguns seres para além dos que vemos. Um mês inteiro bastaria para convencer qualquer pessoa da realidade da coisa, e para experimentar todos os meios de descobrir qualquer artifício, se fosse possível que algum tal tivesse sido usado. Direi apenas o que eu própria ouvi, e deixo o mais aos outros.

As minhas irmãs, no quarto de papel, tinham ouvido ruídos e contaram-me, mas não acreditei muito, até que, certa noite, cerca de uma semana depois de se ouvirem os primeiros gemidos, que foi o princípio, mal o relógio batera as dez, desci para fechar as portas, o que sempre faço. Mal eu subira a melhor escada, ouvi um ruído como de alguém a deitar abaixo um enorme carvão no meio da cozinha da frente, e todos os estilhaços pareceram saltar dele. Não me assustei muito, mas fui ter com a minha irmã Suky, e juntas percorremos todas as divisões do rés-do-chão; mas nada havia fora do lugar.

O nosso cão dormia profundamente, e a nossa única gata estava na outra ponta da casa. Mal subi, e me despia para me deitar, ouvi um ruído entre muitas garrafas que estão debaixo

da melhor escada, mesmo como atirar uma grande pedra entre elas, que as teria feito estalar todas em pedaços. Isto fez-me apressar para a cama; mas a minha irmã Hetty, que fica sempre à espera para assistir o meu pai a deitar-se, estava ainda sentada no último degrau das escadas do sótão, com a porta fechada às suas costas, quando, pouco depois, desceu as escadas atrás dela algo como um homem, de roupão solto arrastando-se atrás, o que a fez voar antes correr para mim, ao quarto das crianças.

Durante todo este tempo nunca dissemos nada ao nosso pai; mas, pouco depois, contámos-lhe. Sorria e nada respondia, mas, desde então, estava mais cuidadoso do que de costume em ver-nos deitadas, imaginando que seríamos alguma de nós, moças, a que ficava acordada até tarde e fazia barulho.

A sua incredulidade, e sobretudo o facto de a imputar a nós, ou aos nossos namorados, fez-me, confesso, desejar que continuasse até ele ficar convencido. Quanto à minha mãe, acreditava firmemente que eram ratos, e mandou vir uma buzina para os afugentar. Ri-me ao pensar em quão sabiamente estavam empregados aqueles que se esforçavam meio dia a espantar Jeffery — pois assim lhe chamei — com uma buzina.

Mas fosse o que fosse, percebi que podia ser provocado à ira; pois desde então tornou-se tão violento, que já não havia sossego para nós depois das dez da noite. Muitas vezes ouvi, entre as dez e as onze, algo semelhante ao rápido enrolar de uma manivela, no canto do quarto, junto à cabeceira da minha cama, exatamente como o correr das rodas e o ranger da ferragem. Este era o sinal habitual da sua chegada. Depois dava três pancadas no soalho, depois à cabeceira da cama da minha irmã, no mesmo quarto, quase sempre três de seguida, e depois parava. O som era oco e alto, de tal modo que nenhum de nós jamais o conseguiu imitar.

Respondia à minha mãe, se ela batesse com o pé no soalho e o mandasse. Batia quando eu estava a deitar as crianças, mesmo por baixo de mim, onde me sentava. Uma vez a pequena Kesy, a fingir assustar a Patty, enquanto eu as despia, bateu com o pé no soalho, e imediatamente ele respondeu com três pancadas, no mesmo sítio. Tornava-se mais alto e feroz se

alguém dizia que eram ratos, ou qualquer coisa natural. Poderia contar-lhe muito mais, mas os outros também escreverão, e por isso seria desnecessário. Não fiquei muito assustada no início, nem tampouco no fim; mas nunca esteve perto de mim, exceto duas ou três vezes, e nunca me seguiu, como fez à minha irmã Hetty. Estive com ela quando batia por baixo dela, e quando ela se mexia, seguia-a, e mantinha-se sempre mesmo debaixo dos seus pés, o que bastava para aterrorizar uma pessoa mais robusta.

Se deseja conhecer a minha opinião sobre a razão disto, dir-lhe-ei brevemente. Acredito que seja feitiçaria, pelas seguintes razões. Há cerca de um ano houve um distúrbio numa povoação vizinha, que foi sem dúvida obra de bruxas; e se tão perto, porque não poderiam chegar até nós? Depois, o meu pai pregara, durante vários domingos antes da sua vinda, com grande fervor contra o recurso aos chamados homens sábios, a que o nosso povo é dado; e tinha um rancor particular contra o meu pai.

Além disso, algo foi visto três vezes. A primeira pela minha mãe, debaixo da cama da minha irmã, como um texugo, mas sem cabeça discernível. A mesma criatura esteve sentada junto à lareira da sala de jantar uma noite: quando o nosso criado entrou na sala, correu por ele, atravessou o átrio e foi para debaixo das escadas.

Ele seguiu com uma vela, e procurou, mas já se tinha ido. A última vez, viu-o na cozinha, como um coelho branco, o que parece provável ser alguma bruxa; e acredito tanto que o seja, que ousaria disparar-lhe com uma pistola, se o visse tempo suficiente. Tem sido ouvido por mim e por outros desde Dezembro. Enchi já toda a minha folha, e só tenho tempo de lhe dizer que sou,
Sua afetuosa irmã,

**EMILY WESLEY**

*Addenda ao e do Diário do meu Pai.*
Sexta-feira, 21 de Dezembro. Pancadas ouvidas pela primeira vez, creio, nesta noite: perturbações às quais espero que Deus, a seu tempo, ponha fim.
Domingo, 23 de Dezembro. Não muito perturbado com os

ruídos, que agora já me são habituais.
Quarta-feira, 26 de Dezembro. Fiquei acordado para ouvir ruídos. Estranho! Falei com ele, cessou de bater.
Sexta-feira, 28. Os ruídos muito violentos e perturbadores esta noite.
Sábado, 29. Não assustado, apesar da contínua perturbação da minha família.

Terça-feira, 1 de Janeiro de 1717. A minha família não sofreu mais perturbações desde que parti.

Das circunstâncias gerais que se seguem, a maioria, se não toda a família, foi testemunha frequente.

1. Logo após qualquer ruído ser ouvido, o vento geralmente erguia-se, e assobiava muito alto em redor da casa, e aumentava com ele.
2. Dava-se o sinal, que o meu pai comparava ao girar de um moinho de vento quando o vento muda; o Sr. Hoole (Reitor de Haxey) ao aplainar de tábuas; a minha irmã ao rápido enrolar de uma manivela. Normalmente começava no canto superior do quarto das crianças.
3. Antes de entrar em qualquer quarto, os trincos eram frequentemente erguidos, as janelas batiam, e todo o ferro ou bronze que houvesse no aposento soava e tilintava fortemente.
4. Quando estava em qualquer quarto, por mais barulho que fizessem — como por vezes faziam de propósito —, a sua nota oca e surda ouvia-se claramente acima de todos.
5. Batia constantemente durante as orações pelo Rei e pelo Príncipe, e era nitidamente ouvido por todos na sala, exceto pelo meu pai, e por vezes também por ele, tal como os estrondosos golpes do Ámen.
6. Muitas vezes o som parecia estar no ar, no meio da sala, e nenhum da família jamais conseguiu reproduzi-lo por qualquer artifício.
7. Embora parecesse fazer cair o estanho, bater as portas, puxar as cortinas, atirar os sapatos do criado de um lado para o outro, etc., nunca moveu nada exceto os trincos, a não ser fazendo tudo tremer; salvo uma vez, quando escancarou a porta do quarto das crianças.

8. O mastim, embora tivesse ladrado violentamente contra ele no primeiro dia, sempre que depois vinha — ou até antes de a família o perceber — corria a ganir, ou em completo silêncio, a abrigar-se atrás de alguém.

9. Nunca apareceu de dia, até a minha mãe mandar tocar a buzina.

10. Depois desse momento, dificilmente alguém ia de um quarto a outro sem que o trinco da porta se levantasse antes de lhe tocarem.

11. Nunca entrou uma única vez no gabinete do meu pai, até ele lhe falar asperamente, chamando-lhe diabo surdo e mudo, e dizendo-lhe que parasse de perturbar as inocentes crianças, e viesse ter com ele ao gabinete, se tivesse algo a dizer-lhe.

12. Desde que a minha mãe lhe pediu que não a incomodasse entre as cinco e as seis, nunca mais foi ouvido no seu quarto nesse intervalo, nem em qualquer outro momento em que estivesse em devoção.

13. Estivesse ou não certo o nosso relógio, aparecia sempre, tanto quanto se podia calcular, às dez menos um quarto da noite.

**Relato do Rev. Sr. Hoole**
10 de Setembro.

Logo que cheguei a Epworth, o Sr. Wesley dizendo-me que me mandara chamar para conjurar, não percebi o que queria dizer, até algumas das suas filhas me contarem o que acontecera, e que fora chamado para ficar de vigia. Esperava a cada hora, sendo então cerca do meio-dia, ouvir algo extraordinário, mas em vão.

Também ao jantar e nas orações tudo esteve silencioso, contra o costume; mas pouco depois, uma das criadas, que subira para preparar uma cama, trouxe o alarme de que Jeffrey viera para o andar de cima. Fomos todos, e enquanto estávamos de pé em redor do lume no quarto de oriente, algo começou a bater exatamente do outro lado da parede, na chaminé, como com uma chave. Logo o bater foi por baixo dos nossos pés. O

Sr. Wesley e eu descemos, ele cheio de esperança, e eu de receio. Assim que chegámos à cozinha, o som estava acima de nós, no quarto que tínhamos deixado. Voltámos a subir pelas escadas estreitas, e ouvimos, no topo da escada larga, alguém a arrastar os pés (estando já toda a família deitada, exceto nós), e depois a arrastar-se, como se fosse, e a farfalhar com um roupão de seda.

Rapidamente estava no quarto das crianças, à cabeceira da cama, a bater como fizera no início, três a três. O Sr. Wesley falou-lhe, e disse que acreditava ser o diabo, e pouco depois bateu na janela, e mudou o seu som para algo como o aplainar de tábuas. Daí seguiu para o lado sul exterior da casa, soando cada vez mais fraco, até já não se ouvir.

Não estive noutra ocasião além desta durante os ruídos em Epworth, e não me recordo agora de mais circunstâncias do que estas.
*Ver Southey's Life of Wesley, Vol. i.*

## O TAMBOREIRO DE TEDWORTH

Todos ouviram falar da comédia *"O Tamborileiro, ou a Casa Assombrada"*, bastante célebre no seu tempo; mas cuja popularidade cessou quando o caso deixou de ser assunto de conversa pública. As circunstâncias que deram origem a essa peça são assim descritas por Glanvil, do qual se depreende que a questão não se revelou nenhuma farsa para o Sr. Mompesson, o proprietário da casa. Como há um ar de incredibilidade no relato, damos-no nas palavras exatas de Glanvil.

O Sr. John Mompesson, de Tedworth, no condado de Wilts, estando por volta de meados de Março do ano de 1661, numa povoação vizinha, chamada Ludgarshal, e ouvindo ali tocar um tambor, perguntou ao alcaide da vila, em cuja casa então se encontrava, o que aquilo significava.

O alcaide disse-lhe que, havia já alguns dias, eram incomodados por um tamborileiro vadio, que exigia dinheiro ao constável em virtude de uma licença fingida, que lhe parecia ser falsa. Perante isto, o Sr. Mompesson mandou chamar o sujeito e perguntou-lhe com que autoridade andava pelo país

daquela maneira com o seu tambor. O tamborileiro respondeu que tinha boa autoridade, e apresentou a sua licença, com uma ordem assinada por Sir William Cawley e pelo Coronel Ayliff, de Gretenham. O Sr. Mompesson, conhecendo a letra destes cavalheiros, descobriu que tanto a licença como a ordem eram falsas, e ordenou então ao vadio que largasse o tambor, incumbindo o constável de o levar perante o próximo Juiz de Paz, para ser mais bem examinado e castigado.

O sujeito acabou por confessar a fraude, e implorou com insistência para que lhe devolvessem o tambor. O Sr. Mompesson disse-lhe que, se obtivesse do Coronel Ayliff, de quem dizia ser tamborileiro, o testemunho de que fora um homem honesto, tornar-ia a tê-lo; mas entretanto iria guardá-lo em segurança. Assim, deixou o tambor com o alcaide, e o tamborileiro nas mãos do constável, que, ao que parece, se deixou convencer pelas súplicas do homem e o deixou ir.

Pelos meados de Abril seguinte, quando o Sr. Mompesson se preparava para uma viagem a Londres, o alcaide enviou o tambor para sua casa: no regresso da viagem, a esposa contou-lhe que tinham estado muito assustados durante a noite com ladrões, e que a casa estivera quase a ser arrombada. E não estivera ele em casa mais de três noites, quando o mesmo ruído se fez ouvir, o qual perturbara a família durante a sua ausência.

Eram pancadas muito fortes às portas e no exterior da casa: levantou-se então, e percorreu a casa com um par de pistolas nas mãos; abriu a porta onde o grande bater se ouvia, e logo o som passou para outra porta; abriu também essa, e saiu em volta da casa, mas nada conseguiu descobrir, apenas ainda ouvia um ruído estranho e som oco. Quando voltou para a cama, o barulho transformou-se em pancadas e rufar no telhado, que duraram algum tempo e depois foram aos poucos diminuindo.

Depois disto, o barulho de pancadas e rufos foi muito frequente, geralmente durante cinco noites seguidas, intercalando depois com três de silêncio. Era no exterior da casa, feita sobretudo de tábuas. Surgia invariavelmente quando se deitavam, fosse cedo ou tarde. Após um mês de distúrbios do lado de fora, entrou no quarto onde o tambor estava

guardado, quatro ou cinco noites em cada sete, dentro de meia hora depois de estarem deitados, continuando quase duas horas.

O sinal da sua vinda, antes de chegar, era sempre um turbilhão no ar sobre a casa, e, ao retirar-se, o rufar de um tambor, como no fim da guarda. Permaneceu neste quarto durante dois meses, tempo em que o próprio Sr. Mompesson ali dormiu para o observar. No início da noite era muito perturbador, mas ao fim de duas horas tudo ficava em sossego.

Tendo a Sra. Mompesson dado à luz, houve pouco barulho na noite do parto, nem nenhum durante três semanas depois, até recuperar forças. Mas após esta pausa, voltou de forma mais rude do que antes, e perseguiu e molestou as crianças mais novas, batendo nos seus leitos com tamanha violência, que todos os presentes esperavam vê-los desfazer-se.

Tocando-lhes, não se sentiam pancadas, mas percebia-se que estremeciam violentamente: por vezes durante uma hora inteira tocava o *tattoo* e várias outras marchas de guerra, tão bem como qualquer tamborileiro. Depois disto, ouviam-se arranhadelas por baixo das camas das crianças, como se fossem feitas por garras de ferro. Erguia as crianças nas camas, seguia-as de um quarto a outro, e por algum tempo não assombrou senão a elas.

Havia um sótão na casa que não tinha ainda sido incomodado, para onde levaram as crianças, deitando-as durante o dia claro; mas mal foram deitadas, lá estava o perturbador com elas como antes.

No dia 5 de Novembro de 1661, fez um ruído terrível, e um criado, reparando que duas tábuas do quarto das crianças pareciam mover-se, pediu-lhe que lhe desse uma delas; ao que a tábua veio (sem que se visse nada a

movê-la) até cerca de uma jarda dele: o homem acrescentou: "Ora, deixa-me tê-la na mão"; ao que foi empurrada até ele de novo, e assim sucessivamente, para cá e para lá, pelo menos vinte vezes seguidas, até o Sr. Mompesson proibir tal familiaridade ao seu servo. Isto passou-se de dia, e foi visto por uma sala cheia de pessoas. Nessa manhã deixou atrás de si um cheiro sulfuroso, muito desagradável. À noite o ministro, o Sr. Cragg, e vários vizinhos foram em visita à casa. O ministro

rezou com eles, ajoelhando-se junto à cama das crianças, onde então o ruído era forte e perturbador.

Durante a oração retirou-se para o sótão, mas regressou logo após terminarem, e então, à vista de todos, as cadeiras moveram-se sozinhas pela sala, os sapatos das crianças foram atirados por cima das suas cabeças, e tudo o que estava solto se moveu pelo quarto. Ao mesmo tempo, uma vara de cama foi arremessada contra o ministro, atingindo-o na perna, mas tão suavemente que não poderia ter caído lã mais leve, e notou-se que parou exatamente onde caiu, sem rolar nem se mover do lugar.

Vendo o Sr. Mompesson que tanto perseguia as pequenas crianças, mandou-as para a casa de um vizinho, levando a filha mais velha, de cerca de dez anos, para o seu próprio quarto, onde nunca antes se dera nada. Mas logo que ela se deitou, a perturbação começou de novo, durando três semanas com rufos e outros ruídos, e notou-se que respondia exatamente em toques de tambor a qualquer coisa que lhe fosse pedido ou marcado.

Depois disto, estando a casa onde as crianças se hospedavam cheia de estranhos, foram trazidas de volta, e como até aí nunca houvera distúrbios no salão, deitaram-nas ali, onde também o perseguidor as encontrou, mas então apenas lhes puxava os cabelos e as roupas de dormir, sem outra perturbação.

Foi observado que, quando o ruído era mais forte e vinha com a mais súbita e surpreendente violência, nenhum cão da casa se mexia, embora as pancadas fossem muitas vezes tão rudes e violentas, que se ouviam a grande distância nos campos, acordando vizinhos da aldeia, que, no entanto, não moravam perto daquela casa. Os criados eram por vezes erguidos nas suas camas, e deixados de novo suavemente sem dano; outras vezes pesava-lhes como um grande fardo sobre os pés.

Pelos fins de Dezembro de 1661, o rufar tornou-se menos frequente, e então ouviu-se um som como de moedas a tilintar, provocado, pensava-se, por algo que a mãe do Sr. Mompesson dissera no dia anterior a uma vizinha, que falava de fadas que deixavam dinheiro, a saber: que bem gostaria se ao menos lhes deixassem algum, em compensação pelos trabalhos; na noite

seguinte a estas palavras, ouviu-se um grande tilintar de moedas por toda a casa.

Depois disto, deixou os ruídos mais rudes e entregou-se a pequenas partidas parvas e menos incómodas. Na véspera de Natal, pouco antes do amanhecer, um dos rapazes levantando-se da cama, foi atingido num sítio ferido do calcanhar, com o trinco da porta: o pino que o segurava era tão pequeno que foi difícil tirá-lo. Na noite depois do Natal, lançou as roupas da velha senhora pela sala, e escondeu-lhe a Bíblia nas cinzas. Em tais tolices se divertia frequentemente.

Depois disto, foi muito incómodo para um criado do Sr. Mompesson, homem robusto e de vida sóbria; este dormia dentro durante as maiores perturbações, e por várias noites algo tentava arrancar-lhe as roupas da cama, de tal modo que era forçado a puxar com força para as segurar, e às vezes eram-lhe tiradas pela força, e os sapatos atirados à cabeça; e de quando em quando sentia-se como que preso de pés e mãos, mas sempre que conseguia usar a espada, e com ela feria, o espírito largava-o.

Pouco depois destas contendas, um filho do Sr. Thomas Bennet, de quem o tamborileiro tinha por vezes sido criado, veio à casa e contou ao Sr. Mompesson algumas palavras que este proferira, e que, ao que parece, não foram bem recebidas; pois mal se deitaram, o tambor soou de forma violenta e estrondosa; o cavalheiro levantou-se e chamou o seu criado, que dormia com o servo do Sr. Mompesson, chamado John.

Assim que o criado do Sr. Bennet saiu, John ouviu um rumor no seu quarto, e algo aproximou-se da sua cama, como se fosse alguém com roupa de seda; o homem logo tentou alcançar a espada, mas encontrou-a retida, e foi com dificuldade e muito esforço que a conseguiu segurar; mal o fez, o espectro deixou-o, e sempre se notou que evitava uma espada.

Pelos começos de Janeiro de 1662, ouviram cantar na chaminé antes de descer; e certa noite, por esse tempo, viram-se luzes na casa.

Uma delas entrou no quarto do Sr. Mompesson, parecia azulada e trémula, e causou grande rigidez nos olhos de quem a viu. Depois da luz, ouviu-se algo a subir as escadas, como se fosse alguém descalço. A luz foi também vista quatro ou cinco vezes

no quarto das crianças; e as criadas afirmam com toda a confiança que as portas foram abertas e fechadas pelo menos dez vezes diante delas, e, quando se abriam, ouviam um ruído como se meia dúzia tivesse entrado de uma vez, após o que se ouviu alguns a passear pelo quarto, e um a farfalhar como se fosse seda; o próprio Sr. Mompesson ouviu uma vez estes ruídos.

Durante o tempo das pancadas, estando presentes muitas pessoas, um cavalheiro do grupo disse: "Satã, se o tamborileiro te pôs a trabalhar, dá três pancadas e não mais"; o que ele fez muito distintamente, e parou. Depois o cavalheiro bateu para ver se lhe responderia como era costume, mas não o fez; para uma prova adicional, pediu-lhe, para confirmação, se fosse o tamborileiro, que desse cinco pancadas e nenhuma mais nessa noite, o que fez, e deixou a casa quieta durante toda a noite seguinte. Isto foi feito na presença de Sir Thomas Chamberlain, de Oxfordshire, e de vários outros.

Na manhã de sábado, uma hora antes do amanhecer, a 10 de Janeiro, ouviu-se um tambor a rufar no exterior do quarto do Sr. Mompesson, de onde foi até à outra extremidade da casa, onde dormiam alguns cavalheiros estranhos, tocando à porta deles, por fora, quatro ou cinco músicas diferentes, e assim se perdeu no ar.

Na noite seguinte, um ferreiro da aldeia, dormindo com John, o criado, ouviu um ruído no quarto, como se alguém estivesse a ferrar um cavalo, e alguma coisa veio, como que com um alicate, a dar beliscões no nariz do ferreiro durante quase toda a noite.

Certa manhã, o Sr. Mompesson, levantando-se cedo para partir numa viagem, ouviu um grande barulho em baixo, onde dormiam as crianças, e correndo para lá com uma pistola na mão, ouviu uma voz a gritar "Uma bruxa, uma bruxa", como também já tinham ouvido uma vez antes. À sua entrada, tudo ficou quieto.

Tendo uma noite pregado algumas partiditas aos pés da cama do Sr. Mompesson, foi para outra cama onde jazia uma das suas filhas; ali ia de um lado para o outro, erguendo-a à medida que passava por baixo. No momento em que havia três tipos de ruídos na cama, tentaram espetá-la com uma espada,

mas ela desviava-se sempre e evitava cuidadosamente a estocada, metendo-se sempre debaixo da criança quando lha apontavam. Na noite seguinte, veio arfando como um cão sem fôlego; então alguém pegou numa vara de cama para bater, que lhe foi arrancada da mão e atirada ao longe, e, chegando gente ao quarto, este encheu-se imediatamente de um cheiro pestilento, e estava muito quente, embora sem lume, em pleno inverno muito rigoroso. Permaneceu na cama a arfar e a arranhar durante uma hora e meia, e depois foi para o quarto ao lado, onde bateu um pouco e pareceu chocalhar uma corrente; assim fez por duas ou três noites seguidas.

Depois disto, a Bíblia da senhora foi encontrada nas cinzas, com as capas de papel viradas para baixo. O Sr. Mompesson pegou nela, e reparou que estava aberta no terceiro capítulo de São Marcos, onde se fala dos espíritos impuros que caíam diante do nosso Salvador, e de Ele dar poder aos doze para expulsar demónios, e da opinião dos escribas de que Ele os expulsava por Belzebu.

Na noite seguinte espalharam cinza pelo quarto, para ver que impressões deixaria; de manhã encontraram num ponto a semelhança de uma grande garra, noutro de uma menor, noutro ainda umas letras de que nada conseguiram fazer, além de muitos círculos e riscos nas cinzas.

"Por esta altura", diz Glanvil, "fui à casa averiguar a verdade desses episódios, de que havia tão grande rumor. Tinha cessado o rufar e os ruídos mais grosseiros antes de eu lá chegar, mas a maioria das circunstâncias mais notáveis atrás referidas foram-me confirmadas ali por vários vizinhos em conjunto, que estiveram presentes a elas. Nessa altura costumava assombrar as crianças, e isso mal se deitavam. Elas foram para a cama nessa noite em que lá estive por volta das oito horas, quando uma criada, descendo de junto delas, nos disse que estava a vir.

Os vizinhos que lá estavam, e dois ministros que o tinham visto e ouvido diversas vezes, foram-se embora; mas o Sr. Mompesson e eu, e um cavalheiro que viera comigo, subimos. Ouvi um estranho arranhar ao subir as escadas, e, quando entrámos no quarto, percebi que estava mesmo atrás do travesseirão da cama das crianças, e parecia estar contra a

baeta. Era um arranhar tão alto como o que alguém com unhas compridas poderia fazer num travesseirão. Estavam na cama duas meninas modestas, de entre sete e oito anos, segundo calculei. Vi as suas mãos fora das cobertas, e não podiam contribuir para o ruído que vinha detrás das suas cabeças; estavam habituadas a isso e tinham sempre alguém no quarto com elas, e por isso não pareciam muito assustadas.

Eu, estando à cabeceira, meti a mão por trás do travesseirão, dirigindo-a ao lugar de onde o ruído parecia vir; ao que o ruído cessou ali e foi ouvido noutra parte da cama; mas, quando tirei a mão, voltou e ouviu-se no mesmo ponto de antes. Tinham-me dito que imitava ruídos, e fiz prova arranhando várias vezes no lençol, como cinco e sete e dez, o que ele seguiu, parando sempre no meu número. Procurei por baixo e atrás da cama, virei as roupas até às cordas, apertei o travesseirão, soei a parede atrás, e fiz toda a busca possível para ver se havia algum embuste, artifício ou causa vulgar; o mesmo fez o meu amigo, mas nada pudemos descobrir.

De modo que então fiquei realmente persuadido, e assim estou ainda, de que o ruído era feito por algum demónio ou espírito. Depois de ter arranhado cerca de mais meia hora, foi para o meio da cama, por baixo das crianças, e ali pareceu arfar como um cão sem fôlego, muito alto. Pus a mão no sítio, e senti a cama a erguer-se contra ela, como se algo dentro a empurrasse para cima. Apertei as penas, para sentir se havia alguma coisa viva dentro. Olhei por baixo e por todo o lado, para ver se havia cão ou gato ou criatura semelhante no quarto, e assim fizemos todos, mas nada encontrámos. O movimento que causava com este arfar era tão forte, que sacudia a sala e as janelas de forma bem sensível.

Continuou assim por mais de meia hora, enquanto eu e o meu amigo permanecemos no quarto, e tanto tempo depois quanto nos disseram. Durante o arfar, aconteceu ver, como se fosse, alguma coisa (que pensei ser um rato ou camundongo) a mexer num saco de linho, pendurado junto a outra cama que havia no quarto. Acerquei-me e agarrei-o pela ponta de cima com uma mão, com a qual o segurei, e passei-o pela outra, mas não encontrei nada dentro. Não havia ninguém perto para agitar o saco, ou, se houvesse, ninguém poderia ter feito tal movimento, que parecia vir de dentro, como se um ser vivo se

mexesse nele. Este episódio não o mencionei nas relações anteriores, porque dependia apenas do meu testemunho, e pode estar sujeito a mais evasivas do que os outros que referi; mas, tendo-o contado a vários homens doutos e inquisitivos, que o julgaram não de todo desprezível, junto-o agora aqui.

Sei que alguns dirão que eu e o meu amigo estávamos sob algum medo, e assim imaginámos ruídos e visões que não eram. Esta é a evasiva eterna. Mas, se é possível saber como um homem se sente quando tem medo e quando está despreocupado, eu certamente sei, por mim, que, durante todo o tempo em que estive no quarto e na casa, não estive mais assustado do que estou enquanto escrevo este relato. E, se sei que agora estou acordado e que vejo os objetos que estão diante de mim, sei que ouvi e vi os pormenores que contei. Não há, reconheço, grande matéria de história neles, mas há o suficiente para me convencer de que houve algo de extraordinário, e do que geralmente chamamos preternatural, no caso.

Houve outras passagens na minha estada em Tedworth que não publiquei, porque não são provas tão claras e inatacáveis. Vou agora mencioná-las brevemente: Valeant quantum valere possunt. Eu e o meu amigo dormimos no quarto onde se dera a primeira e principal perturbação. Dormimos bem toda a noite, mas cedo, antes do dia, de manhã, fui despertado (e eu despertei o meu companheiro de cama) por uma forte batida mesmo fora da porta do nosso quarto. Perguntei várias vezes quem estava ali, mas a batida continuava sem resposta. Por fim disse: 'Em nome de Deus, quem é, e que quereis?' Ao que uma voz respondeu: 'Nada contigo.' Pensando nós que fosse algum criado da casa, tornámos a dormir.

Mas, falando disso ao Sr. Mompesson quando descemos, assegurou-nos que ninguém da casa dormia por aquele lado, nem tinha que fazer por ali, e que os seus criados não se levantavam antes de ele os chamar, o que foi depois de amanhecer. Todos afirmaram e protestaram que o ruído não fora feito por eles. O Sr. Mompesson já nos dissera que, a meio da noite, se ia embora, e que voltava diversas vezes de madrugada, por volta das quatro horas, e suponho que isto terá sido por esse tempo.

Mas prossigamos com os pormenores do próprio Sr. Mompesson. Numa manhã entrou uma luz no quarto das crianças, e uma voz a gritar 'Uma bruxa, uma bruxa', pelo menos cem vezes seguidas."

O Sr. Mompesson, noutra altura (sendo de dia), vendo alguma lenha mexer-se na chaminé de um quarto onde estava, como se fosse por si mesma, disparou-lhe uma pistola; depois disso encontraram várias gotas de sangue na lareira e em diversos pontos das escadas.

Por duas ou três noites após o disparo da pistola, houve calma na casa, mas depois voltou, aplicando-se a uma criancinha recém-desmamada, a quem perseguiu de tal maneira que não deixou o pobre bebé descansar por duas noites seguidas, nem permitiu velas no quarto, antes as levava, acesas, pela chaminé acima, ou as atirava para debaixo da cama. Assustou tanto esta criança, saltando-lhe em cima, que durante algumas horas ela não pôde ser reanimada do susto, pelo que foram obrigados novamente a tirar as crianças de casa.

Na noite seguinte, por volta da meia-noite, algo subiu as escadas e bateu à porta do Sr. Mompesson; mas, ficando ele quieto, subiu outro lanço de escadas, até ao quarto do seu criado, a quem apareceu, de pé ao fundo da cama; a forma e proporção exatas não pôde ele discernir, mas diz que viu um grande corpo, com dois olhos vermelhos e faiscantes, que por algum tempo ficaram fixos nele, e por fim desapareceram.

Pelos começos de abril de 1663, um cavalheiro que dormia na casa teve todo o seu dinheiro escurecido nos bolsos; e o Sr. Mompesson, entrando certa manhã no estábulo, encontrou o cavalo em que costumava montar caído no chão, com uma das pernas traseiras metida na boca, e ali tão presa, que foi difícil a vários homens tirá-la com uma alavanca. Depois disto, houve outras coisas notáveis, mas o relato não vai mais longe; apenas o Sr. Mompesson afirmou positivamente que, mais tarde, a casa foi várias noites cercada por sete ou oito com forma de homens, os quais, mal se disparava uma espingarda, se juntavam todos e se esgueiravam para abrigo.

O tamborileiro foi julgado nas sessões de Salisbury por esta ocasião. Foi primeiro encarcerado na cadeia de Gloucester por

roubo, e, vindo um homem de Wiltshire visitá-lo, perguntou-lhe que novidades havia em Wiltshire; o visitante disse que não sabia de nenhumas. "Não!", diz o tamborileiro, "não ouvis o rufar de tambor na casa de um fidalgo em Tedworth?" "Disso ouço eu bastante", disse o outro.

"Eu", tornou o tamborileiro, "eu tenho-o atormentado (ou algo nesse sentido), e ele nunca terá sossego até me satisfazer por me ter tirado o tambor." Após esta informação, o sujeito foi julgado por bruxo em Sarum, e todas as circunstâncias principais aqui referidas foram juradas nas sessões pelo pároco e por diversos outros dos habitantes mais inteligentes e de maior substância, que delas tinham sido testemunhas oculares e auriculares, vez após vez, ao longo de vários anos.

O sujeito foi condenado à deportação e, em conformidade, enviado; mas por algum meio (diz-se que levantando tempestades e aterrorizando os marinheiros) conseguiu voltar novamente. E é de notar que, durante todo o tempo da sua detenção e ausência, a casa esteve quieta; mas, mal foi posto em liberdade, a perturbação regressou.

Tinha sido soldado sob Cromwell, e costumava falar muito de uns livros valentes que tinha de um velho que era tido por feiticeiro. Este é o resumo da perturbação do Sr. Mompesson, em parte da sua própria boca, relatado diante de muitas pessoas que tinham sido testemunhas de tudo e confirmaram o seu relato; e em parte das suas próprias cartas, de onde se colhe a ordem e sequência dos acontecimentos. Os mesmos pormenores enviou também ao Dr. Creed, que era à época Doutor da Cátedra em Oxford.

O Sr. Mompesson sofreu com isso no nome, nos bens, em todos os seus assuntos, e na paz geral da sua família. Os descrentes em espíritos e bruxas tomavam-no por impostor. Muitos outros julgavam que a permissão de um mal tão extraordinário era o juízo de Deus sobre ele, por alguma notória maldade ou impiedade. Assim o seu nome estava continuamente exposto à censura, e os seus bens sofriam com a afluência de gente de todas as partes à sua casa, com a distração que isso lhe causava dos seus assuntos, com o desânimo dos criados, razão pela qual mal conseguia que algum vivesse com ele.

O Tamborileiro de Tedworth encontrou grande oposição quando foi primeiro narrado, e travaram-se várias controvérsias violentas. Sinais antes da Morte.

## CASA ASSOMBRADA HÁ CERCA DE TRINTA ANOS OU MAIS EM BOW, PERTO DE LONDRES, E ESTRANHAMENTE PERTURBADA POR DEMÓNIOS E BRUXAS

Um certo cavalheiro, há cerca de trinta anos ou mais, tendo de viajar de Londres para Essex, e de passar por Bow, a pedido de um amigo passou por uma casa ali, que então começava a estar um pouco inquieta. Mas nada de muito notável ainda, salvo uma jovem rapariga que era perturbada na cama, a qual morreu poucos dias depois.

Algumas semanas depois, chamando-o os seus afazeres de volta, passou novamente pela mesma casa, mas não tinha intenção de lhes fazer nova visita, por a ter feito não havia muito. Mas sucedendo que a dona da casa estava à porta, julgou-se obrigado a ir ter com ela e perguntar como estava.

Ao que ela respondeu, com semblante pesaroso, que, embora tivesse saúde tolerável, as coisas iam muito mal com eles, sua casa estando extremamente assombrada, sobretudo no andar de cima, de tal modo que eram obrigados a ficar nas divisões de baixo, tal era o atirar de coisas de um lado para o outro, de pedras e tijolos pelas janelas, e o pôr tudo em desordem. Mas ele mal se conteve de rir dela, dando tão pouco crédito a tais histórias, e pensou que eram apenas partidas de alguns velhacos para se divertirem e apoquentarem os vizinhos.

"Pois bem", diz ela, "se ao menos ficar um pouco, pode ser que veja algo com os seus próprios olhos." E na verdade não ficou ele muito tempo com ela na rua, quando uma janela de um quarto do andar de cima se abriu por si (pois os da casa davam por certo que não havia ninguém no andar de cima), e saiu por ela um pedaço de uma roda velha. Logo a seguir bateu de novo. Um pouco depois abriu-se de repente outra vez, e saiu um tijolo, o que inflamou no cavalheiro um desejo ainda mais vivo de ver o que se passava e de descobrir a velhacaria. E por

isso resolveu ousadamente que, se alguém quisesse subir com ele, iria ao quarto.

Mas ninguém presente ousou acompanhá-lo. Ainda assim, o vivo desejo de descobrir o embuste levou-o a aventurar-se sozinho nesse quarto; onde, ao entrar, viu a roupa da cama, cadeiras e escabelos, e castiçais, e varas de cama, e todo o mobiliário espalhado grosseiramente pelo chão, mas, ao procurar, não encontrou mortal algum no quarto.

Pois bem, fica ali algum tempo para experimentar conclusões; logo uma vara de cama começa a mover-se e a rodar por um bom bocado sobre a sua ponta, e por fim a deitar-se direita outra vez. O curioso espetador, vendo-a estar quieta por um tempo, aproxima-se, examina-a, se algum cordel ou cabelo lhe estava atado, ou se havia buraco ou botão para prender tal cordel, ou algum buraco ou cordel no teto por cima; mas, após busca, não encontrou o menor indício de coisa semelhante.

Retira-se de novo para a janela e observa um pouco mais o que poderia suceder. Logo, outra vara de cama ergue-se do chão por si, sobe mais alto no ar, e parece encaminhar-se para ele. Agora começa a pensar que havia algo mais do que o comum no caso, e põe-se imediatamente à porta com toda a pressa, e, por cautela, fecha-a atrás de si; a qual foi logo aberta de novo, e tal tropel de cadeiras, e escabelos, e castiçais, e varas de cama lançados atrás dele pelas escadas abaixo, como se tencionassem aleijá-lo, mas o movimento era tão moderado que não sofreu dano; mas a esta altura estava ele plenamente convencido de que não era mero medo de mulher ou superstição o que tanto aterrava a dona da casa.

E, estando ele numa divisão de baixo a falar com a família sobre estas coisas, viu um cachimbo de tabaco levantar-se de uma mesa lateral, sem ninguém perto, e voar para o outro lado da sala, e partir-se contra a parede, para maior confirmação sua de que não eram partidas de velhacos, nem fantasia de mulher, mas os loucos folguedos de bruxas e demónios.

O que, estando os da casa plenamente persuadidos, assaram uma vara de cama, ao que uma velha, suspeita de bruxa, veio à casa e foi presa, mas escapou à justiça. Mas a casa, depois, ficou tão mal assombrada em todas as divisões, altas e baixas,

que permaneceu vazia por muito tempo. — Glanvil sobre Bruxas.

## RELATO DO SR. JERMIN DE UMA CASA ASSOMBRADA, E DE QUE PERTURBAÇÃO ELE PRÓPRIO FOI TESTEMUNHA NUMA VISITA À IRMÃ DA SUA ESPOSA

Um tal Sr. Jermin, ministro de Bigner, em Sussex, indo ver uma irmã da sua mulher, achou-a muito melancólica e, perguntando-lhe a razão, ela respondeu: "Saberá amanhã de manhã." Quando ele foi para a cama, dois criados acompanharam-no ao quarto, e no dia seguinte soube que eles não ousavam entrar sozinhos em nenhuma divisão da casa.

Durante a noite, estando ele na cama, ouviu o pisar de muitos pés sobre as placas de chumbo do telhado, por cima da sua cabeça, e depois disso o disparo de uma arma, após o qual se seguiu grande silêncio. Em seguida desceram velozmente as escadas para o seu quarto, onde se puseram a lutar, derrubando-se uns aos outros, e assim continuaram por muito tempo.

Depois de ficarem quietos, puseram-se a sussurrar e fizeram um grande zum-zum, do qual ele nada pôde entender. Então alguém chamou à porta e disse: "Rompeu o dia, vamos embora", ao que subiram as escadas tão depressa quanto podiam, e ele já nada mais ouviu deles.

De manhã, o irmão e a irmã entraram no seu quarto, e ela disse: "Agora, mano, sabes porque estou tão melancólica"; depois de lhe perguntar como dormira, e ele responder: Nunca em toda a minha vida descansei pior, tendo sido perturbado grande parte da noite com tumbos e ruídos. Ela queixou-se de que o marido a queria obrigar a viver ali, apesar de estarem continuamente assustados, ao que o marido respondeu que os perturbadores nunca lhes tinham feito nenhum outro mal.

Ao jantar, estava com eles um médico, que era conhecido. Discutindo o Sr. Jermin acerca desta perturbação, o médico respondeu também que nunca fora feito qualquer dano, do que deu este exemplo: que, estando um dia a almoçar ali, chegou ao pátio um homem a cavalo, de luto. O seu criado foi saber ao

que vinha e encontrou-o sentado muito melancólico, nem dele pôde obter resposta alguma. O dono da casa e o médico foram ver quem era; ao que o homem cravou as esporas no cavalo e entrou com ele pela casa dentro, subiu as escadas até uma galeria comprida, aonde o médico o seguiu, e viu-o desaparecer num fogo na extremidade superior da galeria. Mas, embora ninguém da família recebesse mal algum em tempo algum, o Sr. Jermin caiu com febre por causa da perturbação que experimentou, que pôs a sua vida em perigo.

*Glanvil sobre Bruxas.*

## SONHOS.
## UM SONHO NOTÁVEL DO DR. DODDRIDGE;

Conservado pelo Rev. Samuel Clarke, e por ele relatado como segue:
O Doutor e o meu pai tinham estado a conversar certa noite sobre a natureza do estado separado, e a probabilidade de que os cenários em que a alma entrará, ao deixar o corpo, tenham alguma semelhança com aqueles com que estivera em contacto enquanto na terra, para que, gradualmente, fosse preparada para a felicidade mais sublime do mundo celestial. Esta e outra conversa terão provavelmente dado origem ao seguinte sonho:

O Doutor imaginou-se gravemente doente em casa de um amigo em Londres e, depois de jazer assim algum tempo, pensou que a sua alma deixou o corpo e tomou o voo nalguma espécie de veículo subtil, que, embora muito diferente do corpo que acabara de abandonar, ainda era material. Prosseguiu o seu curso até ficar a alguma distância da cidade e, voltando-se e revendo as urbes, não pôde deixar de dizer consigo:

"Quão fúteis e vãs me parecem estes assuntos em que os habitantes deste lugar se ocupam com tanto afinco, a mim, espírito separado!" Por fim, continuando o seu avanço, e embora sem direção certa, ainda assim sossegado e feliz nos pensamentos da providência e governo universais de Deus, que se estendem por igual a todos os estados e mundos, deparou-se com alguém que lhe disse ter sido enviado para o conduzir ao lugar designado para a sua morada, do que concluiu que não podia ser outro senão um anjo, embora, tanto quanto me lembro, aparecesse sob a forma de um homem idoso. Seguiram

ambos até que avistaram um edifício espaçoso, com ar de palácio: perguntando ele o que era, o guia disse-lhe ser o lugar destinado à sua residência por agora; ao que o Doutor observou que se lembrava de ter lido em vida que "o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem ao coração subiu" o que Deus preparou para os seus servos, ao passo que ele facilmente poderia ter concebido a ideia de tal edifício a partir de outros que vira, muito embora reconhecesse que eram muito inferiores a este em elegância.

A resposta que o guia lhe deu foi claramente sugerida pela conversa da véspera; foi que a cena primeiro apresentada fora concebida propositadamente para ter grande semelhança com aquelas a que se habituara na terra, para que o seu espírito pudesse ser mais fácil e gradualmente preparado para as glórias que sobre ele se abririam na eternidade, e que a princípio o teriam deslumbrado e sobrepujado de todo.
Nessa altura chegaram ao palácio, e o guia conduziu-o por uma espécie de salão até ao interior.

A primeira coisa notável que viu foi uma taça dourada que estava sobre a mesa, na qual estava em relevo a figura de uma vide e um cacho de uvas. Perguntou ao guia o significado disto, que lhe disse ser a taça em que o Salvador bebeu vinho novo com os seus discípulos no seu reino; e que as figuras nela gravadas pretendiam significar a união entre Cristo e o seu povo, implicando que, assim como as uvas recebem toda a sua beleza e sabor da vide, assim os santos, mesmo em estado de glória, deviam a sua firmeza e felicidade à sua união com a sua Cabeça, em quem todos eram completos.

Estando assim a conversar, ouviu uma pancada à porta, e foi informado pelo anjo de que era o sinal da aproximação do seu Senhor, e destinava-se a prepará-lo para o encontro. Passado pouco, pensou ele que o nosso Salvador entrou na sala e, lançando-se aos seus pés, este, cheio de inefável complacência, o ergueu benignamente e lhe assegurou o seu favor e a benevolente aceitação dos seus fiéis serviços; e, como sinal do seu particular apreço e da íntima amizade com que tencionava honrá-lo, tomou a taça e, depois de nela beber, entregou-lha à mão.

O Doutor quis decliná-la ao princípio, como honra demasiado grande, mas o seu Senhor replicou, como a Pedro quanto a lavar-lhe os pés: "Se não beberes comigo, não tens parte comigo." A cena, observou ele, encheu-o de tal transporte de gratidão, amor e admiração, que estava prestes a desfazer-se sob ela. O Mestre pareceu aperceber-se disso e disse-lhe que o devia deixar por ora, mas não tardaria a repetir a visita; e, entretanto, encontraria bastante com que ocupar os seus pensamentos, refletindo no que passara e contemplando os objetos ao redor.

Logo que o seu Senhor se retirou e o ânimo se lhe compôs um pouco, reparou que a sala estava forrada de quadros e, examinando-os mais atentamente, descobriu, com grande surpresa, que continham a história da sua própria vida; as cenas mais notáveis por que passara estavam ali representadas de modo vivíssimo.

Fácil é imaginar quanto isto afetaria o seu espírito: as muitas tentações e provas a que fora exposto, e os assinalados exemplos da bondade divina para com ele nos diferentes períodos da sua vida, que por este meio se lhe apresentavam de uma vez à vista, despertaram os mais fortes movimentos de gratidão, sobretudo quando refletiu que agora estava fora do alcance de qualquer futura aflição, e que todos os desígnios do amor e misericórdia divinos para com ele estavam felizmente cumpridos.

O êxtase de alegria e reconhecimento em que tais reflexões o lançaram foi tão grande que o despertou do sono. Mas, por algum tempo considerável depois de se levantar, as impressões permaneceram tão vívidas, que lágrimas de alegria lhe corriam pelas faces, e disse que nunca, em ocasião alguma, se lembrava de ter sentido sentimentos de devoção, amor e gratidão tão fortes. — *Notícias do Mundo Invisível.*

## SONHO DE NICHOLAS WOTTON

No ano da nossa redenção de 1553, Nicholas Wotton, deão de Canterbury, então embaixador em França, sonhou que o seu sobrinho, Thomas Wotton, se inclinava a tomar parte em tal projeto que, se não fosse logo impedido, redundaria na perda da sua vida e ruína da sua família. Na noite seguinte tornou a

sonhar o mesmo; e, sabendo que aquilo não dependia dos seus pensamentos em vigília, muito menos dos desejos do seu coração, considerou-o então mais seriamente; e resolveu usar tão prudente remédio (por via de prevenção) quanto não introduzisse grande inconveniente para nenhuma das partes. E, para esse fim, escreveu à rainha (era a rainha Maria) e suplicou-lhe que mandasse chamar o seu sobrinho, Thomas Wotton, de Kent, e que os lordes do seu conselho o interrogassem em algumas perguntas simuladas que pudessem dar cor à sua remessa para uma prisão benigna; declarando que daria a conhecer a Sua Majestade a verdadeira razão do seu pedido quando fosse de novo tão feliz que a visse e com ela falasse. Fez-se como o deão desejou, e o Sr. Wotton foi enviado para a prisão.

Nesta altura, ficou concluído um casamento entre a nossa rainha Maria e Filipe, rei de Espanha, a que várias pessoas não só se declararam contra, como também levantaram forças para o opor: desse número, Sir Thomas Wyat, de Boxley-abbey, em Kent (entre cuja família e a dos Wotton havia antiga e inteira amizade), foi o principal ator; o qual, tendo persuadido muitos nobres e fidalgos (especialmente de Kent) a tomarem o seu partido, e sendo derrotado e feito prisioneiro, foi julgado, condenado e perdeu a vida; assim sucedeu ao duque de Suffolk, e a diversos outros, mormente a muitos fidalgos de Kent, que então foram executados em vários lugares como auxiliares de Wyat: e desse número (com toda a probabilidade) teria sido o Sr. Wotton, se não estivesse recluso; pois, embora não ignorasse que a traição de outro homem se torna sua ao ocultá-la, ainda assim ousou confessar ao tio, quando este regressou a Inglaterra e o foi visitar à prisão, que tivera mais do que uma insinuação das intenções de Wyat; e julgou que não teria continuado realmente inocente, se o tio não o tivesse tão felizmente sonhado para dentro de uma prisão.

Este mesmo Thomas Wotton, acima referido, pouco antes da sua morte, sonhou que o tesouro da universidade fora roubado por citadinos e estudantes pobres, e que o número era cinco; e, tendo nesse dia de escrever ao filho Henrique em Oxford, entendeu valer a pena o trabalho de, num posfácio da carta, fazer uma leve indagação sobre o assunto. A carta (que foi

escrita de Kent) chegou a casa do filho na mesma manhã seguinte à noite em que o roubo fora cometido; e, estando cidade e universidade ambas numa perplexa devassa atrás dos ladrões, então o Sir Henry Wotton mostrou a carta do pai; e por ela tal luz se deu a esta obra de trevas, que as cinco pessoas foram imediatamente descobertas e presas, sem pôr a universidade sequer à necessidade de lançar uma figura. — *Wanley's Wonders of the Little World*, vol. ii.

## CAPITÃO ROGERS, R.N.

No ano de 1664, um Capitão Thomas Rogers, comandante de um navio chamado *Society*, ia de viagem de Londres para a Virgínia. Tendo o navio sido enviado leve para a Virgínia, para carregar tabaco, não levava muitas mercadorias na viagem de ida.

Tiveram passagem bastante boa, e no dia anterior tinham feito uma observação, quando os pilotos e oficiais trouxeram os seus livros e fizeram as contas com o capitão, para ver quão perto estavam da costa da América. Todos concordaram que estavam ainda a cerca de cem léguas dos cabos da Virgínia. Com base nestas contas habituais, e ao sondarem com a sonda e não encontrarem fundo a cem braças, montaram a guarda, e o capitão recolheu-se à cama.

O tempo estava bom, soprava um vento fresco moderado e favorável à costa; de modo que o navio poderia ter corrido doze ou quinze léguas durante a noite, depois de o capitão se recolher ao camarote.

Adormeceu, e dormiu muito profundamente durante cerca de três horas, quando acordou de novo, e ficou até ouvir o segundo piloto levantar-se e render a vigia; então chamou o piloto-mor, quando este saía da vigia, e perguntou-lhe como iam as coisas: respondeu ele que tudo ia bem, que o vento refrescara e que corriam a grande marcha; mas era vento de feição e noite límpida: o capitão então tornou a adormecer.

Cerca de uma hora depois de ter adormecido novamente, sonhou que um homem o puxava e o acordava, e lhe dizia que se levantasse e olhasse para fora. Ele, porém, ficou quieto e voltou a dormir, e foi repentinamente acordado de novo, e assim várias vezes; e, embora não soubesse a razão, achou

impossível conciliar o sono; e sempre ouvia a visão dizer: Levanta-te e olha para fora.

Este incômodo durou quase duas horas; mas, por fim, cresceu de tal modo que já não pôde ficar deitado, ergueu-se, vestiu a roupa de vigia e saiu ao tombadilho de ré; ali encontrou o segundo piloto a passear e o contramestre na proa, sendo a noite amena e límpida, vento de feição e tudo bem como dantes.

O piloto, admirado de o ver, a princípio não o reconheceu; mas, chamando "Quem vem lá?", o capitão respondeu, e o piloto tornou: "Quem, o capitão! que se passa, senhor?"

Disse o capitão: "Não sei; mas tenho estado muito inquieto estas duas horas, e alguém me mandou levantar e olhar para fora, embora eu não saiba o que isso pode querer dizer."

"Como segue o navio ao leme?", disse o capitão. "Sudoeste por sul", respondeu o piloto; "de feição para a costa, e o vento este por norte."

"Isso é bom", disse o capitão; e, após outras perguntas, ia a voltar ao camarote, quando alguém se lhe pôs ao lado e disse: "Lança a sonda, lança a sonda."

Ante isto, voltou-se de novo para o segundo piloto, dizendo: "Quando lançaste a sonda? que fundo levaste?" "Há cerca de uma hora", replicou o piloto; "sessenta braças." "Lança de novo", disse o capitão. "Não há necessidade, senhor", disse o piloto; "mas, se quiser, faz-se."

Chamou-se então um homem, e, lançada a sonda, acharam fundo a onze braças.

Isto surpreendeu a todos, mas muito mais quando, à lança seguinte, veio a sete braças.

Com isto o capitão, apavorado, mandou pôr o leme a barlavento e virar de bordo, ordenando a toda a gente que mareasse as velas à ré, como é uso em tais casos.

Obedecidas as ordens, o navio arribou já, e veio à outra amura; e, antes que as velas enchessem, tinha apenas quatro braças e meia de água sob a popa; logo que encheu e guinou para o largo, voltaram a ter sete braças, e à sonda seguinte onze braças, e assim sucessivamente até vinte braças; então seguiu

para o mar fora todo o resto da vigia, para ganhar fundo, até amanhecer, quando, sendo manhã límpida, os cabos da Virgínia e toda a costa da América estavam à vista clara sob a popa, e a poucas léguas de distância. Se tivessem seguido mais apenas o comprimento de um cabo, como iam, teriam dado em seco e perdido certamente o navio, se não a vida. — *Sinais antes da Morte.*

## O SONHO DE WILLIAM HOWITT,

## NA SUA VIAGEM PARA A AUSTRÁLIA EM 1852

Algumas semanas atrás, ainda no mar, tive um sonho de estar em casa do meu irmão em Melbourne, e achei a sua casa num outeiro na extremidade longínqua da cidade, junto à mata aberta. O seu jardim descia um pouco pela encosta até alguns edifícios de tijolo em baixo; e havia estufas à mão direita, junto ao muro, quando se olhava da casa para baixo da encosta. Ao mirar pelas janelas no meu sonho, vi um bosque de árvores de folhagem escura, com aspeto algo segregado nas copas; isto é, as copas não formavam aquela massa densa como os nossos bosques.

"Ali", disse eu, dirigindo-me a alguém no sonho, "vejo a vossa floresta nativa de *Eucalyptus*!" Contei este sonho aos meus filhos e a dois dos nossos companheiros de viagem, na altura; e, ao desembarcar, ao caminharmos pelos prados, muito antes de chegarmos à cidade, vi esse mesmo bosque. "Ali!", exclamei, "está o bosquezinho do meu sonho. Veremos a casa do meu irmão ali!" E assim foi. Ergue-se exatamente como a vi; apenas com ar mais novo; mas, ali, por sobre o muro do jardim, está o bosque, precisamente como o vi, e como agora o vejo, enquanto me sento à janela da sala de jantar a escrever. Quando olho para esta cena, parece-me olhar para dentro do meu sonho.

## SONHO SEMELHANTE DO SR. EDMUND HALLEY

O Sr. Edmund Halley, Fellow da Royal Society, foi levado por um forte impulso a fazer uma viagem a Santa Helena para observar as constelações austrais, sendo então de cerca de vinte e quatro anos. Antes de empreender a viagem, sonhou que estava no mar navegando para aquele lugar, e viu do navio, em sonho, o panorama dele; o que declarou na Royal Society ser uma perfeita representação da ilha tal como

realmente lhe apareceu quando dela se aproximou. — *Nocturnal Revels.*

## SONHO SINGULAR

O *Durham Herald*, de dezembro de 1848, dá notícia do desaparecimento do Sr. Smith, jardineiro de Sir Clifford Constable, que se supunha ter caído no rio Tees, tendo-se encontrado o seu chapéu e bengala junto à margem. O rio fora dragado diariamente; mas todo o esforço feito para encontrar o corpo revelou-se infrutífero.

Na noite de quinta-feira, porém, um indivíduo chamado Awde, residente em Little Newsham, pequena aldeia a cerca de quatro milhas de Wycliff, sonhou que Smith jazia debaixo da saliência de certa rocha, cerca de trezentas jardas abaixo da ponte de Whorlton, e que tinha o braço direito partido. Awde levantou-se cedo na sexta-feira, e o sonho produziu nele tal efeito que resolveu ir procurar no rio. Partiu, pois, com esse propósito, sem mencionar o caso, por receio de ser alvo de risota dos vizinhos.

Não obstante, ao chegar à casa dos barcos, revelou o seu propósito quando o homem lhe perguntou para que precisava do barco. Remou até ao local que tinha visto no sonho; e ali, coisa estranha, à primeira tentativa que fez com o bicheiro, puxou para cima o corpo do infeliz, com o braço direito realmente partido.

## SONHO NOTÁVEL DO REVERENDO JOSEPH WILKINS

O falecido Rev. Joseph Wilkins, ministro dissidente em Weymouth, sonhou, na primeira parte da sua vida, um sonho muito notável, que cuidadosamente conservou por escrito como segue: — Certa noite, pouco depois de me deitar, adormeci e sonhei que ia para Londres. Pensei que não ficaria muito fora do meu caminho passar por Gloucestershire e visitar os meus amigos lá.

Assim, pus-me a caminho; mas não me lembro de nada do que aconteceu pelo caminho até chegar à casa de meu pai; quando fui à porta da frente e tentei abri-la, mas achei-a trancada; então fui à porta de trás, que abri, e entrei; mas, vendo que toda a família estava deitada, atravessei apenas as divisões,

subi as escadas e entrei no quarto onde meu pai e minha mãe estavam na cama. Ao aproximar-me do lado da cama em que meu pai jazia, achei-o a dormir, ou assim me pareceu: então fui para o outro lado, e, acabando de contornar o pé da cama, achei a minha mãe acordada; a quem disse estas palavras: "Mãe, vou fazer uma longa viagem e vim despedir-me"; ao que ela me respondeu, assustada: "Ó, querido filho, estás morto!" Com isto acordei, e não fiz caso, senão como um sonho comum; salvo que me pareceu muito perfeito.

Poucos dias depois, assim que uma carta me pôde chegar, recebi pelo correio uma de meu pai, com cuja receção fiquei um pouco surpreendido, concluindo que algo extraordinário devia ter acontecido, pois não havia muito que recebera carta dos meus e todos estavam bem. Ao abri-la, fiquei ainda mais surpreendido, pois meu pai dirigia-se a mim como se eu estivesse morto, pedindo-me, se vivo, ou à pessoa em cujas mãos a carta caísse, que escrevesse imediatamente; mas, se a carta me encontrasse vivo, concluíam que eu não viveria muito, e davam esta como razão do seu temor — que, numa certa noite, nomeando-a, depois de estarem deitados, meu pai a dormir, e minha mãe acordada, ela ouviu alguém a tentar abrir a porta da frente, mas, achando-a trancada, pareceu ir à porta de trás, que abriu, entrou, e veio diretamente pelas divisões acima, e ela reconheceu perfeitamente ser o meu passo; que cheguei ao lado da sua cama e lhe disse estas palavras: "Mãe, vou fazer uma longa viagem e vim despedir-me"; ao que ela me respondeu, assustada: "Ó, querido filho, estás morto!" — que eram as mesmas circunstâncias e palavras do meu sonho, mas ela nada mais ouviu, nem viu; nem eu no meu sonho.

Com isto, ela acordou e contou a meu pai o que se passara; mas ele procurou sossegá-la, persuadindo-a de que fora apenas um sonho: ela insistiu que não fora sonho, pois estava tão perfeitamente acordada como alguma vez estivera, e não tivera a menor inclinação para dormir desde que se deitara.

Por estas circunstâncias sou levado a pensar que foi no mesmo instante em que o meu sonho aconteceu, embora a distância entre nós fosse de cerca de cem milhas; mas disto não posso falar positivamente. Isto ocorreu quando eu estava na academia em Ottery, Devon, no ano de 1754, e, neste momento, cada circunstância está fresca na minha memória.

Tive, desde então, frequentes oportunidades de falar do caso com a minha mãe, e tudo estava tão fresco na mente dela como na minha. Muitas vezes pensei que as sensações dela, quanto a este assunto, eram mais fortes do que as minhas. O que pode parecer estranho é não me lembrar de nada notável que tenha acontecido em consequência. Isto é apenas uma narrativa simples e clara de um facto.

O Sr. Wilkins morreu a 15 de novembro de 1800, no septuagésimo ano da sua idade. — Sinais antes da Morte.

## LORD LYTTLETON

O sujeito desta narrativa era filho de George, Lord Lyttleton, igualmente distinto pela vivacidade do seu espírito e pela devassidão dos seus costumes. Este último traço do seu carácter levou muitos a supor que a aparição que afirmou ter visto foi efeito de uma consciência aguçada pelo remorso de inumeráveis vícios e faltas.

A verosimilhança da narrativa, por conseguinte, foi muito questionada; mas, no nosso convívio, acontece conhecermos dois cavalheiros, um dos quais estava em Pitt Place, residência de Lord Lyttleton, e o outro na vizinhança imediata, à época da morte de sua senhoria, e que dão amplo testemunho da veracidade de todo o caso.

As várias narrativas concordam nos pontos materiais; e passaremos agora a relatar os pormenores mais circunstanciados, escritos por um cavalheiro que estava de visita a sua senhoria:

"Eu estava em Pitt Place, Epsom, quando Lord Lyttleton morreu; Lord Fortescue, Lady Flood e as duas senhoritas Amphlett também estavam presentes. Lord Lyttleton não tinha regressado da Irlanda havia muito e fora frequentemente acometido de ataques de sufocação: foi atacado várias vezes por eles no decurso do mês precedente, enquanto estava na sua casa em Hill Street, Berkeley Square.

Aconteceu que sonhou, três dias antes da sua morte, que viu um pássaro adejante; e depois uma mulher lhe apareceu, de branco, e disse-lhe: 'Prepara-te para morrer, não existirás três dias.' Sua senhoria ficou muito alarmada e chamou um criado

de um closet adjacente, que o encontrou muito agitado e em suor abundante: a circunstância teve efeito considerável durante todo o dia seguinte no ânimo de sua senhoria. No terceiro dia, enquanto sua senhoria tomava o pequeno-almoço com as pessoas acima nomeadas, disse: 'Se eu viver para lá desta noite, terei logrado o fantasma, pois este é o terceiro dia.'

Todo o grupo partiu logo para Pitt Place, onde mal haviam chegado quando sua senhoria foi visitada por um dos seus habituais acessos: passado curto intervalo, restabeleceu-se. Jantou às cinco horas nesse dia e foi para a cama às onze, quando o criado se preparava para lhe dar ruibarbo e água de hortelã; mas sua senhoria, vendo-o mexer aquilo com um palito, chamou-lhe cão desmazelado e mandou-o buscar uma colher de chá; mas, ao voltar o homem, achou o amo em ataque, e, estando a almofada colocada alta, o queixo lhe carregava fortemente sobre o pescoço, e o criado, em vez de aliviar sua senhoria, no instante, daquela situação perigosa, correu, assustado, e chamou por socorro; mas, ao voltar, achou sua senhoria morto."

Em explicação desta estranha história, diz-se que Lord Lyttleton reconheceu, antes de sua morte, que a mulher que vira no sonho era a mãe das duas senhoritas Amphlett, acima mencionadas, a quem, juntamente com uma terceira irmã, então na Irlanda, sua senhoria seduzira e convencera a deixarem os pais, que residiam perto da sua casa de campo em Shropshire.

Afirma-se ainda que Mrs. Amphlett morreu de desgosto, por causa da deserção das filhas, no tempo preciso em que a visão feminina apareceu a sua senhoria; e que, por ocasião da sua própria dissolução, uma pessoa que correspondia à sua descrição visitou o leito do falecido Miles Peter Andrews, Esq. (que fora amigo e companheiro de Lord Lyttleton nas suas orgias), e, abrindo subitamente as cortinas, ordenou ao Sr. Andrews que fosse ter com ele. Não sabendo este que sua senhoria regressara da Irlanda, levantou-se de súbito, quando o fantasma desapareceu!

O Sr. Andrews declarava frequentemente que o alarme lhe causara curta enfermidade; e, nas suas visitas subsequentes a

Pitt Place, solicitação alguma o pôde jamais convencer a ali pernoitar; invariavelmente voltava, por mais tarde que fosse, à estalagem Spread Eagle, em Epsom, para a noite.

Sir Nathaniel Wraxall, nas suas Memórias, tem a seguinte passagem:

"Jantando em Pitt Place, cerca de quatro anos depois da morte de Lord Lyttleton, no ano de 1783, tive a curiosidade de visitar o quarto em que a janela de batente, à qual Lord Lyttleton afirmou ter aparecido a pomba a esvoaçar, me foi indicada; e, na casa de sua madrasta, a viúva Lady Lyttleton, na Portugal Street, Grosvenor Square, vi frequentemente um quadro que ela própria executou, em 1780, expressamente para comemorar o evento: pendia em parte conspícua da sala de visitas. Ali a pomba aparece à janela, enquanto uma figura feminina, trajada de branco, está ao pé da cama, anunciando a Lord Lyttleton a sua dissolução. Cada parte do quadro foi fielmente desenhada segundo a descrição por ela recebida do valet-de-chambre que o assistia, a quem o amo relatou todas as circunstâncias."

Foi publicada uma gravura copiada do quadro, e ainda hoje se encontra frequentemente nas coleções dos vendedores de estampas. — Sinais antes da Morte.

## SONHO DE UM CAVALHEIRO EM PRAGA

"Enquanto vivi em Praga", diz um cavalheiro inglês, "e certa noite ficara até muito tarde, a beber num banquete; de manhã cedo, quando os raios de sol me batiam no rosto enquanto jazia na cama, sonhei que uma sombra, passando, me disse que o meu pai tinha morrido; com isso, acordando todo suado e impressionado com este sonho, levantei-me e escrevi o dia e a hora, e todas as circunstâncias dele, num caderno; o qual, com muitas outras coisas, meti num barril e enviei de Praga para Stode, donde seria remetido para a Inglaterra.

E então, estando eu em Nuremberga, chegou ali um mercador de nobre família, bem conhecido meu e dos meus parentes, que me disse que o meu pai morrera havia alguns meses. Quando regressei à Inglaterra quatro anos depois, não quis abrir o barril que enviara de Praga, nem olhar para o caderno em que

escrevera este sonho, antes de chamar as minhas irmãs e alguns outros amigos para serem testemunhas: onde eu e eles ficámos espantados ao ver o meu sonho escrito corresponder exatamente ao mesmo dia da morte de meu pai."

O mesmo cavalheiro diz também assim: "Posso jurar licitamente que, na minha juventude, em Cambridge, tive sonho semelhante acerca da morte de minha mãe: estando o meu irmão Henry deitado comigo, de manhã cedo sonhei que a minha mãe passava com semblante triste e me dizia que não podia vir à minha 'formatura' (estando eu a cinco meses de tomar o grau de Mestre em Artes, e tendo ela prometido então vir a Cambridge): quando referi este sonho ao meu irmão, acordando ambos ao mesmo tempo em suores, ele protestou-me que sonhara exatamente o mesmo; e, não tendo nós o menor conhecimento de doença alguma de nossa mãe, nem estando nossas afeições juvenis minimamente movidas pela estranheza deste sonho, o próximo carreteiro trouxe-nos então notícia da morte de nossa mãe." — *Wanley's Wonders.*

## SEGUNDA VISTA
## EXEMPLOS DE SEGUNDA VISTA

Um homem em Knockow, na paróquia de St. Maries, a mais setentrional em Skye, estando de perfeita saúde e sentado com os seus companheiros de casa à noite, foi de súbito tomado de mal, caiu de costas do assento e pôs-se depois a vomitar; com o que toda a família ficou muito aflita, nunca ele tendo sido sujeito a tal coisa antes: mas veio a si pouco depois e não sentia dor alguma.

Um dos da família, que estava habituado a ver pela segunda vista, disse-lhes que a doença do homem procedera de causa muito estranha, que era esta: uma mulher de mau feitio (nomeando-a pelo nome), que vive na aldeia contígua de Bornskittag, lhe surgira à frente de modo muito furioso e colérico, com o rosto cheio de paixão e a boca cheia de impropérios, e o ameaçou com cabeça e mãos, até ele cair como o viram.

Esta mulher tinha queda pelo homem, mas estava prestes a ver-se contrariada quanto a casar com ele. Este caso foi-me

contado pelo cabeça de família e por outros que estavam presentes quando aconteceu.

O criado do Sr. M'Pherson predisse que um forno havia de arder e, sendo algum tempo depois repreendido pelo amo por falar tão tolamente da segunda vista, respondeu que não podia evitar ver tais coisas como se apresentavam à sua vista de maneira muito vívida; acrescentando mais: acabo mesmo agora de ver aquele rapaz sentado junto ao fogo com o rosto vermelho, como se o sangue lhe escorresse pela testa, e não pude evitar ver isto; e, quanto ao cumprimento disto dentro de quarenta e oito horas, não há dúvida, disse ele, porquanto apareceu em pleno dia.

O ministro zangou-se muito com o seu homem e ordenou-lhe que nunca mais dissesse uma palavra sobre a segunda vista, ou, se não pudesse calar-se, que arranjasse outro amo; dizendo-lhe que era um desgraçado que estudava ludibriar gente crédula com falsas predições. Não se disse mais sobre o assunto até ao dia seguinte, quando o rapaz de quem o vidente falara entrou com o rosto todo coberto de sangue; o que sucedera por ter caído sobre um monte de pedras. Este relato foi-me dado pelo ministro e por outros da sua casa.

Alguns habitantes de Harris, navegando ao redor da Ilha de Skye, com desígnio de ir ao continente fronteiro, ficaram estranhamente surpreendidos com a aparição de dois homens pendendo pelas cordas que seguravam o mastro, mas não puderam conjeturar o que significava. Prosseguiram a viagem, mas o vento virou contrário e assim os forçou a Broadford, na Ilha de Skye, onde acharam Sir Donald M'Donald a realizar um tribunal do xerife, e dois criminosos a receber sentença de morte: as cordas e o mastro dessa mesma barca foram usados para enforcar esses criminosos. Isto foi-me contado por vários que tiveram este caso da própria boca da tripulação.

Um que estava habituado a ver pela segunda vista, na Ilha de Egg, que fica a três ou quatro léguas à sudoeste da Ilha de Skye, disse aos vizinhos que vira frequentemente a aparição de um homem com casaca vermelha forrada de azul, e trazendo na cabeça espécie estranha de barrete azul, com copa muito alta na parte dianteira, e que o homem que ali aparecia estava a beijar uma formosa donzela da aldeia onde o vidente morava;

e por isso declarou que um homem com tal traje havia certamente de se ligar com tal jovem. Esta visão invulgar expôs muito o vidente ao ridículo, pois todos os moradores o tratavam por tolo, embora noutras ocasiões tivesse predito coisas que depois se cumpriram; esta julgavam-na das mais improváveis que a cabeça de alguém poderia conceber. Esta história andava então em fala na Ilha de Skye, e todos os que a ouviam riam dela; sendo raro ver-se qualquer estrangeiro em Egg, e a jovem não tinha pensamento de ir a parte alguma. Esta história foi-me contada em Edimburgo por Normand M'Leod de Graban, em setembro de 1688, vindo ele justamente então da Ilha de Skye; e estavam presentes o laird de M'Leod, e o Sr. Alexander M'Leod, advogado, e outros.

Cerca de um ano e meio após a última revolução, o Major Ferguson, hoje coronel de um dos regimentos de infantaria de Sua Majestade, foi então enviado pelo governo com seiscentos homens e algumas fragatas para reduzir os isleus que tinham aparecido por o Rei Jaime; e talvez a pequena Ilha de Egg nunca houvesse sido tida em conta, ainda que alguns dos habitantes tivessem estado na batalha de Killiecrankie, não fora mero acaso que determinou o Major Ferguson a ir à Ilha de Egg, que foi este: uma tripulação de Egg calhou de estar na Ilha de Skye e matou ali um dos soldados do Major Ferguson; com notícia do que o Major dirigiu o rumo a Egg, onde se vingou suficientemente dos naturais: e, ao mesmo tempo, a donzela acima mencionada, sendo muito formosa, foi então levada à força a bordo de um dos navios por alguns soldados, onde foi retida cerca de vinte e quatro horas, maltratada, e, ao mesmo tempo, brutamente roubada da sua bela cabeleira. Está ela desde então casada na ilha, e de boa reputação; a sua desgraça sendo lamentada e não tida por culpa sua. — *Martin's Western Islands of Scotland.*

## OCORRÊNCIA RELATADA PELO REV. J. GRIFFITHS

A seguinte circunstância notável é relatada do falecido Rev. John Griffiths, de Glandwr, Carmarthenshire, cujos dotes literários eram bem conhecidos e altamente apreciados no Sul do País de Gales. Até que ocorreu, ele era descrente em "velas de cadáver" e funerais espectrais, e, sempre que surgia oportunidade, declamava contra a crença nessas coisas, tanto em capelas como noutros lugares; mas, regressando a casa a

cavalo certa noite por um caminho estreito, a sua égua sobressaltou-se de repente; não percebendo nada, esporeou-a para avançar, quando, para seu espanto, ela desviou-se como assustada, mas, não vendo ele ainda coisa alguma, cravou-lhe a espora no flanco, o que mal fizera, ela saltou por cima da sebe para um campo; muito surpreendido com isto, desmontou e conduziu-a de novo à estrada e, pensando que, se o seu nervo ótico não, talvez o seu nervo auricular pudesse descobrir a causa, parou e escutou, quando distintamente ouviu passos, como se passasse um funeral: desejando saber para onde seguiriam, acompanhou os sons até à sua própria capela, onde cessaram numa certa parte do adro anexo; e referiu que, no decurso de uma semana depois, foi ali enterrada uma pessoa, perto do ponto onde os passos tinham deixado de ouvir-se: depois disto, deixou de ridicularizar a crença dada às luzes sobrenaturais, etc. — *Howell's Cambrian Superstitions.*

## ZSCHOKKE

Zschokke escreve assim sobre o seu singular dom de segunda visão:

"Se a receção de tantos visitantes era trabalhosa, compensava-se ocasionalmente, ou por me dar a conhecer personagens notáveis, ou por revelar uma espécie maravilhosa de dom visionário, a que chamei a minha visão interior, e que sempre permaneceu para mim um enigma. Tenho quase receio de dizer uma palavra sobre este assunto; não por medo da imputação de ser supersticioso, mas por receio de encorajar essa disposição nos outros; e, no entanto, constitui uma contribuição para a psicologia. Assim confesso.

É reconhecido que o juízo que formamos dos estranhos, ao encontrá-los pela primeira vez, é frequentemente mais correto do que aquele que adotamos após um convívio mais prolongado com eles. A primeira impressão, que, através de um instinto da alma, atrai alguém para outro, ou o repele, torna-se, com o tempo, mais difusa, e enfraquece-se, ou porque o outro se mostra diferente do que parecia inicialmente, ou porque nos habituamos a ele. As pessoas falam, também, em tais casos, de simpatias e aversões involuntárias, e atribuem uma certeza especial a tais manifestações nas crianças, nas quais falta o conhecimento da humanidade adquirido pela experiência.

Outros, pelo contrário, mostram-se incrédulos, e atribuem tudo à habilidade fisiognómica. Mas quanto a mim.

Aconteceu-me, ocasionalmente, no primeiro encontro com um completo desconhecido, enquanto ouvia em silêncio a sua conversa, que a sua vida passada, até ao momento presente, com muitas minúcias relativas a uma ou outra cena particular dela, me surgisse como um sonho, mas de forma distinta, completa, involuntária e não procurada, ocupando apenas alguns minutos.

Durante esse período, geralmente fico tão mergulhado na representação da vida do estranho, que acabo por já não distinguir nitidamente o seu rosto, sobre o qual especulava distraidamente, nem ouvir com clareza a sua voz, que inicialmente usava como comentário ao texto da sua fisionomia. Durante muito tempo estive inclinado a considerar estas visões fugidias como um artifício da imaginação; tanto mais que a minha visão-onírica me mostrava o vestuário e os gestos dos protagonistas, o aspeto da sala, a mobília e outros acidentes da cena; até que, em certa ocasião, por brincadeira, narrei à minha família a história secreta de uma costureira que acabara de sair do quarto.

Nunca tinha visto a pessoa antes. No entanto, os ouvintes ficaram espantados, riram, e não quiseram acreditar que eu não tivesse conhecimento prévio da vida passada da pessoa, visto que o que relatei era perfeitamente verdadeiro. Não fiquei menos surpreendido ao verificar que a minha visão-onírica coincidia com a realidade. A partir de então, dei mais atenção ao assunto e, sempre que a conveniência o permitia, relatei aos próprios, cujas vidas me tinham assim passado diante dos olhos, o conteúdo da minha visão-onírica, para obter deles a sua contradição ou confirmação. Em todas as ocasiões, seguiu-se a confirmação, não sem espanto da parte dos que a davam.

Menos do que ninguém poderia eu próprio acreditar nestes truques de feitiçaria da minha mente. Sempre que descrevia a alguém a minha visão-onírica a seu respeito, esperava com confiança que me respondesse que não era assim. Um arrepio secreto percorria-me sempre quando o ouvinte replicava: "Aconteceu como dizes"; ou quando, antes de falar, o seu espanto denunciava que eu não estava enganado. Em vez de

registar muitos exemplos, darei um, que, na altura, me causou forte impressão.

Num dia de feira, fui à cidade de Waldshut acompanhado por dois jovens guardas-florestais que ainda estão vivos. Era de tarde e, cansados da caminhada, entrámos numa estalagem chamada A Videira. Jantámos com uma numerosa companhia à mesa comum; quando aconteceu que se divertiam à custa das peculiaridades e simplicidade dos suíços, a propósito da crença no magnetismo de Mesmer, do sistema fisiognómico de Lavater e semelhantes. Um dos meus companheiros, cujo orgulho nacional fora ferido pela troça, pediu-me que respondesse, particularmente a um jovem de aspeto distinto, sentado em frente, que se entregara a zombaria desenfreada.

Aconteceu que os acontecimentos da vida dessa mesma pessoa me tinham surgido pouco antes no espírito. Voltei-me para ele com a pergunta de se me responderia com verdade e franqueza, caso eu lhe narrasse as passagens mais secretas da sua história, sendo ele tão pouco conhecido de mim como eu dele? Isso, sugeri, iria um pouco além da habilidade fisionómica de Lavater. Ele prometeu que, se eu dissesse a verdade, o admitiria abertamente. Então narrei os acontecimentos que a minha visão-onírica me fornecera, e a mesa ficou a conhecer a história da vida do jovem comerciante, dos seus anos de escola, das suas pequenas faltas, e, finalmente, de um pequeno ato de velhacaria cometido por ele com o cofre do patrão.

Descrevi a sala desabitada com as suas paredes brancas, onde, à direita da porta castanha, estivera sobre a mesa o pequeno cofre preto, etc. Reinou um silêncio absoluto na companhia durante este relato, interrompido apenas quando eu perguntava se dizia a verdade. O homem, profundamente impressionado, admitiu a exatidão de cada circunstância — até, o que não podia esperar, da última. Comovido com a sua franqueza, estendi-lhe a mão por cima da mesa e concluí a minha narrativa. Perguntou-me o nome, que lhe dei. Ficámos a conversar até tarde nessa noite. Pode ser que ainda viva.

Agora, consigo imaginar bem como uma imaginação viva poderia retratar, em estilo de romance, a partir do caráter evidente de uma pessoa, como ela se conduziria em determinadas circunstâncias. Mas de onde me vinha o

conhecimento involuntário de pormenores acessórios, que não tinham qualquer interesse, e diziam respeito a pessoas que, na maior parte, me eram totalmente indiferentes, com as quais não tinha, nem desejava ter, a menor relação? Ou seria, em cada caso, mera coincidência? Ou teria o ouvinte, a quem descrevia a sua história, cada vez outras imagens na mente diferentes dos pormenores acessórios do meu relato, mas que, surpreendido pela semelhança essencial da minha história com a verdade, deixava escapar os pontos de divergência? Ainda assim, tendo em conta esta possível fonte de erro, empenhei-me várias vezes em descrever as circunstâncias mais triviais que a minha visão-onírica me mostrara.

Não mais uma palavra sobre este estranho dom visionário, do qual posso assegurar que não me foi útil em nenhuma ocasião, que se manifestava apenas de forma esporádica e completamente independente de qualquer vontade, e muitas vezes em relação a pessoas cuja história não me despertava o menor interesse. Nem sou o único possuidor desta faculdade. Numa viagem com dois dos meus filhos, encontrei-me com um velho tirolês que andava a vender limões e laranjas, na estalagem de Unterhauerstein, num dos passos do Jura.

Fitou-me por algum tempo, juntou-se à nossa conversa, observou que, embora eu não o conhecesse, ele conhecia-me, e começou a descrever os meus atos e feitos, para grande divertimento dos camponeses e espanto dos meus filhos, que acharam curioso saber que outro possuía o mesmo dom do pai. Como o velho vendedor de limões adquirira o seu conhecimento, não foi capaz de explicar nem a si próprio nem a mim. Mas parecia atribuir grande importância à sua sabedoria oculta." — *Mayo's Truths in Popular Superstitions.*

## OCORRÊNCIA NA FAMÍLIA DO DR. FERRIER

Um cavalheiro ligado à família do Dr. Ferrier, oficial do exército, foi aquartelado, em jovem, em meados do século XVIII, perto do castelo de um fidalgo do norte da Escócia, ao qual se atribuía o dom da segunda visão. Estranhos rumores circulavam a seu respeito, dizendo que tinha falado a uma aparição que correra ao longo das ameias da casa, e que nunca mais se mostrara alegre depois disso. A sua visão profética despertava

surpresa, favorecida pelos seus hábitos reservados. Um dia, enquanto o amigo do Dr. Ferrier lia uma peça de teatro às senhoras dessa família, o chefe, que andava a passear pela sala, parou de repente e assumiu o ar de um vidente: tocou a campainha e ordenou ao criado que selasse um cavalo, para seguir imediatamente até uma quinta das redondezas e inquirir pela saúde de uma senhora; se a notícia fosse favorável, devia então passar por outro castelo, para perguntar por outra senhora que nomeou.

O leitor fechou imediatamente o livro e declarou que não prosseguiria até que essas ordens abruptas fossem explicadas, pois estava convencido de que tinham sido produzidas pela segunda visão. O chefe mostrou-se muito relutante em explicar-se, mas acabou por confessar que lhe parecera abrir-se a porta, e que uma pequena mulher, sem cabeça, entrara na sala; que a aparição indicava a morte súbita de alguma pessoa do seu conhecimento, e que as únicas duas pessoas que se assemelhavam à figura eram justamente as senhoras cuja saúde mandara inquirir.

Poucas horas depois, o criado voltou com a notícia de que uma das senhoras morrera de um ataque de apoplexia, por volta da hora em que a visão se manifestara. — *Signs before Death.*

## TRANSE E SONAMBULISMO

### TRANSE DO REVERENDO W. TENNANT

Depois de um curso regular de estudos em teologia, o Sr. Tennant preparava-se para o seu exame pelo presbitério, como candidato ao ministério evangélico. A sua aplicação intensa afetou-lhe a saúde e trouxe-lhe uma dor no peito e uma ligeira febre lenta. Em breve ficou emaciado, e acabou por parecer um esqueleto vivo. A sua vida encontrava-se agora em risco. Era assistido por um médico, um jovem que lhe era ligado pela mais estreita e calorosa amizade.

O seu estado agravava-se cada vez mais, até que restava pouca esperança de vida. Nesta situação, faltaram-lhe as forças de ânimo, e começou a ter dúvidas sobre a sua felicidade final. Uma manhã, conversava em latim com o irmão, sobre o estado da sua alma, quando desmaiou e esmoreceu. À hora habitual

foi estendido sobre uma tábua, segundo o costume do país, e os vizinhos foram convidados para assistir ao funeral no dia seguinte. À noite, o médico e amigo regressou de um passeio pelo campo, e ficou inconsolável com a notícia da morte. Não se deixou persuadir de que fosse certo; e, ao ser-lhe dito que uma das pessoas que ajudara a preparar o corpo pensara ter observado um pequeno tremor na carne sob o braço, embora o corpo estivesse frio e rígido, tentou averiguar o facto. Primeiro mergulhou a sua própria mão em água quente, para a tornar o mais sensível possível, e depois apalpou sob o braço e sobre o coração, e afirmou sentir um calor invulgar, embora mais ninguém o conseguisse. Mandou então colocar o corpo numa cama aquecida, e insistiu que os convidados para o funeral fossem avisados para não comparecer.

O irmão objetou, considerando absurdo, já que os olhos estavam encovados, os lábios descoloridos, e todo o corpo frio e rígido. Contudo, o médico acabou por prevalecer, e todos os meios prováveis foram usados para descobrir sintomas de vida a regressar. Mas chegou o terceiro dia, e ninguém alimentava esperanças de êxito exceto o médico, que nunca o deixou, nem de dia nem de noite. As pessoas foram novamente convidadas e reunidas para o funeral.

O médico continuava a opor-se; e por fim restringiu o seu pedido de adiamento a uma hora, depois a meia hora, e finalmente a um quarto de hora. Descobrira que a língua estava muito inchada e ameaçava rachar. Procurava amaciá-la com um unguento emoliente posto numa pena, quando o irmão entrou, precisamente ao expirar o último prazo, e, confundindo o gesto do médico com uma tentativa de o alimentar, mostrou-se impaciente, julgando ser tolice alimentar um cadáver, e insistiu para que o funeral prosseguisse.

Nesse momento crítico e decisivo, o corpo, para grande alarme e espanto de todos os presentes, abriu os olhos, soltou um profundo gemido, e voltou a afundar-se em aparente morte. Isto pôs fim a qualquer ideia de o enterrar; e todos os esforços foram de novo aplicados na esperança de obter uma pronta reanimação. Cerca de uma hora depois, os olhos abriram-se novamente, um pesado gemido saiu do corpo, e mais uma vez desapareceu toda aparência de vida. Outra hora volvida, a vida pareceu regressar com mais força, e ocorreu um completo

restabelecimento, para grande alegria da família e amigos, e não menor assombro e convicção de muitos que tinham ridicularizado a ideia de restaurar à vida um corpo morto.

O Sr. Tennant permaneceu num estado tão fraco e abatido durante seis semanas, que grandes dúvidas se tinham da sua recuperação final. Contudo, depois desse período, recuperou muito mais rapidamente. Passou cerca de um ano até estar completamente restabelecido. Quando já conseguia andar pelo quarto e prestar atenção ao que se passava ao redor, a sua irmã, num domingo à tarde, tendo ficado em casa para o assistir, lia a Bíblia, quando ele reparou e perguntou-lhe o que tinha na mão. Ela respondeu que era a Bíblia.

Ele replicou: "O que é a Bíblia? Não sei o que queres dizer." Isto afetou tanto a irmã, que desatou em lágrimas e informou-o de que em tempos estava bem familiarizado com ela. Ao relatar isto ao irmão, quando este regressou, constatou-se, ao examinar o Sr. Tennant, que estava totalmente ignorante de todos os acontecimentos da sua vida antes da doença. Não sabia ler uma única palavra, nem parecia ter ideia do que significava.

Assim que pôde prestar atenção, foi-lhe ensinado a ler e escrever, como as crianças aprendem normalmente, e depois começou a aprender latim, sob a orientação do irmão. Um dia, ao recitar uma lição em Cornélio Nepos, de repente estremeceu, levou a mão à cabeça, como se algo o tivesse ferido, e fez uma pausa. O irmão perguntou o que se passava, e ele disse que sentira um choque súbito na cabeça, e que agora lhe parecia como se já tivesse lido aquele livro antes.

Pouco a pouco a sua memória foi restabelecida, e pôde falar latim tão fluentemente como antes da doença. A sua memória reviveu tão completamente, que recuperou um conhecimento perfeito dos acontecimentos passados da sua vida, como se nunca tivesse havido qualquer dificuldade.

Este acontecimento causou grande alvoroço na altura, e forneceu não só matéria de séria contemplação ao cristão devoto, especialmente em ligação com o que segue nesta narrativa, mas também tema de profunda investigação e indagação erudita ao verdadeiro filósofo e curioso anatomista.

O autor destas memórias ficou vivamente interessado por estes factos invulgares e, numa ocasião propícia, instou com o Sr. Tennant para que lhe desse um relato minucioso do que foram as suas visões e perceções enquanto jazia nesse estado extraordinário de animação suspensa. Ele mostrou grande relutância em entrar em explicações sobre as suas perceções e sentimentos dessa altura; mas, sendo insistentemente pressionado, consentiu por fim, e prosseguiu com uma solenidade indescritível.

"Enquanto conversava com o meu irmão", disse ele, "sobre o estado da minha alma e os receios que eu nutria quanto ao meu destino futuro, encontrei-me de repente noutro estado de existência, sob a direção de um ser superior, que me ordenou que o seguisse. Fui, portanto, levado, não sei como, até ver ao longe uma glória inefável, cuja impressão na minha mente é impossível comunicar a qualquer mortal.

Refleti imediatamente sobre a minha feliz mudança, e pensei: 'Pois bem! Bendito seja Deus, estou seguro por fim, apesar de todos os meus receios.' Vi uma inumerável multidão de seres felizes em redor daquela glória inexprimível, em atos de adoração e culto jubiloso; mas não vi forma corporal ou representação alguma na aparência gloriosa. Ouvi coisas indizíveis. Ouvi os cânticos e hosanas de ação de graças e louvor com um êxtase inefável. Senti uma alegria indizível e cheia de glória.

Apliquei-me então ao meu condutor e pedi licença para me juntar à multidão feliz; ao que ele me bateu levemente no ombro e disse: 'Tens de regressar à terra.' Isso foi como uma espada atravessando o meu coração. Num instante, recordei ver o meu irmão a disputar com o médico. Os três dias em que parecera sem vida pareceram-me não mais do que dez ou vinte minutos. A ideia de regressar a este mundo de dores e tribulações deu-me tal choque que desmaiei repetidamente."

Acrescentou: "Tão profundo foi o efeito do que vi e ouvi na minha mente, que, se é possível a um ser humano viver inteiramente acima do mundo e das suas coisas durante algum tempo, eu fui essa pessoa. O som arrebatador dos cânticos e hosanas que ouvi nunca me saiu dos ouvidos, enquanto acordado, durante três anos. Todos os reinos da terra estavam

diante dos meus olhos como nada além de vaidade; e tão grandiosas eram as minhas ideias da glória celestial, que nada que não tivesse alguma relação com ela podia atrair seriamente a minha atenção."

Não é surpreendente que, depois de tão comovente relato, se sentisse grande solicitude em obter mais informações sobre as palavras, ou pelo menos os temas, de louvor e adoração que o Sr. Tennant ouvira. Mas quando lhe pediram que os comunicasse, deu uma negativa decidida, acrescentando: "Conhecê-los-eis, com muitos outros pormenores, mais tarde, pois encontrareis tudo entre os meus papéis"; aludindo à sua intenção de nomear o autor deste relato seu testamenteiro, o que impediu mais insistências.

Contudo, assim ordenou a Providência Divina, que o autor ficasse gravemente desiludido na sua expectativa de obter os papéis a que ele aludia. A morte do Sr. Tennant ocorreu durante a guerra revolucionária, quando o inimigo separou o autor dele, impossibilitando-o de o assistir no leito de morte; e antes que fosse possível chegar à sua casa após o falecimento, estando o autor com o exército americano em Valley Forge, o filho veio de Charleston, levou a mãe e os papéis e bens do pai, e regressou à Carolina. A cerca de cinquenta milhas de Charleston, o filho adoeceu subitamente e morreu entre completos estranhos; e nunca mais, embora o autor fosse feito testamenteiro do filho, conseguiu encontrar qualquer rasto dos papéis do pai. — *Philadelphia Evangelical Intelligencer.*

## A APARIÇÃO DE ROCHESTER

A seguinte narrativa foi comunicada numa carta do Sr. Thomas Tilson, ministro de Aylesworth, em Kent, ao Sr. Baxter, como contribuição para a sua célebre obra *"The Certainty of the World of Spirits."*

Reverendo Senhor,
Tendo sido informado de que está a escrever sobre espectros e aparições, tomo a liberdade, embora desconhecido, de lhe enviar a seguinte relação:

Mary, esposa de John Goffe, de Rochester, padecendo de uma longa doença, mudou-se para a casa do pai em West Mulling,

que fica a cerca de nove milhas da sua; ali morreu, a 4 de junho de 1691. No dia anterior ao seu falecimento, ficou impacientemente desejosa de ver os seus dois filhos, que deixara em casa ao cuidado de uma ama. Rogou ao marido que alugasse um cavalo, pois tinha de ir para casa e morrer com os filhos. Quando a persuadiram do contrário, dizendo-lhe que não estava em condições de ser tirada da cama, nem de se sentar a cavalo, ainda assim suplicou que tentassem: "Se não puder sentar-me", disse, "deitar-me-ei ao longo do cavalo, pois tenho de ir ver os meus pobres bebés."

Um ministro que vive na cidade esteve com ela às dez horas dessa noite, ao qual expressou boas esperanças nas misericórdias de Deus e disposição para morrer; "mas", disse ela, "é a minha desgraça não poder ver os meus filhos."

Entre a uma e as duas da manhã, caiu em transe. Uma tal viúva Turner, que velava por ela nessa noite, diz que os olhos estavam abertos e fixos, e a mandíbula caída: pôs a mão sobre a boca e as narinas, mas não conseguiu perceber qualquer respiração; julgou-a num desmaio, e duvidou se estaria viva ou morta.

No dia seguinte, esta moribunda disse à mãe que estivera em casa com os filhos. "Isso é impossível", disse a mãe, "pois estiveste aqui na cama o tempo todo." "Sim", replicou a outra, "mas estive com eles na noite passada enquanto dormia."

A ama em Rochester, de nome viúva Alexander, afirma, e diz que jurará isso perante um magistrado e receberá o sacramento com esse encargo, que pouco antes das duas horas daquela madrugada viu a semelhança da dita Mary Goffe sair do quarto ao lado (onde o filho mais velho jazia numa cama sozinho, estando a porta deixada aberta) e ficou junto da beira da sua cama durante cerca de um quarto de hora; o mais novo estava ali deitado junto dela; os olhos moviam-se e a boca mexia, mas nada disse.

A ama acrescenta, além disso, que estava perfeitamente acordada; já era então dia claro, por ser um dos dias mais longos do ano. Sentou-se na cama e olhou fixamente para a aparição; nesse intervalo ouviu o sino da ponte dar as duas, e, passado um pouco, disse: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que és tu?" Nisso, a aparição retirou-se e foi-se

embora; ela enfiou a roupa e seguiu-a, mas não sabe dizer o que foi feito dela. Foi então, e não antes, que começou a ficar terrivelmente assustada, e saiu de casa, andando pelo cais (a casa fica mesmo à beira do rio) durante algumas horas, indo apenas de vez em quando olhar para as crianças.

Às cinco horas foi a casa de uma vizinha e bateu à porta, mas não quiseram levantar-se; às seis voltou, então levantaram-se e deixaram-na entrar. Relatou-lhes tudo o que se passara: quiseram persuadi-la de que se enganara ou sonhara; mas ela afirmou com confiança: "Se alguma vez a vi em toda a minha vida, vi-a esta noite."

Uma das pessoas a quem fez o relato, Mary, esposa do Sr. J. Sweet, recebeu nessa manhã um mensageiro vindo de Mulling para lhe dar a saber que a sua vizinha Goffe estava a morrer e desejava falar com ela; foi no mesmo dia e encontrou-a prestes a expirar. A mãe, entre outras conversas, contou-lhe quanto a filha desejara ver os filhos e disse que os tinha visto. Isto trouxe à memória da Sra. Sweet o que a ama lhe contara naquela manhã; pois, até então, não julgara oportuno mencioná-lo, antes o disfarçara como imaginação perturbada da mulher.

A substância disto foi-me relatada por John Carpenter, pai da falecida, no dia seguinte ao enterro. A 2 de julho, tratei exaustivamente do assunto com a ama e duas vizinhas, à casa das quais ela foi naquela manhã. Dois dias depois, obtive-o da mãe, do ministro que estivera com ela ao entardecer, e da mulher que ficara acordada com ela nessa última noite: todos concordam na mesma história, e cada um contribui para robustecer o testemunho do outro.

Todos aparentam ser pessoas sóbrias e inteligentes, longe de pretenderem impor um embuste ao mundo ou urdir uma mentira, e não consigo conceber que tentação poderiam ter para o fazer.

Seu mais fiel amigo e humilde servo,
— *Signs before Death.*

## THOMAS TILSON

## RESPOSTAS ÀS INTERROGAÇÕES DO DR. BRAID A RESPEITO DO FAQUIR QUE SE ENTERROU VIVO EM LAHORE EM 1837

Estive presente [diz Sir Claude Wade] na corte de Runjeet Singh quando o faquir mencionado pelo Honrável Capitão Osborne foi enterrado vivo durante seis semanas; e, embora eu tenha chegado algumas horas após o seu efetivo enterramento e, consequentemente, não tenha testemunhado essa parte do fenómeno, tive o testemunho do próprio Runjeet Singh e de outros, as mais credíveis testemunhas da sua corte, quanto à verdade de o faquir ter sido assim enterrado diante deles; e, por ter eu próprio estado presente quando foi desenterrado e restaurado a um estado de perfeita vitalidade, numa posição tão próxima dele que tornava impossível qualquer engano, é minha firme convicção que não houve conluio na produção do extraordinário facto que relatei.

O livro do Capitão Osborne não se encontra agora diante de mim, para que eu pudesse remeter-me às partes do seu relato que fazem recair sobre a minha autoridade a autenticidade do facto. Exporei, portanto, brevemente o que vi, para permitir a outros julgar do peso devido ao meu testemunho, e se, na sua opinião, podem ser detetadas quaisquer provas de conluio.

À aproximação do tempo marcado, conforme o convite, acompanhei Runjeet Singh ao local onde o faquir tinha sido enterrado. Era num edifício quadrado, chamado *barra durra*, no meio de um dos jardins adjacentes ao palácio em Lahore, com uma varanda aberta em toda a volta, tendo ao centro uma sala encerrada.

Ao chegarmos, Runjeet Singh, que na ocasião vinha acompanhado por toda a sua corte, apeando-se do elefante, pediu-me que o acompanhasse no exame do edifício para se certificar de que estava fechado como o deixara. Assim fizemos; havia uma porta em cada um dos quatro lados da sala, três das quais estavam perfeitamente fechadas com tijolo e argamassa; a quarta tinha uma porta resistente, que também se encontrava vedada com barro até ao cadeado, o qual estava selado com o selo privado de Runjeet Singh, na sua própria

presença, quando o faquir foi interrado. Com efeito, o exterior do edifício não apresentava qualquer abertura por onde o ar pudesse ser admitido, ou qualquer comunicação por onde se pudesse fornecer comida ao faquir. Posso acrescentar ainda que as paredes que tamponavam a entrada não mostravam sinal algum de terem sido recentemente mexidas ou removidas.

Runjeet Singh reconheceu o selo como aquele que afixara, e, sendo tão cético quanto qualquer europeu quanto ao êxito de tal empresa, para acautelar, quanto possível, qualquer conluio, colocara duas companhias da sua própria escolta pessoal junto do edifício, das quais se destacavam quatro sentinelas, rendidas de duas em duas horas, de dia e de noite, para guardar o edifício de intrusões.

Ao mesmo tempo, ordenou a um dos principais oficiais da sua corte que visitasse ocasionalmente o local e lhe reportasse o resultado da sua inspeção, enquanto ele próprio, ou o seu ministro, guardava o selo que fechava o orifício do cadeado, e este último recebia, de manhã e à noite, o relatório do oficial de serviço.

Depois do nosso exame, sentámo-nos na varanda em frente da porta, enquanto alguns dos homens de Runjeet Singh retiravam a parede de barro, e um dos seus oficiais quebrava o selo e abria o cadeado. Quando a porta foi escancarada, nada mais se via senão uma sala escura. Runjeet Singh e eu entrámos então, na companhia do criado do faquir; e, trazendo-se uma luz, descemos cerca de noventa centímetros abaixo do piso da sala para uma espécie de cela, onde uma caixa de madeira, de cerca de quatro pés de comprimento por três de largura, com telhado em declive, contendo o faquir, estava colocada na vertical, cuja porta tinha também um cadeado e selo semelhantes aos do exterior.

Ao abri-la, vimos uma figura encerrada num saco de linho branco, atado por um cordel por cima da cabeça—à sua exposição foi disparada uma grande salva, e a multidão circundante acorreu à porta para ver o espetáculo. Depois de saciarem a curiosidade, o criado do faquir, metendo os braços na caixa, retirou a figura e, fechando a porta, colocou-a com as costas encostadas a ela, exatamente como o faquir estivera acocorado (como um ídolo hindu) dentro da própria caixa.

Runjeet Singh e eu descemos então à cela, que era tão pequena que apenas pudemos sentar-nos no chão em frente do corpo, e tão perto dele que o tocávamos com as mãos e os joelhos.

O criado começou então a deitar água morna sobre a figura; mas, como o meu objetivo era ver se algum artifício fraudulento poderia ser detetado, propus a Runjeet Singh rasgar o saco e ter uma visão perfeita do corpo antes de serem empregues quaisquer meios de ressuscitação.

Assim o fiz; e posso aqui observar que o saco, quando primeiro o vimos, parecia bolorento, como se tivesse estado enterrado algum tempo. As pernas e os braços do corpo estavam encolhidos e rígidos, o rosto cheio, a cabeça reclinada sobre o ombro como a de um cadáver. Chamei então o médico que me assistia para descer e inspecionar o corpo, o que ele fez, mas não conseguiu descobrir qualquer pulsação no coração, nas têmporas ou no braço. Havia, contudo, calor na região do cérebro, o que não acontecia em nenhuma outra parte do corpo.

O criado recomeçou então a banhá-lo com água quente e, pouco a pouco, foi relaxando-lhe os braços e as pernas do estado rígido em que estavam contraídos, Runjeet Singh pegando-lhe na perna direita e eu na esquerda, para ajudar, através de fricção, a restituir-lhes a devida mobilidade; durante esse tempo o criado colocou um bolo de trigo quente, com cerca de uma polegada de espessura, no alto da cabeça – processo que repetiu duas ou três vezes.

Depois retirou-lhe das narinas e dos ouvidos a cera e o algodão com que estavam tapados; e, após grande esforço, conseguiu abrir-lhe a boca, introduzindo a ponta de uma faca entre os dentes e, segurando-lhe as mandíbulas abertas com a mão esquerda, puxou-lhe a língua para fora com a direita. Durante esta operação, a língua recuou várias vezes para a posição curvada para cima em que estava originalmente, de modo a fechar-lhe a garganta.

Em seguida esfregou-lhe as pálpebras com ghee (ou manteiga clarificada) durante alguns segundos, até conseguir abri-las, momento em que os olhos se mostraram completamente imóveis e vidrados. Após a terceira aplicação do bolo no alto da

cabeça, o corpo foi violentamente sacudido por convulsões, as narinas insuflaram-se, sobreveio a respiração e os membros começaram a readquirir o seu volume natural; mas a pulsação continuava apenas tenuemente perceptível. O criado colocou então um pouco de ghee na língua e fê-lo engolir.

Poucos minutos depois, as pupilas dilataram-se e recuperaram a cor natural, e o Faqir, reconhecendo Runjeet Singh sentado junto dele, articulou, num tom baixo, sepulcral, mal audível: "Acreditas em mim agora?" Runjeet Singh respondeu afirmativamente e distinguiu o Faqir com um colar de pérolas e um magnífico par de pulseiras de ouro, além de peças de seda, musselina e xailes, formando o que se chama um *khelat*, como é costume os Príncipes da Índia conferirem a pessoas de distinção.

Desde a abertura da caixa até à recuperação da voz, não teriam decorrido mais de meia hora; e, passada outra meia hora, o Faqir já conversava livremente comigo e com os que estavam presentes, embora com fraqueza, como um doente; e então deixámo-lo, convencidos de que não havia fraude nem conluio no espetáculo de que tínhamos sido testemunhas.

Estive presente também quando o Faqir foi convocado por Runjeet Singh, de bastante distância até Lahore, alguns meses depois, para voltar a enterrar-se vivo diante do Capitão Osborne e dos oficiais da missão do falecido Sir William M'Naghten em 1838; o que, após a preparação habitual, ele se dispôs a fazer por alguns dias, dado o termo da missão de Sir William estar quase expirado; mas, devido à natureza das dúvidas expressas e a algumas observações feitas pelo Capitão Osborne relativamente a ficar ele próprio com a chave do quarto onde o Faqir seria enterrado, este, com o temor supersticioso de um indiano, mostrou-se evidentemente alarmado e receoso de que, uma vez sob o poder do capitão, não lhe fosse permitido escapar.

A recusa nessa ocasião induzirá naturalmente suspeitas sobre a veracidade do episódio que presenciei; mas para quem conhece bem o caráter dos naturais da Índia, não será surpreendente que, estando em causa a vida e a morte, o Faqir manifestasse desconfiança perante o que, para ele, eram as misteriosas intenções de um europeu que lhe era totalmente estranho,

enquanto se mostrava pronto a depositar confiança plena em Runjeet Singh e noutros diante de quem já se exibira. Estou convencido de que recusou apenas pela razão que referi, e que teria feito por mim o que se negou a fazer pelo Capitão Osborne.

Observou-se ainda, anteriormente, por Sir William M'Naghten e outros da comitiva, com acerto embora em tom de brincadeira, que se o Faqir não sobrevivesse à prova a que se dispunha a submeter-se, aqueles que o instigassem correriam o risco de ser acusados de homicídio; o que os levou a não insistirem mais no assunto.

Partilho inteiramente a aparente incredulidade quanto ao facto de um homem poder ser enterrado vivo e sobreviver à prova durante vários períodos de tempo; mas, por mais incompatível que seja com o nosso conhecimento da fisiologia, na ausência de qualquer prova visível em contrário, sinto-me obrigado a declarar a minha crença nos factos que representei, por mais impossível que a sua existência possa parecer a outros. — Braid sobre o Transe.

## AGOSTINE FOSARI

Em visita a um amigo, conta um estrangeiro, encontrei ali um cavalheiro italiano chamado Agostine Fosari, que era, ao que parece, sonâmbulo, ou seja, uma pessoa que, enquanto dorme, executa todas as ações de um desperto. Não parecia ter mais de trinta anos, era magro, moreno e de um aspeto extremamente melancólico.

Possuía entendimento ponderado, grande penetração e aptidão para as ciências mais abstratas. Os seus ataques extraordinários ocorriam geralmente no minguante da lua, mas com maior violência no outono e no inverno do que na primavera e no verão. Tive uma estranha curiosidade em ser testemunha ocular do que me contaram, e persuadi o seu criado de quarto a avisar-me quando o amo estivesse prestes a renovar as suas extravagâncias.

Numa noite, perto do fim de setembro, depois do jantar, a companhia entretinha-se com pequenos jogos, e o senhor Agostine participou entre eles. Retirou-se depois e foi deitar-se por volta das onze horas; pouco depois, o criado veio dizer-nos que o seu amo teria naquela noite um acesso de

sonambulismo, convidando-nos, se quiséssemos, a observá-lo. Aproximei-me da sua cama com uma luz na mão e vi-o deitado de costas, com os olhos abertos mas fixos, sinal certo, ao que parece, da desordem que se aproximava. Peguei-lhe nas mãos e achei-as muito frias; tomei-lhe o pulso e verifiquei-o tão lento que parecia não haver circulação de sangue.

À meia-noite, ou pouco depois, o senhor Agostine abriu vivamente os cortinados, levantou-se e vestiu-se com destreza suficiente. Aproximei a vela do seu nariz e constatei que estava insensível, com os olhos ainda bem abertos e imóveis. Antes de pôr o chapéu, pegou no cinturão de onde a espada fora retirada por precaução, pois alguns destes sonâmbulos desferem golpes como loucos, sem qualquer reserva.

Assim equipado, o senhor Agostine andou de um lado para o outro no quarto várias vezes; aproximou-se da lareira, sentou-se numa poltrona e, algum tempo depois, entrou num gabinete onde estava a sua mala, meteu a chave no bolso e de lá tirou uma carta, que colocou sobre a chaminé. Foi até à porta do quarto, abriu-a e desceu as escadas; ao chegar ao fundo, um dos presentes caiu pesadamente, e o senhor Agostine pareceu assustar-se com o ruído e acelerou o passo. O criado recomendou-nos andar de mansinho e em silêncio, porque, quando se fazia algum ruído junto dele, misturando-se este com os seus sonhos, ele enfurecia-se e corria com a maior precipitação, como se fosse perseguido.

Atravessou todo o pátio, que era bastante espaçoso, e dirigiu-se diretamente ao estábulo. Entrou, acariciou o cavalo, pôs-lhe a brida e ia selá-lo, mas, não encontrando a sela no lugar habitual, pareceu muito contrariado, como um homem desapontado; montou, contudo, o cavalo, galopou até à porta da casa, que estava fechada, desmontou e, pegando num tronco de couve, bateu furiosamente contra a porta e, após grande esforço inútil, voltou a montar o cavalo, levou-o até ao tanque na outra extremidade do pátio, deixou-o beber, depois levou-o de novo à manjedoura, onde o atou, e regressou à casa com grande agilidade.

Ao ouvir algum barulho vindo da cozinha, prestou muita atenção, aproximou-se da porta e encostou o ouvido à fechadura; mas, passando de repente para o outro lado, entrou

numa sala baixa onde havia uma mesa de bilhar e, andando de um lado para o outro, reproduziu os mesmos gestos como se estivesse realmente a jogar. Dali passou a um par de espinetas, instrumento em que tocava razoavelmente, e produziu alguns acordes.

Por fim, após duas horas de atividade, voltou a subir ao quarto e lançou-se, vestido, sobre a cama, onde o encontrámos na manhã seguinte, às nove horas, na mesma posição em que o tínhamos deixado. Nestes casos dormia sempre oito ou dez horas seguidas. O criado disse-nos que havia apenas duas formas de o despertar desses acessos: uma era fazê-lo cócegas com força nas plantas dos pés; a outra, soar-lhe um corno ou trombeta junto aos ouvidos. — *As Maravilhas de Wanley*.

## ÊXTASE
## O PREGADOR ADORMECIDO

Talvez o caso mais notável de *Somnium* devocional de que há registo seja o de Miss Rachel Baker, do Estado de Nova Iorque. Uma história completa do seu caso pode ser encontrada nas *Transactions of the Physico-Medical Society of New York*, Vol. I, p. 395.

Rachel Baker nasceu em Pelham, Massachusetts, a 29 de maio de 1794. Os seus pais eram pessoas religiosas e ensinaram-lhe desde cedo a importância da religião. Desde criança, parecia possuir uma disposição contemplativa, mas a sua mente não era vigorosa, nem mostrava grande inclinação para a cultivar pela leitura. Aos nove anos mudou-se com os pais para a cidade de Marcellus, Estado de Nova Iorque. A partir dessa altura, disse ela, sentia frequentemente fortes convicções da importância das coisas eternas, e os pensamentos sobre Deus e a eternidade faziam-na tremer.

Em junho de 1811, estando de visita à cidade de Scipio, ficou profundamente impressionada ao assistir ao batismo de uma jovem; e, desde então, foi acometida de uma convicção mais forte do seu próprio estado pecaminoso. Ao regressar a Marcellus, tentou reprimir a sua ansiedade religiosa, mas em vão – a sua angústia de espírito via-se claramente refletida no seu semblante.

Na noite de 28 de novembro, estando sentada numa cadeira, aparentemente a dormir, começou a suspirar e a gemer como se em dor extrema. Pouco antes dissera que viveria apenas por pouco tempo e, repetindo agora a expressão, os pais recearam que estivesse a morrer. Nessa noite falou de forma incoerente, mas demonstrou nas suas palavras grande preocupação religiosa. Continuou quase todas as noites a falar em sonhos desta maneira até 27 de janeiro de 1812.

Nessa noite, pouco depois de adormecer, foi acometida de um forte tremor. Gritou alto e acordou em grande terror. Horror e desespero assaltaram-na com o pavor de uma eternidade miserável e da sua condenação rápida e inevitável. Mas esses sentimentos agonizantes foram rapidamente substituídos por calma; o seu espírito tornou-se tranquilo, e nas suas devoções noturnas, agora regulares e coerentes, derramava um espírito de mansidão, gratidão e amor.

A partir de então, todo o rumo da sua alma parecia ter mudado; era incapaz de expressar claramente, quando acordada, os seus sentimentos sobre as coisas divinas; mas os seus exercícios durante o sono eram tão solenes e impressionantes que poucos dos que os ouviam duvidavam de que fossem os genuínos frutos de penitência, piedade e paz.

O Dr. Mitchell, ao descrever o caso de Miss Baker, diz: "Há já vários anos que é acometida diariamente de *somnium* de carácter devocional, com grande regularidade. Estes paroxismos diários repetem-se com uma exatidão maravilhosa e, pela sua longa duração, tornaram-se agora habituais. Sobrevêm-lhe ao deitar, e a crise dura geralmente cerca de três quartos de hora.

Há registo de uma crise terminar em trinta e cinco minutos e de outra prolongar-se por noventa e oito. A transição do estado de vigília para o de *somnium* é muito rápida; frequentemente em um quarto de hora, ou até menos. Após se retirar da companhia na sala, é encontrada a louvar a Deus em voz distinta e sonora.

Os seus discursos são geralmente proferidos em quarto privado, para que os recite com mais decoro da sua parte e com maior satisfação para os ouvintes. Foi-lhe recomendado adotar a postura reclinada, com o rosto voltado para os céus.

Realiza as suas devoções noturnas com uma constância e fervor totalmente sem exemplo em ser humano em estado de *somnium*. O corpo e os membros permanecem imóveis; não se mexem mais do que o tronco e os membros de uma estátua; o único movimento que o espectador percebe é o dos órgãos da fala e uma inclinação oratória da cabeça e do pescoço, como se estivesse intensamente empenhada em realizar um exercício académico ou teológico.

Começa e termina com uma invocação ao Trono da Graça, consistindo em tópicos adequados de reconhecimento, submissão e reverência, de louvor e agradecimento, e de oração por si mesma, pelos amigos, pela Igreja, pela nação, pelos inimigos e pelo género humano em geral. Entre estes, surge o seu sermão ou exortação. Inicia sem um texto e prossegue com curso uniforme até ao fim; adornando-o por vezes com belas metáforas, descrições vívidas e citações poéticas.

"Há um estado do corpo semelhante a gemidos, soluços ou lamentos, e o som angustiado continua de dois minutos a um quarto de hora. Esta agitação, contudo, não a desperta; diminui gradualmente, e ela passa a um sono profundo e natural, que dura até ao fim da noite. De manhã acorda como se nada tivesse acontecido, totalmente ignorante das cenas em que fora protagonista. Declara nada saber dos exercícios noturnos, exceto pelo relato dos outros. Com exceção da mencionada agitação do corpo e exercício da mente, goza de perfeita saúde."

Em outubro de 1814, Miss Baker foi levada a Nova Iorque pelos amigos, na esperança de que os seus exercícios soníferos, considerados por alguns como resultantes de doença, pudessem, com o exercício da viagem e a novidade de uma grande cidade, ser eliminados. Mas nenhum desses meios produziu o efeito desejado.

Os seus conhecidos afirmavam que os exercícios ocorriam todas as noites com regularidade, salvo em algumas ocasiões interrompidas por grave enfermidade, desde que começaram em 1812. Em setembro de 1816, porém, estes exercícios noturnos foram interrompidos por tratamento médico,

particularmente pelo uso de ópio. — *Barber's History and Antiquities of the Northern State of America.*

## PREDIÇÕES
## UM CURIOSO MEMORANDO

## ENCONTRADO ENTRE OS PAPEIS
## DE M. DE LA HARPE

Parece-me que foi ontem, e no entanto era no início do ano de 1788: estávamos à mesa de um irmão académico, homem de altíssima posição e de talento. A companhia era numerosa e variada — cortesãos, advogados, literatos, académicos, etc. Tínhamos sido, como de costume, regalados com luxo, e à sobremesa os vinhos de Malvasia e do Cabo vieram acrescentar, à natural jovialidade de boa companhia, aquela espécie de liberdade social que às vezes vai além do rigoroso decoro.

Em suma, estávamos em disposição de aceitar tudo o que pudesse suscitar riso. Chamfort tinha lido alguns dos seus contos ímpios e libertinos, e as belas damas escutaram-nos sem sequer recorrerem aos leques. Seguiu-se então um dilúvio de chalaças contra a religião; um citou a *Donzela de Orleães*, outro recordou e aplaudiu o dístico filosófico de Diderot:

*Et des boyaux du dernier prêtre*
*Serrez le cou du dernier roi.*

*(E das tripas do último padre*
*Apertai o pescoço do último rei.)*

Um terceiro ergueu-se, e com um brinde na mão exclamou: "Sim, meus senhores, estou tão certo de que não existe Deus, como estou certo de que Homero é um tolo."

A conversa tomou depois rumo mais sério, e manifestou-se a mais ardente admiração pela revolução que Voltaire produzira; e todos concordaram que ela constituía o mais brilhante raio da sua glória. "Deu o tom ao seu século e conseguiu ser lido tanto no quarto como no salão." Um dos convivas referiu, e quase rebentou de riso ao contar, que o seu cabeleireiro, enquanto o polvilhava, dissera: "Veja, senhor, embora eu não seja mais do que um pobre barbeiro aprendiz, não tenho mais religião do

que qualquer outro homem.” Concluiu-se que a revolução estaria em breve consumada, e que era absolutamente necessário que superstição e fanatismo cedessem lugar à filosofia.

Calculou-se então a probabilidade desse momento e quais dos presentes viveriam para ver o Reinado da Razão. Os mais velhos lamentaram não poder alimentar a esperança de gozar de tal prazer; os mais novos rejubilaram com a certeza de virem a presenciá-lo. A Academia foi felicitada por ter preparado o terreno e ser, ao mesmo tempo, a fortaleza, o centro, o princípio motor da liberdade de pensamento.

Havia apenas um dos convivas que não partilhara dos encantos desta conversação; até se permitira, de forma discreta, lançar algumas pilhérias sobre o nosso nobre entusiasmo. Era Cazotte, homem amável, de espírito original, mas infelizmente iludido pelas fantasias dos Iluminados. Renovou a conversa em tom muito sério e da seguinte maneira:

“Meus senhores, tranquilizai-vos; todos vós vereis esta grande e sublime revolução. Sabeis que tenho algo de profeta, e repito que todos a vereis.”

Responderam-lhe com a expressão habitual: “Não é preciso ser grande adivinho para prever isso.”

"Concordo; mas talvez seja necessário ser algo mais, no que respeita ao que vou agora dizer-vos. Têm alguma ideia do que resultará desta revolução? O que nos acontecerá; a cada um dos que aqui estão presentes; qual será o seu progresso imediato, com os seus efeitos e consequências certas?"

"Oh", disse Condorcet, com a sua risada tola e saturnina, "saibamos tudo; um filósofo não pode ter objeção a encontrar-se com um profeta."

"Vós, senhor Condorcet, expirareis sobre o pavimento de um calabouço; morrereis do veneno que tomareis para escapar das mãos do carrasco; de veneno que o feliz estado desse período tornará absolutamente necessário que trazeis convosco."

De início, notou-se um considerável espanto, mas logo se recordou que Cazotte tinha por hábito sonhar enquanto acordado; e a risada foi tão sonora como dantes.

"M. Cazotte, o conto que acabais de nos dizer não é tão agradável como o vosso *Diable amoureux*. Mas que diabo vos meteu na cabeça esse calabouço, esse veneno e esses carrascos? Que podem essas coisas ter de comum com a filosofia e com a idade da razão?"

"É precisamente isso que vos estou a dizer. Será em nome da filosofia, da humanidade e da liberdade; será sob o reinado da razão que o que predisse acontecerá convosco. Será então, de facto, o reinado da Razão, pois ser-lhe-ão erigidos templos em sua honra. Aliás, por toda a França não haverá outros lugares de culto público senão Templos da Razão."

"Na verdade", disse Chamfort, com um dos seus sorrisos sarcásticos, "não sereis sacerdote oficiantes em nenhum desses templos."

"Assim o espero; mas vós, M. Chamfort, sereis bem digno dessa distinção, pois cortar-vos-eis as veias com vinte e dois golpes de navalha e, no entanto, sobrevivereis à tentativa por alguns meses."

Todos olharam para ele e continuaram a rir. "Vós, M. Vicq d'Azyr, não abrireis as vossas veias por vossa mão, mas mandareis que vo-las abram seis vezes num só dia, durante um paroxismo de gota, para que não falheis no vosso intento, e morrereis durante a noite. Quanto a vós, M. de Nicolai, morrereis no cadafalso; e vós também, M. Bailly; e vós igualmente, M. Malesherbes."

"Ó céus!" disse Roucher. "Parece que a sua vingança se abate apenas sobre a Academia; acabou de fazer a mais horrível execução de todos nós. Agora dizei-me o meu destino, em nome da misericórdia!"

"Vós também morrereis no cadafalso."

"Oh!" exclamou-se por toda a parte, "jurou exterminar-nos a todos."

"Não, não fui eu quem o jurou."

"Seremos então subjugados por Turcos e Tártaros?" "De modo nenhum. Já vos disse que então sereis governados apenas pela filosofia e pela razão. Os que vos tratarão como descrevi serão todos filósofos: estareis continuamente a proferir as mesmas

frases que haveis repetido na última hora, direis todas as vossas máximas e citareis, como fizestes, Diderot e a *Donzela de Orleães*."

"Oh", sussurrou-se, "o homem perdeu o juízo"; pois, durante toda a conversa, o seu semblante não sofrera a mínima mudança.

"Oh, não", disse outro, "percebe-se que está a troçar de nós; mistura sempre o maravilhoso com as suas pilhérias."

"Sim", respondeu Chamfort, "o maravilhoso nele nunca é animado por alegria. Está sempre com ar de quem vai ser enforcado. Mas quando acontecerá isso?"

"Não terão passado seis anos antes que tudo quanto vos disse se cumpra."

"Aqui, de facto, há milagres em abundância" (era eu próprio, diz M. de La Harpe, quem agora falava), "e a mim nem me dais papel algum."

"Vós sereis", replicou Cazotte, "um milagre tão extraordinário como qualquer dos que mencionei; então sereis cristão."

De imediato ergueram-se grandes exclamações. "Ah", respondeu Chamfort, "desvaneceram-se todos os meus receios; pois, se não estamos condenados a perecer até que La Harpe se torne cristão, seremos imortais."

"Quanto às mulheres", disse a duquesa de Grammont, "é muito afortunado que sejamos tidas por nada nessas revoluções. Não que fiquemos totalmente alheias a elas, mas entende-se que, em tais casos, nos deixam à nossa condição, o nosso sexo."

"O vosso sexo, minhas senhoras", disse ele, interrompendo-a, "não será garantia alguma nesses tempos. Não fará a mínima diferença interfirdes ou não. Sereis tratadas exatamente como os homens; não se fará entre vós distinção alguma."

ま

"Mas que significa tudo isto, M. Cazotte? Estais decerto a pregar-nos o fim do mundo."

"Não sei disso, minha senhora duquesa, mais do que vós; mas disto sei: sereis conduzida ao cadafalso, com várias outras

senhoras, na carroça do carrasco, e com as mãos atadas atrás das costas."

"Espero, senhor, que, em tal caso, me seja concedida, ao menos, uma carruagem coberta de negro?"

"Não, minha senhora, não tereis tal indulgência; damas de condição mais elevada do que a vossa serão levadas numa carroça como vós, com as mãos atadas como as vossas, e ao mesmo destino para que estais destinada."

"Damas de maior condição do que eu? O quê! princesas do sangue?"

"Maiores ainda!"

Aqui se notou uma comoção sensível em toda a companhia, e o semblante do dono da casa assumiu ar muito grave e solene; reconheceu-se, de facto, de modo geral, que tal chalaça ia longe de mais. Madame de Grammont, para desfazer a nuvem que parecia aproximar-se, não respondeu à sua última fala, limitando-se a dizer, com ar jovial: "Vede, nem sequer me deixará um confessor." "Não, minha senhora, essa consolação será negada a todas vós. A última pessoa conduzida ao cadafalso a quem se permitirá um confessor, como a maior das mercês, será…"

Aqui ele deteve-se por um momento.

"E quem, então, é o feliz mortal a quem se permitirá gozar dessa prerrogativa?"

"É a única que lhe restará; será — o Rei de França!"

O dono da casa ergueu-se então apressadamente, e todos os seus convivas foram movidos pelo mesmo impulso. Aproximou-se de M. Cazotte e disse-lhe, em tom comovido e impressionante: "Meu caro M. Cazotte, já tivemos de sobra dessas conceções melancólicas. Levais isso longe demais, a ponto de comprometer a companhia em que estais e a vós próprio juntamente."

Cazotte nada respondeu e preparava-se para se retirar, quando Madame de Grammont, que desejava, se possível, desfazer qualquer impressão séria e restituir algum género de alegria entre eles, avançou para ele e disse: "Meu bom profeta, fostes tão amável que nos dissestes a fortuna a todos, mas nada

mencionastes quanto à vossa." Após alguns momentos de silêncio, com os olhos cravados no chão, "Minha senhora", respondeu, "haveis lido o *Cerco de Jerusalém*, tal como relatado por Josefo?"

"Por certo que li; e quem não leu? Mas podeis supor, se quiserdes, que nada sei disso."

"Então deveis saber, minha senhora, que, durante o cerco de Jerusalém, um homem, por sete dias consecutivos, percorreu as muralhas daquela cidade, à vista dos sitiados e dos sitiantes, clamando incessantemente, em voz alta e funesta: 'Ai de Jerusalém!' e, ao sétimo dia, gritou: 'Ai de Jerusalém e de mim!' e, nesse exato momento, uma enorme pedra, lançada pela máquina do inimigo, despedaçou-o."

M. Cazotte então fez uma vénia e retirou-se.

Até aqui M. de La Harpe. Os que se recordam do lutuoso fim de todas aquelas personagens acima mencionadas, durante o reinado do terror em França, hão de pasmar com o exato cumprimento desta notável predição, tão improvável de realizar-se na altura em que foi proferida. Que M. de La Harpe fosse capaz de impor uma falsidade ao mundo, nos seus últimos momentos de vida, creio que poucos suspeitarão; e nunca ouvi que a autenticidade do acima exposto fosse posta em causa. — *News from the Invisible World*.

## DRYDEN E A NATALIDADE DO FILHO

Dryden, apesar de todo o seu entendimento, era afeito à astrologia judicial e costumava calcular a natalidade dos filhos. No nascimento do seu filho Charles, pousou o relógio sobre a mesa, rogando a uma das senhoras então presentes, do modo mais solene, que anotasse com exatidão o minuto preciso em que a criança nascesse, o que ela fez e lhe comunicou. Cerca de uma semana depois, quando a esposa já estava bastante restabelecida, o Sr. Dryden aproveitou a ocasião para lhe dizer que tinha calculado a natalidade da criança e observou, com tristeza, que nascera em hora má; pois Júpiter, Vénus e o Sol estavam todos debaixo da terra, e o senhor do seu ascendente aflito por um odioso quadrado de Marte e Saturno. “Se viver até chegar ao oitavo ano”, disse ele, “andará perto de morrer de

morte violenta no próprio dia do aniversário; mas se escapar, embora eu veja poucas esperanças, no vigésimo terceiro ano estará sob a mesma direção funesta; e se também escapar dessa, o trigésimo terceiro ou trigésimo quarto ano será, receio—.” Aqui foi interrompido pelo pranto da esposa, que já não podia ouvir com paciência a calamidade profetizada para o filho.

Chegou por fim o tempo, e agosto foi o mês inauspicioso em que o jovem Dryden havia de entrar no oitavo ano de idade. Estando a corte em jornada, e o Sr. Dryden desocupado, foi convidado para a casa de campo do Conde de Berkshire, seu cunhado, para passar com ele as longas férias em Charlton, no Wiltshire; a esposa foi convidada para casa do tio Mordaunt, para ali passar o resto do verão. Quando chegou o momento de dividir os filhos, lady Elizabeth quis que ele levasse John e lhe deixasse Charles; mas o Sr. Dryden foi demasiado categórico, e separaram-se zangados: levou consigo Charles, e ela teve de se contentar com John.

Quando chegou o dia fatal, a ansiedade no ânimo da senhora ocasionou tal efervescência do sangue que a lançou numa febre violenta, e chegou a desesperar-se da vida, até que chegou uma carta do Sr. Dryden, censurando-a pela credulidade de mulher e assegurando-lhe que a criança estava bem, o que lhe restituiu o ânimo; e seis semanas depois recebeu a explicação de todo o caso.

O Sr. Dryden, por medo de ser tido por supersticioso, ou por considerar aquilo uma ciência indigna do seu estudo, foi extremamente cauteloso em não deixar ninguém saber que se ocupava de astrologia, e, portanto, não pôde desculpar a sua ausência, no aniversário do filho, de uma grande caçada que o Lorde Berkshire organizara, à qual foram convidados todos os fidalgos das redondezas.

Ao sair, cuidou de marcar ao rapaz um exercício duplo na língua latina, que ele próprio ensinava aos filhos, com um encargo rigoroso de não sair do quarto até ao seu regresso, sabendo bem que a tarefa que lhe marcara lhe tomaria muito mais tempo. Charles cumpria o seu dever em obediência ao pai; mas, como quis o mau fado, o veado fez rumo à casa, e o alarido, alarmando os criados, precipitá-los-ia para fora a ver o

divertimento. Um deles tomou o jovem Dryden pela mão e levou-o também a ver; quando, ao chegarem à entrada, o veado, acuado pelos cães, fez um ímpeto audaz e saltou por cima do muro do pátio, que, por ser muito baixo e antigo, e os cães o seguindo, deitou abaixo uma parte do muro, de dez jardas de comprimento, debaixo da qual Charles Dryden ficou soterrado. Foi imediatamente desenterrado e, depois de definhar seis semanas em estado perigoso, restabeleceu-se. Até aqui cumpriu-se a predição de Dryden.

No vigésimo terceiro ano de idade, Charles caiu do topo de uma velha torre pertencente ao Vaticano, em Roma, provocado por uma vertigem que o assaltou, sendo o calor do dia excessivo. Tornou a recuperar, mas ficou desde então sempre num estado de languidez.

No trigésimo terceiro ano de idade, tendo regressado a Inglaterra, afogou-se infelizmente em Windsor. Tinha, com outro cavalheiro, atravessado duas vezes a nado o Tamisa; mas, no regresso, à terceira vez, supôs-se que fora acometido de uma cãibra, pois pediu socorro, embora tarde demais. Assim a conta do pai se mostrou mas que demasiado profética. — *Wanley's Wonders*, vol. ii.

## ADIVINHAÇÃO

## ADIVINHAÇÃO ARTIFICIAL

É a que procede por raciocínio sobre certos sinais externos, considerados como indicações de futuridade.

## ADIVINHAÇÃO NATURAL

É a que pressagia coisas a partir de um mero sentido interno e persuasão do espírito, sem auxílio de sinais; e é de dois tipos — um pela natureza e outro por influxo. O primeiro é a suposição de que a alma, recolhida em si mesma e não difusa ou dividida entre os órgãos do corpo, tenha, pela sua própria natureza e essência, algum conhecimento prévio das coisas futuras: testemunhem-se o que se vê em sonhos, êxtases, nos confins da morte, etc. O segundo supõe que a alma, à maneira de um espelho, receba alguma iluminação secundária da presença de Deus e de outros espíritos.

## AXINOMAANCIA

Foi uma antiga espécie de adivinhação ou método de predizer acontecimentos futuros por meio de um machado ou acha. A palavra deriva do grego, ἀξινη, machado; μαντεια, adivinhação. Esta arte gozou de considerável reputação entre os antigos; e era praticada, segundo alguns, colocando-se uma pedra de ágata sobre uma acha ao rubro.

## ALECTOROMANCIA

É um antigo género de adivinhação, realizado por meio de um galo, usado entre os gregos do seguinte modo: traçava-se um círculo no chão e dividia-se em 24 porções ou espaços iguais; em cada espaço se escrevia uma das letras do alfabeto, e sobre cada uma dessas letras se colocava um grão de trigo. Feito isto, colocava-se um galo dentro do círculo e observavam-se com cuidado os grãos que ele bicava. As letras correspondentes a esses grãos eram depois formadas em palavra, a qual era a resposta decretada. Foi assim que Libânio e Jâmblico procuraram saber quem sucederia ao imperador Valente; e como o galo respondeu aos espaços ΘΕΟΔ, concluíram por Teodoro, mas por engano, em vez de Teodósio.

## ARITHMOMANCIA

É um tipo de adivinhação ou método de predizer acontecimentos futuros por meio de números. A *Gematria*, que constitui a primeira espécie da Cabala judaica, é uma espécie de *Arithmomancy*.

## BELOMANCIA

É um método de adivinhação por meio de flechas, praticado no Oriente, mas sobretudo entre os árabes. A *Belomancy* foi praticada de diferentes maneiras: uma consistia em marcar um conjunto de flechas e meter onze ou mais num saco; depois eram retiradas, e conforme estivessem marcadas, ou não, julgava-se dos acontecimentos futuros. Outra forma era ter três flechas, numa das quais se escrevia "Deus mo proíbe"; noutra, "Deus mo ordena"; e na terceira nada.

Estas eram colocadas numa aljava, da qual se tirava ao acaso uma das três; se acontecia ser a da segunda inscrição, fazia-se a coisa consultada; se calhava a da primeira inscrição, deixava-se a coisa; e se saía a que não tinha inscrição, tirava-se de

novo. A *Belomancy* é prática antiga, e provavelmente é a que Ezequiel menciona, cap. xxi, v. 21: pelo menos São Jerónimo assim a entende e observa que o uso era frequente entre assírios e babilónios. Algo semelhante também é mencionado em Oseias (cap. vi.), só que ali se mencionam varas em vez de flechas, o que é antes *Rhabdomancy* do que *Belomancy*. Grotius, bem como Jerónimo, confundem as duas e mostram que prevaleceram muito entre magos, caldeus e citas, de onde passaram para os eslavónios e daí para os germanos, que, observa Tácito, faziam uso de *Belomancy*.

## CLEROMANCIA

É um tipo de adivinhação realizado pelo lançar de dados ou de ossículos e observando os pontos ou marcas que ficam virados para cima. Em Bura, cidade da Acaia, havia um célebre templo de Hércules, onde os que consultavam o oráculo, depois de rezarem ao ídolo, lançavam quatro dados, cujos pontos, bem examinados pelo sacerdote, supostamente lhe forneciam a resposta.

## CLEDONISMO

Esta palavra deriva do grego χλησων, que significa duas coisas — a saber, um rumor e uma ave: no primeiro sentido, *Cledonism* deve denotar um tipo de adivinhação extraída de palavras proferidas ocasionalmente. Cícero observa que os pitagóricos faziam observações não só das palavras dos deuses, mas também das dos homens, e por isso acreditavam que a pronúncia de certas palavras — por exemplo, *incendium* — à mesa era muito azarada. Assim, em vez de *prison*, usavam a palavra *domicilium*; e, para evitar chamar às Fúrias o nome *erinnyes*, que se supunha desagradável para elas, diziam *Eumenides*. No segundo sentido, *Cledonism* parece ser uma adivinhação tirada das aves — o mesmo que *Ornithomantia*.

## COSCINOMANCIA

Como a palavra indica, é a arte da adivinhação por meio de uma peneira. Suspensa a peneira, depois de repetir certa fórmula de palavras, toma-se-a apenas entre dois dedos, e repetem-se os nomes das partes suspeitas: aquele ao cujo nome a peneira roda, treme ou sacode, é reputado culpado do mal em questão. Sem dúvida, deve ser prática muito antiga. Teócrito, no seu terceiro *Idílio*, menciona uma mulher muito

hábil nisso. Por vezes também se praticava suspendendo a peneira por um fio, ou fixando-a às pontas de uma tesoura, dando-lhe espaço para rodar, e nomeando, como antes, as partes suspeitas: desta maneira a Coscinomancia ainda é praticada em algumas partes de Inglaterra. Pelo que se vê em Teócrito, não só era usada para descobrir pessoas desconhecidas, mas também para desvendar segredos.

## CAPNOMANCIA

É uma espécie de adivinhação por meio de fumo, usada pelos antigos nos seus sacrifícios. A regra geral era: quando o fumo era ténue e leve, e subia direito, era bom agouro; se, pelo contrário, era mau. Havia outra espécie de Capnomancia, que consistia em observar o fumo que surgia de sementes de papoila e jasmim lançadas sobre brasas.

## CATOPTROMANCIA

É outra espécie de adivinhação usada pelos antigos, realizada por meio de um espelho. Pausânias diz que este método de adivinhação estava em uso entre os Aqueus, onde os doentes, em perigo de morte, desciam um espelho, ou vidraça, preso por um fio, a uma fonte diante do templo de Ceres; depois, olhando para o vidro, se viam um rosto hediondo e desfigurado, tomavam-no como sinal certo de morte; mas, ao contrário, se o rosto aparecia fresco e saudável, era sinal de recuperação. Por vezes usavam-se espelhos sem água, e dizia-se que neles se representavam imagens de coisas futuras.

## QUIROMANCIA

É a arte de adivinhar o destino, temperamento e disposição de uma pessoa pelas linhas e lineamentos das mãos. Há muitos autores sobre esta arte — a saber, Artemidoro, Fludd, Johannes de Indagine, Taconerus e M. De le Chambre, que estão entre os melhores. M. De le Chambre insiste em que as inclinações das pessoas podem conhecer-se consultando as linhas das mãos, havendo uma correspondência muito próxima entre as partes da mão e as partes internas do corpo, o coração, o fígado, etc., "de que as paixões e inclinações muito dependem". Acrescenta, porém, que as regras e preceitos da Quiromancia não são suficientemente garantidos, não estando bem verificadas as experiências em que assentam.

## DACTILIOMANCIA

É uma espécie de adivinhação realizada por meio de um anel. Fazia-se do seguinte modo: segurando-se um anel, suspenso por um fio fino, sobre uma mesa redonda, na borda da qual estavam marcados vários sinais com as 24 letras do alfabeto. O anel, ao tremer ou vibrar sobre a mesa, detinha-se sobre certas letras que, sendo juntadas, compunham a resposta requerida. Mas esta operação era precedida e acompanhada de várias cerimónias supersticiosas; pois, em primeiro lugar, o anel havia de ser consagrado com muito mistério; a pessoa que o segurava devia estar vestida de linho até aos sapatos, a cabeça rapada em volta, e devia ter verbena na mão. E, antes de empreender qualquer coisa, era necessário primeiro aplacar os deuses por meio de um formulário de orações, etc. Todo o processo deste rito misterioso é dado no livro 29 de Amiano Marcelino.

## EXTISPÍCIO

(*De* exta *e* spicere, ver, considerar.)
O nome do oficial que mostrava e examinava as entranhas das vítimas era *Extispex*. Este método de adivinhação, ou de tirar presságios relativos à futuridade, foi muito praticado por toda a Grécia, onde havia duas famílias, os Jâmidas e os Clytidas, consagradas ou separadas particularmente para o seu exercício. Os Etruscos, em Itália, foram os primeiros *Extispices*, entre os quais também a arte gozou de grande reputação. Lucano dá-nos uma bela descrição de uma destas operações no seu primeiro livro.

## GASTROMANCIA

Esta espécie de adivinhação, praticada entre os antigos, era realizada por meio de ventriloquia. Há outra espécie de adivinhação chamada pelo mesmo nome, que se realiza por meio de copos, ou outros vasos transparentes e redondos, dentro dos quais certas figuras aparecem por arte mágica. Daí o nome, em consequência de as figuras parecerem como que no interior dos vasos.

## GEOMANCIA

Era realizada por meio de um certo número de pequenos pontos, feitos ao acaso num papel, e depois se consideravam as

várias linhas e figuras que esses pontos apresentavam; formando-se assim um juízo pretenso da futuridade, e decidindo-se uma questão proposta. Polidoro Virgílio define Geomancia como um tipo de adivinhação realizado por fendas ou rachas feitas no chão, e entende que os magos persas foram os seus inventores (*De invent. rer.* liv. i, c. 23). *Geomancy* forma-se do grego *yn*, *terra*, terra; e μαντεία, adivinhação; sendo o costume antigo lançar pedrinhas no chão e daí formar as suas conjeturas, em vez dos pontos acima mencionados.

## HIDROMANCIA

### Ὑδρομαντεια

A arte de adivinhar ou predizer acontecimentos futuros por meio de água, e é uma das quatro espécies gerais de adivinhação: as outras três, respeitantes aos outros elementos, a saber, fogo e terra, denominam-se Piromancia, Aeromancia e Geomancia, já mencionadas. Diz Varro que os Persas foram os primeiros inventores da Hidromancia, observando também que Numa Pompílio e Pitágoras a usaram. Há várias máquinas e vasos hidromânticos, de natureza singularmente curiosa.

## ONEIROCRÍTICA

É a arte de interpretar sonhos, ou um método de predizer acontecimentos futuros por meio de sonhos.

## ONOMANCIA,

## OU ONOMAMANCIA

É a arte de adivinhar a boa ou má fortuna que sucederá a um homem pelas letras do seu nome. Este modo de adivinhação foi uma prática muito popular e reputada entre os antigos. Os pitagóricos ensinavam que os espíritos, ações e sucessos dos homens estavam de acordo com o seu fado, génio e nome; e o próprio Platão inclina em certa medida para a mesma opinião. Assim, observou-se que Hipólito foi despedaçado pelos seus próprios cavalos de tiro, como o seu nome importava; e assim Agamémnon significava que tardaria muito antes de Tróia; Príamo, que seria resgatado do cativeiro na infância. A isto também se pode referir a de Cláudio Rutilio:

*Nominibus certis credam decurrere mores ?*
*Moribus aut potiùs nomina certa dari ?*

É observação frequente, e não menos justa, na história, que os maiores impérios e estados foram fundados e destruídos por homens do mesmo nome. Assim, por exemplo, Ciro, filho de Cambises, começou a monarquia persa, e Ciro, filho de Dário, arruinou-a; Dário, filho de Histaspes, restituiu-a; e, novamente, Dário, filho de Asamis, totalmente a derrubou. Filipe, filho de Amintas, ampliou sobremaneira o reino da Macedónia; e Filipe, filho de Antígono, perdeu-o por completo. Augusto foi o primeiro imperador de Roma, Augustulo o último. Constantino primeiro estabeleceu o império de Constantinopla, e Constantino perdeu-o por completo para os Turcos.

Há observação semelhante de que alguns nomes são constantemente infelizes para príncipes — por exemplo, Caio, entre os romanos; João em França, Inglaterra e Escócia; e Henrique em França.

Uma das principais regras da Onomancia, entre os pitagóricos, era que um número par de vogais num nome significava uma imperfeição no lado esquerdo de um homem, e um número ímpar no direito. Outra regra, tão boa quanto esta, era que as pessoas eram mais felizes quando, nos seus nomes, as letras numéricas, somadas, davam a maior soma; por esta razão, dizem, foi que Aquiles venceu Heitor, as letras numéricas no primeiro nome perfazendo número maior do que no segundo. E sem dúvida foi por princípio semelhante que os jovens romanos brindavam às suas amadas nas suas reuniões tantas vezes quantas letras continham os seus nomes.

"*Nævia sex cyathis, septem Justina bibatur!*"

Rhodingius descreve um género singular de Onomantia. Teodoto, rei dos Godos, desejoso de saber do êxito das suas guerras contra os Romanos, um judeu onomântico ordenou-lhe que encerrasse certo número de porcos em pequenos chiqueiros, e que a alguns lhes desse nomes romanos e a outros nomes godos, com marcas diferentes para os distinguir, e ali os mantivesse até certo dia; chegado esse dia, ao inspeccionarem os chiqueiros, encontraram mortos aqueles a quem tinham sido dados os nomes godos, e vivos aqueles a quem tinham sido atribuídos os nomes romanos; pelo que o judeu predisse a derrota dos Godos.

## ONYCOMANCIA,

## OU ONYMANCIA

Este tipo de adivinhação realiza-se por meio das unhas. A prática antiga consistia em esfregar as unhas de um jovem com óleo e fuligem, ou cera, e erguer assim preparadas as unhas contra o sol, sobre as quais se supunha aparecerem figuras ou caracteres que mostravam o que se requeria. Daqui também os modernos quiromantes chamarem Onycomancia àquele ramo da sua arte que respeita à inspeção das unhas.

## ORNITOMANCIA

É uma espécie de adivinhação, ou método de chegar ao conhecimento da futuridade, por meio das aves; entre os Gregos era o que o Augúrio era entre os Romanos.

## PIROMANCIA

Uma espécie de adivinhação realizada por meio do fogo. Os antigos imaginavam poder predizer a futuridade inspecionando o fogo e a chama; para tal fim consideravam a sua direção ou para que lado se voltava. Por vezes deitavam-lhe pez e, se este pegava fogo instantaneamente, consideravam-no bom agouro.

## PSICOMANCIA,

## OU SCIOMANCIA

Uma arte entre os antigos de erguer ou evocar os manes ou almas das pessoas falecidas para darem notícia de coisas por vir. A feiticeira que evocou a alma de Samuel para predizer a Saul o resultado da batalha que ia travar fê-lo por Sciomancia.

## RABDOMANCIA

Foi um antigo método de adivinhação realizado por meio de varas ou bastões. São Jerónimo menciona este tipo de adivinhação no seu comentário a Oseias, cap. vi, 12, onde o profeta diz, em nome de Deus: *O meu povo consulta os seus troncos; e a sua vara lho declara*; passagem que aquele padre entende da Rhabdomancia grega. O mesmo se encontra de novo em Ezequiel xxi, 21–22, onde o profeta diz: *Porque o rei de Babilónia se pôs na encruzilhada, no princípio dos dois caminhos, para usar de adivinhação: alisou as suas flechas* (ou,

como verte São Jerónimo, *misturou as suas flechas*); *consultou as imagens; olhou para o fígado*.

Se é o mesmo tipo de adivinhação a que se alude nestas duas passagens, a Rhabdomancia deve ser o mesmo género de superstição que a Belomancia: estas duas, de facto, são geralmente confundidas. Tão certo é, contudo, que os instrumentos de adivinhação mencionados por Oseias são diferentes dos de Ezequiel; embora seja possível que usassem indiferentemente varas ou flechas; ou que os militares usassem flechas e os demais varas.

Pelas leis dos Frisones, parece que os antigos habitantes da Germânia praticavam Rhabdomancia. Os Citas também a conheciam; e — observa Heródoto (liv. vi) — as mulheres entre os Alanos procuravam e ajuntavam varetas ou varas direitas e finas, e usavam-nas para os mesmos fins supersticiosos.

Entre os vários outros tipos de adivinhação aqui não mencionados, podem enumerar-se — Chilomancia, feita com chaves; Alfitomancia ou Aleuromancia, por farinha; Keraunoscopia, pela consideração do trovão; Alectromancia, por galos; Litomancia, por pedras; Eychnomancy, por lâmpadas; Ooscopia, por ovos; Licanomancia, por uma bacia de água; *Palpitatim, Salisatio, παλμός,* pela pulsação ou movimento de algum membro, etc.

Todos estes tipos de adivinhação foram condenados pelos Padres da Igreja e pelos Concílios, por suporem algum pacto com o diabo. Fludd escreveu vários tratados sobre a adivinhação e as suas diferentes espécies; e Cícero tem dois livros sobre a adivinhação dos antigos, nos quais confuta todo o sistema. Cardano também, no seu 4.º livro, *De Sapientia*, descreve cada uma delas. — *Demonologia.*

## A VARA ADIVINATÓRIA

Na primavera de 1847, [diz o Dr. Mayo,] estando então em Weilbach, no Nassau, região fervilhante de nascentes subterrâneas de água, pedi ao filho do proprietário do estabelecimento de banhos — um jovem alto, delgado, pálido, de cabelos brancos, de nome Edward Seebold — que caminhasse, na minha presença, para cima e para baixo num

local promissor de terreno, segurando um forquilhado adivinhatório de avelã, com os acessórios recomendados por M. de Tristan a principiantes — isto é, segurava na mão direita três peças de prata, além de um dos punhos da vara, enquanto o punho que segurava na mão esquerda estava coberto com seda fina.

O rapaz não dera cinco passos quando a ponta do forquilhado começou a erguer-se. Riu-se, surpreendido com o acontecimento, totalmente inesperado para ele; e disse que sentia um comichão ou formigueiro nas mãos. Continuou a andar para cá e para lá diante de mim. A forquilha depressa descreveu um círculo completo; depois descreveu outro; e assim continuou a fazer enquanto ele caminhava desse modo, e sempre que, após parar, recomeçava a andar.

A experiência foi repetida por ele na minha presença, com igual sucesso, várias vezes durante o mês seguinte. Depois o rapaz adoeceu, e raramente o via. Contudo, um dia mandei chamá-lo e roguei-lhe o favor de fazer nova prova com a forquilha. Fê-lo, mas o instrumento moveu-se lenta e frouxamente; e quando, tendo completado um semicírculo, apontou para trás, para a "boca do estômago", deteve-se e não quis ir mais longe.

Ao mesmo tempo, o rapaz disse que sentia uma sensação incómoda que rapidamente aumentou para dor na "boca do estômago", e ficou alarmado; então mandei-o largar um dos punhos da vara adivinatória, e a dor cessou. Dez minutos depois induzi-o a tentar de novo: os resultados foram os mesmos. Poucos dias depois, quando o rapaz parecia ainda mais doente, induzi-o a repetir a experiência. Agora, porém, a forquilha já não se movia de todo.

Tenho pouca dúvida de que os feitos acima de Edward Seebold foram genuínos. Tive a mesma opinião dos feitos de três cavalheiros ingleses e de um alemão, nas mãos de quem, contudo, a vara adivinatória nunca se moveu através de um círculo completo. Nas mãos de um deles o movimento era retrógrado, ou anormal: isto é, começava por descer.
Mas deparei com outros casos, menos satisfatórios, embora não destituídos de ensinamento. Devo observar que, nas mãos de vários que tentaram usá-la na minha presença, a forquilha não se moveu uma polegada. Mas havia dois irmãos mais novos de

Edward Seebold, e uma criada de banhos, e o meu próprio criado, nas mãos de quem a vara fazia novas tropelias. Quando estas pessoas caminhavam para a frente, o instrumento subia, ou movia-se normalmente; mas quando, a meu pedido, caminhavam para trás, o instrumento imediatamente se voltava para o outro lado.

Devo observar que, nas mãos de Edward Seebold, o instrumento se movia na mesma direção fosse ele a andar para a frente ou para trás; e mencionei que ao princípio descreveu nas suas mãos um círculo completo. Mas, com as quatro pessoas de que acabei de falar, o movimento da forquilha estava sempre limitado em extensão.

Quando se movia normalmente no arranque, parava depois de descrever um arco de cerca de 225°; do mesmo modo, quando se movia anormalmente no arranque, parava depois de descrever um arco de cerca de 135°; isto é, havia um ponto, o mesmo para os dois casos, além do qual não conseguia passar. Depois verifiquei que, nas mãos do meu criado, a vara adivinhatória se movia mesmo quando ele estava parado, embora com ação menos viva; ainda assim parava como antes, quase no mesmo ponto. Por vezes subia, por vezes descia.

Fiz então algumas experiências, tocando a ponta com uma agulha magnética. No decurso delas, verifiquei que, quando o meu criado sabia em que sentido eu esperava que a forquilha se movesse, ela respondia invariavelmente às minhas expectativas; mas, quando vendava os olhos ao homem, os resultados eram incertos e contraditórios.

O desfecho de tudo isto foi ficar certo de que vários daqueles nas mãos de quem a vara adivinatória se move, a põem em movimento e dirigem o seu movimento pela pressão dos dedos e aproximando mais, ou afastando, as mãos. Ao andar para a frente, as mãos são, sem se dar por isso, levadas uma para a outra; ao andar para trás, dá-se o inverso.

Por conseguinte, não recomendo a ninguém que prossiga estas experiências, a menos que as consiga executar por si mesmo, e a menos que a vara adivinatória descreva um círculo completo nas suas mãos; e mesmo então deverá acautelar-se contra o autoengano.

## PÓSFÁCIO

Estou agora (maio de 1851) novamente instalado no estabelecimento de banhos de Weilbach, perto de Mogúncia; e foi com algum interesse e curiosidade que, no outro dia, pedi ao Sr. Edward Seebold, agora um jovem já crescido, em plena saúde, que experimentasse de novo a vara adivinatória. Acedeu prontamente ao meu pedido; e desta vez sabia exatamente que resultado eu esperava.

Mas a experiência falhou por completo. A ponta da vara adivinatória ergueu-se, enquanto ele caminhava, não mais do que duas ou três polegadas; mas isso sucede com qualquer um que pressione os dois punhos um contra o outro durante a experiência. Depois, o instrumento permaneceu perfeitamente imóvel.

Julgo não me ser lícito ocultar este resultado ao leitor, a quem poderá levar a pôr em causa—embora não me leve a mim a duvidar— a genuinidade das anteriores demonstrações do Sr. E. S. — *Truths in Popular Superstitions*.

## BRUXARIA
## HISTÓRIA DA SENHORA ALICE KYTELER

Foi já no fim do século XII que os anglo-normandos puseram pela primeira vez os pés na Irlanda como conquistadores, e antes do fim do século XIII, quando a porção daquela ilha que desde então recebeu o nome de *English Pale* já se achava coberta de vilas e cidades florescentes, que davam testemunho do rápido crescimento do comércio nas mãos dos empreendedores e industriosos colonos vindos das costas da Grã-Bretanha.

O condado de Kilkenny, atraente pela sua beleza e pelos seus vários recursos, foi um dos distritos primeiro ocupados pelos invasores, e, à época de que falamos, a sua cidade principal, também chamada Kilkenny, era uma cidade forte, com um castelo dominador, e era habitada por abastados mercadores, um dos quais era um rico banqueiro e usurário de nome William Outlawe.

Este William Outlawe casou com uma senhora de bens chamada Alice Kyteler, ou Le Kyteler, que era, talvez, irmã ou parente

próxima de um William Kyteler, mencionado de passagem como exercendo o cargo de *sheriff* da *liberty* de Kilkenny. William Outlawe morreu em data anterior a 1302; e a sua viúva tornou-se esposa de Adam le Blond, de Callan, de uma família que, pelo seu nome inglês White, possuía consideráveis propriedades em Kilkenny e Tipperary em tempos posteriores. Este segundo marido já estava morto antes de 1311; pois nesse ano a Lady Alice surge como esposa de Richard de Valle; e, à data dos acontecimentos narrados nas páginas seguintes, era consorte de um quarto marido, Sir John le Poer. Do primeiro marido tivera um filho, também chamado William Outlawe, que parece ter sido o herdeiro dos bens do pai e o sucedeu como banqueiro.

Era o filho predileto da mãe e parece ter herdado também boa parte da riqueza do segundo e do terceiro maridos da senhora Alice.

Os poucos incidentes relativos a esta família anteriores ao ano de 1324, que se podem colher das entradas dos registos irlandeses, parecem mostrar que não estava inteiramente isenta do espírito turbulento que foi tão prevalente entre os anglo-irlandeses nos tempos de antanho. Parece que, em 1302, Adam le Blond e Alice, sua mulher, confiaram à guarda de William Outlawe, o moço, a soma de três mil libras em dinheiro, a qual William Outlawe, para maior segurança, enterrou no solo dentro de sua casa, método de ocultar tesouros que explica muitas das nossas descobertas antiquárias.

Isto logo se apregoou; e certa noite William le Kyteler, o *sheriff* acima mencionado, com outros, por preceito do senescal da *liberty* de Kilkenny, arrombou a casa *vi et armis*, como reza o registo, desenterrou o dinheiro e levou-o, juntamente com cem libras pertencentes ao próprio William Outlawe, que encontraram na casa.

Tal ultraje não podia passar em silêncio; mas os perpetradores tentaram resguardar-se com a desculpa de que, por ter sido desenterrado do chão, era achado de tesouro (*treasure-trove*), e, como tal, pertenceria ao rei; e, quando Adam le Blond e sua mulher Alice intentaram fazer valer os seus direitos, o *sheriff* engendrou uma acusação contra eles de que haviam cometido homicídio e outros crimes, e de que haviam ocultado Roesia

Outlawe (talvez irmã de William Outlawe, o moço), acusada de furto, aos agentes da justiça; com estes pretextos lançou os três na prisão — Adam, Alice e Roesia. Pouco depois, porém, foram soltos, mas não sabemos se recuperaram o seu dinheiro. As riquezas de William Outlawe, e a parcialidade da mãe por ele, parecem ter atraído sobre ambos o ciúme e o ódio de muitos vizinhos e até de alguns parentes, mas eram demasiado poderosos e demasiado bem relacionados para serem alcançados por vias ordinárias.

Nesta altura, Richard de Ledrede, um prelado turbulento e intrigante, ocupava a sé de Ossory, para a qual fora consagrado em 1318 por mandado do Papa João XXII., o mesmo pontífice a quem devemos a primeira bula contra a feitiçaria (*contra magos magicasque superstitiones*), que foi o alicerce das perseguições inquisitoriais das idades seguintes.

Em 1324, o bispo Richard fez uma visitação da sua diocese e "achou", como nos informa o cronista destes acontecimentos, "por um inquérito em que figuravam cinco cavaleiros e muitos outros fidalgos em grande número, que na cidade de Kilkenny havia desde longo tempo, e ainda havia, muitos feiticeiros usando diversos géneros de bruxaria, à investigação do que o Bispo procedendo, como obrigado pelo dever do seu ofício, encontrou uma certa senhora rica, chamada a Lady Alice Kyteler, mãe de William Outlawe, com muitos dos seus cúmplices, envolvida em várias dessas heresias." Eis, pois, uma boa ocasião de ostentar o zelo de um seguidor do Papa João, odiador de feitiçaria, e também talvez de dar largas a outras paixões.

As pessoas acusadas como cúmplices da Lady Alice eram o seu filho, o banqueiro William Outlawe, um clérigo chamado Robert de Bristol, John Galrussyn, William Payn de Boly, Petronilla de Meath, Sarah, filha de Petronilla, Alice, mulher de Henry o Ferreiro, Annota Lange, Helena Galrussyn, Sysok Galrussyn e Eva de Brounstown.

As acusações contra eles foram distribuídas sob sete cabeças temíveis. Primeira: afirmava-se que, para darem efeito às suas feitiçarias, tinham por hábito negar totalmente a fé de Cristo e da Igreja por um ano ou por um mês, conforme o objeto a alcançar fosse maior ou menor, de modo que durante o período

estipulado nada criam do que a Igreja crê, e abstinham-se de adorar o corpo de Cristo, de entrar em igreja, de ouvir missa e de participar no sacramento.

Segunda: que propiciavam os demónios com sacrifícios de animais vivos, que dividiam membro a membro, e ofereciam, espalhando-os nas encruzilhadas, a um certo demónio que se fazia chamar Robin Artisson (*filius Artis*), que era "de entre a classe mais pobre do inferno."

Terceira: que pelas suas feitiçarias buscavam conselho e respostas aos demónios.

Quarta: que usavam as cerimónias da Igreja nos seus conventículos noturnos, proferindo, com velas de cera acesas, sentença de excomunhão, até contra as pessoas dos próprios maridos, nomeando expressamente cada membro, desde a planta do pé ao alto da cabeça, e por fim apagando as velas com a exclamação "*Fie! fie! fie! Amen.*"

Quinta: que com as tripas e outras partes internas de galos sacrificados aos demónios, com "certos vermes horríveis", várias ervas, as unhas de homens mortos, o cabelo, o cérebro e as roupas de crianças que tinham morrido sem batismo, e outras coisas igualmente repugnantes, cozidas no crânio de certo salteador que fora decapitado, sobre fogo feito de achas de carvalho, haviam feito pós e unguentos, e também velas de sebo cozido no dito crânio, com certos *charms*, coisas estas destinadas a servir para excitar amor ou ódio, e para matar e de outros modos afligir os corpos dos fiéis cristãos, e para obter vários outros fins.

Sexta: que os filhos e filhas dos quatro maridos da Lady Alice Kyteler tinham apresentado queixa ao Bispo de que ela, por tal feitiçaria, lhes havia causado a morte, e os havia de tal modo enfeitiçado e cativado que tinham dado todos os seus bens a ela e a seu filho, para perpétuo empobrecimento dos seus próprios filhos e herdeiros; a tal ponto que o seu atual marido, Sir John le Poer, fora reduzido a estado miserabilíssimo de corpo pelos seus pós, unguentos e outras operações mágicas; mas, sendo advertido pela criada, arrancara à força à mulher as chaves das suas caixas, nas quais encontrara um saco cheio dos artigos "detestáveis" acima enumerados, que enviara ao Bispo.

Sétima: que existia uma ligação impura entre a dita Lady Alice e o demónio chamado Robin Artisson, que por vezes lhe aparecia sob a forma de um gato, outras vezes sob a de um cão negro e hirsuto, e outras sob a forma de um homem negro, com dois companheiros igualmente altos e tisnados, cada um trazendo na mão uma vara de ferro.

Acrescentam alguns dos velhos cronistas que a sua oferta ao demónio eram nove galos vermelhos e nove "olhos" de pavão, numa certa ponte de pedra numa encruzilhada; que possuía certo unguento com que esfregava uma viga de madeira "chamada *coulter*", sobre a qual ela e os seus cúmplices eram levados a qualquer parte do mundo que desejassem, sem dano nem impedimento; que "varria as ruas de Kilkennie entre o anoitecer e o lusco-fusco, juntando toda a imundície para as portas de seu filho William Outlawe, murmurando secretamente consigo estas palavras:

'Para a casa de William, meu filho,
Corra toda a riqueza da cidade de Kilkennie;'"
e que em sua casa foi apreendida uma hóstia de pão consagrado, sobre a qual estava escrito o nome do diabo.

O bispo de Ossory resolveu de imediato aplicar com o máximo rigor a recente bula papal contra os ofensores desta classe; mas teve de lutar com maiores dificuldades do que esperava. O modo de proceder era novo; pois até então, em Inglaterra, a feitiçaria era tida como crime da competência do direito secular, e não como pertencente ao tribunal eclesiástico; e diz-se que este foi o primeiro julgamento do género na Irlanda que atraiu qualquer atenção pública.

Além disso, a Lady Alice, que era a pessoa principalmente visada, tinha apoiantes ricos e poderosos. O primeiro passo dado pelo Bispo foi requerer ao Chanceler que emitisse um mandado para a prisão das pessoas acusadas. Mas calhou que o Lord Chancellor da Irlanda, nessa altura, era Roger Outlawe, prior da Ordem de São João de Jerusalém e parente de William Outlawe. Esta dignidade, em conjunto com Arnold le Poer, senescal de Kilkenny, remonstrou com o Bispo e tentou persuadi-lo a abandonar a causa.

Quando, porém, este recusou ouvi-los e insistiu em exigir o mandado, o Chanceler informou-o de que não era costume

emitir-se tal mandado antes de as partes terem sido regularmente citadas e processadas segundo a lei. O Bispo replicou indignado que o serviço da Igreja estava acima das formas da lei do reino; mas o Chanceler fez-se então surdo, e o Bispo enviou dois apparitors com uma comitiva formal de sacerdotes à casa de William Outlawe, onde residia a Lady Alice, para a citar em pessoa perante o seu tribunal.

A senhora recusou reconhecer a jurisdição do tribunal eclesiástico no caso; e, no dia em que devia comparecer, o Chanceler, Roger Outlawe, enviou advogados que alegaram publicamente o seu direito de se defender por intermédio do seu patrocínio e não de comparecer em pessoa. O Bispo, sem atender a tal alegação, proferiu contra ela a sentença de excomunhão e citou o seu filho William Outlawe a comparecer em certo dia e responder à acusação de acolher e ocultar sua mãe em desafio à autoridade da Igreja.

Ao saber disto, o senescal de Kilkenny, Arnold le Poer, dirigiu-se ao priorado de Kells, onde o Bispo estava hospedado, e fez-lhe um apelo longo e comovente para que abrandasse a sua ira, até que, por fim, cansado e provocado pela sua obstinação, se retirou da sua presença com ameaças de vingança. Na manhã seguinte, quando o Bispo partia do priorado para prosseguir a visitação em outras partes da diocese, foi detido à entrada da vila de Kells por um dos oficiais do senescal, Stephen le Poer, com um corpo de homens armados, que o conduziram como prisioneiro ao castelo de Kilkenny, onde o mantiveram sob custódia até ter passado o dia em que William Outlawe fora citado a comparecer no seu tribunal.

O Bispo, após muitos protestos sobre a indignidade feita, na sua pessoa, à Igreja, e sobre a proteção concedida a feiticeiros e hereges, viu-se obrigado a submeter-se. Era um modo de iludir a forma da lei, característico de uma época em que esta era subserviente à força, e os amigos do Bispo acreditaram que os oficiais do rei tinham sido subornados pela riqueza de William Outlawe.

Chegou-se mesmo a referir depois, para maior descrédito dos autores deste ato de violência, que se ouvira um dos guardas dizer a outro, enquanto o levavam para a prisão: "Aquele belo

corcel que William Outlawe presenteou ontem à noite ao nosso senhor Sir Arnald puxa bem, pois puxou o Bispo para a cadeia."

Este modo sumário de proceder contra um eclesiástico parece ter causado espanto até na Irlanda, e durante o primeiro dia multidões de pessoas de todas as classes visitaram o Bispo no cativeiro, para o alimentar e consolar, crescendo a comoção geral com os discursos que proferia aos seus visitantes. Para o impedir, o senescal ordenou que fosse mais estritamente confinado, proibindo a admissão de quaisquer visitas, exceto alguns amigos e criados particulares do Bispo.

O Bispo colocou de imediato toda a diocese sob interdito. Era necessário preparar sem demora alguma desculpa para estes procedimentos, e o senescal expediu uma proclamação convocando todos os que tivessem queixas contra o bispo de Ossory a apresentarem-se; e, num inquérito realizado perante os juízes itinerantes, repetiram-se muitos crimes graves do Bispo, mas ninguém ousou pessoalmente acusá-lo deles.

Todas estas circunstâncias, contudo, mostram que o Bispo não era isento de falta; e que a sua conduta não suportaria exame muito minucioso é evidente pelo facto de que, em mais de uma ocasião posterior, se viu obrigado a abrigar-se sob a proteção do perdão régio por todos os delitos passados. William Outlawe foi então aos arquivos de Kilkenny e ali encontrou um antigo libelo de acusação contra o bispo de Ossory por ter defraudado uma viúva na herança do marido.

A parte do Bispo disse que era documento cancelado, por ter sido o caso retirado do tribunal secular; e que William mandara lavrar nova cópia para ocultar a prova desse facto, tendo depois esfregado o pergaminho fresco com as solas dos sapatos para dar à sua cópia o aspeto de documento antigo. Como quer que fosse, entregou-se o escrito ao senescal, que então ofereceu libertar o prisioneiro, desde que prestasse fiança bastante para comparecer e responder, no tribunal secular, à acusação assim movida contra ele. O Bispo recusou fazê-lo e, depois de ter permanecido dezoito dias detido, foi posto em liberdade incondicional.

O Bispo saiu da prisão em triunfo, paramentado com as suas vestes pontificais, e citou imediatamente William Outlawe a comparecer perante si, no seu tribunal, noutro dia; mas, antes

que esse dia chegasse, recebeu um mandado régio ordenando-o a comparecer sem demora perante o *Lord Justice* da Irlanda, sob pena de mil libras, para responder ao rei por ter colocado a sua diocese sob interdito e também para se defender das acusações de Arnald le Poer.

Recebeu convocatória semelhante do deão de São Patrício, para comparecer perante ele como representante vicarial do arcebispo de Dublin. O bispo de Ossory respondeu que não lhe era seguro empreender a viagem, porque o seu caminho passava pelas terras e pelo senhorio do seu inimigo, Sir Arnald; mas esta escusa não foi admitida, e a diocese foi aliviada do interdito.

Outras provas estavam reservadas para o prelato mortificado. Na segunda-feira após as Oitavas da Páscoa, o senescal, Arnald le Poer, realizou o seu tribunal de justiça no salão judicial da cidade de Kilkenny, e ali o bispo de Ossory resolveu apresentar-se e invocar publicamente o auxílio do braço secular, em seu apoio, para prender as pessoas acusadas de feitiçaria. O senescal proibiu-o, sob sua responsabilidade, de entrar no tribunal; mas o Bispo persistiu e, "paramentado com as suas vestes pontificais, trazendo nas mãos o corpo de Cristo (a hóstia consagrada) num vaso de ouro", e acompanhado por numeroso corpo de frades e clérigos, entrou no salão e abriu caminho até ao tribunal.

O senescal recebeu-o com vitupérios e insultos e mandou expulsá-lo ignominiosamente do tribunal. Às repetidas protestas, porém, do prelado ofendido, e à intercessão de algumas pessoas influentes ali presentes, permitiu-se-lhe regressar, e o senescal ordenou-lhe que tomasse lugar no banco destinado aos criminosos, ao que o Bispo bradou que Cristo nunca fora tratado assim desde que estivera ao banco perante Pôncio Pilatos.

Chamou então o senescal a mandar prender as pessoas acusadas de feitiçaria e a entregá-las às suas mãos e, perante a recusa deste em fazê-lo, abriu o livro das decretalhas e disse: "Vós, Sir Arnald, sois cavaleiro e instruído em letras, e, para que não alegueis ignorância neste lugar, estamos aqui prontos a mostrar, nestas decretalhas, que vós e os vossos oficiais

estais obrigados a obedecer-me nesta ordem sob pesadas penas."

"Ide à igreja com as vossas decretalhas", respondeu o senescal, "e pregai lá, porque aqui não achareis audiência atenta."

O Bispo leu então em voz alta os nomes dos culpados e os crimes que lhes eram imputados, intimou o senescal a entregá-los à jurisdição da Igreja e retirou-se do tribunal.

Sir Arnald le Poer e os seus amigos não estiveram ociosos da sua parte, e o Bispo foi então citado a defender-se de várias acusações no parlamento a realizar-se em Dublin, enquanto a Lady Alice o processou num tribunal secular por difamação. Diz-se que o Bispo escapou por pouco às ciladas que lhe armaram no caminho para Dublin.

Ali encontrou os prelados irlandeses pouco inclinados a patrocinar a sua causa, por o considerarem um estrangeiro e intruso, falando-se dele como de um monge desertor vindo de Inglaterra, que ali chegara para apresentar a "Ilha dos Santos" como um ninho de hereges e para os apoquentar com bulas papais de que nunca antes ouviram falar. Julgou-se, no entanto, conveniente preservar o crédito da Igreja, e alguns dos eclesiásticos irlandeses mais influentes intervieram para efetuar ao menos uma reconciliação exterior entre o senescal e o bispo de Ossory.

Depois de enfrentar uma infinidade de novos obstáculos e desilusões, este último obteve afinal o poder necessário para levar os alegados ofensores a julgamento, e a maioria deles foi encarcerada; mas o principal alvo dos procedimentos do Bispo, a Lady Alice, fora secretamente levada para longe, e diz-se que passou o resto da vida em Inglaterra. Quando o seu filho, William Outlawe, foi citado a comparecer perante o Bispo no seu tribunal na igreja de Santa Maria em Kilkenny, apresentou-se "armado até aos dentes" com toda a sorte de armas e acompanhado de comitiva muito temível, e exigiu uma cópia das acusações que contra ele se opunham, as quais se estendiam por trinta e quatro capítulos.

Por ora foi-lhe permitido andar à solta, porque ninguém ousava prendê-lo; e quando chegaram os oficiais da Coroa, mostraram tão abertamente o seu favor para com ele que foram hospedar-se em sua casa. Por fim, porém, tendo sido condenado no

tribunal do Bispo ao menos por acolher os acusados de feitiçaria, consentiu em ir para a prisão, confiando, provavelmente, na proteção secreta dos grandes barões do reino.

A única pessoa mencionada nominalmente como punida pelo crime extremo de feitiçaria foi Petronilla de Meath, que talvez estivesse menos provida de interesses mundanos que a protegessem e que parece ter sido feita vítima expiatória pelos seus superiores. Foi, por ordem do Bispo, flagelada seis vezes e, então, provavelmente para escapar a nova repetição desse castigo cruel e degradante, fez uma confissão pública, acusando não só a si própria, mas todos os outros contra quem o Bispo procedera.

Disse que, em toda a Inglaterra, "talvez em todo o mundo", não havia pessoa mais profundamente versada nas práticas de feitiçaria do que a Lady Alice Kyteler, que fora sua mestra e instrutora na arte. Confessou a maior parte das acusações contidas nos artigos de acusação do Bispo e afirmou ter estado presente nos sacrifícios ao demónio, e ajudado a fazer os unguentos das tripas dos galos oferecidos nessa ocasião, misturadas com aranhas e certos vermes pretos como escorpiões, com certa erva chamada *millefoil* e outras ervas e vermes, e com o cérebro e as roupas de uma criança que morrera sem batismo, da forma antes referida; que com esses unguentos tinham produzido vários efeitos sobre diferentes pessoas, fazendo com que os rostos de certas damas parecessem coroados de cornos como os de cabras; que estivera presente nos conventículos noturnos e, com auxílio da sua mestra, pronunciara frequentemente a sentença de excomunhão contra o próprio marido, com todas as cerimónias requeridas pelos seus ritos ímpios, e que estivera com a Lady Alice quando o demónio Robin Artisson lhe apareceu.

A infeliz mulher, tendo feito essa confissão pública, foi levada para fora, à cidade, e queimada em público. Esta, diz o narrador, foi a primeira bruxa que alguma vez foi queimada na Irlanda.

A cólera do bispo de Ossory parece ter ficado agora, até certo ponto, aplacada. Foi convencido a remitir as ofensas de William Outlawe, impondo-lhe, como reparação pelo seu desprezo da

Igreja, que, no prazo de quatro anos, cobrisse de chumbo todo o telhado da sua catedral, desde a torre para oriente, bem como o da capela da Santa Virgem. O resto da "sociedade pestífera" da Lady Alice foi punido de diversos modos, com maior ou menor severidade; um ou dois deles, dizem-nos, foram posteriormente queimados; outros foram publicamente açoitados na praça do mercado e pela cidade; outros foram banidos da diocese; e alguns, como a sua mestra, fugiram para longe, ou ocultaram-se tão eficazmente que escaparam às mãos da justiça.

Havia uma pessoa envolvida nos acontecimentos acima narrados a quem o Bispo não esquecera nem perdoara. Era Arnald le Poer, o senescal de Kilkenny, que advogara com tanto afinco a causa de William Outlawe e de sua mãe, e que tratara o próprio Bispo com tanta grosseria. A narrativa latina desta história, publicada para a Camden Society pelo autor deste escrito, não dá mais informações a seu respeito; mas aprendemos de outras fontes que o Bispo o acusou então de heresia, excomungou-o e obteve um mandado por força do qual foi recolhido preso ao castelo de Dublin.

Ali permaneceu em 1328, quando Roger Outlawe foi nomeado *Lord Justice* da Irlanda, que tentou mitigar os seus sofrimentos. O bispo de Ossory, enfurecido com a humanidade do *Lord Justice*, acusou também este de heresia e de favorecer hereges; pelo que foi convocado um parlamento e, examinadas devidamente as diversas acusações, o próprio Arnald le Poer provavelmente teria sido declarado inocente e libertado do cativeiro, mas, antes de findar a investigação, morreu na prisão, e o seu corpo, jazeando sob sentença de excomunhão, permaneceu por muito tempo insepulto.

O Bispo, que fora tão grande perseguidor da heresia nos outros, foi afinal acusado do mesmo crime, e, sendo o caso apresentado ao arcebispo de Dublin, apelou à Sé Apostólica, fugiu do país em segredo e dirigiu-se à Itália. Subsequentemente, parece ter passado por várias tribulações e sofreu desterro durante nove anos. Morreu em idade muito avançada, em 1360. A parte do Bispo vangloriou-se de que o "ninho" de feiticeiros que infestara a Irlanda foi inteiramente extirpado pela perseguição à Lady Alice Kyteler e aos seus cúmplices. Pode, no entanto, duvidar-se com razão se a crença

na bruxaria não terá sido antes ampliada pela publicidade e magnitude destes acontecimentos.

A Irlanda não deixaria, sem dúvida, de fornecer casos igualmente notáveis em tempos posteriores, se os cronistas os tivessem julgado tão dignos de registo como o processo de uma senhora de condição, que envolveu algumas das principais figuras do *English Pale* e que agitou todo o Estado durante vários anos sucessivos. — *Wright's Narratives of Sorcery and Magic*, vol. i.

## BRUXAS AFRICANAS

*Obeah*, uma espécie fingida de feitiçaria, nascida de uma credulidade supersticiosa prevalecente entre os negros, tem sido sempre considerada prática perigosíssima, para reprimir a qual, nas nossas colónias das Índias Ocidentais, foram promulgadas as mais severas leis. O *Obeah* é tido como um feitiço potente e irresistível, que mirra e paralisa, por terrores indescritíveis e sensações invulgares, a vítima devotada. Um negro que deseja vingar-se de outro, e teme investir de modo aberto e viril contra o adversário, recorre geralmente a esta prática.

Como o caldeirão das bruxas no *Macbeth*, é uma combinação de muitas coisas estranhas e funestas. Terra colhida de um túmulo, sangue humano, um pedaço de madeira preso em forma de caixão, as penas do corvo necrófago, o dente de uma serpente ou de um jacaré, pedaços de casca de ovo e outros ingredientes inomináveis compõem a mistura fatal. O conjunto destes artigos pode não ser tido por absolutamente necessário para completar o feitiço, mas dois ou três são pelo menos indispensáveis.

O Sr. Long dá o seguinte relato do recheio da casa de uma *Obi*-mulher, ou bruxa africana, na Jamaica: "Todo o interior do telhado (que era de colmo), e cada fenda das paredes, estavam cravejados com os utensílios do seu ofício, consistindo em trapos, penas, ossos de gatos e mil outros artigos. Examinando mais, um grande pote ou jarro de barro, bem tapado, continha prodigiosa quantidade de bolas redondas de terra ou barro, de várias dimensões, grandes e pequenas, branqueadas por fora e de composição variada, algumas com cabelo e trapos, ou penas

de toda a sorte, e fortemente atadas com cordel; outras misturadas com a parte superior dos crânios de gatos, ou guarnecidas com dentes e garras de gato, e com dentes humanos ou de cães, e algumas contas de vidro de diferentes cores. Havia também grande número de cascas de ovo cheias de uma substância viscosa ou gomosa, cujas qualidades se descuidou de examinar; e muitos saquinhos cheios de variedade de artigos, cujos pormenores não podem, a esta distância de tempo, ser recordados."

Shakespeare e Dryden legaram-nos relatos poéticos da composição de *Obies* ou amuletos europeus, com os quais, e com descrições mais históricas, o acima pode ser comparado. As horas mortas dos professores de *Obi* também se comparam às das bruxas da Europa.

Assim, *Obi* é, portanto, o culto da serpente. A Pitonisa, em Delfos, era uma mulher *Obi*. Ao culto da serpente associa-se o do sol e o da lua, como governadores do mundo visível e emblemas da natureza humana e da divindade; e ao gato, pela sua ronda noturna, é atribuída uma relação misteriosa com a lua. O cão e o lobo, sem dúvida pela mesma razão, acham-se em circunstância semelhante.

Conceber-se-á, naturalmente, que a prática do *Obeah* pouco efeito pode ter, a menos que o negro esteja consciente de que é praticada sobre ele, ou assim o julgue; pois, como todo o mal consiste nos terrores de uma imaginação supersticiosa, pouco importa que seja praticada ou não, se ele apenas o imagina. Mas, se o feitiço falhar em apoderar-se da mente da pessoa proscrita, recorre-se a outro expediente mais certo — a administração secreta de veneno. Isto salva a reputação do feiticeiro e efetua o propósito que tinha em vista.

Um homem ou mulher *Obeah* (pois é praticado por ambos os sexos) é pessoa muito perigosa numa plantação; e a sua prática é tipificada como crime de felonia por lei, punível com morte quando foi administrado veneno, e com deportação quando apenas foi usado o feitiço. Mas muitos têm sido, e podem ser, varridos pela sua fascinação antes que o crime seja detetado; pois, por estranho que pareça, tanto receio têm os negros destes professores de *Obeah*, tanto temem a sua malícia e o seu poder, que, embora conhecendo a mortandade

que fizeram e continuam a fazer, receiam denunciá-los aos brancos; e outros, talvez, estão conluiados com eles para fins sinistros de maldade e vingança.

Um negro sob a fascinação do *Obeah* só pode ser curado dos seus terrores tornando-se cristão: negai-lhe este bem, e ele soçobra mártir de males imaginados. Em suma, um negro considera-se já não sob influência desta feitiçaria quando se torna cristão. E há casos conhecidos de negros que, reduzidos pela influência fatal do *Obeah* ao estado mais baixo de prostração e debilidade, de que havia poucas esperanças de recuperação, foram surpreendente e rapidamente restituídos à saúde e à alegria por serem batizados cristãos.

Os negros creem também em aparições e morrem de medo delas, concebendo que prenunciam a morte, ou algum outro grande mal, àqueles a quem visitam; em suma, que os espíritos dos mortos vêm à terra para se vingarem daqueles que lhes fizeram mal em vida. Assim vemos que, não só desde a mais remota Antiguidade, mas até entre escravos e bárbaros, a crença em agências sobrenaturais tem sido um credo popular — não, de facto, confinado a qualquer raça ou tribo distinta; e, o que é ainda mais surpreendente, há uma identidade singular e assaz notável na noção ou conceção do seu ministério infernal.

Nas Índias Ocidentais Britânicas, os negros da costa de barlavento são chamados Mandingas, nome que aqui é tomado como descritivo de uma raça ou nação peculiar. Parece haver, porém, razão para crer que um *Mandingo* ou *Mandinga-man* é propriamente o mesmo que um *Obi-man*. Um viajante recente no Brasil dá-nos as seguintes anedotas do *Mandinga* e do *Mandingueiro* dos negros naquele país: — "Um dia", diz o Sr. Koster, "veio ter comigo um velho (um negro chamado Apolinário) com a cara desolada, para me mostrar uma bola de folhas, atada com uma planta chamada cipó, que encontrara debaixo de duas tábuas sobre as quais dormia, num anexo.

A bola tinha o tamanho de uma maçã. Não pude imaginar a causa do seu alarme até que ele disse que era *Mandinga* que tinha sido posta com o propósito de o matar; e lastimou amargamente o seu destino, que, à sua idade, alguém quisesse apressar-lhe a morte e levá-lo deste mundo, antes que a Nossa

Senhora julgasse conveniente enviá-lo. Eu sabia que duas das mulheres pretas estavam de mal, e a suspeita recaiu sobre uma delas, que era conhecida do velho *Mandingueiro* do Engenho Velho; portanto foi chamada. Julguei que a *Mandinga* não fora posta para Apolinário, mas para a negra cujo ofício era varrer o anexo. Ameaçei mandar prender a mulher suspeita no Gara, a menos que descobrisse todo o caso.

Disse que a *Mandinga* tinha sido ali colocada para fazer com que uma das negras desgostasse as suas companheiras de escravidão e a preferisse à outra. A bola de *Mandinga* era formada de cinco ou seis espécies de folhas de árvores, entre as quais estava a folha de romãzeira; havia também dois ou três pedaços de trapo, cada um de espécie particular; cinzas, que eram ossos de alguns animais; e poderia haver outros ingredientes além destes, mas foram os que pude reconhecer.

Esta mulher ou não podia, por ignorância, ou não queria, dar qualquer informação respeitante às diversas coisas de que a bola era composta. Tratei seriamente deste assunto da *Mandinga*, por saber a fé que nisso têm não só muitos dos negros, mas também algumas pessoas mulatas. Há outro nome para este género de feitiço; chama-se *feitiço*, e os iniciados chamam-se *feiteçeros*. Desses houve outrora um na plantação de S. João, que chegou a ser tão temido que o seu senhor o vendeu para ser enviado ao Maranhão."

É digno de nota que, enquanto a etimologia de *Obi* tem sido procurada nos nomes de deuses antigos do Egito e no da serpente na língua da costa, o nome real da divindade maligna, ou Diabo, na mesma língua parece ter escapado à atenção. Esse nome é escrito pelo Sr. Edwards, *Obboney*; e o portador dele é descrito como uma divindade maliciosa, autora de todo o mal, infligidora de doenças perpétuas, e cuja ira só pode ser aplacada por sacrifícios humanos. Esta divindade maligna é o Satanás da nossa própria fé; e é o culto de Satanás que, em todas as partes do mundo, constitui a essência da feitiçaria.

Se este nome *Obboney* tem alguma relação com o *Ob* do Egito, e se *Ob*, tanto antigamente no Egito como hoje na África ocidental, significa "uma serpente", o que nos descobre isto senão que Satanás tem o nome de serpente entre as nações negras, tal como entre as da Europa? Como aconteceu que a

serpente, que, nalguns sistemas, é emblema do bom espírito, seja noutros emblema do mau, é tópico que pertence a inquérito mais vasto. Basta, para a nossa presente satisfação, lembrar que a profissão e crença na feitiçaria supõem a existência de duas divindades, uma autora do bem e outra autora do mal; uma adorada pelos homens bons por coisas e fins bons, e a outra pelos maus por coisas e fins maus; e que esse culto é feitiçaria e os adoradores feiticeiros.

Ver-se-á que, como os feitiços africanos servem para prevenir o mal, e outros para o produzir, os primeiros pertencem ao culto, e derivam do poder, do bom espírito; e os segundos provêm da fonte oposta. Concluir-se-á, então, que a superstição do *Obi* não é outra coisa senão a prática e a crença no culto de *Obboney* ou *Oboni*, a divindade maligna dos africanos, a serpente de África e da Europa, e a antiga serpente e Satanás das Escrituras; que a bruxaria dos negros é evidentemente a mesma que a nossa.

Poder-se-ia, na verdade, mostrar ainda que estes últimos têm as suas transformações temporárias de homens em jacarés, lobos e semelhantes; como os franceses têm os seus *loups-garous*, os alemães os seus homens-lobo, *wolf-men*, e o mais. — *Thaumaturgia, or Elucidations of the Marvellous*.

## VAMPIROS

### RELATO DE UM VAMPIRO, RETIRADO DAS *CARTAS JUDAICAS* (*LETTRES JUIVES*), CARTA 137

Acabámos de ter, nesta parte da Hungria, uma cena de vampirismo, devidamente atestada por dois oficiais do tribunal de Belgrado, que desceram aos lugares indicados, e por um oficial das tropas do imperador em Graditz, que foi testemunha ocular dos procedimentos.

No começo de setembro morreu, na aldeia de Kisilova, a três léguas de Graditz, um velho de sessenta e dois anos de idade. Três dias depois de enterrado, apareceu de noite ao filho e pediu-lhe de comer; tendo-lhe o filho dado alguma coisa, ele comeu e desapareceu. No dia seguinte o filho contou aos vizinhos o que acontecera. Nessa noite o pai não apareceu, mas na noite seguinte mostrou-se e pediu de comer. Ignora-se se o

filho lhe deu alguma coisa ou não, mas no dia seguinte foi encontrado morto na cama. No mesmo dia, cinco ou seis pessoas adoeceram subitamente na aldeia e morreram umas após outras em poucos dias.

O oficial ou meirinho do lugar, informado do sucedido, enviou um relato ao tribunal de Belgrado, que despachou à aldeia dois desses oficiais e um carrasco para examinar o caso. O oficial imperial de quem temos este relato partiu então de Graditz, para ser testemunha de uma circunstância de que tantas vezes ouvira falar.

Abriram as sepulturas dos que estavam mortos havia seis semanas. Quando chegaram à do velho, encontraram-no com os olhos abertos, com boa cor, respirando naturalmente, embora imóvel como um morto; donde concluíram que era, evidentemente, um vampiro. O carrasco cravou-lhe uma estaca no coração; depois fizeram uma pira e reduziram o cadáver a cinzas.

Não se encontrou qualquer marca de vampirismo nem no cadáver do filho, nem nos dos outros. Graças a Deus, não somos de modo algum crédulos. Confessamos que toda a luz que a ciência pode lançar sobre este facto não descobre nenhuma das suas causas. Não obstante, não podemos recusar acreditar naquilo que é juridicamente atestado e por pessoas de probidade. Relataremos aqui o que aconteceu em 1732, e que se encontra inserido no *Glaneur*, n.º XVIII.

## OUTROS CASOS DE FANTASMAS —

## CONTINUAÇÃO DO *GLEANER*

Num certo cantão da Hungria, chamado em latim *Oppida Heidanum*, para lá do Tibisk, *vulgo* Theiss, isto é, entre esse rio, que rega o feliz território de Tokay, e a Transilvânia, o povo conhecido pelo nome de Heiducos crê que certas pessoas mortas, a quem chamam vampiros, sugam todo o sangue dos vivos, de modo que estes ficam visivelmente emagrecidos, enquanto os cadáveres, como sanguessugas, se enchem de sangue em tal abundância que se vê até escorrer pelos poros. Esta opinião acaba de ser confirmada por vários factos que não podem ser postos em dúvida, pela qualidade das testemunhas

que os certificaram. Relataremos aqui alguns dos mais notáveis.

Há cerca de cinco anos, um certo Heiduco, habitante de Madreiga, chamado Arnald Paul, foi esmagado de morte pela queda de uma carroça carregada de feno. Trinta dias após a sua morte, quatro pessoas morreram subitamente, e do mesmo modo como, segundo a tradição do país, morrem aqueles que são molestados por vampiros.

Lembrou-se então que esse Arnald Paul contara frequentemente que, nos arredores de Cassóvia, e nas fronteiras da Sérvia turca, fora muitas vezes atormentado por um vampiro turco; pois acreditam também que os que foram vampiros passivos durante a vida se tornam ativos depois da morte, isto é, que os que foram sugados também sugam por sua vez; mas que ele encontrara meio de se curar comendo terra da sepultura do vampiro e untando-se com o seu sangue, precaução que, todavia, não o impediu de se tornar também vampiro após a morte, pois, exumado quarenta dias depois do enterro, encontraram-se no seu corpo todos os indícios de um arqui-vampiro.

O corpo estava vermelho, os cabelos, as unhas e a barba tinham tornado a crescer, e as veias estavam cheias de sangue fluido, que corria de todas as partes do corpo sobre o sudário que o envolvia.

O *Hadnagi*, ou bailio da aldeia, em cuja presença a exumação se efetuou e que era versado em vampirismo, mandou, segundo o costume, cravar uma estaca muito aguda no coração do defunto Arnald Paul, que lhe atravessou o corpo de lado a lado, o que o fez, dizem, soltar um grito horrível, como se estivesse vivo: feito isto, cortaram-lhe a cabeça e queimaram o corpo inteiro. Em seguida, fizeram o mesmo com os cadáveres das outras quatro pessoas que morreram de vampirismo, receando que elas, por sua vez, causassem a morte de outros.

Todas estas diligências, porém, não puderam impedir o recomeço de semelhantes prodígios fatais para o fim do ano passado (1732), isto é, cinco anos depois, quando vários habitantes da mesma aldeia pereceram miseravelmente. No espaço de três meses, dezassete pessoas de sexos e idades diferentes morreram de vampirismo; algumas sem estarem

doentes, e outras depois de definhar dois ou três dias. Conta-se, entre outras coisas, que uma rapariga chamada Stanoska, filha do Heiduco Jotiüsto, que se deitara com perfeita saúde, acordou no meio da noite num grande tremor, soltando gritos terríveis e dizendo que o filho do Heiduco Millo, morto havia nove semanas, quase a estrangulara durante o sono. Caiu desde esse momento num estado de languidez e, ao cabo de três dias, morreu. O que esta rapariga dissera do filho de Millo deu-o logo a conhecer por vampiro: foi exumado e achado como tal. As principais pessoas do lugar, com os médicos e cirurgiões, examinaram como o vampirismo podia ter recrudescido depois das precauções tomadas alguns anos antes.

Descobriram enfim, após muita busca, que o defunto Arnald Paul matara não só as quatro pessoas de que falámos, mas também vários bois, dos quais os novos vampiros comeram, e, entre outros, o filho de Millo. À vista destas indicações, resolveram desenterrar todos os que tinham morrido dentro de certo prazo, etc. Entre quarenta, dezassete foram encontrados com todos os sinais mais evidentes de vampirismo; por conseguinte, trespassaram-lhes os corações e também lhes cortaram as cabeças, e depois lançaram as cinzas ao rio.

Todas as informações e execuções que acabamos de mencionar foram feitas juridicamente, em devida forma, e atestadas por vários oficiais aquartelados no país, pelos cirurgiões-mor dos regimentos e pelos principais habitantes do lugar. O auto verbal foi enviado, pelo fim de janeiro último, ao Conselho Imperial de Guerra em Viena, que estabelecera uma comissão militar para examinar a verdade de todas estas circunstâncias.

Tal foi a declaração do *Hadnagi* Barriarar e dos antigos Heiducos, e foi assinada por Battuer, primeiro-tenente do regimento de Alexandre de Würtemberg, Clickstenger, cirurgião-mor do regimento de Frustemburch, três outros cirurgiões da companhia, e Guoichitz, capitão em Stallach. — *Phantom World*, vol. ii.

Boyle, diz o autor da *Demonologia*, está persuadido de que alguns destes medicamentos externos resultam; pois que, sendo ele próprio sujeito a hemorragias do nariz e obrigado a usar vários remédios para estancar essa perda, achou que o musgo de um crânio de homem morto, embora apenas aplicado de modo a tocar a pele até o musgo aquecer por contacto, era o remédio mais eficaz.

Um caso notável desta natureza foi comunicado a Zwelfer pelo médico-mor dos estados da Morávia, o qual, tendo preparado umas *troches*, ou pastilhas de sapos, ao modo de Van Helmont, não só verificou que, usadas como amuletos, preservaram a ele, aos seus domésticos e amigos da peste, como também, aplicadas a carbúnculos ou bubões, consequência dessa doença, em outros, eles se viram grandemente aliviados e muitos até salvos por elas.

O erudito Dr. Warburton está manifestamente errado quando atribui a origem destes instrumentos mágicos à época dos Ptolomeus, que não foi mais de 300 anos antes de Cristo. Pois Galeno diz-nos que o rei egípcio Nechepsus, que viveu 630 anos antes da era cristã, escrevera que um jaspe verde talhado na forma de um dragão rodeado de raios, se aplicado externamente, fortificaria o estômago e os órgãos da digestão.

Temos, além disso, a autoridade das Escrituras em apoio desta opinião; pois que seriam os brincos que Jacob enterrou debaixo do carvalho de Siquém, como se relata no Génesis, senão amuletos? E somos informados por Josefo, nas suas *Antiguidades dos Judeus* (liv. viii, c. ii, v.), que Salomão descobriu uma planta eficaz na cura da epilepsia, e que empregou o auxílio de um *charm* ou encantamento para auxiliar as suas virtudes.

A raiz da erva era ocultada num anel, que se aplicava às narinas do endemoninhado; e Josefo observa que ele próprio viu um sacerdote judeu praticar a arte de Salomão com completo êxito na presença de Vespasiano, dos seus filhos e dos tribunos do exército romano. Nem tais meios se limitaram às idades escuras e bárbaras. Teofrasto declarou Péricles demente por ter descoberto que ele trazia um amuleto ao pescoço; e, na era declinante do Império Romano, este

costume supersticioso era tão geral que o imperador Caracala foi levado a publicar um édito ordenando que homem algum trouxesse sobre si amuletos supersticiosos.

O colar anódino do Dr. Chamberlayne foi, durante muito tempo, o *sine qua non* de mães e amas, até que a sua virtude se perdeu por se destruir a sua reverência, e os que lhe sucederam quase concluíram já a sua carreira. A *Grey Liverwort* foi em certo tempo tida não só por ter curado a hidrofobia, como, sendo usada sobre a pessoa, por ter prevenido a mordedura de cães raivosos.

Calvert prestou devoções a S. Huberto pela cura do filho, que por este meio foi curado. O filho também realizou os ritos necessários no santuário, e foi curado não só da hidrofobia, "mas da pior loucura com que o pai o instilara." Usavam-se também anéis contra cãibras, e peles de enguia atadas aos membros, para prevenir essa afeção espasmódica; e varas dispostas em cruz no chão, ao deitar, têm igualmente prestado igual serviço. Numerosíssimos são os feitiços, amuletos e encantamentos usados ainda hoje para remoção de verrugas.

Diz-nos Lord Verulam (vol. iii, p. 234) que, quando estava em Paris, tinha mais de uma centena de verrugas nas mãos, e que a esposa do embaixador inglês, então na corte, e uma mulher muito acima da superstição, lhas removeu todas esfregando-as com o lado gordo da casca de um pedaço de toucinho, que foi depois pregada a um poste com o lado gordo voltado para sul. "Em cinco semanas", diz o meu lorde, "tinham todas desaparecido."

Como se admite que Lord Verulam foi um génio tão grande quanto este país alguma vez produziu, poderá não ser irrelevante para o presente assunto dar, nas suas próprias palavras, o que observou acerca do poder dos amuletos. Depois de profundas observações metafísicas na natureza, e de argumentos em atenuação da feitiçaria, bruxaria e adivinhação — efeitos que ultrapassam de longe a crença em amuletos — observa ele:

"Não devemos rejeitar tudo deste género, porque não se sabe até que ponto os contributos para a superstição dependem de causas naturais. Os *charms* não têm o seu poder de contratos com espíritos malignos, mas procedem inteiramente de

fortalecer a imaginação, do mesmo modo que as imagens e a sua influência têm prevalecido na religião; sendo chamados, por um modo diferente de uso e aplicação, sigilos, encantamentos e feitiços."

Há muitos autores entusiastas e igualmente crédulos que têm encorajado a crença na realidade dos filtros e que aduzem factos em confirmação das suas opiniões, como em todos os casos duvidosos. Entre estes pode citar-se Van Helmont, que diz que, segurando certa erva na mão e, em seguida, pegando com essa mesma mão numa patinha de um cãozinho, o animal o seguia para onde quer que fosse, abandonando totalmente o antigo dono.

Acrescenta também que os filtros só requerem uma confirmação de *Mumia*. [Por *Mumia* entende-se aqui aquilo que alguns médicos antigos usavam para certo género de espírito implantado, encontrado principalmente em cadáveres, quando o espírito infundido já fugiu; uma espécie de influência simpática, comunicada de um corpo a outro, pela qual se dizia realizarem-se curas magnéticas, etc.]

Pelo princípio da influência simpática explica ele os fenómenos do amor transplantado pelo toque de uma erva; "pois", diz, "o calor comunicado à erva, não vindo sozinho, mas animado pelas emanações dos espíritos naturais, determina a erva para o homem e identifica-a com ele. Tendo então recebido este fermento, atrai magneticamente o espírito do outro objeto e imprime-lhe um movimento amoroso." Mas tudo isto é mera absurdidade, e caiu por terra com as outras hipóteses irracionais da mesma proveniência. — *Demonologia*.

## DA ORIGEM E INFLUÊNCIA

## SUPERSTICIOSA DOS ANÉIS

Segundo os relatos dos mitólogos gentios, Prometeu, que, nos primeiros tempos, tinha descoberto grande número de segredos, tendo sido libertado das cadeias com que estava preso ao monte Cáucaso por roubar o fogo do céu, em memória ou reconhecimento do favor recebido de Júpiter, fez de uma dessas cadeias um anel, no cujo castão representou a figura de parte da rocha onde estivera detido, ou antes, como diz Plínio,

engastou nele um pedaço da mesma rocha, e pô-lo no dedo. Este foi o primeiro anel e a primeira pedra. Mas aprendemos doutra forma que o uso de anéis é muito antigo, e que os egípcios foram os primeiros inventores deles; o que parece confirmado pela pessoa de José, que, como lemos (Génesis, cap. xi.), por ter interpretado o sonho do Faraó, recebeu não só a liberdade, mas foi agraciado com o anel do seu príncipe, um colar de ouro e a superintendência do Egito.

Josefo, no terceiro livro das *Antiguidades Judaicas*, diz que os israelitas tiveram o uso deles depois de passarem o mar Vermelho, porque Moisés, no seu regresso do monte Sinai, achou que tinham forjado o bezerro de ouro a partir dos anéis das suas mulheres, enriquecidos com pedras preciosas. O mesmo Moisés, mais de 400 anos antes das guerras de Troia, permitiu aos sacerdotes que estabelecera o uso de anéis de ouro, enriquecidos com pedras preciosas.

O sumo sacerdote trazia sobre o seu éfode, que era uma espécie de camail, ricos anéis, que serviam de fechos: uma grande esmeralda estava engastada e gravada com nomes misteriosos. O anel que trazia no dedo era de valor inestimável e de virtude celeste. Não tinha Aarão, o sumo sacerdote dos hebreus, um anel no dedo, cujo diamante, pelas suas virtudes, operava coisas prodigiosas? Pois mudava o seu vivo lustre para uma cor escura, quando os hebreus haviam de ser punidos com a morte pelos seus pecados. Quando haviam de cair ao fio da espada aparecia de cor vermelho-sangue; se eram inocentes, cintilava como de costume.

É de notar que os antigos hebreus usavam anéis ainda no tempo das guerras de Troia. A rainha Jezabel, para destruir Nabote, como se relata no primeiro Livro dos Reis, serviu-se do anel de Acab, rei dos israelitas, seu marido, para selar as cartas falsas que ordenavam a morte daquele desgraçado. Acaso não deu Judá, como se menciona no capítulo 38 do Génesis, à sua nora Tamar, que se disfarçara, o seu anel e braceletes como penhor da fé que lhe prometera?

Embora Homero guarde silêncio quanto a anéis, tanto na *Ilíada* como na *Odisseia*, usavam-se, não obstante, ao tempo de gregos e troianos, e destes foram recebidos por várias outras nações. Os Lacedemónios, como refere Alexandre ab.

Alexandro, conforme as ordens do seu rei Licurgo, tinham apenas anéis de ferro, desprezando os de ouro: ou queria o seu rei, com isto, retrair o luxo, ou proibir o uso deles.

O anel foi reputado por algumas nações símbolo de liberalidade, estima e amizade, particularmente entre os persas, não sendo permitido a ninguém usar algum, exceto se fosse dado pelo próprio rei. Isto é o que também se pode notar na pessoa de Apolónio de Tiana, que, em sinal de singular estima e liberalidade, recebeu um do grande Iarcas, príncipe dos gimnosofistas, que eram os antigos sacerdotes da Índia, e viviam em florestas, como os nossos antigos bardos e druidas, onde se aplicavam ao estudo da sabedoria e à observação do céu e das estrelas. Este filósofo, por meio desse anel, aprendia todos os dias os segredos da natureza.

Embora o anel achado por Giges, pastor do rei da Lídia, tenha mais de fábula do que de verdade, não será, contudo, descabido referir o que se diz a respeito dele por Heródoto Célio, após Platão e Cícero, no terceiro livro dos seus *Ofícios*.

Este Giges, depois de uma grande cheia, passou a uma cavidade muito profunda da terra, onde, tendo encontrado no ventre de um cavalo de bronze, com grande abertura, um corpo humano de tamanho enorme, tirou de um dos dedos um anel de virtude surpreendente; pois a pedra no castão tornava invisível quem o usava, ou, quando o castão era voltado para a palma da mão, a pessoa podia ver, sem ser vista, toda a sorte de gentes e coisas.

Tendo Giges feito prova da sua eficácia, ocorreu-lhe que seria meio de subir ao trono da Lídia e de ganhar por esposa a rainha. Logrou os seus intentos, tendo morto Candaules, seu marido. O corpo morto a quem pertencia este anel era o de um antigo brâmane que, ao seu tempo, era chefe dessa seita.

Num dicionário poliglota, publicado no ano de 1625 por John Minshew, chamou-nos a atenção a seguinte observação sob o artigo "*RING FINGER*" (dedo do anel):

"*Vetus versiculus singulis digitis Annulum tribuens Miles, Mercator, Stultus, Maritus, Amator. Pollici adscribitur Militi, seu Doctor. Mercatorum à pollice secundum, stultorum, tertium. Nuptorum vel studiosorum quartum. Amatorum ultimum.*"
Donde parece que os dedos em que antigamente se usavam os

*annuli* eram determinados pela profissão ou peculiaridade da pessoa. Se fosse:
Um soldado ou médico — cabia-lhe o polegar;
Um marinheiro — o dedo a seguir ao polegar;
Um tolo — o dedo médio;
Um casado ou diligente — o quarto dedo, ou dedo anelar;
Um amante — o último, ou mínimo.

Os poderes medicinais ou curativos dos anéis são numerosos e, naturalmente, fundados em qualidades imaginárias. Assim, o anel de casamento, esfregado sobre aquele pequeno abcesso chamado *terçol*, que se vê frequentemente nas pálpebras, diz-se que o remove. Certos anéis são usados como talismãs, quer nos dedos, quer pendentes do pescoço, cuja eficácia se pode referir aos efeitos usualmente produzidos por esses feitiços. — *Thaumaturgia*.

## NARCÓTICOS

Há razões para crer que o sacerdócio pagão se encontrava sob a influência de algum narcótico durante a exibição dos seus poderes oraculares; mas os efeitos produzidos pareceriam assemelhar-se mais aos do ópio, ou talvez da estramónia, do que ao ácido prússico.

Monardus conta-nos que os sacerdotes dos índios americanos, sempre que eram consultados pelos seus chefes, ou caciques, como lhes chamavam, tomavam certas folhas de tabaco, lançavam-nas ao fogo e depois recebiam o fumo assim produzido nas suas bocas, em consequência do que caíam por terra; e, após permanecerem algum tempo em estupor, recuperavam e davam as respostas que fingiam ter recebido durante o seu suposto contacto com o mundo dos espíritos. Os poderes sedativos da alface eram conhecidos desde os tempos mais remotos.

Entre as fábulas da Antiguidade, lemos que, após a morte de Adónis, Vénus se deitou sobre um leito de alfaces para acalmar o seu pesar. A cebola-do-mar, ou escila, era administrada pelos egípcios em casos de hidropisia, sob o título místico de Olho de Tifão. As práticas de incisão e escarificação foram utilizadas no acampamento dos gregos diante de Troia, e a aplicação de álcool em feridas também era compreendida, pois encontramos

o experiente Nestor a aplicar um cataplasma, composto de queijo, cebola e farinha, misturados com o vinho de Pramnos, às feridas de Machaon. Demonologia.

## FADAS
## FADAS GALESAS

Entre outros contos ligados a Pantshonshenkin, encontra-se o seguinte:

Um jovem tinha acabado de sair de uma quinta vizinha, numa bela manhã de verão, quando ouviu um passarinho cantar, em tons encantadores, numa árvore ali perto. Seduzido pela melodia, sentou-se debaixo dela até a música cessar; quando se levantou, supondo que apenas alguns minutos tinham passado, bem se pode imaginar a sua surpresa ao ver a árvore seca e sem casca.

Voltando, cheio de espanto, à casa, encontrou-a também mudada e lá dentro apenas um velho, que nunca antes tinha visto. Perguntou-lhe o que fazia ali; ao que o velho, bruscamente, inquiriu quem era ele para ousar insultá-lo na sua própria casa. "Na tua própria casa!

Onde estão o meu pai e a minha mãe", disse ele, "que aqui deixei há uns minutos, enquanto ouvia a mais encantadora música debaixo daquela árvore, que, quando me levantei, estava seca e sem folhas, e todas as coisas, também, pareciam mudadas." "Debaixo da árvore! Música! Qual é o teu nome?" "João", disse ele. "Pobre João", exclamou o velho, "ouvi muitas vezes o meu avô, que era teu pai, falar de ti, e por muito tempo chorou a tua ausência; foram feitas inúteis perguntas sobre ti, mas a velha Catti Madlen, de Brechfa, disse que estavas sob o poder das fadas, e que não serias libertado até que a última seiva daquele sicómoro se tivesse secado." "Abraça, abraça, meu querido tio, o teu sobrinho!" O velho estava prestes a abraçá-lo, mas de súbito desfez-se em pó!

Em tempos antigos, uma porta numa rocha perto do lago encontrava-se aberta num certo dia de cada ano — creio que no primeiro de Maio; aqueles que tinham a curiosidade e a coragem de entrar eram conduzidos por uma passagem secreta que terminava numa pequena ilha no centro do lago: ali os visitantes eram surpreendidos pela vista de um jardim

encantador, cheio dos mais escolhidos frutos e flores, e habitado pelos Tylwyth Teg, ou Família Bela, um tipo de fadas cuja beleza só era igualada pela cortesia e afabilidade que mostravam para com aqueles que lhes eram agradáveis: colhiam frutos e flores para cada um dos seus hóspedes, entretinham-nos com música requintada, revelavam-lhes muitos segredos do futuro e convidavam-nos a permanecer enquanto o desejassem; mas a ilha era secreta e nada da sua produção podia ser levado embora.

Todo este cenário era invisível para os que permaneciam fora da margem do lago; apenas se via uma massa indistinta no meio, e observava-se que nenhuma ave sobrevoava a água, ouvindo-se por vezes, na brisa da manhã, um suave acorde de música, de uma doçura arrebatadora.

Aconteceu que, numa dessas visitas anuais, um sacrílego, ao sair do jardim, meteu no bolso uma flor que lhe tinham oferecido; mas o roubo não lhe trouxe sorte. Assim que tocou em solo profano, a flor desapareceu e ele perdeu o juízo. Deste agravo a Família Bela não fez caso no momento; despediram os seus convidados com a habitual cortesia, e a porta fechou-se como sempre, mas o seu ressentimento foi grande, pois embora, segundo se conta, os Tylwyth Teg e o seu jardim ainda ocupem esse lugar até hoje, embora as aves continuem a manter distância respeitosa do lago e alguns fragmentos de música ainda se ouçam por vezes, a porta que levava à ilha nunca mais foi aberta, e desde esse ato sacrílego, os Cymry têm sido infelizes.

Algum tempo depois, uma pessoa ousada tentou drenar a água para descobrir o que ela continha, quando uma forma terrífica ergueu-se do meio do lago, ordenando-lhe que desistisse, caso contrário inundaria o país. Superstições Cambrianas.

## MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Entre as várias manifestações misteriosas tratadas nas páginas anteriores, poucas criaram mais atenção do que as chamadas manifestações espirituais; que, tendo origem na América, não ficaram, contudo, confinadas a esse continente. Será nosso intento dar ao leitor, primeiro, uma narrativa sucinta e

imparcial do movimento; e, em seguida, com a ajuda de fenómenos afins, tentar, de algum modo, esclarecer o mistério.

Este movimento teve origem na aldeia de Hydesville, município de Arcadia, condado de Wayne, Nova Iorque, no final de Março de 1848, ou, mais exatamente, a 11 de Dezembro de 1847. Um Sr. Michael Weekman foi, por essa altura, perturbado com pancadas, sem conseguir descobrir a sua causa. Pouco depois, a sua casa foi ocupada pelo Sr. John D. Fox, de Rochester, quando o distúrbio aumentou e variou de carácter, assumindo a forma de cadeiras que se moviam, etc., sem causa aparente.

Por fim, as pancadas adquiriram certa regularidade e começaram a responder aos toques ou perguntas da família, até se estabelecer uma correspondência alfabética e telegráfica entre os membros da família Fox e o misterioso agente invisível. Duas filhas do Sr. Fox parecem ter sido os principais médiuns das comunicações até então; a estas juntou-se pouco depois uma filha viúva da Sra. Fox, chamada Sra. Fish. Uma tal Margaretta Fox, de catorze anos, indo visitar a Sra. Fish em Rochester, foi acompanhada pelos sons como se "tivessem metido a coisa entre as camas".

A notícia destes fenómenos espalhou-se rapidamente e causou grande sensação; realizaram-se reuniões públicas e comissões examinaram a questão sem chegar a solução. As manifestações acabaram por se fazer ouvir até na casa de um rico residente de Rochester, o Sr. Grainger, sem a presença da Sra. Fish ou da sua irmã. O movimento alastrou muito rapidamente por toda a União; de facto, a rapidez da sua difusão quase não tem paralelo na história do desenvolvimento de verdades ou ilusões religiosas.

Em 1852, só Filadélfia contava trezentos círculos ou canais de comunicação entre o conhecido e o desconhecido; e calculava-se que em Setembro de 1853 havia trinta mil médiuns nos Estados Unidos.

Antes de nos despedirmos da família Fox, convém observar que, mesmo entre relatos contraditórios, autoridades respeitáveis nos Estados Unidos atestam a perfeita honestidade e boa-fé da família Fox. É verdade que surgiu um opositor ameaçando arruiná-los, mas sobreviveram à tormenta. A Sra. Culver, parente da família, tentou expor todo o embuste,

declarando que Catherine Fox lhe tinha ensinado o modo como os sons eram produzidos com os dedos dos pés. Infelizmente, muitas das declarações da Sra. Culver foram depois consideradas falsas, e parece ter sido dotada de uma notável faculdade inventiva: daí que o êxito da família Fox e do movimento não tenha sido afetado pelas suas revelações. Outros opositores levantaram dificuldades, declarando serem capazes de produzir os mesmos sons com as articulações dos joelhos e tornozelos.

Deixando os Fox, cumpre-nos notar que, dois anos mais tarde, ocorreram factos semelhantes na casa do Dr. Phelps, em Stratford, Connecticut. Este senhor, ministro presbiteriano, goza da reputação de ser um homem extremamente digno, inteligente e íntegro.

Não podemos entrar nos pormenores do seu caso, mas basta dizer que todo o género de fenómenos extraordinários perturbou a sua residência, os quais ele e os seus numerosos visitantes declararam não conseguir explicar por nenhuma causa conhecida; que sofreu grandes incómodos e perseguições devido a este assunto; que abriu a sua casa a todos os visitantes, desafiando o inquérito; e que, por fim, ofereceu dar a sua casa e tudo o que nela havia a quem descobrisse a causa.

Entre inumeráveis manifestações singulares e inexplicáveis, só temos espaço para introduzir a seguinte declaração do Dr. Phelps: – "Vi coisas em movimento mais de mil vezes, e na maioria dos casos onde não existia nenhum poder visível pelo qual o movimento pudesse ter sido produzido. Foram quebrados das minhas janelas setenta e um vidros, mais de trinta dos quais vi quebrarem-se com os meus próprios olhos.

Vi objetos, tais como escovas, copos, castiçais, apagadores, etc., que, minutos antes, sabia estarem em repouso, voarem contra o vidro e desfazê-lo em pedaços, quando era totalmente impossível, pela direção em que se moveram, que qualquer força visível tivesse causado o seu movimento. Quanto à realidade dos factos, podem ser provados por testemunho cem vezes maior do que o normalmente exigido nos nossos tribunais em casos de vida ou morte."

Seria alheio ao nosso propósito entrar numa narração circunstanciada do movimento. Será suficiente dar uma breve

exposição das convicções sustentadas pelos seus defensores, das várias formas de manifestação recentemente desenvolvidas, e dos casos mais singulares registados.

À medida que o movimento progredia, excitava naturalmente a maior atenção, e acabou por se unir a certas convicções religiosas que se difundiram rapidamente apesar, ou talvez por causa, de muita perseguição. Muitos dos primeiros médiuns ou veículos destas comunicações — pessoas cujo temperamento nervoso e elétrico peculiar se julgava favorecer o contacto com espíritos — afirmavam, e os seus amigos confirmavam o facto, que esses poderes invisíveis, por meio de pancadas distintas, correspondentes ao lugar das letras no alfabeto, conseguiam transmitir mensagens.

Tal foi a forma inicial e elementar da comunicação espiritual, da qual falaremos mais adiante. Por este meio afirmava-se que eram transmitidas mensagens de espíritos falecidos, algumas de caráter admonitório, outras consolatório. Estas mensagens diferiam segundo as circunstâncias, como seria natural, resultando das necessárias diversidades de carácter entre espíritos terrenos ou desencarnados. Algumas mensagens eram de tendência sublime, outras indiferentes, mais pueris, e poucas, se é que alguma, moralmente prejudiciais.

Em matérias dogmáticas e teológicas as mensagens também variavam, mas geralmente concordavam em ensinar uma fé naturalista; em denunciar a tirania e o egoísmo de certas igrejas; em condenar as terríveis doutrinas do inferno e da condenação eterna; em impor o amor fraternal, a pureza, a caridade e a veracidade; e em incitar a esforços perseverantes para espalhar esta nova reforma.

As mensagens prosseguiam afirmando que uma nova era despontava para a humanidade, em que haveria contacto mais familiar com o mundo dos espíritos; que o progresso feito pelo homem em ciência e sabedoria preparava essa feliz consumação; e que tinha sido a investigação de espíritos científicos, especialmente a de Franklin, que descobrira os meios de comunicar com os filhos da terra por meio de poderosas correntes vitais eletromagnéticas!

Quanto à questão da utilidade destas manifestações, muitas mensagens parecem descrevê-las como enviadas para consolar

o enlutado, converter o cético e curar o doente; e diz-se que esta afirmação foi amplamente confirmada pela experiência na América.

As manifestações começaram com as pancadas; mas essas pancadas assumiram formas variadas. Produziam-se simultaneamente no interior e no exterior de uma porta, em portas opostas, no chão, nas paredes, quando os pés dos médiuns estavam isolados em bancos de vidro, etc.; e muitas pancadas com sons diversos ocorriam ao mesmo tempo na mesma mesa. Mas, afirma-se, as pancadas cedo se tornaram a parte menos notável dos fenómenos.

Médiuns musicais, meédiuns de escrita, meédiuns de pássaros, etc., foram desde então desenvolvidos. Médiuns sem gosto pela música, quando impressionados, tocavam bem piano; outros pintavam com mérito, não tendo qualquer conhecimento da arte; pianos e violoncelos tocavam sozinhos, sem contacto visível; e a mão e a pena dos médiuns escreviam várias mensagens mecanicamente, sem qualquer esforço de vontade ou pensamento.

As mentes dos médiuns eram impressionadas com mensagens importantes e cenas interessantes, participando da natureza da clarividência e da previsão; a escrita ocorria sem agência humana; mesas, móveis, etc., moviam-se com e sem contacto, contra forte pressão e com tremenda força.

Uma forma muito humilde destes desenvolvimentos atravessou o Atlântico e visitou os países conservadores da Europa sob a forma das mesas girantes. Os fanáticos julgaram detetar agência satânica na novidade e no mistério do movimento; o Professor Faraday e outros homens de ciência explicaram tudo pela ação muscular involuntária, embora os crentes nestas maravilhas assegurem que existem dezenas de casos bem atestados, em que nenhum músculo estava a menos de um, três ou até seis metros das mesas em movimento; e, em suma, como sucede com todos os fenómenos novos e inexplicáveis, abafou-se ou ridicularizou-se o assunto.

O nosso espaço não nos permite deter em todas as formas singulares de desenvolvimento apresentadas por este movimento; mas será evidente para o leitor, pelo que já foi dito, que as mesas dançantes, como lhes chamam os franceses,

apresentam uma notável analogia com a epidemia chamada Dança de São Vito, na Idade Média; e que, qualquer que seja a causa destes singulares movimentos — quer subjetiva, quer objetiva — é evidentemente um fenómeno tanto psicológico como fisiológico, e que todas as explicações que se limitem ao osso e músculo falharão em resolver o mistério.

Como será nossa intenção oferecer adiante alguns esclarecimentos adicionais sobre este ponto, limitar-nos-emos, por agora, a considerar mais de perto as manifestações mais notáveis recentes na América. E aqui não poderíamos fazer melhor do que citar a autoridade e seguir as declarações do Juiz Edmonds, homem de alta integridade e inteligência, mas evidentemente de temperamento muito nervoso, e que foi expulso do Senado Americano pela sua defesa do espiritualismo.

Foi em Janeiro de 1851 que a atenção do Juiz Edmonds foi pela primeira vez chamada ao assunto do Contacto Espiritual. Nessa altura estava afastado da sociedade, sofrendo grande depressão de espírito. Ocupava os seus ócios a ler sobre a morte e a existência do homem depois dela. Tinha ouvido tantas opiniões contraditórias e conflitantes sobre este tema, vindas do púlpito, que mal sabia em que acreditar: procurava ansiosamente saber se, depois da morte, voltaríamos a encontrar aqueles que aqui amámos.

Nesta incerteza, foi convidado por um amigo a presenciar as "Pancadas de Rochester". Acatou o convite, mais para agradar ao amigo e como distração do que por outro motivo. Ficou bastante impressionado com o que presenciou e decidiu investigar o assunto a fundo. Se fosse uma ilusão ou um embuste, pensou que poderia detetá-lo. Durante quatro meses dedicou duas noites por semana a observar o fenómeno em todas as suas fases. Manteve um registo cuidadoso de tudo o que testemunhou e, de tempos a tempos, comparava as suas notas para detetar contradições e inconsistências.

Leu todos os livros sobre o assunto que pôde obter, especialmente os que se propunham a desmascarar a fraude. Andou de lugar em lugar, vendo diferentes médiuns, encontrando diferentes grupos de pessoas, muitas vezes com pessoas que nunca tinha visto antes e, por vezes, onde ele

próprio era inteiramente desconhecido — ora no escuro, ora à luz, muitas vezes com incrédulos obstinados, e mais frequentemente com crentes fervorosos. Em suma, aproveitou todas as oportunidades que lhe foram dadas para examinar a questão até ao fundo. Todo esse tempo manteve-se cético, pondo à prova a paciência dos crentes pela sua obstinada recusa em ceder.

Viu à sua volta alguns que aceitavam a fé facilmente após uma ou duas sessões; outros, nas mesmas circunstâncias, declaravam descrença decidida; alguns recusavam-se a testemunhar fosse o que fosse, permanecendo ainda assim céticos convictos. O Juiz Edmonds não quis imitar nenhum destes grupos, mas recusava-se a ceder, a não ser mediante testemunho absolutamente irrefutável.

Por fim, a evidência surgiu, e de tal modo, para o seu entendimento, que nenhum homem sensato poderia negar a fé.

A questão até então não investigada por ele era se o que via era produzido por meros meios mortais, ou por alguma agência invisível e desconhecida: em suma, se era fraude, ou causado por alguma razão oculta. Prossegue dando uma ideia geral do que geralmente caracterizava os seus encontros — já contando várias centenas.

A maioria ocorreu na presença de outros. Conservou os nomes das testemunhas, mas geralmente recusa-se a publicá-los para evitar que incorram no opróbrio e perseguição que ele próprio sofreu. Afirma que destas circunstâncias resultam duas considerações: primeiro, que possui assim inúmeras testemunhas que pode invocar para confirmar a verdade das suas declarações; e, segundo, que, se foi enganado e não viu o que pensava ter visto, o seu delírio foi partilhado por muitas pessoas tão inteligentes, honestas e esclarecidas quanto qualquer outra que se possa encontrar na União.

A sua atenção foi inicialmente chamada às manifestações pelas pancadas, então o modo mais usual e agora o mais insignificante de contacto. Era naturalmente desconfiado de fraude e, a princípio, confiou nos seus sentidos e nas conclusões tiradas pelo seu intelecto a partir do que eles testemunhavam. Mas ficou sem saber como explicar que os médiuns causassem o que presenciou nas seguintes

circunstâncias: os médiuns percorriam o comprimento de uma série de salas de estar, quarenta ou cinquenta pés, e as pancadas ouviam-se distintamente cinco ou seis pés atrás deles, por toda a distância, indo e voltando várias vezes; ouviam-se perto do topo de uma porta de mogno, acima de onde o médium podia alcançar, e como se fossem dadas com força por um punho; ouviam-se no fundo de uma carruagem quando viajavam de comboio, e no chão e na mesa quando estavam sentados no tribunal, numa casa de refeições e à beira da estrada; ouviam-se em diferentes partes da sala, por vezes a vários pés de distância do médium e onde ele não podia chegar, por vezes na mesa e, imediatamente depois, no chão, e depois em diferentes partes da mesa, em rápida sucessão, permitindo aos espectadores e ouvintes sentir a vibração bem como ouvir os sons — por vezes quando as mãos e os pés do médium estavam ambos firmemente e cuidadosamente segurados por alguém do grupo, e por vezes numa mesa quando ninguém lhe tocava.

Depois de depender dos seus sentidos quanto a estas várias fases do fenómeno, o Juiz Edmonds recorreu ao auxílio da ciência com a ajuda de um hábil eletricista e do seu aparelho, além de oito ou dez pessoas inteligentes e instruídas que examinaram a questão. Prosseguiram a investigação durante vários dias e estabeleceram, com inteira satisfação, duas coisas: primeiro, que os sons não eram gerados por agência de alguém presente ou próximo; segundo, que não surgiam à sua vontade e prazer.

Entretanto, outra característica chamou a sua atenção — isto é, as chamadas manifestações físicas. Assim, o Juiz afirma ter visto uma mesa de pinho, com quatro pernas, ser erguida do chão, no centro de um círculo de seis ou oito pessoas, virada de pernas para o ar e pousada sobre o tampo aos pés delas, depois erguida sobre as suas cabeças e encostada às costas do sofá em que se sentavam.

Acrescenta que viu essa mesma mesa ser levantada sobre duas pernas, o tampo formando com o chão um ângulo de 45 graus, caso em que nem caiu por si, nem qualquer pessoa presente a conseguiu repor nas quatro pernas. Declara ter visto uma mesa de mogno, de uma só perna central, com um candeeiro aceso em cima, ser levantada do chão pelo menos um pé, apesar dos

esforços dos presentes, e abalada para trás e para diante como se abana um copo na mão, mantendo o candeeiro o seu lugar, embora os pingentes de vidro tilintassem de novo. Viu a mesma mesa ser inclinada, com o mesmo candeeiro em cima, até um ponto tal que o candeeiro teria necessariamente caído se não fosse retido por algo mais do que a própria gravidade; contudo, nem caiu nem se mexeu.

Soube de um sino de mesa tirado de uma prateleira alta num armário, tocado por cima das cabeças de quatro ou cinco pessoas nesse armário, depois tocado à volta da sala por cima das cabeças de doze ou quinze pessoas na sala dos fundos, e então levado através das portas de correr até à extremidade mais distante da sala da frente, onde foi largado no chão. Soube muitas vezes de pessoas puxadas com uma força a que lhes era impossível resistir, e uma vez em que toda a sua própria força se juntou em vão à da pessoa assim influenciada.

Soube de uma cadeira de mogno atirada de lado e movida rapidamente para trás e para diante sem que ninguém lhe tocasse, através de uma sala onde estavam sentadas pelo menos uma dúzia de pessoas, sem que ninguém fosse tocado; e repetidamente parou a poucos centímetros do juiz quando vinha com uma velocidade que, se não fosse travada, lhe teria partido as pernas!

O juiz afirma que isto não é uma centésima parte do que testemunhou, mas basta para mostrar o carácter geral do que viu. Ainda acrescenta que ouviu de outros acontecimentos ainda mais extraordinários, vindos de pessoas cujo testemunho seria acreditado em qualquer transação humana.

Durante esse tempo, o Juiz Edmunds leu as denúncias e explicações do embuste e declara que não pôde deixar de sorrir temendo pela precipitação e inutilidade dessas explicações; pois, enquanto alguns professores eruditos se regozijavam por terem detetado o segredo nas articulações dos dedos dos pés e dos joelhos, as manifestações em Nova Iorque mudavam para tocar um sino colocado debaixo da mesa.

Até aqui, a nossa autoridade limitou-se ao que presenciou na presença de outros. Preferiu, diz ele, não sujeitar a sua veracidade individual ao juízo daqueles que teriam perseguido Galileu por descobrir o sistema planetário e que se teriam unido

no clamor de "loucura" ante o barco a vapor de Fulton, de "embuste" ante o telégrafo de Morse e de "insânia" ante a estrada de ferro de Grey.

Tendo, por investigação paciente, satisfeito a si próprio quanto a este ponto, o Juiz passou a inquirir de onde vinha a inteligência que estava por detrás de tudo; pois considera essa inteligência uma característica notável do fenómeno. Declara que soube de perguntas mentais respondidas — isto é, perguntas formuladas apenas na mente do interrogador, não reveladas por ele nem conhecidas por outros. Antes de se juntar a um círculo, preparava muitas vezes uma série de perguntas e verificava que eram respondidas pela mesma ordem, sem sequer trazer no bolso um apontamento delas.

Os seus pensamentos mais secretos — aqueles que nunca proferira a homem ou mulher mortais — foram respondidos tão livremente como se os tivesse proferido. Desígnios que secretamente alimentara foram revelados em público, e foi repetidamente advertido de que todo o seu pensamento podia ser divulgado pela inteligência que se manifestava. Ouviu os médiuns usar palavras gregas, latinas, espanholas e francesas quando não sabiam senão a sua própria língua; e afirma ser facto bem atestado que houve muitas conversas e escritas em línguas desconhecidas dos médiuns.

O Juiz Edmonds enfrenta a objeção de que todos estes últimos fenómenos poderiam ser apenas o reflexo das mentes do círculo, declarando que frequentemente foram comunicados factos então ignorados, mas depois verificados como verdadeiros. Também foram proferidos pensamentos sobre assuntos que então não tinha na mente e completamente divergentes das suas opiniões.

"Estes não são casos apócrifos", observa o Juiz; "as partes estão ao alcance, e bem no nosso meio, e qualquer pessoa que queira pode fazer a investigação como eu fiz."

Mas tudo isto, e muito mais do mesmo género, demonstra, no entender da nossa autoridade, que há uma ordem elevada de inteligência envolvida neste novo fenómeno — uma inteligência para além da mera agência mortal.

Dirigiu a sua atenção a esta investigação, dedicando todas as suas horas de lazer durante mais de dois anos à tarefa. Foi de

círculo em círculo, de médium em médium, procurando conhecimento por toda a parte sobre o assunto, tanto em livros como por observação, e trazendo para o tema toda a acuidade com que fora dotado pela natureza e que, podemos supor, fora aguçada pela sua experiência profissional.

Declara que havia muitas maneiras pelas quais essa inteligência oculta comungava com eles, além das pancadas e elevações de mesas, e que, através desses outros modos, chegaram muitíssimas comunicações notáveis pela eloquência, alto nível intelectual e puro e elevado tom moral, ao mesmo tempo que detetou muitas incoerências e contradições suscetíveis de induzir em erro, e que procurou extrair algo de valor desse caos. Remete o público para o seu livro como prova do seu sucesso.

Aos que imaginam que ele sobrestima a importância do assunto, responde que mal haviam decorrido quatro anos desde que as pancadas de Rochester foram conhecidas na América. Então os médiuns contavam-se por unidades, mas agora por milhares; então os crentes contavam-se por centenas, agora por dezenas de milhares.

Crê-se, segundo os mais bem informados, que o número total nos Estados Unidos deve ser de várias centenas de milhares, e que em Nova Iorque e arredores deve haver entre vinte e cinco e trinta mil. Existem dez ou doze jornais e periódicos, alguns dos quais já atingiram uma circulação de mais de dez mil exemplares. Além da multidão anónima, há muitos homens de alta posição e talento entre eles — médicos, advogados e clérigos em grande número, um bispo protestante, o erudito e reverendo presidente de um colégio, juízes dos seus tribunais superiores, membros do Congresso, embaixadores estrangeiros e ex-membros do Senado Nacional.

É opinião do Juiz Edmonds que um movimento que se difundiu com tal celeridade maravilhosa, apesar do ridículo que dissuadiu tantos de uma declaração aberta, e que atraiu a atenção de tantas das melhores mentes entre os americanos, não pode ser indigno de investigação.

O Juiz Edmonds entrou originalmente na investigação considerando tudo uma fraude, e tencionava publicar a sua denúncia; mas, tendo chegado a uma conclusão diferente,

sentiu que a obrigação era igualmente importante de tornar o resultado conhecido.

Eis, pois, um breve resumo da sua defesa, e do movimento, pelo seu mais hábil e eminente defensor. Acrescentaremos apenas alguns factos de outras fontes a esta exposição.

Há outros factos autenticados e sujeitos a exame, entre os mais notáveis dos quais aludiremos aos seguintes: a testemunha, o Sr. John B. Wolf, visitando a casa do Sr. J. Koons, em Ushfield, Dover Township, Condado de Athens, Ohio, escreveu a 5 de Novembro de 1853: "Tive uma entrevista longa e uma breve com espíritos.

Voltei a vê-los, falei com eles e apertei-lhes as mãos tão real e substancialmente como um homem aperta a mão de outro… Mais uma vez, houve escrita feita sem mãos humanas; e, na verdade, volumes são escritos desta maneira e de nenhuma outra. Durante a duração do círculo, a mão é visível enquanto a escrita se faz; o lápis e o papel são também visíveis, visíveis tanto para o crente como para o céptico." Fenómeno notável, sem dúvida, e muito útil aos autores se essas comunicações servissem para alguma coisa!

Na Conferência Espiritual em Dodsworth's Hall, a 29 de Fevereiro de 1853, foi declarado pelo Sr. Whittaker, de Troy, que sabia ser verdade, que um médium residente nessa cidade, estando indisposto, foi ordenado pelos espíritos a tomar, de uma só vez, cem grãos de arsénico numa mistura de sumo de limão e espírito de nitro; e que tomou a prescrição conforme a ordem e, longe de sofrer qualquer incómodo, foi grandemente beneficiado por ela!

Um Sr. Henry Gordon, médium bem conhecido de manifestações espirituais, estando num círculo em Nova Iorque, certa noite, foi repetidamente levantado do assento e transportado pelo ar sem que nenhum poder visível lhe tocasse.

Muitas testemunhas afirmam que as leis da gravidade são frequentemente suspensas por esses poderes desconhecidos, que coisas de outro modo nocivas se tornam inofensivas por alguma agência invisível, que objetos materiais são deslocados e transportados a imensas distâncias sem causa rastreável, que doenças inveteradas foram rápida e facilmente curadas e, em

suma, que fenómenos ocorrem constantemente que noutras épocas teriam sido considerados sobrenaturais.

É necessário dizer uma palavra sobre o movimento das mesas, que é a mais elementar de todas as manifestações, e a mais conhecida em Inglaterra. Clérigos evangélicos e católicos franceses em Inglaterra descobriram que as mesas sustentavam doutrinas conformes à sua educação, e que mutuamente se anatematizavam como bons cristãos. Nestes casos, deve admitir-se que as aparências favorecem a ideia de que os reverendos senhores carregavam as mesas e as convertiam em veículos passivos das suas respetivas opiniões, e que, se espíritos malignos estavam presentes, deviam ter estado encarnados nas operações ortodoxas.

Mas o movimento das mesas foi tão superficialmente tratado na Europa que é preciso ir à América para abarcar toda a questão. Lá encontramos que as mesas não só são movidas quando nenhuma mão mortal está a menos de seis metros delas, mas também são levantadas do chão, fora do alcance de qualquer pessoa, viradas de pernas para o ar ou fazem rotação com extrema velocidade, transportando homens pesados sentados sobre elas. Poder-se-ia imaginar que estes fenómenos, apoiados no testemunho de inúmeras testemunhas respeitáveis, apontam para uma nova e misteriosa força locomotora.

Várias tentativas têm sido feitas para resolver este problema, mas até agora nenhuma solução completa foi encontrada. A teoria da pressão muscular ou involuntária é considerada por muitas boas autoridades refutada por factos inegáveis. Supor que são apenas ilusão ou fraude é, em muitos casos, igualmente injusto, embora a fraude, sem dúvida, se tenha misturado com eles, como em todos os movimentos populares. Se os fenómenos não podem ser atribuídos a matéria ponderável, é igualmente difícil explicá-los apenas por matéria imponderável, a menos que atribuímos inteligência a essas forças.

Daí que o investigador seja arrastado de uma posição para outra, até não ter outro refúgio senão o labirinto da psicologia, o que equivale a não ter explicação nenhuma; e aqui, mesmo assim, surge a dificuldade de saber se os fenómenos se

originam em si mesmos, espontaneamente, ou se provêm de outras inteligências. E, afinal, somos levados a admitir que seria vão, com o nosso conhecimento ainda imperfeito da questão, pronunciar um juízo sobre a sua causa. Não encontramos, porém, tanta dificuldade quando rastreamos as características do seu desenvolvimento até ao que se chamou as epidemias psicológicas das idades passadas.

Um caso de simpatia psicológica ocorreu recentemente na Europa, que, pela sua ligação à espiritualidade e à pura moralidade, pode ser visto como uma ilustração mais satisfatória, embora ainda imperfeita, das manifestações na América.

Essa parte do sul da Suécia antigamente chamada Smäland, e que agora compreende as províncias de Kalmar, Wexio e Jönköping, embora uma das mais pobres do reino, é habitada por um povo laborioso e contente. A sua sorte, que é de extremo sofrimento e privação, torna-se suportável para eles pela simplicidade natural do carácter e pelo profundo sentimento religioso.

Há cerca de sessenta anos houve entre eles um fortíssimo movimento religioso, que, por razões políticas ou outras, o governo julgou necessário reprimir violentamente, e com grande dificuldade o conseguiu. Se existe predisposição entre este povo simples mas fervoroso para excitação religiosa, não o podemos afirmar; mas é certo que, no começo de 1842, o fenómeno singular de que vamos falar surgiu entre eles e, pela sua rápida propagação, pelo carácter aparentemente contagioso e pela natureza peculiar das suas manifestações, foi popularmente chamado de Epidemia da Pregação.

O Dr. J. A. Butsch, Bispo de Skara, em Westgöthland, escreveu uma longa carta sobre este assunto ao Dr. C. F. Wingärd, Arcebispo de Upsala e Primaz de toda a Suécia, carta essa considerada tão perfeita autoridade sobre a matéria que foi publicada em apêndice à "Revisão da Igreja de Cristo" do Arcebispo Wingärd, excelente obra que foi traduzida para inglês por G. W. Carlsen, então capelão da Embaixada Sueca em Londres, homem de grande erudição e méritos. A esta carta teremos frequente ocasião de recorrer.

O leitor perguntará naturalmente, como o próprio Bispo o faz, o que é a Epidemia da Pregação? O que realmente foi, ninguém ainda conseguiu dizer. Entre os camponeses, a crença mais geral era a de que se tratava de um milagre divino imediato, para conceder graça aos que eram atingidos pela doença, e como meio de advertência e exortação para aqueles que viam e ouviam os doentes.

Entre outros, um pouco acima da classe camponesa, muitos negavam totalmente a existência da doença, declarando que tudo não passava de fraude intencional, no desejo de lucro ou notoriedade; ou então auto-ilusão, produzida em parte por um sentimento religioso excessivo, ou pela paixão de imitação que é comum à mente humana. O próprio Bispo era de opinião que se tratava de uma doença originalmente física, mas que afetava o espírito de modo peculiar: chegou a essa conclusão estudando atentamente o fenómeno em si.

De qualquer forma, a enfermidade corporal era um elemento presente, como se provou pelo facto de que, embora todos os atingidos por ela, ao descreverem o começo do seu estado, mencionassem uma excitação espiritual como a causa original, um exame rigoroso provava que uma desordem interna do corpo, acompanhada de dor, precedera ou acompanhara essa excitação. Além disso, havia pessoas que, contra a própria vontade, eram atingidas pelos ataques de tremores — um dos sintomas exteriores mais marcantes no início — sem qualquer excitação religiosa prévia; e estas, quando submetidas a tratamento médico, recuperaram rapidamente.

O Bispo devia ser um homem ousado e sem medo do ridículo; pois, embora escrevendo a um arcebispo, diz que, embora não queira dar nome à doença, ainda assim se aventura a expressar uma opinião, a qual é que a doença corresponde muito ao que ouviu e leu a respeito dos efeitos do magnetismo animal. Afirma que estudou cuidadosamente o efeito do enxofre e do íman em vários doentes, e descobriu que os sintomas da Epidemia da Pregação correspondiam ao efeito do magnetismo animal, tal como dado na obra de Kluge *Versuch einer Darstellung des animalischen Magnetismus als Heilmittel*. Em ambos os casos havia aumento da atividade do sistema nervoso e muscular; e, além disso, frequente peso na cabeça, calor no estômago, sensação de formigueiro nos membros, convulsões e

tremores; e, finalmente, a queda, muitas vezes com um profundo gemido, num desmaio ou transe profundo.

Nesse transe, o paciente estava num estado tão perfeito de insensibilidade às impressões exteriores, que o mais alto ruído ou som não o despertava, nem sentia a picada de uma agulha profundamente cravada no corpo. Na maioria dos casos, porém, durante esse transe, ouvia perguntas que lhe eram dirigidas e respondia a elas; e, o que era extraordinário, invariavelmente nessas respostas aplicava a cada pessoa o pronome "tu".

O poder de fala, também, nesse estado, era de grande eloquência, declamação viva e domínio de uma linguagem muito mais pura do que a habitual, ou aparentemente possível para ele no estado natural. As afirmações invariáveis de todos os pacientes, quando nesse estado, eram que se sentiam extremamente bem e que nunca tinham sido tão felizes; declaravam que as palavras que proferiam eram dadas por outrem, que falava através deles.

A sua disposição de espírito era piedosa e calma; pareciam inclinados a visões e profecias. Como os primeiros Quacres, tinham aversão a certas palavras e expressões, e pregavam contra lugares de diversão, o jogo, os excessos na bebida, as festividades do mastro de Maio, as roupas vistosas e os pentes curvos que as camponesas usavam no cabelo, e que, sem dúvida, eram objetos de vaidade e ostentação.

Havia em algumas famílias maior predisposição a essa estranha influência do que noutras; era também maior em crianças e mulheres do que em adultos e homens; e, entre estes, os de temperamento sanguíneo e colérico eram os mais suscetíveis. Os pacientes mostravam invariavelmente um forte desejo de estarem juntos e pareciam sentir uma espécie de atração ou afinidade espiritual entre si. Nos lugares de culto, sentavam-se todos juntos; e notava-se que, quando uma pessoa afetada pela epidemia da pregação era questionada sobre a doença em si própria, respondia sempre em nome de todos; e assim dizia "nós" quando o inquiridor naturalmente esperava ouvir "eu".

A partir destes factos, o sábio bispo conclui que a epidemia da pregação pertencia àquela classe de operações referidas ao magnetismo animal. Afirma que "qualquer que seja a causa desta singular agência ou influência, não há dúvida de que

sempre produz um estado religioso de espírito, o qual era fortalecido pelas operações aparentemente miraculosas de dentro."

Entra então na questão de saber se a impressão religiosa produzida estava em conformidade com as noções estabelecidas das operações da graça no coração, e decide que não era o caso, porque a pessoa excitada, imediatamente após começar a tremer, experimentava uma paz, alegria e bem-aventurança indizíveis, não em virtude de uma fé renovada pela graça expiatória, mas por uma certa influência imediata e miraculosa de Deus.

Estas são palavras do próprio bispo. Mas com a questão polémica nada temos a ver. Todavia, o bispo prossegue dizendo que, "qualquer que seja a origem da doença, ela caracteriza-se por linguagem cristã, e manifesta-se com muitos pensamentos e sentimentos verdadeiramente cristãos"; e que "provavelmente a doença encontrou universalmente algo de cristão previamente implantado no coração, ao qual se associou de forma excitante."

Quanto à conduta e conversação dos pacientes durante o tempo do ataque, afirma que nunca viu nada de impróprio, embora muitos rumores estranhos em contrário circulassem e fossem acreditados, em grande prejuízo do pobre povo. Na província de Elfsborg, onde a doença prevaleceu bastante, grupos de crianças e jovens sob a sua influência percorriam os lugares cantando os chamados hinos de Sião, cujo efeito era singularmente impressionante e até comovente.

Diz que "dar uma descrição completa e detalhada da natureza da doença seria difícil, porque, como o magnetismo animal — usamos as suas próprias palavras — parece ser infinito nas suas modificações e formas." Nessa mesma província de Elfsborg, dizia-se frequentemente: "tal pessoa começou a tremer, mas ainda não caiu, nem teve visões, nem pregou."

Esse tremor, de que tanto se falava, parecia ter sido o primeiro sinal exterior da influência, sendo a visão interior e a pregação a sua consumação; embora, quando esta se alcançava, a crise começasse geralmente pelo mesmo sinal. No entanto, em alguns pacientes, o tremor diminuía em proporção à força que a doença adquiria. Esses tremores também pareciam surgir à

menção de certas palavras, à introdução de certas ideias ou à proximidade de certas pessoas ou coisas, que, de modo misterioso, pareciam ao paciente como inimigas ou ímpias.

Por vezes, também, aquelas mesmas coisas e palavras que no início afetavam o paciente deixavam de o fazer à medida que avançava para os estágios superiores da doença; e outras palavras ou coisas, que até então não produziam efeito, começavam a agitá-lo da mesma forma. Um dos pacientes explicou assim essa circunstância: à medida que o seu ser espiritual avançava, "descobria que existiam em si mesmo e no mundo muitas coisas piores do que aquilo que antes considerara o pior."

Em alguns casos, os pacientes eram violentamente afetados pelas simples palavras "sim" e "não"; esta última, em particular, era-lhes extremamente penosa e repulsiva, e foi frequentemente descrita por eles como "um dos piores demónios, preso com as cadeias das trevas no mais profundo abismo." Notou-se também que frequentemente agiam como se tivessem uma forte tentação a mentir ou a dizer mais do que lhes era permitido dizer.

Exortavam-se, por isso, mutuamente a dizer a verdade; e, com frequência, respondiam de modo dúbio, e até afirmavam não saber, quando se poderia esperar com confiança uma resposta contrária, o que produzia frequentemente uma impressão desagradável na mente do ouvinte; e algumas pessoas, a partir dessa circunstância, alimentavam ideias desfavoráveis sobre a sua veracidade, quando, na realidade, essa mesma cautela e hesitação era uma peculiaridade da doença.

Na província de Skaraborg, o bispo afirma ter visto várias pessoas cair de repente no transe, sem qualquer sintoma preparatório. Na província de Elfsborg, os pacientes pregavam de olhos abertos e de pé; enquanto na sua própria província de Skaraborg, viu-os e ouviu-os pregar deitados, com os olhos fechados e, tanto quanto pôde perceber, num estado de total insensibilidade às impressões exteriores. Relata o caso de três meninas pregadoras na paróquia de Warnham, com idades entre oito e doze anos. Esse relato, sobretudo relativamente a uma delas, apresentaremos ao leitor.

Foi pouco antes do Natal de 1842, quando, acompanhado de um respeitável agricultor da vizinhança, do Rev. Sr. Zingvist e do Rev. Sr. Smedmark, foi à cabana onde vivia uma criança que, segundo todos os relatos, tinha atingido o estágio mais avançado da doença. Muitas pessoas além dele e dos seus amigos estavam presentes.

Quanto às três crianças, afirma que, para a idade, como geralmente acontece na Suécia, estavam razoavelmente bem instruídas em matérias religiosas e sabiam ler bem. Eram naturalmente de boa índole e, desde que tinham sido sujeitas à doença, tornaram-se notáveis pela sua doçura e comportamento pacato.

Os seus modos eram simples como os das crianças camponesas, mas, sendo tímidas e reservadas, não se mostravam inclinadas a descrever muito os seus sentimentos e experiências; contudo, pelas poucas palavras que proferiam, era evidente que, como o resto do povo e os seus próprios familiares, consideravam aquilo uma influência divina, mas ainda assim afirmavam não saber exatamente o que pensar, nem de si mesmas nem da sua situação.

Quando em transe, declaravam sentir-se extremamente bem; que nunca tinham estado tão alegres, nem sentido tanto prazer. Ao acordarem, porém, queixavam-se, por vezes até com lágrimas, de fraqueza nos membros, dor no peito, dores de cabeça, etc.

No caso particular da criança a que nos referimos, os sintomas foram precisamente os mesmos: primeiro surgiu um violento tremor ou agitação dos membros, e ela caiu para trás com tanta força que causou ao espectador a mais dolorosa sensação; mas nenhum ferimento aparente resultou. A paciente estava agora em transe, ou estado de total inconsciência; e este transe, que durou várias horas, dividiu-se em duas fases, atos ou cenas totalmente diferentes no carácter.

Em primeiro lugar, levantou-se violentamente, e todas as suas ações eram de caráter rápido e impetuoso. Agarrou nas mãos das pessoas à sua volta; algumas lançou-as de imediato para o lado, como se o efeito produzido por elas lhe fosse repugnante; outras segurou suavemente, afagou e acariciou; e a essas pessoas chamavam “boas mãos”. Por vezes fazia sinais como

se estivesse a verter algo que depois parecia beber; e disse o pai, bem como outro homem presente, que ela conseguia identificar qualquer pessoa da companhia que tivesse bebido aguardente; e representava desse modo cada copo que ele tivesse tomado.

Ela passou — para que fim, parece impossível dizê-lo — pela operação de carregar, apontar e disparar uma arma, e representou de modo altamente dramático um combate pugilístico, no qual sozinha sustentou e representou a ação de ambas as partes; desempenhou também o papel de uma pessoa a vestir-se; e o que tornava tudo isto mais extraordinário era que, sendo apenas uma criança camponesa simples e envergonhada, vestida com o traje camponês — um casaco de pele de ovelha —, todos os seus gestos e movimentos eram livres e de um efeito dramático máximo: poderosos e vigorosos quando representava ações masculinas, e tão indescritivelmente graciosos, naturais e cheios de sentimento quando personificava ocupações femininas, que deixavam maravilhados os espectadores mais cultos; e, como diz o bispo, "eram muito mais semelhantes aos movimentos de uma imagem num sonho do que aos de uma criatura de carne e osso".

Outra circunstância é peculiar: embora estas crianças diferissem entre si no estado natural, enquanto sob a influência da doença os seus semblantes tornavam-se tão semelhantes que muito se pareciam umas com as outras.

A criança passou depois à segunda fase do transe, caracterizada por uma bela calma e quietude, e, com os braços humildemente cruzados, começou a pregar. O seu modo de falar era o da oratória mais pura; os tons, veementes e solenes, e a linguagem, de tal caráter espiritual que, desperta, lhe teria sido impossível usar.

O bispo anotou o seu pequeno discurso ao regressar a casa, e uma análise mostra tratar-se de uma exortação prática edificante, perfeitamente conforme ao puro espírito do Evangelho e adequada a uma audiência simples. Durante a sua prolação, a criança tinha algo de santificado no semblante. A dicção era suave e clara, não retratou nem repetiu palavra alguma; e a voz, que no estado desperto tinha uma rouquidão

peculiar, tinha agora uma notável limpidez e brilho de tom, que produziam grande efeito. Toda a assembleia observou o mais profundo silêncio, e muitos choraram.

Os pais destas crianças informaram o bispo que, durante esse tempo, tinham apetite razoável, mas preferiam leite e frutas. Muitos dos pacientes foram curados com medicamentos administrados pelo bispo, que conclui dizendo que o fenómeno está fora da esfera do conhecimento humano, mas que o seu caráter extraordinário produziu um grande movimento religioso e operou muito bem. Enviou multidões à igreja que nunca lá iam, e muitos foram assim reconduzidos do erro dos seus caminhos. Muitas passagens da sua história recordarão vivamente ao leitor os primeiros Quacres.

O número de pessoas afetadas só na província de Skaraborg, onde a doença não prevaleceu tão geralmente como noutras partes, ascendia, em 1843, a 3000; mas, em muitos lugares, impostores simularam a doença para ganhar a vida e desacreditaram os verdadeiros pacientes. O clero e os médicos, por toda a parte, empregaram todos os esforços para extinguir o movimento e, no fim de 1843, este tinha quase cessado.

Nada semelhante se manifestou desde então, mas o bom efeito produzido na mente de muitos pecadores empedernidos permanece a testemunhar a sua verdade e realidade, embora ninguém, seja versado na ciência da vida física ou espiritual, possa ainda explicar a causa e a natureza deste extraordinário fenómeno mental.

A Epidemia da Pregação tem vários traços em comum com as manifestações americanas, nas quais crianças pequenas, mesmo com menos de cinco anos, atuaram como médiuns. Ambas conservam também a característica comum de serem uma afeção epidémica ou simpática, embora a causa, em ambos os casos, deva por ora permanecer envolta em dificuldade e mistério. À mesma causa nos inclinamos a atribuir o frenesi que grassou em tempos na Nova Inglaterra, e que é familiar a todos os leitores da História Americana como a bruxaria de Salem.

A mente da Nova Inglaterra era singularmente suscetível a impressões de caráter espiritual e sobrenatural, e o período da sua história em que prevaleceu este frenesi peculiar foi de

dificuldade e desalento. Guerras indígenas do mais terrível caráter tinham devastado as suas fronteiras, e o Governo inglês, ciumento da crescente independência das colónias — e especialmente da Massachusetts —, não só cerceou as suas liberdades, como a ameaçou com a perda da carta; circunstância que toda a Nova Inglaterra considerou uma calamidade nacional, uma punição da Ira Divina por supostos pecados e faltas.

Mais especialmente, porém, foi este o caso no que respeita à Massachusetts, onde um espírito de latitudinarismo e incredulidade — reação natural da extrema rigidez do puritanismo, que fora a glória da geração então a desaparecer — começou a prevalecer: para se opor a essa liberdade de fé religiosa e, em espírito de humilhação, enfrentar as tristezas do tempo, a Massachusetts puritana aumentou o rigor das suas observâncias religiosas, humilhou-se como em cilício e cinza e procurou, com jejuns e orações, as causas do desagrado divino. Foi então, quando a mente pública, como facilmente se verá, se encontrava num estado de extrema suscetibilidade, que ocorreram os primeiros casos de bruxaria.

As leis de Inglaterra, que admitiam a bruxaria e a puniam com a morte, tinham sido adotadas na Massachusetts, reforçadas pelo mandamento judaico das Escrituras, «Não deixarás viver a feiticeira»; e, já em 1645, começou a mania: pessoas em Boston e noutras cidades foram detidas e julgadas, e um indivíduo foi executado por esse suposto crime.

"Entre outras provas", diz o historiador Hildreth, "de um afastamento dos antigos marcos e da propagação, mesmo na Nova Inglaterra, de um espírito de dúvida, estavam as crescentes suspeitas sobre a realidade daquele sobrenaturalismo quotidiano que constituía traço tão proeminente da teologia puritana.

Contra essa incredulidade nascente, Increase Mather publicou, em 1684, um livro de 'Providências Notáveis', que enumerava e atestava a veracidade de todos os supostos casos de bruxaria ocorridos na Nova Inglaterra, com argumentos para provar a sua realidade."

Como a visão de uma execução por homicídio cria na mente do depravado uma paixão mórbida de cometer o crime, assim a

publicação desta obra deu em breve origem a um suposto caso de bruxaria. Disse-se que uma casa em Newbury estava assombrada ou enfeitiçada, e a mulher do morador, uma miserável velha, foi acusada de bruxa. Dezassete pessoas apresentaram-se no seu julgamento para lhe imputar desgraças que lhes tinham acontecido ao longo da vida e, não fora a firmeza e bom senso de Simon Bradstreet e a abrogação da carta que então se deu — e deu ao povo outro assunto em que pensar —, teria sido executada sob a acusação.

Mather, porém, lançara semente em terreno fértil e, a seu tempo, ela brotou, sendo entretanto alimentada pela reedição, em Boston, das obras de Richard Baxter e pela autoridade de Sir Matthew Hale. Em 1688, portanto, a imaginação mórbida do povo, já predisposto, sendo excitada por esse alimento mental, descobriram-se casos de bruxaria.

Os quatro filhos de uma "família piedosa" em Boston, sendo a mais velha uma rapariga de treze anos, começaram a ser estranhamente afetados, ladrando como cães, miando como gatos, ficando por vezes surdos, mudos ou cegos; tendo os membros contorcidos e queixando-se de serem picados, beliscados, puxados e cortados.

Chamou-se um ministro piedoso, suspeitou-se de bruxaria e uma velha irlandesa, criada contratada por indentura da família, que ralhara com as crianças em irlandês porque a filha fora acusada de furto, foi presa sob a acusação. Cinco ministros guardaram um dia de jejum e oração, e a velha foi julgada, considerada culpada e executada.

"Embora Increase Mather", diz Hildreth, "estivesse ausente, tinha um zeloso representante em seu filho, Cotton Mather, jovem ministro de vinte e cinco anos, prodígio de erudição, eloquência e piedade, recentemente colocado como colega de seu pai na Igreja do Norte de Boston. Cotton Mather possuía uma memória extraordinária, recheada de todo o tipo de saber. A sua aplicação era igual à de um professor alemão.

A sua imaginação viva, formada na escola da teologia puritana e alimentada pelas lendas tradicionais da Nova Inglaterra, das quais era colecionador voraz e indiscriminado, era ainda mais estimulada por jejuns, vigílias, orações e meditações quase iguais às de qualquer santo católico. À semelhança dos

missionários jesuítas do Canadá, cria muitas vezes, durante os seus exercícios devocionais, ter comunicação direta e pessoal com a Divindade. Em cada boa fortuna via uma resposta às suas orações; em cada calamidade ou mortificação, a especial malícia pessoal do diabo ou dos seus agentes."

Para estudar estes casos de bruxaria a seu gosto, Cotton Mather levou uma das enfeitiçadas para sua casa, e o diabo nela lisonjeou-lhe a vaidade religiosa até ao extremo. Pregou e orou sobre o assunto, chamando à bruxaria "a mais nefanda traição contra a Majestade das Alturas", e escreveu outro livro, *Memorable Providences relating to Witchcraft and Possession*, no qual desafiava o moderno saduceu a duvidar ainda. Quatro ministros testemunharam a favor dos argumentos irrespondíveis que assim expôs, bem como Richard Baxter em Londres.

A atenção pública voltou-se assim para o tema, e logo ocorreram outros casos do mesmo carácter. Duas jovens de Salem, a filha e a sobrinha de Samuel Parris, o ministro, começaram a ser "movidas por estranhos caprichos" e, sendo declaradas enfeitiçadas por um médico de Boston, Tituba, uma velha índia, criada da família, foi suspeita, sobretudo porque se oferecera para descobrir a bruxa por certos ritos mágicos.

Claro que nada mais se falava senão dessas raparigas; era uma excitação interessantíssima; ministros reuniam-se para orar; toda a cidade de Salem jejuou e orou, e foi ordenado jejum em toda a colónia. A ânsia de notoriedade, ou os efeitos destes casos sobre imaginações de temperamento igualmente nervoso, produziram logo resultados, e não só várias raparigas ficaram afetadas do mesmo modo, mas também o pobre velho John, o marido índio de Tituba.

Toda Salem estava em alvoroço, e os magistrados tomaram a questão a sério. As acusações multiplicaram-se; duas mulheres — uma louca, a outra acamada — foram suspeitas, além das demais. Parris pregou no domingo seguinte sobre os casos, e a irmã de uma das acusadas saiu da igreja, o que bastou para lançar suspeita sobre ela. O vice-governador da colónia veio a Salem, e realizou-se um grande tribunal na casa de reuniões, com a presença de cinco outros magistrados e de uma grande multidão. Parris era o acusador principal. As acusadas eram

mantidas de braços estendidos e mãos abertas, para que, pelo menor movimento dos dedos, não pudessem infligir tormentos às suas vítimas, que por vezes pareciam ficar mudas ou cair apenas com o olhar delas.

Nos interrogatórios na casa de reuniões de Salem, ocorreram cenas extraordinárias. "Olhem ali", gritou uma das afligidas, "está a Goody Procter na trave." (O marido desta, firmemente protestando a inocência da esposa, tinha-a acompanhado ao tribunal e, em consequência, foi acusado por algumas das "afligidas" de ser feiticeiro.) A esta exclamação, muitas, senão todas, as enfeitiçadas tiveram fortes ataques. Pergunta do Tribunal: "Ann Putnam, quem te faz mal?" Resposta: "Goodman Procter, e a sua esposa também."

Então algumas das afligidas gritam: "Ali está o Procter a levantar os pés da Sra. Pope"; e imediatamente os pés dela são levantados. Pergunta do Tribunal: "Que dizes, Goodman Procter, destas coisas?" Resposta: "Nada sei; sou inocente!" Abigail Williams, outra das afligidas, grita: "Ali está Goodman Procter a ir à Sra. Pope"; e imediatamente a dita Pope cai em convulsões. Um magistrado a Procter: "Vês que o diabo te engana; as crianças (assim se chamavam as afligidas) viram o que ias fazer antes de a mulher ser ferida.

Aconselho-te a arrependimento, pois vês que o diabo te está a desmascarar!" Abigail Williams volta a gritar: "Ali está Goodman Procter a magoar a Goody Bibber"; e imediatamente Bibber cai também em ataque. E assim por diante. Mas era com provas destas que se acreditava serem pessoas bruxas, e eram precipitadas na prisão e julgadas pelas suas vidas.

Tituba foi açoitada até confessar; outras cederam a influências mais severas do que os golpes. Mulheres fracas, espantadas com as acusações e confissões dos seus acusadores, asseguradas de que eram bruxas e instadas a confessar como único meio de salvar a vida, eram facilmente levadas a admitir quaisquer absurdos: viagens pelo ar em vassouras para assistir a um sacramento de bruxas — uma espécie de paródia da ordenança cristã — em que o diabo aparecia sob a forma de um "pequeno homem negro"; assinar o livro do diabo, renunciando ao batismo anterior e sendo batizadas de novo pelo diabo no "Lago de Wenham", à moda anabatista. Chamadas a indicar

quem estava presente nesses sacrifícios, as bruxas confessas rematavam com novas acusações. Em muito pouco tempo, perto de cem pessoas estavam presas. Nem se limitou o mal a Salem; muitas pessoas foram acusadas em Andover, Boston e outras cidades.

A 2 de junho, um tribunal especial em Salem foi nomeado para o julgamento de uma pobre mulher sem amigos, Bridget Bishop, acusada por Samuel Parris. Outra pobre mulher, chamada Deliverance Hobbs, foi acusada, segundo relata Cotton Mather, "de lançar um olhar para a grande e espaçosa casa de reuniões de Salem, e imediatamente um demónio, entrando invisivelmente na casa, derrubou parte dela." Protestou a sua inocência, mas foi enforcada a 10 de junho. Cotton Mather, e os outros ministros de Boston e Charlestown, foram veementes na gratidão e louvor por este zelo na causa, e as acusações, julgamentos e condenações prosseguiram. Era um capítulo da história da Idade Média.

Coube à ciência e ao melhor conhecimento da atualidade explicar esses fenómenos de bruxaria segundo leis psicológicas e naturais. Naquele tempo acreditava-se que não eram menos do que obra do diabo, e como tal eram punidos. "Recomendamos", dizia o ministro dessa severa religião puritana, agora desmedida em rigor, "a rápida e rigorosa perseguição de todos os que se tornaram nocivos"; e o tribunal, em conformidade, a 30 de junho, condenou cinco mulheres de vidas irrepreensíveis, todas protestando a sua inocência.

Destas cinco, Rebecca Nurse, cuja irmã abandonara a igreja quando Samuel Parris pregava um sermão violento contra as bruxas, foi a princípio absolvida por falta de provas, e um perdão foi concedido pelo governador Phipps. Mas Parris, que parecia ser um homem de disposição virulenta, não pôde suportar ver escapar um objeto especial do seu ódio — alguém contra quem pregara e denunciara do púlpito. O governador subserviente revogou o perdão, e no domingo seguinte de comunhão ela foi levada acorrentada à casa de reuniões, excomungada e enforcada com as restantes.

O frenesi aumentou. A 3 de agosto, mais seis foram acusadas; e John Willard, um oficial encarregado de prender suspeitos, recusando servir mais, foi acusado pelas "afligidas" — afligidas,

na verdade! —, condenado e enforcado. Entre os que sofreram com Willard esteve Procter, o marido de Elizabeth Procter, cuja execução fora adiada devido à gravidez. Ele mantivera com firmeza e coragem a inocência da esposa e, como já relatámos, fora também acusado; outros testemunharam contra ele sob tortura, e foi condenado. Era homem de caráter firme e claro, e pediu julgamento em Boston, mas em vão.

O seu comportamento e execução impressionaram profundamente a opinião pública e ofenderam muitos. Maior ainda foi o efeito produzido pela execução de George Burroughs, ele próprio ministro, acusado de bruxaria por negar a sua possibilidade.

Ele fora em tempos ministro em Salem; depois em Saco, de onde fora expulso pela guerra indígena, e encontrava-se agora, para sua infelicidade, mais uma vez em Salem, onde tinha muitos inimigos. Entre outras coisas que lhe foram imputadas estava o facto de, embora de pequena estatura, ser extraordinariamente forte, donde se concluiu que a sua força era dom do diabo. "Na escada", diz Bancroft, "afirmou a sua inocência num discurso ardente e repetindo o Pai-Nosso com compostura e exatidão, e com um fervor que espantou todos.

Muitas lágrimas brotaram; parecia que os espectadores se levantariam para impedir a execução. Cotton Mather, a cavalo, no meio da multidão, dirigiu-se ao povo, escarnecendo da ordenação de Burroughs como não sendo verdadeiro ministro, insistindo na sua culpa e insinuando que o diabo podia às vezes assumir a aparência de anjo de luz; e o enforcamento prosseguiu."

No dia 9 de setembro, seis mulheres foram consideradas culpadas e condenadas; e, poucos dias depois, mais oito mulheres; enquanto Giles Cory, um velho de oitenta anos que se recusou a responder em tribunal, foi esmagado até à morte — bárbaro costume da lei inglesa, que, contudo, nunca mais foi seguido nas colónias.

A 23 desse mês, os "afligidos" eram já cerca de cinquenta, segundo Hildreth; cinquenta e cinco tinham confessado ser bruxas e tornado-se acusadores; vinte pessoas já tinham sofrido a morte; mais oito estavam sentenciadas. As cadeias estavam cheias, e novas acusações surgiam todos os dias. Tal

era o estado das coisas quando o tribunal suspendeu até à primeira segunda-feira de novembro. O intervalo foi aproveitado por Cotton Mather para preparar a sua obra *Wonders of the Invisible World*, contendo um relato triunfal dos julgamentos e vangloriando-se dos bons resultados das últimas execuções, que considerava motivo de piedoso agradecimento a Deus.

Embora o presidente de Harvard aprovasse, o governador elogiasse e Stoughton expressasse os seus agradecimentos pelo trabalho de Cotton Mather, já corria pela colónia um espírito, cada vez mais forte, contrário a tais ultrajes contra a humanidade e aos seus promotores.

No período entre as últimas execuções e a reabertura do tribunal, reuniram-se os representantes do povo, e a igreja de Andover, com o seu ministro à frente, protestou contra estes julgamentos de bruxaria. "Não sabemos", diziam, "quem se poderá considerar seguro, se as acusações de crianças e de outros sob influência diabólica forem recebidas contra pessoas de boa reputação."

Muito verdadeiramente e com razão o disseram; pois até um dos ministros de Andover foi acusado, bem como a esposa do ministro de Beverley; e quando o filho do antigo governador Bradstreet, agora magistrado, recusou passar mais mandados, foi ele próprio acusado, e pouco depois também o irmão, de enfeitiçar um cão, sendo ambos obrigados a fugir para salvar a vida, os seus bens imediatamente confiscados. E mais ainda: quando Lady Phipps, na ausência do marido, o governador, interveio para obter a libertação de um preso, correram até murmúrios de acusações contra ela!

Com o enfraquecer do frenesi da ilusão, Cotton Mather escreveu e fez circular em manuscrito o relato de um caso de bruxaria na sua própria paróquia em Boston. Isso suscitou resposta de Robert Calef, homem lúcido e destemido, que, com as armas da razão e do ridículo, venceu e pôs em fuga, em tempo surpreendentemente breve, tanto bruxas como diabos. Em vão Cotton Mather o denunciou como "um carvão do inferno"; o sentimento popular estava com ele; e embora uma circular de Harvard, assinada pelo presidente, Increase Mather, pedisse relatórios a todos os ministros da vizinhança sobre

aparições, possessões, feitiçarias e todas as coisas extraordinárias em que a existência e ação do mundo invisível fosse mais sensivelmente demonstrada, os dez anos seguintes produziram apenas cinco respostas.

O mundo invisível tornava-se de facto invisível; e, como sempre acontece, a superstição, quando deixou de ser acreditada, perdeu o poder de ilusão. Cotton Mather e o seu partido eram demasiado autojustos para seguir o exemplo de William Penn e dos Quacres da Pensilvânia, ou teriam rapidamente limpo Massachusetts das suas bruxas. Os suecos que emigraram para as margens do Delaware levaram consigo todos os terrores e superstições que a mitologia escandinava selvagem e sombria enxertara no cristianismo, e em 1684 acusaram uma mulher de bruxaria.

O caso foi a julgamento; William Penn presidiu como juiz; e o júri, composto principalmente por Quacres, declarou a mulher "culpada da fama comum de ser bruxa, mas não culpada conforme a acusação." Nenhuma notoriedade se obteve por bruxaria na Pensilvânia; não forneceu a excitação nem de pregações, nem de orações, nem de jejuns; e a epidemia psicológica, não encontrando ali uma atmosfera moral capaz de sustentar a infeção, extinguiu-se. Não houve mais casos de bruxaria na Pensilvânia.

Aqui deixamos o assunto. O poder da suposta bruxaria e o das manifestações espirituais parecem-nos idênticos, mas a causa, problemática. Tudo o que podemos dizer é que nos parece psico-físico, de caráter epidémico ou simpático, e que possui muitos traços que parecem implicar estreita ligação com a misteriosa agência chamada Magnetismo Animal.

**FIM**